

19 72

100
49

Superior Tribunal Militar

PROTOCOLO N.º 1160

FLS. N.º 145

04 de fev de 1976



Superior Tribunal Militar

N.º 39 236

Estado da Guanabara

Relator: Sr. Ministro

M. P. Salgado

Revisor: Sr. Ministro

M. J. Mantuado

2906

APELANTE: A PROCURADORIA MILITAR DA 2ª AUDITORIA DO EXÉRCITO DA 1ª CJM

APELADA: A Sentença do Conselho Permanente de Justiça da 2ª Auditoria do Exército da 1ª CJM, de 19 de janeiro de 1971, que, desclassificando o crime atribuído a ADALBERTO TIMÓTEO DA SILVA, AFOONSO CELSO NOGUEIRA MONTEIRO, BENEDITO DE CARVALHO, FRANCISCO ALVES DA COSTA, FRANCISCO GOMES FILHO, FRANCISCO WALTER DE SOUZA MOTA, GIVALDO PEREIRA DE SIQUEIRA, GLAUCO DA ROCHA FROTA, HUMBERTO ALVES CAMPELO, JOSÉ ALBUQUERQUE SALES, LEIZ GUILHARDINE, MARIA SEGOVIA JACOBSEN, MIGUEL BATISTA DOS SANTOS, ROLAND CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE CORBISEI, SALOMÃO MALINA e WALDIR GOMES DOS SANTOS para o artigo 36 do DL 314/67, declarou extinta a punibilidade, pela prescrição da ação penal.

AUTUAÇÃO

Aos 10 dias do mês de abril de 19 72

Superior Tribunal Militar, fez a presente autuação.

Superior Tribunal Militar

Pelo Sr. Diretor Geral

ARQUIVO

M. Braga

EM

22/7/74

Oficial Judiciário

19.69

JUSTIÇA MILITAR

2ª AUDITORIA DA 1ª REGIÃO MILITAR

N.º 7735

AUDITOR

ESCRIVÃO

Dr. MILTON FIUZA

MILTON GOMES GUIMARÃES

Acusados: ADALBERTO TIMÓTEO DA SILVA e outros

Incurso nas sanções previstas no art. 21 do Dec. Lei nº 314, de

13.3.67

AUTUAÇÃO

Aos vinte e seis (26) dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e nove (1969), nesta cidade do Rio de Janeiro, em meu cartório, autuo o presente processo que adiante se segue; do que, para constar, lavro este termo.

Milton Gomes Guimarães
Escrivão

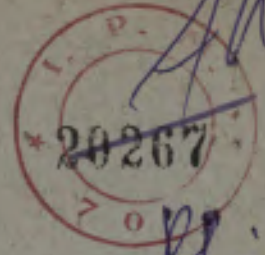
- 7 ABR 1969 01556

PROTOCOLADO

SUPERIOR JUDICIAL MILITAR
SECRETARIA

20265

W



IPM/709 - SEC EST E INVEST

PRONTUÁRIO DE

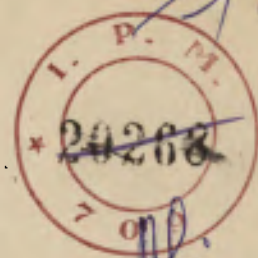
VALÉRIO RÉGIS KONDER

00128

MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPM/709



NOME: VALÉRIO REGIS KONDER

20266

1. PRONTUÁRIO

(Fls. 20.269 Vol. 90)

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

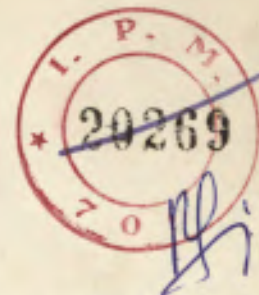
RELAÇÃO ANEXA (Fls. 20.274 Vol. 90)

3. DEPOIMENTO

(Fls. 2997/3008 Vol. 12)
fls 3338/3339 - vol. 13

IDENTIDADE: IPM/709 - VALÉRIO REGIS KONDER

20267



PROFISSÃO:

FILIAÇÃO:

IDADE:

DADOS:

INSTRUÇÃO:

UNIDADE OU LOCAL DE TRABALHO:

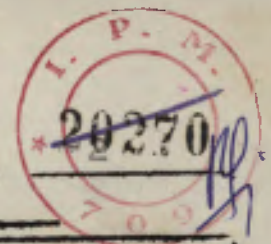
RESIDÊNCIA:

*Juduaude
Cel*

*Cooper
eng*

DATA	FONTE	HISTÓRICO
Nov 50	CENIMAR	Dec 634/31 - Informação - consta que o Sr MOACYR MONTEIRO NETO manteve contatos com comunistas, inclusive o Sr VALÉRIO KONDER afim de negociar o apoio do PCB a sua candidatura a deputado Federal com prioridade sobre qualquer outro comunista que teria que renunciar em seu favor. Ocorreu, porém, que os comunistas elegeram apenas um deputado, o Sr ROBERTO MORENA, que não renunciou em favor de Sr MOACYR MONTEIRO NETO, o que proveceu uma cisão entre os comunistas e o citado elemento.
18/9/59	DOPS/SP	Dec 48/30 - Informe - Consoante falarmos ao líder comunista DIOGO AFONSO GIMENEZ, contidas em relatório datado de 18-9-59, no PCB há elementos de valer e prestígio que, mesmo não ocupando cargos de destaque, orientam e mandam no Partido. Entre Dezenas de nomes mencionados, destacam-se entre outros: VALÉRIO KONDER.
Set 60	CENIMAR	Dec 52/10 - Informe de que, através de Valério Konder, membro do CC do PCB, a embaixada de Cuba movimentou o Comitê pró-solidariedade à Revolução Cubana, no qual figuram inúmeros comunistas de marca como WALDIR GOMES DOS SANTOS, PEDRO TORRES? etc.
19/5/61	CENIMAR	Dec 58/30 - Informe - consta que o Sr VALÉRIO KONDER tomou assento à mesa que presidiu os trabalhos, no ATO PÚBLICO DE SOLIDARIEDADE A CUBA, na ARI e que preferia palestras na Junta de Defesa da Revolução Cubana - Mais adiante, consta: - VALÉRIO REGIS KONDER - membro do CC/PCB. É ligação da embaixada de Cuba, no COMITÊ PRÓ-DEFESA DA REVOLUÇÃO CUBANA, na qual figuram outros notórios comunistas.
3/8/62	CENIMAR	Dec 122/10 - Informe sobre reunião convenção da Frente de Libertação Nacional, no auditório da Câmara dos Vereadores, que contou com uma assistência de 500 pessoas. O Sr Valério Konder

20268

Induand
Cel
Fls

CONTINUAÇÃO DO DOSSIÊ DE VALÉRIO REGIS KONDER

		ao fazer use da palavra, em seguida, passou a analisar e que foi o Congresso dos Partidários da Paz, de todo o mundo, realizado em Moscou, onde participaram mais de 4 mil delegados, os quais se entenderam perfeitamente, manifestando-se pela paz do mundo e, no fim de suas palavras, informou que o próximo Congresso deverá se realizar no Brasil.
Mar 63	CENIMAR	Dec 1242/30 - Informe - Consta que o prontuário de fez parte da mesa por ocasião da inauguração do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, realizada na sede do <u>Sindicato dos Operários Navais</u> . O Sr Valério Konder atuou como secretário da mesa e fez a convocação.
18/4/63	CENIMAR	Dec 150/30 - Consta o seguinte: "Estamos informados que, do grupo de pessoas que têm influência comunista nos diversos setores, pela presença nos cargos de direção em diferentes entidades, fazem parte: ".....VALÉRIO KONDER....."
29/9/64	IPM	Dec 399/10 - Informe sobre cópia de uma ata do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, denominação que passou a adotar e então Movimento pela Proibição das Armas Atômicas. - Segundo ata da reunião realizada em 18 Abr 51, foi apresentada a ordem do dia, com um único ponto a ser discutido: "Posição de movimento em face do apelo por um pacto de paz", lançado na reunião de BERLIM, pelo Conselho Mundial da Paz. A ata é assinada por VALÉRIO KONDER - 1º Secretário. (Anexo ao dec em apreço encontra-se a cópia fotostática da Ata da Reunião).
1964	SNI/SP	Dec 199/30.1 - Informe - Consta que VALÉRIO KONDER é do "Movimento Brasileiro em Prol da Paz".
		ANOTAÇÕES CONTIDAS NAS CADERNETAS DE PRESTES Konder - Informa s/reunião de Stokelmo. Resolução s/Cuba foi aprovada. A delegação chinesa colocou-se contra a política de paz da URSS. Tratou-se em seguida do Congresso Tri continental. Os chineses são contra a convocação do Congresso pelo Conselho Mundial da Paz. Os chineses querem a convocação pelo Comitê Afro-asiático, de Cairo. Os chineses concordam com a convocação pela América Latina. Konder esteve com Cardenas que concordou. Caderneta nº 18 - Folha 19 Konder - Paz = Indonesia.

20269

*no Juízo
del*

B. J.

P. M.
20271

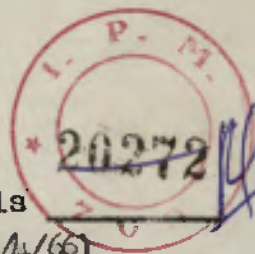
COMPLEMENTAÇÃO

Fls

DOSSIE DE (VALÉRIO REGIS KONDER - ANEXO I - 22/4/66)

1962	-	<p>Doc 1459/33 - Estudo sobre a organização das frentes comunistas internacionais - Transcrição: "O órgão publicitário "Prensa Latina", de Havana publicou em 3 DEZ 62 que o presidente e o secretário do CMP / estavam entre os que assinaram o documento convocatório do "Congresso Continental de Solidariedade a Cuba", a ser realizado no Brasil em março de 1963. O / documento convocatório pelo general Luiz Gonzaga de Oliveira Leite (Reserva do Exército), e continha assinaturas de líderes sindicais brasileiros, além das // dos senhores Valério Konder e Jorge Amado, ambos membros do CMP".</p> <p>Valério Konder é citado adiante na mesma informação como o Chefe do Movimento Brasileiro Pré-Paz, integrante da delegação brasileira de 190 pessoas, enviada ao Congresso Mundial da Paz, realizado em Moscou entre 9 e 14 de julho de 1962.</p>
18/5/65	DOPS/SC	<p>Doc 2004/31 - Antecedentes de Anibal Clímace Filho - Extrato: este último esteve à Conferência preferida por Valério Konder sobre o tema "Paz", no Clube Deza, em Florianópolis, proporcionando, digamos, proporcionada pela União Catarinense de Estudantes, à qual compareceram os comunistas dessa cidade.</p>
1965	SNI/A RJ	<p>Doc 1610/30.5 - Depoimento de ex-capitão do Exército paraguaio, Ramiro Escebar - Extrato: Valério Konder é citado em uma lista de cerca de // 200 pessoas comunistas ou simpatizantes de PCB, que trabalharam no Brasil para a implantação de comunismo no Brasil e no Paraguai.</p>
1965 16/9/65	DOPS/RS	<p>Doc 1680/31 - Registro de antecedentes de Luiz Carlos Prestes - Extrato: em 30-MAR-62 Valério Konder à sede do E.C.R. Palmeiras Portelegrense onde foi realizada a festa de aniversário do PCB, na qualidade de representante de Luiz Carlos Prestes.</p>
24/11/65	IPM/709	<p>Doc 2013/20.1 - Depoimento de José Ferreira - Extrato: O depoente afirmou que o prentuarismo foi escolhido para delegado ao Congresso Mundial da paz, em Moscou, por ocasião de um "Congresso de paz", levado a // efeito pelo PCB em Belo Horizonte, nas escadarias da Câmara Municipal, em fins de 1950.</p>
7/12/65	CENIMAR	<p>Doc 1914/10.2 - Informe - Transcrição de declarações preferidas por Valério Konder em um "pleno" levado a efeito pelo CHM em 1º de julho de 1965; em que // funcionou como assistente, levando a palavra de ordem do Secretário do PCB, Luiz Carlos Prestes: "Valério Konder - " Por sua vez, as eleições estaduais, a guerra do Vietnam e agora São Domingos, exige // que se intensifique a luta pela paz, contra a política de guerra dos americanos, e pela auto-determinação dos povos. É dever dos comunistas reorganizar a luta // pela paz em nosso país.</p> <p>Basta dizer-lhes o seguinte: eu sou um dos respon</p>

20270

Inducao de Cel

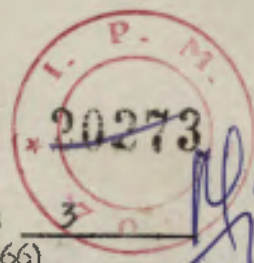
Fls

COMPLEMENTAÇÃO
CORREÇÃO

DO DOSSIE DE (VALÉRIO RÉGIS KONDER - ANEXO I - 22/4/66)

7/12/65	CENIMAR	<p>Cent. de Doc 1914/10.2 - sáveis per essa luta pela paz, e nos estamos publicando revista pela la vez, // pois nunca tivemos nenhuma, e o 1º numero da Revista Política digo, Política Externa Independente está à venda. O Itamaraty já havia pedido para que ela fosse // proibida, antes mesmo de nós a lançarmos, mas nós a // editamos e distribuimos a todos os Estados do Brasil.</p> <p>Assim, proibir digo, proibir aqui não significa que a Revista não vá circular, porque sua origem é de São Paulo; e de 6.000 exemplares nos já estamos com cinco mil vendidos só no primeiro número.</p> <p>É intensificando uma penetração entre as massas, es colas, etc..., que pedereses firmar o apêlo à Frente Única contra a ditadura, e é na luta pela paz que de vemos procurar entedimentos digo, entendimentos com // personalidades influentes de partidos políticos e com todos os que se opõem à política reacionária da dita dura".</p> <p>E mais adiante: -</p> <p>"Antes de 1º de abril pensávamos em arregimentar os intelectuais em torno do Comando dos Trabalhadores da telectuais. Depois da Revolução eu disse a um amigo: "Vamos arregimentar os intelectuais em torno das ter turas, dessas barbaridades que estão sendo feitas". // Então chamei um outro amigo e disse, "Escreve um docu mente", e ôle escreveu um documento "água-com-açucar". Quando o apresentamos aos intelectuais, ôstes não qui zeram assiná-lo porque estava muito aquém de que ôles desejam.</p> <p>Então compreendemos que a forma de arregimentação / recém descoberta em torno de um documento com assina tura era uma prática superada e perigosa, pois nin // guem queria assinar. Então pensamos no seguinte: uma revista, uma revista com Cocktail. Houve várias reuni ões, e mostrei a minha experiência com o Partido Comu nista Francês, a experiência de Crause que dizia dos intelectuais, "Il faut gagner la comptence", que quer é precise ganhar a competência para lidar com as inte lectuais. Então propusemos uma Revista que seria usa da como uma tribuna onde os intelectuais dos diversos seteres pudessem discutir os seus problemas ou as so luções per ôles apresentadas.</p> <p>Eu estava sentindo que essa publicação era uma neces sidade. E a Revista ai estava, e está, "A Civilização Brasileira". Já estamos no 3º número. O 1º..., e 2º é aquêlo vedetismo, cada um escrevendo melhor artigo. / Que bombas; que cipeadas, que convites!</p> <p>Graças a isto os intelectuais começaram a ficar tão animados que passaram a escrever livros, e agora elhã a coleção de obras que tem surgido após o 1º de Abril assinadas por escritores diversos!</p> <p>Até mesmo um grupo de repórteres escreveu um livro sobre as misérias da cidade de Rio de Janeiro, coisa que foi muito vendida, principalmente porque na parte referente à prostituição tinha uma mulher nua. Então todo mundo achava que aquilo era formidável! Pois bem, com os IPM instalados, os intelectuais estão entrando um a um, para o Partido.</p> <p>Foram ganhos não pelo meu trabalho, que afinal cada um deles é um individualista, e eu não conseguiria //</p>
---------	---------	---

20271

*Edward
cel*

COMPLEMENTAÇÃO
DESCRIÇÃO

DO DOSSIE DE (VALÉRIO REGIS KENDER - ANEXO I - 22/4/66)

Fla 3

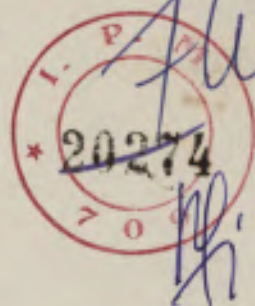
		<p>convencê-los de coisa alguma; eles estão achando até que sou muito blasô, meio atrasado, porque não admito imoralidade, etc..., porque eles são todos uns amorais. São todos mais ou menos excêntricos, mas surge uma coisa nova Nêsse sentido, nêsse setor intelectual é o grupo que realmente está atuante, fustigando a // Justiça..."</p>
-	<p>MIN DA MARINHA 5^o D N</p>	<p>Des 1645/31 - Relatório da Comissão de Averiguação Sumária nomeada pelo Contra Almirante Murillo do Valle, comandante do 5^o DN, para apurar atividades de // José de Patrocínio Caletti; em setembro de 1953, esteve no Palácio do Governo, em companhia de Valério Kender para solicitar auxílio para o Congresso Internacional que os comunistas de Brasil pretendiam realizar. O auxílio foi negado pelo governador, e o fato comunicado ao Ministro da Justiça. Em 20 JAN 52 (a sua residência) digo, Valério Kender compareceu a sua residência, em reunião de "comunistas Fichados".</p>

20272

MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPM/709



NOME: VALÉRIO REGIS KONDER

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

DATA	FONTE	HISTÓRICO
28-Set-65	IPM/709	Doc.2023 - 2ª via de depoimento
2-Set-65	DOPS-	Doc.1997 - Antecedentes
1950/65	SNI	Doc.1507 - Prontuário
1936/65	DOPS-GB	Doc. VK-1 - Prontuário
9-Set-65	DOPS-GB	Doc. 2090 - Prontuário
1964/65	SNI	Doc. VK-2 - Prontuário de ADALBERTO TEI- XEIRA FERNANDES
15-Set-65	D. CARIOCA	Doc. VK-3 - Recorte
21-Jul-65	DOPS-PR	Doc.1492 - Certidão
23-Agô-65	SSP-PE	Doc. VK-4 - Antecedentes
27-Set-65	SNI	Doc.2091 - Prontuário
13-Set-65	SSP-RS	Doc.1679 - Prontuário

20273

IPM 709-PROCOLO

31

N.º

Entrada

TÉRMO DE PERGUNTAS AO INDICIADO

Aos vinte e oito dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e sessenta e cinco (1965), nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, presente o Coronel FERDINANDO DE CARVALHO, Encarregado dêste Inquérito, comigo Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, servindo de / escrivão, compareceu o Senhor VALÉRIO REGIS KONDER, a fim de // ser interrogado sôbre os fatos constantes da Delegação de Poderes número Setecentos e Nove (709), de vinte e um de Setembro / de mil novecentos e sessenta e quatro (1964) do Exmo Sr General HUGO PANASCO ALVIM, ratificada pelo Ofício número cento e cinquenta e oito (158) IPM-CP, de cinco (5) de fevereiro de mil novecentos e sessenta e cinco (1965) do Exmo Senhor General Comandante do Primeiro Exército que lhe foi lida. Em seguida, passou aquela autoridade a interrogá-lo da maneira seguinte: PERGUNTADO seu nome, filiação, idade, estado civil, profissão, naturalidade e residência, RESPONDEU Chamar-se VALÉRIO REGIS KONDER, filho de Marcos Konder e de Dona Maria Regis Konder, com cinquenta e quatro (54) anos de idade (nascido em 28/2/911), casado, / médico, natural do Estado de Santa Catarina e residente na Rua / Nascimento Silva número oitenta e sete (87) Aptº número hum (1) em Ipanema, Estado da Guanabara. PERGUNTADO quais as razões de sua conversão à ideologia marxista-Leninista, RESPONDEU que resalta de início a impropriedade da expressão usada na pergunta / conversão à ideologia Marxista-Leninista - que evidencia o propósito de assinalar o seu pretense abandono de uma seita religiosa por outra. O fato apresenta-se revestido de importância, de vês que traduz, por parte da autoridade inquiridora, certa / incapacidade crítica da atitude do depoente quando se declara / Marxista e, por conseguinte, despido de qualquer preconceito ou religião. A busca de uma solução para os problemas humanos com que se defronta o depoente é que o leva a concluir pelo socialismo, regime fundamentalmente alicerçado no uso de tôdas as liberdades públicas, excetuando-se aquela que permite a exploração do trabalho alheio pelos que estão de posse dos meios de produção. Desde cêdo, em sua vida de estudante universitário teve o depoente a sua atenção despertada para o fato, que não escapa a qualquer brasileiro digno, de que somos um povo dos mais pobres da história contemporânea e vivemos num amplo território dos // mais ricos do mundo. Às preocupações do depoente com soluções, digo, soluções meramente colhida que se equacionavam então sucederam-se as suas observações diretas da realidade brasileira e a crítica de nossa organização social e econômica. Daí chegou o depoente objetivamente à conclusão de que o problema brasilei-

W. Konder

H. C. A.

S. A. A. Mag.

20274

20276

que o problema brasileiro era e é fundamentalmente o da luta contra a exploração estrangeira, exploração que aliena a produção social do País, em favor de interesses não brasileiros. Sua convicção comunista permite ao depoente ver claro que a marcha presente da emancipação de nosso povo exige necessariamente a união de todo esse povo na luta contra o fator // principal de nosso empobrecimento crescente que é a entrega do produto de nosso trabalho ao interesse estrangeiro imperialista. As observações do depoente como médico sanitário com extensa fôlha de serviços técnicos só reforçam suas convecções na solução preconizada. Quer no Nordeste, quer na Amazônia, quer nos Estados Centrais, quer nas grandes Capitais brasileiras, digo, brasileiras no decurso de quase trinta (30) anos de trabalho, permitiu ao depoente o acúmulo de observações acerca da realidade social do país, arraigando mais sua disposição em favor da urgente solução recomendada para esses problemas humanos, considerando mesmo o depoente ser um ato de traição nacional qualquer omissão de sua parte nessa luta contra o imperialismo estrangeiro, que não deve ter treguas. PERGUNTADO quais os processos judiciais a que respondeu e // consequência dos mesmos, RESPONDEU, o único processo judicial a que respondeu foi em mil novecentos e trinta e sete /// (1937), no Tribunal de Segurança Nacional, tribunal de exceção instituído pelo "Estado Novo" para julgar os réus da revolução de mil novecentos e trinta e cinco (1935). O depoente foi absolvido. PERGUNTADO quais as associações nacionais, estrangeiras ou internacionais de cunho ou ligação socialista a que pertence ou pertenceu, inclusive sua posição nas mesmas. RESPONDEU que não pertence a qualquer associação nacional, estrangeira ou internacional de cunho ou ligação socialista. PERGUNTADO quais as viagens que realizou ao estrangeiro, mencionando datas, locais, objetivos e financiamento. / RESPONDEU que viajou à Costa Oeste Africana, no ano de guerra de mil novecentos e quarenta e quatro (1944), em trabalho de sua especialidade sanitária, por força de acordo entre o Itamarati e os exércitos americano e inglês. Em mil novecentos e quarenta e cinco (1945), tendo firmado contrato com a United Nations Relief and Rehabilitation Act, para o trabalho de reconstrução da Europa, trabalhou até fins de mil novecentos e quarenta e seis na Grécia, na Itália, na França, na Inglaterra e na Alemanha. Depois da guerra e desse período de trabalho na Europa em reconstrução, de volta ao país, decidiu enviar todo o esforço no sentido de prevenir a eclosão da 3ª // guerra mundial que se procurava airmar em Fulton, dan, digo, /

que se procurava afirmar em Fulton, dando início à guerra-fria/-
 Viag,digo, Viajou, de 1951 em deante várias vezes à Europa na qua-
 lidade de membro do Conselho Mundial da Paz, sociedade filantropi-
 ca sem caracterização política, com séde em Viena d'Austria, cujo
 presidente é o sábio inglês, Sir JOHN BERNAL. Esse Conselho é
 mantido pela contribuição voluntária de todos os seus membros, //
 avultando a contribuição do povo norte americano. Não há entre os partidá-
 rios da defesa da paz mundial nenhuma ligação orgânica, mas sim-/
 plesmente que em cada país a luta pela paz se processa de acôrd-/
 com ditames próprios atendendo às circunstâncias específicas que
 sejam presentes. PERGUNTADO quais as suas ligações com o Partido
 Comunista Brasileiro, durante o período de Legalidade e após esse
 período, RESPONDEU que as ligações com o Partido Comunista Brasi-
 leiro são as que foram possíveis durante o período de legalidade/
 desse partido. PERGUNTADO quais os cargos eletivos que exerceu ou,
 para os quais se candidatou mencionando o partido político, RES -
PONDEU que os "cargos eletivos que exerceu ou, para os quais se /
 candidatou, resumem-se em ter sido candidato a senador, no então/
 Distrito Federal, pelo Partido Republicano Trabalhista. PERGUNTA
 DO se tem obras escritas, RESPONDEU que não. PERGUNTADO se parti-
 cipou de campanhas eleitorais? Quais, onde e atividades, RESPON -
DEU que participou de tôdas as campanhas eleitorais já havidas no
 País, desde que possui sent, digo, seu título de eleitor. Defen-
 òbvia, digo, defendeu, digo, Defendeu òbviamente seus candidatos,
 sempre que possível, em favor dos quais depositou seu voto nas Ur-
 nas. PERGUNTADO se estêve presente a alguma reunião em Estocolmo?
 Em que qualidade? Foi aprovada, nessa reunião alguma resolução //
 sôbre Cuba? Como se colocou a delegação chinesa em relação à polí-
 tica da U R S D, digo, URSS, em relação ao Congresso Mundial da /
 Paz e a convocação do Comitê Afro-asiático. RESPONDEU que parti-
 cipou das reuniões do Consêlho Mundial da Paz quer em Paris, quer
 em Viena, quer em Berlin, ou Varsóvia, quer em Estocolmo ou Helsin-
 qui, quer em Moscou ou em Nova Delhi ou na Cidade do México. Em/
 tôdas elas, sendo a maior preocupação geral a defesa da paz e a /
 do respeito à soberania de cada país (condição ex, digo, essencia-
 al para garantia da paz, digo, para a garantia da paz entre os po-
 vos) a Assembléia reunida nessas ocasiões aprovou sempre moção de
 solidariedade aos povos e países ameaçados na sua integridade tais
 como Cuba, Argólia, Angola, Moçambique, Vietnam, etc.. No decurso
 dos debates nessas Assembléias sem filiação ideológica, é comum sur-
 girem conflitos oriundos da diversidade de pontos de vista das vá-
 rias delegações quanto à forma mais eficiente de se ajudar a manu-
 tenção da paz em nossos dias. Não se pode dar maior relêvo às di-
 vergências sino soviéti, digo, sino-soviéticas dentro dessas //
 assembléias de fe, digo, defesa da paz. Igualmente não se pode -
 ria caracterizar de maneira diversa as opiniões sôbre a convoca -

Ministério da Justiça e Segurança Pública

as opiniões sôbre a convocação de um "Comitê Afro-Asiático" assinalado na pergunta. PERGUNTADO se participou de algum movimento de solidariedade a Cuba? Onde e exercendo que atividade? RESPONDEU que emprestou sua solidariedade à defesa da autodeterminação de Cuba sempre que possível. Não pertenceu organicamente a qualquer entidade que visasse êste desideratum. PERGUNTADO se pertenceu à Frente de Libertação Nacional? Quais os objetivos e, condições de funcionamento. RESPONDEU que desconhece a existência de uma Frente de Libertação Nacional e, pois, não pode, evidentemente, a ela pertencer. PERGUNTADO se esteve alguma vez com o Presidente Cárdenas, RESPONDEU não querer dar // resposta a essa pergunta. Não o move, nessa atitude, qualquer intensão de dar espetáculo, mas, age em obediência aquilo que / havia concertado com as autoridades do inquérito, de não responder pergunta que pudesse incriminar pessoas, o que é um direito seu. PERGUNTADO como encara as atuais divergências entre a China e a União Soviética, RESPONDEU que sua opinião pessoal acerca de "atuais divergências entre a China e a União Soviética" / são de pouca valia para qualquer autoridade dos Inquéritos Policiais Militares. Não só o depoente se encontra perg, digo, perfeitamente familiarizado com a questão como também a maior soma de suas preocupações é voltada especialmente para o problema // Brasileiro. PERGUNTADO que conferências recorda ter realizado em Sindicatos ou associações de classe ou Estudantis? Assuntos Gerais tratados, RESPONDEU que dificilmente terá capacidade para recordar-se das conferências realizada em sindicatos ou associações de classe ou estudantis. Como homem de convicções / políticas assinaladas, como técnico, como intelectual ou a serviço da luta em defesa do monopólio estatal do petróleo ou da paz universal, tôdas as conferências realizadas foram objeto / de registro público nos periódicos da época. PERGUNTADO se // participou do denominado Comando Geral dos Trabalhadores Intelectuais? Quais as finalidades dessa organização, RESPONDEU / que firmou o documento de lançamento do Comando Geral dos Trabalhadores Intelectuais, em plena concordância com seus termos que traduziam seus objetivos. PERGUNTADO qual a sua opinião / sôbre a legalização do Partido Comunista Brasileiro, RESPONDEU que é obviamente favorável à legalização do PA, digo, Partido / Comunista Brasileiro. PERGUNTADO quais as suas atuais atividades e meios de subsistência, RESPONDEU que é médico sanitarrista do quadro permanente do Ministério da Saúde ha já vinte e / oito (28) anos. Iniciou sua carreira fazendo o Curso de Imunologia e Parasitologia do Instituto Oswaldo Cruz e, depois, o / Curso de Higiene de Saúde Pública. Foi em mil novecentos e // trinta e sete (1937) nom3, digo, nomeado médico sanitarrista //

.....
 W. M. ... Guarant. ...

Handwritten initials and a circular stamp with the number 20279.

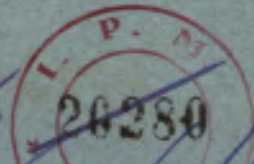
nomeado médico sanitarista destacado para o Rio Grande do Norte onde trabalhou durante todo o ano de mil novecentos e trinta e oito (1938). Por ter enfrentado a Epidemia de malária que assolou a região, foi, em mil novecentos e trinta e nove (1939), comissionado como Delegado Federal de Saúde na Amazônia, com sede em Belém do Pará. Passou cerca de três anos e meio nesse posto, tendo tido ocasião de elaborar um plano de saneamento da região, que foi apresentado ao Presidente da República. Vindo em mil / novecentos e quarenta e dois (1942) para o Rio de Janeiro, foi encarregado de montar a Seção de Organização e Contrôle do Serviço Nacional de Malária, tendo exercido essa função até mil novecentos e quarenta e quatro (1944) quando aceitou participar / do Esforço de Guerra, indo para a África. Em mil novecentos e quarenta e cinco (1945) volta ao País para obter permissão para trabalhar na UNRRA, organização de caráter universal criada para atender aos reclamos da Európa atingida pela Guerra Mundial. Desde mil novecentos e quarenta e sete (1947) está no Brasil, / lotado a princípio no Serviço Nacional de Tuberculose e, depois, como Professor, nos Cursos de Aperfeiçoamento Médico Sanitário / da Escola de Higiene, onde tem lecionado diferentes cadeiras. / Está atualmente lotado na Divisão de Organização Sanitária. // Quer como Médico do Serviço Nacional de Malária, quer como Médico no Serviço Nacional de Tuberculose teve oportunidade de percorrer praticamente tôdas as regiões interioranas do País em // trabalho de observação, de estudos e execução de encargos. PERGUNTADO se as declarações que acaba de prestar foram espontâneas sem sofrer qualquer coação física ou moral, RESPONDEU que as declarações que acaba de prestar foram espontâneas sem sofrer / qualquer coação física ou moral. E como nada mais disse, nem / lhe foi perguntado, deu o Encarregado dêste Inquérito findo o / presente depoimento, mandando lavrar o presente termo, que depois de lido e achado conforme assina com o depoente, as testemunhas comigo Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, servindo de escrivão que o escrevi. //

Ferdinando de Carvalho
FERDINANDO DE CARVALHO
CEL. ENC. DO I P M / 709

Valerio Regis Konder
VALERIO REGIS KONDER - Indiciado
Paulo Cesar Chaves de Amarante
PAULO CESAR CHAVES DE AMARANTE - Major Testemunha

Barci Carmem de David
BARCI CARMEM DE DAVID - Capitão Testemunha

Raymundo Theotonio de Moraes Quadros Filho
RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO
Capitão Escrivão



Rycoch

Ferdinando de Carvalho
FERDINANDO DE CARVALHO, Coronel, Encarregado de IPM/709.

Valério Regis Konder

VALÉRIO REGIS KONDER - indiciado

Paulo Cesar Chaves de Amarante
PAULO CESAR CHAVES DE AMARANTE, Major, Testemunha

Darci Carmem de David

DARCI CARMEM DE DAVID, Capitão, Testemunha.

Raymundo Theotônio de Moraes Quadros Filho

RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, Capitão, servindo de escrivão.

EM TEMPO:

Tendo-se, após a leitura do presente depoimento, verificado alguns erros da datilografia, este Encarregado passa a corrigi-lo da maneira seguinte: a 4^{ta}. linha da primeira fôlha que se lê: "digo, soluções meramente colhida que se equacionavam então suce", passa a ter a seguinte redação: "digo, soluções meramente políticas que se equacionavam então suce"; a 20^a. linha da quarta fôlha passa a ter a seguinte redação: "ciais Militares. Não só o depoente não se encontra perg, digo, per", ao invés de: "ciais Militares. Não / só o depoente se encontra perg, digo, per", como lê.

Ferdinando de Carvalho
FERDINANDO DE CARVALHO, Coronel, Encarregado

Valério Regis Konder

VALÉRIO REGIS KONDER - Indiciado

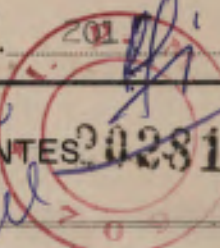
Paulo Cesar Chaves de Amarante
PAULO CESAR CHAVES DE AMARANTE, Major, testemunha.

Darci Carmem de David

DARCI CARMEM DE DAVID, Capitão, Testemunha

Raymundo Theotônio de Moraes Quadros Filho

RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, Capitão, servindo de escrivão.



DATA			FOLHA DE ANOTAÇÕES E ANTECEDENTES
DIA	MÊS	ANO	
	07	1940	<p>Segundo o documento 271 - série A - integralista, esteve preso no Rio de Janeiro, como comunista.</p> <p>Idem o documento 350 - A.</p> <p>Idem o documento 479 - A.</p> <p>Idem o documento 497 - A.</p>
	22	01	<p>Relatório do Chefe do Serviço de Ordem Política e Social sobre a conferência proferida pelo Dr. Valério Regis Konder, nesta capital, versando sobre o tema, A PAZ e sob os auspícios da União Catarinense de Estudantes. Discorre o relatório sobre a orientação dada a conferência e em dado trecho, diz textualmente que a ordem foi: "incitar o povo a assinar o manifesto PRO-PAZ e criar um clima de adesão ao Congresso Continental pela Paz; que o povo impeça de qualquer modo a ida de nossos soldados para o exterior; pôr a Rússia em situação de vítima e finalmente despertar o ódio no povo contra os poderes constituídos, o que não deixa de fazer parte da "Linha Justa / do P.C." "Os estudantes constituíam uma minoria e sentaram-se na primeira fileira de cadeiras do salão de conferências". "Dos elementos vinculados ao P.C. podemos citar : Professor José Martins e família, Dr. Miguel de Sales Cavalcanti e esposa, senhora Marina Cavalcanti, Dr. José / do Patrocínio Galloiti e família, Herminio Moreira e senhora Juça Moreira, Aníbal Climaco Filho e família, Silvio Marques de Oliveira e família, Silvio Pirajá Martins e esposa (filha do Cap. Donner), Vya. Rita Avila Malheiros, Mário Bastos, Aldo José Sagaz, Oscar Manoel Amon, e sua esposa Nair Marques Amon, Dr. Dilermando Brito, Odílio / Cunha Malheiros Júnior, etc."</p> <p>" Não houve apastes e após o término da conferência, reuniram-se ao Dr. VALÉRIO REGIS KONDER os comunistas Oscar Manoel Amon, Mário Bastos, Odílio Cunha Malheiros Junior,</p>

20279
 Indivíduo
 20281
IPM 709-PROTOCOLO
 N.º 1994
 Entrada
 31 R



DATA

FOLHA DE ANOTAÇÕES E ANTECEDENTES

DIA MÊS ANO

Dr. Jose´do Patrocínio Galloti e outros e se dirigiram ao Clube 12 de Agosto desta Capital".

Florianópolis, 2/9/1965.

Ronald Schmidt

Ronaldo Americo Schmidt 1º Ten
Delegado Adjunto da DCPS

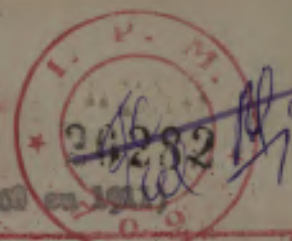
NOME:-
 FILIAÇÃO:-
 NATURAL de:-
 PROFISSÃO:-

✓ WALÉRIO RÚSIS KOSBER

Wlcos Kosber e Maria Rúsia Kosber

Santa Catarina - nascido em 28 Nov 1910 (em 1908 em 1910)

Médico



IPM 709-PROTOCOLO
 Nº 3507 Entrada 8-Set-65

DATA	FONE	HISTÓRICO
6.11.50	Da III o Da DI Of. 374-2/2- Roo	COMISSÃO DE B FEMINAL Confirma o registro de nº, a mais endereço, do II CONGRESSO DAS PARTIDARIAS DA PAZ, realizado em 8 Paulo, nos dias 21, 22 e 23 Out 50. (REF: PAP: 4378)
1951 Médico	SSOP	Segundo o informe, o marginado envia carta ao capitão-venal do J Fern, <u>WALTER MONTANA</u> , solici- tando os meios que proporcione o Sr <u>WALDIR DEBY</u> , a fim de estabelecer entendimentos concernentes às ativida- des do "COMISSÃO MUNICIPAL DE DEFESA DO FÉMELO", que funciona naquela cidade. ASSISTADOR DE DEFESA, MÉDICO, EX-DELEGADO AO CONGRESSO MUNICIPAL DA PAZ em Varóvia, usou da palavra no Conselho realizado na Esplanada de Castelo, sob os auspícios do U.P.F.C.A.A., de encerramento das cha- madas "JORNADAS DA PAZ", contra o comércio das armas ofensivas. Tomou parte como ORGANIZADOR, REALIZADOR e CO ORGANIZADOR de diversos movimentos e atividades COMENIS TAS, ocorridas entre os dias 10 e 13 de março de 1951 em Minas, 2 Paulo e 3 Federal. (REF: PAP: 4366).
1951	SSOP	Segundo informe de JAN 51, foi um dos DIRI- GENTES das reuniões levadas ao corrente mês, na sede do "MOVIMENTO CATÓICO DAS PARTIDARIAS DA PAZ" (7 Set, 53), entidade de inspiração, orientação e vida comuni- ta. Usando da palavra, numa das reuniões, disse de "na ocasião de se empreender uma luta autocrática contra o que denomina de <u>ARMAS DE GUERRA</u> ". (REF: PAP: 4274).
10.3.53	III/II FAZENDA	Segundo consta, o marginado esteve o 10 Jan 53, na cidade de <u>VIGIANTOPOLIS</u> , a serviço do IMPACTA MUNDO NACIONAL DE DEFESA FÉMELO. Hospedou-se no HOTEL LA FORTA, por conta do referido Departamento, percorreu de o sul de Estado de Sta Catarina e as cidades de Ita- jai, Blumenau e Joinville. A 14 Jan compareceu à residência de <u>Recontarça</u> <u>dos VASCO DOS SANTOS CALIARI</u> (R. Trzepeckiy, 24), onde se reuniram várias esquadras, cerca de 18 horas e 5 minutos. (REF: PAP: 2542)
8.4.53	SSOP	SECRETARIADO DO MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTI- DARIAS DA PAZ. Como tal, analisa e organiza vários CIRCULARES e "LETRAS DE M. M. DE PARTIDARIAS DA PAZ", consistindo- es o de caráter geral e entendimento, de mulher, para <u>CAN- TARELA DO ENTENDIMENTO</u> , lançada pelo COMISSÃO MUNICIPAL, em sua reunião de <u>BRASOP</u> , devendo os membros PARTID- ARIOS aceitar uma "RESOLUÇÃO", em qual se permitirá que personalidades altamente representativas participem, tam- bém, de campanha mundial que se se empreende". (REF: PAP: 4251).

20280

20283
 [Handwritten signature and initials]

DATA	FONTE	HISTÓRICO
24.3.54	SEOP	<p>O MARCHAHO, na qualidade de dirigente do MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, enviou a <u>ALVIR DELA</u>, Secretária do MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, um correspondência relativa a: "REQUERIMENTO PARA O ALÍVIO DEVIDUAL", aqui no Brasil, solicitando que vários elementos de profissão assinem 11 cerros pedindo, voluntariamente, o Sr. ALVIR, segundo consta, conhecimento e assinatura de vários integrantes do MIBRU (Gilberto Proiro, Pedro Pá-blio Toledo, etc, etc). (REV: MAP: 4117).</p>
22.1.54	M J H I	<p>Índice sobre <u>VALÉRIO RIBEIRO RIBEIRO</u>: Brasileiro, natural de S. Catarina, filho de MARCOS RIBEIRO e MARIA LUIZ RIBEIRO, nascido a 26 fev 1911, médico, residente à R. NASCIMENTO SILVA, 87, Apt° 1, Itapoaia, 6 atividades militante comunista, nome, atualmente, Chefe de diretório estadual de PCB. Chefe da ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA, foi preso a 3.1.55, em virtude de ter participado de movimento comunista irreverente a 27 nov 55, nesta capital. Preso, foi solto a 25 jan 57, por força de um ordem do "Macedo" expedida em seu aver pelo Supremo Tribunal Militar, sendo que, a 28 jul 57, foi absolvido pelo TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL.</p> <p>É como MEMBRO de PCB, na sua área local, presidiu a instalação de Diretório Provisório da Partida no Estado de Goiás.</p> <p>Como dirigente do "CENTRO DE ESTUDOS E DEBATE DO FENÔMENO E DA ECONOMIA NACIONAL", percorreu toda o território brasileiro, fazendo a campanha em prol da implantação estatal de novas petroleos.</p> <p>É membro do BUREAU NACIONAL DO "MOVIMENTO PARA A UNIFICAÇÃO DA MOEDA NACIONAL" e também do "COMITADO BRASILEIRO DE DEFESA DA PAZ E DA CULTURA".</p> <p>Participou de 2 reuniões, pelo SP, por ocasião das eleições de 1950, em clima apertado pelo PARTIDO REPUBLICANO BRASILEIRO, agremiação política que sofreu a infiltração de elementos comunistas, não legítimos, contudo, por 2 vezes.</p> <p>Seu campo atuante marcado nas campanhas de origem e orientação comunista, através de atos públicos, conferências, etc, não só nesta capital, como nos Estados. (REV: MAP: 41).</p>
22.1.54	OSB	<p>Participou de reunião realizada na ABI, de qual foi o assunto: "LANÇAMENTO DAS CANDIDATURAS DOS LÍDERES SINDICATS COMUNITAS DE PRÓXIMA REUNIÃO" (REV: AGE Comitê de 24.5.54 - em confidência).</p>
0 / BSA	SEOP	<p><u>VALÉRIO RIBEIRO RIBEIRO</u>: Partida Suspeito: O MIBRU, segundo o índice, aparece como MIBRU (Av. Rio Branco, 257 - Sala 613, RIO) de acordo com o MIBRU e jornais, sendo médico.</p>

20281

[Handwritten initials]

DATA	FONTE	HISTÓRICO
		das as CAIXAS POSTAIS; 3611 e 1515, ambas tidas como SUBSTITUAS; (REF: Transc. de ficha, com assinatura);
1954	SSOP	<p>Foi apresentada como CANDIDATO DO P C B. B. Bontaria.</p> <p>Seu nome constava de uma relação de candidatos comunistas que se encontrava em poder do líder vermelho <u>AFRILIO VASCONCELOS</u>, quando o mesmo foi preso. (REF: PAP: 41).</p>
9.2.54	SSOP	<p>Compareceu às festividades programadas pelos CANDIDATOS POPULARES, na Granja das Garças, a 20 minutos do Campo Grande, Estrada de JACINTO, onde estavam mais ou 10 mil pessoas, das quais foram cobrados 5 cruzeiros por entrada, até de crianças.</p> <p>O margineiro é considerado "CHAVE" do POCB.</p> <p>Quando da hora da apresentação dos candidatos, VALERIO KENDER, "das barras", afirmou que o dia da Vitória estava perto, dependendo tão somente dos companheiros, de cujas ações viriam benefícios para o conjunto.</p> <p>Após conhecer explicações sobre como os comunistas seriam registrados pelo STB, considerou como "verdadeiro ultraje e fute dos partidos entreguista" o STB e PSD não terem aceitado o registro dos candidatos vermelhos em suas legendas. (REF: PAP: 90)</p>
18.2.54	SSOP	<p>Compareceu ao QG da greve dos marítimos, (sede de SINDICATO DOS MARÍTIMOS), onde acertou hora para, no próximo domingo, se a polícia deixar, realizar "nova concentração comunista na Granja das Garças, em "Grande". Acompanharam-no <u>BOFANTE</u> e <u>SEM BARRAL</u>. (REF: PAP: 400).</p> <p><i>Venilo</i></p>
20.2.54	SSOP	<p>Na Granja das Garças, domingo, dia 19 de Out 54, realizou-se mais um Conselho dos Comunistas, com a finalidade de angariar fundos para a campanha eleitoral.</p> <p>A Polícia "mineira" e local, não permitindo venda de panfletos, medalhas, nem outros objetos. O MARIANO compareceu, com outros, e limitou-se a palestrar, com o nome choque com policiais.</p> <p>Nota: Ainda, de positivo sobre o registro, pelo Tribunal Eleitoral, dos chamados CANDIDATOS POPULARES, inclusive, sobre o de MARIANO. (REF: PAP: 400).</p>
1954 (9)	SSOP	<p>Foi parte da lista que presidiu a reunião realizada no auditório da STI, sobre o assunto: "CLAREAMENTO DOS CANDIDATOS COMUNISTAS AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES". (REF: TRANSC. de ficha, com assinatura);</p>

Jul 24 1954

20288

Venilo *Buxbaum*

20285
[Handwritten signature]

DATA	FONTE	HISTÓRICO
1955	SROP	<p>- VALÉRIO KÖNIG KÖNIG: - Casado - 45 anos - Filiação: MARCOS KÖNIG e MARIA KÖNIG KÖNIG - Nascimento em SANTA CATARINA, a 28 fev 1910 - Residência: Rua NASCIMENTO SILVA, 87 - Apt 1 - Documento Identidade: n° 126 236</p> <p>- Casado com IVONE COELHO KÖNIG - Douçadeiras - - Casado - 45 anos - Filiação: JOSÉ MARIA COELHO e MARIA MARQUEZ COELHO - Nasceu no Est. de RIO, a 18 Oct 1915 - Rua NASCIMENTO SILVA, 87 - Apt 1 - Ipiranga - Cart. Identidade: nº 550 245 - Inst. Felix Pacheco</p> <p>(XK: transc. de ficha, com confirmação).</p>
8/1/55	M & KÖNIG MF/BR/6003 500.1	<p>Transcrição: "O JORNAL comunista de viena 'OSTERREICHISCHE VOLKSTIMME' publica, em sua edição de 23 de esse corrente (abril 55), um noticiário com o título 'APRIL IN VIENNA AO BRASIL', todo ele vando em termos elogiosos à prestação que está respondendo ao referido 'chamado' a 'ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA PAZ', organizada no Brasil sob a direção do Secretário Geral VALÉRIO KÖNIG.</p> <p>Esclarece o referido jornal que o BRASIL, com 54 milhões de habitantes, é tão grande e quando à Europa, inclusive a Rússia, e que isso levou país está sob forte pressão imperialista norte-americana. Ainda, em seguida, por acontecimentos de agosto e ao fim trágico de VARGAS, por ter ele resistido à política norte-americana. Adverte que o novo governo contribui para os planos de guerra, favorecendo a exportação de lítio, necessário à fabricação de bombas atômicas, além, de hidrogênio, e revelando o propósito de enviar tropas brasileiras para o Oriente em cumprimento ao pacto de solidariedade continental firmado com os EE UU no sentido, contendo o noticiário, crises no Brasil um forte reação contra a participação na guerra, contra o imperialismo norte-americano, já esboçada as possibilidades para nacionalização do petróleo, a exportação de ferro suábico, multa do custo de vida, as concessões feitas às firmas americanas, e, finalmente, afirma, o 'CSP', nos dados acima prestados pelo próprio Sr. VALÉRIO KÖNIG. As citações acima Coda grande aproximação. A companhia iniciada em 11 de março corrente, foi alvo de grandes manifestações patrióticas pelo SENADO DA REPÚBLICA BRASILEIRA, cujo Presidente, Deputado JOSÉ DE CASTRO, FERREIRA DE SA, reuniu as 128 assinaturas de senadores</p>

20283

[Handwritten mark]

HA

Handwritten notes and a red circular stamp with the number 20284.

DATA	FONTE	HISTÓRICO
	20284	<p>tes brasileiros (personalidades brasileiras) e notícias de independência nacional. Destaca, ainda, o noticiário sobre a reação contra a bomba atômica, que cresceu de muito ultimamente, em consequência de estudos de exploração atômica que os americanos estão fazendo no Polo Sul.</p> <p>Registra, ainda, o viagem de navio "ARCA" e angústia e preocupação dos povos da Austrália, N Zelandia, Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Peru, todos eles ameaçados pelas consequências possíveis da radioatividade. Assim se compromete e justifica, solicita e noticiário, e especialmente contestativo que o povo brasileiro está dispondo de "AFILO DE VIEIRA", Torna a publicando as declarações de SR VALÉRIO KOWDER: "Calcular que Brasil 10 milhões de assinaturas, e sobre isso de café do Botocudo." "Em poucos dias já foram colhidas 300 de posos e presenteados na política, sendo que 56 de dólares de REPARAÇÃO". (REF: PAP: 1153)</p>
1955	SSOP	<p>BAHIANISTA.</p> <p>Compreendeu a ASSEMBLÉIA BAHIANISTA DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, no nome de CLARET DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE FERREIRAS, no dia 26 de abril de 1955.</p> <p>Uso de palavra, na ocasião.</p> <p>A referida Assembleia tinha por principal objetivo a luta contra os perigos da guerra atômica, formando os lados que lutam pelo "AFILO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ". (REF: PAP: 1231)</p>
2-3-55	SSOP	<p>Tinha parte na ASSEMBLÉIA BAHIANA DAS FORÇAS PACÍFICAS, realizada em Salvador, nos dias 28 e 29 de abril 1955, na Associação dos Funcionários Públicos do Est. da Bahia.</p> <p>Uso de palavra, no ato de instalação, conclamou aos presentes para que tornassem vitoriosos a campanha de assinaturas em favor do "afilo de Vieira", dizendo ser isto perfeitamente possível, desde o constante pacifista de nosso povo. Alertou, dizendo seria necessário transformar e continuar em defesa da paz em ação concreta em defesa da Paz Mundial. Relatou a importância de AFILO DE VIEIRA, que impediu desde longa e basta atômica sobre a CORÉIA, e sobre a campanha de assinaturas que obrigou o caso de REPARAÇÃO a ser resolvido em MESA-REUNIDA. Referiu-se a bomba atômica e ao rearmamento atômico.</p> <p>Introduziu, uso de palavra no ato de encerramento, que não um vos conclamou todo o povo bahiano a uma luta vigorosa pela PAZ e em DEFESA DA PAZ. Terminou dizendo que "a Bahia deve dar o exemplo ao Brasil, colocando contra um de milhões de assinaturas pelo AFILO DE VIEIRA". (REF: PAP: 1239)</p>

Handwritten notes and stamps in the top right corner, including a circular stamp with the number 20285 and a signature.

DATA	FONTE	HISTÓRICO
4.5.55	SSOP 20285	Secretariado o reunião da ASSEMBLEIA NACIONAL DAS FORÇAS PACÍFICAS, na noite de 4 de maio de 1955, na ABI, onde falaram vários oradores para exaltar as qualidades da campanha da paz, que vem encetando os patriotas brasileiros, assim como, para fazer sentir às autoridades mundiais a inutilidade dos conflitos armados para fins guerreiros. (REF: PAP: 1204) <i>Handwritten initials</i>
3.8.55	SSOP	Foi proposta de JORGE AMADO, apresentada durante a realização do CONGRESSO MUNDIAL DAS FORÇAS PACÍFICAS, (22 a 29 de junho de 1955, em HELSINKI, FINLÂNDIA) foi nomeado MEMBRO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ. (REF: PAP: 1562)
12.12.55	SSOP	Em alta rede comunista fomos informados que o Dr VALÉRIO HORNBERG, líder comunista e Secretário Geral do MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, deverá chegar ao Brasil no próximo dia 18 de dezembro de 1955, vindo da Europa, onde esteve tomando parte nos trabalhos do BUREAU EXECUTIVO DO CONSELHO MUNDIAL DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ. (REF: PAP: 1921).
1956	SSOP	Após parte de Moss que dirigiu os trabalhos na reunião dos líderes sindicais que integram o SINDO DOS TRABALHADORES PAULISTAS EM DEFESA DA PAZ, entidade recém fundada. (REF: PAP: 2367 - sem confirmação, por não se achar o informe anexado à mesma Pap.).
1956	SSOP	"MOVIMENTO COMUNISTA". (Ref: PAP: 2377, sem confirmação, por não se achar o informe anexado à mesma Pap.).
24.2.56	SSOP	Segundo o informe, o mencionado, na qualidade de SECRETÁRIO GERAL DO MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, compareceu à Assembleia Geral da CRENÇA DA PAZ, realizada no ato de dia 23 fev 56 (Av 9 de JULEO, 40 - 12º Andar - S PAULO). (REF: PAP: 2119).
16.3.56	SSOP	O mencionado foi um dos dirigentes da Mesa que presidiu a sessão de encerramento da reunião do CONSELHO NACIONAL DO MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, realizada às 21 hrs de dia 11 mar 56, na A B I (S PAULO ?). (REF: PAP: 2368).
29.3.56	SSOP	Segundo o informe: O VALÉRIO HORNBERG, um dos dirigentes do MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, encontra-se em investigação pela cidade de RECIFE. Vê-se com o teor de instruir a direção de CO MUND MUNDIAL MUNDIAL, em nome de Síntese

DATA	FONTE	HISTÓRICO
		<p>reves sofrido por esta organização, em Janeiro último, que culminou com a prisão de vários elementos e desarticulação de outras tantas entidades ilegais.</p> <p>Tomou-se ligação, principalmente, a <u>HIRAN DE LIMA FERREIRA</u>, Diretor da FOLHA DO POVO e responsável pela Secretaria de G. R., a quem transmite as instruções acima aludidas. (REF: PAP: 2388)6</p>
12.4.56	S S H de MIN SAÚDE Of. 1	<p>DIZ O INFORME:</p> <p><u>VALÉRIO REGIS KOWDER</u>, filho de MARCOS KOWDER e MARIA REGIS KOWDER, Natural do Itajaí, Bot. Sta. Catarina, nascido em 28 fev 1909. Casado com D YONE KOWDER, Filhos: LEANDRO KOWDER, RODOLFO OSWALDO KOWDER e LUIZA ESTERIA OSWALDO KOWDER. Servo, atualmente, como MÉDICO SANITARISTA do SERVIÇO NACIONAL DE TUBERCULOSE.</p> <p>Residência G. R. Constante Ramos, 35 - Rio (DF).</p> <p>HISTÓRICO NOTÁVEL DA VIDA PROFISSIONAL:</p> <ul style="list-style-type: none"> -1937: Médico Sanitarista em Recife (Pe); -1938: Médico Sanitarista em Natal (RN); -1939: Del. Fed. Saúde, em Belém (Pa); -1944: Janeiro: a 18, foi designado para ir ao continente africano colaborar com as autoridades americanas nas desinfecções de mercancias destinadas ao Brasil; -1945: Junho: a 12a foi autorizado a se ausentar do país em virtude de ter aceite contrato de trabalho com a UNRRA (UNITED NATIONS RELIEF AND REHABILITATION ADMINISTRATION), na Europa; -1946: Abril: a 1º, foi renovado para Guiné; Julho: A 7a, foi apresentado ao Serviço Nacional de Tuberculose, pelo seu regresso de Europa; -1947: Fevereiro: a 26, foi renovado para o Serviço Nacional de Tuberculose na Capital Federal; -1947: Março: a 4, foi designado para ir a B. H. riscote, colaborar com o Curso de Malária, ali instituído; Setembro: a 10, foi designado para ir ao continente do S. Paulo, Guiné, Campo Grande e Seifnia, a fim de colher dados sobre a Campanha Nacional de Tuberculose; -1955: Maio: a 17, foi nomeado médico sanitarista do Serviço Nacional de Tuberculose, onde serve atualmente (REF: PAP: 2438)
13.4.56	S S O P	<p>Informe:</p> <p>o mencionado foi apresentado em alguns setores de atividades comunitária de Recife como sendo <u>DEB</u>, residente no Rio de Janeiro, ASSISTENTE DE G. R. e do nome VALÉRIO REGIS KOWDER. Entretanto, mais tarde, apurou-se através de</p>

P. M.

20288

20288

74283
20287

DATA	FONTE	HISTÓRICO
		nome VICTOR KONDOR, irmão de VALÉRIO KONDOR, e qual, segundo consta, está usando o nome de irmão e sobrinho, realmente, em função de Assis- te de Comitê Central. Ressalta-se, ainda, não se ter a certeza de que o citado elemento é irmão de VALÉRIO KONDOR ou está se prevalecendo de nome por razões que são desconhecidas" (REF: PAP: 2454).
8.5.56	SSOP	Segundo o informe, o marginado compareceu ao recente CONGRESSO MUNDIAL DA PAZ, realizado em ESTOCOLMO (o é MEMBRO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ), como DELEGADO enviado pelo PCB àquelas Congregações informações foram prestadas por ANEL CHERRMONT, em conversa com amigos. (REF: PAP: 2614)
15 a 31 jul 1956	SPICI - AC	Está em São Paulo, na qualidade de exis- sante do MOVIMENTO BRASILEIRO DA PAZ, tomando parte em uma reunião realizada na CRUZADA HUMANITÁRIA. Está em conferência com ANA DE ANDRADE, APOSSO SCHMIDT e CARNEIRO GUERRIERI. (REF: Informação OI-1-2 - AC)
28.5.57	SSOP	Consta que o marginado compareceu a uma reunião na sede da ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE IMPRENSA, a fim de discutir medidas tendentes a cessação das experiências atômicas, bem como para protestar contra a entrega de FERNANDO DE NORONHA, para instalação de bases de teleguias- des. (REF: PAP: 4819).
9.1.58	SPICI - AC	Faz parte do BUREAU DE ESTUDOS ECONÔMICOS ligado ao BUREAU INTELCTUAL DO POB. (REF: A O - Informe OI-5-83)
1958	SSOP	Foi relatado por fonte oficial Suécia, que o marginado participou da conferência do CONSELHO DE PAZ MUNDIAL, em ESTOCOLMO (SUÉCIA), rea- lizada de 25 a 28 de outubro de 1957 (INFORME SECRETO - sem confirmação)
17.6.58	SSOP	De caderno de ELINE, consta o telefone: 47-1532, para MARCOS KONDOR, em seu nome: isto é, em nome de VALÉRIO, parecendo tratar-se de VALÉRIO KONDOR. (Vide P. de MARCOS KONDOR). (REF: Balança recebida em 17 jun 58).
11.6.58	SPICI	NASCIDO a 20 fev 1911. Participou da REUNIÃO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ em ESTOCOLMO, SUÉCIA, de 25 a 28 Out 57. (REF: Informe de 11.6.58)

20290
 20288

DATA	FONTE	HISTÓRICO
17.3.58	SPICI - AC	Faz parte da Ação Política Comunista nos meios profissionais do proletariado. (REF: - 011-6-105 - Informe - AC)
S / D	SSOP	En anexo está um folheto: "LA PREPARATION DE LA GUERRE ATOMIQUE AU REGARD DE LA LOI INTERNATIONALE", de ASSOCIACION INTERNACIONALE DES JURISTES DEMOCRATES, 234 - Rue de Tréves, Bruxelles, que o MARSINADO recebeu, por intermédio do Caixa Postal n° 1515, Rio, consignada a <u>RIO CALESTRA DE ANDRADE</u> ou a <u>WELTOR ROCHA FARIA</u> . Vieram 10 exemplares. Obs: Para maiores detalhes, consultar o folheto.
27.10.59	DFSP/DFPS	MÉDICO. Nesta data, foi eleito MEMBRO DO CONSELHO CONSULTIVO DO CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO PETRÓLEO E DA ECONOMIA NACIONAL (CEPEN). (REF: DFSP/DFPS n° 204, de 29.10.59).
1960	SSOP	DELEGADO do COMITÊ CENTRAL AO V CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. (REF: Inf. de 1960).
18.1.60	SSOP	COMUNISTA, MEMBRO DO PRESIDIUM SUPREMO do P. C. Responsável, na área do DISTRITO FEDERAL, pelas preparativas da Conferência Pré-Amistia de Forças Políticas e Exilados Portugueses e Brasileiros. Participou, ainda: <u>EMILIO GONDES</u> , <u>MIGUEL COSTA JUNIOR</u> , <u>MÁRIO DONATO</u> , <u>Dr. HELENA NYOAG PRADO</u> , <u>MÁRIO FOULI</u> , <u>SÉRGIO MILLET</u> , <u>SERASTIHO COSTA</u> , <u>ARIBANDO MARTINS DE AZEVEDO</u> , <u>Dr. JOSÉ DE FREITAS NOBRE</u> e <u>Dr. FRANCISCO COSTA NETO</u> , todas comunistas. O MARSINADO é precatuário no DFPS sob n° 6.995. (REF: SSOP n°, de 18.1.60).
25.1.60	DPS	PROFESSOR COMUNISTA. Seguirá com destino ao PERU, onde tomará parte no CONGRESSO AMERICANO de PROFESSORES, a se realizar entre 26 e 31 do corrente mês de Janeiro. Seguem também: <u>HENRIQUE BATISTA ARANHA MIRANDA</u> , <u>MÁRIO LACERDA DA SILVA</u> , <u>JOSÉ DE ALMEIDA BARROS</u> , <u>CARLOS DA SILVA TEIXEIRA</u> , <u>RAIMUNDO GONCALVES DA COSTA</u> , todos professores com precatuários em ficha no Divisão de Política Política e Social, por atividades comunistas. (REF: SSOP n° 549, de 25.1.60 - Fonte: DPS)
11.2.60	SSOP	(2) <u>MEMBROS</u> do <u>COMITÊ CENTRAL</u> do <u>Partido Comunista Brasileiro</u> , <u>responsáveis</u> da <u>seção de 466 Federações de solidariedade</u>

FICHA

FICHA

A3

Handwritten initials and a red circular stamp with the number 20288.

DATA	FONTE	HISTÓRICO
		<p>no povo cubano, realizada no auditório da ABI. (REF: SSCP n° 237, de 12.11.60).</p>
1.4.60	DOPS/SP	<p>LÍDER COMITÊ DE OBRIGADOS O SECRETÁRIO-GERAL DO MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ. Foi orador no ato público de solidariedade e revelação cubana, realizada na sede do SINDICATO DOS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS e ANEXOS do RIO DE JANEIRO, por iniciativa dos comitês locais que atuam no setor sindical. (REF: SSCP n° 1107, de 13.11.60). o SSCP n° 1221/60</p>
1.4.60	D P S	<p>MEMBRO do COMITÊ CENTRAL DO PCB. Orador do ato público realizado na sede do SINDICATO DOS CONDUTORES DE VEÍCULOS RODOVIÁRIOS e ANEXOS DO RIO DE JANEIRO, que atendeu à "PALAVRA DE ORDEM DO PCB", no sentido de incrementar, no seio dos trabalhadores, e do povo brasileiros, a mentalidade revolucionária orientada pela URSS, pelo enfraquecimento da AMIZADE PAN-AMERICANA e para evitar penetração do comunismo internacional nos países da AMÉRICA LATINA. Disse que há cerca de 2 semanas em CUBA, onde participou em HAVANA, do I CONGRESSO DE PAZ NA AMÉRICA LATINA, e que não pode haver entre os países subdesenvolvidos a defesa da paz sem a defesa da soberania dos nossos países. Salientou que a revolução cubana está sendo deturpada pela imprensa venal, rádio e cinema a serviço dos trustes. Informou que mantém contato com FIDEL CASTRO num Comitê onde é mesmo líder falava aos estudantes. Assimilou que se deixarmos de marchar para diante, a exemplo de Cuba, também seremos derrotados. Disse que esteve uma vez inteira com FIDEL CASTRO, conversando sobre revolução cubana, como revolução agrária e como revolução anti-imperialista. Afirmou que metade da Ilha de Cuba vive sob o regime de cooperativas e outra metade, espera a colheita da safra. Afirmou que os donos dos comércios são americanos e por isso quiseram armar o Exército de TRUJILLO para derrotar o Governo de Cuba (?), mas sentiram que a revolução era diferente do que imaginavam, pois o povo cubano está armado e FIDEL CASTRO não guarda com seu povo. Antigamente, a palavra em Cuba era "LIBERDADE OU MORTE" e agora é "PÁTRIA OU MORTE". Acentuou o dirigente do PCB que devemos nos atentar para dar a CUBA um CAMINHO ANTI-ARMADO pois ele e seus companheiros de I CONGRESSO NA PAZ NA AMÉRICA LATINA deram passo para a compra de aviões para CUBA. Disse que o povo da ARGÉLIA resistiu há 5 anos e que o lançamento de bombas em CUBA é um sonho de Secretário de Estado JOHN FORBES DULLES - o DULLES já morreu. Adicionou que a revolução dos trabalhadores brasileiros começa em CUBA, e que os negros</p>

A4

A5

20292

20290

DATA	FONTE	HISTÓRICO
		<p>de "ATLAS DO MUNDO" e levantamentos, bem como os povos de outros países da Ásia, como a CHINA POPULAR, etc. Afirmou, ademais que a terra em CUBA foi dividida e as Empresas de Energia Elétrica foram confiscadas pelo Govt, os hotéis foram confiscados e o Serviço Telefônico está sob intervenção. Disse que a revolução cubana precisa de solidariedade e que a limitação de açúcar é uma agressão covarde dos norte-americanos pois CUBA precisa vender o produto nos próximos dois anos e CUBA não está agredindo ninguém. Continuando disse que FIDEL CASTRO fez basear os estudantes no interior e botou-os para morar em hotéis, confiscados, e que eram destinados anteriormente a hospedarem turistas americanos, recebendo de dinheiro. Os estudantes residem nos hotéis e trabalham como pedreiros e ajudantes na construção da Universidade de Cuba. Disse que começou os "BERTER" e que os cubanos traidores têm palcos para dizer que a revolução é comunista e que os cubanos amigos da revolução não têm palcos para dizer de onde vêm as bombas que são jogadas nos convulsos". Afirmou que irá a todos os sindicatos explicar e que foi a revolução cubana. Podia que saísse uma Comissão de solidariedade e auxílio ao povo cubano e que fosse feito isto, também nos sindicatos, nos círculos profissionais e no seio do povo. Disse que estará presente à Conferência dos Países Sub-desenvolvidos, em Cuba e que a classe operária está na vanguarda do mundo e tudo que ela fizer por si será do benefício e que a revolução cubana é a própria revolução dos povos latino-americanos. Disse que usaram da palavra os seguintes elementos: <u>HERNANDO OROQUENA, FELIPE MARCEL</u>, bancário da Venezuela; <u>ARMANDO ZILLER</u>, Vice-Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito (CONTEC); <u>MICHAEL RAMÍREZ</u>, Presidente do Sindicato acima mencionado; <u>HELENA HERNANDEZ</u>, Secretária da Federação das Marítimas e <u>RAUL APARÍCIO</u>, Chefe da Missão Econômica de Cuba na América do Sul. (REF: SSCP n.º 1221/, de 1960)</p>
25.11.60	S E O P	<p><u>MINISTRO DO COMITÊ REVOLUCIONÁRIO DA AMÉRICA LATINA</u></p> <p>Na ato público, promovido pelo C R Marítimo, no Sindicato Nacional Taifeiros da Marinha Mercante, aprovou os atos e os efeitos da revolução cubana, dizendo que a mesma se constitui um exemplo para os povos "oprimidos" pelo imperialismo. Explicou sobre a tática usada pelos revolucionários que considerou específica, tendo em conta a configuração geográfica, condições econômicas, temporamento do povo cubano e sua politização. Aduziu que as condições brasileiras diferem das de Cuba, porém a determinação do viés de ambas são absolutamente idênticas.</p> <p>Apresentou um projeto de apoio à CUBA e redigiu e seguiu telegrama: "CHACLER HORÁCIO LAFER; CATEGORIAS profissionais marítimas, portuárias, ativadores, sal, café, reuniões etc so</p>

DATA	FONTE	HISTÓRICO
		<p>Informações sobre participação aberta nessa comissão conferência em Moscou, Ass) Sindicato Nacional Taifeiros culinários e panificadores brasileiros. (REF: SSOP n° 2297, de 31.8.60).</p> <p style="text-align: right;">20291</p>
MAR/60	BOLETIM DAS FRENTEES COMUNISTAS ABRIL/60- D.2	Representou, com <u>DOMINGOS VELASCO</u> , o BRASIL na CONFERÊNCIA L.A. DA PAZ, em HAVANA, patrocinada pelo CONSELHO MUNDIAL DA PAZ. (BOL. DAS FRENTEES COMUNISTAS, abril, 60 - D.2).
AGO/60	SSOP	MEMBRO DO CC do PC. É o elemento encarregado de promover nos meios trabalhistas movimentos e atos de solidariedade à CUBA. Tem desenvolvido trabalho intenso, especialmente no Rio e em S Paulo. (REF:SSOP 2298/60)
2-3- 61	D P S	Promoveu uma palestra no ato público - promovido pelo PCB e organizado pela Ala Intelectual, em homenagem à revolução cubana, realizado na ABI, tendo participado da mesa que dirigiu os trabalhos. Entre outras coisas disse: "CUBA vive hoje, felizmente, a liberdade que lá impera; mas o fim da luta cubana é o princípio da luta brasileira. (Bol. Res. n.º 39/61).
2-3- 61	DOPS/ SP	Em maio de 60, em palestra, disse que não esperavam ataques por parte da direção, em termos da publicidade das teses para discussão e do projeto de Estatutos do PCB, como no caso de <u>CHALIL CHADE</u> e <u>CHARLOS DANIELIS</u> . Após ter explicado o caminho democrático da revolução brasileira, disse achar que na luta pela realização dos objetivos nacionalistas não é inevitável a luta armada e a guerra civil, que embora cheie de contradições internas, o PCB não está em declínio. (SSOP n.º 1577/60).
5-3- 61	SSOP	Em Dez. 60, viajou para a EUROPA. Motivo ignorado. Endereço: Rua São José, 150-8/502 - Rio. (SSOP n.º 3056/60).
Mar 61	"NOVOS RUMOS"	Faz parte da Delegação brasileira à Conferência Latino-Americana pela Soberania Nacional, a Emancipação Econômica e a Paz, realizada na cidade do México, de 5 a 9 mar 61. A Delegação brasileira foi presidida pelo Deputado <u>DOMINGOS VELASCO</u> . (REF: "NOVOS RUMOS" n.º 105, de 10 a 16 mar 61, pag. 5).
12-7-1961	S F I C I	<u>SEMMUEL WAINER</u> esteve em contato com o marginalizado. (REF: SFICI/DF n.º 43 de 12 de julho de 1961)

11. P. M.
20292
20292

DATA	FONTE	HISTÓRICO
17-7-1961	D P S	No dia 14 de julho de 1961, realizou-se no auditório da ABI um ato público com o objetivo de prestar solidariedade aos perseguidos políticos pelos regimes ditatoriais de Portugal, Espanha. A sessão foi aberta pelo marginado. (REF: IPS N° 129 de 17 de julho de 1961)
13.2.1962	S F I C I	Médico: Participou da Delegação Brasileira à Conferência do Congresso Mundial da Paz, realizado em ESTOCOLMO, entre 16 e 19 de dezembro de 1961. (REF: SFICI - Informe n° 103/62, de 13.2.1962).
11.5.1962	S S O P	RIO DE JANEIRO/UR Membro do Comitê Internacional pela Paz. Em 10.5.62, participou da mesa diretora dos trabalhos da conferência sobre o tema: "UTILIZAÇÃO PACÍFICA DA ENERGIA NUCLEAR", na Sede do Sindicato dos Professores, sito à Av. 13 de Maio, 13 - 4° andar. O marginado, usando a palavra, fez um breve discurso, pela Paz, no qual elogiou ROSA LUXEMBURGO e KARL LEBENROCHT - líderes comunistas alemães da década de 20 - qualificando-os de heróis da paz e do socialismo. Encerrou sua oração, fazendo um convite aos presentes, para comparecerem ao Congresso Mundial pela Paz, a realizar-se em junho/62, em MOSCÚ. (REF: SSOP/N° 1 34/62).
5.9.62	IMPRESSA	Signatário de um Manifesto à Nação, contra a agressão a CUBA. (REF: "ULTIMA HORA" (RIO), de 5.9.62)
22.10.62	S F I C I	Em data não confirmada, passou por LAR, com uma delegação de 20 sul-americanos. (REF: Informe n° CLX de 22.10.62)
25.10.62	M. Marinha	ESTADO DA GUANABARA SECRETÁRIO GERAL DO MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ. Conta haver enviado telegrama ao Presidente KENNEDY, protestando contra a intervenção armada em CUBA e outro telegrama a FIDEL CASTRO, em apoio à sua atitude. (REF. AGE n° 1.084, de 26.10.62).
14.11.62	S S O P	ESTADO DA GUANABARA Esteve presente à reunião da SOCIEDADE DE AMIGOS DE CUBA, realizada no dia 14.11.62, no SINDICATO DOS PROFESSORES, tomando parte da mesa que dirigiu os trabalhos. (REF: AGE 101/63)
29.11.62	P.S. Bab. Milj	
27.11.62	CKIMAR	(REF. Inf. n° 5365/62 SSOP, de 19.11.62)(AGE 1193/62)
12.12.62	M. Marinha	ESTADO DA GUANABARA Secretário de Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. Signatário das CONVOCATÓRIAS para

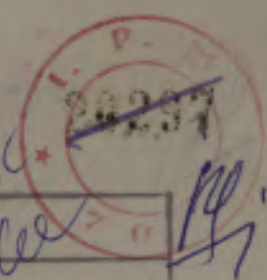
20298

DATA	FONTE	HISTÓRICO
		um ENCONTRO NACIONAL DE SOLIDARIEDADE À CUBA e DEFESA DOS PRINCÍPIOS DE AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS e de não intervenção nos seus assuntos internos, que será realizada no RIO DE JANEIRO, nos dias 16 e 17 de janeiro de 1963; e para o CONGRESSO CONTINENTAL DE SOLIDARIEDADE À CUBA, que será realizada no mesmo local, nos dias 18 e 19 de janeiro de 1963. (REF. ACE nº 1258/62 de 14.12.62) (ACE nº. 51, de 15.1.63).
03.01.63	SSOP	ESTADO DA GUANABARA Consta que o marginado irá ao estrangeiro, em companhia de um membro permanente do Congresso da Paz, o qual vem ao Brasil a fim de se articular com o Gen. <u>LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA LETTE</u> a respeito do caso de Cuba? (REF. Inf. SSOP nº 163/63, de 03.01.1963).
15.01.63	SSOP	ESTADO DA GUANABARA Consta haver viajado no dia 29 ou 30 de janeiro próximo passado, para TANGANICA. (REF. Inf. nº 1430/63 de 01.02.63 da SSOP).
01.63	SSOP	ESTADO DA GUANABARA O MARGINADO, Prof. <u>WILSON MORAES</u> , <u>OSVALDO</u> , <u>RICARDO DE SILVA</u> , <u>JAL. CARLOS MESS DE MELO</u> , <u>VAL. LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA LETTE</u> , <u>RAFAEL DA SILVA</u> , <u>VAL. CARLOS DE MELO</u> e <u>ELY TOQUE VIANE</u> , estiveram presentes, na sede do Comitê, na sede da SOCIEDADE DE AMIGOS DE CUBA. (REF. Inf. nº 0385/63 SSOP de 08.01.63)
01.63	SSOP	ESTADO DA GUANABARA No dia 15 de corrente, <u>WILSON MORAES</u> , <u>OSVALDO</u> , <u>LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA LETTE</u> , <u>JAL. CARLOS DE MELO</u> , <u>RAFAEL DA SILVA</u> , <u>VAL. CARLOS DE MELO</u> e <u>ELY TOQUE VIANE</u> , compareceram na sede da SOCIEDADE DE AMIGOS DE CUBA. (REF. Inf. nº 647/63 SSOP de 16.01.63)
01.63	SSOP	ESTADO DA GUANABARA No dia 25 de corrente, na sede da SOCIEDADE DE AMIGOS DE CUBA, desenvolveram-se atividades preparatórias para o ENCONTRO NACIONAL e CONGRESSO À CUBA. Na ocasião, o MARGINADO prestou serviços de manuseio de mimeógrafo. (REF. Inf. nº 1301/63 SSOP de 08.01.63)
11.3.63	SSOP	RIO Em 11.3.63, encontrava-se na Sede da Sociedade de Amigos de CUBA, em companhia de outras pessoas. (REF: SSOP Nº. 3 2 2 4/63, de 14.3.63)
19.03.63	MTIC/SSNT	GUANABARA O Marginado assinou, no dia 10.10.62, a Convocatória para a realização no Brasil do CONGRESSO CONTINENTAL DE SOLIDARIEDADE A CUBA, previsto para os dias 28, 29 e 30 de março de 1963. (REF. Anexo ao ACE nº 266/63 - Pap 6904)
1.4.63	SSOP	NITERÓI-RJ. O marginado foi um dos componentes da mesa - diretora dos trabalhos, quando da instalação do CONGRESSO CONTINENTAL DE SOLIDARIEDADE A CUBA, realizado no dia 27.3.63, no Sindicato dos Operários Navais de NITERÓI-RJ. Pedeu à assembleia, um minuto de silêncio pela morte, em desastre de avião, do jornalista RUI PACÓ, que estava a serviço da preparação do CONGRESSO. REF: (SSOP n. 3983/63).

DATA	FONTE	HISTÓRICO
30.3.63	SSOP	<p>NITERÓI (RJ). Um dos componentes da mesa diretora, que presidiu os trabalhos na sessão de encerramento do CONGRESSO CONTINENTAL DE SOLIDARIEDADE A CUBA, realizado das 22 horas a 01 hora da madrugada, no Sindicato dos Operários Navais de NITERÓI-RJ. REF: (SSOP n. 3984, de 1.4.63).</p>
30.7.63	SSOP	<p>GUANABARA: Teve início às 21,30 hs, uma reunião realizada pela ASSOCIAÇÃO AMIGOS DE CUBA, em comemoração ao 10º Aniversário do ataque dos revolucionários cubanos ao Quartel "Mucada", ocorrido em 10 de julho de 1953, reunindo-se 800 pessoas partidárias de FIDEL CASTRO, no auditório do Ministério da Educação. A convite do MARGINADO, foi chamado para presidir a mesa o Embaixador de CUBA, Sr. RAUL ROA KOUZE. E pela 2ª. vez, a convite do MARGINADO, fô: uso da palavra o Sr. <u>DI CAVALCANTI</u> (Pinter) REF: (SSOP n. 103558, de 31.7.63).</p>
22.10.63	SSOP	<p>GUANABARA. De "MOV. Brasileiro dos Partidários da Paz". Um dos integrantes da COMISSÃO encarregada de um movimento nacional de ajuda aos cubanos vitimados pelo furacão "FIDRA". Os donativos serão enviados à CUBA por um navio que chegará nos próximos dias. Os locais para recebimento de ajudas são: Escritório Comercial de Cuba - Av. N.S. Copacabana 1229 sala 203; Palácio dos Metalúrgicos - rua Ana Nery n. 152 e União Nacional dos Estudantes. REF: (SSOP n. 15.904, de 22.10.63).</p>
29.10.63	SSOP	<p>GUANABARA. Médico. Membro fundador do COMANDO DOS TRABALHADORES INTELECTUAIS-CTI. Assinou juntamente com outros, MANIFESTO de fundação do CTI. As assinaturas estão sendo recebidas nas livrarias São José, Ler e Civilização Brasileira. REF: (SSOP n. 16.259, de 29.10.63 e NOVOS RUMOS, de 1.11.63).</p>
14.05.1964	SFICI/SAE	<p>Realizou uma palestra na ABI organizada pela Ala Cultural do PCB em homenagem à Revolução Cubana. (Info 1961) (Info de 02.03.1961).</p>
18.06.1964	SFICI/SPS/ /SPI	<p>"Assinou apêlo aos povos da AMÉRICA LATINA para lançamento do CONGRESSO CONTINENTAL DE SOLIDARIEDADE A CUBA. Tal apêlo foi baseado em linguagem nitidamente comunista, e contra "o imperialismo americano e os monopólios capitalistas nos nossos países". Nov 62 (SFICI/SPS/SPI).</p>
1964	IMPRESSA	<p>GUANABARA O marginado foi citado pela imprensa na campanha que o mesmo abriu sobre "Serviços praticados pela Polícia contra presos comunistas" como tendo tomado parte na</p>

FL-16

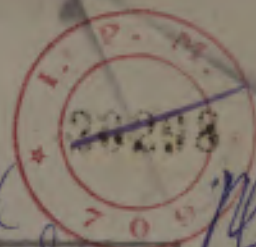
20295



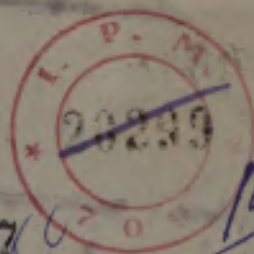
DATA	FONTE	HISTÓRICO
		<p>"Operação Dibo". OES: É estranho que sendo o marginado comunista, tenha tomado parte na operação contra os mesmos. (REF: Rel.fornecida pelo SC.1 - Informe de 30.6.57).</p>
27.10.64	2a Sec/EME	<p>GUANABARA</p> <p>Segundo dados fornecidos pela Com. IFM/MG para apurar as atividades do "MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDOS DA PAZ", e conforme ata da reunião realizada em 15.3.63, na sua sede à Rua S. José, 50 grupo 503, o MARGINADO, atuando como presidente em virtude do falecimento do presidente, DR.ABEL CHERMONT, foi aberta a seção extraordinária, com os seguintes objetivos: -reforma dos estatutos; -eleição da nova diretoria. (REF: ACE nº 5640, de 4.11.64 - Inf. 735/64 - 2aSec/EME).</p>
Fev 2/65	C G I	<p>Do relatório da Comissão de Investigação realizada no SERVIÇO NACIONAL DE TUBERCULOSE (M.S.) foram extraídos os seguintes dados sobre o marginado.</p> <p>O MARGINADO líder comunista de alto gabarito, considerado elemento de alta periculosidade ao regime democrático, dada a sua grande facilidade de persuasão, inteligência, com elevada cultura doutrinária e capaz de na defesa e propaganda de suas idéias aos maiores sacrifícios e podendo quiçá influenciar aqueles que não tenham convicções arraigadas. Assim sendo na nossa opinião deve ser afastado do exercício do magistério.</p> <p>Comunista confesso, não apuramos atividades subversivas dentro do SERVIÇO NACIONAL DE TUBERCULOSE.</p> <p>VALÉRIO REGIS KONDER, brasileiro, natural de Santa Catarina, filho de Marcos Konder e de Maria Regis Konder, nascido a 28-2-1911, médico que residia na rua Nascimento Silva, 87, Aptº 1 - Ipanema.</p> <p>É militante comunista, sendo membro do diretório nacional do P.C.B. Membro da ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA, foi prêso a 31 de Janeiro de 1936, em virtude de ter co-participado no movimento comunista irrompido a 27-11-35, nesta Capital. Processado, foi solto a 25-6-37, por força de uma ordem de "habeas corpus" expedida em seu favor pelo Supremo Tribunal Militar, sendo que a 28-7-1937, foi absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional.</p> <p>Já como membro do P.C.B., na sua função legal, presidiu a instalação do Diretório Pro-</p>

20296

Fl. 17 -



DATA	PONTE	HISTÓRICO
		<p>visório do Partido no Estado de GOIÁS. Como dirigente do "Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional", percorreu todo o território brasileiro fazendo a campanha em prol da exploração estatal do nosso petróleo.</p> <p>É membro do Diretório Nacional do "MOVIMENTO PELA INTERDIÇÃO DA BOMBA ATÔMICA" e também da "Organização Brasileira de Defesa da Paz e da Cultura". Candidatou-se à senatória, pelo Distrito Federal", por ocasião das eleições de 1950, em chapa apresentada pelo "Partido Republicano Trabalhista", agremiação política que sofreu infiltração de elementos comunistas, não logrando contudo, ser eleito. Teve sempre atuação marcante nas campanhas de origem e orientação comunistas, através de atos públicos, conferências, etc., não só nesta Capital como nos demais Estados da União.</p> <p>Compareceu diversas vezes à Câmara dos Deputados, avistando-se com elementos da bancada comunista. Segundo publicação do jornal "A Cidade", de 29-7-1949, foi eleito Vice-Presidente do Conselho da Paz e da Cultura do D.F. Segundo Boletim Especial, de agosto de 1949, da Repartição Central de Polícia do Estado do Rio Grande do Sul, foi portador de um Manifesto lançado por LUIZ CARLOS PRESTES, naquêle Estado, que deveria ser publicado nesta Capital. Segundo publicação do jornal "Imprensa Popular" de 17-12-1949, representando o C.N.E.D.P.E.N., fez uso da palavra, com clareza e povo a lutar sem tréguas contra a Lei de Segurança, quando da instalação e posse da Diretoria da Liga de Defesa das Liberdades Democráticas, na sede da Associação de Imprensa Comunista, na cidade de CAMPOS, Estado do Rio. Segundo publicação da "Imprensa Popular" de 21-12-1949, foi signatário, pelos intelectuais progressistas do Brasil, de uma mensagem de felicitações a STALIN pela passagem do seu 70º aniversário natalício. Segundo publicação do jornal "Imprensa Popular" de 25-4-1950, concedeu uma entrevista, sobre o manifesto assinado por LUIZ CARLOS PRESTES, em que este falava sobre o momento político mundial, solidarizando-se com o Movimento Pró Paz. Segundo informação de 31-7-1950, foi um dos oradores numa reunião do comunista, realizada no Centro Democrático da Piedade, no dia 28 do mesmo mês, e ano, fazendo severas críticas à Polícia e ao governo dos EE.UU. Segundo publicação do jornal "Imprensa Popular" de 15-10-1950, era integrante da Comissão Promotora do Congresso da Paz que se realizou em São Paulo. Segundo publicação do jornal "Imprensa Popular" de 12-10-1950, foi um dos dirigentes do Movimento Nacional Pela Proibição das Armas Atômicas. Realizou, em diversos Estados da União, várias reuniões comunistas com líderes locais, tratando sempre de adesões a vários movimen</p>



20297

Fl. 18 -

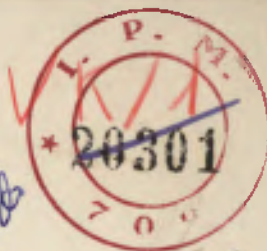
DATA	FONTE	HISTÓRICO
		<p>tos de caráter vermelho, orientando como deveriam ser efetuados os trabalhos para a conquista de mais adeptos".</p> <p>Em 1954, segundo a "Imprensa Popular" foi indicado para disputar a cadeira de senador pelo então D.F.</p> <p>Segundo o mesmo jornal, a candidatura do marginado foi recebida com entusiasmo.</p> <p>Em Agosto de 1954, o epigrafado candidato ao Senado na cadeira vaga do Sr. LUIZ / CARLOS PRESTES, vaga que classificou de roubada àquele ex-senador.</p> <p>Foi um dos oradores no comício patrocinado pelo Diretório dos Candidatos Populares na Praça das Nações em 21-8-54. Como os antecessores acusou as autoridades, dizendo que os maiores inimigos da administração veem de longe, datando da era imperial.</p> <p>Firmou-se no tripé de destruição / do Brasil aos latifundiários, assunto que explorou exaustivamente, tristes e governo VARGAS. Pediu a união de todos os operários, intelectuais de boa vontade para que prestigiassem a Liga de Emancipação Nacional filiando-se a mesma e pugnando por ela para que tivesse em Outubro um pleito verdadeiramente democrático evitando que fosse instaurada uma ditadura militar-fascista, todas de más consequências e duração efêmera.</p> <p>Solicitou nos anos de 1958, 1959, 1960, 1961, 1962 e 1963, verificação de antecedentes para fins de viagem a diversos países, sendo que o último ano, para a Rússia. É sócio do Instituto de Intercambio Cultural Brasil U.R.S.S.</p> <p>(REF: ACE 091 - Doc. Esp. de 8-10-64).</p>
18/5/65	IPM/2	<p>GUANABARA</p> <p>Antigo Secretário do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. Foi novamente proposto, pelo Sr Professor Isnard Teixeira, para compor o Secretariado do Conselho Nacional do referido Movimento.</p> <p>(REF: Of 961-IPM/2, de 28/12/64, do Ch Gab IPM/2 - ACE nº 111, de 7 Jan 65).</p>
Junho 65	Imprensa	<p>GUANABARA</p> <p>O marginado assinou manifesto pela liberdade de Enio da Silveira.</p> <p>(Ref. doc. nº 1 anexo ao P. 6079)</p>
13.7.1965	Min Mariáhe IPM - Sub- chefia do In- formações (II - 20)	<p>GUANABARA</p> <p>O marginado fez parte do Conselho Diretivo da chamada "Política Externa Independente", lançamento que está sendo feito pela Editora Civ Brasileira S/A trimestralmente.</p> <p>(REF: ACE nº 4637 de 7.7.65 e Informação nº 0010/65).</p>

FL-19

DATA	FONTE	HISTÓRICO
19.7.1965	CENIMAR	<p>GUANABARA</p> <p>O marginado, até outubro de 1964, exerceu o cargo de Médico, funcionário do Ministério da Saúde, servindo na Diretoria de Saúde dos Portos, junto ao Aeroporto de Galeão.</p> <p>Essa atividade por sua função é a primeira pessoa a embarcar nas aeronaves.</p> <p>É militante comunista.</p> <p>(REF: ACE nº 6015, de 14.7.65 e Informe nº 1076 de 8 Jul de 1965).</p>
19.7.1965	CENIMAR	<p>GUANABARA</p> <p>O marginado é o autor do manifesto que o PC lançará após a assinatura dos intelectuais. Consta, entre outras considerações, o restabelecimento da legalidade democrática, dentro do princípio da independência e da harmonia dos Poderes. A Nação não pode viver em clima de intolerância e de opressão, perdendo a clara visão das suas responsabilidades.</p> <p>O manifesto, conclama o povo e as forças políticas para a plena restauração do regime federativo, espera que todos os brasileiros trabalhem nesse sentido, encarando como imperativos da hora atual:</p> <ul style="list-style-type: none"> - garantia irrestrita dos direitos de opinião, associação, reunião e propaganda; - a cassação dos inquéritos policiais-militares; - a libertação dos presos políticos; - a proscrição de todas as manobras prorrogacionistas ou intervencionistas; - a suspensão das intervenções nos sindicatos de trabalhadores e nas associações e diretórios de estudantes. <p>Condenamos todas as tentativas de restrição aos direitos individuais e de suspensão das liberdades públicas; a delação, a violência e a tortura; o ressentimento, o terror cultural e toda sorte de discriminações políticas, culturais, religiosas, ideológicas e raciais.</p> <p>Conclui o manifesto, de que caberá ao Brasil e ao seu povo governarem-se sem tutelas internas ou externas, em termos de respeito à soberania nacional e às características e peculiaridades de nossa formação cultural.</p> <p>(Ref: ACE 1933, de 18 Mar 65)</p>
20.08.65	IPM-Imprensa Comunista	<p>O marginado figura como um dos destinatários de publicações procedentes da Coreia via Havana.</p> <p>(REF: Prot. ACE nº 88 de 06.01.65 e SAS nº 5648 de 12.04.65)</p>
26.08.65	IMPRESA	<p>O marginado assinou o manifesto dos intelectuais e artistas brasileiros, intitulado "CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA".</p> <p>Ver íntegra do manifesto e demais // assinaturas no anexo nº 3 ao P. 11.728.</p> <p>(Ref UH, de 10.8.65).</p>
////////////////////		



20299



Induando Cel

19

VALÉRIO REGIS KONDER, brasileiro, natural de Santa Catarina, filho de Marcos Konder e de Maria Regis Konder, nascido em 28/2/11, médico que residia na rua Nascimento Silva, 87, apart. 1, Ipanema, é militante comunista, sendo membro do Diretório Nacional do P.C.B., da Aliança Nacional Libertadora, colaborador de "NOVOS RUMOS" e integrante do MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ. Em 3/1/36, foi prêso, em virtude de ter coparticipado do movimento comunista irrompido em 27/11/35, nesta Capital. Processado, foi sôlto em 25/6/37, por força de uma ordem de "habeas-corpus" expedida em seu favor pelo Supremo Tribunal Militar, sendo que, em 28/7/37, foi absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional. Já como membro do P.C.B., na sua fase legal, presidiu à instalação do Diretório Provisório do Partido no Estado de Goiás. Como dirigente do "CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO PETRÓLEO E DA ECONOMIA NACIONAL", percorreu todo o território brasileiro fazendo a campanha em prol da exploração estatal do nosso petróleo. É membro do Diretório Nacional do "MOVIMENTO PELA INTERDIÇÃO DA BOMBA ATÔMICA" e também da "ORGANIZAÇÃO BRASILEIRA DE DEFESA DA PAZ E DA CULTURA". Candidatou-se à senatória, pelo então Distrito Federal, por ocasião das eleições de 1950, em chapa apresentada pelo Partido Republicano Trabalhista, agremiação política que sofreu infiltração de elementos comunistas, não logrando, contudo, ser eleito. Teve sempre atuação marcante nas campanhas de origem e orientação comunistas, através de atos públicos, conferências, etc., não só nesta Capital, como nos demais Estados da União. Compareceu diversas vezes à Câmara dos Deputados, avistando-se com elementos da bancada comunista. Em março/49, integrou uma caravana a Fortaleza, do CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO PETRÓLEO. Segundo publicação do jornal "A Cidade", de 29/7/49, foi eleito vice-presidente do Conselho da Paz e da Cultura do D.F. Segundo Boletim Especial de agosto/49, da Repartição Central de Polícia do E. do Rio Grande do Sul, foi portador de um Manifesto lançado por Luiz Carlos Prestes, naquele Estado, que deveria ser publicado nesta Capital. Segundo a "Imprensa Popular" do dia 17/12/49, representando o C.N.E.D.P.E.N., fez uso da palavra conclamando o povo a lutar sem tréguas contra a Lei de Segu-



20300

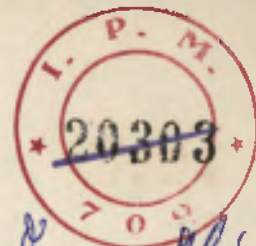
Handwritten signature

Handwritten signature

Handwritten signature

- 2 -

rança, quando da instalação e posse da diretoria da LIGA DE DEFESA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, na sede da ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA CAMPISTA, na cidade de Campos, Estado do Rio. Segundo a "Imprensa Popular" de 21/12/49, foi signatário, pelos intelectuais progressistas do Brasil, de uma mensagem de felicitações a Stalin pela passagem do seu 70º aniversário natalício. Segundo a "Imprensa Popular" de 25/4/50, concedeu entrevista sobre o manifesto assinado por Luiz Carlos Prestes, em que este falava sobre o momento político mundial, solidarizando-se com o Movimento pró-Paz. Segundo informação datada de 31/7/50, foi um dos oradores numa reunião de comunistas, realizada no CENTRO DEMOCRÁTICO DE PIEDADE, no dia 28 do mesmo mês e ano, fazendo severas críticas à Polícia e ao Governo dos E.E.UU. Em outubro/50, remeteu carta a Caetano Magalhães pedindo para ser estudada a possibilidade da realização, em Belo Horizonte, de um comício contra a Lei de Segurança, aproveitando uma data em que fôsse realizado outro, para aproveitar o pessoal. Segundo a "Imprensa Popular" de 12/10/50, foi um dos dirigentes do MOVIMENTO NACIONAL PELA PROIBIÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS. Segundo a "Imprensa Popular" de 15/10/50, era integrante da Comissão Promotora do Congresso da Paz, que se realizou em São Paulo. Realizou, em diversos Estados da União, várias reuniões comunistas com líderes locais, tratando sempre de adesões a vários movimentos de caráter vermelho, orientando como deveriam ser efetuados os trabalhos para a conquista de mais adeptos. Em dezembro/50, remeteu livros de caráter subversivo a José Walter Morena, pelo D.C.T. Teve anulada sua ida a Juiz de Fora, a fim de instalar no Comitê Municipal dois núcleos para fazer a propaganda da Paz e Defesa do Petróleo, e levar instruções do Comitê Nacional sobre a reestruturação do Comitê Municipal. Durante uma reunião de comunistas, realizada em janeiro/51, na União Geral dos Trabalhadores de Minas Gerais, foi lida uma carta do epígrafado, tratando do Clube Militar. Em fevereiro/51, discutiu, em Belo Horizonte, a iniciativa de poder organizar colégios nas células, destinados a planificar e realizar em todos os organismos, estudos e discussões sobre o manifesto de agosto. Seu programa visava levar ao seio das massas no centro e no interior, nas fazendas, e



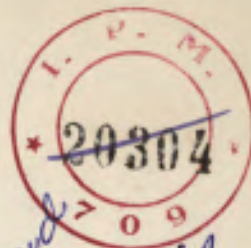
20301

*Jordwanda
Cel*

Hj

- 3 -

etc., as reivindicações do programa da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. Em 1954, segundo a "Imprensa Popular, foi indicado para disputar a cadeira de senador pelo então D.F. Segundo o mesmo jornal, a candidatura do marginado foi recebida com entusiasmo. Em agosto/54, o epigrafo candidato ao Senado na cadeira vaga do Sr. Luiz Carlos Prestes, vaga que classificou de roubada àquele ex-senador. Foi um dos oradores no comício patrocinado pelo Diretório dos Candidatos Populares na Praça das Nações, em 21/8/54. Como os antecessores, acusou as autoridades, dizendo que os maiores inimigos da administração vinham de longe, datando da era imperial. Firmou-se no tripé de destruição do Brasil aos latifundiários, assunto que explorou exaustivamente; trustes e Governo Vargas. Pediu a união de todos os operários, intelectuais de boa vontade para que prestigiassem a Liga de Emancipação Nacional, filiando-se à mesma e pugnando por ela "para que tenhamos em outubro um pleito verdadeiramente democrático evitando que seja instaurada uma ditadura militar-fascista, tôdas de más consequências e duração efêmera. Em 1955, participou, em Viena, da reunião do Bureau do Conselho Mundial da Paz, e no seu regresso, foi um dos organizadores da Assembléia Nacional das Forças Pacíficas. Pertence ao Serviço Nacional de Tuberculose, e tem escritório montado de sociedade com Henrique Oest, na R. S. José, 50, sala 502. Há anos não comparece ao serviço. É cunhado do Ministro Evandro Lins, do S.T.F., que por sua vez, possui um irmão, Dr. Mauro Luiz e Silva, comunista. É (ou foi) presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Guanabara. Até 1958, participou de inúmeros outros comícios, todos de inspiração ou patrocínio vermelho, e fez parte, também, de diversas outras entidades extremistas, tais como a "Sociedade dos Amigos da Guatemala", o "Congresso Brasileiro de Escritores", etc. Foi um dos fundadores do Comando Geral dos Trabalhadores e gerente da publicação "PARTIDÁRIOS DA PAZ", órgão do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. Em 1961, participou do ato público de homenagem à revolução cubana, realizado na A.B.I., onde usou da palavra e enalteceu o Governo de Fidel



20302

- 4 -

Castro. Nesse mesmo ano, compareceu à "CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA PELA SOBERANIA NACIONAL, A EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA E A PAZ", realizada na cidade do México, sob os auspícios do Conselho Mundial da Paz. O tema foi vasto e teve também por base, Cuba, "cuja defesa constituía condição de paz mundial". Em 1963, era sócio contribuinte do INSTITUTO DE INTERCÂMBIO CULTURAL BRASIL-URSS e representou o Embaixador Álvaro Lins na "CONFERÊNCIA PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS E DIREITOS SINDICAIS DOS TRABALHADORES ESPANHÓIS", na qual foi atacada a pessoa do General Franco, "cuja ditadura só interessava às classes reacionárias". Pertenceu também, na qualidade de 2º Secretário, à "ASSOCIAÇÃO DE INTERCÂMBIO CULTURAL BRASIL-ALBÂNIA". Ainda em 1963, foi signatário de um apêlo às autoridades e ao povo, pedindo ajuda e solidariedade ao povo cubano, e assinou, em dezembro desse ano, manifesto em que o CONSELHO MUNDIAL DA PAZ protestava contra "a política agressiva dos círculos reacionários dos EE.UU." em relação a Cuba. Em 1964, foram apreendidos, no Departamento dos Correios e Telégrafos, jornais, impressos e revistas de países comunistas a êle dirigidos. Recebia também propaganda subversiva de Moscou. Seu nome figurou em uma relação do Serviço Nacional de Informações, de 1964, de comunistas que cooperavam ativamente para o desenvolvimento de sua ideologia. Ainda em 1964, compareceu à conferência do líder africano Fidelis Cabral, que falou sobre o tema "LUTA ANTI COLONIALISTA NA ÁFRICA PORTUGUESA". Usaram da palavra, no transcurso da reunião, diversos elementos comunistas, tendo sido duramente criticadas "a ditadura de Salazar" e sua "política colonialista". Durante 1958, 1959, 1960, 1961, 1962 e 1963, solicitou neste D.O.P.S, verificação de antecedentes para fins de viagens a diversos países, sendo que no último ano, para a Rússia. Em 3/9/65, foi recolhido ao Xadrêz Especial deste D.O.P.S., para averiguações, à disposição do I.P.M. n. 709 - Cel. Ferdinando, sendo na mesma data transferido para a P.B. do Exército.



20303

W

*Ferdinando
al*

Li

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA

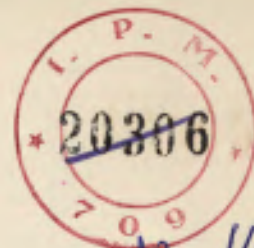
D.O.P.S.

S.I. - S.F.A.

Nº 5871

Referência: "IPM/709 - Major Leri"

VALÉRIO REGIS KONDER, brasileiro, natural de Santa Catarina, filho de Marcos Konder e de Maria Regis Konder, nascido em 28/2/911, médico que residia na rua Nascimento Silva nº 87 aptº 1, Ipanema, é militante comunista, sendo membro do diretório nacional do PCB. Membro da Aliança Nacional Libertadora foi prêso a 3/1/936, em virtude de ter co-participado no movimento comunista irrompido a 27/11/935, nesta Capital. Processado, foi solto a 25/6/37, por força de uma ordem de "habeas corpus" expedida em seu favor pelo Supremo Tribunal Militar, sendo que, a 28/7/937, foi absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional. Já como membro do PCB, nasua fase legal, presidiu à instalação do Diretório Provisório do Partido no Estado de Goiás. Como dirigente do "Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional", percorreu todo o território brasileiro fazendo a campanha em prol da exploração estatal do nesse petróleo. É membro do Diretório Nacional do "Movimento pela interdição da Bomba Atômica" e também da "Organização Brasileira de Defesa da Paz e da Cultura". Candidatou-se à senatória, pelo Distrito Federal, por ocasião das eleições de 1950, em chapa apresentada pelo "Partido Republicano Trabalhista, agremiação política que sofreu infiltração de elementos comunistas, não logrando, contudo, ser eleito. Teve sempre atuação marcante nas campanhas de origem e orientação comunistas, através de atos públicos, conferências, etc., não só nesta Capital como nos demais Estados da União. Compareceu diversas vezes à Câmara dos Deputados, avistando-se com elementos da bancada comunista. Segundo publicação do jornal "A Cidade", de 29/7/949, foi eleito Vice-Presidente do Conselho da Paz e da Cultura do D.F. Segundo Boletim Especial de agosto de 1949, da Repartição Central de Polícia do Estado do Rio Grande do Sul, foi portador de um Manifesto lançado por Luiz Carlos Prestes, naquele Estado, que deveria ser publicado nesta Capital. Segundo publicação do jornal "Imprensa Popular" de 17/12/949, representando o C.N.E.D.P.E.N., fêz use da pa-



20304

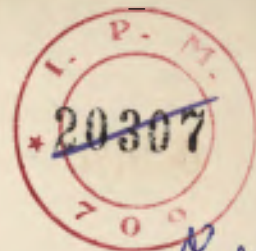
Handwritten signature/initials

Handwritten signature: Induando
Handwritten initials: AL

Continuação:

- 2 -

palavra, conclamando o povo a lutar sem tréguas contra a Lei de Segurança, quando da instalação e posse da Diretoria da Liga de Defesa das Liberdades Democráticas, na séde da Associação de Imprensa Campista, na cidade de Campos, Estado do Rio. Segundo publicação da "Imprensa Popular" de 21/12/949, foi signatário, pelos intelectuais progressistas do Brasil, de uma mensagem de felicitações a Stalin Pela passagem do seu 70º aniversário natalício. Segundo publicação de jornal "Imprensa Popular" de 25/4/950, concedeu uma entrevista, sôbre o manifesto assinado por Luiz Carlos Prestes, em que êste falava sôbre o momento político mundial, solidarizando-se com o Movimento pró-paz. Segundo informação de 31/7/50, foi um dos oradores numa reunião de comunistas, realizada no Centro Democrático da Piedade, no dia 28 do mesmo mês e ano, fazendo severas críticas à Polícia e ao govêrno dos EEEU. Segundo publicação de jornal "Imprensa Popular" de 15/10/950, era integrante da Comissão Promotora do Congresso da Paz que se realizou em São Paulo. Segundo publicação de jornal "Imprensa Popular" de 12/10/950, foi um dos dirigentes do Movimento Nacional Pela Proibição das Armas Atômicas. Realizou, em diversos Estados da União, várias reuniões comunistas com líderes locais, tratando sempre de adesões a vários movimentos de caracter vermelho, orientando como deveriam ser efetuados os trabalhos para a conquista de mais adeptos". Em 1954, segundo a "Imprensa Popular", foi indicado para disputar a cadeira de senador pelo então D.F. Segundo o mesmo jornal, a candidatura de marginado foi recebida com entusiasmo. Em agosto de 1954, e epigrafado candidato ao Senado na cadeira vaga do Sr. Luiz Carlos Prestes, vaga que classificou de roubada àquele ex-senador, foi um dos oradores no comício patrocinado pelo Diretório dos Candidatos Populares na Praça das Nações em 21/8/54 Como os antecessores acusou as autoridades, dizendo que os maiores inimigos da administração veem de longe, datado da era imperial. Firmou-se no tripé de destruição do Brasil ao latifundiários, assunto que explorou exaustivamente trustes e governo Vargas. Pediu a união de todos os operários, intelectuais de boa vontade para que prestigiem a Liga de Emancipação Nacional filiando-se a mesma e pugnando por ela" para que tenhamos em outubro um pleito verdadeiramente democrático evi-



20305

W

*Ferdinando
Cel. H.*

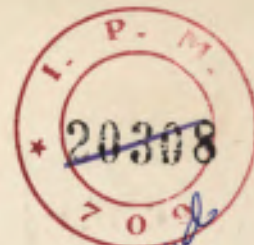
Continuação:

- 3 -

evitando que seja instaurada uma ditadura militar-fascista, tôdas de más consequência e duração efêmera.

Além dessas atividades, participou ainda, até 1958, de inúmeros outros comícios, todos de inspiração ou patrocínio vermelho, e fez parte, também, de diversas outras entidades extremistas, tais como a "Assembléia Nacional das Forças Pacíficas", o "Congresso Brasileiro de Escritôres", "Sociedade de Amigos da Guatemala", etc. Foi um dos fundadores do Comando Geral dos Trabalhadores e gerente da publicação "Partidários da Paz" órgão do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. Em 1961 participou do ato público de homenagem à revolução cubana, realizado na A.B.I., onde usou da palavra e enalteceu o governo de Fidel Castro. Nesse mesmo ano compareceu à "Conferência Latino-Americana Pela Soberania Nacional, a Emancipação Econômica e a Paz", realizada na cidade de México sob os auspícios do Conselho Mundial da Paz. O tema foi vasto e teve também por base CUBA, "cuja defesa constituia condição de paz mundial" Em 1963 era sócio contribuinte do Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS e representou o Embaixador Alvaro Lins na "Conferência Pelas Liberdades Democráticas e Direitos Sindicais dos Trabalhadores Espanhóis, na qual foi atacada a pessoa de General FRANCO, "cuja ditadura só interessava às classes reacionárias". Pertenceu também na qualidade de segundo Secretário, à "Associação de Intercâmbio Cultural Brasil-Albânia". Ainda em 1963, foi signatário de um apêlo as autoridades e ao povo, pedindo ajuda e solidariedade ao povo cubano, e assinou, em dezembro desse ano manifesto em que o Conselho Mundial da Paz protestava contra "a política agressiva dos círculos reacionários dos EEUU," em relação a Cuba. Em 1964 foram apreendidos no Departamento dos Correios e Telegrafos jornais impressos revistas de países comunistas a êle dirigidos. Recebia também propaganda subversiva de MOSCOU. Seu nome figurou em uma relação de Serviço Nacional de Informações, de 1964, de comunistas que cooperavam ativamente para o desenvolvimento de sua ideologia. Ainda em 1964 compareceu à conferência do líder africano FIDELIS CABRAL, que falou sobre o tema "Luta Anti-colonialista na África Portuguesa. Usaram de palavras, no transcurso da reunião,

Continua ...



20308

me

*Fernando
cel B.*

Continuação:

- 4 -

diversos elementos comunistas, tendo sido duramente critica-
das "a ditadura de Salazar" e sua "política colonialista".
Durante 1958, 1959, 1960, 1961, 1962 e 1963 solicitou neste
DOPS verificação de antecedentes para o fim de viagens a diversos
países, sendo que no último ano para a Rússia.

ADALBERTO TEIXEIRA FERNANDES, sem qualificação, advoga-
do, contador, que residia ou reside na rua Canindé n° 35 apt°
401 ou 102 (Jacarezinho). Figura numa ocorrência n° 417 de
15/16 de fevereiro de 1960, registrada no 19° Distrito Poli-
cial, na qual é denunciado pelo Dr. Xisto Jorge dos Santos
como infrator de diversos artigos do Código Penal. Conforme
pedido de Busca n° 1082 (SAS/243/22 Junho 64), consta que o
referido advogado já impetrou mais de 100 habeas-corpus em
favor de presos políticos; que a êle estava entregue o caso
dos sargentos envolvidos no levante de Brasília; e que o mes-
mo aconselhou a vários elementos da Marinha a se refugiarem
na Embaixada da Colombia. Consta, também, que o Dr. Adalberto
referiu-se a organização de uma contra-revolução aconselhando
o pessoal refugiado a sair das embaixadas para dela participar
quando da sua eclosão. Disse ainda, que talvez transferisse
alguns elementos das embaixadas para a Embaixada de Cuba, a
fim de que os mesmos viessem a ser treinados em guerrilhas pa-
ra aplicação na contra-revolução. Segundo informe n° 3245/SNI
/ARJ (SS17/789/02 outubro de 1964) é advogado da Associação
dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, do Clube dos Sargentos
da Marinha e da União Nacional dos Estudantes. Está responden-
do a um IPM na Marinha. O advogado em tela, que se diz muito
visado e perseguido, não esconde suas idéias "socialistas".
Seu escritório, que lhe serve de "escuderijo", está situado
em Jacarezinho:

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1965.

Benigno M. de Figueiredo

Dévidamente informado, devolva-se

Márcio de S. S. S.

Chefe da Seção

FRM-24 - C81 A

NOME - ADALBERTO TEIXEIRA FERNANDES

FILIAÇÃO - ANTERO FERNANDES e ROSA TEIXEIRA NETTO Nasc. 12.08.929

NATURAL DE Res.-Rua Canindé nº 8/102-SP.

PROFISSÃO - Advogado e Contador e Professor

20307

VK12
11.11.1964
20309
Handwritten initials

HISTÓRICO

GUANABARA

O marginado é advogado e contador, com escritórios na rua Canindé, nº 5, sala 102 (tel.48-7226) e na Av. Rio Estrelas, 1552, 2º andar, sala-212, Ed. Chair, em Buzios de Coxias.

Consta que o mesmo já impetrou mais de 100 habeas corpus em favor de presos políticos, estando a ser entregue o caso dos sargentos envolvidos no levante de Brasília. Aconselhou ele a vários elementos da Marinha a se refugiarem na Embaixada da Colômbia.

Consta também que o Dr. ADALBERTO referiu-se à organização de uma contra-revolução, aconselhando o pessoal refugiado a sair das Embaixadas para dela participar quando de sua eclosão. Disse, ainda, que talvez transferisse alguns elementos das Embaixadas para a Embaixada de Cuba, a fim de que os mesmos viessem a ser treinados em guerrilhas para aplicação na contra-revolução.

(Ref: Informe 3215 SSOP-1964)

AUBES
UNETI

professor jornalista
Handwritten initials

GUANABARA

O marginado, na noite de 21.10.64 compareceu na frente da Faculdade Nacional de Direito, tentando arregimentar estudantes para irem com ele a Brasília para fazer "umas badernas" - (SIC) para pressionar o Congresso, quando da tramitação pela Câmara do Projeto do Governo sobre a UNE.

Disse mais que já tem todo o material junto para dar entrada na justiça, para a volta da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil.

(REF: ACE nº 5823 de 10.11.64-Informe 648/64/CENIMAR)

GUANABARA

O marginado já impetrou cerca de 1.700 habeas-corpus em favor de presos políticos. Junto ao STF é advogado dos sargentos envolvidos no levante de BRASÍLIA, durante o governo de JOÃO GOULART. Aconselhou vários elementos a se refugiarem nas Embaixadas da COLÔMBIA e MÉXICO, em plena Revolução. Presentemente é advogado da UBE, UBS, UNETI, da Associação dos Subtenentes e Sargentos da Marinha e vem pugnando pela reabertura da Associação dos Cabos e Marinheiros do Brasil; é suplente do Deputado pelo PSD/RS e membro do PSB.

Respondeu em IPM nº 8180 na Marinha, pela fuga do cabo ADELMO e outros para a Embaixada do MÉXICO.

De seu prontuário no DOPS/GB, constam ainda as seguintes anotações: - o preso, e autuado em flagrante, no dia que foi executado o despejo decretado pelo Juízo de Direito da 1ª Vara Cível, contra os inquilinos LUIZ PINTO FONSECA, CELIA LOPES DOS SANTOS, OLÍMPIO B. DA SILVA, FRAN-

AMES

FL-2

20308

20310

HISTÓRICO

SECO DE PAULA e CARLOS BEZERRA MACIEL, sendo o patrono dos inquilinos despejados. Além disso para impressionar os moradores do Morro de São João e aparentar prestígio político, colocou numa barracão, uma faixa com os seguintes dizeres: "Os amigos do Dr. ADALBERTO TEIXEIRA estão com LOTT". Em 15 de fevereiro de 1960, fazendo uso de artifícios e ardís, prometeu requerer ação de usucapião para os moradores do dito morro, que eram inquilinos do Dr. XISTO^{da}, com promessas que seria ajuizada a dita ação, recebia para as despesas iniciais a importância de R\$. 3.000 (treis mil cruzeiros) de cada favelado.

(REF: OF. n.º 1063/65/DOPS-GB-ACE n.º 4099/65-
Prot. n.º 6840/65/SS-17).

O SNI deverá julgar hoje um novo pedido de "habeas-carpus" em favor do ex-deputado FRANCISCO JULIANO impetrado pelo advogado ADALBERTO TEIXEIRA FERNANDES. (TI)
(Ref. Tel. Inf. n.º 608/4.8.1965 do SNI/ARJ)

2030920311



VK/3

Induand
celD.C. 15
Ri

O Vietnã e a 'revolução mundial'

Um dos mais reveladores documentos surgidos da China comunista, faz já vários meses, é um longo artigo assinado pelo Ministro da Defesa Lin Piao e publicado na semana passada em toda a China.

Ostensivamente preparado para celebrar o 20.º aniversário da vitória da China sobre o Japão, o artigo vai muito além do seu tema central e apresenta os planos de "uma nova revolução mundial", sob a liderança da China comunista.

Não é novidade que Pequim acredita ser a guerra um meio apropriado para estender a dominação comunista através do mundo. Essa doutrina baseia-se nos ataques que os comunistas chineses fazem ao que denominam "revisionismo krusheviano" da União Soviética. Tal posição política da China comunista atingiu o clímax no outono de 1963, quando Pequim insistiu em que a URSS deveria correr o risco da guerra ao invés de retirar os foguetes soviéticos de Cuba. Da mesma forma, essa posição é visível no encorajamento e ajuda de Pequim ao Vietnã do Norte na sua guerra de agressão ao Vietnã do Sul.

O que há de novidade nas declarações de Lin Piao é o seu cuidadoso desenvolvimento da estratégia de apoio

à "revolução mundial" através de "guerras de libertação". Vale notar que Lin não é somente Ministro da Defesa, mas também Vice-Presidente do Comitê Central do Partido Comunista Chinês. O fato de seu artigo ter sido publicado nos órgãos de imprensa oficiais de todo o país indica a importância que o regime empresta ao seu pronunciamento.

O artigo de Lin pode ser dividido em pelo menos duas importantes proposições.

Primeiramente, que a guerra é a única maneira de alcançar o objetivo de transformar em comunistas nações não-comunistas. Lin lembra textos da famosa tese de Mão Tsé Tung, segundo a qual "o poder político procede dos canos dos canhões". No artigo é citado o trecho de Mão, de seu livro "Problemas de Guerra e Estratégia", em que diz: "A tomada de poder pela força armada e a solução de questões pela guerra é a tarefa central da mais alta forma de revolução. Esse princípio marxista-leninista de revolução é verdadeiro universalmente, tanto para a China como para todos os países".

Em nenhuma parte do artigo existe o mais leve reconhecimento de que, em uma era nuclear, tal glorificação da guerra e da violência

possa representar a fagulha de um holocausto que devastaria todas as nações, participantes ou não de um conflito.

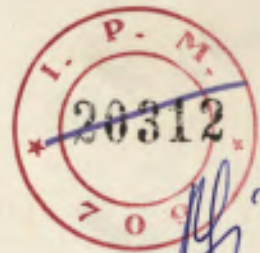
A segunda proposição de Lin é a de que os povos além das fronteiras comunistas deveriam arcar com os principais sacrifícios em sangue e destruição ocasionados pela expansão vermelha. Lin urge em seu artigo que o Vietnã do Norte continue sua guerra de agressão ao Vietnã do Sul, apesar da imensa perda de vidas e dos sacrifícios que o conflito causa à sua economia. Com efeito, advoga a extensão das "guerras de libertação" a toda a Ásia, África e América Latina, assegurando as melhores perspectivas para os comunistas em tais conflitos e qualificando as forças anticomunistas de simples "tigres de papel". A China, como compensação à destruição, morte e fome que tal curso revolucionário causaria, promete emprestar "seu firme apoio e ajuda ativa", aparentemente em forma de "slogans" que não enchem os estômagos...

Finalmente, e este talvez seja o elemento mais agourento no artigo, Lin insiste em que não decline a pressão comunista, até que todo o mundo venha a cair sob o controle marxista. Lin chama a isso "a teoria mar-

xista-leninista da revolução ininterrupta".

A estratégia para esta "revolução ininterrupta" é baseada nas táticas de Mão Tsé Tung, empregadas durante a ocupação da China continental pelos comunistas. Essas táticas, sublinha Lin, envolveram o "estabelecimento de áreas revolucionárias básicas nos distritos rurais e no isolamento das cidades dos centros agrícolas". Projetando essa imagem em soma global, Lin denomina a América do Norte e a Europa de "Cidades do Mundo", dizendo que a tática de Mão poderá vir a ser empregada globalmente, considerando-se os demais continentes como "Áreas Rurais do Mundo". A estratégia comunista, portanto, conforme tal raciocínio, seria a de se apoderar inicialmente dos três continentes "rurais" — Ásia, África e América Latina — e, após, envolver e aniquilar os continentes industrializados — América do Norte e Europa.

Em resumo, Lin gostaria que os povos asiáticos, africanos e latino-americanos lutassem pelos comunistas chineses na sua guerra não declarada aos países não comunistas, especialmente às nações democráticas. Resta saber se os povos dos países em desenvolvimento estão dispostos a servir de instrumentos e vítimas dos desígnios de conquista mundial de Pequim.



IDENTIDADE: IPTA/709 - VALÉRIO REGIS KONDOR

PROFISSÃO:

FILIAÇÃO:

IDADE:

DADOS:

INSTRUÇÃO:

UNIDADE OU LOCAL DE TRABALHO:

RESIDÊNCIA:

20310

*Fredinando de
Oliveira*

DATA	FONTE	HISTÓRICO
Nov 50	CEMIMAR	Doc 634/31 - Informação - consta que o Sr. ROACYR MONTENHO NETO manteve contatos com comunistas, inclusive o Sr. VALÉRIO KONDOR afim de negociar o apoio do PCB a sua candidatura a deputado Federal com prioridade sobre qualquer outro comunista que teria que renunciar em seu favor. Ocorreu, porém, que os comunistas elegeram apenas um deputado, o Sr. ROBERTO MOREIRA, que não renunciou em favor de Sr. ROACYR MONTENHO NETO, o que provocou uma cisão entre os comunistas e o citado elemento.
18/9/59	DOPS/SP	Doc 48/30 - Informe - Consoante falarmos ao líder comunista DIOGO APOENSO SIMENES, contidas em relatório datado de 18-9-59, no PCB há elementos de valor e prestígio que, mesmo não ocupando cargos de destaque, orientam e mandam no Partido. Entre os nomes de nomes mencionados, destacam-se entre outros: VALÉRIO KONDOR.
Set 60	CEMIMAR	Doc 52/10 - Informe de que, através de Valério Kondor, membro do CC do PCB, a embaixada de Cuba noventa e Comitê pró-solidariedade à Revolução Cubana, no qual figuram inúmeros comunistas de marca como WALDIR GOMES DOS SANTOS, PEDRO TORRES, etc.
29/5/61	CEMIMAR	Doc 58/30 - Informe - consta que o Sr. VALÉRIO KONDOR teve assento à mesa que presidiu os trabalhos, no ATO PÚBLICO DE SOLIDARIEDADE A CUBA, na ANH e que proferiu palestras na Junta de Defesa da Revolução Cubana - Mais adiante, consta: VALÉRIO REGIS KONDOR - membro do CC/PCB, é ligação da embaixada de Cuba, no COMITÊ PRÓ-DEFESA DA REVOLUÇÃO CUBANA, no qual figuram outros notórios comunistas.
3/8/62	CEMIMAR	Doc 122/10 - Informe sobre reunião convenção da Frente de Libertação Nacional, no auditório da Câmara dos Vereadores, que contou com uma assistência de 500 pessoas. O Sr. Valério Kondor,

20311

20313

Fls. 2

CONTINUAÇÃO DO DOSSIÊ DE VALÉRIO REGIS KONDER

		se fazer uso da palavra, em seguida, passou a analisar o que foi o Congresso dos Partidários da Paz, de todo o mundo, realizado em Moscou, onde participaram mais de 4 mil delegados, os quais se entenderam perfeitamente, manifestando-se pela paz do mundo e, no fim de suas palavras, inferiu que o próximo Congresso se deverá realizar no Brasil.
Mar 63	CENIMAR	Doc 1242/30 - Informe - Consta que o prentuariado fêz parte da mesa por ocasião da inauguração do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, realizado na sede do Sindicato dos Operários Navais. O Sr Valério Konder atuou como secretário da mesa e fez a convocação.
8/4/63	CENIMAR	Doc 150/30 - Consta o seguinte: "Estamos informados que, do grupo de pessoas que têm influência comunista nos diversos setores, pela presença nos cargos de direção em diferentes entidades, fazem parte: VALÉRIO KONDER....."
29/9/64	IPM	Doc 399/10 - Informe sobre cópia de uma ata do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, denunciando que passou a adotar o então Movimento pela Proibição das Armas Atômicas. - Segunda ata da reunião realizada em 18 Abr 51, foi apresentada a ordem do dia, com um único ponto a ser discutido: "Posição de movimento em face de apelo por um pacto de paz", lançado na reunião de BERLIM, pelo Conselho Mundial da Paz. A ata é assinada por VALÉRIO KONDER - 1º Secretário. (Anexo, ao doc em apreço encontra-se a cópia fotostática da Ata da Reunião).
1964	SNI/SP	Doc 199/30.1 - Informe - Consta que VALÉRIO KONDER é do "Movimento Brasileiro em Prol da Paz".
		ANOTAÇÕES CONTIDAS NAS CADERNETAS DE PRESTES Konder - Informe s/reunião de Stokelmo. Resolução s/Cuba foi aprovada. A delegação chinesa colocou-se contra a política de paz da URSS. Tratou-se em seguida do Congresso Tri continental. Os chineses são contra a convocação de Congresso pelo Conselho Mundial da Paz. Os chineses querem a convocação pelo Comité Afro-asiático, de Cairo. Os chineses concordam com a convocação pela América Latina. Konder esteve com Cardenas que concordou. Caderneta nº 18 - Folha 19 Konder - Paz = Indonesia.



SECRETARIA DE SEGURANCA PÚBLICA
Estado do Paraná

20314
Judicial
cel
Ly.

=DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL=

IPM 709-PROT. 1492
N.º Entrada

= CERTIDÃO =



20312

CERTIFICO, em cumprimento a determinação do Sr. Dr. Delegado de Ordem Política e Social, atendendo solicitação do I- Exército, constante do ofício nº 226-J-IPM/709, que nos arquivos desta Delegacia, consta a ficha do teor seguinte: "Dr. VALERIO KONDER - data de 30/3/49." "Histórico:- 5/3/49: Nesta data o fichado proferiu uma conferência, sob os auspícios da U.P.E., à rua Monsenhor Celso, 261, sob o tema " A CRISE BRASILEIRA E O PROBLEMA DO PETRÓLEO", ao falar sobre a crise atual e do custo de vida, em ampla exposição, atribuiu tudo aos nossos mandantes, não só quanto as possibilidades descuidadas, sob a pressão norte-Americana, como também de brasileiros de má vontade, como Clóvis Pestana, João Daudt de Oliveira, Odilon Braga e outros. A seguir acusou o governo de querer vender o petróleo à Standart Oil; combateu também fortemente a Cia. Força e Luz do Paraná, incitando na hora quase que diretamente aos componentes da mesma e que tomasse atitudes contra aquela. No recinto estavam: Vieira Netto, ex-deputado comunista, Chagas Lima, vereador municipal da Capital e A. Carlos Raimundo. (Vide pasta Campanha do Petróleo) O Fichado assinou um manifesto conschitando o Povo a unir a fim de defender a Paz, a liberdade e a independência / Nacional (Vide Tribuna do Povo de 4/3/950)."

Era o que se continha em dita ficha, da qual, bem e fielmente extraí esta Certidão e dou fé.

Curitiba, 21 de julho de 1.965.

[Handwritten Signature]
E S C R I V A O.

VISTO
Curitiba, 21 de 7 de 1965
[Handwritten Signature]
DELEGADO

DELEGACIA AUXILIAR 20313

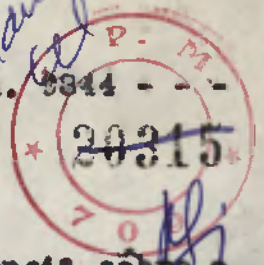
VK-4

CÓPIA

VALERIO KONNER - Dr. - - - - - Fronteiriça n. 3944 - - -

W

Juciano



A N T E C E D E N T E S

- 18.1.1949 - Realizou em Santos - São Paulo, uma Conferência sobre o processo contra o patrieta GREGÓRIO BEZERRA, conforme nota publicada na Fôlha do Povo de 18.1.1949 - - - - -
- 4.2.1949 - Publicou uma nota na Fôlha do Povo ~~XXXXXXXXXXXXXX~~ sob o seguinte titulo: "O PETRÓLEO-CENTRO NA LUTA PATRIÓTICA E BASE PARA A REFORMA AGRÁRIA. - - - - -
- 10.3.1949 - Publicou na Fôlha do Povo um artigo sob o titulo: QUEM VIVER VIVA - sobre o petróleo - - - - -
- 24.5.1949 - Realizou uma Conferência em Florianópolis na Praça Pública promovido pelo Centro Catarinense de Estudos e Defesa do Petróleo. - - - - -
- 22.8.1950 - Atuava como Secretário Geral do Movimento Nacional Contra a Bomba Atômica. Lançou um apelo aos partidários da Paz de todos os Estados no sentido de se prepararem para os Congressos estaduais e Nacional-Fôlha do Povo 22.8.50
- 8.9.1953 - Veio a esta Capital tomar parte em reuniões com os líderes comunistas desta Capital - - - - -
- 5 - 1953 - Veio a esta Capital realizar conferências sobre a Campanha da Paz. - - - - -

Recife, 23 de agosto de 1955

Valerio Konner

Arquivista



SECRETO

IPM 709-PROTOCOLO

N.º 2091 Entrada

INFORME Nº 1048/SNI/ARJ
(SS17-513/27 Set 65)

20314

Esta Agência transcreve, abaixo, dados constantes do prontuário de VALÉRIO REGIS KONDER, existente nos arquivos da BOPS/GB.

= "VALÉRIO REGIS KONDER, brasileiro, nascido em 28 de fevereiro de 1910, natural de SANTA CATARINA, de profissão médico, trabalhando no Dispensário Nacional de Saúde de SANTA CATARINA, casado, filho de MATOS KONDER e MARIA REGIS KONDER, atualmente médico do Ministério da Educação e Saúde, residente a rua Nascimento Silva, nº 87, aptº 2, no IPANEMA; possui passaporte nº 117.444 e carteira de identidade do Instituto de Identificação do RIO GRANDE DO SUL nº 194.897; "Registra na DOPS/GB o seguinte": Processo nº 1-C Comunismo origem D.F., motivo art. 1º c/c art. 14 e 20 § 2º da Lei nº 38 de 15/1/37.

Prisão preventiva decretada em 7/12/1936.
Sentença decretada em 28/7/37, absolvido.

Em 31/1/1936 por estar implicado, na qualidade de membro da "Aliança Nacional Libertadora", no movimento subversivo de 27/11/1935, respondeu a processo e foi absolvido pelo S.T.M. e foi posto em liberdade em 25/6/1937. Na fase legal do Partido, como um dos mais ativos dirigentes, presidiu a instalação do Diretorio provisório do P.C. em GOIÁS. Em agosto de 1949, foi portador de manifesto de LUIZ CARLOS PRESTES, no RIO GRANDE DO SUL e, como dirigente do Centro de Estudos e Defesa do Partido, percorreu todo o território nacional em propaganda ideológica, inclusive conclamando o povo a não aceitar a Lei de Segurança Nacional. Ainda em 1949, foi signatário de mensagem de felicitações a "STALIN" pela passagem de aniversário do ditador vermelho. Em 1950, candidatou-se a senatoria pelo antigo D.F., na chapa do PRT, que congregava a maioria dos comunistas, não logrando ser eleito. Em julho desse mesmo ano, foi um dos oradores numa reunião de comunistas, no Centro Democrático de Piedade e integrou a comissão promotora do Congresso da Paz que se realizou em SÃO PAULO. Realizou, em diversos Estados da Federação, importantes tarefas da direção do Partido e foi dirigente das seguintes entidades comunistas: C.E.D.P.E.N., Movimento pela Interdição da Bomba Atômica; Organização Brasileira da Defesa da Paz e da Cultura; Conselho da Paz e da Cultura do Distrito Federal; Liga da Defesa da Liberdade Democrática; Liga das Emancipações Nacionais; Instituto Cultural BRASIL-URSS e outras. Dirigente a RUSSIA e aos países do bloco comunista, nos anos de 1958, 1959, 1960, 1961 e 1963. Em 1937 foi processado e posto em liberdade, em virtude de HC. Em 28/7/37, nesta data, o STM julgou o Processo nº 1-C, absolvendo-o.

Em 9/4/47 esteve na Câmara dos Deputados se avistando com a bancada comunista.

Em 7/10/47 foi publicado na "Tribuna Popular" do dia 10/10/47, por ter sido nomeado membro do Diretorio Estadual provisório de GOIÁS, 9 Dez 47 esteve na C.D. falando com o Deputado ALCODO COUTINHO.

Em 22/10/48 com o objetivo de fazer o maior número possível de simpatizantes e adeptos do credo vermelho, compareceu a Conferência do M.A. I.P.

Em 15/6/48 é citado no termo de declarações de ELZA LOUREIRO DO CARMO, na Comissão de Assistência aos Servidores Públicos.

Em 12/10/48 foi um dos oradores do comício realizado na Praça da Bandeira, sobre "O petroleo e nosso".

Em 16/2/49 esteve em diversos Estados do Norte, fazendo comício, como representante do C.N.E.D.P.

= continua =

SECRETO

SECRETO

20315

ALFREDO DE MORAES

Estava em FORTALEZA na ocasião da prisão do comandante FILHO, tomando parte no Comício.

Em 20/5/49, foi representante da tese e da cultura da Paz, nos trabalhos da Assembleia do Distrito Federal levados a efeito pela Organização Brasileira de Defesa da Paz e da Cultura na sede da UNE, no dia 7 de corrente.

Em 27/6/49, na Câmara dos Deputados, conferenciou com parlamentar vermelho, PEDRO POMAR.

Em 2/8/49, foi eleito vice-presidente para o conselho da paz e da cultura do D.F.

Em 17/8/49, compareceu ao consultório do Dr. SÁ PIRES, onde em reunião, elegeram o conselho dos médicos "Pro-Paz" e escolhido como Delegado para o Congresso de BELO HORIZONTE, contribuía com um dia de salário pela Paz

Em 26/8/49, conforme publicou o jornal "A Cidade", de 23/8/49, foi eleito pelo Congresso Regional de Belo Horizonte, Delegado do Congresso. C. Americano.

Em 28/4/49, segundo boletim reservado de 2/8/49, da repartição Central / de Polícia do RIO GRANDE DO SUL, trouxe o manifesto lançado por CARLOS PRESTES, naquele Estado, publicado nesta Capital, trouxe ao Comitê Nacional do PCB, a palavra do orador da Direção Nacional, bem como indicação de novos e urgentes tarefas a serem cumpridas pelos comunistas Rio-grandenses.

Em 14/11/49, fêz uma Conferência a respeito da defesa do petróleo e da / Lei de Segurança, sob o patrocínio das Comissões da Defesa de Petróleo / dos bairros da PÊNHA, RAMOS e BONSUCESO, a qual se realizara na Rua Rêgo, 34 - sobrado - RAMOS.

Em 28/11/49, estêve na Câmara dos Deputados, onde se avistou com o Deputado PEDRO POMAR.

Em 17/12/49, fêz uso da palavra representando o C.N.E.D.P.E.N., conclamando o povo a lutar sem treguas contra a Lei de Segurança, quando a instalação e posse da Diretoria da Liga das Defesas das Liberdades Democráticas, na sede da Associação da Imprensa Campista, na cidade de CAMPOS. RIO DE JANEIRO.

Em 31/1/50, segundo publicidade da "Imprensa Popular" de 15/2/50, falando a reportagem deste jornal, declarou que KENNAN e MILLER são agentes de Guerra.

Em 24/2/50, segundo publicidade da "Imprensa Popular", pronunciou uma Conferência patrocinada pela Associação Profissional dos Trabalhadores do Arsenal de Marinha do RIO GRANDE DO SUL sobre a Conferência a ser realizada nesta Capital, de que fizeram parte KENNAN e MILLER.

Em 26/12/49, segundo publicidade da "Imprensa Popular" de 21/12/49, foi signatário, pelos intelectuais progressistas do BRASIL, de uma mensagem / de felicitações a STALIN pela passagem de seu 70º aniversário.

Em 30/3/50, segundo publicação de "O RADICAL", de 31/12/50, fêz uma Conferência no Centro Democrático Catete-Laranjeiras, no dia 22 do corrente, contra a "intromissão" estrangeira em nossa pátria.

Em 28/3/50, concedeu entrevista ao jornal "Imprensa Popular" sobre os recentes êxitos no campo da paz.

Em 30/3/50, detido nesta data nas imediações do Itamarati, quando da visita de Mac. Kenam, solto em 7/3/50.

Em 19/3/50, segundo publicação da "Imprensa Popular" desta cidade e nesta data, pertence ao Conselho Consultivo do Centro de Petrópolis.

Em 25/4/50, segundo publicação na "Imprensa Popular", membro da organização da paz, concedeu entrevista ao jornal.

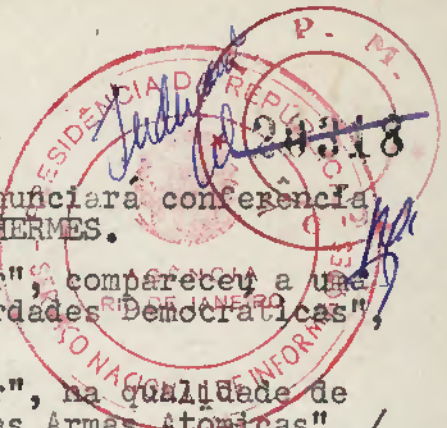
= continua =

SECRETO

SECRETO

=3=

20316



- Em 13/6/50, a "Imprensa Popular", noticiou que pronunciara conferência na sede, sita a Av. 1º de Maio nº 12, em MARECHAL HERMES.
- Em 13/6/50, segundo publicação da "Imprensa Popular", compareceu a uma reunião em VILA IZABEL da "Liga de Defesa das Liberdades Democráticas", onde tratara da interdição da Bomba Atômica.
- Em 12/7/50, segundo publicação da "Imprensa Popular", na qualidade de Secretário do "Movimento Nacional pela Proibição das Armas Atômicas", / concedeu entrevista a este jornal.
- Em 14/7/50, segundo publicação da "Imprensa Popular", nesta data foi entregue a PEDRO MOTA LIMA, lista contendo assinatura do M.N.P.P.A.A.
- Em 31/7/50, segundo informações deste Setor tomou parte numa reunião de comunistas, Centro Democrático de Piedade, no dia 28.p.p., fazendo várias críticas a polícia e ao governo dos EEUU, elogiou ZELIA MAGALHÃES e a líder comunista ANGELINA.
- Em 12/8/50, segundo "Imprensa Popular" assinou, na qualidade de secretário, em um manifesto do Movimento pela Interdição da Bomba Atômica.
- Em 10/9/50, segundo publicação da "Imprensa Popular", é candidato a Senador pelo PRT.
- Em 6/9/50, detido em BONSUCESSO no comício em manifesto ao público, "Panfleto Petróleo".
- Em 16/9/50, esteve na ÁFRICA como epedemologista chefe do Serviço Nacional da Malaria e como médico humanitarista da UNRRA., trabalhou em 1945 e 1946 na ITALIA e na GRÉCIA.
- Ainda em 1946, foi o dirigente do CEDPEN. (Centro de Estudos do Petróleo e da Economia Nacional), tendo percorrido todo o território nacional, em trabalho de propaganda contra a entrega de petróleo aos trustes ianques; e membro do Diretorio Nacional do Movimento pela Interdição da Bomba Atômica, também da Organização da Defesa da Paz e da Cultura.
- Em 13/9/50, conforme noticiário da "Imprensa Popular", nesta data, teve parte na mesa que inaugurou os trabalhos do Congresso Paulista Ante-Atômico, em solenidade realizada no teatro "Coliseu" de SÃO PAULO.
- Em 2/10/50, segundo "Imprensa Popular" é um dos dirigentes máximos do / Movimento Nacional pela Proibição das Armas Atômicas.
- Em 8/10/50, é integrante da Comissão Promotora do Congresso da Paz, a / se realizar em SÃO PAULO e dirigiu os trabalhos para preparação dos mesmos.
- Em 14/11/50, segundo "Imprensa Popular" fez uma comunicação pública / atingindo o total de 4 milhões de assinantes do apelo de ESTOCOLMO.
- Em 11/12/50, publicação da "Imprensa Popular" foi signatário de um manifesto ao povo.
- Em 6/1/51, segundo publica a "Imprensa Popular" foi entregue uma comunicação a redação deste jornal, protestando contra atitudes de Deputados cariocas.
- Em 1/2/51, segundo publicação em "Imprensa Popular" programa de campanha da paz dos comunistas a realizar-se em fins de Março.
- Em 26/2/51, segundo informação deste Setor, 14/2/50, esteve no dia 2/12/50 em BELO HORIZONTE, onde promoveu encontro com líderes comunistas e / elementos outros não pertencentes a este Partido, tendo sido a reunião, feita no Edifício Rio Branco, sito a rua Rio de Janeiro, esquina com / Santos Dumont, sala trezentos e sete. A sua demora naquela Capital, foi de dois dias, avistando-se em primeiro lugar com o comunista BRAULIO DINIZ, ARMINDO ZILLER, no dia 4, encontrou-se com o comunista Dr. CLOVIS SALGADO. A sua viagem teve por objetivo, arrecadação do dinheiro para compra de armamentos, segundo declarou na sua primeira reunião. O movimento que planejem esta muito bem arquitetado e se faz necessário importância em dinheiro para o Partido.

= continua =

SECRETO

SECRET

= 4 =

20317

Em 26/2/51, segundo "Imprensa Popular", esteve presente a Conferência realizada a rua Silva Gomes, 21 - sob., sob os auspícios da Associação Unificadora dos Partidários da Paz, em CASCADURA.

Em 7/1/51, segundo dados de caráter deste Setor, nesta mesma data, tomou parte na reunião realizada na sede da A.B.I., para tratar de assuntos referentes a entrevista concedida pelo vice-Presidente da República, do movimento carioca pela paz, onde esteve também presente PEDRO AMOTA LIMA, ROBERTO MORENA, EGÍDIO SQUEFF e RENATO ALENCAR.

Em 10/3/51, segundo parte s/nº, deste Setor, tomou parte, sendo um dos oradores, no comício comunista em frente a Esplanada do Castelo.

Em 22/3/51, segundo Boletim Regional nº 44, desta data, enviou uma carta a WALTER MOREIRA, dirigente do Comitê Municipal do PCB, em JUIZ DE FORA, MINAS, solicitando os bons ofícios de FALIO NERY, IRINEU GUIMARÃES e THOMAZ BERNARDINO, no sentido de ser incentivado, naquela cidade mineira as autoridades, relativas a comissão de defesa do petróleo.

Em 2/4/51, segundo "Imprensa Popular", eleições realizadas em 9/3/51, na sede do C.E.P.P.E.N., foi eleito para ocupar cargo no Conselho Consultivo.

Em 8/4/51, segundo publicação da "Imprensa Popular" de hoje, falando em nome do movimento brasileiro dos Partidários da Paz sobre a planejada concentração a porte do Itamarati em desagravo a Conferência de WASHINGTON, declarou: "Como havíamos previsto, a Conferência de WASHINGTON, chegou realmente a adoção de medidas de guerra, mas a resposta dos povos da América Latina, já se fez sentir" e prosseguindo: "agora mesmo, os partidários da paz, da ARGENTINA, BRASIL, CHILE, PARAGUAI e URUGUAI, com a adesão dos partidários da paz do PERÚ, se uniram num grande ato público, em MONTEVIDEO, para manifestar a vontade da paz dos nossos povos".

Em 23/4/51, segundo "Imprensa Popular", foi signatário de uma nota de protesto, lançado pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, contra a medida do Governo francês, que proibira o movimento, na FRANÇA, do Conselho Mundial da Paz.

Em 1/5/51, segundo publicação da "Voz Operária", foi signatário, em nome da Diretoria, do manifesto dos Partidários da Paz, de protestar contra as violências sofridas pelos comunistas e pedindo mandado de segurança, contra o ato do chefe de polícia proibindo a realização do comício do dia 26 próximo passado.

Em 19/4/51, segundo publica a "Imprensa Popular" esteve na redação deste jornal, integrando uma Comissão, que ali foi, a fim de entregar um memorial de protesto contra o envio de tropas para a COREIA, segundo dados reservados deste Setor de informações; em 30/4/51, esteve na Delegação de POLÔNIA, no dia 28 p.p.

Em 2/8/51, segundo Boletim Regional nº 140, desta data, foi orador em uma Conferência, realizada na sede da União Democrática - CATETE-LARANJEIRAS, sob o tema "Por uma pacto de paz", tendo atacado o Governo norte-americano.

Em 19/9/51, segundo Rádio nº 213, da DOPS, de MINAS GERAIS, desta data, esteve na capital mineira, onde se avistou com os dirigentes locais do PCB.

Em 12/10/51, segundo documentos apreendidos, é assinante da "Classe Operária".

Em 25/4/52, segundo of. nº 189/52-AGM-Reservado da DOPS de FLORIANÓPOLIS, datado de hoje, procedente desta Capital Federal, chegou recentemente a FLORIANÓPOLIS, se hospedando no Hotel La Porta, naquela cidade. Dias após, realizou uma reunião comunista em casa de JOSÉ PATROCÍNIO GALLOU, Juiz de Direito da 2ª Vara da Comarca daquela Capital, residente a rua Tromposki, 24 a qual estiveram presentes os participantes seguintes: Dr MIGUEL SALLES CAVALCANTI, SILVIO MARQUES DE OLIVEIRA, MARIO BASTOS, ODLIO MALHEIROS JUNIOR, CARMITA FILOMENO, FULVIO LUIZ VIEIRA, etc, além do

= continua =

SECRET

SECRETO

= 5 =

20318

PRESIDENCIA DA REPUBLICA
20320

Desembargador NICOMEDES ALVES PEDROZA, Deputado Estadual ISAAC LIBATO e RENATO MACHADO. Segundo consta ali, esteve em missão especial do Departamento Nacional de Saúde Pública e, dias antes da reunião citada, percorreu o Sul do Estado, bem como as cidades de ITAJAÍ, BLUMENAU e JOINVILLE. Exatamente 10 dias após os acontecimentos acima citados, realizou uma conferência na sede do Democrata Clube, daquela Capital, sob o patrocínio da União Catarinense de Estudantes, subordinados ao tema "PAZ - Problema contemporâneo" da qual constavam os seguintes trechos: Em seguida em longos improvisos começou a falar sob o tema da Paz e a situação mundial, no momento com referencia as mesmas com homens de varios recursos literários, segundo foi dado a entender, discursou também atualmente em voga pelos comunistas - A paz que por certo, conseguiu incutir no espírito dos menos esclarecidos ali presentes que suas palavras e opiniões eram sinceras. Por outro lado não procurou melindrar aqueles que ali presentes compareceriam o jogo da paz dos soviéticos, levou a palestra para o campo da exploração emocional e citou todos a assinar o manifesto pro-paz e contra o uso das armas atômicas, a fim de evitar a ida de soldados brasileiros, seus filhos, irmãos, etc., para o Exército da ONU. Ardilosamente ensinou os argumentos de que deveriam usar para conseguir mais e mais assinaturas no famoso "apelo" e fez referências a uma suposta entrevista que teria mantido com o Chefe da Nação sobre a remessa de soldados brasileiros para aquele Exército internacional e, concluindo: Em poucas palavras a criação, digo, a orientação da conferência, foi incitar o povo a assinar o manifesto pró-paz e criar um clima de adesão ao Congresso Continental pela Paz. Jogou o conferencista com dois golpes a saber: 1º. se de fato o movimento pro-paz tomou vulto desejado, consegue o que lhe é ditado por MOSCOU e 2º. se não consegue o que lhe é ditado por MOSCOU, conseguira no entanto, oportunamente, despertar o ódio do povo menos esclarecido e responsabilizar pessoalmente o Presidente da República pela ida de soldados brasileiros para o Exterior.

Em 26/VIII/51, segundo parte s/nº, deste St. I. desta data foi orador em uma conferência realizada na sede do Centro Democrático de Cascadura, sob o tema "Porque lutamos pela paz".

Em 12/10/51, segundo dados reservados do DOPS do RIO GRANDE DO SUL, tomou parte no IV Congresso Brasileiro de Escritores, realizado na Capital gaúcha, representando o movimento brasileiro dos partidários da paz.

Em 13/11/51, segundo parte s/nº deste St. I. (Auxiliar Peter) participou do III Congresso Nacional da Paz, realizado no Cassino Icaraí, em NITÉ-ROI.

Em 16/10/51, segundo B.R. 192 desta data, pronunciou uma conferência na sede da Associação Feminina do D.F., Av. Almirante Barroso, nº 97-6º and. sala 606, sob o tema da paz e próximo progresso.

Em 23/11/51, segundo documento desta Divisão apenas, digo, apenso ao S.I. nº 16.823 e S.I.V. nº 04.870, datados de hoje a exemplo do que vem fazendo varios dirigentes comunistas desta Capital Federal, vem de enviar diversas cartas aos militantes de JUIZ DE FORA e UBERLÂNDIA contendo instruções relacionadas com as "campanhas" partidárias que devem ser encetadas ou revigoradas quando já iniciadas naquelas localidades. Estas se resumem em lutas por aumentos de salários, contra a carestia e desemprego "Greves" "União Operária", arquivamento do processo contra PRESTES, anistia ampla, volta do PCB a legalidade, etc.

Em 13/02/52, solicitava nesta data verificação de antecedentes para fins de viagem para as Americas, Europa, Africa e Oceania.

Em 26/5/53, segundo telegrama do DOPS de FORTALEZA, apenso ao S.I. nº ... 6.197, e S.I.V. 1.534, nesta data o comunista fez uma conferência naquela Capital, sobre o movimento pela paz, com pequena frequência, seguindo para Salvador.

Em 30/5/52, segundo resumo dos boletins diários da DOPS de BELO HORIZONTE, datado de hoje, na qualidade de Presidente do Movimento carioca pela paz, vem de enviar um representante seu a BH, a fim de inspecionar a Seção

= continua =

SECRETO

SECRETO

= 6 =

20319

Mineira da Entidade que a seu ver, não está correspondendo as expectativas. Foi uncumbido de se fixar e especialmente, nos seguintes pontos: 1) - Tem sido restrito ao partido e não interessado ao povo; 2) - Não foi levado a sério nem na imprensa, nem no Parlamento e Assembleias do Estado; 3) - Não foi possível esconder sua origem e por isso tem sido visto com desconfiança, e 4) - Estão lutando com falta de recursos financeiros e sua manutenção esta dividindo o Partido de outras obrigações.

Em 17/6/52, segundo recorte da "Imprensa Popular", desta data, o comunista foi signatario de telegrama enviado ao Presidente da Republica, protestando contra o processo movido contra JORGE AMADO.

Em 1/9/52, segundo publicação da "Imprensa Popular", desta data, foi eleito para o Conselho Consultivo do CEDPEN na nova Diretoria, que tomara posse no proximo dia 22.

Em 28/1/53, segundo recorte da "Imprensa Popular" desta data, participou / de uma reunião das entidades que apoiou a campanha contra o acordo militar BRASIL-ESTADOS UNIDOS, levada a efeito ontem nº 7º and do Edif. da ABI, a fim de traçar planos de atividades comunistas.

Em 19/6/53, segundo Boletim Reservado nº 72, de 22/4/53, concordou em dar seu apoio e maior destaque ao Congresso Continental de Cultura, realizada em 26/4/53, na Capital chilena.

Em 23/9/53, segundo recorte da "Imprensa Popular" desta data, o comunista concedeu uma entrevista a esta folha, manifestando-se contrario ao horario de horas de trabalho que o Ministerio quer impor aos trabalhadores, dizendo ser uma medida condenada pela higiene moderna e importando na inutilização de homens validos, aumentou o numero de acidentes e e inconstitucional e criminosa contra os trabalhadores.

Em 4/5/54, segundo rádio nº 37 da DOPS de SALVADOR, datado de hoje, primeira edição do jornal comunista baiano, "O MOVIMENTO", vindo a lume, em 1º / de maio corrente (depois de seu recente empastelamento) publica longo artigo de autoria de LUIZ CARLOS PRESTES, onde e apontado seu nome como candidato popular as próximas eleições de outubro, no cargo de Senador.

Em 9/5/54, segundo publicação da "Imprensa Popular" de hoje, em consequência de sua candidatura acima citada, os funcionarios da PDF que apoiam-nó vem de instalar um posto eleitoral a Av. Presidente Vargas, nº 446. Ali também distribuirá cédulas dos candidatos populares HENRIQUE MIRANDA e GERALDO TEIXEIRA, que aspiram a Camara dos Vereadores desta Capital Federal.

Em 1/6/54, segundo publicação da "Imprensa Popular" desta data, instalou-se mais um posto eleitoral pro-candidatura do comunista, e do Vereador / ELISEU ALVES DE OLIVEIRA, localizado a rua Professor José Alberto, quadra 57, Jardim Santo Antonio - HONÓRIO GURGEL, com a presença de varios moradores do bairro.

Em 4/6/54, segundo publicação da "Imprensa Popular" desta data, o comunista e secretario do movimento brasileiro dos partidarios da paz.

Em 19/1/55, segundo comun. da "Imprensa Popular", tomou parte em uma reunião da Diretoria do Conselho do Movimento Carioca Pela Paz.

Em 17/2/55, segundo B.R. nº 23, datado de 2/2/55, participou de uma reunião na ABI.

Em 7/3/55, solicitou verificação de antecedentes, para fins de viajar para a FRANÇA.

Em agosto de 1963, foi prêsso quando formava piquete na greve do Porto de SANTOS, e neste mesmo mes, foi prêsso em SP como agitador, num comício na Praça da Sé. Ainda neste mesmo mes, foi prêsso em TABUAQUARA quando pichava inscrições pela volta do Partido Comunista a legalidade.

Em 12/10/63, recebeu uma carta de ROMA, endereçada ao PCB.

Em 2/4/64, no seu escritório sito à rua São José, nº 50, s/502, foram encontrados os seguintes documentos: Carta da Alemanha de WALTER BLOCH, endereçada a VALERIO KONDER; Carta de VARSÓVIA, datada de 2/12/1963, com varias assinaturas de adeptos do PC, de PORTO RICO, HONDURAS, COLÓMBIA, ARGEN-

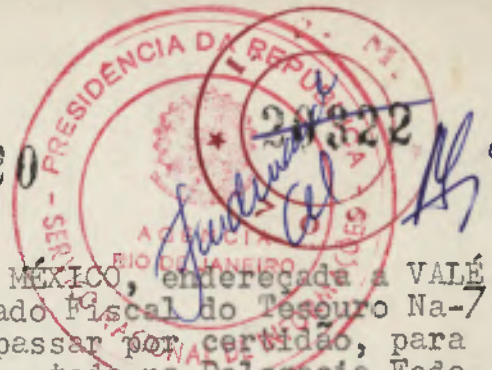
= continua =

SECRETO

SECRETO

= 7 =

20320



TINA, CHILE, BOLÍVIA, PERÚ, PARAGUAI, URUGUAI e MÉXICO, endereçada a VALÉRIO KONDER? Um requerimento de VALÉRIO ao Delegado Fiscal do Tesouro Nacional do Estado de PERNAMBUCO, pedindo mandar passar por certidão, para fins de aposentadoria, o seu tempo de serviço prestado na Delegacia Federal de Saude, no período de janeiro de 1938 a janeiro de 1939; Um manifesto com os seguintes dizeres: a)- Apoio a Reforma de Base; b)- A substituição de Ministro não resolve; c)- Uma Frente para medidas Legislativas e Administrativas; d)- Sugestões para consultas e muitos outros dados sobre o PC e um bilhete dirigido ao Sr. OSCAR NIEMAYER com os dizeres: -"É possível, na sua opinião, um relaxamento de tensão mundial, se tentar criar uma nova força atômica agressiva multilateral, com a participação da ALEMANHA OCIDENTAL?"; e)- Uma carta referente ao Comitê de atividades de CUBA, endereçada a VALÉRIO; f)- Uma carta pedindo ao Sr. RODOLFO, para interceder junto ao Sindicato, o aproveitamento na PETROBRÁS, do Cabineiro MANOEL ED MUNDO ESPÍNDOLA FILHO, nascido em 16/11/35, com o 2º Comercial Básico; uma carta de boas festas do Comitê de Las Mugeris Búlgaras.

Em março de 64, regressou de uma viagem à RÚSSIA, onde esteve com o Presidente da U.B.E.G.N.

Ainda em março de 64, liderou o movimento camponês na BAHIA.

Em 6/5/64, foi encontrada em seu escritório, uma relação de Servidores.... (ilegível) Comunista do Ministério da Saude com os seguintes nomes:- VALÉRIO KONDER - MARIO MAGALHÃES DA SILVEIRA - FAUSTO MAGALHÃES DA SILVEIRA - PEDRO BORGES - ISNARD TEIXEIRA - NELSON DE FREITAS GUIMARÃES - RICHART DE ALMEIDA RODRIGUES - EDGARD AMORIM - MARIO FESTIPOLDE - ALTAMIRAN DO COSTA - WALDIR PIRES - FRANCISCO RODRIGUES ALBUQUERQUE e ARNOLDO BEIRÓS DE MIRANDA".

DISTRIBUIÇÃO:

1PM/709

Gab SG/CSN

ARJ/SNI

INQUERITO POLICIAL MILITAR
SECRETARIA
PROTOCOLO 350

4-Out-65

* * * * *
* * *
*

SECRETO



20321

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA CIVIL

ARQUIVO GERAL

IPM 709-PROCOLO

N. 1679 Entrada 6-OUT-61

Consta o nome de

VALÉRIO REGIS KONDER:- Comunista. Médico carioca.

Em 21 de janeiro de 1950:- Segundo serviço reserva do desta Divisão, o marginado esteve em Santo Ângelo como emissário do CONSELHO NACIONAL DE DEFESA DO PETROLEO, uma frente legal do PCB., ocasião que frizou aos comunistas que o Brasil tem tôdas as condições para uma revolução agrária.

Em 23 de setembro de 1950:- Conforme publicação do jornal comunista "VOZ OPERÁRIA", VALÉRIO KONDER foi candidato a Senador da República, por indicação de LUIZ CARLOS PRESTES.

Em 1º de agosto de 1949:- Conforme serviço reservado desta Divisão, o marginado tomou parte na mesa diretora dos trabalhos "CONGRESSO ESTADUAL PELA PAZ", uma das frentes legais do PCB.

Em 27 de março de 1952:- Conforme publicação do jornal comunista, "A TRIBUNA", quando da CONFERÊNCIA CONTINENTAL PELA PAZ, realizada em Montevideo, VALÉRIO KONDER foi um dos Delegados Brasileiros e na ocasião da recepção destes, fez uso da palavra, saudando as demais delegações, distribuindo selos desenhados por artistas plásticos do Brasil.-

Nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 1950:- Conforme serviço reservado do DOPS de São Paulo, VALÉRIO KONDER participou do "II CONGRESSO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ", realizado na Capital Bandeirante, tendo tomado parte na mesa diretora dos trabalhos.-

Em 10 de novembro de 1951:- Segundo boletim reservado do Departamento Federal de Segurança Pública, realizou-

ENRIQUE BANCELLOS DA SILVA
Delegado de Polícia



20322

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA CIVIL

ARQUIVO GERAL
=====

Handwritten initials and stamps: "M. 20322", "Arquivo Geral", "C. D. P. S.", and "Tarduan Cel".

Consta o nome de

VALÉRIO REGIS KONDER: Comunista. Médico carioca.

realizou-se , em Niteroi, o "III CONGRESSO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ". Valério Konder foi eleito um dos presidentes das sessões plenárias.

Em 29 de novembro de 1951:- Segundo boletim reserva do do Departamento Federal de Segurança Pública, VALÉRIO KONDER foi signatário, juntamente com outros comunistas, de um manifesto à Câmara Federa, pedindo a nacionalização da Light. Movimento patrocinado pelo CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO PETRÓLEO E DA ECONOMIA NACIONAL, uma das frentes legais do PCB.-

Em 19 de junho de 1952:- Consoante boletim reserva do do Departamento Federal de Segurança Pública, VALÉRIO KONDER foi, entre outros comunistas, signatário de um telegrama ao Embaixador da França, protestando contra as medidas que o govêrno vinha tomando contra os bolchevistas daquele país.-

Em 22 de julho de 1952:- Conforme publicação do jornal comunista, "A TRIBUNA", VALÉRIO KONDER, juntamente com outros comunistas, assinou um memorial, apelando à Câmara - que regeitasse o acôrdo com os Estados Unidos.-

Em 31 de agosto de 1952:- Conforme boletim reserva do desta Divisão realizou-se nesta Capital, uma reunião do "CONSELHO NACIONAL DO MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS/ DA PAZ", à qual compareceram delegações comunistas de todos os Estados da Federação, tendo, VALÉRIO KONDER, comparecido como membro efetivo do "CONSELHO MUNDIAL DOS PARTIDÁRIOS / DOS PARTIDÁRIOS DAPAZ". Na referida reunião, VALÉRIO KONDER Secretariou os trabalhos.-



ENIR BARCELLOS DA SILVA
Delegado de Polícia

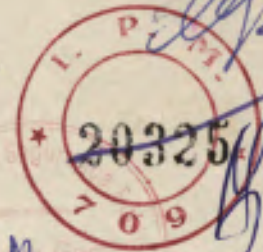
410



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA CIVIL

ARQUIVO GERAL
=====

20323



Inducao
Ca

Consta o nome de

VALÉRIO REGIS KONDER:- Comunista. Médico carioca.
=====

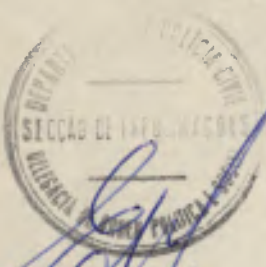
Em 25 de fevereiro de 1953:- Conforme boletim reservado desta Divisão, realizou-se na Sociedade Espanhola uma reunião de apoio ao "CONSELHO NACIONAL BRASILEIRO - DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ", promovida pelo "MOVIMENTO ESTADUAL DE DEFESA DA PAZ". Nesta reunião VALÉRIO KONDER tomou parte na mesa diretora dos trabalhos como um de seus mais fortes membros.-

Em 25 de junho de 1953:- Conforme boletim reservado do Departamento Federal de Segurança Pública, sob o patrocínio dos comunistas, realizou-se um debate público sobre a paz na Coreia, armistício e pacto de paz entre as grandes potências, tendo por local a sede da ABI. Tomaram parte nos debates vários comunistas, entre eles, - VALÉRIO REGIS KONDER.-

Em 26 de janeiro de 1953:- Conforme boletim reservado da Divisão de Ordem Política e Social do Rio de Janeiro, VALÉRIO KONDER tomou parte numa reunião de todas as entidades que apoiavam a campanha contra o ACÓRDO MILITAR, BRASIL-ESTADOS UNIDOS.

Em 1954:- Conforme boletim do Departamento Federal de Segurança Pública, VALÉRIO KONDER, foi candidato popular a Senador, com o apoio e propaganda de suas camaradas comunistas.-

Nos dias, 3, 4 e 5 de abril de 1955:- Conforme boletim reservado do Departamento Federal de Segurança Pública, realizou-se uma Assembléia das Forças Pacíficas, para indicação dos delegados que deveriam participar da



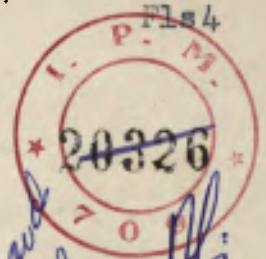
ENRIQUE BARCELLOS DA SILVA
Delegado de Policia



20324

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA CIVIL

ARQUIVO GERAL
=====



Jeduard al

Consta o nome de

VALÉRIO REGIS KONDER:- Comunista. Médico carioca.-
=====

Em 6 de janeiro de 1955:- Conforme publicação do jornal comunista "A TRIBUNA" o sanitarista VALÉRIO KONDER deu uma entrevista denunciando "criminoso" projeto de nova guerra mundial. O título da entrevista era:- "AMEAÇADO O BRASIL PELAS EXPERIÊNCIAS ATÔMICAS". Embora denunciando guerra, o comunista profissional falou mais em paz do que em guerra, pois seu intento éra propagar/ o MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, de cuja organização éra presidente.

Em 5 de maio de 1955:- Conforme publicação do jornal comunista, "A TRIBUNA", realizou-se, no Rio de Janeiro, a "ASSEMBLÉIA NACIONAL DAS FÔRÇAS DA PAZ" e VALÉRIO KONDER fêz parte de mesa que dirigiu os trabalhos.

Em 3 de novembro de 1960:- Publica o jornal "A HORA" que os comunistas pretendiam atrair para sua área, o ex presidente Jânio Quadros e nesse sentido foi realizada uma reunião secreta em casa do comunista ABEL CHERMON, presidida por Luiz Carlos Prestes, entre outras resoluções de campanha de apóio a Cuba, foi recolhido o médico sanitarista e grande comunista, VALÉRIO KONDER para conferencista e promotor de reuniões pela paz e solidariedade ao povo cubano.***

Pôrto Alegre, 13 desetembro de 1965.

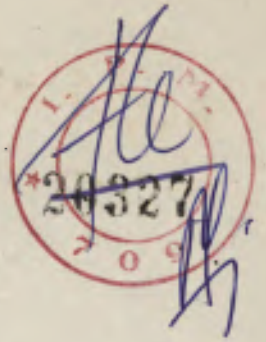
Edy Jose da Silva
Chefe do Serviço de Arquivo Geral.



129

20325

cu



I P M / 709

Encarregado:

Tenente Coronel FERDINANDO DE CARVALHO

Escrivão:

Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO

Ofendido: O Estado

Indiciados: LUIZ CARLOS PRESTES e outros

A U T U A C Ã O

Aos ³⁰..... dias do mês de ^{agosto}..... de mil novecentos e sessenta e ^{seis}..... (1966), nesta Cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, A U T U O, em cumprimento ao Despacho de 08 de outubro de 1964 (fls. ^{513/514}.....), os documentos que a este junto, relativos a Gulpiano Cavalcante de Araujo. (fls. 20.327-A a 20.333).

e me foram entregues pelo Senhor Encarregado do Inquérito, do que, para constar, lavrei o presente termo.

Eu, Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, servindo de escrivão, que o datilografei e subscrevo.

Raymundo
RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO,
Escrivão, servindo de escrivão.

20326-20327-A
I. P. M.
709
[Handwritten signature]

MINISTÉRIO DA GUERRA
I EXÉRCITO
TPM/709

NOME: VULPIANO CAVALCANTE DE ARAUJO

1. PRONTUÁRIO

(Fls. 20.329 Vol. 90)

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

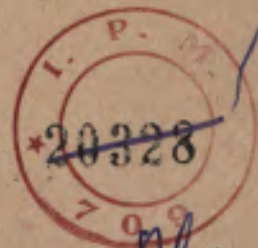
RELAÇÃO ANEXA (Fls. 20.331 Vol. 90)

3. DEPOIMENTO

(Fls. _____ Vol. _____)

20327

me



IPM/709 - Sec Est Invest

PRONTUÁRIO DE

VULPIANO CAVALCANTE ARAUJO

00129

65



VULPIANO CAVALCANTE

— É com orgulho que vejo O DEMOCRATA em seus primeiros dez anos de lutas em prol. Tive a satisfação de juntamento com um punhado de idealistas, contribuir para que o Ceará tivesse um jornal que lutasse pelos ideais do Cavaleiro da República. Ainda precisamos lutar muito para tornar o DEMOCRATA num órgão inteiramente à altura das grandes tarefas que lhe foram confiadas.



VULPIANO CAVALCANTE

— É com orgulho que vejo O DEMOCRATA em seus primeiros dez anos de lutas em prol. Tive a satisfação de juntamento com um punhado de idealistas, contribuir para que o Ceará tivesse um jornal que lutasse pelos ideais do Cavaleiro da República. Ainda precisamos lutar muito para tornar o DEMOCRATA num órgão inteiramente à altura das grandes tarefas que lhe foram confiadas.

IDENTIDADE: IPM/709 - VULPIANO CAVALCANTI DE ARAÚJO

PROFISSÃO:

FILIAÇÃO:

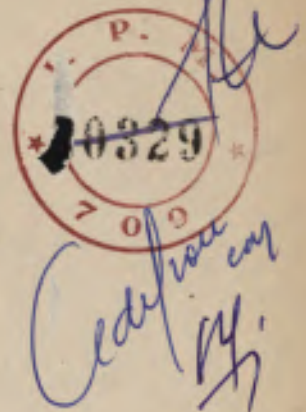
IDADE:

DADOS:

INSTRUÇÃO:

UNIDADE OU LOCAL DE TRABALHO:

RESIDÊNCIA: Rua Capos Sales, 621 - Natal - RN
Rua Pte Café Filho, 870, Praia do meio - Natal - RN.



20328

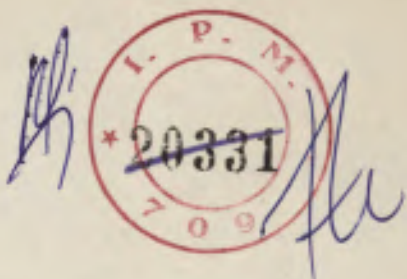
DATA	FONTE	HISTÓRICO
2/4/56	SSI/10a RN	Doc 158/7 - Informe - Consta que o prontuário com pareceu e usou da palavra por ocasião da reunião comemorativa do 10º aniversário da fundação do DEMOCRATA. X
23/11/57	Fortaleza/IPM	Doc 1230/7 - Cópia Autêntica de uma Ata da Assembleia Geral da OB Augusto Pinto - Consta a intervenção de VULPIANO, que compareceu à Reunião: - "Crítica o cam. informante em virtude de seu inf. apresentar-se completamente vazia..... Há nove meses que não nos reunimos e ressalta que a B. é diretamente assistida pelo CR. Considera justa a posição do CR frente as eleições que se enquadram perfeitamente no documento de Prestes, mas critica a falta de comando que se observa em todo o Partido. Salienta que a Frente Nacionalista assim como os comícios que atualmente se realizam em Fortaleza com a participação do Partido, estão sendo manobradas por politiquês. - (O prontuário é um dos signatários da Ata). ✓
1960	SEI/NATAL	Doc 460/21 - Declarações de José Alves Cavalcanti - Declara que, como comunista, juntamente com José Campelo Filho e Prestextato José da Cruz alguma vezes // reúnem-se informalmente com o Prof Luiz Maranhão Filho e raramente o/ o Dr Vulpiano Cavalcanti, na casa de um outro pa. trocaram ponto de vista sobre seu pensamento e receberam a sua opinião sobre o que o movimento comunista achava da atuação deles dirigentes // sindicais, as quais muitas vezes não eram aceitas pelo declarante. ✓
1962	SEI/NATAL	Doc 459/21 - Declarações do comunista LUIZ CAVALCANTI DE LIMA. Declara que; em 1962, foi convidado a // comparecer a uma reunião comunista em Ponta Negra, onde comparecia o prontuário, VULPIANO CAVALCANTI de ARAÚJO, tendo o declarante recusado. ✓
3/12/62	S N I	Doc 83/31 - Informe de Recife - Consta que Cel Ref Jocelyn Barreto Brasil - Transitou pelo Aeroporto de Natal, sendo recebido pelo Sr. VULPIANO CAVALCANTI, líder comunista local. X
1964	SEI/NATAL	Doc 452/21 - Resposta do PB - Consta que o prontuário, segundo foi apurado nos Inquiridos após a Revolução, militava no CE/RGN. - Consta também que se realizavam reuniões comunistas clandestinas na residência do prontuário, na Praia do Meio. ✓

20329

Fls 2

CONTINUAÇÃO DO DOSSIE DE VULPIANO CAVALCANTI DE ARAÚJO

-	IPM/CEL CARLOS VERAS	Doc 1359/31 - Relatório de IPM - Declarações de EV LIN MEDEIROS - Declara que, filiado ao Partido, contribuía nessa época e/ cinquenta cruzeiros mensais, que essa contribuição era paga quando da realização de reuniões na casa de VULPIANO CAVALCANTI, sendo recebida pelo mesmo ϕ ou por outro participante.
-	-	<p>Doc 1361/21 - Relatório do IPM procedido em Natal, pelo Cap Enio Albuquerque, digo, Enio Albuquerque Lacerda - Consta, sobre VULPIANO CAVALCANTI DE ARAÚJO, Médico - Comunista confesso - (Fls 372, 669, 19, 37, 60, 106, 142, 144, 157, 439, 575 ponto 1, 628, 657, 751, 759, 830, 835, 874, 930). Aceita o marxismo-Leninismo (fls 372, 669). Compreende que os problemas políticos-socio-economicos do Brasil, serão resolvidos pelo Regime Socialista (fls 372, 669). Na qualidade de comunista, lutou e lutará sempre para o desenvolvimento do comunismo (fls 372, 669). Reafirmaria sua qualidade de comunista, apoiando as Reformas preconizadas por João Goulart (fls 372, 669). Como comunista, atuava nas organizações de massas mobilizando o povo para apoiar as Reformas de Base, Agrária, Sindical, Bancária, etc (fls 372, 669). Últimamente angariava fundos pa. o jornal comunista "Novos Rumos", por meio de rifas, festas e donativos (fls 372, 669, 56, 759). Atuava junto às Ligas Camponesas (fls 372, 669, 558). Apoiou a greve da Polícia Militar do Estado // (fls 372, 669). Hospedava em sua residência, outros comunistas (fl 669).</p> <p>Promovia, em sua residência, reuniões comunistas da Frente de Mobilização Popular e da Frente de Libertação Nacional (fl 669). Mantinha em sua residência, 7 reuniões políticas com outros comunistas (fls 20, 339, 424, 425, 575, 626, 627, 724, 929, 959, 960, 961, // 1020, 1037). Apontado como líder esquerdista (fls 191, 678). No interior do Estado, doutrinava os trabalhadores rurais, incutindo nos mesmos suas idéias (fls 256, 558, 848, 896). Juntamente com outros elementos comunistas, participava de reuniões secretas, na Prefeitura de Natal (fls 276, 1012). Comemorou em sua 7 residência, a passagem do último aniversário do Partido Comunista do Brasil (fls 316, 962). Pregava a subversão no Est. do Rio Grande do Norte (fls 454, // 896). Integrou a Frente de Mobilização Popular (fls 732, 733), órgão orientado pelo Partido Comunista do Brasil (Doc nº 58 - Fls 1237, 1238). Criador da Juventude Comunista (JUC) fls (928, 929). Por outro lado, digo, por outros comunistas, foi proposto para o Ambulatório da Estrada do Ferro Sampaio Correia (Doc nº 115 - Fl 1300). Mantinha relações íntimas com outros comunistas (Doc nº 117 - Fls 1305).</p>



MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPM/709

20330

[Handwritten signature]

NOME: YULPIANO CAVALCANTE DE ARAUJO (V C A)

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

DATA	FONTE	HISTÓRICO
18 Mar 66	SEIG/NATAL	Doc VCA-1 - Folha de Antecedentes criminais.
-	1º/4 RO-105	Doc 1356 - Dossier.

FÓLHA DE ANTECEDENTES CRIMINAIS

VGA-1

Sobrenome **CAVALCANTE DE ARAÚJO (Dr.)**

Nome **VULPIANO**

Vulgo

Idade **44** anos Nascido no dia **15** de **março** de 19 **11**

E. Civil **Casado** Nacionalidade **Brasileira** Natural de **Fortaleza Co.**

Pai **Luiz Genzaga Cavalcante.**

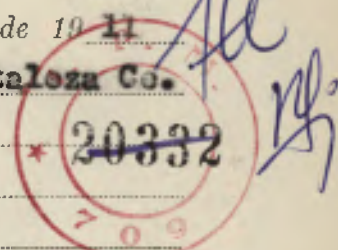
Mãe **Luiza Cesar Cavalcante de Araújo** Instrução **Superior.**

Profissão **Médico** Residência

Notas Cromáticas { Cór **Branca** Cabelos Estatura: 1m. e cts.

Barba Bigode Olhos **20331**

Prêso em de de Identificado em **13** de **julho** de 19 **64.**



SINAIS PARTICULARES

Fotografia tirada em de de 19



OBSERVAÇÕES

Identificado a requisição de Delegado de Polícia Especial, por motivo de participação subversiva neste Estado.

Identificado

Manoel Borges de Lima

Identificador

Edivaldo G. Soares
Chefe da Seção

REGISTRO GERAL No. **3740.**

Individual Datiloscópica

Série

Seção

IMPRESSÕES DIGITAIS

SÉRIE

MÃO DIREITA	X	X	X	X	X
-------------	---	---	---	---	---

Polgares

Indicadores

Médios

Anulares

Mínimos

SECÇÃO

MÃO ESQUERDA	X	X	X	X	X
--------------	---	---	---	---	---



Rio Grande do Norte
SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR E SEGURANÇA
INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL E CRIMINALÍSTICA

Natal, 18 de março de 1966.

Ào Ilmo Sr. Cel. Ferdinando, Encarregado do IPM/709.

Atendendo à solicitação contida no ofício n. 412-IPM/709.

Datado de 17 de fevereiro de 1966; apresento a V. Sa.
esta fôlha de antecedentes criminais de VULPIANO CAVALCANTI DE ARAÚJO(Dr).

que figura no Registro Geral do Setor de Prontuarização da Secção de
Identificação deste Instituto sob n. 3740 onde consta do Prontuário
nº 20.862, por haver participado de atividades subversivas neste Estado.

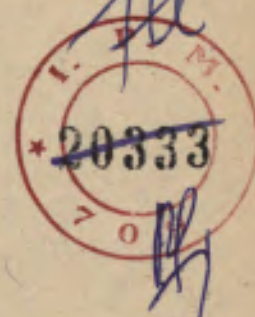
Saudações

Milton Ribeiro Dantas

DIRETOR GERAL

VULPIANO CAVALCANTI DE ARAÚJO

Consta de seu DOSSIER arquivado nesta Unidade



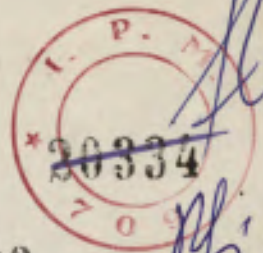
20332
me

- É comunista ideológico e atuante.
- Mantinha relações com: /
 - Luiz Gonzaga dos Santos
 - Luiz Maranhão
 - Djalma Maranhão
 - Aldo Tinôco
- Hospedou várias vezes em sua residência o Cel R/1 da FAB Jocelin Brasil.
- Hospedou em sua residência o Padre Alipio de Freitas.
- Tinha ligação direta com o Sr Floriane Bezerra de Araújo, cooperando ativamente no problema das ligas camponesas.
- Por várias vezes esteve prêso.
- É indiciado em I P M instaurado nesta Guarnição cujo Encarregado pertence ao 16º Regimento de Infantaria.

5/2
1/4
RO 10
Natal

30

I P M / 709



20333

Encarregado:

Tenente Coronel FERDINANDO DE CARVALHO

Escrivão:

Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO

Ofendido: O Estado

Indiciados: LUIZ CARLOS PRESTES e outros

A U T U A C Ã O

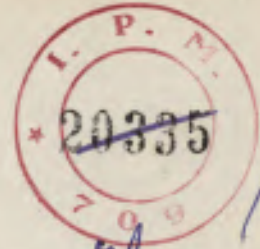
Aos 30 dias do mês de agosto de mil-novecentos e sessenta e seis (1966), nesta Cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, A U T U O, em cumprimento ao Despacho de 08 de outubro de 1964 (fls. 513/514), os documentos que a este junto, relativos a Waldir Gomes dos Santos

(fls. 20.335 a 20.340)

e me foram entregues pelo Senhor Encarregado do Inquérito, do que, para constar, lavrei o presente termo.

Eu, Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, servindo de escrivão, que o datilografei e subscrevo.

Raymundo Theotônio de Moraes Quadros Filho
RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO,
escrivão, servindo de escrivão.



MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPM/709

20334

Handwritten signature/initials

NOME: WALDIR GOMES DOS SANTOS

1. PRONTUÁRIO

(Fls. 20.337 Vol. 90)

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

(NÃO EXISTEM)

RELAÇÃO ANEXA (Fls. Vol.)

3. DEPOIMENTO

(Fls. Vol.)



20335

me

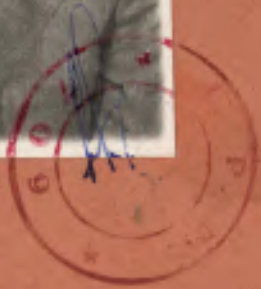
Hi

IPM/709 - Sec Est Invest

DADOS SÔBRE

WALDIR GOMES dos SANTOS

00130



EDUCIDADE:

PROFISSÃO:

FILIAÇÃO:

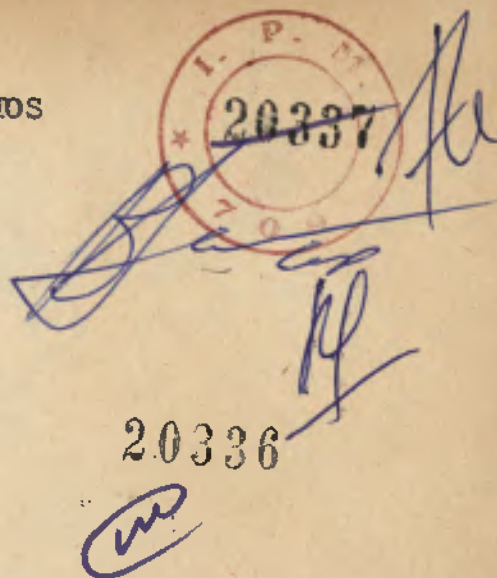
IDADE:

DADOS:

INSTRUÇÃO:

UNIDADE OU LOCAL DE TRABALHO:

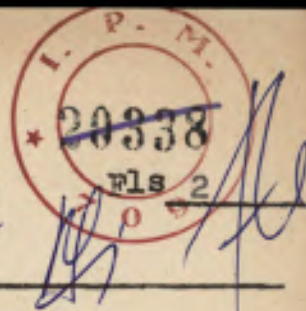
RESIDÊNCIA:



DATA	FONTE	HISTÓRICO
Fev 60	DPPS	Dec 84/10 - Boletim reservado de jornal sindical "ORLA MARÍTIMA".
Set 60	CENIMAR	Dec 52/10 - Informação: fazia parte do Comitê / Pré-Solidariedade a Revolução Cubana que era movimentada pela embaixada cubana através de Valério Kender, de CC.
Out 60	--	Dec 108/10 - Informe: 1º secretário (político) / do Comitê Regional Marítimo.
Ago 61	CENIMAR	Dec 86/10 - Informação: foi citado pelo 1º Secretário de CRM como um dos líderes marítimos // que contribuiu espontaneamente para o programa // de finança de CRM:
Set 61	CENIMAR	Dec 94/10 - Informação: esteve presente a uma / reunião do Comitê Regional Marítimo.
Set 61	CENIMAR	Dec 103/10 - Informação: um dos dirigentes de / CRM que esteve presente a reunião na Delegacia / dos Marinheiros, em Niterói, por ocasião da ação // do "Comando Geral de Greve" nos acontecimentos / verificados com a mudança de sistema presidencialista.
Fev 62	CENIMAR	Dec 552/10.1 - Informação: foi eleito 5º secretário de secretariado de CRM, por ocasião da Conferência de CRM, realizada nos dias 16, 17 e 18 de fevereiro de 1962, na sede do partido a rua / Senador Pompeu 123, fundos.
Mar 62	CENIMAR	Dec 92/10 - Informação: foi eleito delegado pela OB da empresa ISHIKAWAJIMA a 2ª conferência / dos militantes de PCB no setor marítimo realizada nos dias 16, 17 e 18 de março de 1962, na sede de jornal "ORLA MARÍTIMA".
Mar 62	CENIMAR	Dec 553/10.1 - Informação: eleito para a direção // de CRM por ocasião da Conferência Nacional / dos CC.EE. e OO.BB., em data próxima.
		Continua.

SECRETO

20337



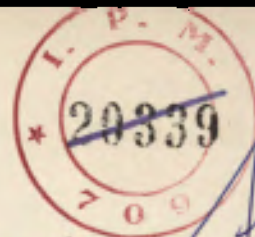
Continuação do dossiê de WALDIR GOMES DOS SANTOS

25/10/62	CENIMAR	Doc 595/10.1 - Informação: esteve presente, na qualidade de representante da Federação Nacional dos Marítimos ao comício "em defesa da paz e contra o bloqueio de imperialismo yanque a Cuba", realizado nas escadarias da Assembleia Legislativa da Guanabara, e ao qual compareceram também figuras preeminentes de PCB.
Nov 62	DOC APREEN- DIDO NO ES- CRITORIO DE MARCO ANTO- NIO	Doc 875/10.1 - Transcrição de Agenda: atribuído ao prontuário e horário de "9.55" para uma "intervenção" em reunião realizada no dia 9-11-62.
Mai 63	DEPOIMENTO DE ANTONIO PEREIRA NE- TO	Doc 87/10 - Depoimento: foi citado como con- tribuinte do Partido Comunista: foi citado ain- da como pertencente à OB dos marinheiros. O de- poente declarou ter ingressado no Partido Comu- nista por intermédio de prontuário, em 1961. O depoente declarou também ser o prontuário representante do Sindicato dos Marinheiros jun- to ao Comando Geral dos Trabalhadores. Segundo o depoente o prontuário era elemento de liga- ção do Sindicato dos Marinheiros com o Partido Comunista e ainda o presidente da organização de base do Partido Comunista no referido sindi- cate. Declarou também o depoente que o prontu- ário era quem trazia para discussão nas reu- niões da OB os temas ou assuntos do Partido Co- munista.
Set 64	SNI Ag SP	Doc 199/30.1 - Informação; relacionado por es- ta agência como um dos comunistas que coopera- vam ativamente para o desenvolvimento do comu- nismo.
Dez 64	MIN DA GUER- RA	Doc 620/31 - Informe: fez parte de um grupo que vem atuando juntamente com fiscais da SUNAB na sabotagem ao controle dos preços, em ação de âmbito nacional, dizendo aos comerciantes para aumentarem os preços das mercadorias e ge- neros, a pretexto de nivelá-los.
Dez 64	DOPS	Doc 451/30.2 - Informação: membro efetivo do Comite Regional Marítimo e membro da comissão executiva da Comissão Permanente das Organiza- ções Sindicais (C.O.P.S.). Também é um dos principais dirigentes do Comando Geral dos Tra- balhadores. (CGT).
Mar 65	SNI - ARJ	Doc 412/10.1 - Informe: fez parte de uma reu- nião de líderes do PCB na Guanabara, realizada no Estado do Rio, em data próxima, quando foi discutida a formação de um novo partido que se- guirá a linha chinesa, pois o grupo é remanes- cente do CRM, que foi dissolvido pelo CC, com o descontentamento dos seus membros.
Mai 63	CENIMAR	Doc 631/20 - INFORMAÇÃO: esteve presente a u- ma reunião de comunistas na ilha de Mocanguê /

Importante

SECRETO

20338



CONTINUAÇÃO DO DOSSIE DE WALDIR GOMES DOS SANTOS

		Pequeno, na qualidade de secretário de CRM.
		INFORMAÇÕES CONTIDAS NAS CADERNETAS DE PRESTES Sob o nome de WALDIR há as referências abaixo: Caderneta nº 13 - Folha 19 - Transcrição: "Meises - situação eleitoral em S. Paulo. Jânio está c/Brizola, Arrais, Tenorio, talvez também com Valdir na Bahia". Caderneta nº 15 - Folha 94 - Transcrição: "Bahia - Valdir Fernando Aristeu - registre para Aristeu e apêio para Valdir". Caderneta nº 16 - Folha 162 - Transcrição: "Valdir - passeata dia 6 em Niterói". Caderneta nº 7 - Folha 21 - Transcrição: "Valdir disse desejava ser infernado pelo CC, após o balanço, se não se trata de manifestação oportunista pequeno burguês".

dir
cm

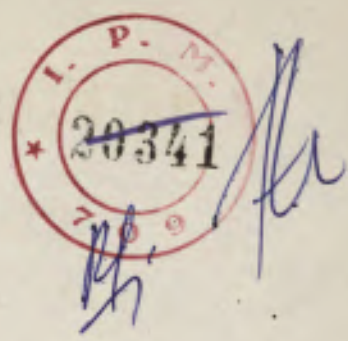
20339

Fls

COMPLEMENTAÇÃO DO DOSSIÊ DE (WALDYR GOMES DOS SANTOS - ANEXO I - 26/14/66)

Jul 60	IPM/709	Doc 1721/31 - Depoimento de Pedro Tôres - Declara que, o Comitê Regional Marítimo, em Conferência Regional pró V Congresso, elegeu seus novos dirigentes, tendo sido o prentuariado escolhido pa. compor a Comissão Executiva do CRM. - <u>Waldyr Gomes dos Santos</u> também fazia parte da Comissão Sindical do CRM; Declara também que o prentuariado era dirigente da OB dos Marítimos.
1960	IPM/709	Doc 2021/31 - Depoimento de Arnaldo Maia - Declara que na reunião efetuada no CRM pró V Congresso do PCB o prentuariado foi eleito pa. compor a Comissão Executiva do CRM.
16/8/63	CENIMAR	Doc 1794/10 - Informação - O prentuariado compareceu à reunião do CRM nesta data, afim de reunir as COEBB de todos os setôres e levar-lhes instruções do CC do PCB, sobre o movimento de agitação programada pa. o dia 23 de Ago. qde. será prestada homenagem postuma a Getúlio Vargas.
-	SNI/ARJ	Doc 1619/30 - Informe - O Ex Cap de Ex Paraguaio - Ramiro Carlos Luiz Afonso Escobar, forneceu uma lista de cerca de 200 nomes de comunistas brasileiros que trabalharam pa implantar o comunismo no Brasil. A lista contém o nome de Waldyr Gomes dos Santos. Pte. do Sindicato Nacional dos Marítimos. <i>Pres.</i>

131



I P M / 709

20340

Encarregado:
Tenente Coronel FERDINANDO DE CARVALHO
Escrivão:
Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO

Ofendido: O Estado
Indiciados: LUIZ CARLOS PRESTES e outros

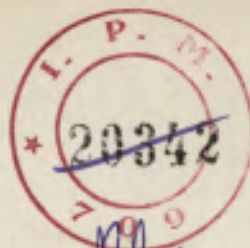
A U T U A C Ã O

Aos 30 dias do mês de agosto do mil novecentos e sessenta e seis (1966), nesta Cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, A U T U O, em cumprimento ao Despacho de 08 de outubro de 1964 (fls. 513/514), os documentos que a este junto, relativos a Wenceslau de Oliveira Moraes. (fls. 20.342 a 20.354).

e me foram entregues pelo Senhor Encarregado do Inquérito, do que, para constar, lavrei o presente termo.

Eu, Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, servindo de escrivão, que o datilografei e subscrevo.

Raymundo quadr filho em seu EC
RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO,
capitão, servindo de escrivão.



MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPM/709

20341

Handwritten signature

NOME: WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS

1. PRONTUÁRIO

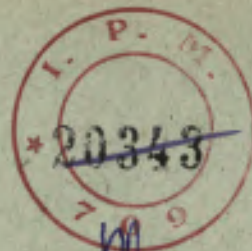
(Fls. *20344* Vol. *90*)

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

RELAÇÃO ANEXA (Fls. *20348* Vol. *90*)

3. DEPOIMENTO

(Fls. Vol.)



He

[Signature]

20342

[Signature]

IPM/709- Sec Est Invest
PRONTUÁRIO DE
WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS

00131

IDENTIDADE: IPM/709 - WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS

PROFISSÃO: Corretor

FILIAÇÃO: Antonio de Oliveira Morais, Antonia Eugênia de Oliveira

IDADE: 3-6-1916

DADOS: Brasileiro, natural de MINAS

INSTRUÇÃO:

UNIDADE OU LOCAL DE TRABALHO:

RESIDÊNCIA: Rua Itambacuri 193 - Belo Horizonte.
Av Augusto Lima - 1568

Handwritten: 20344
Handwritten: 20343
Handwritten: Cadyson cap

DATA	FONTE	HISTÓRICO
1954	DVS/MG	✓ Doc 1720/31 - Depoimento de Sinval de Oliveira Bamba - Declara que em 1954 ingressou no Partido e frequentou curso de capacitação política ministrado por Wenceslau de Oliveira Morais e outros; que Wenceslau dirigia o CM de Belo Horizonte;
1958	-	- Que, em 1958 participou de um pleno ampliado do CE/MG, que teve por objetivo reestruturar a direção. Contou c/ a presença do proutuariado. Nesse pleno Wenceslau foi eleito pa. compor o Secretariado.
1960	-	- Em 1960, declara o depoente que passou a desempenhar tarefas em contato com Wenceslau de Oliveira Morais e Armando Ziller. - Nesse mesmo ano, conforme suas declarações (de Sinval), o proutuariado tomou parte na Conferência Estadual pró 5º Congresso e foi eleito membro efetivo do Comitê Estadual de Minas.
1962	-	- Declara ainda que, em 1962, o proutuariado foi eleito membro da Comissão Executiva e Secretariado.
6/6/58	SFICI	X Doc 170/13 - Informe - Consta que o Comitê de Zona de Belo Horizonte está sendo atualmente dirigido por Wenceslau de Oliveira Morais.
1959/1960	IPM/709	✓ Doc 1727/31 - Dep. de Lindolpho Hill - Declara que a assistência, nessa época, dada ao CM de Juiz de Fora pelo Comitê Estadual de Minas era dada através do proutuariado de Ziller.
12/6/59	DOPS/MG	Doc 978/31 - Informe - Consta que durante a visita de Prestes a Belo Horizonte, houve uma reunião secreta entre este líder e os líderes comunistas mineiros, na residência do Dr Ubaldo Pena, localizado à rua /// Ibis, 288, bairro da Serra. Na reunião estiveram presentes as mais altas dirigentes vermelhos em Minas, 7 como: Wenceslau de Oliveira Morais, secretário político do C.Z. de Belo Horizonte.
Ago 60	IPM/709	Doc 1348/31 - Depoimento de José Lira Alves Sobrinho - Declara que, escolhido pa. participar de um curso de capacitação política na Tchecoslovaquia, pa. lá embarcar. Lembra-se que também lhe acompanhou neste curso o proutuariado, Wenceslau de Oliveira Morais.
8/6/62	DVS/MG	Doc 992/31 - Segundo comunicação continuam sendo / realizadas reuniões na sede do jornal Novos Rumos de la participando....Wenceslau de Oliveira Morais....

2034

20345

Fls 2

CONTINUAÇÃO DO DOSSIÊ DE WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS

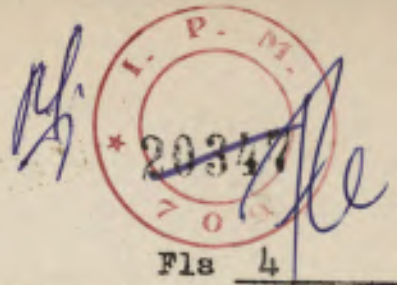
		Estas reuniões têm se realizado entre 3 e 4 hs da madrugada quando aproveitam a calada da noite para telefonarem pa. outros estados; Consta ainda que o /// prontuário teria presidido uma reunião do PC nesta capital a 25-7-62. - Os trabalhos foram iniciados // por Wenceslau que disse o intuito da reunião ser o / 26 de julho, data da Rev. Cubana.
25/8/62	PMMG	✓ Doc 1793/31 - Material encontrado em poder de Aldo José Sagaz, a 25/8/62 quando de sua prisão em flagrante na tipografia de Ciro Spitali da Silva, onde havia encontrado material subversivo: (Anotações):- Comitê Eleitoral: Wenceslau (de Oliveira)- Rocha, Ivan, Dimas.
25/8/62	DOPS/MG	✓ Doc 1378/13 - Segundo consta em documentação em poder do comunista Aldo José Sagaz, em HI, o prontuário do era membro do CE, atendia a Secretaria Feminina // (trabalho) e estava designado pa. as frentes de trabalho, e também membro do Comitê Eleitoral - Consta ainda que era o dirigente do Comitê de Zona em Belo Horizonte e Secretário Político do Comitê Municipal da // mesma cidade.
Ago 63	PMMG	✓ Doc 1119/13 - Informe - Consta o nome do prontuário do como um dos elementos agitam o meio sindical em Minas Gerais (Capital).
12/9/63	-	✓ Doc 1884/13 - Manuscrito atribuído a Elson Costa - / Ativo Central em 12/Set/63 - Consta sobre Wenceslau; Congresso Nac. Ferrov. em janeiro 64 em Recife - Necessidade trab. c/ "Gazeta Ferroviária".
5/9/63	-	✓ Doc 1897/13 - Cópia de manuscrito atribuído a Elson Costa - Consta sobre W. (Wenceslau de Oliveira Moraes) (Possivelmente em reunião do CM nesta data):- W. - abertura foi trab. pessoal - Secretariado só eu e Erdir - Pol. concent. - Central e Cid Ind. foi formado o Comitê da Cia. Ind. e funciona - Chegamos a perder 9 na 7 (Mamezau?) despedidos - e o Comitê rec. + 8 - lig. / na magnesita.
31/1/64	-	✓ Doc 1808/13 - Fotocópia de manuscritos atribuídos a Elson Costa - Reunião da CEx em 31/1/64 - Intervenção de W. (Wenceslau de Oliveira Moraes) - Sit. ligada ao choque entre nacionalistas e entreguistas no país - / Choques inevitáveis - Conj. ilegal, o q. facilitou / ao trabalho da reação. Tem OB Mafersa e OB do Barreiro "lig c/ S. Cruz e Textéis - Depois da Conf. rec. / até agora 202 nomes.
9/4/64	Tribuna da Imprensa	✓ Doc 212/30.1 - Notícia desse matutino de que a Assembleia de Minas já tem a lista dos dirigentes do PC em Minas. Entre os nomes apontados consta o de Wenceslau de Oliveira (Secretariado).
1964	Auditoria da 4a. HM	✓ Doc 1367/31 - Depoimento de Sinval Bambirra - Declara que Wenceslau de Oliveira Moraes participava, com o depoente de atividades sindicais, como comunista e que era o Chefe do PC em Belo Horizonte.
1964	SNI/Ag HI	✓ Doc 1377/13 - Relação de elementos comunistas da capital de Minas, que poderão liderar grupos pa a subversão da ordem pública - Consta o nome de Wenceslau de Oliveira Moraes - líder sindical.

20345

Fls 3

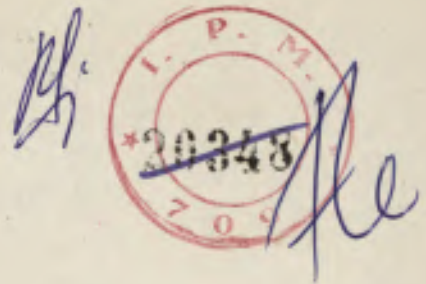
CONTINUAÇÃO DO DOSSIÊ DE WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS

1964	PMMG	✓ Doc 1129/13 - Documento constando a organização do CE de Minas - Consta o nome do prontuário como membro do Secretariado reestruturado em Março de 1963:7 Wenceslau de Oliveira Moraes - Ex ferroviário da EFCE atualmente sem profissão definida, trabalhando atualmente unicamente pa. o Partido.
1964	SSP/MG	Doc 1128/13 - Relatório - Organização do CE de Minas - Consta o nome do prontuário como membro.
1964	DVE/MG	Doc 1127/13 - Documento com a organização do CE de Minas, na qual consta o nome do prontuário.
Abr 64	Assembleia Legislativa MG	Doc 1126/13 - Cópia do Diário da Assembleia Legislativa de Minas - Consta que, em reunião da Assembleia, o Deputado Athos Vieira de Andrade, disse a relação dos membros do CE, reestruturado em Março de 63, na qual constava o nome de Wenceslau de Oliveira Moraes, ex-ferroviário da EFCE. Atualmente sem profissão definida, trabalhando exclusivamente pa. o Partido.
17/2/65	SNI/ARJ	Doc 375/13 - Informação - Consta que o CE de Minas Gerais está assim constituído: - Secretário de Massas - <u>Wenceslau de Oliveira Moraes</u> (corretor, residente na rua Itamucuri, 195). Acha-se desaparecido desde 1º Abril.
-	-	Doc 1887/13 - Cópia de manuscrito atribuído a Elson Costa - S/ eleições - Consta de W. (Wenceslau de Oliveira Moraes) - apresentação dar tônica a última parte - S.C.S. - penso só num - p.s amigos, simpas e // nossa área.
		<p><u>ANOTAÇÕES CONTIDAS NAS CADENETAS DE PRESTES</u></p> <p>Caderneta nº 1 - Fôlha 74</p> <p>Política de Organização - <u>Wenceslau</u> - (Minas Gerais) Não fazemos política de concentração, porque quando chega a hora de sair de suas comodidades nós vacilamos e auxiliamos e acaba sem que nenhum mais destaque dá vá pa os pontos de concentração. Como organizar os meninos das escolas médias, com menos de 18 anos.</p> <p>X Caderneta nº 2 - Fôlha 120 - Discussão - Em 28/XI/62 - 34. <u>Wenceslau</u> (Minas Gerais) - O doc foi aprovado pelo CE. A discussão foi precária e pequena a contribuição dada. Na elaboração houve dificuldades - Seria melhor descer ao P., ouvir o P. - Por que será / que se dá isso?</p> <p>Algumas dúvidas que manifestei ao discutir o doc. / Não concorda que o gabinete Hermes Lima tenha sido um cabalacho, digo, cabalacho à custa do povo. Não concordo com a caracterização do atual governo - // que resiste à investidas do imperialismo. - Não realizamos um trabalho político entre a classe op. e, // muito menos, entre os camponeses. Há um certo exagero na apreciação das duas greves políticas nacionais - Não fazemos um trabalho político firmemente entre as massas. Nossa posição entre a burguesia - // porque exageramos as características anti imperialistas da burguesia caímos no reboquismo. Mas o perigo agora é exagerar a conciliação da burguesia - Lutar contra a conciliação, mas sem caracterizar /</p>



CONTINUAÇÃO DO DOSSIE DE WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS

		<p>que seja o golpe principal. - Os acontecimentos são ricos. Cabe aos teóricos generalizar o novo que surge. Cuidado agora para não nos submetermos à reação // dos grupos esquerdistas. -</p> <p style="text-align: right;">20346</p> <p style="text-align: right;"><i>mw</i></p>
--	--	---



MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPH/709

20347

NOME: WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

DATA	FONTE	HISTÓRICO
-	SSP/GB	Doc. WOM-1 - Prontuário
-	DOPS-MG	Doc. 1107 - Prontuário
1965	SSP-PR	Doc. WOM-2 - Certidão Negativa de antecedentes



WOM 1
20349
709
He
Rsi

WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAES, brasileiro, natural de Minas Gerais, filho de Antônio de Oliveira Moraes e de Antônia Eugênia de Oliveira, nascido em 3-6-1916, foi detido, juntamente com Belisário Ferreira Rodrigues e outros, na noite de 25 para 26-7-1950, quando distribuíam propaganda contra a bomba atômica e a "agressão à Coréia". Tendo participado ativamente do conflito de 26-3-1951, foi prêso e autuado em flagrante delito como co-autor no homicídio praticado por Artur Andrade contra o guarda-civil Elizeu Mariano, e por lesões corporais contra várias pessoas, segundo informação prestada pela Polícia de Belo Horizonte. O epigrafado é militante comunista e segundo Informe do CENIMAR datado de 11-1-65, faz // parte da atual direção do PCB em Minas Gerais, como seu Secretário de Massas. Acha-se desaparecido desde a Revolução.

20348

IPM 709 - PROTOCOLO

N.º

Entrada

M.G.

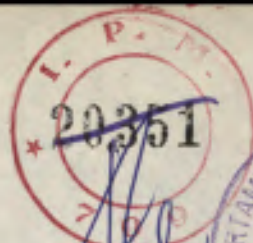
- : CERTIDÃO : -

30 Abr 64

FU, JOSÉ DELBERNARDO AMARAL, ESCRIVÃO DO DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA SOCIAL, EM PLENO EXERCÍCIO DE SEU CARGO, NA FORMA DA LEI, ETC...

20349

CERTIFICO, por determinação do Sr Dr Chefe do Departamento de Vigilância Social, à vista das informações da Seção de Documentação e Arquivo, deste Departamento, que VENCERLAU DE OLIVEIRA MORAIS, residente à Av Augusto de Lima, 1568, REGISTRA, entre outros, os seguintes ANTECEDENTES, neste Departamento. - "Assinou, com outros, manifesto em favor da paz e de convocação para um comício no Ponto Final do bande Calafate. No comício, segundo o manifesto, seriam eleitos os delegados à Conferência Municipal de Defesa da Paz que se realizaria no dia 8 em preparação ao Congresso Regional, o qual seria realizado, nesta Capital, nos dias 16 e 17 de agosto de 1949. (P.4161-d.45); - Foi antião, juntamente com Bolisário Ferreira Rodrigues e outros, na noite de 25 para 26-7-1950, quando distribuíam propaganda contra a Bomba Atômica e a "agressão à Coréia"; - Tendo participado, ativamente, do conflito de 26-3-1951, foi prêso e autuado em flagrante delito como co-autor no homicídio praticado por Artur Andrade contra o guarda-civil Eliseu Mariano, e por lesões corporais contra várias pessoas; - Segundo o Jornal do Povo de 13 de maio de 1951, encerrou-se no dia 11 daquêlê mês, no Forum Lafaiete, a fase de inquirição das testemunhas da Promotoria Pública, no processo - farsa, armado pela Polícia contra o marginado e outros elementos envolvidos nos acontecimentos de 26/3/1951? - Depois de liberados os elementos envolvidos nos referidos acontecimentos, foram ouvidos pela reportagem do órgão comunista "Jornal do Povo", em sua edição de 17-6-1951, tendo o marginado declarado o seguinte: Não é com cadeia que nos farão calar. A vontade de Paz do povo brasileiro é, cada dia, demonstrada com mais vigor e o governo de preparação de guerra, que hoje nós temos, receberá uma justa resposta às medidas que vem porde em prática contra os patriotas, quando forem coletadas as cinco milhões de assinaturas ao "Apelo Por UM Pacto de Paz"; - Em 9-9-1958, o "Estado de Minas" publicou o seguinte manifesto, assinado pelo marginado e outros comunistas: "Dois milhões de mineiros estão convocados para cumprir o dever



-(Fls. 2)-

20350

sagrado do voto, nas eleições de 3 de outubro próximo, extraordinariamente decisivas, em momento tão grave para a nossa Pátria e para o nosso povo. Assim é imperioso comparecer às urnas e utilizar bem a poderosa arma do voto. Em consequência do artigo 58 da Lei Eleitoral, violentamente contrário aos direitos inscritos na Constituição da República, nós, comunistas, não poderemos, esta vez ainda, registrar nossos próprios candidatos. Mas, se ainda estamos impedidos de concorrer às eleições, nem mesmo por isso delas nos alhearemos. Pelo contrário. Côncios de nossa responsabilidade, participaremos ativamente do pleito, com todas as nossas forças, como é da nossa tradição, ao lado do povo, tudo fazendo ao nosso alvance para a derrota dos entreguistas e para a vitória dos patriotas, democratas e nacionalistas - sejam de que partidos forem, - que mais se têm destacado na luta pela sobrevivência do Brasil como país independente, e por sua projeção no mundo, como nação rica, progressista, poderosa e pacífica. Por isso e para isso, dirigimos um veemente apêlo aos nossos antigos companheiros, aos nosso amigos e aos nossos concidadãos, em geral, conclamando-os a eleger autênticos nacionalistas e democratas, certos de que, especialmente na gloriosa Terra de Felipe dos Santos e de Tiradentes, é tarefa de honra derrotar o entreguismo. Votamos, pois, nos candidatos que ostensivamente se batem em defesa da PETROBRÁS e do monopólio estatal do petróleo; - pela industrialização do país; pela solução justa do problema da terra; pela defesa das nossas riquezas minerais, particularmente dos minérios radiativos. Votamos nos que lutam efetivamente contra o domínio dos poderosos trustes ianques, que tentam manter-nos na situação de simples produtores de matérias-primas e impedir o nosso desenvolvimento industrial, como a HANNA, que se apodou de Morro Velho (1/4 da superfície do município de Nova Lima) e ROCKFELLER, que já controla as jazidas minerais do Vale do Paraopeba, fatos que, só por si, caracterizam plenamente o propósito imperialista de dominar o comércio de exportação do minério de ferro, manganês, etc., e de liquidar a Cia. Vale do Rio Doce. Votemos naqueles que se batem pela nacionalização não apenas da produção, mas também da distribuição da energia elétrica; pela encampação, portanto, da CIA FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS (Bond & Share) e da LICHT, que tavam o progresso do Brasil. Votemos na-

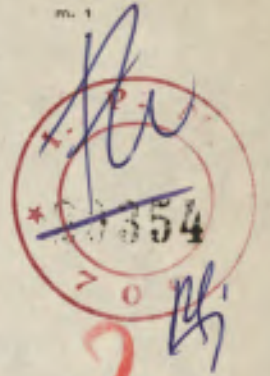


-(Fls. 3)- 20351

queles que defendem a justa política de manutenção dos preços de nossos produtos de exportação, como o café, e pela conquista de novos mercados para a nossa produção, através do estabelecimento de relações com todos os países do mundo. Votemos nos que lutam pela solução dos conflitos internacionais, por meios pacíficos a guerra e pela Paz digo contra a guerra e pela Paz - supremo bem da humanidade e o mais ameaçado de todos. Votamos nos democratas que defendem de fato os direitos constitucionais e que são mais sensíveis aos problemas das grandes massas sofredoras, urbanas e rurais. Na escolha de prefeitos e vereadores, o pronunciamento popular deve, igualmente, favorecer aqueles candidatos, cujo passado seja uma fiel garantia de que procurarão resolver os mais agudos e urgentes problemas de cada cidade, que sejam legisladores ou administradores honestos e capazes e que participam efetivamente da grande e poderosa corrente nacionalista e democrata. - às URNAS, pois derrotar os entreguistas e eleger os nacionalistas; Tudo pela Vitória dos candidatos progressistas, nacionalistas e democratas!"; - Compareceu ao plenário do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil, realizado, nesta Capital, em novembro de 1961. (P.E.55.d.4); - Segundo comunicação a este Departamento de 25 de julho de 1962, o marginado presidido, como dirigente da Seção Municipal do Partido Comunista, - aos trabalhos de uma reunião do referido Partido, realizada na sede do Jornal "Novos Rumos". Os trabalhos foram iniciados pelo marginado, o qual disse que o intuito da reunião era sobre o 26/ de julho, data da Revolução Cubana; da organização, com participação dos estudantes, do movimento Cultural Brasil-Cuba; do adigmento, de 26 para 28, da palestra de um deputado (Robson de tal) sobre a Revolução de Cuba, que seria levada a efeito no Auditório da Faculdade de Ciências Econômicas. Nesta reunião um membro da executiva do PCB que aqui viera especialmente para falar sobre os planos elaborados pelo Partido e traçar diretrizes para os comunistas de Minas Gerais. Ao terminar a reunião, o marginado novamente fêz uso da palavra conclamando a todos os presentes a levarem seus familiares e simpatizantes do Partido, ao recinto da Faculdade de Ciências Econômicas, no dia 28, às 20 horas, - "solidarizando-se, assim, aos camaradas estudantes, no movimento cultural Brasil-Cuba e na palestra a ser proferida pelo deputado



SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
Estado do Paraná
 =DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL=



N.º

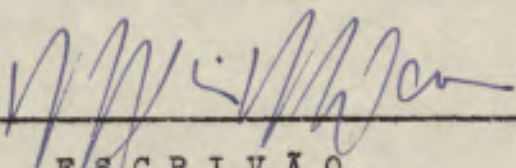
de 19

NOM-2
20353

= C E R T I D Ã O =

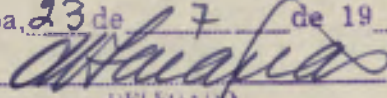
CERTIFICO, em cumprimento à determina- /
 ção do Sr. Dr. Delegado de Ordem Política e Social, aten-
 dendo solicitação do I Exército, constante do ofício cir-
 cular nº 226-J-IPM/709, que nos arquivos desta Delegacia,
NADA CONSTA a respeito do Sr. WENCESLAU DE OLIVEIRA MORAIS
 que o mesmo houvesse exercido atividades político-sociais
 contrárias ao regime em vigor no País e suas instituições,
 durante sua permanência neste Estado.

O referido é verdade e dou fé.
 Curitiba, 23 de julho de 1965.



 ESCRIVÃO.



VISTO
 Curitiba, 23 de 7 de 19 65


 DELEGADO

I P M / 709

[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
20355
209
20354

Encarregado:

Tenente Coronel FERDINANDO DE CARVALHO

Escrivão:

Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO

Ofendido: O Estado

Indiciados: LUIZ CARLOS PRESTES e outros

A U T U A C Ã O

Aos ³⁰..... dias do mês de ^{agosto}..... de
mil novecentos e sessenta e ^{seis}.....(1966), nesta Cidade do
Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, na Secretaria Geral do Con-
selho de Segurança Nacional, A U T U O, em cumprimento ao Despa-
cho de 08 de outubro de 1964 (fls. ^{513/514}.....), os documentos que
a este junto, relativos a Lulika D'Almeida
(fls. 20.356 a 20.380).

e me foram entregues pelo Senhor Encarregado do Inquérito, do
que, para constar, lavrei o presente termo.

Eu, Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO,
servindo de escrivão, que o datilografei e subscrevo.

[Handwritten signature]
RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO,
capitão, servindo de escrivão.



20355

* IPM/709 - Sec Est e Invest

DADOS SOBRE

• ZULEIKA D'ALEMBERT

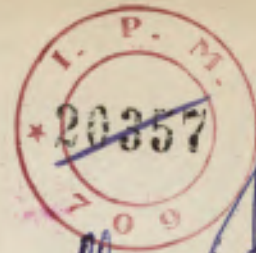
00132



MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPM/709



20356

NOME: ZULEIKA D'ALEMBERT.....

1. PRONTUÁRIO

(Fls. 20.358 Vol. 90)

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

RELAÇÃO ANEXA (Fls. 20.365 Vol. 90)

3. DEPOIMENTO

(Fls. Vol.)

NOME: _____

PROFISSÃO: _____

FILIAÇÃO: _____

IDADE: _____

DADOS: _____

INSTRUÇÃO: _____

UNIDADE OU LOCAL DE TRABALHO: _____

RESIDÊNCIA: _____



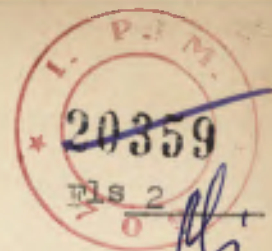
Ferdinando
cel

Adolpho
cap. M

W 20357

DATA	FONTE	HISTÓRICO
1956	Cab Min-SSI	Doc 156/30 - Informação sobre Zuleika Alembert - Em 1956 (2ª quinzena de Dezembro) foi autora / de artigo publicado na "A TRIBUNA", em P. Alegre, intitulado "Não entregaremos FERNANDO NORONHA" - Fichado como comunista nesta Divisão.
Mai 60	2ª Sec/2ª FM	Doc 204/31 - Informe: - ZULEIKA ALEMBERT. 5 Mai 60. - Líder comunista - 19 Set 60. Membro do CC do PCB e encarregada do Movimento Juvenil Comunista. Segundo informações suas, a "União Nacional dos Estudantes (UNE) tem se revelado um celeiro de combatentes preciosíssimos / da causa nacionalista e anti-imperialista, bem como ótimos militantes comunistas".
23/1/61	CENIMAR	Doc 54/30 - Informe sobre a constituição de um Comitê Executivo, presidido por Antonio Chamorro, do qual fazia parte ZULEIKA D'ALEMBERT.
4/3/61	CENIMAR	Doc 55/30 - Informe citando Zuleika Alembert como membro de CC.
6/3/61	CENIMAR	Doc 56/30 - Informe sobre a Constituição do / Comitê Central, constando o nome de Zuleika como membro do Grupo de Oposição.
3/1/62	CENIMAR	Doc 60/30 - Informe sobre reunião do CC de 27 a 29 Dez 61, a qual compareceu Zuleika Alembert, na qual constou em Ordem do Dia 1 - Informe da delegação brasileira que participou do XXII // Congresso do PCUS, na cidade de MOSCOU, em Dezembro de 61. 2 - Exame das expulsões de dirigentes do Partido, pelas comitês dos Estados / de RGS, Rio, ES, SP.
16/10/62	CENIMAR	Doc 65/30 - Informe - Relação das personalidades pernambucanas que assinaram o manifesto de convocação ao CONGRESSO NACIONAL DE SOLIDARIEDADE A CUBA.....ZULEIKA ALEMBERT(jornalista).
		Continua

SECRETO



Continuação do dossiê de ZULEIKA D'ALEMBERT

21/1/63	DOPS #A	Doc 89/10 - Cópia Autêntica de uma cópia fotostática de documento original que se encontra no Arquivo do DOPS/GB. Cartas a Zuleika D'Alembert proveniente da China. RESUMO: O missivista tece considerações sobre eleições na GUANABARA e greve de "um terço". Sobre o Movimento de Cultura Popular, solicita de digite um artigo de 10 páginas a Zuleika, p ^a uma publicação internacional. Informa da remessa de 5 bolsas da URSS p/o Brasil. Ligações do Conselho Estudantil c/ a UNE sobre troca de delegações. Pergunta sobre o Seminário do Mundo Sub desenvolvido e fala de futuro encontro com Kender em Viena e algum elemento da UIE em Tanganica. Outras / considerações e assuntos são abordados, que indicam a ligação de Zuleika como elemento importante da UNE e sobre remessa de 101\$ para a UNE, per parte da UIE.
Abr 63	CENIMAR	Doc 150/30 - Informe - Estames informados de que do grupo de pessoas que têm influência comunista nos diversos setores, pela presença em cargos de direções em diversas entidades, fazem parte:.....ZULEIKA ALEMBERT.
7/11/63	Gab IPM	Doc 362/10 - Informe sobre o trabalho de cultura popular elaborado pela Fração do CPC da Faculdade Nacional de Filosofia salientando o trabalho de Zuleika neste setor do PC, no seguinte trecho: "E a palavra de ordem trazida pela companheira Zuleika, da sessão juvenil - do comitê central, era a de dar ênfase a troca de experiência, evitando cair na polêmica sobre cultura / popular, que poderia levar ao debate ideológico e romper a unidade de todos aqueles movimentos presentes ao encontro.
64	DOPS	Doc 14/10 - Fl 6 - Depoimento de NERY REIS / DE ALMEIDA - O declarante, referindo-se ao trabalho do Partido na área estudantil, cita "que parece ao declarante que a pessoa que conversava sempre com os jovens estudantes era uma mulher conhecida por "Zuleika", a qual dizia sempre que "gostava dos meninos" "
64	SSP-Pernambuco	Doc 29/17 - Fl 4 - Relatório da Delegacia de Segurança de Pernambuco - Consta o nome de Zuleika como membro do CC.
64	--	Doc 49/30 - Fl 8 Relatório de fonte ignorada consta: "ZULEIKA ALEMBERT - Foi deputada Estadual por S. Paulo, sob a legenda do PCB, como grande ativista. Esta com prisão preventiva / decretada".
64	ENC IPM	Doc 183/30.1 - Cópia Fotostática do documento Plano p/Março, parecendo tratar-se de Plano

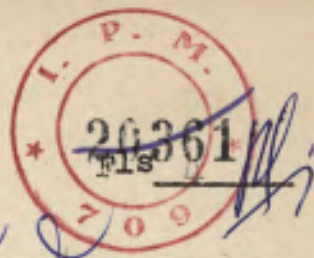
SECRETO

20360
 >fls 3
[Handwritten signature]

Continuação do dossiê de ZULEIKA D'ALEMBERT

20359

<p>666</p>		<p>da Seção juvenil do PCB, face às referências a ZULEIKA, MARCOS e VENEZZI, apreendido na residência de MARCOS JAMOVITH. - Plano p/MARCO - Discussão a) Problemas Internacionais. b) C/C Zuleika. c) Reforma Universitária - Zuleika. / d) Propaganda - Zuleika..... Viagem a São Paulo - Zuleika.</p>
<p>64</p>	<p>--</p>	<p>Doc 184/30.1 - Cópia do Doc: Plano de Trabalho da Seção Juvenil - Prazo: de janeiro a julho de 64 - Tarefas - 6) Trabalho Cultural e es / estudantes (Zuleika, Marcos e O. Reg). - Elaboração de um material especial sobre o que é a Seção Juvenil (Zuleika). - Transmitir a Seção do CC as opiniões e sugestões colhidas nos últimos balanços realizados pela Seção Juvenil em relação as diferentes frentes de trabalho e sua atuação junto / aos jovens (Zuleika).</p>
<p>17/3/64</p>	<p>CENIMAR</p>	<p>Doc 47/30 - Informe do CENIMAR com a constituição de CC do PCB, incluindo o nome de ZULEIKA D'ALEMBERT.</p>
<p>28/4/64</p>	<p>CENIMAR</p>	<p>Doc 233/30.1 - Extrato do Diário de Notícias desta data - Transcreve em certo trecho a carta da agente de comunismo internacional EUNICE GUSMAN A ZULEIKA ALEMBERT: "Santiago, 21-1-64 - Queridos Marcos e Zuleika. Depois de muito contra tempos em Buenos Aires, por não ter encontrado a passagem que deveria ser enviada em meu nome, tive que comprar eu próprio, mas agora deve ser reembolsada. Esteu no local de trabalho. Vou mandar // brasa e depois receber a medalha Prestes. Dentro de 10 dias deverei viajar por 25 dias, pelas bandas do pacífico e creio que vou fazer um bom trabalho de intercambio. Aqui não se sabe ainda da chegada de Linhares da FSMO e o pessoal aguarda com muita "gana" pela "plata" pois estão todos "lises".</p>
<p>17/3/64</p>	<p>DOPS/GE</p>	<p>Doc 402/10 - Fl 7 - Informe:- Elementos pertencentes ao CC do Partido Comunista Brasileiro (ala de Prestes) fonte: Segundo documento extraído do PCB em 17 Mar 64. ZULEIKA ALEMBERT.....</p>
<p>Mai 64</p>	<p>CENIMAR</p>	<p>Doc 420/30 - Informe sobre atividades do PCB na GB. Situação no Setor Estudantil - Comissão juvenil do CC do PCB - ZULEIKA ALEMBERT-..... Elementos não pertencentes a direção mas bastante atuantes:- ZULEIKA ALEMBERT - tradutora da Revista "MOVIMENTO SINDICAL MUNDIAL" sita / a rua Evaristo da Veiga nº 14 S/606.</p>
<p>6/7/64</p>	<p>DOPS/GB</p>	<p>Doc 231/30.1 - Segundo depoimento prestado em 6/7/64 no DOPS, GB, por NERY REIS DE ALMEIDA, /</p>

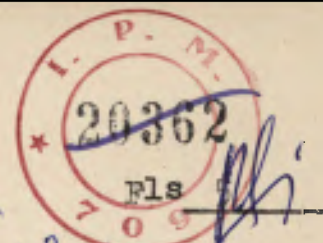


Continuação do dossiê de ZULEIKA D'ALEMBERT

20360

		<p>o PCB era integrado pelas seguintes comunis- tas, entre outros: COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO- CC..... ZULEIKA ALEMBERT, juvenil, no Rio</p>
19/8/64	IPM/2	<p>Doc 231/30.1 - Documento apreendido no C.E. / do PCB do Ceará apresenta os seguintes elemen- tes como integrantes do CC do PCB, estando as- sinalado com X os membros efetivos: ZC - 1-<u>In</u> <u>ter</u>venção no 2º ponto X Efetivos - 1, 2, 3. ... x 34. ZULEIKA -Rio. ...</p>
3/9/64	GAB IPM	<p>Doc 399/10 - Informe versando sobre livro de atas do MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS digo PARTIDÁRIOS DA PAZ, antigo, Movimento pe- la Proibição da Armas Atômicas. Conforme ata da reunião realizada em 15 Mar 1963, na sua / sede a Rua São José, 50 grupo 503, o Dr. Vale- rio Konder, secretario, atuando como presiden- te em virtude do falecimento do presidente Dr. ABEL CHERMONT, foi aberta a sessão c/ os seguin- tes objetivos: - reforma dos estatutos - eleição da nova diretoria. O professor NOEL NUTELS sugeriu, e foi sua / sugestão aprovada por unanimidade, que o Con- selho Nacional de Movimento Brasileiro dos // Partidos da Paz tivesse os seguintes nomes na Guanabara, para preenchimento de 30 lugares, dos 50 que compõem o Conselho: - Dna ZULEIKA ALEMBERT.....</p>
25/11/ 64	DPS/RJ	<p>Doc 53/20 - Informação:- Integrantes dos or- gãos dirigentes do PCB - 1. Membros do Comitê Central. Conhece-se por documentos apreendi- dos, depoimentos, etc., os seguintes..... ZULEIKA ALEMBERT (GB).</p>
Dez 64	DOPS/GB	<p>Doc 451/30.2 - Informação:- PARTIDO COMUNIS- TA DO BRASIL - COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL - Membros efetivos:-..... ZULEIKA ALEMBERT :..... Doméstica.....</p>
		<p>ANOTAÇÕES CONTIDAS NAS CADERNETAS DE PRESTES Caderneta nº 1 - pag 71 - ZULEIKA - Referiu- se digo Refere-se a intervenção de Prestes ao lado de causas justas absolutiza certas ques- tões. Tem razão ao dizer, digo O problema dos homens na vida. Tem razão ao dizer que se a- vançou no combate ao sistema do cult. Ache / que os homens jogam seu papel. Se o companhei- ro ajuda ele facilita o trabalho. Chegamos a um ponto em que os homens exercem o seu papel. Fala-se do sectarismo no movimento estudantil, mas isto não nem da direção nacional, nem da comissão ou seção de trabalho juvenil. Ajudar a que os companheiros de base opinem é tarefa dos assistentes - Problema do revolucionario profissional - precisamos estimular.</p>

SECRET O

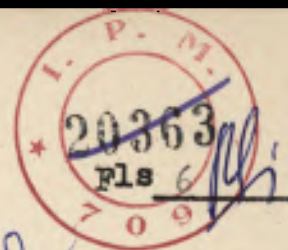


Continuação do dossiê de ZULEIKA D'ALEMBERT

20361

Caderneta nº 1 - pag 91 - Zuleika.
Posição que vai adotar no dec. Vou votar contra. Confunde governo nacionalista e democrático com gov revolucionário.
Caderneta nº 1 - pag 106 - C Ex - 6/XII/62 - Zuleika - ativo juvenil CPC.
Caderneta nº 1 - pag 142 - Conferência do Nordeste - Discutir no CEx na próxima reunião. 7
Abertura auto-crítica. A conferência foi encaminhada por nós, da CEx. - Marighela, Zuleika, Granja, Eros.
Caderneta nº 1 pag 172 - Propostas - Zuleika - aceita.
Caderneta nº 2 - pag 110 - ZULEIKA.
Considera que o doc não desfaz confusões. Pela forma e conteúdo, reforma a linha política do V Congresso. As teses principais são falsas. Volta-se as teses de manifesto de Agosto. Precisamos ir ao fundo das divergências. Não se trata de reformular o doc mas chegar a uma Resolução que não seja um resumo do Imp. - Partindo de premissas justas chega-se a conclusão de que o essencial afóra e combater a conciliação. Confunde-se luta contra imperialismo com luta contra a burguesia. Temos condições p^a lutar por um governo nacionalista e democrático. Qual a posição frente ao atual governo? É necessário ou não substituir a posição do atual governo? O governo conquistado na crise foi fruto de nesse trabalho, mas nós nos surpreendemos com o que conquistamos. Queremos lutar contra o imperialismo por tabela. A linha atual, como a aplicamos esta prejudicando o movimento estudantil. Não devemos adular a juventude, mas educá-la. Não se luta pelos monopólios estatais. Outra questão é a luta dentro da frente única. Refere-se as posições de Mario Alves que quer imediatamente a hegemonia do proletariado. Por que vamos apoiar o plebiscito? Concessão à burguesia. // Ainda não temos unidade da classe op. No problema da terra e não digo, da reforma agrária somos unilaterais. Apenas o problema da terra e não outros importantes. Problemas dos transportes. Golpe principal contra o imperialismo, luta contra o imperialismo nos justos termos - posição do gov brasileiro frente a crise de Cuba. A posição foi elegida por Kenedy. Outras questões como a desatomização - A política do gov brasileiro foi o que era possível conseguir no momento.
Caderneta nº 2 pag 218 - Zuleika - Caso Cubano - Carater da frente única - Julião - autoridade e disciplina.
Caderneta nº 4 (quatro) pag 71 - Zuleika - O doc é longo e de difícil compreensão. De acordo com a análise feita sobre a Aliança p/ o Progresso - usa tratar também da UBES que atua

SECRET O



Continuação do dossiê de ZULEIKA D'ALEMBERT

20362

no movimento estudantil, operário, etc. Trata de uma ação prática contra a "Aliança" - / Sobre a situação política as coisas estão mal colocadas - Apesar dos trances e barrances temos ameaçado e contribuído p^a o avanço - Nessa linha política é certa, mas estamos estagnados, não trouxemos novos argumentos - Na aplicação da linha surgem tendências de direita e esquerda. Mas dizer isto claramente. No informe há coisas que ora me alegram ora não. A greve geral foi unitária - Muitos elementos não sabiam que Jango era contra a greve. O / que caracteriza a situação é o aguçamento da luta - O processo democrático é colateral. / Não podemos apresentar a luta como entre Jango e os entreguistas. As massas participaram da luta. Não é justo dizer que entraram apenas em determinado momento. Quando se trata do Gov a coisa se torna muito mais complexa. Passamos na Nota a atacar como inimigo principal a burguesia.

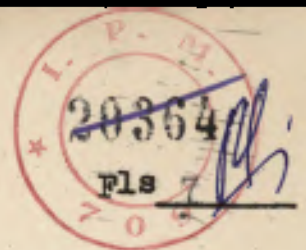
O ataque fundamental não deve ser contra o gov. O Inf é débil na apresentação do problema eleitoral. Problema da FLN já chegou ao momento de ligar mecher as cúpulas do mov. op. (Sindical) Camponês, etc. Entre as reivindicações levantadas incluir as reformas universitárias.

Caderneta nº 4 - Fl 139 - De acôrdo. Como contribuir p^a a elaboração de pensamento leninista dos quadros do P. Encontrar formas políticas digo, práticas de trocar idéias - Reforma agrária - descer ao P., recolher as opiniões - Discutir com cada companheiro tradutor do P.

Caderneta nº 5 - pag 38 - Zuleika - Normas / p^a reunião universitária.

Caderneta nº 5 pag 90 - Mario.....
..... A Zuleika tem ódio dos jovens que têm / posições radicais. O artigo dela causou mal. Estamos desarvorados porque surgiu uma ala mais radical no movimento revolucionário. NR // não devia publicar entrevistas de Lindolfo e o artigo de Zuleika.

Caderneta nº 9 - pag 178 - FESTIVAL DA JUVENTUDE - 8/III/62 - Zuleika - Festival da Juventude e Assembleia da Juventude. Elsink - 29/7 a 5/7. O P. não vê o trabalho local que é // possível realizar em ligação c/ o festival - Um delegado foi enviado para Helsink. - Circular ao P. já desceu - Outra circular ao P - 7 sem resposta - Temos conversados com os secretários políticos - Fizemos 3 viagens a S. Paulo. - Marcos Jamevitch - responsável pelo trabalho. - Org a Comissão Executiva, embora precária - 4^a feira, dia regular de reunião - Manifesto de convocação está recebendo assinaturas - Um jornal que tirará dois números - Comissão já trabalha. S. Paulo - já tem fração



Continuação do dossiê de ZULEIKA D'ALEMBERT

	<p>organizada - melhor trabalho - Temos uma verba especial de 2 milhões a receber - Passagem - preço 165000 com (Air France) - O que nos propomos é divulgar ideias do Festival no Brasil e preparar uma delegação de 250 pessoas.</p>
	<p style="text-align: right;">20363</p> <p style="text-align: center;"><i>Jarduarb</i> <i>cel</i></p>

MINISTÉRIO DA GUERRA

I EXÉRCITO

IPM/709

20365
[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

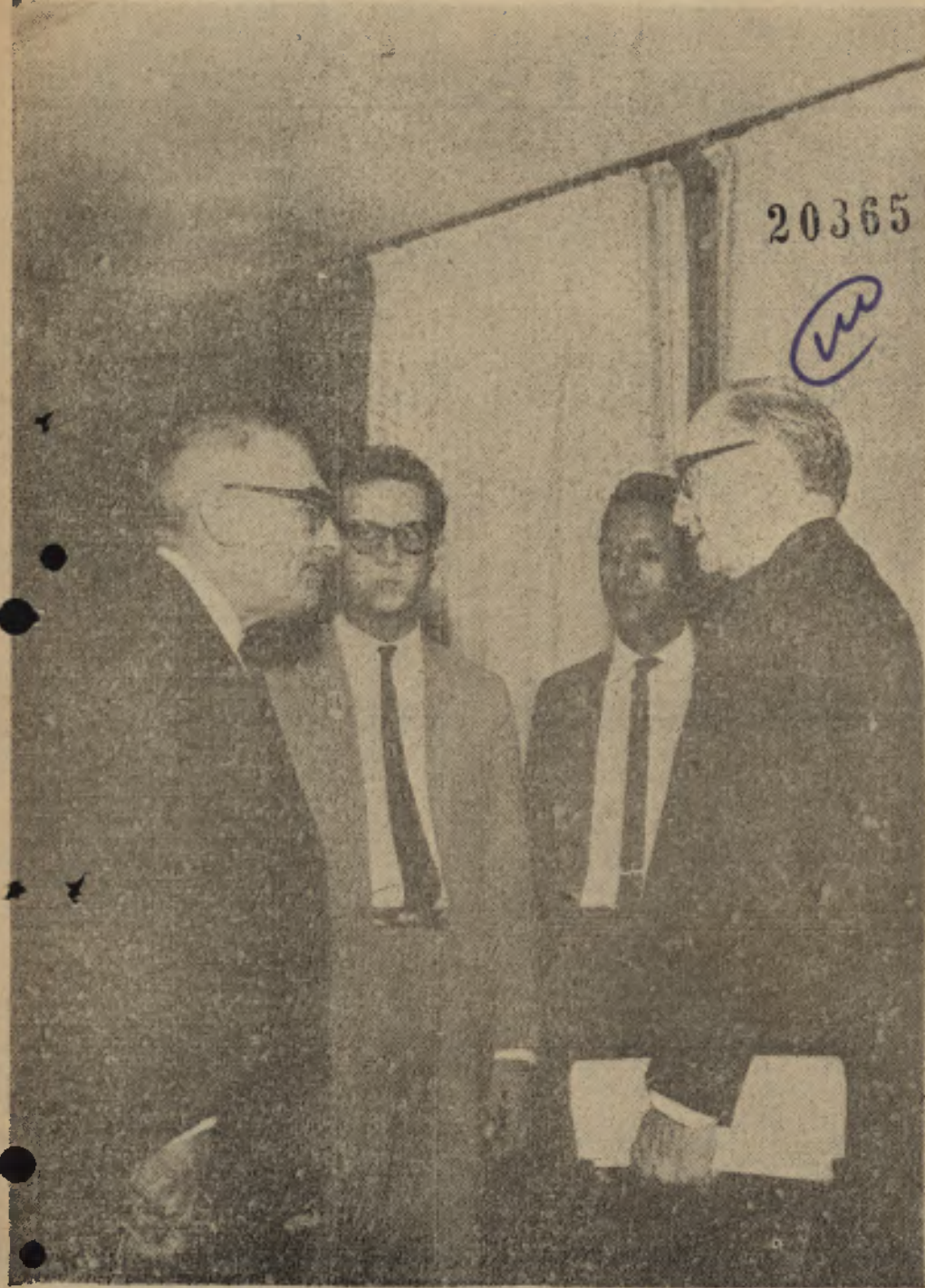
20364

NOME: ZULEIKA D'ALEMBERT (Z A)

2. DOCUMENTOS ANEXOS AO PRONTUÁRIO

DATA	FONTE	HISTÓRICO
Janeiro 64	-	ZA-1 - jornal da UNETI
s/d	SSP/Pe	ZA-2 - Antecedentes.
	65 SSP/Pr	ZA-3 - Certidão.
-	SNI/ARj	ZA-4 -Informe 521.
Nov. 63	-	Doc 708- Intervenção de Zuleika na Reunião plenária do CC - 1963.
Nov. 63	-	Doc 724 - Intervenção de Zuleika em Reunião do CC.
-	SSP/Pe	ZA-5 - Antecedentes.
Ago. 65	SSP/RS	ZA-6 - Informe.

A UNETI EM BRASÍLIA:



Vemos na foto acima, da esquerda para a direita, o Ministro da Educação, Júlio Sambaquy; o Presidente da UNETI, Sr. Luiz Jorge Leal; o ex-presidente da AETIP, Livino Lopes e o Diretor do Ensino Industrial, Dr. Amando Hidelbrando

Dando continuidade a consecução dos extensos planos de trabalho elaborados pela Diretoria da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais, esteve a UNETI na pessoa de seu Presidente, durante os dias 23, 25 e 26 de outubro na Capital Federal em contato com o Ministro de Educação e Cultura e o Diretor do Ensino Industrial. Na ocasião foram tratados vários assuntos de interesse da Classe Estudantil Técnica Industrial, onde destacam-se como principais a Regula-

menção da Profissão, participação do corpo discente das Escolas Técnicas e Industriais nos Conselhos de Representantes e no Conselho de Professores, Seminário Norte-Nordeste dos Estudantes Técnicos Industriais e verbas para o funcionamento mais eficiente da Entidade. Cabe salientar que após os entendimentos havidos, já possuem os estudantes técnicos participação nos Conselhos, estando agora a responsabilidade da direção das Escolas pesando no corpo discente por in-

(Conclui na 2.ª página)

JORNAL DA UNETI

ANO I ★ Janeiro de 1964 ★ N.º 1

Portaria de padronização das carteiras

O Sr. Ministro da Educação, Prof. Júlio Sambaquy assinou a portaria de número 592, de 29 de novembro de 1963, que concede à UNETI a faculdade de padronizar as carteiras estudantis para os Estudantes Técnicos Industriais.

Queremos chamar a atenção dos colegas para o fato de as carteiras estudantis que não obedecerem ao padrão da UNETI, para os Estudantes Técnicos Industriais não terão valor algum.

EDITORIAL

Até hoje temos conduzido a nossa luta pela melhoria do Ensino Industrial sem contar com o apoio de um órgão de divulgação que estivesse a altura de levar aos Estudantes Técnicos a nossa posição.

Pretendemos que o "JORNAL DA UNETI" venha a constituir-se em elemento aglutinador e que possa levar a cabo a tarefa de pôr-nos em contato mais íntimo com os Estudantes Técnicos, fazendo que sejamos de fato os representantes desta classe que ora se afirma com a dignidade e a pujança das classes que têm um papel histórico, qual seja o de dar uma valiosa e decisiva colaboração para o processo de libertação econômico-político do Brasil.

O nosso movimento reivindicatório está

crecendo na razão direta em que cresce também a luta do nosso povo pela libertação o que vem provar que estamos marchando dentro do nosso tempo e não estamos nos deixando levar pelos que pretendem que o estudante deve apenas estudar, não compreendem os que assim pensam que o estudo para nós, os jovens não é e não poderá jamais ser, um fim em si mesmo, mas sim um meio para atingirmos a nossa plena realização, vivendo em nossa época e sendo responsáveis pelo nosso futuro, livres e sem compromissos com privilégios ou privilegiados, mas sim comprometidos com tudo que diz respeito ao futuro do nosso País e de nosso povo.

Portador dessas idéias, arauto desta mensa-

gem de fé e de confiança na nobreza e nos elevados princípios dos Estudantes Técnicos Industriais Brasileiros, deverá o "JORNAL DA UNETI" estar a serviço da causa que defendemos, sem restrições para quem quer ou seja, sendo uma tribuna de luta para todos aqueles que se preocuparem com o destino de Nosso País e com a melhoria do Ensino Industrial e que estejam dispostos ao diálogo franco e honesto, concretizando o nosso lema...

"MELHORES TÉCNICOS POR UM
BRASIL MELHOR".

d. Redação

A UNETI EM BRASÍLIA:

(Conclusão de 1.ª página)
termêdio do representante da Classe. O representante do corpo discente deverá ser o Presidente da

Agremiação Estudantil, o qual poderá discutir sem restrições nas mesmas condições em que se encontra o Diretor da Escola, todos

os problemas referentes a mesma.

Desde o início de sua luta pela melhoria e demo-

cratização do Ensino Industrial, tem a UNETI em grande parte voltado sua atenção para a Regulamentação da Profissão do

Técnico Industrial de nível médio. Não é possível que haja Escolas formando milhares de Técnicos que pensam estar numa carreira promissora e num País que caminha para a sua emancipação industrial sem o exercício de sua profissão regulada por lei. Diante disso houve a movimentação da UNETI, juntamente com pessoas abnegadas do Ensino Industrial e encontra-se na Câmara Federal um projeto de Regulamentação que virá sem dúvida, após a aprovação final, dar um novo sentido à formação dos Técnicos e às Escolas.

O Seminário Norte Nordeste foi realizado com pleno êxito. Demonstraram os Estudantes da Região, por intermédio das teses elaboradas o seu alto grau de conhecimento das eficiências e deficiências existentes nos Ensino, dando desta maneira a sua contribuição pela melhoria do referido Ensino.

As verbas para funcionamento da Entidade foram providenciadas e dentro em breve poderá a UNETI e suas filiais contarem com uma casa e Sede, perfeitamente instalada para receber dirigentes estudantis e dirigido de todo o País. Houve também, na ocasião, troca de idéias rápidas sobre o plano da Presidência da República e do Ministério da Educação e Cultura, para a formação de 50.000 técnicos e operários qualificados. A UNETI participará da organização dos planos que estão sendo estudados para aplicação imediata, levando sempre o pensamento do estudante técnico industrial.

OS FENÔMENOS DO POVO (Garrincha e Vidas Sêcas)

O cinema é uma arte e a arte é um produto-ânsia. Atualmente, vive-se no mundo um impacto de realidades sociais que submetem o homem, a uma observação de projeto. Assim, o cinema, nascido das guerras e dos sorrisos históricos de Chaplin, por si só, não é apenas uma arte, senão também um movimento didático. É preciso exprimir-se o homem na tela e o homem é um fenômeno no tempo.

Alungindo o cinema brasileiro atual, sentimos que existe no mesmo, uma descendência perfeitamente válida, das expressões cinematográficas surgidas na Europa do pós-guerra; é no neorealismo italiano de Rossellini e Zavattini e, notadamente influenciado pelo restante das correntes atuais, podemos assim dizer, do cinema europeu que nasce o que se chama "Cinema Novo", embora se chame e não se defina. Os impasses surgidos entre as diversas correntes desse movimento colocaram várias situações diferentes, representadas pelos conceitos didáticos apresentados pelos filmes chamados "participantes". No entanto é diretamente nos fenômenos do povo que vamos encontrar as maiores divergências. Porque o cinema não é uma simples triação, porque brotou de uma época conturbada pelos homens e pela existência comum em si, nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, o cinema tem de ser didático. Mas o que não se pode conceber, é o esquecimento absurdo da concepção artística. Formaram-se grupos; o que se propôs foi um caminho: o de apresentar ou não, na tela, uma solução específica para os problemas discutidos.

Ora, para o espectador comum, o problema do caminho ou da resolução pode ser apresentado pela imagem. Cinema, antes de tudo, é direção e imagem.

Surgiram então dois fenômenos dentro do novo cinema brasileiro. Dois filmes de dois jovens. Dois filmes de uma época. Dois filmes de duas Escolas que não se chocam porque são reais. Dois filmes que antes de tudo foram sinceros; tiveram a única preocupação de participar, de uma maneira simples e lógica; apresentar e marcar profundo no seio das classes. No entanto, a incompreensão em torno desses filmes, surgiu, no momento em que eles se propuseram a ser filmes de classe, inclusive internacional. Não se pode fazer cinema apenas para um povo, quando se sabe, que o cinema além de arte é uma indústria e a indústria tem campos internacionais. É preciso dar-se continuidade.

Foram eles; "Garrincha, alegria de um povo", e, "Vidas Sêcas". Garrincha. Silêncio entre homens. Nas faces, nos gestos, marcavam-se aparências distintas de silêncio. Garrincha. A sensação de um povo que está morrendo. A música e o silêncio. 1950. Todos haviam se retirado do enorme Estádio. Todos menos a saudade e o desespero absurdo de haver-se perdido aquilo que tinha sido a última ilusão do homem comum.

Todos haviam se retirado mas um documento ficou marcado por uma câmara, que não saiu e ficou no silêncio. Garrincha. Agora, as faces estão cheias de esperança, os cortes de cena se sucedem, é uma verdade em cada movimento. Porque a câmara prossegue. Havia em 1950, agora, a Copa do Mundo.

Campeão. Bicampeão. Garrincha. Alegria do povo. A frustração do filme está exatamente em ter querido muito e conseguido pouco, todavia o bastante para mostrar coisas que ninguém, talvez, tivesse anteriormente a preocupação da observação. Vindo de uma Escola surgida do moderno cinema francês, o "cinema-verdade", é uma estética à serviço de uma situação. Garrincha é um filme-verdade. O que o jovem realizador Joaquim Pedro de Andrade conseguiu no filme, foi uma constatação, não do Garrincha jogador, mas do Garrincha ídolo.

Garrincha, garrincha. Exatamente a transmissão de uma espécie de neurose coletiva. Neurose de alegria. Mas antes, como nos mostra Joaquim Pedro, alegria falsa. Na cidade provinciana, algo longe da Metrópole, nasceu Manoel. Manoel trabalhou numa fábrica mas depois Manoel surgiu na Metrópole. Ganhou milhões. Já não era Manoel da fábrica, porque era garrincha. Alegria do povo, mas o cinema-verdade retrocede um pouco e volta à fábrica que continuou como antes, como sempre, que não mudou com garrincha que já não é da fábrica, que já é do povo.

A participação de uma singularidade de vontade, uma espécie de realização da massa que necessita de Garrincha como um superobjetivo de libertação, de libertação ilusória, não passa de uma noção exata de estrutura. Em suma, um filme-verdade que foi garrincha, ainda pecou em determinados conceitos, porque estabeleceu compromissos que seriam do povo no fenômeno-futebol, no fenômeno garrincha. Mas deixou claro que o cinema-novo não está perdido. Pelo contrário, encontrou-se quase em 70 por cento de sua síntese.

Vidas Sêcas, baseado na obra de Graciliano Ramos, foi uma obra-prima do cineasta Nelson Pereira dos Santos, depois de "Mandacaru Vermelho", Rio Zona Norte, "Rio Quarenta Graus" e "Bôca de Ouro". Uma obra de arte. Obra-prima acabada. Obra-prima de integração do cinema brasileiro no campo mérito internacional, depois do equívoco "Pagador de Promessas", prêmio político de um festival decadente.

Nordeste. Toda uma época ate hoje que não mudou. Nordeste até hoje. O cinema mais uma vez mostrou que a fotografia é o fenômeno mais importante da constatação. Vidas Sêcas, Nelson Pereira dos Santos, filme silencioso. Filme de monólogo. Filme de síntese. A participação esta na câmara que determina ser o sol a resposta dentro do monólogo. O sol na câmara, uma cadela morrendo em cima do espectador Sentenciado. E o sol. O sol queimando o celuloide do filme. Nelson Pereira dos Santos é um cineasta para homens que não tenham consciência musical. Há o silêncio e o silêncio não permite mais que a cera, o sol e a noção exatíssima da presença dos personagens, sempre em vias de viver e partir. Cinema de consistência efusiva.

Não permite consideração. Está mostrando Vidas Sêcas, filme maldito.

A presença de uma câmara mostrando uma realidade, sendo ou não sendo da Escola "verité", é um cinema sério. Vidas Sêcas não é mais que um cinema profundamente sério. Descrente do mundo que o cerca, o homem é um acidente na conquista de uma situação. A sua existência foi decomposta pelo meio ambiente, em determinadas partículas. Ele não quer morrer, mas desconhece outra forma de vida; vai partir e partir é morrer. Morrer para a iniciação de um outro ciclo de miséria. Vidas Sêcas é um filme que não permite outra análise senão a melancolia da miséria. Não tem defeitos técnicos, praticamente. É um filme completo e por isso mesmo, o maior filme já feito no Brasil. (Nelson Pereira dos Santos, sempre é bom lembrar, foi participante do júri cinematográfico de Moscou que deu a vitória ao filme mais novo do Frederico Fellini, "Oito e Meio" que em breve deverá estar nas telas brasileiras.)

Assim, concluímos a crítica de dois filmes, representantes do grupo mais sério do cinema novo. Garrincha e Vidas Sêcas, embora de não muito grande aceitação popular, são filmes que devem ser respeitados, por constituírem duas etapas diferentes do cinema sério.

Seminário Norte-Nordeste

20366
79
Flu

O trabalho que segue, estudando e analisando os mais diversos aspectos que implicam no desenvolvimento do ensino industrial no Brasil, é o fruto dos encontros da UNETI, nos quais os estudantes técnicos industriais brasileiros têm a oportunidade de reunidos estudarem e discutirem os principais problemas que ligam a classe e a nação.

Seguem, para clarificar aos estudantes e a todo o povo brasileiro, uma síntese das resoluções do Seminário Norte-Nordeste dos estudantes técnicos industriais.

O Ensino Industrial é, sem dúvida, o marco de uma era no decorrer dos nossos dias, deixando para trás as tradições acadêmicas, que, se voltarem a avolumar-se nos dias de hoje, nos faria marchar para uma escala de desenvolvimento inferior à que já estamos hoje. Já não admitimos as tradições que nos integram numa classe de menos favorecidos ou menos desvalorizados, pois o desenvolvimento industrial do século XX e a consciência de classe, não mais o permitem.

Admitimos que o Ensino Industrial ainda não alcançou o grau desejado, por falta de visão e sentimentos patrióticos de boa parte dos que nos dirigem, e por não terem atendido, até o momento, as mais legítimas e importantes reivindicações dos estudantes técnicos industriais, apresentadas pelas entidades representativas.

Já não são poucas as solicitações da classe estudantil técnica industrial, que já está esclarecida e vê, repetidas vezes, os seus interesses sacrificados por parte dos nossos dirigentes. As vezes, tentam simular-nos como fantoches, numa nação que tanto precisa de técnicos e mão-de-obra especializada para fortalecer-se e libertar-se política e economicamente.

Causa estranheza ao nosso estudante, as modalidades de ensino em relação às necessidades regionais. Isso prova que as filosofias de ensino supostamente nacionais, são importadas de países cuja estrutura é totalmente diversa da nossa, como é o caso da orientação dada nos Ginásios Industriais.

Assim, justificamos tudo que apontaremos a seguir e aconselhamos imediato levantamento das necessidades do país e das regiões.

A escola deve identificar-se com o meio para se firmar diante do povo e constituir-se no funcional da conjuntura sócio-econômica e política do Brasil e da Região.

O Ensino Industrial, deve, portanto, atender aos seguintes objetivos:

- a) atender a demanda de mão-de-obra
- b) repôr na indústria a vaga classificada
- c) preparar mão-de-obra capaz de atender o incremento tecnológico.

Em função destes objetivos, o Ensino Industrial, deve ser o esteio da industrialização e não visar somente as características de uma indústria específica.

No momento, o ensino industrial, deve ter em vista os grandes problemas advindos da indústria moderna e os que forçosamente surgirão dos planejamentos das reformas de base, tão necessárias ao desenvolvimento do Brasil.

Como verificamos a existência de problemas a serem solucionados em todo o setor do ensino industrial, assim como, as exigências de mão-de-obra especializada, para a execução das inevitáveis Reformas de Base, apontamos, finalmente, independente das reivindicações imediatas da classe a realização da Reforma do Ensino Industrial como única medida, para resolver os problemas citados que são de estrutura.

O TÉCNICO E A INDÚSTRIA

A Comissão que foi designada para estudar os problemas do Técnico e da Indústria relacionados, propõe que seja tomada uma definitiva posição ante o MEC e a DEI para a valorização do técnico industrial, que por falta de atuação destes órgãos competentes têm dificultado constantemente o conhecimento do valor do técnico para o desenvolvimento industrial nacional. Para isso se faz necessário que estes órgãos mantenham maior ligação entre escola e indústria, facilitando assim o intercâmbio entre elas. Esperamos que as considerações aqui sugeridas sejam aproveitadas e levadas à prática, evitando, como costuma acontecer, que as sugestões apresentadas sejam esquecidas ou sejam descumpridas.

Estamos interessados a emprendermos a luta, a fim de apressar o cumprimento dos nossos direitos e reivindicações, das autoridades competentes. Os itens discutidos pela comissão referente ao técnico e à indústria são os seguintes:

- a) — O técnico e sua atuação na indústria;
- b) — melhor intercâmbio entre escola e indústria;
- c) — estágios nas indústrias



Vemos na foto a Mesa Diretora do Segundo Seminário de Estudos Norte-Nordeste dos Estudantes Técnicos Industriais, composta dos Diretores da UNETI, do Ensino Industrial, das Escolas Técnicas e convidados

- d) — criação dos sindicatos.
- a) — O técnico e sua atuação na indústria.

Os técnicos industriais são peças fundamentais para um conjunto produtor. No entanto, os mesmos não são valorizados, na medida que merecem, acreditando erroneamente os nossos industriais que bastam os operários e um reduzido número de engenheiros para que a produção marche bem. O técnico, devido os seus conhecimentos práticos, é capaz de substituir o engenheiro à altura a qualquer momento, bem como, por seus conhecimentos de cultura geral e prática para administrar seções especializadas. Diante disto, achamos que se faz necessário uma campanha de valorização deste elemento, visando uma posição em que realmente as possibilidades sejam aproveitadas o que virá proporcionar à indústria um meio de aumentar sua produção, racionalizando os gastos.

- b) — Melhor intercâmbio entre escola e indústria e melhor acolhimento ao estudante técnico;

Sentimos a necessidade de uma maior aproximação com as indústrias. Isto pode ser feito através de convênio entre escolas e indústrias, para que haja a possibilidade de visita e possam os industriais tomar contato com os cursos e com o elemento ali formado. Somos de acordo que seja estabelecido entre estas partes, pelo menos uma vez por mês, visitas às indústrias,

que trará ao aluno uma ambientação maior, e que haja entre o técnico e a indústria maior ligação, tendo a indústria, como principal objetivo, acolher os técnicos formados, dando ciência às escolas das suas necessidades. Achamos necessário também a existência de um meio de divulgação do estudante técnico, com a finalidade de dar conhecimento aos industriais das possibilidades que a escola técnica oferece. Isto poderia ser feito através da DEI; que se encarregaria de promover a propaganda das perspectivas que oferecem à moderna indústria brasileira, os estudantes e a escola técnica.

- c) — Estágios nas Indústrias;

O Estágio, como uma espécie de preparo final para o estudante enfrentar a vida prática, precisa aqui na Região Norte e Nordeste, de um estudo por parte das autoridades. Quando no Estado, não existir indústrias que venham atender as necessidades do estudante poderá a Escola manter maiores contatos com as indústrias de outros Estados dando assim maiores possibilidades para os estagiários, isto é se o número de estagiários locais não suprir as necessidades das indústrias. Para isso é necessário que haja maior intercâmbio entre as escolas e as indústrias da região, visto que desta maneira poderiam os estudantes obter melhores condições para suas especialidades.

As empresas do governo, bem como suas repartições públicas funcionam com uma grande deficiência de pessoal especializado, entretanto não é

tomada uma providência no sentido de serem colocados os técnicos industriais formados nas escolas técnicas em atuação nos mesmos; salientamos que o dinheiro gasto com a formação deste estudante parte do Governo Federal.

- d) — Criação dos Sindicatos dos Técnicos Industriais.

O Sindicato dos Técnicos Industriais terá como finalidade, lutar pelas reivindicações econômicas dos mesmos, firmando-se no exercício da profissão, e representar legalmente este setor profissional.

Não possuindo os técnicos ainda condições, para criarem os seus sindicatos, devido ao pequeno número de profissionais existentes no Brasil, torra-se necessário que nós, estudantes técnicos industriais, iniciemos a criação das associações regionais e uma nacional que representará os técnicos industriais de todo o país, e que, com o desenvolvimento e a força de maior número de profissionais técnicos industriais, se transformará em Sindicatos.

Como exemplo da contribuição que podemos dar para a fim mencionamos a defesa e regulamentação do técnico, o lançamento das taxas para criação de associações de alunos.

Portanto, é dever do estudante técnico industrial, contribuir com os nossos colegas formados, favorecendo as reuniões destes profissionais, dentro de nossas agremiações estudantis, visto que, dentro de alguns anos, também teremos de enfrentar a vida, como técnicos industriais.

A Escola Técnica E O Meio

Prof. Fany Malin Tchaicovsky

Educação é um processo indivisível e contínuo, cujo propósito fundamental é desenvolver uma personalidade plena que possa oferecer uma contribuição positiva ao progresso da comunidade a que pertence.

O bom êxito da educação profissional depende de se lhe conceder a categoria que exigem as suas finalidades. Por outro lado deve-se ver o homem e sua formação, em relação a seu ambiente sócio-econômico; e a educação profissional deve reconhecer esta ligação e adaptar-se ao ambiente geográfico, econômico e social. A satisfação das necessidades econômicas e sociais do homem é condição prévia a seu desenvolvimento individual. É também a finalidade para a qual deve dirigir-se a educação. Por isto, pode combinar-se numa filosofia integral de educação profissional, o conceito humanista da educação e a concepção prognóstica de seus métodos. Seu propósito é preparar o homem de tal forma que domine seu ambiente econômico, alcance melhor vida para si como indivíduo e ajude à sua família e à sociedade a conseguir um nível mais alto de bem-estar material e espiritual.

Históricamente cada época e cada cultura expressam suas idéias mediante a criação de instituições que desempenham determinadas funções sociais.

Tecnologicamente, até bem pouco tempo, toda a produção se baseava no esforço muscular de homens-bêstas; o produto social, insuficiente para proporcionar uma vida cômoda a todos, se dividia desigualmente entre os amos e trabalhadores. O emprego da máquina a vapor e a energia elétrica, assim como, os conhecimentos e métodos científicos, deixava esperança de uma maior abundância e de uma distribuição mais equitativa.

Cada vez é mais artificial a distinção entre trabalho

manual e trabalho intelectual. Ao intelectual a máquina, a ciência aplicada intelectualiza o homem-motor e os trabalhos humanos são hoje todos êles produtos de um mecanismo mental. Somente que, em uma a finalidade é de idealização e planejamento enquanto que em outra é de execução.

O dualismo criado entre o trabalho intelectual e o trabalho manual tem afastado do último campo um grande número de pessoas que talvez não tenham conseguido êxito no primeiro. Estes resíduos são oriundos, ainda, de uma educação secundária acadêmica e vazia de finalidades práticas e objetivas para a gente de "boa família", ou melhor dizendo, recursos econômicos e até para os filhos de operários que sentindo o desprezo social, querem fazer de seus filhos doutores.

Hoje se enfrenta a necessidade de estabelecer na mente dos homens a dignidade do trabalho manual. Fazendo frente ao conceito do colégio, tradicional que mediante o intelectualismo, prepara para seguir estudos universitários, estejam êles capacitados ou não para isto, aparece a educação técnica que, se propõe a educar as novas gerações para formar cidadãos produtores. Hoje se busca a conciliação destas duas tendências, para "dar mãos ao pensamento e dar pensamentos às mãos".

Assim como o atual sistema econômico tem suas raízes nos de outras épocas, nosso sistema educativo inclui elementos históricos da Grécia, Roma e Idade Média. Agora chegou a ocasião de orientarmos para a formação de homens livres e socialmente úteis à comunidade especialmente no campo da produção e da responsabilidade cívica.

O rápido crescimento da população em alguns países, é essencial para que a produção aumente em proporção ainda maior. Por serem limitados os

recursos de que se dispõe, temos que aumentar a produtividade. A educação profissional é condição prévia para logarmos êxito, porque ministra meios concretos para conseguir maior eficácia econômica tanto para o indivíduo como para as nações.

As necessidades sócio-econômicas têm que ser determinadas por métodos racionais de investigação científica. Logo, mediante o planejamento da educação profissional e a instrução técnica, em seus aspectos quantitativos e qualitativos, se tem que fazer estudos dos programas que se devem desenvolver para satisfazer as necessidades existentes.

Dentro de um plano de educação profissional amplo, o operário se considerará como indivíduo e como tal esperará que ao preparar-se para enfrentar a vida, encontre realmente as condições necessárias para o seu desenvolvimento. Para isto, torna-se necessário que qualquer plano que se estabeleça numa região para a implantação da educação industrial, leve em consideração pelo menos êstes três fatores básicos:

a) não haja superprodução de técnicos além do necessário em determinadas ocupações, a fim de evitar o problema do desemprego e do despovoamento de regiões.

b) que a formação e instruções básicas lhe possibilite desenvolver-se integralmente dentro de suas atividades.

c) que se ajuste à realidade social existente, mas com tendências a elevar cada vez mais o seu nível de vida.

No ensino técnico industrial ainda existem grandes diferenças na organização de escolas e cursos na América Latina. É possível assinalar que, com raras exceções, são escassas e inadequadas ao meio sócio-econômico para resistir a uma dura crítica por parte de empregadores e trabalhadores. Como consequência

desta inadequação a grande maioria de jovens entram para os campos de produção industrial e agrícola, as atividades comerciais e as atividades do lar sem estarem preparados para isto.

No Brasil, tivemos com a Lei Orgânica do Ensino Industrial a porta aberta para o desenvolvimento e preparo de mão-de-obra qualificada para atender à possível demanda. Não vamos analisar em profundidade agora, porque seria um assunto que nos tomaria muito tempo o plano estabelecido para a implantação e o desenvolvimento das escolas industriais e o processo que se desenvolveu para realizá-lo. Sabemos que as necessidades não foram completamente atendidas. A importância de um programa industrial para a comunidade pode ser medida pela eficiência com que o treinamento dado a seus alunos atenda às necessidades de operários para o desenvolvimento industrial da comunidade.

Em muitos casos a criação de escolas e cursos tem sido inadequada devido a vários fatores entre os quais podemos assinalar como os mais importantes:

a) Não foi realizado um plano conjunto baseado no estudo das necessidades reais;

b) em muitos casos não se dispunha da quantidade e qualidade de informações indispensáveis para planejar uma sólida organização e para a estimativa a recolocação de mão-de-obra necessária no campo da produção;

c) faltavam os recursos econômicos necessários para o desenvolvimento de escolas industriais que atendessem à demanda.

d) estruturam sistemas rígidos e com muitos interêses pessoais difíceis de modificar;

e) quando existe o recurso financeiro, estudos e informações, as influências políticas têm anulado o critério técnico.

Para estabelecer-se com que eficiência a responsabilidade das escolas está

sendo levada a cabo, é necessário que, de vez em quando, se façam estudos para determinar até que ponto a escola atende a sua real finalidade.

Gostariamos de nos referir a um estudo levado a efeito em 1951. A Comissão Brasileira-América de Educação Industrial, realizou uma pesquisa que tinha como objetivo, principal, verificar "O que acontece com alunos graduados e desistentes dos cursos das Escolas Industriais da Rede Federal do Brasil".

Gostariamos de levar ao conhecimento do prezado público, alguns dados que nos parecem muito significativos e que acreditamos, guardadas as proporções, e salvo melhor juízo, pois desconhecemos outros estudos feitos neste sentido, continuam a ser atuais.

Numa primeira etapa da pesquisa feita, ficou evidenciado que dos 1775 alunos que ingressavam nas escolas em março de 1946, apenas 391 ou 22% completaram o curso em 1949 e destes 104, ou seja, 27% estão trabalhando no ofício, 122, ou seja, 31% trabalhavam fora do ofício, 25, ou seja, 6,5% seguiram cursos técnicos e o resto com paradeiro desconhecido.

Se nos referirmos ao número inicial de 1775 que ingressou nas escolas industriais formaram-se e conseguiram emprego nas especialidades, em que haviam sido formados, somente 6,1% dos alunos.

Numa segunda etapa da pesquisa resolvemos, então, verificar quais as causas de uma tão grande evasão que torna o ensino industrial caríssimo, se formos considerar o índice "per capita" de custo para formar um operário qualificado.

Foi a Escola Técnica Nacional escolhida para fazer-se êste estudo e pelas respostas dadas pelos alunos entrevistados os prezados congressistas podem sentir a importância das ponderações futuras que queremos fazer.

(Continua na 5ª pág.).

A Escola Técnica E O Meio

(Continuação da 4ª pag.).

Pergunta feita "Já escolheu definitivamente uma profissão?" 37,1% dos alunos declararam que haviam chegado à escolha final de sua profissão depois de terem deixado a escola industrial; 19% tomou sua decisão durante o tempo que estudava na escola; 28,5% antes de ingressar na mesma e 15,2% ainda não se decidiu.

Para determinar-se qual assistência recebida na escolha de uma profissão favorece os alunos: "Por que escolheu esta profissão?" e "Quando tomou esta decisão?" e "Durante o tempo que esteve matriculado na escola, que ajuda você recebeu na escolha do ofício em que foi treinado?"

Verificou-se que muitos alunos passaram pela escola sem receber uma assistência adequada na escolha de sua futura profissão e aparentemente a maioria dos alunos achava que nesta fase de sua educação a participação da escola foi quase nula, uma vez que 42,8% declararam ter escolhido sua profissão sem assistência, e 41,9% auxiliados por parentes e amigos. Por outro lado 10,4% indicaram que a escola os auxiliou a chegarem a esta decisão.

A maior parte dos alunos ouviu falar pela primeira vez sobre o programa da escola por casualidade, por intermédio de amigos ou conhecidos. Apenas 14,3% conheciam algo sobre a escola antes da matrícula.

E' evidente portanto que:

1) a escola não manteve sistema de relações com a indústria que oferecesse aos alunos informações sobre oportunidades de emprego;

2) a escola pouco tinha feito, ou nada, para dar a seus alunos qualquer tipo de orientação profissional;

3) a escola não assumiu sua responsabilidade em auxiliar os alunos a encontrarem emprego na profissão para a qual formaram-se.

Entretanto, agora, novos horizontes se abrem para a implantação e o in-

cremento das escolas técnicas industriais no País. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação tornou o ensino mais democrático e humano.

A Diretoria do Ensino Industrial vem se empenhando no sentido de ser aumentada a matrícula nas escolas de ensino industrial da rede federal, dando plena utilização da capacidade ociosa dessas escolas, tanto no que diz respeito a áreas e equipamentos, quanto no que se refere ao corpo docente e em consequência obter-se maior rendimento das dotações destinadas à essas escolas.

Por outro lado, notícias nos chegam de estudos feitos, tais como o do Engenheiro Italo Bologna, no parque industrial de São Paulo sobre a necessidade de mão-de-obra industrial e a implantação de novos cursos e de vários planos de aproximação de Escola com Indústria.

Com os primeiros levantamentos realizados pela SUDENE em escolas do Nordeste, visando a introdução do ensino industrial nas premissas do esquema elaborado por essa superintendência para o equacionamento da região, e com o desenvolvimento de Unidades Industriais da Petrobrás com uma política de investimento na formação de mão-de-obra especializada, podem e devem as Escolas Técnicas prepararem-se para servir de produtoras de mão-de-obra.

Estamos atualmente atravessando uma dura fase de luta pela nossa emancipação econômica e a Escola Industrial, poderá desempenhar um papel importantíssimo nesta luta.

A escola profissional de um modo geral na América Latina como em outras regiões e países necessita ser dinamizada de forma a constituir-se em uma escola integral em substituição a uma situação escolar tradicional divorciada da realidade profissional.

Não há exagero em afirmar que através do binômio Escola Trabalho será possível propiciar ao

trabalhador base suficiente para um exercício profissional mais produtivo.

Fala-se muito em aumentar a produtividade mas esquece-se que a maior produtividade do Trabalhador depende fundamentalmente do seu melhor ajustamento ao trabalho, decorrendo daí a sua maior integração social ao grupo dos Trabalhadores.

Gradualmente se chega a compreensão de que é possível o desenvolvimento de nações subdesenvolvidas por um esforço deliberado pelo controle das providências essenciais à expansão de suas economias.

Tal avanço não se poderá obter entretanto automaticamente nem mediante um processo de evolução natural como aconteceu no passado em muitos países. E, ainda que fosse possível tal ocorrência nenhum povo estaria, atualmente, disposto a esperar os séculos que tal evolução requereria.

O problema reside, pois, na escolha e utilização de métodos e processos para apressar a evolução.

O planejamento educacional é parte integrante do planejamento econômico e social e o planejamento do desenvolvimento econômico-social é inseparável do planejamento educacional. Não há como elaborá-lo isoladamente dado o seu mútuo e estreito condicionamento.

O desenvolvimento rápido gera uma enorme sobra de mão-de-obra despreparada a ser absorvida e de outro lado, uma enorme fome de técnicos, cientistas e administradores de alta eficiência, inexistentes nos países de baixo desenvolvimento e que terão de ser formados imperativamente.

Educação é um investimento social de longa gestação e que não se pode substituir. O planejamento do potencial humano necessário a determinados planos de desenvolvimento social e econômico não constitui tarefa fácil. Exceto em tempo de guerra, nenhum país, salvo os socialistas, levou a cabo um programa sistemático e in-

tensivo de desenvolvimento do seu potencial humano de trabalho.

No planejamento da Força do Trabalho é natural que mereça atenção muito especial a previsão da formação de cientistas, engenheiros, técnicos, administradores e operários qualificados. A previsão das necessidades em cada ramo, em cada especialidade e em cada grau constitui tarefa da maior importância no plano de explanação e aprimoramento.

Todos aqueles que estão participando neste esforço concentrado e, principalmente, em nosso caso, já que estamos entre representantes dos corpos docentes e discentes das escolas industriais, devemos procurar desenvolver uma consciência de maior reestabilidade de recursos existentes.

O objetivo da educação industrial é proporcionar um aumento tanto quantitativo como qualitativo da mão-de-obra. A formação de mão-de-obra deve adiantar-se à demanda, se não quisermos mais tarde ser responsabilizados pelo retardamento ou atraso do desenvolvimento econômico do País.

Qualquer escola responsável pelo treinamento de alunos para a indústria deve necessariamente manter estreito contato com os líderes industriais da região, caso o programa tenha em vista o suprimento das necessidades da comunidade.

Uma escola técnica tem dupla responsabilidade na sua tarefa de integração ao meio;

a) oferecer o tipo de formação necessário para atender a demanda de operários qualificados criada por um programa em expansão;

b) auxiliar seus alunos a escolher, preparar-se e ingressar na profissão que melhor corresponda aos seus interesses, aptidões e aspirações.

Temos que reunir os esforços da escola e a indústria e procurarmos entrosar suas relações de forma a que realmente a Escola Industrial de cada comuni-

dade seja um elemento irradiador e propulsor do desenvolvimento econômico do país e que seja atendida a primeira necessidade.

A segurança e o progresso de uma sociedade exigem que cada indivíduo ocupe um lugar no qual possa contribuir ao máximo para o seu bem-estar e o dos seus semelhantes, e para que seja atendida a segunda responsabilidade da escola não poderia de, ao finalizar esta palestra, alertar a todos para que se empenhem no sentido do desenvolvimento da consciência da necessidade da orientação profissional que nada mais é do que um trabalho organizado e de colaboração de toda a escola, no sentido de auxiliar o aluno a decidir onde deseja ir, o que deseja fazer, facilitando-lhe a escolha da vida futura, além de ajustá-lo às situações críticas que possam aparecer.

As escolas industriais premidas, agora, por uma nova legislação do ensino industrial que no Parágrafo Único do Art. 1.º dá ênfase a este aspecto, e diz "O ensino ministrado nesses estabelecimentos se processará de forma a atender às diferenças individuais dos alunos buscando orientá-los, dentro de seus interesses e aptidões".

E finalizando mais uma vez queremos frisar e ressaltar que a escola industrial, se realmente quer ocupar o lugar de liderança que deve ter no desenvolvimento econômico da comunidade, só o poderá fazer de uma forma eficaz se atuar como elemento de ligação entre o adolescente, a família e o mundo ocupacional.

Mas, para que isto aconteça é preciso que todos que fazem parte da Escola, o Diretor, os alunos, e o Conselho de representantes, o pessoal de apoio e os professores, sintam realmente esta necessidade e trabalhem unidos neste sentido.

Só assim a Escola Técnica terá no Meio a que pertença, a posição de des-

20367

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]
20368

O Movimento Estudantil Técnico - Industrial

20367
CW

Pode-se dizer que no ano transcorrido (7-62 a 7-63) houve um avanço nunca antes observado no Movimento Estudantil Técnico Industrial. Vejamos alguns exemplos, entre 7-62 e 7-63 a UNETI realizou nada menos do que cinco encontros, sendo três regionais e dois nacionais quando nos anos anteriores nada havia realizado; conta a Entidade com sete Entidades Estaduais e neste ano, padroniza-se a fundação de mais quatro; as relações com as Autoridades melhoraram muito e algumas das reivindicações já estão bem encaminhadas, como é o caso da Regulamentação da Profissão do Técnico Industriais de Nível Médio e da Participação nos Conselhos das Escolas Técnicas; a consciência dos Estudantes Técnicos aumenta-se cada vez mais, desencadeando-se em todos os Estados do Brasil campanhas para a melhoria do Ensino Industrial, greves para depôr Diretores corruptos, etc.

A isso devemos somar as outras reivindicações da UNETI em benefício da classe e que estão em vias de ser concretizadas, podendo-se dizer que o trabalho de arregimentação dos Estudantes em torno da Entidade, surtiu os efeitos que esperavamos e podemos contar, de agora em diante com as bases que se vincularam à UNETI.

[É este o trabalho, sem pom-

pa e desprezioso de uma Entidade sem recursos e que tem trabalhado, justiça seja feita, na base da coragem e do profundo amor dos seus dirigentes para com a classe que representam. Porém acima de tudo isso pairam os motivos que levaram a classe Estudantil Técnica Industrial a mover-se nesta direção: o ridículo que representa para um País, no estágio em que se encontra o nosso, uma estrutura pedagógica, didática e administrativa, obsoletas, superada pela marcha cada vez mais acelerada do País em direção ao seu pleno desenvolvimento. O Ensino Industrial, queramos ou não, representa para a Nação uma carga pesada e altamente prejudicial pois este Ensino é de uma rentabilidade baixíssima, não ultrapassando os 10%, enquanto que a indústria brasileira está com um déficit de mão-de-obra especializada. Foram incoerências como estas, entre o que é e o que deveria ser que fizeram com que os Estudantes Técnicos Industriais sentissem a necessidade de se organizar em uma Entidade representativa que os pudesse representar e lutar para conseguir das Autoridades uma maior objetividade na administração do Ensino.

Esta Entidade é a UNETI, Entidade que têm condições levar esta tarefa até ao fim, por ser a representante legítima e indiscutível de uma classe que tem reivindicações

de importância capital para a industrialização do País, por estar assentada dentro da sua realidade cotidiana. Fica com isso provado que a capacidade de aglutinação de forças da Entidade, fortaleceu-se muitíssimo ultimamente, o que nos leva a prever um avanço ainda maior no momento em que contamos com o apoio de todos os estudantes Técnicos Industriais brasileiros, lutando ao nosso lado pela concretização das palavras de ordem defendidas sempre em nossos encontros regionais ou nacionais.

Nunca se fez tão necessária como agora, no momento em que todas as forças antinacionais lutam desesperadamente para manter o Ensino Industrial em posição de entrave ao desenvolvimento.

É necessário que os Estudantes Técnicos Industriais deem cada vez mais o seu apoio integral à linha por nós seguida, fazendo com que representemos, junto às autoridades uma grande capacidade de pressão, ao mesmo tempo em que deixamos de correr o risco de afastar-nos das bases.

Resta-nos aproveitar as oportunidades que surgem e, através de ações coordenadas, pressão: para obter as resoluções dos nossos problemas de Ensino Industrial e suas aplicações no panorama Nacional. Não paramos aí, todavia. Os novos horizontes abertos, nos levam a

intensificar a luta reivindicatória e de mobilização em torno dos problemas do nosso Ensino diretamente ligados aos problemas do desenvolvimento Nacional.

Mais e mais avançamos rumo à realização do nosso lema: "MELHORES TÉCNICOS POR UM BRASIL MELHOR" e devíamos acrescentar: "...em um Brasil melhor e mais justo". Nos Estados, organizamos campanhas de alfabetização e outras campanhas de cunho popular integrando-nos, dêse modo, às classes das quais faremos parte num futuro próximo, a classe trabalhadora, a classe operária.

Nossa luta não pára ante as barreiras que nos pretendem impor. Lutamos, defendendo a classe trabalhadora, porque amanhã dela seremos uma parte viva e com ela teremos contatos diários em nossa vida profissional.

A Escola

(Conclusão da página 5)

taque que não nos gostaríamos de lhe dar

Fortaleza 15 de julho de 1963.

Cópia autêntica dos dados originais da Conferência.

UNIAO NACIONAL
DOS ESTUDANTES
TÉCNICOS INDUSTRIAIS
GESTÃO 63/64

Li

20368

me

Noticiário

Escola Técnica De Química

Os alunos da ETQ da Guanabara estão empenhados em uma campanha para a aquisição de um prédio onde possa funcionar a referida Escola. Para isso já conseguiram do Sr. Diretor da Escola a promessa de que se conseguirem o terreno a Diretoria do Ensino Industrial tomará o encargo de construir o prédio. Fazemos votos para que os colegas da ETQ encontrem de imediato o local, pois, aonde funciona atualmente, restringe o aproveitamento da Escola, já que a mesma vem há dezoito anos funcionando provisoriamente em 5 (cinco) restrigidíssimas salas cedidas pela Escola Técnica Nacional.

Regulamentação A Um Passo

O anteprojeto de Regulamentação da Profissão, foi apresentado, pelo Deputado Federal Oamar Dutra, na sessão do dia 10 de setembro passado na Câmara dos Deputados, em Brasília. Após o estudo passou a "Projeto N.º 981 de 1963" e aguarda aprovação. Torna-se necessário que os colegas, através de suas Agremiações Representativas, telegrafem à Câmara dos Deputados solicitando aprovação do Projeto da Regulamentação da Profissão que de há muito aguardamos.

Participação Nos Conselhos

O Excelentíssimo Senhor Presidente da República, assinou o Decreto que oficializa a participação obrigatória de um aluno no Conselho de Professores. Este mesmo Decreto dispõe ainda, sobre a participação de um trabalhador e de um estudante no Conselho de Representantes das Escolas Técnicas da Rede Federal. Aliás, esta é uma das mais importantes proposições do VIII CNETI. Com este Decreto, terão os Estudantes Técnicos uma forma mais efetiva de colaborar com a sua parcela para o melhoramento do nível de Ensino nas Escolas Técnicas do País.

II Congresso Latino-Americano Da Juventude

A UNETI participará do II Congresso Latino-Americano da Juventude que se realizará de 9 a 13 de março de 1964, em Santiago do Chile. Neste sentido o Vice-Presidente de Assuntos Internacionais da UNETI, já entrou em contato com as demais Entidades e já estamos fazendo parte do Comitê Organizador Nacional, comitê este que tem por finalidade, angariar fundos para custear as passagens dos Diretores que representarão as Entidades do Brasil e entre estas a UNETI. Queremos solicitar aos colegas das Escolas Técnicas Industriais e das Entidades Estaduais filiadas à UNETI que nos deem a sua valiosa colaboração financeira para que possamos nos desloca até à Sede do II CLAJ, sendo que esta colaboração poderá ser dada através da compra do "Jornal da UNETI" podendo os colegas aumentar, por sua livre e espontânea vontade o preço dos exemplares.

UNETI nos Estados

Durante o mês de setembro, a Diretoria da UNETI, dividida em grupos percorreu as Diversas regiões do País. Aos colegas Luiz Jorge Leal e José Hélio coube os Estados da Região Norte e Nordeste, ficando as restantes, Centro-Leste e Sul, aos colegas Flávio Trolano e Francisco Ferreira.

Preteende a UNETI com tal medida, levar as bases a sua presença, entrando em contato direto com as suas filiais e sentindo de perto os problemas existentes nas Escolas Técnicas para melhor poder aquacioná-los, partindo então para as medidas de solução. Faz parte ainda destas viagens a realização de Assembléias Gerais, nas Escolas visitadas, fazendo amplas explicações da situação do Ensino Industrial no Panorama Nacional. Tais viagens dever-se-ão prolongar até fins de novembro.

Congresso Da Associação Dos Estudantes Técnicos Industriais De Pernambuco

A AETIP, realizou em setembro passado o seu Congresso Estadual. A UNETI se fez presente ao conclave, nas pessoas de seu Presidente Vice-Presidente, colegas Luiz Jorge Leal e José Hélio de Góes Pereira. Esperamos e fazemos os nossos votos de que os colegas de Pernambuco continuem sempre e cada vez mais dar a sua valiosa colaboração em prol da causa do Ensino Industrial.

Sergipe, Entidade Estadual

Temos a obrigação de salientar ainda a atuação do nosso colega Augusto Gomes de Almeida, Secretário Executivo da UNETI em Sergipe, que vem envidando grandes esforços para a fundação da União Sergipana dos Estudantes Técnicos Industriais, auxiliado pelos colegas da Escola Industrial de Aracaju. Neste sentido já foi realizado, no mês de junho passado o Primeiro Congresso Estadual dos Estudantes Técnicos Industriais. Continuaremos a dar todo o nosso apoio ao colega Augusto, esperando que ele continue sempre e cada vez mais a fortalecer o Movimento Técnico Estudantil em seu Estado.

Entidade Caçula Dá Seus Primeiros Passos

A entidade caçula do movimento técnico industrial acaba de ser fundada no estado do Rio Grande do Norte. Lá estiveram dirigindo os trabalhos desta nova entidade os colegas Presidente e 2.º Tesoureiro da UNETI. Deixaram os colegas dirigentes da UNETI os meios necessários para um bom funcionamento da União dos Estudantes Técnicos Industriais Potiguares. Esperamos vê-la nos próximos encontros da Mãter.

II Seminário Norte Nordeste Dos Estudantes Técnicos Industriais

Realizou-se, entre os dias 27 e 31 de outubro passado, o II Seminário Norte-Nordeste dos Estudantes Técnicos Industriais patrocinado pela UNETI, na Cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba.

Tivemos lá a presença de todas as delegações, desde a Bahia até ao Amapá. Os trabalhos transcorreram dentro de um clima que nos faz prever uma avançada bastante grande dos Estudantes Técnicos em direção ao seu pleno desenvolvimento e consciência de si mesmos como classe organizada em luta pelas suas reivindicações.

Mais esta vez, contamos com a presença do Sr. Diretor do Ensino Industrial o qual, em debate franco conosco, colocou claramente a sua disposição em lutar ao nosso lado para dar ao Ensino Industrial no Brasil, a objetividade de que o mesmo se sente. Acreditamos que com esta afirmativa do Dr. Armando Hildebrand ficarão abertas à UNETI as portas que conduzirão ao equacionamento dos nossos problemas.

Os debates finais, sobre os relatórios apresentados pelas três comissões; O Técnico e a Indústria; O Ensino Industrial e as necessidades regionais e Os Estudantes Técnicos e os Problemas Nacionais, se desenvolveram à base de dar aos problemas que os Estudantes Técnicos da Região Norte-Nordeste do País, uma solução com as nossas aspirações.

Congresso Da União Paulista Dos Estudantes Técnicos Industriais

Realizou-se no mês de setembro passado, o Congresso Estadual dos Estudantes Técnicos Industriais. A UNETI espera que com este Congresso a UPETI volte novamente ao caminho da luta pela melhoria do Ensino Industrial no País, do qual a nossa filiada de há muito se afastou, enveredando pelo infeliz caminho do marasmo e da inoperância, fugindo às suas finalidades. A UNETI se fez presente levando a sua experiência e colaboração aos colegas paulistas, através de dois representantes que, se aproveitando do ensejo, visitaram as Escolas Técnicas da Capital do Estado.

UNETI & A Casa De Pernambuco

Foi liberada pelo Ministro da Educação, uma verba de Cr\$ 6.000.000,00 (seis milhões de cruzeiros) para a Casa do Estudante Técnico de Pernambuco. Esta verba foi o fruto de uma longa gestão da UNETI, juntamente com elementos da Diretoria da AETIP, perante o MEC, através da Diretoria do Ensino Industrial.

Reestruturação Dos Currículos

A Diretoria da UNETI fez entrega ao Ilustríssimo Senhor Diretor do Ensino Industrial, Dr. Armando Hildebrand, dos currículos mínimos para os Cursos Técnicos que achamos ser de direito. Nos novos currículos damos uma maior atenção à Matemática e às Ciências Físicas e Biológicas, procurando dar a cada curso uma base mais sólida para a compreensão destas mesmas matérias na vida profissional.

Fundação Da União Paranaense Dos Estudantes Técnicos Industriais

Outro motivo de grande júbilo para nós é o êxito obtido pelos Estudantes Técnicos do Paraná, que a 9 de julho passado fundaram a UPRETI.

Aos colegas do Paraná as nossas congratulações pela brilhante iniciativa. Devemos destacar a atuação dos colegas Nelson Tagima e João Aderbal para de sua empresa, a fundação da UPRETI. Esperamos uma grande atuação da nossa Entidade "caçula", sempre vinculada às aspirações dos Estudantes Técnicos, Paranaenses e do povo brasileiro.

Verbas Federais Para A UNETI

Foi aprovada no Senado, uma verba de Cr\$ 12.000.000,00 (doze milhões de cruzeiros), que com os cortes devido ao Plano de Contenção ficou em Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros), que serão retirados no próximo ano.

Mais Uma Entidade Estadual ... Agora No Ceará

Durante o mês de setembro do corrente ano estiveram na capital do Ceará o Presidente e Vice-Presidente da UNETI, onde juntamente com os dirigentes de Grêmios estudantis e o Colega Pedro Albuquerque secretário executivo da UNETI naquele estado, fundaram a entidade estadual dos estudantes técnicos industriais do Ceará. Eis portanto mais uma entidade que estará participando e atuando para a melhoria do Ensino Industrial no Brasil.

Verba Para A Sede Da UNETI

Foi liberada pelo Excelentíssimo Senhor Dr. Júlio Sampaqui Ministro da Educação e Cultura, através da Diretoria do Ensino Industrial uma verba de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros) para a compra de uma casa que sirva para ser instalada a Sede da UNETI. Confiamos que a mesma venha solucionar o problema de espaço que além de não permitir o desdobramento das nossas atividades não permite também melhor assistir aos colegas que aqui chegam, vindos dos Estados.

UNETI

NOS

ESTADOS

Iniciando sua peregrinação pelos Estados, a UNETI seguiu, nas pessoas de seus Presidente e Vice-Presidente, colegas Luiz Jorge Leal e José Hélio de Góis Perreira, viagem pelas Regiões Norte e Nordeste do Brasil.

O primeiro Estado a ser visitado pela UNETI, foi a Bahia, onde a "mater" entrou em contato com a União Baiana dos Estudantes Técnicos Industriais. Neste primeiro contato, a UNETI verificou o funcionamento da Entidade Estadual da Bahia, levando também a palavra de ordem do VIII CNETI.

Ainda na Bahia, a UNETI, em conversação com os Estudantes Técnicos Industriais, fez a colocação dos problemas do Ensino Industrial, já analisados pelos participantes do VIII CNETI, bem como, dando orientações e fazendo sugestões para a solução dos problemas existentes naquele Estado e mais além, fazendo um breve relato das atividades da UNETI desde após o Congresso.

A seguir a UNETI, esteve na cidade de Palmeiras, em Pernambuco, onde se fez representar no Congresso dos Aeroaviários, deslocando-se em seguida para a Capital do Estado, onde participou do Congresso Estadual dos Estudantes Técnicos Industriais de Pernambuco, patrocinado pela AETIP. Na oportunidade foi pronunciado um amplo relato sobre o Movimento Técnico Estudantil até ao momento, bem como sobre várias deficiências existentes no Ensino Técnico e suas possíveis soluções. Foi a UNETI, em Pernambuco, bastante aplaudida, tendo inclusive recebido apoio integral, por parte dos Estudantes Técnicos, em sua luta pela melhoria do ensino.

Ainda em Pernambuco, na capital, a UNETI entrou em contato com os Estudantes através de Assembléias Gerais em várias Escolas, colocando a Classe a par dos acontecimentos no Movimento Estudantil Técnico Industrial.

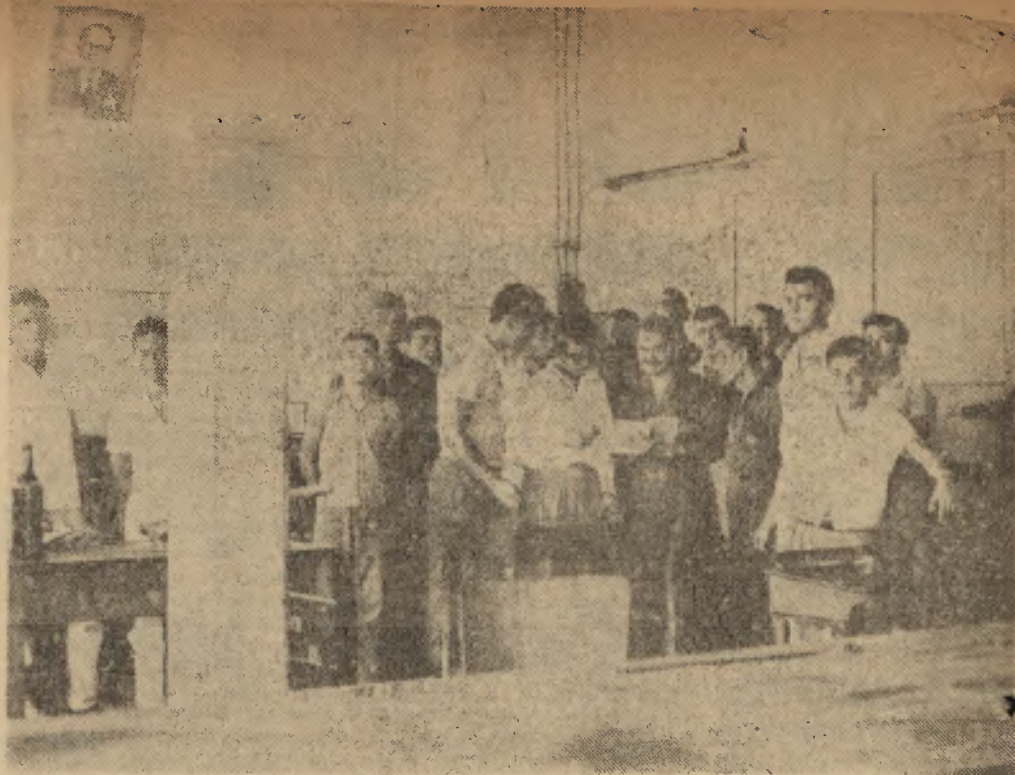
Já no Ceará, a "mater" manteve contato com os Estudantes Técnicos da Metrópole, levando a palavra de ordem oriunda do VIII CNETI e fazendo considerações sobre

as Artes Industriais nas Escolas Técnicas e a luta contra a Implantação da mesma.

Na oportunidade a UNETI patrocinou o I CONGRESSO ESTADUAL DOS ESTUDANTES TÉCNICOS INDUSTRIAIS DO CEARÁ, ocasião em que foi fundada a UNIÃO DOS ESTUDANTES TÉCNICOS INDUSTRIAIS DO CEARÁ, tendo, no conclave, sido eleita a Diretoria pioneira da Entidade cearense.

Ainda no Ceará a UNETI teve a honraria de assistir aos festejos da Primeira Semana do Estudante Técnico, patrocinada pelo Grêmio Literário Carlos Câmara, da Escola Industrial de Fortaleza. Já de partida, recebeu da Sede, no Rio, um telegrama comunicando sobre um Movimento Paredista dos Alunos da Escola Técnica de São Luiz, do Maranhão. De imediato, deslocou-se a Presidência e a Vice-Presidência da UNETI para aquele Estado onde de imediato, em contato com o Presidente da Agressão se procurou saber detalhes do Movimento, bem como os motivos que os haviam levado a decretá-lo. Pouco porém pôde a UNETI saber. Dirigiram-se, o Presidente e Vice, no dia seguinte até aquele Estabelecimento de Ensino, para ver "in loco" os motivos pelos quais os Estudantes haviam recorrido à greve. Pelo que foi dado verificar, a Escola vinha funcionando em péssimo estado, pois a administração se encontrava muito desleixada sendo que até a Caixa Escolar, não funcionava, e, alias, os estudantes do Estabelecimento desconheciam a existência da mesma e não sabiam até então da participação dos alunos na Diretoria do órgão assencial; o setor de Orientação Educacional não funcionava, e, no entanto, tem um encarregado do mesmo; a escola se encontra em péssimo estado de conservação; existem professores de Cultura Geral que não dão aulas e quando as dão, em geral começam com atraso; as oficinas não funcionam, por falta de material; etc.

Após a verificação do estado em que se encontrava a Escola, a UNETI convocou uma Assembléia Geral e em debate com os alunos, resultou no surgimento de várias



Na foto vemos o colega Luiz Jorge Leal, Presidente da UNETI, quando da sua visita à Escola Industrial Coriolano de Medeiros, em contato com os alunos e Professores na Oficina de Tipografia

outros problemas apontados pelos mesmos. Na Assembléia foi solicitada à UNETI que tomasse a frente do movimento ficando acertado que a UNETI pediria à Diretoria do Ensino Industrial a Intervenção Federal na Escola, tão logo chegasse à Guanabara.

Mais uma vez um cabograma da Sede da Entidade chegou às mãos dos Diretores que viajavam solicitando a presença dos mesmos em Aracaju. Sergipe, onde os alunos da Escola Industrial de Aracaju solicitavam a presença da UNETI, visto que os mesmos se encontravam em greve por tempo indeterminado. Deslocou-se então o colega Luiz Jorge Leal para Aracaju, tendo o colega José Hélio, seguido viagem para o Estado do Pará.

Em contato com os Estudantes de Belém, a UNETI, realizou palestras sobre as teses aprovadas no Congresso, em Assembléias Gerais nas Escolas. Na oportunidade, cogitou-se a fundação no ano em curso da Entidade Estadual, devendo, no mês de novembro um emissário da UNETI se deslocar até aquela Capital para participar do Congresso Estadual, ora em organização.

Dando prosseguimento à sua série de viagens, a UNETI se dirigiu ao longínquo Estado do Amazonas. Neste Estado a UNETI fez breve visita às Escolas Técnicas da Metrópole, sendo que depois de um entendimento com os estudantes, ficou acertada para breve a fundação da Entidade Estadual. Em Assembléia Geral realizada no Auditório da Escola Técnica de Manaus, uma palestra proferida pelo representante da UNETI, sobre as palavras de ordem do Congresso Nacional, recebeu todo o apoio da parte dos alunos daquele Estabelecimento de Ensino Técnico. Na mesma oportunidade, o Sr. Diretor do Estabelecimento, fez pronunciamento dizendo que a palavra de ordem do Congresso, inclusive a da extinção das

Artes Industriais nas Escolas Técnicas, o colocava ao lado da UNETI, dizendo que os estudantes Técnicos podiam contar com mais um Diretor, alado aos interesses da Classe Técnica Estudantil.

Finda a visita ao Estado do Amazonas, a UNETI, na pessoa de seu Vice-Presidente, retornou à Sede na Guanabara.

Deslocando-se do Estado do Maranhão, para o de Sergipe, a UNETI, na pessoa do colega Luiz Jorge Leal, Presidente, logo a sua chegada entrou em contato com os alunos do Estabelecimento, onde, em contato com os dirigentes do Movimento paredista e com o Diretor da Escola, servindo de intérprete dos alunos, levou ao mesmo os anseios dos estudantes. Também, o colega presidente entrou em contato com o Conselho de Representantes da Escola, onde o colega Presidente colocou as reivindicações dos alunos.

Em seguida a imprensa lida e escrita divulgou uma nota oficial enviada pelos alunos da Escola, sendo que após a divulgação da mesma o Diretor da Escola Industrial de Aracaju pediu demissão do cargo que exercia, bem como o Presidente do Conselho de Representantes que tomou a mesma atitude. De imediato, assumiu o cargo um novo Diretor com o qual a Presidente da UNETI, manteve contato e após entrar em acordo aceitou como justas as reivindicações dos estudantes. Ainda em Araca-

ju, foi feita uma palestra sobre as reivindicações estudantis originadas nos debates do VIII CNETI, bem como a colocação da palavra de ordem do mesmo Conclave.

Finda a missão da UNETI em Aracaju, viajou-se para Alagoas onde manteve-se contato com a União dos Estudantes Técnicos de Alagoas e com os alunos da Escola Industrial Deodoro da Fonseca, ocasião, em que os alunos que nos unem às bases, foram estreitados, com a posição da UNETI em torno das reivindicações dos Estudantes Técnicos de Alagoas e de todo o território nacional, colocada em Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim.

A seguir a UNETI se deslocou ao Estado do Espírito Santo, onde, na capital do Estado, na Escola Técnica de Vitória pronunciou em Assembléia Geral, uma palestra ilustrando a posição da UNETI face aos problemas do Ensino Industrial.

Ainda, após a saída de Pernambuco, a UNETI esteve na Escola Industrial Coriolano de Medeiros, na Paraíba, atualmente sob intervenção Federal, na pessoa do Dr. Moacir Benvenuto, onde foram acertados os pontos finais, para a realização em fins de outubro, do Segundo Semanário Nordeste dos Estudantes Técnicos Industriais.

De Vitória, do Espírito Santo, a UNETI deslocou-se para o Rio, onde funciona normalmente.

JORNAL DA

UNETI

20368
mm

103



ZA - 2
20369
20369
M. 20369
H. 20369

ZULEIKA ALAMBERT, brasileira, natural do Estado de São Paulo, filha de Juvenal Alambert e de Josefa Prado de Alambert, nascida em 23/12/22, residindo na R. Maria Angélica, 332, apt. 101, era militante comunista, sendo delegada estadual à III Conferência do P.C.B. Foi candidata a deputado estadual do Est. de S. Paulo, apresentada pelo P.C.B. Segundo a "Classe Operária" de 1/1/49, foi autora de um artigo intitulado "As Mulheres Também Saúdam Prestes". Segundo a "Voz Operária", de 21/12/49, associando-se às comemorações do 70º aniversário de Stalin, escreveu um artigo no referido jornal, sob o título: "As Mulheres Saúdam Stalin". Segundo a "Imprensa Popular" de 14/11/50, foi signatária do "Apelo de Estocolmo", no momento em que se reunia em Varsóvia a grande assembléia mundial de todos os povos que se batiam pela paz. Segundo notas existentes neste D.O.P.S., foi deputada comunista pelo Est. de S. Paulo, oradora em comícios nos quais atacava o Sr. Ademar de Barros e concitava os comunistas a votarem unicamente nos candidatos apresentados pela chapa popular. Anteriormente, em 1/12/47, segundo informação reservada do D.O.P.S. de Belo Horizonte, era conhecida líder comunista paulista, e, na época, encontrava-se no Est. de Minas Gerais desincumbindo-se de atribuições que lhe foram confiadas pela chefia do P.C.B., referentes à propaganda eleitoral na Zona Araraquara até São José do Rio Preto. Posteriormente, entretanto, foi-lhe atribuída a missão de propaganda ideológica no Est. de Minas Gerais, principalmente nas cidades de Juiz de Fora e de Itajubá, sendo que nesta última, com o encargo, ainda, da infiltração na Fábrica de Sabres e Canos de Fuzis do Exército, ali sediada. Segundo o "Globo", de 22/8/53, era militante comunista, e vinha de ser processada em São Paulo por suas atividades partidárias. Segundo a "Imprensa Popular" de 8/1/54, já se encontrava à venda seu último livro intitulado "Uma Jovem Brasileira da União Soviética". Figura numa relação de elementos comunistas registrados no D.O.P.S. de São Paulo, encaminhada a este Departamento em maio/54. Segundo publicação Oficial do T.S.E., candidatou-se à vereança ou à deputação estadual de S. Paulo, em 1947, em chapa apresentada pelo P.C.B.; não logrou ser eleita, figurando, apenas, como suplente. Em 24/11/59, solicitou



W

20370

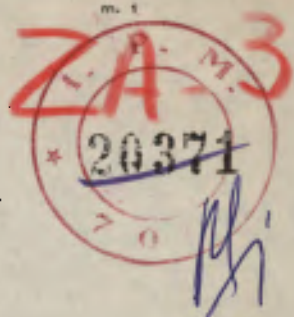
J. W. B.

- 2 -

verificação de antecedentes para fins de viagem ao Chile, tendo aqui declarado na ocasião que viajava para aquele país como turista. Que anteriormente, viajou para o exterior, tendo visitado a Suíça, França e Itália. Que, em 1946, foi deputada pelo Est. de São Paulo, como representante do Partido Comunista, aliás, como suplente de deputado, que assumiu o cargo em virtude da vaga verificada antes do término do deputado Maltilio Muraro. Em 6/7/61, solicitou verificação de antecedentes para fins de viagem à Europa.



SECRETARIA DE SEGURANCA PÚBLICA
Estado do Paraná
 =DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL=



N.º

de 19

20371

Handwritten initials and signature

= CERTIDÃO =

CERTIFICO, em cumprimento à determinação do Sr. Dr. Delegado de Ordem Política e Social, atendendo solicitação do I Exército constante do ofício circular nº 226-J-IPM/709, que nos arquivos desta Delegacia, NADA CONSTA, a respeito da Srª ZULEIKA D'ALAMBERT, que a mesma houvesse exercido atividades político-sociais, -contrárias ao regime em vigor no País e suas instituições, durante o tempo de sua permanência neste Estado.

O referido é verdade e dou fé.

Curitiba, 23 de julho de 1965.

Handwritten signature

 ESCRIVÃO.



VISTO

Curitiba, 23 de 7 de 1965 -

Handwritten signature

 DELEGADO

SECRETO

ZA-4

20372

INFORME Nº 521/SNI/ARJ
(SS17/263/21 Mai 65)



Esta Agência recebeu de fonte altamente idônea, o informe abaixo, provavelmente verdadeiro:

20372

- ZULEIKA D'ALEMBERT residia à Rua Maria Angélica nº 332 - apt 101 - JARDIM BOTÂNICO, GB. Trabalha a Rua Francisco Serrador nº 2 - Edifício Glória, s/303.

DISTRIBUIÇÃO:
 IPM/709
 Gab SG/CSN
 ARJ/SNI

*Anotar o endereço
 e arquivar em
 seu classe.*

31

SECRETO

[Handwritten signature]

1º pt. - Zuleita

20373
109

Em 1º considero justa a opinião dos
comps que me antecederam aqui de
que as teses elaboradas ainda não
ajudam o P. a debater. Acho que
se devia iniciar as teses com 1
plano que da aplicação da
linha o q nos permitiria
determinar quais as teses q
conducam da linha traçada
no V. Proponho que se faça
isso e se aproveite as teses.
Nos 3º e 4º cadernos onde se
traca a Tática e a estratégia
há contradições e ecletismo.
No 3º caderno quero apontar
a questão do carácter do gov deu e
nae Ta. Temos medo de cair no
gradualismo.

Há 1 gst - q u - compreendo Wa
leutim mostrou aqui q falta o
calor revº na atuação do P.
E q mto comps n~ entendem
que ao lutar p/ refs estamos
travando 1 luta revola. 108

Chave. Estamos tirando vanta-
gens desse ministério da Educaçã

Obs: 3
u

Estou de acordo e) a nota
da C Fx mas o doc to não

109
110
111

-2-

140

O gov q propugnamos ~~total~~ ^{total} contra
o fango e real algumas refs. O gov
q começar as refs não podemos
prever q rumo tomarão os acout^{tos}
como se faz na pg 31 do 3º caderno.
Não podemos prever qual o rumo
q tomarão os acout^{tos} como o
faz o doc^{to}. É óbvio dizer
que ha 2 caminhos. ~~Existe~~ ^{Existe}
para todos os países. 20374

É um avanço ~~concretos~~ ^{de}
que existe p^o nós a possib^l de
caminho pacífico. Acho que esta-
mos tirando o caminho pacífico.
Na Venezuela há combates de rua.
Acho que poderíamos estar dando
tiro nas ruas mas o caminho q
estamos seguindo é justo. 20373
Exemplo é Pe onde utilizamos
as eleições. Devemos continuar
a acumular forças com a
colocação de corpos em postos-
chave. Estamos tirando vanta-
gens desse Ministério da Educaç^{ão}

Obs:
u

Estou de acordo c/ a nota
da C Fx mas o doc^{to} não

3
e está ainda de velho. ^{Ho}
O mesmo qto ad posto no
Min do Trab e na Petrobrás.
Acho q devemos aproveitar melhor
o caminho pacífico. 20375

Qu^{to} a nossa posição
em rel^o ao gov. acho q o
doc^{to} não ~~coloca~~ ^{coloca} bem a gest.
O gov adota ^{algumas} posições boas na
pol externa, constato o doc^{to},
pq estamos pressionando e as
massas s/ o gov.

Acho q se deve examinar
melhor a posição do gov.
A prática mostra q o gov e seu
sinal a pressão de massas x a
conciliação. 20375

Devemos desenvolver a pol q
estamos aplicando: a n/ posição
não é de simples posição
estou de acordo e a nota
da C Ex mas o doc^{to} não

Obs:
u



- 4 -

~~de~~ consagra essa posição
de nota em relação ao
gov.

Creio que a luta pela paz
continua a ser o problema
primordial. A única verdade
e a melhor forma de lutar
pela paz é lutar pela liber-
tação nacional. Leva a
subestimar a luta especifi-
ca pela paz.

Creio que mesmo nos mar-
cos da dependência so-
cial ^{imp} podemos travar a
luta pela paz com êxito.

(M)

20376

Gu

obs: 3
u



ESTADO DA GUANABARA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Obs: Trata-se de intervenções de Zuleika
na Reunião Plenária de 20 de nov. 1963
(aprendido no # oentorio de kates) Ref: 802698
Gonzaga

31

4º pt. - Fulcra
Estou de acordo e os mi-
namentos tirados p/ causas -
de l x o sitio
Ha 1 radicaliz. da massa
mas q do dele precipit. não car-
stuo num setor vivo e neli-
não se avai. a repulsa
ao Est de sitio 20377

N.º lig. ~ a massa é
esporádica e ela não se
mob da noite p o dia.
Tivemos uma orientação
justa e impedimos que
a conciliação aplicasse o
sitio.

A coordenação da
deca de massas é mi-
serias preparadas para
bras de ordem para não
ter q impedir a
ultima hora.
Tenho rel. a posic. de J.
acho q a nota da CEx

no exame da situação
do estado

20377

20377

113

20378

FW

114

115

ob.

IF
N

6

Handwritten mark

-2-
 é justa mas o Com Est
 da fb não trava a luta
 x CL. O inimigo fun-
 damental é o imp e CL
 na fb. e Ademair em SP.
~~o~~ O perigo de golpe
 nos impõe o trabalho c/
 a nota da C Exec. 1ª
 enfrentar a sit - e mobili-
 zando as massas pres-
 sionar JG.

20378

Caso ele queira dar
 o golpe encontrará as
 massas mobilizadas

É justa a preocupação
 com Pe. É o gov mais
 avançado q já obtivemos.
 É preciso + carinho
 no exame da situação
 do estado

ob.

Handwritten mark

20378

Handwritten initials

114 115

IF
N

[Faint handwritten notes on a separate sheet of paper, partially obscured and illegible.]

Ob. Trata-se de intervenção de Lulika
na Reunião Plenária de CC - nov 1963
(aprendido no Esentório de Pastos)
Gonzalez

32

Handwritten text at the bottom of the page, possibly bleed-through from the reverse side. The text is faint and difficult to decipher but appears to include a date and a name.

DELEGACIA AUXILIAR

ZA-5

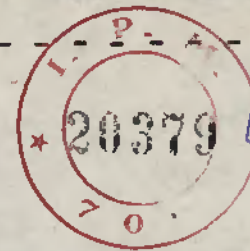
Cópia

ZULEIKA ALAMBERT - - - - - Prontuario n. 16.124
residente em São Paulo - - - - -

A N T E C E D E N T E S

20379

W



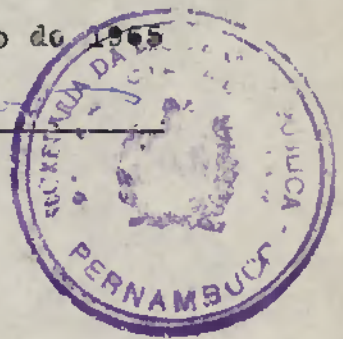
Handwritten signature

19.3.1966 - A Fôlha do Povo publicou um artigo de autoria da pron-
tuariada sob o seguinte titule: "MANTER AS MASSAS VIGI-
LANTES NA DEFESA DE NOSSE PETROLEO. Inicia o artigo com
as seguintes palavras: "Na luta que vem desenvolvendo
pela emancipação nacional a classe operaria e o povo
brasileiro têm alcançado significas vitorias. Termina;
o Apôlo de Prestes em sua entrevista está claro. Só as
massas unidas, organizadas e em permanente vigilancia
poderão levar os trustes norte-americanos a novas derro-
tas em suas traçoeriras pretenções". - - - - -

22.10.1960 - Exerce suas atividades na Comissão Central do Partido
Comunista do Brasil. É amante de ARMENIO GUEDES, Secretar-
rio Particular de Luiz Carlos Prestes, conforme nota
publicada no Diario de Pernambuco de 22.10.1960 - - -

Recife, 25 de agosto de 1965

J. B. ...
Arquivista



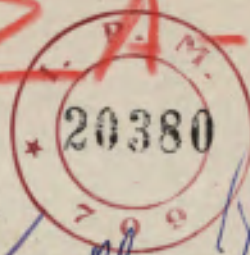


ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA CIVIL

ARQUIVO
=====

GERAL.-
=====

Z.A.M. 6



Handwritten signatures and initials in blue ink

Consta o nome de :

ZULEIKA ALAMBERT .-
=====

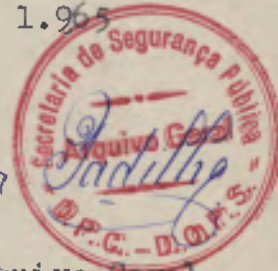
20380

Em 1.951 - Conforme fichas remetidas pelo DOPS de São Paulo, o marginado é elemento de destaque no Partido Comunista do Brasil, na cidade de Santos, onde sempre exerceu atividades. Pertenceu - ao Comité Estadual do Partido. Concorreu às eleições legislativas, na Legenda do PCB., tendo sido suplente. Posteriormente, passou a ocupar a - cadeira de deputado, na vaga de Mautilio Muraro.

Em 25 de agosto de 1.965



Oswaldo Siqueira



Chefe do Serviço de Arquivo Geral

1800
20382



oferecer o imperialismo? Como poderão acreditar esses ignorados em algum benefício que venham de mãos sangrentas?
Tribus inteiras que ainda vivem nuas; outras supostamente antropófagas; outras que, ao primeiro contato com a civilização conquistadora, morrem como insetos; outras que são desterradas, isto é, que são arrancadas de suas terras, lançadas a vagar pelas selvas ou pelas montanhas pelas regiões distantes onde não chega o menor átomo de cultura, de luz, de pão, de nada? ...
Em que "aliança" — que não seja uma para sua rápida morte — vierem essas raças indígenas castigadas por séculos, mortas a tiros para desocupar suas terras, mortas a pauladas, aos milhares, por não trabalhar mais rápido em seus serviços, sob a exploração do imperialismo?
E ao negro? Que "Aliança" lhes pode brindar o sistema de linchamento e a preterição brutal do negro nos Estados Unidos; aos quinze milhões de negros e 14 milhões de mulatos latino-americanos que sabem, com horror e cólera, que seus irmãos do Norte não podem entrar no mesmo veículo com seus compatriotas brancos, nem frequentar as mesmas escolas, nem sequer morrer nos mesmos hospitais?
Como hão de crer neste imperialismo, em seus benefícios, em sua "aliança" (que não sejam para linchá-los e explorá-los como escravos) essas raças étnicas preteridas?
Essas massas, que não podem gozar ao menos medianamente de qualquer benefício cultural, social ou profissional, que mesmo onde são maiorias, ou constituem milhões, são maltratadas pelos imperialistas disfarçados de KULUX-KLAN; são lançadas aos baixos mais insalubres, às casas coletivas menos confortáveis, feitas por eles; empurrados aos "ofícios" mais ignóbeis aos trabalhos mais duros e às profissões menos lucrativas, que não supõem contatos com as universidades, as altas academias, as escolas particulares?
Que aliança para o Progresso pode servir de estímulo a esses 107 milhões de homens e mulheres de nossa América, medula do trabalho em cidades e campos, cuja pele escura — negra, mestiça, mulata, índia inspira desconfiança aos novos colonizadores? Como vão confiar na suposta Aliança os que no Panamá têm visto com mal contida impotência que há um salário para o ianque e outro salário para o panamenho, considerado raça inferior?
Que podem esperar os operários com suas diárias de fome? Os trabalhadores mais rudes, as condições mais miseráveis, a destruição, as enfermidades e todos os males que incuba a miséria?
Que lhes pode dizer, que palavras, que benefícios poderão oferecer os imperialistas aos mineiros do cobre, do estanho, do ferro, do carvão, que perdem seus pulmões em benefício de donos distantes em um novo mundo em todas as partes, que ajudam a criar o imperialismo, essa boca insaciável, essa mão insaciável sem

outro horizonte imediato que a miséria, o desamparo mais absoluto e, por fim, a morte fria e sem história?
Que pode esperar essa classe, que trans-formou o curso da história, em outras partes do mundo, que revolucionou o mundo, que é a vanguarda de todos os humildes e explorados, que pode esperar do imperialismo, seu mais irreconciliável inimigo?
Que pode oferecer o imperialismo, que classe de benefícios, que sorte de vida melhor e mais justa, que motivo, que compensação que interesse para superar-se, para poder ultrapassar seus limites e primários padrões, a professores, a profissionais, a intelectuais, a poetas e a artistas; aos que zelam cuidadosamente pelas gerações de crianças e jovens para que o imperialismo se ceve depois com eles; a quem vive de salários humilhantes na maioria dos países; aos que sofrem as limitações de sua expressão política e social em quase todas as partes; que não sobrepõem, nem suas possibilidades econômicas, mais que a simples linha de seus precários recursos e compensações, enterrados numa vida pálida e sem horizontes que acaba numa aposentadoria que não cobre nem a metade dos seus gastos? Que "benefícios" ou "alianças" poderá oferecer o imperialismo que não seja as que reduzem em seu total proveito? Se lhes cria fontes de ajuda às suas profissões, às suas artes, às suas publicações, é sempre para que essas produções reflitam os seus interesses, seus objetivos, seus "nada". Os romances que tratam de refletir a realidade do mundo, de suas aventuras rapaces; os poemas que queiram traduzir protestos por seu avassalamento, por sua ingerência na vida, na mente, nas vísceras de seus países e povos; as artes combativas que pretendam expor as formas e conteúdos de sua agressão e constante pressão sobre tudo que vive, que ALENTE progressivamente tudo o que é revolucionário; o que ensina; o que trata de guiar cheio de luz e de consciência, de clareza, e de beleza, aos homens, e aos povos, a melhores destinos, ao mais alto nível do pensamento, da vida e da justiça, encontra a revolução mais encarnada do imperialismo; encontra a vata, a condenação, a perseguição macartista. Suas impressas se lhes fecham; seu nome é apagado das colunas e se lhe aplica a louca do silêncio mais atroz. ... Que acontece então — uma contradição a maior do imperialismo —, quando o escritor, o poeta ou pintor, o escultor, o criador em qualquer setor, o cientista, começa a viver de verdade, e a dizer na linguagem do povo, no coração de milhões de homens do mundo? O imperialismo tudo transmite, deforma, canaliza para seus vestimentas e para seu proveito, até a multiplicação do seu dólar; comprando palavras ou quadros, ou mudando, ou transformando em silêncio a expressão dos revolucionários, dos homens progressistas, dos que lutam pelo povo e seus problemas. ... Não poderíamos esquecer neste triste quadro a infância desvalida, desamparada; a infância sem futuro da América.

A América que é um continente de natalidade elevada, tem também uma mortalidade elevada. A mortalidade de crianças de menos de um ano, em 11 países ascende a poucos anos a 125 por mil, em outros 17, a 90 crianças. Em 102 países do mundo, por outro lado, essa taxa

alcança 51. Na América, morrem tristemente, desatendidas, 74 crianças em cada mil, no primeiro ano do seu nascimento. Há países latino-americanos em que essa taxa alcança em alguns lugares, 1300 por mil; milhares e milhares de crianças, até os 7 anos, morrem na América de enfermidades incriveis; diarreias, pneumonias, desnutrição, fome; milhares e milhares de outras enfermidades sem atenção nos hospitais; sem medicamento; milhares e milhares ambulam, feridas de, cretinismo endêmico, impudência, tricoma e outros males produzidos pelas contaminações, à falta de água e outras necessidades. Males desta natureza são uma cadeia nos países americanos onde agonizam milhares e milhares de crianças, filhos, de párias, filhos de pobres, ou de pequenos burgueses com vida dura a precária. Os dados que serão redundantes, são de assustar. Qualquer publicação oficial dos organismos internacionais, reúne-os por centenas.

Nos aspectos educacionais, indigna pensar no nível de cultura que padece esta América. Enquanto os Estados Unidos obtêm um nível de 8 a 9 anos de escolaridade na população de 15 anos de idade em diante, a América Latina, saqueada e espoliada por eles, tem menos de um ano de escolaridade aprovado como nível, nessas mesmas idades. Indigna ainda mais saber que das crianças, entre 5 e 14 anos somente estão matriculadas, em alguns países, 20% e nos de mais alto nível, 70%.
Isso quer dizer que mais da metade da infância da América Latina não comparece à escola. Mas a dor cresce quando comprovamos que a matrícula nos três primeiros graus compreende mais de 80% dos matriculados; e que no sexto grau a matrícula flutua apenas entre 6 e 22 alunos de cada 100 que começaram no primeiro. Até nos países que julgam ter atendido a sua infância, esta porcentagem de perda escolar entre o primeiro e o sexto grau é de 73% como média. Em Cuba, ante da revolução, era de 74. Na Colômbia, "democracia representativa" de 78. E se fixarmos a vista no campo, só 1% das crianças chega no melhor dos casos ao quinto grau de ensino.
Quando se investiga esse desastre do analfabetismo escolar, uma causa o explica: a economia de miséria. Falta de escolas, falta de professores, falta de recursos familiares, trabalho do menor. Definitivamente, o imperialismo e sua obra de opressão e atraso. O resumo deste pesadelo que tem vivido a América de um extremo a outro, é que neste continente de quase 200 milhões de seres humanos, formado em dois terços pelos índios, mestiços e negros, pelos "discriminados", neste continente de semi-colônias, morrem de fome, de enfermidades cruéis ou velhice prematura cerca de 4 pessoas por minuto, de 5500 por dia, de 2 milhões por ano, de 10 milhões cada cinco anos. Essas mortes poderiam ser evitadas facilmente mas não se desenvolvem da América a classe operária é em geral relativamente pequena, há uma classe social que pelas condições sub-humanas em que vive constitui uma força potencial que, dirigida pelos operários e os intelectuais revolucionários, tem uma importância decisiva na luta pela libertação nacional: os camponeses.
Em nossos países unem-se as circunstâncias de uma indústria subdesenvolvida com um re-

gime agrícola de caráter difícil que sejam as condições operárias urbanas, a população mais horribil condicional, mas é também o setor absolutamente maior que os vezes sobrepassa a latino-americanas.
Descontando, os latifundiários que vivem em fazendas, por vezes residem nas cidades, nada difere da idade média.
Estas circunstâncias são as que determinam que na América Latina, a população deve do campo constitua uma tremenda força revolucionária potencial.
Os exércitos, estruturados e equipados para a guerra convencional, que são a força que se sustenta o poder das classes exploradoras, quando tem que enfrentar-se a luta irregular dos camponeses no seu cenário natural, resultam completamente impotentes; perdem dez homens por cada combatente revolucionário que cai, e a desmoralização se propaga rapidamente entre eles ao ter que enfrentar-se com um inimigo invisível e invencível que não lhe oferece ocasião de empregar suas táticas de incandescência e suas fanfarras de guerras, das quais tanto alarde fazem para reprimir os operários e estudantes nas cidades.
A luta inicial de pequenas núcleos combatentes, nutre-se incessantemente de novas forças, o movimento de massas começa a destar-se, a velha ordem fende-se pouco a pouco em mil pedaços, e é então o momento em que a classe operária e as massas urbanas decidem a batalha. O que é que faz com que, desde o início da luta, esses primeiros núcleos se tornem invencíveis, independentemente do número de poder e dos recursos dos seus inimigos? O apoio do povo, com o qual contam em grau cada vez maior.
Mas o camponês é uma classe que não tem estado de incultura em que se encontra, e o isolamento em que vive, necessita da luta revolucionária e política da classe operária e dos intelectuais revolucionários, sem o qual não poderia, por si só, largar-se a conquistar a vitória.
Nas atuais condições históricas da América Latina, a burguesia nacional não pode anegar a luta anti-feudal e anti-imperialista. A experiência demonstra, que em nossas nações esta classe, sempre que seus interesses são contrariados, não se lança a lutar, mas sim se torna incapaz de enfrentá-lo, paraliza-se pelo medo da revolução social e assustada pelo clamor das massas exploradas.
Colocada ante o dilema imperialismo ou revolução, somente suas camadas mais progressistas estarão com o povo.
O atual cenário mundial de forças e o movimento universal de libertação dos povos coloniais e dependentes apontam à classe operária e aos intelectuais revolucionários da América Latina o seu verdadeiro papel, que é o de situar-se resolutamente na vanguarda da luta contra o imperialismo e o feudalismo.
O imperialismo, utilizando os grandes monopólios cinematográficos, suas agências telegráficas, suas revistas e jornais reacionários, procura

às mentiras mais sutis para semear o divisionismo e incutir entre as pessoas mais ignorantes o medo e a superstição das idéias revolucionárias, que são aos interesses dos poderosos exploradores e dos seus seculares privilégios podem e devem ameaçar.
Por grande que tenha sido a epopeia da independência da América Latina, por heróica que tenha sido aquela luta, à geração de latino-americanos de hoje está reservada uma epopeia ainda maior e mais decisiva para a Humanidade. Porque aquela luta foi para livrar-se do poder colonial espanhol, da Espanha decadente, invadida pelos exércitos de Napoleão. Hoje compete a luta de libertação de uma metrópole imperial mais poderosa do mundo, contra a força mais importante do sistema imperialista mundial e para prestar à Humanidade um serviço ainda maior do que lhe prestaram os nossos antepassados.
Mas esta luta, mais que aquela, fala-se às massas, fala-se ao povo; os povos vão desempenhar um papel muito mais importante que então; os homens, os dirigentes importam e importarão nesta luta menos do que importaram naquela.
Esta epopeia que temos diante de nós, vão escrevê-la as massas esforçadas de índios, de camponeses sem terra, e de operários explorados, vão escrevê-la as massas progressistas; os intelectuais honestos e brilhantes que abundam em nossa sofrida terra de América Latina; luta de massas e de idéias; epopeia que levarão adiante nossos povos maltratados e desprezados pelo imperialismo, nossos povos desconhecidos até hoje, que já começam a rir-lhe o sono. Consideravam-nos rebanhado impotente e submisso; e já começam a assustar-se com esse rebanho; rebanho gigantesco de 200 milhões de latino-americanos que serão convertidos pelo capital monopolista ianque em seus próprios covões.
Com esta humanidade trabalhadora, com estes explorados infrahumanos, paupérrimos, maltratados pelos métodos de chibata e capataz, não se contenta ou se conta pouco. Desde os albos da independência, seus destinos têm sido os mesmos: índios, gaúchos, mestiços, zambos, quaterones, brancos sem bem rendas, toda esta massa humana que se formou nas fileiras da "pátria" que nunca destruiu, que morre aos milhões que foi despedaçada, que ganhou a independência de sua metrópole para a burguesia, essa que foi apartado das distribuições, continuou ocupando o último escalão dos benefícios sociais, continuou morrendo de fome, de enfermidades cruéis, de desatenção, por que para ela nunca se destinaram os benefícios salvadores: o simples pão, a cama de um hospital, o remédio que cura, a mão que ajuda. ...
Mas a hora de sua reivindicação, a hora em que ela mesmo se eleve, aparece agora com precisão, de um extremo a outro do continente, agora, esta massa anônima, esta América de cor, sombria, taciturna, que canta em todo o Continente, com uma mesma tristeza e desencanto, agora esta massa é a que começa a entrar definitivamente em sua própria história, começa a escrevê-la com o seu sangue, e começa a sofrer e a morrer. Porque agora, pelas montanhas da América, pelas faladas de suas serras, pelas planícies de suas selvas, entre a solidão ou no tráfego das cidades, ou nas costas

dos grandes oceanos e rios, começa a estremecer este mundo cheio de rações, com os punhos firmes de desejo de morrer pelo que lhe pertence, de conquistar seus direitos quase quinhentos anos burilados por uns e por outros.

Agora sim, a história terá que contar com os pobres da América, com os explorados e vilipendiados da América Latina, que decidiram começar a escrever para sempre a sua história. Já os vemos pelos caminhos, cotidianamente, a pé, em marchas sem término, centenas de quilômetros para chegar até os "olímpicos" governantes a reclamar seus direitos. Já os vemos, armados de pedras, de póis, de facas, por todos os lados, cada dia ocupando as terras, ficando seus "marcos" na terra que lhes pertence, defendendo-a com sua vida; já os vemos, levando seus cartazes, suas bandeiras, suas consignas, fazendo-as correr ao vento, entre as montanhas ou ao longo das planícies. E essa onda de estremecido rancor, de justiça reclamada, de direito pilotado, que começa a se levantar por entre as terras da América Latina, essa onda não cessará, essa onda irá crescendo cada dia que passa. Porque essa onda a forma, a maioria, os majoritários em todos os aspectos, os que acumulam com seu trabalho as riquezas, criam os valores, fazem mover as rodas da história e que agora despertam do longo sono embruteceador a que estavam submetidos.
Porque esta grande humanidade diz: "Basta!!" e se põe a andar. E sua marcha de gigantes já não se detém até conquistar a verdadeira independência pela qual morreram mais de uma vez, inutilmente. Agora, em todo caso, os que morrerem, morrerão por sua única, verdadeira, irrenunciável independência.

Patria ou Morte! Venceremos! O POVO DE CUBA!

Havana, Cuba, Território Livre da América, 4 de fevereiro de 1962.
A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba resolve que esta declaração seja conhecida como "Segunda Declaração de Havana", traduzida para os principais idiomas e distribuída em todo o mundo. Aprova, ainda, solicitar de todos os amigos da Revolução Cubana na América Latina que seja difundida amplamente entre as massas operárias, camponesas, estudantes e intelectuais dos povos irmãos deste continente, o remédio que cura, a mão que ajuda. ...
Mas a hora de sua reivindicação, a hora em que ela mesmo se eleve, aparece agora com precisão, de um extremo a outro do continente, agora, esta massa anônima, esta América de cor, sombria, taciturna, que canta em todo o Continente, com uma mesma tristeza e desencanto, agora esta massa é a que começa a entrar definitivamente em sua própria história, começa a escrevê-la com o seu sangue, e começa a sofrer e a morrer. Porque agora, pelas montanhas da América, pelas faladas de suas serras, pelas planícies de suas selvas, entre a solidão ou no tráfego das cidades, ou nas costas

Patria ou Morte! Venceremos! O POVO DE CUBA!

Havana, Cuba, Território Livre da América, 4 de fevereiro de 1962.
A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba resolve que esta declaração seja conhecida como "Segunda Declaração de Havana", traduzida para os principais idiomas e distribuída em todo o mundo. Aprova, ainda, solicitar de todos os amigos da Revolução Cubana na América Latina que seja difundida amplamente entre as massas operárias, camponesas, estudantes e intelectuais dos povos irmãos deste continente, o remédio que cura, a mão que ajuda. ...
Mas a hora de sua reivindicação, a hora em que ela mesmo se eleve, aparece agora com precisão, de um extremo a outro do continente, agora, esta massa anônima, esta América de cor, sombria, taciturna, que canta em todo o Continente, com uma mesma tristeza e desencanto, agora esta massa é a que começa a entrar definitivamente em sua própria história, começa a escrevê-la com o seu sangue, e começa a sofrer e a morrer. Porque agora, pelas montanhas da América, pelas faladas de suas serras, pelas planícies de suas selvas, entre a solidão ou no tráfego das cidades, ou nas costas

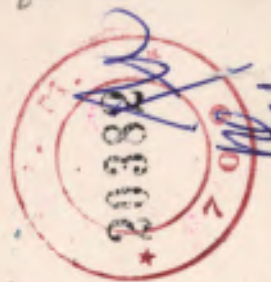
Patria ou Morte! Venceremos! O POVO DE CUBA!

Havana, Cuba, Território Livre da América, 4 de fevereiro de 1962.
A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba resolve que esta declaração seja conhecida como "Segunda Declaração de Havana", traduzida para os principais idiomas e distribuída em todo o mundo. Aprova, ainda, solicitar de todos os amigos da Revolução Cubana na América Latina que seja difundida amplamente entre as massas operárias, camponesas, estudantes e intelectuais dos povos irmãos deste continente, o remédio que cura, a mão que ajuda. ...
Mas a hora de sua reivindicação, a hora em que ela mesmo se eleve, aparece agora com precisão, de um extremo a outro do continente, agora, esta massa anônima, esta América de cor, sombria, taciturna, que canta em todo o Continente, com uma mesma tristeza e desencanto, agora esta massa é a que começa a entrar definitivamente em sua própria história, começa a escrevê-la com o seu sangue, e começa a sofrer e a morrer. Porque agora, pelas montanhas da América, pelas faladas de suas serras, pelas planícies de suas selvas, entre a solidão ou no tráfego das cidades, ou nas costas

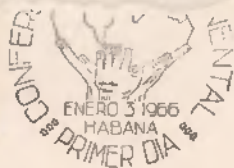
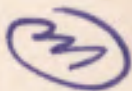
He



811



20389



Conferencia Tricontinental

HABANA



PRIMER DIA





BOLETIN

TRICONTINENTAL

PUBLICADO POR EL SECRETARIADO EJECUTIVO DE LA TRICONTINENTAL



20383



suplemento especial

Constitución del Secretariado Ejecutivo de la Organización de Solidaridad de los Pueblos de Africa, Asia y América Latina:

- Declaración General
- informe Político

119

TRICONTINENTAL

BOLETIN

PUBLICADO POR EL SECRETARIADO EJECUTIVO DE LA TRICONTINENTAL



20888

Uniones cinemáticas

- Informe Político
- Declaración General
América Latina:
dad de los Pueblos de África, Asia y
livo de la Organización de Solidaridad
Constitución del Secretariado Ejecuto-



Cumplimentando los acuerdos de la Primera Conferencia Tricontinental, se constituyó oficialmente el Secretariado Ejecutivo de la Organización de Solidaridad de los Pueblos de Africa, Asia y América Latina, en un acto efectuado el día 31 de mayo de 1966 en la ciudad de La Habana.

El Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL, designado por la Primera Conferencia Tricontinental, quedó integrado de la siguiente forma:

SECRETARIA GENERAL: Cuba.

AFRICA

- República Arabe Unida (RAU)
- Movimiento de Liberación de las Colonias Portuguesas de Africa.
- Congo (Leopoldville).
- República de Guinea.

ASIA

Frente Nacional de Liberación de Viet-Nam del Sur.

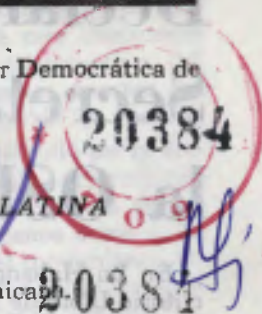
República Popular Democrática de Corea.
Siria.
Pakistán.

AMERICA LATINA

Venezuela.
República Dominicana.
Puerto Rico.
Chile.

Durante el acto de constitución la representante por el Movimiento de Liberación de las Colonias Portuguesas, María Amelia López Fonseca, dió lectura a la Declaración General del Secretariado Ejecutivo de la Organización de Solidaridad de los Pueblos de Africa, Asia y América Latina.

El Secretario General del Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL, Osmany Cienfuegos, tuvo a su cargo el resumen del acto, dando a conocer el informe político de la Organización TRICONTINENTAL.



Declaración General del Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL

En La Habana, Cuba, Primer Territorio Libre de América, en cumplimiento de las Resoluciones de la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, celebrada en esta ciudad del 3 al 15 de enero del presente año, a la cual asistieron 82 países, se constituye hoy 31 de mayo de 1966 el Secretariado Ejecutivo de la Organización de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, compuesto por los representantes de los pueblos de Cuba, (Secretario General), Venezuela, Puerto Rico, República Dominicana, Chile, República Árabe Unida, Guinea, Colonias Portuguesas de África, Congo (Leo-

poldville), República Popular Democrática de Corea, Pakistán, Siria y Vietnam del Sur.

En los cinco meses que median entre aquel acontecimiento histórico y la constitución de este Secretariado Ejecutivo los hechos ocurridos en el mundo han puesto de relieve lo correcto de los enfoques de la Conferencia sobre el carácter cada vez más agresivo del imperialismo; la justeza de los pronunciamientos en relación con las ansias de progreso y decisión de lucha de los pueblos de los tres continentes, la necesidad de la solidaridad activa entre los pueblos que están por alcanzar aún la liberación y aquellos que habiendo dado ya ese

20385

paso histórico, siguen siendo objeto de la política desesperada de intervención, presión, agresión, cerco y chantaje de los imperialistas condenados sin remedio a desaparecer de la escena histórica por la lucha creciente y victoriosa de los pueblos.

La conclusión fecunda de la Primera Conferencia Tricontinental al mismo tiempo que ha suscitado el entusiasmo unánime de los pueblos ha despertado en los colonialistas, neocolonialistas e imperialistas y especialmente en los yanquis y sus lacayos, las reacciones más iracundas, producto de al derrota sufrida por ellos al lograrse en la magna reunión de La Habana el hecho sin precedentes de una asamblea de movimiento antimperialista de los tres continentes que más han sufrido la explotación secular de sus riquezas y más profundamente han sido heridos en su dignidad. La respuesta del imperialismo a este suceso de enorme trascendencia revolucionaria transparen-

ta, asimismo el temor porque se haga más eficaz y acelerada la lucha de los pueblos por su liberación, porque se extienda por los tres continentes la solidaridad y la militancia revolucionaria se eleve el nivel ideológico de las masas, se destruyan las mentiras y las calumnias de la propaganda de los explotadores. Los imperialistas saben que la Conferencia Tricontinental es un paso de gran significación y que constituye un episodio sin retroceso en el camino de la liberación de la Humanidad.

En estos momentos el imperialismo yanqui y sus lacayos los imperialistas británicos, franceses, alemanes occidentales, belgas, holandeses, japoneses los colonialistas portugueses e Israel, instrumento del imperialismo, han incrementado su agresión a los pueblos que luchan por su liberación y por mantener su independencia y soberanía. Una cadena ininterrumpida de intervenciones, agresiones y provocaciones con desprecio de la



68868

opinión mundial; la represión y asesinato en masa en Indonesia; el derrocamiento del Gobierno Popular en Ghana; el mantenimiento de la ocupación militar norteamericana de la República Dominicana en contra de la voluntad del pueblo; los bombardeos intensificados a la República Democrática de Vietnam; la agresión ampliada y la política de exterminio aplicada contra el pueblo de Vietnam del Sur, agresiones armadas contra el pueblo de Cambodia y Laos, provocaciones contra la República Popular China, Siria, a la República de Guinea y Yemén del Sur Ocupado, y la más reciente de sus agresiones y provocaciones contra el pueblo cubano perpetrada desde la Base Naval de Guantánamo ubicada en territorio usurpado a Cuba, son algunas de las expresiones desesperadas de esta carrera de desenfreno criminal del imperialismo. Este Secretariado expresa su más enérgica condena a estos crímenes, agresiones y provocaciones que son la fiel manifestación del carácter fascista que ha tomado el imperialismo.

Al mismo tiempo señalamos con regocijo que pese a la violencia imperialista, los pueblos continúan incrementando su lucha y acercan su victoria final. En la República Democrática de Vietnam el imperialismo ha recibido duros golpes y ha fracasado en su política de intimidar al pueblo; éste superó recientemente la cifra de mil aviones yanquis derribados, lo cual constituye una sonada victoria de todos los pueblos del mundo. En Vietnam del Sur pese al continuo incremento del ejército de ocupación los imperialistas fracasaron en su ofensiva de la estación seca y las fuerzas patrióticas han obtenido nuevas victorias aniquilando un número

mayor de soldados yanquis y de sus titeres; es necesario señalar y saludar igualmente el auge de la lucha política en las ciudades sudvietnamitas que ha venido a fortalecer al movimiento popular y colocar en situación aún más precaria al enemigo. En Laos las fuerzas patrióticas obtienen cada día mayores éxitos rechazando las repetidas ofensivas de los yanquis y sus titeres. El valeroso pueblo cambodiano opone la más firme resistencia a las continuas agresiones de los imperialistas. En Yemén, Adén y Kalimantán del Norte los movimientos revolucionarios se mantienen firmes. En Africa ha fracasado la maniobra imperialista tendiente a sofocar la lucha armada de los movimientos de liberación en las Colonias Portuguesas y en el Congo (Leopoldville). Los pueblos africanos han desenmascarado y abortado golpes de estado fraguados por la subversión de los imperialistas interesados en la reconquista del Continente Africano. En América Latina el pueblo dominicano ha avanzado en la lucha por su autodeterminación y contra la ocupación norteamericana. Saludamos el avance de las fuerzas patrióticas guatemaltecas que han desenmascarado la reciente farsa electoral y han convertido su lucha armada en una clara perspectiva de victoria para las masas. En Venezuela, Perú y Colombia han fracasado los intentos de los titeres del imperialismo para aniquilar la lucha armada revolucionaria. En Japón, Corea del Sur, Thailandia, Argentina Uruguay, Ecuador, Chile, Puerto Rico, Rhodesia del Sur, Uganda, Africa del Sur y en otros países la lucha de las masas populares ha cobrado un incremento vigoroso que permite al movimiento revolucionario

20386

estar en mejores condiciones para alcanzar sus objetivos. Junto con el movimiento de los tres continentes las luchas populares han tomado un gran auge en los otros pueblos del mundo, entre las cuales cabe destacar la lucha del pueblo norteamericano contra la guerra en Vietnam y la discriminación racial.

El Secretariado Ejecutivo en nombre de los pueblos de los tres continentes expresa su más firme respaldo y su apoyo incondicional a estas justas luchas. Rinde un fervoroso homenaje a los mártires que han ofrecido sus vidas en la lucha por la liberación de sus pueblos. Expresa su solidaridad calurosa y reclama la libertad de los revolucionarios encarcelados y hace llegar a los heroicos combatientes de Africa, Asia y América Latina su saludo y estímulo militante; especialmente al valeroso pueblo de Vietnam, cuya épica y victoriosa brega es hoy día el centro de la lucha antimperialista y fuente de inspiración, de lección y de fe para todos los pueblos del mundo.

Este panorama donde se vislumbra la violencia imperialista en todas las latitudes y la conciencia revolucio-

naría que está presente en todos los pueblos explotados, le otorga mayor vigencia histórica a la Primera Conferencia Tricontinental y compromete y estimula a la Organización que se constituye hoy en la Cuba revolucionaria y socialista.

Para poder cumplir los objetivos asignados a este organismo, hacemos un enérgico llamamiento a todos los pueblos de Africa, Asia y América Latina y del mundo y los exhortamos a cooperar activamente con el Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL, para unir, coordinar e impulsar la lucha de los pueblos contra el imperialismo, colonialismo y neocolonialismo y prestar apoyo efectivo a los movimientos de los pueblos que luchan por mantener, consolidar, como por conquistar su liberación, su independencia y su soberanía nacional para alcanzar la paz mundial y el progreso social.

Declaramos, finalmente, que dedicaremos nuestros máximos esfuerzos para cumplir con éxito la responsabilidad histórica que nos han confiado los pueblos de Africa, Asia y América Latina en la Primera Conferencia Tricontinental de Solidaridad.

20386

38869

92

Informe Político del Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL

Pueblos de Africa, Asia y América Latina:

Iniciamos hoy con el optimismo que despierta toda tarea revolucionaria y la fe indestructible en la liberación de los pueblos, las tareas de la Organización de Solidaridad con los Pueblos de África, Asia y América Latina, nacida por el acuerdo unánime de las representaciones de los 82 países que participaron de la Conferencia Tricontinental, celebrada en esta ciudad de La Habana, del 3 al 15 de enero de este año.

Apenas transcurridos cuatro meses de la celebración de la Conferencia Tricontinental, podemos palpar ya, con regocijo, los frutos rendidos por esta histórica reunión que agrupó a los más genuinos representantes de los pueblos de AFRICA, ASIA Y AMERICA LATINA.

Las delegaciones regresaron a sus países llenas del espíritu de solidaridad y fervor revolucionario que había reinado en este encuentro y se dieron inmediatamente a la tarea de divulgar a las amplias masas de sus pueblos lo que representaba para ellos, para sus luchas, así como para las luchas de todos los pueblos oprimidos del Mundo la celebración de este evento y las decisiones y acuerdos que se adoptaron en el mismo.

Este paso marcaba el inicio de un intenso trabajo que habrían de desarrollar las organizaciones participantes para poner en práctica las resoluciones adoptadas en esta Primera Conferencia Tricontinental y fortalecer el frente de lucha afro-asiático-latinoamericano contra el imperialismo.

Nuestros primeros pasos en esta tarea que históricamente nos toca rea-

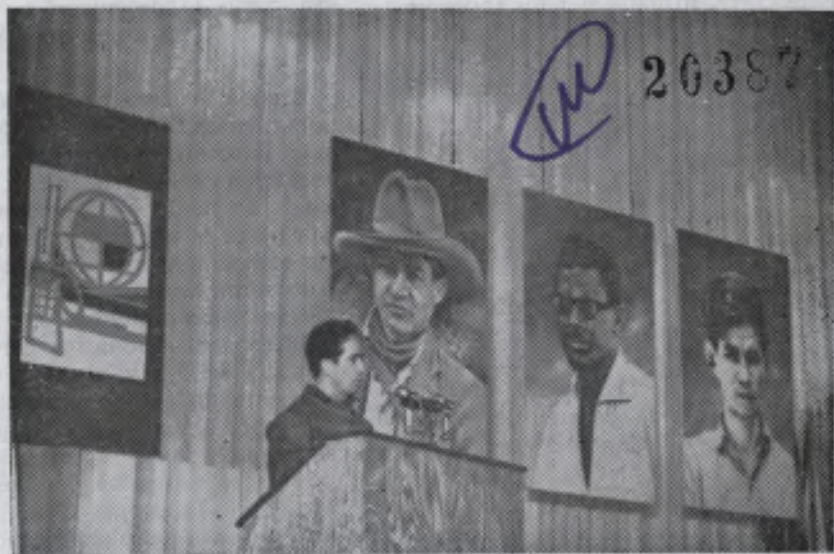
20387

lizar, demuestran que es posible para los pueblos instrumentar y coordinar eficazmente sus acciones contra el enemigo común. Las jornadas de solidaridad con los pueblos de Vietnam y Santo Domingo así lo demuestran. Hemos desarrollado, por acuerdo de la Conferencia Tricontinental, estas dos históricas jornadas, que han movilizadado a millones de personas en el mundo entero, manifestándose en ellas la solidaridad combatiente con la lucha de estos dos pueblos heroicos y el enérgico repudio a las criminales agresiones y odiosas intervenciones del imperialismo norteamericano.

Ante la movilización efectiva de nuestros pueblos, el imperialismo ha ido desarrollando con más fuerza sus medidas de intimidación, de chantaje, sus intrigas y agresiones en su inútil afán de aplastar el movimiento de solidaridad de los pueblos de Africa, Asia y América Latina.

Las medidas hostiles del imperialismo comenzaron aún antes de cele-

brarse la Conferencia. Comprendían muy bien los imperialistas, ya que que nuestras discusiones serían coronadas con el éxito y que lograríamos crear un frente común de lucha que fuera capaz de oponerse a su ofensiva criminal. Como primera medida para tratar de impedir la celebración de la Conferencia o entorpecer el desarrollo de sus trabajos, agentes del imperialismo secuestraron y asesinaron brutalmente al Mehdi Ben Barka, Presidente del Comité Internacional Preparatorio de la Primera Conferencia Tricontinental y uno de sus más activos impulsores. No obstante estos ataques, la Conferencia se celebró y mientras los representantes de los pueblos de tres Continentes se reunían para discutir sus problemas, los imperialistas ordenaban a sus títeres que llevaran a cabo medidas represivas contra los participantes en la Conferencia, lanzaran sus acciones contra el país sede y los acuerdos adoptados, planteando que en la Conferencia se habían fraguado planes



18808

de intervención en los países de los tres Continentes, cosa que según ellos, violaba los principios de autodeterminación y no intervención y predicaba la subversión de los pueblos de esos países.

Cabe señalar que la mayor repercusión contra la Conferencia Tricontinental se ha hecho sentir en América Latina por estar este Continente junto al arsenal más importante del imperialismo. El gobierno imperialista de los Estados Unidos ha sentido en carne propia los efectos de la Tricontinental y en tal medida ha manejado los resortes de que disponen en este Continente para promover una reacción contra la Conferencia por parte de los gobiernos lacayos latinoamericanos. Un ejemplo de esto lo constituye la carta del llamado "grupo latinoamericano" presentada al Consejo de Seguridad de la ONU en la que se acusa a la Conferencia Tricontinental de La Habana, entre otras cosas, "de violar los principios de las Naciones Unidas". Esta carta, firmada por los representantes de 18 gobiernos latinoamericanos, fue respondida con energía por el Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en carta dirigida al Secretario General de la ONU, en la que señalaba que los pueblos "tienen derecho a barrer y más tarde o más temprano barrerán mediante la acción revolucionaria más violenta a esos gobiernos traidores". Y aclaraba que no es "lícito confundir el independentismo con el intervencionismo" y que los "representantes revolucionarios de los pueblos de Asia, Africa y América Latina que se reunieron en La Habana acordaron ciertamente redoblar la lucha contra el intervencionismo y ayudar a los pueblos que combaten por su libera-

ción e independencia. Y no sólo eso, sino que han subrayado que es un deber de los estados y gobiernos progresistas apoyar a los pueblos que luchan contra el imperialismo intervencionista y agresor".

La intención de estos gobiernos títeres latinoamericanos era precisamente darse una cobertura jurídica al amparo de los organismos como la ONU y la OEA, este último Ministerio de colonias yanquis, para justificar sus acciones reaccionarias y las represiones contra los pueblos en su lucha por la total liberación e independencia nacional. Con estas medidas no hacen más que manifestar el odio hacia los pueblos oprimidos por ellos y el miedo a la revolución emancipadora en América Latina. Una de las primeras medidas adoptadas por temor a las repercusiones de la Conferencia Tricontinental fueron la declaración del gobierno de la República Dominicana de que prohibiría la entrada al país a los delegados dominicanos que asistieron a la misma, así como la detención en Perú de delegados japoneses que regresaban a su país.

Debemos destacar que uno de los argumentos utilizados por los gobiernos latinoamericanos fue el de la violación de los principios contenidos en la carta de las Naciones Unidas por parte de algunos países miembros de este organismo internacional que estuvieron representados en la Conferencia Tricontinental. De ahí que gobiernos reaccionarios como el de Brasil y Uruguay hayan tratado servilmente de ejercer presiones políticas sobre algunos de estos países para intentar hacerles reconsiderar las posiciones asumidas por sus delegaciones en la propia Conferencia en una maniobra diplomática destinada

20388

al fracaso, pues el espíritu de los acuerdos de la Conferencia es inobjetable aún desde el punto de vista del derecho internacional que es el que pretenden esgrimir esos regímenes títeres de Washington.

Abundando sobre las maniobras contra la Conferencia Tricontinental cabe mencionar el hecho de que algunos gobiernos reaccionarios del Continente han pretendido hacer recaer sobre ésta la responsabilidad por las acciones emprendidas por los pueblos de esos países, así ha sido en Chile a raíz de la huelga de los mineros de "El Salvador" y "El Teniente"; en Guatemala por las acciones realizadas por las Fuerzas Armadas Rebeldes. En todos estos casos se ha culpado a la Conferencia Tricontinental de "promover la subversión y de acciones intervencionistas" en sus países, ligando esto a la presencia de la Revolución Socialista cubana.

La Conferencia Tricontinental ha sufrido los ataques de cierta prensa en todas las latitudes del mundo. Desde Japón, Saigón, Tailandia, África del Sur, Leopoldville, Sierra Leona, llegaron los ataques a la Tricontinental.

La Revista "Internacional" de España se hizo eco de las declaraciones del Departamento de Estado Yanqui, el "Mercurio" de Chile atribuyó las huelgas mineras a órdenes de la Conferencia, "El Universal Gráfico" de México dijo que la Conferencia elaboró planes para desatar disturbios, terrorismos y actos de subversión, el "Universal" de Caracas inventó dos páginas con supuestos acuerdos secretos, "La Prensa" de Argentina calificó a la Conferencia de osada amenaza a la libertad de América. Las Agencias imperialistas de AP y UPI recorrieron el mundo con sus ataques.

El "Miami Herald" calificó a los delegados de la Tricontinental como un grupo de andrajosos antimperialistas, el "Feuille d'Awis" de Suiza dijo que la Reunión de La Habana no era otra cosa que una gigantesca operación de propaganda comunista, "La Aurora" de Francia trató de ridiculizar y propagar que la Conferencia no tendría resultados prácticos. También "Borba" y "Política" de Yugoslavia han publicado artículos atacando las resoluciones de la Tricontinental.

Debemos destacar con gran énfasis que los que atacan la Conferencia Tricontinental se oponen de una manera o de otra al avance de la lucha nacional liberadora de los pueblos de Asia, África y América Latina. Que los que desvirtúan los acuerdos de la Conferencia le hacen el juego a la reacción y se unen a ellos para frenar la lucha revolucionaria y adoptar posiciones conciliatorias con el imperialismo, mientras que los que defienden a la Conferencia Tricontinental y luchan por el éxito de sus acuerdos están por el desarrollo de la lucha en los tres Continentes, buscan la unidad para combatir al imperialismo y hacer la Revolución.

No cabe duda que los acuerdos de la Conferencia Tricontinental están impregnados de un espíritu revolucionario y de lucha antimperialista que ha repercutido en el mundo entero y es tema de gran preocupación por todos los sectores de la reacción internacional; una prueba de ello es que el reformismo internacional representado por la Conferencia Mundial de Demócratas Cristianos y la Conferencia de la Internacional Socialista, en sus declaraciones finales han hecho alusión a la Conferencia Tricontinental condenándola, con lo

20388

88008
que de hecho se sitúan en la fila de los enemigos de los pueblos y con el imperialismo.

22008
Dentro de todo este Plan del Imperialismo contra la Conferencia más de un agente de su política reaccionaria, como el Ministro de Relaciones Exteriores de Argentina, están realizando viajes por el mundo visitando los países de África y Asia, fundamentalmente, con la intención de influir políticamente sobre los gobiernos para que se abstengan de dar su apoyo o demostrar su simpatía hacia la Conferencia Tricontinental o lograr de ellos su franca oposición a la misma.

Todas estas medidas dan una idea del temor despertado en el imperialismo y explican sus planes para desarrollar con fuerza su ofensiva criminal contra los pueblos oprimidos.

Es de todos bien conocido que uno de los objetivos fundamentales que nos reunieron aquí en La Habana a principio de este año fue el desarrollar una estrategia global de los revolucionarios contra la estrategia global contrarrevolucionaria del imperialismo bajo la jefatura de los imperialistas yanquis que en sus planes de agresión contra los pueblos han creado bloques militares como la OTAN, la CENTO, OTASO y la OEA, instalando además numerosas bases militares en territorio extranjeros para tratar de impedir el desarrollo y auge del movimiento de liberación nacional de los pueblos de los tres continentes.

El imperialismo yanqui maniobra frenéticamente y organiza en Corea del Sur una reunión de los Ministros de Asia de la Zona del Océano Pacífico con la presencia de Corea del Sur, Thailandia, Vietnam del Sur, Japón, Australia, Taiwan, Malasia, Nueva

Zelandia, Filipinas y los Estados Unidos, con el propósito de crear una nueva alianza militar agresiva dirigida contra los pueblos.

Las fuerzas imperialistas de los Estados Unidos, Gran Bretaña, Francia, Alemania Occidental, Japón, Bélgica y Portugal en los últimos tiempos han incrementado su política de agresión contra los pueblos, han recrudescido la opresión y explotación colonial y neocolonial y están tratando por todos los medios, de sofocar el movimiento de Liberación Nacional que se desarrolla con gran ímpetu en África, Asia y América Latina. Sin embargo, en los momentos actuales, en el seno de las fuerzas imperialistas, están ocurriendo hechos que señalan inequívocamente la división y debilidad bajo la aparente fortaleza monolítica de los explotadores.

Cada día se profundizan más las divergencias existentes entre el Gobierno de los Estados Unidos y el Gobierno de Francia, que ha anunciado su retirada del bloque belicista de la OTAN, concebido para mantener la política agresiva del imperialismo norteamericano en Europa y dirigida fundamentalmente, contra los países del campo socialista; el creciente rechazo de amplios sectores del propio pueblo norteamericano por la agresión aventurera en Viet-Nam y la oleada de protestas populares contra los invasores y sus títeres en ciudades de Viet-Nam del Sur; los síntomas de descontento en países aliados de los Estados Unidos por la política que siguen éstos y que los arrastra a la guerra y la resistencia cada vez más firme que ofrecen a los imperialistas pueblos y gobiernos en Asia y en África, evidencian la profunda crisis por la que atraviesan los imperialistas y su sistema colonial y neocolo-

20389

nia que los conduce a su total desmoronamiento.

Ante esta situación en la que el imperialismo norteamericano ve peligrar la unidad de su Santa Alianza en Europa y las consecuencias que esto puede traer para su política agresiva en el mundo entero y frente a los obstáculos cada vez más difíciles de superar de la resistencia mundial contra su estrategia de agresiones criminales, el gobierno yanqui está incrementando la agresión en Africa, Asia y América Latina, en un esfuerzo supremo por consolidar sus posiciones.

El mundo es testigo de la guerra criminal que el imperialismo norteamericano ha desatado contra el heroico pueblo de Viet-Nam, contra el que ha utilizado sustancias químicas y gases tóxicos y los medios más criminales e inhumanos que se hayan concebido. Millares de soldados norteamericanos han sido enviados al territorio de Viet-Nam del Sur, habiendo llegado la cifra a 255,000 actualmente, además del envío de tropas mercenarias de países como Corea del Sur, Tailandia, Nueva Zelanda, Taiwan Australia, y Filipinas a pesar de lo cual no han podido domar el firme coraje del pueblo vietnamita y ante la imposibilidad de derrotarlo han extendido su sucia guerra contra la República Democrática de Viet-Nam, a la que han estado bombardeando constantemente en los últimos tiempos, incluso utilizando sus aviones B-52. Debemos destacar los extraordinarios éxitos de los combatientes nor-vietnamitas que ya han destruido más de 1,000 aviones de los agresores imperialistas, mientras que las fuerzas de liberación de Viet-Nam del Sur hicieron fracasar todas las operaciones "de estación seca" del imperialismo infligiéndole pérdidas

sin precedentes. Una ola de indignación se ha levantado en el mundo ante las masacres cometidas por los yanquis y sus lacayos para reprimir la justa lucha de los budistas y estudiantes de las poblaciones de las ciudades, que están ofreciendo un alto ejemplo de patriotismo, sobre todo en Da-Nang, Hue y Saigón.

El gobierno de Estados Unidos de América después de haber violado flagrantemente una y mil veces los acuerdos de Ginebra de 1954, ha tratado desesperadamente de imponer al pueblo de Viet-Nam una falsa y descarada solución de Paz. Ante el rechazo del pueblo vietnamita que como condición para que se respete su independencia y soberanía, ha planteado la aceptación de los 4 puntos de la República Democrática de Viet Nam y de los 5 puntos del Frente Nacional de Liberación, que cuentan con el apoyo de todas las fuerzas revolucionarias y progresistas del mundo, el imperialismo norteamericano está desarrollando el escalonamiento progresivo de la guerra bombardeando los pueblos de Laos y Cambodia y utilizando para sus fines guerrilleros a las bases militares y las fuerzas reaccionarias del Ejército de Tailandia. Es de señalar la firme y valerosa actitud de los pueblos de Laos y Cambodia oponiendo una resistencia victoriosa a las agresiones de los imperialistas y sus títeres.

Para llevar a cabo estas agresiones el gobierno yanqui utiliza como pretexto la supuesta ayuda que brindan Laos y Cambodia a la lucha de liberación del pueblo vietnamita pero no se contentan con ello sino que además están realizando agresiones y provocaciones sistemáticas contra el pueblo de China, haciendo incursiones aéreas sobre su territorio, violando

82003
sus fronteras, llegando al extremo de derribar un avión del ejército popular chino sobre el territorio de ese país con el propósito de extender aún más la guerra contra otro pueblo socialista de Asia.

Al igual que el pueblo de Viet-Nam el pueblo coreano sigue sufriendo la división de su territorio como producto de los planes belicistas de los imperialistas yanquis que mantienen por todos los medios un clima de constante tensión en esa parte de Asia. Desde hace más de 20 años el pueblo de Corea sufre la intervención y ocupación militar de la parte Sur de su territorio y con gran valentía lucha contra los invasores yanquis por lograr su expulsión y realizar la definitiva unificación del país.

Otro hecho que ocupa la atención de todos nosotros, es el ocurrido recientemente en Indonesia, donde las fuerzas progresistas son masacradas salvajemente por las fuerzas de la oligarquía nacional y la reacción militar al servicio del imperialismo. Millares de luchadores por el bienestar de su pueblo, por la consolidación de la independencia de Indonesia han sido asesinados y muchos miles sufren de la más sangrienta persecución por parte del régimen militar que detenta el poder. Asimismo Kalimantan del Norte y Malaya son otros dos escenarios del combate por la independencia y soberanía de los pueblos en el continente asiático.

Nuevas perspectivas de luchas revolucionarias se vislumbran en el Medio Oriente con el advenimiento de un nuevo gobierno en Siria, que ha evidenciado su firme posición antimperialista, su deseo de luchar por la unidad del mundo árabe y su repudio a la maquinaciones del imperialismo, que promueve el reacciona-

rio pacto islámico en su afán de extender el bloque belicista de la CENTO para revivir el extinto Pacto de Bagdad.

Asimismo, el suministro de armamentos a Israel por parte de los gobiernos de Alemania Occidental y más recientemente de los EE. UU.; las constantes provocaciones asraelitas y del movimiento Zionista contra los pueblos y gobiernos árabes, contra el movimiento de lucha del pueblo palestino en sus aspiraciones por la reconquista de su territorio, los bombardeos del imperialismo británico contra el pueblo de Yemén del Sur Ocupado constituyen una fase más de la agresión imperialista y contra los intereses de los pueblos de los tres continentes.

La ofensiva del imperialismo yanqui al igual que la realizada en Asia deja sentir sus efectos también sobre los pueblos del Continente Africano. Desde mucho antes de la celebración de la Conferencia Tricontinental podía observarse ya que el imperialismo norteamericano en su afán de desplazar a sus socios imperialistas franceses, británicos y belgas estaba tomando medidas para erigirse en dueño absoluto de las riquezas del Continente Africano. La creciente ola de golpes de estado de minorías militares reaccionarias que culminó en el derrocamiento al gobierno de Kwame Nkrumah, demuestra que los imperialistas norteamericanos valiéndose de sus agentes de la CIA y de sus famosos Cuerpos de Paz están llevando al Continente africano su política de golpes de estado para implantar gobiernos militares como el de Ghana, versión africana de las dictaduras gorilas de América Latina.

Hay que señalar por otro lado que los planes imperialistas no se des-

rollan sin la firme repulsa de las fuerzas revolucionarias de Africa. El gobierno de Guinea ha condenado energicamente el derrocamiento de Kwame Nkrumah, ha denunciado la política del imperialismo y movilizó a todo su pueblo para hacer tenaz resistencia a las maniobras de sus enemigos y combatir si es preciso junto al pueblo ghanés en su lucha por recobrar la independencia.

Frente a esta actitud firme del pueblo de Guinea las fuerzas imperialistas francesas están provocando a través de los reaccionarios de Costa de Marfil incidentes que ya han originado la muerte de un soldado del Ejército Popular de este país.

Ante la lucha del pueblo del Congo, Leopoldville, contra el neocolonialismo, así como las luchas anticolonialistas de Mozambique, Angola y el creciente desarrollo de la lucha armada en la Guinea llamada Portuguesa donde vastas zonas liberadas han sido sometidas a incesantes bombardeos, las fuerzas imperialistas han desatado una ofensiva para detener las luchas de liberación nacional en estos países, ejemplo de ello es el reciente envío de nuevas tropas del régimen colonialista de Portugal para reprimir el auge del movimiento armado en sus colonias y que en su represión brutal producen arrestos masivos de la población como en el caso de Luanda, en Angola, donde más de 400 patriotas han sido encarcelados; en Rhodesia del Sur la minoría blanca con el consentimiento del gobierno de Gran Bretaña ha declarado la independencia de forma unilateral, secuestrando de esta manera los derechos del pueblo africano Zimbabwe.

La complicidad de Gran Bretaña para no reconocer los derechos del

20390
pueblo de Zimbabwe demuestra claramente que hace causa común con los gobiernos de Estados Unidos, Africa del Sur, Portugal y la Alemania Occidental, que están prestando ayuda al gobierno de Ian Smith en sus planes de consolidar su sistema de dominación colonial y racista. Junto al gobierno racista de Ian Smith se encuentra el régimen de Verwoerd, de Africa del Sur donde millones de africanos sufren la opresión del sistema de discriminación racial más cruel e inhumano que haya conocido el mundo después de Hitler: el apartheid.

Los gobiernos de Smith y Verwoerd forman, con el régimen colonialista de Portugal, una Santa Alianza al servicio de las potencias de la OTAN que tratan de perpetuar su dominación colonial en Africa.

La situación en América Latina ha estado matizada de constantes y fuertes luchas populares que se han ido enfrentando a las acciones promovidas por el imperialismo.

En Chile, fuertes huelgas mineras han convulsionado al país llegando incluso el gobierno reaccionario de Frei a masacrar a los obreros y a sus mujeres. En Ecuador el pueblo supo aprovechar una coyuntura favorable, producto de las discrepancias surgidas entre la burguesía y la junta militar ecuatoriana para dar al traste con esta última e instalar un gobierno civil.

En Guatemala, ante las continuas presiones y maniobras del imperialismo con su gobierno títere para impedir el triunfo del candidato más liberal, las FAR han respondido con nuevas y cada vez más audaces acciones tendientes a golpear el carcomido aparato de la dictadura militar, impulsando de esta forma la

00000
H 22

lucha armada del pueblo guatemalteco. A esta situación se une la ocupación militar imperialista en República Dominicana y el clima de terror sostenido durante todo el proceso electoral por las tropas yanquis que han invadido el país y que se cubren con la máscara de la Fuerza Interamericana de Paz, que no es más que un engendro del imperialismo en contubernio con sus lacayos latinoamericanos para intervenir donde quiera que sus intereses se vean afectados y con el pretendido derecho de impedir que el comunismo se extienda por los países del hemisferio. Esta situación nos hace recordar las luchas del pueblo panameño por reconquistar una parte de su territorio ocupado por las tropas imperialistas de los EE.UU. que con el pretexto de mantener la seguridad del canal ha convertido a este territorio en base de entrenamiento y agresiones contra los pueblos latinoamericanos.

En América Latina aún se mantienen países sumidos en la opresión colonial y cuando como en el caso de Guayana Británica le es concedida la independencia formal queda a los pueblos de estos países aprestarse a la lucha por la conquista de su verdadera independencia política, económica y social.

En Puerto Rico, colonia norteamericana tras el disfraz de estado libre asociado, el imperialismo prepara un plebiscito para burlar nuevamente las ansias de libertad e independencia del pueblo borinqueño.

Tras cada acción de los pueblos de este Continente en pos de su emancipación e independencia nacional se han alzado las voces de condenación de los gobiernos lacayos latinoamericanos que haciéndole el juego al im-

perialismo yanqui han calificado esas acciones de maniobra comunista, de subversión fraguada por la Tricontinental y subvencionada con el dinero salido de La Habana.

Si fuéramos a medir la repercusión de la Conferencia Tricontinental en este Continente, no tendríamos nada mejor para ello que la propia campaña que contra la Conferencia han desatado los gobiernos títeres latinoamericanos y las agencias noticiosas del propio imperialismo.

La ofensiva del imperialismo no ha sido menor en este continente que en Asia y en Africa y tras cada acción ofensiva del imperialismo se mueve su ministerio de colonias para inútil y ridículamente tratar de dar una cobertura jurídica a todas esas acciones intervencionistas. Una prueba de esto ha sido el informe de la comisión consultiva de seguridad de la Organización de Estados Americanos que recomienda una serie de "medidas" para contrarrestar los efectos de la Conferencia Tricontinental de La Habana, y en la que se plantea que "la Ira. Conferencia Tricontinental de Solidaridad de los Pueblos de Africa, Asia y América Latina constituye una decisiva amenaza para los pueblos libres del mundo y en el campo continental representa la más peligrosa y grave amenaza que el comunismo internacional haya formulado hasta el presente, contra el sistema interamericano", con lo cual dejan ver el miedo que sienten por las acciones que desarrollan los pueblos en busca de su liberación nacional. Está claro también que para instrumentar estos acuerdos de la OEA a los que hemos hecho alusión, el imperialismo mantiene, pese a todo, la fuerza interamericana de paz que ellos conciben como un ejército inte-

grado por las fuerzas del conjunto de los países miembros de al OEA, que inspirados en la llamada "doctrina Johnson" que es una prédica al intervencionismo, sirve para sofocar cualquier intento revolucionario de pueblos latinoamericanos, ya se desarrolle éste en los medios urbanos o en las montañas.

El temor fundamental que ven en la Conferencia Tricontinental para el llamado "sistema interamericano" reside en que se ha elegido a Cuba como sede de la Conferencia y de los organismos creados, que ejemplifica con su revolución a todos los pueblos en lucha y presta decidido apoyo al movimiento revolucionario.

Es evidente que la ofensiva desatada últimamente por las fuerzas imperialistas está motivada por el auge del movimiento de liberación nacional en los tres continentes. El imperialismo ve con temor, las acciones liberadoras de los pueblos que se han decidido a empuñar las armas para luchar decididamente contra los opresores y librarse de la explotación imperialista. Esto pone en peligro los intereses de los monopolios explotadores que ven en la independencia nacional de los pueblos sojuzgados su propio fin y en un intento final por evitar lo que históricamente es irreversible; el imperialismo desarrolla su política militar ofensiva para perpetuar su dominación.

La magnitud de la ofensiva imperialista demuestra la magnitud misma alcanzada por el movimiento de liberación nacional en los tres continentes, que apoyándose en la presencia del campo socialista junto a las luchas del movimiento obrero de los países capitalistas y al desarrollo creciente de las luchas de la población norteamericana, exigiendo el cese de

la agresión imperialista a Vietnam y luchando por la abolición de la discriminación racial, y el respeto a sus justos derechos ciudadanos, asestan duros golpes al imperialismo y contribuyen a su desmoronamiento.

Por eso en esta hora de recuento de las acciones revolucionarias y antimperialistas de los pueblos de los tres continentes expresamos a los combatientes de Africa, Asia y América Latina que se encuentran encarcelados y perseguidos por el imperialismo y sus servidores, nuestro mensaje de estímulo y solidaridad militante.

El triunfo de la Revolución cubana abre nuevas perspectivas de lucha en el continente latinoamericano, destruyendo el mito del fatalismo geográfico y de la imposibilidad de que un país pequeño de este continente pudiera iniciar la construcción del socialismo a las mismas puertas del más poderoso enemigo de los pueblos.

Siete años de desarrollo de la Revolución cubana han determinado siete años de lucha continua de los pueblos latinoamericanos como el de Guatemala, donde el movimiento armado se ha consolidado y se desarrolla rápidamente y cada día sus acciones son más efectivas contra la dictadura pro-imperialista que detenta el poder en ese hermano país. En Venezuela el movimiento guerrillero sigue librando sus acciones armadas. Colombia y Perú, donde pese a los grandes esfuerzos realizados por la reacción militarista, no han podido aplastar las ansias de libertad del pueblo armado para conquistar sus derechos y muy recientemente como expresión más elevada del enfrentamiento de los pueblos del continente contra la dominación imperialista, la gesta heroica del pueblo dominicano

18808

que al alto costo de cuatro mil vidas ha dado uno de los más dignos ejemplos de resistencia frente a la intervención y ocupación de su patria por las tropas de marines yanquis. El desarrollo de las luchas de liberación nacional en América Latina han logrado un ascenso tan grande y exitoso que incluso elementos del gobierno imperialista norteamericano se ven obligados a reconocer la inevitabilidad de la revolución en este continente y plantean que es necesario tomar medidas para evitar que la revolución se produzca en su forma más radical o verdadera.

Los últimos acontecimientos de África demuestran que las fuerzas imperialistas tratan de crear un clima de tensión favorable a sus intereses neocoloniales. Son muchas las experiencias y derrotas que ha sufrido el imperialismo en el Continente africano. El pueblo argelino, tras más de siete años de dura lucha con las armas en las manos, en la que perdiera a más de un millón de sus mejores hijos, logró arrebatar la independencia al colonialismo francés. Otro ejemplo, lo dió en 1956 el pueblo egipcio que nacionalizó el Canal de Suez y resistió valientemente al ataque coaligado de las fuerzas imperialistas de Francia, Inglaterra e Israel que querían arrebatarle lo que realmente le pertenecía.

Más recientemente, el auge del movimiento de liberación nacional del Congo (L) en pleno corazón del continente junto a las luchas de las colonias portuguesas de Angola, Mozambique, Guinea llamada Portuguesa y las Islas de Cabo Verde, Santo Tomás y Príncipe creaban un intenso foco de lucha nacional liberadora contra el colonialismo y el neocolonialismo. La masacre de Stanleyville

perpetrada por la alianza imperialista belgo-norteamericano-británica demuestran que el movimiento de liberación crecía y que los colonialistas ponían todos sus esfuerzos por destruirlo inmediatamente y evitar su expansión. Ahora para tratar de liquidar completamente estas luchas el imperialismo ha desarrollado su ola de golpes de estado con el propósito de reafirmar sus posiciones neocoloniales y derrocar a los gobiernos que posibilitan la ayuda a los movimientos que luchan contra el colonialismo, el neocolonialismo y el imperismo. Los revolucionarios cobran fuerzas y se orgnaizan para lanzar la batalla final con la ayuda de todos los revolucionarios del mundo hasta alcanzar la expulsión definitiva de los explotadores imperialistas.

El ejemplo culminante del auge de las luchas de liberación nacional en África, Asia y América Latina, lo constituye la lucha que desarrolla el pueblo vietnamita contra las criminales agresiones de las fuerzas del cuerpo expedicionario norteamericano. La lucha que desarrolla el pueblo vietnamita constituye la más alta expresión de la lucha nacional liberadora de los tres continentes y su ejemplo va prendiendo cada vez más en la conciencia de los pueblos oprimidos y en los movimientos revolucionarios del mundo.


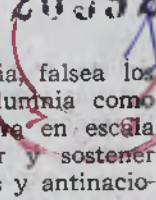
En la medida en que el imperialismo recrudezca sus planes de opresión y explotación sobre nuestros pueblos el ejemplo de Vietnam siempre estará presente y al paso que avanzan las luchas de liberación nacional en África, Asia y América Latina no está muy lejos el día en que el imperialismo se vea impotente de impedir el triunfo de la revolución en el mundo.

La esencia agresiva del imperialismo se demuestra nuevamente con las últimas agresiones del imperialismo yanqui contra Cuba.

El desprestigio de su política internacional, con sus agresiones y provocaciones a los pequeños países demuestra su esencia criminal, rapaz e intervencionista y caracteriza el camino de los dirigentes del imperialismo yanqui y su política explotadora que sin lugar a dudas es el enemigo más cruel y sanguinario de los pueblos del mundo. Hoy arremete una vez más contra Cuba utilizando cínicamente un falso pretexto para engañar a la opinión pública mundial y justificar así su posible agresión directa contra el primer Territorio Libre de América.

Frente a estos hechos es digno destacar la actitud asumida por el gobierno y pueblo de Cuba, de rechazar con firmeza y valentía, combatiendo hasta el último hombre y la última bala si fuera necesario, cualquier agresión directa de los imperialistas yanquis contra su país.

En su afán de apuntalar frente al empuje de los pueblos este sistema que preside, el imperialismo yanqui mantiene y alimenta las tensiones internacionales, rodea al orbe de bases militares agresivas; proclama, con cinismo inaudito, el supuesto derecho a intervenir en los asuntos internos de otros países, adjudicándose de esta manera el vergonzoso papel de gendarme sin fronteras; sufraga los gastos y facilita las armas para que las naciones colonialistas en declinación puedan conservar sus presas y compartir con ellas sus beneficios; insiste con insolencia y soberbia en imponer su ideología, utilizando para estos fines una red universal de difu-

20392  20392 

sión; adultera la historia, falsea los hechos y utiliza la calumnia como armas de lucha; conspira en escala mundial para propiciar y sostener regímenes antipopulares y antinacionales que sirven de apoyo al sistema de opresión y explotación.

Por la naturaleza misma de su sistema de opresión y explotación, el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, se oponen con todas sus fuerzas a la independencia, soberanía y liberación nacional. En oposición a ellos, los pueblos oprimidos del mundo combaten y el movimiento de liberación de los pueblos de los tres continentes se ha transformado en la fuerza más importante de la lucha mundial contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo.

Enfrentando al carácter agresivo de los imperialistas dirigidos por el imperialismo yanqui en su política rapaz, sucia, cínica, desvergonzada y de violencia contrarrevolucionaria, los pueblos oponen la violencia revolucionaria.

Cualesquiera que sean las medidas que adopte el imperialismo, no podrá detener jamás la marcha de los pueblos hacia su liberación nacional. El curso de la historia no puede ser detenido, como tampoco los pueblos que han dicho basta a la dominación y opresión imperialista y puestos de pie han comenzado a andar por el camino recorrido ya por millones de sus hermanos que hoy construyen un futuro luminoso para sus pueblos.

Aprovechando esta histórica reunión en la que dejamos constituido oficialmente el Secretariado Ejecutivo de la Tricontinental, exhortamos a todos los pueblos de África, Asia y América Latina y en particular a sus vanguardias revolucionarias antimpe-

88808

23

88808

rialistas a redoblar vibrantemente las batallas independentistas y nacional liberadoras contra los colonialistas, neocolonialistas e imperialistas opresores y explotadores. Fortalezcamos todas nuestras luchas y nuestras acciones, pongamos fin con nuestros pujantes combates al sistema de dominación colonial e imperialista.

Pueblos de Africa, Asia y América Latina, la revolución es la victoria, la victoria es el futuro luminoso de todos nuestros pueblos. Impulsemos con todas las fuerzas a nuestro alcance

Enfrentando al carácter agresivo de los imperialistas dirigidos por el imperialismo yanqui en su política de paz sin cuartel, desvergüenza y de violencia contrarrevolucionaria, los pueblos oponen la violencia revolu-

Conscientes que sean las medidas que adopte el imperialismo, no puede detener jamás la marcha de los pueblos hacia su liberación nacional. El curso de la historia no puede ser detenido, como tampoco los pueblos que han dicho basta a la dominación y opresión imperialista y quienes de ahora han comenzado a andar por el camino recorrido ya por millones de su hermano que hoy constituyen un futuro luminoso para sus pueblos.

Aprovechando esta situación, reanunciamos en la que dejamos constituido el movimiento del Secretariado Ejecutivo de la Tricontinental, exportamos a todos los pueblos de Africa, Asia y América Latina y en particular a sus vanguardias revolucionarias antipe-

los principios acordados en la Primera Conferencia Tricontinental.

ESTA GRAN HUMANIDAD HA DICHO ¡BASTA! Y HA ECHADO A ANDAR, Y SU MARCHA DE GIGANTE NO SE DETENDRA JAMAS. HASTA CONQUISTAR SU DEFINITIVA LIBERACION.

¡VIVA LA SOLIDARIDAD DE LOS PUEBLOS DE AFRICA, ASIA Y AMERICA LATINA!

¡VIVA LA TRICONTINENTAL!

Libro de América

En su día de apogeo frente al empuje de los pueblos este sistema que preside el imperialismo yanqui mantiene y amplía las relaciones internacionales, todas al orden de las relaciones imperialistas, todas con fines militares agresivos, proclama, con el mismo lenguaje de arrogante desprecio a intervenir en los asuntos internos de otros países, justificándose de esta manera el vergonzoso papel de guardarme sin tomar, sin pagar los gastos y facilitar las armas para que las naciones colonialistas se declinen con puedan conservar sus prisiones y compartir con ellas sus beneficios, analice con independencia y soberanía imponer un ideología, utilizando para

En su día de apogeo frente al empuje de los pueblos este sistema que preside el imperialismo yanqui mantiene y amplía las relaciones internacionales, todas al orden de las relaciones imperialistas, todas con fines militares agresivos, proclama, con el mismo lenguaje de arrogante desprecio a intervenir en los asuntos internos de otros países, justificándose de esta manera el vergonzoso papel de guardarme sin tomar, sin pagar los gastos y facilitar las armas para que las naciones colonialistas se declinen con puedan conservar sus prisiones y compartir con ellas sus beneficios, analice con independencia y soberanía imponer un ideología, utilizando para



20393

120

RESPUESTA

**del Comandante
Fidel Castro,
Primer Ministro
del Gobierno
Revolucionario
de Cuba,
al llamado
"Grupo
Latinoamericano"**

FEBRERO 11, 1966

20394

20394



Este folleto recoge la carta que el llamado "Grupo Latinoamericano", compuesto por 18 Gobiernos títeres, envió al Secretario General de la ONU, U-Thant, expresándole su preocupación por los acuerdos de la Conferencia Tricontinental, celebrada en La Habana en los primeros días del mes de enero. Asimismo aparece en estas páginas la enérgica carta que, en respuesta a los planteamientos del titulado "Grupo de los 18", dirigió nuestro Primer Ministro y Primer Secretario del CC del PCC, Comandante Fidel Castro, al Secretario General de las Naciones Unidas, documento éste que ha motivado una enorme repercusión internacional.

20395

20395

TEXTO DE LA CARTA

1) Los representantes permanentes de los Estados latinoamericanos que suscriben, tienen el honor de dirigirse a Vuestra Excelencia para referirse a hechos que importan una violación flagrante de los principios y propósitos de la Carta de las Naciones Unidas, así como de la Declaración contenida en la Resolución 2,131 (XX) de la Asamblea General, aprobada con el voto favorable de 109 Estados miembros.

2) Como es de público conocimiento, el 3 de enero último reunióse en la ciudad de La Habana la llamada "Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina", conocida también como "Conferencia Tricontinental", en la que participaron, junto con los representantes de los Partidos Comunistas de numerosos países, personalidades gubernamentales de Estados Miembros de las Naciones Unidas.

3) No sólo ha llamado la atención de nuestros gobiernos la celebración de una Conferencia semejante, cuyo objetivo fue el de estimular y fomentar el cambio violento de gobiernos e instituciones políticas fundamentales en diversos países, atentando contra la soberanía y estabilidad política de Estados miembros de las Naciones Unidas, sino el hecho de que haya contado con el apoyo de varios gobiernos, especialmente el que ha servido de anfitrión en dicha Reunión.

4) Atentan claramente contra los principios fundamentales del derecho internacional, consignados en la Carta de las Naciones Unidas y contra las normas de la ya mencionada Declaración de la Asamblea General sobre la inadmisibilidad de la intervención en los asuntos internos de los Estados y

20396

20396

protección de su independencia y soberanía, la proclamación que hizo la Conferencia del uso de la fuerza armada como uno de los medios principales para la obtención de sus objetivos y el establecimiento, acordado por la misma, de un mecanismo permanente para tal fin. Dicho mecanismo incluye un Secretariado Ejecutivo con sede provisoria en La Habana, un Comité de Ayuda a los Movimientos de Liberación Nacional y Conferencias periódicas para la próxima, de las cuales se ha fijado como sede la capital de otro Estado miembro de las Naciones Unidas.

5) No menos atentatoria contra esos principios es la mención en la "Declaración General" aprobada por la Conferencia, de "el derecho y el deber de los pueblos de Asia, Africa y América Latina y de los Estados y Gobiernos progresistas del mundo a facilitar apoyo material y moral a los pueblos que luchan por su liberación o son agredidos directa o indirectamente por potencias imperialistas". Con los mismos propósitos, no faltaron recomendaciones sobre métodos de infiltración o intercambio de experiencias subversivas para lograr mayor eficacia en los procesos de implantación violenta de regímenes políticos diferentes.

6) Al registrar la primera violación deliberada de la Declaración contenida en la Resolución 2131 (XX) de la Asamblea General, cuyo párrafo segundo operativo *in sino* dice: "Todos los Estados deberán también abstenerse de organizar, apoyar, fomentar, financiar, instigar o tolerar actividades armadas, subversivas o terroristas encaminadas a cambiar por la violencia el régimen de otro Estado y de intervenir en una guerra civil de otro Estado".

Los representantes abajo firmantes juzgan su deber traer a la atención de Vuestra Excelencia y de los demás Estados miembros del Consejo de Seguridad estos hechos y las consecuencias que los mismos entrañan para la paz y la seguridad internacionales.

7) Este asunto ha sido considerado por el Consejo de la Organización de los Estados Americanos de acuerdo con los términos de la Carta de las Naciones Unidas y la Carta de la propia Organización de los Estados Americanos.

8) Los que suscriben, solicitan a Vuestra Excelencia quiera tener a bien disponer la circulación de la presente carta como documento oficial del Consejo de Seguridad y aprovechan la oportunidad para renovar a Vuestra Excelencia las seguridades de su consideración más distinguida,

firmado: *Argentina, Bolivia, Brasil, Colombia, Costa Rica, Chile, Ecuador, Guatemala, Haití, Honduras, Nicaragua, Panamá, Paraguay, Perú, República Dominicana, El Salvador, Uruguay, Venezuela.*

20397
FIDEL

RESPUESTA DE FIDEL 20397

Excelentísimo U-Thant,
Secretario General de las
Naciones Unidas.

Me dirijo a usted para dar respuesta adecuada a la carta enviada al Presidente del Consejo de Seguridad por los representantes de los gobiernos de América Latina que, con excepción de México, y siguiendo las orientaciones del gobierno intervencionista e imperialista de Estados Unidos, se permitieron "denunciar" ante dicho Organismo, los acuerdos de la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina, efectuada en La Habana del 3 al 12 de enero de 1966. Y, a la vez, solicitar también que esta respuesta sea hecha circular entre todos los miembros de esa Organización.

Es increíble que tales gobiernos tengan el cinismo de acusar de intervencionismo a Cuba y a la Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina, porque los gobiernos en nombre de los cuales se firma esa carta constituyen, precisamente, los instrumentos más serviles del imperialismo yanqui en América Latina, la mayor parte de los cuales apoyaron sin vacilación la criminal intervención de las tropas yanquis en territorio de Santo Domingo y sólo por excepción algunos de ellos formularon una tibia e hipócrita protesta. Con la complicidad cobarde y vergonzosa de esos mismos gobiernos se mantiene la ocupación militar yanqui y la opresión de ese país y ese pueblo hermano de América Latina, donde casi a diario las tropas invasoras disparan contra la población y asesinan hombres y mujeres indefensos.

COMPLICES DE LA OCUPACION DE SANTO DOMINGO

Algunos de esos gobiernos, como Brasil, Honduras y Costa Rica, participan directamente de esa ocupación militar. Y es el colmo del cinismo que el señor García Godoy, fante sin dignidad ni patriotismo, suscriba esa declaración nada menos que en nombre de ese país ocupado y oprimido por tropas yanquis y otros soldados extranjeros mercenarios.

De hecho, todos esos gobiernos son instrumentos de la ingerencia, dominio y explotación de sus propios países por el imperialismo norteamericano, que les dirige sus fuerzas armadas, su banca, su comercio, en dos palabras, la economía de cada uno de ellos, les dicta la política exterior, y descaradamente se reserva el derecho de ocuparlos militarmente, como hizo con Santo Domingo, cuando lo estime necesario a sus intereses explotadores.

En connivencia con gobiernos representativos de los mismos intereses, Estados Unidos ha llevado a cabo su abierta política intervencionista en este continente:

Así, en 1954 derrocó, mediante el empleo de fuerzas mercenarias procedentes de bases instaladas en países vecinos, al gobierno constitucional y legítimo de Guatemala, para sumir ese país de nuevo en la más oscura explotación; en 1961 organizó, financió y dirigió, con la participación de los gobiernos de Guatemala y Nicaragua, la invasión mercenaria de Playa Girón; en 1964 perpetró la masacre que tuvo lugar contra el pueblo panameño por reclamar su soberanía sobre el territorio del Canal, y en 1965, desafiando la protesta y la indignación mundial, invadió y ocupó el territorio de Santo Domingo.

HA CRECIDO LA CONCIENCIA DE SOLIDARIDAD

La conciencia de la solidaridad militante de los pueblos de América Latina ha crecido, se ha desarrollado y profundizado en las luchas contra las intervenciones imperialistas yanquis contra la ocu-

20398

pación y colonización yanqui de Puerto Rico; contra el apoderamiento yanqui de una porción del Territorio de Panamá en 1903; contra la segunda intervención yanqui en Cuba en 1906; contra la intervención yanqui en México en 1914 y 1917; contra la intervención yanqui en Haití en 1915; contra la intervención yanqui en Santo Domingo en 1916; contra la intervención yanqui en Nicaragua en 1910, 1912 y 1926; contra las agresiones yanquis a Guatemala y Cuba mencionadas anteriormente. Y en los momentos actuales ese sentimiento de solidaridad adquiere una fuerza y un vigor extraordinarios ante la ocupación militar de Santo Domingo y la amenaza de intervención en cualquiera de las naciones de América Latina.

Esta amenaza se expresó concretamente en el acuerdo reciente de la Cámara de Representantes de los Estados Unidos, que ha declarado impudicamente que el Gobierno de dicho país deberá intervenir, cuando así lo estime conveniente, en cualquier territorio de este Continente.

Los imperialistas yanquis han ejecutado su política intervencionista no sólo en América Latina, sino también en África, Asia y en el resto del mundo. La intervención yanqui en el Congo realizada bajo la bandera de las Naciones Unidas es un ejemplo ilustrativo.

En los momentos actuales, la intervención yanqui contra el pueblo de Vietnam del Sur y los bombardeos a la República Democrática de Vietnam del Norte es un ejemplo de cómo allende los océanos, los círculos del Pentágono y de los monopolios norteamericanos llevan a cabo su política intervencionista y ponen en peligro la paz del mundo.

Los llamados gobiernos de países latinoamericanos que, alegando un peligro para la paz en virtud de los Acuerdos de la Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina, han suscrito esa carta al Presidente del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas, se hacen sordos y ciegos de esas monstruosas realidades impuestas por el imperialismo en el mundo actual.

20398

NO ES LICITO CONFUNDIR EL INDEPENDENTISMO CON EL INTERVENCIONISMO

Los pueblos de los países de América Latina que esos gobiernos dicen representar, son saqueados inmisericordemente por los monopolios de Estados Unidos.

Los pueblos de esos gobiernos tienen derecho a barrer, y más tarde o más temprano barrerán, a esos gobiernos que son traidores y sirven a los intereses extranjeros en sus propios países, y los barrerán mediante la acción revolucionaria más violenta, porque la explotación y la opresión imperialista se ejerce sobre ellos cada vez más con el empleo de la fuerza, la violencia, las armas, y no les queda otra alternativa posible.

Proclamar el derecho de esos pueblos oprimidos y explotados por el imperialismo con la complicidad de las oligarquías feudales y las clases más reaccionarias de cada uno de esos países, que son los intereses privilegiados y absolutamente minoritarios que representan tales gobiernos, no constituye un acto de intervencionismo, sino precisamente la lucha contra el intervencionismo.

No es lícito confundir el independentismo con el intervencionismo.

Los representantes revolucionarios de los pueblos de Asia, Africa y América Latina que se reunieron en La Habana acordaron, ciertamente, redoblar la lucha contra el intervencionismo y ayudar a los pueblos, que combaten por su liberación e independencia. Y no sólo eso, sino que han subrayado que es un deber de los Estados y Gobiernos progresistas apoyar a los pueblos que luchan contra el imperialismo intervencionista y agresor.

ANTECEDENTES HISTORICOS DE LA AYUDA A LOS PUEBLOS

La ayuda que se brinda a los pueblos que luchan por su independencia tiene antecedentes históricos y políticos bien conocidos.

A nadie se le ocurriría decir que los revolucionarios franceses que en el siglo XVIII ayudaron al pueblo norteamericano a obtener su independencia del dominio colonial inglés, pueden ser acusados de intervencionistas. Los pueblos de Francia, Estados Unidos y el mundo entero reconocieron como un mérito indiscutible el de aquellos valientes que lucharon en tierras de América por la conquista de la independencia de las 13 colonias.

La solidaridad militante y revolucionaria de los pueblos de América Latina se manifestó de una manera muy activa en la epopeya liberadora de Bolívar, San Martín y Sucre. Los pueblos de América Latina recuerdan con agradecimiento aquella solidaridad. A nadie se le ocurriría calificar el movimiento liberador de América Latina en el siglo pasado, como un acto intervencionista.

PARA LOS LACAYOS, BOLIVAR SERIA "INTERVENCIONISTA"

En 1826, Simón Bolívar convocó a los pueblos de América al Congreso de Panamá a fin de discutir los medios más adecuados para completar la liberación del continente de la opresión colonial hispana. Según el criterio del imperialismo yanqui y de los miserables lacayos que suscribieron la susodicha carta, aquel congreso pudiera conceptuarse como violatorio de la soberanía de los pueblos y de carácter francamente intervencionista.

Cese la agresión, opresión e intervención imperialista. Abandonen los Estados Unidos el territorio dominicano; retiren sus tropas del sudeste asiático y de Vietnam; no lleven a cabo los bombardeos a la República Democrática de Vietnam; entreguen al pueblo panameño el territorio que le fue usurpado en la zona del Canal; dejen de explotar a los pueblos empobrecidos de América y otras partes del mundo; devuelvan los territorios de las bases militares en el extranjero; incluyendo la de Guantánamo, abandonen su conspiración en Asia, Africa y América Latina; cese, en fin, el sistema de dominación imperialista. Eso es lo que reclaman los pueblos y los que legítimamente representan los intereses de los pueblos.

**CUBA SE ADHIERE TOTALMENTE
A LA TRICONTINENTAL**

El Gobierno Revolucionario de Cuba se adhiere totalmente a los acuerdos adoptados por la Primera Conferencia de Solidaridad de los pueblos de Asia, Africa y América Latina.

No se nos escapa, Señor Secretario General, que los cínicos pronunciamientos formulados por los que se dicen representantes de 18 países de América Latina esconden el propósito de justificar futuras intervenciones de tropas de Estados Unidos en otras naciones latinoamericanas, y en especial el camino para agredir a Cuba cuando la ola revolucionaria crezca en este continente oprimido y explotado, y la insignificante minoría de Estados Unidos que son los círculos monopolistas que gobiernan ese país, culpables de las tensiones existentes en el mundo, culpables de agresión e intromisión contra los pueblos, vean desmoronarse el imperio de sus intereses a sus propios pies.

Pero Cuba, Señor Secretario General, no está defendida por un pueblo desarmado, aunque heroico, como el de Santo Domingo, y el día que ese imperalismo y sus cómplices se atrevan a poner sus garras sobre nuestra Patria, entonces sí habrá llegado la hora en el seno de esa Organización de las Naciones Unidas de suspirar por la paz, porque la resistencia con que van a chocar, será capaz de estremecer al mundo.

Con la más alta consideración queda de usted,

Atentamente,

FIDEL CASTRO RUZ,

*Primer Ministro
del Gobierno Revolucionario*

1
L'ESPERANCE DE LA VIE

Il est certain que l'homme ne peut vivre sans l'espérance. Elle est la source de sa vie, et sans elle il ne peut rien accomplir. Elle est la lumière qui guide l'homme dans sa marche vers le but de sa destinée.

Elle est la force qui le soutient dans les épreuves de la vie, et qui le rend capable de résister à toutes les tentations du malin. Elle est la racine de toutes les vertus, et sans elle elles ne peuvent pousser et croître. Elle est la source de la joie et de la paix, et sans elle l'homme est condamné à la tristesse et à l'angoisse.

Elle est la lumière qui illumine le cœur de l'homme, et qui le rend capable de comprendre les secrets de Dieu. Elle est la force qui le rend capable de résister à toutes les tentations du malin, et qui le rend capable de vivre dans la sainteté.

Elle est la source de la vie éternelle, et sans elle l'homme est condamné à la mort.

AMEN

20400
[Handwritten signature]

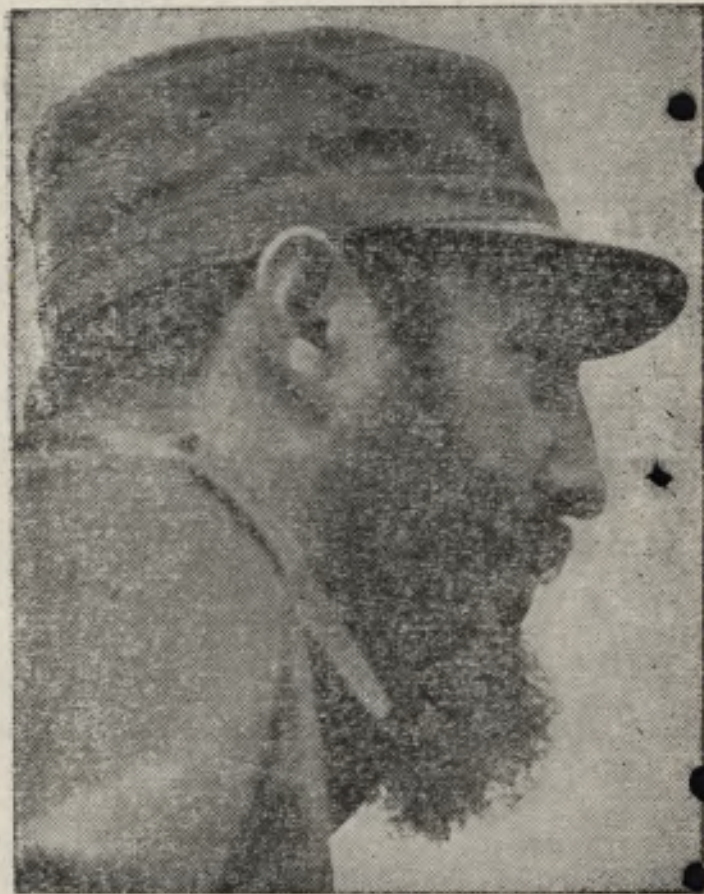
RESPUESTA DE FIDEL A LAS
DECLARACIONES DEL GOBIERNO CHINO

20400

**EL GOBIERNO CHINO
HA TRAICIONADO
LA BUENA FE DEL
PUEBLO CUBANO**

pe/

FEBRERO 6 DE 1966



20401
20401

Con motivo de mis pronunciamientos en el discurso del 2 de enero y las ulteriores declaraciones del Ministerio de Comercio Exterior de Cuba, el Gobierno chino ha hecho dos declaraciones para tratar de justificar su conducta en la cuestión de las relaciones comerciales con Cuba.

Estas declaraciones del Gobierno chino puestas en boca de un supuesto "funcionario" del Ministerio de Comercio Exterior de ese país son en grado sumo insidiosas.

Nadie creerá jamás que en China un simple y desconocido funcionario del Ministerio de Comercio Exterior pueda hacer declaraciones en las que se califica de mentiroso al Primer Ministro de un Estado socialista con el que se mantienen relaciones formales y diplomáticas y que contrañan, por su fondo político y su forma irrespetuosa, la posibilidad de afectar seriamente las relaciones entre dos países como Cuba y China. Hay que decir antes que nada dos cosas:

Primero: que esta forma de proceder encierra una gran hipocresía, porque tales pronunciamientos sólo pueden emanar de los niveles más altos del Gobierno chino.

Segundo: que a la vez que deshonesto, tal método revela un sentimiento de menosprecio hacia otros pueblos, porque equivale a decir que las declaraciones del Primer Ministro de un Estado pequeño, aunque la cuestión que se discuta afecte seriamente a ese Estado, sólo merecen la respuesta de un funcionario subalterno y anónimo del Ministerio de Comercio Exterior de China.

No utilizaremos nosotros tales procedimientos hipócritas y despectivos, porque no acostumbramos a ello ni distinguimos entre naciones grandes y naciones pequeñas, tanto en lo que se refiere a la defensa de la dignidad de nuestro país como en el respeto que debemos a los demás, sean cuales fueran las consecuencias que se deriven de ello.

—LA ACTITUD DEL GOBIERNO CHINO
REBASA LOS LIMITES DE UNA DISCUSION
ESTRICTAMENTE BASADA EN CIFRAS
Y DATOS

Esta actitud del Gobierno chino rebasa los límites de una discusión estrictamente basada en cifras y datos relativos al intercambio comercial. Hablándose llegado a este punto, casi resulta ocioso argumentar sobre tales datos y cifras. Sin embargo, tampoco deben quedar sin respuesta las afirmaciones y conclusiones que pretende defender el Gobierno chino en ese terreno.

El día 2 de enero no quise entrar en enjuiciamientos, definiciones y calificativos de las medidas de carácter económico adoptadas por el Gobierno chino, aunque me sobraban elementos de juicio para hacerlo. Me limité a exponer que se iba a producir una brusca e inesperada disminución de las importaciones procedentes de China. Expuse las razones que alegaba para ello el Gobierno chino y las consecuencias que esto traía de inmediato para nuestro país. Dije textualmente:

"...hay un producto, por razones ajenas a nuestra voluntad, en que vamos a tener dificultades en este año y ese producto es el arroz. Voy a explicar las razones por las cuales tendremos menos arroz basándome en este informe de nuestro Ministerio de Comercio Exterior, en relación al intercambio comercial con la República Popular China.

"Dice: 'Nuestra política comercial con China se orientaba para 1966 a continuar el aumento del volumen de intercambio, siguiendo así la tendencia de los últimos años.

'Las exportaciones planificadas para 1966 ascendían a 110 millones, y las importaciones a 140 millones.

20402
*
20402
'Estas cantidades, comparadas con los años anteriores, preveían mayores entregas de azúcar por nuestra parte y mayores entregas de arroz por la otra parte.

A mediados de noviembre llegó a Pekín nuestra Delegación para discutir el Protocolo Comercial para 1966, que deberá ser firmado en La Habana, presidida por el Director de nuestro Ministerio, compañero Ismael Bello. Después de varias entrevistas con las autoridades chinas, éstas plantearon oficialmente lo siguiente:

'Azúcar. La parte china no podrá aceptar las 800 mil toneladas de azúcar ofertadas, por las razones siguientes:

'a) Que este año habían tenido una gran cosecha.

'b) En 1961 la URSS les hizo un préstamo de 500 mil toneladas de azúcar, liquidables en el mismo producto. En este año ya han terminado de pagar este azúcar a la URSS, utilizando parte del azúcar que compraban a Cuba.

'c) Que el pueblo chino actualmente no necesita bonos para comprar azúcar, por existir cantidades suficientes para satisfacer la demanda.

'Que las cantidades suministradas de arroz a Cuba en el año 1965 ascendentes a 250 mil toneladas constituyeron una excepción, debiéndose a la solicitud formulada al Embajador chino por el Primer Ministro Fidel Castro.

'Que para el año 1966, no obstante haber tenido una buena cosecha, no ven posibilidades de cantidades superiores a las del año 1964, que fue de 135 mil toneladas métricas, por las razones siguientes:

'a) Necesidad de crear reservas para en caso de que se produzca un ataque por parte de los imperialistas yanquis.

'b) La ayuda que tienen que prestarle a Viet Nam.

'c) Déficit en la producción de otros cereales, que los obliga a efectuar importaciones del área capitalista, teniendo, por tanto, que dedicar algunas cantidades de arroz para obtener divisas para esos fines.

'El plantear nuestra Delegación utilizar el resto de los 10 millones del crédito de 1960 para financiar parcialmente el desbalance que se produciría

en 1966, según nuestras cifras de exportaciones e importaciones, la parte china respondió lo que sigue:

La utilización del crédito económico no estaba a su alcance resolverlo, debiendo plantearse a nivel de Gobierno. Pero en cuanto a los productos y cantidades que podían entregarnos, sus ofertas eran las máximas y que, por tanto, eran definitivas.

Manifestaron que de esta forma el volumen de intercambio alcanzaría más o menos el nivel del año 1964, ya que sería un comercio balanceado. "Implicaciones comerciales de estos planteamientos —dice el informe de Comercio Exterior—. Aunque la parte china habla de llevar nuestro comercio a nivel de 1964, al no concederse desbalance como en años anteriores, en verdad lo que se lleva a nivel de 1964 son nuestras exportaciones solamente, pero el valor de nuestras importaciones caerá a un nivel por debajo de cualquiera de los años de intercambio desde 1961 a 1965, desde que en 1961 nuestros intercambios comerciales se establecieron —como es usual entre países Socialistas—, mediante Protocolos Comerciales Anuales".

—LA PARTE CHINA NO HA PODIDO RECHAZAR NI OCULTAR NINGUNO DE LOS PUNTOS ESENCIALES

A todas estas cuestiones expuestas, la parte china no ha podido rechazar ni ocultar ninguno de los puntos esenciales. Se han limitado exclusivamente a discutir un punto: si es cierto o no que el volumen de las exportaciones que recibirá Cuba de China en 1966 serán inferiores o no a las de los años anteriores desde 1961.

No han podido negar que las exportaciones ofrecidas por Cuba, incluyendo 800 mil toneladas de azúcar, ascenderían a 100 millones de pesos y que las necesidades planteadas por Cuba eran estimadas en un valor de 140 millones.

No han podido negar que el Gobierno chino rechazó el ofrecimiento de las 800 mil toneladas de azúcar, ni los argumentos empleados para justificarlos:

"a) Que este año habían tenido una gran cosecha.

"b) En 1961 la URSS les hizo un préstamo de 500 mil toneladas de azúcar, liquidables en el mismo producto. En este año ya han terminado de pagar este azúcar a la URSS, utilizando parte del azúcar que compraban a Cuba.

"c) Que el pueblo chino actualmente no necesita bonos para comprar azúcar, por existir cantidades suficientes para satisfacer la demanda".

No han podido negar que para 1966 sólo aceptaron entregar 135 mil toneladas métricas de arroz. Es decir, 115 mil menos que el año anterior y 145 mil por debajo de las necesidades planteadas. Ni los argumentos que emplearon para ello:

"Que para el año 1966, no obstante haber tenido una buena cosecha, no ven posibilidades de cantidades superiores a las del año 1964, que fue de 135 mil toneladas métricas, por las razones siguientes:

"a) Necesidad de crear reservas para en caso de que se produzca un ataque por parte de los imperialistas yanquis.

"b) La ayuda que tienen que prestarle a Viet Nam.

"c) Déficit en la producción de otros cereales, que los obliga a efectuar importaciones del área capitalista, teniendo, por tanto, que dedicar algunas cantidades de arroz para obtener divisas para esos fines".

No han podido negar que al plantear nuestra Delegación utilizar los 10 millones de créditos para financiar parcialmente el desbalance que se produciría, la parte china respondió que eso debía plantearse a nivel de Gobierno, pero en cuanto a los productos y cantidades que podía entregarse, sus ofertas eran máximas y por tanto definitivas.

No han podido negar que la Delegación cubana fue informada además —lo que no había ocurrido en ningún año anterior—, que el comercio sería balanceado, lo cual en términos comerciales quiere decir que no puede esperarse crédito alguno.

20403

20403

En esencia, no han podido negar que la representación china planteó de manera muy clara y precisa cuatro cosas:

- a) Limitaciones a nuestras exportaciones de azúcar, que es el producto fundamental con que nosotros pagamos nuestras importaciones, sólo a la cantidad de 600 mil toneladas.
- b) Que las cantidades de productos ofrecidas eran las máximas y definitivas.
- c) Que este año cesaba el desbalance.
- d) Que el arroz, producto tradicional y sensible a nuestro consumo, se reduciría a casi la mitad con relación al año anterior.

No han podido negar que estos planteamientos fueron hechos a la parte cubana de manera absolutamente sorpresiva a finales del año 1965, sin que naturalmente nuestro Gobierno hubiera tenido la menor noticia de que ésta habría de ser la nueva política comercial del Gobierno chino hacia Cuba.

No pudiendo, repito, negar ninguna de estas cuestiones esenciales, se han limitado exclusivamente a discutir un punto secundario, si es cierto o no que el volumen de las exportaciones que recibirá Cuba de China en 1966 será inferior o no a las de los años anteriores, desde 1961. Y lo que hicieron para tratar de desvirtuar esto en la declaración del 9 de enero, fue hablar del volumen total del comercio, y sin aportar ningún otro dato, afirman que era falsa la información del Ministerio de Comercio Exterior de Cuba leída por mí el 2 de Enero, de que las importaciones estarían por debajo de cualquiera de esos años. Sin embargo, cuando en su respuesta el Ministerio de Comercio Exterior de Cuba, 12 de enero, aportó los datos correspondientes a las importaciones reales procedentes de China:

1961	98.6
1962	99.8
1963	90.8
1964	109.3
1965	128.9
1966	(85.0)

El Gobierno chino, en su nueva declaración del 30 de enero, eludiendo otra vez los puntos esenciales e insistiendo sobre éste relativo a la comparación con los años anteriores, trató de impugnar el método utilizado por el Ministerio de Comercio Exterior de Cuba, alegando que utilizó tres categorías de cifras; y a su vez, basándose, según dice, en las listas de los protocolos, afirma que las exportaciones de China a Cuba fueron:

1961	108.00
1962	62.00
1963	77.61
1964	95.11
1965	127.00
1966	(84.50)

—VEAMOS COMO ELABORO
EL MINISTERIO DE COMERCIO
EXTERIOR DE CUBA SUS CIFRAS

Bien: veamos cómo elaboró el Ministerio de Comercio Exterior de Cuba sus cifras. Tomó, para los años 1961, 1962, 1963 y 1964, los datos más exactos que pueden existir, que eran las mercancías físicas que realmente habían entrado y salido del país, ya que muchas veces ocurre que las cifras acordadas en los protocolos varían considerablemente en el curso de su ejecución. Con relación al año 1965, en el mes de diciembre, que es cuando hace su informe el Ministerio de Comercio Exterior, era de todo punto imposible utilizar el mismo método, basado en la totalidad de las mercancías entradas y salidas, entre otras razones porque el año no había terminado y porque se requiere, además, cierto tiempo para recibir, comprobar y procesar los datos. En este caso, y para dicho año, el Ministerio obligadamente tenía que usar las cifras contenidas en el protocolo, aunque éstas, como queda dicho, pueden apartarse considerablemente de las realidades. Del mismo modo, con relación al año 1966 que comienza, el Ministerio sólo podía contar con las cifras de mercancías ofrecidas como máximas y definitivas por la parte china en las negocia-

ciones. ¿Acaso el Gobierno chino no tomó también esos datos con relación al año 1966 como base para su comparación? Luego el Gobierno chino también usó categorías distintas de datos: una para los años 1961-62-63-64 y 65: las listas de los protocolos; otra para el año 1966: las ofertas chinas en las negociaciones.

Sólo que hay una diferencia sustancial entre los datos del Ministerio de Comercio Exterior chino y el de Cuba, y es que los datos utilizados por Cuba durante los años 1961-62-63 y 64, que cubren las dos terceras partes del período de seis años que se analizan y que pueden expresar realmente el ritmo de desarrollo de intercambio entre dos países, se basan exactamente en las mercancías que han llegado o han salido físicamente del país, en tanto que los datos del Gobierno chino, con menosprecio absoluto de esa realidad, se basan en el caprichoso criterio de que las listas de mercancías protocolizadas en un papel, cuentan más que las mercancías que realmente llegan a uno u otro país.

Tales mercancías unas veces están por encima de lo protocolizado, como ocurrió en el año 1962, en que habiéndose convenido 62 millones se recibieron 89.8 que es lo que realmente cuenta y hemos contado en nuestras cifras. Otros años, como en 1961, habiéndose protocolizado 108 millones de importación a Cuba realmente llegaron 98.6, que es lo que cuenta y hemos contado.

En cambio ninguna posibilidad podía existir de que para el año 1966 las mercancías que se iban a recibir estarían por encima de lo convenido, puesto que la parte china declaró categóricamente —cosa que no había ocurrido en ningún año anterior— que las cantidades ofrecidas serían máximas y definitivas.

—LA UTILIZACION POR LA PARTE CHINA
DEL ARGUMENTO DE LAS CATEGORIAS
SE HACE CON EVIDENTE MALA FE

La utilización por la parte china del argumento de las categorías se hace con evidente mala fe para confundir a las personas no entendidas, ocultar la debilidad de su posición y hacer creer

que el Ministerio de Comercio Exterior de Cuba está jugando irresponsablemente con los números.

En mi discurso del 2 de Enero dije asimismo: "...que teniendo en cuenta el hecho de que el consumo per cápita de arroz era muy alto en la República Popular China y bajísimo el consumo de azúcar, y teniendo por mi parte en cuenta el hecho de la siguiente circunstancia, de que en China el azúcar, al revés que en Cuba, tiene un precio para la población de cuatro a cinco veces mayor que el arroz, mientras en Cuba el precio del arroz era 2 ó 3 veces mayor que el del azúcar, pensé que podía ser de mutua conveniencia a ambos países un mayor intercambio de azúcar por arroz. Y en consecuencia, le hice la proposición —en mi opinión altamente conveniente a ese país y también al nuestro— de que estábamos dispuestos a entregar dos toneladas de azúcar por cada tonelada de arroz que nos enviaran de China.

"Hacia esta proposición considerando una serie de circunstancias, como les decía. Entre otras, el principio de la división internacional del trabajo, el hecho de que nosotros somos un país que por tradición hemos cultivado caña y somos productores de azúcar, de que somos un país que sabemos cultivar la caña y que podemos ser capaces de obtener altísimos rendimientos de azúcar por hectárea con la caña; no siendo así nuestra situación con el arroz, acerca del cual no tenemos la misma experiencia ni las grandes cantidades de agua, ni grandes ríos, ni grandes zonas de condiciones óptimas para el cultivo de arroz, ni conocemos las mejores técnicas, ni poseemos las mejores variedades de semillas, como ocurre —por el contrario— con la caña". Más adelante expresé:

"Y hay que decir que en esa ocasión la respuesta fue más de lo que esperábamos. Aceptaron la proposición, e incluso plantearon que no se hiciera en la forma en que decíamos el intercambio, sino que continuarían pagando el mismo precio por el azúcar y que nosotros continuaríamos pagando el mismo precio por el arroz".

Acerca de esto ¿qué niegan? Niegan fuese cierto que el intercambio ofrecido fue de dos por uno, sino de tres por dos. A este respecto el Ministerio de Comercio Exterior de Cuba explicó con toda claridad textualmente:

"En octubre de 1964 se iniciaron conversaciones en La Habana, preliminares a las que habrían de continuarse en Pekín más tarde, sobre el Protocolo comercial para 1965.

"La parte china ya había aceptado entregarnos para ese año 150,000 toneladas de arroz, lo cual constituía un ligero incremento respecto a las cifras de 1964 (135,000 toneladas). Cuba recibiría, pues, para 1965, 150,000 toneladas de arroz que a un precio fluctuante, según variedades del producto, entre 145 y 150 pesos por tonelada, serían intercambiadas por un equivalente de azúcar de 165,000 toneladas aproximadamente según el precio estipulado de 6.11 centavos la libra.

"Fue en esa ocasión que el Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba propuso elevar el comercio de arroz por azúcar "intercambiando anualmente —como lo admite el funcionario del Comercio Exterior chino, según copia textual de Sin-juá— 370,000 toneladas de azúcar por 250,000 toneladas de arroz. Es decir, en vez de 150,000, China entregaría 250,000 toneladas de arroz y en vez de 165,000, Cuba entregaría 370,000 toneladas de azúcar. Aritméticamente hablando Cuba entregaría aproximadamente 205,000 toneladas adicionales de azúcar a cambio de 100,000 toneladas adicionales de arroz y si la aritmética no está equivocada esto significa una proporción casi exacta de 2 por 1.

"Luego es rigurosamente cierto lo afirmado por el Primer Ministro de que el planteamiento de Cuba entrañaba el incremento del intercambio de azúcar por arroz a base de 2 toneladas de azúcar por cada tonelada de arroz".

A este aporte de argumentos y datos irrefutables el Gobierno chino respondió que "el Ministerio de Comercio Exterior hizo un gran esfuerzo y produjo unas cifras extrañas para probar que era rigurosamente cierto lo afirmado por el Primer Ministro Fidel Castro sobre el intercambio

de dos toneladas de azúcar de Cuba por una tonelada de arroz de China".

Por lo visto para el Gobierno chino una simple suma aritmética es un gran esfuerzo y las cifras que no les conviene son cifras extrañas. El error en que incurre el Gobierno chino se debe a que ellos analizan las cifras sin tener en cuenta para nada que las primeras 150 mil toneladas de arroz estaban convenidas a un precio equivalente aproximado a 165 mil toneladas de azúcar, es decir en la proporción de 1.1 por 1 que estaba establecida cuando yo propuse elevar la entrega de azúcar de aproximadamente 165 mil a 370 mil toneladas, es decir, 205 mil más de azúcar a cambio de 100 mil adicionales de arroz (proporción de 2 por 1), que sumadas a la cantidad que ya estaba convenida a otro precio harían un total de 250 mil toneladas de este producto a recibir por Cuba.

—RECIBIRIAN 205 MIL MAS DE AZUCAR
CON SOLO ENVIAR 100 MIL MAS
DE ARROZ A CUBA

Ellos simplemente se limitan a comparar las cifras totales. Pero cualquiera que sea el criterio que usen para analizar las cifras, no se altera el hecho de que recibirían 205 mil más de azúcar con sólo enviar 100 mil más de arroz a Cuba. ¿Acaso podrían negar que esta proposición era altamente beneficiosa para el pueblo chino? Sin embargo, lo esencial de todo esto es lo siguiente; han tenido que admitir:

Primero: que el Gobierno de Cuba a fines de 1964 hizo una proposición de intercambio especial de azúcar por arroz.

Segundo: que la proposición de Cuba estaba conceptuada en términos de entregar cantidades mayores de azúcar por arroz que las equivalentes establecidas.

Tercero: que como consecuencia de esa proposición accedieron a entregar 250 mil toneladas de arroz.

Cuarto: que tal como expresé el 2 de Enero ellos habían aceptado entregar las cantidades solici-

tadas de arroz, mas no un precio en el azúcar mayor al establecido.

¿Cómo interpretó el Gobierno de Cuba la respuesta China? Esta es una cuestión importante. Al aceptar China elevar a 250 mil toneladas su exportación de arroz a Cuba, hubimos de considerar esto como una respuesta afirmativa al planteamiento nuestro, en el que se expresaba claramente nuestras necesidades anuales de ese producto, tan importante para el consumo nacional.

La negativa a aceptar como contrapartida un precio mayor de azúcar, nos pareció consecuente con el espíritu de colaboración que había presidido siempre la actitud del Gobierno chino en sus relaciones con nosotros, nunca un rechazo al compromiso de abastecernos con el mínimo anual solicitado.

La interpretación que el Gobierno chino ha dado ahora a esta cuestión, como el favor que se hace por un año, que no era en absoluto lo planteado por nosotros, revela una conducta ambigua en sus procedimientos y constituye un acto de traición a la buena fe de la parte cubana.

No pudimos pensar jamás que el Gobierno chino, como un puñal escondido, se reservaba el derecho, de una manera absolutamente unilateral y sin ningún tipo de advertencia o discusión previa a interpretar el alcance de su compromiso, y precisamente en un momento en que nuestro país no estaba en condiciones ni disponía de medios para adquirir el arroz en otros mercados.

Con relación al racionamiento que nos hemos visto obligados a establecer, derivado de la drástica e inesperada reducción de la exportación de arroz a Cuba por parte del Gobierno chino, éste en su última declaración afirma lo siguiente:

"...fue en 1962 cuando Cuba comenzó a racionar el arroz con la cuota mensual de seis libras per cápita. Ese mismo año la cantidad total de arroz exportado por nuestro país a Cuba fue de 120 mil toneladas. En los años subsiguientes, 1963 y 1964, nuestro país exportó 135 mil toneladas de arroz anuales a Cuba, y la cuota de arroz para la

20407
blación cubana permaneció inalterada. En 1965, nuestra exportación de arroz a Cuba fue casi el doble, sin embargo la cuota de arroz para la población cubana no fue aumentada. En 1966, según las cifras discutidas por ambas partes en las negociaciones preliminares, cierto es que la exportación china de arroz a Cuba será inferior a la de 1965, pero, con todo, superior a la de 1962, igual a las de 1963 y 1964. Ante estos hechos, ¿cómo se puede ligar arbitrariamente la reducción de la cuota de abastecimiento de arroz en Cuba con el problema del comercio entre China y Cuba?"

No podemos sino conceptuar como cínica esta argumentación. El Gobierno de China no puede ignorar que en los años 1962, 1963 y 1964, Cuba se abastecía también de otros mercados; que en muchos de esos posibles abastecedores encontramos dificultades crecientes de carácter político como consecuencia del bloqueo yanqui; que ningún país de América Latina, excepto México, comercia con Cuba; que los que no habfan roto el intercambio, como Uruguay y otros, lo hicieron después del Acuerdo de la OEA decretado por el imperialismo yanqui en la Reunión de Consulta, que se celebró en Washington en julio de 1964, donde se tomaron medidas contra Cuba bajo la acusación de haber enviado armas a los revolucionarios venezolanos, y, en consecuencia, dichos países fueron obligados a romper relaciones diplomáticas, consulares y comerciales con el nuestro.

—EL GOBIERNO CHINO NO PUEDE
IGNORAR CUALES FUERON LOS PRECIOS
DEL AZUCAR EN LOS AÑOS A QUE
SE REFIERE

Además, para abastecernos de arroz en los pocos sitios posibles, nuestro poder adquisitivo está limitado por los precios del azúcar en el llamado mercado mundial. El Gobierno chino no puede ignorar cuáles fueron los precios del azúcar en los años a que se refiere. Según los promedios acumulados del precio spot en Londres, éstos fueron:

1962	—	2.89	centavos	libra	FOB
1963	—	8.50	"	"	"
1964	—	5.88	"	"	"
1965	—	2.18	"	"	"

Habiendo sido los precios promedio en los cinco últimos meses de dicho año de 1965 los siguientes:

Agosto	1.87
Septiembre	1.93
Octubre	2.08
Noviembre	1.85
Diciembre	2.04

Si en el mes de diciembre de este mismo año en que tan pésimos han sido los precios, recibe nuestro Ministerio de Comercio Exterior la sorpresiva noticia de que el Gobierno de China enviaría 115 mil toneladas menos de arroz que el año anterior y 145 mil menos de las necesidades, ¿cómo puede el Gobierno de Cuba evitar reducir la cuota de arroz a la población en 1966?

¿Cómo el Gobierno chino pretende ignorar estas realidades y puede sin sonrojo alguno afirmar que:

"Si, realmente por dificultades en sus relaciones con el extranjero, la parte cubana hubiera deseado con sinceridad que nuestro país exportara más arroz a Cuba en 1966, habría podido plantear perfectamente el asunto en negociaciones a un nivel más alto, como lo hizo en el pasado?"

Naturalmente que el Gobierno de Cuba tenía —como explicaré después— sobradas razones para no hacer eso. Pero antes de llegar a ese punto queremos preguntar: ¿qué pensaría el pueblo chino si el Gobierno de Cuba, conociendo que sus necesidades de azúcar son de 600 mil toneladas, como expresaron sus representantes a nuestra Delegación, respondiéramos que pensábamos reducir la entrega a 300 mil, por cuanto necesitábamos vender las restantes para obtener divisas con las cuales adquirir distintos granos? Sin embargo, a pesar de que Cuba ha tenido la sequía más fuerte en los últimos sesenta años y que su producción no será igual, sino menor que

el año anterior, y que el azúcar en el mercado residual mundial ha alcanzado los precios más bajos en las últimas décadas, y que el imperialismo yanqui ha arreclado el bloqueo contra nosotros, lejos de reducir a 300 mil propusimos enviar 800 mil.

Nosotros con menos azúcar ofrecimos más, ustedes con más arroz ofrecieron menos. Nosotros en medio de la sequía, del bloqueo, de los bajos precios, ofrecimos elevar las entregas de nuestro principal producto comercial. Ustedes, reconociendo haber obtenido buenas cosechas, nos reducen casi un 50 por ciento las entregas de arroz.

Los representantes del Gobierno chino alegaron además, la necesidad de hacer reservas de arroz para estar preparados en caso de agresión yanqui. ¿Acaso Cuba no corre iguales o mayores peligros que la República Popular China de agresión yanqui? ¿Y en medio de una agresión, cómo podría llegar a nuestras costas un grano de alimento, a miles de millas de distancia de cualquier país del campo socialista? ¿Por qué medios y a través de qué fronteras pudiera ser Cuba abastecida?

Según el concepto de los deberes internacionales del Gobierno chino, es evidente que un país como el nuestro, más débil militarmente, más vulnerable a la agresión, no tiene el derecho de pensar en reservas, no tiene siquiera el derecho de mantener una modesta cuota de abastecimiento, que frente al bloqueo de los imperialistas yanquis se había visto obligado a establecer.

**—DE HECHO EL GOBIERNO CHINO
SE HA SUMADO AL BLOQUEO YANQUI
CONTRA CUBA**

No culpamos exclusivamente al Gobierno chino de la reducción de esa cuota. La responsabilidad la tienen en primer lugar los imperialistas yanquis que nos implantaron el bloqueo económico; en segundo lugar, el Gobierno de China por haberse sumado de hecho a ese bloqueo; y, en tercer lugar, nosotros mismos por haber creído en el espíritu internacionalista del Gobierno chino.

Pero esto no es todo. En su declaración del 9 de enero, el Gobierno chino afirmó:

"Todos los años se sostienen negociaciones comerciales entre China y Cuba, y todos los años surgen en el curso de ellas tales o cuales opiniones diferentes. Pero el Primer Ministro Fidel Castro nunca había procedido de esta manera en el pasado. Entonces, ¿por qué dio repentinamente este paso extraordinario en la víspera de la inauguración en La Habana de la Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina? Esto merece reflexionarse".

En su declaración de enero 30 de 1966, el Gobierno chino insiste con mayor insidia aún:

"Hemos estudiado cuidadosamente la respuesta del Ministerio de Comercio Exterior de Cuba y consideramos que en ella no se ha contestado la cuestión central que planteé en mis declaraciones del 9 de enero, es decir, la cuestión de por qué el Primer Ministro Fidel Castro dio a conocer en forma repentina, unilateral y no ajustada a los hechos, en la víspera de la inauguración de la Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina, el contenido de las negociaciones preliminares sobre el comercio para 1966 entre China y Cuba, cuando éstas se encontraban en marcha y en circunstancias que el Gobierno cubano podía plantear perfectamente ante el Gobierno chino las diferentes ideas o peticiones que pudiera tener".

Al final de esa misma declaración repite, con la más venenosa intención, la misma idea insinuante, sutil y cínica:

"Si, realmente por dificultades en sus relaciones con el extranjero, la parte cubana hubiera deseado con sinceridad que nuestro país exportara más arroz a Cuba en 1966, habría podido plantear perfectamente el asunto en negociaciones a un nivel más alto, como lo hizo en el pasado. Pero, en momentos en que las negociaciones preliminares entre las Delegaciones de los Ministerios de Comercio Exterior de nuestros dos países todavía estaban en marcha, la parte cubana hizo público, en forma unilateral y no ajustada a los hechos, el contenido de las negociaciones y descargó so-

bre China la responsabilidad de la reducción de la cuota de abastecimiento de arroz para sus habitantes. Esto nos obliga a sospechar que al actuar de tal manera la parte cubana persigue un segundo objetivo".

Tres veces insiste en la misma idea, habla como si las relaciones entre nuestros dos países hubiesen sido en ese momento exactamente iguales que en años anteriores, como si las mismas estuviesen transcurriendo en la mayor armonía, como si nunca hechos de carácter grave, que perturbaron seriamente estas relaciones, hubieran tenido lugar con anterioridad a estas negociaciones de diciembre de 1965, y que por tanto la posición del Gobierno de Cuba era ilógica, extraña, anormal, sospechosa: un problema creado de la manera más artificial, buscando segundas intenciones. ¡Y quién sabe qué segundas intenciones! Trata de sembrar la duda con la peor especie de veneno, en forma insinuante, taimada y su-

—ME LIMITE EN EL DISCURSO
DEL 2 DE ENERO A HABLAR DE LAS
DIFICULTADES OCURRIDAS CON RELACION
AL INTERCAMBIO COMERCIAL.

Este argumento ha sido utilizado con la peor mala fe, porque el Gobierno chino ha querido valerse de que determinadas cuestiones no se conocieran públicamente para tratar de engañar y confundir. Y es más repugnante el hecho todavía si se tiene en cuenta que el Gobierno de Cuba no había querido dar el paso penoso de revelar estas cuestiones. En mi discurso del 2 de Enero me limité estrictamente a hablar de las dificultades ocurridas con relación al intercambio comercial, sin calificar la conducta china, sin ir más al fondo del problema, porque resultaba sumamente penoso y desagradable tener que divulgar otras cuestiones más graves que habían ocurrido con anterioridad y que explicaban con toda claridad los verdaderos móviles de la conducta china.

A la vez el Gobierno chino habla como si el 2 de Enero tuviera algo que ver con la Confe-

rencia Tricontinental, como si no se tratara nada menos que de la celebración de nuestra fiesta nacional, de la victoria del Ejército Rebelde en 1959, la fecha en que todos los años nos reunimos con el pueblo en un acto de masas para tratar las cuestiones fundamentales del país. Trata de ignorar por completo el carácter de esta fecha y el hecho de que nuevas dificultades que comenzarían a manifestarse de inmediato debían ser explicadas al pueblo. Esto no tenía que ver absolutamente nada con la Conferencia Tricontinental.

Somos nosotros los que sí podemos afirmar que, visperas precisamente de dicha Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina, el Gobierno chino llevó a cabo un acto criminal de agresión económica contra nuestro país, en un año de dificultades serias de carácter climático, precios extraordinariamente bajos en el mercado mundial para nuestro principal producto de exportación, y en medio de un riguroso bloqueo económico imperialista que dificulta o impide el intercambio comercial con gran parte de los países del mundo. No hubiera podido escoger el Gobierno chino un momento más oportuno, más adecuado para golpear sensiblemente a nuestro pueblo, y, lo que es más grave, cuando precisamente se iba a producir esa Conferencia de Solidaridad entre los pueblos de los tres Continentes. Esto sí que merece reflexionarse seriamente.

Lo que vamos a exponer a continuación pudimos haberlo dicho el 2 de Enero y explicar el móvil de la conducta del Gobierno chino. Sin embargo, no lo hicimos. Es precisamente dicho gobierno, con su perfidia, su hipocresía, sus malévolas insinuaciones y su menosprecio hacia nuestro país, el que nos obliga a hacerlo.

Tres meses antes del inicio de las conversaciones comerciales, el día 14 de septiembre de 1965, a las 10 a.m., el Presidente de la República, compañero Osvaldo Dorticós Torrado, y yo, en mi condición de Primer Ministro del Gobierno citamos al Encargado de Negocios de la República Popular

China para discutir cuestiones que a nuestro juicio eran sumamente graves.

No obstante conocer el Gobierno chino perfectamente bien, por haberlo expresado el Gobierno de Cuba, incluso públicamente, cuál era nuestra posición en lo que se refiere a la distribución de material de propaganda en nuestro país sobre cuestiones de carácter político, en especial las que tienden a profundizar las divisiones entre los pueblos y estados socialistas, los representantes del Gobierno chino en Cuba habían hecho caso absolutamente omiso de nuestros requerimientos en ese sentido, desconociendo las prerrogativas que como país soberano son de la influencia exclusiva de nuestro Gobierno.

—NUESTRA POSICION SOBRE LA DIVISION EN EL CAMPO SOCIALISTA Y LA AGRESION IMPERIALISTA A VIET NAM

Esta posición del Gobierno de Cuba había sido expresada muy claramente el 13 de marzo de 1965, en la Escalinata Universitaria, en que además puntualizamos bien nuestra opinión sobre la división en el campo socialista y la agresión imperialista a Viet Nam.

En aquella ocasión afirmamos de una manera inequívoca:

Nosotros, países pequeños, que no nos asentamos en la fuerza de ejércitos de millones de hombres, que no nos asentamos en la fuerza de un poderío atómico; nosotros, países pequeños— como Viet Nam y como Cuba—, tenemos suficiente instinto para ver con serenidad y para comprender que a nadie más que a nosotros, en situaciones especiales —a 90 millas aquí del imperio yanqui, atacados allá por los aviones yanquis— nos afectan estas divisiones y estas discordias, que debilitan la fuerza del campo socialista.

“No es cuestión de analizar aquí, en el campo de la teoría, en el campo de la filosofía, las cuestiones en litigio, sino tener en cuenta la gran verdad: que frente a un enemigo que ataca, frente a un enemigo cada vez más agresivo, la división no tiene ninguna razón de ser, la división no tiene

ningún sentido, la división no tiene ninguna razón.

"Y en cualquier época de la historia, en cualquier período de la humanidad, desde que surgió el primer revolucionario en el mundo, desde que las revoluciones surgían como fenómenos sociales en que las masas actuaban instintivamente, hasta que las revoluciones se hicieron conscientes, se hicieron tareas y fenómenos plenamente comprendidos por los pueblos —que tiene lugar cuando el marxismo surge—, la división frente al enemigo no fue nunca estrategia correcta, no fue nunca estrategia revolucionaria, no fue nunca estrategia inteligente.

"Y todos nosotros en este proceso revolucionario nos hemos educado, desde el principio, en la idea de que todo lo que dividía debilitaba, de que todo lo que desunía era malo para nuestro pueblo y bueno para el imperialismo. Y las masas de nuestro pueblo comprendieron desde el primer momento la necesidad de la unidad, y la unidad se convirtió en una cuestión esencial para la Revolución, la unidad se convirtió en un clamor de las masas, la unidad se convirtió en una consigna de todo el pueblo. Y nosotros nos preguntamos si los imperialistas han desaparecido, nosotros nos preguntamos si los imperialistas no están atacando a Viet Nam del Norte, nosotros nos preguntamos si allí no están muriendo hombres y mujeres del pueblo.

"¿Y a quién es al que le van a hacer comprender, a quién es al que le van a hacer creer que la división sea conveniente, que la división sea útil? ¿Es que acaso no se ve lo que avanzan allí los imperialistas? ¿Es que acaso no se ve la estrategia que allí siguen los imperialistas? ¿Acaso no se ve la táctica que allí siguen los imperialistas para aplastar el movimiento revolucionario en Viet Nam del Sur, atacando primero por aire a Viet Nam del Norte con pretexto de represalias, arrogándose después el derecho de atacarlo cuando le venga en ganas, y continuando con la utilización de masas de aviones contra los combatientes de Viet Nam del Sur?"

Los imperialistas se reservan el derecho a llevar

20411

este tipo de guerra aérea con los menores sacrificios posibles. bombardeando con cientos de aviones y luego tomándose el lujo de ir a rescatar en helicópteros a los pilotos de los aviones derribados. ¡Sin duda que los imperialistas quieren un tipo de lucha muy cómoda!

¡Sin duda que los imperialistas quieren un tipo de guerra con solamente pérdidas industriales!, es decir, "tantos aviones perdidos". ¡Sin duda que el pueblo de Viet Nam del Sur y el pueblo de Viet Nam del Norte sufren todo esto! Y lo sufren en sus propias carnes, porque son hombres y mujeres allí los que mueren, tanto en el sur como en el norte, víctimas de la metralla y víctimas de los bombardeos yanquis.

Y no tienen la menor vacilación en declarar que se proponen seguir llevando a cabo todo aquello porque ni siquiera los ataques a Viet Nam del Norte han tenido la virtualidad de superar las divisiones en el seno de la familia socialista. ¿Y quién puede dudar que esa división alienta a los imperialistas? ¿Quién puede dudar que un frente unido ante el enemigo imperialista los habría hecho vacilar, los habría hecho pensar más detenidamente antes de lanzar sus ataques aventureros y su intervención cada vez más descarada en aquella parte del mundo? ¿A alguien pueden convencer de eso? ¿Con qué argumento, con qué lógica? ¿Y quiénes son los beneficiados? ¡Los imperialistas! ¿Y quiénes son las víctimas? ¡Los vietnamitas! ¿Y quién sufre? ¡El prestigio del socialismo, el prestigio del movimiento comunista internacional, el movimiento revolucionario internacional! Y eso nos tiene que doler de veras, ¡porque para nosotros movimiento de liberación no es una palabra demagógica, sino una consigna que verdaderamente la hemos sentido siempre!

—SOMOS UN PAIS PEQUEÑO QUE
NO ASPIRAMOS A CONVERTIRNOS
EN EL OMBLIGO DEL MUNDO

Porque nosotros somos un país pequeño que no aspiramos a convertirnos en el ombligo del mundo; porque nosotros somos un país pequeño que

no aspiramos a convertirnos en centro revolucionario del mundo. Y cuando hablamos de estos problemas, hablamos con absoluta sinceridad, y hablamos con absoluto desinterés, y hablamos los que no ganamos el poder revolucionario en unas elecciones burguesas, sino luchando con las armas en la mano; ¡hablamos en nombre de un pueblo que durante seis años ha resistido inquebrantablemente y sin vacilación alguna las asechanzas y las amenazas del imperialismo!; ¡hablamos en nombre de un pueblo que no vaciló en aras de la fortaleza del movimiento revolucionario, en aras de la fortaleza del campo socialista, y en aras de la firmeza y la determinación de defender la Revolución contra los imperialistas, no vaciló en arriesgar los peligros de la guerra termonuclear, del ataque nuclear contra nosotros, cuando en nuestro país y en nuestro territorio —con pleno y absoluto derecho del cual no hemos renegado, y en acto absolutamente legítimo del cual nunca nos arrepentimos— estuvimos de acuerdo con la instalación de los proyectiles estratégicos termonucleares en nuestro territorio! Y, además, no sólo estuvimos de acuerdo en que se trajeran, sino que ¡estuvimos en desacuerdo con que se los llevaran! Y creo que eso no es un secreto absolutamente para nadie.

Somos un país y un pueblo, en nombre del cual hablamos, que no recibe créditos yanquis ni alimentos para la paz, y que no tenemos la menor relación con los imperialistas —es decir, que en materia de convicción y sinceridad revolucionarias no nos enseñó nadie, ¡que no nos enseñó nadie!, como nadie enseñó a nuestros libertadores de 1895, de 1868, el camino de la independencia y de la dignidad—, el pueblo de la Primera y de la Segunda Declaración de La Habana, que no copiamos de ningún documento, sino que fue pura expresión del espíritu profundamente revolucionario y altamente internacionalista de nuestro pueblo.

Como ése ha sido el sentir y como ése ha sido el pensamiento de nuestra Revolución, demostrado en cuantas oportunidades ha sido neces-

rio demostrarlo, y demostrado sin vacilaciones de ninguna clase, sin claudicaciones de ninguna índole y sin contradicciones de ningún tipo, es por lo que tenemos el derecho a preguntar —cómo se tienen que preguntar otros muchos pueblos— a quién benefician estas discordias, si no a nuestros enemigos.

Y desde luego que tenemos el pleno derecho, el pleno y absoluto derecho —que no creo que nadie se atreva a poner en tela de juicio— a proscribir de nuestro país y del seno de nuestro pueblo tales discordias y tales bizantinas batallas.

¡Y es conveniente que se sepa que aquí la propaganda la hace nuestro Partido!, ¡que aquí las orientaciones las traza nuestro Partido!, ¡que aquí eso es una cuestión que atañe a nuestra jurisdicción! Y que si no queremos que venga aquí la manzana de la discordia, porque no nos da la gana, ¡nadie nos puede traer de contrabando la manzana de la discordia! ¡Y que nuestros enemigos, nuestros enemigos, nuestros únicos enemigos, son los imperialistas yanquis!; ¡nuestra única contradicción insuperable es con el imperialismo yanqui!; ¡el único adversario contra el que estamos dispuestos a quebrar todas las lanzas es el imperialismo!

Nuestra posición es una: ¡somos partidarios de que se le dé al Viet Nam toda la ayuda que sea necesaria!

¡Somos partidarios de que esa ayuda sea en armas y en hombres!. ¡somos partidarios de que el campo socialista corra los riesgos que sean necesarios por Viet Nam!

Nosotros estamos muy conscientes de que en caso de cualquier complicación internacional seria, seremos uno de los primeros blancos del imperialismo, pero eso no nos preocupa ni nos ha preocupado nunca.

Esa es, con toda franqueza y con toda sinceridad, nuestra posición razonada, desapasionada, emanada del derecho a pensar, emanada del derecho a razonar y emanada de nuestro legítimos e inviolable derecho a adoptar las medidas y a actuar en el sentido que creamos más justo y más

revolucionario sin que nadie pretenda hacerse la ilusión de que pueda darnos clases de revolucionarios.

Y espero que no se cometan los errores de subestimar, de ignorar la idiosincrasia de nuestro pueblo; porque, errores de ese tipo, cometió montones el imperialismo yanqui, una de cuyas características era el desprecio para los demás, el desprecio y la subestimación para los pueblos pequeños. Y ese imperialismo cometió grandes y garrafales errores de subestimación respecto a nuestro pueblo revolucionario; lamentable sería que otros cometieran similares equivocaciones. Nuestra política sincera ha sido y es la de unir, ¡porque satélites de nadie somos ni seremos jamás!

Grandes son los peligros que nos acechan, pero no se combaten con las discordias bizantinas, charlatanería académica, ¡no! Se combaten con la firmeza revolucionaria, la entereza revolucionaria, la disposición a combatir. No se combate de manera efectiva al enemigo imperialista en cualquier parte del mundo con los revolucionarios divididos, con los revolucionarios insultándose, con los revolucionarios atacándose, sino con la unidad, con la cohesión en las filas revolucionarias. Y a quienes no crean que ésa sea táctica correcta para el movimiento comunista internacional, les decimos que para nosotros aquí, en nuestra pequeña isla, en nuestro territorio, en la primera trinchera, a 90 millas de los imperialistas, ¡sí es la táctica correcta!

Y a esa manera de pensar ajustaremos nuestra línea y ajustaremos nuestra conducta.

—EL GOBIERNO CHINO INCREMENTO
EL ENVIO Y LA DISTRIBUCION MASIVA
DE MATERIALES DE PROPAGANDA

No obstante esta posición absolutamente clara, expresión inconfundible de la voluntad de nuestro pueblo y de la línea que nos proponemos seguir, el Gobierno chino incrementó el envío y la distribución masiva de materiales de propaganda a nuestro país, tanto directamente desde China como a través de sus representantes diplomáticos.

El día 12 de septiembre el Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias informó que una distribución en forma masiva de estos materiales se venía llevando a cabo sistemáticamente por los representantes del Gobierno chino, entre los oficiales de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Cuba. Esa propaganda se enviaba al Estado Mayor General de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, a los Estados Mayores de los Ejércitos, a los Estados Mayores de los Cuerpos de Ejército, a los Estados Mayores de las Divisiones, a los Estados Mayores de las distintas Direcciones de Armas, a los Jefes de Secciones Políticas, y en muchos casos directamente a Oficiales de nuestras Fuerzas Armadas en sus direcciones particulares.

Que en ocasiones representantes chinos trataban de hacer contactos directamente con oficiales cubanos y llegaban en algunos casos a acercarse a oficiales en una aparente tarea de captación personal, bien con fines de proselitismo o tal vez con fines de información.

Un tipo de distribución masiva de propaganda, similar a la expresada en este informe del Ministerio de las Fuerzas Armadas, se llevaba a cabo entre numerosos funcionarios civiles del Estado, aunque en un grado menos intenso.

Este era un hecho verdaderamente insólito que ningún Estado soberano, ningún gobierno que se respete a sí mismo tolerará jamás; una violación flagrante de las normas del más elemental respeto que deben existir entre países socialistas e incluso no socialistas. Nuestro Estado revolucionario no podía permitir semejante pretensión de influir sobre cuadros militares y administrativos mediante actos que constituyen una traición a la confianza, la amistad y la hermandad con que nuestro país recibe a los representantes de cualquier estado socialista.

Fue esta la razón por la cual el día 14 de septiembre hubimos de expresar en los términos más enérgicos al Encargado de Negocios de la República Popular China, puesto que su Embajador se encontraba ausente, nuestra indignación, nuestra protesta y nuestra exigencia de que tales activi-

dades cesaran. Con toda claridad expresamos al representante del Gobierno chino, que esos métodos y procedimientos eran exactamente iguales a los que empleaba la Embajada de Estados Unidos en nuestro país, cuando pretendían inmiscuirse en los asuntos internos de Cuba e imponer de una u otra forma su voluntad a la nación; que nuestro país se había librado de ese imperialismo a noventa millas de nuestras costas y que no estaba dispuesto a aceptar que desde veinte mil kilómetros de distancia otro Estado poderoso viniese a imponernos semejantes prácticas; que la actitud de los representantes del Gobierno chino la considerábamos francamente violatoria de la soberanía de nuestro país y lesiva a las prerrogativas que en el interior de nuestras fronteras corresponde exclusivamente a nuestro Gobierno; que costara lo que costara nuestro Gobierno no estaba dispuesto a tolerar tales hechos.

Después de exponer extensamente estos puntos con lujo de argumentos y calificativos enérgicos, expresamos nuestra protesta por la campaña de calumnias que contra la revolución cubana venían haciendo en algunas partes del mundo elementos estrechamente vinculados al Gobierno chino, lo cual desde nuestro punto de vista hacía más grave el desacato de los representantes chinos a los requerimientos hechos con relación a la distribución masiva de propaganda que involucraba problemas de tipo político.

No obstante esa advertencia, hecha de la manera más precisa y terminante, el Gobierno chino y sus representantes con insolencia de omnipotente y un desprecio absoluto hacia nuestro país remitiéron para distribuir en Cuba más de ochocientas valijas conteniendo boletines con material de propaganda política.

Después de la entrevista referida, llegaron en:

Septiembre:

Boletín No. 37.....	200 números
" " 38.....	190 "
" " 39.....	3816 "

Octubre:

Boletín No. 40.....	7448 números
" " 41.....	6816 "
" " 42.....	4827 "
" " 43.....	10043 "

Noviembre:

Boletín No. 44.....	7178 números
" " 45.....	2671 "
" " 46.....	2204 "
" " 47.....	2668 "

Diciembre:

Boletín No. 48.....	1274 números
" " 49.....	910 "
" " 50.....	1552 "
" " 51.....	1311 "
" " 52.....	1559 "

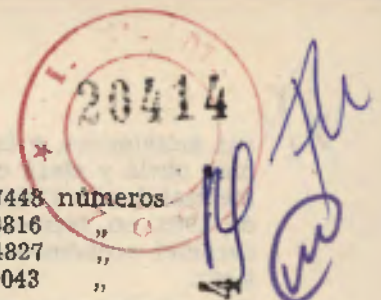
Enero:

Boletín No. 1.....	1099 números
" " 2.....	1075 "
" " 3.....	1200 "

Total de estos boletines remitidos a Cuba desde el exterior después de la advertencia directa y personal del Presidente de la República y el Primer Ministro del Gobierno: 58,041.

Igualmente, después de esa fecha decenas de miles de otros boletines y materiales de carácter político, impresos o acumulados por los representantes chinos en Cuba, fueron distribuidos.

Al Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, a los Estados Mayores de los Ejércitos, de los Cuerpos de Ejércitos, de las Divisiones, de las Direcciones de Armas, a los jefes de las Secciones Políticas, continuaron llegando ininterrumpidamente los materiales de propaganda en cuestión, no obstante habernos informado el Encargado de Negocios de la República Popular China el 14 de septiembre, que informaría al Gobierno de su país y respondería a los planteamientos hechos. No llegó en absoluto la menor explicación de parte del Gobierno chino, continuó llevando adelante



20414

1000

sus actividades, y la respuesta la dio de manera muy obvia y clara cuando nuestra delegación comercial llegó a China para discutir el intercambio de 1966, en forma de una brutal represalia de carácter económico por razones netamente políticas.

Naturalmente que estas actividades cesarán.

Una vez explicado esto, tenemos derecho a preguntar:

¿Cómo podía pretender el Gobierno chino que el Gobierno cubano, fuese humildemente a los niveles superiores a rogar, a implorar que nos diesen un crédito, que nos aceptaran las 800 mil toneladas de azúcar, que nos reintegrasen las 115 mil toneladas de arroz, que nos admitiesen un desbalance comercial como en años anteriores, si desde el primer momento comprendimos la evidente posición extorsionista de la parte china en las negociaciones comerciales?

Esta pretensión del Gobierno chino sólo puede explicarse como muestra de un absoluto desprecio hacia nuestro país; de una ignorancia total del carácter y el sentido de la dignidad que tiene nuestro pueblo. No se trataba ya de toneladas más o menos de arroz, de más o menos metros cuadrados de telas que también fueron afectadas, sino de una cuestión mucho más importante y fundamental para los pueblos: si en el mundo del mañana los países poderosos se pueden tomar el derecho de chantajear, extorsionar, presionar, agredir y estrangular a otros pueblos pequeños; si en el mundo del mañana, que los revolucionarios luchan por establecer van a imperar también los peores métodos de piratería, opresión y filibusterismo que implantaron en el mundo desde que la sociedad de clases existe, los regímenes esclavistas, feudales, las monarquías absolutas, los estados burgueses y en el mundo contemporáneo, los estados imperialistas.

Fidel Castro

Primer Ministro del Gobierno Revolucionario
de Cuba.

2-17

The following is a summary of the records
of the Commission on the Disarmament
of Atomic Weapons from its inception in
1946 to the present time.

The Commission was established by the
Executive Committee of the United Nations
in 1946.

The Commission's primary task is to
study the possibility of securing a total
and complete disarmament of atomic weapons
and to recommend to the General Assembly
such measures as may be appropriate for
the achievement of this goal.

The Commission has held numerous public
hearings and has received many suggestions
and proposals from the public, governments,
and international organizations.

The Commission has also conducted extensive
research into the technical possibilities
of the development of atomic weapons
and the means of their control.

Very truly yours,
The Secretary of the Commission

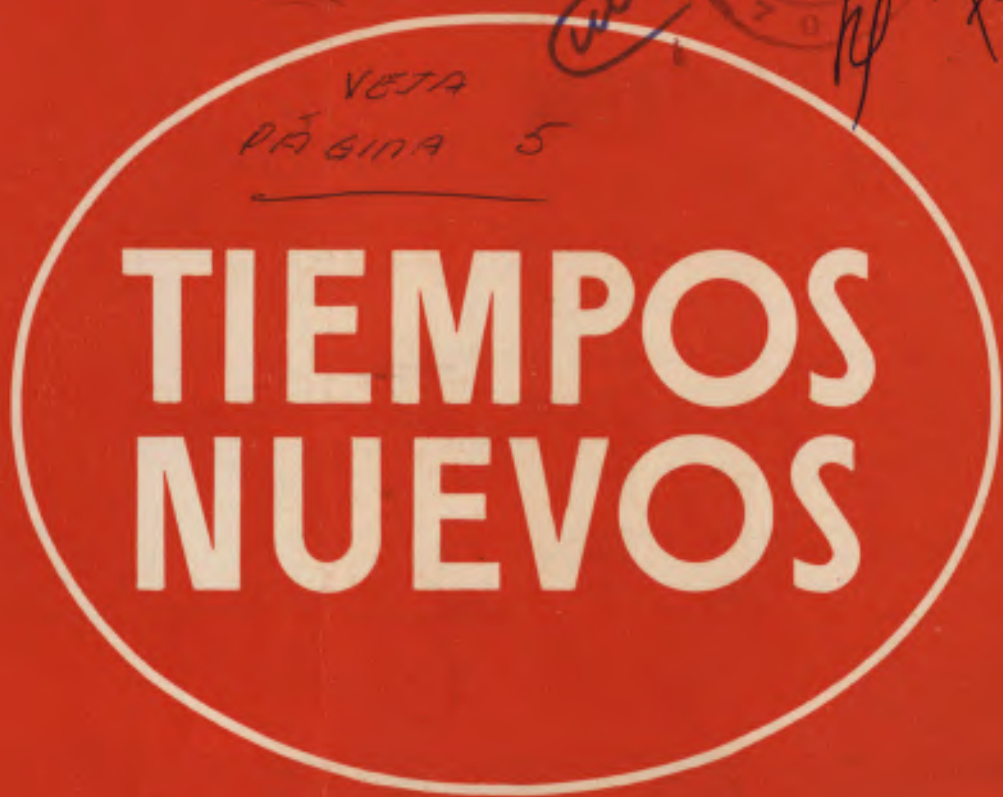
20415



Handwritten initials and scribbles.

VEJA
PÁGINA 5

VEJA PÁGINA 5



TIEMPOS NUEVOS

V. Lvov. EL SIGLO DE LA CIENCIA

I. Stepánov. LAS TRES DIMENSIONES DEL "TERCER MUNDO"

Carta abierta a Henry Cabot Lodge

Heinrich Böll. Las memorias de Konrad Adenauer

En el viejo Jerusalén

2

10 de ENERO
1966

PANORAMA POLITICO MUNDIAL

LAS RIQUEZAS DE SIBERIA

Reproducimos tres grabados que forman esta nueva serie del dibujante soviético L. Róiter: "Trigo", "Energía" y "Yacimiento".



TIEMPOS NUEVOS

Revista semanal
Edición del periódico "Trud"
Moscú

Nº 2

10 de enero de 1966

Corresponde a la edición rusa
del 7 de enero

Aparece en ruso, español, inglés,
francés, alemán, polaco y checo

Todas las ediciones en idiomas
extranjeros son versión idéntica
del original ruso

Sumario

N. Fedorenko. Hagamos balance	1
L. Stepánov. Las tres dimensiones del "tercer mundo"	3
V. Kov. El siglo de la ciencia	6
Niámyn Luvsanchultem: Mongolia y la URSS	9
Y. Zarobián. Viaje a Brazzaville	12
Wilfred Burchett. La suerte de dos sargentos	16
V. Zhukov. El bravo soldado Schweik se va al Viet Nam Sur	17
Carta abierta del doctor Corliss Lamont al embajador Henry Cabot Lodge	18
L. Ponomariov y G. Kuznetsov. Efémerides sin gloria	21
O. Guerásimov. En el viejo Jerusalén	26
Edita Orbis	31
Y nuestras secciones:	
Al hilo de la actualidad	10
A través de la prensa extranjera	14
Usos y costumbres del "mundo libre"	20
En la órbita internacional	23
Cartas	28
Libros	29
Crónica	32

20416

20416

Hagamos balance

EL 22 de diciembre de 1965 se clausuró la XX Asamblea General que, a diferencia de la anterior, transcurrió con arreglo al procedimiento normal. Ya esto representa un triunfo de las fuerzas sanas y amigas de la paz en el seno de la ONU. La firme voluntad de la mayoría de los Estados miembros de lograr soluciones favorables a la paz y la colaboración internacional constituyó el rasgo característico de la XX Asamblea.

El período de sesiones coincidió con el agravamiento de la tensión, provocado, ante todo, por la agresión norteamericana al Viet Nam. Y aunque el problema vietnamita no ha figurado nominalmente en el temario de la Asamblea General, desde su tribuna se reclamó poner punto al bandolerismo internacional y dar ocasión al pueblo vietnamita de resolver por sí mismo, sin ingerencia exterior, sus asuntos.

La agenda de la XX Asamblea contenía un centenar de temas, aunque la atención giró en torno a los dos problemas más apremiantes: la inadmisibilidad de interferirse en los asuntos privativos de otros Estados y la no diseminación de las armas nucleares. Ambas cuestiones se incluyeron en el orden del día a iniciativa del gobierno soviético y fueron apoyadas por la mayoría de los delegados.

La Declaración sobre la no ingerencia en los asuntos privativos de los Estados y la protección de su independencia y soberanía, aprobada en la sesión de clausura, es uno de los actos más relevantes de la ONU en todos sus años de existencia. Por su significación puede equipararse a la Declaración de la independencia de los países y pueblos coloniales, aprobada cinco años atrás.

Al resumir los debates en torno a este problema, debe señalarse que la Declaración recoge los postulados y principios fundamentales del proyecto sometido a la consideración de la XX Asamblea por el gobierno soviético. En la Declaración se subraya el gran peligro de las intervenciones militares. El documento proclama una vez más el derecho inalienable de todos los pueblos a gozar de plena libertad y ejercer su soberanía, a la libre determinación de su estatuto político y las vías de desarrollo económico, social y cultural.

La Declaración es un golpe para la política imperialista en su conjunto y, ante todo, para el imperialismo norteamericano que interviene con las armas en los asuntos internos del Viet Nam, continúa su línea de agresión respecto a Cuba y pisotea la tierra del pueblo dominicano.

En las actuales circunstancias reviste especial significado la aplicación de medidas que atenúen la carrera armamentista, en primer lugar, de las armas nucleares. Entre esas medidas debe ocupar un puesto destacado un entendi-

miento acerca de la no diseminación de las armas nucleares. En la XX Asamblea se adoptó una resolución sobre el particular. La mayoría de los países representados en la ONU cortó los intentos hechos por los Estados Unidos y algunos de sus aliados atlánticos para desmedular la resolución.

En su redacción definitiva, indica categóricamente que en el tratado de no diseminación de las armas nucleares no debe haber ninguna salvedad que la permita directa o indirectamente. Esta cláusula implica la necesidad de atajar la difusión de las armas nucleares en cualquier forma, inclusive mediante la asociación de los revanchistas germanooccidentales a través de la multilateral o de otra fuerza nuclear de la OTAN. Los Estados Unidos y otras potencias occidentales que votaron a favor de la resolución tienen que demostrar con los hechos que abogan efectivamente por la no diseminación nuclear.

Por iniciativa de los países afro-asiáticos, apoyados por la URSS, la Asamblea aprobó también una resolución sobre la convocatoria, no más tarde de 1967, de una conferencia mundial del desarme y otra para la desnuclearización del continente africano.

Como en años anteriores, en las labores de la Asamblea se dedicó gran espacio a los debates sobre la supresión definitiva del oprobioso sistema colonial. La Asamblea General reconoció justa y legítima la batalla de los pueblos por su independencia y su libertad y recomendó a todas las naciones prestar asistencia material y moral a los movimientos de liberación nacional. La Asamblea censuró a los monopolios internacionales que explotan despiadadamente a los pueblos de las colonias. A pesar de la oposición de los EE.UU. y sus aliados, la Asamblea planteó el desmantelamiento de las bases militares en las colonias, censuró enérgicamente a las naciones que ayudan a los colonialistas portugueses y a los regímenes racistas de la República Sudafricana y de Rhodesia. En el período de sesiones se debatió largamente las tareas para elevar el papel de la ONU en cuanto al más rápido progreso económico de los países emergentes.

Debe notarse que las posiciones de las potencias imperialistas en la ONU son todavía fuertes. Algunas naciones occidentales intentaron de nuevo desvirtuar la Carta de la Organización: querían imponerle sus planes, aprovechar el pabellón azul para encubrir la intervención armada de las potencias coloniales en los asuntos particulares de los países pequeños y aplastar los movimientos de liberación nacional. No obstante, la mayoría de los Estados se negaron a respaldar las maniobras contra los propósitos fundamentales de la Carta.

No puede silenciarse que en su afán de emponzoñar el clima de trabajo de la Asamblea, las potencias occidentales desarchivaron "problemas" como el tibetano y el coreano. Esta vez también, los EE.UU. y sus consocios bloquearon el restablecimiento de los derechos legítimos de la República Popular China en la ONU.

Muchas delegaciones hicieron ver la imperiosa necesidad de poner en riguroso orden los asuntos financieros de la ONU, acabar con el despilfarro de fondos y el subsidio de operaciones realizadas en contra de la letra de la Carta. Se hizo observar que el presupuesto para 1966 es desmesurado. A propuesta de Francia, la Asamblea instituyó un comité especial de expertos para examinar la situación financiera de la organización.

Es del todo evidente que los círculos imperialistas no pueden anotar en su activo la labor de la XX Asamblea. La significación política del reciente período de sesiones consiste en que la abrumadora mayoría de las naciones de Africa, Asia y América Latina apoyó las decisiones tendientes a eliminar la ingerencia en los asuntos privativos de los Estados, suspender la carrera de los armamentos y erradicar los vestigios de la tiranía colonial y los bastiones del racismo.

La XX Asamblea General debe servir de estímulo en la lucha decidida contra la agresión imperialista, por la consolidación de la seguridad universal.

N. FEDORENKO,
representante permanente de la URSS
ante la ONU

Nueva York.



**TIEMPOS
NUEVOS**

**LEA EL SEMANARIO
"TIEMPOS NUEVOS"
Y ESTARA AL CORRIENTE DE LOS
ACONTECIMIENTOS INTERNACIONALES**

1966

	ENERO	FEBRERO	MARZO	ABRIL	MAYO	JUNIO
Lunes	3 10 17 24 31	7 14 21 28	7 14 21 28	4 11 18 25	2 9 16 23 30	6 13 20 27
Martes	4 11 18 25	1 8 15 22	1 8 15 22 29	5 12 19 26	3 10 17 24 31	7 14 21 28
Miércoles	5 12 19 26	2 9 16 23	2 9 16 23 30	6 13 20 27	4 11 18 25	1 8 15 22 29
Jueves	6 13 20 27	3 10 17 24	3 10 17 24 31	7 14 21 28	5 12 19 26	2 9 16 23 30
Viernes	7 14 21 28	4 11 18 25	4 11 18 25	1 8 15 22 29	6 13 20 27	3 10 17 24
Sábado	8 15 22 29	5 12 19 26	5 12 19 26	2 9 16 23 30	7 14 21 28	4 11 18 25
Domingo	2 9 16 23 30	6 13 20 27	6 13 20 27	3 10 17 24	1 8 15 22 29	5 12 19 26
	JULIO	AGOSTO	SEPTIEMBRE	OCTUBRE	NOVIEMBRE	DICIEMBRE
Lunes	4 11 18 25	1 8 15 22 29	5 12 19 26	3 10 17 24 31	7 14 21 28	5 12 19 26
Martes	5 12 19 26	2 9 16 23 30	6 13 20 27	4 11 18 25	1 8 15 22 29	6 13 20 27
Miércoles	6 13 20 27	3 10 17 24 31	7 14 21 28	5 12 19 26	2 9 16 23 30	7 14 21 28
Jueves	7 14 21 28	4 11 18 25	1 8 15 22 29	6 13 20 27	3 10 17 24	1 8 15 22 29
Viernes	1 8 15 22 29	5 12 19 26	2 9 16 23 30	7 14 21 28	4 11 18 25	2 9 16 23 30
Sábado	2 9 16 23 30	6 13 20 27	3 10 17 24	1 8 15 22 29	5 12 19 26	3 10 17 24 31
Domingo	3 10 17 24 31	7 14 21 28	4 11 18 25	2 9 16 23 30	6 13 20 27	4 11 18 25

20417

20417

"TIEMPOS NUEVOS" trata de la política exterior de la Unión Soviética y los demás países; comenta los principales sucesos mundiales e informa de la labor de las organizaciones internacionales y de la vida de los distintos pueblos.

La revista publica artículos, comentarios políticos y económicos, crónicas, impresiones de viaje, notas sa-

tíricas y reseñas de libros nuevos. En suplementos aparecen los documentos más importantes de política exterior.

"TIEMPOS NUEVOS" se publica en siete idiomas: en ruso, español, inglés, francés, alemán, polaco y checo.

Nuestra dirección es: Moscú K-6, Plaza Pushkin.

Las tres dimensiones

del "tercer mundo"

HACIA dónde se orienta el "tercer mundo", a la derecha o a la izquierda? Hace varios meses que la prensa occidental ventila la cuestión, inclinándose resueltamente hacia la conclusión deseada por ella de que el año pasado se ha producido un viraje reaccionario en muchas de las antiguas colonias o semicolonias. Los columnistas que pretenden hacer el balance político del desarrollo del "tercer mundo" en 1965 manipulan con fórmulas como las de bandazo a la derecha en el interior y escisión en el exterior.

Conviene, antes de calar en el fondo del problema, examinar el método analítico que conduce a tales deducciones. Por extraño que parezca, el hecho es que los comentaristas occidentales siguen un procedimiento que con toda razón podríamos calificar de explotación política del calendario gregoriano. En efecto, el cumplido período astronómico, que llamamos año y convenimos en contar desde el 1° de enero, está marcado en la vida de ese mundo nuevo con sucesos deplorables como los dos aplazamientos de la conferencia cumbre afro-asiática o el recrudecimiento del conflicto indo-paquistaní. ¿Y si tomáramos como punto de partida del período anual el 5 de enero? La enmienda es insignificante, sólo cinco días, pero nos autorizaría a consignar que el año pasado el movimiento de solidaridad afro-asiática cobró nuevas fuerzas, entrelazándose con los medios progresistas y anti-imperialistas de América Latina, y que, por otra parte, el primer ministro de la India y el presidente del Pakistán entablaron negociaciones a fin de cancelar las viejas discrepancias entre ambos países.

La conferencia de La Habana y el encuentro de Tashkent son dos toques de luz tan brillantes en el pa-

norama político del "tercer mundo", que le imprimen un nuevo colorido. Y conste que el efecto se produce gracias a la fútil enmienda al convencional calendario introducido en 1582 por el papa Gregorio XIII.

El ejemplo nos muestra la importancia de rehuir deducciones precipitadas que se infieren, no tanto de la lógica de los sucesos cuanto de las coincidencias de éstos con tal o cual fecha del calendario. En nuestro esclarecido siglo no debe pesar la lógica de nuestros antepasados, que veían la causa de la mala cosecha en la aparición de un cometa. Eso es, no obstante, lo que hacen ciertos observadores occidentales al sustraer del continuo devenir de los acontecimientos, que en su concatenación dan lugar al complejo proceso de la revolución nacional liberadora, algunos episodios sincronizados con una fase dada de la traslación de la Tierra alrededor del Sol y sentenciar: el "tercer mundo" vira a la derecha.

Tal es un aspecto de la cuestión, el aspecto temporal. Veamos ahora su dimensión espacial. El semanario parisino *L'Express* ilustra el artículo de su colaborador Jean François Kahn, sobre el viraje reaccionario en los países independizados, con un mapa de Asia y Africa cubierto de grandes manchas negras acompañadas de las correspondientes inscripciones: "Indonesia: violentas represalias anticomunistas". "Marruecos: el rey asume el Poder absoluto". "Congo: la rebelión lumumbista pierde terreno". "Rhodesia: 220.000 blancos se sienten con fuerzas para mantener tutelados a 3.800.000 negros". "Angola: la rebelión antiportuguesa está atascada". Otras leyendas se refieren al Sudán, Burundi, India, etc. Y al pie del esquema, la conclusión general: "Viraje del tercer mundo a la derecha, en 1965".

Allá el cartógrafo político de *L'Express* con su rasero para medir la situación en uno u otro país. Podríamos incluso aceptar alguna que otra de sus estimativas. Lo principal, empero, está en si es lícito sacar conclusiones generales sobre la fisonomía política del "tercer mundo" partiendo de sucesos acaecidos en una docena de nuevos Estados.

Quien se proponga levantar el mapa político de Asia y Africa, fechándolo el año 1965, debe tener a su disposición, si quiere ser objetivo, toda la gama cromática. Entonces al lado del remiendo negro de Rhodesia destacaría, pongamos por caso, el signo coloreado del movimiento panafricano de protesta contra la camarilla racista de Ian Smith y sus valedores, los colonialistas británicos. Es correcto sombrear la ofensiva de la reacción sudanesa, mas para simbolizar el progreso de la reforma agraria en Siria y las importantes reformas políticas y administrativas en la RAU requiérense tonalidades distintas.

Los mangoneos cartográficos de *L'Express* tienden a crear una impresión falsa, unilateral, del estado de cosas y las tendencias políticas en el "tercer mundo". La técnica es bien sencilla: registrar e hiperbolizar cualquier pendulación a la derecha, dondequiera que suceda, y pasar por alto todos los desplazamientos en dirección opuesta. Así llegan a deducciones ambiciosas que se apoyan en paralelismos históricos traídos de los pelos. "Un amplio movimiento de reacción conservadora —escribe Jean François Kahn— se extiende actualmente por todo el tercer mundo, al menos por la superficie, igual que la oleada de la contrarrevolución que batió a Europa tras el alza de 1848".

Hagámosle justicia por lo de la "superficie", pues, efectivamente, eso ya tiene que ver con el meollo de la

cuestión. Las manifestaciones superficiales de los profundos procesos sociales y políticos guardan semejanza con la figuración plana de los objetos volumétricos. No basta con la anchura y la longitud; se precisa una tercera dimensión, la de profundidad. Las coordenadas geográficas o cronológicas elegidas caprichosamente sólo sirven, como ya queda demostrado, para argumentar una idea igualmente caprichosa. El papel de la tercera dimensión que nos permite sacar conclusiones objetivas lo desempeña la valoración de cada evento en correlación con los factores y las tendencias determinantes de la época.

Imposible hacer un análisis general de la vida política del "tercer mundo" el pasado año prescindiendo de los progresos históricos que la humanidad ha experimentado en conjunto. La lucha entre los dos sistemas socio-económicos y la correlación de fuerzas mundiales, que cambia a favor del socialismo, influyen poderosamente en la vida de las antiguas colonias y semicolonias. No se trata solamente de las nuevas condiciones externas en que se mueve el "tercer mundo"; se trata también de que en las propias naciones liberadas se agudiza el conflicto entre las estructuras sociales emergentes y las formaciones históricamente condenadas a desaparecer.

Son cada vez más los países donde la revolución nacional liberadora entra en la fase de radicales transformaciones sociales. No tiene nada de particular que en tales condiciones cobren ánimos los adversarios de la renovación social y que la reacción interior y exterior intente pasar a la ofensiva. En ese sentido, la histeria anticomunista en el Sudán y la agresión de los EE.UU. al Viet Nam son, hasta cierto punto, fenómenos de la misma naturaleza. Lo cual no implica, desde luego, que la "escalada" de la locura imperialista en tierra vietnamita sea indicio del viraje hacia la derecha en la vida política del "tercer mundo". La única conclusión correcta consiste en que, aliándose directa o indirectamente con el imperialismo, las fuer-

El sueño del Pentágono



Kukriniksi en "Pravda" (Moscú)

zas reaccionarias de ese área pugnan desesperadamente por frenar el avance de la revolución emancipadora. Eso prueba, a su vez, que la revolución ha llegado al límite tras el cual habrá de afectar los intereses inmediatos y los privilegios de las clases y las capas explotadoras, que hoy se agrupan en torno a los pendones reaccionarios.

Claro que la reacción puede obtener éxitos transitorios en la batalla contra la revolución. ¿Cabe, sin embargo, afirmar que eso es lo ocurrido el año pasado en escala del "tercer mundo"?

Para averiguarlo debemos echar un vistazo, ante todo, a la línea de fuego, o sea, al Viet Nam, donde los imperialistas y sus secuaces saigoneses se esfuerzan por yugular el movimiento de liberación nacional. El saldo anual es de todos conocido. La revista norteamericana *Newsweek* lo resume así: "Los críticos de la política de EE.UU. en el Viet Nam han acertado, y no ya en grado considerable, sino abrumadoramente". La revista agrega que la "escalada" no dio nada a Washington. Es más: lejos

de imprimir el viraje a la derecha en el Asia Sudoriental, la agresión al Viet Nam motivó lo que podríamos llamar un desplazamiento hacia la izquierda en los propios Estados Unidos. "Ninguna aventura militar de EE.UU. en la vida de una generación —dice *Newsweek*— abatió a tantos ciudadanos responsables y que expresan abiertamente su opinión".

Otro acto de agresión imperialista que debía empujar a la derecha al "tercer mundo" fue la invasión de la República Dominicana por la infantería de marina yanqui. ¿Consiguieron sus propósitos? En absoluto. En vez de obtener en la conferencia carioca de la OEA en noviembre último el reconocimiento de la legalidad de su intervención en Santo Domingo, Washington hubo de enfrentarse con una amplia oposición de muchos vecinos meridionales suyos, alarmados por esa recaída en la política del gran garrote.

El aquelarre racista en Salisbury inscribe, ciertamente, una página negra en la historia de Rhodesia. Pero, ¿impulsa a la derecha al "tercer mundo"? Más bien al contrario. La oleada de solidaridad con el pueblo de Zimbabwe en la lucha contra el racismo y el colonialismo se levantó no sólo en Africa, sino también en Asia y en América Latina. La protesta de los Estados africanos contra el imperialismo, amparador de los racistas, tomó formas tan enérgicas como la ruptura de las relaciones diplomáticas con Inglaterra.

El cartógrafo de *L'Express* pinta de negro el sur de la Península Arábiga por la razón de que... en el Yemen cesaron las hostilidades entre los republicanos y los monárquicos. Hay que haber perdido el juicio para interpretar tal desenlace como signo de viraje hacia la derecha. En conjunto, los cambios en la parte meridional de la península tomaron un sesgo diametralmente opuesto. El año pasado, las fuerzas patrióticas de Adén combatieron más bríosas que nunca por la liberación. En octubre se pronunciaron por vez primera contra el dominio colonial británico las tribus surarábicas hasta entonces soporte de la Gran Bretaña, lo que pone sobre el tapete toda la estrategia del imperialismo inglés en

esa zona. Londres proyectaba conceder en 1968 la independencia nominal a la federación de Adén con dieciséis sultanatos y emiratos. Calculaba mantener el control sobre el indómito Adén respaldándose en la aristocracia tribal y feudal. Es dudoso que los colonialistas lleguen ahora a realizar ese plan.

El imperialismo procuró utilizar los bloques militares y colonialistas como instrumentos de su influencia en el "tercer mundo". El año pasado se ensancharon las fisuras en ellos. Arrecian las tendencias centrífugas en la SEATO, la CENTO y la OEA. Los Estados Unidos y otras potencias imperialistas ya no pueden manejarlas tan fácilmente.

1965 fue para varios países del "tercer mundo" año de represión contra las organizaciones democráticas y progresistas, ante todo contra los comunistas. Tal es el caso de Indonesia, Sudán y algunas naciones latinoamericanas. Los reaccionarios buscan o crean pretextos de toda índole para arremeter contra las fuerzas avanzadas de la sociedad. En el Sudán aprovecharon el discurso de un provocador que, haciéndose pasar por comunista, atacó el Islam. En Indonesia fueron desencadenadas persecuciones contra grandes organizaciones democráticas después del intento golpista de un reducido grupo el 30 de septiembre. Si las derechas salieron al proscenio político en algún lugar que otro, eso no quiere decir que desde hoy harán la historia del "tercer mundo". Al contrario, sus actos violentos, brutales son prueba de su desesperación ante el profundo proceso revolucionario que inexorablemente se desenvuelve en el "tercer mundo".

Ese proceso no se manifiesta en formas espectacularmente dramáticas como las que caracterizan a algunos zarpazos de la reacción. Por ejemplo, el propósito de la justicia militar del Brasil de encausar a los ex presidentes Kubitschek, Quadros y Goulart, acusándoles de complicidad con los comunistas, es un hallazgo para la prensa sensacionalista. Por el contrario, el anteproyecto del presidente mexicano Díaz Ordaz

contra la participación del capital extranjero en las instituciones bancarias y financieras del país es acogido como una corriente medida económica. También se presenta como cosa de la vida cotidiana la distribución de las tierras de los grandes propietarios entre las masas campesinas de Siria. En realidad, estos y otros sucesos análogos de 1965 son los que han repercutido sobre los factores determinantes de la vida del "tercer mundo".

Superando serias dificultades de la reconstrucción nacional, la RAU, Malí, Birmania, Ghana, Guinea y algunos otros Estados han dado en los últimos doce meses nuevos pasos de importancia por el camino de desarrollo no capitalista, contando siempre con la generosa ayuda política y económica del mundo socialista.

Otra manifestación de la alianza cada vez más estrecha entre las fuerzas de liberación nacional y el socialismo han sido las visitas de muchos líderes del "tercer mundo" a la URSS. El año pasado vinieron a Moscú Nasser, Ne Win, Shastri, Seku Ture, Huari Bumedié, Modibo Kei-

ta, Massemba-Debat y otras personalidades. Se han estrechado y vigorizado las relaciones entre los Estados socialistas y la mayor parte de los países que han conquistado o luchan por la independencia.

En el curso de los preparativos para el "segundo Bandung", la inmensa mayoría de las naciones afroasiáticas reconocieron el importante papel de la colaboración con la URSS en la batalla por la libertad y la independencia de los pueblos, por la seguridad internacional. El reconocimiento se expresa también en la aceptación por parte de la India y el Pakistán de los buenos oficios que les brindó la URSS para el arreglo del conflicto indo-paquistaní.

Así pues, el panorama del "tercer mundo" a principios de 1966 no se reduce a una turbulenta superficie política, con los torbellinos que la reacción levanta ya en un lugar, ya en otro. Observándolo en su tercera dimensión, en profundidad, vemos claramente cómo se acentúan las tendencias progresistas y revolucionarias que en última instancia determinan el destino de Asia, África y América Latina.

La tregua de Navidad en el Viet Nam Sur



El soldado norteamericano: El único regalo de Navidad que yo quiero es que vuelva la Navidad cuanto antes.

Fischetti en "New York Herald Tribune".

El siglo de la ciencia

EL AÑO 1966 es el de transición al último tercio del siglo. Avanza hacia su término un siglo que nuestros descendientes llamarán decisivo. Decisivo porque fija el límite entre la prehistoria y la historia de la familia humana.

Uno de los rasgos del siglo es el progreso acelerado de la ciencia y la técnica.

El ritmo de ese progreso quedó determinado a últimos del siglo pasado. En 1895 fueron descubiertos los rayos X, y en 1896 se logró la fisión del átomo del uranio. En 1897 fue hallado el electrón. En 1900, sentada la hipótesis de los quanta. Luego, el torbellino de los descubrimientos, las teorías, los hechos fue girando con creciente celeridad.

En el lenguaje de los matemáticos, esa cadencia se denomina exponencial. ¿Qué significa este término?

Exponente es el número que denota la potencia a que se ha de elevar otro número u otra expresión (no por suma o multiplicación, como en las progresiones aritméticas o geométricas).

2, 4, 16, 256, 65.536, etc., puede ser un ejemplo de serie exponencial, producto de una potenciación bastante modesta: a 2. El salto, como vemos, es gigantesco. Un ejemplo palmario de ese vuelo es el creciente alcance de las comunicaciones por radio.

Hasta 1895, ese alcance equivalía a cero: no existía la radiocomunicación. En 1895-1896 —en las primeras pruebas de Marconi y Popov— no excedía de los cien metros, pero no tardó en llegar a los cien kilómetros. Veinticinco años más tarde —en 1920— se situó en diez mil kilómetros. Al millón de kilómetros se acercó pasado otro cuarto de siglo, en 1946. Y luego, a los cien millones de kilómetros (me refiero al experimento de envío de una onda radar a la Luna y, poco después, a Venus: la onda

alcanzó estos cuerpos, se reflejó en ellos y volvió a ser captada en la Tierra). Quince o veinte años después, la técnica puede captar señales de radiotransmisores a distancias de cien años luz, es decir, mil billones de kilómetros. En consecuencia, el desarrollo es de 100, 10.000, 100 millones, mil billones. Y esto es la línea exponencial del progreso.

¿Seguirá la abrupta ascensión? ¿No será esta "explosión científica" de hoy transitoria, chispazo casual que se extinga tan fulmineamente como surgió? Algunos teóricos (los incurables del pesimismo) se inclinan hacia este último supuesto. Por ejemplo, Sebastian von Hoerner, astrofísico del observatorio de Heidelberg (RFA), considera, a juzgar por sus artículos en la revista *Science*, de Washington, que diversas circunstancias cortarían rápidamente el progreso de la humanidad. A su parecer, de cien probabilidades hay sesenta de que la raza humana desaparezca en el término de treinta años a partir del advenimiento de la "fase técnica" (esta fase comienza desde la posesión del núcleo atómico y el vuelo del cohete). ¿Causas? La guerra termonuclear total. Y como el principio de la fase técnica arranca del decenio 1945-1955, a la humanidad le queda por vivir, echando por lo alto, veinte años. ¡Para qué hablar de progreso!

Otras razones de paralización —nos dice von Hoerner— son "la degeneración biológica o mental de la humanidad" y "la pérdida de interés por la ciencia y la técnica". Para el doctor Hoerner hay quince probabilidades entre cien de que esa decadencia se produzca, todo lo más, dentro de treinta mil años. Y veinte probabilidades entre cien de que dentro de diez mil años desaparezca el interés por la ciencia y la técnica. Todo esto se dice, lo repito, en la revista

Science, órgano de la Asociación para el progreso de la ciencia.

¿Merece la pena demostrar que estos cálculos son fruto del miedo esquizofrénico de un hombre aterronizado y acosado por la pesada atmósfera social que existe en las orillas del Rin y el Néckar?

Un análisis marxista ofrece a la humanidad horizontes muy diversos. La "explosión científica" (mejor dicho, la reacción en cadena controlada de los descubrimientos científicos) no es una marejada casual del progreso. Es un elemento *raigal* e *intransitorio* de la futura historia del género humano. La "revolución en las ciencias naturales", de que habló Lenin en 1908, se ha desarrollado inseparablemente de la revolución en la esfera de las relaciones sociales. No es fortuito que las fechas clave en la evolución de la sociedad y de la ciencia se sitúen en un lapso breve. El otoño de 1917 marca el comienzo de la transformación socialista de nuestro planeta. El verano de 1919 nos ofrece la primera fisión del núcleo del átomo del nitrógeno. En la primavera de 1929 aparece el tratado de Tsiolkovski *Trenes de cohetes cósmicos* (que expone un paso decisivo en la técnica de los misiles: el principio del cohete multisegmentado).

Tres fechas que son tres eslabones de una sola cadena.

La potencia invencible de las fuerzas de la paz y el socialismo crece por vía natural a la par que crece la técnica nuclear y reactiva. Y si los pueblos hacen nuevos esfuerzos heroicos, será eliminado el peligro de una guerra suicida.

Veamos ahora a dónde promete conducir a la humanidad la "línea exponencial" del poder del hombre sobre la Naturaleza.

El progreso científico se desplie-

ga en todas las direcciones: en el subsuelo, en la superficie, en el fondo oceánico, en la amplitud y la profundidad del infinito espacio cósmico.

La sustancia cerebral del hombre está llamada a ser el catalizador que modificará la evolución del Universo.

Propio de los catalizadores es lo ínfimo de la dosis: unas fracciones de miligramo en un recipiente cargado de toneladas de sustancia son capaces de modificar totalmente la dirección y la celeridad de la reacción.

El gran pensador y naturalista ruso Vladimir Vernadski señaló el poder del cerebro como fuerza geológica en el planeta. Vernadski calculó que la sustancia cerebral sumada de todos los hombres que han vivido en la Tierra pesa alrededor de ochenta millones de toneladas, es decir, no pasa de 0,000.000.000.1% de la masa de la corteza terrestre. Pues bien, estas ínfimas partículas de sustancia cerebral espolvoreadas en la superficie del planeta condujeron —repetía Vernadski— a una revolución natural de potencia inaudita. Cambió toda la marcha de los procesos en el Globo. Pusiéronse en movimiento miles de millones de toneladas de minerales, surgieron nuevos mundos vegetales y animales, un nuevo relieve del suelo, una nueva composición de la atmósfera. Y en el porvenir discurrirán torrentes más caudalosos aún de energía embrizada por el hombre, se fundirán masas mayores aún de sustancias, se producirá la transformación del clima, quedarán sometidos totalmente cuantos elementos azotan nuestro planeta.

Vernadski y el filósofo y naturalista francés Pierre Teilhard de Chardin dieron al campo de actividad de la sustancia cerebral humana el nombre de noosfera (de la palabra griega *noos*, razón). Hoy no dudamos —idea que emitió con asombrosa claridad Tsiolkovski— que la noosfera se extenderá, tarde o temprano, a todo el Universo.

¿Qué había en él antes del hombre?

En las magnitudes del Cosmos actuaban fuerzas físicas, fuerzas de la Naturaleza inorgánica. Ellas, estas

fuerzas nucleares, electromagnéticas de gravitación y otras encendían a lo largo de los siglos los astros, los apiñaban en los monstruosos conglomerados de las galaxias, engendraban incalculables torrentes de radiaciones. Ahora, toda esa infinitud de sustancia rutinaria y de energía ciega ha de pasar al control del hombre.

Como un hábil ingeniero forestal convierte un lugar selvático en hermosa arboleda, habrá de transformar el hombre el sistema solar, primero, y, luego, el enjambre estelar próximo a nosotros, para modificar más tarde la Galaxia toda y los mundos vecinos a ella. Desplazar de sus órbitas planetas y astros, volver a prender luceros extintos, entibiar los excesivamente calurosos serán problemas que finalmente resolverá el Hombre.

El poder del cerebro pensando sobre el Universo es ilimitado. En posesión de nuevos filones de energía y de la técnica del vuelo interplanetario, el linaje humano podrá vivir indefinidamente. El hombre podrá trasladarse a voluntad de un astro a otro, poblará mundos nuevos y se multiplicará en el Universo. Y jamás permitirá que se extinga la luz de la razón.

La humanidad vivirá ilimitadamente: tal es la idea inmensurablemente audaz que promueve la ciencia en la vecindad de la era cósmica.

Tsiolkovski fue el primero en emitirla.

“Así, pues, la vida no tiene fin, no tienen fin la razón ni el perfeccionamiento de la humanidad. Su progreso es eterno”, leemos en el último capítulo de *Exploración de los espacios mundiales con sondas reactivas*.

Muchos estudiosos soviéticos son persuadidos discípulos y adeptos de Tsiolkovski. “La cosmonáutica —ha dicho en la revista *Aviatsia y kosmonáutica* el notable científico soviético Constructor Jefe de naves espaciales— tiene un futuro ilimitado y sus perspectivas son infinitas como infinito es el Universo”.

Y, por extraño que pueda parecer, en esta sinfonía heroica de proyectos y hazañas se entrelaza otro tema.

El tema del triunfo sobre la vejez en definitiva, sobre la muerte.

Los pilotos de las naves estelares, los arquitectos de los paneles galácticos necesitarán realmente vivir mucho, muchísimo.

Y lo conseguirán. Vivirán cuanto necesite la sociedad y ellos mismos. Desaparecerán los límites impuestos por la senectud. El sueño de Fausto, la juventud eterna, se asentará en la tierra firme de la bioquímica.

Hoy ya, los biólogos no dudan que el problema de la prolongación indefinida de la juventud se presta a solución y será resuelto. “El hombre no envejecerá”, ha escrito recientemente el biólogo francés Jean Rostand. No hay ninguna proscripción fatal que estorbe la detención del marchitamiento.

En nuestros días es un proceso aún no estudiado a fondo, y no cabe sino conjeturar lo que sucede en el organismo que envejece. Lo claro es que estas alteraciones conciernen a la estructura molecular y a la dinámica del organismo vivo y, por tanto, son manejables.

Se insinúan —no son más que bosquejos— varios caminos posibles hacia esa meta. Por ejemplo, la sustitución de las vísceras desgastadas (el corazón, los pulmones, los riñones, etc.) ¿Cómo se concibe el suministro de esos “recambios”? Pongamos un caso. Se extirpa a un hombre un trozo de tejido, quizá sólo una célula, de la cual crecerá, en el medio nutricio apropiado, el órgano íntegro. Luego se procederá a injertar el recambio en sustitución de la víscera debilitada. Hoy esto es una fantasía. Mañana será una perspectiva real. (Recordemos los experimentos del italiano Petrucci en el cultivo del embrión humano fuera del cuerpo de la mujer). Otro camino es la conjugación de tejidos vivos con obtenidos artificialmente. Los nuevos materiales sintéticos conferirán al organismo inverosímiles consistencia y refractariedad al calor y a las radiaciones.

El hombre podrá vivir ilimitadamente. La vejez desaparecerá y cada cuál decidirá en el futuro el tope de su vida. Lo decidirá partiendo de su psicología, de sus demandas, de su ética social. Hoy no sabemos qué será eso en la práctica. Nos cuesta

trabajo tratar esta materia. No sabemos sino que la conjugación armónica de los intereses de la sociedad y del individuo determinará el límite de la vida de cada uno.

No habrá impedimentos para llegar a cualquier edad. Eso será precisamente el triunfo sobre la muerte, en el sentido práctico, efectivo. ¿Qué subrayaremos en este aspecto? Que la muerte no podrá irrumpir en la vida como una fuerza externa, brutal, ineluctable. El poder sobre la muerte pertenecerá al hombre. El hombre la rechazará con mano imperativa, no permitirá que se le acerque sino cuando él mismo la necesite.

¿La inmortalidad? Sí, la inmortalidad material, del cuerpo. La inmortalidad de carne y hueso conseguida aquí, en este entrañable mundo nuestro, irisado con todos los colores de la existencia, caldeado por los rayos del sol.

Los malthusianos incorregibles me interrumpirán sin duda y señalarán con su tétrico índice el peligro de la

superpoblación que, ya sin ello, a su modo de ver, ronda a la humanidad.

Pero no es de creer que en la era del Cosmos se promueva el tema de la superpoblación. Más bien al contrario: siempre escaseará el género humano. Para valorar el "territorio" que tendrá por jalones estrellas y galaxias, necesitará el hombre poblarlo con muchedumbres de hijos, varones y hembras. Se precisarán manos hábiles y cabezas despejadas. Se necesitarán, por lo menos, tantas veces más del número actual de terrícolas como la masa y el volumen del espacio cósmico visible supera a nuestro planeta. El científico leningradense A. Baumshtéin supone, por ejemplo, que en la época de prosperidad de las actividades cósmicas del hombre deberán operar en el Universo no menos de 10^{66} de hombres. 10^{66} es un guarismo expresado por la unidad seguida de sesenta y seis ceros. Hoy, lo menciono como dato comparativo, vive un poco más de 3×10^9 de hombres (tres mil millones).

En consecuencia, tarde o tempra-

no, el proceso de ampliación de la noosfera exigirá no miles de millones, sino centillones de seres humanos. La multiplicación del linaje humano en la Tierra y fuera de ella será gigantesca y no porque a alguien le falte "espacio vital" en alguna parte, sino porque lo necesitará la era del Cosmos.

El Cosmos se humaniza. El vértice del poderío dará al hombre un poder sobre su propio destino y sobre el mundo, en comparación con el cual todas las obras bíblicas parecerán un juego de niños. Desde este punto de vista, la precedente historia infinita del Universo es la historia de la ascensión de la materia al Hombre.

Y si en otros lugares del espacio cósmico —y no hay duda de que así— maduran otras sociedades de seres dotados de razón, el hombre tenderá la mano a esos planetícolas como aliado y hermano. Así será.

Tales ideas sugiere el paso al último tercio del decisivo siglo XX.

Leningrado.

Entrevista en Tashkent

EL 4 DE ENERO comenzaron en Tashkent las negociaciones indo-paquistaníes entre Lal Bahadur Shastri, primer ministro de la India, y Mohammed Ayub Khan, presidente del Pakistán. El iniciador de esta entrevista es el gobierno soviético que, guiándose por los intereses de la paz y deseoso de contribuir a la normalización de las relaciones entre los dos países, propuso a los respectivos gobiernos sus buenos oficios para el arreglo negociado del conflicto. A petición de las partes asiste al encuentro Alexéi Kosiguín, presidente del Consejo de Ministros de la URSS.

Según las declaraciones hechas en vísperas de su llegada a la capital uzbeca, los líderes de la India y del Pakistán esperan resultados positivos. En el mitin celebrado el 1º de enero en Delhi, el premier hindú dijo que las relaciones hostiles entre los dos países en-

torpecían el progreso de ambos y expresó esperanza en el éxito del encuentro y en el mejoramiento de las relaciones indo-paquistaníes.

El 2 de enero, haciendo uso de la palabra en la Sociedad Cultural Indo-Soviética, en Delhi, Shastri dijo que no escatimaría fuerzas para lograr la paz en el Indostán. A pesar de las disensiones en una serie de problemas —agregó—, la India y el Pakistán deben coexistir. La guerra no es el medio de resolverlos. Para conseguir la paz hay que firmar un "pacto de no agresión, un tratado de amistad o cualquier otro convenio". Si en Tashkent —dijo— las partes no pueden solucionar los problemas cardinales, deben intentar, por lo menos, resolver aspectos parciales.

El presidente Ayub Khan, en su radioalocución del 1º de enero, dijo que su entrevista con el premier hindú po-

dría imprimir un viraje en la historia del Indostán. El presidente manifestó: "Nuestra seguridad y nuestros intereses exigen que mantengamos las mejores relaciones con todos nuestros vecinos. Tales relaciones quisiéramos desarrollarlas con la India, siempre que ella nos lo permita". Subrayó que "la India necesita la paz igual que el Pakistán la necesita". Al señalar que el problema de Cachemira es la causa principal del conflicto, puntualizó: "Me dirijo a Tashkent con las mejores intenciones. Con toda sinceridad queremos un arreglo, pero un arreglo justo y honorable. Me gustaría discutir, además, todas las diferencias existentes entre la India y el Pakistán. No hay razón que nos impida resolver nuestras disputas sobre una base correcta y honorable y vivir como buenos vecinos".

Claro, no son pocos los obstáculos y dificultades a vencer. Pero lo principal es que en Tashkent se ha dado comienzo a las negociaciones directas entre los dos líderes.

Niamyn Luvsanchultem: Mongolia

y la URSS

EN VISPERAS de la visita de la delegación oficial soviética a la República Popular de Mongolia, el embajador de la RPM en Moscú, Niamyn Luvsanchultem, ha declarado para *Tiempos Nuevos*:

— Hace cuarenta y cinco años, en una época difícil tanto para Mongolia como para la Unión Soviética, se colocó la primera piedra de unas relaciones nuevas entre nuestros países. Embajadores de la amistad fueron el gran Lenin y el jefe de la revolución mongola, Sujé Bátor.

En noviembre de 1921, cuatro meses después de la Revolución Popular en Mongolia, se firmó el acuerdo que establecía relaciones amistosas entre los dos países.

Por primera vez en la historia, las relaciones entre un pueblo grande y otro pequeño tomaron pie del principio de no ingerencia en los asuntos privados recíprocos, de respeto a la soberanía y de asistencia fraternal.

Ya antes de la Revolución de Octubre, Lenin señaló la necesidad de una alianza estrecha entre la revolución proletaria y el movimiento de liberación nacional de los pueblos coloniales. En este postulado descansan la política exterior del Estado soviético y, a ese tenor, sus relaciones con Mongolia. En invierno de 1924, el gobierno de la URSS, en su respuesta al pésame del gobierno mongol por la muerte de Lenin, declaró: "Los legados y las magnas ideas leninistas vivirán eternamente, sirviendo de base incommovible a las relaciones de la URSS con los pueblos del Oriente... Los trabajadores soviéticos, fieles a los legados de su jefe, siempre estarán dispuestos a tender al pueblo mongol su mano de ayuda fraternal".

Desde entonces, la Unión Soviética siempre ha estado a nuestro lado, en las jornadas de trabajo pacífico y en los años aciagos de guerra. Los soviéticos se batieron al lado de los mongoles en Jaljin Gol contra los agresores japoneses. Cuando los hitlerianos agredieron la URSS, los trabajadores de nuestro país colectaron medios para la columna de tanques "Mongolia Revolucionaria" y la escuadrilla "Arat Mongol", con destino al Ejército Soviético. De Mongolia salieron para el frente miles de toneladas de víveres y ropa de abrigo.

En agosto del 45, el ejército mongol —80 mil hombres— junto con las tropas soviéticas infligió la derrota al ejército de Kuang Tung, formado por los militaristas japoneses.

Un año después fue concluido el Tratado de amistad y asistencia mutua entre la URSS y Mongolia, piedra sillar de nuestra colaboración multilateral y factor apreciable de la paz y la seguridad en el Extremo Oriente.

Guiado por el Partido Revolucionario Popular, nuestro pueblo ha transformado su país. La prensa burguesa de Occidente prefiere hablar de las viejas costumbres y de la idiosincrasia de los mongoles antes que de los inmensos progresos económicos y sociales acontecidos en Mongolia. Y debe señalarse que por el camino de desarrollo no capitalista, en cuatro decenios y medio nuestro país ha saltado a través de los siglos, pasando de las tinieblas del Medievo a la deslumbrante luz del socialismo. Culminóse el histórico proceso del paso de las viejas relaciones de producción a las relaciones nuevas, socialistas. El sistema socialista ha arraigado en la economía.

Bajo el Poder popular, la ganadería —la principal riqueza mongola— ha crecido casi el 150%. Al propio tiempo se ha desarrollado la agricultura, de modo que cubrimos totalmente la demanda de cereales. Y téngase en cuenta que en la vieja Mongolia, influida por la Iglesia lamaísta, el cultivo de la tierra era un pecado.

Ahora, Mongolia es un país agrario-industrial a punto de convertirse en industrial-agrario. Extraemos carbón, petróleo y otros minerales, generamos energía eléctrica, tenemos industrias ligera, de la alimentación, de construcción. En el curso del cuarto Plan quinquenal, iniciado este año, el peso relativo de la industria en el producto nacional ascenderá al 51%.

En la enseñanza, la cultura y la sanidad se ha hecho una verdadera revolución. Acabamos con el analfabetismo. De cada 10.000 habitantes, 1.700 estudian; de ellos, 100 en escuelas superiores. Se editan unos cincuenta periódicos y revistas, con una tirada de 800.000 ejemplares. A cada diez mil mongoles corresponden trece médicos, más que en la Gran Bretaña, Francia o el Japón.

En la edificación de la sociedad nueva hemos contado siempre con la experiencia y el apoyo del pueblo soviético hermano. Esta ayuda ha desempeñado y desempeña un papel de excepcional importancia para el desarrollo de las fuerzas productivas de nuestro país, para la elevación del nivel de vida.

La primavera pasada, nuestros países firmaron un acuerdo de colabo-

ración económica y técnica para 1966-1970, en virtud del cual Mongolia recibirá un importante crédito a largo plazo. Parte considerable de esa suma se destinará al desarrollo de la industria, la preparación de profesionales y la construcción residencial. Otra parte se invertirá en la agricultura, concretamente en la pradización, tan necesaria para el fomento de la ganadería.

De los 140 millones de hectáreas de pastos (más del 90% del territorio nacional), únicamente algo más de la mitad tienen agua. En los secos meses del verano y, sobre todo, durante los fríos inviernos sin nieve, el ganado perece por falta de agua. En la estepa se ha abierto trece mil pozos. Con la ayuda soviética, en los cinco años próximos serán moderni-

zados o construídos más de nueve mil. Así tendrán agua tres cuartas partes de los pastizales. Se dará, pues, un gran paso en el desarrollo de la ganadería.

Nuestro pueblo percibe la ayuda soviética no sólo en el progreso de la economía y la cultura, sino también en el fortalecimiento de nuestra posición en el mundo. Mongolia es miembro de la ONU y socio activo del CAEM y de otras organizaciones internacionales. Mantenemos relaciones diplomáticas, comerciales y culturales con muchos países de Europa, Asia y África.

Caracteriza las relaciones entre nuestros dos países la coincidencia absoluta de criterio del Partido Revolucionario Popular y del PCUS

respecto a los problemas más destacados de la actualidad.

En febrero próximo expiran el Tratado de amistad y asistencia mutua y el acuerdo de colaboración económica y cultural concertados entre nuestros países en 1946. Se ha convenido ya la prórroga del Tratado. Los documentos que se firmarán para ello han de reflejar el grado superior en que se encuentran las relaciones entre Mongolia y la URSS y los cambios producidos durante los últimos veinte años en Asia y el resto del mundo.

Los trabajadores mongoles aplauden la visita de la delegación soviética conducida por el primer secretario del CC del PCUS, Leonid Brézhnev, y le dan la bienvenida.

Recogido por Z. Mirski

Al hilo de la actualidad • Al hilo de la actualidad • Al hilo de la actualidad •

Tormenta sobre Roma

PAPA Noel guardaba una sorpresa bastante desagradable para los políticos italianos. La dimisión del ministro del Exterior, Amintore Fanfani, que Aldo Moro aceptó el 29 de diciembre, desconcertó a los ambientes oficiales de Roma. La situación en el país se ha tornado tan crítica que los líderes de los partidos coalicionistas temen por la suerte del gobierno.

La prensa burguesa procura echar tierra sobre los motivos reales de la dimisión y la atribuye a un artículo aparecido en *Il Borghese*. Pero la jugada provocativa del fascistoide semanario tiene su prehistoria.

En noviembre visitó Hanói el ex alcalde de Florencia y uno de los líderes del ala izquierda de la Democracia Cristiana, Giorgio La Pira. Allí se entrevistó con políticos y emitió juicios sobre las probabilidades del arreglo pacífico en el Viet Nam. Fanfani, que concede gran importancia a ese problema que

inquieta al mundo entero, hizo llegar las consideraciones de La Pira a conocimiento del gobierno norteamericano. Posteriormente, los dirigentes de la RDV refutaron las conclusiones infundadas de La Pira y reiteraron las condiciones en que el FNL del Viet Nam Sur y el gobierno de la RDV consideran posible la solución política del problema vietnamita.

El asunto parecía consumado, pero en esto se adelantó *Il Borghese*, en la persona de Gianna Preda, que tuvo la ocasión de conversar con La Pira en el salón de Fanfani —en ausencia de éste—, y publicó un artículo presentándolo como una entrevista con el ex alcalde florentino. Y le adjudicó declaraciones evidentemente provocadoras acerca de la situación internacional y las actividades de ciertos ministros italianos.

La prensa burguesa especula con el escándalo como si en efecto fuera éste el motivo de la dimisión. De ser

así, Fanfani podría solventar el incidente desmintiendo al *Borghese*. Las causas que incitaron al ministro del Exterior a retirarse del gobierno son, en realidad, mucho más graves. En los últimos meses había presentado tres veces la dimisión. Los pretextos eran distintos, pero el móvil siempre el mismo: la desgana de compartir con el gobierno Moro la responsabilidad de la política exterior.

Así lo comprendían los líderes de los partidos gobernantes. Presentían que el ostensible portazo del cancelier haría tambalear el edificio entero de la diplomacia italiana. Por eso Moro había disuadido a Fanfani de presentar la dimisión. Esta vez no lo logró, y brotaron las contradicciones que en materia de política exterior habían germinado en el seno del gobierno italiano.

En las esferas oficiales de Roma no atribuirían tanta importancia al suceso si no se tratara más que de un conflicto del ministro del Exterior con el resto del gabinete. Pero la actitud de Fanfani es reflejo de la fuerte marejada en la Democracia Cristiana. No son sólo los comu-

nistas y los socialistas unitarios quienes reclaman un cambio de rumbo en el exterior. Lo desean, además, determinados círculos católicos.

Los debates parlamentarios sobre política exterior, repetidas veces entablados el año pasado, originaban serios choques entre los políticos italianos. El toque estaba en la postura del gobierno Moro ante la guerra en el Viet Nam y la agresión de EE.UU. a la República Dominicana, en cuanto al derecho de la RPCh a ocupar el puesto que le pertenece en la ONU, sobre el armamento de fabricación italiana que los colonialistas utilizan contra los patriotas de Angola y la llamada Guinea portuguesa, etc. El problema capital que determina el encuadramiento de las fuerzas políticas en el Parlamento y en escala nacional fue expuesto ya en octubre pasado por el rotativo *Paese Sera*:

"Se trata de si la coalición gubernamental centro-izquierda seguirá supe-
ditando su línea a la política norteamericana o cobrará, por fin, ánimo para abordar la vía de la dis-

tensión, no de palabra, sino dando pasos concretos".

Conviene recordar que los círculos políticos italianos que propugnan la revisión de la línea oficial tienen por soporte el amplio movimiento popular. En el país tomó proporciones gigantescas la campaña de solidaridad con el pueblo vietnamita, campaña que imprimió su sello a las fiestas de Navidad y Año Nuevo. Manifestaciones multitudinarias contra la guerra en el Viet Nam, pliegos de peticiones dirigidos al jefe del gobierno, árboles de Navidad llamados árboles de la Paz en las plazas de las grandes ciudades, todo ello muestra bien a las claras el sentir de Italia.

La decisión de Fanfani de declinar la responsabilidad por la política exterior del gobierno destaca sobre ese fondo como un acto de lo más significativo. En vista de la tirante situación, los comunistas insisten en la dimisión del gabinete.

El gobierno centro-izquierda cabecea zarandeado por una nueva borrasca política.

Irina Trofíмова

Zambia tiene amigos

DICEN que cuando la Parca se inclinó sobre el lecho de Cecil Rhodes, lo que más le preocupaba al conquistador inglés era si no se daría después de su muerte otro nombre a los países que habían sido bautizados con el de Rhodesia.

La Historia ya lo ha decidido: en octubre de 1964 dejó de existir la colonia británica de Rhodesia del Norte, instaurándose la soberana República de Zambia. Su hermana gemela del Sur todavía figura en los documentos oficiales de Londres y Salisbury bajo el nombre de Rhodesia, pero hace tiempo que los africanos la denominan a su manera: Zimbabwé.

Más difícil que cambiar de nombre

es para Zambia desembarazarse de la herencia de Rhodes en la economía y las finanzas. Infinidad de ligaduras sujetan su economía a Inglaterra y Rhodesia. En el orden económico, Zambia y Rhodesia son algo así como hermanas siamesas. Imposible separarlas de un tajo.

De tal binomio han resuelto sacar partido los racistas, descontentos de la postura que el gobierno de Kenneth Kaunda adoptó frente al "Estado del hombre blanco" proclamado en Rhodesia. Dura ya varias semanas la campaña de chantaje desencadenada por los racistas de Salisbury contra el vecino del norte. Con la indulgencia del gobierno británico, la camarilla de Smith amenaza

con romper las relaciones económicas con Zambia, expulsar a los súbditos de Zambia e interceptar el suministro a ésta de carbón, coque, petróleo y electricidad. Abrigan la intención de volar el nudo hidráulico de Kariba, de vital importancia para la economía de Zambia, que se halla en la frontera entre las dos naciones y es copropiedad de ambas.

Ya han comenzado los actos de sabotaje. Fue destruida una importante línea de transmisión eléctrica y cerrados los oleoductos que cruzan el territorio de Rhodesia y desembocan en Zambia. En la margen meridional del río Zambeze suenan amenazas de hacer uso de la fuerza contra el vecino septentrional.

Complica aún más la situación de Zambia la actitud de algunos de sus vecinos, particularmente la de las autoridades portuguesas de Angola y Mozambique que, solidarias con el régimen de Smith, secundan sus actos hostiles.

Es natural, por lo tanto, que el gobierno de Zambia busque apoyo en otros países. Ese fin perseguía la misión de buena voluntad que visitó la URSS. Del comunicado soviético-zambi publicado el 26 de diciembre se desprende que la URSS comparte la inquietud de Zambia ante las amenazas del régimen racista. El gobierno soviético declara que colaborará con Zambia y con los Estados africanos en la ayuda al pueblo de Zimbabwé que lucha por la libertad y la auténtica independencia nacional.

Evidentemente, Salisbury no había pensado en que Zambia pudiera contar con un amigo fiel y poderoso, dispuesto a socorrerla en el conflicto con los racistas. A los ultras rhodesianos, que siguen intrigando contra Zambia y toda el Africa libre, les convendría pararse a recapacitar en eso.

V. Sidenko

Viaje

a Brazzaville

Y. ZAROBIAN,
primer secretario
del CC del PC de Armenia

En agosto de 1965, una delegación del Partido Comunista y del gobierno de la URSS, encabezada por Y. Zarobian, primer secretario del CC del PC de Armenia y miembro del CC del PCUS, salió para Brazzaville, invitada por el Movimiento Nacional por la Revolución y el gobierno del Congo Bra. La delegación asistió a las fiestas del II aniversario de la Revolución de Agosto. A continuación publicamos los apuntes de viaje, de Y. Zarobian.

SALIMOS de Moscú una mañana fresca y lluviosa. Nos esperaban miles de kilómetros de viaje y el ardoroso clima tropical. Aunque agosto en Brazzaville, enclavado en el Hemisferio Sur, es un mes invernal, nosotros no lo advertimos, porque ya en el aeropuerto nos cegó el sol africano y nos reconfortaron las sonrisas de los centenares de capitalinos que habían acudido a saludar a la delegación y a nuestro cosmonauta Guerman Titov. Flores, apretones de manos, una improvisada rueda de prensa, las cámaras de cine y de la TV entraron en acción.

Salimos a las calles de Brazzaville. La ciudad se preparaba para la fiesta: se acicalaba, se adornaba con banderines y carteles. Dos años atrás conmovió al Congo Bra una revolución protagonizada por la clase obrera, joven y todavía poco numerosa. El pueblo derrocó al régimen venal del abate Yulu y emprendió la vía de la independencia y del progreso social.

De año en año se robustecen y multiplican los lazos que unen a los países africanos con la URSS. Es una cosa lógica. La Unión Soviética, que

abrió el camino del socialismo, es para los africanos no sólo un amigo desinteresado y un aliado seguro, sino una fuente de estímulo y experiencia. Los Estados independientes de Africa se persuaden cada día más de que sólo el socialismo les permitirá salir de la miseria y del atraso heredados del colonialismo. La unidad de metas en la lucha contra el imperialismo y el colonialismo, por el progreso social y la paz entre los pueblos, aproxima al Partido Comunista de la Unión Soviética a los jóvenes partidos revolucionario-democráticos del continente africano, constituyendo una firme base de colaboración.

Entre la URSS y el Congo Bra se han establecido relaciones de estrecha amistad, que se desarrollan no sólo por canales oficiales, sino también de partido. Invitada por el CC del PCUS estuvo en mayo de 1965 en la URSS una delegación del Movimiento Nacional por la Revolución, presidida por Ambrois Numazalay, primer secretario del Buró Político; en agosto fue a Brazzaville una delegación del PCUS y del gobierno soviético, invitada por el Buró Político del MNR y el gobierno de la República.

El MNR se fundó a raíz de la revolución de agosto de 1963. En él militan obreros, intelectuales, campesinos. En su congreso constituyente de julio de 1964, el MNR optó por la vía socialista de desarrollo, sobre la base del socialismo científico.

A lo largo de decenios, la Iglesia católica educó a los congoleños en el temor al socialismo; los colonialistas cerraron herméticamente las puertas del Congo para impedir la penetra-

ción de las ideas revolucionarias, y el abate dictador que servía en cuerpo y alma a los imperialistas se granjeó en toda Africa una reputación escandalosa por sus discursos anticomunistas. No obstante, el pueblo congoleño ha elegido el camino socialista.

Volvamos a nuestra estancia en Brazzaville. La mañana del 15 de agosto, ríos humanos confluyeron en la calle de la Paz, la mayor de la capital. El desfile militar demostró a los aficionados a las provocaciones y los golpes de Estado que el pueblo congoleño custodia con firmeza las conquistas de la revolución. Frente a la tribuna del gobierno pasaron mujeres, pioneros, trabajadores. Y sobre esa tumultuosa avalancha, el retrato de Lenin, pancartas aprobatorias de la opción del MNR y de la política interior y exterior del gobierno.

Durante esos días, todos los barrios de la capital estaban en fiesta. Nos invitaron a una organizada por el seccional del MNR del barrio de Poto-Poto. Varios miles de personas aplaudieron calurosamente a los emisarios del País de los Soviets. Apareció un micrófono y nos rogaron que habláramos de la vida soviética, de las dificultades que atravesó nuestro país en los primeros años del Poder soviético y cómo las vencimos.

Luego conversamos hasta muy tarde, mientras tomábamos cerveza. Un enjambre de jóvenes rodeó a Titov, sobre el que recayó esa noche una carga verdaderamente cósmica: firmaba autógrafos, respondía a innumerables preguntas. Nuestros amigos congoleños nos rogaron que transmitiéramos al pueblo soviético saludos y votos por la amistad entre la URSS y el Congo.

Los mismos deseos manifestó a nuestra delegación el presidente de la república Massemba-Debat, secretario general del MNR.

— El pueblo congoleño —dijo Massemba-Debat— ha elegido el camino

socialista y rechaza categóricamente todas las formas de explotación. No teme los escollos y está persuadido de que la causa por la que él lucha vencerá. Tiene fieles amigos y el primero de ellos, la Unión Soviética.

Terminaron los festejos. Un trenecito, casi de juguete, nos llevó al litoral atlántico. La sabana sustituyó a los palmerales. Muchos kilómetros de un paisaje austero y monótono. Hierbas reseca, mustias, arbolillos ralos. Aquí y allá, junto a la vía férrea, ardía la vegetación y nuestro tren avanzaba a toda marcha por un pasillo de llamas: algún cazador prende fuego a los matorrales para hacer salir a las fieras o un campesino quema la maleza. En la agricultura predomina hasta hoy el rudimentario sistema de talar por medio del fuego. El campesino sigue arañando la tierra con la azada.

El paisaje cambia de nuevo. Hasta donde alcanza la vista se expanden los cañaverales. Sobre una elevación hay unas decenas de tractores. A lo lejos humean las chimeneas de una refinería de azúcar.

Vista después de Brazzaville, Dolisie, capital del valle del Niari, granero del Congo, parece una pequeña ciudad provinciana, pero aquí y en la cercana Jacob se concentra un notable núcleo de la industria del país.

Un ingeniero francés nos explicó con gentileza y exquisita cortesía que la fábrica produce unas 25.000 toneladas de azúcar al año. En las proximidades se erige otra que tendrá un rendimiento de 100.000 Tm. Aquí hay, además, un molino. Pero la propietaria de todo esto es la firma extranjera SIAN.

La industria maderera tiene mucho peso en la economía del Congo. Por su valor, la exportación de maderas nobles llega casi a la mitad del total exportable. Ahora bien, el 80% de la madera la sacan compañías extranjeras; todas las fábricas de aserrar y de chapeado pertenecen a extranjeros.

En los muelles de Pointe-Noire cargaban varios barcos extranjeros. El puerto y el ferrocarril Congo-Océano los construyeron los colonialistas con el único fin de facilitar la

salida de las riquezas del país, que hasta ahora van al extranjero en la mayor parte.

— Por ahora no nos sentimos dueños absolutos en nuestra propia casa—, nos dijeron nuestros amigos congoleños.

Más de una vez recordamos sus palabras.

Con la independencia política se desplegó en el Congo Bra la lucha por la autonomía económica. Dos años es un plazo breve, pero se ha hecho mucho. El gobierno toma medidas para crear el sector público de la economía, elevar la agricultura. Han pasado al Estado los haberes de las riquísimas plantaciones de palmeras. La constitución de la Oficina Nacional de Comercio puso fin a la prepotencia de los acaparadores franceses que embaucaban a los ignorantes campesinos congoleños.

Todos los ámbitos del país se comunican entre sí por los aviones de la compañía estatal Air Congo. Se ha nacionalizado el transporte de la capital. En Pointe-Noire se ha instituido la dirección de la flota mercante. Reviste gran importancia la nacionalización de la enseñanza, que ha quebrantado la influencia de la Iglesia católica en la educación de la juventud. El movimiento "Manos a la obra", surgido a iniciativa de la organización juvenil, se desenvuelve en todo el país. Los jóvenes trazan carreteras, levantan escuelas. Aparecen los primeros "pueblos juveniles", modelos de las futuras cooperativas.

El Congo tiene que importar carne y leche. Por eso una de las principales tareas del Estado es desarrollar la ganadería. En Dolisie vimos una granja del Estado. En ella se cría ganado vacuno, de cerda y aves de corral. El ganado de raza se destina a las cooperativas agrícolas que se van formando en la región. La buena marcha de la granja refuta la "teoría", muy divulgada en tiempos de la colonia, de que en el Congo no hay condiciones para la ganadería.

Los primeros pasos en la construcción de la vida nueva son muy difíciles. La joven república afronta de continuo el sabotaje y la labor subversiva de los neocolonialistas, que

ven con muy malos ojos la opción por el desarrollo no capitalista, la política exterior independiente y antiimperialista. Pese a las reiteradas manifestaciones del gobierno congoleño de que está dispuesto a colaborar con el capital privado extranjero, los enemigos del nuevo Congo estimulan la fuga de capitales, merman las inversiones. Esos elementos trataron de provocar la salida en masa de expertos extranjeros para desorganizar la economía del país.

Mas el pueblo congoleño no está solo: cuenta con la fraternal asistencia de las fuerzas progresistas de Africa y el apoyo de las naciones socialistas.

Fiel a su deber internacionalista, nuestro país presta múltiple ayuda al Congo Bra. Ha entrado en vigor el acuerdo soviético-congoleño de colaboración económica y técnica. Al país han llegado geólogos soviéticos que ayudarán a explorar el subsuelo. En los centros docentes congoleños dan clase profesores soviéticos y el primer grupo numeroso de estudiantes congoleños llegó a la URSS. En breve y con el concurso soviético se dará comienzo a las obras de suministro de aguas a la meseta de Kikuya, en la que se levantará una represa con una planta hidroeléctrica.

El MNR encabeza la lucha por la consolidación de la independencia. A pesar de ser muy joven, este partido goza de gran autoridad en el pueblo y ha afianzado su organización. En todas partes se han creado comités seccionales del MNR, se da cima a la formación de las organizaciones regionales del partido. Se convocan con toda regularidad Plenos del CC. En las reuniones del Buró Político se estudian los problemas más importantes de la política interior y exterior. En su labor, el MNR se apoya en las organizaciones democráticas de masas. Bajo su dirección actúan las organizaciones femenina y juvenil. Se ha logrado zanjar la escisión del movimiento sindical.

Los líderes del partido y del gobierno procuran encauzar el entusiasmo revolucionario del pueblo. Se dedica grandes esfuerzos a la educación de la conciencia política de las

masas trabajadoras. Se ha empezado a publicar el semanario *La Voix de la Révolution*, órgano del MNR. Para los activistas del partido funcionan cursillos.

El proceso de la consolidación ideológica y organizativa del partido no es fácil. Falta gente preparada, experiencia, medios. Mas el MNR continúa seguro su avance, llevando al pueblo en pos de sí.

La República del Congo Bra ocupa

un puesto digno en la familia de los Estados emergentes, vanguardia revolucionaria y combativa del continente africano. Nos alegramos sinceramente de los éxitos del pueblo congoleño en la edificación de la vida nueva, en el robustecimiento de su soberanía nacional, en la lucha por la independencia económica, contra el imperialismo y el colonialismo.

Nuestra visita al Congo se tornó en una brillante manifestación de

amistad soviético-congoleña, de la unidad creciente del movimiento comunista internacional y del movimiento de liberación nacional. Nuestros amigos congoleños nos colmaron de atenciones. Jamás olvidaremos las conversaciones francas y amistosas con los dirigentes de la república, los encuentros con militantes del partido. Jamás olvidaremos las sonrisas y los saludos de millares de congoleños que se nos acercaban en las ciudades y aldeas.

LA PRENSA extranjera comenta detalladamente la "ofensiva de paz" declarada días atrás por los EE.UU. y que consiste en manifestaciones y actos encaminados, como se dice en Washington, a solventar negociadamente el conflicto vietnamita. Se está haciendo gran publicidad a la "tregua" de los bombardeos contra el Viet Nam Norte, iniciada a raíz de las treinta horas de armisticio para celebrar la Navidad (comenzó el 24 de diciembre por la noche) y que sigue en las primeras fechas de enero sin haber sido prolongada oficialmente.

Washington afirma que la "escalada" diplomática se debe al deseo de poner fin a la guerra del Viet Nam. Algunos periódicos norteamericanos comunican que el presidente Johnson está profundamente abatido por no haber logrado en 1965 persuadir al mundo de que es sincero su afán de trasladar el conflicto armado a la mesa de las negociaciones. También la prensa invita a creer en la pureza de los móviles de Washington.

Pero lo extraño del caso es que a más invitaciones, mayor escepticismo suscita esta nueva "ofensiva de paz". Propiamente, no hay observador responsable ni periódico autorizado que no haya emitido profundas dudas acerca de los fines que realmente mueven a los EE.UU. El *Guardian* (Inglaterra), con sus inveteradas simpatías por la política norteamericana, hace constar en esta ocasión que "los bombardeos fueron suspendidos otras veces y que antes hubo treguas de Año Nuevo y que luego, generalmente, siguieron violencias en mayo-

A través de la prensa extranjera

La "crisis de confianza" y las maniobras de Washington

res proporciones todavía". El periódico dijo esto el 30 de diciembre. El 1º de enero consideró necesario añadir que "los recelos a propósito de la política de los EE.UU. parecen más justificados que nunca".

La primera semana de la "ofensiva de paz" ha revelado, ante todo, hasta qué punto está erosionada en el mundo entero, sin excluir a los aliados de Washington, la fe en los buenos propósitos de éste. Y eso cuando está generalizada la opinión de que una de las razones fundamentales de esta operación diplomática del gobierno norteamericano consiste en el deseo de superar la "crisis de confianza" en la política de EE.UU. Como dijo el 30 de diciembre Murrey Marder, columnista del *Washington Post*, "el gobierno necesita la constatación pública de sus intenciones pacíficas", debido a que ha chocado con una crisis de confianza respecto a su propósito de conseguir la paz en el Viet Nam.

Hoy puede decirse a punto fijo

que, a despecho de la pericia diplomática manifestada por emisarios de la Casa Blanca como el vicepresidente Humphrey, Averell Harriman, Arthur Goldberg y otros distinguidos personajes, la cotización de las acciones de Washington no ha subido. *Le Monde* dice con tono de reproche: "Da la impresión, aquí y allá, de que el presidente de los Estados Unidos busca menos conseguir un acuerdo que demostrar que la culpa (de que siga la guerra. —L. S.) no es suya".

Hacia finales de año se ha visto con toda claridad el fracaso de la "escalada" de la guerra en el Viet Nam. A pesar de que es una guerra puramente norteamericana, no ha proporcionado laureles a las armas pentagoniles. Cifras oficiales, en las que cualquiera ve que se ha restado mucho, proclaman que las bajas norteamericanas (muertos y heridos) en 1965 se sitúan en unas 8.500. Se supone que los gastos militares en el Viet Nam durante el año pueden re-

dondearse en 10.000 millones de dólares. Pero la situación militar de los intervencionistas dista mucho de haberse afianzado. El ya citado *Guardian* consigna que "apenas se encontrará una milla cuadrada en el territorio (del Viet Nam Sur.-L.S.) que se pueda juzgar permanentemente "pacificada", y los combates siguen en los alrededores de Saigón".

Así las cosas, no parece que debería suscitar recelos el deseo de Washington de escabullirse, por fin, de la desesperanzada agresión al Viet Nam. Si la opinión mundial no cree en la sinceridad de la "ofensiva de paz" es por razones de peso. El mundo no ha recibido aún de Washington prendas que testimonien disposición a abandonar la política de agresión e ingerencia en los asuntos internos del pueblo vietnamita. En cambio, hay riadas de hechos que demuestran lo contrario.

Llama la atención, primero que nada, el que ni en plena "ofensiva de paz" hayan pensado los EE.UU. en atenuar la "escalada" de la guerra. Se emplean en crecientes proporciones contra los patriotas survietnamitas bombarderos pesados y sustancias tóxicas. En vísperas de Año Nuevo, Washington anunció una nueva remesa al Viet Nam Sur de cuatro mil soldados de la 3ª brigada de la 25ª división, con base en las Hawai, lo que elevará los contingentes norteamericanos a 184.000 hombres. Así se entiende en Washington la instauración de un clima que propicie la solución política del problema vietnamita.

Pero eso no es todo. Mientras una parte de los propagandistas toca el arpa de la "ofensiva de paz", otra parte sigue batiendo los tambores de las amenazas bélicas. Las declaraciones pacíficas de Washington a menudo adquieren tonalidades de ultimátum. En una crónica de Washington, aparecida el 31 de diciembre, el *Christian Science Monitor* decía: "Planes para una futura batalla en el Viet Nam Sur ocupan al Pentágono, a pesar de las actuales conversaciones de paz... Si los comunistas no comienzan abiertamente la "desescalada" de la guerra o no responden a los esfuerzos negociadores, los pla-

nes norteamericanos para una vasta ofensiva serán ejecutados en toda amplitud". Esta canción de paz se titulaba así: "El Pentágono da lustre a los planes de ofensiva".

La "tregua" en los bombardeos contra la República Democrática del Viet Nam es lo que más esgrime Washington como prueba de su deseo de arreglo pacífico. Ahora bien, esa "tregua" data de contados días. Washington no ha adquirido ningún compromiso y los vuelos bandidos pueden reanudarse antes de que este número de *Tiempos Nuevos* llegue al lector. Mientras tanto, los políticos norteamericanos están ya queriendo cobrar en concesiones el que no bombardeen ni incendien con napalm las ciudades de un país con el que oficialmente los EE.UU. incluso no se encuentran en estado de guerra.

La coacción, el chantaje que encierran esas exigencias es tan evidente que el *New York Times* dice que si Washington quiere que se tenga confianza en sus intenciones, "la presente tregua de los bombardeos debe continuar por un período indefinido, sin límites explícitos ni amenazas de ampliar la "escalada" en el Norte".

En efecto, si los EE.UU. quieren que el mundo se fíe de ellos tendrán que ofrecer pruebas mucho más consistentes de su amor a la paz que la "tregua" en los criminales bombardeos de la RDV.

Por ahora, la prensa mundial propende más a ver en la "ofensiva de paz" cálculos tácticos, entre ellos los relacionados con la política interior de las esferas gobernantes norteamericanas. En este contexto ofrece considerable interés la crónica de Washington publicada el 30 de diciembre por *Le Figaro* de París: "Hay, sin embargo, un elemento esencial de la situación que pesa abrumadoramente sobre la actitud de la administración Johnson. El presidente y sus expertos están dando los últimos toques a los mensajes de fin de año y a sus proyectos presupuestarios. Si hay armisticio en el Viet Nam antes de la reapertura del Congreso (el 10 de enero), Johnson estará en condiciones de seguir la ejecución de sus programas de mejoramiento social interior y de redactar su programa en función de cierto optimismo. Si, por el contrario,

la situación sigue como es, el presidente se verá obligado a mermar los créditos civiles, a aumentar los gastos militares, a elevar los impuestos, a ordenar nuevas medidas militares. Cada una de estas decisiones impopulares repercutirá sobre la situación electoral, puesto que la renovación del Congreso y de una tercera parte del Senado debe tener lugar en noviembre próximo. Necesita, pues, la tregua para enero". Si la guerra se reanuda y agrava —añade el periódico—, "será esencial para el presidente haber demostrado que ha hecho todo lo que ha podido para evitarlo".

Muchos periódicos norteamericanos casi no dudan que a la "ofensiva de paz" seguirá una etapa de la "escalada" de la guerra más peligrosa aún. Por ello entienden que el sentido de estas actividades de Washington consiste en sacudirse la responsabilidad de lo que pueda ocurrir. En el artículo "El significado de la tregua", el *Washington Post* ha explicado cínicamente que el objetivo norteamericano es "demostrar al mundo que los EE.UU. han explorado todos los medios honrosos de prevenir la expansión de la guerra". El *Wall Street Journal* lo atribuye todo al deseo de Johnson de "desarmar a los críticos" de su política en el Viet Nam.

El *News of the World*, el periódico dominical británico más difundido, emitió el 2 de enero el siguiente juicio valorativo de la nueva maniobra de Washington:

"Existe la convicción muy generalizada en el mundo de que la ofensiva de paz norteamericana al Viet Nam es simplemente un medio para desbrozar el camino a una embestida militar masiva con el intento de machacar de una vez para siempre a los norvietnamitas y al Viet Cong".

Ahora bien, si ése es efectivamente el designio de Washington, lo único que le espera es una nueva y tremenda decepción. El pueblo vietnamita ha entrado en el nuevo año decidido a vencer en la sagrada guerra que sostiene todo el país contra la agresión yanqui para defender el Norte, liberar el Sur y lograr la reunificación pacífica de la patria. En esa empresa tiene muchos amigos dispuestos a ayudarlo.

L. Sedin

La suerte de dos sargentos

CONOCI a los sargentos McClure y Smith unos meses después de ser capturados por las fuerzas del Frente de Liberación durante un fulminante ataque nocturno (el 23 de noviembre de 1963) a un campamento de entrenamiento de las "fuerzas especiales", en Hiep Hoa, a unas veinte millas de Saigón. En aquellos días, en la profundidad de la selva, tenían un aspecto mísero, consecuencia de las semanas de camino en que más de una vez tuvieron que huir de los ataques aéreos norteamericanos. Pero cuando el 30 de noviembre de 1965 comparecieron en la rueda de prensa convocada por el Ministerio de Información de Camboya, se habían repuesto y estaban libres. Unos días antes, el presidente del FNL del Viet Nam Sur, Nguyen Huu Tho, me comunicó que al poner en libertad a ambos prisioneros, el Frente expresaba su reconocimiento al movimiento contra la guerra vietnamita que se extendía en los Estados Unidos y, especialmente, por la marcha monumental del 27 de noviembre.

Chea San, secretario de Estado camboyano para Información, relató a los periodistas que los dos sargentos se habían presentado, solos, en un puesto fronterizo del país y, después de describir la situación en que se hallaban, solicitaron les permitieran pasar por Camboya de regreso a la patria. Acto seguido, el negro McClure, sargento del ejército USA, refirió:

— Como a prisioneros, nos trataban bien, muy bien. Cuando me

Crónica de Camboya de Wilfred BURCHETT

prendieron yo estaba herido. Y en cuanto fue posible, un soldado del Frente me hizo la primera cura. No podía moverme solo, y los soldados del Frente me ayudaron durante todo el camino, hasta que llegamos al campamento de prisioneros. En Saigón me aseguraban que si caía prisionero sería torturado en los interrogatorios. Así lo creía, porque yo mismo había visto cómo las tropas de Saigón torturaban brutalmente a uno del Frente que se negaba a responder a las preguntas. . . En el campamento nos trataban muy bien a todos nosotros. Muchísimas veces nos negábamos a obedecer a los centinelas, lo hacíamos en ocasiones adrede, para irritarlos. Todo se nos pasaba. En cuanto a la alimentación, nos daban lo que podían. Comíamos igual, y a veces más que ellos. Si caíamos enfermos nos asistían en la medida de lo posible. Y nunca intentaron hacernos un "lavado de cerebro". En las horas de ocio nos daban libros, lápices, papel. . . No trabajábamos mucho; sólo lo necesario para mantener la salud. Nos permitieron no trabajar los días festivos y procuraban que nos divirtiéramos. Estábamos autorizados para enviar correspondencia y recibir encomiendas. Yo recibía cartas de la familia y paquetes de la Cruz Roja Internacional. Por todo eso estoy muy agradecido al Frente. . .

Respondiendo a los periodistas, el

sargento McClure informó que el campamento había sido bombardeado, pero no hubo víctimas. Había otros prisioneros, mas no sabría precisar cuántos.

A la pregunta de si pensaba reincorporarse al ejército, el otro sargento, Smith, respondió:

— ¡No! Me basta con una vez —y agregó—: Decididamente, estoy en contra de esta guerra. En los dos años de cautiverio tuve tiempo de recapacitar sobre los problemas de los dos bandos. Para mí está claro que los actos de los Estados Unidos en el Viet Nam Sur no responden a los intereses del pueblo norteamericano. Creo que cuanto más tiempo permanezcamos en el Viet Nam, más daño causaremos a los pueblos norteamericano y vietnamita.

¿Está enterado del movimiento de protesta contra la guerra desplegada en los Estados Unidos? ¿Qué piensa Smith de eso?

— Sí, estoy al corriente, y considero que nuestra puesta en libertad es resultado directo de ese movimiento. Quede claro que no se la debemos a los esfuerzos del gobierno norteamericano. El Frente nos devolvió la libertad en señal de reconocimiento al pueblo norteamericano. Así que es resultado directo de la autoinmolación de Morrison, Roger Laporte y otros. El Frente nos puso en libertad para expresar su respeto a los sacrificios de esos norteamericanos. . .

¿No teme que le castiguen por las "palabras de paz"? Smith responde con toda serenidad:

— No lo descarto y estoy preparado para ello.

Preguntan al sargento por la capacidad combativa de las tropas saigonesas y en respuesta oímos:

— Si no fuera por los oficiales, todos se largarían a sus casas.

Smith declara luego que, una vez en su país, dirá al pueblo norteamericano la verdad sobre la situación,

haciéndole ver que apoyan una guerra injusta que sólo causa sufrimientos a los norteamericanos y los vietnamitas.

Preguntado por el modo en que piensa hacerlo, el sargento indica:

— Sé que existen los comités "2 de Mayo" y "Día del Viet Nam". Ya les he escrito y cuando llegue allá me pondré inmediatamente en contacto con ellos. No tengo experiencia en esos asuntos —en manifestaciones públicas o por escrito—, pero confío en que me ayudarán.

Aludiendo a la experiencia militar de Smith (ocho años de servicio activo), un periodista soviético le

pregunta si los Estados Unidos podrían ganar esta guerra.

— No. A juzgar por todo lo que vi en los últimos años, está claro que es imposible...

La Voz de América se apresuró a comunicar que McClure y Smith habían sido "moldeados". Después de la conferencia de prensa, unos funcionarios de la Embajada de Australia, que representa los intereses de EE.UU. en Camboya (Pnom Penh rompió las relaciones diplomáticas con Washington), intentaron penetrar en la habitación del hotel ocupada por los sargentos. La policía camboyana les salió al paso. Los ex

isioneros tuvieron, sin embargo, que hospedarse en un lugar más seguro. Mientras tanto, el FNL notificó a las familias de McClure y Smith que podría reclamarlos cualquier familiar o representante de una organización pacifista que llegara por ellos.

Pnom Penh. Diciembre de 1965.

Nota de la redacción. Después de recibir esta crónica ha llegado a nuestro conocimiento que los sargentos Smith y McClure fueron detenidos de regreso a su país por las autoridades norteamericanas y trasladados a Okinawa. Los acusan de ayudar al enemigo.

El bravo soldado Schweik se va al Viet Nam Sur

NO VALE la pena contar cómo el bravo soldado Schweik apareció en los Estados Unidos, porque nuestro personaje siempre está presente allá donde hay demanda de bravos soldados. Es lo que le pasa hoy a McNamara, tan necesitado de ellos para la guerra del Viet Nam.

— Hemos agotado casi completamente nuestro manantial básico de carne humana —ha explicado un funcionario de la Dirección de servicio militar.

En los EE.UU. es tan apremiante la demanda de soldados, que el Pentágono ha resuelto pasar al capítulo de aptos para las armas a dos millones de norteamericanos anteriormente declarados inútiles en tiempos de paz. Conforme a las viejas normas, los reclutas que en el examen de facultades mentales reunían menos de treinta puntos eran inútiles para el ejército. Ahora, según informa la *U.S. News and World Report*, se ha decidido rebajar la puntuación a dieciséis: con la mitad de intelecto basta y sobra.

Y el bravo soldado Schweik, que

se enteró, dio un salto en la silla a pesar de la edad avanzada, del reumatismo y del certificado de idiotez.

— ¡Me voy a la guerra! —comunicó a la señora Müller.

— ¡Madre de Dios! —exclamó la vieja sirvienta de Schweik—. ¿Qué va usted a hacer allí?

— ¡Combatir! —replicó con voz sepulcral Schweik—. Las cosas les van muy mal a los Estados Unidos. Les están arrimando candela que es un primor. Por eso me llaman. Ayer mismo leí en el *New York Daily News* que "los nubarrones envuelven nuestra querida patria"...

— Pero usted es idiota. Lo certifican los médicos y hasta Jaroslav Hasek en su libro...

— Cabalmente hombres como yo necesitan ahora los Estados Unidos. Con deterioro físico y mental. Sin nosotros no podrá ganar la guerra mister McNamara.

Dichas estas palabras, el bravo soldado Schweik se encaminó a la caja de reclutamiento.

Y cuál no sería su asombro al

reconocer en un enjuto comandante del servicio de sanidad norteamericano a su viejo amigo, el médico Bautze.

— Me permito comunicarle, herr sir, que el soldado Schweik se presenta a la revisión médica... Hace medio siglo me declararon inútil por idiotez. Una comisión especial dictaminó oficialmente que yo era idiota. Pero acabo de leer en los periódicos...

— ¡Muy bien! —exclamó mister Bautze—. El Departamento de Defensa de los Estados Unidos no es el ejército de su majestad el emperador Francisco José. El necesita precisamente soldados como tú. ¡Llévenlo inmediatamente al cuartel!

— Me permito comunicarle que serviré al señor McNamara hasta la última gota de sangre —dijo modestamente Schweik—. ¡Esos tipos del Viet Cong van a enterarse de lo que es un verdadero idiota norteamericano!

El bravo soldado Schweik enderezó sus pasos hacia el cuartel entre una pareja armada. A la altura de Main Street, ante el monumento al general MacArthur, Schweik gritó al enjambre de curiosos que le seguía:

— ¡A Hanói!..

V. Zhúkov

Carta abierta del doctor Corliss Lamont al embajador Henry Cabot Lodge

Estimado Cabot:

Usted recordará probablemente que, como condiscípulos de la notable promoción de 1924, participamos en la fundación de la Unión de Debates de Harvard durante nuestra época universitaria, y los vivos cambios de opiniones entre nosotros en las reuniones. Desde entonces —y han transcurrido más de cuarenta años— seguimos encarrilados en un continuo debate relativo a los problemas básicos que encaran nuestro país y el mundo. Usted ha mantenido inalterablemente una actitud conservadora y hace mucho que es una figura prominente del Partido Republicano. Debo decir que, a mi juicio, usted siempre ha sido uno de los mejores republicanos.

Ahora, nuestro desacuerdo tiene mucho más alcance y es más fundamental, debido al activo soporte que usted, como embajador en el Viet Nam Sur, presta a la cruel, ilegal e inmoral guerra de agresión que el gobierno Johnson hace en el Viet Nam. Es más, usted ha deseado ser embajador por segunda vez precisamente cuando el mariscal Ky, el nuevo primer ministro del gobierno survietnamita, proclamaba que su gran héroe era Adolfo Hitler.

Lo mismo que el secretario Rusk y el Departamento de Estado, usted ha sostenido que el Viet Nam Sur se ha constituido en Estado independiente permanente a tono con los Acuerdos de Ginebra de 1954, mientras que usted sabía muy bien que

la división del Viet Nam en Viet Nam Sur y Viet Nam Norte era considerada como una medida transitoria y que los acuerdos estipulaban la celebración en 1956 de elecciones generales en el Viet Nam para la unificación del país. Usted debía saber también que fueron los Estados Unidos y su fantoche, el presidente Diem del Viet Nam Sur, los que se negaron a consentir estas elecciones y violaron de tal modo el Tratado de Ginebra.

Como Walter Lippman ha indicado: "Al mismo tiempo que nuestro gobierno aceptaba los Acuerdos de Ginebra y especialmente la disposición referente a las elecciones libres, se opuso a ellas cuando comprendió que Ho Shi Min (presidente del Viet Nam Norte) las ganaría. El general Eisenhower lo dice francamente en sus memorias. Desde entonces venimos insistiendo en que el Viet Nam Sur es una nación independiente" (*New York Herald Tribune*, 20 de abril de 1965). De esta suerte, los Estados Unidos son culpables de doblez y de incumplimiento de la palabra de honor empeñada.

La inscripción en el sello de Harvard dice *Veritas*, un lema que tiene profundo sentido para sus discípulos. ¿Cree usted realmente, Cabot, que sirve a la Verdad uniéndose a los que adulteran el sentido y la historia de los Acuerdos de Ginebra, tan fundamentales para comprender la situación en el Viet Nam?

Además, cada observador objetivo sabe que el Frente Nacional de Libe-

ración del Viet Nam Sur, con sus fuerzas militares —el así llamado Viet Cong— encabeza un levantamiento nacionalista apoyado por la inmensa mayoría de la población. El hecho de que los comunistas respalden decididamente esta revolución y figuren entre sus dirigentes no niega en modo alguno su carácter interno. Asistimos a un resuelto y firme esfuerzo de un pueblo ex colonial en defensa de su libertad. A esto se opone una nación blanca de Occidente, los EE.UU., determinada a reimponer los grilletes, como los mantuvo Francia durante casi un siglo. Como nos dice el notable historiador británico Arnold Toynbee, la lucha del Viet Cong es parte de una mundial "revuelta de la mayoría "indígena" de la humanidad contra la dominación de la minoría occidental".

Las guerrillas del Viet Cong poseen eficaces armas modernas en cantidad considerable, pero sólo una parte insignificante de ellas procede del Viet Nam Norte (por lo menos, hasta febrero de 1965). Son los Estados Unidos la fuente principal de este suministro. Las guerrillas han obtenido estas armas fundamentalmente de los desertores que se han pasado con pertrechos de marca norteamericana o las han capturado a las apáticas tropas del gobierno survietnamita.

A pesar de estos hechos generalmente reconocidos, el gobierno de los EE.UU. comenzó en febrero de 1965, al comprender que el Viet Cong estaba ganando la guerra civil, a bombardear intensamente el Viet Nam Norte comunista, con el pretexto de que lleva a cabo una invasión del Viet Nam Sur y es el principal responsable de los disturbios. Johnson y sus consejeros militares han ideado esta especie para justificar su propia agresión salvaje al Viet Nam Norte.

Esta burda propaganda de la Casa Blanca, usted, Cabot Lodge, la ha respaldado en todas sus declaraciones públicas. Allá en el fondo de su alma, ¿estima posible creer que eso es *Veritas*? U Thant, el secretario general de la ONU, tiene razón cuando dice respecto del Viet Nam: "En tiempos de guerra y hostilidades, la primera víctima es la verdad".

Nota de la redacción: el conocido escritor y publicista norteamericano Corliss Lamont ha distribuido esta carta entre sus condiscípulos de la Universidad Harvard, uno de los cuales nos la ha hecho llegar para su publicación.

Usted también ha confundido a sus compatriotas al proclamar que el propósito del gobierno de EE.UU. en el Viet Nam es salvar la libertad e instaurar la democracia. De hecho, a partir del brutal dictador Diem, los Estados Unidos han apoyado una dictadura fantoche tras otra en Saigón: nueve gobiernos en los últimos dos años nacidos de los sucesivos golpes militares que han tenido lugar. Estos gobiernos survietnamitas actúan con métodos policíacos de cruel violencia, terror y sevicia. Ninguno de ellos habría resistido una semana sin el soporte militar de los Estados Unidos.

Actualmente, los propósitos principales del presidente y del Pentágono son la experimentación de nuevas armas y estrategia; el aplasamiento de la épica lucha de las razas de color que ansían sacudirse el yugo del hombre blanco, y la transformación del Sudeste de Asia en una enorme base terrestre y aérea. Esta base, naturalmente, sería una amenaza constante para la China comunista. Por cierto, es absurdo afirmar, como algunos portavoces del gobierno hacen, que China es responsable del levantamiento revolucionario en el Viet Nam Sur y de la continuación de la guerra.

Con toda franqueza, Cabot, ¿cómo puede usted dormir por la noche si aprueba el horrible e integral exterminio por los bombarderos norteamericanos de mujeres, niños y campesinos —de no combatientes en general— en todo el Viet Nam? En los últimos meses, los aparatos norteamericanos han lanzado repetidamente napalm y bombas sobre las aldeas survietnamitas donde se “advertía” la presencia del Viet Cong. Un oficial de las fuerzas aéreas de los EE.UU. ha contado recientemente a la Associated Press: “Cuando estamos en un apuro, bombardeamos toda el área para salvar la situación. Por lo general, matamos más mujeres y niños que hombres del Viet Cong”. En el Viet Nam Norte, nuestros bombarderos han destruido hospitales y hospitalizados, escuelas y escolares, barrios residenciales y residentes. Debido a los terroríficos bombardeos en el Viet Nam Sur, más de 600.000 personas han huido a las ciudades de la costa.

Usted es, con otros, responsable no sólo del asesinato de decenas de miles de vietnamitas, sino también de la muerte de más de mil soldados norteamericanos, que han sacrificado sus vidas en esta vana e inútil guerra a 10.000 millas de nuestra costa del Pacífico, en esta demencial aventura en la que los EE.UU. han gastado ya miles de millones de dólares extraídos al contribuyente norteamericano. Tenemos en contra todas las probabilidades de ganar este conflicto, incluso si nuestro belicoso presidente enviara un millón de soldados al Viet Nam. No podemos vencer porque es terreno de selva, porque la inmensa mayoría del pueblo vietnamita se enfrenta a la intervención norteamericana y porque en Saigón no se puede formar un gobierno estable, efectivo.

Pese a ello, los Estados Unidos continúan incrementando rápidamente sus contingentes militares. En el Viet Nam Sur hay ya 150.000 soldados norteamericanos, otros miles de norteamericanos participan en esta guerra prestando servicio en buques de guerra, portaaviones y aviones instalados fuera del Viet Nam. El 30 de junio de 1964 preguntaron a un conocido diplomático de los Estados Unidos cuáles serían las consecuencias de las operaciones masivas norteamericanas en el Viet Nam. A lo que contestó:

“Bueno, significa que nos hemos transformado en una potencia colonial, y yo creo que el colonialismo, como es bien sabido, está desfasado. Creo que si van por ahí tropezarán con infortunios de todo género; incitarán la xenofobia; aparecerá la tendencia a disociarse de los EE.UU. y dejar que ellos se las arreglen solos. No puedo creer que eso sea una cosa buena”.

Querido condiscípulo: ¿sabe usted quién dijo eso? Pues no otro que el honorable Henry Cabot Lodge, en su primer período de embajador en el Viet Nam Sur. Así, pues, este martirizado país, como se desprende de sus palabras, se está convirtiendo en una colonia de los EE.UU. ¿Espera usted ser pronto gobernador del quincuagésimo primer Estado norteamericano, el Viet Nam Sur?

Le ruego considere seriamente que si el presidente sigue la “escalada”

del conflicto vietnamita, y apropiándose de más y más patrimonio realmente asiático, la Unión Soviética y la China comunista reaccionarán, desde luego, con contramedidas más eficaces que las que han aplicado hasta ahora. Un terrible peligro está ligado a esto. La continuación de la “escalada” puede culminar finalmente en una gran guerra nuclear, que implicará inenarrables devastaciones en los EE. UU. y en otros muchos países. Johnson y usted, Cabot, están jugando con la supervivencia de nuestra nación y de toda la raza humana.

Al dirigirme a usted como ex senador, desearía referirme a un punto especial: habiendo sido miembro del Senado de los Estados Unidos durante muchos años, usted debería cuidar más de las prerrogativas y atribuciones que este supremo cuerpo tiene establecidas en la Constitución norteamericana. Hoy, el presidente Johnson usurpa funciones tanto del Senado como de la Cámara de Representantes, arrastrando a nuestro país a una guerra *de facto* en el Viet Nam e infringiendo la disposición constitucional del artículo I, sección 3, conforme a la cual el Congreso es el único facultado para declarar y hacer la guerra.

Usted, como ex senador, debería ser el primero en protestar contra el dictatorial desprecio del presidente por la Constitución, evidente ilegalidad que contribuye al derrumbamiento de la gobernación democrática en los Estados Unidos. Otro ejemplo del peligroso abuso de la función ejecutiva por parte de Johnson fue el envío en la primavera última de 20.000 hombres de la infantería de marina a la República Dominicana para impedir la instauración de un régimen liberal. (Véase el notable discurso del senador Fulbright del 15 de septiembre de 1965.)

Desearía creer que usted, Cabot, que como ex embajador de los EE.UU. en las Naciones Unidas se comprometió a apoyar la Carta y el Derecho internacional en conjunto, no puede sino sentir grandes remordimientos de conciencia al aprobar la actual política exterior del presidente. El brutal rumbo del gobierno respecto al Viet Nam está en flagrante contradicción con la Carta

de las Naciones Unidas, los Acuerdos de Ginebra de 1954, la jurisprudencia asentada por el fallo del Tribunal de Nuremberg que juzgó a los criminales de guerra nazis y los Convenios de Ginebra de la Cruz Roja Internacional de 1949, que determinan las "normas de la guerra".

Como miembro del cuerpo diplomático de los Estados Unidos, usted no puede por menos de comprender que la aventura vietnamita del presidente Johnson ha quebrantado seriamente la influencia y el prestigio norteamericanos lo que se dice en todas las partes del mundo. A través de un hábil retorcimiento de brazos, Johnson ha logrado un soporte simbólico acá y allá, pero incluso los aliados de los EE.UU. están verdaderamente horrorizados de nuestra política en el Viet Nam. Han sido arrinconadas indefinidamente tareas tan apremiantes como el trabajo en un acuerdo de desarme referente tanto a las armas nucleares como a las convencionales. Y, en general, como ha dicho Walter Lippmann, "la guerra del Viet Nam bloquea el progreso de las naciones, incluida la China roja, hacia la coexistencia pacífica y la concordia, que constituyen la necesidad predominante de todos los pueblos" (*New York Herald Tribune*, 12 de octubre de 1965).

El atolladero del Viet Nam no tiene más que una salida. Hay que suspender los bombardeos norteamericanos en todo el Viet Nam y, en general, suspender el fuego; reunir una conferencia de paz que incluya al Frente Nacional de Liberación como autoridad independiente con su propio derecho y a varias naciones directamente interesadas, y lograr un entendimiento que retorne a los Acuerdos de Ginebra. Esto significaría la evacuación completa del Viet Nam Sur por el ejército de los EE. UU. y todas las demás tropas extranjeras; garantizaría contra la instalación de toda base militar extranjera en este país, y aseguraría las elecciones a través de las cuales el pueblo vietnamita podría elegir su gobierno de conformidad con los tradicionales principios de la autodeterminación.

A menudo se dice que los EE.UU.

deteriorarán su prestigio si se van del Viet Nam sin haber obtenido una clara victoria. Pero la bárbara conducta de los EE.UU. en el Viet Nam ha deteriorado tanto su prestigio que ese argumento no merece atención. En realidad, nuestro país conquistaría gran prestigio retirándose del Viet Nam, como lo hicieron Francia y el presidente de Gaulle cuando finalmente reconocieron la independencia de Argelia.

Desde luego, un acuerdo negociado en el Viet Nam sería provechoso tanto a los países comunistas como a los capitalistas. Un interés propio de toda nación es salvaguardar la paz. Por eso, la actitud que he expuesto es esencialmente favorable a los EE.UU. y a los principios humanitarios. Esta actitud la hacen suya en los EE.UU. millones de maestros, estudiantes, escritores, servidores del culto y obreros, así como eminentes personalidades como el presidente de Gaulle, el senador Gruening, el senador Morse, el profesor Linus Pauling, Bertrand Russell y Arnold Toynbee.

En conclusión, pues, le apremio, Cabot Lodge, a dejar de favorecer las protervas acciones y designios

del presidente Johnson en el Viet Nam. Sería sumamente deplorable que en esta avanzada etapa de su carrera mancillara infortunadamente su reputación con el calificativo de ser uno de los principales buitres de la guerra. Renuncie a su embajada y reconstituya su imagen pública antes de que sea tarde. El elevado patriotismo no es militarista: es el esfuerzo por la justicia y la paz y por esa amistad internacional que es la mejor garantía para la seguridad nacional de los Estados Unidos. Vuelva a casa y contribuya a transformar el Partido Republicano en un gran partido norteamericano de la paz, que se oponga a la intervención militar de los EE.UU. en Asia, América Latina y en todas partes. Sobre esta plataforma, usted y los republicanos podrán, sin duda, vencer en otras elecciones.

Sinceramente suyo,

Corliss Lamont

Nueva York.

P. S. Debido a la urgente importancia del problema vietnamita, entiendo este escrito como una carta abierta y la envío a nuestros condiscípulos de Harvard.

Usos y costumbres del "mundo libre"

La carrera de un "kamikaze"

EN TOKIO está ahora de moda un actor y guionista que ha empezado la aventura filmica con bastantes años a cuestas. El éxito de Noboru Ando se debe no tanto a su talento como a unos antecedentes no muy comunes. Durante la guerra fue kamikaze, hombre-forpedo, esos suicidas que hacían estallar barcos del enemigo. Por milagro quedó vivo, pero en el Tokio de posguerra se encontró sin medios de subsistencia. Especuló en el mercado negro, luego organizó una banda que combinaba la coacción con otros asuntos no menos sucios. Una vez, Noboru Ando quitó de en medio a un conocido hombre de negocios que no cedía al chantaje y dio con los huesos en la cárcel. Al cabo de ocho años, por su "buena conducta", fue puesto en libertad antes de expirar la condena. Por aquel entonces, la banda

había perdido a otros dos "maestros", víctimas de choques con otros gangsters. Fuera por esta razón o simplemente porque la policía anduviese más alerta con motivo de los Juegos Olímpicos, el caso es que en 1964 Noboru Ando disolvió oficial y solemnemente su banda y declaró que en adelante iría por el buen camino. Dicho y hecho. Escribió sus memorias y se las entregó a un productor de películas de suspense. Pronto se estrenó *La sangre y el honor de un gángster*, con Noboru Ando en el primer papel. Se protagonizó a sí mismo de manera bastante realista. El productor supo organizar al film una buena publicidad, y Noboru Ando se vio encumbrado. Ha filmado ya tres películas del mismo tipo. Sobre el viejo gángster llueven las ofertas.

L. PONOMARIOV y G. KUZNETSOV

Efemérides sin gloria

A LA tribuna, en la que inciden los haces de luz de dos focos, sube un miembro de la comisión redactora y da lectura a unos papeles. Lee precipitadamente comiéndose palabras y párrafos enteros. Los amplificadores hacen retumbar su voz por todo el City Auditorium, donde alrededor de mil delegados se sientan a las mesas que forman hileras perpendiculares a la tribuna. La mayoría no presta atención al orador. Unos se han enfrascado en folios y hojas esparcidos por las mesas, otros utilizan los periódicos como pantalla entre sí y la presidencia, y otros charlan con el vecino. Muchos asientos están vacíos.

El orador recoge los papeles y se retira. Un anciano corpulento, de mandíbula prominente y frente despejada, con espejuelos de gruesa montura, ocupa la tribuna, y, golpeando con el martillito presidencial, se dirige a la sala sin reparar en que nadie le hace caso:

— ¿Quién está en pro?... ¿Quién en contra?... Aprobado, vale. La siguiente resolución...

Así transcurrieron del 9 al 15 de diciembre, en San Francisco, las reuniones de la sexta convención de la AFL-CIO, que preside George Meany. Fue una convención jubilar: se conmemoraba el décimo aniversario de la fusión de las dos centrales con largo expediente de rivalidad. Los festejos no lo fueron en rigor. Porque la unificación defraudó las esperanzas de los trabajadores: los monopolios capitalistas no hacen ahora más caso de los sindicatos que antes. Los capitostes sindicales no han cumplido las promesas de procurar la derogación, por lo menos, de ciertas cláusulas de la ley antiobrera Taft-Hartley. Aunque en los últimos años ha crecido considerablemente la mano de obra, el número de afiliados a los sindicatos que integran la AFL-CIO apenas ha aumentado: 12.305.000 hace diez años y 12.869.000 en la actualidad. Según datos oficiales, el

Crónica de San Francisco

total de obreros industriales sindicados ha disminuído en el último decenio de 33,4% a 28,9%. Es indudable que en esto influye la política conformista de la plana mayor de la AFL-CIO, que se orienta hacia la colaboración de clases, frena el movimiento de las masas y se solidariza con la agresiva política exterior de Washington.

El año pasado se han producido ciertos cambios en la dirección de muchos sindicatos. No pocos integrantes de la vieja guardia de Meany fueron vencidos en las elecciones o se retiraron por motivos de edad. Algunos de los líderes nuevos parecen más resueltos y combativos. Por eso, en vísperas de la convención se habló de posibles relevos en el puesto de mando. La prensa aludía al "empuje de los jóvenes" y a la "afluencia de nueva sangre". Esto hacía pensar que uno de los puntos más interesantes del temario sería la elección de los 27 vicepresidentes de la AFL-CIO.

Vanas ilusiones. Al ejecutivo ascendieron solamente los que recibieron el espaldarazo de Meany. Cierzo que han surgido nuevas figuras. Por ejemplo, Iorvit Abel, de la Federación del acero, y Paul Jennings, de la Federación de los trabajadores de la electricidad. Por primera vez fue elegido al comité ejecutivo el presidente de los trabajadores de depósitos, Ralph Helstein, considerado como liberal. Sin embargo, Meany recusó la candidatura de Patrick Gorman, tesorero del Sindicato de la industria de la carne (350.000 afiliados), contrario a la guerra del Viet Nam. En la dirección de la AFL-CIO permanecen George Harrison (telegrafista ferroviario), de 70 años, y

Harry Bates (construcción), de 88 años, que hubieron de apartarse hace ya tiempo de la presidencia de sus respectivos sindicatos. Meany, que tiene 71 años, fue reelegido presidente de la central y además consiguió un aumento de la paga, de 45.000 a 70.000 dólares anuales.

"La Federación es dirigida por ancianos cansados, que se han acogido al confort de sus despachos, tapizados con mullidas alfombras, y se desentienden de millones de obreros mal remunerados a los que los sindicatos podrían ayudar", decía el *New York Times* en vísperas del evento. Ahora, el diario podría repetirlo, pues la AFL-CIO no ha cambiado de rumbo. Eso explica en gran parte la indiferencia que reinaba en el City Auditorium.

-- Ha sido la convención menos interesante y más pesada de todas las que he visto en mi vida —oí decir a cierto delegado—. Todos estábamos seguros de que los bosses terminarían haciendo lo que les diera la real gana...

Es comprensible que los asambleístas no mostraran interés por los debates ni por la votación y que se animaran solamente en las "sesiones nocturnas" de los bares y los cabarets.

La mayor parte de los documentos, redactados con anterioridad por el ejecutivo y rubricados por la convención, son sorprendentemente contradictorios. Ultimamente son rarísimas las altas en los sindicatos, lo cual no puede por menos de alarmar a los dirigentes. La convención aprobó a ese respecto, al igual que en otros años, una resolución que invita al proselitismo sindical. Sin embargo, Meany y sus adláteres no se atreven a plantear que se sindee a los trabajadores mal remunerados, incluidos los obreros negros del Sur. Ese conservadurismo de los bosses sindicales ciega una importante fuente de engrosamiento de la AFL-CIO.

De la misma ambigüedad adolece el documento acerca de la situación de los negros. Por una parte, vituperara al racismo norteamericano, condena la discriminación en la ense-

ñanza, en el alquiler de vivienda y en la contratación; condena el terror racista y el fariseísmo de la "justicia" sudista, y por otra, no recomienda nada para combatir la discriminación racial en los propios sindicatos.

En la convención se habló y requechó de los sufrimientos que causa a los trabajadores el desempleo total o parcial. "No podemos olvidar que el desempleo sigue siendo el problema básico de nuestra sociedad", declaró Walter Reuther, presidente de la Federación de la industria automovilística.

En el primer semestre de 1965, en los Estados Unidos había 3.600.000 desempleados; 2.200.000 trabajaban la semana laboral incompleta y cerca de un millón dejaron de buscar empleo porque habían perdido la esperanza de encontrarlo. El informe del ejecutivo presentado a la convención hace constar que la economía norteamericana ha sido incapaz de remediar la miseria y el pauperismo en el país. Según datos reunidos en el documento, de una quinta a una cuarta parte de la población de EE.UU. vive en la penuria.

La convención tomó resoluciones sobre el incremento del empleo, el aumento de las pensiones de vejez, el seguro de paro, etc. También dio



su apoyo al programa gubernamental de "guerra contra la miseria". Al mismo tiempo aprobó otros documentos que neutralizan esas reivindicaciones. Así, el ejecutivo exhortó a los trabajadores a respaldar "la guerra que se extiende en el Viet Nam y que exige de ellos graves sacrificios".

En la convención se supo que el gobierno se proponía recortar las ya de por sí modestas asignaciones para la "guerra contra la miseria", elevar los impuestos de utilidades y ofrecer al Pentágono los fondos recaudados de esta manera. La convención no se alivió a impugnar esos planes, convirtiéndose así en papel mojado sus propias resoluciones que reivindican mejoras laborales.

La política exterior de Washington no goza de popularidad en el país. Es de todos conocida la amplitud de las manifestaciones contra la guerra en el Viet Nam. En ese contexto es comprensible el interés del gobierno por demostrar la solidaridad de la AFL-CIO con su política agresiva. Las primeras dos jornadas y media, la convención escuchó discursos de personalidades oficiales y de otros "invitados distinguidos", que justificaban la agresión al Viet Nam. El presidente Johnson les arengó por teléfono desde su rancho texano. Luego tomaron la palabra el vicepresidente Humphrey, el secretario de Estado, Rusk, y su adjunto A. Johnson. El representante permanente de EE.UU. en la ONU, Goldberg, envió a San Francisco un largo cablegrama.

En la convención, los emisarios de Washington se esforzaron por difamar a los norteamericanos que reclaman el cese de la guerra sucia en Indochina. A la campaña propagandística se incorporaron los jerarcas sindicales. Meany, que había invitado a la convención a una delegación de los sindicatos saigoneses, aprovechó su presencia para abogar por el aumento de la ayuda al gobierno fantoche de Cao Ky. Por si fuera poco, puso a votación una moción que asegura el "pleno apoyo de la AFL-CIO a todas las medidas que la administración considere necesario tomar" en el Viet Nam.

La convención fue dócilmente tras sus guías reaccionarios. También re-

frendó sumiso las resoluciones que aprueban el boicot económico de Cuba y la intervención en Santo Domingo. Para colmo, se manifestó a favor de la paridad de los revanchistas bonnianos en la confección de la estrategia nuclear de la OTAN.

Y a pesar de todo, en la enrarecida atmósfera anticomunista del City Auditorium soplaban a veces brisas frescas. En el preciso momento en que el secretario de Estado se despachaba a su gusto acerca de la "agresión comunista", en la galería de los invitados aparecieron unos jóvenes del comité "Día del Viet Nam" con carteles en los que se leía: "¡Basta de embustes, negocien la paz! ¡Nada de bombardeos! ¡Que vuelvan a sus casas los soldados americanos!" Los guardias expulsaron a los jóvenes y rompieron los carteles.

El tesorero de la Federación de la industria automovilística, Emil Mazey, condenó enérgicamente la represión contra los estudiantes antiguerristas. En el país, dijo, se ha creado un ambiente en el que a cualquiera que critique la política exterior de Washington le cuelgan el sambenito de "traidor" o de "americano no leal". Mazey llamó a observar los acuerdos ginebrinos y al alto el fuego en el Viet Nam.

En los pasillos de la convención señalaban que el autor de la resolución sobre el problema vietnamita había sido Lovestone, el jefe ultra del departamento internacional de la AFL-CIO. A instancias de Reuther, el anteproyecto fue sazonado con una frase que declara deseable el arreglo pacífico del conflicto (deseos semejantes no faltan tampoco en las declaraciones oficiales de Washington), pero el documento poco ganó con la enmienda. En realidad, invita a continuar la "escalada" de la agresión.

La sexta convención de la AFL-CIO ha prestado un flaco servicio a los trabajadores norteamericanos y al movimiento obrero de su país. Al respaldar la agresión contra el pueblo vietnamita, la dirección de la AFL-CIO se ha alineado abiertamente con los "buitres" del Pentágono.



EN LA ORBITA INTERNACIONAL

ITALIA

Los pronósticos y la vida

En la Nochebuena un hombre de unos treinta años perdió el conocimiento en la estación del ferrocarril Termini, de Roma. El vigilante Mario Mazza lo recogió y llevó al puesto de socorro próximo. El médico diagnosticó: síncope por inanición. Cuando el desdichado, que se llama Salvatore Turnu, recobró el conocimiento dijo que llevaba largo tiempo sin encontrar trabajo, no tenía alojamiento y había estado tres días sin probar bocado.

Puede decirse que a Salvatore le sonrió la fortuna: el vigilante le dio 700 liras y un plato de sopa caliente. Mucho más trágico es el desenlace de otras historias por el estilo. *Il Giorno*, de Milán, describió las desventuras de Cosimo Moscagiuri, de 36 años de edad, padre de cinco hijos.

Moscagiuri era albañil y residía en la calleja de Sabotino, en Milán. En julio de 1965 quedó sin empleo y trató en vano de colocarse. Ante la Nochebuena vendía encendedores en la calle. Un día la policía le confiscó los mecheros y cuando volvió a su casa con las manos vacías la mujer le dijo que les desahuciaban. Cosimo buscó un pretexto para que la mujer y los chicos salieran de la casa y abrió la llave del gas. Cuando los suyos volvieron, era ya cadáver.

En vísperas de Año Nuevo, el Instituto para el estudio de la coyuntura publicó un informe muy optimista en el que registraba que la economía italiana cobraba impulso. Es dudoso, sin embargo, que tal noticia consuele a los millones de italianos víctimas del desempleo. Según datos oficiales, en Italia hay un millón

largo de desocupados totales y su número aumenta. Ya en la primera mitad de 1965, pese a cierto auge de la producción, se redujo en 242.000 el número de empleados en la industria. En Roma se han registrado 30.000 y pico de obreros de la construcción que por espacio de muchos meses acuden todos los domingos sin resultado a la Bolsa extraoficial del Trabajo, de Piazza Vittorio.

No cuesta esfuerzo suponer lo que dirían esas gentes y con ellas Salvatore Turnu o los deudos del fallecido Cosimo Moscagiuri si les preguntaran qué piensan de los optimistas pronósticos del Instituto para el estudio de la coyuntura.

SUECIA

Lista de millonarios

En vísperas de Año Nuevo vio la luz en Estocolmo un libro que, según el diario socialdemócrata *Aftonbladet*, "proporciona sumo placer" y es "el más esperado de 1965". Se trata del anuario de los contribuyentes de Estocolmo y de su provincia. Contiene, entre otros, los nombres de 850 millonarios. Va a la cabeza la familia de los Wallenberg, cuyo capital se cifra en 118.600.000 coronas. Los hermanos Jacob, Marcus y Marc Wallenberg ocupan el primero, segundo y tercer puestos, respectivamente, en la jerarquía de los suecos acaudalados. Les siguen quince familias riquísimas: los Bonnier (108.300.000 coronas), los Johnson (44.600.000), los Söderberg (29.700.000), etc.

¿Qué regocija tanto al *Aftonbladet*, órgano del partido gobernante? Porque ese partido afirma que en los

treinta años que los socialdemócratas llevan en el Poder se ha construido el "socialismo democrático". Su programa asegura que "se ha terminado con la prepotencia de los capitalistas privados y la mayoría del pueblo ha podido acrecentar la parte que le corresponde del producto en ascenso".

En estos treinta años, no cabe la menor duda, los trabajadores suecos han mejorado su situación económica. Ahora bien, la prepotencia de los magnates financieros no ha sido quebrantada, ni mucho menos. Siguen siendo amos y señores de la economía sueca.

Humorismo inglés



Waite en "Sun" (Inglaterra)

La Bundeswehr en el Curdistán

Un tal Mähr, suboficial de la Bundeswehr, se envolvió la cabeza en una toalla a guisa de turbante, se puso de faja una bufanda de vistosos colores, montó un asno y se encaminó a un pueblecito del Curdistán turco... junto al cual se había efectuado un desembarco de paracaidistas "anaranjados". Con una radio portátil, el bravo suboficial llamó al lugar del suceso a un batallón de soldados germanooccidentales, los que, como es natural, derrotaron por completo a los "anaranjados".

No estamos contando el disparatado argumento de una película militarista. Es un fragmento de un reportaje de la revista *Stern* (RFA), sobre las maniobras celebradas a fines de 1965 en el Curdistán turco. En esa región montañosa, próxima a las fronteras con Siria, Irak, Irán y la URSS, los estrategas atlánticos organizaron ejercicios militares del "comando de bomberos de la OTAN", formado con tropas de choque de diversos países. Los contingentes del comando equivalen, por su número, a una brigada del ejército. Un tercio se compone de efectivos seleccionados de la Bundeswehr, en los que sirve el invicto suboficial.

Por lo visto, algunos bonnianos siguen soñando con la marcha al Oriente. Con turbante o sin turbante, los aventureros germanooccidentales del "comando de bomberos de la OTAN" corren el riesgo de quemarse los primeros en el fuego del conflicto que no tendrían inconveniente en prender.

EE.UU.

Noche Vieja... y a pie

Cuando en la noche del 31, los neoyorquinos regresaban de los restaurantes o de casa de amigos a sus hogares vieron sorprendidos que el subterráneo estaba cerrado y que los autobuses no funcionaban. Los sindicatos del transporte habían

anunciado la víspera que si las autoridades no incluían 76 puntos suplementarios en el convenio colectivo antes de las 5 de la mañana del 1° de enero, declararían la huelga. Esos puntos se refieren a la reducción de la semana laboral, subida de salarios, concesión de las vacaciones, plusones por el trabajo nocturno, garantías contra el despido, etc.

John Lindsay, alcalde de Nueva York, se dignó negociar con los delegados obreros cinco minutos después de medianoche. Al poco se suspendieron las conversaciones. Michale Quill, líder de la Federación del Transporte, manifestó a los periodistas que las negociaciones habían fracasado por culpa del alcalde. Quill mostró también una disposición del tribunal en la que se le prescribía no declarar la huelga. Pero él rompió el documento a la vista de los presentes, exclamando:

— El alcalde y los mediadores quieren que trabajemos las 24 horas del día. Y nosotros nos negamos.

El documento hecho pedazos amenazaba con que, en caso de huelga, los transportistas quedarían bajo la acción de la ley Condon-Wedlin, que prohíbe la huelga a los contratados por el municipio. Conforme a esa ley, a los dirigentes sindicales les espera la cárcel y a los afiliados de base, el despido.

A pesar de ello, la prensa informa que han ido al paro cerca de 40.000 trabajadores y que la huelga puede durar un mes. Pese a las incomodidades que la huelga supone, las simpatías de los neoyorquinos están al lado de los huelguistas.

BELGICA

Aguinaldo

Un mes largo debatió el Parlamento la forma de cubrir el déficit presupuestario de 14.000 millones de francos. En nombre del grupo comunista, el diputado Marc Drumaux propuso descontar a favor del Estado el uno por ciento del capital (como impuesto adicional) a las personas que posean más de 10 millones de francos y a las compañías

Regalo a los racistas rhodesianos



Eccles en "Daily Worker" (Inglaterra)

cuyos haberes rebasen los 100 millones. Se trataba de un ligero aumento de la contribución a los ricos. También se sugirió disminuir las asignaciones militares, que han aumentado 250% desde 1949.

El gobierno resolvió tomar otro rumbo. Gaston Eyskens, ministro coordinador de las Finanzas y del Presupuesto, propuso elevar los impuestos indirectos e introducir otros nuevos.

La idea del ministro, como es natural, no le conviene al pueblo trabajador. En el Congreso extraordinario de la Federación General del Trabajo, celebrado del 16 al 19 de diciembre, se aprobó una resolución que rechaza los proyectos del gabinete. Muchas organizaciones provinciales del Partido Socialista, que integra la coalición gubernamental, impugnaron en sus conferencias la política financiera del gobierno.

A pesar de todo, los medios gobernantes sacaron adelante en el Parlamento su proposición por una insignificante mayoría. En vísperas

de las Navidades, el Senado refrendó el proyecto de ley.

Los economistas belgas calculan que ese "aguinaldo de Navidad" les costará a los trabajadores la friolera de 11.000 millones de francos.

RSA

Todo por el amor

En Durban se vio en diciembre un curioso proceso. En el banquillo de los acusados se encontraban un músico hindú de 23 años y una muchacha de 20, nacida en Alemania pero criada en una familia hindú de Durban. El es un hombre de color, ella blanca. Y este hombre de color osó fijar sus miradas en una blanca. Ella no dudó en corresponderle. Según las leyes racistas de la república eso es un delito, y el fiscal de Durban los ha encausado.

A los enamorados les esperaban largos años de reclusión, pero les salvó el ingenio de la procesada, que se presentó ante el tribunal ataviada con un *sari* y un signo rojo en la frente. La muchacha afirmó que no era alemana, sino hindú y exigió que el juez demostrara con documentos lo contrario.

El juez le dijo en tono amenazador:

— Usted sabe muy bien quién es. Deje de jugar con fuego. Se lo digo por su propio bien.

Ella no se arredró, y el fiscal no pudo presentar documentos que refutaran la declaración de la muchacha. Muy a regañadientes, el juez absolvió a los inculpados.

La valerosa joven reclama ahora ser registrada en la categoría de las gentes de color. Así podrá casarse con su novio. Ciertamente, eso significa perder virtualmente los derechos civiles y condenarse a la condición de paria. Pero, ¡qué no se hará por el amor!

FRANCIA

Defferre arroja el guante

El 28 de diciembre, seis influyentes socialistas dimitieron de sus cargos en el Buró Central de la SFIO.

Son Gaston Defferre, alcalde de Marsella y ex pretendiente a la jefatura del Estado; Georges Brutelle, ex secretario general adjunto del partido; Gérard Jaquet, ex director del *Populaire*, y personajes tan conocidos como Christian Pineau, Albert Gazier y Francis Leenhardt. La dimisión siguió a la negativa de la dirección de convocar, como exigía Defferre, un congreso extraordinario para discutir los resultados de la pasada campaña electoral.

Algunos periódicos franceses atribuyen la dimisión de Defferre y de sus correligionarios a la hostilidad personal del alcalde hacia el secretario general Guy Mollet. Pero la cosa es mucho más profunda. Se trata de la política del partido.

En el congreso, Defferre se proponía poner en tela de juicio la alianza de los socialistas con los comunistas en la consulta electoral. Es sabido que ya a principios de la campaña, el marsellés se esforzó por amalgamar, con el católico MRP y los socialistas, una federación centrista. La empresa no resultó y ahora Defferre se empeña otra vez en el

viejo proyecto. "Hay que poner en tela una formación política que nos permita tener una mayoría parlamentaria y una mayoría de gobierno", dice. Y esa mayoría no se consigue, según Defferre, más que por medio de una alianza de los socialistas con el "centro", que incluya al MRP y a otras fuerzas reaccionarias. O sea, una alianza sin comunistas...

Al chocar con la negativa de Guy Mollet y la mayoría del Buró Central de revisar la política de la SFIO, Defferre y su grupito abandonaron ostentosamente el Buró, esperando provocar una crisis y, como dice *Les Echos*, "trasplantar la discusión" a las federaciones de los departamentos.

El socialista *Nord Matin* comenta así la postura de Defferre:

"¿Qué es la significación política del centrismo si no el abandono formal, categórico de toda esperanza de unidad obrera? En el fondo, la peripécia de las dimisiones no hace más que esclarecer el verdadero problema: ser o no ser socialista, creer o no creer en la misión social de los trabajadores organizados".

Concurso de belleza en Bonn



Kudra Kucera en "Mlada Fronta" (Checoslovaquia)

Oleg GUERASIMOV

EN EL VIEJO

JERUSALEN

EN UNA HORA se va de Amman, capital de Jordania, a Jerusalén. De una plaza de Amman salen taxis de línea. Subo a uno de ellos en compañía de dos señoras, turistas de la RFA, y un jordano con una niña de negros ojos en brazos, rumbo a Jerusalén.

Tras la ventanilla se divisa la parda llanura, calcinada por el sol. Al cabo de unos kilómetros atravesamos la aldea circasiana de Naur, con sus casitas apretujadas entre sí. Terminada la guerra ruso-turca de 1877-1878, el gobierno de Turquía trasladó a los circasianos a estos parajes en calidad de colonos militares. Ahora los circasianos de Jordania forman una influyente minoría nacional y algunos desempeñan altos cargos oficiales.

Más allá, el camino desciende bajo el nivel del mar. Así lo asegura un gran tablero azul, sujeto al borde del camino. Junto a él se apiñan los turistas.

La ruta sigue descendiendo y, por fin, irrumpe en el vasto valle del Jordán. En la margen opuesta se columbran unos montes, tras los que se alza Jerusalén.

Junto al Jordán, cuyas aguas discurren tumultuosas entre las orillas de arena, tachonadas de sauces, tuyas y tamarices, un indicador advierte al viajero: "¡Alto! Servicio de Seguridad Nacional". Los autos aminoran la velocidad y se paran ante la barrera rayada que cierra el paso al puente. Policías, uniformados de negro, y soldados escudriñan el rostro de los pasajeros, pero al no advertir nada sospechoso permiten con un ademán desalentado continuar el viaje.

Hasta 1948 pasaba por el Jordán la frontera que separaba a Palestina

del reino de la Transjordania. Por lo visto ese puesto se conserva desde entonces. A nuestra derecha, pegado al camino, un pequeño cuartel achaparrado. Delante, un autopatrulla pintado a rayas. La larga antena —es un carro microonda— brota del guardabarros trasero del lado izquierdo; sobre el techo, un faro azul, que por la noche se ve a varias decenas de kilómetros. Luego vimos más microondas en el camino.

Por fin, rodamos por la vieja tierra palestina. A la izquierda, relumbran al sol las aguas aceradas del Mar Muerto, ubicado a 392 metros bajo el nivel del océano. A la derecha, destacan los jardines de Jericó: una esmeralda sobre el fondo pardo del desierto. Es el lugar más cálido de Jordania y en él maduran los plátanos y los dátiles. En el verano, el termómetro marca 50° centígrados; en invierno, los ricos vienen a estos lugares para gozar del calor del prodigioso sol.

Unos kilómetros más y el taxi asciende al índice 0 metros. Abandonamos el "fondo marino" y serpeando entre lomas peladas que surcan infinitos senderos de cabras y ovejas subimos camino de Jerusalén. Desde la carretera se ve el monte de los Olivos, una de las colinas que circundan la ciudad. La corona el alto campanario de un convento, llamado "cirio ruso". El convento y, cabe la falda de la colina, la iglesia de María Magdalena, rematada por ocho cúpulas, fueron edificados por oriundos de Rusia que aquí los llaman "moscovitas".

De la puerta de Damasco, una de las ocho que dan entrada al viejo Jerusalén, parte un alto paredón, tras el que se extienden la zona neutral

y el Nuevo Jerusalén, controlado por Israel. Ante la muralla, cerca de la puerta de Damasco, grupos de policías. Entramos en la zona militar. Un letrero advierte: "Se prohíbe hacer fotografías".

Por la estrecha puerta de Damasco vamos a parar al viejo Jerusalén, cuna de tres religiones: judaica, cristiana y musulmana. Con un tropel de turistas subimos lentamente los pedregales de una angosta calleja. A cada paso tropezamos con puestos de *souvenirs* y artículos de fotografiar, con oficinas de cambio. Centenares de miles de turistas visitan diariamente la villa, dejando en ella alrededor de tres millones de libras esterlinas al año. Para llegar al centro pasamos por los puestos de hortalizas del viejo bazar: enormes berenjenas, blanquisimas coles de Bruselas, colorados tomates, montones amarillos de naranjas. En las carnicerías, rojizas tajadas de cordero y de vaca. Flota en el aire el olor a especias.

Entre el gentío van y vienen monjes y sacerdotes de todos los cultos. Dos frailes franciscanos, enfundados en sus hábitos de áspero paño pardo, un grueso cordón atado a la cintura, caminan calzados con sandalias. Un negro, larga sotana y una biblia en la mano, lee con suma atención una tablilla sujeta a la pared en la que se dice que en este lugar cayó Cristo por la novena vez en su Vía Crucis, camino del Gólgota. Un cardenal —purpúreo solideo, negro manto y cinturón carmesí— acaudilla a un grupo de católicos. Ante unos musulmanes de rojos feces corretean bandadas de niñas de los colegios de los conventos, bajo la mirada severa de monjas de rostro macilento y aladas tocas níveas.

Por fin, salimos del laberinto del mercado y pisamos la plaza en que está el Santo Sepulcro.

Una puerta baja nos lleva al claustro del templo. Allí nos salen al encuentro varios guías. Atendiendo los consejos del prontuario turístico tomamos un guía y nos adentramos bajo las bóvedas.

A la derecha de la entrada prin-

cial, una empinada escalera lleva al lugar en que, según la tradición, Jesús fue crucificado. Este sitio se divide en dos naves: una pertenece a la Iglesia griega ortodoxa, la otra, a la Iglesia católica romana. En la cruzía ortodoxa brillan a la luz de los cirios los engastes de oro o sobredorados con que se cercan los iconos. La católica está ornada de mosaicos sobre temas bíblicos al estilo moderno. En una columna del muro que divide las dos naves, un alto relieve de la Virgen María, cuajado de piedras preciosas. De creer a nuestro guía, vale cerca de tres millones de dólares y fue costado por los fieles de muchos países del mundo.

Por unos escalones resbaladizos, descendidos por millares de pies, bajamos a un templo oscuro, impregnado del olor del incienso y de otras sustancias aromáticas. Sus bóvedas, ahumadas por centenares de cirios, se sostienen sobre andamios colocados por los ingleses en 1927 a raíz de un pequeño terremoto. En las columnas de mármol que se agrietaron se pusieron grapas forjadas. Hasta hoy no se han retirado los andamios ni las grapas, lo que da la impresión de un edificio a medio construir.

En el centro, una capillita. En su interior se conserva la losa de mármol bajo la cual se cree que dieron sepultura a Cristo.

La capilla pertenece a varias iglesias. En los días de fiestas religiosas se celebran solemnes ceremonias que a menudo acaban en colisiones entre los fieles de distintos credos.

Frente a la capilla, una gran sala de la Iglesia ortodoxa. En ella, cuatro iconos, de pintores moscovitas, con delicados engastes de plata, maravillosamente labrada. Cuando visitamos la basilica, en la sala había una urna de cristal con las reliquias de San Sava, que antes se conservaban en Venecia. A indicación del Vaticano, las reliquias fueron devueltas recientemente a un monasterio ortodoxo. Ese gesto se consideró como una prueba del deseo de la Santa Sede de hallar las vías de reconciliación con la Iglesia ortodoxa griega.

Cuando se sale del templo, en la puerta un monje entrega unos certificados que atestiguan que se ha ido en peregrinación al Santo Sepulcro.

Pasamos por la calle de David, dejando atrás tiendas y puestos, repletos de mercancías de todos los países del mundo, para ver las murallas de la antigua ciudadela. Aquí pasa la línea de demarcación entre la vieja y la nueva ciudad.

En una tienda atrajo nuestra atención un ventrudo samovar de cobre con los costados ornados de infinidad de medallas. Era de la fábrica Batáshev y fue hecho antes de la revolución en la ciudad rusa de Tula. Ocupaba el sitio más visible de la tienda.

— ¿Cómo se llama ese objeto en árabe? —le pregunté al dueño.

— ¡Samovar!

— No, dígame su nombre en árabe.

— Samovar es una palabra árabe, señor.

— ¿Donde lo fabricaron?

— En una ciudad rusa, cerca de Moscú, me parece que se llama Tula.

Vimos como lo compraba un turista italiano por 30 dinares jordanos, suma que equivale al sueldo de mes y medio de un obrero calificado.

El dueño resultó ser un hombre sociable.

— Yo no creo en Jesucristo, ni en Alá ni en Jehová. Pero me gusta Jerusalén. Aquí se puede vivir. No se ganará mucho, pero los turistas ricos no le dejan a uno morir de hambre, sobre todo vienen muchos de Italia y Alemania Occidental.

Al saber que éramos moscovitas deploró la escasez de samovares de Tula.

Luego descendimos a la plaza de Al Haram Al Sharif, lugar sagrado musulmán, que ocupa la sexta parte de la ciudad vieja. En su recinto hay varias mezquitas. Bajamos por una calle en escalera que en otros tiempos fue la falda del monte por el que Cristo cargó con su cruz de ciprés. Pasamos frente a la "sexta estación" del Vía Crucis. En este lugar se eleva la capilla de Santa Verónica.

Algo más abajo, varios talleres de artesanos que hacen candelabros y jarroncitos.

Llegamos a la "tercera estación". Aquí se alza la capilla de los católicos polacos. Antes había en ella unos baños turcos.

Los folletos acerca de Al Haram Al Sharif, comprados en la dirección de los Wakfs, sirven al propio tiempo de boleto para entrar en la plaza por la puerta de Bab en Nadir. En el recinto de la plaza se halla enclavada una joya del Islam, la mezquita Qobbat es Sakhrat (la Cúpula de la Piedra). Fue erigida entre 685 y 691 años de n. e. por el califa omeya Abdel Malek ibn Marwan.

Subimos con lentitud los blancos peldaños y, luego de descalzarnos, entramos en la mezquita iluminada por polímeros vitrales. En el suelo, una gruesa alfombra verde. La sala forma un inmenso octaedro sobre el que reposa una cúpula dorada. En el centro, la piedra de los sacrificios, rodeada de una reja de madera. Sobre esa piedra, Abraham se proponía inmolar a su hijo Isaac, según las Sagradas Escrituras. Desde esa piedra, el profeta Mahoma dicen que ascendió al cielo. Los cruzados, al apoderarse de Jerusalén en 1099, transformaron la mezquita en un templo cristiano y rodearon la piedra de una reja de hierro para protegerla de sus propios correligionarios que arrancaban trozos para venderlos a los peregrinos. El sultán Saladino tomó Jerusalén en 1187 y devolvió a la mezquita su pristino aspecto.

El sultán Al Malek al Aziz Ushm mandó construir la reja con maderas nobles. Los sultanes otomanos, soberanos de Jerusalén, no escatimaron los medios para enriquecer la mezquita. Hace poco, los gobiernos de los países árabes destinaron medios para dorar la cúpula, reparar vitrales, mosaicos y arabescos, raros por su elegancia y belleza. En ellos trabajaron famosos maestros y artífices de la India, Egipto, Marruecos, Turquía y otros países del Oriente. En lo fundamental, la reparación de la mezquita está terminada.

Merece mencionarse la mezquita de Al Aksa, también sita en la misma plaza. Sus proporciones rectangulares son impecables. Su estilo es más severo que el de Qobbat es Sakhrat. Dos filas de columnas dividen la larga sala en tres partes aproximadamente iguales. A través de los vitrales colocados muy alto, bajo el mismo techo, se filtra una luz pálida.

da. El suelo está cubierto de gruesos tapices. Grupos de musulmanes canturrean el Corán. Su calzado está puesto en largos cajones de madera junto a las paredes y las columnas. Frente al mihrab, hornacina que señala la dirección de la Meca, un árabe, tocado con un fez rojo y vestido a la europea, vigila atentamen-

te que los turistas no se acerquen a los orantes.

Abandonamos Al Haram Al Sharif por la puerta de Bal al Silsila y ya por camino conocido, pasando por la capilla polaca y el hospital municipal, nos dirigimos a la puerta de Damasco. A la salida, un barbudo ára-

be untaba de goma las piedras de la vieja muralla. Luego desenrolló un papel y lo pegó al muro. Era el anuncio del film soviético *El destino de un hombre*. En Jordania comenzaba el primer Festival de Cine Soviético. Mis amigos jordanos me dijeron que el film había tenido un éxito fantástico en Jerusalén.

Cartas

Quiero contarles los recientes sucesos relacionados con la isla Mauricio, una de las últimas colonias británicas en el Océano Indico.

En septiembre de 1965 se reunió en Londres la conferencia para tratar de la Constitución con asistencia de los líderes de los partidos políticos representados en la Asamblea Legislativa de Mauricio. Sus opiniones se dividieron: el Partido Laborista exigió la independencia y el Partido Mauriciano, la asociación con la Gran Bretaña. La conferencia acordó conceder la independencia a la isla después de las elecciones generales de 1966, si la mayoría de los votos eran en pro.

El 10 de noviembre, el ministro de Colonias de la Gran Bretaña declaró en la Cámara de los Comunes que, de acuerdo con los gobiernos de la isla Mauricio y de las islas Seychelles, habían comenzado los preparativos para la construcción de bases anglo-norteamericanas en el archipiélago de Chagos, que está bajo la jurisdicción de Mauricio, y en las islas Aldabra, Farquhar y Des Roches, con el fin de defender esta zona del Océano Indico. A continuación, el ministro dijo que la isla Mauricio recibiría por el archipiélago de Chagos tres millones de libras esterlinas de indemnización.

Acto seguido, tres ministros del Partido Mauriciano dimitieron por considerar insatisfactoria la suma y

exigieron que EE.UU. garantizaran, además, las compras de nuestro azúcar y que EE.UU. y la Gran Bretaña dejaran vía libre a los inmigrantes mauricianos. Cabe notar que el Partido Mauriciano no ha condenado los planes de construcción de una base atómica en el Indico.

La Unión de la Juventud Comunista, influyente organización política que tiene el apoyo de un 20% del electorado, está contra las maniobras de los colonialistas. Junto con las organizaciones adheridas luchamos por la independencia de la isla y la liquidación de las bases navales y atómicas de EE.UU. y la Gran Bretaña, situadas cerca de la isla y peligrosas para la paz en esta zona.

Rajalutchmy Sobroyen,
secretario general de la Unión de la
Juventud Comunista de Mauricio
Port Louis, Is. Mauricio

Los maestros de la escuela secundaria de Nurlati esperamos con impaciencia cada número de "Tiempos Nuevos". Muchos de sus artículos los utilizamos con frecuencia en las clases de Sociología y de Historia.

En el número 46, sección Cartas, se publicó una de Richard C. Ivey, de California, quien adjuntaba un cheque, pidiendo fuera enviado a la Cruz Roja de la República Democrática del Viet Nam con destino a las

víctimas de la guerra. Leí esta carta a mis alumnos, les hablé de la lucha que sostienen los norteamericanos progresistas contra la guerra sucia del Viet Nam. Nos fueron muy útiles los apuntes de Gueorgui Alexándrov sobre el proceso de Nuremberg (NN° 43-48). A mis alumnos les impresionó la tragedia de los niños soviéticos de Lvov, que sirvieron de blanco para los bandidos nazis de la Hitlerjugend. Eso nos hizo recordar las atrocidades de los soldados yanquis que asesinan a mujeres, ancianos y niños en el Viet Nam. Igual que los hitlerianos, los agresores norteamericanos tendrán que responder, tarde o temprano, por la sangre y las lágrimas de los inocentes.

I. Amínov
Nurlati, RSSA de Tartaria

Hace unos meses empecé a leer su revista, lo cual ha ensanchado considerablemente mi horizonte político.

Procuró conversar con mis amigos de lo que he leído en "Tiempos Nuevos".

La revista contribuye mucho a la paz. Me parece muy correcta su posición respecto al Viet Nam, Cachemira y Rhodesia del Sur. ¡Que siga "Tiempos Nuevos" en su lucha contra los enemigos de la paz!

James Oguezuonu,
Abakaliki, Nigeria

Heinrich BÜLL

Las memorias de Konrad Adenauer

SABER recordar es un arte; saber escribir también. Cuando ambas aptitudes se reúnen en un autor, éste emprende "la búsqueda del tiempo perdido". Salta de la cama a media noche, detiene al primer coche que encuentra y despierta a las duquesas para cerciorarse de cómo iba vestido cada una en aquel té de hace cincuenta años.

Konrad Adenauer no figura entre los autores de memorias de este género. No le tortura el demonio de los recuerdos, no le martirizan los demonios de la exactitud. Como desde 1945 no perdió el tiempo, ahora no lo busca. Sonó su hora, ganó tiempo y su tiempo llegó. Por eso se aplicó a disponer del nuestro. A partir de 1945 comprendió siempre que el tiempo no espera y no lo perdió en vano: estuvo en la entraña del tiempo, fue al compás del tiempo y hasta delante de su tiempo. El tiempo le favorecía y él marcó su impronta en el tiempo, debido a lo cual ahora no vivimos en nuestro tiempo, sino en el de él.

Quizá a eso obedezca la dolencia federal: hoy están amorriñados el canciller Erhard y cualquier intelectual. La RFA, con todo su poderío semejante a un cadáver desvalijado a mitad del arroyo, está cortada a la hechura de Adenauer. No será nada fácil reajustarla para que sirva a la talla de otros.

Para el profano en historia que ansía comprender cómo llegamos a esta indigencia, el primer tomo de Adenauer no es, a la postre, mala

f fuente de conocimiento. Pero me temo que muy pocos de los que lo comprenden lo lean hasta el fin.

El libro no cautiva al lector. Habría que reducir una buena tercera parte y, a lo mejor, hasta la mitad de él. Como el autor se remite consistentemente a documentos publicados y el lector tiene plena posibilidad de leerlos directamente, carece de todo sentido el exponer con seco lenguaje oficinesco estas o aquellas conferencias y sus actas, empleando sin cesar tediosas formas verbales tipo "tendría", "habría", "sería". Un buen redactor provisto de tijeras y lápiz rojo hubiese podido trabajar a fondo en estas memorias. Konrad Adenauer tiene asegurado ya el monumento sin ellas. ¡Para qué habrá tomado la pluma un hombre que tenía en la palabra su fuerza!

En fin, ¿quién leerá este libro? Espero que no sean únicamente los historiadores, a quienes la lectura les pondrá los pelos de punta. Incluso a mí, lego en historia, me saltan a la vista empavorecedoras lagunas: el programa de Ahlen, la reforma monetaria, el bloqueo de Berlín, los debates sobre la remilitarización, el asunto Globke. No sé lo que más se haya omitido. Se podría averiguar si dejaran entrar en los archivos y fuera posible una controversia libre. Espero que los filólogos y filósofos y, en primer término, los sacerdotes y los pontífices supremos de todas las religiones tomen inmediatamente contacto con esta fuente para discernir de quién es hijo espiritual aquél

Acaba de aparecer en la RFA el primer tomo de las memorias del ex canciller Konrad Adenauer. Abarca el período de 1945 a 1953 y es un intento de justificar la política interior y exterior de Bonn, en cuyo moldeamiento Adenauer fue protagonista. El libro ha sido muy comentado —más bien, criticado— en la prensa de la RFA. Reproducimos con algunas reducciones el artículo —quizá mejor sería decir el pasquín— del conocido escritor alemán Heinrich Böll publicado en la revista de Hamburgo *Spiegel* en diciembre último.

20431

20431

LIBROS

al que con tanta perseverancia y celo nos aconsejaban elegir y reelegir, de quién es hijo espiritual y en qué idioma habla.

Ignoro si los sacerdotes y pontífices supremos de los diversos cultos conservan aún interés por la ética. No está descartado, desde luego. En ese caso podría suceder que las primicias de Konrad Adenauer dieran en la lista de obras nocivas para los jóvenes. Pero admitamos que este entrenamiento en materialismo, oportunismo, pragmatismo y cinismo pueda ser recomendado a los jóvenes como método de forja moral, ya que en el turbio aluvión de esta árida y enjuta prosa emergen expresiones como "Occidente cristiano", "ideales cristianos". Y si el lector joven trata de inquirir qué es ese "Occidente cristiano" y en qué consisten esos "ideales cristianos" no descubrirá más que las siguientes tesis: la propiedad privada, un ejército fuerte para defender esta propiedad privada y el requisito de no ser socialista (sin hablar ya de comunista). A lo mejor, a algunos les basta con ese vino aguada de pío modo de pensar.

Con todo, el que lea el libro hasta el final se enterará de algo. Por ejemplo, ya en la página 13 del prefacio encontrará una frase digna de atención: "Nuestros actos y nuestros pensamientos los dirige la experiencia, que nada puede sustituir, ni siquiera el talento innato. Esto concierne ante todo a la política".

Es una frase que no resiste ninguna crítica. La refuta la actividad de un intelectual absolutamente inexperto en política llamado Vladimir Ilich Uliánov, que en 1917 hacía política en Petrogrado e impuso un viraje a la historia.

¡Y esta frase es poco menos que la revelación principal del prefacio del autor! Cuando, a renglón seguido, Adenauer —tan prolija como inútilmente— pretende demostrar que el marxismo y el nacional-socialismo pueden ser situados perfectamente en el mismo "tablero materialista"; cuando acusa a la Unión Soviética de carecer de bases éticas no hace sino manifestar su ceguera burguesa.

Porque al énfasis ético-social se deben los cuidados de la economía soviética, y la perturbada ideología racista no se asienta en el materialismo, sino en un turbio idealismo.

A él, a Adenauer, sí le es ajena toda idea de la ética, cosa que, lo reconozco, pasma, ya que es un cristiano tan ejemplar. Pero no le son ajenos ni el pragmatismo político ni la "materialización" de agudos problemas éticos. Si de algo no cabe duda es de que en las negociaciones era un *partner* endiabladamente molesto para los aliados occidentales. En los momentos peliagudos de las negociaciones, además de no recordar la conciencia, la perdía cuando lo consideraba conveniente. Por ejemplo, así fue en 1950, cuando McCloy y François-Poncet* le preguntaron si la policía alemana-oeste entablaría combate con la alemana-este y contestó que "sí" con "pleno convencimiento". De tal modo prefiguró el paso de la situación militar a la guerra civil.

Los buenos amigos de Adenauer deberían haberle disuadido de publicar este libro. Aunque su prosa se presta fácilmente a la reducción, las ideas fundamentales no se pueden expurgar. A pesar de todas las omisiones, este libro me ha descubierto bastante o más que bastante. Leo en la página 60: "La mayor parte de mis amigos del partido estuvo conmigo contra una nacionalización excesiva". ¡Qué flor encantadora es en este erial idiomático la palabra "excesiva"! Admira tanto como una margarita en el desierto de Gobi.

En la página siguiente leo una cita del punto 10 del programa económico: "Una propiedad privada moderada es una seria garantía para un Estado democrático. Todos los productores honrados tienen derecho a adquirir una propiedad privada moderada".

¡Oh, bienaventurado Hermann Josef**! ¿Qué podremos hacer con la propiedad privada inmoderada de los productores deshonestos? Quizá en los juicios económicos y político-sociales de Adenauer se pueda disculpar algo atribuyéndolo a ceguera

* Altos comisarios de los EE.UU. y Francia.

** Fraile del siglo XIII.

burguesa e ingenuidad. El problema consiste en si se trataba de ceguera burguesa e ingenuidad cuando se echaban los cimientos de la economía federal.

Cuando leo (página 207) que la nacionalización de la industria del Ruhr debió ser impedida, máxime porque millones de pequeños accionistas habían depositado sus ahorros en los valores, de nuevo he de invocar al finado Hermann Josef, al que erigieron en Colonia un conmovedor monumento, e implorarlo que me explique por qué, entonces, se podía desollar a millones de poseedores de libretas de ahorros con sumas iguales si no menores.

Los aficionados a un humor de cierto género, que dicho de viva voz es regocijante y leído se convierte en chabacanería inmundia, tienen en la página 228 ocasión propicia para deleitarse con ingeniosidades de esa especie que da náuseas.

Lugar de acción: el domicilio de Adenauer en Rhöndorf. Tiempo de la acción: el domingo 21 de agosto de 1949, el día del bautismo del primer gobierno federal después del triunfo en las primeras elecciones al Bundestag, en las que los democristianos obtuvieron 139 actas de las 402.

"Entonces planteé el problema —leemos en las memorias— de cubrir los puestos de presidente federal y de canciller. Me asombré cuando uno de los presentes me interrumpió y dijo que proponía mi candidatura para el cargo de canciller. Recorrí con la mirada a los presentes y dije: "Si aquí todos opinan lo mismo, acepto el cargo".

Pero la propuesta no pudo asombrar tanto al asombrado Adenauer, ya que escribe seguidamente: "Había preguntado ya a mi médico de cabecera si, a mi edad avanzada, podía aceptar este cargo siquiera por un año. El profesor Martini no emitió ningún temor. Consideraba que podía cumplir el cargo incluso durante dos años. Ninguno de los presentes hizo objeción alguna. El problema quedó resuelto, pues".

Aquí no sólo sería oportuno escribir un "ja, ja, ja" para que el lector supiera dónde tiene que reirse; aquí, cualquier maestro de escuela tomará el lápiz rojo, ya que se "cumplen"

órdenes y se desempeñan cargos. Pero aquí hay más materia para reirse. Sin transición ninguna sigue un texto no menos divertido:

"Entonces pasé a la elección del presidente federal. Como el segundo puesto en el gobierno pertenecía al grupo de los demócratas libres, propuse que el cargo fuera entregado al profesor Heuss. Alguien preguntó: "¿Supone el profesor Heuss que su candidatura puede ser presentada?" Tuve que responder que, por desgracia, aún no había podido hablar con el profesor Heuss. Como luego me contó el profesor Heuss, se enteró de todo por los periódicos. En calidad de argumento contra su elección, alguien arguyó: Heuss no es muy amigo de la Iglesia. Pero yo objeté: "Su señora es una buena cristiana y eso basta".

Ya en la expresión de "entregar cargo" se patentiza la idea adenauresca de la democracia, que debía ser confeccionada a su hechura. Es una vergonzante frivolidad, que ni siquiera hubiera sido oportuna en un boliche al discutirse la sustitución del segundo oficinista. Pero esta frivolidad adquiere tintes siniestros cuando miro una fotografía que ilustra el libro: Adenauer recibe el nombramiento de canciller de manos del hombre al que, como ha dicho, "entregó" el cargo de presidente. La solemne ceremonia quedó, pues, rebajada al nivel de barracón de feria. ¡Bendito aquél que, por lo menos, tiene una señora que es "buena cristiana"! ¡Muchachos, cásense con "buenas cristianas" y nada les estorbará llegar a presidente federal! Ese estilo de espectáculos entre vergonzosos e hilarantes, esa frivolidad en el trato con el Poder y en distribuirlo sin contar con nadie se ha afianzado evidentemente.

Dos temas fundamentales, mal o bien desplegados a lo largo de todo el libro: la difamación del socialismo en cualquiera de sus formas, a menudo incluso en contra de los "amigos del partido", que ya en la formación del primer gobierno trataron de incluir en él a socialdemócratas. Adenauer cortó estos intentos con maligna tenacidad, debido a lo cual no sólo paralizó, desangró, deshonró a las fuerzas que se le oponían en su partido, sino que causó un daño monstruoso a la socialdemocracia.

Segundo tema: el rearme o, mejor dicho, la carrera armamentista a toda costa, a costa de la bajeza y la perfidia, la carrera armamentista en contra de la voluntad y de los propósitos de Alemania, entonces adicta a la paz. Posiblemente no comprendiera el sesgo que tomaría la reforma monetaria, pero en cuanto al rearme lo comprendía todo. Cada político, desde luego, tiene derecho a utilizar el Poder para aplicar sus ideas. Lo peor no es eso, sino que Adenauer no chocara con ninguna resistencia ni por parte de los sindicatos ni dentro de su partido.

Los alemanes jóvenes pueden ir con la conciencia limpia y los mejores propósitos a Israel. Pero únicamente si ignoran que el 25 de enero de 1944, en el teatro de Poznan, Hitler informó a 250 generales de la Wehrmacht que el problema judío quedaría resuelto definitivamente en breve mediante el exterminio de todos los judíos, entre ellos, las mujeres y los niños. Sólo cinco de los 250 generales no aplaudieron esta información.

¿Cuántos de estos 250 generales había entre aquellos para los cuales Adenauer, a partir de 1950, reclamó con tanta tenacidad el excarcelamiento? Por último, Adenauer se permitió dar a Dulles y Conant* un cínico consejo: "No traiciono un secreto, les expliqué, si les comunico lo siguiente: el alto comisario británico me ha dado seguridades de que ninguno de los excarcelados provisionalmente por enfermedad volverá a la prisión. Los norteamericanos podrían también utilizar este sistema: poner en libertad provisional, por enfermedad, a los detenidos y luego no volver a considerarlos nunca curados".

Resulta que no tiene ninguna importancia si es culpable y en qué grado. Lo que cuenta es si aún es utilizable, si en el momento dado es, desde el punto de vista político, cómoda su culpabilidad o inculpabilidad. Desde luego, los señores Kaduk y Klehr** eran políticamente incómo-

* Alto comisario norteamericano en Alemania Occidental.

** Juzgados en el proceso de Oswiecim, oficiales de las SS.

do y ya no están utilizables. Pero, ¿qué bien cuando uno no se llama Klehr ni Kaduk, sino Globke!

En este libro abunda la vilceza, y hay que sentir pleno desprecio por el hombre y más aún por nuestro idioma para publicarlo sin sospechar hasta qué punto traiciona el estilo. La lectura de estas memorias estremece, ejerce un influjo nocivo, porque paraliza. Aturde, porque, a pesar de todos los intentos de callar, el autor, sin recelarlo, se denuncia.

Para mí está claro por qué Adenauer tiene tantos partidarios en la RFA. Hasta ahora era ventajoso juzgárselo todo a una sola carta, la occidental: ya pagan la ganancia y no piden por ahora la postura. Y así se puede seguir aún durante algún tiempo. Sobre seguro nadie puede decir cómo, pero se puede seguir.

Recuerdo la consigna de los últimos meses de la guerra: "Deléitense con la guerra, la paz será horrible". Se podría ofrecer a la República federal esta otra consigna: "Diviértanse, amigos, antes de que sea tarde".

INVITADO por **Tiempos Nuevos** ha estado en la Unión Soviética Stefan Engel, uno de los directores de la Orbis. Esta gran casa editora de Checoslovaquia publica libros, folletos y revistas en checo y otros muchos idiomas, así como postales y carteles. Nuestro huésped dirige la sección de la prensa periódica. A su cargo tiene 64 revistas de gran difusión en Checoslovaquia y tampoco ignoradas en el extranjero. La Orbis lanza también **Nova Doba** ("Tiempos Nuevos" en checo), que el 1º de enero ha cumplido quince años.

Stefan Engel nos facilitó algunos datos sobre las ediciones periódicas de la Orbis:

— Muchos soviéticos conocen nuestras revistas en ruso: **Checoslovaquia socialista**, **Cine checoslovaco**, **Fotografía** y **Odivani**, revista de modas. El éxito de estas publicaciones es una muestra del interés de nuestros amigos soviéticos por la vida de Checoslovaquia, interés, que, naturalmente, agradecemos.

Debo confesar que el interés es re-

cíproco: en nuestro país se sigue la vida del pueblo soviético y su punto de vista en los acontecimientos mundiales. Esa información nos la ofrece, particularmente, **Nova Doba**, cuyos materiales son con frecuencia reproducidos en los periódicos centrales y provinciales y transmitidos por radio.

Mezinárodní politika y **Revue pro mezinárodní vztahy** son publicaciones muy leídas en mi país. Aparte de ellas, que tratan de las relaciones internacionales, la Orbis edita otras especializadas en Historia y Economía.

Las inquietudes humanas son múltiples, y nuestra casa procura tenerlo en cuenta. Para los aficionados al cine, la literatura y la música publicamos **Kino**, **Film a doba**, **Melodie** e **Impuls**. El semanario **Ceskoslovensky rozhlas** ("Radio checoslovaca") tira 450 mil ejemplares; **Ceskoslovenska televize**, 280 mil. Editamos revistas para los amantes de la Naturaleza, los numismáticos, los aficionados a la fotografía y el arte, los es-

Edita Orbis

En honor a su nombre, Orbis, desde el primer año de su fundación (1921), se ha planteado no sólo difundir los conocimientos más diversos dentro del país, sino también informar de nuestra política exterior a otras naciones. De las 64 publicaciones de la Orbis, diez se editan en idiomas extranjeros. En inglés, sueco, italiano y francés aparecen **La vida checoslovaca**; en alemán, **Centro Europa** y **Nosotros y ustedes en el Centro de Europa** (destinada a Austria). Al lector africano le ofrecemos en inglés y francés **Solidaridad**.

Una publicación honesta y veraz se convierte en emisario de buena voluntad y de amistad, porque refleja no sólo el pensar y el sentir de los que la han hecho con sus manos y con su talento, sino el modo de pensar y sentir de todo un pueblo.

Stefan Engel nos pidió que transmitiésemos a los lectores de **Tiempos Nuevos** sus mejores votos de Año Nuevo.

21. La URSS sateliza el *Cosmos 101*.

♦ ♦ Washington. El Departamento de Estado confirma que las fuerzas armadas USA en el Viet Nam Sur han sido autorizadas a extender las operaciones al territorio de Camboya.

22. Se clausura la XX Asamblea General de la ONU. El último día es aprobada la declaración propuesta por la URSS sobre la no ingerencia en los asuntos internos de los Estados y la protección de su independencia y soberanía.

♦ ♦ Singapur. El Parlamento aprueba el proyecto de ley que proclama la República.

22—25. Moscú. Visita de una misión de buena voluntad de la República de Zambia, conducida por el ministro de Finanzas, Arthur Wina, y el ministro de Agricultura, E. Mudenda.

23. La Habana. Se firma el acuerdo soviético-cubano que amplía la colaboración en la esfera de la ciencia, cultura, radiodifusión, salud pública y deporte.

♦ ♦ ONU. En su mensaje de Año Nuevo, U Thant invita a la suspensión inmediata de las hostilidades en el Viet Nam.

♦ ♦ Congo Leo. El Parlamento de la provincia de Kwilu elige a Gizenga senador en el Parlamento Central.

♦ ♦ Brasil. El Instituto de geografía y estadística anuncia que el 1º de septiembre de 1965 la población del país ascendía a 82.222.000 h.

23—25. Moscú. Visita de Sardar Swaran Singh, ministro del Exterior de la India.

24. Moscú. Se firma el acuerdo soviético-rumano para 1966—1970 que prevé un aumento del intercambio comercial en 30%.

♦ ♦ La Agencia de Información del Viet Nam comunica que, el 21 de diciembre, las tropas USA emplearon sustancias tóxicas contra la población civil de las regiones liberadas del Sur.

25. Viet Nam Sur. A propuesta del FNL se acuerda el armisticio de Navidad.



Diciembre 1965—enero 1966

26. El gobierno camboyano protesta enérgicamente contra la autorización de Washington a sus tropas en el Viet Nam Sur para violar la frontera de Camboya.

♦ ♦ El mando norteamericano en el Viet Nam Sur ordena reanudar las hostilidades.

27. EE.UU. Con motivo de las Navidades, unos cien representantes del movimiento de la paz piquetean la residencia de Johnson en Texas, exigiendo el arreglo inmediato del problema vietnamita.

28. La URSS sateliza el *Cosmos 102* y el *Cosmos 103*.

♦ ♦ Moscú. Llega una delegación oficial del Irán, dirigida por Ali Nagdi Alihani, ministro de Economía, para culminar las negociaciones sobre la colaboración económica y técnica inauguradas en Teherán en septiembre último.

♦ ♦ Italia. Dimite Amintore Fanfani, ministro del Exterior.

29. El Partido Comunista Francés cumple 45 años. El CC del PCUS le envía una calurosa felicitación.

♦ ♦ Léipzig. XXII Conferencia obrera interalemana.

♦ ♦ Addis Abeba. Se inaugura la XV Conferencia Pugwash.

30. Rumania. XVIII aniversario de la República.

♦ ♦ Viet Nam Sur. El CC del FNL decide suspender las operaciones ofensivas durante la festividad del Año Nuevo, que dura del 20 al 23 de enero.

♦ ♦ El Cairo. Se firma un acuerdo comercial entre la URSS y la RAU para 1966—1970.

♦ ♦ Moscú. Asamblea pública en

conmemoración del VII aniversario de la Revolución cubana.

♦ ♦ 200 soldados thailandeses atacan un puesto fronterizo camboyano. Hay muertos y heridos por ambas partes.

31. República Centroafricana. El coronel Bokassa, jefe de las fuerzas armadas, da un golpe de Estado.

♦ ♦ India. Dimite el ministro de Finanzas Krishnamachari.

♦ ♦ La Asamblea Legislativa de las islas japonesas Riukiu, ocupadas por EE.UU., aprueba una resolución exigiendo restituir todos los derechos administrativos de la población.

1º. Nueva York. Huelga general del transporte urbano.

♦ ♦ Siria. Salah ed Din Bitar forma gobierno.

2. Tashkent. Llega A. Kosiguin, presidente del Consejo de Ministros de la URSS, que a petición del *premier* Shastri y el presidente Ayub Khan participará en la entrevista indo-paquistaní.

♦ ♦ Birmania. Se cierran todos los periódicos privados en idiomas extranjeros.

♦ ♦ Alto Volta. Con motivo de la huelga general, el gobierno declara el estado de emergencia y prohíbe los mítines y reuniones.

♦ ♦ Grecia. Elecciones municipales. Según datos previos, en la mayoría de los municipios triunfan los candidatos de la Unión del Centro y del Partido Demócrata Unido de Izquierda.

♦ ♦ Viet Nam Sur. Fuerzas norteamericanas de aerodesembarco emplean contra los patriotas el gas ciclon.

3. La Habana. Se inaugura la primera Conferencia Tricontinental.

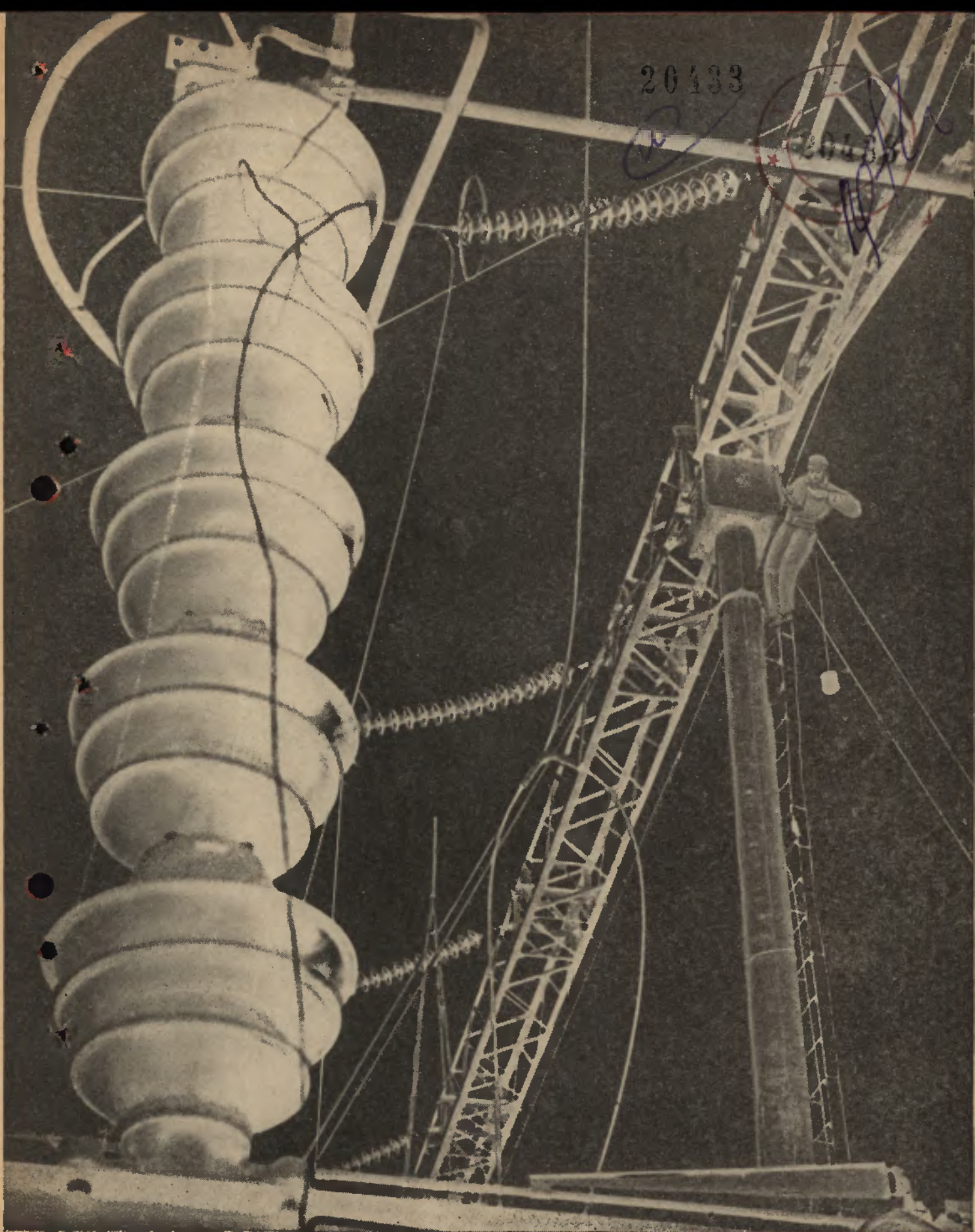
♦ ♦ Tashkent. Llega Lal Bahadur Shastri y Mohammed Ayub Khan que son recibidos por Alexéi Kosiguin y otros dirigentes soviéticos.

♦ ♦ República Centroafricana. El coronel Bokassa forma gobierno, reservándose la jefatura del Estado y del gobierno y las carteras de Defensa Nacional y de Justicia.

♦ ♦ Moscú. Acto conmemorativo del Día de la Independencia de Birmania.

Dirección postal:
Moscú K-6, URSS

Director: NATALIA SERGUEIEVA
Subdirectores: V. Berezhkov, L. Sedín y N. Slútsker.
Consejo de redacción: I. Andrónov, L. Bezimenski,
P. Efimov, V. Listov, Irina Trofimova y D. Volski.



20433

20433

En la subcentral distribuidora de la planta atomoeléctrica de Novo-Vorónezh.

Foto V. Ajlómov

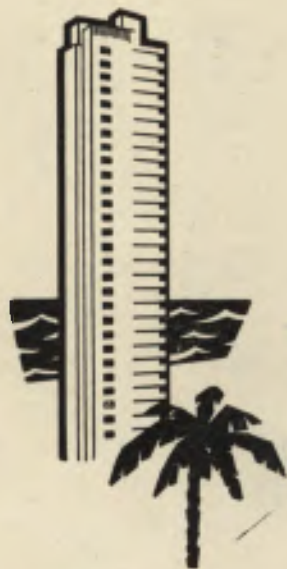
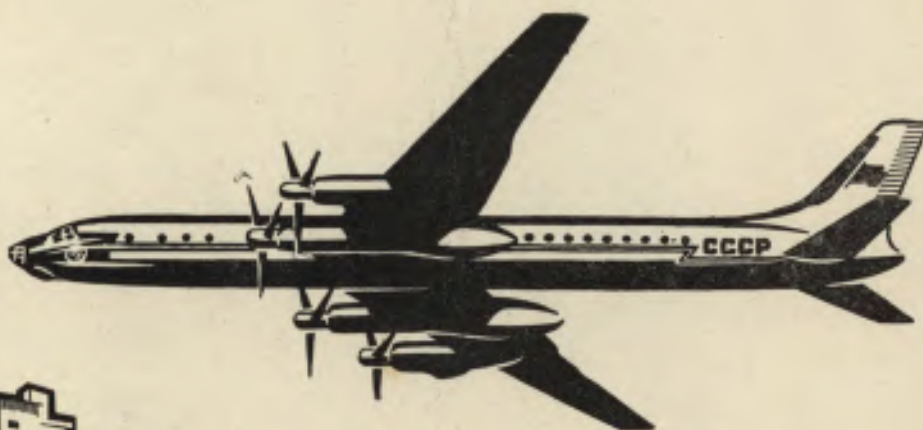
Aeroflot

MOSCU—LA HABANA

*La línea intercontinental
más larga del mundo.*

11.000 kilómetros en dieciséis horas.

Vuelo sobre cuatro mares y un océano
a bordo del gigante TU 114.



Máximas comodidades, platos nacionales rusos, vodka,
coñac, vinos, cigarrillos de las mejores marcas.

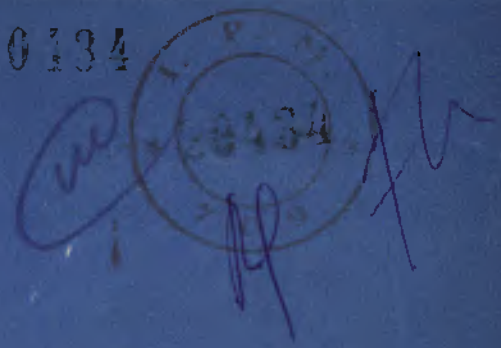
UTILICE LOS SERVICIOS DE AEROFLOT

Solicite detalles a las agencias de Aeroflot e Inturist.

En Moscú: plaza de Sverdlov, Hotel Metropol. Teléfo-
nos 23-58-35 y 28-89-19.



20134



NEW TIMES

A WEEKLY JOURNAL OF WORLD AFFAIRS

1

THE TESTIMONY OF THE DECADES

R. Selucky: Impressions of the Soviet Union

Rockwell Kent: The American Intellectual

Dyson Carter: A New Year Fantasy

JANUARY 1

1966

NEW TIMES

wishes all its readers

A HAPPY NEW YEAR

NEW TIMES

Founded 1943

A weekly journal of world affairs
published in Russian, English, French,
German, Spanish, Polish and Czech
by Trud, Moscow.

Foreign-language editions
identical with the Russian.

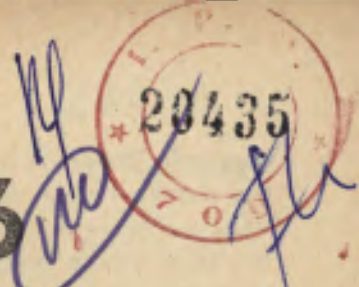
No. 1

JANUARY 1, 1966

Contents

1966	1
The Testimony of the Decades, by A. Leonidov	3
Revisiting the Soviet Union, by B. Selucky	13
American Intellectuals and the Problems of War and Peace, by Rockwell Kent	16
Current Comment: Tricontinental Conference ● Erhard-Johnson Talks ● Changes in Damascus ● Another Coup in Dahomey	17
From the Mail-Bag	24, 28
Cuba at Work, by V. Silantyev	20
Bulgaria's Economic Reform, by V. Shabunina	22
Hindustan Impressions, by I. An- dronov	25
International Notes	27
Gravar Reveals the Future (A New Year Fantasy), by Dyson Carter	29
Where the New Year Begins, by J. Shur	31
New Year in Japan, by Yumi Katsura	32

20435
1966



WITH the coming of each new year we all of us wonder what it will bring. Making New Year forecasts is among man's most ancient customs.

Alas, though we live today in the age of science and technology, we do not yet have a "time machine" that could carry us at least a year or, say, six months, forward. What 1966 has in store for us is concealed from our gaze. We cannot tell precisely what developments await us in the coming year, but we should at least know what we want it to be like.

If people, wherever they may be, were asked what they expect of 1966 most of all, almost all of them would say: the end of the war in Vietnam.

The demand to end bloodshed in Vietnam is world-wide. The Secretary-General of the United Nations opened his New Year's message with it, and it is written on the streamers carried by demonstrators all over the world. World opinion is certain the Vietnamese will overwhelm all the enemies of their freedom and independence. In our time, attempts to suppress the revolutionary national-liberation movement are doomed to fail. With each day it is more and more evident that the war in Vietnam, let alone its escalation, is adding tension in world affairs, retarding the solution of urgent international problems and making the threat of a universal conflict more real.

It is not going to be simple to win peace in Vietnam and realize the legitimate aspirations of the Vietnamese, who have been fighting for freedom through the lifetime of a whole generation. The American aggressors, it appears, are prepared to fight on through the new year and, for that matter, through the coming decades. The *Washington Post* wrote late in December that the latest Pentagon documents on Vietnam estimate that hostilities will last 20 to 30 years. Not very likely! With the help of their friends in the socialist camp and with the support of progressives the world over, the people of Vietnam will frustrate the bloodthirsty U.S. imperialist designs. People all over the world are bound in honour to put a stop to the fighting in Vietnam in this new year, that the Vietnamese might write a glorious finis to their gruelling fight for freedom.

We would also like to see in 1966 the end of the last remaining focal points of colonial slavery. We would like to see all racist regimes crumble to dust. Ian Smith's

regime in Rhodesia, for one, should not survive the coming twelve months. 1966 must see the Yankee interventionists go from the Dominican Republic, whose people have a right to shape their own destiny. On all continents, fresh success must come to the patriotic struggles for national independence, democracy and social progress.

Mankind is entitled to expect practical steps this year towards a normalization and improvement of world affairs. Earnest preparations are expected above all for the world disarmament conference which the recent 20th U.N. General Assembly has scheduled for 1967 at the latest. The idea of non-proliferation of nuclear weapons must be made a reality and that means putting an end to all the Western schemes of giving the Bonn revenge-seekers access to nuclear weapons. It is essential, too, that all states, and above all the great powers, adhere rigidly to the principle of non-interference in the domestic affairs of other states, recently reaffirmed by the United Nations.

In a nutshell, in 1966 we all want the world to return to the path of détente, with the cold war ending and world trade and cultural, scientific and technical co-operation flourishing among the nations, though, to be sure, this list of New Year's wishes does not cover all the hopes mankind cherishes as it enters the latter half of the sixties.

The aforesaid is not a New Year's fantasy, nor a pipedream. The aims listed above are more or less feasible. With adequate effort they can be achieved in 1966. With the present correlation of world strength, much can be attained in the fight for peace and for a stop to imperialist aggression, and in the matter of sweeping out the remnants of colonialism. Some of the goals may, it is true, take more than a year to reach, but that does not alter the matter.

What ought to be stressed is that the new year begins with good auspices. A tricontinental solidarity conference, one of the most ambitious attempts to create a common Afro-Asian and Latin-American front of anti-imperialist struggle,

opens in Havana on January 3. India's Prime Minister Lal Bahadur Shastri meets President Ayub Khan of Pakistan on January 4 in Tashkent to search for ways and means of settling the India-Pakistan conflict. It would serve no useful purpose to make predictions here about the outcome of this important meeting, initiated by the Soviet government. It is promising enough that the new year begins with an earnest effort to adjust by peaceful means a dangerous source of tension in Asia.

The Soviet people are entering 1966 with a sense of buoyant anticipation. It is the year of the Twenty-Third CPSU Congress, the first year of the new Five-Year Plan, the year when important measures to expand agricultural and industrial production, launched by the March and September (1965) Plenary Meetings of the CPSU Central Committee, will begin to yield fruit.

In socialist society, long-range economic plans are, in a way, the "time-machines" that lift the veil from the shape of things to come. For this reason Soviet people are understandably fired with interest in the Twenty-Third Congress which is to discuss directives for the coming five years. The economic plan for 1966, passed a few weeks ago by the Supreme Soviet of the U.S.S.R., is evidence of the truly staggering resources of the Soviet Union. It demonstrates, too, that the Soviet people are equal to the enormous historical tasks of our time.

The Twenty-Third Congress, less than three months away, is sure to open up new breathtaking prospects of communist construction in the U.S.S.R. This is why the Soviet people are ushering in the new year with deep confidence.

They are conscious of the dangers that loom over the world today. But they know, too, and better than anybody else, the immense potential of the forces opposing the imperialist policy of aggression and war. In the new year, hand in hand with the other socialist countries, the Soviet Union will do everything in its power to secure success for the historic battle of the peoples for peace, democracy and socialism.

20436

20436

A. LEONIDOV

The Testimony of the Decades

Five New Year Balance-Sheets

CAN one draw up yearly balance-sheets of world affairs? Some people doubt it. In one way they are probably right. History will not fit into the book-keeping calendar. Sometimes it takes decades for the ledger of world politics to show a serious change in the balance. More happens in the world in a few weeks or even days at times than does over years at others. In times of revolutions or wars the tally may change from hour to hour.

In peacetime it often seems as if nothing much has changed in 12 months. Everything appears to be pretty much as it was before. Some Minister or other important man of this or that nation has died or resigned; some other has been newly appointed; the old discussions and arguments have gone on, perhaps in a variant form; this and that international meeting has been held. But as to any major shifts in one or another direction, none have been observed. There seems to be no reason to seriously reassess the balance.

But then comes the auditor, he scrutinizes everything over again, and what emerges is that the appearance was deceptive. There are changes, after all. Beneath the surface of the international political scene there are important processes going forward and tomorrow they will be apparent to everyone. The point is to try *today* to "see the world inwardness," to brush all that is secondary and irrelevant aside and concentrate on essentials.

1925

A restless, feverish world. Seven years since the end of the first world war, which shifted everything

Still, it is easier to catch history's trend if you view it from a tall observation tower and cast up its balance for decades, not years. This type of book-keeping is always surer, of whatever camp the political book-keeper may be. When developments are evaluated over decades, one can count with fair confidence on the secondary and irrelevant dropping into the background of itself. The observer is not misled then by temporary fluctuations and chance, random things of the moment. It stands out much more clearly, much more distinctly what history basically wants to say, where the world is moving. With this approach it is not ruled out that even myopic eyes will begin to see and deafish ears to hear a thing or two.

That is why, in surveying the year now ended and, still more, what lies ahead for us all, we want to go not only by the last 12 months but turn much farther back in the international ledger of events. How far? Well, for a person of the older generation, for a man of 60, let us say, his conscious political experience presumably began in the twenties. Let us try to trace what he observed on the world scene in the decades ending 1925, 1935, 1945, 1955 and, lastly, the just completed year 1965. We go back and recall.

around on the international chess-board. The West believes that, in spite of the revolution in Russia,

nothing has really changed essentially. The game is going on the same old way, it feels only that the pieces now stand on new squares.

Four capitalist empires—Britain, the United States, France and Japan—won the war over the other two—Germany and Austria-Hungary. They seized tremendous spoils and now, in 1925, are still trying to somehow divide up the world between them. But the thing won't go, and no new balance between them ever does get established. The victorious great powers just don't seem able to set things to rights and tranquillize Europe and Asia.

Britain would appear to have achieved the dearest aims of her centuries-old policy. Her empire now stretches practically unbroken from Capetown to Cairo, from Cairo to Baghdad, from Baghdad to Tibet and China. Never has British imperialism attained such heights—not under Pitt, not under Palmerston and Disraeli, not under Gladstone and Salisbury. But, it turns out, this unequalled super-empire, this British "new Rome," is *shaking all over*. In India, hub and kingpin of the whole system, the flames of the national-liberation movement are already enveloping the imperial edifice from top to bottom. This year 1925 sees the death of Lord Curzon, one-time Viceroy of India, whose whole life was devoted to the dream of establishing the power of the British Crown over the Asian continent. Also, India gets a new Viceroy—the Tory M.P. Edward Wood, subsequently Lord Halifax, Britain's Foreign Secretary in the Munich days. To the

presidency of the Indian Legislative Assembly is elected, almost simultaneously, one of the leaders of the National Congress Party, which is fighting British rule.

The flames are kindling irresistibly in other parts of Asia, and in places in Africa too. In China Sun Yat-sen, founder of the liberation movement, dies. But his followers attack all over the country. In Shanghai, centre of the colonial positions, there is a general strike. In Hongkong and Canton a strike lasts sixteen months, the longest in the history of the world labour movement. A National Revolutionary Government is set up in Southern China.

In Egypt, the notoriously ruthless Lord Lloyd is appointed in 1925 to be Britain's High Commissioner. He installs the obedient reactionary government of Ziwar Pasha, but the popular struggle against the British and their henchman King Fuad continues to mount here too. British Governor-General Lee Stack is assassinated in the Sudan. The empire is quaking.

The East is a seething cauldron. But that is not all. There is cause for alarm in Britain herself. The government in London is composed of tried and tested reactionaries. The Prime Minister is the Tory leader, steel monopolist Stanley Baldwin; at the Treasury is Winston Churchill, at the Foreign Office—the monocled anti-Sovieteer Austen Chamberlain, at the Ministry of Health—his brother, future Munich Premier Neville Chamberlain, at the Air Ministry—another Munichite-to-be, Samuel Hoare. Austen Chamberlain receives this year the British imperialists' highest decoration, the Order of the Garter. Two years hence he will be sending Chicherin in Moscow his famous provocative Note and breaking off relations with the Soviet Union. All these men, who think themselves the lords of the earth, look confident and assured, as their predecessors were for centuries. Actually, they are in a dither. Britain's



New Year: "Help! There's no place to land here!"

Boris Yefimov (Moscow, 1927)

mining villages are unquiet. In a few months the storm of the General Strike will be breaking.

Matters are no better in the other countries that in 1918 dictated the Peace of Versailles to their vanquished adversaries. France is having a game of Ministerial musical chairs and a financial crisis. The Premiership is held in the course of the year first by Herriot, then Painlevé, then Briand. All of them search convulsively for a solution to the domestic and external difficulties, fail to find it, and get their congé. The people laugh, but not always merrily. The French colonial empire is quaking like the British. Things are bad in Indo-China, bad in Syria, bad in North Africa. France's "toughest" war lords are sent to rule over Morocco: first Marshal Lyautey, then Marshal Pétain. But even so the leader of the Riff tribes, Abd el-Krim, dares to raise a revolt; this year he routs the French.

In Japan the chief reactionary party, the Seiyukai, chooses as its leader in 1925 a Baron Tanaka, Prime Minister two years hence and author of a secret memorandum which proclaims the conquest of Asia the im-

mediate aim of Japanese policy. "If we can get China," that memorandum says, "all the other Asian and South Sea countries will fear us and capitulate before us. . . . With all the resources of China at our command, we shall go on to conquer India, the Archipelago [Indonesia], Asia Minor, Central Asia and even Europe. . . . The programme of our national growth evidently necessitates crossing swords with Russia again. Until that submerged reef is got out of the way, our ship will not be able to make rapid headway."

Such is the future as pictured in Tokyo. Tanaka's ship makes ready to sail. Japan is to attack China, the Soviet Union, the United States. How will the voyage end? Western capitalists foresee no particular changes in the Japanese Sea and the Pacific. Things are just jogging along, they believe.

In Italy there continues to storm and bluster a new would-be arbiter of world affairs: the world's first fascist, Mussolini, who appeared on the surface three years ago. He too intends to build an empire, one embracing the Mediterranean and half of Africa. They call him the new Caesar, and when haranguing his Blackshirts he puffs out his cheeks so that to them he does look great. So far he is only preparing, busying himself mostly with murdering anti-fascists at home. The puffed-up dictator still has time. It will be another twenty years before he is shot and hanged by the feet by Italian anti-fascists.

In Germany, on the other hand, all seems quiet. President Ebert dies—one of the Social-Democratic leaders who after the overthrow of the Kaiser in 1918 gave back power to the old Prussian war lords and the financial oligarchy. Now the Social Democrats get the sack. The man picked for the new President is the ultra-Right Fieldmarshal Hindenburg. Eight years from now he will be appointing to the Chancellorship a man by the name of Hitler. In

1925 there is little talk of Hitler. He is newly out of prison and has just this year put out a book called *Mein Kampf*. Western politicians feel that after the flasco of his "beer-room putsch" in Munich two years ago Hitler's career is finished, and that Weimar democracy is going to flourish in Germany. So there is nothing to worry about.

But what of the richest and most stable of the empires of capital, what of America? No changes to speak of here, though as usual plenty of fuss and noise. The President is the lawyer Calvin Coolidge, noted for two things. First, that under him America attains the summits of "prosperity," which Washington declares will never end: the Golden Age, it says, has started for Americans. How long before America is hit by the biggest-ever economic crisis, which will paralyze her entire economic life and throw 13 million jobless into the street? Four years.

Secondly, President Coolidge is known for his silence—he never says anything. That's the way he is photographed, too, with mouth shut tight. Especially silent is he when the secret doings of Big Business come to light. America is still talking in 1925 about the details of the Teapot Dome scandal, in which oil magnates Sinclair and Doheney robbed the nation of tens of millions of dollars, with members of the Administration directly involved. But then, that sort of thing is not new. Mustn't encroach on the freedom of business.

A still bigger talking-point, however, is a sensation in the sphere of American culture: the famous "Monkey Trial" in the state of Tennessee. Here a school-teacher is on trial for the crime of having told his pupils Darwin's theory that man is descended from animals, not from Adam. He is found guilty, and the State Text-book Commission decrees that "none of the animals is to be thought of as the source or origin of the human species." That settles the matter,

Adam defeats Darwin. Mustn't encroach on the freedom of American culture. Americans have been told what they are to think. In the offices of the State Department, meanwhile, plans are already being drawn for that future time when the U.S. decides to take control of the world's destinies and everyone in the world will be recommended to think as Americans do.

Is that all there is to say about the old, capitalist world in 1925? No, it isn't. In the opinion of Western newspapers, a decisive step is taken this year towards making peace in Europe absolute. Britain, France, Belgium, Italy and Germany solemnly sign the Locarno Treaty, whereby Germany, France and Belgium undertake not to attack each other but settle all their disputes by peaceful means, and Britain and Italy guarantee it. Germany is to be admitted to the League of Nations, and British and French troops are to be withdrawn from the Rhineland, occupied after the war. The Rhineland is to be demilitarized.

A sensation in all Western capitals. Locarno is proclaimed "the start of a new era in world history." The Number One problem of European politics, the traditional conflict with Germany, is declared settled—settled for good at last.

How long before Germany scraps the Locarno Treaty and Hitler's troops march into the "demilitarized" Rhineland? Just over a decade. How long before Hitler attacks France, Belgium and Britain? A decade and a half. But the West is persuaded that the cardinal internal difficulty of the capitalist world has been overcome and that ahead lies the realm of the "spirit of Locarno."

Against whom is the edge of that realm intended? Against a state that appeared on the map of the world only eight years ago—Lenin's socialist state.

The old world not only hates—as it has hated from the first day—this

strange state which it cannot understand. It still refuses to take it seriously. It sends its government peccoring, provocative Notes, presents it with ultimatums, bars it from international conferences, keeps it out of the League of Nations, predicts year after year that it will collapse and disappear. But it is already plain that, so far from disappearing, the socialist republic is, on the contrary, gaining strength and stability. How and why, the Western politicians cannot explain. They don't know.

Only five years ago the Soviet Republic, surrounded on all sides, was enduring a siege which these same quarters opined it could never break. So astute an imperialist politician as Churchill believed that strangling Soviet power in the cradle would be simple enough. Yet the baffling new state is not only alive and breathing but has emerged on the world scene with an entirely new, audacious programme of international relations. That programme centres around one thing: the idea of lasting peace on the basis of equality of all states and freedom and independence for all peoples.

At the Third Congress of Soviets in Moscow in 1925 it is announced that the industrial output of this country ravaged by the world war, the civil war, famine and economic dislocation already stands at 70 per cent of prewar, and agricultural output at 72 per cent. Its budget now for the first time has no deficit. It launches on socialist industrialization of the economy. The Soviet policy of peace and equality for oppressed peoples evokes a response in all countries of the world. The growing strength of socialism is obvious. But all this still fails to make any impression on the politicians of the West. They will not believe what they see. They fear communist ideas like the plague, but to recognize the Soviet state as a new key piece on the international chessboard is something they stubbornly refuse to do. As yet that state has neither giant-

ic industries, nor advanced technologies, nor super-modern weapons of war. It is still alone on the diplomatic scene; among the states of the world it has not one ally.

So stood the tally as 1925 went out. It seemed to many at the time that it was by no means clear, that nothing very much had happened in the twelve months. But now, forty years later, each and all of us can say that actually there was nothing unclear about the 1925 balance-sheet. What it amounted to was this.

All was changing in a world that had gone through the fires of World War I. Above all, the balance between the main forces in it was changing quite rapidly. The old was losing ground, even if this did not always strike the eye. The great capitalist empires still continued to celebrate their recent Pyrrhic victo-

ries and to believe themselves eternal and all-powerful. But their power was steadily waning, their accumulated assets of centuries shrinking, their liabilities increasing. The new was advancing. Despite all obstacles and furious resistance, socialism was gaining in strength. Simultaneously another process was going on. Unevenly and painfully, at a tremendous cost, but steadily for all that, the national-liberation movement of the oppressed peoples was gaining momentum. Neither of these forces could possibly be stopped. From the standpoint of the historian who wants society to progress, the over-all balance for 1925 was favourable.

We leaf on through the ledger of world affairs and stop at the entries made ten years later.

1935

Everything has again shifted around on the world scene, and it looks as if an entirely new reckoning had to be made. Those who ten years ago were the victors and dictating to others stand in dismayed confusion. Whereas then the world's foremost capitalist power was indisputably Britain, now Germany, so recently down on her knees, openly and rudely lays claim to the place. Ten years ago it was Curzon and Churchill who counted themselves the strongest of the strong. Now the nazi rabble-rouser Hitler, that common-or-garden adventurer of yesterday, is getting ready to be dictator of the world. Soon the ovens will be smoking in the death camps with which he means to cover the whole earth. And right now the Wehrmacht is arming, without any pretences whatever, in full view of all.

Germany introduces conscription in this year 1935. Hitler appoints himself Commander-in-Chief of his

blitz army, numbering 36 divisions for the present. In six years' time the number will be 205. The Luftwaffe, as Hitler tells British Foreign Secretary Simon, is already as large as the British air force and will soon be several times its size. On the seas Germany is catching up with Britain in submarines, a weapon especially dangerous to the British Isles. The German war lords suddenly stop grovelling before the British and French; they do what they like now and are themselves starting to dictate. The British and French generals don't know what to do.

Hitler does not lose an hour. In Germany medieval racialist laws are imposed; Jews are deprived of citizenship and some are already herded into camps. The brown web is enmeshing other European countries too. Vienna will be seized by the nazis in three years' time, Prague in four years'. In Rumania there are

racist riots, in Hungary the fascist Gömbös is in power, in Spain the Franco coup is in the making, in Italy Mussolini announces the campaign against Ethiopia. In Japan the frenzied war lords, after seizing Manchuria, proceed to overrun the Northern provinces of China.

Everything rocks in the capitalist world. Fascism is at the gates! Where is the "spirit of Locarno," supposedly guaranteeing peace, which hovered over the earth only ten years ago? People do not even laugh at the phrase any more. Clearly, all the old policy patterns have to be scrapped. In five years Hitler will be master of Paris and will be standing at the sea approaches to London.

But the diplomatic departments in London, Paris and Washington again refuse to believe what is there. They are too preoccupied with something else: how to make a deal with Hitler, to butter him up, to buy him for their ends? They think it can be done pretty easily: all that's needed is to make him a present of the Soviet Union. And that's the plan they are working at.

British Foreign Secretary Simon goes to Berlin for talks with Hitler. By way of a smokescreen Lord Privy Seal Eden is sent at the identical time to Moscow. At the Stresa Conference Simon flatly turns down the idea of future sanctions against Germany, which has reintroduced conscription and thus violated the Versailles Treaty. A few weeks after that, Britain signs a naval agreement with Germany which gives Hitler's admirals a free hand. The Fuehrer comes to the conclusion that when he orders the Wehrmacht to break into the Rhineland soon after, the West will not lift a finger. And he is right.

In France the pro-fascist Laval, who will be shot after the war as a traitor, becomes Prime Minister. With Simon's successor at the British Foreign Office Hoare, he conceives the "Hoare-Laval plan," which de-

Handwritten initials and scribbles over the number 20438.

livers Ethiopia to the tender mercies of Mussolini. Also at this time, Britain and France "passively" abet Japan in her aggression against China.

Pro-nazis stir in the United States, where Roosevelt has recently become President. The country has 12 million jobless, the national debt has reached the fantastic sum of \$30,000 million, and Roosevelt is doing what he can with his "New Deal" to shore up the tottering economy. He is no believer in a deal with Hitler. But against the President are some of the top men of the American financial oligarchy, notably those who are connected with the German war contracts and hope like them to get huge arms contracts out of another world war. Their man Herbert Hoover, the previous occupant of the White House, attacks Roosevelt, whom he denounced as a "violinist of the Constitution." Behind the scenes the agents of Hoover and of the DuPonts and Rockefellers aid and abet Anglo-French diplomacy in its intrigues with the nazis.

Everything in the West is headed one way—towards Munich; everything is directed to one end: to clear the way for revanchism and fascism, to work it so that Hitler and his allies shall attack and destroy the socialist power. And what does that power undertake on the international scene in 1935?

It insistently places on the order of the day one urgent project: a collective security system. It wants that system applied in the event of any aggression whatever, in any part of the world, from any quarter; against anyone whatever, in defence of anyone whatever. "Peace is indivisible," says its Foreign Affairs Commissar Litvinov.

The Soviet Union demands collective action against Italy's assault on Ethiopia, collective action against nazi Germany's revanchism. Even though the Soviet government was not a party to the Locarno Treaty, it declares itself ready to participate "in all measures which may be pro-

posed to the Council of the League [of Nations] by the Locarno powers and which are acceptable to the other members of the Council." Hitler's way can still be barred. But they will not listen to the voice of the Soviet Union. In three years' time, the Munich surrender is signed.

This time too the year's balance is characteristic. This is our second spot-check. Everyone of the older generation remembers these events

or must at least recall them. On the surface the record of 1935 looks as if things stood quite otherwise than in 1925. It appears to alter or even cancel the conclusions of the mid-twenties.

It that really so? In whose favour is the 1935 balance? In the Munich-men's favour? In Hitler's? In favour of the old imperialist world?

Wait and see, history answers and moves on—moves on as it wants.

1945

The end of World War II, the unconditional surrender of the "invincible" Wehrmacht, the unexampled collapse of the "thousand-year" Third Reich. Within a few days fas-

cism seems to dissolve into thin air, as if it had never been, as if the greater part of Europe had not but yesterday lain under its heel. History has answered those who believed



Exhorting the Finni
Boris Yefimov (Moscow, 1938)

that in the mid-twentieth century mankind would have to go ages back.

Skeletons supposed to be people stagger out of the death camps. Hitler, Goebbels and Himmler commit suicide. Goering will be following suit. Ribbentrop, Keitel and Streicher will be hanged, Hess sentenced to life imprisonment. The nazi "Nibelungs" end up without any glamour, without the mysteries of Valhalla, without Wagnerian music, like vicious common criminals.

Surely, there has long been no better, more radiant year for humanity. The world has been saved. Its worn-out, tormented inhabitants prepare for a new, real life, one that many had ceased even to think of, a life without wars, without fear. Now, after the overthrow of fascism, who will dare to imperil peace?

But at once it emerges that the thing is not so simple. It is too soon to sit back. There is a new aspirant to world dominion: the power that possesses the atom bomb.

In the hands of the U.S. is a new weapon that might have been thought up by H. G. Wells himself. Washington considers that no one else will or can have this fantastic weapon for a long time to come. It is surrounded with impenetrable secrecy and must remain an American monopoly.

Already designs are drawn for a complete repatterning of international politics. From this moment on, according to the State Department and Pentagon blueprint, everything on the world scene is to happen in a new way, namely, as those who hold the atomic bayonet will it. That, to the Trans-Atlantic leaders of capitalism, is the main result of what happened in the world in the first half of the century and the keynote of what is to happen in the second. As the turning point in history, they opine, the future will regard, not the Russian October Revolution, but the invention of the American nuclear weapon. Not communism, which

made the decisive contribution to Hitler's defeat, but American capitalism is destined to take over the world initiative. It is with this premise that the West begins the post-war period.

The United States announces the arrival of "the American century," it rings the globe with bases from which, at the signal from Washington, Flying Fortresses with an atom bomb load can at any moment take off in the direction ordered, it draws up the Baruch Plan, which secures to America for an indefinite length of time a monopoly of atomic weapons. Baruch will soon be publicly stating that the U.S. will not reveal the secret of the atom bomb until other countries reduce their armies to police-force size. Not even Hitler ever dared to make such demands. America in the role of military dictator of the earth!

America's new President Truman, a haberdasher in former days, does not employ such language. But he declares that the U.S.A. will "hold in its hands this new power of destruction as a sacred trust."

The capitalist world is staggered and impressed. To many in the West it seems in 1945 that this time socialism has lost out for good: it routed fascism but is powerless before the atomic billionaires. History, which would not talk Hitler's language, is bound now to develop an American accent. It doesn't seem to have any choice. What can possibly challenge the Trans-Atlantic atom dictatorship?

It turns out something can.

The socialist state is a mass of wounds. For several years at the beginning it battled virtually single-handed against the most terrible war machine ever known. Over 20 million Soviet people were killed in the war, 25 million were left homeless, 1,710 cities and towns and 70,000 villages were reduced to ruins, 32,000 industrial enterprises were wholly or partly destroyed. The Soviet people are weary in the extreme. The

Soviet Union has in 1945 no atom bomb, no global ring of bases. The West already predicts for it, if not an epoch of decline, at least a lengthy retreat from the forward positions it has won in the world, relegation to an inferior role on the world stage.

Nothing of the kind occurs.

Many discover to their surprise that the Soviet Union has no idea of submitting to the U.S. atomic dictatorship. Soon will come the news that it has produced its own atom bomb; the hydrogen bomb too will follow. The Baruch Plan bursts like a bubble, the "American century" idea proves an empty figment. There is going to be no repatterning of international relations à l'américain, the envisioned swing of the balance in favour of Western capitalism is not materializing. On the contrary, it is the forces which after Russia's October Revolution gave history a new direction that continue to gain ground, and more rapidly than before. Nor is it now a matter of the Soviet Union alone. There is a greater or lesser Leftward shift in the entire world, on all the continents.

A new, socialist world system has its inception in 1945. On the map are the contours of seven European states that will soon be taking the road to socialism: Poland, Czechoslovakia, Rumania, Bulgaria, Hungary, Yugoslavia, Albania. They will be joined by an eighth, a new state—the German Democratic Republic. To erase these states from the map is as impossible now as to erase the Soviet Union. For world politics the rise of this system of states proves immeasurably more important than the ephemeral "atomic monopoly" of Uncle Sam.

Simultaneously, the oppressed peoples' liberation movement swings into a general offensive everywhere. To smash the colonial fetters proves much easier now, after the Soviet Union's historic victory, than a decade ago: some of the screws have got loose in the imperialist mechan-

ism, some levers have been added to the oppressed nations' pressure. In Africa and Latin America colonialism and semi-colonialism still hold on, but the storm in Asia is now beyond anyone's power to halt.

Curzon's Anglo-Indian empire is on the eve of exploding. The National Congress Party wins a brilliant victory in the 1945 parliamentary elections and openly addresses to the British a demand that sounds more like an order: "Get out of India!" A year hence, they will get out.

To Burma London offers dominion status, but the Burmese decline. In three years' time they will be independent. In Indonesia British troops try to help the Dutch maintain the colonial regime, but the Indonesians say "No" and insist on independence. Things are unquiet in Iraq, tension is piling up in Egypt, where the people demand for the British army to go.

In Syria and the Lebanon the French bomb cities in revolt; here too the British hasten to assist. De Gaulle declares for all to hear that France will not give up her "preponderant position." But victory goes to the Arab semi-slaves of yesterday: they compel withdrawal of the French and British troops. In North Korea a People's Committee is about to be established. In China the revolutionary forces strengthen their position.

People in capitalist Western Europe also move Leftward during the year. In Britain the Tories sustain an unparalleled defeat: in the General Election Labour gains over 300 seats from them and the Liberals. The pained Churchill, who thought he had just reached the shining pinnacle of his career, resigns. In France the Communists, Socialists and their allies win 304 seats in the elections, all the other parties put together 251. Similar changes in popular sentiment occur in Italy, Greece and other countries. Something is starting to move in capitalist Europe—slowly,

unevenly, with fluctuations and backward turns, but inexorably and irreversibly.

The balance for the year? In the eyes of the historian who stands on the side of the new, the balance is doubly favourable. The most aggressive forces of the old have been utterly routed. Hitler has been written off. In the balance-sheet column assigned to the latest, atomic imperialism so far stands a question mark. Tomorrow there will be a political nought there instead: nuclear weapons will be present in the arsenal of socialism too.

The assets of those who stand for the new, on the other hand, show enormous accretions. Above all, the fact that the Soviet Union, which broke the spine of fascism, has become the greatest power of the times. In ten years it has made a truly unexampled stride. Neither the centuries-old British empire, nor

The children born after the war are already at school. Survivors of the death camps are publishing their recollections. Razed cities have been rebuilt and look handsomer than before. To some the bloody hurricane that so recently swept through the world already seems like a horrible dream. But the key problems left by the war have not been solved.

On the contrary, they get more and more complex, involving the world in a new tangle of dangerous collisions. In its efforts to counter-attack, the old makes such risky moves that to many the spectre of a third world war already appears on the horizon.

The counter-attack is led by 67-year-old American corporation lawyer John Foster Dulles. He projects two ideas for settling the post-war arguments between capitalism and socialism. Both, he thinks, are

France, nor capitalist Germany, nor Japan can now compare with it in political power and weight in international affairs. Of all the powers of the capitalist world, only America is in the same class. Moreover, the isolation of the first socialist state ended once and for all. Alongside it march the new socialist countries; it is hailed as a friend by the Asian nations which have cast off the imperialist yoke to become independent. The map of the world is beginning to be redrawn literally from year to year.

No doubt about it. The rate of advance of the new has speeded up sharply. What is going to happen now? Will the old be able to launch a successful counter-offensive and recoup its losses of the past decade?

We leaf unreading through the book of our postwar life till we come to the fourth, penultimate balance-sheet in our historical reckoning.

1955

brilliant. One, known as the strategy of "massive retaliation," is a plan for an annihilating attack on the Soviet Union by the West's nuclear bombers. This is a programme for a new, more sophisticated blitz. Even though the design for American global atomic dictatorship has been smashed to smithereens long since by the appearance of Soviet nuclear weapons, Dulles considers the "massive retaliation" idea a panacea for the West.

The other key with which he, like his predecessor at the State Department, Dean Acheson, proposes to solve the problem of postwar international relations is a military alliance by the Western victor powers with those whom they were fighting ten years ago and to whom they have sworn never again to hold out their hand—the German militarists. The two Dulles ideas are

embodied and fused in a war bloc set up in 1949 under the name of Nato.

In 1955 Dulles feels he has achieved his purpose. West Germany, heir and successor to the Third Reich, is formally admitted to Nato. The Nato Supreme Commander in Europe, U.S. General Gruenther, declares that the strategy his staff has planned out cannot be operated without West-German divisions.

The hammered Hitler generals experience an access of inspiration. All is not lost yet, then? They think they can start all over again. The formation is announced of the first companies of the Bundeswehr, which is to be brought up to 12 divisions; how many divisions are planned for later on is not told. The man picked to head the new Wehrmacht is Adolf Heusinger, erstwhile operations chief of Hitler's General Staff, the Fuehrer's closest military adviser. It will soon emerge that Heusinger is considered Nato's Number One "strategic brain."

Bonn meanwhile is already beginning to talk little by little of the need to give it a share in the West's atomic affairs. Construction of West Germany's first atomic reactor is started in Karlsruhe—exclusively for "peaceful" ends. But to the Atomic Affairs Ministry Chancellor Adenauer, a crony of Dulles, appoints the arrant revanchist Strauss. Tomorrow Strauss will be made War Minister, the day after he will be calling openly for restoration of the 1937-frontier Reich and the forcible take-over of the G.D.R. by Bonn. The papers already start dropping hints that the Bonn generals are preparing new military plans against the Soviet Union, more particularly a design for attacking it from the Baltic with new West-German U-boats to be fitted with nuclear missiles. In official Western circles these reports are dismissed as idle fancies.

The veteran German Fieldmarshal Paulus, who was counted the shrewdest of the Wehrmacht strategists,

appeals from Berlin to German officers, cautioning against a new risky gamble under the Nato flag. They do not listen to him on the Rhine. The Bundeswehr seems to have no thought but of playing the role of doomed American vanguard in Europe.

It looks as if the 20th-century Metternich at the State Department really had accomplished what he set out to. The new Holy Alliance against revolutionary peoples, with the old nazis taking part, is there. Washington has definitely finished with Roosevelt's policy. The alliance of Dulles's creating has at its command large forces and enormous funds.

Dulles builds up anti-Soviet bases of attack not only in Europe. Similar blocs are rushed into being in other continents. Under the name of Baghdad Pact (later Cento) Nato sprouts this year a new offshoot whose job is to prepare for attacking the U.S.S.R. from the "Southern front"—the Middle East. In Bangkok there is a conference of a third war bloc, Seato, set up in 1954 as a spearhead against the national-liberation movements of Southeast Asia. Dulles attends in person. At the end of the year he informs his Nato partners: "Another cold war has started."

Something else has started too. The old leaders of the capitalist world, who have fought for decades against communist ideas, are departing or about to depart the political scene. The biggest of them, Churchill, resigns. His life's dream of saving the British empire and strangling socialism has failed to come true, and he lives out his days a saddened man. His successor Eden will be ruling Britain for but two short years, swept from the stage by the defeat of the British and their allies in the Suez war against Egypt. Dulles himself has four more years to live. Before he dies he will be forced to the realization that actual-

ly he has accomplished nothing and has never become a Metternich after all. The twilight of the gods.

Is the old gaining ground in this decade? That is what the old thinks is happening. But that is not what is happening in real life.

The Soviet Union is now stronger than ever. Its economic and military might has been growing faster than Nato's. Its fifth five-year plan is completed eight months ahead of time. In two years the Soviet land will be launching the world's first earth satellite into the cosmos. In the arsenal of the Soviet Army is a new weapon, terrible to its foes—missiles of unprecedented range. The postwar weapons revolution is the work of socialist hands. With the Bonn revanchists or without them, it is beyond the power of Nato, Cento, Seato to worst the U.S.S.R. Before long that will be registering even with the Pentagon generals; with those of them, at least, who have not taken leave of their senses.

There comes confirmation that the erection of the Nato bloc has no more frightened the progressive forces than did the invention of the American atom bomb. The socialist states take precautions to protect their security. In 1955 their representatives sign in Warsaw a treaty of mutual assistance against aggression.

The defences of the socialist states of Europe are secure, their might continues to grow. But they do not want to employ that might; as before, they want one thing: peace. Peaceful co-existence remains the watchword of Soviet foreign policy. The Soviet Union decides in 1955 to cut its military spending by 10 per cent, expecting the Western Powers to follow suit. That does not happen. The Soviet Union proposes reducing conventional armaments and banning nuclear weapons. The West never stirs. The Soviet Union gives up its bases in Finland and China and withdraws its troops from Austria. U.S. troops remain at their

20440
Handwritten signature

foreign bases. The Soviet Union urges the Western powers not to ratify the Paris accords, which mean the resurgence of German militarism. No impact whatever.

Advance of the old? No. Only a mirage, a semblance of it. Bluster, drum-beating, loud talk, and that's all. The balance has not changed one inch in favour of the old. In spite of Dulles's blocs, the indicator in world politics still points to socialism.

So far from retreating, the socialist system continues to win new portions of the globe. In this decade it has been joined by a new great power like China. Simultaneously, the break-up of the capitalist world's colonial empires continues at an accelerated pace. One territory after another breaks out of their system. The flames of the liberation movement envelop not only Asia, they have spread to other continents. No one will be able to cope with them now. Big Asian countries like India, Pakistan, Burma, Indonesia, Democratic Vietnam have achieved and consolidated independence in these ten years. A 29-nation conference in Bandung throws down a challenge to colonialism and unreservedly reaffirms the newly free countries' faith in the principles of peaceful co-existence. The Prime Ministers of India and Burma visit Moscow. The countries of the national-liberation movement and the socialist states see eye to eye on the two key issues: the fight for peace and the fight for the national liberation of all peoples.

Colonialism—avowed or "toned down" into neo-colonialism—still breathes. It is still alive in South Africa, in the British and Portuguese colonies of Black Africa, in Algeria, where the French impose a state of emergency in 1955, in the Suez Canal area, from where aggression is being prepared against Egypt. It is alive in Iraq, where the British agent Nuri es-Said this year puts together his sixteenth government—shortly before getting a bullet between the eyes from Iraqi patriots. Colonialism

is alive in South Vietnam, where the American agent Ngo Dinh Diem is trying to extricate himself from the noose tightening around his neck. It is alive in South Korea, where another such agent, Syngman Rhee by name, is engaged in the same occupation.

What happens this year in Latin America? The tide of the national-liberation movement does not appear to have reached that far. At least, Washington thinks it hasn't. But peo-

ple with better eyes can see that the ground is smoking here too. Four years hence there will appear on the map a socialist bastion in Latin America: Cuba.

So stands the reckoning on December 31, 1955. From the standpoint of the new in history, is the balance worse than in 1945? No, looking at the columns of facts, no honest political book-keeper can say it is. The new is still moving ahead, outstripping the old.

1965

20440

The reckoning for the past decade. The events are so recent that to assess them is much harder: they are still too close to our eyes. At first glance much of what has happened of late seems to some to be none too clear—contradictory, even. To judge by the signs, some people—particularly in the West—are forming the impression that history leans now one, now another way. But a real, serious comparison between the 1965 and 1955 balances produces a different impression.

Since the events are so fresh in mind, we shall concentrate on essentials, on the quintessence of what happened, as it were, casting up our account of international politics under certain main heads.

Item *political geography*. The balance-sheet is before our eyes. The map of the world continues to change, and certainly not in favour of the old capitalist world.

This time there has been a big change in the look of two continents which recently were still in the background of world affairs: Latin America and Africa.

Off the shores of one stands the new socialist bastion of Cuba, which has already beaten off furious attacks from the North. Revolutionary tremors are distinctly felt in the Do-

minican Republic, Panama, Venezuela, Guatemala, Colombia, Peru. In spite of tremendous pressure from the North, Mexico, Chile, Uruguay refuse to toe the imperialist line. The United States publicly arrogates to itself the right to interfere, even to the point of military intervention, in the internal affairs of any Latin-American country where revolutionary sparks begin to light. But the days when Washington could be an autocrat over Latin America are gone never to return.

In Africa no less than six nations set foot during this decade on the non-capitalist path: the United Arab Republic, Algeria, Ghana, Guinea, Mali, and the Brazzaville Congo. The battle is on between the peoples and the placemen of imperialism for the fate of the Leopoldville Congo, Rhodesia, Angola, Mozambique, Bechuanaland and other countries. The ground is burning under the feet of the racialists in South Africa even if their soles still hold. The colonialists think they can check the African peoples' onslaught by erecting a South-African-Rhodesian-Portuguese "white" barrier cutting off the whole South of the continent. But only the blind can fail to see that the Africans are stronger than the barrier.

In Asia a battle is in progress for South Vietnam. The U.S. is escalating its intervention. This is the imperialists' most important and most dangerous operation at the present time. It is clear that here the old world is playing for top stakes in its game to save neo-colonialism on this continent. But one thing that has already emerged is that the more it stakes, the more it loses. Yet another sign of the times. The old gets nowhere the old way any more. We enter that in the ledger too.

In Europe the political geography has not changed, but once again there is a Leftward shift in the capitalist countries. After thirteen years of continuous rule, the Tories have lost office in Britain. In France the Left alliance obtains 45 per cent of the presidential election vote. In Italy, Greece, in Franco Spain, even in a country like Switzerland, Left sentiment is mounting.

Here and there in Western Europe neo-fascists raise their heads, the ultras and their covert allies busy themselves behind the scenes, but to redraw the continent's political geography after their own pattern, as Hitler and Mussolini used to do, is no longer in their power. On paper, to be sure, they are still drawing for all they are worth.

Item *technological power*. This item is manifestly becoming more and more important in the over-all balance. Advances in this field instantly and directly affect the whole of world politics nowadays. The result of our scrutiny here is as obvious as for the last item, the epoch-making achievement of the decade, the first break-through into the Universe, is down to the credit of socialism. The capitalist world, represented by the U.S., follows behind. But that it should be able to intercept the initiative now is unlikely. Only the future historian will be able to say how much this fact meant for the outcome of the contest of the two social systems in the second half of the century.

Item *productive forces*. There is no question about it: the socialist countries' share in the world's industrial output continues to increase. The economy of the new continues to grow more rapidly than the economy of the old. That is another signal of the age.

The changes in the world's geography, the record of technological progress, the economic figures—they all speak a language that no honest scholar can help understanding, whatever his own politics and whatever partial deviations and fluctuations there may be in the general flow of events. It remains to weigh up certain nodal problems which are influencing current politics.

We shall single out the two most talked about in 1965: the growth of the new German militarism and relations within the world communist movement. How do they weigh in the historical scales?

No one can deny that the new German militarism has grown much stronger in the past ten years. Everybody knows it. West Germany has had relatively greater military "achievements" in this time than any other capitalist power. She already possesses an army rated stronger than the old Wehrmacht, she is about to form an additional "territorial" army, independent of Nato, she holds key posts at Nato headquarters, and—most important of all—she is reaching out more and more decidedly for nuclear weapons.

Bonn's army is the strongest in Western Europe today, tomorrow it could virtually take over Nato and become a sort of "continental" Wehrmacht. And that is what the Bonn revanchists' present strategy is chiefly aimed at.

All that is so. Yes, German militarism has gained in strength in the decade 1955-65, and continues to do so. But is that really an *asset* for the capitalist world? Did Hitler in his day improve that world's historical chances? Does not the swelling Bonn militarism presage, first, a new in-

ternal crisis in the Western world, and, secondly, the possibility of another, still more terrible catastrophe for the would-be new Hitlers themselves?

We are not going to prophesy; we shall confine ourselves to posing these questions.

Nor can it be denied that these past years have been marked by differences in the world communist movement. The dispute between the Chinese leaders and the majority of Communist parties has not been adjusted to this day, and many strategists of imperialism base pretty risky designs on the fact. But there have been and are disputes, and very sharp ones, within the capitalist world too, which fact, however, has not prevented it from acting against socialism. And the aggregate might of the socialist system continues to grow steadily, in spite of the current differences. That too is something everybody knows. Are not the present-day Talleyrands light-minded in their designs and expectations?

* * *

We have scrutinized the world affairs accounts of the four last decades. That the present accountant is not impartial as regards politics is not to be denied. But facts remain facts, whatever one may think of them. All our book-keeping consisted, actually, in recalling generally known, generally recognized facts and arranging them in the appropriate columns. A book-keeper with other politics cannot cross out these columns, no matter how much he might like to.

The balance? We are well pleased with it. Not one of the scrutinized decades failed those who believe in the new motive forces of history. Each really advanced those forces.

That is why, we feel, it can hardly be doubted that the coming, fifth decade by the count we have adopted—the decade 1965-75—will also confirm the chief conclusion. No one can take the twentieth century from Socialism.

Revisiting the Soviet Union 20441



ALTHOUGH I have been to many socialist and capitalist countries and have travelled all over some of them, there is only one country outside Czechoslovakia I can really say I know. That's the Soviet Union.

I spent several years in Leningrad, studying political economy. I lived in a dormitory with Soviet students and together we took our examinations, went skiing on the Karelian Isthmus and clubbed to buy a packet of tea or a bottle of wine in the week before we got our stipends. We roamed the streets in the "white nights" in June, heatedly and endlessly discussing not only political economy but the arts and politics. I lived like any other Soviet student, with the only difference that they spent their summer vacations in the Soviet Union, with their parents, and I went home to Czechoslovakia. True, I once broke this tradition to take a look at the Soviet Union. I travelled thousands of kilometres by train, ship, car and plane, visiting several republics and stopping at all the bigger cities on the Volga. I saw the Volga-Don Canal and the Volgograd Hydropower Station in construction, got caught in a sandstorm in the steppe beyond the Volga, and realized my childhood dream of seeing the Caspian Sea by going to Asrakhan.

I knew very well the Soviet Union of the forties and the early fifties. I knew its achievements and its shortcomings. There were many things I admired, and some I just could not get used to. This happens to one in any country, even in the one where we live all our life and call Fatherland.

When I left in the summer of 1952

RADOSLAV SELUCKY Czechoslovak Publicist

for Prague, I did not think I was parting with the Soviet Union for thirteen years. While many of my friends visited the Soviet Union, especially in the early sixties, I did most of my travelling in the opposite direction—westward. It was only this past autumn that I finally got an opportunity to revisit Moscow and Leningrad. I travelled by the same railway line which took me home in 1952, in a carriage like the ones I travelled in during my student days, and arrived at the same station where the other Czechoslovak students and I used to be met by our Moscow friends on our return from the vacations.

My first impressions? Well, when I went out in Moscow on the morning of my arrival, I felt as though I had never been there before. The Kremlin, the Bolshoi, Gorky Street and the other well-known sights and places were naturally the same. But, on the whole, Moscow was different. And the change was for the better. There were thousands of new houses. Moscow, I learned, was building more flats in a year than the whole of Czechoslovakia, but even this grand-scale housing construction effort could not yet meet all the needs.

Then there was another thing that had never happened to me before: I often took Soviet citizens for foreigners. In the old days—when I was a student—it was easy to distinguish between Soviet and foreign-made clothes: there was the width of the trousers, the way a jacket was cut,

the fashion of a dress. Today, Soviet fashions are very much like the European, minus the extravagance.

Traffic in Moscow reminded me of London, Paris, Milan, Munich, Vienna or other big West-European cities. Its wide streets are full of speeding cars. There are subterranean pedestrian crossings in the centre of the capital and new Underground lines and stations.

The traffic system in Moscow, unlike that in the Western cities, works without a hitch, and even during the rush hours I did not see any jams, any long lines of cars moving at a snail's pace. In the old and new stores I saw goods that the domestic Soviet market knew not thirteen years ago. What struck me was the large number of soft-drink, newspaper and other automats in Moscow streets. I liked the snack bars, cafés and restaurants; coffee is becoming a serious rival of traditional Russian tea.

I was delighted with the new Moscow Swimming Pool. I went there one frosty November evening and, after a busy day, the swim in the warm water in the open air did me a world of good. I went to the Kremlin, which was closed to the public when I was in the university, and was thrilled by the masterpieces of old Russian church architecture and the modern, streamlined Palace of Congresses.

Later I found myself in Leningrad which, to my surprise and delight, was luxuriating in the rays of the November sun, reflected in the blue waters of the Neva. I dined at the university dining hall opposite the Economic Faculty on Vasilyev Island,

the same where I had first made my acquaintance with the Russian cuisine. It has now been turned into a modern, self-service restaurant.

The cobblestone streets criss-crossing Vasilyev Island have been asphalted. The student dormitory on the Mytninsky Embankment, from whose windows I often admired the Winter Palace, has not changed much—the only new things there are the modern-style furniture. But the bridge I crossed every day on my way to the university has been rebuilt and a small garden has been laid out in front of the dormitory. When I decided to visit some of my old classmates in the evening, I had to take a taxi. And not because the new Underground and city transport are inconvenient, but because I suddenly discovered that I was straying in the city I thought I knew as well as Prague. The new houses where my friends now live have been built in what ten years ago was countryside and is now part of the city.

Underground pedestrian crossings have appeared on Nevsky Avenue. As in Moscow, they were built in a matter of a few months. I thought of the traffic problem in Prague, of the crossing under Václav Square that is to be ready only in two years time, and envied Leningraders.

The Soviet living standard is considerably higher than it was in 1952. Their life is not only richer but more diversified. The wide selection of goods shows that much attention is paid to people's requirements. The demand, greater than ever before, influences light industry and is responsible for the better quality and wider assortment of goods.

In Moscow, I visited the Bolshevichka Garment Factory. Since July 1, 1964, it has been operating along new lines: it draws up its plans on the basis of contracts with its customers. The enterprise is no longer told in detail what it should manufacture by economic administration

bodies. Its plan is, as it were, the sum of orders placed with it by department and specialized stores. Under such a system of management, the attention of the enterprise is concentrated on the quality and assortment of goods and profitability. The administration of the Bolshevichka Garment Factory made a thorough study of the demand. The new criteria of economic activity enhanced the makers' interest in such questions as where and what clothes were bought most, what the ratio of expensive clothes to inexpensive should be, how many models and sizes each store should have, and at what prices, so that every buyer should find what he or she wanted and liked. It took only a few months to make supply meet demand. Since the suppliers learned exactly what people demanded, they soon began to satisfy their needs better. The factory found this to its advantage. It increased its profits and its contributions to the state treasury, and raised its workers' wages. The good results achieved at the Bolshevichka Garment Factory prompted the extension of this method to another 400 enterprises. Within a few years the whole of Soviet light industry will operate on this principle.

The approach to economic problems in the Soviet Union has undergone substantial changes since 1952. While at the university we were taught that the socialist mode of production recognized only the administrative method of planned management, life has shown that there may be different systems of management in different stages of socialist society's economic development. This is the principle from which Kharkov economist Liberman proceeded when he recommended in his article "Plan, Profits and Bonus," in September 1962, wider use of such levers as profits, profitability and prices in the economic methods of management. This article gave rise to a widespread economic discussion which went on right until Septem-

ber 1965, when on the basis of its results the CPSU Central Committee Plenary Meeting approved new principles of industrial management. It is noteworthy that the current changes in Soviet economic management aim at uniting the interests of society with those of enterprises, better utilizing the socialist relations of production, and satisfying more fully the material needs of the population. Economists have come to the conclusion that the present stage in Soviet economic development requires elimination of the gap between the rates of growth of heavy and light industries and closer links between light industry and trade. The Bolshevichka experiment shows that the makers' interest in increasing the output of commodities and improving their quality, if properly handled, brings better results than administrative orders or political slogans.

Although I now occupy myself more with the sociological aspects of economic problems, I have had time and again to answer Soviet economists' questions about the new system of economic management in Czechoslovakia, which differs much from that now being introduced in the Soviet Union. On some questions our views differ. That is due to the different approach to certain socialist economic problems, as well as to the fact that many of our problems are unlike those in the Soviet Union. And so the difference of approach to their solution is only logical.

My old classmates, who have since risen in their field, and I resumed our discussions where we left off in our student days. They profited all of us. I was very much interested in what they, as direct participants, thought of the various stages of Soviet economic development since the Twentieth CPSU Congress, and they were interested in what I, a man who lives in another socialist country and who has not been in the Soviet Union for thirteen years, thought about them.

Handwritten initials and a red circular stamp with the number 20442 and a star.

It seems to me that my Soviet friends approach things more realistically, rationally and critically than before. That undoubtedly is due to the fact that they are no longer young students but teachers of higher educational establishments and researchers. But that is not the main reason. In the past few years there has been a general reappraisal of certain old concepts in the Soviet Union. Many of them, thought absolute and immutable, have failed to stand the test of time. Some have turned out to be relative concepts, others have become devoid of value. This applies to the simplified notions about socialist economic management, subjectivism in economic policy and the idea that administrative methods are the most suitable instrument of government and economic management.

These old simplified concepts, however, are not overcome automatically. In the Soviet Union, as in any other country, there are people who promote scientific and technological progress and conservative people who do not like to take risks looking for new paths and who would gladly preserve and absolutize all that has been achieved. There are constant clashes, a non-stop battle of views between these two groups of people who work and live together. When I compare the present with the early fifties, I come to the conclusion that innovators today have more freedom and greater scope to develop their initiative, experiment, and realize their concepts. This applies to the work of many Soviet economists who seek to supplement qualitative analyses and the existing theoretical principles with precise estimates. That is why many capable people occupy themselves with mathematical methods, linear programming and economic cybernetics.

Their efforts have the support of the CPSU leadership. The urge to apply a scientific approach not only

in the economy but also in the solution of political and ideological problems requires patience and constant verification of new hypotheses and theories. Hasty conclusions and subjectivism are becoming a thing of the past.

Lastly, realism and rationality manifest themselves not only in economic thinking and decisions but in architecture, in housing construction, in the production of new industrial goods. There are many young specialists working in these spheres. They are well aware of world achievements and, consequently, they do not compare their country's results only with the pre-revolutionary and prewar ones. They make use of all the world criteria and are doing everything to make the Soviet Union first in the spheres where it lags for the time being. They know very well that socialism will become attractive to all without exception only if it can ensure people a higher living standard and greater scope for their all-round development than are possible in the most developed and richest capitalist countries. Their efforts to accelerate the Soviet Union's scientific and technical development have the sup-

port of the people, the party leadership and the government.

These impressions and notes are the result of a two-week visit to Moscow and Leningrad and naturally they do not cover all the noteworthy changes which have taken place in the Soviet Union in the past thirteen years. This period has been one of successes: it started with the Twentieth CPSU Congress, it has seen the flight of the first man—Yuri Gagarin of the Soviet Union—into space, and the beginning of the large-scale industrialization of Siberia.

A man revisiting the Soviet Union after many years sees all the changes in its life much more vividly than the people who have worked these changes. It is somewhat like filming the construction of a huge project. Although the shots of each successive day show the project growing more complete, the changes are not very significant or noticeable. Only when the film is done and shown to a man who has had no opportunity to follow the construction process does the grandeur of the job fully reveal itself. This such a film I have seen in the Soviet Union.

Handwritten number 20442.

RICE WAR

A MERICAN planes have destroyed between fifty and seventy thousand acres of rice crops in South Vietnam by spraying them with poison, the **New York Times** reported on December 21.

Particularly happy about the destruction of rice in South Vietnam are the American food-exporting firms.

Until recently, South Vietnam was one of the biggest rice producers and exporters in Asia. The U.S. aggression and the destruction of rice fields, however, compelled it to import 200,000 tons of rice from the United States in 1965. In

July, August and September, this brought the American exporters no less than \$41 million.

The United States, the **Wall Street Journal** writes with satisfaction, is now exporting three-fifths of its rice harvest and the Administration recently gave rice-producing companies permission to increase the area under this staple.

The journal comes to the conclusion that the aggression in South Vietnam is helping the United States become the leading rice exporter in the world. A nice way of building up foreign trade!

American Intellectuals and the Problems of War and Peace

A *N* intellectual, as defined by the American dictionary now open before me, is "a member of a class or group possessing, or supposed to possess, enlightened judgment and opinions with respect to public or political questions."

Accepting, as this writer does, the adjective *enlightened* as implying keen awareness of the truths pertaining to Vietnam, to the Vietnamese people, and the history of their years of struggle for freedom against foreign aggressors—and, as a corollary to this, a full awareness of the *untruths* that the present American Administration through all the public information media is making current—the American intellectuals of today may truthfully be said to be wholeheartedly for bringing our invasion to a speedy end.

There being some differences of opinion upon the Vietnam war among those I have classed as intellectuals, I quote as representative of the more conservative thought a widely circulated article by Hans J. Morgenthau, Professor of Political Science and Modern History at the University of Chicago. Dr. Morgenthau, despite his service as a consultant to the State and Defence departments of our government, is an active and forceful leader in the current peace movement. "The alternative to our present policies in Vietnam," he writes, "would be this: A face-saving agreement which would allow us to disengage ourselves militarily in stages spaced in time; restoration of the status quo of the Geneva Agreement of 1954, with special emphasis upon all-Vietnamese elections; co-operation with the Soviet Union in support of an all-Vietnamese Government, which would be likely to emerge from such elections."

But deeper in its implications, and, I believe, more consonant with the thoughts and feelings of that budding mass of "intellectuals," our

college students, is a statement by the eminent Professor of Political Science at Williams College, Frederick L. Schuman, contained in a letter to Mandel Terman:

"Of course you know as well as I do that our efforts are not likely to do any good. We are in the presence of an almost total breakdown of the democratic process. It is exactly as if the American electorate had elected Barry Goldwater last November. In Spengler's terms we are moving from democracy to Caesarism. In Toynbee's terms we are confronted with the triumph of militarism, to which he attributes the decline and fall of most past civilizations. In Marxist terms we are confronted with what I fear can be accurately described, even though I do not like to throw verbiage around, as a kind of fascist imperialism. In any case we are confronted with what the ancient Greeks called *hubris*, meaning self-righteous arrogance—always followed by the penalty of *Nemesis*. But how soon, or in what form, comes the penalty, who can say? If the democratic process were a reality, Johnson would be impeached for violating the Constitution, the U.N. Charter, the OAS Charter, customary international law, and ordinary human decency. Instead he will secure almost unanimous Congressional support for extending and intensifying the wars he is waging."

More heartening than any happening in America in my now long memory is the present awakening of our school and college undergraduates to the two great issues that confront America today: to prevailing underprivilege of Negroes—and, indeed, of countless millions more—and to the evil of their nation's foreign policy, epitomized by the ruthless invasion of distant Viet-

nam and the slaughter of its people.

The intellectuals, as I have somewhat narrowly defined them—however nearly all-embracing of their class they now reveal themselves as being—are but the leaders in enlightened thought of a continually growing army of conscientious objectors to the horrors we are perpetrating in Vietnam and of well founded complainers, with good reason, against ever mounting taxes to defray the costs of war. That the army of objectors is literally on the march is shown by the Peace Marches that have been held in many cities and culminating most recently in the March on Washington by an army numbering, by various estimates, from twenty-five to fifty thousand. Though in the enrollment of the marchers the leadership of intellectuals plays a most important part, the armies—as all armies for success in war or peace must be—are essentially of the people. And in tribute to them I must add, of brave people, defiant of what tragically still remains—or so the pollsters of opinion tell us—the majority of the American people.

Stewart Alsop, of the *New York Herald Tribune* has reported in the *Saturday Evening Post* that, of the persons he had polled, almost three out of five thought "we should go even further in Vietnam, even if it means bombing Hanoi and Red China."

Yet of that nearly 60 per cent of the American people listed by a generally reliable reporter as being not merely for the war's continuation but for its eventual expansion few may be considered as having minds of their own. We are, as a

ROCKWELL KENT

whole, brain-washed to sterility of mind and heart. Were there a Saviour he might truthfully implore: "Father, forgive them, for they know not what they do." Yet more frightening than the lies of which the present Administration is the fountain head, is the widespread public apathy towards not only the war in Vietnam, to the American-engendered crisis in Santo Domingo but to almost comparable serious developments at home. It is an apathy so complete as to be invulnerable to those assaults of reason and appeals to conscience to which a large portion of our intellectuals have dedicated themselves. Big, and costly, pleas for peace are repeatedly being published in the American press—largely in the eminently respectable *New York Times*. These advertisements, eloquent in pleading that the war be ended, have been signed by physicians, hospital workers, the clergy of all denominations, writers, artists, actors; in short by men and women of all walks of life. In short, the position taken by American intellectuals on American intrusion in Vietnam is most impressively revealed or, rather, *proclaimed* by the advertisements in the *New York Times* and the names, now numbering undoubtedly thousands, that have been affixed to them.

Among the more important and, possibly, most effective examples of the activity of intellectuals is the "Memorandum of Law" prepared by a Lawyers Committee on American Policy Towards Vietnam in Light of Our Constitution, the United Nations Charter, the 1954 Geneva Accords, and the Southeast Asia Collective Defence Treaty. Of unquestionably strong appeal to reasonable minds, it may well be the prelude to court action which, however hopeless of success in the present atmosphere of war hysteria, might well prove to be of far-reaching peace propaganda value.

Having so far dealt, however briefly, with the activities of the true

American intellectuals, it may be well to refer again to the forces arrayed against them. To the sinister role of the war-veterans' organizations must be added the callously self-interested pro-war role now being played by the vastly larger and, politically, far more powerful American Federation of Labour and the Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO), that unashamedly demand the war's continuance and escalation for the full employment and good wages that munition-making yields.

But to return to the role of the intellectual in the fight to end the

outrage in Vietnam it may be well to quote the concluding paragraph of a widely circulated open letter to the President by the noted and widely influential critic and writer, Lewis Mumford:

"The government has forfeited our confidence; and we will oppose, with every means available within the law, the execution of this impractical and, above all, morally indefensible policy. There is only one way in which you can remove our opposition or regain our confidence; and that is to turn back from the course you have taken and to seek a human way out."

CURRENT COMMENT

Tricontinental Conference

D. VOLSKY

THE New Year opens with an event that is likely to usher in important changes in the world. Spokesmen of three continents, Asia, Africa and Latin America, will hold a solidarity conference in Havana to concert their efforts in the fight against imperialism and colonialism, prompted by the peoples' craving for genuine, and not only formal, national liberation, economic development and social progress.

Nearly all the countries of the three continents will be represented. The distances between them are great. India and Argentina, for example, are situated at opposite sides of the globe. Their languages, cultural traditions, ways of life, social patterns and levels of economic development range far apart. Delegates of socialist countries and of countries that have shaken off colonialism will gather in Havana with representatives of peoples still languishing under foreign rule.

They have a common purpose.

"Yesterday," writes the Chilean *El Siglo*, "heads of the imperialist powers used to meet to carve up our

continents. Today, spokesmen of the peoples of these continents gather to unite in their fight against their long-time exploiters."

What has led up to the conference in Havana is the experience of the liberation struggle, the experience of the Afro-Asian solidarity movement. The conference convenes at a time when American imperialism is stepping up its aggression in Indo-China and stands poised for new attacks on the Dominican Republic and other Latin-American countries, when a bastion of neo-colonialism and racism is being erected in Rhodesia, the heart of Africa, and colonial wars rage in the Portuguese colonies and South Arabia.

To repel imperialism and neo-colonialism, the peoples have to be solidly united. At meetings and conferences marking the preparations for the conference in many countries, the progressives of the "third world" enjoined their delegates to work for all-round unity, organizational unity included, to translate

solidarity into concrete actions, and to chart a common strategy of anti-imperialist struggle.

"The interests and tasks of all the African, Asian and Latin-American peoples are the same," writes Cairo's *Journal d'Egypte*. "There are no and should be no contradictions between these peoples on the cardinal problems. For the sake of our common and lofty goal, we must therefore put aside all secondary and particular interests and everything that may create differences between our fraternal peoples."

The problems of anti-imperialist struggle must not be viewed from narrowly nationalist positions. The conference must concentrate on fac-

tors that unite the peoples of the three continents, on their common objectives.

"Controversial problems may arise," said Jorge Montes, a member of the Chilean delegation, before his departure to Havana, "but the Havana conference must focus its attention on that which unites us in struggle and not on that which divides us."

This attitude in Africa, Asia and Latin America offers every chance of making the tricontinental conference an important milestone in uniting the peoples battling against imperialism and colonialism.

Changes in Damascus

IN the Syrian Arab Republic Youssef Zeayan's government resigned on December 21, indicating that the struggle within the leadership of the ruling Al Baath Party has grown sharper. Salah ed-Din Bitar has been appointed Prime Minister. Cabinet reshuffles are fairly usual in Syria, but this time they were tied up with unusual circumstances: the All-Arab Baath Party leadership dissolved the Syrian party leadership and temporarily assumed the functions of supreme political authority in Syria.

It will be recalled that the Al Baath party (the Arab Socialist Renaissance Party) was founded in Syria in 1954. Bitar, the present Prime Minister, was one of its founders. The Party considers itself all-Arab and professes the aim of uniting all Arabs. Since the Party operates in different Arab countries, it really consists of several parties—the Syrian, Lebanese, Jordanian, etc. Each has a local leadership, but is subordinated to the supreme inter-country party organ—the All-Arab Baath leadership.

This body has the power to dissolve any local leadership. In Nov-

ember 1963 it disbanded the regional leadership in Iraq, because in the nine months of their rule the Iraq Baathists covered themselves with disgrace by their terroristic policy. The All-Arab leadership declared itself the supreme party organ in Iraq at that time.

In Syria, the Baathists have been in power since March 8, 1963. The Iraq lesson was not lost on the Damascus leaders. They did not take the anti-democratic course that caused the downfall of their Iraqi counterparts. The evolution of the Syrian Baathists from Right to Left followed their abortive attempts to resolve Syria's vital problems by traditionally capitalist methods. This evolution was accompanied by certain reshuffles in the leadership. Michel Aflak, the founder of the Party, who represents the conservative trend, was relieved of the post of General Secretary of the All-Arab leadership, and only retained the title of Honorary Party President. Forty-five-year-old Munif Razzaz, of Jordan, succeeded him as General Secretary.

The younger officers began to play an increasingly prominent part in Syria's political life. It was partly due to their pressure that General Amin al-Hafez, who heads the Syrian Presidential Council, carried through a number of progressive reforms, clearing the road for the country's non-capitalist development. Early last year, the big, and partly the middle, bourgeoisie were deprived of the right to own means of production. By mid-1965 seventy-five per cent of Syria's industry and foreign trade was under state control.

Lately, greater differences have arisen within the Syrian Baathist leadership which, according to foreign press reports, chiefly concern foreign policy. It was reported among other things, that General Hafez's foreign policy was being opposed by a group of officers headed by Salah el Jadid, former chief of the Syrian General Staff. Jadid, until recently the Deputy General Secretary of the local Party leadership, was said to have been preparing to replace Hafez.

General Hafez is the only Syrian to belong to the All-Arab Baath leadership, which passed the decision to disband the Syrian leadership, in which Jadid and his followers were prominent. A provisional organ has been set up to replace it, which left Jadid out in the cold and co-opted Salah ed-Din Bitar.

Foreign observers believe that the dissolution of the Syrian Party leadership has shored up General Hafez's position. He is said to be intending to improve relations with the United Arab Republic and, possibly, Iraq.

It appears that the basic political conceptions of the present Baath leaders, who announced their intention to follow the socialist path, to pursue an anti-imperialist course and follow the principle of non-alignment in their foreign policy, will remain unaltered. All the same, the situation in Damascus is still tense and unclear.

G. MIRSKY

Another Coup in Dahomey

CHRISTOPHE Soglo, Commander-in-Chief of Dahomey's armed forces, announced on December 22 that he was dissolving the Dahomey National Assembly and all political parties, suspending the Constitution and taking power into his own hands. A new nine-man Dahomey government headed by Soglo was formed the following day. A Committee of National Renovation, whose establishment was announced at the same time, will perform the functions of a consultative body.

This is the fourth successive coup in the history of independent Dahomey. The first occurred in October 1963, when the army under Christophe Soglo, backed by the trade unions and workers, removed President Hubert Maga, who was implicated in embezzlement. The second occurred in November 1965, when Vice-President Justin Ahomadegbé Tometin removed President Sourou-Migan Apithy and attempted to take his place. Ahomadegbé represented reactionary Rightist groups, which had long champed at the bit to as-

V. SIDENKO

sume power. But again the army intervened and handed power to Tahirou Congacou, Chairman of the National Assembly. As in October 1963, General Soglo saw fit to retain a civilian government, which would prepare the country for the new presidential election scheduled this month.

But the reactionaries did not sit back. They founded two parties—the Dahomey Democratic Alliance and a National Alliance, which campaigned against Dahomey's neutralist and non-alignment policy. The situation in the country was conducive to subversive activities by Dahomey's foreign ill-wishers, eager to bend the country to their neo-colonialist will.

It was in these circumstances that General Soglo arrived at the decision to assume power himself and dissolve the political parties. It was a decision which hit out first and foremost at the men who tried to turn back Dahomey's development.

Erhard-Johnson Talks

B. ORLOV

THE comment on Chancellor Erhard's visit to Washington, which ended on December 21, is highly varied. The *Paris Monde* says, for example, that no decisions were reached in the Johnson-Erhard talks. Other papers say West Germany has been guaranteed a seat in the Nato "nuclear club." The official communiqué was couched in deliberately vague terms and may be likened to an iceberg, nine-tenths of which is concealed from the eye.

Bonn prepared carefully for the "Washington round." It made extensive use of blackmail. Shortly before Erhard's visit, the West-German press reported that he

intended to reduce purchases of U.S. arms by some \$250 million. The implication was that Bonn would not be generous with its money, unless Washington was willing to make concessions. In the Vietnam question, too, Bonn hinted it was willing to back the United States morally and materially, but for a consideration.

The negotiations centred on the nuclear issue, the alpha and omega of West Germany's foreign policy today. Yet the communiqué and the official statements of the conferees were deliberately evasive on this

score. At a dinner given for the Chancellor, President Johnson thanked the West Germans for their support in the Vietnam war and discoursed at length on co-operation in the firing of space laboratories to the Sun and Jupiter. He avoided mention of Bonn claims to nuclear weapons, that is, of the matter for which Erhard had voyaged across the ocean. On the other hand, Bonn announced it was satisfied with the outcome of Erhard's visit and said "a high degree of understanding" had been reached at the talks.

What is this? Affected optimism? Hardly. It is reported that as a result of the talks Bonn intends to increase its financial aid to the Saigon regime, to which it has already given 100 million marks. Besides, Erhard promised Johnson that West Germany would buy U.S. arms to the tune of 5,200 million marks before June 30, 1967.

To be sure, the U.S. and West-German leaders realize that Bonn's nuclear ambitions cannot be fully appeased in view of world-wide public protests. This is why Bonn is willing to accept the minimum: West-German participation in nuclear planning through the recently established Ten-Nation McNamara Committee and in financing the Polaris submarine fleet.

Bonn's chief purpose is to torpedo a nuclear non-proliferation agreement, which would shut it out for good from the atomic club. The *Baltimore Sun* reports the Chancellor obtained assurances from President Johnson that the U.S. government was giving priority to Nato nuclear policy and not the non-proliferation treaty.

If this is true, the Johnson-Erhard meeting took the "special alliance" of West Germany and the United States a step further. Nor is this likely to be the last step. The working group of the Ten-Nation McNamara Committee is scheduled to meet in January

U. P. M. 20444

20444

Cuba at Work

CUBA is classed as a small country. The concept is relative. Switzerland, Austria, Hungary and Denmark are not put in that class though they are each smaller than Cuba. Drive the thousand and some kilometres of the Central Highway running the length of the island, and you will begin to think it endless.

The Central is a narrow straight highway open to every type of wheeled vehicle, from motorcycles to giant petrol carriers. Almost the whole of it runs through flat plain on which grow royal palms. To those accustomed to this tropical tree with its white trunk the landscape may seem pretty monotonous until at last the low Escambray Mountains loom in the distance. You enter mountain country in Oriente province, and then, tired as you may be from the long trip, the beauty of the scene exhilarates you.

Example to Follow

At the end of the road you come once more to the sea. It was here, near Baracoa, historians believe, that Columbus first set foot in Cuba. An obelisk stands there in honour of that event. Of his landing in Cuba Columbus wrote in his journal: "On the seashore are... many stones the colour of iron and others which were said to have come from silver mines. They are washed ashore by a stream."

Some believe that the stream referred to is the Moa River. Four centuries after Columbus there were discovered in these parts rich deposits of laterite, a valuable ore containing iron, nickel, cobalt and other metals.

This may come as a surprise to

readers who know Cuba as a land of sugar. The truth is that sugar did not open the economic history of Cuba. At one time the main items of her economy were tobacco and timber. The timber was shipped to Spain and used for building the palaces of Madrid and the Spanish frigates, among them those that were lost in the Battle of Trafalgar.

Not far from the obelisk to Columbus there is a nickel plant. In regard to output, organization and the drive and initiative of its workers it is the best plant in Cuba.

The workers are all highly skilled; in the main their job is to control the plant's mechanisms. The plant itself is a maze of furnaces, cisterns and thousands of straight, angular and circular pipes. These pipes carry everything: oil and chemicals (from the port to the plant), and ore (from the mountains to the plant). The only self-propelled machines there are excavators, dump cars and scrapers. The latter scrape from the mountains the half-metre layer of earth covering the ore. The excavators dig deeper into the red rock and load it on the twenty-ton dump cars. These carry the ore to a factory where it is mixed with water and the resultant pulp then flows to the plant through pipes.

The management has several passenger cars and Soviet jeeps at its disposal. Alex Rojas, the very young deputy director, got behind the wheel of one and drove me to the mines to see twenty-five-old Marquis Toirac Carcase operating a Soviet walking excavator. Though he is of pure working-class ancestry, he sits in his cabin seat as on a throne.

The plant, Rojas told us, was built by the Americans, for their own needs. After the revolution the foreign specialists fled the country, taking all the technical specifications with them. Work came to a halt.

Listening to this, I thought to myself how naively primitive are the actions of the Americans. When I visited Mexico's oil fields shortly before I was told of how the American specialists deserted in 1938, when Mexico nationalized her oil industry. And in 1956, you will remember, the British and French did the same thing—they deserted the Suez Canal when Egypt nationalized it.

Knowing its history, one can better appreciate the heroic effort it took to start the Moa plant operating again. Before, it took 53 American engineers to keep it going; now it is run by 12 Cuban and five foreign engineers—one-third the number—and it is working so well that it has become an example for all other Cuban enterprises.

Moa has a big future before it. Cuba is developing her nickel industry. She plans to increase the mining and processing of laterite and produce even more iron than she herself needs.

Six Million

1965 was named "Year of Agriculture" and in it the "sugar workers" showed the best results. On the way back to Havana from Moa I stopped for a cup of coffee in the small town of Mayari at the foot of a mountain covered with brushwood. In 1965 it was planted with pine saplings.

By the end of the last century the furnaces of the sugar refineries had swallowed up the famous Cuban jungles that had awed Columbus. Approximately one-quarter of the country is now waste and swamp land. After the revolution it was

Handwritten initials 'M' and 'Ja' are present at the top right. A red circular stamp contains the number '20445' and the year '1970'. A blue scribble is also visible.

decided to plant these lands with eucalyptus and other valuable trees. 300 million trees have since been planted and the intention is to reforest 16 or 17 per cent of the island's area. The swamps will be drained to provide more land for orchards and sugar cane.

In the distance to the right of me were the chimneys of the Antonio Guiteras sugar refinery. In June it finished with the last of the old sugar crop and now its chimneys are smoking again—it has already begun working on the new crop. Very soon all the 152 refineries in the country will be operating full force.

In 1965, for the fourth time in her history, Cuba produced upwards of six million tons of sugar. The national record—7,250,000 tons—was established in 1952.

Time magazine recently wrote with spiteful glee that the six million tons would do the Cubans little good because world market prices for sugar were low. They were, in fact, extremely low and caused something of a panic among the sugar-producing countries of Latin America. To some degree they affected Cuba too, for she sells sugar to the capitalist countries at world prices, but a large part of her sugar goes to the Soviet Union at a price fixed for many years in advance. Whatever the market set-up, Cuba no longer needs to fear crises such as shook her in the recent past.

"We've a lot of sugar now and the new crop is good too," commented young José, "but we are also developing cattlebreeding and raising large crops of vegetables and fruit. Let no one imagine that we are only rich in sugar."

José was one of three young men who came up to me while I was filling up with gas in Guaimaro. Night was near and I was in a hurry to be on my way but the boys talked me into seeing the town's cattle fair. Its lights shone bright near the Central Highway and I could hear the

rhythmic pound of Cuban music. The girls on the dance floor wore tight, low-necked dresses and intricate city-style hair-dos. The boys led me to the stalls to show me record-breaking cows, oxen, hogs and thoroughbred horses. They stopped to address a race horse named "Actor." "Actor, say, Cuba-si?" and the horse nodded its head. "Yankee-no?" said the boys and the horse shook its head.

But to get back to sugar, which is revolutionary Cuba's main concern at the moment, one of the stops I made was at the experimental station of the Sugar Cane Institute, whose plantations lie along the highway near the city of Jovellanos.

Cuba aims to bring its sugar output up to 10 million tons by 1970. Now it is preparing to scale this height, readying the front and flanks of its sugar industry, drawing up its scientific forces, building fortifications in the form of irrigation canals and dams.

To drop this metaphor and speak in economic terms, to produce 10 million tons she will have to increase both her crop and her production capacity (harvesting and refining) by 40 per cent.

The experimental station is evolving new high-yield varieties of cane, determining the best methods of tending the plantations, the best fertilizer formulas and means of combating rodents and pests. For many years Cuba came about tenth in the list for harvest-yield. Only now has she undertaken to intensify cultivation by application of the latest scientific findings.

The past year was marked by a technical revolution in cane cutting. There appeared on the fields 500 Soviet cane harvesters, each of which does the work of 30 men. In the new season 250 improved harvesters will be added. I saw them being unloaded in Nicaro.

Everywhere else, the United States included, cane is, to all intents and purposes, still harvested by hand.

Cuba is indeed accomplishing a revolution in this field. Present plans are for half the 1970 crop to be harvested by machines. This raises the important problem of training thousands of men to run and repair the harvesters and other machines.

... Further on my way, I turned off to Varadero. There were two big tourist groups from France and hundreds of tourists from socialist countries holidaying there at the time, but the bulk of the holidayers were Cuban peasants, factory and office workers, who before the revolution could not have dreamt of renting a cabaña or a hotel room. Last summer two thousand of the country's foremost cane-cutters and their families were sent to Varadero for their holidays as a bonus for their good work. Cane-cutters are in general held in great honour. Their achievements are news, their stories and pictures are published in the papers.

At what was once DuPont's Cuban summer house I heard a Cuban journalist ask a photo correspondent from the United States:

"Why don't you ever take a picture of any of our cane-cutters?"

A shrug of the shoulders was all the reply he got. The photo correspondent spent his days poking about Camarioca, a small port near Varadero which was opened in October to the boats and yachts of Cuban emigrants living in the United States. They came to it to look up their families and talk them into going away with them to Florida.

The monopoly press devoted long columns to the "flight" of those who succumbed, but gave not a single line to the wives, children or aged parents who refused to leave their country. Interviews with these were published in the Havana papers.

In December, after the U.S. and Cuba reached an agreement through the mediation of the Swiss Embassy in Havana, relatives wishing to join their families in the U.S. began to

Handwritten blue scribble.

20445

depart by the Varadero-Miami air line.

...I covered the short distance from Varadero to Havana by the less busy Via Blanca highway, which runs over the hilly coast, past holiday resorts.

One more year of the Cuban revolution has passed. The early years of the revolution are associated in our minds with the romance and heroism of the struggle against im-

perialist blackmail, sabotage and military gambles. This struggle is not yet over—the blockade has not been lifted, espionage and political pressure still go on. The Cubans cannot yet hand their guns into the armories. But when imperialism gives Cuba any breathing space, she devotes all her energies to peaceful construction.

The people of Cuba know that theirs is as yet an economically

backward country which for long years was oppressed by its own and foreign capitalists. Difficulties cannot be overcome at once, without persistent devoted effort.

But Cuba is confidently marching forward. Her successes are already visible, her plans for the future inspiring.

Havana

December 17

BULGARIA'S ECONOMIC REFORM

A NEW system of planning and economic management is today an object of nation-wide discussion in Bulgaria. The new principles were defined in the theses issued by the Bulgarian Communist Party's Political Bureau on December 4. Conversion to the new system was prompted by the far-reaching social and economic changes in the country.

The Bulgarians have by now coped with the basic problems of the transition period and tackled the building of developed socialist society. In 1964 the nation's industrial output was 19 times higher than prewar. Industry accounts for about half the national income. In 1948 only 8 per cent of the manpower was employed in industry, while in 1964 the figure climbed to 25 per cent. Accordingly, manpower employed in agriculture and forestry shrank from 82 to 47 per cent.

Completion of the material and technical basis of socialism in Bulgaria, which, economically speaking, is still somewhat behind most other European socialist countries, hinges on greater production and more capital construction. In the new five-year-plan period (1966-70) the accent is to be on further advancement of power engineering, metallurgy, the chemical industry, and development of a modern

VALENTINA SHABUNINA

engineering industry. For this new factories will have to be built and the productivity of labour raised appreciably.

Between 1952 and 1963 rising labour productivity accounted for 35.8 per cent of the accretion in output in the various branches of material production (excluding agriculture), while in 1960-63 higher labour productivity accounted for more than half of the accretion.

Further mechanization of farming in the coming few years will make some of the rural manpower available for industry. But Bulgarian economists estimate that influx of manpower will increase industrial production by no more than 14 per cent in 1961-80 if productivity is not raised, whereas the plan is to boost output 550 to 600 per cent.

Bulgaria's continued economic development is thus closely bound up with technical progress and better quality of products. "Today, neglect of this problem is creating difficulties," Marii Ivanov, Chairman of the Engineering Committee, said some time ago, "but tomorrow it will act as a grave impediment to Bulgaria's industrial development. This applies particularly to engineering, which holds a key position in the nation's economy."

The need for rapid technical progress and better-quality production is also impelled by foreign trade, which is playing an increasingly important role in the Bulgarian economy. Before the war, industrial commodities (excluding processed farm products) accounted for less than 0.5 per cent of Bulgaria's aggregate export. Today, they account for nearly 40 per cent. Machines and equipment comprise nearly 30 per cent of the exports, and that figure is growing, while in 1955 they accounted for just 2.6 per cent. In the circumstances, raising the quality of export goods to match world standards and reducing production costs have become a national task.

* * *

Bulgarians believe they will not accelerate technical progress and improve efficiency unless they improve the system of economic management.

The Bulgarian Political Bureau theses say the present system of planning and management has fallen behind the greatly increased scale of production and current demands of the economy. Excessive centralization and neglect of economic levers act as a brake on technical standards and social productivity of labour and do not give full play to the advantages of socialist economics.

Essentially, the reorganization of management in Bulgaria follows the lines taken in other socialist countries. It is calculated to give freer

20446
709

play to economic stimuli. Naturally, however, the new Bulgarian system has distinctive features consistent with the country's level of economic development and its economic structure. A magazine article affords too little space to look into all the aspects of the new system. We shall therefore confine ourselves to just the key problems, those related to industrial production.

To begin with, let us stress that planning remains the dominant factor in economic management. The most prominent role is assigned to five-year plans, with central planning agencies setting the basic proportions of extended socialist reproduction, the main development trends and the progressive alterations of the economic structure. Also, they will control price formation, chart the financial and credit policy, handle questions related to Bulgaria's part in the socialist international division of labour, etc.

At the same time, the new system waives excessive supervision over factories. Factories will have a bigger say in framing plans and in the solution of the problems of economic development. They will have greater scope for initiative.

The number of targets and assignments previously handed down to them by central planning agencies is being considerably reduced. All they will now get from their superior agencies are production targets for the more important products, limits for the principal raw and other materials, and estimated capital investments and foreign exchange allocations. They will set all their other targets themselves, on the basis of a technical and economic analysis of their own work and their specific conditions of production, with an eye to the national control figures and the deductions they must pay into the state budget.

From now on enterprises will dispose of the production funds made available by the state at their own discretion, sell redundant equipment, conclude contracts for whatever

materials they need and for the sale of their product (these contracts will serve as a basis for their production plan), allocate funds for collective and individual consumption by their staffs, etc.

The economic independence of enterprises and their stake in more efficient use of their resources will be boosted by more extensive bank credits. Enterprises will be granted credits not only for current expenses, but also for replacement of obsolete plant and for expansion purposes.

However, in some branches, primarily heavy industry, the building of new factories will be financed by the state budget.

The new system makes the economic condition of the enterprise and the emoluments of its staff directly dependent on the ultimate results of its work. The Political Bureau theses say that "the basic economic principle, that of paying their own way, requires every state amalgamation and every enterprise to cover their production and other costs out of funds derived from the sale of their products and services, securing a net income for themselves and for society."

The same principle governs the distribution of incomes. It is out of its income that the enterprise is to meet its obligations to the state, obtain funds to expand and improve production, and secure resources for the collective and individual consumption of its staff.

Under the new system, payments into the state budget will act more tangibly as an incentive to production. Previously, enterprises made two kinds of payments into the budget—a turnover tax and a deduction from profit. The turnover tax will remain. The deduction from profit, on the other hand, will be replaced by a tax on production assets, an income tax and a tax balancing differences in incomes of factories due to different conditions of production.

The tax on production assets gears the allocation to the budget to the

size of the fixed and circulating assets of the enterprise. This will give the enterprise a stake in using its assets to the fullest extent, to relieve itself of redundant equipment and redundant circulating funds.

The income tax is levied on that part of a factory's income which remains at its own disposal. This part of the income will now be much greater, enabling the factory to handle various problems of development and improvement by itself. For example, it will now have its own fund for expansion and technical improvement. Capital investments, capital repairs, and the like, will now be financed out of its own resources. Furthermore, there will be a fund for new lines of production, a fund for social, community and cultural measures, and a reserve wage fund. Trading enterprises will also have a fund to regulate retail prices, and foreign-trade agencies will have a "trade risk" fund.

Under the new system, each enterprise is to provide its own payroll. This will amount to its income from the sale of products minus production costs, deductions to the state budget and allotments to its various funds. The final payroll, therefore, will depend on the results of its work.

If an enterprise does not secure a big enough income to meet the guaranteed payroll, it can fall back on the reserve wage fund or on a bank loan. Additional emoluments to the staff will depend on the results of production.

The relation of wages in the various industries and trades, as well as the relation between productivity growth and wages will be regulated by the state through various economic levers, such as tariffs, prices, taxes and fixed norms of income distribution.

Conversion to the new system of planning and management calls for a change in the organizational structure of management.

A Plenary Meeting of the Central Committee of the Bulgarian Com-

20446

munist Party back in May 1963 noted, among other things, that the territorial system of economic management was inconsistent with the new tasks. After the Plenary Meeting management was refashioned along industrial lines. State amalgamations were organized under industry committees, each such amalgamation consisting of several enterprises of the industry concerned. Apart from production matters, the amalgamation also handles designing, research and sometimes even sales.

All enterprises operate on a self-supporting basis, and their incomes are not influenced by the results obtained by other enterprises of the same amalgamation. The economic council of the amalgamation, headed by the General Director, ensures a single economic and technical policy within the industry concerned, co-ordinates specialization and co-operation of production, and establishes the trend in the work of enterprises and the degree of their independence.

Joint funds for expansion and technical improvement and for new production lines are formed by the amalgamations out of deductions from the corresponding funds of enterprises. These funds are used for common purposes within the framework of the amalgamation as a whole.

* * *

In April 1964 the new system of planning and management began to be tested at fifty different Bulgarian enterprises. This year it has been introduced in whole branches of industry. Most of the enterprises of the Committee for Light Industry have switched to the new system. So have the enterprises of the Committee for the Food Industry, and the Ministry of Foreign Trade amalgamations, such as Bulgarian Fruit, Vegetables and Canned Goods and Bulgarian Tobaccos.

The new system is also being tested at state farms and farming co-operatives, and by trading enterprises in some of the districts. This extensive economic experiment is de-

signed to verify the basic principles and efficiency of the new system, and to pave the way for its introduction in the national economy as a whole.

The early results of the experiment have been promising, despite some difficulties and negative results, due, as a rule, to the limited scale of the experiment and incomplete application of the new principles. As noted by Todor Zhivkov, they confirm "the correctness of the principles of the new system, its efficiency, and show that it provides scope for the most important thing in the current stage of economic management—a greater material incentive for the working people, greater interest in the results of their labour."

In 1965, enterprises that were converted to the new system achieved better economic results than the others. Productivity of labour in industry as a whole increased 6.7 per cent in the first nine months as compared with the same period in 1964. At enterprises working under the new system, labour productivity rose by 8.3 per cent. They made a profit of 106,100,000 leva in the first six months of the year, instead of the 70,600,000 leva profit originally planned.

Bulgaria believes it will complete verification of the new system by the end of 1966 and spread it to the economy as a whole in 1967.

From the Mail-Bag

SIX YEARS AFTER

Six years ago, on January 1, 1960, the peoples of the Cameroons sundered the chains of colonial slavery and proclaimed their independence.

The economic position of our country, however, is still unsatisfactory. The banks, domestic and foreign trade, and the mining industry remain in the hands of foreign magnates. The peasant masses, who constitute 90 per cent of our population, continue to live in poverty. Education and medical assistance are beyond the means of the working people. In the north, for instance, only 10 per cent of the children attend school. For 4 million people there are only 70 doctors.

The Cameroon people want the wealth of their country to be placed at the service of the people, want their children to have schooling and medical service, want to see their future assured.

Ruben Mandeng

Cameroons

ABOUT "NEW TIMES"

While in The Hague (as a judge in the International Court of Justice), I read, and liked, D. Granin's articles about Australia in your is-

sues Nos. 36 and 37 for 1965. Curious to know what a son of Sydney, one deeply in love with his city, thought of them, I passed them on to Sir Percy Spender, President of the International Court.

I believe New Times and the author will be interested to know Sir Spender's reaction. I quote from his letter to me: "I have read with interest the two articles in the New Times on Canberra and Sydney and I found them most absorbing."

V. Koretsky

Member, Ukrainian Academy
of Sciences

Kiev

* * *

While visiting Moscow I came across your magazine and had the opportunity to read it often. I can safely say that New Times is an effective weapon in the struggle against colonialism and imperialism, in the struggle for world peace. That is why I intend to remain its constant friend and reader.

Diawara T. Robert

Deputy, National Assembly of the
Republic of Guinea

Conakry

Hindustan Impressions

INDIRECTLY, the present tense atmosphere on the Indo-Pakistan subcontinent makes itself felt to passengers who have made the Moscow-Delhi flight before. That was so with our Soviet-Indian Cultural Relations Society delegation. The flight now takes three hours longer. The former direct route via Tashkent makes a big detour round the Caucasus, Teheran, the Arabian Sea and Bombay to avoid the disputed Indo-Pakistani border area.

To one side of and a little below the traditional portrait of Mahatma Gandhi in the waiting room of the Safderjung airport in Delhi there is now a poster showing a man with frightened eyes who has clapped his hand to his mouth, evidently in response to the warning printed above his head: "Don't spread rumours!" Nearby is another poster with instructions about what to do in an air raid.

Outside the sun shines brightly. After snow-blanketed Moscow the fresh green of the trees is a joy to our eyes. Yellow-and-black taxis and pedicabs speed along, tooting vigorously. Driving through the city, we soon notice that nearly all government offices and banks have prepared barricades of sandbags. Trenches scar the green fronting the ancient Kutub-Minar minaret.

As I stroll along Janpath Street I am accosted by a young man who wants to pin a small paper flag to my lapel. He is collecting money for the National Defence Fund. In return for the paper flag, everyone contributes a rupee or two. On that day, December 7, more than two million such flags were distributed in India.

Four days later we are in Calcutta, on the eastern seaboard. Huge billboards on the streets urge citizens to buy war bonds. Many buildings in the centre of the city bear signs

From Our Special Correspondent I. ANDRONOV

reading: "Civil Defence Post." Sandbags flank the entryways to public buildings. In the mornings the city is often awoken by sirens announcing air raid drills.

Judging by the Pakistan radio, similar drills are frequent there too. As the alert is sounded, the lights are switched off and the civil defence detachments hurry to their posts. And from Pakistan newspapers one learns that there, as in India, a nation-wide collection for a defence fund is in progress.

Let not the reader conclude from this that the peninsula resembles an armed camp. No, peaceful life everywhere pursues its ordinary course. Every day the masses of tourists in Agra hurry to the famous Taj Mahal. Every morning, in ancient Benares, hundreds of pious Hindus stand waist-deep in the brown waters of the sacred Ganges and with prayers on their lips wait for the sun to rise to perform their religious ablutions. Every night the songstress in the restaurant of Calcutta's Spences Hotel croons popular songs into the microphone for the pleasure of the moneyed public. Yes, but at the same time, nearly every day, despite the official cease-fire, shots are exchanged and lives are lost on the Indo-Pakistan frontier.

As we sat down to supper in the restaurant of Delhi's Rajdoot Hotel on December 20, the headwaiter came hurrying up to our table.

"Your pardon, gentlemen, but we cannot serve you bread and butter today. In many parts of our country people are starving, and to help them restaurants in Delhi and Bombay are forbidden to serve certain

foods and dishes on Monday evenings."

With a bow, he turned away. He walked restlessly to and fro, then strode to the telephone. Within minutes he was back at our table.

"I must beg your pardon once again for this sad misunderstanding. I have just phoned a government office and been informed that the restrictions do not extend to foreigners, only to citizens of India. You will be served at once."

The bread and butter were brought but remained untouched. The thought of people starving nearby made the food stick in our throats.

Several parts of India have been badly hit by drought and crop failure. The newspapers report famine in nearly half the villages in Rajasthan State. It is estimated that 100,000 people have already fled from them. All of 23 of the 26 districts of Maharashtra State are affected and, judging by the statements of local authorities, the situation is also serious in the Punjab, Kerala, Andhra and several other states. To stabilize the situation, the government has rationed the sale of cereals in Delhi, Calcutta, Bombay and in Kerala State. And the Food Ministry has announced the introduction of rationing in all cities with a population of over 100,000 as of January 1. In Delhi ration books allow for only two kilogrammes of rice or wheat per week and one kilogramme of sugar per month.

To make matters worse, the tense situation on the Indo-Pakistan frontiers causes substantial funds to be shifted from the sphere of national economy to military needs. The growth of military appropriations involves postponement of construction of enterprises not servicing the army, curtailment of imports, and introduction of a regime of strict economy. But economizing will be difficult in view of the present food shortage and the fact that the aver-

20447
20447
20447

age per capita income is still only about one rupee a day.

Similar problems face Pakistan. The average per capita income there is approximately the same. But because of the growth of military expenditure, Finance Minister Mohammed Shoaib publicly announced, his compatriots will have to "pull their belts a little tighter." In West Pakistan oil and oil products are already rationed. In the meantime businessmen, says West Pakistan governor, Malik Amir Mohammad Khan, have jacked up prices on industrial goods. These goods will probably come to be in short supply for in order to partially convert the country's economy to meet military needs, some of the industrial projects contained in Pakistan's five-year plan (1965-70) have been cancelled. The budget for the next fiscal year fixes Pakistan's military expenditure at 500 million dollars as against 220 million in the present fiscal year.

... The official cease-fire strengthened hope for the restoration of peace in this area of Asia and warded off any immediate danger of large-scale hostilities between India and Pakistan. Nevertheless, the persisting tension in the conflict area is draining the economic resources of both countries and threatens grave damage to their economy in the near future, for it jeopardizes their long-range development plans. This cannot but evoke the grave concern of all sober-minded citizens of both countries.

In the morning of December 21 the president of the ruling Indian National Congress, K. Kamaraj, received me at his residence. Mr. Kamaraj won extensive political influence under Nehru, who in 1963 reorganized his cabinet in line with the Kamaraj plan for modernizing the activity of the National Congress. After Nehru's death the key positions in that party fell to Mr. Kamaraj and he was instrumental in assuring Shastri's election to the premiership. He and Prime Minister Shastri are personal friends and of the same po-

litical mind. In Kamaraj's reception room there is a big photograph of Shastri and himself arm-in-arm.

I put my first question:

"What do you think of India's economic condition?"

Mr. Kamaraj answered in short phrases, quickly and precisely:

"We have a crop failure. Because of drought. The monsoon season came late. We are trying to improve matters. Understandably, the problem of defence is closely bound up with the economy. Our present military expenditures will naturally affect the country's economic condition."

"What solution do you envisage of the tense situation of recent months?"

"I can envisage only a peaceful solution. We want peace, are striving for it and that, in fact, is why our Prime Minister will, at the invitation of the Soviet Union, be in Tashkent on January 4 to meet Ayub Khan. We highly appreciate the good services of the Soviet leaders."

"As the leader of the ruling party, what do you consider your paramount and primary task?"

"For all of us in India the most urgent and important task is the struggle against poverty and disease, the struggle to raise living standards. Most of all I have to give thought to the means of solving this difficult problem."

"Would you care to say anything to the readers of *New Times* in the Soviet Union and other countries?"

"I should like to wish them happiness and peace. Stable peace is essential to all people everywhere. It is essential to us and we are striving for it."

Thus, speaking of the need for a peaceful solution of the Indo-Pakistani problem, this leading Indian public personality simultaneously named as his country's major task the struggle against poverty. The one is indisputably closely linked with the other.

Judging by everything, this fact is also recognized in Pakistan. Speak-

ing in Washington on December 14, President Ayub Khan said:

"My endeavour always has been to live in peace with our neighbours, especially with our big neighbour, India. They have tremendous problems and we have tremendous problems. We need peace. We need peace not only for the sake of peace but also for the sake of doing the very noble task of improving the lot of our people."

The forthcoming Tashkent talks have inspired hope across the length and breadth of the Indo-Pakistan subcontinent.

In Benares a leader of the local branch of the National Congress, Anandeshwar Prasad Singh, told me:

"We welcome the Soviet Union's mediation in our relations with Pakistan. The Soviet leaders are giving us an extremely important chance to discuss Indo-Pakistan problems amicably. If one looks deeper, the disputes between us and Pakistan arise not so much from political rivalry as from the legacy of colonialism which, upon leaving our subcontinent, split it in two parts and thereby created a trouble-spot. Now the existence of India and Pakistan is an irrevocable historical fact and we must therefore seek paths to agreement, to peaceful agreement."

And Mrs. Subhadra Joshi, member of the Indian parliament, told me in Delhi:

"Tashkent is an important step towards peaceful solution of the dispute. Whatever their results, the very fact of these talks between the leaders of India and Pakistan creates a favourable atmosphere for further measures towards normalization of Indo-Pakistan relations. The very fact of this meeting improves the political climate in our part of the world."

The Indian and Pakistan peoples are blood brothers. Both in India and in Pakistan millions of people are hoping for the success of the Tashkent talks.

INTERNATIONAL NOTES

20448

[Handwritten signature]

G.F.R.

Xmas Intervention

Christmas messages from heads of state to their people are a tradition in many countries. They usually speak of peace on earth and good will to all. A president or prime minister may send a Christmas message to another nation but not in circumvention of its government, in a flagrant attempt to negate its existence. But that precisely is the kind of Christmas intervention Chancellor Ludwig Erhard has indulged in.

On Christmas Eve, Dr. Erhard addressed the population of the German Democratic Republic over the radio. Or, rather, the population of "Central Germany," for he has chosen to ignore the G.D.R. The implication was that there was no and

could be no German state other than Bonn Germany.

"The whole world knows today that Germany is indivisible," the Bonn Chancellor declared in defiance of the facts. What is more, he urged "reunification," but one presupposing the absorption of the G.D.R. by the G.F.R. And since they know in Bonn that there is no hope of that, what Chancellor Erhard actually offered the Germans was not peace and Christian good will but intervention, seizure, Bonn's absorption of the Democratic Republic.

In a word, the Chancellor, who claims he is a humble Christian, has taken advantage of the ancient holiday to press the West-German revenge-seekers' claims.

ITALY

Buying and Selling

The Fiat firm is a real state within a state. Its Turin plant employs 100,000 men and women. Fiat is the biggest car producer in Western Europe after the West-German Volkswagen. Its orders keep going many Italian concerns and it controls, moreover, *La Stampa*, *L'Espresso* and other big newspapers. Rome, the French weekly *Nouvel Observateur* commented in mid-December, could not rule the country if Fiat did not will it.

But, it turns out, there is a risk of Fiat falling into the clutches of the giant General Motors. Among those who want to see the Italian automobile firm pass into American control is one of its co-owners, Gianni Agnelli, who claims that only an Americanized Fiat can stand competition in the world market. In October Signor Agnelli went to Detroit to sell his shares to General Motors. The deal fell through, however, because all Agnelli could offer was 30 per cent of the Fiat shares. The rest were held by other Italian industrialists, including company president Vittorio Valletta, who is

against the sale of shares to the Americans.

In the last few weeks of 1965 the balance of power among the main Fiat shareholders underwent changes. Agnelli sold some of his other enterprises to West-European and American interests for \$100 million and spent a considerable part of this money to purchase Fiat shares. West-European newspapers write that if he lays hands on 40 per cent of the Fiat shares, he will own the control packet and that will give him a free hand.

Here is what *Le Nouvel Observateur* writes on this score:

"Italy may thus wake up one fine day and find that the biggest U.S. trust has taken control of the biggest Italian trust... The merger will be perfectly legal and will conform with the world strategy of capitalism and its commercial and financial logic."

DENMARK

Unnecessary Burden

After sixteen years of their country's membership in the North Atlantic bloc the Danish people wonder whether it would not be better to break with this organization when the Nato agreement expires in 1969. Denmark's withdrawal is demanded by various political organizations and groups. Even in the ruling Social-Democratic Party there are some who are beginning to doubt the expediency of Denmark's membership in Nato.

The Youth Section of the Social-Democratic Party suggested in mid-December a referendum on this issue. Its appeal said: "The conditions which led to the establishment of Nato in 1949 have changed completely."

Sören Villadsen, chairman of the Youth Section in Copenhagen, recalls that in April last most of the members of the so-called Young Men's Rigsdag—the assembly of various

The "Free World"



"One thing they're not going to get me to do—worry about our gold supply!"

Dave Gerard in *Wall Street Journal* (U.S.A.)

20448

Danish youth organizations—urged Denmark's withdrawal from Nato.

The Tvaerpolitisk Kontaktgruppe sums up Nato's activity thus:

"Nato was designed as a defence alliance and in reality it has become an instrument of political pressure. Nato intended to act in defence of peace, but the Americans have persisted and still persist in dragging its member countries into military operations in the Congo and South Vietnam. Nato has armed West Germany. Nato has set up a Danish-West-German command and allowed West-German troops to hold manoeuvres in Denmark..."

An analogical conclusion is drawn by the liberal *Frit Danmark* magazine in an article entitled "Nato Membership Is a Heavy Burden."

Many Danes think Nato is not only a heavy burden but an unnecessary one.

U.S.A.

A Terrier's Career

"Max Donovan!"

"Bowwow!"

That was usually the way one of the employees of a Wall Street real estate firm replied when his employer, John De Lyra, called him. That "bowwow" was all Donovan could utter became known when De Lyra's wife, suing him for alimony, told the court that her husband kept the schnauzer on the payroll of his firm to conceal assets from state tax officials.

The dog was also endowed with such things as a membership in a book club and a Social Security card.

De Lyra has been indicted for fraud. As for the schnauzer, the *New York Times* (Dec. 15) writes that it was last seen "heading for California in a sports car with a brassiere model." Max Donovan apparently has a new job.

AUSTRIA

The Merits of an SS-Man

On December 21 the Vienna Land Court concluded its hearings into the case of Robert Jan Verbelen, a

Belgian who commanded a unit of the Gestapo-like Flemish Security Service during the Nazi occupation of Belgium. He was also the chief of staff of the De Vlag Nazi organization and ended up as an SS colonel.

In 1947 a Belgian military tribunal tried Verbelen in absentia and sentenced him to death on a number of charges, one of them being complicity in the murder of more than 100 people. It was only in 1962, however, that Belgian Resistance veterans got on his tracks. They found him in Vienna, where he had fled after the war and worked for the American Counter-Intelligence Corps in the Austrian capital, first under a false name and then under his own.

The Belgian government's demand for his extradition was rejected on the ground that he became a naturalized Austrian in 1959. Public pressure, however, compelled the Viennese authorities to start a case against him. The investigations went

on for three and a half years and it was only on November 29, 1965, that Verbelen was finally haled to court. Instead of pleading guilty, however, he began to brag about his postwar "feats" on the "anti-communist front." He told the court that on his capture by the Americans he told them all about his past and was given a CIC job in Vienna. This fascist's work there was so highly appreciated that in 1948 he was appointed CIC deputy chief in Austria and then chief of the anti-Soviet section.

In the course of the hearings, Verbelen harped on his "services" to the anti-communist cause, and so did his counsel and the defence witnesses. It helped. Verbelen was acquitted.

In the Viennese judges' eyes, his crimes have apparently been more than redeemed by his anti-communist activity in the American intelligence agency.

From the Mail-Bag

WHY THERE IS NO PEACE IN CYPRUS

Two years have passed since the inter-communal troubles started in Cyprus. The constitution of Cyprus, worked out by the British imperialists, practically divided the people of Cyprus on national lines, thereby fanning friction and strife. Several thousands of both Greeks and Turks lost their lives as a result of this monstrous imperialist policy.

Various proposals were advanced by Britain, Greece and Turkey for solving the Cyprus problem. None served the interests of the Cypriot people. The Cypriots demand a unitary state uniting all people irrespective of race.

Advocating self-determination for Cyprus, AKEL, the progressive party of the working people, demands the removal of the British bases from Cyprus, for they serve as centres of espionage and prolong strife among the Cypriots.

The Cyprus problem will be solved only when military bases are removed from the island and external interests cease interfering in its internal affairs.

Kypros Tofallis
Journalist

London

NO JUSTIFICATION

"New Times" is to be commended for giving so much space to exposing the aggressive war of the United States against Vietnam. The American aggressors' policy of genocide against the people of this heroic country shows that U.S. imperialism remains the chief foe of peace and freedom of the nations. Nothing can justify the war crimes of the aggressors.

G. Wedemeyer
Wiesbaden, West Germany

Gravar Reveals the Future

A New Year Fantasy

DYSON CARTER

NEVER had the peoples of Earth experienced so many shocks within the course of a single year.

That stormy year began when the President, with his flair for surprising the press, dramatically summoned newsmen to his Residence for a conference... on New Year's Eve.

Grave, unsmiling, he worded his announcement with telegraphic brevity.

"Gentlemen. Scientists of our great nation have informed me of a discovery. This is the greatest discovery of all time. Our scientists have found a new form of radiation. Five months ago, they started using this radiation to explore the Universe. With it they found a distant planet similar to Earth. It is inhabited by beings who respond to our signals."

Not one scratch of a pencil broke the silence.

"These beings call their world 'Avalo.' Communications are improving. Already we know that the people of Avalo...."

The President was obviously moved. He leaned towards the microphones.

"Not only are the people of Avalo intelligent, but their civilization is in advance of ours. Their knowledge is of a kind we do not possess. It seems that we are about to leap centuries ahead!"

That night, no further news was released. Not that anything more was needed over the New Year holiday.

Three days later the world's stock exchanges remained closed, pending the President's appearance before an emergency meeting of the U.N. General Assembly.

According to the Residence press secretary, his statement was to consist of "proposals." But before his speech was finished the London Times correspondent labelled it "The Avalo Ultimatum."

To begin with: contact with Avalo came by use of the new radiation, related to gravity and termed by its discoverers "gravar." Gravar rays are exceptionally weak compared to radio. But under certain conditions they can be transmitted and received over immense cosmic distances.

"Only under certain conditions!" the President stressed.

Then he told the startled Assembly how a scientific-military force had already made sure that gravar would remain solely in the hands of his nation.

"In order to preserve the sacred heritage of our system—all those precious political and economic riches enjoyed by us and our allies of the free world—I have established an anti-gravar belt around our planet Earth. Gravar transmissions to Earth are jammed to all but our receivers. Thus our nation, and only our nation, can today

and in the future communicate with the marvellous Avalonian civilization!"

But how could such a monopoly be maintained, considering the high level of scientific research in other countries?

According to the enthusiastic Chicago Tribune reporter: "The President's historic reply came as solemnly as a heavenly pronouncement on human destiny!"

In plain words?

Scientists started with only a primitive idea about gravar. Not until they contacted gravar beams from Avalo did they begin to appreciate this radiation. And only by using knowledge sent from Avalo were they able to conceive of their anti-gravar belt. Lacking that information no other country, for centuries to come, could break through.

So long as the President enforced his "Avalo Blockade" around Earth, his monopoly of the discovery was assured.

And his ultimatum?

Editors everywhere called it "The Cosmic Cold War." They saw that it was a new version of a policy borrowed from the past—the notorious atom-bomb blackmail.

"But our offer," the President declared, "is most generous and humane!"

First, the U.S.S.R. and its socialist allies could obtain the advanced knowledge soon to come streaming from Avalo. All except information on gravar, which would be kept secret.

However, in order to get Avalonian knowledge, the socialist nations "must abandon their stubborn economic isolation, and permit corporations of the free world to set up enterprises on their territories. They must permit the formation of political parties representing the interests of free competition. They must assist in starting cultural activities to support our individualistic ideals...."

And so on, and so forth.

In short: the peoples of socialism must return to capitalism.

"And they must accept! For their alternative will be nothing less than total stagnation. They face the terrifying prospect of remaining stalled in history, while we move forward, at spectacular speed, up to the wondrous levels of Avalonian existence!"

When Wall Street opened, brokers were swamped in tidal waves of buying. Shares climbed to unbelievable heights. Millionaires became billionaires in a week. A mass hysteria gripped the business capitals all through the winter months.

In this period the U.S.S.R. and its allies maintained a state of calm preparedness which surprised even their rabid enemies.

Time tensed the situation.

Obviously the gravar blockade was no bluff. Scientists could not even detect this screen, let alone penetrate it.

And then, in early spring, not from Moscow but from an observatory in England came hints of suspicion regarding Ave'lo.

Why could no other forms of radiation be detected from that planet? Why only gravar signals, infinitely weak?

Why was the high energy level of an advanced civilization not picked up by the new ultra-sensitive scanning devices at Jodrell Bank?

Rumours began to circulate at scientific conventions.

The Residence issued an angry attack on Harry Boldfellow, the President's rival in the approaching election. This far-Right politician was accused of seeking personal advantage by undermining the security of the "free world."

In reply, Boldfellow gambled his whole career by making one rumour public. On TV he thundered a challenge to the President—admit or deny that the Avalonian people, far from having a super-civilization, were desperately seeking technical help from Earth!

Even the brief presidential silence was a catastrophe.

Next morning the stock markets crumbled. The old-fashioned term "panic" lost meaning. Real financial paralysis set in. Mass stupor spread over large Western cities. To halt an epidemic of depression, authorities had to issue stimulant drugs to millions of people.

The U.N. Assembly was stunned by the colossal disappointment. Socialist nations appealed for opening the gravar blockade. "If beings on another

planet, however distant they may be, are in great need, let all members of the United Nations know of this need, and decide what help may be given..."

But people were indifferent. They felt betrayed. In the West, whole populations flocked to join a new church called "Eternal Delusion."

* * *

Just as suddenly, early next autumn, the situation was reversed.

Of course they hadn't planned it, but a new, startling revelation from Avalo fitted perfectly into the President's election strategy. Two weeks before voting day he devastated Boldfellow by disclosing to a world-wide TV audience the latest scientific report.

"It is true, Avalonians are inferior to us in one respect. Their entire evolution has been on a low energy level. Now they face the kind of doom experienced on Earth in the pre-historic times. An Ice Age threatens them."

The President outlined his decision to transmit full knowledge of thermonuclear energy to the people of Avalo. Deuterium plasma furnaces would enable Avalonian civilization to survive.

"I am happy to tell the world that my first appraisal has now been verified. Avalonians advanced in a direction radically different to our progress. But already our scientists find that Avalo people are very far ahead of us."

With an actor's skill the President held his vast audience spell-bound.

"Long, long ago the Avalonians developed what they call their 'supreme

power.' This is the nearest term we can find in our language. At first it seemed that Avalo power is the force of pure human thought. Now we see it is far more than the brain's energy. It resembles a flow of pure intelligence. But this force is somehow adapted to each individual being... giving Avalonians the supreme power needed to perfect their own personalities!"

The President advanced the following demands in his election programme. First: no nuclear information for Avalonians until they disclosed their supreme power secrets. Second: no offers of any kind to the socialist nations.

"I see that our destiny is to establish a new world order! We shall become a nation of supremely powerful beings benevolently ruling Earth's inferior peoples!"

Wall Street rocketed into an all-time record boom. On election day Boldfellow was crushed.

* * *

Early in December, the press reported mysterious visits to the UNO by groups from the U.S.S.R.

A New York headline declared: "Reds Come Begging for Avalo Power!"

But no such pleas were evident. On the contrary, Soviet leaders apparently were making urgent proposals, intended to save the Western nations from some impending disaster.

Then, a few days after the President announced that information had begun arriving from Avalo, his chief scientific adviser committed suicide.

No official explanation was given.

The President went into seclusion. Millions were unable to sleep. The U.N. Secretary-General, faced with a mounting uproar in the Assembly, appealed to the Soviet delegation.

Academician Voronov took the speaker's stand. The eminent astrophysicist wasted no words.

"The Soviet government, following its policy of avoiding any action which may cause harm to other nations, sought to have the truth about Avalo made public gradually, in joint declarations by the major powers.

"But the President would neither agree to this, nor offer his own statement. While we appreciate the profound shock that our disclosure will produce in some quarters, we feel that no further delay can be tolerated.

"Citizens of the world! An heroic group of Soviet cosmonauts, manning a scientific observatory near Venus, deliberately set their station on a course towards outer space, and thus were able to escape the anti-gravar blockade.

"They succeeded in intercepting the gravar beam from Avalo. Essential information was transmitted to our Soviet base on the Moon. Armed with this knowledge, we needed only a short time to break the blockade. Then we opened our own gravar channel to Avalo... Soon after we started communicating with Avalonians, the true nature of their supreme power became clear to us.

"This force for a long time mystified the President's scientists. They recognized that it is a revolutionary power. Indeed it is! They saw that Avalo power holds the secret of infinitely enriching the human mind and spirit. Indeed it does!

"We Soviet scientists know this full well. Because, while Avalonians have used this supreme power for centuries, their great secret is not new to us. We humans, here on Earth, discovered it independently. And not long ago we Soviet people, having perfected our system of socialist power, already began to apply what is called the supreme power of Avalo... Only we call it Communism!"

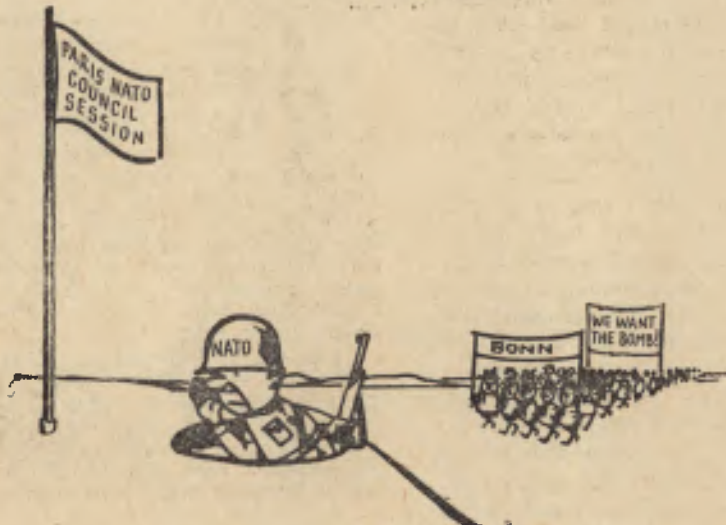
The amplifiers could not raise Voronov's voice above the sudden tumult in the Assembly.

The scientist made one more effort to be heard.

"We Soviet people are honoured to send all necessary information to save our comrades on the Cosmic Communist Planet of Avalo!"

On New Year's Eve humanity waited, impatiently, for the first TV reception from Avalo, for Man's first glimpse into a future existence.

Nato Session



"Alert! Our allies are on the offensive!"

Die Andere Zeitung (West Germany)

WHERE THE NEW YEAR BEGINS

A CURIOUS thing happened to Mavriky Slepnev, the well-known Soviet Polar flyer, when he arrived in Alaska in 1929. Here is how he described it:

"I took off from North Cape on March 4 and arrived at Taylor on the same day. I wrote down this date when I signed the register at the hotel. The owner, however, politely corrected me, saying it was only March 3..."

In short, Slepnev flew back into yesterday.

And there is the story about a passenger on a round-the-world dirigible flight who just could not understand how he had come to dine 21 times in twenty calendar days.

Such curiosities occur quite often. And they began during the first round-the-world cruise, made by Magellan, almost 450 years ago.

On September 20, 1519, five vessels under his command sailed from the Spanish port of Sanlucar de Barrameda in search of a Western route to the Moluccas, the Spice Islands. Spices were then almost worth their weight in gold in Europe. For almost three years there was no news from the voyagers. One September day in 1522 one of the vessels, the Victoria, came limping back to Sanlucar. The other four ships had perished and so had Magellan and many of his companions.

Those who returned thought it was September 5. In reality, it was September 6. Where had one day gone to? The Victoria crew, all of them devout Catholics, were horror-stricken: They believed they had committed a mortal sin by observing Saturdays and other holidays on wrong days.

Actually, there had been no such mistake.

The puzzle is easily solved. The earth rotates from West to East and

does one revolution in a day. Magellan's expedition sailed in the opposite direction—from East to West. In the 1,082 days of its round-the-world voyage it also made one revolution round the earth's axis, but in the opposite direction. Consequently, the travellers counted only 1,081 sunrises and recorded this number of days in the log.

It is necessary to have a conventional borderline between two neighbouring days, between consecutive dates. It makes no difference where this imaginary line is drawn, so long as it does not cross a populated point. Under an international agreement, the date line has been fixed at approximately 180° from Greenwich.

This date line passes in the Pacific, between Asia and America. In the North, it coincides with the Soviet state frontier in the Bering Strait which divides the Chukotsk Peninsula from Alaska. It is on this line that each calendar day first begins. The day begins in the Chukot settlement of Uelen (its inhabitants are the first to celebrate New Year) and ends in Wells, Alaska. The clocks at Uelen and Wells show the same time but there is a whole day's difference between them. Cross the Bering Strait from Wells to Uelen, and you immediately find yourself in tomorrow.

Suppose your ship sails from Sydney, Australia, for Chile at 10 p.m. on Friday, December 31, 1965. Two hours later you will be celebrating New Year in her cosy salon. Then you will cross the date line and find yourself back in yesterday, December 30. So the following day will again be Friday, December 31, and you can celebrate New Year for the second time. But if the course of the plane or ship lies in the opposite direction, westward, and it reaches the date line at 10 p.m. on

December 31, its passengers will miss the New Year.

Most of the countries live by the Gregorian calendar and so January 1 is a sort of international holiday. In many countries however, there are other calendars too. Indonesia, Iraq, Libya, the United Arab Republic and other Moslem countries go by the lunar calendar, which is shorter than the solar. And so Moslem New Year travels through all the months of our calendar: in 1965 it was on May 2, in 1966 it will be on April 2, and in 1976 there will be two Moslem New Years—on January 3 and December 23.

In Afghanistan, Iran and Turkey, besides the lunar calendar, there is a solar calendar, which has a different chronology from the Gregorian. According to this calendar, New Year falls on the day of the vernal equinox. In India, it is celebrated a day later: in 1966 the Indians will observe the beginning of the year 1888 of the Saka Era on March 22.

J. Shur

Pentagon's Dream



Kukryniksy in Pravda (Moscow)

New Year in Japan

YUMI KATSURA

WHAT is known as New Year's has been marked in Japan with numerous elaborate rites and rituals since time immemorial. The holiday may be compared in importance to Christmas in Europe.

In the remote past, Japan borrowed China's calendar, which contains a cycle consisting of 12 years. Every year of the cycle is named after one of twelve animals—the mouse, cow, tiger, hare, dragon, snake, horse, sheep, monkey, hen, dog and pig. 1965, for example, was the year of the snake, and 1966 is the year of the horse.

It was commonly believed that the character of people resembled that of the animal in whose year they were born. If, say, someone was born in the year of the hare, people thought he would be timid and physically feeble. On the other hand, those born in the year of the tiger were supposed to have a strong will. However, experience showed that people born in the year of the hare could have a strong character too. This is why we no longer believe that a person's character depends on the cyclical name of his year of birth.

In the year of the horse a likeness of the horse (or that of the corresponding animal in any other year) is put on New Year's cards and letters and on various domestic utensils displayed in the shop windows.

Apart from sending New Year's cards, people decorate the house gate with green branches. When these decorations are put up, everybody begins writing New Year's

cards. In Japan three types of branches do not wither a long time—pine branches, bamboo branches and branches of the plum tree. It is therefore believed that they bring luck. Pine and bamboo branches are used to decorate the gate. The plum branch flowers and is therefore used to decorate rooms.

House gates are decorated with pine branches between December 15 and 20, and New Year's decorations are hung over the main door on December 30. A wild orange, sea cabbage and strips of white paper are hung in the middle of a long rope. This is a sacrifice to the gods. Two large balls of rice are placed on the porch—this being another sacrifice, known in Japanese as *osonae*. *Osonae* are put in various places—the kitchen, the bathroom, on tables, etc. Tailors put it on their sewing machines and printers on their printing presses.

Now a word about New Year's dishes. There are a few dishes specially prepared for the New Year's meal. To begin with, there is *namasu*, which is finely cut pickled white radish and red carrots. In Japan, white and red are sacred colours. Then there is *kuromame*, or cooked sweet black soya beans, *kinton*, a hash made of beans, sweet potatoes and chestnuts, *kamabako*, mashed fish, *kohada*, pickled kohada fish, *ozoni*, a kind of soup, and a few other dishes.

The manner of preparing these dishes has been handed down from generation to generation, and nobody knows today when it all started. But the custom is rigidly observed.

New Year's dishes are prepared beforehand, on December 30 and 31, and preserved in a black or red lacquer box.

The last day of the year is called *omisoka*. That day, all New Year's preparations are supposed to end. The family gathers at the dinner table and eats a special kind of noodles in tribute to the outgoing year. When midnight comes, bells ring out from all the shrines. They inform everybody that the old year is ended and the New Year has begun.

After hearing the bells ring in tribute to the outgoing year, most people go to bed, because it is the custom to get up early on the first day of the New Year. It is said that if you see the sunrise on the first day of the New Year, that year will be a happy one for you.

In bygone days the houses were small and it was easy to watch the sunrise. Now the houses are so tall and so crowded in our huge capital that it is impossible to see it. But the custom is observed all the same.

In the afternoon of the first day of the New Year people call on their relatives, friends and acquaintances, and junior employees visit the homes of their seniors.

The dreams people see on January 1 are known as New Year's dreams. If you see good dreams that night, it is said, you will be lucky all year, especially if you see Mount Fuji, a falcon, or an eggplant in your dream. Why this is so, is a mystery.

Everything people do on January 2 is something done for the first time in the New Year—the first line of writing, the first song, the first dance. It is said that if a person does all this that day, he will become very skilled and successful.

All rites and rituals connected with the New Year's celebrations end on January 7. The holiday pine decorations are taken down and burned then and the New Year's sacrifices are removed.

Editor's Note. Mrs. Yumi Katsura is the Special Roving Correspondent of the widely-read Tokyo magazine *Josei jishin* (Ladies Own Journal), whose street sales amount to a million copies. *Josei jishin* writes about the family and the home, and about the situation of women and children in Japan and abroad. Mrs. Katsura visited *New Times* during her recent stay in Moscow.

1/2, Maly Putinkovskiy,
Pushkin Sq.,
Moscow, K-6, U.S.S.R.

Editor-in-Chief: NATALIA SERGEYEVA
Associate Editors: V. Berexhkov, L. Sedin, M. Slutsker, I. Andronov,
L. Bezymensky, P. Efimov, V. Listov, I. Trofimova, D. Volsky.



[Handwritten signature]
20151

20451 *[Handwritten signature]*

WINDO INTO THE UNIVERSE. The Shternberg Institute observatory on Moscow's Lenin Hills.
Photo by V. Akhlomov

NEW TIMES

A WEEKLY JOURNAL OF WORLD AFFAIRS

PUBLISHED IN RUSSIAN, ENGLISH, FRENCH, GERMAN, SPANISH,
POLISH AND CZECH LANGUAGE EDITIONS

Foreign-language editions identical with the Russian

TO BE OBTAINED FROM:

- AUSTRALIA**—A. Keesing, G.P.O. Box 4886, Sydney.
AUSTRIA—Globus, Vertrieb ausländischer Zeitschriften, Höchststadtplatz 3, Wien XX.
"Das Internationale Buch," Trattnerhof 1, Wien I.
"Morawa und Co.," Wollzeile 11, Wien I.
- BELGIUM**—Libraire "Du Monde Entier," Place St.-Jean, 5, Bruxelles.
- BRAZIL**—Editorial Vitoria Ltda., Rua Juan Pablo Durante 50, Sobrado, Caixa Postal 165—ZC-00, Rio de Janeiro
- BURMA**—The Ava House, Post Box 418, 232 Sule Pagoda Road, Rangoon.
Kyaw Linn Book Sellers and Publishers, No. 180, 51st Street, Rangoon.
The International Publishing House, 11, South Moat, Sule Pagoda, Rangoon.
People's Literature House, No. 546 Merchant Street, P.O.B. 709, Rangoon.
- CANADA**—Progress Books, 42-48 Stafford St., Toronto 3, Ontario.
Ukrainska Knyha, 962 Bloor Street, West Toronto 4, Ontario.
Troyka Ltd., 799-A College St., Toronto 4, Ontario.
- CEYLON**—People's Publishing House, 249, 1st Division, Maradana, Colombo 10.
- CUBA**—Distribuidora Nacional de Publicaciones, "Rolando González" Neptuno, 406, entre San Nicolás Manrique, Habana.
- DENMARK**—A/S Land og Folks Boghandel, Bredgade 37, København K.
- ETHIOPIA**—International Press Agency, P.O. Box 120, Addis Ababa.
- FINLAND**—Kansankulttuuri OY, Simonkatu 8, Helsinki.
G.D.R.—Zeitungsvertriebsamt, Clara-Zetkin-Strasse 62, Berlin NW 8.
Deutsche Post und deren Zusteller.
G.F.R.—Brücken-Verlag GmbH, Ackerstrasse 3, 4 Düsseldorf 1
W. E. Saabach GmbH, Gertrudenstrasse 30, 5 Köln.
Kubon und Sagner, 8 München 34, Postschliessfach 68
Presse-Vertriebs-Gesellschaft m.b.H., 6 Frankfurt am Main, Börsenstrasse 13-15.
- GHANA (West Africa)**—Lartay Books and Stationery, Ltd., P.O. Box 3077, Accra.
- GREAT BRITAIN**—Collet's Buildings Ltd., 44 & 45 Museum St., London W.C. 1.
Central Books Ltd., 37 Gray's Inn Road, London W.C. 1
- HOLLAND**—"Pegasus" Bookhandel, Leidsestraat 25, Amsterdam.
- HONG KONG**—Peace Book Company, 175 Queen's Road C.
Apollo Book Co., 42 Wellington St.
- ICELAND**—Istorg h.f. Posthof 441, Reykjavik.
- INDIA**—"Manisha Granthalaya," 3/4, Bankim Chatterjee St., Calcutta 12.
People's Literary Centre 9895, Nawabganj, Pulbangash, Delhi.
- Patrika Subscription Agency (Regd.) 2208/22, Kall Masjid, Bazar Sita Ram, Delhi 8.
N.C.B.H. (Private) Ltd., 199 Mount Road, Madras 2.
P.P.H. Bookstall 190-B, Khetwadi Main Road, Bombay 4.
People's Publishing House (P) Ltd., Rani Jhansi Road, New Delhi 1.
- INDONESIA**—P. T. Rada, Djl. Pintu Besar Selatan 3A, Djakarta-Kota.
P.T. Rakjat, Djl. Pintu Besar 93, Djakarta-Kota.
P. N. Padjar Bhakti, Djl. Nusantara 22, Djakarta.
P. N. Pembangunan, Djl. Guang Sahari 84, Djakarta
- ISRAEL**—Lepac Ltd., Brenner St., 20, P.O.B. 1136, Tel-Aviv.
- ITALY**—Libreria Rinascita, Via Botteghe Oscure, 2, Roma.
Libreria del Popolo, Piazza XXV Aprile, 8, Milano.
JAPAN—Nauka Ltd., No. 2, Kanda-Zinbocho 2-Chome Chiyoda-ku, Tokyo.
Overseas Publications Ltd., C.P.O. Box 1582, Tokyo.
Maruzen Co Ltd., P.O. Box 605 Tokyo Central, Tokyo.
Nisso-Tosho-Centre Ltd., 5, Nishi Kanda 1-chome, Chiyoda-ku, Tokyo.
- LIBYA**—Mohamed Bescir Fergiani, 53 Shara Amar Ibn As, Tripoli.
- LEBANON**—Maison d'Edition Dar El Farabi, B.P. 181, Beyrouth.
R. Araman, 36 rue Tawile, Beyrouth.
- MEXICO**—Fondo de Cultura Popular A. C., Avenida Hidalgo 75, Apartado Postal 2352, Mexico, D. F.
Servicios bibliográficos Palomar, Apartado Postal 8336, Mexico 1, D. F.
- NEW ZEALAND**—Progressive Books, 14-16 Darby St., Auckland C. 1.
Modern Books, 48A Manners St., Wellington.
- NORWAY**—Johan Grundt Tanum, Karl Johans gt. 43, Oslo.
A/S Norsk Forlag "Ny Dag," Box 3628, GB, Oslo.
Norsk-Sovjetrussisk Samband, Radhusgt. 8-v, Oslo
A/S Narvesens Litteratur Tjeneste, Postbox 115, Stortingstr. 4-v, Oslo.
- SUDAN**—El Fagr El Gadid Book Shop, Abdalla Mohammed Babikir, P.O. Box 230, El-Obeid.
- SWEDEN**—Wennergren-Williams A. B. Fack, Stockholm 30
Förlagsaktiebolaget Arbetarkultur, Kungsgatan 84, Stockholm.
- SWITZERLAND**—Genossenschaft Literaturvertrieb, 46 Feldstrasse, Zürich 4.
Pinkus et Cie, Büchersuchdienst, Predigergasse 7, Postfach, Zürich 25
Fachbücherei Berna, Postfach 379, Bern 2.
- SYRIA**—Farajalla Roumani and Paument Press Agency, P.O. Box 2366, Damascus.
Gulesser Demirdjian, Rue Salibe No. 95, Alep.
- U.A.R.**—Modern Age Establishment, 20 Adly Pasha St., Cairo
- U.S.A.**—Imported Publications and Products, 1 Union Square, Room 812, New York 3, N.Y.
Four Continent Book Corporation, 156 Fifth Avenue, New York 10, N.Y.

Sellos Aereos - AIR MAIL STAMPS

26 de Julio - CINCUENTAS DE LA REVOLUCION
 26th of July - CONQUESTS OF THE REVOLUTION

PRIMER DIA: 26 de Julio de 1966
 FIRST DAY: July 26, 1966

MULTICOLOR



20452

Valor de 1¢ 1¢ Value	Reforma Agraria Agrarian Reform
Valor de 2¢ 2¢ Value	Industrialización Industrialization
Valor de 3¢ 3¢ Value	Reforma Urbana Urban Reform
Valor de 7¢ 7¢ Value	Erradicación del desempleo Eradication of Unemployment
Valor de 9¢ 9¢ Value	Educación Education
Valor de 10¢ 10¢ Value	Salud Pública Public Health
Valor de 13¢ 13¢ Value	Parágrafo del libro La Historia me Absorbe, que contiene los motivos contemplados en los sellos de 1, 2, 3, 7, 9 y 10¢ Paragraph of the book History Will Absorb Me, which refers to the topics depicted on the 1, 2, 3, 7, 9 and 10 ¢ values.

Cuba has not issued an air mail stamp since 1962. Is the first time that Cuba dedicates a complete set to air mail stamps.

Cuba no emitió sellos aéreos desde 1962. Es la primera vez que Cuba dedica una serie completa al correo aéreo.

Impresos en hojas de 25 sellos - Marca de Agua: R de C
 Perforación: 124 - Impresión: Offset - Cantidad: 95,000 Series

Printed on 25-stamp sheets - Watermark: R de C
 Perforation: 124 - Print: Offset - Quantity: 95,000 Sets

PRECIOS EN LIBRAS ESTERLINAS
PRICE IN STERLING POUNDS

	10	100	1000
Mint Sets - Newes	£ 18.07	£ 17.13.07	£ 160.14.04
Used " - Usadas	0.17.05	7.19.02	72.06.03
Short " - Cortas	0.02.04	1.02.03	9.12.10

CUBARTIMEX
 Apartado 3340
 La Habana, Cuba



**INFORME DO
COMANDANTE EN CHEFE
FIDEL CASTRO
AO POVO DE CUBA**



Handwritten signature

20454

Handwritten signature

[Faint, mostly illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page]

O primeiro ministro de Cuba, líder máximo da Revolução e comandante em chefe das forças armadas que defendem nossos direitos soberanos, Fidel Castro, se dirigiu ontem à noite ao povo, por tôdas as emissoras de televisão e rádio, para informá-lo sobre a primeira fase de conversações que junto ao presidente — Osvaldo Dorticós e em companhia do ministro de Relações Exteriores — Raúl Roa — e o delegado ante a O.N.U. — Carlos Lechuga — celebrou com o secretário do supremo organismo internacional U Thant.

Esse comparecimento se recolhe neste folheto de "OBRA REVOLUCIONARIA", segundo o Departamento de Versões Taquígráficas.

P. A. 20455
H 9

20455
CP

HAVANA
2 DE NOVEMBRO DE 1962
ANO DA PLANIFICACAO.

COMPARECIMENTO DE FIDEL CASTRO
PARA INFORMAR AO POVO CUBANO

JORNALISTAS: Carlos Franqui, director de "Revolución".
Raúl Valdés Vivó, do jornal "Hoy". Gregorio Ortega, director do
"Instituto Nacional de Radiodifusão".

MODERADOR: Luis Gomez Wangüemert, director de "El
Mundo".

MODERADOR: Muito boa noite, senhores telespectadores.
As estações de radio e televisão de Cuba se puseram todas em
cadeia esta noite para transmitir as palavras do primeiro ministro
e comandante em chefe, doutor Fidel Castro, sobre as conversações
mantidas em Havana com o secretario geral das Nações Unidas
U Thant, e outros temas da actualidade.

Que pode o senhor nos dizer, comandante Castro sobre a visita
de U Thant a Havana?

DR. CASTRO. Bem, as conversações com U Thant, Secretario
Geral das Nações Unidas, efetuaram-se durante dois dias, e pensei
que a melhor maneira de informar ao povo sobre estas questões
era copiar as conversações.

Naturalmente, deve-se considerar o seguinte: no primeiro dia
as conversações se referiram a questões de tipo geral, e onde foi
definida a posição do nosso país; e, logo no segundo dia, ele quis
fazer uma série de proposições de carácter confidencial. Então eu
lhe perguntei se havia inconveniente em que a versão taquigráfica
das conversações do primeiro dia, onde está expressa toda a linha
do governo revolucionário cubano, sobre o motivo de sua gestão a
Cuba, fosse conhecida publicamente. Ele concordou, e nós lhe
prometemos também que os pontos, as perguntas e as questões de
tipo confidencial que ele quizesse expôr e que assim qualificou —
não para nós, mas para ele—, nos não íamos dar á publicidade no
momento. Entretanto, existem as versões de tudo que se discutiu.

Vou ler a versão taquigráfica das conversações mantidas no Palácio Presidencial no dia 30 de Outubro de 1962, que começaram às 15:10.

E vou ler o nome das pessoas que foram intervindo:

VERSAO TAQUIGRAFICA DA PRIMEIRA CONVERSACAO

Palacio Presidencial, 30 de Outubro de 1962. (15:10).

U THANT. Há um ponto que quisera mencionar: nas discussões que tive em New York, tanto com os representantes da União Soviética como com os representantes dos Estados Unidos, sempre estava presente o general Roklye, e em minha opinião seria útil sua presença nesta reunião com o Primeiro Ministro."

DR. CASTRO. Não temos inconveniente.

(o general Roklye é chamado a participar na entrevista).

U THANT. Antes de mais nada, senhor ministro, quero agradecer ao senhor e ao governo o convite que me foi extendido para vir a Cuba, não só por esta missão como também pelo convite que me havia sido feito anteriormente."

"...RESPEITANDO A SOBERANIA DE CUBA"

"Como manifestei ao aceitar seu convite, vim o mais depressa possível. Estou certo de que hoje e amanhã teremos conversações muito fructíferas para encontrar uma solução respeitando a soberania e a independência de Cuba.

DR. CASTRO. Nós estamos dispostos a discutir todo o tempo que seja necessário. Dispomos livremente de tempo para atendê-lo."

"U THANT. Como o senhor bem sabe, o problema de Cuba foi apresentado às reuniões do Conselho de Segurança a semana passada, enquanto se celebravam reuniões dos 45 países neutralistas, principalmente aqueles que haviam assistido às conferências de Bandung e de Belgrado. Celebraram-se duas reuniões, e eles enviaram representantes para que conferenciassem comigo, pôsto que também pertenço a um país neutralista e participei nas duas reuniões, para pedir-me que tomasse uma iniciativa, a iniciativa que pudesse contribuir à solução pacífica desse problema.

"No dia 24 de Outubro decidi tomar esta iniciativa.

"Depois de ouvir as declarações das três delegações no Conselho de Segurança cheguei à conclusão de que o problema imediato era fazer um chamado aos três poderes. Enz este chamado ao primeiro ministro Kruschov para que suspendesse os embarques de armamentos á Cuba, voluntariamente por duas ou três semanas, ao presidente Kennedy para que voluntariamente suspendesse a quarentena; e então apelei ao senhor Sua Excelencia, para que voluntariamente suspendesse a quarentena; e então apelei ao senhor Sua Excelencia, para que voluntariamente sus-

pendesse a construção de bases para projéteis, para dar-nos uma oportunidade de discutir o problema com tranquillidade.

"Imediatamente depois de minha solicitação o Conselho de Segurança suspendeu suas reuniões para dar-me oportunidade de poder levar a cabo meus propósitos.

"No dia seguinte me inteirei de que navios soviéticos se aproximavam da zona de quarentena. Dirigi uma segunda apelação ao primeiro ministro Kruschov e ao presidente Kennedy, pedindo-lhes que evitassem uma confrontação direta nesta materia para que me concedissem os poucos dias necessario a fim de poder tratar deste assunto. Também nesse dia lhe enviei uma carta, á qual o senhor respondeu muito gentilmente pedindo-me que eu visitasse Cuba. A mateira desta carta era a suspensão da construção de bases para projéteis em Cuba.

"Desde então tem havido comunicações entre o primeiro ministro Kruschov e o presidente Kennedy, entre o primeiro ministro

Kruschov e eu, entre o presidente Kennedy e eu, e também, naturalmente, Sua Excelência respondeu minha carta de Outubro 27. O conteúdo desta carta ja e de conhecimento público, pôsto que foi publicada.

"A meu ver Excelência, o problema tem duas partes: uma imediata e outra a longo prazo. Por otra o Conselho de Segurança quer se ocupar da solução do problema imediato.

"O propósito de minhas negociações com os três poderes de que falei, se refere unicamente ao problema imediato, naturalmente. Mas, na solução do problema á longo prazo, as Nações Unidas terão que se ver contidas em alguma forma.

O problema imediato tem varios fatores. O primeiro deles é, que o primeiro ministro Kruschov respondeu a minha solicitação, dando instruções aos capitães dos navios soviéticos para que se mantenham distanciados por ora da zona de quarentena, por alguns dias.

"O presidente Kennedy respondeu que estava disposto a evitar confrontação direta com os navios soviéticos se não transportavam armamentos, e o primeiro ministro Kruschov me disse em forma muito explicita que nêstes momentos os navios soviéticos não transportavam armamentos. Se os dois poderes estão de acordo, durante duas ou três semanas não se enviarão armamentos á Cuba, e durante duas ou três semanas os Estados Unidos, suspenderiam a quarentena, no caso de não haver armamentos em transportes.

"Do que os Estados Unidos querem se assegurar é, de que os navios soviéticos não transportarão armamentos. O que os Estados Unidos desejam e uma maquinária, um dispositivo das Nações Unidas, que lhe pudesse assegurar que durante este período de duas ou três semanas não entrarão armamentos em Cuba.

"A República Soviética não está de acôrdo com esta proposição.

"Ontem a Governo soviético propôs uma nova solução; que os navios soviéticos permitiriam uma inspecção da Cruz Vermelha,

uma verificação por parte da Cruz Vermelha de que não transportam armas. Esta resposta do Governo soviético foi comunicada aos Estados Unidos ontem à noite.

"NAO ME COMPETE A ASSOCIAR-ME A NENHUMA DAS PROPOSICOES"

"A Cruz Vermelha com quem nos pusemos em contacto ontem por telefone, em Genebra, contestou que estaria de acôrdo — em nome da paz mundial e da cooperação internacional—, a encarregar-se desta tarefa, seja em alto mar ou seja nos portos de desembarque, sempre que o Governo de Cuba esteja de acôrdo com isso.

"Minha atitude não pode ser de participação alguma. Não me compete associar-me a nenhuma das proposições. Sômente disse a Cruz Vermelha, a União Soviética e aos Estados Unidos, que com a devida consideração a soberania de Cuba eu pediria isto a Cruz Vermelha, sempre que estivesse sujeito ao consentimento do Governo cubano.

"Isto foi indicado às três partes, e se informou que seria transmitido ao Governo cubano.

"O primeiro ponto, portanto, Sua Excelência, que ajudaria muito no meu trabalho seria conhecer a atitude do Governo cubano à idéia de que a Cruz Vermelha verifique o transporte de armamentos nos navios soviéticos durante as duas ou três semanas vindouras.

"A pergunta é: Que atitude teria Cuba sôbre esta proposição?"

"PRESIDENTE DORTICOS. Refere-se em alto mar ou em Cuba?"

"U THANT. Naturalmente, pus esta proposição de Cruz Vermelha em conhecimento dos Governos soviético e estadunidense. O Governo soviético respondeu que este é um assunto que pertence à soberania cubana. Não tive resposta do Governo norte-americano sôbre a matéria. Sua Excelência, quer discutir ponto por ponto ou tudo junto?"

"DR. CASTRO. Prefiro que continue sua exposição."

"U THANT. Os Estados Unidos me dizem e também disseram durante as negociações e durante as reuniões do Conselho de Segurança que a matéria de preocupação para eles são as plataformas de lançamento, mais que os armamentos. Sua principal preocupação são as plataformas de lançamento de projéteis.

"Como é bem sabido, no domingo passado o primeiro ministro Kruschov deu instruções aos técnicos soviéticos para que desarmassem as plataformas de lançamento de projéteis e regressassem a União Soviética com os mesmos. Também disse que pediria às Nações Unidas que enviassem uma equipe para que verificasse se efetivamente isto se fazia.

"Respondi aos representantes soviéticos que antes de enviar uma equipe para verificar isto, o ponto mais importante era obter

20157

20457

o consentimento prévio do Governo cubano. Não se podia apresentar esta matéria sem o conhecimento e consentimento do Governo cubano e não se poderiam tomar atitudes que ofendessem a sua soberania. Também disse aos representantes soviéticos, como ao Governo dos Estados Unidos que viria a Cuba para apresentar este ponto de vista ao premier Castro e a seus colegas. Naturalmente, sobre este ponto, tanto o Governo soviético como o dos Estados Unidos estão de acordo em que se se retiram as plataformas de lançamento, as tensões vão diminuir.

"O que os Estados Unidos buscam por meu intermedio, é um acôrdo temporal antes do término do desaparelhamento das plataformas.

"Quanto ao tempo que tomará isto, perguntei aos representantes soviéticos, e eles concordaram em perguntar a Moscou, mas, ainda esta manhã não haviam recebido resposta.

"O que os Estados Unidos buscam e um acordo temporal com as Nações Unidas, sujeito naturalmente, a autorização de consentimento do Governo cubano.

"Ninguém sabe, naturalmente, quanto tempo tardará isto: uma ou duas semanas. Talvez mais.

"A primeira proposição dos Estados Unidos é, portanto, que se o Governo cubano aceita, se sugeriria uma equipe de representantes das Nações Unidas, formada por pessoas cujas nacionalidades fossem aceitáveis para o Governo cubano. A segunda proposição seria um avião de reconhecimento aéreo das Nações Unidas, tripulado por pessoas aceitáveis para o Governo cubano, russo e americano. Chegou-se a sugerir um avião tripulado por um representante cubano, um russo e um norteamericano, durante uma ou duas semanas que isto possa durar.

"Respondi aos Estados Unidos que esta proposição também seria apresentada ao primeiro ministro Fidel Castro.

"Os Estados Unidos me disseram que logo que este sistema seja pôsto em prática, fariam uma declaração pública e no Conselho de Segurança se é necessario, de que não manteriam intenções agressivas contra o Governo cubano e garantiziam a integridade territorial da nação. Isto me pediram que lhe dissesse.

"O mais importante — como respondi aos Estados Unidos e a todos — é que todos estes acordos com a ajuda do Governo cubano e das Nações Unidas, não só fariam as declarações no Conselho de Segurança, como também levantariam o bloqueio.

"Pedi ontem aos Estados Unidos que enquanto eu estivesse consultando com o primeiro ministro Fidel Castro e os líderes de Cuba, estaria muito máu visto que se mantivesse o bloqueio e lhe pedi que o suspendesse. Esta manhã se anunciou a notícia de que o bloqueio havia sido suspenso por quarenta e oito horas, enquanto dure minha visita a República de Cuba.

"Como o senhor sabe, Sua Excelência, eu disse no Conselho de Segurança que este bloqueio foi uma coisa pouco corrente, muito pouco usual, salvo em tempos de guerra. Assim disse ao

Conselho de Segurança. Este ponto de vista é compartilhado pelos 45 países que se reuniram e que se dirigiram a mim para fazer esta solicitação. Dois países destes 45, que também têm um lugar no Conselho de Segurança neste momento, isto é: a República Árabe Unida e Ghana fizeram declarações a respeito em uma reunião no Conselho de Segurança.

Outros países dos 45 neutralistas, especialmente aqueles que participaram na Conferência de Belgrado farão declarações similares se se lhes dá a oportunidade. Isto é no que se refere ao problema imediato.

"Sua Excelência: o Conselho de Segurança não me autorizou a tratar dos problemas a longo prazo, ainda que isto tenha que ser tratado no Conselho de Segurança, mais tarde.

"Para os propósitos desta primeira conversação, isto é tudo quanto tenho que lhe dizer, Excelência.

"DR. CASTRO. Há um ponto no qual tenho alguma confusão: é o relativo as proposições que faz sobre a inspeção. Falam de dois pontos aqui: de uma equipe e de um avião. Eu quisera que me explicassem mais isso. A parte que se refere às proposições de inspeção, que as repita, por favor."

"U THANT. Ambas proposições seriam das Nações Unidas, e se comporiam de duas unidades: uma em terra e outra desde um avião, pelo período que dure o desaparelhamento das bases, isto é, umas duas semanas."

"DR. CASTRO. Não entendo porque nos pedem estas coisas. Se pudesse explicar um pouco melhor..."

"U THANT. A explicação que dão os Estados Unidos da razão pela qual pedem isto é a de que querem se assegurar de que efetivamente estão sendo desaparelhadas as plataformas e que os projéteis estão sendo devolvidos a União Soviética.

"...SE SE BASEIA NUM DIREITO REAL OU EM UMA POSICAO DE FORCA"

"DR. CASTRO. Que direito têm os Estados Unidos para pedir isto? Quero dizer: se isto se baseia num direito real, ou é uma exigência pela força, uma posição de força?"

"U THANT. Este é o meu ponto de vista: não é um direito. Uma coisa como esta só se poderia fazer com a aprovação e aceitação do Governo cubano."

"DR. CASTRO. Precisamente nós não compreendemos porque se nos pede isto, porque nós não violamos nenhum direito, não levamos a efeito agressão absolutamente contra ninguém. Todos os nossos atos estão baseados no Direito Internacional. Não fizemos absolutamente nada fora das normas do direito internacional. Em troca, nós temos sido vítimas em primeiro lugar, de um bloqueio, que é um ato ilegal; em segundo lugar, a pretensão de determinar desde outro país que temos nós direito de fazer ou não fazer dentro de nossa fronteira.

"O caminho da paz é o caminho das garantias dos direitos dos povos".



...os EE. UU. violaram reiteradamente nosso espaço aéreo.



"Nós entendemos que Cuba é um Estado soberano, nem mais nem menos que qualquer outro dos Estados membros das Nações Unidas, e com todos os atributos que são inerentes a qualquer desses Estados.

"Ademais, os Estados Unidos têm estado violando reiteradamente nosso espaço aéreo sem nenhum direito, cometendo um ato de agressão intolerável contra nosso país. Tem pretendido justificá-lo com um acôrdo da OEA, mas esse acôrdo não tem para nos nenhuma validade. Nós fomos inclusive, expulsos da OEA.

"Nós podemos aceitar qualquer coisa que se ajuste ao direito, que não implique em perda da nossa condição de estado soberano. Os direitos violados pelos Estados Unidos não foram restabelecidos e por medio da força não aceitamos nenhuma imposição.

"Entendo que a inspecção é um intento mais de humilhar o nosso país. Portanto, não a aceitamos.

"Essa demanda de inspecção é para revalidar sua pretensão de violar o nosso direito a atuar dentro de nossas fronteiras com inteira liberdade de decidir o que podemos ou não podemos fazer dentro delas. Esta nossa linha não é de agora. É um ponto de vista que temos mantido invariavelmente e sempre.

"Na resposta do Governo Revolucionario à resolução conjunta do Governo dos Estados Unidos, nos dissemos textualmente:

"É absurda a ameaça de lançar um ataque armado direto se Cuba se fortalecesse militarmente até um grau que os Estados Unidos se toman a liberdade de determinar. Não temos a menor intenção de prestar contas ou de consultar ao Senado ou a Câmara dos Estados Unidos acerca das armas que achamos conveniente adquirir e as medidas a tomar para defender de modo justo ao nosso país. Acaso, não nos assistem os direitos que as normas, as leis e princípios internacionais reconhecem a todo Estado soberano de qualquer parte do mundo?

"Nos não temos adjudicado nem pensamos fazê-lo em favor do Congresso dos Estados Unidos nenhuma prerrogativa soberana.

"Esse ponto de vista foi ratificado nas Nações Unidas pelo presidente da República de Cuba, e ademais em numerosos pronunciamentos públicos feitos por mim, em meu carácter de primeiro ministro do Governo. E essa é uma posição firme do Governo cubano.

"Todos esses passos fôram dados em prol da segurança do país, diante de uma política sistemática de hostilidade e agressão. Todos fôram dados de acordo com o Direito, e nós não renunciaremos à decisão de defender esses direitos.

"Nós podemos negociar com tãda a sinceridade e com tãda a honradez. Não seríamos honrados se aceitássemos negociar um direito soberano de nosso país. Por esses direitos estamos dispostos a pagar a preço que seja necessário, e não é uma mera fórmula de palavras, se não uma atitude muito sentida de nosso povo".



Os agentes da CIA fizeram estalhar o vapor Le Coubre.



"U. THANT: Compreendo perfeitamente bem os sentimentos de Sua Escelência. É por isso que disse claramente aos Estados Unidos e a outros: "Toda ação das Nações Unidas no território cubano só se poderá empreender com o consentimento do povo e do Governo de Cuba. Disse-lhes que em nome da paz, que todo o mundo e todos os habitantes do mundo desejam ardentemente, disse aos 45 países que aceitarea vir a Cuba sem ter compromissos com um lado nem com o outro.

"Algumas informações da imprensa disseram ontem à noite e esta manhã, antes de que eu saísse de viagem, que eu vinha a ajustar os detalhes da presença das Nações Unidas em Cuba. Isto é totalmente errôneo; isto constituiria uma ofensa à soberania da República de Cuba. Vim aqui somente apresentar os pontos de vista do outro lado e explorar as possibilidades de encontrar uma solução pacífica. Também os 45 países que me pediram para vir, sabem qual posição é legal e qual não é.

"Mas em nome da paz mundial, e só por um período da uma ou duas semanas, talvez três semanas me pediram que viesse tratar de uma possível solução.

"Excelência, minha consciência está clara nêsse aspecto: As Nações Unidas só podem emprender uma ação deste tipo quando têm o consentimento do Governo do qual se trate. Não é a primeira vez que sucede isto. Em Laos, quando se apresentou ali uma situação que ameaçava a paz internacional, as Nações Unidas se estabeleceram nêsse território somente depois de obter o consentimento do Governo do Laos. Em 1956, no Egito, na República Árabe Unida, apresentou-se uma situação e as Nações Unidas se estabeleceram no Egito—ainda está no Egito—semore com o consentimento do Governo. Igualmente em 1958, no Líbano se apresentou outra situação que ameaçava a paz mundial e as Nações Unidas só entraram ali uma vez que haviam obtido o consentimento do Governo do Líbano.

"Uma condição é absolutamente necessaria, e é que para empreender uma ação dêsde tipo, deve-se contar com o consentimento do Governo do qual se trate..."

"DR. CASTRO: "No caso do Congo também..."

U THANT: "E no caso de Somália".

DR. CASTRO: "No caso do Congo, tenho entendido que eles solicitaram das Nações Unidas".

U THANT: No Congo a petição foi feita pelo Governo do Congo".

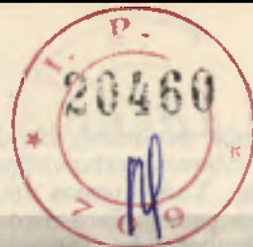
DR. CASTRO: "No Congo o Governo que o solicitou, neste momento, ja esta enterrado...!"

"... O CAMINHO DA PAZ NAO E O SACRIFICIO DOS DIREITOS DOS POVOS"

"Em primeiro lugar, nosso Governo não tem a menor dúvida da grande intenzão do interesse e da honestidade com que está trabalhando o presente Secretario Geral das Nações Unidas; nós

20460

"Cuba nao é o Congo!"



não temos nenhuma dúvida de suas intenções, de sua boa fé, de seu interesse extraordinário em encontrar uma solução para o problema. Todos temos um conceito muito elevado de sua missão e de sua pessoa. Isto digo com toda sinceridade.

“Compreendo o interesse que todos devemos ter pela paz; mas o caminho da paz não é o sacrifício dos direitos dos povos, das violações aos direitos dos povos, porque esse é precisamente o caminho que conduz à guerra. O caminho da paz é o caminho das garantias aos direitos dos povos e a disposição dos povos a resistir em defesa desses direitos.

“Em todos os casos mencionados pelo senhor secretário — Laos, Egito, Líbano, o Congo que eu mencionei — não se vê senão uma cadeia de agressões contra os direitos dos povos. Tudo foi originado pela mesma coisa.

“O caminho da guerra mundial passada, foi o que trancou a anexo da Áustria, a dissolução de Checoslováquia, toleradas ao imperialismo alemão, e que conduziu à aquela guerra. E nós estamos muito advertidos desses perigos, sabemos os caminhos que os agressores gostam de recorrer. Adivinhamos o caminho que os Estados Unidos querem recorrer com respeito a nós.

Por isso, resulta difícil compreender como se pode falar de soluções imediatas independentemente de soluções futuras, quando o que mais interessa não é pagar agora qualquer preço pela paz, senão, garantir a paz de maneira definitiva e não estar pagando todos os dias o preço de uma paz efêmera.

“É, desde logo, Cuba não é Áustria, nem é o sudeste de Tchecoslováquia, nem é o Congo. Nós temos a firmíssima intenção de defender nossos direitos por cima de todas as dificuldades de todos os riscos. E é necessário que o senhor Secretário das Nações Unidas conheça essa disposição nossa no objetivo de que possa ter êxito em sua missão, ou ao menos para que possa trabalhar perfeitamente informado destas circunstâncias”.

U THANT: “Compreendo perfeitamente seus sentimentos e os pontos de vista que expressou Sua Excelência.

“Sobre o ponto das soluções imediatas e as soluções a longo prazo, quero dizer-lhe que o Conselho de Segurança me autorizou a buscar os meios para conseguir que haja paz nesta zona.

“Compreendo que as soluções imediatas e as soluções a longo prazo estão intimamente ligadas entre si; e para aquelas soluções a longo prazo deveríamos explorar as possibilidades à luz da situação tal como se encontra agora. Para isto me autorizou o Conselho de Segurança. Na prática, é muito difícil separar as duas coisas.

“Creio que se nós encontramos uma solução imediata para isto, no conduzirá a uma solução permanente, não somete para as Nações Unidas, senão também para todas as partes interessadas.

“Ao citar Laos e os demais casos onde se estabeleceram as Nações Unidas estou de acordo com o senhor, mas também quero

Praia Girón

Quém deu estes



Aviões



Navios

dizer que as Nações Unidas nesses lugares, conseguiu afastar ou evitar a agressão desde fora.

“Por favor, considere isto: que a presença das Nações Unidas em Cuba durante um período de talvez mais de três semanas, também poderá afastar ou eliminar o perigo de uma agressão.

“Sou de opinião que nos tempos de hoje, os que virão, a presença das Nações Unidas em alguns países servirá especialmente para afastar e prevenir a agressão”.

SR. PRESIDENTE: “Eu quizeria dizer algo. Eu me adiro a expressão do nosso Primeiro Ministro com respeito a nossa justa desenvolvendo a senhor Secretario Geral. Essa missão não é outra, compreensão da qual é a alta missão que com grande nobreza está claro, que buscar os modos de garantir a paz nesta situação de crise.

“Parece que há uma questão a definir: Onde reside o perigo da guerra: acaso nas armas de uma ou outra natureza que possui Cuba, ou nos propósitos de agressão dos Estados Unidos contra Cuba?

“Nós cremos que é agressão o que pode gerar a guerra. As armas que existem em Cuba quaisquer que fôssem jamais iniciariam a agressão. Então, nos perguntamos o seguinte: Porque a inspeção e condição para a garantia da paz? Bastaria para garantir a paz que os Estados Unidos se comprometessem, com todas as seguranças necessarias através das Nações Unidas, a não agredir a Cuba.

“E por isso que nós expusemos —e foi reiterado aqui com absoluta claridade por nosso Primeiro Ministro— que as questões de solução a longo prazo —se é que se podem chamar assim— estão intimamente vinculadas à solução imediata da crise. A solução oferecessem seguranças de não agressão à Cuba, solução imediata da crise sobreviria imediatamente que os Estados Unidos mínimas que estão contidas nas declarações que fez nosso Primeiro Ministro em Outubro 28, e com toda segurança conhece o senhor Secretario Geral.

“A permanência em Cuba de Nações Unidas aos efeitos da Inspeção, que o Governo Revolucionario de Cuba não admite pelas razões que expôs o Primeiro Ministro, significaria, quando muito, a garantia dessa paz, durante duas ou três semanas, que ele qualificou justamente de “efêmera”. Imediatamente depois renovar-se-ia o perigo da guerra, porque permaneceriam as condições que propiciam a agressão norteamericana a Cuba.

“Dos Estados Unidos, as seguranças que nos reclamamos como mínimas e com isso se começa a resolver o problema imediato. Eu diria, em última análise, que não há, com o propósito de elogiar agora a paz, questões a discutir de imediato e questões a longo prazo. Creemos que os cinco pontos contidos nas declarações do nosso Primeiro Ministro são ingredientes que formam parte da discussão imediata dirigida a garantir a paz”.



Barcaças



Tanques



Armas



senao o Imperialismo.

“... OS CINCO PONTOS FORMAM PARTE DA
DISCUSAO IMEDIATA...”

“Entendemos que estes cinco pontos não visam uma discussão a longo prazo, pois as circunstâncias exigem que formem parte da discussão imediata, porque a nosso ver, são condições mínimas para garantir a paz.

“Repito: a paz não está em risco por nossas armas. A paz está em risco pela conduta agressiva dos Estados Unidos. E a negociação e discussão em torno destes cinco pontos é o que fará desaparecer imediatamente os perigos da guerra.

“Esse é o nosso conceito do problema.

U THANT: “Em primeiro lugar, quero agradecer a Vossas Excelências, o Sr. Presidente e o Sr. Primeiro Ministro, as expressões que tiveram para minha pessoa e para o cargo que ocupo. E estou totalmente de acordo com ambos em que a solução que encontrarmos para os acordos a curto prazo devem também incluir negociações para os acordos a longo prazo. Mas nos limites das Nações Unidas, creio que a melhor solução — e acredito que as 110 nações membros estarão de acordo com isto —, é a de que por meio do Conselho de Segurança, as Nações Unidas devem providenciar procuradores das Nações Unidas para chegar a buscar e encontrar a solução a longo prazo. Porém agora, neste momento, não creio que as Nações Unidas, seu Conselho de Segurança, possa chegar a uma solução positiva e aceitável para o longo prazo, nos melhores interesses de todo o mundo e da paz mundial.

“Se se encontra uma solução a longo prazo, será de acordo com os melhores interesses de todo o mundo e da paz mundial, Unidas.

mas creio que isto é difícil conseguir neste momento, nas Nações

DR. CASTRO: “Eu entendo que se essa solução a curto prazo, de que fala o senhor Secretario, não se lograsse, seria simplesmente porque os Estados Unidos não a querem, e se embeberem porque para essa segurança unilateral que eles requerem, devia haver-lhes bastado a decisão do Governo Soviético de retirar as armas de tipo estratégico que haviam trazido para a defesa da República de Cuba.

“O Governo Cubano no obstaculizou a retirada dessas armas. E a decisão do Governo Soviético representa em si mesma uma decisão de tipo público; e o simples fato de haver-se adotado dessa forma perante toda a opinião, teve eco na opinião mundial. Os Estados Unidos sabem que essa decisão foi adotada seriamente pela União Soviética, e que, efetivamente, as armas estratégicas estão sendo retiradas.

“Se o que os Estados Unidos pretendem, ademais disso é humilhar nosso país, não o conseguirão!

“Nós não vacilamos um só minuto na decisão de defender nossos direitos. Não podemos aceitar imposições que só se podem

20463
fazer a um país vencido. Nós não desistimos da nossa decisão de nos defender, e a tal ponto que nunca poderemos nos impor condições, porque antes tiramos que nos destruir e nos aniquilar e mesmo assim, não acharão aqui a quem impor condições humilhantes.

U THANT: “Sobre o tema da declaração dos Estados Unidos, estes disseram que farão uma declaração pública de não agressão e de respeito à integridade territorial de Cuba, uma vez que os prejeitos hajam sido desarmados e retirados.

“Em minha opinião não há desacordo. Estou totalmente de acordo com o senhor Primeiro Ministro de que as ações das Nações Unidas abrigam uma invasão dos direitos de um Estado membro, e neste caso, falando de Cuba, se não está de acordo em aceitar uma ação das Nações Unidas, então o meu dever, o que eu devo fazer, é informar isto aos que fizeram a proposição.

“Não tenho o propósito de fazer aqui uma imposição. Meu dever é somente explicar as possibilidades de encontrar os modos, as maneiras ou as formas através dos quais poderíamos encontrar uma solução pacífica sem fazer proposições concretas. Terei em mente tudo o que foi dito aqui esta tarde, e voltarei, regressarei para apresentar meu informe às partes interessadas nisto.

“Opino que esta reunião foi de grande utilidade, e se o Senhor Primeiro Ministro está de acordo podemos nos reunir novamente amanhã, antes da minha partida. Durante este intervalo poderei pensar detidamente no que expressou o Senhor Primeiro Ministro sobre esta matéria.”

DR. CASTRO. Para finalizar, queria responder sobre a questão da inspeção da Cruz Vermelha. Nós nos opomos igualmente a essa inspeção nos nossos portos, e eu me pergunto que se a União Soviética autoriza inspeccionar seus navios em alto mar, para que seria então necessário voltar a inspeccioná-los nos portos de Cuba?

“Em segundo lugar, vejo como o senhor Secretario concentra seu interesse em lograr que os Estados Unidos faça essa declaração pública, esse compromisso perante as Nações Unidas, de que não invadirão Cuba.

“... NAO SE PODE NEGOCIAR COM A SIMPLES PROMESSA DE NAO COMETER UN CRIME...”

“Quero dizer, sobre isto, em primeiro lugar, que os Estados Unidos não tem nenhum direito de invadir Cuba e que não se pode negociar com uma promessa de não cometer um delito, com a simples promessa de não cometer um crime. E que, diante da ameaça desse perigo, nós confiamos mais na nossa decisão de defender-nos que nas palavras do Governo dos Estados Unidos.

Ademais, se as Nações Unidas apreciam altamente o valor de um compromisso público feito perante ela pelos Estados Unidos, como seria o de não invadir Cuba, por que não apreciar igual-

mente o valor do compromisso público feito ante as Nações Unidas pela União Soviética, de retirar as armas estratégicas que enviou para a defesa da República de Cuba? Estes seriam dois compromissos igualmente públicos, e se um deles não necessita nenhuma garantia adicional, que no caso seria o compromisso dos Estados Unidos de não invadir Cuba, por que o compromisso da União Soviética de retirar suas armas estratégicas requer a garantia adicional de nos inspeccionar?

"Nós voltaremos a nos reunir, com muito prazer, quantas vezes o deseja e à hora que queira.

U THANT. "Muitíssimo obrigado, a Sua Excelência."

E aqui terminou a primeira reunião. Quando se iniciou a segunda, ele começou dizendo: "Quero apresentar meus agradecimentos ao Governo e ao povo pela hospitalidade e facilidades que me tem dado neste país."

"O motivo desta nova reunião é trocar impressões sobre alguns assuntos confidenciais que tenho em mente."

Esta é a segunda reunião, em que inicialmente, ele disse que se tratavam de assuntos de tipo confidencial. E nós concordamos com ele em não dar publicidade aos temas, as coisas que ele dissesse.

Fundamentalmente, durante esta segunda reunião, nos mantivemos os nossos pontos de vista da primeira e falamos sobre algumas coisas, tais como o perigo que abrigam as violações do nosso espaço aéreo, o perigo de um incidente e que era indispensável que os Estados Unidos suspendessem esses vôos.

Ao mesmo tempo, o Secretário das Nações Unidas nos solicitou informação relativa ao avião que, segundo informou o Departamento de Imprensa dos Estados Unidos, havia desaparecido num dos seus vôos a Cuba. Nos demos a informação que nos solicitou, e, ao mesmo tempo, concordamos em acceder a uma solicitação sua de enviar o cadáver do piloto que morreu quando realizava um vôo ilegal sobre nosso território.

Concordamos, por razões de humanidade, em devolver o cadáver.

Na realidade, sentimos que esse norteamericano tenha morrido em nosso país, em consequência dos atos ilegais e violadores da nossa soberania, ordenados pelo Governo dos Estados Unidos. E oxala que as circunstâncias e as causas que diram lugar a essa morte não se repitam.

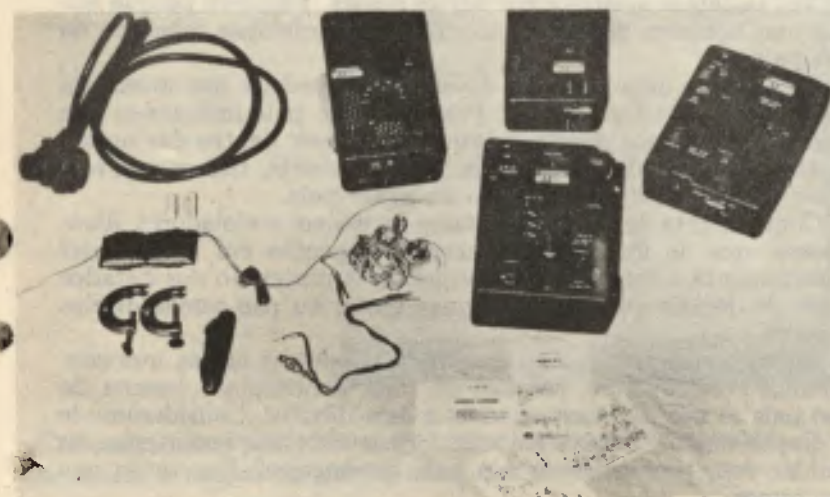
Em termos gerais a opinião do Governo sobre o Secretario Geral das Nações Unidas, é de que se trata de uma pessoa honesta, imparcial, e que tem verdadeiros desejos de lutar para encontrar soluções para estes problemas.

Paraceu-nos também uma pessoa competente e, na realidade, nos inspirou confiança.

20164

28464

Cesse de todas as atividades subversivas
Cesse da infiltração de espiões e sabotadores



"...RESPEITADOR EM TODO INSTANTE PARA COM AS IDEIAS E OS DIREITOS DO NOSSO PAIS"

Esso e a conclusão a que nos chegamos depois das reuniões que tivemos com ele, pela forma como se expressou, pelo respeitador que foi em todo instante para com as ideias e os direitos do nosso país.

Ademais, nos entendemos que neste momento o Secretario Geral das Nações Unidas está desempenhando uma missão muito importante, que dá realce ao cargo que desempenha, e se logra êxito na sua gestão, indiscutivelmente realçara, elevara o prestígio das Nações Unidas.

É possível que esta instituição desenvolva e leve a cabo seu trabalho. Esta realizando neste momento um trabalho de muita importância.

Indiscutivelmente interessa as Nações Unidas ser uma instituição de garantia dos direitos dos povos. Sobretudo dos direitos dos povos pequenos. E parece-nos que nêstes momentos as Nações Unidas estão desempenhando bem êsse papel.

Nêste sentido, nós damos todo o nosso apoio às Nações Unidas, isto é, nas gestões e nas atividades que está desenvolvendo em favor da paz e para encontrar uma solução. Isto, independentemente de que nos tenhamos sido intransigentes quanto ao problema da inspeção, porque consideramos que não podemos aceitar inspeção, porque consideramos que não podemos aceitar inspeção alguma.

Não podemos aceitá-la por várias razões. Primeiro porque nós não temos nenhum desejo de sacrificar um principio soberano do nosso país.

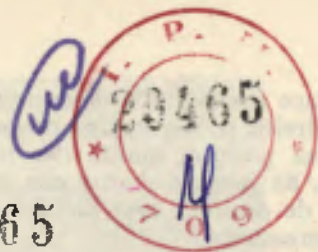
Foi violada uma série de direitos. A liberdade dos mares foi violada pelos Estados Unidos. Pretende êste país imiscuir-se nas coisas que nós temos direito a fazer o não fazer dentro das nossas fronteiras. Os Estados Unidos, de maneira aberta, têm estado realizando violações do espaço aéreo do nosso país.

Como, diante de todos êsses fatos agressivos e violadores, diante desses atos de força, vamos aceitar inspeção em nosso país? E precisamente a inspeção para revalidar a pretensão dos Estados Unidos de decidir que tipo de armas temos ou não temos direito a possuir.

Nós não renunciaremos ao direito de possuir as armas que consideremos convenientes, em uso de uma atribuição soberana do nosso país; e nós não renunciaremos a êsse direito. Considerámo-lo um direito nosso. Como vamos autorizar uma inspeção para vir revalidar essa pretensão de um país estrangeiro? Por tanto não a aceitamos.

Em segundo lugar, trata-se de uma exigência desde uma posição de força, dos Estados Unidos. E nós não cedemos diante dessa posição de força, e não cederemos jamais diante de posições de força.

20165



Cesse de todas as violações de nosso espaço aéreo e naval por aviões e navios de guerra norteamericanos.

Não é pouco o que Cuba defende ao manter sua posição: defende um direito soberano dos povos e, ademais, defende a paz. Porque nossa posição, diante das posições de força que exigem estas coisas, de firmeza diante das exigências dos agressores, dos que gostam de praticar essa política, é uma posição que não animará aos agressores.

“...ESTAMOS ABSOLUTAMENTE DENTRO DO DIREITO, E DECIDIDOS A DEFENDE-LO”

Os agressores podem ser agressores, Isto é, pode o mundo se encontrar com a desgraça de que haja agressores. Mas, eles encontrarão resistência em nosso país, eles encontrarão resistência a todo o tipo de agressão, seja física ou moral — como este tipo de agressão que se quer fazer — agredindo a um direito. E não se sentirão animados com a atitude de Cuba.

Nós estamos absolutamente dentro do direito. a esse direito estamos absolutamente decididos a defender. Sobretudo, quando está claro na própria explicação que demos ao Secretario Geral das Nações Unidas que antes de tudo é uma tentativa de humilhar-nos.

Portanto, a posição de Cuba foi e é a de não aceitar inspeção.

Nós enumeramos as condições que são necessárias. e ao Secretario Geral das Nações Unidas ressaltamos — na segunda entrevista — que o ponto de vista de Cuba é que se se quer encontrar uma solução verdadeira para as tensões e para os problemas existentes no Caribe o que equivale a dizer no Continente — e que afetam também a todo o mundo, é necessário que as garantias que Cuba pede sejam concedidas.

Essas garantias têm toda força de ser pedidas de maneira absolutamente justa, e todas absolutamente se baseiam em direitos que são indiscutivelmente do nosso país: a suspensão do bloqueio econômico e de todas as medidas de pressão comercial e econômica que exercem os Estados Unidos em todas as partes do mundo contra o nosso país, ou têm vindo exercendo contra nosso país, atos agressivos que formam parte dos ingredientes que agravaram a situação até o extremo a que chegou esta vez. Atos agressivos que continuam cometendo nestes momentos.

Constantemente nos chegam notícias de navios que vinham com destino a Cuba e cujas mercadorias foram deixadas num porto do Mediterraneo num porto da Europa, num porto da América Latina. Mercadorias todas destinadas a Cuba. Inclusive, ontem mesmo, chegou a noticia de que um ou dois navios carregados de juta para nossa produção acucareira haviam deixado o seu carregamento, por motivo das pressões dos Estados Unidos, num porto do Mediterraneo.

“Segundo: suspensão de todas as atividades subversivas, lançamentos e desembarques de armas e explosivos por ar e mar, organização de invasões mercenárias, infiltração de espías e saboteadores, todas as ações que são levadas a efeito desde o território dos Estados Unidos e de alguns países cúmplices.



Distintas posições ocupadas pelo navio espiao "Oxford"



Handwritten signatures and a red circular stamp with the number 23466.

20166

Por acaso, não tem um povo o direito de exigir garantias contra essas ações?

"Suspensão dos ataques piratas que se realizam desde bases existentes nos Estados Unidos e em Porto Rico.

"Suspensão de todas as violações do nosso espaço aéreo e naval por aviões e navios de guerra norteamericanos."

O que nosso país pede e que não se cometam malfetorias, que não se cometam violações, atos ilegais contra êle.

E, por último. "Retirada da Base Naval de Guantánamo e devolução do território cubano ocupado pelos Estados Unidos."

E absurdo que se peça a retirada de armas amigas do nosso país e deisem nêle, uma base inimiga. Isso não tem, absolutamente, nenhum fundamento. Isso é absolutamente absurdo, Ninguém, em nenhum lugar do mundo, discutiria o direito que tem nosso povo de reclamar a devolução de uma base, ou melhor do território onde está encravada essa base. Base onde, durante todos êstes dias de crise, estiveram acumulando tropa para atacar nosso país.

E como nos vão pedir que retiremos armas amigas, enquanto que permanecem, dentro do coração do nosso país, armas inimigas?

Os Estados Unidos dizem que possui essa base, em virtude de um tratado, de um acordo entre os Estados Unidos e um governo cubano. Naturalmente, um governo cubano que surgiu durante a intervenção. Não foi mediante nenhum tratado. Foi mediante um acordo unilateral no Congresso dos Estados Unidos, mediante uma emenda que impuseram a nossa Constituição, depois que a mesma já estava implantada impositivamente pelos Estados Unidos, por lei do seu Congresso, advertindo a Cuba que não abandonariam o país se não fosse aceita essa Emenda, onde estava precisamente a questão da Base Naval.

Se eles chamam legítimo a êsse muito mais legítimos são os acordos entre o Governo Soviético e o Governo Libérrimo de Cuba em virtude dos quais, se situaram no nosso país, para a nossa defesa, esses projéteis estratégicos.

Se os Estados Unidos puseram o mundo a beira da guerra para exigir a retirada desses projéteis, que direito e que moral têm para se negarem a abandonar o território que ocupam em nosso país?

"...SER PACIFICO NAO QUER DIZER DEIXAR-SE DERRUBAR"

Nós não somos obstáculo a uma solução de paz, a uma verdadeira solução de paz. Nós não somos um povo guerreiro nem um povo belicista. Somos um povo pacífico. mas ser pacífico não quer dizer deixar-se derrubar porque quando o atropêlo vem somos todo o guerreiro que necessitamos ser para defender-nos. E os fatos o têm demonstrado!

.....o direito que tem nosso povo a reclamar a devolução da Base de Caímanera e do território onde está enclavada.

20467



Provocação



Espionagem

Nosso território



Nós não seremos obstáculo nunca a uma verdadeira solução de paz. E condições indispensáveis para uma verdadeira solução de paz são as garantias aos cinco pontos estabelecidos pelo Governo de Cuba.

Que comecem os Estados Unidos dando prova de sua boa fé, não com uma promessa. Feitos e não palavras! Um feito realmente convincente seria que os Estados Unidos nos devolvessem o território que ocupam na Base Naval de Guantánamo. Esse seria um feito muito mais convincente do que qualquer palavra ou qualquer promessa dos Estados Unidos.

No se accede a essas garantias que pede Cuba? Então não haverá nenhuma verdadeira solução de paz, e teremos que continuar vivendo todos no meio desta tensão em que temos vivido até agora. Nós queremos soluções de paz, mas soluções com dignidade. Ademais, sem dignidade não haveria paz, porque aos povos que não tem dignidade, não se respeita.

Nós temos direito à paz. A uma ou outra paz. A esta— não é paz nem guerra— simplesmente porque temos sabido resistir, porque temos sabido ter dignidade. Temos direito a uma paz, a uma verdadeira solução de paz, e mais cedo ou mais tarde a obteremos porque ganhamos esse direito, pelo espírito do nosso povo, por sua resistencia, por sua dignidade.

E nossa causa, nosso direito à paz, irá abrindo caminho em todo o mundo. Porque todo o mundo sabe, ademais quem são os culpados destes problemas, quem são os culpados de tôdas estas tensões. E os povos do mundo irão apoiando, cada vez mais, nossos cinco pontos, que são condições indispensáveis para a paz.

Nosso povo ganhou e irá ganhando cada vez mais, o direito a uma paz digna e justa.

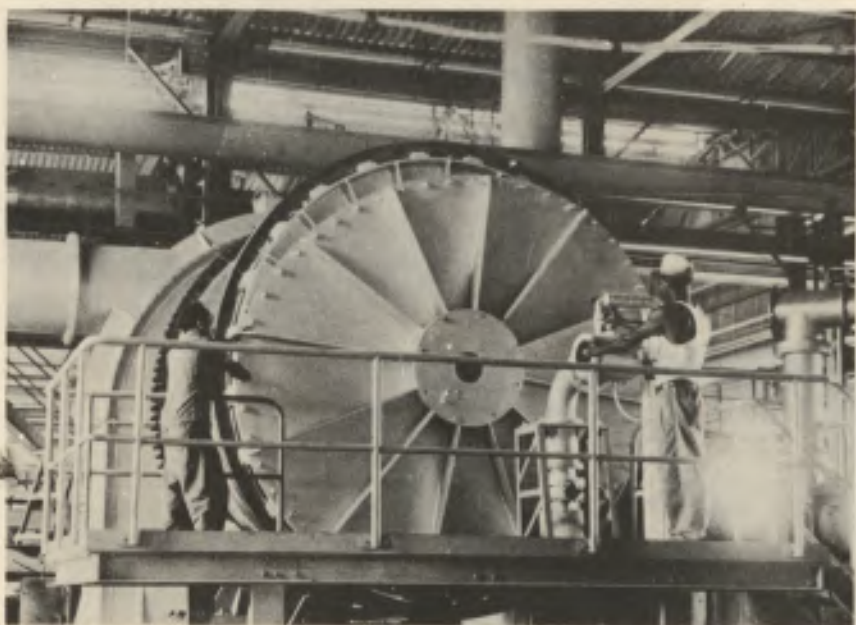
Que nos deixem trabalhar em paz! Mais de que as armas, preferimos empregar os instrumentos de trabalho. Não queremos matar e destruir, mas criar. Não deixam que nosso povo crie, e constantemente o obrigam a mobilizar-se, a pôr-se em pé de guerra, a defender-se, a preparar-se. Porque o obrigam, não porque nós desejamos essa política. E uma política imposta pelos agressores ao nosso país. E o que quer nosso país é trabalhar, o que quer é desenvolver os seus recursos, desenvolver o seu povo, levar adiante o seu trabalho pacífico.

Há coisas que são anedóticas: uns dias antes da crise, apenas dois dias antes, havíamos inaugurado o Instituto de Ciências Básicas, onde haviam ingressado cerca de mil jovens para começar a estudar Medicina. Depois de três dias o Instituto de Ciências Básicas estava convertido numa Escola de Artilharia Antiaérea. E assim tôdas as coisas.

Contraste-se uma coisa com a outra; o que é o trabalho pacífico, o que o desejo e o esforço de um povo que luta por seu bem estar, por sua saúde. Por preparar todos os médicos de que necessitam nossos camponeses, por preparar todos os médicos de que necessita nossa população para elevar seu ponto médio de vida,

20468

Que nos deixem trabalhar em paz!



20469

Handwritten initials and scribbles in blue ink.



"Defendemos a Pátria porque queremos uma Pátria onde trabalhar".

20469



para elevar sua saúde. E que ali mesmo, onde ingressam oitocentos jovens, aos três dias tenha que ingressar oitocentos, ou mil, ou dois mil jovens, para ensiná-los a matar, para ensiná-los a manejar não instrumentos de cirurgia, mas canhões.

E o nosso caminho, o desejo do nosso povo, não é a escola de artilharia, mas o Instituto de Ciências Básicas. As demais são tarefas amargas que nos impuseram os agressores.

Dias antes desta crise, já se observava por tôdas as partes como havia avançado o trabalho da Revolução: os abastecimentos estavam melhorando consideravelmente a produção — tanto agrícola como industrial —, os planos, tôda a tarefa criadora de Revolução marchava par diante, vertiginosamente; e os organismos estavam dedicados a preparar as condições de trabalho para o próximo ano de 1963, com a esperança de lograr um salto na economia e na produção.

“A TAREFA MAIS SAGRADA E A DEFESA DA PÁTRIA”

Entretando, veio a crise, a ameaça. Foi necessária a mobilização, o abandono de todos êsses trabalhos, de todas essas tarefas, para assumir, nestas circunstâncias a tarefa mais sagrada, que é a defesa da Pátria.

Defendemos a Pátria porque queremos la Pátria, porque queremos uma pátria onde trabalhar. Não uma patria de parasitos, mas de trabalhadores, de criadores. Essa pátria, a queremos para trabalhar, para criar. E por isso temos que defendê-la antes que nada. E o ardor com que o povo se dispôs a combater e a fazer o que fôsse necessário, demonstra o amor que cada vez mais sente o povo trabalho criador.

Porque, que defende na trincheira? O que está fazendo nos campos, o que está fazendo nas fábricas, o que está fazendo nas universidades, o que está fazendo nas escolas. Isso é o que o nosso povo vai defender nas trincheiras. E enquanto mais consciência tem do que está fazendo, em quanto mais quer o que está fazendo, e lógico que com mais amor e mais valor vai as trincheiras.

Nós não seremos obstáculo a nenhuma verdadeira solução de paz. Nós damos satisfeitos o nosso esforço a essa solução, contribuímos ao esforço que realizam as Nações Unidas para encontrar essa verdadeira solução de paz, ao esforço que realizam distintos países neutros para encontrar essa solução de paz verdadeira. paz com dignidade e sem perda, em absoluto, de nenhum dos direitos soberanos do nosso país. Porque, se é com perda, seguiremos então como estamos: não o aceitamos!

Por quanto tempo? Pelo tempo que seja necessário. Tenhamos paciência, toda a paciência necessária, para que nós como culminação dessa luta alcancemos algum dia essa paz, com todas as atribuições de um Estado total e absolutamente soberano. Essa foi sempre a aspiração no nosso povo. Devemos ter paciência.



A ajuda generosa do campo Socialista.



Não aceitamos qualquer *formulazinha*. Aceitamos qualquer fórmula de paz verdadeiramente digna. E creio que com isso não somente ganharíamos mas. Ganhariam todos. Ganharia a América. Ganharia o mundo. Ganhariam os Estados Unidos isto é, os culpados mesmo de toda essa situação ganhariam também com uma solução de paz digna para nosso país.

Nós expressamos o criterio do nosso povo quando dissemos que por essa paz estamos dispostos a lutar e estamos dispostos a colaborar. Falamos no assunto. Temos falado nêle em todas as nossas conversações.

Vamos ver se agora, depois da crise que sacudiu o mundo durante varios dias, se logram as condições ou se logram as circunstancias para adquirir esta paz.

Restam-me algumas questões para tratar. A necessario dizer que no transcurso desta crise, durante o desenrolar da mesma, surgiram algumas discrepancias entre o Governo Soviético e o Governo Cubano. Mas, quero dizer uma coisa a todos os cubanos: não é aqui onde devemos discutir esses problemas; não é aqui, onde pode ser útil aos nossos inimigos que obteriam proveito das discussões. Nós temos que discutir isso com os soviéticos, ao nivel de Governo e de Partido, temos que nos sentar para discutir com eles tudo o que seja necessário, à luz da razão e a luz dos principios. Porque é necessario dizer que acima de tudo somos marxistas-leninistas! E somos da União Soviética! Entre a União Soviética e Cuba não haverá rotura!

Queremos dizer outra coisa: que temos confiança na política de principios de União Soviética, e temos confiança na Direção da União Soviética, isto é, no Governo y no Partido dirigente da União Soviética.

Se meus compatriotas me pedem neste momento uma opinião, que lhes devo dizer? que conselho lhes devo dar? No meio de situações confusas, de coisas que não se entenderam o não se entendem bem, que fazer? Eu diria que o que se tem a fazer é ter consciência de que estes problemas internacionais são sumamente complexos, sumamente delicados, e que nosso povo, que tem mostrado, uma grande maturidade, uma extraordinaria maturidade, a demonstre agora.

TODAS AS COISAS SERAO DISCUTIDAS OPORTUNAMENTE"

O que se deve fazer é: ter cuidado ao analizar as coisas, não fazer juizos prematuros, ser disciplinado; e, sobretudo, ter confiança plena no Governo Revolucionario, na Direção do Governo Revolucionario; ter plena confiança em que todas as coisas serão discutidas oportunamente. Todos os problemas, todas as questões. Ter em mente que pode inclusive, carecer de elementos de juizo suficientes para compreender determinadas coisas, e ter em mente,

tambien — não deve se esquecer — as circunstancias dramáticas e prementes em que se produziram os acontecimentos.

Agora há tempo para discutir longamente sobre tudo isso. E discutiremos. Evitar, sobretudo, que o inimigo pode tirar proveito da nossa impaciencia, dos nossos julgamentos. Porque um revolucionario honesto pode emitir juizos, tem direito de formar suas opiniões, mas se ele expressa as opiniões que forma num momento dado sobre determinadas coisas que não compreende, também pode haver o que não é revolucionario o interessado em criar a desconfiança, em criar a divisão, em criar o ressentimento.

Por isso o conselho que devemos dare é ter firmeza, ter confiança e ter fé. Guiar-se pelas expressões que tivemos aqui esta noite é o que se ter que fazer nestas circunstancias.

E, sobretudo, há coisas que quero dizer com absoluta sinceridade nestes momentos em que se pode haver produzido certo desgosto, com motivo desses malentendidos ou discrepâncias: sobretudo, o que tem feito por nós, a União Soviética. E bom recordar, sobretudo, o que tem feito por nós, em cada um dos momentos difíceis que temos tido, diante de golpe ianque: a agressão económica, a supressão da quota açucareira, a supressão dos envios de petróleo ao nosso país. Diante de cada uma das agressões — uma por uma —, as agressões que nós temos recebido, como tem estado a mão amiga da União Soviética junto a nós. Nós somos gratificados e isso devemos dizer aqui, em voz alta.

Ademais, ha outra coisa mais comovedora ainda, que, pelo menos a mim, causa uma impressão extraordinaria: são os homens soviéticos, os homens soviéticos que temos conhecido aqui, os técnicos de todos os tipos que têm vindo trabalhar conosco, em nossos campos, mestres, professores, engenheiros, planificadores. O interesse, a constancia com que têm procurado nos ajudar, o carinho com que nos têm ajudado. Ademais, os técnicos militares, homens que têm estado dispostos a morrer aqui, junto a nós, que nos têm ajudado na estruturação, no treinamento, na preparação de nossas forças combativas, que durante meses, durante años têm trabalhado conosco ensinando nossos homens a combater, a organizar esse formidável exército que temos neste momento.

As armas fundamentais das nossas forças são armas que nos foram enviadas pela União Soviética, sem cobrar nada.

Devo dizer que há varios meses a União Soviética decidiu cancelar todas as dívidas do nosso país, feitas pela aquisição de armamentos.

Há algumas destas questões que são de índole militar, que é necessario tratar com sumo cuidado. De qualquer maneira vou explicar, por exemplo, algo: as armas estratégicas para a nossa defesa não eran propriedade de Cuba. Não é o caso dos tanques e de uma serie de armas que são realmente nossas. Las armas estratégicas não eram de propriedade nossa.

Nos acordos, em virtude dos quais foram enviadas a nosso país, para fortalecer nossas defesas, diante das ameaças de ataque,

se combinou que essas armas estratégicas, que são muito complexas e que requerem um pessoal muito especializado, continuassem sob a direção de pessoal soviético e continuassem sendo propriedade do Estado Soviético. Por isso, quando o Governo Soviético decidiu retirar essas armas, que são suas, nós respeitamos essa decisão. Explico isto para que se compreenda por que a retirada foi decidida pelo Governo Soviético.

“MAIS DO QUE NUNCA DEVEMOS RECORDAR AGORA O GENEROSO QUE TEM SIDO OS SOVIETICOS PARA CONOSCO”

Por isso dizia que ainda quando nos tenhamos alguma fundada razão de descontento com algum feito, algum detalhe, mais do que nunca devemos recordar agora o bom e generoso, o nobre e amigo que têm sido os soviéticos para conosco.

E falava, precisamente, dos técnicos, esses homens que nós temos visto ao nosso lado, dispostos a morrer, a sacrificar sua vida na defesa do nosso país, que são magníficos. E por isso, outra coisa que nos devemos ter, neste momento mais do que nunca, e apreço, afeto e respeito por esses homens, e agradecimento a eles. Creio que essa é a conduta que nos corresponde neste momento.

Isso é o que nos devemos expor e sobretudo, nos comportar a uma altura maior que nunca nestes momentos, com maior moral que nunca e com maior grandeza que nunca.

Não se pense que a retirada das armas estratégicas nos desarma. Isto não quer dizer que nos achamos desarmados.

Posso lhes assegurar que contamos com formidáveis e poderosíssimos meios de defesa com extraordinários recursos para defender-nos. Vão-se as armas estratégicas, todas as demais armas permanecem em nosso país. E são poderosíssimos meios de defesa, com os quais podemos enfrentar qualquer situação. Não há necessidade de confundir-se.

As confusões irão passando pouco a pouco.

Há uma questão que quero resaltar hoje, uma apreciação que quero manifestar, e é no que se refere ao povo, à conduta que tem tido o povo nestes dias. Devo dizer que a atitude do povo, quanto à decisão, valor e disciplina, superou tudo o que nunca poderiam haver imaginado os mais otimistas.

E necessário dizer que milhares de homens que não eram milicianos, que nestes quatro anos de revolução não foram, se fizeram milicianos durante esta crise. E necessário dizer que milhares de pessoas que não pertenciam a organizações de massas, nem aos Comitês de Defesa da Revolução, se foram inscrever nas organizações de massas nestes dias. E necessário dizer que o inimigo não pode contar no interior de nossa Pátria com aliados de nenhuma classe. E necessário dizer que nesses dias de extrema crise não foi necessário deter absolutamente a ninguém. Que, inclusive homens e mulheres que faziam críticas a Revolução, esta hora de-



20472

As mulheres foram ao trabalho a substituir aos homens que estão nas trincheiras.



cisiva souberam ressaltar o seu lado patriótico e revolucionário e foram alistar-se. E foram alistar-se para uma luta que, segundo todas as perspectivas, pode ser uma luta séria, uma luta que se pode realizar com armas convencionais ou com armas atômicas.

O senhor presidente dos Estados Unidos tratou de intimidar ao nosso povo. A este povo que chamou "povo cativo" quando lhe falou de que podíamos ser alvo de ataques atômicos, e o resultado foi que houve mais milicianos que nunca, mais militares revolucionários que nunca.

É necessário dizer que as mulheres foram ao trabalho, os aposentados foram ao trabalho a substituir aos homens que estão nas trincheiras. E é necessário dizer que apesar de haver sido esta a maior mobilização de todas, foi a que menos afetou a produção. Nunca sob uma mobilização havia marchado a produção como agora! Era verdadeiramente impressionante a disciplina de povo, o ardor de povo, o valor de povo. Impressionante a organização adquirida por nosso povo e, sobretudo por nossas Forças Armadas Revolucionárias, a eficácia com que funcionaram os mandos. E que demonstrou como a Revolução foi criando uma disciplina, foi fazendo um povo.

O inimigo a força de provocarnos nos fez disciplinados, nos fez organizados, nos fez aguerridos. O resultado destes quatro anos de provocações e um povo heroico, um povo mais que espartano, porque se diz que em Esparta as mães, despediam aos filhos e eles diziam: "Com o escudo ou sobre o escudo". Aqui todo o povo — mulheres, meninos, jovens e velhos — disse a si mesmo: com o escudo ou sobre o escudo!

"... SINTO-ME ORGULHOSO DE SER FILHO DESTE POVO"

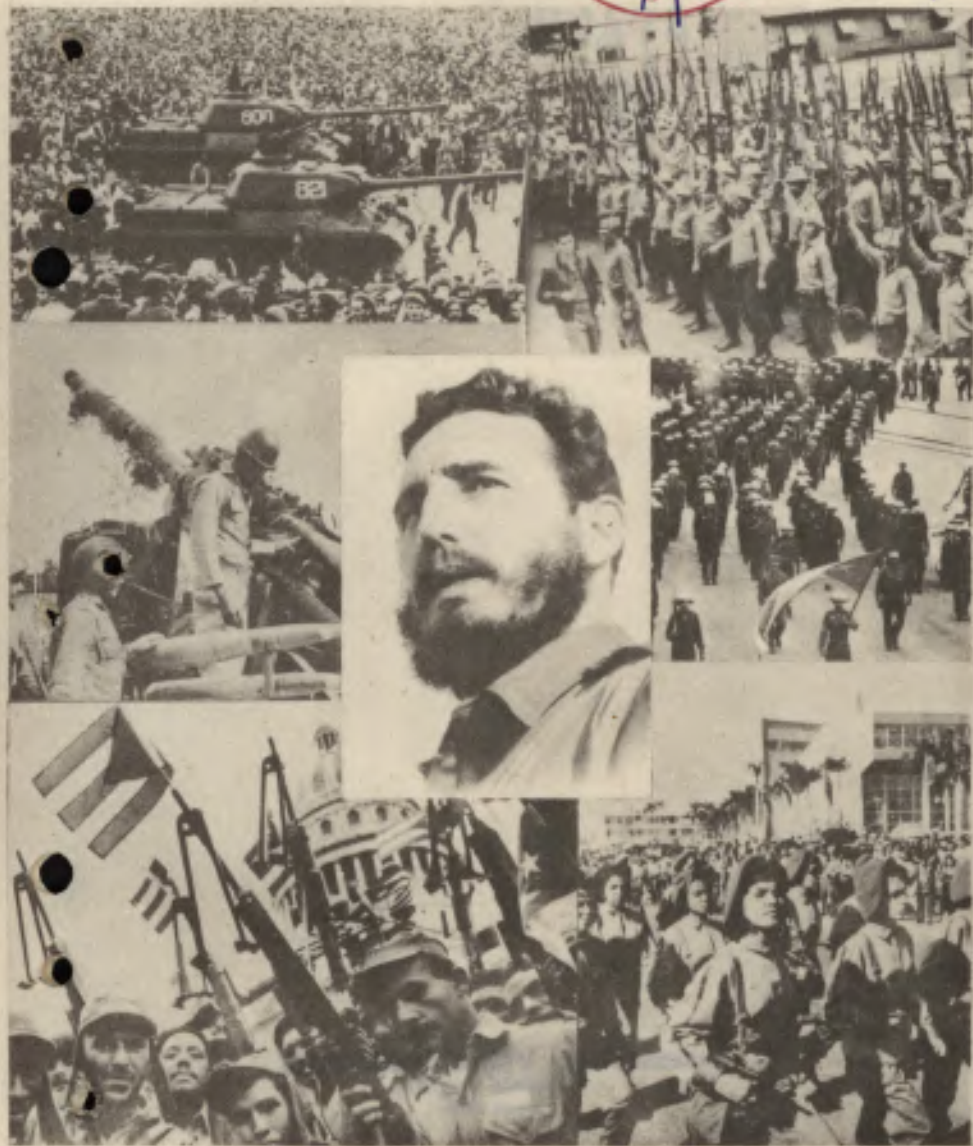
Um povo assim é um povo invencível! Um povo assim, que de tal maneira e tão serenamente, tão admiravelmente enfrenta situações tão difíceis e um povo que tem direito a conquistar o que deseja, que é a paz, o respeito, a dignidade e o prestígio.

Possuímos projéteis morais de longo alcance que não se podem desarmar e não serão desarmados jamais! Essa é nossa mais poderosa arma estratégica, de defensiva e ofensiva estratégica. Por isso quero que conste aqui que hoje mais que nunca, nossa admiração ao nosso povo. Todos os revolucionários devemos-nos sentir duplamente obrigados a partir desta experiência a lutar por nosso povo, a trabalhar incansavelmente por nosso povo. E desde o mais profundo do meu coração, para terminar quero dizer: que hoje, mais que nunca, sinto-me orgulhoso de ser filho deste povo!

PATRIA OU MORTE
VENCEREMOS

20173

20473



"Sinto-me orgulhoso de ser filho deste povo!"

20473

20473



20474

M

W

R

20472

ediciones **VENCEREMOS**
HABANA - CUBA
MAYO 1963

EMPRESA CONSOLIDADA DE ARTES GRAFICAS
UNIDAD 205-02, LA HABANA

20475

20475

*¡Además de
asesinos...*



...MENTIROSOS!

07008

El Gobierno de Cuba ha mostrado al mundo la entraña guerrillista del imperialismo. Y en tono que no admite más vacilaciones nuestro máximo líder, comandante Fidel Castro, ha hecho una seria advertencia a los pueblos que luchan por la paz en todo el orbe: ¡HAY QUE CORTARLE LAS MANOS AL IMPERIALISMO! No hay más que un camino para detener la furia de estos desalmados: salirles al paso y demostrarles que ellos no pueden conducir a la humanidad hacia su destrucción total.

¡Cuba está dispuesta a librar la batalla contra el monstruo! En última instancia si fuera necesario, luchará sola hasta la última gota de sangre de sus hijos y unida a los pueblos que estén decididos a frenar el imperialismo, garantizará el éxito definitivo de la razón y de la justicia.

Detener al imperialismo AHORA es hacer buenos los deseos de paz que anhela el mundo entero.

07008

Por los pueblos se preguntan cómo puede ser que...

20477
20477
20477



FOCO DE
VIOLACIONES
Y
COBARDES
ASESINATOS



No han cesado de violar descaradamente nuestro espacio aéreo.

No contentos con lanzar improperios y frases soeces contra nuestros soldados, han lanzado piedras por encima de la cerca.





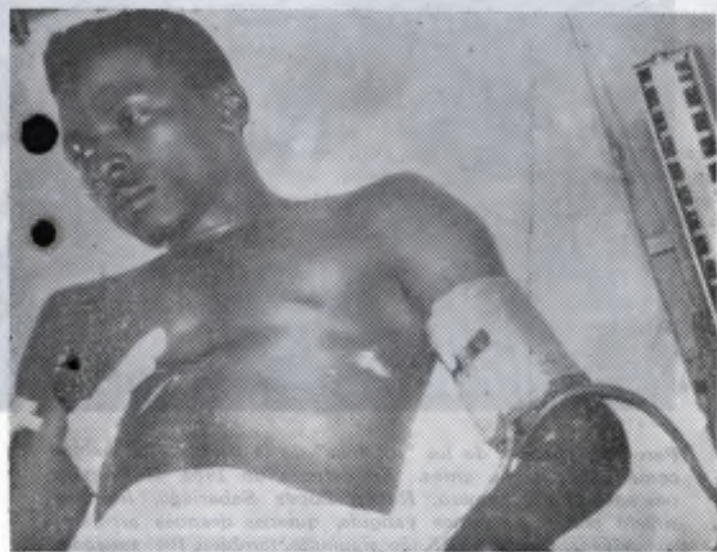
En abril de 1964 los "marines" cruzaron la línea divisoria y destrozaron instalaciones cubanas, en una de sus acostumbradas y cobardes agresiones.



Refugiados en sus madrigueras los miserables "marines" disparan con harta frecuencia sobre nuestros guardas fronterizos.

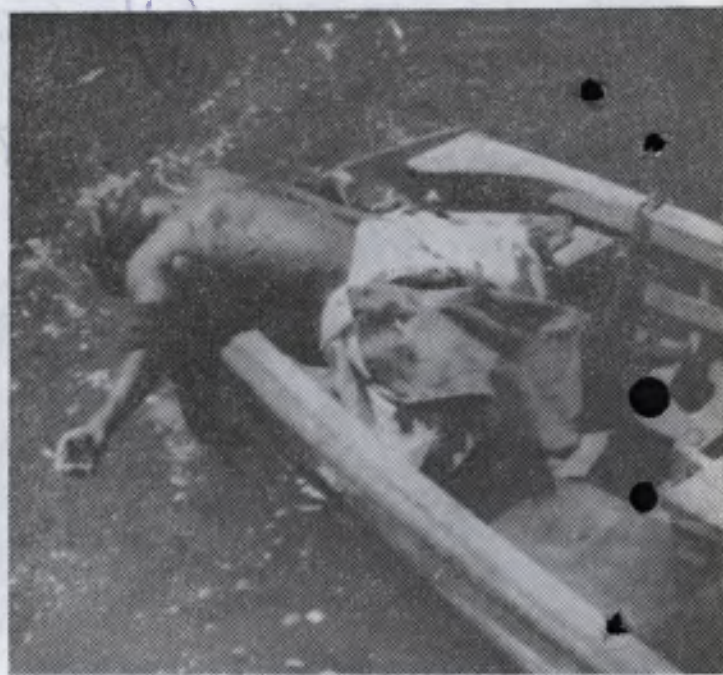
El 10 de junio de 1964, el soldado José Ramírez Reyes, miembro del Batallón Fronterizo, resultó gravemente herido como consecuencia de los disparos realizados por los desalmados "marines" de la Base Naval.

20479





El 25 de junio de 1964 otro valiente soldado fronterizo estuvo a punto de perder la vida, víctima también de los disparos efectuados por los yanquis desde la Base Naval.



Pero los crímenes de los "marines" de la Base Naval habían comenzado mucho antes. En octubre de 1961 el humilde pescador guantanamero, Rubén López Sabariego, fue asesinado por los asesinos yanquis, quienes después arrojaron su cadáver al agua. Al año siguiente también fue asesinado otro cubano en la Base, el trabajador Rodolfo Rosell Salas.



El 19 de julio de 1964 fue asesinado desde una de las postas yanquis de la Base Naval el soldado fronterizo Ramón López Peña. Nuestro pueblo no olvidó este crimen cobarde y repugnante.

... como ocupado por los Estados Unidos
 ... con posterioridad a la agre-
 sión criminal que causó la muerte al compañero Luis
 ... de nuestra brigada fronteriza.

20481

LOS 5
PUNTOS
DE
FIDEL

- *Primero:* Cese del bloqueo económico y de todas las medidas de presión comercial y económica que ejercen los Estados Unidos en todas partes del mundo contra nuestro país.
- *Segundo:* Cese de todas las actividades subversivas, lanzamiento y desembarco de armas y explosivos por aire y mar, organización de invasiones mercenarias, filtración de espías y saboteadores, acciones todas que se llevan a cabo desde el territorio de los Estados Unidos y de algunos países cómplices.
- *Tercero:* Cese de los ataques piratas que se llevan a cabo desde bases existentes en los Estados Unidos y en Puerto Rico.
- *Cuarto:* Cese de todas las violaciones de nuestro espacio aéreo y naval por aviones y navíos de guerra norteamericanos.
- *Quinto:* Retirada de la Base Naval de Guantánamo y devolución del territorio cubano ocupado por los Estados Unidos.

20481

EL
EL ASESINATO
DEL GUARDA
FRONTERIZO 20481

EL GOBIERNO CUBANO INFORMA
Y ACUSA

A las 19:00 horas del sábado 21 de mayo se produjo una nueva provocación contra nuestras postas, desde la base naval norteamericana en Guantánamo, que consistió en un disparo de fusil que causó la muerte del soldado Luis Ramírez López, quien pertenecía a la compañía número dos, del batallón dos de la Brigada Fronteriza.

Al ser agredido, el soldado Ramírez López se encontraba en el interior de la casamata de la posta que está situada tres kilómetros al sur de la entrada principal de la base y a 150 metros del límite este de la misma.

El disparo fue hecho desde el camión que transportaba el relevo de los soldados norteamericanos cuando pasaban frente a nuestra posta en dirección a la costa sur.

Posteriormente, a las 19:55 horas, la posta norteamericana situada aproximadamente a unos 4.5 kilómetros al sur de la entrada principal de la base realizó otro disparo de fusil que hizo impacto cerca de la casamata de otra de nuestras postas. También a esta misma hora, la posta norteamericana que se encuentra situada aproximadamente a tres kilómetros al sur del lugar de los hechos fue reforzada con cinco soldados. Además, entre las 18:27 y las 20:00 horas, las postas norteamericanas llevaron a cabo otras tres provocaciones que consistieron en un nuevo disparo, en manipular sus fusiles y en gritar a nuestras postas: "Oye, cubano, tumbamos otro".

Como puede observarse, con posterioridad a la agresión criminal que causó la muerte al compañero Luis Ramírez López, han continuado las provocaciones desde la base naval norteamericana contra las postas de nuestra brigada fronteriza.

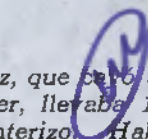
18408



Como puede observarse, con posterioridad a la acción criminal que causó la muerte al compañero Luis Ramírez López, han continuado las persecuciones de los que se han llevado a cabo contra las postales de nuestra brigada fronteriza.

EL SOLDADO ASESINADO

20482



El soldado Luis Ramírez López, que cayó asesinado mientras cumplía con su deber, llevaba 11 meses de servicio en el Batallón Fronterizo. Había ingresado en las Fuerzas Armadas Revolucionarias el 25 de mayo de 1965, formando parte del batallón de guardafronteras desde el 13 de junio de ese mismo año.

Ramírez López tenía 22 años. Era natural de Horno-Mojará, en Guisa, Bayamo. Sus padres, que viven en este lugar, se nombran Miguel Ramírez e Idelisa López.

En la vida civil, Ramírez López era obrero de construcciones y trabajaba en la granja "Orestes Acosta", de Bayamo.

Este nuevo mártir y héroe había llegado a las Fuerzas Armadas Revolucionarias procedente de la canteira de combatientes ejemplares de las Compañías Serranas.



hacia arriba, con una inclinación bastante

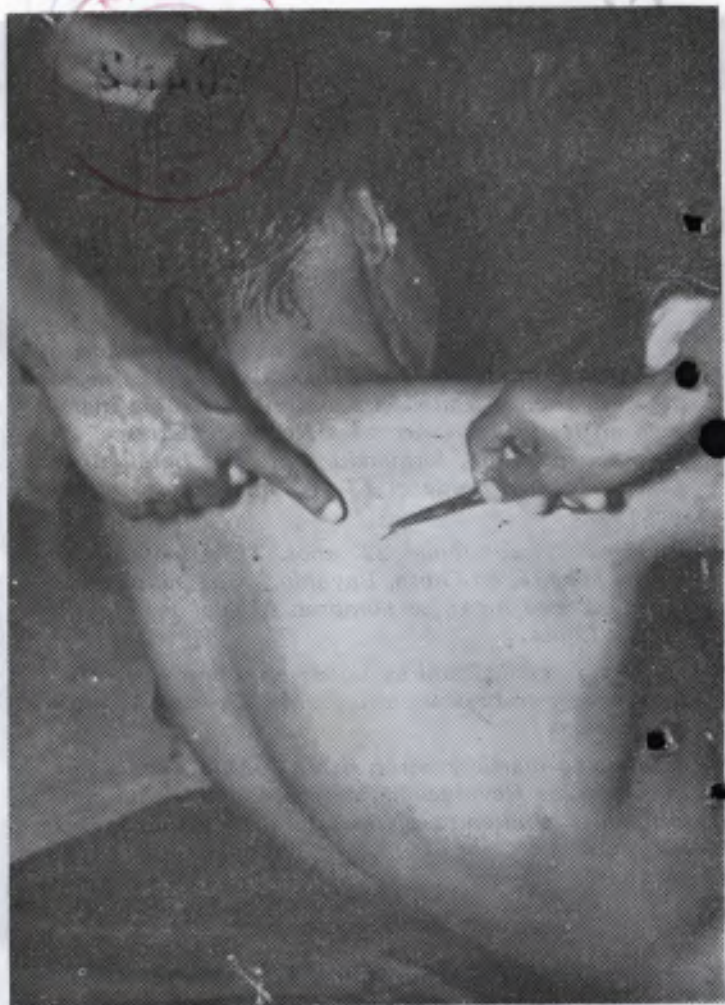


Foto 1

ARGUMENTOS IRREBATIBLES

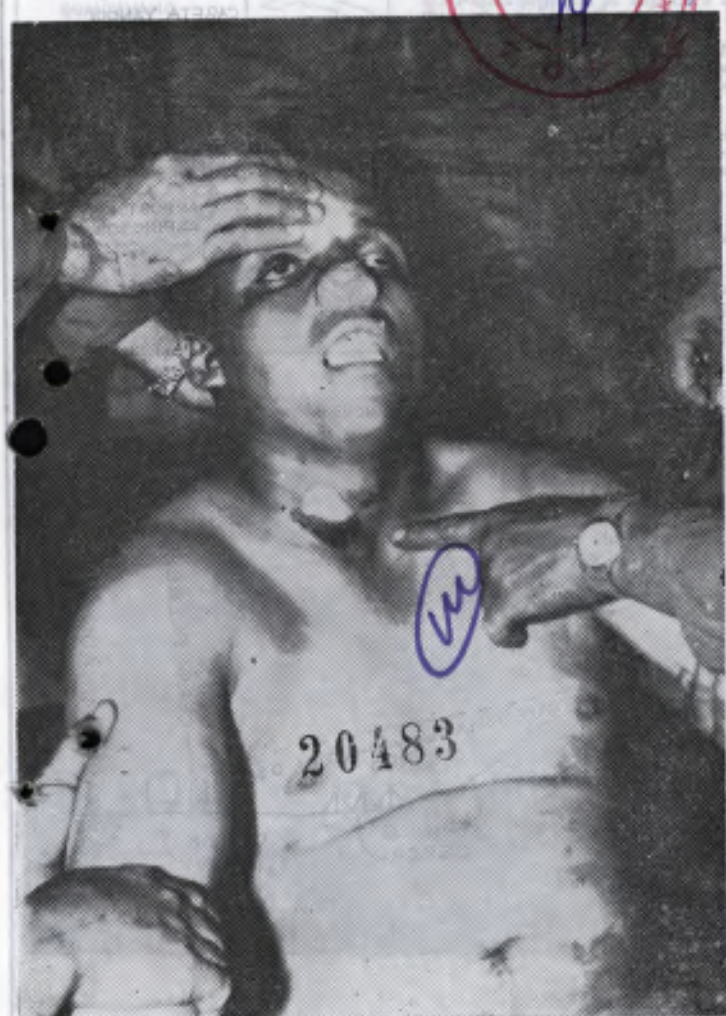
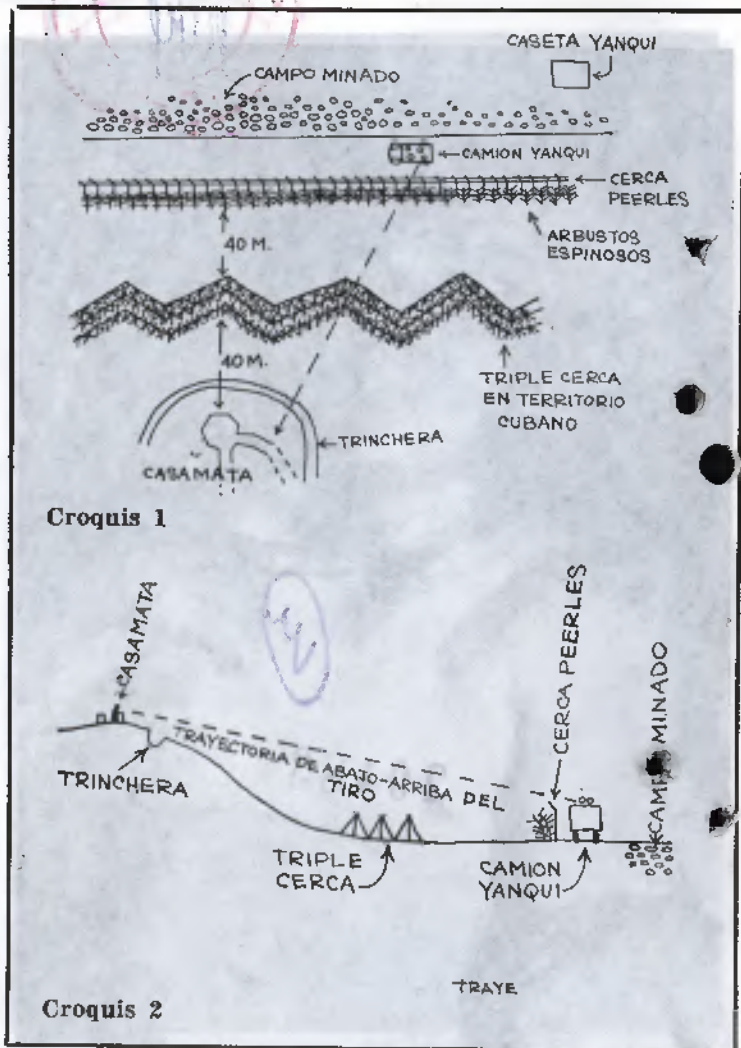


Foto 2

De acuerdo con la foto... el depósito principal... el orificio de salida... la trayectoria de la bala... el soldado Ramírez López... ¿Por qué es imposible que el soldado Ramírez López, como dice la versión yanqui, fuera asesinado dentro del territorio de la Base Naval?

Como puede apreciarse en las fotos 1 y 2, la bala penetró por la espalda, por la región derecha, y tiene el orificio de salida por encima de la región clavicular del mismo lado, produciendo la ruptura del cayado aórtico. Todo esto evidencia una trayectoria de abajo hacia arriba, con una inclinación bastante notoria.

68408



Croquis 1

Croquis 2

Al observar los croquis números 1 y 2 se puede apreciar que, dada la topografía del lugar de los hechos y la posición que ocupaba el yanqui asesino, así como la situación en que se encontraba el soldado cubano Ramírez López, es perfectamente explicable y evidente la trayectoria recorrida por la bala, la cual, como demostró la autopsia, ocasionó la muerte casi instantánea al soldado cubano.

La fotografía número 3 abarca una gran parte de la zona indebidamente ocupada por los yanquis, la zona que se halla, precisamente, frente a la casamata donde cayera asesinado el guarda fronterizo cubano Ramírez López.

Como puede observarse, esta zona es completamente llana en una gran extensión y en ella se encuentra

20484



(1) Puerta principal de entrada a la Base Naval yanqui.

(2) A tres kilómetros al sur de la puerta principal se produjo la agresión, que provocó la muerte del soldado Luis Ramírez López.

(3) 55 minutos después, los "marines" yanquis hicieron otro disparo de fusil contra las postas cubanas en este lugar.

(4) Los yanquis reforzaron con 5 soldados la posta ubicada aquí, tras producir el segundo disparo.

(5) Lugar en que fue asesinado Ramón López Peña, soldado fronterizo, el 21 de julio de 1964.

20484



Foto 3

situada la garita yanqui. De acuerdo con la falaz versión yanqui, el disparo criminal hirió al Soldado cubano en territorio de la Base, allí mismo. Sin embargo, los hechos han desenmascarado la mentira fraguada por los asesinos. ¿Cómo pudo un "marine" disparar sobre Ramírez López en el mismo plano topográfico que él, al mismo nivel suyo, cuando la herida mortal la produjo un proyectil cuya trayectoria se ha demostrado que tenía una notoria inclinación de abajo hacia arriba? ¿Cómo pudo el soldado cubano, herido mortalmente por un disparo que le hizo estallar el vértice del pulmón derecho y le produjo la ruptura del cayado aórtico al mismo tiempo, lo suficiente para producirle la muerte casi instantánea, escalar una cerca "peerless" de casi dos metros de alto y después saltar una triple alambrada, como se ven en las fotos

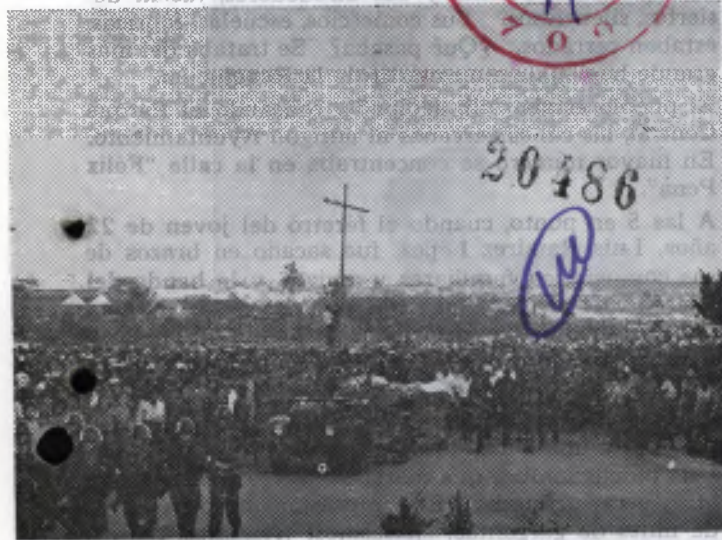


la zona divisoria y detrás de ésta el territorio libre de las...

Y se argumentaron los ganados que el soldado cubano...

La imposibilidad de atravesar el campo minado...

A esta penúltima, en el terreno ocupado por...



Todo el pueblo corrió las jarras llenas. Luego, nue-
vos gritos se escucharon. "¡República, libertad de Ca-
bal!" Para honrar, abajo Camerón! ¡Pera de la
base nacional!"

DOLOR Y ODIO EN NUESTRO PUEBLO



"¡Acciones asesinas!"

La capital de Oriente y sus alrededores, lucían desiertos, silenciosos. Sus comercios, escuelas, fábricas, estaban cerrados. ¿Qué pasaba? Se trataba del más grande homenaje a un mártir de la Revolución.

El pueblo estaba allí, agolpado, rodeando el Parque Central, las calles cercanas al antiguo Ayuntamiento. En mayor número se concentraba en la calle "Félix Peña".

A las 5 en punto, cuando el féretro del joven de 22 años, Luis Ramírez López, fue sacado en brazos de sus compañeros, familiares y amigos, y la banda del Ejército de Oriente lanzó al aire las notas de una marcha fúnebre, la marejada de hombres, mujeres, niños y ancianos, rompió el cordón protector de la Milicia.

Catorce cuadras repletas no fueron suficientes para albergar a una multitud de cerca de 40 mil personas. Una muchedumbre que marchó a veces en silencio y otras veces gritando. Fue impresionante oír el grito de miles de gargantas: "¡Asesinos! ¡Asesinos!".

Todo el pueblo coreó las justas frases. Luego, nuevos gritos se escuchaban: "¡Yanquis, fuera de Cuba!" ¡Pin pon fuera, abajo Caimaneral ¡Fuera de la base, asesinos!".

Nunca se han visto tan fielmente retratados el odio y la repulsa hacia los yanquis como en estos rostros de los santiagueros. Nunca el imperialismo —así como también de López Peña, López Sabaorriego y Rosell— mereció tan violenta repulsa.

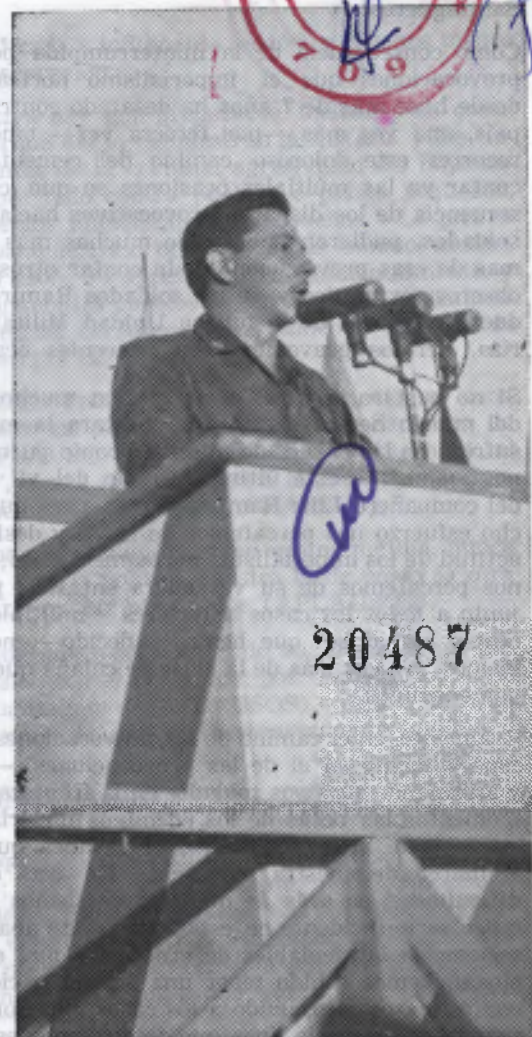
Todo un pueblo siguió el cortejo. En alto iban los letreros: "¡Cien vidas de los buitres yanquis de la base naval no pagan la preciosa vida del compañero Ramírez!" "Yanquis asesinos: contra sus fechorías, más unidos y más soldados y armas para defender la Patria". Otros letreros decían: "Genocidas en Vietnam y asesinos en la base", "Yanquis fuera de Quisqueya", "Nuestra Revolución no se ahoga con la sangre de un cubano, sino que se fortalece".

Aquel Santiago de Cuba que se situó frente a la tribuna estaba sensiblemente indignado. Silenciosamente a veces y otras aplaudiendo con fuerza, la multitud escuchó las palabras del comandante Raúl Castro Ruz, Segundo Secretario del CC del PCC y Ministro de las Fuerzas Armadas Revolucionarias.

Santiago, una vez más, frente al odio imperialista había respondido presente. Y juraba, también una vez más, defender con su propia vida la Patria por la que cayó el nuevo mártir de la Revolución, Luis Ramírez López.

Santiago lo gritó bien fuerte, respaldando las últimas frases del Ministro de las Fuerzas Armadas al calificar a los provocadores de la base naval yanqui, con una elocuente sentencia:

"¡Asesinos, asesinos!".



**¡NOSOTROS
SABEMOS DONDE
TIENE SU TALON
DE AQUILES EL
IMPERIALISMO!**

78403

Santiagueros

Como consecuencia de la ininterrumpida política de provocaciones que el imperialismo norteamericano desde hace más de 7 años ha desatado contra nuestro país, una vez más —por tercera vez— tenemos que recorrer este doloroso camino del cementerio; sin contar ya las múltiples ocasiones en que, como consecuencia de los disparos provocativos hacia nuestros soldados, pudieron haber sido muchas más las víctimas de esas provocaciones; sin contar otros casos de obreros torturados y de los soldados Ramirez y Larduet, miembros de la misma Unidad Militar Fronteriza, heridos gravemente en diferentes ocasiones.

Si no bastara la experiencia que en muchos pueblos del mundo hemos visto, si no bastara la experiencia sufrida en las carnes de nuestro propio pueblo, bástenos solamente este último ejemplo del vil asesinato del compañero Luis Ramírez López, para que sin mucho esfuerzo nos percatemos de la vil y desfachataada actitud de los imperialistas norteamericanos; para que nos percatemos de su verdadera entraña; para que, junto a todos los casos anteriores —múltiples y diferentes agresiones que hemos padecido—, nos confirmemos una vez más de la clase de calaña que tenemos por enemigos.

Realmente, en el camino de las provocaciones, —; muy especialmente en el de las provocaciones!— hiriendo y asesinando nuestros soldados en la frontera, en estos momentos las botas de los enemigos imperialistas se encuentran, precisamente, sobre la línea que definía el marco de nuestra paciencia. En aras de evitar dificultades, en aras de que comprendemos que cualquier serio incidente en esta zona puede abarcar consecuencias incalculables de orden nacional e internacional, hemos sabido tener una serena paciencia. Y con este asesinato, unido a los casos anteriores, están ya parados sobre la línea que determinaba esa paciencia (APLAUSOS).

No obstante, las grandes responsabilidades que pesan en nuestros hombros y las situaciones en las que a veces es necesario tomar decisiones muy serias, nos indican que debemos actuar firme, serena y sabiamente.

EL GRADO DE DESESPERACION DE LOS IMPERIALISTAS

Estas agresiones imperialistas demuestran su grado de desesperación, como lo demostró la injustificada, en todos los sentidos, intervención en Santo Domingo; como lo demuestra la intervención en Viet-Nam del Sur y la agresión a la República Democrática de Viet-Nam del Norte. Y en nuestras decisiones, mientras más serias e importantes, menos debe jugar el factor

20488

de la justificada e indignante pasión, y muchos menos de la desesperación.

En definitiva hay que prepararse, incluso para cosas peores, porque así lo demuestran la historia y los hechos recientes de la criminal agresividad del imperialismo; sobre todo contra pueblos o países pequeños, contra pueblos numéricamente pequeños. La piratería y el bandolerismo con los que al mundo azotan, demuestra eso. Su agresividad fundamentalmente, y casi siempre contra pueblos o países pequeños, demuestra también el carácter rapaz, cínico y cobarde de estos imperialistas.

No obstante —como ya en una ocasión dijo el compañero Fidel en esta misma ciudad de Santiago de Cuba (APLAUSOS)—, la filosofía de "carnero al matadero", nunca ha sido ni será la filosofía del pueblo revolucionario de Cuba (APLAUSOS).

Cuando hemos recibido un golpe en una mejilla, nunca ha sido ni será la política nuestra la de poner la otra mejilla para recibir otro golpe (APLAUSOS).

Y claro que nos hemos educado en medio de la Revolución sin contestar golpe por golpe; pero, no somos aguantagolpes (APLAUSOS). Ahora bien, la respuesta no tiene que ser necesariamente igual.

EL TALON DE AQUILES DEL IMPERIALISMO

Sabemos que el imperialismo es poderoso, pero no invencible; sabemos que es fuerte, pero, conocemos dónde tiene su Talón de Aquiles (APLAUSOS); sabemos cuál es su punto más vulnerable, y hacia esa dirección, no es que empecemos a golpear ahora, sino que continuaremos golpeando con más fuerza que antes.

Eso quiere decir que redoblabamos nuestros esfuerzos en seguir brindando la ayuda que sea necesaria y podamos, o esté a nuestro alcance dar, a todos los movimientos de liberación de América, Asia y Africa (APLAUSOS).

Y en lo que respecta a la situación especial de aquí, de la Base Naval de la Bahía de Guantánamo, nos reservamos el derecho de actuar, igual que en cualquier lugar; lo que cuándo, cómo y dónde, naturalmente, nos lo reservamos (APLAUSOS).

Y sabemos que las fanfarronadas que suelen caracterizar las declaraciones y actitudes de los imperialistas yanquis muchas veces retroceden ante un parón ejemplar. Como, por ejemplo, mientras se discutía la solución de la Crisis de Octubre de 1962, en su política aventurera, empezaron audazmente a sobrevolar sus aviones de combate en vuelos rasantes sobre nuestro país. Advertimos, a través de nuestro

88489

Comandante en Jefe, que se suspendieran esos vuelos. Y ante diferentes pedidos, de diferentes lugares, de que no entorpecieramos las discusiones; tomamos la decisión — que sabemos comprenden perfectamente los imperialistas— y el Comandante en Jefe ordenó hacer fuego contra todos los aviones. ¡Y desaparecieron de nuestro cielo! (APLAUSOS).

Pero, como les decía —y repito—, la naturaleza de nuestras respuestas no puede ser, o no debe ser, idéntica a la de ellos, aunque no deseamos la posibilidad de hacerlo cuando ya no nos quede más remedio. Pero, además, hay que tener en cuenta una cosa: tenemos unas Fuerzas Armadas poderosas, que no son más que la vanguardia armada del pueblo que se armará y combatirá como un solo hombre cuando sea necesario (APLAUSOS), y, no es sólo que tengamos unas Fuerzas Armadas poderosas, sino que, —vamos a decirlo, porque ellos, los imperialistas, lo saben—, saben que semana que pase, o mes que pase, estaremos más fortalecidos (APLAUSOS). No saben el monto ni la calidad, pero les podemos decir que cada mes que pase estaremos mejor armados y con armas de superior calidad a las que poseíamos (APLAUSOS). No lo saben todo, pero parte sí; por lo que podemos decirles que cada mes que pasa se concluyen decenas de obras con fines militares de vital importancia para la defensa de nuestro país (APLAUSOS), cada año que pase económica, política y militarmente nuestra Revolución será más poderosa (APLAUSOS).

HAY QUE ACTUAR CON SERENIDAD Y SABIDURIA

Y naturalmente que por eso les decía que hay que actuar con firmeza, serenidad y sabiduría en nuestras decisiones y no actuar de forma que el enemigo pueda utilizar, cuando más les convenga a ellos, el inicio de un conflicto de mayores envergaduras.

¡Preparémonos pues, como estamos haciendo en todos los aspectos, por si surge un conflicto, sea cuando mejor preparados estemos y cuando más nos convenga a nosotros y no a nuestros enemigos! (APLAUSOS). Eso se llama imponerle nuestra voluntad al enemigo. Actuar bajo los signos de la pasión o de la desesperación sería dejarnos imponer la voluntad del enemigo, y todos los imperialistas juntos son muy mentecatos para que impongan su voluntad a este pueblo (APLAUSOS).

Por eso no se asombren ustedes cuando vean desfilar, durante todos los meses, por las vías de comunicaciones de nuestro país, miles y miles de toneladas de nuevas armas (APLAUSOS). Y los imperialistas que no se equivoquen, que nuestras respuestas no serán sensacionales como suelen hacer ellos, sino de efecto retardado y donde les duele bien, en los movi-



La madre del joven guarda fronterizo asesinado.

28
29

20491

es el sup... in... nos en Y
No es un secreto para ellos, porque han visto ya varias movilizaciones, que antes de las doce horas tendremos sobre las armas medio millón de hombres (APLAUSOS). ¡Y si será un secreto para ellos los que tendremos movilizados después de las veinticuatro horas de dada la alarma de combate, porque no se lo vamos a decir! (APLAUSOS).

Un pueblo empuñando un tumulto tan grande de armas, y de la calidad de esas armas, no puede ser derrotado; y si, por consecuencia de su superioridad, de su correlación de fuerzas favorables —militarmente hablando— llegaran a intervenir y a ocupar un pedazo del territorio, o llegarán a ocupar todo el territorio, como dicen ellos descaradamente que tienen allá en Viet-Nam del Sur —que sólo ocupan un pedacito de territorio, porque el resto es de los patriotas— (APLAUSOS), la lucha que les tenemos ya organizada garantiza, por lo tanto, que Cuba puede ser agredida, ¡pero jamás derrotada! (APLAUSOS).

Es decir, que por eso nos preparamos cada día más; por eso, después de los grandes logros alcanzados en las fuerzas regulares, pasamos ahora, empezando por La Habana —como quedará demostrado en el acto del 4 de junio en un stadium de la Capital—, al inicio del año de preparación combativa de las agrupaciones de tropas de reserva encargadas de la defensa de La Habana (APLAUSOS).

Y de la misma forma haremos en todas las ciudades del país; y perfeccionaremos, hasta niveles de detalle, los planes operativos de la defensa, utilizando como vanguardia las fuerzas regulares, la lucha en las ciudades y pueblos, por pequeños que sean; la lucha en los llanos y en las montañas; la lucha en todo nuestro país (APLAUSOS).

¡LAS GENERACIONES FUTURAS TEMPLARÁN SU CARACTER COMO EL ACERO!

Es por eso que también tenemos que preocuparnos por forjar generaciones futuras con un carácter templado como el del acero. Por eso, bajo la dirección del Partido, colaborando mutuamente entre las organizaciones de masas, la Unión de Jóvenes Comunistas, el Ministerio de Educación, el Ministerio del Interior, el Ministerio de las Fuerzas Armadas, etc., etc., debemos combatir todos esos rezagos que de la ideología del pasado nos quedan; que no son cosas abstractas, que se demuestran concretamente en los que quieren vivir del cuento, en los que quieren vivir de la Revolución, que es vivir del trabajo de los otros; en los que se inclinan fácilmente a la vida cómoda, a los privilegios; a los que sin ser rezagos del pasado, en algunos pequeños sectorcitos, fundamentalmente ubicables en la capital de la República, son portado-

20491

res también de ese germen de debilidad, de todo tipo de blandenguería, influencia de países capitalistas sobre todo de los Estados Unidos.

No es una simple casualidad, ni un simple capricho, que con la pasión que siempre nos caracteriza en la lucha, nos enfrentemos a esas manifestaciones que aún no han sido totalmente eliminadas, y nos preparemos aquí a forjar una verdadera juventud con la integridad y el carácter de héroes como Ramón López, de héroes como Luis Ramírez López (APLAUSOS). Con hijos de la clase obrera y campesina, con los hijos de todo nuestro pueblo, para que sean capaces —como ya hemos dicho en más de una oportunidad— de llevar hacia adelante un tramo más las banderas intactas de la Revolución socialista cubana, cuando llegue el momento (APLAUSOS).

Con jóvenes como éstos, como los hay por centenares de miles en todo nuestro pueblo, con un pueblo decidido como el nuestro, todo eso es posible, ¡y se hará! (APLAUSOS).

20491

Como decíamos en cuanto a la ayuda de los movimientos de liberación nacional —Talón de Aquiles del imperialismo norteamericano—, si no fueran pocas las muestras de la creciente rebeldía de los pueblos de este continente, de los pueblos de Asia y África también, baste referirnos muy brevemente, a algunos párrafos de un informe que, durante los días 9 y 10 de mayo, presentara en el Senado de los Estados Unidos el senador Robert Kennedy, hermano del difunto Presidente —del mismo apellido— de los Estados Unidos.

Es justo reconocer que, desde el punto de vista capitalista e imperialista, es un informe inteligente. De esto no se hablaba, hasta tanto surge la Revolución Cubana. La palabra revolución era una de las que en su vocabulario había sido eliminada. La Revolución Cubana, más los acontecimientos de la América Latina, los han obligado a usarla profusamente, después de reconocer que los campesinos latinoamericanos hoy están prisioneros de una vida en precario, desde una frase que podemos firmar conjuntamente: "es como si no vivieran en su tierra, sino meramente sobre ella".

Después de informar de la miseria, de la incultura, de la insalubridad, que padecen los pueblos de la América Latina, decía que "en las naciones latinoamericanas no puede haber trabajo estable, viviendas y seguridad económica, no puede haber escuelas para todos los niños, no puede haber democracia, justicia o dignidad individual, sin revolucionarios cambios en los sistemas económicos, políticos y sociales, y los pueblos latinoamericanos están determinados a producir esos cambios".

18408

Más adelante dice el Senador Kennedy: "Pero se trata sólo de su comienzo, y la cuestión es ahora cómo será hecha y dirigida la revolución en América Latina. En el corazón de la Revolución están dos grandes y persistentes problemas: la educación y la reforma agraria; problemas que involucran todas las esperanzas de progreso económico y justicia social" —aunque el señor Kennedy se olvida aquí de un factor muy fundamental, que es del dominio nacional de las riquezas propias, o sea, de cada país, que quienes la ostentan son los monopolios imperialistas (APLAUSOS).

INEVITABLE LA REVOLUCION LATINOAMERICANA

Es decir, que reconocen la inevitabilidad de la Revolución en la América Latina, pero hay que tratar de hacerla pacíficamente; o sea, se diferencia eso de nuestro lenguaje en que ellos dicen: "hay que hacer una revolución de mentirijillas" —entre comillas— dirigida por los explotadores", y nosotros decimos, conjuntamente con los pueblos de la América Latina: "hay que hacer una revolución de verdad dirigida por los explotados, como se hizo en Cuba" (APLAUSOS). Es decir que, además, el señor Kennedy propone la distribución de las tierras de las oligarquías de cada país de la América Latina y no propone la nacionalización de las propiedades de los monopolios norteamericanos.

El último párrafo que citaré de dicho informe es el siguiente —¿quién iba a pensar estas palabras en boca de los imperialistas respecto a la América Latina!—: "Esas gentes —los de allá de América Latina— no aceptarán estas condiciones de existencia para la próxima generación. Nosotros no las aceptaríamos ni tampoco ellos las aceptarán. Habrá cambios. Una revolución está en marcha, una revolución que será pacífica, —o sea, de mentira— si somos suficientemente inteligentes; atemperada, si tenemos el cuidado necesario; exitosa, si somos afortunados". Es decir, una serie de medidas de reformas, para adormecer las masas trabajadoras, sobre todo a costa de las oligarquías de la América Latina, no de los intereses norteamericanos, porque la ayuda económica que les llega a través de la llamada "Alianza para el Progreso", invento del hermano del señor Senador Kennedy, les devuelve una ínfima parte de lo que extraen año por año los monopolios de los imperialistas yanquis en la América Latina.

Dice así, finalmente, ese párrafo: "Pero una revolución que advendrá, querámosla o no. Podemos influir en su carácter, pero no modificar su inevitabilidad". Hemos avanzado algo, hasta el señor Senador

20492

Kennedy comprende en este momento "la inevitabilidad", quieranla ellos o no, de la revolución en la América Latina (APLAUSOS).

REVOLUCION VERDADERA: LA QUE HEMOS HECHO EN CUBA!

Estamos perfectamente de acuerdo en la inevitabilidad de la Revolución en la América Latina. Ellos le llaman revolución democrática a unas simples concesiones reformistas. Nosotros llamamos revolución verdadera a la que hemos hecho en Cuba, que harán indudablemente los hermanos de la América Latina (APLAUSOS).

Es decir, que nuestras respuestas a tantas agresiones no serán efectistas, pero sí efectivas; no serán escandalosas, pero sí poderosas; no harán bulla, pero llegará la hora en que conjuntamente podremos contemplar los resultados de los hechos. Y no es nada nuevo lo que estamos diciendo, sino ratificando hoy aquí, ante este hecho criminal y cobarde, que redoblabamos nuestros esfuerzos, de acuerdo a lo que seamos capaces, de ayudar a todos esos movimientos de liberación de los tres continentes que luchan. Y ese es el Talón de Aquilés del imperialismo norteamericano (APLAUSOS).

tenemos alguna experiencia de hechos como éste que hoy nos reúne aquí, que suele ser que cuando denunciábamos provocaciones —no viles asesinatos como éste de Luis Ramírez—, suelen decir inmediatamente que es mentira y que esas son purgas internas que realizamos nosotros, etc., etc. Cuando denunciábamos las miles de diferentes provocaciones que nos hacían, ellos contestaban diciéndonos que éramos nosotros los que las hacíamos, independientemente de que poseemos miles de fotos y miles de pies de películas de ellos realizando esas provocaciones y ellos no podrán mostrar jamás una sola fotografía de un soldado nuestro arrojándoles siquiera piedras, porque nunca hemos realizado una provocación de este tipo. El día que van a tener la oportunidad de tomar una o varias fotografías, va a ser una sola vez; y tal vez más nunca sea necesario hablar de esos problemas! (APLAUSOS).

Y algunos cables de la AP y de la UPI, transmisores —como el mosquito de la fiebre amarilla— de las mentiras de los imperialistas... llega el primer cable que dice: "En Washington, un portavoz del Departamento de Defensa manifestó que en el Pentágono no se había recibido ningún informe del incidente". Segundo: "En Washington, la Marina desmintió el cargo. Un vocero del Pentágono dijo: la Marina ha verificado el informe y dice que no hay verdad en la acusación cubana". Otro tercer cable llega y dice: "Unas horas después, el Pentágono retiró la desmen-

tida e hizo esta declaración: "Hubo un incidente en Guantánamo, del que se han recibido informes y está siendo investigado". Esperemos los otros cables, aunque no nos hagamos ilusiones; ya nos imaginamos su contenido.

Como señaló nuestra prensa algunos datos biográficos del compañero Luis Ramírez López, nosotros queremos, además, señalar el comportamiento verdaderamente ejemplar y admirable de todos sus familiares, empezando por su señora madre que, a pesar del dolor por el que atraviesa en estos momentos, está aquí junto a su pueblo (APLAUSOS); su señora abuela, su padre, varios familiares; sus tres hermanos varones que, junto con él, formaban un cuarteto de nobles, abnegados y heroicos milicianos de nuestras montañas de Oriente (APLAUSOS).

Y, expresando el sentimiento de todo el pueblo, no creemos equivocarnos si a nombre de todos le decimos a la familia Ramírez López que todo nuestro pueblo revolucionario es una sola, unida y fuerte familia (APLAUSOS). Y al compañero Ramírez López, que hoy enterramos en la tierra de este cementerio; aquí, en este cementerio donde reposan los restos de tantos héroes de todas nuestras generaciones, recordando el dato que hoy apareció en la prensa, que en su carnet del Ejército había una hojita suelta del libro "Héroes de la Fortaleza de Brest", —que guardase por el título del capítulo que comenzaba en dicha hoja: "Lucharemos hasta el final" —(APLAUSOS), le decimos: Sí, compañero Luis Ramírez López, ¡lucharemos hasta el final, pero hasta el final de los enemigos de nuestro pueblo! (APLAUSOS).

¡Viva el glorioso Batallón Fronterizo, que ya es más de un Batallón y por lo tanto es una Brigada!
(GRITOS DE: ¡VIVA!).

¡Vivan los soldados, clases y oficiales de nuestras Fuerzas Armadas! (GRITOS DE: ¡VIVAN!).

¡Viva nuestra Revolución Socialista! (GRITOS DE: ¡VIVA!).

¡Viva nuestro Partido Comunista! (GRITOS DE: ¡VIVA!).

¡Vivan todos nuestros mártires y héroes! (GRITOS DE: ¡VIVAN!).

¡Viva nuestro Comandante en Jefe! (GRITOS DE: ¡VIVA!).

¡Muera el imperialismo! (GRITOS DE: ¡MUERA!).

¡Patria o Muerte! (GRITOS DE: ¡VENCEREMOS!).

(OVACIÓN).

Esta versión del Gobierno de Washington puede ser más peregrina, ridícula y falsa. El Gobierno imperialista de los Estados Unidos, sorprendido "in fraganti" ha tenido que aceptar la increíble versión que ofrece su Departamento de Defensa.

MIENTEN, DESMIENTEN Y VUELVEN A MENTIR...

LA VERDAD

La Habana, mayo 22. (AP).—En Washington, un portavoz del Departamento de Defensa manifestó que en el Pentágono no se había recibido ningún informe del incidente. Horas después el Pentágono retiró la desmentida e hizo esta declaración:

"Hubo un incidente en Guantánamo, del que se han recibido informes y está siendo investigado".

Y escrupulos, al Gobierno norteamericano no le ha quedado más remedio que admitir, en parte, la veracidad de la denuncia cubana, y al fragor semejante versión de los hechos, en el momento de la salida del vocero del Departamento de Defensa de los Estados Unidos según las agencias de prensa norteamericanas, la emitida en Washington, mayo 24. (UPI).—"El 21 de mayo, alrededor de las 7:10 p. m., se observó que un soldado cubano armado había penetrado en el perímetro que delimita la Base Naval de Guantánamo".

"Un disparo de advertencia, realizado por un centinela de la Infantería de Marina estadounidense, fue ignorado por el cubano".

"Cuando el infiltrado ignoró el disparo de advertencia, fue disparado un segundo tiro, el cual hirió al cubano". El Departamento añade que el intruso logró saltar la cerca y abandonar la zona de la Base Naval.

El infiltrado ignoró el disparo de advertencia, fue disparado un segundo tiro, el cual hirió al cubano". Según informan los cables, el Departamento de Defensa añade que el intruso logró saltar la cerca y abandonar la zona de la Base Naval.

han recibido informes y esta
Esperemos los otros cables
aunque no se han recibido
su contenido.

Como señaló nuestra prensa
del compañero Luis Ramírez López
mos, además, señalar el comportamiento verdaderamente
mentiroso y admirable de todos los revolucionarios
y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

Y VUELVEN

¡PERO

LA VERDAD

LES SALE

AL PASO!

UN vocero del Departamento de defensa del Gobierno de los Estados Unidos, según las agencias cablegráficas norteamericanas, ha emitido, una declaración acerca del asesinato del soldado cubano, compañero Luis Ramírez López, en la Base Naval de Guantánamo.

Según el Departamento de Defensa norteamericano, "el 21 de mayo, alrededor de las 7 y 10 p. m., se observó que un soldado cubano armado había penetrado en el perímetro que delimita la Base Naval de Guantánamo. Un disparo de advertencia, realizado por un centinela de la Infantería de Marina estadounidense fue ignorado por el cubano. Cuando el infiltrado ignoró el disparo de advertencia, fue disparado un segundo tiro, el cual hirió al cubano". Según informan los cables, el Departamento de Defensa añade que "el intruso" logró saltar la cerca y abandonar la zona de la Base Naval.

Esta versión del Gobierno de los Estados Unidos, no puede ser más peregrina, ridícula, absurda, imbécil y falsa. El Gobierno imperialista de los Estados Unidos, sorprendido "in fraganti" ha tenido que aceptar la muerte de un soldado cubano por los "marines" yanquis apostados en la Base y se ha visto obligado a inventar, con inaudito descaro, la increíble versión que ofrece su Departamento de Defensa.

¿Puede alguien creer, por ingenuo que sea, que un soldado cubano, a las 7 y 10 p. m., hora de verano en Cuba, a plena luz del día, saltó la alta cerca que circunda a la Base Naval norteamericana, fuertemente vigilada y custodiada por los "marines" yanquis bien armados, haga caso omiso de un disparo de advertencia, reciba una herida mortal de bala y salte nuevamente la cerca para venir a morir fuera del territorio de la Base?

Es que el Departamento de Defensa yanqui supone que puede alguien creer tan disparatada versión y que el compañero asesinado pudo saltar la cerca e internarse en la Base Naval y, además, saltarla nuevamente después de herido, cuando, de acuerdo con el informe correspondiente, el proyectil disparado por el "marine" yanqui le produjo el estallamiento del vértice del pulmón derecho, así como la ruptura del cayado aórtico, por lo cual la muerte se produjo en segundos?

Aunque dando una versión absolutamente falsa y cínica de los hechos, como era de esperarse de gentes que acostumbran a mentir y carentes de toda moral y escrúpulos, al Gobierno norteamericano no le ha quedado más remedio que admitir, en parte, la veracidad de la denuncia cubana, y al fraguar semejante versión de los hechos, en lugar de ordenar el cese de tales provocaciones y de depurar las responsabilidades del autor o los autores del asesinato, como le correspondería obrar si se considerase exento de culpas, lo que hace es responsabilizarse oficialmente con el crimen.

La Habana, 25 de mayo de 1966.

"Año de la Solidaridad".

Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias

40495

**COMO SE
DESENMASCARO
ANTE EL
MUNDO LA
FALACIA
YANQUI**



América Revolucionaria

Un total de 30 periodistas de 16 países comprobaron, en una visita efectuada el día 26 de mayo a la frontera con la base naval yanqui enclavada en Calmanera, la falsa y ridícula versión del Departamento de Defensa de los Estados Unidos en relación con el asesinato del compañero Luis Ramírez López, miembro de la Brigada Fronteriza. Después de una conferencia de prensa celebrada en uno de los campamentos, donde el comandante Demetrio Montseny, "Villa", jefe de esa Brigada, explicó todos los detalles acerca de cómo fue asesinado en la noche del sábado 21 el compañero Ramírez: Los periodistas, fotógrafos y camarógrafos extranjeros se trasladaron hasta la casamata donde fuera asesinado el joven militar por un disparo de los marines yanqui.

Ya en el lugar, los corresponsales de distintas agencias noticiosas y otras publicaciones, comprobaron que es imposible, como dijera el Pentágono, que Ramírez pasara al territorio ocupado por la base naval norteamericana, pues aquél se halla deslindado del territorio libre de Cuba por una triple cerca de alambres de púas entrecruzados (alamtrada), de metro y medio de alto, y por otra cerca tipo peerless de dos metros de alto, terminada en alambre de púas también. Además, inmediatamente después del camino que bordea esta última cerca, los yanquis tienen un campo completamente minado, lo que hace imposible el tránsito por el mismo.

El comandante Montseny, contestando una pregunta, dijo que durante los meses comprendidos entre enero y mayo los "marines" yanquis han realizado numerosas provocaciones, incluso, disparos de armas de fuego. "La noche del martes último, dijo, exactamente tres días después del asesinato de Ramírez, se realizó un disparo".

Los periodistas tuvieron la oportunidad de ver la sangre dentro de la casamata donde hacia guardia Ramírez; prueba evidente de que fue asesinado en su puesto de vigilancia y no en el territorio ilegalmente ocupado por los yanquis, como falsamente informó el Pentágono.

Se entregaron a los periodistas fotografías del soldado Ramírez López después de asesinado, y

en ellas se observa que el proyectil que le causó la muerte casi instantánea, le penetró por la parte derecha de la espalda produciéndole la ruptura del cayado aórtico y afectándole el vértice del pulmón, con orificio de salida por encima de la región clavicular; lo que demuestra que la bala recorrió una trayectoria de abajo hacia arriba.

El jefe de la Brigada Fronteriza expresó que, ante tales evidencias, el falaz argumento yanqui de que el soldado Ramírez López con su equipo completo había pasado al territorio ocupado por los yanquis, y regresado posteriormente herido, es completamente absurdo.

Más tarde, los periodistas llegaron hasta la línea divisoria y pudieron apreciar que ni aun a una persona en buen estado físico le es posible salvar tales obstáculos (cerca y alambrada) sin dificultades y riesgos casi insalvables; con más veras, si esta persona porta equipos militares de campaña. Asimismo observaron en la zona minada por los yanquis, los indicadores rojos que aquéllos han situado en el campo, y que evidencian que en dicho terreno se han colocado minas.

Anael Manso Ccello y Eusiquio Ponche Veranes, compañeros de Ramírez que se encontraban junto a él en el instante de producirse el asesinato, dijeron que éste no salió en ningún momento de la casamata y que tan pronto ocurrió el hecho, ellos llamaron a la jefatura.

Los soldados que acompañaban a Ramírez en su última guardia, narraron a los reporteros cómo ocurrieron los hechos.

L. P. M.
20496
XCE
0

20496

PERIODISTAS

ASISTENTES

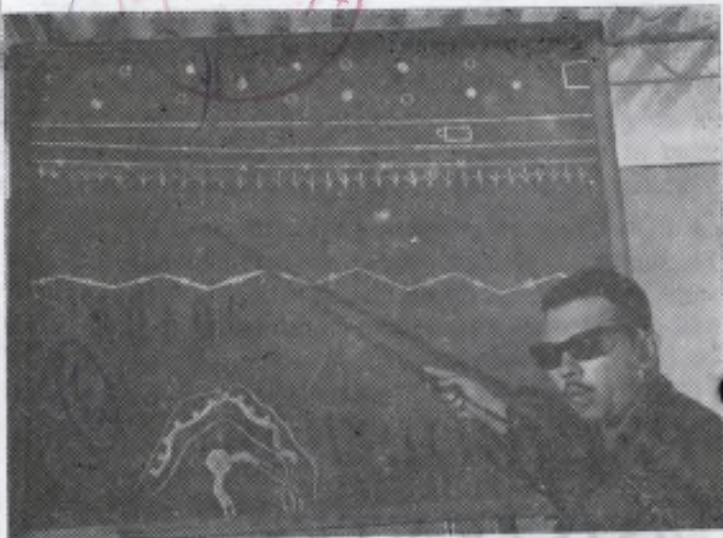
A LA

CONFERENCIA

DE PRENSA

Además de los representantes de toda la prensa nacional y provincial, asistieron representantes de las siguientes agencias y publicaciones extranjeras: Reuter, de **Inglaterra**; Das Andere Deutschland, de la **RFA**; Nydag, de **Suecia**; Revista "Siempre", de **México**; L'Illustré, de **Suiza**; Agencia ADN y TV, de la **RDA**; Pravda, Izvestia, Agencia "Novosti" y TASS, de la **URSS**; Zicie Warszawy y Agencia PAP, de **Polonia**; AP, UPI y Revista NOW, de los **EE.UU.**; L' Humanité y AFP, de **Francia**; Agencia BTA, de **Bulgaria**; L'Unitá, de **Italia**; "El Siglo", de **Chile**; Agencia Liberación, de **Viet-Nam del Sur**; Agencia SINJUA, de la **R.P. China**; y Agencia Central de Noticias, de **Corea**.

20497

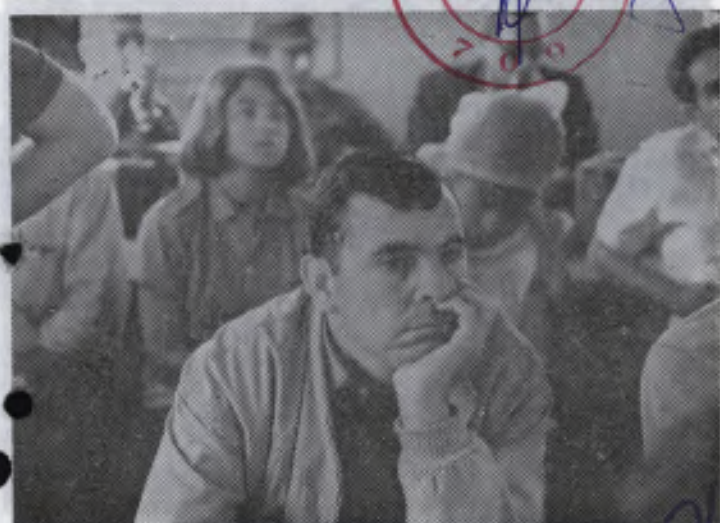


El comandante Demetrio Montseny, jefe de la Brigada Fronteriza, desenmascara ante los periodistas de 16 países la burda, cínica y descarada versión de los yanquis en torno al asesinato de Ramírez López.



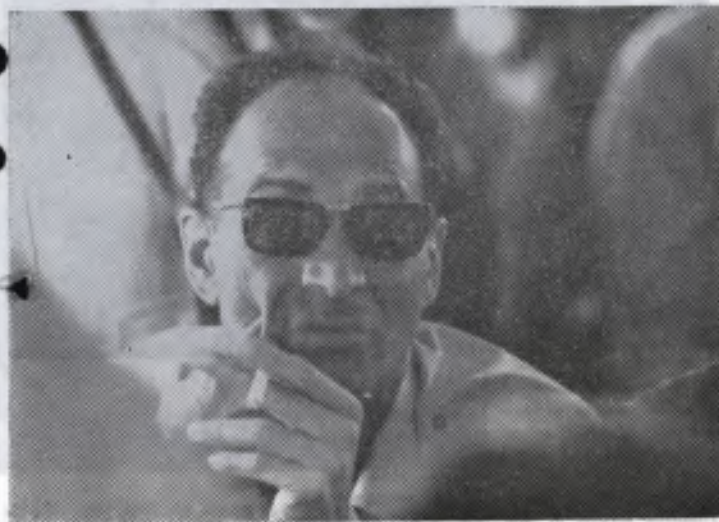
Momento de la reconstrucción del crimen. Los dos compañeros que se encontraban con Ramírez López en el momento de ser éste asesinado indican cómo sucedieron los hechos, mientras los periodistas observan desde lo alto de la casamata.

20497



20497

PERIODISTAS EN LA CONFERENCIA DE PRENSA

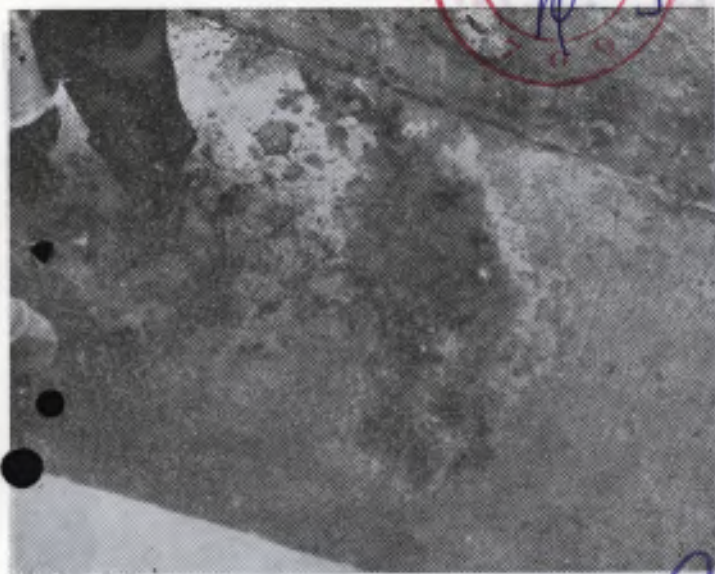




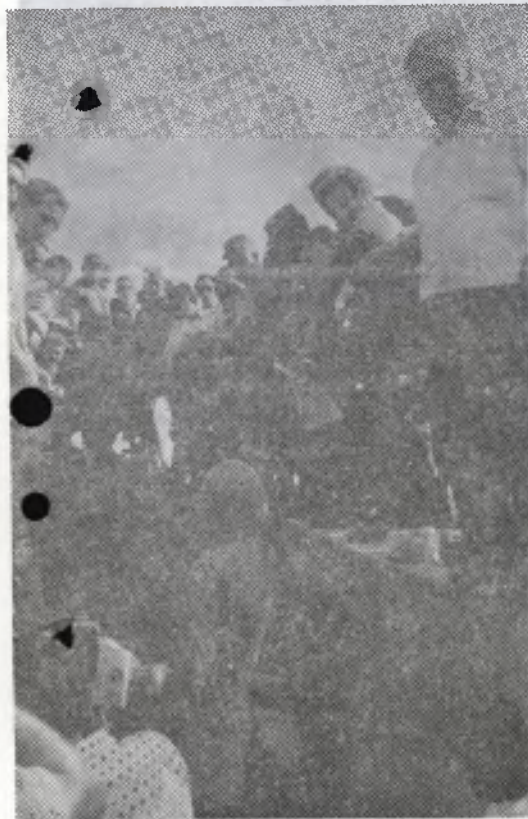
Un soldado fronterizo reproduce ante los periodistas extranjeros la forma en que cayó el soldado Ramírez López a la entrada de la casamata, en territorio cubano, al recibir el disparo que le ocasionó la muerte instantánea.



A las 7 de la noche del sábado 21 de mayo, hora en que se produjo la criminal y cobarde agresión, se encontraban de servicio en la misma posta que Ramírez López, los soldados Arnel Manzo Coello y Eusiquio Ponche Veranés. Ambos fueron los que recogieron a Ramírez López, al caer éste herido mortalmente, y transmitieron el aviso a la Jefatura del Batallón Fronterizo.



Huellas de sangre en el lugar dónde cayera el soldado Ramírez López.



El soldado que está de espaldas, en la foto, se halla en el lugar exacto que ocupaba el compañero Ramírez López cuando recibió el disparo mortal que le hiciera un "marine" yanqui desde el territorio de la Base Naval.

88405



Asonbrado de las propias mentiras de su Gobierno, el periodista de la UPI asiste a la conferencia donde se desenmascará ante el mundo la falacia de los imperialistas yanquis.

88405

L. P. M.
20499

Estos trabajos en la cerca, de orden militar, pudieran también tener un carácter propagandístico — tomando fotos desde algunas de sus garitas — con la idea de distribuirlas entre sus periódicos y así pretender "demostrar" que han "tenido" que hacer trabajos extras en la cerca debido a las "infiltraciones de soldados cubanos" en el territorio ocupado de la Base.

20499

20500
 P. M.
 20500



La ridícula y desvergonzada versión que ofreció el Pentágono en el sentido de que el soldado cubano había entrado en territorio ocupado y después herido de muerte había regresado al territorio liberado, se comprueba una vez más con la colaboración inconsciente de los propios yanquis, ya que ellos, para hacer los trabajos en la cerca han necesitado de un camión y subirse por sobre la baranda de éste e inclusive apoyarse en el tubo galvanizado de la parte alta de la misma.

20500
 P. M.
 20500



Adriana Searle, corresponsal de "El Siglo", de Chile, dijo: "Se ha desenmascarado una provocación más del imperialismo contra Cuba".



Marta Solís, corresponsal de la revista "Siempre", de México, señaló que "la versión del Pentágono es algo grotesca".

20500



Paul Brooke, corresponsal de la revista "Now", de Estados Unidos, expresó: "Esta forma de actuar del gobierno de EE. UU. es la misma de cuando los racistas asesinan a un negro".



Jean Kanapa, corresponsal de "L'Humanité", comentó que "la visita demostraba lo ridículo de la versión yanqui".

20501
14
700

● FRANCE PRESSE (Francia)

GUANTANAMO (Cuba), mayo 27 (AFP).

La versión norteamericana sobre el incidente que costó la vida a un soldado cubano en Guantánamo, el 21 de mayo es completamente falsa, declaró hoy un portavoz militar.

Se trata del comandante Demetrio Montseny, jefe de la brigada fronteriza permanente que el Ejército Cubano tiene destacada en las inmediaciones de la base norteamericana de Guantánamo.

El comandante hizo un detallado resumen del suceso ante los corresponsales occidentales y de los países socialistas. Por primera vez la prensa tuvo acceso al interior del perímetro militar cubano.

Se facilitaron a los periodistas varias fotografías, así como distintos documentos, entre ellos el resultado de la autopsia practicada al soldado Luis Ramírez López, víctima del incidente. La autopsia demuestra que el extinto recibió un balazo por la espalda. Este hecho, así como la inspección realizada por los periodistas en el lugar del incidente —a menos de cien metros de los puestos fronterizos norteamericanos— parece confirmar la veracidad de la versión cubana.

El comandante Montseny reveló asimismo que desde principios de año los marines norteamericanos han hecho más de 250 disparos sobre los puestos cubanos. Estos han recibido órdenes severas de no responder al fuego de los soldados estadounidenses.

Las autoridades cubanas han reforzado las medidas de seguridad, pero la situación sigue siendo tensa y delicada.

● TASS (Unión Soviética) Mayo 27.

En un despacho enviado ayer, la agencia soviética de noticias TASS ridiculizó la versión del Departamento de Defensa yanqui sobre el asesinato del soldado cubano Luis Ramírez López y señala que lo absurdo de la declaración norteamericana pudo comprobarlo la prensa extranjera en el propio lugar del crimen.

“Después de ver nosotros mismos el lugar y las cercas fronterizas montadas por ambas partes concluimos que el soldado cubano, aun sin estar herido, no podía saltar las dos cercas y encontrarse en territorio de la base naval como dice la declaración del Departamento de Defensa de Estados Unidos.”

Agrega TASS:

“Muchos de los corresponsales intercambiando impresiones dicen que se trata de una nueva provocación del imperialismo norteamericano contra Cuba.”

● CTK (Checoslovaquia)

El corresponsal de la agencia checoslovaca CTK señala que los hechos desmienten inequívocamente los alegatos del Departamento de Defensa de Estados Unidos, pues el lugar del incidente está separado del territorio de la base naval por una cerca de alambre triple de más de dos metros de alto y 3 metros de ancho. Queda absolutamente excluido que un hombre pueda pasar por encima sin tener ayuda material militar, como una escala u otra cosa similar, además del hecho de que ese hombre está herido. La versión norteamericana del incidente es desmentida también por el hecho de que el orificio de entrada de la bala en el cuerpo del soldado cubano asesinado es de abajo a arriba. Está fuera de duda que el soldado cubano fue asesinado por un tiro por la espalda y no como hace aparecer la declaración del Departamento de Defensa norteamericano, es decir, como si hubiera estado marchando en dirección de las posiciones en que se encuentran las tropas norteamericanas en la base.

20501
m

● ZYCIE WARSZAWY (Polonia) Mayo 27.

“Yo me convencí de una manera indudable que la versión norteamericana sobre los hechos es falsa. Es muy difícil creer que un soldado cubano a las 19 horas, en plena luz del día, podría tratar de invadir el territorio de la Base. Es totalmente inconcebible pensar que este soldado con una herida mortal, con todo su equipo militar, podría pasar las dos altas cercas para regresar a territorio cubano. Y si alguien hubiera querido creer estas afirmaciones y creer también en el supuesto disparo de advertencia de los norteamericanos, el soldado López hubiera sido asesinado de frente y no de espaldas,” —dice en su información sobre la visita a la frontera de la Base Naval de Guantánamo la corresponsal del diario polaco “ZYCIE WARSZAWY”.

Tras señalar que los soldados cubanos tienen órdenes de no responder a las provocaciones de las tropas yanquis, la corresponsal finaliza:

“Todo esto demuestra que de la parte cubana no hay ninguna “ligereza” ni “aventurerismo,” de que hablan tanto los periódicos norteamericanos.”

10005

(Cuba), mayo 27 (AP).

El personal de la agencia checoslovaca CTX se-
ñala que los hechos demuestran inequívocamente los
elementos del Departamento de Defensa de Estados
Unidos, pues el lugar del incidente está separado del
territorio de la base naval por una cerca de alambre
triple de más de dos metros de alto y 3 metros de
anchura. Queda absolutamente excluido que un solda-
do pueda pasar por encima sin ser visto por las máre-
cas militares, como una escala o una cerca similar.
Además del hecho de que ese nombre está escrito
en la estación norteamericana del incidente se demue-
stra también por el hecho de que el cráter de en-
trada...

DECLARACION DEL PENTAGONO

WASHINGTON, mayo 27, (AP).—Seis soldados cu-
banos se infiltraron en el perímetro de la estación
naval de Guantánamo en la noche del lunes e inter-
cambiaron disparos con los centinelas, dijo hoy el
Departamento de Defensa. El portavoz dijo que los
cubanos abrieron fuego contra los centinelas y que los
defensores de la estación devolvieron los disparos.
Los cubanos abandonaron entonces el terreno de la
base, sin que aparentemente sufrieran ninguna baja.
Este nuevo incidente se produjo sólo dos días después
de que un centinela de la Infantería de Marina diera
muerte a un soldado cubano, quien, según se informó,
traspasó la cerca que limita a la base y luego huyó.
Respondiendo a preguntas, un portavoz del Pentágono
dijo que en lo que va de año se han registrado once
incidentes semejantes.

Un tercer incidente se produjo el 11 de marzo, cuando
dos intrusos penetraron dentro de los límites de la
estación naval, resultando posiblemente heridos por
fuego de fusilería, pero logrando regresar al lado
cubano de la cerca.

20502



20502

RESPUESTA AL PENTAGONO

ESTOS HIJOS DE PERRA NO NOS TOMARAN DESPREVENIDOS

20503

La declaración emitida por el Pentágono acerca de una supuesta incursión de soldados cubanos al perímetro de la Base el pasado lunes, provocando un tiroteo, es tan mentirosa y falsa como su versión del asesinato del soldado cubano, ocurrido el día 21. No contiene el menor elemento de verdad. Nadie podría creer que tenga sentido ni lógica ni objetivo alguno la irrupción de seis soldados cubanos en el perímetro de la Base. Nosotros tenemos los nervios serenos y no practicamos semejantes provocaciones.

El Pentágono inventa este incidente precisamente al día siguiente de la visita al área de la Base de un nutrido grupo de representantes de la prensa mundial que pudieron comprobar la realidad de lo ocurrido en el caso del soldado cubano asesinado por los marines yanquis.

Podemos afirmar categóricamente que tal incidente ni otro alguno parecido ni de ninguna índole, ha sido jamás promovido ni antes ni ahora, por los soldados cubanos que custodian aquel territorio. Los marines yanquis sí han realizado en cambio millares de provocaciones de todos los tipos, que el Gobierno de Cuba ha venido denunciando sistemáticamente.

Ahora bien: ¿Qué se esconde detrás de esa mentirosa y grave imputación del Pentágono?, ¿qué objetivo persigue? Tal vez, habiendo caído en el peor de los ridículos por su folletinesca versión acerca de la muerte del soldado cubano, cuya ausencia de veracidad pudo ser comprobada por periodistas de 16 países en el propio lugar de los hechos, tratan de escapar de una situación embarazosa endilgando a la opinión norteamericana y al mundo nuevas mentiras. Si ése es el propósito, lo que conseguirán es hundirse más en el ridículo.

O tal vez, tras esa inverosímil y mentirosa información tratan de crear condiciones psicológicas para desatar una agresión contra nuestro país. Nadie olvida que los imperialistas yanquis, exactamente igual que sus antecesores los nazis y los fascistas, hacen preceder siempre sus agresiones a los pueblos de imputaciones similares a éstas, que no contienen ni un átomo de veracidad. En ese caso pueden tener la seguridad estos hijos de perra que no nos tomarán desprevenidos.

Hemos dicho más de una vez que nosotros no queremos una guerra que costaría a nuestra Patria y a nuestro pueblo cuantiosos sacrificios de vidas humanas y de bienes materiales, la interrupción y a la vez la destrucción de una gran parte de la obra revolucionaria; pero no somos avestruces para creer que la agresión imperialista se pueda detener con exhortaciones sentimentales a la razón, el derecho y a la

20503

paz. A los nazis de Hitler no les desanimaron las invocaciones a tales manes. Estos nuevos nazis tampoco tomarán en cuenta tales argumentos.

Si los imperialistas se deciden a llevar a cabo una guerra abierta contra nuestro país, no estaría en nuestras manos evitarla, pero una vez desatada no la concluiremos hasta que los imperialistas yanquis hayan sido barridos en todos los países donde hoy perpetran sus actos de agresión y genocidio.

¿O pretende acaso el Pentágono intimidar y chantajear a nuestro pueblo? Para nosotros, los Jefes del Pentágono constituyen una banda de desalmados reaccionarios, de bandidos desenfrenados, de criminales sin escrúpulos y, además, de cobardes. Lejos de atemorizar a nadie con sus chantajes, amenazas, agresiones, fechorías y crímenes, inspiran más desprecio y menos respeto que las ratas. Si cometen la temeridad de atacarnos los vamos a combatir sin tregua y sin piedad mientras quede una bala, mientras quede un hombre o mientras quede en el mundo un pueblo luchando con las armas contra ellos.

20503

La Habana, 27 de mayo de 1966

"Año de la Solidaridad"

Comandante Fidel Castro,
Primer Ministro del Gobierno
Revolucionario de Cuba.

El Gobierno de Cuba, por tanto, ni siquiera concederá audiencia al Embajador Suizo para considerar la mencionada Nota.

20504

DECLARACION
DEL
DEPARTAMENTO
DE ESTADO
YANQUI

WASHINGTON, mayo 27. (UPI).— El secretario de Estado, Dean Rusk, declaró hoy que Estados Unidos protestará ante el Gobierno de Cuba contra la penetración de seis soldados cubanos en la base naval de Guantánamo el lunes.

Señalando que éste es el segundo incidente de esta naturaleza desde el pasado mes de marzo, Rusk manifestó en rueda de prensa que "los cubanos tienen que parar estos incidentes permaneciendo fuera de la zona. Será mejor para todos los interesados".

20504

RESPUESTA AL DEPARTAMENTO
DE ESTADO

ESPERAMOS QUE
NO SEAN
DEMASIADO
COBARDES
EN DECIDIRSE
DE UNA VEZ

Con relación al nuevo cable conteniendo unas declaraciones igualmente cínicas y desvergonzadas, esta vez el señor Rusk en nombre del Departamento de Estado, anunciando una protesta que viene a complementar la grotesca mentira del Pentágono, debemos declarar:

Primero: Que esta nueva noticia confirma la sospecha de que detrás del asesinato del soldado cubano el día 21, que fue seguido por una versión absolutamente falsa de los hechos y en el día de hoy por la imputación, que es mentira de pies a cabeza, de que soldados cubanos incursionaron el perímetro de la base, complementada ahora por este cínico formulismo de la protesta diplomática anunciada, puede estarse fraguando una agresión imperialista a nuestra Patria.

Segundo: Advertimos al señor Rusk y al Gobierno de Estados Unidos que no se tome ni siquiera la molestia de presentar ninguna Nota Diplomática, porque con relación a nosotros no debe contar que nos prestemos a tomar siquiera en serio su burdo, cínico, asqueroso y repugnante formulismo con el que pretende cubrir un simple trámite de agresión basado, como en todas las agresiones a través de la historia, en las más impúdicas mentiras.

El Gobierno de Cuba, por tanto, ni siquiera concederá audiencia al Embajador Suizo para considerar la mencionada Nota.

23

10005

Tercero: Puesto que encima de las falsas imputaciones realizadas acto seguido del asesinato infame, el señor Rusk nos amenaza, prácticamente, con la guerra, al afirmar que:

“... los cubanos tienen que parar estos incidentes permaneciendo fuera de la zona, porque esto será lo mejor para todos los interesados”.

Y puesto que nosotros no podemos cesar en actos y provocaciones que no hemos realizado jamás y de los cuales sí hemos sido víctimas sistemáticamente durante años, y por otra parte no vamos a abandonar la custodia de nuestro territorio —que es virtualmente lo que exige Rusk— en las inmediaciones de la Base, lo que haremos de inmediato es poner a nuestras Fuerzas Armadas Revolucionarias y a todo el pueblo en Estado de Alerta.

3

Cuarto: Esperamos que si el Gobierno de Estados Unidos y la camarilla de fascinosos y asesinos que dirigen ese país, han fraguado ya o decidido llevar a cabo la agresión contra nuestra Patria no serán demasiado cobardes en decidirse de una vez, pues entendemos que lo que sí sería conveniente a los intereses de la humanidad es que el imperialismo yanqui cesara en sus criminales agresiones, o los pueblos se decidan a frenarlo o destruirlo al precio que sea necesario.

La Habana, mayo 27 de 1966

“Año de la Solidaridad”

Comandante Fidel Castro,

Primer Ministro del
Gobierno Revolucionario de Cuba

ESTADO DE ALERTA

El Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, cumpliendo instrucciones del Comandante en Jefe, ha ordenado el Estado de Alerta a todas las Fuerzas Armadas Revolucionarias, y la adopción de todas las medidas pertinentes para pasar de inmediato a la Alarma de Combate si las circunstancias lo exigen.

**ESTADO MAYOR GENERAL DE LAS
FUERZAS ARMADAS
REVOLUCIONARIAS**



20506

ESTAMOS EN
DISPOSICION
DE ACEPTAR
VOLUNTARIOS
PARA AYUDAR
A CUBA

20506

20506



20506

El presidente de la República, doctor Osvaldo Dorticós Torrado, informó a todos los embajadores de los países socialistas de la grave situación surgida con motivo de las últimas provocaciones yanquis en la Base Naval de Guantánamo. Asistieron también el presidente de la Comisión de Relaciones Exteriores del CC del PCC, capitán Osmany Cienfuegos, y el ministro de Relaciones Exteriores, doctor Raúl Roa.

El presidente de la República, compañero Osvaldo Dorticós Torrado, hubo de convocar a todos los embajadores de los países socialistas, para informarles, en nombre del Gobierno Revolucionario, de la grave situación surgida con motivo de las últimas provocaciones yanquis en la Base Naval de Guantánamo. Asistieron a dicha audiencia presidencial, los embajadores, señores Labo Abazi, encargado de negocios de la República Popular de Albania; Fritz Johné, de la República Democrática Alemana; Athanas Kalbov, de la República Popular de Bulgaria; Jon Don Chel, de la República Popular de Corea; Michal Graclick, encargado de negocios de la República Socialista de Checoslovaquia; Wang Yu-ping, de la República Popular China; Janos Beck, de la República Popular de Hungría; Bombosuoer Dshadava, encargado de negocios de la República Popular de Mongolia; Tadeusz Strazalkowski, de la República Popular de Polonia; Vasile Musat, de la República Socialista de Rumania; Alexander I. Alexeiev, de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas; Ngo Mau, de la República Democrática de Viet Nam; Hoang Vich Son, de la Misión del Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur.

El presidente Dorticós informó a los Embajadores presentes de los países socialistas de todo lo ocurrido en la Base Naval de Guantánamo y, además, las últimas declaraciones del secretario de Estado, Rusk, y del Departamento de Defensa del Gobierno de los Estados Unidos, mediante las cuales falsamente se alega que seis soldados cubanos penetraron dentro del perímetro de la Base Naval de Guantánamo y se enfrascaron en un tiroteo con los centinelas norteamericanos.

Hizo saber a dichos Embajadores que el gobierno cubano interpreta estos hechos como provocaciones y actos psicológicos preparatorios de una agresión armada a nuestro país.

El presidente Dorticós anunció la decisión de Cuba de disponerse a defender el territorio nacional hasta el último hombre e, igualmente, les significó que, dada la especial situación de Cuba, nuestro Gobierno está en disposición de aceptar, desde ahora mismo, voluntarios de los países hermanos que estén dispuestos a prestar ayuda a Cuba contra las amenazas de agresión del imperialismo yanqui.

20507

20507

LLAMAMIENTO DE LA OSPAAAL A LOS PUEBLOS DEL MUNDO

El Comité Preparatorio del Secretariado Ejecutivo de la Organización de los Pueblos de Africa, Asia y América Latina formuló una declaración llamando a todos los pueblos del mundo y a los países amigos de Cuba a enviar voluntarios a nuestro país. La declaración, difundida en conferencia con los representantes de la prensa nacional y extranjera, fue leída por el Secretario General del Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL, capitán Osmany Cienfuegos.

En la presidencia se encontraban también los representantes permanentes de los países que integran el Secretariado.

Luego de dar lectura al documento, el capitán Osmany Cienfuegos anunció que el 31 de mayo, a las 9:00 p. m., se dará constitución oficial al Secretariado Ejecutivo de la organización, iniciándose inmediatamente los trabajos de la OSPAAAL.

El texto de la declaración del Comité Preparatorio del Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL es el siguiente:

"Los acontecimientos que se han producido en los últimos meses, provocados por las agresiones de los imperialistas contra distintos pueblos en varias par-

tes del mundo, señalan claramente el esfuerzo desesperado que están realizando para mantener a todo trance sus posiciones y para ello llegar a desatar una guerra si fuera necesario. Esta conducta criminal de los imperialistas es consecuencia del desplome del sistema colonial y del crecimiento de los movimientos de liberación nacional que en la actualidad está decidiendo el destino de la humanidad que se acerca irrevocablemente al disfrute de su plena soberanía y desarrollo.

"La estrategia de terror de los imperialistas, sus faltas de escrúpulos, sus tácticas criminales de intervenciones militares, de subversión, bloqueo económico y chantaje, así como la inconcebible hipocresía en que vuelve su turbia política, encuentra la respuesta firme y heroica de los pueblos explotados decididos a borrar de la faz de la tierra a sus explotadores. Ante el avance de la lucha de los pueblos por su liberación los imperialistas, encabezados por el imperialismo norteamericano, han incrementado la represión contra las masas populares y la subversión en escala mundial. Prueba de ello es el escalonamiento de la guerra de agresión a Viet-Nam del Sur y sus agresiones contra la República Democrática de Viet-Nam, las provocaciones militares contra la República Popular China, Laos y Cambodia, la cadena de golpes de Estados reaccionarios en Africa y la presión criminal contra las fuerzas progresistas de Indonesia; la intervención descarada en la República Dominicana; la creación de nuevos pactos bélicos como los denominados "Pacto Islámico" y el "Pacto Nipo-Sudcoreano", el reforzamiento armamentista en Israel y su uso como fuerza de choque contra los países árabes progresistas como Siria, país hoy también amenazado con una agresión a su pueblo; los ataques contra poblaciones en el Yemén del Sur Ocupado; la subversión del imperialismo francés contra la República de Guinea desde la Costa de Marfil que ha causado la muerte a un soldado de Guinea; la criminal agresión al heroico pueblo de Viet-Nam; y la grave situación que afronta hoy Cuba por las provocaciones norteamericanas en la Base Naval de Guantánamo.

"No es un secreto que el imperialismo norteamericano, que es el arsenal bélico y el centro económico e ideológico del sistema imperialista mundial se halle en una situación de derrota en su criminal aventura de Viet-Nam y que busca desesperadamente una salida a esa situación sin remedio. No puede escapar a nadie la peligrosidad de esta situación del imperialismo que reclama de los pueblos el máximo esfuerzo en la lucha y una vigilancia sin desmayo.

"El Comité Preparatorio del Secretariado Ejecutivo de la Conferencia Tricontinental de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina teniendo en cuenta que esa situación actualmente afrontada por el pueblo de

30208

Cuba, constituye el último eslabón de una misma cadena que pone al desnudo la esencia fascistoide del imperialismo norteamericano y sus planes de imponerle a la humanidad una guerra mundial, denuncia las cínicas declaraciones hechas por el Secretario de Estado de los Estados Unidos, Dean Rusk, y por portavoces no identificados del Departamento de Defensa de dicho país, relativas a una supuesta penetración de seis soldados cubanos a la Base Naval de Guantánamo, territorio usurpado por el imperialismo norteamericano.

33

30208

“La invención de este supuesto incidente se ha hecho apenas transcurrido seis días del asesinato, por las tropas yanquis, del compañero Luis Ramírez López del Batallón Fronterizo, y al día siguiente de la visita al área de la Base de periodistas de dieciséis países, los cuales comprobaron la veracidad de lo ocurrido el pasado 21 del actual y la falsedad de las declaraciones yanquis.

“Este nuevo incidente constituye, tal y como lo afirman los dirigentes revolucionarios cubanos, una provocación preparatoria de una agresión armada de los Estados Unidos a Cuba y un paso más en el camino desenfundado que recorre el imperialismo yanqui para imponerle una guerra a la humanidad.

“Cuba, como siempre, está dando un ejemplo de la determinación de los pueblos de luchar hasta el último hombre contra el imperialismo yanqui, con la movilización de todo el pueblo a las armas y con las enérgicas y valientes contestaciones a los planes del imperialismo dadas por el Primer Ministro Fidel Castro.

“El Comité Preparatorio del Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL ofrece su apoyo irrestricto y unánime a los planteamientos del pueblo de Cuba y llama a todos los pueblos del mundo y a los países amigos de Cuba y a los Comités Nacionales a que envíen desde ahora mismo, voluntarios a Cuba, y que se preparen en caso de una agresión imperialista a Cuba para hacer de cada país una trinchera de lucha en el campo de batalla mundial de defensa a Cuba y de impulso a la lucha contra el imperialismo yanqui.

“Este llamamiento a la solidaridad activa é inmediata a favor de los agredidos por la furia imperialista debe estar en línea con la mejor tradición de heroísmo de pueblos que se enfrentan hoy decididamente a sus explotadores. Debemos convertir esta exhortación en una renovada ofensiva contra el imperialismo yanqui y declarar, recordando al General Antonio Maceo, héroe de la independencia de Cuba: “...quien intente apoderarse de nuestra tierra, recogerá el polvo de su suelo anegado en sangre, si no perece en la lucha...” para convertir así la política criminal del imperialismo en su tumba definitiva”.

30208

¡HAY QUE CORTARLE LAS MANOS AL

IMPERIALISMO!

Editorial de Granma
29 mayo de 1966

EL pueblo cubano, indignado por las continuas agresiones y provocaciones imperialistas en la base naval de Guantánamo, ha recibido con desprecio y justísima cólera las mentirosas declaraciones del Secretario de Estado yanqui, que constituyen, además, una inaudita falta de respeto a la opinión pública internacional y una clarísima amenaza de agresión criminal contra nuestra patria.

Parecía imposible que pudiera acumularse más odio contra los imperialistas. Sin embargo, estas nuevas y vandálicas provocaciones de los guerrilleros del Pentágono y las mentirosas declaraciones de los voceros del Gobierno yanqui, han agregado mayores razones de odio y de indignación en el pueblo.

Sabemos que los imperialistas inventan todo género de falsedades para tratar de lograr sus objetivos. Estamos acostumbrados a tales mentiras y nos hemos educado revolucionariamente luchando contra las mismas. Hoy, que los imperialistas tejen una nueva patraña criminal con la malsana intención de prefabricar un “pretexto para agredirnos, la indignación del pueblo crece y se fortalece más aún nuestra disposición de combatir. En estas horas de movilización, después de ordenado el estado de alerta, se manifiesta el espíritu combativo, la disciplina y el altísimo grado de organización de las Fuerzas Armadas Revolucionarias y del pueblo cubano.

Como es sabido, en uso de nuestro legítimo derecho, el Gobierno Revolucionario se negó a recibir al embajador suizo, representante de los intereses yanquis, y a aceptar por consiguiente la nota norteamericana en la cual se nos acusaba de haber introducido varios

Es que alguien puede pensar en este mun-

80000

20509

soldados de la Brigada Fronteriza en la Base Naval. Posteriormente, y dando una nueva demostración de cinismo, un vocero del Departamento de Estado afirmó que nuestra decisión de rechazar la anunciada nota yanqui era una prueba de la necesidad que tenía el Gobierno Revolucionario de distraer la atención del pueblo sobre los "fracasos" y el "malestar popular en Cuba".

● IGUAL QUE CUANDO PLAYA GIRON

Sucedió igual cuando Playa Girón. Entonces, el embajador norteamericano en las Naciones Unidas, Adlai Stevenson, afirmó que su gobierno era ajeno a los bombardeos realizados contra Cuba. Sin embargo, días más tarde, el propio Presidente Kennedy no tuvo más remedio que responsabilizarse, oficialmente, con la fracasada invasión mercenaria de abril de 1961.

Ahora, los voceros yanquis dicen que esta situación la hemos provocado los cubanos para distraer la atención del pueblo ante los "fracasos" del gobierno revolucionario. ¡Bien saben ellos que el Gobierno Revolucionario y el pueblo, enfrascados en la gigantesca tarea de construcción económica, social y política, no están interesados ni tienen ninguna necesidad de distraer su atención con un problema en la Base Naval de Guantánamo! Los que realmente tienen interés en distraer la atención del pueblo son los imperialistas y el gobierno de Johnson. El que está en apuros es el gobierno de Johnson. Las últimas investigaciones realizadas en la opinión pública norteamericana revelan que la popularidad del señor Johnson decrece rápidamente. Bien se sabe que en el seno de la propia clase gobernante norteamericana existen una serie de discusiones y de críticas a la política de Johnson. Bien se sabe también el auge que en determinados sectores del pueblo norteamericano ha tomado la lucha contra la guerra en Viet Nam. Para distraer la atención, los imperialistas pretenden crear un nuevo foco de tirantez internacional y de esta manera contrarrestar los efectos de su creciente impopularidad. ¿A quién puede ocurrírsele afirmar ante el mundo que los soldados cubanos de la heroica Brigada Fronteriza penetraron en la Base yanqui de Guantánamo, atravesando una triple cerca de alambre de púas, otra cerca de más de 2 metros de alto, también alambrada de púas y un campo minado, para penetrar después al territorio ilegalmente ocupado por el feroz y sanguinario enemigo de nuestro pueblo?

Habría que preguntarle a las mentes calenturientas del Pentágono que, ¿cómo es posible que ellos dejen penetrar a 6 soldados cubanos en el territorio de sus tropas? ¿Es que alguien puede pensar en este mun-

do que no existe la suficiente vigilancia en la Base de Guantánamo como para evitar esto o para detener a los soldados cubanos y presentarlos como prueba de tal acción?

Si tal hecho fuera cierto, ello revelaría una tremenda debilidad en la organización y vigilancia de las fuerzas armadas de los Estados Unidos.

¿Qué sentido y qué objetivo puede tener desde el punto de vista cubano semejante estupidez?

¿Qué respeto merecen los que son capaces de provocar, sistemáticamente, desde la Base Naval, asesinar a varios compañeros y después inventar esta mentira descomunal? Los únicos que son capaces de hacer una cínica acusación son los propios imperialistas y sus voceros, y, al hacerla, desnudan ante el mundo la naturaleza desvergonzada e inmoral de su conducta.

● INVENTAN ESTAS FALSEDADES PARA CREAR EL PRETEXTO DE NUEVAS Y MAS FUERTES AGRESIONES.

Sólo quienes estén planeando y tramando una agresión contra Cuba pueden inventar tan descomunal mentira. ¿Qué otro sentido puede tener formular estas absurdas acusaciones? ¿Qué lógica puede llevar a los imperialistas a inventar estas falsedades? Esto sólo puede entenderse dentro de la forma tradicional de actuar de los agresores imperialistas. Inventan esas falsedades para crear el pretexto de nuevas y más fuertes agresiones. ¡Ese es el único sentido que podemos encontrarle a las inauditas acusaciones del Secretario de Estado norteamericano!

Ya nos tienen acostumbrados en su larga historia de fechorías a estos procedimientos impúdicos. Sólomente los imperialistas, por naturaleza mentirosos y por esencia criminales, pueden elaborar la absurda y canallesca historieta de que varios soldados cubanos penetraron en la zona ocupada por la Base Naval yanqui en Guantánamo. Conocemos perfectamente la forma en que mienten los imperialistas. Pero acaso hoy más que nunca, frente a esta nueva y descabellada mentira, han sido desenmascarados los voceros del imperialismo ante la opinión pública internacional.

Mienten a sabiendas, demuestran una total falta de respeto a todos los pueblos e incluso a su propio pueblo, porque cuando se dice una mentira tan monstruosa y evidente con la intención de que se le crea, es signo de que no tienen la más mínima consideración por el pueblo.

Quienes son capaces de utilizar la mentira y de emplear tales procedimientos es porque carecen de digni-

dad, de pudor y de decoro. Utilizan la mentira los que no tienen la razón. Mienten los que defienden una causa totalmente injusta y perdida. Emplean la mentira en una forma tan descarnada, tan vulgar y tan cínica, quienes carecen total y absolutamente de moral. La mentira es el arma que han empleado los fracasados, los sistemas sociales en decadencia y los Gobiernos corrompidos, los que no pueden avanzar y progresar con la verdad y la razón.

¡Mienten los fracasados, los derrotados, los que han resultado impotentes para aplastar los movimientos de liberación en Viet Nam, los que han sido incapaces de detener la marcha del movimiento liberador de América Latina, los que no han logrado evitar el avance victorioso y la consolidación de la Revolución Socialista de Cuba! No entienden nada de esto, no quieren entenderlo. Pretenden permanecer ciegos y sordos a la evidencia. Engañan a su pueblo, pisotean la verdad. "No hay peor ciego que el que no quiere ver" y "no hay peor sordo que el que no quiere oír". ¡Y no hay gobernante más estúpido que el que está derrotado por la Historia! ¿Acaso piensan que el pueblo cubano iba a esperar pacientemente o no iba a responder en la forma que lo hizo?

Evidentemente, los imperialistas yanquis siguen sin conocer a la Revolución Cubana. No acaban de adquirir experiencia sobre cuál es nuestra manera de actuar.

● EL CONTENIDO DE ESA NOTA NO PUEDE SER MAS CINICO, IMPUDICO Y DESCARADO

Los imperialistas, después de que su nota fue rechazada, la dieron a la publicidad, y lo único que han conseguido es ponerse una vez más en evidencia ante el mundo, ya que el contenido de esa nota no puede ser más cínico, impúdico y descarado.

El Gobierno de Johnson ha lanzado estas provocaciones y se ha envuelto en la malla de sus propias mentiras. Provocan en Guantánamo, asesinan a un soldado cubano, siguen en sus planes y mienten diciendo que somos los cubanos quienes estamos enviando a hombres de la Brigada Fronteriza a introducirse en la Base.

No hay en la lengua castellana mejor expresión para replicar a esta desvergüenza intolerable que la frase empleada por Fidel en su respuesta al Pentágono...

Sean las ratas miserables del Pentágono que Cuba resistirá heroicamente y que contra nuestra resistencia se estrellará el imperialismo. Si inician una guerra, podrá ser corta o larga, pero siempre será una gue-

rra victoriosa para los pueblos. Nuestro pueblo seguirá siendo ejemplo, está preparado y organizado para combatirlo y será capaz de impulsar y acelerar, con su ejemplo y su experiencia, la ola revolucionaria de los pueblos de América. Como ha dicho Fidel, esa guerra sólo terminará con la derrota definitiva del imperialismo. No somos tan imbéciles como para enviar nuestros hombres al territorio ocupado por la base naval yanqui en Guantánamo, pero si nos atacan tendremos la necesaria decisión como para desencadenar una lucha que le costará muy caro al imperialismo. Y si nuestro país se convirtiera en primerísima frontera de lucha contra el imperialismo, tendremos la misma convicción y la misma combatividad que nuestros hermanos vietnamitas. Y aceptaremos en las filas combatientes a hombres de todas las nacionalidades que tengan conciencia antimperialista y estén dispuestos a luchar.

● YA LO SABEN LOS IMPERIALISTAS ¡ESTAMOS ESPERANDOLES!

Y si ellos tienen el descaro de mentir en la forma que lo hacen, nosotros tenemos el valor de enfrentarlos en la forma que lo hacemos. Y no, desde luego, con simples denuncias formales. Los denunciaremos y nos movilizaremos. Los desenmascaramos y ponemos nuestras fuerzas en disposición de combatir. ¡Ya lo saben los imperialistas! ¡estamos esperándoles! Si quieren agredirnos, ¡atrévase de una vez! que van a tener una respuesta que nunca se la imaginaron. Están cogidos en la malla de sus contradicciones y de sus crímenes y han llegado a la desesperación. Los imperialistas, en la desesperación, pueden cometer actos insensatos e imprudentes y la única manera de enfrentar esos peligros es con inteligencia y con coraje, es estando dispuestos a combatir. La única forma inteligente de paralizar a los guerreristas es la de prepararse, para liquidarlos. Esta ha sido la política de nuestro país. La política que el compañero Fidel señaló en el caso de Viet Nam, cuando dijo: "Hay que cortar las manos al imperialismo en Viet Nam o en cualquier parte del mundo"! El pueblo cubano se prepara para cortar las manos al imperialismo en Cuba si se atreve a agredirnos. ¡Y así, le estaremos prestando un servicio extraordinario a todos los pueblos del mundo!

20511

Y

¡DE RODILLAS
NADA
MAS QUE
PARA
CULTIVAR LA
TIERRA
O PARA
DISPARAR
CONTRA EL
ENEMIGO!

Presidente Osvaldo Dorticós

Estadio Latinoamericano,

4 de junio de 1966

20511

Y

Revolucionario, esa presión revo-



Compañeros de la Reserva de la Agrupación de Tropas de La Habana:

Compañeras y compañeros milicianos:

20511

Con el hermoso espectáculo artístico y marcial que hemos presenciado hace algunos minutos, y con este acto, damos inicio al Año de Preparación Combativa de las Reservas de la Agrupación de Tropas de La Habana, que tienen por función y por mandato de la Patria hacer de esta capital un bastión inexpugnable (APLAUSOS).

Los que hemos sido testigos privilegiados del entusiasmo, la conciencia y la responsabilidad presentes en esta movilización singular que culmina en este acto, simultánea a la movilización emergente del Estado de Alerta, hemos podido constatar el alto grado de desarrollo de la conciencia revolucionaria, de la firmeza y de la unidad combativa de nuestro pueblo. Y la presencia multitudinaria de hoy, y los días anteriores de coraje y decisión de lucha, constituyen sin duda la respuesta más brillante y cabal a las amenazas imperialistas (APLAUSOS).

Es bueno que expliquemos a todo el pueblo quiénes forman estas Reservas de la Agrupación de Tropas de La Habana. Han de constituirlos aquellos compañeros sujetos al Servicio Militar Obligatorio y especialmente muchos milicianos experimentados que ganaron las experiencias heroicas de Girón, de la Limpia del Escambray y de otras muchas movilizaciones memorables (APLAUSOS); y, sobre todo, las integran con absoluta unanimidad cubanos revolucionarios dispuestos a dar su vida por la Patria y por la Revolución (APLAUSOS).

Y si se inicia precisamente la preparación combativa es porque sabedores de la calidad bélica y agresiva del enemigo que tenemos, estamos convencidos que no

sólo basta ese ardor revolucionario, esa pasión revolucionaria, esa disposición permanente e insobornable para combatir; que es necesario también unir a ello la calidad técnica de nuestras tropas y su alta preparación combativa.

Y estos requerimientos tienen que ser cumplidos de manera íntegra y disciplinada.

Y hoy comienza para todos ustedes, compañeros de las Reservas de la Agrupación de Tropas de La Habana, una etapa de nuevos deberes revolucionarios, consistentes en síntesis en cumplir con asiduidad, con responsabilidad y con atención todas las exigencias de esa preparación combativa. La consigna para todos ustedes ha de ser desde hoy estar presentes en la preparación combativa una noche cada semana, un domingo cada mes (APLAUSOS). Esto debe entenderse como un deber insoslayable.

La defensa de la capital en caso de una agresión armada ha de ser obra de muchos y han de intervenir en ella factores varios. No sólo los cuerpos de ejército, no sólo las Reservas de la Agrupación de Tropas de La Habana, sino también todas las milicias y en última instancia todo el pueblo (APLAUSOS).

Pero realizar esta defensa con eficacia, técnica y táctica, requiere atender a todas las demandas de la organización militar. Por ello se integra esta Agrupación de Fuerzas de La Habana, y las milicianas y milicianos que no formen parte de esta Agrupación integrarán la Defensa Popular, que pronto habrá de transformarse en Defensa Civil a cargo de la retaguardia de la defensa de la capital. (APLAUSOS).

**NO HABRA CUBANO NI CUBANA
A QUIEN SE LE NIEGUE
EL HONOR DE COMBATIR**

Muchas son las tareas involucradas en esa defensa y ninguna de ellas es menos honorable que las otras: O en la trinchera de combate, o en la organización de los abastecimientos, o en la organización de la protección a la población, o en el trabajo sanitario, presente siempre esta advertencia de que todos deben estar preparados y dispuestos para combatir. Y las milicianas y milicianos que no integren la Agrupación de Tropas de La Habana han de recibir también su preparación combativa y estar listos para empuñar el fusil a la hora del combate (APLAUSOS).

En caso de una agresión armada no habrá cubana ni cubano a quien se le niegue el honor de combatir y pelear por su Patria y por su Revolución (APLAUSOS).

Y esto lo hacemos asistidos de la firme convicción de que haremos de esta ciudad una ciudad que no podrá ser jamás tomada por el enemigo (APLAUSOS).

Y bueno es que nuestros enemigos presencien y observen un acto como este; la decisión combativa que

en sup cobion/ov con acmtes, zomenei sup ogimans loh

lo anima, la presencia revolucionaria íntegra que lo inspira. Porque conscientes estamos todos, y conscientes deben estar desde ahora nuestros enemigos que en esta ciudad —como en toda la Isla— mientras quede un ladrillo en pie habrá un parapeto para el combate, una trinchera para la pelea (APLAUSOS).

Y nada mejor, compañeros, que después de varios días de obligada movilización militar, que ha respondido al Estado de Alerta ordenado por nuestro Comandante en Jefe (APLAUSOS PROLONGADOS Y GRITOS DE "FIDEL", "FIDEL"), nada mejor que haber tenido esta oportunidad para hablar algunas cosas en torno a los últimos acontecimientos que obligaron a ese Estado de Alerta que mantenemos. Y es muy importante precisar algunas explicaciones justamente cuando damos comienzo a una etapa de preparación combativa militar, no porque esto sea necesario a la inteligencia de nuestro pueblo, sino para responder a algunas campañas que en los últimos días, con evidente mala intención, ha tratado de promover el imperialismo yanqui, el Gobierno de los Estados Unidos (ABUCHEOS). Es claro que ni siquiera tendríamos necesidad de hablar sobre esto a la opinión mundial de los pueblos que en esta ocasión, como en ninguna otra, han demostrado tan calurosa solidaridad con nuestra causa y con la integridad de nuestra Revolución. Pero es posible que, incluso, algunos grupos de simpatizantes nuestros en el extranjero puedan ser confundidos, y aunque esto no fuera así y las muestras de solidaridad mundial parecen desmentir sin duda esta posibilidad, no deben quedar sin respuesta exhaustiva algunos planteamientos e insinuaciones vertidos por el Gobierno de los Estados Unidos utilizando para ello toda la prensa, o parte de la prensa reaccionaria del mundo.

Se ha afirmado que hubo de nuestra parte exageración en las medidas militares tomadas y se ha dicho que un mero incidente fronterizo no es bastante para declarar un Estado de Alerta, y hasta un señor vocero del Departamento de Estado tuvo el cinismo de declarar que esto se hacía para disimular conflictos domésticos en nuestro país, problemas internos y fracasos económicos.

Y es bueno que pasemos revista, aunque sea sumariamente, a los hechos que se sucedieron en los días anteriores. Subrayemos cuál fue en cada instante nuestra actuación y nuestra decisión, porque es necesario dejar firmemente establecido, para que no se hagan ilusiones los imperialistas, que no nos vamos a preocupar jamás por estas insinuaciones, que jamás bajaremos la guardia y que en cada instante adoptaremos las medidas que en cada instante fueren necesarias (APLAUSOS).

¿Qué ocurrió el 21 de mayo? Es asesinado por los marines yanquis de la Base Naval un soldado —compa-

20513



20513

neros de nuestra Unidad Fronteriza— aunque no deberíamos hablar mucho de fronteras porque no existen como tal, y sólo existe una ocupación militar factual de hecho, porque todo el territorio de esta Isla nos pertenece (GRITOS DE FUERA); denunciaremos con una versión oficial estrictamente ajustada a los hechos lo que allí había acontecido; esperamos la explicación norteamericana. Y recordemos qué ocurrió: el mismo día del hecho inicialmente la marina norteamericana aventura la declaración de que no había ocurrido nada. Pocas horas después retira aquella desmentida y anuncia que se está investigando si ha ocurrido algo.

EL GOBIERNO DE LOS ESTADOS UNIDOS QUEDO PLENAMENTE EN RIDICULO

Sospechábamos, imaginábamos que al día siguiente el gobierno yanqui habría de ofrecer alguna de las explicaciones a que ya nos tiene acostumbrados, o reincidentia en negar el hecho como ya había hecho en ocasión anterior, o daba una falsa versión, pero tal vez dentro de los límites de lo racional y de lo posible, como hipótesis.

Pero no ocurrió así. Al Departamento de Defensa del Gobierno de los Estados Unidos no se le ocurrió otra cosa que declarar que el incidente había ocurrido porque un soldado cubano armado había penetrado en el perímetro que delimita la Base Naval de Guantánamo, que le había sido hecho un disparo de advertencia por un centinela de la infantería de marina yanqui, que nuestro soldado no había atendido aquel disparo de advertencia, y que entonces se había disparado contra él, había sido herido, saltó de nuevo la cerca para fallecer en territorio no ocupado.

La monstruosidad de aquella mentira, lo absurdo de aquella mentira, que ni siquiera era necesaria escribir, aun dentro de las normas del cinismo y de descaro con que el gobierno norteamericano trata estos problemas, generó en nosotros una preocupación inicial: ¿Qué habría detrás de todo aquello? No obstante eso, no se declaró el Estado de Alerta. Acudimos al expediente correcto de desmentir, con razones que no eran impugnables, aquella versión oficial del Gobierno de los Estados Unidos. Hicimos algo más: invitamos a todos los periodistas extranjeros residentes en Cuba, tanto del campo socialista como de los países capitalistas, inclusive periodistas norteamericanos, para que fueran —como fueron— a la Base, y presenciaran y constataran la imposibilidad física, material, absoluta, de que el hecho hubiese ocurrido en la forma en que mentirosamente lo había explicado el Departamento de Defensa yanqui.

Para aquellos periodistas la verdad cubana tuvo que ser evidente, y la mentira yanqui anonadante, con se-

...a la investigación de nuestro pueblo, sino para reponer...
 ...de las últimas campañas que en los últimos días...
 ...evidente más intención, ha tratado de promover el...
 ...imperiales y el Gobierno de los Estados Un...
 ...do (ABUOHEOS). Es claro que ni siquiera ten...
 ...mos necesidad de hablar sobre esto a la opinión nort...
 ...dial de los pueblos que en esta ocasión, como en...
 ...ninguna otra, han demostrado tan clara solidaridad...
 ...con nuestra causa y con la integridad de nuestra Re...
 ...volución. Pero es posible que, incluso, algunos grup...
 ...de los imperialistas norteamericanos en el extranjero pre...
 ...tan ser contrarios, y aunque esto no fuera así y f...
 ...muestra de solidaridad mundial parecen desmentir...
 ...sin duda esta posibilidad, no faltaría poder sin respues...
 ...la expansión de planes imperialistas e intervenciones...
 ...vertidos por el Gobierno de los Estados Unidos utili...
 ...zando para ello toda la prensa, o parte de la prensa...
 ...reaccionaria del mundo, para así...
 ...Se ha afirmado que hubo de nuestra parte ex...
 ...ción en las medidas militares tomadas y se ha dicho...
 ...que un mero incidente fronterizo no es bastante para...
 ...declarar un Estado de Alerta, y hasta un sector vo...
 ...del Departamento de Estado tuvo el cinismo de...
 ...hablar que esto se hacía para disminuir conflictos...
 ...domésticos en nuestro país, problemas internos y tra...
 ...casos económicos...
 ...Y es bueno que pasemos revista, aunque sea sum...
 ...tamente a los hechos que se sucedieron en los días...
 ...anteriores. Subrayamos cuál fue en cada instante...
 ...nuestra actuación y nuestra decisión, porque es nec...
 ...ario dejar firmemente establecido para que no se...
 ...pan las ilusiones de los imperialistas, que no nos vamos...
 ...a preparar jamás por estas insinuaciones, que jamás...
 ...dejaríamos de guardar y que en cada instante adopta...
 ...mos las medidas que en cada instante fueran nec...
 ...arias (APLAUSOS).
 ...¿Qué ocurrió el 21 de mayo? Es asombroso por los...
 ...manes y el soldado de la Base Naval un soldado —comp...

81309
guridad, para los propios periodistas norteamericanos que concurrieron a aquella cita.

Y el Gobierno de los Estados Unidos en virtud de aquella inspección ocular y física de los periodistas quedó plenamente en el ridículo y en el descrédito ante la opinión pública mundial. El hecho jamás podía haber ocurrido como ellos afirmaban.

Sin embargo, ¿qué ocurrió después? No obstante ese ridículo y ese descrédito, al Departamento de Defensa del Gobierno de los Estados Unidos se le ocurre dar a la luz pública una información oficial, según la cual después del hecho del 21 de mayo y después del ridículo en que quedaron, según la cual —repito— nada menos que seis soldados cubanos habían penetrado nuevamente dentro del perímetro de la Base, habían cambiado disparos con los centinelas yanquis y habían regresado de nuevo a territorio no ocupado.

Teníamos que pensar nuevamente qué había detrás de todo esto. Era lógico y racional que tratáramos de alcanzar una interpretación de algo que nos parecía a todos absolutamente absurdo. Si aquello era un ardid de propaganda para contrarrestar la esplendidez de la verdad cubana puesta en evidencia con la cita de los periodistas en la Base, no cabía duda que era un ardid torpe, porque era ridículo hablar de un soldado penetrando dentro del perímetro de la Base, pero más ridículo y absurdo aun presentar a seis soldados cubanos pudiendo penetrar dentro del perímetro de la Base. Y era natural que nuestra hipótesis no descansara en esa posibilidad; no era posible concebir que fuera un mero ardid de propaganda, porque si habían incurrido una vez en el ridículo, no había por qué pensar que sextuplicaran el ridículo.

TRES POSIBILIDADES Y TRES POSICIONES CUBANAS A CADA UNA DE ELLAS

La respuesta categórica del compañero Fidel a aquellas declaraciones del Departamento de Defensa precisaron la cuestión en sus justos términos. El planteaba tres posibilidades y tres posiciones nuestras respectivas a cada una de ellas.

Si tratan de escapar —decía Fidel en sus declaraciones— de una situación embarazosa endilgando a la opinión norteamericana y al mundo nuevas mentiras, lo que conseguirán es hundirse más en el ridículo.

Si lo que tratan —agregaba Fidel— es de crear condiciones psicológicas para desatar una agresión contra nuestro país, en ese caso pueden tener la seguridad estos... —ustedes recuerdan la frase— (EXCLAMACIONES DE: "¡HIJOS DE PERRA!") hijos de perra que no nos tomarán desprevenidos.

Y la tercera: si acaso pretende el Pentágono intimidar y chantajear a nuestro pueblo, lejos de atemo-

20514
rizar a nadie con sus chantajes —precisaba Fidel—, amenazas, agresiones, fechorías y crímenes, inspiran más desprecio y menos respeto que las ratas. Si cometen la temeridad de atacarnos, los vamos a combatir sin tregua (APLAUSOS).

20514
Pero cuando estas declaraciones eran redactadas, y en ellas se establecían tres hipótesis o tres interpretaciones posibles, cada una de las cuales recibía en el texto de ese documento su condigna respuesta, el secretario de Estado Norteamericano, Dean Rusk formulaba otras declaraciones. Y en rueda de prensa declaraba que el gobierno norteamericano presentaría una nota de protesta ante el Gobierno de Cuba; es decir, el Gobierno de los asesinos protestando ante el Gobierno de la Patria a uno de cuyos hijos había sido asesinado por ellos, por la supuesta penetración de los seis soldados cubanos en la Base. Y agregaba, insolente y amenazante, que los cubanos tenían que parar esos incidentes, permanecer fuera de la zona, y que ello sería mejor para todos los interesados.

¿A este pueblo con esas amenazas y con esas insolencias!

20514
¿Cuál podía ser entonces nuestra interpretación, cuál la reacción de nuestra cautela revolucionaria, cuál nuestro único deber? (GRITOS).

Hacer lo que hicimos, lo que ordenó el Comandante en Jefe: ¡El Estado de Alerta, los hombres a las armas! (APLAUSOS Y GRITOS DE: "¡FIDEL, FIDEL!")

LA UNICA INCONFORMIDAD QUE TIENE EL PUEBLO CUBANO ES CON LA AGRESION YANQUI

¿Es que acaso no es ya una larga experiencia la de los métodos viles e insanos, ayer de los fascistas y de los nazis, hoy de los neofascistas imperialistas, el de inventar protestas y auto-provocaciones para justificar, aunque fuere formalmente, agresiones a los pueblos? ¿Es que acaso no les conocíamos esta vieja táctica de bandidos? ¿Es que era poco que pusiéramos en alerta nuestras fuerzas de combate; que luego de haber inventado una mentira tan atroz y tan inverosímil, pero que colocaba a un pueblo dedicado al trabajo, a la producción y a la creación revolucionaria, en trámites de agresión armada a una fortaleza yanqui, y luego y por sobre eso, era acaso poco que el secretario de Estado Norteamericano tuviera la osadía de advertirnos que teníamos que cesar en esos incidentes que ellos inventaban e implícitamente nos estaba amenazando con la guerra?

¿Cuál otra, si no la que fue, podía ser nuestra respuesta? ¿Es que vamos a ser ingenuos, es que no vamos a estar convencidos siempre de que la guerra imperialista es capaz de actuar contra nosotros fabri-

1100
cando ellos artificialmente cualquier motivación?
¿Qué mente racional podía haber aconsejado otra
cosa?

5
Pero ¿qué ocurre? Sencillamente que la respuesta cubana, la movilización de nuestro pueblo y de nuestras fuerzas armadas, la presencia de ánimo de nuestro pueblo, la decisión de pelear y combatir hasta el último hombre, el no haber dado un solo paso atrás en aquel momento, el no haber hecho ninguna concesión al chantaje o a la amenaza y, además, la enorme solidaridad internacional que fue eco de esta respuesta del pueblo cubano, los hizo pensar. Y no fuimos nosotros los que hicimos concesiones; en última instancia, fueron ellos. Con socarronería y mentiras, sí, es cierto; pero, en última instancia fueron ellos los que hicieron concesiones ante la situación planteada. Y es entonces cuando el departamento, mejor dicho, un vocero del Departamento de Estado, formula las declaraciones, luego de haber sido entregada y devuelta por la Embajada de Checoslovaquia, representantes de los intereses nuestros en los Estados Unidos, la nota de protesta que nos negamos a recibir; y luego de nuestra respuesta revolucionaria y combativa, al vocero del Departamento de Estado se le antoja decir entonces —después de las insolencias del Secretario de Estado, de las amenazas del Secretario de Estado Norteamericano— que nuestra movilización y nuestras acusaciones carecían de toda base, que ellos, ¡angelicales criaturas de la edad contemporánea!, no pensaban jamás, mientras permanecieran las circunstancias existentes, en usar la fuerza armada contra nuestro país, y que, con seguridad, lo que habíamos estado buscando con la movilización decretada era disimular algunos problemas domésticos, económicos, algunas inconformidades del pueblo cubano (GRITOS DE: "¡NUNCA!"). Es claro que para nuestro pueblo y para todos ustedes— como decía al inicio de mis palabras— no son necesarias estas explicaciones. Pero es oportuno y correcto que demos respuesta a ellos, a nuestros enemigos, pública y oficialmente, en un acto como éste, demostrativo de que la única inconformidad que tiene el pueblo de Cuba es su inconformidad con la agresión imperialista (APLAUSOS); en un acto como éste que es demostrativo en la más alta calidad posible, de la unidad y de la fortaleza y de la decisión revolucionaria de nuestro pueblo.

EL ERROR QUE NO COMETEREMOS JAMÁS ES EL ERROR DE NO ESTAR ALERTAS

Los hechos ocurridos, la infiltración de agentes de la C.I.A., por el litoral habanero, y días antes en la provincia de Pinar del Río, todo en concurrencia, ponía en evidencia la táctica enemiga. Y era racional pensar que aquellas amenazas traían algo detrás, y que para

20515
ese algo teníamos que prepararnos sin demora, sin ingenuidad, y con decisión y coraje.

Porque el error que no cometeremos jamás es el error de no estar alertas, listos siempre, preparados siempre para el combate (APLAUSOS). Si nos agreden algún día, como postulaba Fidel, ¡estén perfectamente convencidos de que jamás nos sorprenderán! Siempre, o bajo los auspicios de un orden militar como en este caso, o bajo la vigilancia revolucionaria permanente, ¡sepan los señores imperialistas que siempre estaremos alerta! (APLAUSOS).

Hablar de dificultades económicas simple y sencillamente, tratando de capitalizar la situación transitoria de una zafra reducida; hablar —repito— de dificultades económicas en el momento mismo en que todas las energías del pueblo y toda la inteligencia del pueblo, con éxito creciente y con promesas de realizaciones inmediatas, está puesta al servicio de la producción y del trabajo económico; hablar de dificultades en la hora de nuestra Revolución en que hemos alcanzado más fortaleza, más organización, más eficiencia estatal, más técnica militar, más conciencia revolucionaria y más unidad del pueblo (APLAUSOS); presentar, compañeros, como agresor a un pueblo dedicado por entero al trabajo, a la creación, a la producción, al desarrollo cultural y social del país, y acusarnos a nosotros de agresores usando para ello las mentiras más burdas que los llevaron al ridículo más escandaloso y, una vez más, al renovado descrédito internacional. Nada de esto lo puede creer, ni lo ha creído, la opinión pública mundial. Nadie ha creído en el mundo esas mentiras imperialistas.

Hemos, pues, compañeros, dado una respuesta revolucionaria y vigorosa a las amenazas; hemos puesto en alto la verdad cubana y hemos empujado al lodo de la mentira y del descaro, —que ellos mismos han fomentado— a los imperialistas yanquis.

Este ha sido el resultado de su triste hazaña de mentiras, de asesinatos y de insolentes amenazas. Nadie en el mundo se llama a engaño hoy respecto a lo que ha ocurrido en Cuba desde el 21 de mayo hasta este día. Y ellos han sido emplazados por nosotros para que demuestren lo contrario y han caído en el vacío de sus pobres y torpes explicaciones.

Y además de haber sido esta una oportunidad excepcional para que ellos; —nuestros enemigos imperialistas— sepan cuál ha de ser siempre la respuesta del pueblo de Cuba, cuál ha de ser siempre nuestra decisión, qué grado de fortaleza y unidad revolucionarias hemos alcanzado, ésta ha sido —por otra parte— una oportunidad excepcional para que en torno a la causa cubana, a la verdad cubana y a la disposición de lucha cubana, se haya desarrollado una gigantesca ola de solidaridad internacional en favor de Cuba, de su pueblo y de su Revolución. (APLAUSOS).

20516

**HONDA GRATITUD
A TODAS LAS MANIFESTACIONES
DE SOLIDARIDAD**

Y justo es que también esta noche expresemos aquí con vehemencia nuestra honda gratitud a todas esas manifestaciones de solidaridad, a las expresiones de solidaridad que dimanaban de todos los pueblos del mundo, de los más distantes parajes de todos los continentes; a la solidaridad manifestada por los movimientos de liberación de todos los pueblos, desde la lucha clandestina de las ciudades o desde las sierras o llanos guerrilleros. En dondequiera que pelee un hombre por la libertad de su pueblo hemos oído voces de solidaridad con Cuba. (APLAUSOS).

Gratitud a todos aquellos partidos, movimientos y gobiernos revolucionarios que nos han ofrecido su apoyo y han expresado su enérgica condena a la amenaza imperialista. Nuestro reconocimiento a las expresiones de solidaridad que han provenido del campo socialista, como la postulada por el Partido y el Gobierno de la Unión Soviética (APLAUSOS). Y con emoción entrañable, nuestro excepcional reconocimiento a las decididas, valerosas y fraternales demostraciones de solidaridad que hemos recibido de la República Democrática de Viet-Nam (APLAUSOS), del Frente de Liberación de Viet-Nam del Sur y de la República Democrática Popular de Corea (APLAUSOS). Porque en estas expresiones de solidaridad de los pueblos y dirigentes de Viet-Nam y de Corea, apreciamos el gesto, la voz y la decisión de pueblos hermanos que como el de Viet-Nam sufren hoy en sus carnes el zarpazo imperialista que hoy ha amenazado a nuestra Isla; la solidaridad de quienes se saben hermanos en la lucha atados por un mismo destino de combate revolucionario, hermanos en la misma trinchera contra el mismo enemigo criminal.

Y por eso en un acto como éste rendimos la bandera de nuestro homenaje revolucionario y cubano a los pueblos heroicos de Viet-Nam y Corea por ese apoyo, por esa solidaridad y por esa declaración de disposición de combatir junto a nuestro pueblo. (APLAUSOS).

A ellos les decimos a los hombres que combaten en Viet-Nam: lo que proclamaba Fidel: "Que el día que comencemos a luchar contra una agresión imperialista no terminará la guerra mientras quede un hombre que pueda pelear y un pueblo que tenga que ser liberado. (APLAUSOS).

Esta ha sido nuestra actitud: serena, pero firme; responsable, pero enérgica. Y ésta ha de ser siempre nuestra actitud.

A nadie como al pueblo de Cuba interesa la paz. Amamos profundamente la obra de creación revolucionaria que estamos realizando, los frutos excelentes de

20516

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...
... las realidades. Y el efecto es un...

01602

hoy y los frutos que las realidades y el esfuerzo anuncian para un mañana muy próximo. Queremos entrañablemente esa obra, y condiciones de paz son siempre necesarias para llevar a cabo obras históricas de esa magnitud.

Pero queremos advertir a los señores imperialistas que jamás, cualesquiera que fueren los peligros para la paz, paz que por demás nosotros no hemos conocido, porque hemos tenido que vivir estos años de Revolución cultivando la tierra, produciendo en las fábricas, pero siempre con el fusil al lado; por mucho que deseáramos esa paz, repito, nunca arriaremos nuestra bandera de la dignidad revolucionaria y patriótica, nunca haremos una sola concesión de principios, nunca haremos una sola concesión en nuestros ideales. Y que para Cuba y para los revolucionarios cubanos la paz sólo la concebimos mientras se respete nuestra dignidad, nuestra independencia, y se respete además el derecho a la dignidad y a la independencia de los demás pueblos. (APLAUSOS).

Seguiremos firmes en nuestra línea y no pagaremos por esa paz ningún precio indigno. Continuaremos ayudando y apoyando a todos los movimientos revolucionarios de liberación nacional (APLAUSOS), y no traicionaremos jamás ese deber de solidaridad revolucionaria. No pagaremos el precio de esa traición, por la paz.

¡No somos agresores, no provocamos, pero nos mantendremos firmes! ¡No claudicamos, no cedemos, y en alto mantenemos la bandera de nuestra Revolución y la de la solidaridad con todos los movimientos revolucionarios de liberación (APLAUSOS).

¡A COMBATIR CUANDO HAGA FALTA Y A PRODUCIR TODOS LOS DIAS!

En definitiva, compañeros, a nuestra Revolución le cabe una alternativa: la de ser ejemplo en la tarea de construcción del socialismo y del comunismo. Pero si se nos impusiera la guerra, el destino de nuestra Revolución sería el de ser ejemplo de lucha, ejemplo de un pueblo dispuesto a inmolarsé antes que ceder una sola pulgada de su territorio.

¡De rodillas, compañeros, no nos pondremos nada más que para cultivar la tierra, para cultivar la tierra o para disparar contra el enemigo! (APLAUSOS)
¡De hinojos nunca! Esta es nuestra voluntad, la voluntad revolucionaria de nuestro pueblo; ha de ser siempre nuestra voluntad y nuestra decisión revolucionaria.

Y esto ha sido demostrado en estos días de ejemplar disciplina y combativa movilización militar.

Es claro que no es ése sólo nuestro deber, y estos días de movilización militar en lo que respecta al trabajo en nuestra economía y en la producción, que

20517

no se hagan tampoco ilusiones nuestros enemigos, porque le sobran a nuestro pueblo energías bastantes para recuperar lo perdido. Y con la misma decisión revolucionaria, con el mismo entusiasmo que un día empuña las armas, al otro día empuña los instrumentos de trabajo. (APLAUSOS).

Y por eso también en un acto militar como éste es bueno subrayar la importancia de que prestemos nuestra mayor atención —a lo largo y ancho de la Isla— a todas las tareas de la producción, especialmente de la producción agrícola. Y en todas las provincias, los organismos administrativos, el Partido y todo el pueblo, deben hoy como nunca demostrar cabalmente que no sólo puede estar alerta para combatir, sino que simultáneamente puede estar entregado a la faena cotidiana de la producción y del trabajo económico. ¡A combatir cuando haga falta, y a producir todos los días!, esa es nuestra consigna. (APLAUSOS).

Y a ustedes, compañeros de la Reserva de la Agrupación de Tropas de La Habana, sólo nos resta recordarles el deber de la asiduidad, de la disciplina y del cumplimiento de todas las tareas de la preparación combativa que hoy se inicia. A ustedes les cabrá el honor —en un mañana posible de agresión a nuestra Patria— de defender a la ciudad de La Habana.

Y hoy la consigna para ustedes es prepararse una noche cada semana y un domingo cada mes. (APLAUSOS). Y mañana la consigna de todos ustedes, de todas las milicias, de todas las mujeres y hombres de esta ciudad, como en toda la Isla, habrá de ser la de los heroicos defensores de Madrid: ¡No pasarán! (APLAUSOS).

Con fe y optimismo en el porvenir de nuestra Patria y de nuestra Revolución, con la profunda convicción de que marchamos adelante, de que estamos construyendo, a paso acelerado, la sociedad ideal a la cual aspiramos, damos hoy término a este acto. Y terminamos advirtiendo una vez más a los enemigos imperialistas que en ésta, y en todas las ocasiones, encontrarán a un pueblo trabajador y pacífico, pero alerta, combativo, revolucionario y patriótico, un día cultivando la tierra, produciendo en las fábricas, y otro día, fusiles en alto, combatiendo por la Patria, por la Revolución y por la liberación de todos los pueblos (APLAUSOS), y siempre dispuestos a recibir la orientación oportuna de cada momento, siempre dispuestos a exclamar, como en todas las ocasiones difíciles: ¡Comandante en Jefe, Ordene!

¡PATRIA O MUERTE

¡VENCEREMOS!

(OVACION)

11708

"SORPRENDIDOS CON LAS MANOS EN LA MASA"

Editorial de GRANMA
Organo del Partido
Comunista de Cuba.
Martes 31 de mayo,
de 1966

Seis agentes de la CIA fueron oportunamente descubiertos y puestos fuera de acción al tratar de realizar una infiltración por el litoral habanero en la noche del pasado domingo. El Ministerio del Interior informa en la presente edición de GRANMA los detalles de este hecho, y subraya con pruebas irrefutables, con la ocupación de las armas y explosivos e incluso, con la propia confesión de los prisioneros, que tenían el objetivo de ejecutar un atentado contra la vida del Primer Ministro del Gobierno Revolucionario como parte del plan de agresión de los imperialistas contra Cuba.

Estos agentes de la CIA salieron, según la confesión de los mismos, desde Estados Unidos en las primeras horas de la noche del domingo 29 de mayo.

¿Qué dirán ahora los voceros del Departamento de Estado y de Defensa yanquis y los "gorilas" ensobrecidos del "Pentágono"? ¿Podrán negar los hechos? Los imperialistas han sido cogidos "in fraganti" en su delito, han sido sorprendidos "con las manos en la masa". Tenemos las pruebas concluyentes para acusar al gobierno imperialista de Estados Unidos de preparar atentados contra nuestros dirigentes y de infiltrar hombres en Cuba con esos propósitos.

Ante cada provocación o falsedad de los imperialistas, les hemos rebatido con argumentos y con pruebas y, además, hemos tomado desde luego las medidas correspondientes. Los imperialistas no han podido responder a ninguno de nuestros planteamientos y, siguiendo en su plan macabro, han contestado con nuevas y más graves provocaciones y mentiras.

El Gobierno de los Estados Unidos, después de haber sido desenmascarado como el responsable del asesinato del compañero Ramírez López, no replicó los planteamientos cubanos, sino que inventó una nueva y más peligrosa mentira, afirmando el Pentágono y luego el secretario de Estado Dean Rusk, que seis

20518

soldados cubanos se habían infiltrado en la Base, sosteniendo un encuentro a tiros con las tropas norteamericanas. El Primer Ministro, Fidel Castro, a las pocas horas de conocer estas nuevas mentiras yanquis, formuló dos declaraciones públicas, respondiendo primero a los voceros del Pentágono y, una hora más tarde, al secretario de Estado, Dean Rusk.

El Presidente Dorticós convocó una audiencia con los embajadores de los países socialistas para explicar la gravedad de la situación, las razones del Estado de Alerta que se había decretado en Cuba y la decisión de aceptar voluntarios de los países hermanos ante la peligrosidad de las acciones yanquis. Han pasado varios días y el Gobierno norteamericano no ha podido responder ninguno de estos planteamientos.

¿HASTA DONDE LLEGARAN EN SU DESVERGÜENZA Y EN SU CINISMO?

El domingo 29, GRANMA, en un editorial intitulado "Hay que cortarle las manos al imperialismo", subrayó el carácter mentiroso y provocador de las declaraciones imperialistas. A todas estas afirmaciones cubanas todavía no hay respuesta de ninguno de los órganos de prensa norteamericanos, ni del Departamento de Estado y el Pentágono. No hemos leído en su prensa ningún argumento en contra ni han podido replicar ninguna de nuestras afirmaciones. Ahora, frente a esta nueva acción criminal de los imperialistas, frente al hecho de que los hayamos cogido "in fraganti" cuando pretendían infiltrar agentes de la CIA por el litoral habanero, ¿qué nueva mentira y provocación inventarán estos depravados y degenerados dirigentes imperialistas? ¿Hasta dónde llegarán en su desvergüenza y en su cinismo? ¿Negarán hipócritamente estos hechos? Hemos presentado pruebas. Capturamos vivos a dos agentes de los se's que participaron en la operación. Estos dos agentes, después de ser atendidos en el Hospital Naval de las heridas de gravedad que sufrieron, han confesado los objetivos de su misión.

La información del Ministerio del Interior es determinante y los equipos bélicos que traían los agentes enemigos están en nuestro poder. Dos agentes enemigos murieron frente al litoral habanero. Hay una lancha hundida en la operación combinada de nuestra Fuerza Aérea y la Marina de Guerra Revolucionaria, y con aquélla desaparecieron otros dos de los agentes.

¿Permanecerán en silencio frente a estos hechos el señor Rusk, los voceros del Departamento de Estado y del Pentágono? Es muy difícil que puedan hacerlo, porque de manera persistente vamos a exigirles, no por medio del formulismo de la nota diplomática, sino poniendo por testigo a la opinión pública internacional, que respondan a estas verdades irrefutables, estos hechos irrefutables, estos argumentos conclu-

81208

yentes. Colocamos al señor Rusk, al Departamento de Defensa yanqui, al Pentágono, y al gobierno de Johnson, en el banquillo de los acusados. Ponemos a los pueblos del mundo, a la opinión pública internacional como jueces de esta denuncia que formula, con las pruebas en la mano, la Revolución cubana.

33

Señores imperialistas! ya que ustedes dicen que la prensa en su país es "libre", ya que ustedes afirman que tienen un gran "respeto" por la opinión pública, ya que ustedes sostienen que su sistema de gobierno se fundamenta en la "discusión abierta" y en el "análisis público" de los problemas, ya que ustedes dicen todas estas tonterías que luego, cuando se comparan con la realidad, se observan la falsedad y la mentira que ellas encierran; nosotros emplazamos a los órganos de prensa norteamericanos, a los voceros del imperialismo, al Secretario de Estado yanqui, a que refuten estos argumentos, a que rebatan estos hechos evidentes que les hemos probado, a que repliquen nuestros planteamientos.

● LOS EMPLAZAMOS A DISCUTIR PUBLICAMENTE

Los emplazamos a discutir, públicamente, todo esto y a emitir sus criterios y sus opiniones, sobre cada uno de los hechos que nosotros expresamos, a rebatir cada una de nuestras argumentaciones.

Entiéndase este emplazamiento hecho a toda la prensa norteamericana, al Departamento de Defensa y Estado, al señor Rusk y a los voceros principales del imperialismo.

Acusamos al Gobierno de Estados Unidos de provocador, perturbador, intervencionista y, además, de mentir con el malintencionado y deliberado propósito de crear más tarde de manera artificial un pretexto para agredir a Cuba. Los imperialistas siguen el método tradicional del delincuente cuando grita: "atajen al ladrón". En este caso los imperialistas hacen algo peor aún que eso. Ejecutan el crimen con la intención de imputárnoslo y crear de esta manera condiciones para desarrollar nuevas y más criminales acciones.

Los hechos están ahí y podemos examinarlos. De esta forma, los imperialistas quedarán, una vez más desnudos ante la opinión pública mundial.

Los hechos son los siguientes:

Primero: Incremento, durante los últimos meses, de las provocaciones en la Base Naval de Guantánamo, que culminaron con el asesinato por parte de los "marines" yanquis del compañero Luis Ramírez López.

Segundo: Reconocimiento por parte del Gobierno de los Estados Unidos, de que habían disparado sobre un soldado cubano. Es decir, no hicieron como otras

81202

veces, que negaban u ocultaban el hecho, sino lo reconocían para tratar de deformar lo ocurrido.

Tercero: Mentirosa declaración del Departamento de Defensa de que un soldado cubano (Luis Ramírez López) había penetrado en la zona ocupada por la Base Naval yanqui, que allí había sido herido y que posteriormente abandonó el territorio de la base.

Quarto: Nueva y más grande mentira del Pentágono del Secretario de Estado norteamericano, expresando en una conferencia de prensa y en una nota diplomática, que no fue aceptada por nuestro Gobierno, la falsedad de que 6 soldados cubanos habían penetrado en la base y sostenido allí un encuentro a tiros con estas norteamericanas.

Quinto: En la propia declaración el Secretario de Estado hacía una "advertencia" al Gobierno cubano de que se producían consecuencias muy graves y lamentables en caso de que continuáramos "infiltrando hombres en la base".

Esta sucesión de mentiras, provocaciones y amenazas era de una gravedad y contenía todos los perfiles de un plan criminal para agredir a nuestro país.

● CRIMINAL ATENTADO CONTRA EL COMANDANTE FIDEL CASTRO

Ahora tenemos el último hecho que debemos considerar relacionado con todo lo anterior:

Sexto: Intento de infiltración por el litoral habanero de agentes de la CIA, con armas y equipos destinados a llevar a cabo un atentado criminal contra el Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, comandante Fidel Castro.

Inventan una imaginaria y absurda provocación acerca de la cual no disponen ni pueden disponer de la menor prueba, a pesar de que, de ser cierta la acusación, esto hubiera sido muy fácil, e inmediatamente después nos amenazan con otras graves medidas. ¿Qué significa esto sino la elaboración de un pretexto que pueda servir más tarde de apoyo a la agresión que preparan contra Cuba? Hablaron de una "incursión cubana", de un "encuentro en que se cruzaron disparos entre las postas norteamericanas y los infiltrados cubanos". Esto es absolutamente falso.

Lo ha ocurrido. Y si el hecho se anuncia por el Secretario de Estado del Gobierno imperialista de Estados Unidos y no ha tenido lugar en realidad, nosotros tenemos el derecho y el deber de pensar de que se está montando el escenario macabro y propicio para inventar otra nueva y más monstruosa mentira: la autoprovocación, en la que seguramente hubiera habido varios muertos entre el personal norteamericano destacado en la Base Naval de Guantánamo y los

20520
hombres de la Brigada Fronteriza cubana. Después la fabulosa maquinaria de propaganda imperialista tendría el pretexto para desatar una campaña publicitaria destinada a convencer a la mal informada y envenenada opinión pública norteamericana de que "era necesario intervenir militarmente en Cuba". Pero además, este procedimiento no es nada nuevo en la vieja historia de las provocaciones yanquis en todo el mundo.

20520
La historia del imperialismo nos enseña de manera elocuente que fue siempre la provocación de incidentes similares lo que precedió a las intervenciones yanquis en los diferentes países del mundo. Los hechos presentes están también a la vista. Las agresiones yanquis a Viet Nam del Sur; los incidentes del golfo de Tonkin, que precedieron a los bombardeos a la República Democrática de Viet Nam, la intervención del imperialismo en Santo Domingo esgrimiendo el ridículo pretexto de la protección de los ciudadanos norteamericanos en ese país, entre muchos ejemplos, enseñan claramente cuáles son los mecanismos y los procedimientos para tratar de justificar, es decir, para intentar buscar un pretexto cualquiera a sus planes agresivos e intervencionistas.

Por eso, nosotros no aceptamos su cínica y desvergonzada nota de protesta. Declaramos el Estado de Alerta de nuestras Fuerzas Armadas Revolucionarias y movilizamos al pueblo.

Frente a estas medidas, los órganos de prensa yanquis insinúan descaradamente que hemos formado un gran escándalo para distraer la atención sobre problemas internos en Cuba. Son tan malintencionados que afirman esto cuando el gobierno yanqui está llevando a cabo un plan cuidadosamente elaborado para ejecutar atentados contra los dirigentes de la Revolución, cuando pretendían infiltrar a agentes de la CIA para realizar esos atentados criminales y después afirmar en su prensa reaccionaria que dichos atentados estaban originados en la "inconformidad popular con la Revolución".

Se necesita un alto grado de corrupción, de desearo y de cinismo para desarrollar esta política criminal.

Constituye un hecho extraordinariamente grave para las relaciones internacionales que un gobierno infiltre agentes de su servicio de inteligencia para realizar atentados contra los dirigentes de otro país. Esta forma de proceder, típicamente imperialista, revela una vez más el carácter criminal y el tipo de procedimientos bajos que utilizan los gobernantes norteamericanos. Como se sienten impotentes frente a la Revolución Cubana e incapaces de detener la marcha revolucionaria de los pueblos, llevan a cabo estos pla-

20520
nes que no hacen más que ponerlos en evidencia como lo que son: desvergonzados, hipócritas y asesinos.

Son precisamente la fortaleza del pueblo y su estrecha unidad con el Gobierno Revolucionario las que nos permiten movilizarnos contra el imperialismo y rechazar sus maniobras y provocaciones criminales.

● A LOS IMPERIALISTAS LES DECIMOS: REMEMBER GIRON

En estos días de movilización se revela con más fuerza aún la inquebrantable decisión de lucha del pueblo. Estos argumentos de "descontento interno" son los mismos de los que hablaron los imperialistas en los días de Playa Girón. El pueblo revolucionario de Cuba les dio entonces una lección. La lección de su coraje y decisión de lucha.

A los imperialistas les recordamos la experiencia de Girón. Esta vez la victoria será más amplia y completa, porque la fortaleza del pueblo también es mayor. Las Fuerzas Armadas Revolucionarias están más organizadas y disponen de mejores y más completos equipos y técnica militar.

La vanguardia comunista marchará al frente. La derrota del imperialismo será más apiastante. A los imperialistas, les decimos: ¡Remember Girón!

20520

PRUEBAS
DOCUMENTALES
DE LAS
MENTIRAS DEL
PENTAGONO Y
DE RUSK

Editorial de Granma
Organo del Partido
Comunista de Cuba:
Jueves 2 de junio,
de 1966

El día 27 del pasado mes de febrero, dos individuos con ropa deportiva aparecieron en un bote en aguas jurisdiccionales de Cuba, en la Bahía de Guantánamo. Conducidos a la Jefatura de la Brigada Fronteriza afirmaron que pertenecían al Primer Pelotón de la Compañía G del Segundo Batallón del Octavo Regimiento de la Segunda División de la Infantería de Marina de los Estados Unidos, destacados en la Base Naval de Guantánamo, alegando que estaban de pesquería y que por desperfectos en el motor se habían extraviado por aquellos parajes.

El Gobierno cubano, a través del Ministerio de Relaciones Exteriores, informó este hecho a la Embajada Suiza, representante del Gobierno de los Estados Unidos, a fin de que procediera a identificar a dichos individuos, los cuales carecían de toda documentación. Esto suscitó un intercambio de comunicaciones entre el Ministerio de Relaciones Exteriores de Cuba y la Embajada Suiza, que en aquel momento no trascendió públicamente por carecer de interés. Pero que ahora, con el asesinato perpetrado contra el soldado cubano Luis Ramírez López por marinos yanquis, la falsa versión del Pentágono y sus imputaciones inauditas y cínicas acerca de supuestas incursiones de soldados cubanos en el perímetro de la Base, cobra especial significación desde el punto de vista humano, por el contraste entre la conducta del Gobierno de los Estados Unidos y el de Cuba, y porque prueba, de manera inequívoca e irrefutable, la falsedad de los pronunciamientos realizados por el Pentágono y el Departamento de Estado.

El 28 de febrero la Misión Diplomática de Suiza envió una nota al MINREX expresando su agradecimiento por la información recibida, y trasladando la siguiente información del Departamento de Estado:

"Es cierto que dos marinos destacados en la Base Naval de Guantánamo han desaparecido desde el día de ayer. Sus nombres son: Richard A. Mónaco, serie número 2030772, y Juan Vaughn D. Muller, serie 2154413, ambos soldados de primera clase. Ambos soldados habían salido de pesca, habiéndoseles presentado dificultades con el motor antes de su salida. Se presume que el motor del bote cesó de funcionar y que la embarcación derivó."

La mencionada nota de la Embajada de Suiza —número 83, de 28 de febrero—, en la que traslada la información del Departamento de Estado, termina dando de antemano las más expresivas gracias al Ministerio de Relaciones Exteriores por todas las informaciones que pudiera suministrar a esa Misión "con respecto a las intenciones de las autoridades cubanas en este caso".

El día 28, en horas de la tarde, el Ministro de Relaciones Exteriores, Raúl Roa, citó a su despacho al Embajador, Emil Anton Stadelhofer, para, por instrucciones del Gobierno Revolucionario, notificarle la disposición de entregar los dos marinos norteamericanos por no aparecer ningún indicio de que hubieran estado cumpliendo alguna misión hostil contra nuestro país.

Horas después el Embajador recibía a los dos soldados capturados, en el aeropuerto de "Ciudad Libertad". El Director de Protocolo, que hizo la entrega oficial, informó que desde ese momento los soldados yanquis quedaban bajo la custodia de la Misión Diplomática.

Al día siguiente, primero de marzo, la Cancillería cubana recibió una nueva nota, la número 84, de la Embajada de Suiza, que dice así:

"La Embajada de Suiza saluda muy atentamente al Honorable Ministerio de Relaciones Exteriores, y en su calidad de representante de los intereses de los Estados Unidos de América en la República de Cuba, se permite expresarle su agradecimiento por la tan rápida entrega de los dos marinos norteamericanos, Richard A. Mónaco y Juan Vaughn D. Muller, hecha el día de ayer en el aeropuerto de "Ciudad Libertad" por el señor Director de Protocolo de ese Ministerio al Embajador de Suiza, así como por los artículos de vestir y de primera necesidad que las autoridades cubanas tuvieron la gentileza de suministrar a los prenombrados.

"En vista de que el transporte más rápido desde esa República a los Estados Unidos de estos dos ciuda-

15608
danos norteamericanos, y el que representaría menos tramitaciones, tanto para las autoridades cubanas como para esta Misión, es utilizando los vuelos diarios de Varadero a Miami, esta Representación Diplomática se permite preguntar al Honorable Ministerio si pudiera otorgar el permiso necesario para emplear esta vía. En caso afirmativo, podría efectuarse la salida en el segundo vuelo del día de esta comunicación o bien en el primero del día siguiente, según el caso.

32
19508
"Al darle de antemano las más expresivas gracias al Honorable Ministerio de Relaciones Exteriores por todo lo que tenga a bien llevar a cabo en este particular, la Embajada de Suiza aprovecha la oportunidad para reiterarle el testimonio de su más alta y distinguida consideración."

El día 2 de marzo la Cancillería cubana comunicó a la Embajada de Suiza, en correspondencia a lo solicitado por ella, que el Gobierno había autorizado la salida de los dos marinos norteamericanos, que podían utilizar la vía de los vuelos de Varadero a Miami a tal fin. Ese mismo día los soldados Muller y Mónaco aterrizaron en Miami. Para los dos soldados yanquis la situación en que se hallaban al encontrarse detenidos en territorio cubano, fuera de la protección de la Base, tenía perfiles dramáticos. Envenenados por la propaganda de su propio Gobierno, pensaron que el estar en manos de nuestras autoridades no presagiaba nada agradable. No podían imaginar que lejos de tomar venganza sobre dos hombres que se encontraban desarmados e indefensos, cuya suerte ni siquiera conocían sus propios jefes, que los habían dado por perdidos, las autoridades cubanas, después de comprobar su identidad y no encontrando ningún indicio que contradijera la explicación dada por los mismos acerca de los motivos de su presencia en aquel punto, les daría facilidades para abandonar nuestro país.

La actitud que el gobierno cubano ha seguido en este caso es la misma que se ha mantenido con todos los individuos que en muy numerosas ocasiones han llegado accidentalmente a nuestras costas o se han visto obligados a aterrizar en nuestro suelo por algún desperfecto en sus aviones.

Como ha ocurrido con numerosos ciudadanos norteamericanos y de otros países de América Latina, algunos de cuyos gobiernos son furiosos enemigos de la Revolución.

No hace muchos días ocurrió esto con un piloto puertorriqueño que aterrizó en la provincia de Camagüey. Siempre invariablemente, cuando se ha comprobado que no realizaban ninguna actividad delictiva contra el país, han recibido facilidades para proseguir viaje o regresar al punto de partida.

20522
Esto es lo que diferencia la política cubana de la política de los imperialistas. La Revolución jamás se ha ensañado contra ningún individuo, cualquiera que sea su nacionalidad, para hacerle pagar las culpas de sus gobiernos. Y éste fue el caso de dichos marinos, que según todos los indicios habían llegado accidentalmente y desarmados al territorio cubano. No se disparó contra ellos, no se les maltrató, no se les hizo objeto de ningún atropello, porque esto habría constituido incuestionablemente un acto poco honroso para nuestro país.

Estas cosas los imperialistas no las pueden entender. Como carecen en absoluto de principios, tal vez piensan que si no aprovechamos la oportunidad para ensañarnos con aquellos marines es porque se les teme. Es por eso que se sorprenden cuando sus agresiones y amenazas chocan con la más digna, enérgica, decidida y resuelta actitud de nuestro pueblo.

La Revolución no acostumbra a hacer propaganda con hechos de esta índole, en que se limita simplemente a actuar de una forma civilizada. Ahora bien, en este caso nos vemos obligados a hacer público este episodio, así como los documentos que contienen las palabras del Embajador suizo, porque este hecho prueba hasta la saciedad cuán irresponsables y mentirosos son los miembros del Pentágono y el señor Rusk cuando pretenden pérfidamente hacer creer que los incidentes en la Base surgen como resultado de provocaciones cubanas. Es particularmente digno de tenerse en cuenta que la carta de agradecimiento la escribe el Embajador suizo en el mes de marzo, contrastando con la afirmación del Pentágono pretendiendo dar a entender que desde ese mes hasta el presente habían ocurrido once incidentes provocados por los cubanos.

¿Es que acaso tales afirmaciones no están en contradicción con la carta enviada por el Embajador suizo ese mismo mes de marzo? ¿Quién puede creer que de haber ocurrido once incidentes provocados por cubanos desde dicho mes, el Gobierno de los Estados Unidos, a través de esa misma Embajada, no habría formulado numerosas protestas? ¿Cree alguien que el Gobierno de los Estados Unidos acostumbra a perder la menor oportunidad para lanzar contra la Revolución cubana sus tronantes y empecinadas amenazas?

Sin embargo, no consta ningún documento, ninguna nota de parte del Gobierno de los Estados Unidos hablando de ningún incidente hasta que ocurrió el cobarde y aleve asesinato del soldado cubano. Los únicos documentos que hay en todos estos meses, que hacen referencia a la Base de Guantánamo, son estos que damos a la publicidad, y que constituyen una ro-

88408
tunda e irrefutable desmentida a los personeros del Pentágono y del Departamento de Estado.

¿Puede acaso el Gobierno de los Estados Unidos demostrar lo contrario?

El Gobierno de Cuba posee incontables fotos e incluso filmes de las innumerables e incesantes provocaciones que han realizado durante años los marines yanquis.

¿Puede el Gobierno de los Estados Unidos mostrar una sola película, una sola foto donde aparezca un soldado de la Brigada Fronteriza apuntando con un fusil, lanzando una piedra o realizando un gesto obsceno en dirección a la Base? Pues nosotros sí poseemos incontables fotografías, así como documentales de tales hechos por la parte yanqui. Y ¿puede hacerse creer a nadie que de mediar provocaciones por la parte cubana no habría podido disponer el Gobierno de los Estados Unidos de abundantes pruebas fotográficas?

50255
El Gobierno de los Estados Unidos pretende hacer ver ahora que los incidentes de Guantánamo a raíz de sus provocaciones cobardes carecen de importancia y que Cuba ha escandalizado al respecto, como si carecieran de importancia los viles asesinatos a traición de soldados cubanos, como ha ocurrido ya en dos ocasiones, como si careciera de importancia la fabulosa versión de que una patrulla cubana había atacado prácticamente la Base, acompañada de la amenaza de que cosas desagradables podrían ocurrir.

¿Qué podría esperarse después? ¿Qué sentido podían tener tales tenebrosos infundios? El Gobierno de los Estados Unidos se ha visto obligado a declarar hace dos días a través de un vocero del Departamento de Estado, que "la política de Estados Unidos hacia Cuba no incluía el uso de fuerzas militares en las circunstancias existentes".

¿Qué significan entonces sus amenazas vertidas después de la mentira acerca de supuestas incursiones cubanas a la Base? ¿Qué significan las lanchas perfectamente equipadas para llevar a cabo ataques piratas e infiltrar agentes provistos de los medios más modernos para realizar atentados contra los dirigentes de la Revolución? ¿Qué significan los espías trasladados e infiltrados a Cuba mediante barcos y medios que administra directamente la CIA, como el caso del espía de Pinar del Río, con un modernísimo equipo de transmisión de tiro rápido?

Para su desgracia, la lancha pirata se la hundimos, capturando vivos dos tripulantes, entre ellos el cabecilla; al espía infiltrado lo capturamos con transmisor y todo. Las pruebas de nuestras acusaciones han sobrado. Moralmente el Gobierno de los Estados Unidos ha sido apabullado.

20523
Por último: ¿qué significa esto de "bajo las circunstancias existentes" los Estados Unidos no proyectan el uso de fuerzas militares? ¿Es que acaso el Gobierno de los Estados Unidos se considera en el derecho de usar la fuerza cuando le venga en ganas, para lo cual seguramente precedería sus actos de groseras mentiras como las pronunciadas por el Pentágono acerca de la situación en la Base de Guantánamo?

¿Quién puede creer, además, en palabras y declaraciones de los imperialistas? En esta ocasión no se trata de vagas aclaraciones públicas acerca de sus intenciones, se trata de que los imperialistas pongan de una vez por todas fin a sus provocaciones en la Base de Guantánamo, a sus disparos contra nuestro territorio y a sus repugnantes asesinatos de soldados cubanos, porque son los hechos y no las palabras los que importan. Si el Gobierno imperialista de los Estados Unidos no albergara intenciones agresivas contra nuestra Patria, ¿por qué mantiene ocupado ese pedazo de nuestro territorio, como potencia conquistadora, sin ningún derecho y contra la voluntad de nuestro pueblo? ¿Para qué lo ha usado estos siete años sino para hostigar y provocar constantemente a Cuba? ¿Para qué otro fin le puede servir sino para fraguar en cualquier instante y bajo cualquier pretexto una agresión?

Entendemos que en esta ocasión la actitud enérgica y la vuelta de Cuba ha desenmascarado ante la opinión mundial la turbia maniobra imperialista; porque han quedado en ridículo, porque han sido puestos al desnudo, porque se ha demostrado una vez más, con una serie de hechos y pruebas, la falta de escrúpulos y normas que caracteriza la política de Estados Unidos, sus mentiras, sus fechorías, su cinismo, su hipocresía. Pero no por el hecho de que los imperialistas declaren que no tienen intención de usar la fuerza militar en las condiciones existentes, los cubanos vamos a bajar la guardia: lejos de ello, cada día más, nuestro pueblo se armará y perfeccionará sus medios y su técnica de defensa.

Sabemos que el camino es largo y que el peligro del zarpazo penderá mucho tiempo sobre nuestras cabezas, pero siempre habrá un pueblo alerta, lleno de ardor, decidido a combatir hasta la muerte, que está seguro de que puede destruir las sangrientas garras del agresor imperialista bajo la consigna heroica de Patria o Muerte!

¿Venceremos!

20524

LOS CRIMINALES NO QUIEREN ESCARMENTAR...



Para su desgracia, la lancha pirata se veía desde el cielo...
... Los hechos acaecidos en el territorio de Caimanera y Boquerón...
... Los hechos acaecidos en el territorio de Caimanera y Boquerón...

...

20524

A menos de un mes de la crisis provocada por los "marines" de Guantánamo y sus amos imperialistas, cuando asesinaron a traición al guardabarreras compañero Luis Ramírez López; a menos de un mes de las agresivas declaraciones del Pentágono yanqui y su Departamento de Estado, vuelven los criminales con sus provocaciones, esta vez violando nuestro espacio aéreo con tres aviones militares.

Al parecer, los imperialistas norteamericanos no quieren escarmentar con nuestras advertencias y juegan con la paciencia de nuestro pueblo, hartos ya de sus piraterías y de sus asesinatos.

Esperemos. Mientras tanto, como dijera el comandante Raúl Castro, los seguiremos golpeando donde más les duele, porque... **NOSOTROS SABEMOS DONDE TIENE SU TALON DE AQUILES EL IMPERIALISMO YANQUI.**

20524

NOTA DEL MINISTERIO DE LAS FUERZAS ARMADAS

*Violan Nuestro Espacio Aéreo
Tres Aviones Militares Yanquis*

*A Menos de un Mes
de la Crisis por el Asesinato
del Compañero Ramírez*

Una nueva provocación de la Base Naval Yankee surgió a las 0855 horas del 15 de junio, dos aviones F-8, "Crusader", de la Marina norteamericana, penetraron en nuestro espacio aéreo por el límite Norte de la Base Naval de la Bahía de Guantánamo, llegaron hasta el Este del poblado de Caimanera y continuaron con rumbo Este, pasaron al Norte del poblado de Boquerón y continuaron la violación, haciendo un giro y tomando rumbo sur, continuando sobre nuestro territorio, a una distancia de uno y medio kilómetros del límite entre nuestro territorio y el territorio ocupado por la Base, hasta la costa sur, recorriendo un total de 17 kilómetros.

Posteriormente, a las 0910 horas del mismo día, otro avión del mismo tipo que los anteriores se internó un kilómetro en nuestro espacio aéreo por el límite Este de la Base Naval de la Bahía de Guantánamo, tomó rumbo Norte y continuó la violación a un kiló-

metro del límite entre nuestro territorio y la Base Naval; hasta internarse nuevamente en el territorio ocupado por un punto situado a unos tres kilómetros al Norte de la costa.

Estos tres aviones despegaron a las 0830, 0835 y 0857 horas respectivamente, de la pista de Leeward Point (Tres Piedras), ubicada en el interior de la propia Base Naval de la Bahía de Guantánamo.

Ambos vuelos fueron realizados por la aviación de la Base Naval Yankee con el fin de realizar la exploración de las instalaciones de la Brigada Fronteriza y nuestro sistema de defensa en dicha zona; violaciones de este tipo son realizadas frecuentemente por los Estados Unidos en los límites de la Base Naval de la Bahía de Guantánamo y las mismas son parte de las constantes y planeadas provocaciones que lleva a cabo el Gobierno de los Estados Unidos con el objetivo de crear incidentes en esta área.

En esta oportunidad, las realizan cuando todavía no se ha cumplido un mes de la crisis provocada por el asesinato del compañero Luis Ramírez López y por las agresivas declaraciones del Secretario de Estado del Gobierno de los Estados Unidos.

Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias

Una nueva provocación de la Base Naval Yankee surgió a las 0855 horas del 15 de junio, dos aviones F-4 "Cruiser", de la Marina norteamericana, penetraron en nuestro espacio aéreo por el límite Norte de la Base Naval de la Bahía de Guantánamo, llegaron hasta el Este del poblado de Caimanera y continuaron con rumbo Este, pasaron al Norte del poblado de Piedras y continuaron la violación, haciendo un giro tomando rumbo sur, continuando sobre nuestro territorio a una distancia de uno y medio kilómetros del límite entre nuestro territorio y el territorio ocupado por la Base, hasta la costa sur, recorriendo un total de 17 kilómetros.

Posteriormente, a las 0910 horas del mismo día, otro avión del mismo tipo que los anteriores se internó en nuestro espacio aéreo por el límite Este de la Base Naval de la Bahía de Guantánamo, tomó rumbo Norte y continuó la violación a un kiló-

20525

20525



20526

El Gobierno de los Estados Unidos ha anunciado que se ha comprometido a proporcionar a las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Cuba un suministro de armas y municiones para combatir a los terroristas que operan en el territorio de la Bahía de Guantánamo.

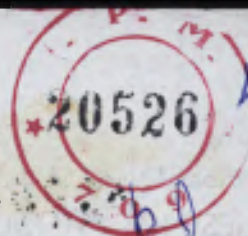
533

20526

En esta oportunidad, las relaciones cuando todavía no se ha cumplido un mes de la crisis provocada por el asesinato del compañero Luis Ramón López y por las sucesivas declaraciones del Secretario de Estado del Gobierno de los Estados Unidos.

Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias

Editado por la Comisión de Orientación
Revolucionaria del Comité Central
del Partido Comunista de Cuba.



20526

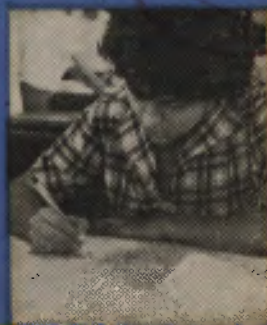
533

20526

85205

ASESINOS MENTIROCOS YANQUIS ASESINOS ME
SESINOS YANQUIS MENTIROCOS ASESINOS YAN
YANQUIS ASESINOS MENTIROCOS YANQUIS A
ENTIROCOS YANQUIS ASESINOS MENTIROCOS
SESINOS YANQUIS MENTIROCOS ASESINOS YAN
ANQUIS ASESINOS MENTIROCOS YANQUIS MEN
SESINOS YANQUIS MENTIROCOS ASESINOS YAN





U. P. N.
20538

[Handwritten signature]

**CUBA:
UNA
GRAN
ESCUELA**

20538

[Handwritten signature]



127

20539

20539

C

R

**CUBA
UNA
GRAN
ESCUELA**

2.415,638 personas estudiando
1.323,925 en Primaria
214,315 en la enseñanza media
26,934 alumnos universitarios
839,325 adultos en las aulas
100,000 becarios
Reducido el analfabetismo al 3.9%

CUBA
UNA
GRAN
ESQUINA

El presente documento es una copia de un documento original que se encuentra en el archivo de la Dirección de Información del Ministerio de Relaciones Exteriores de la República de Cuba. El documento original es de propiedad del Estado cubano y no debe ser distribuido fuera del país sin el consentimiento expreso de la Dirección de Información.

REPUBLICA DE CUBA
MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES
Dirección de Información

20540

W

20540 *JK*

La Oficina Internacional de Educación y la UNESCO en informe rendido en el año 1963, reconocieron a la República de Cuba como el país que ha realizado el mayor esfuerzo en el campo educacional entre las naciones del continente latinoamericano, a través de las cifras estadísticas que evalúan el intenso auge logrado en esta actividad con el desarrollo de los planes del Gobierno Revolucionario.

1961 puede considerarse como el año en que se produjo el extraordinario cambio en el sistema educacional en Cuba, al desplegarse, para admiración del mundo, la campaña de alfabetización, que redujo, de un 23%, a un 3.9% el número de iletrados en el país, lo que ganó para el mismo el título de "Territorio Libre de Analfabetismo".

Coincidiendo con esa campaña, llevada a cabo durante el que se llamó "Año de la Educación", se promulgó, el 6 de julio de 1961, la Ley de Nacionalización de la Enseñanza, vehículo apropiado para liquidar la anarquía existente por décadas en la administración de la educación, que estaba a merced del negocio que se ejercía en los planteles privados, donde los hijos de familias ricas o acomodadas podían realizar sus estudios mientras las escuelas nacionales u oficiales, relegadas al más precario abandono, carecían de lo más elemental para ejecutar los programas de estudios.

Para tener una idea del jugoso negocio que representaba el funcionamiento de las escuelas privadas, vea-

mos a continuación unas cifras que indican el aumento que por etapas se fue registrando en el alumnado de esos planteles exclusivistas:

Año	Alumnos
1912	30,000
1934	35,000
1943	71,000
1950	90,000
1953	100,000
1958	224,000

Cuando las fuerzas del Ejército Rebelde comandadas por Fidel Castro combatían en la abrupta serranía de Oriente para lograr la verdadera libertad de la nación, ya preocupaba a los líderes de la insurrección el afán de liquidar la ignorancia entre la población humilde, convencidos de la profunda verdad encerrada en el apotegma martiano "Ser cultos para ser libres". (1)

Y en los campamentos rebeldes de la Sierra Maestra, así como en los caseríos esparcidos por las montañas, los soldados que tenían más preparación enseñaban a leer y escribir en sus ratos libres a los campesinos y sus hijos.

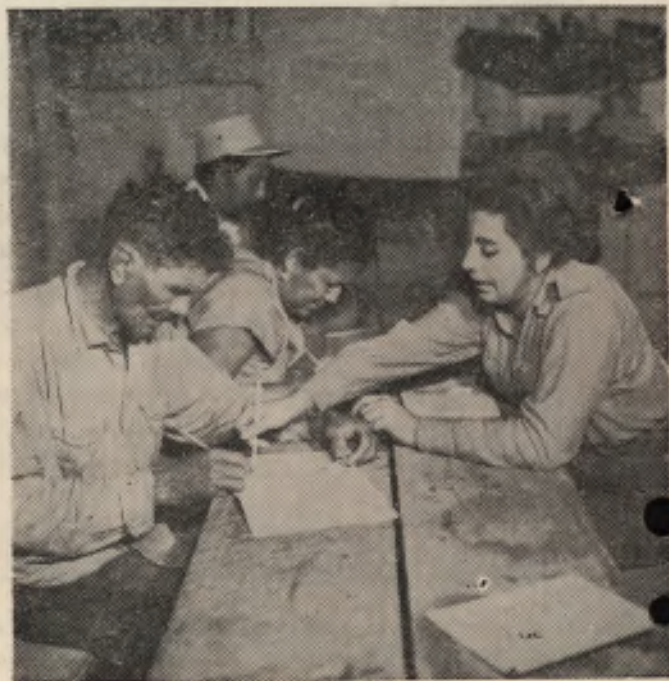
Ese fue el embrión de la triunfal campaña de alfabetización que años más tarde, con la Revolución en el poder, franquearía las puertas del saber a centenares de miles de cubanos analfabetos.

En 1961, de 929,207 analfabetos localizados, fueron

(1) *Martiano*, referente a José Martí, apóstol de la independencia cubana a finales del siglo XIX, notable escritor, poeta y orador.

alfabetizados 707,212, quedando sin alfabetizar unos 271,995, que viene a ser un 3.9% del total de habitantes en edad adecuada para la educación. Ese número incluye a 25,000 haitianos residentes en la isla que no hablan español y a personas de avanzada edad y retrasados mentales.

Brigadistas y maestros integraron una fuerza alfabetizadora de 271,000 voluntarios.



DESARROLLO ULTERIOR DE LOS PLANES EDUCACIONALES

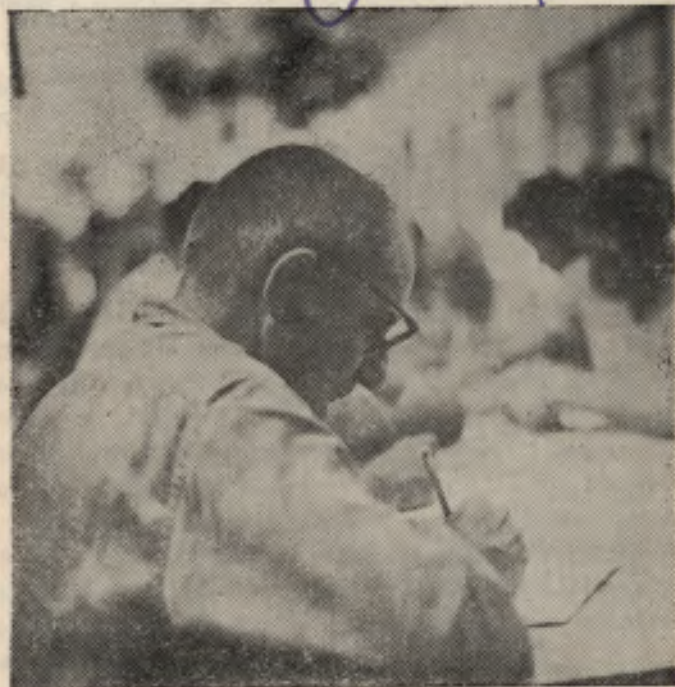
Sentadas las bases del programa educacional del Gobierno cubano, se plantearon las tres grandes tareas a desarrollar:

- 1.—Reforma del sistema educacional.
- 2.—Elevación del nivel educacional del pueblo.
- 3.—Línea de masas en la educación.

Terminada la campaña de alfabetización, sin tiempo para pausas, comenzó a desenvolverse el plan de seguimiento de estudios para los nuevos alfabetizados y, subsiguientemente, el de la superación obrero-campesina, que abrió la oportunidad de mejorar su grado de escolaridad a miles de trabajadores, amas de casa y hasta ancianos retirados de las actividades laborales. Este proyecto desembocaría finalmente en la Batalla del Sexto Grado, primer escalón de acceso a la estructura de la revolución científico-técnica, piedra angular del desarrollo de la sociedad socialista en Cuba.

En medio de la efervescencia creada por la movilización nacional para instruir a los cubanos analfabetos, con los recursos de control de la enseñanza en manos de las autoridades a través de la Ley de Nacionalización,

20541



se viabilizaban las medidas para el ordenamiento de la educación.

Se imponía en aquellos momentos revisar las estadísticas tradicionales de la enseñanza en Cuba, que señalaban que mientras en 1925 asistía a clases un 50.7% de escolares entre las edades de 5 a 13 años, veintiocho años más tarde, en 1956, concurría a las aulas 54.20% de los alumnos de primaria. Sin embargo, en el curso 1964-65 se registró un porcentaje de asistencia de un 83.43%.

En los nuevos planes de enseñanza, sometidos a acuciosos estudios y consultas, con el aporte de los más calificados medios pedagógicos, se orientaban las mejores aptitudes y condiciones del estudiante, sin desviar su vocación, pero integrándolo al criterio de servir a la sociedad en que vive.

La Ley de Nacionalización de la Enseñanza se ejecutó en instantes en que la situación de los colegios privados era muy crítica, pues ya en 1961 las escuelas nacionales funcionaban con amplitud de recursos y los padres de muchos alumnos de planteles particulares comprendieron que podían ahorrarse las cuotas de estudios y otros gastos, como libros de texto y materiales, que ponía a su disposición, gratuitamente, el Gobierno. Pero, con todo ello, los planes de socialización del Estado exigían terminar con esa escisión entre la escuela pública o nacional y la privada. Y la Ley lo hizo, degollando una

práctica que por largo tiempo había mantenido la influencia norteamericana en nuestra organización educativa, al tiempo que fomentaba la explotación y el lucro, propendiendo a la separación de clases y la discriminación racial. Además, esos centros eran focos de contra-revolucionarios.

Superado este obstáculo, se delineaban los hitos de la enseñanza:

Una etapa preescolar, otra de seis años de enseñanza primaria y otra de tres años de enseñanza secundaria básica. Terminado este lapso, el estudiante está capacitado para ingresar en las Escuelas e Institutos Tecnológicos, Institutos Preuniversitarios, Escuelas de Administración (antiguas Escuelas de Comercio) De los Centros Tecnológicos se pasa a la Facultad de Tecnología de las Universidades, de los Institutos de Administración a la Escuela de Economía Universitaria, de las Escuelas de Maestros Primarios a los Institutos Pedagógicos de las Universidades, y de los Institutos Preuniversitarios a las facultades universitarias.

Otro de los aspectos del sistema abarca las *gran- escolares*, en las zonas campesinas, divididas en *gran- jas infantiles*, donde se ofrece enseñanza primaria, y *las granjas juveniles*, que cubren el nivel de la secundaria básica.

20542

MAYOR LA DEMANDA DE MAESTROS

La ampliación de los planes educacionales y el aumento de las consignaciones presupuestales para cubrir las erogaciones que ello representaba determinó que, al afluir más alumnos a los planteles, tanto de enseñanza primaria regular, como de las aulas de seguimiento o superación, se acentuase la demanda por maestros. Esto obligó a formular otro tipo de planes para la formación del personal que impartiría la enseñanza. De inmediato se viabilizó un curso intensivo de liquidación de 4,000 alumnos de las antiguas escuelas normales de maestros a fin de graduarlos e incorporarlos al trabajo.

La situación actual del programa de formación de educadores es el siguiente: los graduados de sexto grado pueden aspirar a becas para el Centro Prevocacional de Minas del Frio, en la Sierra Maestra, Oriente, de donde pasarán al Centro "Manuel Ascunce", en las alturas de Topes de Collantes, en Las Villas, para finalizar sus estudios de magisterio en el Instituto Pedagógico "Makarenko" en La Habana. La característica de este último centro es que los alumnos actúan como maestros y atienden aulas al tiempo que continúan sus estudios complementarios. En 1964-65 estudiaban un total de 13,737 jóvenes en esos centros.

Otras canteras proveedoras de maestros han sido los cursillos de emergencia que graduaron 2,000 maestros



populares y los de las escuelas de superación pedagógica que han habilitado más de 9,000.

De 15,500 aulas que existían en las escuelas públicas nacionales en 1958, ya han aumentado a más de 35,000, al incorporarse 19,210 nuevas aulas a través de la construcción de escuelas y la conversión de cuarteles militares en establecimientos educacionales en toda la isla. Además, la mayoría de las escuelas fueron reconstruidas y ampliadas.

Cien mil hombres y mujeres se han graduado en las 255 Escuelas de Instrucción Revolucionaria con distintos niveles de enseñanza, desde 1961. Se crearon ante la necesidad de difundir las ideas fundamentales del marxismo y formar ideológicamente a los revolucionarios, para que la teoría y los hechos marcharan identificados.



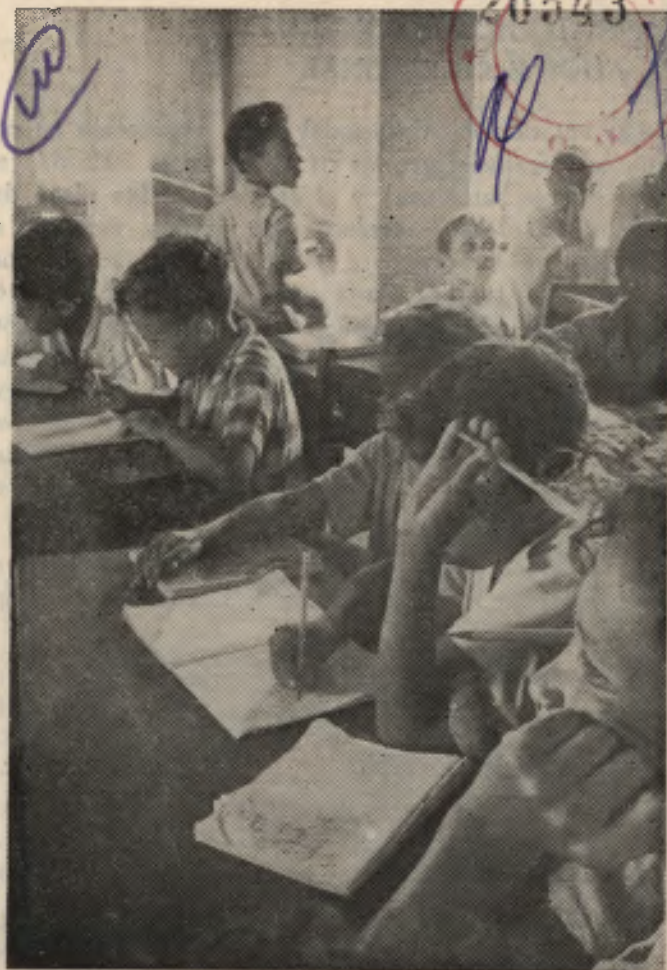
AUMENTO EXTRAORDINARIO EN LA ASISTENCIA A CLASES PRIMARIAS

20543

La enseñanza primaria en Cuba en la actualidad es obligatoria y gratuita en todos los niveles y ya está en proceso el propósito que hará también obligatoria la enseñanza secundaria y superior. La formación cultural del pueblo es motivo de honda preocupación para los gobernantes cubanos y se movilizan todos los recursos para lograr la integración de esa fuerza en la educación popular.

Diversos estímulos morales y materiales atraen el interés del niño por la enseñanza y existe el Carnet Escolar de asistencia que controla el ausentismo, en el que se anota la puntuación obtenida en las pruebas y exámenes parciales y finales.

De una asistencia de 44.71% en 1953, diez años más tarde, en el curso de 1964, el porcentaje se elevaba a un 83.43%. Y mientras en 1958 se matriculaban 701,612 niños en todo el país, en 1964 la matrícula alcanzaba la cifra de 1,323,925. Los porcentajes de asistencia y matrícula en 1964 casi duplican las de un lustro o una década atrás.



CIFRAS QUE EVIDENCIAN EL AÚGÉ EDUCACIONAL

Las autoridades educacionales han establecido un patrón comparativo entre las cifras del curso 1956-57 (en plena tiranía batistiana) y el de 1963-64 (en pleno desarrollo del proceso revolucionario actual). Además, se tomó en consideración para ello el hecho de que, con posterioridad a 1956-57, la acción represiva del régimen liquidado se cebó en el alumnado de los centros superiores de enseñanza, donde era muy activa la oposición, obligando a la clausura de los mismos o a la no concurrencia de un alto porcentaje del alumnado, lo que invalida hoy el propósito de conformar un cuadro estadístico que reflejase la verdadera situación de la educación en la isla en aquellos tiempos.

Las cifras que ofreceremos a continuación demuestran elocuentemente el saldo de avance logrado en el campo educacional:

En 1956-57, la matrícula general de enseñanza primaria se elevó a 750,459 alumnos, y al finalizar 1963-64 estaban estudiando en Cuba en las escuelas primarias 1.230,225 alumnos. En la enseñanza secundaria las cifras son significativas también, pues de 70,936 alumnos en 1956 saltaron a 137,930 en 1963-64, aproximadamente el doble. En 1964-65 el total es de 135,745 estudiantes.

Respecto a la Enseñanza Secundaria Técnica y Profesional, los datos indican que en 1956 se matricularon

22,864 estudiantes, y en 1963 subieron a 51,502, más que el doble de la cifra anterior.

Hay un punto que reclama especial tratamiento, y es el de la enseñanza universitaria, donde se observa un fenómeno que explicaremos a continuación: mientras en el curso de 1956-57 matriculaban 17,398 alumnos,



1963-64 lo hacían 22,128, y en 1964-65 el total llegó a 26,934, es decir, cerca de 10,000 alumnos más.

Como debe haber advertido el lector, en ese nivel el aumento no ha sido tan notable como en otros, y la explicación de ello es la siguiente:

En la etapa seudorrepública, los estudiantes se orientaban principalmente hacia los cursos universitarios que los convertirían en abogados, médicos, diplomáticos, doctores en Filosofía y doctores en Pedagogía, porque era muy reducido el campo de actividades para carreras tecnológicas como las agropecuarias, de electrónica, ingeniería, arquitectura, industriales y demás.

Actualmente, ante las exigencias planteadas por la planificación económica del país y la racionalización de las actividades de trabajo fundamentales, que reclaman mayor número de técnicos en los campos de la agricultura y la industria, el volumen más grande de estudiantes que proceden del nivel de secundaria básica se vuelca en institutos y escuelas tecnológicas, centros vocacionales de maestros, institutos de idiomas, siendo menor el número de estudiantes que ingresan en los centros universitarios. Todos los ingresos en las distintas carreras se hacen hoy en forma planificada, teniendo en cuenta el desarrollo económico y las necesidades de cada una de las empresas estatales que absorberá a los futuros graduados de las universidades.

20544

(L)



INTERÉS DE LOS ADULTOS POR LA ENSEÑANZA

Es digno de especial mención el programa educacional logrado entre los adultos en Cuba, pues mientras en 1956-57 las personas consideradas en ese nivel de edad se matriculaban en número de 82,190 en diversos estudios, en 1963-64 alcanzaron a 479,093, ¡casi medio millón! Al año siguiente, la cifra se elevó a 839,325.

Los recursos económicos aportados para financiar este fabuloso plan de aumento de la capacidad intelectual del pueblo de Cuba exigen, asimismo, el rigor de la comparación: en 1955-56 el presupuesto dedicado a la enseñanza en Cuba (del cual los beneficiarios del régimen de Batista hurtaban cuantiosas sumas para provecho personal) se elevaba a \$78.582,865. Y en 1964, el Gobierno Revolucionario de Cuba destina a la educación un presupuesto de \$306.732,972.

LA ENSEÑANZA PREUNIVERSITARIA

Analizado ya que al terminar los seis grados de enseñanza primaria los alumnos pasan a los centros de secundaria básica (antiguas escuelas primarias superiores)



donde cursan hasta el equivalente de un noveno grado, pueden después ingresar en los Institutos Preuniversitarios, que eran antes los Institutos de Segunda Enseñanza y de los cuales existen actualmente en Cuba 30, con nueve creados por la Revolución.

En estos establecimientos se ha reflejado igualmente el fenómeno ya explicado de que buena parte del caudal procedente de los centros de enseñanza secundaria se ha matriculado en los institutos tecnológicos, de idiomas, enseñanza agropecuaria, técnicos en pesca, veterinaria, minería, etc.

TRES UNIVERSIDADES CUBANAS

En Cuba existen actualmente tres universidades: la de La Habana, la de Las Villas y la de Oriente, situadas la primera en la capital de la República y las dos restantes en las capitales de las provincias mencionadas.

Al producirse la reforma de la enseñanza universitaria, comprendida en el primer punto del plan educacional del Gobierno, ello impulsó notablemente la investigación científica y logró una efectiva nivelación entre la educación y la producción agrícola e industrial. Dio

20545
origen, asimismo, a nuevas Facultades y Escuelas y se estableció un sistema de becas para estudiantes.

Entre los cursos que se imparten en las tres universidades están Filosofía, Historia, Letras, Ciencias Jurídicas, Ciencias Políticas, Geología, Geografía, Psicología, Agronomía, Veterinaria, Zootecnia, Medicina, Estomatología, Arquitectura y las de Ingeniería Civil, Eléctrica, Mecánica, Química e Industrial, Arte, Diplomacia, Química Farmacéutica, Ingeniería de Minas y Geofísica.

Aspectos dignos de observación relacionados con la composición actual del alumnado de las universidades son los siguientes: Antes de la Revolución, más del 65% de los matriculados cursaban las tradicionales carreras de letras; entonces ni el 1% de la población tenía acceso a las aulas universitarias y, dentro de ese porcentaje, la mayoría estaba formada por personas procedentes de familias de grandes recursos económicos y muy pocos de la clase media. Existía la burla de la "matrícula gratis", que era muy limitada, en contraste con la situación actual, en que, no solamente es gratuita la matrícula, sino que, en un número elevadísimo de casos, los estudiantes disfrutaban de becas que les aseguran alojamiento en cómodos edificios de apartamentos destinados a becarios, comida, ropa, libros y cierta suma para otros gastos.

LA ENSEÑANZA TECNOLÓGICA

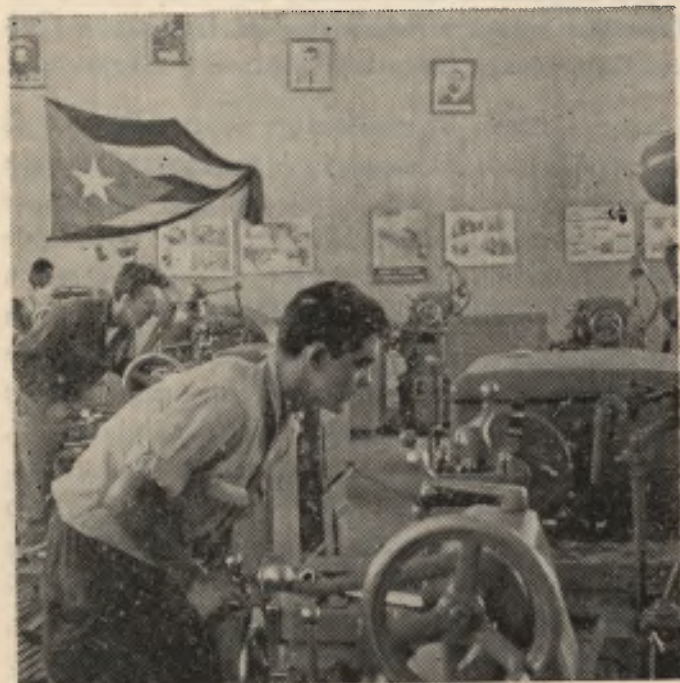
Como paso previo al estudio universitario de las disciplinas tecnológicas, funcionan en Cuba 21 Escuelas Técnicas Industriales, con 8,259 alumnos en el curso 1964-65; 11 Institutos Tecnológicos Industriales, con 3,514 alumnos, y 6 Institutos Tecnológicos Agropecuarios, con 1,594 alumnos.

La Escuela Técnica Industrial forma obreros calificados, por medio de cursos de dos años de duración con un año adicional de trabajo en la industria, a fin de pasar al Instituto Tecnológico.

El Instituto Tecnológico forma los técnicos, a nivel de subingenieros, los cuales, una vez graduados con un año adicional de servicio en la industria, pueden ingresar en las Facultades Tecnológicas Universitarias.

Los Institutos Tecnológicos Agropecuarios sustituyeron a las antiguas Granjas Escuelas Provinciales, con programas de estudios más avanzados que responden a los intereses de la Revolución Científico-Técnica.

Además de estos tres tipos de Institutos existen Escuelas controladas por departamentos industriales, como las de Mecánica, las de Automatización y Cibernética, las del Ministerio de Transportes, las de pescadores y otras.

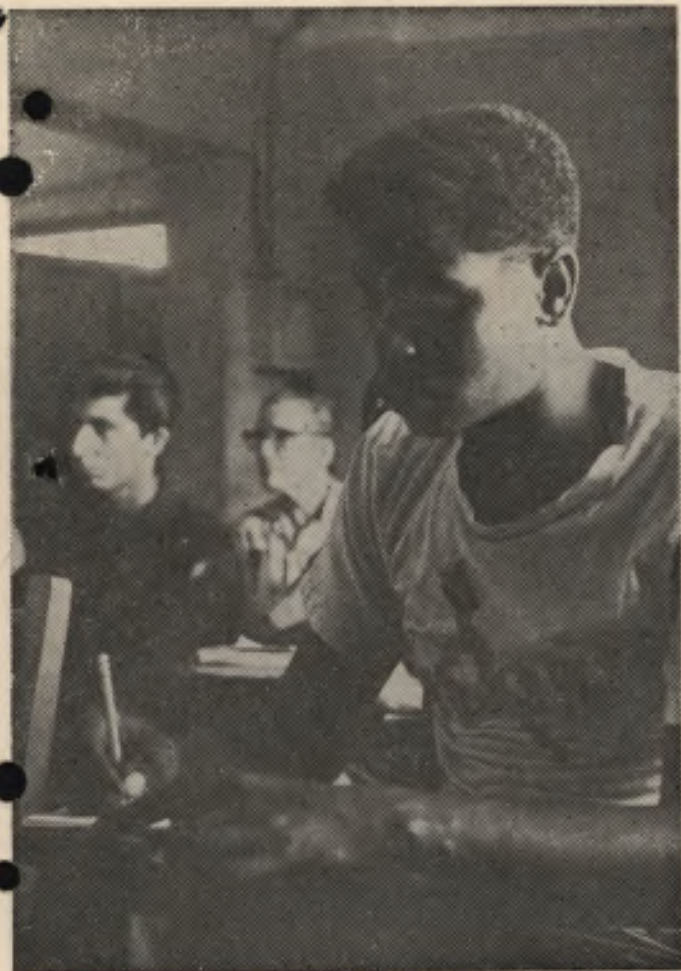


20546

LAS FACULTADES OBRERO-CAMPESINAS

Resultante de la campaña de alfabetización y los cursos posteriores de seguimiento, el plan de Educación Obrero-Campesina del Gobierno Revolucionario determinó la creación de las Facultades Obrero-Campesinas en las tres universidades cubanas, donde se realizan estudios preparatorios al ingreso en las Facultades de Tecnología, Ciencias y Ciencias Agropecuarias.

En las Escuelas de Idiomas estudian 8,228 alumnos; en la Escuela de Auxiliares de Administración hay 15,724 estudiantes, y en los Institutos de Administración los alumnos son 12,438.



LA BATALLA DEL SEXTO GRADO Y LA SUPERACION EDUCACIONAL

Similar en lo básico a la campaña de alfabetización desarrollada en 1961, desde hace unos dos años el pueblo de Cuba se halla enfrascado en la "Batalla del Sexto Grado", en que participan fundamentalmente los obreros y campesinos que quieren alcanzar como mínimo ese nivel educacional con vistas al futuro para ingresar en los cursos de superación obrero-campesina. En 1963 se graduaron 133,532 alumnos del primer curso de superación, mientras que 92,338 obtenían certificados de sexto grado. La matrícula del curso de 1964 fue de 455,394 alumnos en total, contándose entre ellos más de 27,000 campesinos de la Sierra Maestra, que, en su mayoría, antes de 1961, eran completamente analfabetos. En el curso 1964-65 la matrícula fue de 817,998.

Otro de los índices de enseñanza de importancia la constituyen los cursos de Mínimo-Técnico que se desarrollan en diversos ministerios y organismos oficiales, para enseñar al obrero los hábitos prácticos y los conocimientos teóricos necesarios para elevar el nivel de productividad, mejorar la calidad de los productos y reducir los costos de operación de las industrias y demás centros de trabajo ya en funcionamiento, así como los que se creen en el futuro.



LA MUJER CUBANA PROGRESA EN LA EDUCACION

Capítulo aparte merecen los esfuerzos de la mujer cubana en el campo de la superación educacional. Limitada en épocas anteriores en sus actividades, siendo las tareas domésticas o manuales en fábricas y talleres de cierto tipo las que le permitían el acceso a la fuerza de trabajo, ahora las mujeres cubanas ven abrirse ante ellas un vasto campo laboral, con amplia remuneración.

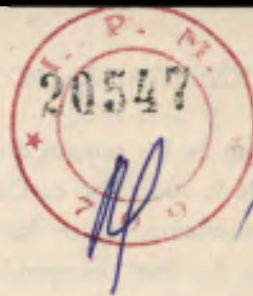
En 1964-65 funcionaban en Cuba los siguientes centros de enseñanza para la superación de la mujer, con una matrícula total de 21,270:

- Escuelas de Instructoras Revolucionarias.
- Escuelas Nocturnas de Superación para Domésticas.
- Escuelas de Especialización para Empleadas del Servicio Doméstico.
- Granjas Infantiles.
- Escuela Primaria.
- Escuela de Campesinas (Corte y Costura y Labores Manuales).
- Instituto Pedagógico.



20547

(MP)



LA ENSEÑANZA POLITECNICA

Uno de los campos donde se ha acentuado el desarrollo de la educación en Cuba es el de la politecnización de la enseñanza, entre los grados primero y noveno, es decir, los que comprenden las escuelas primarias y secundarias básicas, y este programa se fundamenta en la consideración de que proporciona a los alumnos el conocimiento de los principios que sirven de base a las ramas fundamentales de la producción, los acostumbra a manejar los instrumentos elementales comunes a la misma y les hace adquirir destreza y hábitos en esas actividades.

Uno de los aspectos importantísimos de este tipo de enseñanza es aquel que aúna el trabajo físico con el intelectual y de ambos con la vida y se divide en tres tipos de actividades en la enseñanza primaria:

- trabajo instructivo
- trabajo productivo
- trabajo de utilidad social

El trabajo instructivo entre el primero y cuarto grados es el que comúnmente se llama "trabajo manual" y se realiza en el aula y entre el quinto y noveno grados se

desarrolla en talleres especiales, comprendiendo diversos trabajos con materiales como madera, de electrotecnia, mecánica automotriz, cultivo de vegetales y cría de animales.

En cuanto a los centros de enseñanza secundaria básica y superior, se considera la enseñanza sobre trabajo productivo industrial, trabajo productivo agropecuario y trabajo socialmente útil.

Pone énfasis la enseñanza politécnica en el desarrollo de la investigación científica en los laboratorios de física, química y biología para dotar a los alumnos de los conceptos científicos necesarios al conocimiento de las leyes de la naturaleza y su aplicación en beneficio de la humanidad.

Los centros secundarios básicos tienen establecidos talleres de Artes Industriales y los institutos preuniversitarios también inician su instalación.

Por el enfoque que hacemos previamente sobre la enseñanza politécnica, el lector podrá asumir que el interés principal de la misma radica en vincular al estudiante, desde los primeros años, con la producción de bienes materiales y labores de utilidad común.

ORIENTANDO AL ESTUDIANTE HACIA SU CARRERA FUTURA

El auge de la campaña alrededor de la revolución científico-técnica en Cuba determinó la necesidad de crear las condiciones para orientar a los estudiantes desde los primeros niveles de enseñanza hacia la selección de las carreras superiores que cursarán para incorporarse a las funciones de servicio al país.

Siendo Cuba un país agrícola y destacando el interés en volcar en las zonas rurales el mayor caudal de los recursos de la nación para desarrollo de su economía, el Consejo Nacional de Educación trazó un plan de orientación vocacional, creando los "círculos de interés científicos y técnicos", de los cuales ya estaban funcionando 925 en el curso de 1964-65, en esta forma:

- 531 en el nivel primario
- 343 en el nivel secundario básico
- 51 en el nivel secundario superior (preuniversitario)

Estos círculos atienden en conjunto un total de 93 especialidades.

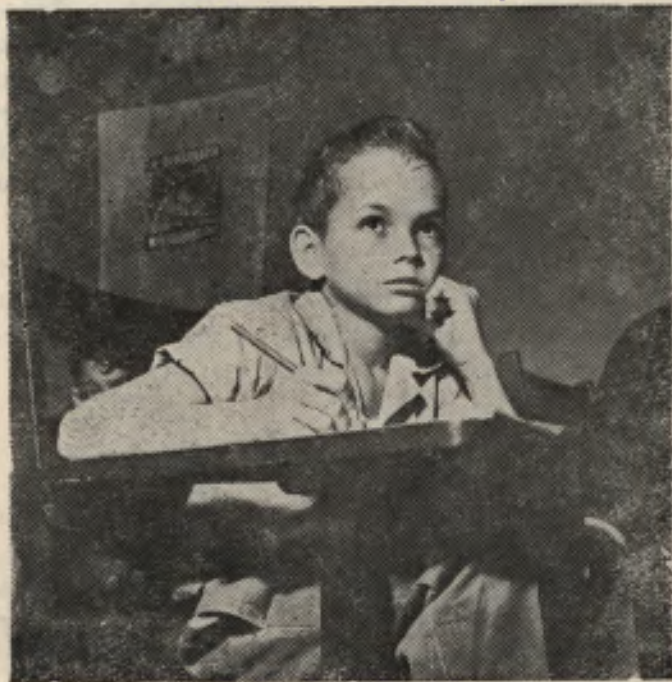
En toda la nación se efectúan investigaciones sobre la relación que existe entre la participación de los alumnos

20548

we



Fu



en esos "círculos" y el rendimiento escolar, intereses, decisiones educacionales, etc.

En la enseñanza primaria, grados 4 y 5, se familiariza a los alumnos con lo que se llama "el mundo del trabajo" y se establecen nexos entre la escuela y la comunidad en que la misma se halla establecida. Comisiones de estudio preparan, para el sexto grado, los equipos de alumnos que entran al conocimiento de los campos fundamentales de trabajo como agropecuario, industrial, magisterio, salud pública, marina y pesca. Se les provee de literatura adecuada para esos estudios. Periódicamente estos "equipos de estudio" realizan investigaciones y rinden informes sobre los temas señalados. Se pone especial énfasis en las carreras relacionadas con las ramas agropecuarias y el magisterio.

Y así va aumentando, a medida que el estudiante avanza en la enseñanza, el esfuerzo por orientar su vocación hacia carreras verdaderamente útiles a la sociedad en que le ha tocado vivir.

LOS PLANES DE EDUCACION FISICA

Con la colaboración activa del Ministerio de Educación y el Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreación, se han formulado en Cuba avanzados planes para el desarrollo de las dotes físicas de los escolares y estudiantes de niveles superiores.

EDICION DE LIBROS DE TEXTO

	Titulos	Ejemplares
Promedio anual		
de 1950 a 1960	..	2'012,000
Bienio 1959-60	86	4'162,543
Año 1961	73	5'474,330
Año 1962	149	14'485,820
Año 1963	234	18'782,475
Año 1964	264	15'828,901

20549



En agosto de 1964 se reunieron en La Habana 25,000 maestros de instrucción primaria, los cuales, durante 30 días, recibieron un cursillo intensivo sobre educación física y deportes, primer paso para aplicar en las escuelas de primera enseñanza la práctica, dos veces por semana y en una duración de cincuenta minutos cada sesión, de ejercicios físicos que comprenden gimnasia, juegos y deportes.

Funcionan asimismo las llamadas "áreas de participación escolar" en número de 504 en todo el país, donde los escolares de 10 ó más años adscritos a éstas reciben clases de educación física, principalmente predeportivas y deportivas, dos veces a la semana, en sesiones de 50 minutos de duración.

Todos los alumnos de enseñanza secundaria y preuniversitaria, institutos y escuelas tecnológicas, etc., participan, por lo menos dos veces a la semana en actividades similares, así como en competencias deportivas extramurales, tablas gimnásticas, bailes folklóricos, marchas y paseos recreativos e instructivos, campamentos de fin de semana, festivales variados y campamentos de verano.

La programación de actividades comprende:

- gimnasia educativa
- deporte educativo
- competencias intramurales
- competencias extramurales
- juegos escolares nacionales
- pruebas de eficiencia física



UNA CREACIÓN REVOLUCIONARIA: EL PLAN NACIONAL DE BECAS

Cien mil jóvenes disfrutan en la actualidad del Plan Nacional de Becas que incluye los estudios de enseñanza primaria y secundaria, cursos para formación de maestros, estudios tecnológicos, agropecuarios y de planificación y contabilidad, idiomas, instructores de arte, enfermería, pesca, minería y otras en los niveles primarios y secundarios.

En cuanto a las disciplinas universitarias los becarios estudian Medicina, Veterinaria, Pedagogía y otras carreras.

Aparte de las facilidades de albergue, comida, ropa, etcétera, el plan económico para becarios de Medicina y Agropecuaria rige para los estudiantes a partir del segundo año de la carrera y se aplica a los alumnos extraídos de la producción. Este plan asigna \$50 al mes para los estudiantes solteros y hasta \$90 con cargas familiares. Los casados reciben \$90 y hasta \$150 según las cargas familiares.

Los estudiantes acogidos a este Plan no pueden trabajar en lugar aparte ni recibir otros ingresos. Los becarios casados viven en albergues individuales.

En la actualidad, los becarios de las tres Universidades ascienden a 6,967.

Además, el Gobierno cubano mantiene más de 2,269 becarios en más de una docena de países extranjeros, es-

tudiando carreras técnicas. Asimismo, hay más de 500 extranjeros que estudian en Cuba becados por el Gobierno Revolucionario.

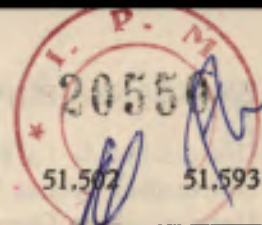


Edificio para becarios.

Estado Comparativo de la Matrícula en los Cursos 1963-64 y 1964-65

ENSEÑANZA MEDIA

(Téc. y Profes.) 20550



	51.502	51.593
Escuelas de idiomas	6,301	8,228
Esc. de aux. de administración	12,381	15,724
Institutos de administración	13,295	12,438
Esc. técnicas industriales	12,545	8,259
Insts. tecnológicos industriales	3,990	3,514
Escuelas básicas agrícolas	..	684
Insts. tecnológicos agrop.	1,303	1,594
Escuela Nac. de Tabulación	1,687	1,152

ENSEÑANZA MEDIA

(Normal) 26,726 26,977

Escs. de maestros primarios	12,342	13,737
Escs. de sup. pedagógica	14,384	13,152
Instituto de preescolar	..	88

Nivel y tipo de enseñanza	Inicio Curso 1963-64 <i>Total</i>	Inicio Curso 1964-65 <i>Total</i>
ENSEÑANZA PRIMARIA	1'280,664	1'323,925
Escuelas primarias	1'268,265	1'311,146
Escuelas unificadas (pre a 6°)	8,607	8,738
Granjas infantiles	3,792	4,041

ENSEÑANZA MEDIA

(General) 137,930 135,745

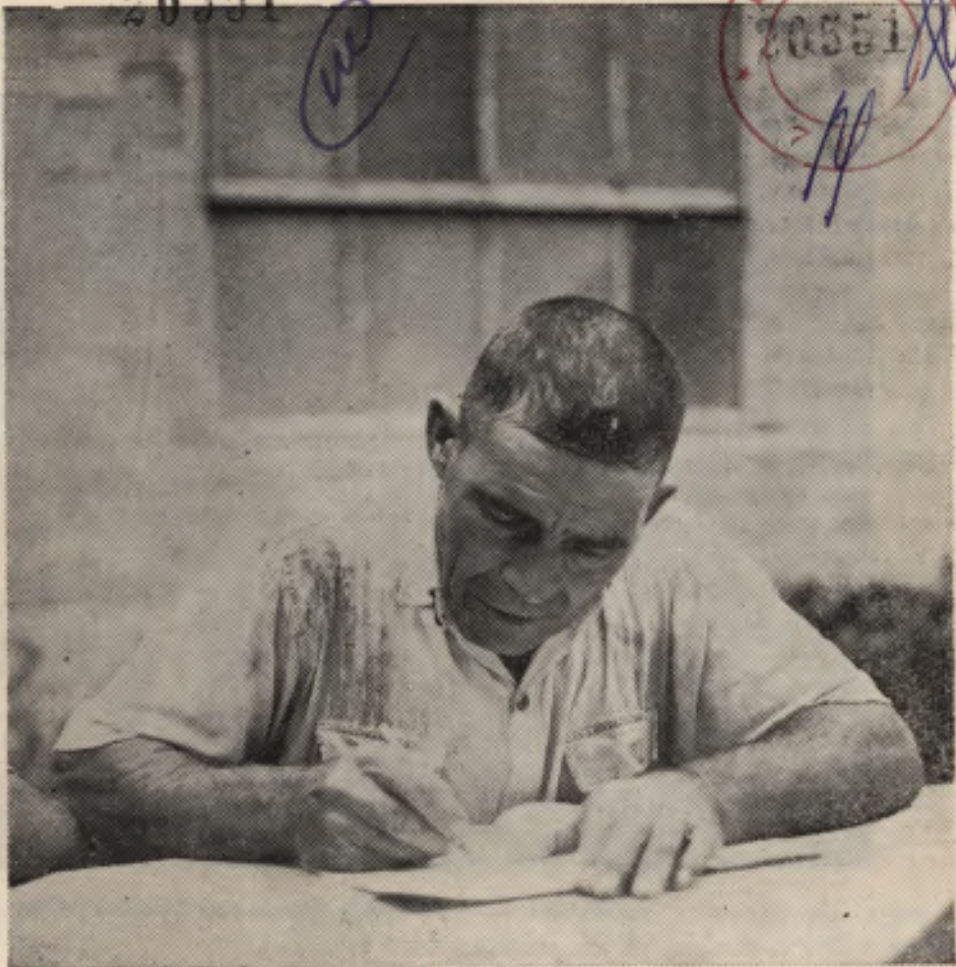
Escuelas unificadas (7° a 9°)	4,388	4,148
Esc. sec. básicas urbanas	115,028	111,617
Esc. sec. básicas rurales	1,681	1,363
Insts. preuniversitarios	16,833	18,617

ENSEÑANZA SUPERIOR	22,128	26,934
Universidad de La Habana	16,096	18,628
Universidad de Las Villas	2,761	4,012
Universidad de Oriente	3,271	4,294
EDUCACION ESPECIAL O DIFERENCIADA	1,802	3,136
Escuelas diferenciadas	1,708	2,864
Escuelas diferenciadas de oficios	94	272
EDUCACION DE ADULTOS	479,093	839,325
Centros y aulas para obreros y campesinos	455,394	817,998
Escs. nocturnas de sup. de la mujer	11,476	10,741
Centros espec. de sup. de la mujer	12,103	10,529
Escs. sec. para obreros becarios	120	57
OTRAS ESCUELAS	8,899	8,003
Escuelas de pesca	3,671	1,758
Escs. de inic. deportiva	609	1,049
Centro espec. de becarios	110	145
Inst. de Sup. Educacional	4,509	5,051
TOTAL:	2'008,744	2'415,638



20551

P. M.
20551
[Handwritten initials]





Una clase al aire libre en la Escuela para Maestros de "Minas del Frío."

20552

20552

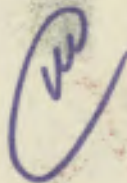


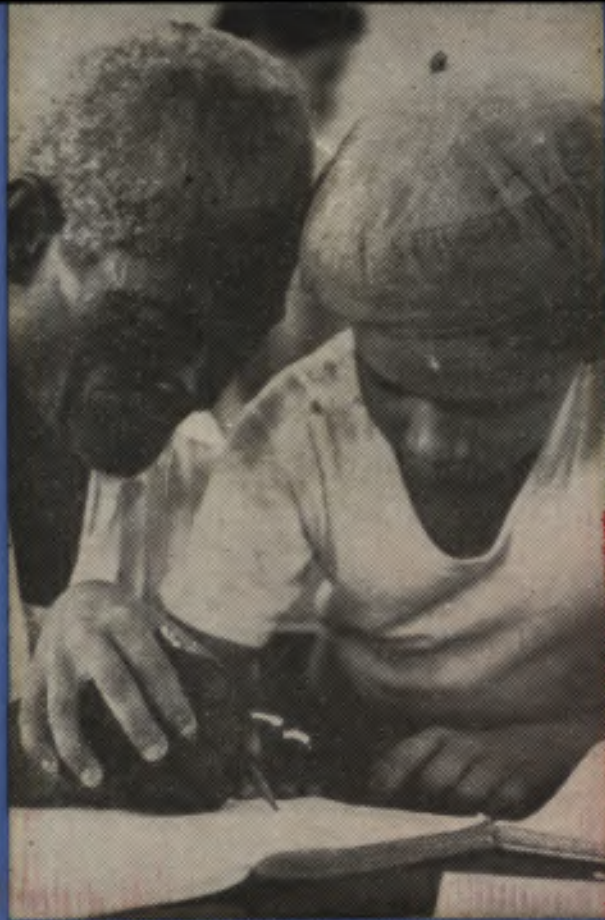
Un joven alfabetizador enseña las primeras letras a un campesino.





20553



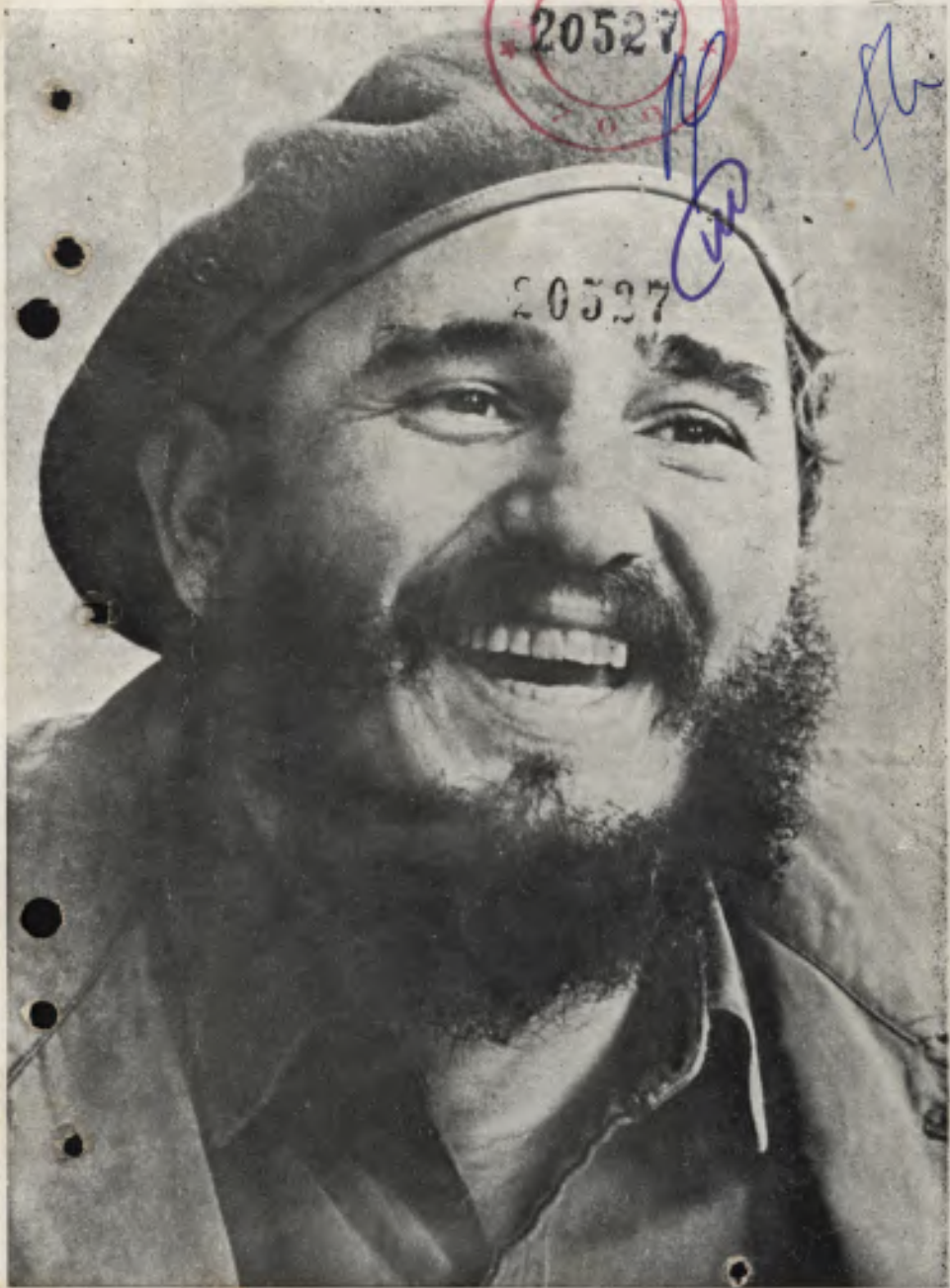


20527

20527

Handwritten signature


Handwritten signature



Comandante Fidel Castro, líder de la revolución cubana y Primer Ministro del gobierno de Cuba

RADIO HABANA CUBA





A divisão
frente ao
inimigo
nunca foi
estratégia
revolucionária
e inteligente

Discurso do Primeiro Ministro
do Governo Revolucionário de
Cuba, Comandante Fidel Castro,
na Universidade de Havana, no
dia 13 de Março de 1965.

"Companheiros professores e estudantes universitários e de outros centros de ensino aqui presentes:

Cumpre-se hoje o VIII Aniversário do 12 de março e o VII Aniversário da comemoração desta data, o sétimo ato comemorativo desta data que realizamos nesta escadaria universitária. Converteu-se numa tradição e converteu-se num ineludível dever de todos, de seus companheiros revolucionários e dos estudantes universitários.

Com os anos se foram produzindo no seio da Universidade determinadas mudanças, mudanças que se refletem na composição de nosso estudantado. No primeiro ano, quase todos os que aqui se reuniam haviam sido companheiros de José Antonio Echeverria e companheiros de todos os que lutaram naquele dia, e muitos deles participantes ativos da luta dos estudantes universitários contra o regime "batistiano".

Ao cabo de seis anos, muitos desses estudantes se formaram, muitos já estão trabalhando em diversas frentes da Revolução. E, naturalmente, as fileiras universitárias e a própria escadaria universitária enchem-se hoje de companheiros e companheiras mais jovens, que foram engrossando as fileiras universitárias nestes anos. Observam-se muitos rostos jovens na massa de estudantes aqui presentes.

Eu dizia aos companheiros: "parecem-me muito jovens os estudantes que integram a massa. São universitários?" E me diziam que sim, que eram universitários, exceto uma parte, uns dois mil estudantes exemplares do ensino pré-universitário e do ensino secundário. (GRITAM DO PUBLICO; "DOS DO ENSINO TECNICO"). Mas vocês não se consideram pré-universitários? (GRITOS DE: "SIM"). Então por que protestam? E também que havia muitos companheiros do Instituto Pedagógico aqui presentes.

O companheiro Armando não deixou de aproveitar a oportunidade para expressar, com certa ironia, que sucede não nos darmos conta de que já não são os contemporâneos

nossos que estão aqui na Universidade. E eu lhe disse: "é verdade, infelizmente".

Aqui o importante é, realmente, que nós não percamos o espírito juvenil e que os jovens não percam o espírito revolucionário. Creio que este é o ponto onde nos devemos encontrar sempre, sem que importem as idades. Que a recordação das lutas do nosso povo não se transforme em algo acadêmico, que não se transforme em algo assim como uma história fria. Por outro lado, de nenhuma forma cessou a continuidade da luta; por outra parte, estamos muito longe de poder dizer que a luta revolucionária de nosso povo acabou; estamos muito longe de poder dizer que à nossa juventude não restam grandes tarefas e esforços.

É por isto que esse vínculo profundo entre as primeiras ondas revolucionárias e as segundas ondas revolucionárias e cada nova onda revolucionária não se perde. Cada dia como o 13 de março significa um dia culminante, um dia luminoso na vida do nosso país. Recordamos essas datas para redobrar o ímpeto, para redobrar a luta.

Mas a história de um país, as vitórias de um país, os avanços de um país escrevem-se cada dia, escrevem-se no esforço e no trabalho diários, escrevem-se não somente com o heroísmo de um dia, mas com o heroísmo de todos os dias; não com o dever que se cumpre um dia de modo singular, mas com o dever que se cumpre todos os dias.

Hoje a história de nosso país se escreve nos campos de cana, nas fábricas, nos centros de estudo, no trabalho dedicado e abnegado, e muitas vezes anônimo, de milhares, de dezenas de milhares, de centenas de milhares de homens e mulheres de nosso povo. Escrevem-na os professores que ensinam nas montanhas; escrevem-na os médicos que salvam vidas nos lugares mais afastados do país; escrevem-na os camponeses trabalhando nos lugares mais abruptos, onde mal chegam as mais elementares comodidades da civilização; escrevem-na os soldados, que nos pontos de perigo ou frente ao inimigo montam guarda para defender sua Revolução; escrevem-na os

trabalhadores das usinas de açúcar, produzindo milhões de toneladas de açúcar; escrevem-na centenas de milhares de homens da cidade e do campo que, de golpe de facão, em golpe de facão, de gota de suor em gota de suor, vão cortando a cana com que se produzem as toneladas de açúcar que todos os cubanos proclamamos com orgulho vitórias de nossa economia.

Escreve-se a história hoje no estudo, nas aulas, nas longas horas que dedicamos a analisar algo, a investigar algo, a compreender algo, a aprender algo, a desentranhar algo, escreve-se hoje a história de nossa Pátria com o trabalho tenaz e árduo e com a disposição sempre presente, sempre invariável, de defender esse trabalho, de defender os frutos desse trabalho.

Portanto, a história de nosso País escreve-se hoje, continua-se escrevendo e ainda continuar-se-á escrevendo durante muito tempo. E nenhum jovem terá que sentir pena de não ter tido mais idade quando esta luta começou. Nenhum jovem terá que sentir pena, nem ficar com a idéia de que chegara tarde nesta luta.

Recordo os primeiros dias da vitória da Revolução; recordo que muitos homens e mulheres do povo saudavam com extraordinário entusiasmo aos combatentes rebeldes. Talvez ali entre os que aclamavam as colunas vitoriosas do Exército Rebelde sem dúvida se encontravam muitos dos trabalhadores que alguns meses mais tarde, descarregando um barco de armas, pereceram naquela espantosa explosão consequência de uma sabotagem inimiga. Nas fileiras do povo encontravam-se muitos dos que depois caíram combatendo os mercenários de Praia Girón; nas fileiras do povo se encontravam seguramente jovens como Manuel Ascunce, jovens como Delfín Sen, jovens como Conrado Benítez, que depois, quando se entregavam à nobre e humana tarefa de ensinar aos nossos camponeses, perderam sua vida vilmente assassinados pelos bandos contra-revolucionários.

Nas fileiras do povo estavam os homens que, em inumeráveis atos de heroísmo e de

sacrifício, defenderam a Revolução em diversas frentes e sacrificaram suas vidas; nas fileiras do povo encontravam-se muitos heróis, muitos mártires, que fizeram possíveis os triunfos e os êxitos da Revolução, que fizeram possível a sobrevivência da Revolução, a resistência da Revolução frente a seus inimigos.

E a Revolução tem muito que fazer ainda; a Revolução tem muito que lutar ainda. A Revolução tem inimigos poderosos, principalmente tem um inimigo poderoso: o imperialismo ianque. Esse inimigo nos ameaça e ameaçar-nos-á durante muito tempo. Esse inimigo não se resignará facilmente—embora não lhe sobre outro remédio—aos êxitos revolucionários de nosso povo. Esse inimigo, não aqui, a milhares de quilômetros daqui, ataca a outros povos, como o faz criminosamente contra o povo do Viet Nam do Norte e o povo revolucionário também do Viet Nam do Sul.

Esse inimigo intervém no Congo; esse inimigo envia seus navios, seus "marines" e seus aviões a qualquer canto do mundo; esse inimigo aproveita-se das divisões dos revolucionários, aproveita-se das divisões lamentáveis que existem no campo socialista. Infelizmente, eles calculam, analisam e aproveitam tudo o que possa debilitar a frente revolucionária.

Quer dizer, existem circunstâncias cheias de perigo para os povos—como o nosso povo ou outros povos em outras partes do mundo que lutam por sua independência, que lutam por sua liberdade—circunstâncias que encerram perigos para todos nós. Os perigos, portanto, não faltarão.

Sobre esses problemas que se relacionam com as divisões e as discórdias no campo socialista—e sobre as quais não me vou estender hoje—, sobre as quais não sabemos sequer quando teremos de falar a fundo, porque o problema não é falar por falar, o problema é falar por algo e para algo; já o problema é falar quando de falar, ou de dizer ou de expressar se pode derivar algo positivo e útil, e não algo unicamente positivo e útil para o imperialismo e para os inimigos dos povos.

Oxalá não nos tenhamos que ver nessa amarga necessidade, porque em matéria de falar se tem falado bastante, e se tem falado bastante mais da conta! Em matéria de discórdia, infelizmente, tem havido bastante, e bem mais que o necessário, e bem mais do que o conveniente aos interesses dos povos e infelizmente útil aos interesses dos inimigos dos povos!

Porém nós, países pequenos, que não nos assentamos na força de exércitos de milhões de homens, que não nos assentamos na força de um poderio atômico; nós, países pequenos—como Viet Nam e como Cuba—temos suficiente instinto para ver com serenidade e para compreender que a ninguém mais que a nós, em situações especiais—a 90 milhas aqui do império ianque, atacados lá pelos aviões ianques—afetam-nos essas divisões e essas discórdias, que debilitam a força do campo socialista.

Não se trata de analisar aqui, no campo da teoria, no campo da filosofia, as questões em litígio, mas de ter em conta a grande verdade: que frente a um inimigo que ataca, frente a um inimigo cada vez mais agressivo, a divisão não tem nenhuma razão de ser, a divisão não tem nenhum sentido, a divisão não tem nenhuma razão. E em qualquer época da história, em qualquer período da humanidade, desde que surgiu o primeiro revolucionário no mundo, desde que as revoluções se faziam como fenômenos sociais em que as massas atuavam instintivamente, até que as revoluções se fizeram conscientes, fizeram-se tarefas e fenômenos plenamente compreendidos pelos povos—o que tem lugar quando o marxismo surge—, a divisão frente ao inimigo não foi nunca estratégia correta, não foi nunca estratégia revolucionária, não foi nunca estratégia inteligente.

E todos nós neste processo revolucionário nos educamos, desde o princípio, na idéia de que tudo o que dividia debilitava, de que tudo o que desunía era mau para o nosso povo e bom para o imperialismo. E as massas do nosso povo compreenderam desde o primeiro momento a necessidade da unidade, e a unidade se converteu em uma questão es-

20532

20532

sencial para a Revolução, a unidade se converteu num clamor das massas, a unidade se converteu em uma palavra-de-ordem de todo o povo. E nós nos perguntamos se os imperialistas desapareceram; nós nos perguntamos se os imperialistas não estão atacando o Viet Nam do Norte; nós nos perguntamos se ali não estão morrendo homens e mulheres do povo.

E a quem vão fazer compreender, a quem vão fazer crer que a divisão seja conveniente, que a divisão seja útil? Será que acaso não se vê como avançam os imperialistas? Será que acaso não se vê a estratégia que seguem ali os imperialistas? Será que acaso não se vê a tática que seguem ali os imperialistas para derrotar o movimento revolucionário no Viet Nam do Sul, atacando primeiro o Viet Nam do Norte com pretexto de represálias, arrogando-se depois o direito de atacar quando lhe dera gana, e continuando com a utilização de massas de aviões contra os combatentes do Viet Nam do Sul?

Qual é nestes momentos a situação? Pois os imperialistas falando em bloquear com seus navios, desembarcando seus infantés de marinha no Viet Nam do Sul, enviando porta-aviões, e mobilizando massas de aviões para esmagar o movimento revolucionário no Viet Nam do Sul, para atacar com todos os meios de guerra disponíveis os guerrilheiros no Viet Nam do Sul, enquanto se reserva o direito de atacar quando melhor lhe pareça o Viet Nam do Norte, a levar a cabo esse tipo de guerra aérea, sem sacrifício nenhum de sua parte, bombardeando com centenas de aviões e logo dando-se ao luxo de ir resgatar de helicópteros os pilotos dos aviões derrubados. Sem dúvida que os imperialistas querem um tipo de luta muito cômoda! Sem dúvida que os imperialistas querem um tipo de guerra com perdas industriais somente! quer dizer, "tantos aviões perdidos". Sem dúvida que o povo do Viet Nam do Sul e o povo do Viet Nam do Norte sofrem tudo isto! E o sofrem em suas próprias carnes, porque são homens e mulheres ali os que morrem, tanto no Sul como no Norte, vítimas da metralha e vítimas dos bombardeios ianques.

E não têm a menor vacilação em declarar que se propõem a seguir levando a cabo tudo aquilo, porque nem sequer os ataques ao Viet Nam do Norte tiveram o poder de superar as divisões no seio da família socialista. E quem pode duvidar de que essa divisão alenta aos imperialistas? Quem pode duvidar que uma frente unida ante o inimigo imperialista tê-lo-ia feito vacilar, tê-lo-ia feito pensar mais detidamente antes de lançar seus ataques aventureiros e sua intervenção cada vez mais descarada naquela parte do mundo? Podem convencer a alguém disto? Com que argumento, com que lógica? E quais são os beneficiados? Os imperialistas! E quais são as vítimas? Os vietnamitas! E quem sofre? O prestígio do socialismo, o prestígio do movimento comunista internacional, do movimento revolucionário internacional! E isso tem de doer-nos de verdade, porque para nós movimento de libertação não é uma palavra demagógica, mas uma consigna que verdadeiramente sempre sentimos!

Porque nós somos um país pequeno que não aspira a converter-se no umbigo do mundo; porque nós somos um país pequeno que não aspira a converter-se no centro revolucionário do mundo. E quando falamos destes problemas falamos com absoluta sinceridade, e falamos com absoluto desinteresse, e falamos os que não ganhamos o poder revolucionário em eleições burguesas, mas lutando com armas na mão; falamos em nome de um povo que durante seis anos resistiu inquebrantavelmente e sem vacilação alguma às espionagens e às ameaças do imperialismo!; falamos em nome de um povo que não vacilou, em aras da fortaleza do movimento revolucionário, em aras da fortaleza do campo socialista, e em aras da firmeza e da determinação de defender a Revolução contra os imperialistas, não vacilou em arriscar os perigos da guerra termonuclear, o ataque nuclear contra nós, quando em nosso país e em nosso território—com pleno e absoluto direito o qual não renegamos, e em ato absolutamente legítimo do qual nunca nos arrependemos—estivemos de acôrdo com a instalação dos foguetes estratégicos termonucleares em nosso território! E, ademais, não somente estivemos

de acôrdo em que viessem como estivemos em desacôrdo em que fôsem levados! E creio que isto não é um segredo absolutamente para ninguém.

Somos um país e um povo, em nome do qual falamos, que não recebe créditos ianques, nem alimentos para a paz, e que não temos a menor relação com os imperialistas—quer dizer, em matéria de convicção e sinceridade revolucionárias ninguém nos ensinou, ninguém nos ensinou!, como ninguém ensinou aos nossos libertadores de 1895 e de 1868 o caminho da independência e da dignidade—, o povo da Primeira e da Segunda Declaração de Havana, que não copiamos de nenhum documento, antes foi a pura expressão do espírito profundamente revolucionário e altamente internacionalista do nosso povo.

Como êsse foi o sentimento e como êsse foi o pensamento de nossa Revolução, demonstrado em quantas oportunidades foi necessário demonstrar, e demonstrado sem vacilações de nenhuma classe, sem claudicações de nenhuma índole e sem contradições de nenhum tipo, por isso temos o direito de perguntar—como se têm que perguntar outros muitos povos—a quem beneficiam essas discórdias, senão aos nossos inimigos.

E desde logo que temos o pleno direito, o pleno e absoluto direito—que não creio que ninguém se atreva a pôr em discussão—de proscriver de nosso país e do seio do nosso povo tais discórdias e tais batalhas bizantinas.

E é conveniente que se saiba que aqui é o nosso Partido que faz a propaganda! Que aqui as orientações traça-as o nosso Partido! Que aqui isso é uma questão pertencente à nossa jurisdição! E que, se não queremos que venha para cá o pomo da discórdia, porque não nos agrada, ninguém nos pode trazer de contrabando o pomo da discórdia! E que nossos inimigos, nossos únicos inimigos são os imperialistas ianques! Nossa única contradição insuperável é com o imperialismo ianque!, o único adversário contra o qual estamos dispostos a quebrar tôdas as lanças é o imperialismo!

E fora disto não entendemos nenhuma outra linguagem, não entendemos a linguagem da divisão. E frente ao caso concreto de um país agredido pelo imperialismo, como Viet Nam, nossa posição é uma. E não o fazemos, como talvez pensem alguns—sobretudo como talvez pensem os imperialistas—por isso de que “quando vejas as barbas do teu vizinho arder, põe as tuas de mólho; porque, em realidade, como pensamos é que, quando vemos arder as barbas do vizinho, sentimos desejo de ver ardendo também nossas barbas!

Não somos gente que se assuste ante êsses acontecimentos, ao contrário nos encorajamos! E nossa posição é uma: somos partidários de que se dê ao Viet Nam tôda a ajuda que seja necessária! Somos partidários de que essa ajuda seja em armas e em homens! Somos partidários de que o campo socialista corra os riscos que sejam necessários pelo Viet Nam! (GRITOS DE: “FIDEL, SEGURO, A LOS IANQUES DALES DURO!” y “CUBA, VIET NAM, SEGURO VENCERAN!”).

Nós estamos muito conscientes de que o caso de qualquer complicação internacional seria seremos um dos primeiros alvos do imperialismo, mas isso não nos preocupa nem nos preocupou nunca; e não adotamos a posição de calar a boca e fazer-nos de bobos para ver se nos perdoam a vida.

Esta é, com tôda a franqueza e com tôda a sinceridade nossa posição arrazoada, desapaixada, emanada do direito de pensar, emanada do direito de arrazoar e emanada do nosso legítimamente e inviolável direito de adotar as medidas e de atuar no sentido que acreditamos mais justo e mais revolucionário, sem que ninguém pretenda fazer-se a ilusão de que nos possa dar aulas de revolução.

E espero que não se cometam os erros de subestimar, de ignorar a idiosincrasia do nosso povo; porque erros dêsse tipo cometeu muitíssimos o imperialismo ianque, uma de cujas características era o desprezo pelos demais, o desprezo e a subestimação pelos povos pequenos. E êsse imperialismo cometeu grandes e imensos erros de subestimação com

respeito ao nosso povo revolucionário; lamentável seria que outros cometessem equívocos similares. Nossa política sincera tem sido e é a de unir, porque não somos nem seremos jamais satélites de ninguém! E em todo este problema temos tido uma posição muito desapaixonada, muito honesta e muito sincera.

Estes não são tempos de andar revolvendo papéis e arquivos. Creio que enquanto tenhamos o imperialismo pela frente, e atacando, seria ridículo pôr-nos aqui, como na fábula, a discutir "se são galgos ou podengos", se são de papel ou de ferro. E os papéis, e os arquivos e os documentos deixemo-los à história, e que seja a história que diga quem atuou bem ou mal, que diga quem tinha ou não tinha razão; que seja a história quem revele tudo o que cada um pensou, tudo o que cada um fez, tudo o que cada um disse, mas que seja a história. Porque é vergonhoso andarmos "lavando a roupa suja" ante os inimigos, e inimigos que estão atacando, e que estão atacando não os mais poderosos, mas os mais pequenos e os mais débeis.

Muitas coisas temos que fazer. Muitas e muito difíceis e muito duras tarefas temos pela frente; milhões de toneladas de açúcar que cortar para derrotar o bloqueio imperialista, e não se cortam com papéis: cortam-se com trabalho, cortam-se com suor, cortam-se com facão.

Grandes são os perigos que nos aguardam, mas não se combatem com as discórdias bizantinas, charlatanice acadêmica, não! Combatem-se com a firmeza revolucionária, a integridade revolucionária, a disposição de combater. Não se combate de maneira efetiva o inimigo imperialista, em qualquer parte do mundo, com os revolucionários divididos, com os revolucionários insultando-se, com os revolucionários atacando-se, mas com a unidade, com a coesão nas filas revolucionárias. E aos que não creiam que esta seja a tática correta para o movimento comunista internacional, dizemos-lhes que para nós, aqui, em nossa pequena ilha, em nosso território, na primeira trincheira, a 90 milhas dos imperialistas, sim, é a tática correta! E a esta ma-

neira de pensar ajustaremos a nossa linha e ajustaremos a nossa conduta.

Creio que honramos de maneira digna a nossos companheiros mortos, creio que honramos aos que caíram desde o primeiro até o último, porque esta Revolução nasceu da rebeldia de todo um povo, nasceu da dignidade de todo um povo, nasceu do espírito progressista e revolucionário de todo um povo; porque esta luta, que hoje se enlaça e se entronca com a luta dos demais povos do mundo contra o imperialismo, começou faz praticamente um século, começou com os primeiros homens que se levantaram em armas contra o domínio colonial e a exploração de nossa pátria, e seguiu este curso, seguiu esta linha, e esta linha jamais nosso povo abandonou, jamais nosso povo a traiu: seguiu esta linha firme e clara. Seu espírito é este, esta é sua tradição.

Pelo caminho juntaram-se todos os homens dignos desta terra; na longa luta morreram muitos homens dignos desta terra. Os primeiros não eram marxistas-leninistas. Carlos Manuel de Céspedes não o era, Martí não o era, porque na época em que viveu e nas condições históricas em que se desenvolveu sua magnífica luta não podia sê-lo. Nós nessa ocasião teríamos sido como eles; eles hoje teriam sido como nós!, porque o que determinou em cada época foi o espírito revolucionário do nosso povo, a tarefa do nosso povo em cada momento. E o que se pode dizer é que, desde então até hoje, longo foi o caminho, longa foi a evolução de nosso pensamento revolucionário, porque a princípios da segunda metade do século passado não eram em nossa pátria as tarefas da Revolução Proletária que estavam colocadas, porém a luta pela independência contra o poder colonial espanhol.

E surgimos para a vida, para essa independência, quando, por outra parte, surgia um poder muito maior e mais temível: o imperialismo ianque. A luta contra esse poder converteu-se na grande tarefa histórica do nosso povo; converteu-se na grande tarefa do nosso povo neste século alcançar a independência frente a esse poder, resistir às suas

agressões e manter erguida a bandeira da Revolução; converteu-se na grande tarefa de nosso povo, coincidindo com tarefas similares de outros povos neste mesmo Continente, e em Africa, e em Asia e em Oceania, e onde quer que os povos lutam, cada vez mais decididamente, contra o colonialismo e contra o imperialismo.

Foi um só caminho, foi uma só linha revolucionária sempre. Por esse caminho, por essa linha transitaram muitos heróis, muitos patriotas, muitos mártires. E os que levaram avante essa bandeira, os que seguiram essa linha representam a vontade de todos, estão obrigados não somente com as gerações presentes e futuras, mas também com as gerações passadas que lutaram.

E assim, num dia como hoje, quando lembramos os que morreram, pensamos que só há um sentido, só há, em essência, uma idéia absolutamente consoladora, absolutamente compensadora, e é a de que os homens que caíram, os homens que morreram, não morreram em vão.

Outras vezes, em outras épocas, nestas mesmas escadarias, evocava-se a memória dos mortos, mas com tristeza, com dor, com desespero, sob a insuportável ideia de que ainda aqueles sacrifícios não haviam frutificado. Quando em uma época como esta, em circunstâncias como estas, num dia como hoje recordamos aqueles companheiros, simbolizados todos no nome de José Antonio Echeverría, temos conosco a consoladora idéia, a tranquilidade e a satisfação de que seu sacrifício não foi em vão. E que no progresso de nossa Revolução, na marcha ascendente de nosso povo no caminho da História, no caminho do pensamento revolucionário, no caminho da extraordinária evolução de nossas idéias, tomam corpo e alma os homens que lutaram por isto, os que se sacrificaram para isto.

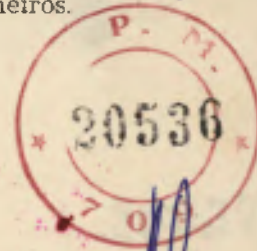
E vocês, os jovens de hoje, não de sentir-se como os seguidores daqueles homens, como os comandados daqueles homens, os que tomaram seu estandarte, os que seguem avançando, os que seguem marchando para frente

pelo caminho ascendente de nosso povo, pela história gloriosa de nossa pátria.

Vocês são as novas ondas revolucionárias, e estamos seguros de que saberão sê-las, e que serão dignos seguidores de José Antonio Echeverría e de seus companheiros.

▼ Pátria ou Morte!

Venceremos! (Ovação).



[Handwritten signature]

20536

20537

Handwritten signature

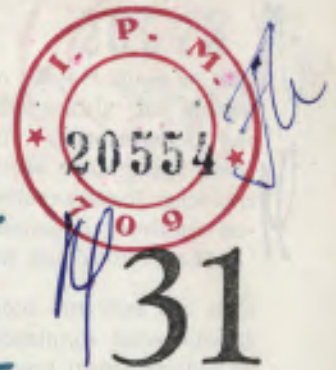
20537

Impreso por
Ediciones en Colores
La Habana



EDITADO PELA COMISSÃO DE ORIENTAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DA DIREÇÃO NACIONAL DO PURSC

PEKING REVIEW



July 29, 1966

20554

北
京
周
報

CHAIRMAN MAO SWIMS IN THE YANGTSE

STATEMENT OF CHAIRMAN LIU SHAO-CHI

China most resolutely and most warmly
supports President Ho Chi Minh's Appeal.

Peking Physics Colloquium Opens

Grand gathering of scientists from four continents.

A WEEKLY MAGAZINE OF CHINESE NEWS AND VIEWS



PEKING REVIEW

July 29, 1966
Vol. 9, No. 31

Published in English, French, Spanish,
Japanese and German editions

IN THIS ISSUE

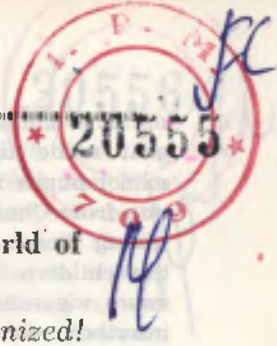
ARTICLES AND DOCUMENTS

- Chairman Mao Swims in the Yangtse** (p. 3)
Follow Chairman Mao and Advance in the Teeth of the Great Storms and Waves
— *Renmin Ribao* editorial (p. 7)
Statement of Chairman Liu Shao-chi of the People's Republic of China (p. 9)
Chairman Chu Teh's Message to Chairman Truong Chinh (p. 10)
Most Powerful Voice in Support of Vietnamese People's Resistance to U.S. Aggression (p. 11)
Vice-Premier Tao Chu's Speech (p. 13)
Comrade Li Hsueh-feng's Opening Speech (p. 15)
D.R.V. Ambassador Tran Tu Binh's Speech (p. 16)
Speech by Tran Van Thanh, Head of Permanent Mission of South Vietnam N.F.L. in China (p. 18)
Comrade Liu Ning-I's Speech (p. 20)
Peoples of China and Vietnam Unite Together, Fight Together and Win Victory Together — *Renmin Ribao* editorial (p. 21)
From the Masses, to the Masses — *Renmin Ribao* editorial (p. 23)
Shanghai Workers Score Double Victory in Great Cultural Revolution and Industrial Production (p. 24)
Liu Ying-chun — Great Communist Fighter Armed With Mao Tse-tung's Thought (p. 27)
The Nation Emulates Liu Ying-chun (p. 29)
Study the Supreme Guide, Carry It Out, Propagate It and Defend It — *Jiefangjun Bao* editorial (p. 30)
Peking Physics Colloquium Opens (p. 32)
Speech by Vice-Premier Nieh Jung-chen at the Opening Ceremony (p. 33)
Creatively Study and Apply Mao Tse-tung's Thought — Excerpts From Comrade Wang Chieh's Diary (p. 36)

THE WEEK Chinese Preparatory Committee for First Asian GANEFO Inaugurated; Netherlands Charge d'Affaires Declared Persona Non Grata (p. 39)

Published every Friday by PEKING REVIEW
Pai Wan Chuang, Peking (37), China
Post Office Registration No. 2-922
Cable Address: Peking 2910
Printed in the People's Republic of China

20556



FROM CHAIRMAN MAO'S WORKS:

"We Communists ought to face the world and brave the storm, the great world of mass struggle and the mighty storm of mass struggle."

— Get Organized!

20555

Chairman Mao Swims in the Yangtse

CHAIRMAN Mao Tse-tung, our great leader, once again had a good swim in the Yangtse River, braving the wind and waves on July 16.

The sky over Wuhan that day was bright and clear. Tens of thousands of people, ebullient with joy, thronged both banks of the river.

Chairman Mao had swum across the Yangtse at Wuhan three times in June 1956, and had written his magnificent and powerful poem *Swimming*—to the melody *Shui Tiao Keh Tou*. Ten years later, Chairman Mao again swam in the great river, staying in the water for 65 minutes and covering a distance of nearly 5 kilometres. It was as Chairman Mao had said in his poem:

"I care not that the wind blows and the waves beat;

It is better than idly strolling in a courtyard."

The happy news about Chairman Mao's latest swim in the Yangtse soon spread all over Wuhan. Filled with great joy, the people of this triple city, men and women and old and young, passed on the word: "Our respected and beloved leader Chairman Mao is so very healthy. This is the greatest happiness for the entire Chinese people and for the revolutionary people of the whole world!"

Acting in accordance with Chairman Mao's instruction to go and swim in the big rivers and seas to steel themselves, 5,000 swimmers in Wuhan, following the course charted by Chairman Mao, enthusiastically took part in the 11th Cross-Yangtse Swimming Competition on the morning of July 16. Our great leader arrived in a launch and reviewed the competitors. It was a tremendous inspiration to all the people of Wuhan.

The waters of the river seemed to be smiling that day. Cheering crowds lined both banks which were decorated with colourful banners and huge posters with slogans. It was a festive scene, with the people immersed in deep joy.

At 9:20 in the morning, the strains of *The East Is Red*, a song in praise of our beloved leader Chairman Mao, came through the loudspeakers on both banks, stirring the hearts of everyone on the spot. They

thought to themselves: It was Chairman Mao who opened a broad, smooth path on the Yangtse for us. How fine it would be if he could come today and see us cross the river!

Chairman Mao is the red sun in our hearts and is with us for ever. Just as the competition started, a fast launch cut through the waves and sailed towards the swimmers from the east where the sun was rising. At that moment, one of the swimmers first caught sight of the great leader on the launch. Hardly able to contain his joy, he immediately shouted out: "Chairman Mao has arrived! Long live Chairman Mao!" Instantly, the swimmers, holding hundreds of red banners high above the water, swam towards Chairman Mao. The eyes of thousands upon thousands of people on the banks and in the river, which became red with the reflections of the banners, were turned on Chairman Mao! They all expressed the same wish: May our great Chairman Mao live ten thousand years! And they all shouted in one voice from their hearts: Long live Chairman Mao! Simultaneously with the cheers, all the ships at anchor sounded their whistles in honour of the great leader. Cheers intermingled with whistles to form a thunderous roar which shook the sky over Wuhan.

Radiant with vigour and in buoyant spirits, Chairman Mao stood on the deck and reviewed the large number of swimmers battling the waves. At that moment, the swimmers formed a Great Wall on the wide river, cleft the waves and valiantly forged ahead, some holding red banners high and others advancing with big boards inscribed with quotations from Chairman Mao's works which read: "Unity, alertness, earnestness and liveliness"; "The imperialists are bullying us in such a manner that we have to deal with them seriously"; "Be resolute and unafraid of sacrifice, surmount every difficulty to win victory." Chairman Mao was filled with great joy to see that the swimmers were fired with such revolutionary spirit, so firm in their determination and so strong in their fighting will. Now walking to the starboard and now to the port side, he waved to the swimmers amid enthusiastic cheers and called out to them in a loud voice: "Greetings, comrades! Long live you comrades!"

The children's swimming contingent made up of over 200 primary school pupils received particular attention from Chairman Mao. Most of them Young Pioneers from 8 to 14 years old, the children braved the waves and swam vigorously onward with a board inscribed with Chairman Mao's words: "Study diligently and make progress every day," singing the song *We Are Successors to the Cause of Communism* as they advanced. They demonstrated the revolutionary spirit of red youngsters in the Mao Tse-tung era. As the children swam past, Chairman Mao requested that the launch be steered towards them. Seeing Chairman Mao, the Young Pioneers enthusiastically shouted: "Long live Chairman Mao!" Beaming with warm smiles, Chairman Mao waved to them and said in an affectionate tone: "Greetings, children!"

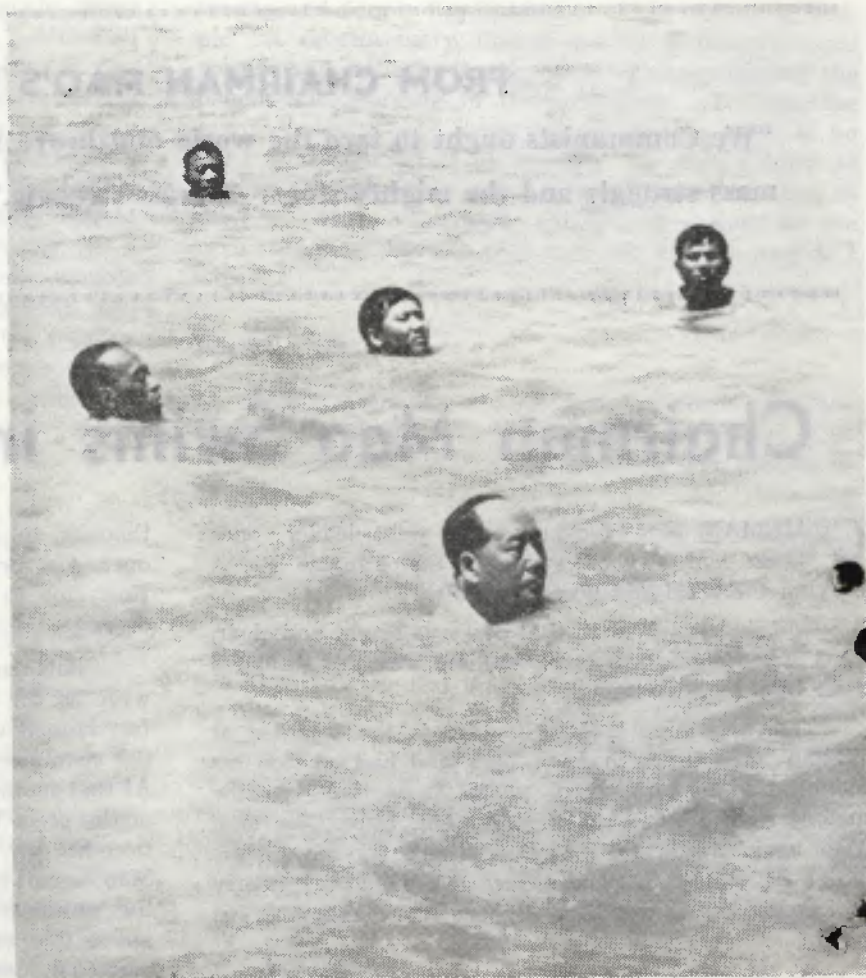
Chairman Mao's encouragement gave great strength to the children. Braving the rolling waves, they swam towards their destination.

Nieh Chang-hsin, a swimmer from the militia of the Hankow Thermal Power Plant, became so excited when he saw Chairman Mao that he forgot he was in the water. Raising both hands, he shouted: "Long live Chairman Mao! Long live Chairman Mao!" He leapt into the air but soon sank into the river again. He gulped several mouthfuls, but the water tasted especially sweet to him. The 5,000 swimmers, as excited as this militiaman, swam past Chairman Mao in groups and, cheering "Long live Chairman Mao," triumphantly reached the destination.

As soon as they went ashore, they turned round and, together with the tens of thousands of people there, warmly cheered Chairman Mao who was on board the launch in mid stream. As the vessel moved towards the shore, Chairman Mao, who was standing at the bow, continuously waved his hand and shouted: "Long live the people!" The crowds on the shore were in exuberant spirits; they burst into thunderous cheers which drowned the roar of the Yangtse's tempestuous waters.

It was at this joyous moment that Chairman Mao's launch arrived near the mouth of the Wuchang dykes. With steady steps, Chairman Mao walked down the gangway and dipped himself in the water for a while before stretching out his arms and beginning to swim. It was exactly 11 o'clock.

The Yangtse was in spate; its current was swift and the rolling waves pounded the shores. Swimming in the vast river, Chairman Mao sometimes made his



Chairman Mao has a good swim in the Yangtse, braving the wind and waves

way through the turbulent waters by side-stroking and sometimes he floated on his back, looking at the azure sky. Close by his side in the water were Comrade Wang Jen-chung, Second Secretary of the Central-South China Bureau of the Central Committee of the Chinese Communist Party and First Secretary of the Hupeh Provincial Party Committee, and a group of robust youths.

As Chairman Mao swam through the waves, he talked animatedly with the comrades around him. A young woman told him: "This is the second time I'm swimming in the Yangtse." Smiling, Chairman Mao replied: "The Yangtse is wide and deep. It is a good place to swim in." When Chairman Mao discovered that another young woman accompanying him could only swim in one style, he amiably taught her the back-stroke. He said: "The Yangtse is deep and its current is swift. This can help you train your body and strengthen your will-power."

When Chairman Mao crossed the Yangtse for the fourth time in 1957, he pointed to a lesson: People say that the Yangtse is a very big river, actually there is nothing to be afraid of about its size. Isn't U.S. imperialism very big? It turned out to be nothing when



Chairman Mao stands on the deck of the launch reviewing the swimmers battling the waves of the Yangtse

we rebuffed it once. So, there are actually some big things in the world that are not to be feared.

While swimming, Chairman Mao also chatted with Comrade Wang Jen-chung at his side. "How is swimming being popularized among the young people in Wuhan?" he asked. "More and more of them are taking to the water," replied Wang Jen-chung. "They have distinguished themselves for being bold, brave and quick in learning. In general, they take only five or six days to learn to swim." Then Chairman Mao asked: "Can one in every three swim?" Comrade Wang Jen-chung replied: "Yes." Very much pleased, Chairman Mao said: "That's very good!" Comrade Wang Jen-chung reported to Chairman Mao that men of the Chinese People's Liberation Army and the militia swam across the Yangtse fully armed last year and that students of the Wuhan Institute of Water Conservancy and Electric Power swam across Tunghu Lake in Wuhan during the winter. He said that an increasing number of people had learnt to swim and that the number able to swim across the Yangtse was growing from year to year.

In 1956 when Chairman Mao swam across the Yangtse for the first time, the broad masses were inspired. Chairman Mao has said: "Swimming is a sport in which the swimmers battle against Nature; you should go into the big rivers and seas to temper yourselves." Following his instruction, tens of thousands of youth and the broad masses have taken part in swimming across the Yangtse on an increasingly extensive scale over the last few years. During the first across-the-Yangtse swim, among those who took part were only some two dozen girl swimmers. Now nearly 1,000 girls take part every year, among them armed militia-women. At first, only one boy took part. Today, however, the children are the vanguard in crossing the river. Many born after 1956, when Chairman Mao first swam across the river, now figure prominently in the cross-Yangtse swim.

When it was nearly noon, a 5-degree strong wind swept over the wide river, churning up big waves. The launch waiting in the middle of the river moved towards Chairman Mao to take him aboard. Comrade Wang Jen-chung asked him several times to go on board to take a rest. Chairman Mao asked how long they had been swimming. When the comrades around said that they had been swimming for 45 minutes, he replied in the best of spirits: "It's not even an hour yet!" With that, he continued swimming to the east. When they had swum 65 minutes, Comrade Wang Jen-chung again asked Chairman Mao to take a rest on the launch. Chairman Mao joked: "Since you are First Secretary of the Provincial Party Committee here, I have to obey your order!"

Starting from near the mouth of the Wuchang dykes, Chairman Mao swam downstream for nearly 15 kilometres to a place near the Wuhan Iron and Steel Company. When he boarded the launch, he was in high spirits and showed no signs of fatigue.

The news of Chairman Mao's swim in the Yangtse stirred all hearts and brought immense inspiration and strength to everybody.

Wei Yueh-an, political instructor of the 205th group of the Wuhan Port Administration and one of those in the Yangtse navigational departments who have distinguished themselves for having studied Chairman Mao's works well, after he returned to his group, described to his comrades the memorable scene of how Chairman Mao reviewed the swimmers and how the great leader had a good swim in the Yangtse. With deep emotion, he said: "A docker who spent dozens of years on the water front. I had my full share of the bitterness and agony of the old society. Since

liberation, the people have become the masters of their country. That I was able to swim in the Yangtse together with Chairman Mao today is an event I'll never forget for the rest of my life. From now on I'll follow Chairman Mao's teachings still better. While working on the Yangtse, I'll keep the interests of the country and those of the world at heart, study and apply Chairman Mao's works creatively, do my part to carry out the great proletarian cultural revolution thoroughly, do a good job at work, and make my contribution to the building of our great motherland and to supporting the anti-imperialist, revolutionary struggles of the people of Asia, Africa and Latin America. This is how I shall repay the solicitude shown me by the Party and Chairman Mao."

July 16 was an unforgettable day for the more than 300 workers and staff members and their families at the repair section of the shipping department of the Yangtse River Navigation Administration. That was the day they saw how healthy and full of spirit their beloved leader Chairman Mao was, and this made them immensely happy. The same afternoon the workers wrote stacks of pledges in their workshops, proclaiming their resolve to raise the great red banner of Mao Tse-tung's thought still higher, carry the great proletarian cultural revolution through to the end, and repair vessels in a way which would give greater, faster, better and more economical results, support national construction and the Vietnamese people in their struggle to defeat U.S. imperialism.

When worker-swimmer Liu Wu-ching of the Hankow Thermal Power Plant saw Chairman Mao in mid stream, he pledged: "Chairman Mao, I'll study your writings still better and, emulating Comrade Liu Ying-

chun, assiduously study the supreme guide (meaning Chairman Mao's works—Tr.), faithfully carry it out, enthusiastically propagate it and courageously defend it." On his way back to the power plant, Liu sang *The East Is Red* together with the others with deep feeling. A Young Pioneer, tremendously happy and filled with emotion after the swim, took out his pocket diary and with great care recorded the most unforgettable event in his life: "I saw Chairman Mao at 10:35 on the morning of July 16, 1966."

On that day, friends from various countries who were visiting Wuhan after attending the Afro-Asian Writers' Emergency Meeting watched from on board boats the spectacular cross-Yangtse competition of the people of Wuhan. They met the Chinese people's great leader Chairman Mao whom they had long wished to see. The foreign friends cheered Chairman Mao enthusiastically and the excursion boats resounded with their plaudits. Delegates from Niger, while attending the writers' meeting in Peking, collectively wrote a poem expressing their great love for Chairman Mao. It read:

*Mao Tse-tung, you are our leader,
Mao Tse-tung, you are our beacon,
Which illuminates, illuminates, illuminates
The darkest, the farthest horizons. . .*

They could not contain their excitement when they saw Chairman Mao that day. Some friends repeatedly called out: "Chairman Mao! Chairman Mao!" Others shouted in Chinese: "Long live Chairman Mao!" Still others on the boats kept clapping. Friends from Indonesia became so excited at seeing Chairman Mao that they cheered on and on and then broke into revolutionary songs in powerful voices.

Chairman Mao warmly clapped and waved to the friends from various countries. They were very glad to see him so healthy. Some exclaimed: "Chairman Mao in excellent health!" A friend from Africa remarked: "Chairman Mao has crossed the Yangtse at such an advanced age. Chairman Mao's good health and long life is the happiness of the world's oppressed people and of the people of the whole world."



The swimmers advance through the waves, pushing forward boards inscribed with extracts from Chairman Mao's works and shouting slogans

Foreign friends very highly praised Chairman Mao's call to swim across the Yangtse and the fact that he personally took part in it. They considered it of great significance. They declared that it was a great, unprecedented event for Chairman Mao to have taken the lead in crossing the Yangtse and for the Chinese people to follow this with nationwide swimming activities. It showed the courage of the Chinese people and their defiance of all hardships and dangers. Jaoudat al-Rikabi, a delegate from Syria, commented: "All the swimmers taking part in crossing the Yangtse today looked strong, enthusiastic and courageous. Chairman Mao's splendid initiative enables the young people to develop their physique and foster a sound ideology so that they are able to make a breakthrough however enormous the difficulties and however wide the river

may be." These friends remarked that, from the conquest of the natural barrier of the Yangtse and the fearlessness of the people in face of any difficulty, they saw the splendour of Mao Tse-tung's thought.

Chairman Mao has once again braved the waves of the Yangtse and had a good swim for nearly 15 kilometres. This is a great event which has stirred the hearts of all the people. The cheers of "Long live Chairman Mao" on both banks that day lasted for more than four hours. These moving scenes have shown the boundless love and respect of the Chinese people for their great leader Chairman Mao. Guided by the brilliant thought of Mao Tse-tung, China's 700 million people are setting their sights on the future and riding on the wind and waves as they advance.

人民日報
RENMIN RIBAO

Follow Chairman Mao and Advance in The Teeth of the Great Storms And Waves

OUR respected and beloved leader Chairman Mao Tse-tung has once again had a good swim in the Yangtse River recently, making his way forward through the rolling waves; he stayed in the water for an hour and five minutes and covered a distance of almost 15 kilometres. As he put it in his poem ten years ago: "I care not that the wind blows and the waves beat; It is better than idly strolling in a courtyard." When this happy news became known, people all over the country were overjoyed!

Highly elated and with the greatest affection, hundreds of millions of people unanimously acclaimed Chairman Mao's good health and wholeheartedly wished him eternal long life.

The fact that Chairman Mao is in such good health and brimming with such energy is a matter of the greatest happiness for the entire Chinese people. And it is a matter of the greatest happiness for the revolutionary people throughout the world.

The 10,000-li long Yangtse River is torrential, each wave pushing the one ahead, each wave higher than the one before. It symbolizes the history of the Chinese nation and the history of the Chinese revolution.

Chairman Mao has said: "Even great storms are not to be feared. It is amid great storms that human society progresses." The storm of class struggle never

ceases in class society. It is the real motive force propelling history forward.

What Chairman Mao likes best is swimming in great rolling rivers and seas. He always encourages people to temper themselves by swimming in the rivers, lakes or seas to build up their physiques, will power and courage and battle the elements.

Leading the Chinese people in revolutionary struggle, Chairman Mao has always called on them to be resolute and unafraid of sacrifice and surmount every difficulty to win victory.

Revolution demands a fearless militant spirit.

Chairman Mao has said: People say that the Yangtse is a very big river, actually there is nothing to be afraid of about its size. Isn't U.S. imperialism very big? It turned out to be nothing when we rebuffed it once. So, there are actually some big things in the world that are not to be feared.

In the course of the Chinese people's revolution during the past decades, we have gone through one great storm after another, bypassed one submerged rock after another and conquered one ferocious enemy after another. How seemingly fierce and arrogant were the Chiang Kai-shek gang, the Japanese militarists and the U.S. imperialists who once rode rough-

shod over the Chinese people and looked as though no one in the world could stand up to them! Yet confronted by the heroic Chinese people, under the leadership of the Communist Party of China and Chairman Mao, they all "weren't worth a fig" and were all defeated.

The period of China's socialist revolution and socialist construction likewise is full of the storms and waves of class struggle. Co-ordinating with the anti-China adverse current of international imperialism, modern revisionism and reactionaries of various countries, the overthrown class enemies and monsters and demons of all kinds have stirred up one sinister storm after another. They have made futile attempts to subvert China's dictatorship of the proletariat and restore their lost "paradise." With their way illuminated by the sunlight of the Party and Mao Tse-tung's thought, the Chinese people in their valiant march forward in the great proletarian cultural revolution have exposed and smashed these counter-revolutionary plots for a come-back one after another, or are in the course of exposing and smashing them to smithereens.

The revolutionary struggles of the Chinese people have never been smooth sailing on a calm sea; they have always encountered countless hardships, hazards and obstructions. And each time the Chinese people have passed over a tempestuous wave, their revolutionary will has grown firmer, their revolutionary forces have grown stronger and they have grown richer in revolutionary experience.

Armed with the great thought of Mao Tse-tung, the 700 million people are a dauntless, heroic people. We fear neither heaven nor earth, we do not fear imperialism, revisionism, the reactionaries, monsters and demons of all kinds, or any difficulties and hardships. We are capable of creating all kinds of miracles on earth.

Revolution demands mastery of the laws of class struggle.

Chairman Mao has said: "There are laws governing swimming. It is easier to learn to swim if one masters them." There are also laws governing revolution. Only by mastering them is it possible to acquire the ability to keep hold of the reins through all the developments and changes in the class struggle. Discussing the question of strategy in China's revolutionary war, Chairman Mao has said: "Swimming in the ocean of war, he [the commander—*Ed.*] not only must not flounder but must make sure of reaching the opposite shore with measured strokes. The laws for directing war constitute the art of swimming in the ocean of war."

To learn to swim without plunging into the water just doesn't work. No one has ever learnt to swim just by standing on the shore and studying one or another aspect of the art of swimming. And the same is true of making revolution. You must take part in actual class struggle, master the laws governing rev-

olution in the storm of class struggle and learn the art of swimming in class struggle.

Mao Tse-tung's thought is the philosophy of struggle. Only by creatively studying and applying Chairman Mao Tse-tung's works in the great storms of revolutionary struggle can one really master Mao Tse-tung's thought.

Revolution demands close contact with the broad masses.

Chairman Mao has maintained the closest contact with the masses of the people at all times. The masses acclaim: "Long live Chairman Mao!" and Chairman Mao acclaims: "Long live the people!" And so long as the 700 million Chinese people rally most closely around Chairman Mao, the great leader of the revolution, and most resolutely fight under the great banner of Mao Tse-tung's thought, we shall be invincible in face of the enemies throughout the world.

Every proletarian revolutionary fighter must share the sufferings and the happiness of the masses, through hardships and tribulations together with them, and temper himself in the flames of revolutionary struggle. Hothouse flowers cannot stand wind and weather, they lack vitality. Real proletarian revolutionary fighters ought to face the world and brave the storm, the great world of mass struggle and the mighty storm of mass struggle. The successors to the proletarian revolutionary cause can grow up healthy only in mass struggles and in the great storms and waves of revolution. The mighty storms and waves of the revolutionary mass movement are a tremendous force that mobilizes, educates and remoulds people.

It is amid the great storms and waves of revolutionary struggle that the invincible thought of Mao Tse-tung has taken shape and developed. Comrade Mao Tse-tung has been through tempestuous class struggle of a kind rare in the history of mankind; he has drawn on and summed up the experience of the revolutionary struggles of the people of China and other countries, and he has inherited and developed Marxism-Leninism with genius, in an all-round and creative way. Mao Tse-tung's thought—living Marxism-Leninism—is the only correct compass for the socialist revolution and socialist construction in our country; it is our powerful ideological weapon in opposing imperialism and modern revisionism; it is the supreme guide for all our actions.

We must study Chairman Mao's works, follow his teachings and act in accordance with his instructions. We must learn from Chairman Mao Tse-tung's great revolutionary theory, and we must also learn from his great revolutionary practice. Let us always follow Chairman Mao, always follow the Party, and bravely advance in the teeth of the great storms and waves of the three great revolutionary movements of class struggle, the struggle for production, and scientific experiment!

("Renmin Ribao" editorial, July 26, 1966.)

Statement of Chairman Liu Shao-chi of the People's Republic of China

July 22, 1966

- China most resolutely and most warmly supports President Ho Chi Minh's Appeal to fight.
- China is ready to undertake the greatest national sacrifices to support the Vietnamese people in defeating U.S. imperialism.
- China's 700 million people provide backing for Vietnam and the vast expanse of China's territory is Vietnam's rear area.
- The friendship and unity of the Chinese and Vietnamese peoples are the surest guarantee for defeating U.S. imperialism.

President Ho Chi Minh has exposed the U.S. "peace talks" swindle. This is a telling blow at the U.S. imperialist scheme of "forcing peace talks through bombing." It is likewise a telling blow at those monsters who are collaborating with U.S. imperialism to engineer a "peace talks" swindle.

We must warn the U.S. aggressors in all seriousness: Do not miscalculate and do not misjudge your opponents. If you think you can unscrupulously "escalate" the war of aggression without meeting due punishment, then you will find it too late to repent.

IN the name of the 700 million Chinese people, I solemnly declare to the whole world that the Chinese people and Government most resolutely and most warmly support the Appeal to the People of the Whole Country issued on July 17 by President Ho Chi Minh of the Democratic Republic of Vietnam.

In this sublime and heroic document, President Ho Chi Minh once again proclaimed the determination of the Vietnamese people to resolutely carry on a protracted war of resistance. To fight on, to fight through to the end, to fight until the U.S. aggressors are totally and completely driven out of Vietnam and final victory is won — this is the powerful answer of the Vietnamese people to the U.S. imperialist act of escalating its war of aggression to a new and still graver stage.

President Ho Chi Minh has exposed the U.S. "peace talks" swindle, declaring that the United States must stop its war of aggression against Vietnam and withdraw all the U.S. and satellite troops from Vietnam, whereupon peace will return at once. This is a telling blow at the U.S. imperialist scheme of "forcing peace talks through bombing." It is likewise a telling blow at those monsters who are collaborating with U.S. imperialism to engineer a "peace talks" swindle.

President Ho Chi Minh's Appeal is a call to fight, a call of unity and a call of victory. Whether from the

south or the north, both man and woman, young and old, the 31 million people of the whole of Vietnam are mobilizing themselves on a broad scale and will definitely deal U.S. imperialism still heavier blows. All actions which the Vietnamese people have taken and will take in the fight are within their sacred rights. All the anti-imperialist, revolutionary countries and peoples of the world stand on the side of the Vietnamese people. All the actions they are taking to support and aid the Vietnamese people are entirely just.

China is a socialist country armed with Marxism-Leninism and Mao Tse-tung's thought. Proletarian internationalism is the supreme principle guiding our country's foreign policy. We consistently condemn national chauvinism and national egoism which betray the interests of the revolutionary people of the world. It is the international obligation of the people of our country to support all the oppressed nations and peoples of the world in their just struggles against imperialism and its lackeys. All the more so is it the unshirkable and bounden duty of the Chinese people to support the fraternal Vietnamese people against U.S. imperialist aggression.

We must warn the U.S. aggressors in all seriousness: Do not miscalculate and do not misjudge your opponents. In order to support the Vietnamese people in winning thorough victory in the war of resistance

against U.S. aggression, the Chinese people are ready to undertake the greatest national sacrifices.

Since you have torn the 1954 Geneva agreements to shreds, the Chinese Government and people have naturally ceased to be bound by the Geneva agreements in supporting the Vietnamese people's struggle against U.S. aggression and for national salvation.

Since you have completely broken the line of demarcation between southern and northern Vietnam by your war of aggression, the Chinese Government and people have naturally still more so ceased to be restricted and bound in any way in rendering support and aid to the Vietnamese people.

If you think you can unscrupulously "escalate" the war of aggression without meeting due punishment, then you will find it too late to repent.

The Chinese Government reaffirms that U.S. imperialist aggression against Vietnam is aggression against China. The 700 million Chinese people provide powerful backing for the Vietnamese people. The vast expanse of China's territory is the reliable rear area of the Vietnamese people. The Chinese people have made up their minds and have made every preparation to take such actions at any time and in any place as the Chinese and Vietnamese peoples deem necessary for dealing joint blows at the U.S. aggressor.

China and Vietnam are fraternal socialist countries as closely related as lips and teeth. The militant friendship and solid unity between the Chinese and Vietnamese peoples are the surest guarantee for defeating the U.S. aggressor.

The Vietnamese people's struggle against U.S. aggression and for national salvation is just, and a just



Chairman Liu Shao-chi and Premier Chou En-lai on the Tien An Men Gate rostrum

cause is bound to triumph. The U.S. war of aggression is unjust, and an unjust war is doomed to failure.

Long live the victory of the Vietnamese people's war against U.S. aggression and for national salvation!

Chairman Chu Teh's Message to Chairman Truong Chinh

The Chinese people will unswervingly support and aid the Vietnamese people in fighting U.S. imperialism to the end until they win final victory.

The U.S. imperialist counter-revolutionary dual tactics of expanding the war of aggression and playing up the "peace talks" swindle have already been dealt heavy blows by the Vietnamese people. The heroic Vietnamese people can neither be intimidated nor duped. The U.S. aggressor can find no way of escape from its fate of inevitable defeat.

Chu Teh, Chairman of the Standing Committee of the National People's Congress of the People's Republic of China, on July 22 sent a message to Truong Chinh, Chairman of the Standing Committee of the National Assembly of the Democratic Republic of Vietnam. The text follows. — Ed.

IN the name of the 700 million Chinese people, the Standing Committee of the National People's Congress of the People's Republic of China resolutely supports President Ho Chi Minh's Appeal to the People of the Whole Country. President Ho Chi Minh's Order for the Partial Mobilization of Reserve Officers and Army-men,

20560

20559

the Decision on the Partial Mobilization of Reserve Officers and Armymen adopted by the Standing Committee of the National Assembly of the Democratic Republic of Vietnam and the Communiqué of the Supreme National Defence Council of the Democratic Republic of Vietnam. These four documents give expression to the just voice of the 31 million Vietnamese people and embody the strong determination of the Vietnamese people to carry their war of resistance through to the end. The Chinese people express boundless admiration and deep respect for the iron will of the heroic Vietnamese people in their fight against U.S. aggression and for national salvation.

The U.S. war of aggression against Vietnam demonstrates that U.S. imperialism is both more barbarous and more flabby than the Hitlerite fascism of former years. It is besieged ring upon ring by the people of the whole world. It has been badly battered and driven into a desperate predicament by the Vietnamese people. By sending an endless flow of reinforcements to Vietnam and flagrantly and repeatedly bombing the city of Hanoi, the capital of the Democratic Republic of Vietnam, and the city of Haiphong,

U.S. imperialism has pushed its war of aggression to a new and still graver stage. This is precisely an expression of its death-bed struggle.

The U.S. imperialist counter-revolutionary dual tactics of expanding the war of aggression and playing up the "peace talks" swindle have already been dealt heavy blows by the Vietnamese people. The heroic Vietnamese people can be neither intimidated nor duped. The U.S. aggressor can find no way of escape from its fate of inevitable defeat.

Vietnam and China are fraternal neighbours as closely related as lips and teeth. The Chinese people have consistently and unreservedly supported and aided in all fields the Vietnamese people's struggle against U.S. aggression and for national salvation. The Chinese Government has already solemnly stated that in accordance with the interests and demands of the Vietnamese people, we will at any time and in any place take such actions as we deem necessary. Wherever the U.S. aggressor expands the war and however heavy the price, we will unswervingly support and aid the Vietnamese people in fighting to the end until they win final victory.

20559

Most Powerful Voice in Support of Vietnamese People's Resistance to U.S. Aggression

OUR 700 million people provide powerful backing for the people of Vietnam!"

"Our vast expanse of territory is the reliable rear area of the Vietnamese people!"

So, with one voice speaks the Chinese people supporting the statement issued by Chairman Liu Shao-chi on July 22.

During the last few days, mass rallies and demonstrations all over the country have expressed the most resolute and enthusiastic support for Chairman Liu Shao-chi's statement and for President Ho Chi Minh's "Appeal to the People of the Whole Country." The masses declare that the Chinese people, armed with Marxism-Leninism and Mao Tse-tung's thought, are fully prepared and stand ready to respond to the call of the motherland to take whatever action the Chinese and Vietnamese peoples deem necessary to deal joint blows against the U.S. aggressors. They express the militant determination of the Chinese people to back the Vietnamese people in their struggle to resist U.S. aggression and save their country till they win final victory. In the great spirit of internationalism, they voice the strongest support for their

Vietnamese brothers in the struggle against U.S. aggression.

Peking's Million-Strong Rally and Demonstration

On July 22, the city of Peking was a sea of red flags. The anger of the people against the U.S. imperialists knew no bounds. Militant songs and slogans voicing support for the Vietnamese people's struggle against U.S. aggression resounded through the city. Among the demonstrators passages from Chairman Mao's works were read out: "Imperialism and all reactionaries are paper tigers," "War can only be abolished through war, and in order to get rid of the gun it is necessary to take up the gun," "Dare to struggle and dare to seize victory!" Close to a million people converged on Tien An Men Square and the Changan Boulevard that day at a mammoth rally and demonstration.

The rally began at 8 a.m. when on to the rostrum of the Tien An Men Gate stepped Liu Shao-chi, Vice-Chairman of the Central Committee of the Chinese Communist Party and Chairman of the People's Republic of China; Soong Ching Ling, Vice-Chairman of the

82308

People's Republic of China; Tung Pi-wu, Member of the Political Bureau of the Central Committee of the Chinese Communist Party and Vice-Chairman of the People's Republic of China; Chou En-lai, Vice-Chairman of the Central Committee of the Chinese Communist Party and Premier of the State Council; Chu Teh, Vice-Chairman of the Central Committee of the Chinese Communist Party and Chairman of the Standing Committee of the National People's Congress; and Teng Hsiao-ping, General Secretary of the Central Committee of the Chinese Communist Party. Tran Tu Binh, Ambassador of the Democratic Republic of Vietnam to China, and Tran Van Thanh, Head of the Permanent Mission of the South Vietnam National Front for Liberation to China, attended the rally. There was a burst of applause when they mounted the rostrum, the giant crowd shouting "Long live Chairman Mao!" "Long live President Ho Chi Minh!"

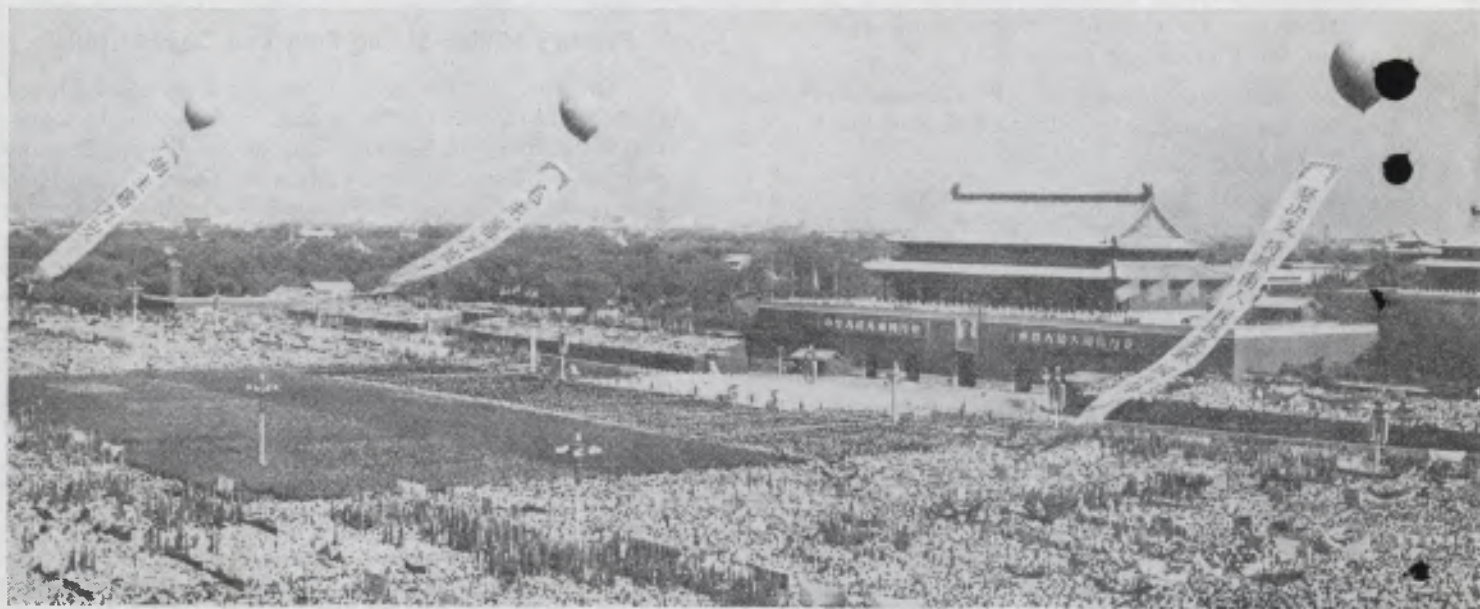
Other leaders of the Party and state, responsible members of organizations under the Central Committee of the Chinese Communist Party and various ministries of the State Council and of the Chinese People's Liberation Army, of the democratic parties and people's organizations and of the Peking Municipality were also present. Also present were comrades from Vietnam, and friends from countries in Asia, Africa, Latin America, Europe and other parts of the world, including delegates taking part in the 1966 Summer Physics Colloquium of the Peking Symposium and guests visiting Peking and foreign specialists who are helping China in its construction, as well as foreign students studying, and trainees working in China.

The Tien An Men Square and the wide Changan Boulevard running east and west of it were thronged with the massed contingents of the capital's workers, peasants, students, revolutionary cadres and people of

every calling. The ranks of demonstrators extended over a front of several kilometres. Before the rostrum of the Tien An Men Gate stood row on row of fully armed militiamen and women. Behind them were the arrow straight lines of the army, navy and air force units of the Chinese People's Liberation Army.

Li Hsueh-feng, Member of the Secretariat of the Central Committee of the Communist Party of China, First Secretary of the Peking Municipal Committee of the Party and Vice-Chairman of the Standing Committee of the National People's Congress, delivered the opening speech at the rally (for full text see p. 15). This was followed by the reading of Chairman Liu Shao-chi's statement. It was greeted with cheers from a million throats and tumultuous applause. The thunder of slogans rolled: "Resolutely support the Vietnamese people in their struggle against U.S. aggression and for national salvation!" "The Chinese people pledge to back the Vietnamese people!" "China is the rear area of Vietnam!" and "Resolutely support President Ho Chi Minh's fighting call of July 17!"

Chairman Chu Teh's message to Truong Chinh, Chairman of the Standing Committee of the National Assembly of the D.R.V., was then read. Tao Chu, Member of the Secretariat of the Central Committee of the Communist Party of China and Vice-Premier of the State Council, next delivered an important speech (for full text see p. 13). Other speakers at the rally were Tran Tu Binh, Ambassador of the D.R.V. to China; Tran Van Thanh, Head of the Permanent Mission of the South Vietnam National Front for Liberation to China; and Liu Ning-I, Member of the Central Committee of the Communist Party of China, Vice-Chairman of the Standing Committee of the National People's Congress and President of the All-



On Tien An Men Square: partial view of the capital's mass rally and demonstration of nearly one million people to aid Vietnam in resisting U.S. aggression

China Federation of Trade Unions (for full texts of speeches see pp. 16-20), who spoke on behalf of all mass organizations, democratic parties and non-party democrats. Chairman Chu Teh's message and the speeches were continuously punctuated by applause. The shouted slogans reverberated: "Salute the heroic Vietnamese people!" "People of the whole world, unite! Down with U.S. imperialism!" and "The people of the whole world will certainly win; U.S. imperialism will certainly be defeated!"

"Only heroes can quell tigers and leopards." The revolutionary spirit of the people soared high. The whole vast Square and its environs was like a storm-swept sea with clouds and waters raging.

After the rally, massed columns of people spread out from the Tien An Men Square and the Changan Boulevard in a gigantic demonstration that traversed the city by different routes. All Peking was astir with a strong militant spirit of aid to Vietnam in its resistance to U.S. aggression.

10 Million People on the Streets

In the three days, July 22-24, 10 million people in all parts of the country took to the streets in rallies and demonstrations. Spreading from Peking a flood of demonstrations swept to all parts of the country denouncing U.S. imperialism's expanding war of aggression against Vietnam and supporting the Vietnamese people's war of resistance against U.S. aggression to the very end.

In Shanghai 800,000 people demonstrated. They made it known that they will defy all risks to support the Vietnamese people to drive out the U.S. gangsters. Half the population in the city of Hoihow, which has 200,000 people, marched on the streets. In Nanning a mass rally of 300,000 people declared that Kwangsi

was the immediate rear area of Vietnam. A mass rally of over 200,000 people in Kunming showed that Yunnan which adjoins Vietnam is duty-bound to aid Vietnam against U.S. imperialism. The rally and demonstration of 500,000 people in Harbin declared that they would aid Vietnam in resisting U.S. aggression whatever the sacrifice. In Lhasa, nearly 50,000 people took part in rallies and demonstrations. They showed that the one million emancipated serfs in Tibet were determined to aid Vietnam in resisting U.S. aggression. The 200,000 demonstrators in Urumchi showed that the people of Sinkiang gave full support to their Vietnamese brothers. People taking part in rallies and demonstrations in other cities, big, medium or small, shared the same feelings of hatred for the enemy and they denounced U.S. imperialism's aggression against Vietnam. These nationwide demonstrations showed that Chairman Liu Shao-chi's statement — which declared that in order to support the Vietnamese people in winning thorough victory in the war of resistance against U.S. aggression the Chinese people were ready to undertake the greatest national sacrifices — expressed the unshakable will of the 700 million Chinese people. And the Chinese people are determined and prepared to do their utmost at any time and in any place to support the Vietnamese people's struggle against U.S. imperialist aggression and bury the most ferocious enemy of the peoples — U.S. imperialism.

The Chinese people armed with Mao Tse-tung's thought are most resolute and courageous. They are determined that whatever the risk or cost, they will firmly unite with the Vietnamese people and fight shoulder to shoulder with them until the fraternal Vietnamese people win complete victory in their struggle against U.S. aggression and for national salvation. The Vietnamese people will certainly win! U.S. imperialism will certainly be defeated!

At Peking Mass Rally

Vice-Premier Tao Chu's Speech

Following is the speech by Tao Chu, Member of the Secretariat of the Central Committee of the Communist Party of China and Vice-Premier of the State Council, at the Peking mass rally. — Ed.

Comrades and Friends,

At a time when U.S. imperialism is intensifying its aggression against Vietnam, President Ho Chi Minh, the great leader of the Vietnamese people, has promulgated the Partial Mobilization Order and issued an Appeal to the People of the Whole Country. President Ho Chi Minh calls on the 31 million Vietnamese people to unite as one, redouble their efforts, persevere in struggle, fear no hardships and thoroughly defeat the U.S. aggressors. This is a revolutionary action of great

importance taken by the Vietnamese people who are upholding proletarian internationalism and patriotism in their great struggle against U.S. aggression and for national salvation. The Chinese people give it the most resolute support. Chairman Liu Shao-chi's statement and Chairman Chu Teh's message to Chairman Truong Chinh which have just been read give expression to the firm determination of the 700 million Chinese people to aid Vietnam against U.S. aggression. On behalf of the Communist Party of China and the Chinese Government and people, I hereby wish to pay our highest tribute to the fraternal Vietnamese people who are in the midst of the fight.

U.S. imperialism is the sworn enemy of the Vietnamese people. It has been dreaming of perpetuating

00009
its forcible occupation of Vietnamese territory and enslaving the Vietnamese people. In order to realize this insensate ambition, the U.S. aggressor has resorted to the most barbarous methods of war, massacred hundreds of thousands of south Vietnamese people and destroyed innumerable Vietnamese cities and villages. Unable to win its war of aggression in the south, it has extended the flames of war to the north. The United States has now increased its aggressor troops in southern Vietnam to nearly 300,000, and its bombing of northern Vietnam has spread to Hanoi, the capital of the Democratic Republic of Vietnam. By its "war escalation," U.S. imperialism is vainly trying to compel the Vietnamese people to submit and surrender. President Ho Chi Minh's Appeal to the People of the Whole Country gives a most powerful answer to the U.S. imperialist policy of war blackmail.

President Ho Chi Minh has solemnly declared: The U.S. imperialists "may bring in 500,000 troops, one million or even more to step up the war of aggression in south Vietnam. They may use thousands of aircraft for intensified attacks against north Vietnam. But never will they be able to break the iron will of the heroic Vietnamese people to fight against U.S. aggression, for national salvation." "The war may last still 5, 10, 20 years or longer. Hanoi, Haiphong and other cities, and enterprises may be destroyed, but the Vietnamese people will not be intimidated! Nothing is more precious than independence and freedom." "When victory day comes," the Vietnamese people "will rebuild our country and endow it with bigger and more beautiful constructions."

President Ho Chi Minh has also solemnly declared: "Let the United States end its war of aggression in Vietnam, withdraw from this country all U.S. and satellite troops, and peace will return here at once." "The Vietnamese people cherish peace, genuine peace, peace in independence and freedom, not sham peace, an 'American peace.'"

These words of President Ho Chi Minh express the common determination of the 31 million Vietnamese people resolutely to defeat the U.S. aggressors and constitute a vow of sublime heroism on the part of the Vietnamese people. Truculent U.S. imperialism has been badly battered by the Vietnamese people and is now in a tight corner. Faced with the Vietnamese people who fear neither heaven nor earth and who are determined to carry on a prolonged war of resistance, U.S. imperialism can find no way of escape from its fate of inevitable defeat, however frantically it may still struggle.

Chairman Mao has said: "Historically, all reactionary forces on the verge of extinction invariably conduct a last desperate struggle against the revolutionary forces, and some revolutionaries are apt to be deluded for a time by this phenomenon of outward strength but inner weakness, failing to grasp the essential fact that the enemy is nearing extinction while they themselves are approaching victory." The bombing of Hanoi and Haiphong by the United States

is precisely an indication of its hopeless struggle. At this juncture, the Vietnamese people are afraid neither of having their pots and pans smashed nor of making heavy sacrifices, but are determined to fight U.S. imperialism to the end. This spirit which dares to struggle and dares to win victory will definitely play the decisive role in the complete defeat of the U.S. aggressors by the Vietnamese people and in the achievement of complete victory in their struggle against U.S. aggression and for national salvation.

The Soviet revisionist leading clique has all along been playing the role of number one accomplice in the U.S. imperialist expansion of the war of aggression against Vietnam. Particularly in the U.S. bombing of Hanoi and Haiphong in pursuance of its scheme of "forcing peace talks through bombing," the Soviet leading clique has made still greater efforts at co-ordination. While the people of the whole world are indignantly denouncing the barbarous U.S. bombing, a Soviet delegate has the impudence to declare cynically that U.S. bombing will not affect U.S.-Soviet collaboration and the attainment of a disarmament agreement. Furthermore, the Soviet revisionist leading clique has worked hard for a so-called detente in Europe and thus enabled U.S. imperialism to concentrate its forces on its aggression against Vietnam. This is co-ordination with and service to U.S. imperialism on the biggest scale.

Recently, before her departure on a visit to Moscow, the Indian Prime Minister put forward a so-called "peace" proposal for reconvening the Geneva conference. No sooner had the Indian Prime Minister left than the British Prime Minister hurriedly arrived. Moscow has become the centre for helping the United States in peddling its peace talks swindle.

The Soviet-Indian Joint Communiqué issued several days ago is itself an exposure of the services rendered to the U.S. imperialist scheme. Without in any way condemning the serious crimes of the United States in extending its aggression against Vietnam, this communiqué calls on "all governments to renounce the use of force," making no distinction between right and wrong. This is a futile attempt to force the 31 million Vietnamese people to lay down their arms and give up the war waged by the whole nation against aggression in the face of the intensified expansion of the war of aggression by the United States. To this the heroic Vietnamese people will never agree.

The communiqué states that the bombing of the Democratic Republic of Vietnam should be stopped immediately and that the solution of the problem of Vietnam can only be found within the framework of the Geneva agreements of 1954 on Indo-China. As everyone knows, the core of the Vietnam question at present is absolutely not a matter of merely stopping the bombing of the Democratic Republic of Vietnam. To lay one-sided stress on the stopping of bombing is precisely to cater to the needs of the U.S. imperialist policy of blackmail. The purpose of the U.S. bombing of northern Vietnam is to make people beg the United

States to show mercy, beg it to stop the bombing, and accept its terms for surrender. One is trying to "force peace talks through bombing," while the other is saying that peace talks can be held once bombing is stopped. This is a public performance of a duet with U.S. imperialism.

At the crucial and decisive moment of the Vietnamese people's war of resistance against U.S. aggression and for national salvation, certain persons have gone so far as to pick up the Geneva agreements at the instigation of the United States to serve U.S. imperialism. This is impermissible. It must be pointed out that U.S. imperialism long ago tore the Geneva agreements to shreds. The Geneva agreements met with boycott and sabotage from the United States at the very outset. It refused to sign the Geneva agreements and, moreover, took France's place in Vietnam and turned southern Vietnam into a U.S. base for aggression. Since then, the United States has broken the restrictions and limitations laid down in the Geneva agreements. In launching its war of aggression in southern Vietnam, U.S. imperialism has further broken these restrictions and limitations. Moreover, in bombing northern Vietnam, the United States has completely broken the line of demarcation between southern and northern Vietnam. Now the U.S. bombing of the capital of the Democratic Republic of Vietnam spells the final burial of the Geneva agreements and the total liquidation of all the restrictions and limitations laid down in the Geneva agreements.

In these circumstances, whoever still attempts to use the Geneva agreements to tie the hands of the Vietnamese people, the Chinese people and the revolutionary people of the world will never succeed!

In these circumstances, whatever actions the Vietnamese people, the Chinese people and the revolutionary people of the world may take in hitting back at the U.S. aggressors will be perfectly just and natural!

In these circumstances, the Chinese people have further ceased to be subject to any bounds and restrictions in their support and aid to the Vietnamese people.

Comrade Li Hsueh-feng's Opening Speech

Following is the opening speech by Li Hsueh-feng, Member of the Secretariat of the Central Committee of the Communist Party of China, First Secretary of the Peking Municipal Committee of the Party and Vice-Chairman of the Standing Committee of the National People's Congress, at the Peking mass rally.—Ed.

THE Rally of the People of All Circles of Peking in Support of the Vietnamese People's Struggle Against U.S. Aggression and for National Salvation is now declared open.

July 29, 1966

20561

The Chinese people have made up their minds and have made every preparation to take such actions at any time and in any place as the Chinese and Vietnamese peoples deem necessary for dealing joint blows at the U.S. aggressor.

The Geneva agreements are already non-existent. Speaking of the Geneva agreements under the present circumstances, it is imperative to demand that the United States unconditionally withdraw its armed forces from Vietnam immediately, totally, thoroughly and completely. Otherwise, this would mean allowing the United States to forcibly occupy Vietnam and enslave the Vietnamese people. This the heroic Vietnamese people absolutely cannot tolerate. A resounding reply has already been given in President Ho Chi Minh's statement.

Comrades and friends.

China and Vietnam are two socialist countries as closely related as lips and teeth, and our two peoples are brothers sharing weal and woe. The peoples of our two countries have forged a profound and militant friendship in their prolonged struggle against imperialism. In the face of U.S. imperialism, the common enemy of our two peoples, it is all the more impossible for any force on earth to divide us. The trend of historical development has determined our uniting, fighting and winning victory together.

The Vietnamese people have already won brilliant victories and will certainly win final victory. The 700 million Chinese people provide powerful backing for the Vietnamese people. The vast expanse of China's territory is the reliable rear area of the Vietnamese people. Whatever the risk and however heavy the price, the Chinese people are determined to give firm support to the Vietnamese people in carrying through their struggle against U.S. aggression and for national salvation till final victory.

U.S. aggressors, get out of Vietnam!

Long live the heroic Vietnamese people!

Long live the revolutionary friendship between the peoples of China and Vietnam!

Comrades and friends:

President Ho Chi Minh of the Democratic Republic of Vietnam issued an "Appeal to the People of the Whole Country" on July 17, solemnly declaring that the Vietnamese people, united as one man, are determined to thoroughly defeat U.S. imperialism despite all sacrifices and hardships. President Ho Chi Minh's words voice the sentiments of the 31 million Vietnamese people in their fight against U.S. aggression and for national salvation. They boost the fighting spirit of all the oppressed nations and peoples, and puncture the arrogance of U.S. imperialism.

18008

18008

In recent days, the people throughout Vietnam have been wholeheartedly responding to the clarion call of President Ho Chi Minh with boundless enthusiasm. This is a powerful reply to U.S. imperialism's wanton bombing of Hanoi and Haiphong and its attempt of "forcing peace talks through bombing." It also constitutes a severe blow to the revisionist leading clique of the Soviet Union — chief accomplice of U.S. imperialism — which has been promoting the "peace talks" intrigues of the United States with ever greater eagerness.

Workers, peasants, officers and men of the People's Liberation Army and the broad masses of China are imbued with the same hatred towards the enemy as

the Vietnamese people and share their weal and woe. We are holding this great rally today to voice our resolute support for the "Appeal to the People of the Whole Country" issued by President Ho Chi Minh, and to pay our high tribute to the fighting Vietnamese people. We reaffirm the 700 million Chinese people's pledge to back up the Vietnamese people and to give all-out support to their sacred cause against U.S. aggression and for national salvation till they achieve final victory.

The U.S. bandits must get out of Vietnam, everyone of them! If they refuse to withdraw, they will be completely wiped out!

D.R.V. Ambassador Tran Tu Binh's Speech

Respected and beloved Chairman Liu Shao-chi,
 Respected and beloved Premier Chou En-lai,
 Respected and beloved Chairman Chu Teh,
 Respected and beloved Vice-Chairman
 Soong Ching Ling,
 Respected and beloved Vice-Chairman Tung Pi-wu,
 Respected and beloved General Secretary
 Teng Hsiao-ping,
 Respected and beloved comrades and friends
 of the presidium,
 Respected and beloved Comrade Tran Van Thanh,
 Head of the Permanent Mission of the South
 Vietnam N.F.L. in China,
 Comrades and Friends:

On July 17, we Vietnamese people, filled with indignation over the new step in the war "escalation" by U.S. imperialism, and as victors, listened with rapt attention to the call of our respected and beloved leader President Ho Chi Minh. He called on compatriots and fighters throughout the country to unite as one man and resolutely defeat the U.S. aggressor-gangsters, whatever the sacrifices and hardships may be. His solemn and powerful call has evoked the patriotism, the flames of hatred and the revolutionary courage of the 31 million Vietnamese people, and has called upon us to march valiantly forward in this new intensive stage of our struggle against U.S. aggression and for national salvation.

Over a certain period of time, the U.S. imperialists have used an expeditionary corps of 300,000 men to carry out directly a sanguinary local war in the southern part of our country. They have conducted round-the-clock bombings and strafings in the northern part of our country with thousands of aircraft. U.S. imperialism has mobilized a very large portion of its military strength, and has resorted to every savage means of warfare and all sorts of deceptive swindles in a vain attempt to force the people of our whole country into submission. However neither its iron and steel, nor its barbarous means and deceptive schemes can save it from utter failure. It has already suffered

heavy defeats. The heroic army and people in the south have crushed U.S. imperialism's "dry season offensive" strategic plan and have emerged as victors in the first encounter of the local war. The army and people in the north, strong as a wall of iron, have brought about the shameful bankruptcy of the so-called "air supremacy" of U.S. imperialism. U.S. imperialism, like a cornered beast, is now desperately going in for new war adventures. It is further reinforcing its troops in the south. It has bombed the suburbs of Hanoi and Haiphong and is using its air force to frenziedly step up its war of destruction in various parts of the north. At the same time, it is loudly harping on its old tune of "peace talks." It has time and again stubbornly employed graver threats in a vain attempt to subdue the Vietnamese people.

In the new situation, we Vietnamese people are confronted with only two alternatives: either to submit to the threats of U.S. imperialism, or to advance from victory to victory, to thoroughly defeat the U.S. aggressor-gangsters and strive for final victory. In his appeal, President Ho Chi Minh has pointed out the correct way, that is, the Vietnamese people will never submit to U.S. imperialism and they are determined to concentrate all their efforts to defeat it. President Ho Chi Minh said: "Johnson and his clique should realize this: They may bring in 500,000 troops, one million or even more to step up the war of aggression in south Vietnam. They may use thousands of aircraft for intensified attacks against north Vietnam. But never will they be able to break the iron will of the heroic Vietnamese people to fight against U.S. aggression, for national salvation." "The war may last still 5, 10, 20 years or longer. Hanoi, Haiphong and other cities, and enterprises may be destroyed, but the Vietnamese people will not be intimidated! Nothing is more precious than independence and freedom. When victory day comes, our people will rebuild our country and endow it with bigger and more beautiful constructions." This is the right answer to ferocious U.S. imperialism which is at the end of its tether. This is

what the 31 million Vietnamese people think, feel and desire, and is also their attitude towards the new test.

The Vietnamese people's struggle to defend the north, liberate the south and reunify their fatherland is entirely just. No matter what despicable deceptions and slanders Lyndon Johnson and his kind may resort to, they can never deny that it is they who undermined the Geneva agreements, and it is they who sent troops to commit aggression against Vietnam. At present, U.S. imperialism is not reconciled to its defeat. It persists in its adventures in defiance of the opposition of the people of the world, including the American people. Hence, the only way for the Vietnamese people is to fight resolutely and answer the guns of injustice with the guns of justice, and, marching forward at the call of their wise leader President Ho Chi Minh, to firmly smash all schemes of new "escalation" and new aggression by U.S. imperialism. It is the unshakable will of the Vietnamese people to defeat U.S. imperialism, defend the north, liberate the south and reunify their fatherland in any circumstances. As a result of the great practice of the tests of war during the last ten years or more, the Vietnamese people already have the courage and the skill to deal blows to U.S. imperialism in a highly developed people's war. The flames of hatred burning in the heart of every Vietnamese will destroy the U.S. aggressor-gangsters. The Vietnamese people have won and are winning more victories in their struggle against U.S. aggression and for national salvation, and they will gain complete victory in the end.

U.S. imperialism has all along resorted to both intimidation and deception. They have deployed 800,000 U.S. and puppet troops, but failed to subjugate the Vietnamese people. They are now using bombs in an attempt to intimidate the Vietnamese people while harping on the deceptive "peace talks" tune. They are trying to force the Vietnamese people to come "to the conference table" for negotiations according to their absurd terms. However, the Vietnamese people have told them in no uncertain terms: **In the life-and-death struggle, it is definitely U.S. imperialism and not the Vietnamese people who will have to lay down its arms and surrender. Justice is completely on the side of the Vietnamese people. They are defeating the U.S. imperialists and they will never be cowed by the bombs of U.S. imperialism.**

As pointed out by President Ho Chi Minh: "Let the United States end its war of aggression in Vietnam, withdraw from this country all U.S. and satellite troops, and peace will return here at once. Vietnam's stand is clear: it is the four points of the Government of the Democratic Republic of Vietnam and the five points of the South Vietnam National Front for Liberation. There is no alternative!" "The Vietnamese people cherish peace, genuine peace, peace in independence and freedom, not sham peace, an 'American peace.'" So long as the Vietnamese people have not attained their basic and minimum objectives, namely, independence, reunification and territorial integrity,

they will never lay down their arms and they are determined to fight and fight to the end until not a shadow of an aggressor remains on their soil. All intimidations and deceptions on the part of the United States will meet with dismal failure. All the accomplices of the United States who are acting as brokers for its "peace talks" fraud, such as the British Prime Minister Wilson, the Japanese Prime Minister Sato, the renegade Tito and their kind, are doomed to ignominious failure. **The so-called "political solutions" that confuse the Vietnamese people, who are victims of aggression, with the aggressor — U.S. imperialism — or put them on the same footing will also meet with the strong opposition of the Vietnamese people.**

Comrades and friends,

The Vietnamese people have firm confidence in their just cause. The Vietnamese people are fighting not only for their own country but also for the fulfilment of their international duty towards other nations who are resisting U.S. imperialism. We are happy to see that our cause against U.S. aggression and for national salvation enjoys the ever stronger and ever greater sympathy, support and assistance from the people of the socialist countries, the oppressed nations and the peace-loving progressive people throughout the world. Since the United States started bombing Hanoi and Haiphong, frantically intensifying its war of aggression, a storm of angry protests against the Johnson Administration has arisen on the five continents, putting it in an extremely isolated and difficult position. On the other hand, the call by President Ho Chi Minh enjoys extensive sympathy from public opinion in all countries.

The Chinese people, the Chinese Government and the Communist Party of China have always been with us and have consistently and resolutely supported us. The forceful statement issued by the Chinese Government on July 3, the warm remarks made by Premier Chou En-lai on July 17, the recent mammoth rallies and demonstrations held all over the country under the slogan of "aiding Vietnam to resist U.S. aggression," especially today's gigantic rally and demonstration by more than one million people in the capital, Peking, as well as the very important statement by Chairman Liu Shao-chi just announced here, are all extremely valuable and powerful support to us Vietnamese people. The stern warning served by the powerful People's Republic of China, where a great cultural revolution is developing in breadth and depth, and by the 700 million Chinese people who are armed with Marxism-Leninism and Mao Tse-tung's thought constitute a telling blow to the U.S. imperialists' schemes to step up their war of aggression. The sympathy and support of the Chinese people, the Chinese Government and the Communist Party of China for the cause of the Vietnamese people against U.S. aggression and for national salvation is incomparably tremendous and permeated with the spirit of proletarian internationalism. On behalf of the Vietnamese people, the Government of the Democratic

Republic of Vietnam and the Vietnam Workers' Party, I take this opportunity to express once again our most sincere and deepest gratitude to the Chinese people, the Chinese Government, the Communist Party of China and the respected and beloved Chairman Mao Tse-tung. **The unity and friendship between Vietnam and China, which share weal and woe, is a fraternal and militant one. This militant unity and friendship will assuredly become ever more consolidated in the struggle of our two peoples against U.S. imperialism, the common enemy, and make U.S. imperialism ever more desperate and panic-stricken.**

Comrades and friends,

In every stage of the Vietnamese people's revolution, the call of the Party and President Ho Chi Minh has been the clarion call to battle, beckoning, mobilizing and guiding us on to victory. At present, the people of our whole country, with greater confidence and determination than ever before, are rising to respond enthusiastically to the sacred call of President Ho Chi Minh to fight against U.S. aggression and for national salvation. Millions of Vietnamese people in rallies and demonstrations have raised their voices and shouted: "Fight resolutely and resolutely defeat the

U.S. aggressors!" Hundreds of thousands of youth have signed up to join the army, and are ready at all times to go to the front, to any place where the fatherland needs them. The entire people of Vietnam are prepared to plunge into a new struggle to defeat their sworn enemy — U.S. imperialism. The U.S. imperialists are suffering and will continue to suffer telling blows. With justice on their side, with the unity of the entire people, from the south to the north, with an indomitable tradition and with the increasingly powerful support of the Chinese people, the people of the socialist countries and all the progressive people of the world, **the Vietnamese people will certainly fulfil their obligations to their fatherland and to the cause of all the peoples of the world against U.S. imperialism.**

The Vietnamese people will win!

U.S. imperialism will be defeated!

Long live the unbreakable, militant unity and friendship of the Vietnamese and Chinese peoples!

Long live the Communist Party of China!

Long live the Vietnam Workers' Party!

Long live Chairman Mao Tse-tung!

Long live President Ho Chi Minh!

Speech by Tran Van Thanh, Head of Permanent Mission of South Vietnam N.F.L. in China

Respected and beloved Chairman Liu Shao-chi,
Respected and beloved Premier Chou En-lai,
Respected and beloved Chairman Chu Teh,
Respected and beloved Vice-Chairman

Soong Ching Ling,

Respected and beloved Vice-Chairman Tung Pi-wu,
Respected and beloved General Secretary

Teng Hsiao-ping,

Respected and beloved friends of the presidium,
Respected and beloved Ambassador Tran Tu Binh,
Delegates and friends:

First of all, please allow us to convey the warmest greetings of militant solidarity from the south Vietnamese people to the delegates and friends attending this solemn rally.

At a time when the Vietnamese people are facing an extremely serious situation as a result of U.S. imperialism's policy of intensifying its war of aggression both in the southern and northern parts of Vietnam, the "Appeal to the People of the Whole Country," issued by President Ho Chi Minh on July 17, 1966, has a very great significance. It is a manifesto to save the country, a militant clarion call to mobilize the 31 million Vietnamese people to charge forward and wipe out the U.S. bandits and their lackeys, and a determined and resounding voice of justice. It is a most concentrated expression of the iron will of the entire Vietnamese

people never to be slaves but to resolutely accomplish the mission entrusted to them by their beloved country to liberate the south, defend the north and reunify the fatherland.

Delegates and friends,

In their protracted revolutionary struggle, the south Vietnamese people have always responded to the call of President Ho Chi Minh with brilliant victories. In 1945, the south Vietnamese people who had the honour to be known as "the iron wall of the fatherland" stood in the forefront of the war of resistance against French colonialism. Responding to President Ho Chi Minh's call proclaiming "we will sacrifice everything rather than be slaves," they rose to fight fierce battles against the French aggressor troops, and together with the people of the whole country contributed to the earth-shaking victory of Dien Bien Phu.

Since then, the south Vietnamese people have been consistently carrying out their pledge of saving the country, marching forward courageously, determined to defeat the U.S. aggressor-gangsters and their lackeys, and have achieved unparalleled brilliant victories which the entire Vietnamese people and their friends from the five continents greatly rejoiced over. They have crushed U.S. imperialism's neo-colonialist policy of enslavement, routed its "special warfare" and defeated the "dry season offensive" which was the first step in

20563

20563

the local war the United States launched in south Vietnam, thus landing it in a predicament and bringing it nearer and nearer to its doom. During the first half of 1966 alone, that is, precisely when the U.S. imperialists concentrated their troops to the maximum in an attempt to carry out the decisive part of their "dry season offensive" plan, the army and people of south Vietnam fought 9,000 battles, killed, wounded and captured nearly 112,000 enemy troops, including more than 47,000 U.S. aggressor troops and satellite troops; in other words, about one-fifth of the total figure of U.S. troops in south Vietnam, thus making the enemy suffer a most disastrous defeat. Along with the victories in the military field, the south Vietnamese people have energetically carried out political struggles in the countryside and the cities and brought about an extremely grave political crisis for the United States and its lackeys. At the beginning of July 1966, that is, after the U.S. bandits bombed the suburbs of Hanoi and Haiphong, the army and people of south Vietnam, with great indignation, dealt shattering blows to the U.S. bandits and their lackeys, firmly seeing to it that they pay their blood debt. Such blows include the repeated attacks on the enemy on Highway No. 13, the attack on the enemy's airfield at Can Tho and the recent attack on the U.S. marines at Quang Tri, etc.

The victories won by the army and people of south Vietnam have eloquently proved that the political and military lines pursued by the South Vietnam National Front for Liberation and the strategic and tactical guidance given by it are completely correct. We have won and are winning more victories. We will certainly defeat the aggressive political and military lines of U.S. imperialism and its strategy and tactics of local war. **The victories won by the army and people of south Vietnam have also proved that people's war is invincible; it can undoubtedly defeat the U.S. imperialist aggressors and their lackeys.**

Delegates and friends,

Although U.S. imperialism is trying every means to save itself from defeat by stepping up its preparations for dispatching more troops and sending more war materials into south Vietnam to further expand the war and by intensifying its bombing of the northern part of Vietnam and committing the most barbarous crimes which arouse the indignation of all people of good-will throughout the world; although U.S. imperialism has been incessantly clamouring sheer nonsense about "peace talks" and "unconditional discussions," etc., and directing its followers like Wilson, Sato, Tito, etc., to run about the world, peddling the U.S. "peace" fraud with the aim of covering up its crimes; although they have flagrantly bombed Hanoi and Haiphong in an attempt to exert "pressure" upon and force the Vietnamese people to come to the conference table and carry on talks in accordance with their absurd conditions; U.S. imperialism and its lackeys can intimidate and deceive no one. If U.S. imperialism really wants to settle the Vietnam question, it must accept the four-

point stand of the Government of the Democratic Republic of Vietnam and the five-part statement of the South Vietnam National Front for Liberation and prove its intention with concrete deeds. Apart from this, there is no other way out. As pointed out by the South Vietnam National Front for Liberation in its statement of March 22, 1965, "The south Vietnamese people and their armed forces are resolved never to relax their hold on their arms so long as they have not reached their goals: independence, democracy, peace and neutrality. The south Vietnamese people are determined to continue dealing hammering blows at the U.S. aggressors and their lackeys, and they will surely win final victory."

The south Vietnamese people are enthusiastically responding to the call of President Ho Chi Minh. Under the glorious banner of the South Vietnam National Front for Liberation, and with their hearts burning with deep hatred for the U.S. aggressor-gangsters and the traitorous lackeys, they will continue to take the offensive and fight most valiantly, dealing a hundred times or a thousand times heavier blows at the enemy. Together with the 17 million compatriots in the northern part of their beloved fatherland, they will do their utmost to carry out the call of the respected and dear leader of the Vietnamese nation — President Ho Chi Minh: "At this new juncture, we are at one in our determination to undergo any hardships and sacrifices, and to strive for the fulfilment of the glorious historic task of our people to defeat the U.S. aggressors! . . ."

Delegates and friends,

In their struggle against U.S. imperialism and for national salvation, the people of south Vietnam have received the most resolute, the most powerful and the most effective sympathy and support from the Chinese people, the Chinese Government and the Communist Party of China under the leadership of the respected and beloved Chairman Mao Tse-tung. The statement issued by Chairman Mao Tse-tung on August 29, 1963, the statement of the Chinese Government of July 3, 1966, and today's statement by Chairman Liu Shao-chi have unequivocally expressed the consistent and rock-firm stand of the great 700 million Chinese people, that is: resolutely support the struggle of the Vietnamese people against U.S. imperialism and for national salvation until their complete victory. This grand rally today, with the participation of more than one million Chinese people and imbued with a highly militant spirit, is one of the numerous concrete manifestations of the friendship between the Vietnamese people and the fraternal Chinese people who are united in struggle and pledged to live and die together. We people of south Vietnam know better than anyone else the incomparably great and most effective support given us by the Chinese people in our struggle.

Allow me once more to express here the heartfelt gratitude of the south Vietnamese people and the Central Committee of the South Vietnam National Front for Liberation to the Chinese people, the Chinese Government and the Chinese Communist Party.

Allow me also to take this opportunity to express our sincere thanks to the socialist countries and the progressive people of the world, including the American people, who have accorded valuable support and help to the just struggle of the south Vietnamese people which will surely be victorious.

Delegates and friends,

The people of south Vietnam firmly believe that, with the powerful strength of their nationwide unity in Vietnam, with their tradition of just, heroic and unyielding struggle, and with the ever-increasing sympathy and support of the socialist countries and

all the peoples of the world who love peace and uphold justice, they will finally win glorious victory. No matter how many more troops U.S. imperialism may send, be it half a million or more, no matter what kind of "new" strategy and tactics it may use and no matter what modern weapons it may resort to, nothing can save U.S. imperialism from its utter and ignominious defeat!

The Vietnamese people will triumph!

U.S. imperialism will be defeated!

Long live the indestructible militant unity between the Vietnamese and Chinese peoples!

Comrade Liu Ning-I's Speech

Following is the speech by Liu Ning-I, Member of the Central Committee of the Communist Party of China, Vice-Chairman of the Standing Committee of the National People's Congress and President of the All-China Federation of Trade Unions, on behalf of all mass organizations, democratic parties and non-party democrats at the Peking mass rally. — Ed.

Comrades and Friends:

At this grand rally in support of the Vietnamese people's struggle against U.S. aggression and for national salvation attended by one million people of all circles of Peking, I solemnly express on behalf of all mass organizations and all democratic parties and non-party democrats our wholehearted and resolute support for Chairman Liu Shao-chi's statement and Chairman Chu Teh's message to Truong Chinh, Chairman of the Standing Committee of the National Assembly of the D.R.V., made public today at this rally, which fully expressed the 700 million Chinese people's determination to aid Vietnam in resisting U.S. aggression! The "Appeal to the People of the Whole Country" of President Ho Chi Minh of the Democratic Republic of Vietnam and his order for partial mobilization of reserve officers and armymen, based on the decision of the Standing Committee of the National Assembly of the D.R.V., express the iron will of the Vietnamese people to carry through the struggle against U.S. aggression and for national salvation to the end. We express our great admiration for and pledge our firmest support to the Appeal and the order.

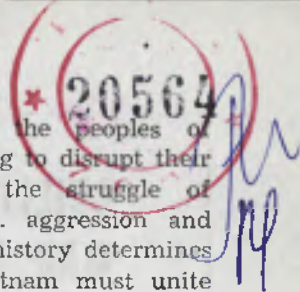
Of late, while reinforcing its aggressor troops in large numbers in the southern part of Vietnam, U.S. imperialism has attempted to intimidate the Vietnamese people into submission and force "peace talks" through the barbarous bombing of Hanoi and Haiphong. This is a sheer daydream! President Ho Chi Minh solemnly declared on July 17 that the U.S. imperialists "may bring in 500,000 troops, one million or even more to step up the war of aggression in south Vietnam. They may use thousands of aircraft for intensified attacks against north Vietnam. But never will

they be able to break the iron will of the heroic Vietnamese people to fight against U.S. aggression, for national salvation." "The Vietnamese people will not be intimidated! Nothing is more precious than independence and freedom." This majestic avowal on behalf of the 31 million people of Vietnam expresses the noble spirit of the whole heroic Vietnamese nation which is determined to fight and win. We warmly hail the iron will and determination of the Vietnamese people to fight against U.S. aggression and for national salvation.

As pointed out by Chairman Mao Tse-tung: imperialism and all reactionaries are paper tigers. Recently, U.S. imperialism has increased its forces of aggression in south Vietnam to nearly 300,000 men and stepped up its wanton bombings. Yet in spite of all this U.S. imperialism still meets with one defeat after another. The U.S. aggressors are sinking deeper and deeper in the vast ocean of people's war in Vietnam and more and more of their effective combat forces have been annihilated. More than 60,000 U.S. aggressor troops in south Vietnam were wiped out in the past year and a half, of which over 40,000 were put out of action in the first half of this year. More than 1,200 U.S. gangster planes have been downed in the north. Facts have proved that the larger the scale of the U.S. imperialist aggressive war against Vietnam, the more disastrous is its defeat. Chairman Mao tells us: "Make trouble, fail, make trouble again, fail again . . . till their doom; that is the logic of the imperialists and all reactionaries the world over in dealing with the people's cause, and they will never go against this logic." It is our firm conviction that, in the sea of flames of people's war, U.S. imperialism will surely be destroyed and the Vietnamese people emerge victorious.

The revisionist leading clique of the Soviet Union is playing the role of chief accomplice in the U.S. Government's criminal manoeuvres of "forcing peace talks through bombing." After the U.S. imperialist bombing of Hanoi and Haiphong, a spokesman of the U.S. State Department openly declared that the United States

20564



had informed in advance "various key interested governments," including the Soviet Union, of its decision to bomb Hanoi and Haiphong. Dean Rusk also openly demanded that the Soviet leading clique "get busy and start helping us [the United States] make some peace out there." And as a matter of fact, the Soviet leading clique did "get busy," and let Moscow serve as a black market for the U.S. type of peace fraud. The Soviet revisionist leading clique had the impudence to declare cynically that the U.S. bombing of Hanoi and Haiphong would not affect U.S.-Soviet collaboration and the reaching of an agreement on disarmament. The revisionist leading clique of the Soviet Union has never stopped trying to subordinate the question of Vietnam to U.S.-Soviet collaboration and has been working consistently in the interest of U.S. imperialism. All this invariably makes it a target of struggle by the anti-U.S. international united front. As facts have shown us, to oppose imperialism, we must oppose revisionism and, in the raging struggle against U.S. imperialism, we will never take any "united action" with the accomplice of U.S. imperialism.

China and Vietnam are neighbours as closely related as lips and teeth and are the dearest brothers. Our 700 million Chinese people are the most reliable comrades-in-arms and supporters of the Vietnamese people. The vast expanse of our country is the great and most effective rear for the Vietnamese people. No matter how hard the U.S. imperialists, the reactionaries of various countries and the modern revisionists, with the leadership of the Soviet Communist Party as their centre, try to undermine the relationship and

sow seeds of dissension between the peoples of Vietnam and China, vainly attempting to disrupt their militant friendship and sabotage the struggle of the Vietnamese people against U.S. aggression and for national salvation, the march of history determines that the peoples of China and Vietnam must unite together, fight together, and win victory together.

Acting firmly in accordance with the Chinese Government's statement of July 3 and Chairman Liu Shao-chi's statement of today, the Chinese people resolutely support the Vietnamese people in carrying through their struggle against U.S. aggression and for national salvation to the very end. Since U.S. imperialism has broken the bounds of war, we are freed from any bounds in our aid to Vietnam against U.S. aggression. In accordance with the interests and demands of the Vietnamese people, we will take such actions at any time and in any place as we deem necessary. We are the invincible people armed with Mao Tse-tung's thought, following the teachings of Chairman Mao: "Resolute and unafraid of sacrifice, we shall surmount every difficulty to win victory." No matter where U.S. imperialism may want to extend the war, and whatever the risk or cost may be, we are determined to stand by the fraternal Vietnamese people and support them in all fields in their just struggle against U.S. aggression and for national salvation, until they completely defeat the U.S. aggressors and win final victory.

U.S. imperialism, get out of Vietnam!

Long live the unbreakable militant friendship between the Chinese and Vietnamese peoples!

人民日报
RENMIN RIBAO

● Peoples of China and Vietnam Unite ● Together, Fight Together and Win Victory Together

CHAIRMAN Liu Shao-chi on July 22 issued, on behalf of the 700 million Chinese people, a solemn statement to the whole world most resolutely and most warmly supporting President Ho Chi Minh's Appeal to the People of the Whole Country of July 17. Also on July 22, one million people in the Chinese capital held a huge rally and demonstration. On July 23, more than five million people in 19 Chinese cities held meetings and demonstrations. A new hightide of assisting Vietnam to resist U.S. aggression has risen throughout the country. This is a fresh demonstration of the iron

will and firm resolve of the Chinese people to support the fraternal Vietnamese people.

By flagrantly perpetrating the monstrous crimes of bombing Hanoi, the capital, and Haiphong, the second largest city, of the Democratic Republic of Vietnam, U.S. imperialism has escalated its war of aggression against Vietnam to a new and graver stage.

U.S. imperialism is the most ferocious, barbarous and vicious imperialism in the world; at the same time it is a paper tiger, outwardly strong but inwardly weak. While suffering one dismal defeat after another

BRILLIANT VICTORIES OF THE VIETNAMESE PEOPLE IN THE WAR TO RESIST U.S. AGGRESSION AND SAVE THEIR COUNTRY

In the north, the armed forces and the people shot down more than **1,230** U.S. planes between August 5, 1964 and July 20, 1966

In the south, between 1961 and the first half of 1966, the people's armed forces killed, wounded or captured more than **500,000** enemy troops, including nearly **70,000** U.S. troops, and shot down or destroyed over **4,380** enemy planes

U.S. AGGRESSOR TROOPS: THE MORE THEY COME, THE GREATER THE DEATH TOLL

	Total Number of U.S. Aggressor Troops in Vietnam	Enemy Troops Killed, Wounded or Captured
1961	3,500	30
1963	16,000	982
1965	180,000	19,200
1966 Jan.- June	275,000	over 47,000 (including satellite troops)

in its war of aggression in Vietnam, U.S. imperialism has, on the one hand, frantically "escalated" the war and conducted war blackmail and, on the other, again invoked the Geneva agreements which it has long ago torn to shreds in order to spread the "peace talks" smokescreen and cast a bait. It fondly hopes that by this manoeuvre it could deceive world opinion, tie the hands of the Vietnamese people in persevering in their war effort to resist U.S. aggression and save their country, and tie the hands of the Chinese people and the revolutionary people of all other countries in extending assistance to the Vietnamese people.

This is a big U.S. imperialist swindle and conspiracy. It must be thoroughly exposed.

U.S. imperialism cannot save itself by clinging to this straw. The Geneva agreements are already non-existent. It is U.S. imperialism itself, and nobody else, that has torn the Geneva agreements to pieces.

Twelve years ago, when agreement was reached at the first Geneva Conference, U.S. imperialism refused to sign it. Soon afterwards it took the place of the French colonialists in south Vietnam and put up a puppet government under complete U.S. control. Since then the restrictions and limitations laid down in the Geneva agreements have in fact been broken.

Not long afterwards, U.S. imperialism launched a war of aggression in south Vietnam, massacred hundreds of thousands of Vietnamese people in cold blood and wrecked the Geneva agreements completely.

Since 1964 U.S. imperialism has spread the flames of its war of aggression from south Vietnam to north

Vietnam. This has further broken the line of demarcation between south and north Vietnam.

Recently, disregarding the repeated warnings of the Vietnamese people, the Chinese people and the other revolutionary people of the world, U.S. imperialism has gone further by flagrantly bombing the capital of the Democratic Republic of Vietnam. This spells the total liquidation of all the restrictions and limitations laid down in the Geneva agreements.

Facts are crystal clear that it is the United States itself which has torn the Geneva agreements to shreds and broken the boundaries of war. In such circumstances, it is the sacred right of the 31 million Vietnamese people to conduct their war of resistance against U.S. aggression and for national salvation in all forms they choose, and they absolutely will no longer be bound by any restrictions and limitations.

The Chinese people have always held that a conference table can never bring the oppressed nations a new world of independence and freedom, nor can an international agreement guarantee the oppressed nations a new life of liberation and happiness. The war flames of expanded U.S. imperialist aggression have already reduced the Geneva agreements to ashes. Under such circumstances, the Chinese people and all other revolutionary people of the world are naturally still less restricted and bound in their rendering of support and assistance to the Vietnamese people.

The Johnson Administration has recently talked much about U.S. readiness to settle the Vietnam question "on the basis of the Geneva agreements." Taking

"united action" with U.S. imperialism, the Soviet revisionist leading clique has staged a farce of "forcing peace talks through bombing." Mrs. Indira Gandhi of India, Harold Wilson of Britain, Eisaku Sato of Japan and Tito of Yugoslavia have all been active on the stage. What kind of a role have these persons played in U.S. imperialism's counter-revolutionary dual tactics and what function have they performed? The Vietnamese paper *Nhan Dan* correctly pointed out that "the persons who are catering to the wishes of the U.S. are not contributing to the solution of the Vietnam question but are making the question more complicated and therefore they are playing the role of gangsters' accomplices."

We have always denounced the national chauvinism and national egoism as practised by the Soviet revisionist leading clique. Their so-called aid to Vietnam is utterly sham, prompted by ulterior motives and designed to channel the Vietnam question into the orbit of "Soviet-U.S. collaboration for world domination." They are the No. 1 accomplices of U.S. imperialism and shameless renegades betraying the interests of the Vietnamese people.

China is a socialist country armed with Marxism-Leninism and Mao Tse-tung's thought. Proletarian internationalism is the supreme principle guiding our country's foreign policy. In order to aid and support the Vietnamese people in thoroughly defeating the U.S. aggressor, we are ready to undertake the greatest

national sacrifices. The Chinese people have made up their minds and have made every preparation to take such actions at any time and in any place as the Chinese and Vietnamese peoples deem necessary for dealing joint blows at the U.S. aggressor.

China and Vietnam are fraternal neighbours as closely related as lips and teeth. The course of history determines that the peoples of our two countries should unite, fight and win victory together. This solid unity based on proletarian internationalism is the surest guarantee for defeating the U.S. aggressor and it cannot be destroyed by anybody.

The Vietnamese people, who have a glorious tradition of and rich experience in anti-imperialist struggle, can be neither intimidated nor deceived. Neither the huge U.S. imperialist machine for mass slaughter nor its sugar-coated cannon ball of "peace talks" can break the iron will of the Vietnamese people.

President Ho Chi Minh's Appeal to the People of the Whole Country is a militant call to the 31 million Vietnamese people. In the face of such a heroic nation which is determined to undertake any sacrifice and fight a protracted war of resistance until complete victory is won, any mad struggle put up by U.S. imperialism will only hasten its own doom.

The U.S. aggressor forces must get out of Vietnam lock, stock and barrel! If they refuse to do so, wipe them out thoroughly and completely!

("Renmin Ribao" editorial, July 24.)

From the Masses, to the Masses

COMRADE Mao Tse-tung has said: "In all the practical work of our Party, all correct leadership is necessarily 'from the masses, to the masses.'" This also holds good for the work of the proletarian cultural revolution.

Wherever a unit has done its work well in the movement of the cultural revolution, that is because the leaders there, acting on the teachings of Comrade Mao Tse-tung, have marched in the van of the movement, boldly mobilized the masses, boldly encouraged them to put up big-character posters, air their opinions without reservation and hold great debates, and led them into the battle to sweep away all the monsters and demons.

Such good leaders have been able to serve first as the pupils of the masses before they serve as their teachers.

They have been able to listen, observe, and think a good deal and pay a good deal of attention to the views of the masses.

They have dared to "draw fire" on themselves by calling for exposure and criticism of their shortcomings and mistakes in their work.

They welcomed the big-character posters put up by the masses that expose and criticize them, and thus showed a fine communist style.

In this way, they have won the confidence of the masses, and, in their work, gained the initiative, the right to speak out and the right to lead; therefore they are able to guide the movement successfully.

But some other people occupying leading posts in their units have not been acting like this, but rather like the proverbial Lord Sheh who claimed to be fond of dragons but in fact was mortally afraid of them. They have talked about the mass line but they took fright as soon as the masses were really roused. They are afraid of this and that, fearing that they themselves will be caught by the revolutionary flames lit by the masses and that the masses will seize on their shortcomings and mistakes. In fact, as long as comrades who have committed ordinary mistakes dare to take their shortcomings and mistakes seriously, are sincere and earnest in their self-criticism, modestly accept the criticism of the masses, and show by deeds their determination and willingness to correct their mistakes;

the masses will understand and excuse them and will also welcome them doing so.

Then there are a handful of other people who have adopted the attitude of bureaucratic overlords towards the masses and placed themselves above the masses. They utterly refuse to listen to the opinions of the masses. When the masses put out a few big-character posters criticizing them, they could not bear it. They even sought various pretexts to suppress the mass movement and retaliate against the masses in revenge. Acting in this way, they cannot lead the cultural revolution and cannot muddle on like this. In consequence, the masses will discard them.

Comrade Mao Tse-tung has said: "Every one of our cadres, be his post high or low, is a servant of the people. Everything we do is in the service of the people."

It is absolutely impermissible for Communist Party members to take the attitude of bourgeois overlords towards the masses. The great proletarian cultural revolution is precisely a revolution against bourgeois overlords. If a Communist does not learn modestly from the masses but adopts the attitude of a bureaucrat towards them, in what sense is he a Communist? This is absolutely contrary to the Communist Party style of work, it is the Kuomintang style of work.

Back in Yen-an Comrade Mao Tse-tung said that it was necessary to distinguish between the Communist Party's style of work and that of the Kuomintang. Our Communist Party style is to have close links with the masses, learn from them and wholeheartedly serve the people, and, just as we wash our faces or sweep the floor every day, to undertake constant self-criticism of our own shortcomings and mistakes. The Kuomintang style is to divorce oneself from the masses, lord it over them and bully them.

Comrade Mao Tse-tung has said that Communist Party members absolutely cannot retain the Kuomintang style of work and preserve the dust of bureaucratism and warlordism.

The overwhelming majority of the Communist Party members are able to draw the distinction between the Communist Party style of work and the Kuomintang style of work. However, some are able to do so only at certain times and not at other times, or only on some questions and not on others. It is a most dangerous thing for a Communist Party member to be unable to see the line that divides the Communist Party style from that of the Kuomintang, for he will find himself standing on the wrong side of the line and in opposition to the revolutionary mass movement.

No revolutionary road is straight and smooth; it always has twists and turns and ups and downs. The great proletarian cultural revolution, such a great revolution that touches the people to their souls and such an extremely sharp, complex and deep-going class struggle, will inevitably have certain shortcomings and mistakes and certain twists in the course of this movement. The question is that we should spare no effort to do a still better job in leading the movement, ensure the movement to develop in a still healthier way, and strive to have fewer mistakes and twists.

Can the movement be led in a better way? Certainly it can. This calls for the thorough implementation of the Party's mass line put forward by Comrade Mao Tse-tung and the persistent carrying out of the line of boldly mobilizing the masses.

The great proletarian cultural revolution is developing with such speed and force that many people find themselves insufficiently prepared ideologically. Every Communist Party member must be tested in this great revolution, in the flame of the mass struggles. They must prove by their actions that they are the faithful servants of the masses, and that they really take Comrade Mao Tse-tung's teachings as the supreme guide in all their actions.

(*"Renmin Ribao"* editorial, July 21, 1966.)

Mao Tse-tung's Thought Generates a Great Material Force

Shanghai Workers Score Double Victory In Great Cultural Revolution and Industrial Production

RAISING high the great red banner of Mao Tse-tung's thought and valiantly marching forward, the broad masses of workers and staff members in Shanghai, China's largest industrial city, in the first half of this year, won a double victory in the great proletarian cultural revolution and in industrial production.

With a swiftly enhanced class consciousness and their revolutionary spirit soaring to new heights in the great proletarian cultural revolution, their spiritual forces have been transformed into a tremendous material force impelling forward the movement to increase production and practise economy, centring on improving

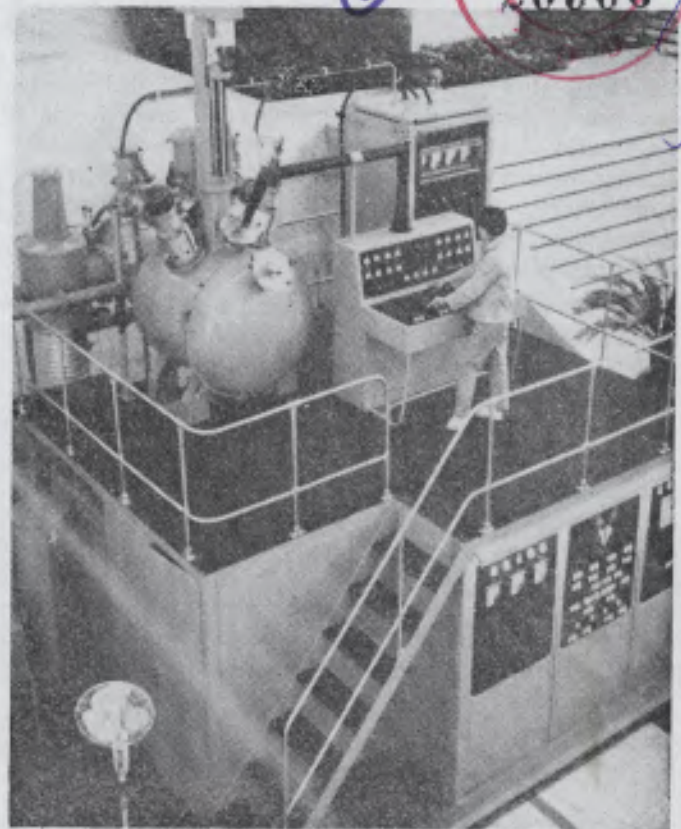
quality and increasing the range of goods, which is going deeper and developing still more healthily.

Great Cultural Revolution Gives Mighty Impetus To Industry

With a pen in one hand and a hammer in the other and high morale, the broad masses of workers and staff members are determined to use the invincible thought of Mao Tse-tung as their weapon in resolutely carrying through to the end the great proletarian cultural revolution which affects the destiny and future of our Party and our country as well as the destiny and future of the world revolution. At the same time, they are determined to develop production which concerns China's socialist construction, industrial and agricultural production and the people's livelihood in both the urban and rural areas. They are determined to do all they can to enable Shanghai, an old industrial base, to make still greater contributions to the country during the Third Five-Year Plan.

Shanghai's industrial situation was excellent in the first six months of 1966. By the end of June, showing a considerable increase over the same period of last year, the aggregate value of industrial output amounted to 51 per cent of the target for 1966. This rise in the city's industrial production was steady and sustained. The output of major products essential to the nation, such as steel, forgings and rolled stock, metal-cutting machine tools, three-wheeled motor vans, walking tractors, chemical fertilizers, insecticides, plastics, dyestuffs, cotton yarn, paper and cardboard, all increased considerably, some by more than 100 per cent. The standards of quality of the overwhelming majority of major products were maintained and, in some cases, showed further improvement compared with the last and best quarter of 1965. A number of important new products were developed. Greater profits were handed over to the state. Costs were curtailed, and excellent results were achieved in economizing coal, timber, electric power, metals and chemicals. All this is eloquent proof that revolution promotes production and a tremendous material force is generated once the masses of workers are imbued with Mao Tse-tung's thought through their creative study and application of his works. The great proletarian cultural revolution is swiftly and vigorously promoting the further revolutionization of workers and staff members and giving a powerful impetus to the leap forward of industrial production.

Ever since the beginning of this year, Shanghai workers and staff members have shown a stronger desire than ever before to study and apply Chairman Mao's works creatively; their enthusiasm has soared to an unprecedented height, and they have carried on their studies on a scale unknown in the past. In the great proletarian cultural revolution, they have been using Mao Tse-tung's thought as the sharpest and most powerful weapon for sweeping away all monsters, combating all representatives of the bourgeoisie, and dealing powerful blows at old ideologies, old culture, old customs and old habits. They have smashed the mental



Following Chairman Mao's teachings, Shanghai workers and staff members have emancipated their minds, discarded outworn ideas and beliefs, and succeeded recently in building an electron beam furnace which is up to the world technological standards of the 1960s.

shackles that once held the masses' revolutionary enthusiasm in check. All ill winds and evil trends received a crushing blow, and a revolutionary spirit prevailed. All this has become an immense force impelling production forward. Among the major new products developed are many that are up to the world technological standards of the 1960s. Solutions were found to a number of long-standing problems affecting quality. More new technological processes, materials, techniques, equipment and designs have been applied in production than ever before and the time taken to put them into operation has been shortened. Certain long-standing problems that concern the vital interests of the masses have been solved in a matter of days. Blossoming out in the great proletarian cultural revolution, the tremendous revolutionary spirit of the masses of workers and staff members armed with Mao Tse-tung's thought is rapidly changing the features of industrial production in Shanghai. Workers and staff members are capable of creating every necessary prerequisite, surmounting every conceivable difficulty and doing everything well.

A conceited, do-nothing attitude with regard to improving quality and developing new products came under heavy fire. The overwhelming proportion of Shanghai's industrial products are now up to or surpass the stipulated quality standards. Since the beginning of this year, workers and staff members of many fac-

33309

tories have been setting themselves still stricter standards and aiming at still higher goals. They have been constantly studying where they lagged behind domestic and world levels, users' requirements and the latest results of scientific research. Recently the quality of such important products as 25,000 kw. turbo-generators, electronic potentiometers, motors for sedans, submersible electric pumps for farm use, dimethoate and fibre boards has risen to a new, higher level.

When certain paper, rubber and textile mills were unfavourably affected by changes in raw materials supply, their workers and staff members studied Chairman Mao's essay *On Contradiction* and his exposition there of the transformation of the two aspects of a contradiction into their opposites. With this, they set out to turn unfavourable factors into favourable ones. In this spirit, regarding raw materials of poorer quality as offering an excellent opportunity for improving their techniques, they instituted an energetic search to discover the laws governing production with new raw materials. Within a fairly short period, they overcame the difficulties involved and succeeded in producing up-to-standard products from lower-grade raw materials.

Developing Technology According to Mao Tse-tung's Thought

In the current great proletarian cultural revolution, the broad masses of workers and staff members, using Mao Tse-tung's thought as their weapon, have shattered the arrogance of the bourgeois technical "specialists" and "authorities" and deprived them of their power. Their revolutionary initiative and revolutionary spirit of daring to compete with the best in world technology have been brought into still fuller play, and they have become more confident than ever in their ability to catch up with and surpass all the most advanced scientific and technological levels. An analysis of 264 new products developed by 58 machine-building plants and power equipment and meter and instrument works shows that over 90 per cent of these items are either original designs or have many novel features incorporated in them. This is a far greater percentage than that achieved last year. It testifies to the fact that the Shanghai working class, armed with the great Mao Tse-tung's thought, are true, thorough-going revolutionaries who are fearless in daring to destroy the old and create the new. They have ended the situation in which bourgeois technical "authorities" and "specialists" dominated the field of science and technology, and they are in the van in scaling the heights of world technology. By their own practice they have opened up a broad road for developing technology in accordance with Mao Tse-tung's thought.

The workers have done things which bourgeois technical "specialists" lacked the courage to do and have achieved what bourgeois technical "authorities" failed to achieve. Having dethroned the bourgeois technical "authorities" and "specialists," the young technicians and workers themselves have taken over their burdens of responsibility. More and more work-

ers have been taking a direct part in product designing. Some factories have invited workers to become spare-time designers and others have transferred production workers to designing teams. These new worker-designers, bearing in mind the trust reposed in them by their class and full of working-class feeling, have studied extracts of Chairman Mao's works and his philosophical works *On Practice* and *On Contradiction* again and again. Using Mao Tse-tung's thought as their weapon, they have toppled foreign dogmas and stereotypes, and been persistent in practice and in scientific experiments. As a result, the new products they have designed are distinctively Chinese in character. This year the Shanghai Oil Refinery has been assigned to develop 36 types of new products, 26 of which had already been developed in the first six months of the year.

Running Industry According to Mao Tse-tung's Thought

Industrial enterprises in Shanghai, during the great proletarian cultural revolution, have become more resolute in following the line of running industry in accordance with Mao Tse-tung's thought. In the first half of 1966, workers and staff members were more conscientious than ever before in firmly putting Mao Tse-tung's thought in command, and giving top priority to the needs of the nation and the people. Workers and staff members in some enterprises have begun to criticize and repudiate the whole set of reactionary, revisionist fallacies advocated by Sun Yeh-fang and company* of putting profits and money in command. In this way they have become more clear-sighted. Since the beginning of this year, the broad masses of workers and staff members have, more conscientiously than ever before, adhered to the principle of giving first importance to quality and seeking greater, faster, and more economical results on that basis. They are deeply convinced that whether or not an enterprise upholds the principle of giving first importance to quality is an important indication whether it is run according to socialist or capitalist ideas of industrial management, and that this represents a sharp struggle between two roads of running industry—according to Mao Tse-tung's thought or according to bourgeois ideas. The principle of giving first importance to quality must be adhered to at all times. Good quality means the greatest economy. When quality and variety come into conflict with quantity and a choice has to be made one way or the other, first consideration should go to quality and variety. When quality and variety conflict with economy, the latter must yield to the former. In managing production every enterprise must start from the needs of the nation and the people, constantly develop its own potential, energetically increase the output of those major products essential to the nation, and work to complete those key projects designed to catch up with and surpass advanced levels.

* See "Long Live the Great Proletarian Cultural Revolution," *Peking Review*, 1966, No. 25, p. 9.

Shanghai is, at the present time, on the crest of a high tide in the great proletarian cultural revolution. It is witnessing a new upsurge in industrial production. All indications are that in order to press the great proletarian cultural revolution through to the end and to carry the new industrial high tide to a new crest, the key lies in further creative study and application of Chairman Mao's works. In the course of the class struggle, the struggle for production and scientific experiment, the broad masses of workers and staff members have come to understand in an ever more profound way that Mao Tse-tung's thought is the acme of Marxism-Leninism in the present era; it is living Marxism-Leninism at its highest; it reflects the objective laws of the domestic and international class struggle; and it reflects the fundamental interests of the proletariat, of the working people. They declare that by conscientiously studying Chairman Mao's works, following his teachings and acting in accordance with his instructions, one can see and think clearly, follow a correct direction, stand firm, become wise and courageous, capable of surmounting every difficulty and daring to scale every height, constantly improve one's work and win one victory after another in one's struggles.

The Shanghai Municipal Committee of the Chinese Communist Party recently issued a directive to leaderships at various levels on the city's industrial front, instructing them to take advantage of the tremendous influence of the current great proletarian cultural rev-

olution, grasp class struggle as the key link, use the great proletarian cultural revolution as a great motive force impelling production and work in every field forward, lead the struggle for production boldly, and conscientiously run production well. In production, first importance must be given to quality and variety, efforts should be made to fulfil the key tasks assigned the city by the state, and special attention should be paid to scientific research and the designing and trial manufacture of new products. The greater the enthusiasm of the masses of workers and staff members, the more should cadres be concerned with their well-being; attention should be paid to a proper alternation of work and rest; and all-out efforts should be made to fulfil in an all-round way and overfulfil the tasks assigned Shanghai by the state.

Workers and staff members on Shanghai's industrial front are displaying ever greater drive and enthusiasm. In accordance with the directive of the municipal Party committee, leading cadres of many departments and enterprises, with confidence in and relying on the masses, have further strengthened their leadership. Workers and staff members are determined to raise the great red banner of Mao Tse-tung's thought still higher, and, under the leadership of the Party organizations at the various levels, gain brilliant successes in the great proletarian cultural revolution, in the struggle for production and in scientific experiment.

Liu Ying-chun—Great Communist Fighter Armed With Mao Tse-tung's Thought

**"To find men truly great and noble-hearted
We must look here in the present."**

—From Chairman Mao's poem "Snow"

SINCE mid July the nation's leading newspapers have carried news and reports about Liu Ying-chun, a soldier of an artillery company in one of the Chinese People's Liberation Army units under the Shenyang command, who heroically laid down his life in protecting the people's safety.

Liu Ying-chun is another hero of Ouyang Hai's type who has emerged from the ranks of the P.L.A. In life, he had a boundless love for the Party and Chairman Mao; he creatively studied and applied the works of Chairman Mao; he was an activist in propagating Mao Tse-tung's thought; he bravely defended it, and was a model in taking the writings of Chairman Mao as his supreme guide. People hail him as "a fine soldier educated by Chairman Mao." The people of Kiamusze, where he laid down his life, speak of him as "a Lei Feng, a Wang Chieh, whose heroism we ourselves witnessed."

March 15 this year saw the northeastern city of Kiamusze, Heilungkiang Province, in the grip of icy winter. That morning, as 21-year-old Liu Ying-chun and his comrades were driving three gun-carriages along a highway through the suburbs on a training mission, Liu Ying-chun's shaft horse was startled by the horn of a bus at a nearby stop. It panicked, bolted, turned back and ran. People were coming and going on the street; children were on their way to school and workers were on their way to work. Liu Ying-chun, with great presence of mind, shouldered the frightened horse into a side road to prevent it from running into the people on the road. The horse careened down the snow-lined road with Liu Ying-chun hanging on to the reins. He was virtually being dragged along the slippery road. People shouted to him to let go the reins, but Liu Ying-chun, seeing a group of six children standing frozen with fear a little way further down the road, shouted back: "I can't!" The children were in mortal danger. People saw Liu Ying-chun wind the reins about his arm and pull with all his might. The horse reared. Utterly disregarding his own danger,

73309
Liu Ying-chun grasped the shaft of the gun-carriage and gave the horse's hind legs a vigorous kick. The horse fell. The carriage overturned on top of Liu Ying-chun. The six children were unharmed but Liu Ying-chun was seriously injured.

Yang Shu-min, woman head of a local residents' committee, and other bystanders who witnessed this act of heroism were deeply moved. They rushed to his side and hurried him to the nearest hospital. People who had been waiting for buses, workers going to work and children going to school all forgot to go on their way; they gathered outside the hospital filled with concern. They asked: "Who is he?" "What is his name?" Yang Shu-min replied with tears in her eyes: "He is our brother!"

Hundreds of citizens and soldiers stood waiting outside the hospital. They volunteered to donate blood to save this hero. They said: "He must be saved!"

Inside the operating room, a tense battle was being fought for the life of Liu Ying-chun. Ambulances from other hospitals hurried over with plasma, oxygen and medicines. More than thirty leading comrades and doctors from other Kiamusze hospitals quickly arrived one after the other. For three hours and more they did all they could for Liu Ying-chun. But his injuries were too grave. He was beyond saving. The crowds outside refused to leave when they heard the news. Surgeon Chu Yun-sheng continued feeling for the beat of Liu Ying-chun's pulse. "Such a hero cannot die," he said with emotion.

Son of Poor Peasants

Liu Ying-chun was the son of a poor peasant family living on the outskirts of Changchun city in neighbouring Kirin Province. Animated with a deep hatred of the class enemy and a great determination to defend the motherland, he joined the P.L.A. in the summer of 1962, at the time when the Chiang Kai-shek brigands were making a raucous clamour about invading the mainland. His love for the Communist Party and Chairman Mao and for socialism was unbounded. In the army, he worked hard and conscientiously to study and apply Chairman Mao's works creatively. Nurtured on Mao Tse-tung's thought he acquired the proletarian world outlook expressed in the words: "Revolution calls for struggle and struggle is happiness" and "living for the revolution and dying for the revolution."

He was a model in taking Chairman Mao's writings as the supreme guide in all he did. He actively propagated Mao Tse-tung's thought and expanded the positions held by Mao Tse-tung's thought. He bravely defended it and struggled resolutely against all words



Liu Ying-chun — good soldier of Chairman Mao

and actions contrary to it. He took Lei Feng and Wang Chieh as his models and whatever Chairman Mao said, he did. He served the people heart and soul. He once wrote in a letter: "Whether a man lives a long or a short life, if he dies for the Party's magnificent cause of communism, he dies with infinite glory, he dies worthily. If Lei Feng could do it, so can I. Believe me I can. I repeat a hundred times over, I can." He dearly loved the people and performed many services for the local workers and residents. There was a deep class feeling in his relations with the masses, but very few whom he helped knew his name, until his portrait appeared in the papers after his death. The people loved this hero from the bottom of their hearts and said of him: "He really served the people wholeheartedly." "He really filled his mind with Mao Tse-tung's thought and engraved it in his heart."

Homage to a Hero

After his death, a great memorial meeting was held, attended by all sections of the people of the Hokiang area and Kiamusze city. Representatives of the people of Kiamusze called on the mother of the hero,



These are the six workers' children of Kiamusze whom Liu Ying-chun saved at the cost of his own life

The Nation Emulates Liu Ying-chun

DURING the past fortnight, calls to learn from Liu Ying-chun have gone out to the nation's workers, peasants, P.L.A. fighters and people on all fronts from the General Political Department of the Chinese People's Liberation Army, the Northeast China, East China Bureaux and other bureaux of the Central Committee of the Chinese Communist Party, the political departments of industry and transport, agriculture and forestry, finance and trade and other fields under the Party's Central Committee, and a number of government and people's organizations. The nation's press has published editorials and devoted much space to reports on Liu Ying-chun's life and activities.

In its directive, the P.L.A.'s General Political Department pointed out that Liu Ying-chun is another hero of the Ouyang Hai type from the P.L.A., another great communist fighter of our time like Lei Feng and Wang Chieh. He had answered with practical action the call to take Chairman Mao's works as the supreme guide. His outstanding characteristics were that he had diligently studied this supreme guide, faithfully carried it out, enthusiastically propagated it and courageously defended it.

The directive called on the entire P.L.A. to learn from Liu Ying-chun's loyalty to the Party, to the people, to Chairman Mao and to Mao Tse-tung's thought, his conscientious and creative study and application of Chairman Mao's works, putting particular stress on application, his study and application of them in the course of struggle, and the way he took the dissemination and carrying out of Mao Tse-tung's thought as a work to be carried on throughout his whole lifetime. The directive urged that, like Liu Ying-chun, comrades of the entire army must truly take Chairman Mao's works as the supreme guide in all their activities.

Sung Jen-chiung, First Secretary of the Northeast China Bureau of the Party's Central Committee,

in an article published in the press wrote that Liu Ying-chun concentrated in himself the sterling qualities of a proletarian revolutionary fighter. No "hero" of any past age could compare with him. The most important, the basic reason for his rapid maturing lies in the fact that he was nurtured on Mao Tse-tung's thought. This is also the inevitable road along which all heroes of today grow to be what they are. Sung Jen-chiung called on "all trades and professions to turn themselves into huge schools for learning Mao Tse-tung's thought, so as to train tens of thousands of successors for the proletarian revolution and bring up a new, communist generation of people like Liu Ying-chun. Here lies the hope of the Chinese revolution, and of the world revolution."

Other calls stressed that learning from Liu Ying-chun must find expression in bringing to a new peak the mass movement to creatively study and apply Chairman Mao's works and in carrying through to the end the current great proletarian cultural revolution.

Swiftly answering these calls, the movement to learn from Liu Ying-chun is sweeping forward to a high tide throughout the country. In Kiamusze and Changchun, great commemorative meetings were held, each attended by some 10,000 people. Inspired by the deepest love and respect, fighters of the P.L.A.'s three services, factory workers and commune peasants everywhere have studied Liu Ying-chun's exploits. Discussions and meetings were organized. Numerous poems, songs and works of art were created. Press and radio have printed and broadcast a flood of letters and other contributions about the young hero.

China's millions are inspired by the resounding slogan: "To do as Liu Ying-chun did: take Chairman Mao's works as the supreme guide, study it, carry it out, propagate it and defend it and be a good soldier and a good student of Chairman Mao."

Chu Hsiu-lan, who had come for the meeting, to ask her permission to have Liu Ying-chun buried in Kiamusze. "Your son Liu Ying-chun was also our son, the son of the 300,000 people of Kiamusze. He gave his life for us. We will always remember him and learn from him. Please let us keep him, and let his red heart be for ever with us 300,000 people of Kiamusze," they said. The hero's mother replied: "My boy joined the army to protect the motherland, and it was I who sent him to join. Now that the people of Kiamusze need him, I shall leave him with you."

During the annual occasion in April when homage is traditionally paid to the dead, close to 10,000 people visited Liu Ying-chun's grave. Among them were many groups of Young Pioneers and Communist Youth League members. They solemnly took an oath

at the grave to do as Liu Ying-chun did: study Chairman Mao's works, follow his teachings, act in accordance with his instructions, and be good soldiers of Chairman Mao.

A pine tree, surrounded by a bed of flowers shaped like a five-pointed star, has been planted at the spot where he laid down his life. People, young and old, come to water and tend the flowers.

The Party committee of the unit in which Liu Ying-chun served has taken the decision to fulfil a wish he expressed before his death: It has accepted him, posthumously, as a full member of the Chinese Communist Party. It has posthumously conferred on him a citation for meritorious service, first class, and has also called upon all cadres and fighters of the unit to learn from his example.

Study the Supreme Guide, Carry It Out, Propagate It and Defend It

— Learning From Chairman Mao's Good Soldier
 Comrade Liu Ying-chun

COMRADE Liu Ying-chun, a soldier in an artillery company in one of the Chinese People's Liberation Army units under the Shenyang command, heroically sacrificed his own life to protect the lives of the people. He was another hero of the Ouyang Hai type of the People's Liberation Army, another great communist fighter of our time like Lei Feng and Wang Chieh.

Comrade Liu Ying-chun was the son of a poor peasant family. Like millions of young people in our country who come from working class and poor and lower-middle peasant families, his love for our great Party and our great leader Chairman Mao Tse-tung was unbounded. After he enlisted in the army, he creatively studied and applied Chairman Mao's works in enthusiastic response to the call of the Military Commission of the Central Committee of the Chinese Communist Party and Comrade Lin Piao. Nurtured on Mao Tse-tung's thought, he rapidly matured in the process of being tempered in the revolutionary struggle. By the heroic sacrifice of his life Comrade Liu Ying-chun provided fresh proof that people armed with Mao Tse-tung's thought possess the loftiest ideological qualities and are able to stand the severest tests.

Comrade Liu Ying-chun truly took Chairman Mao's works as his supreme guide. He energetically studied this supreme guide, faithfully carried it out, enthusiastically propagated it and courageously defended it. This is what is most worth learning from Comrade Liu Ying-chun.

Chairman Mao has taught us: Never forget the class struggle. Comrade Liu Ying-chun firmly remembered this instruction. Study of Chairman Mao's works, he said, "enables me to understand who are our enemies and who are our friends — a question of the first importance for the revolution. It also enables me to understand the class struggle, the proletarian revolution, the dictatorship of the proletariat, and communism." Important events in the class struggle both at home and abroad were of deep concern to him. He was keenly vigilant and ever on guard against armed aggression by imperialism and schemes of "peaceful

evolution" hatched by class enemies either at home or abroad. He maintained a firm stand, drew a clear distinction between what he loved and what he hated, cherished the sentiments of a class brother for his comrades and the people and had an inveterate hatred for the enemy.

Classes and class struggle, the proletarian revolution and the dictatorship of the proletariat are the core of Marxism-Leninism, of Mao Tse-tung's thought. Practice shows that without the concept of class struggle it is impossible to make a clear assessment of the political situation, understand and implement the Party's policies correctly, distinguish between ourselves and the enemy and between right and wrong, and serve the people wholeheartedly. Without the concept of class struggle, one will lose one's political orientation, become muddle-headed, develop Right deviationist ideas, and commit big mistakes. The reason why Comrade Liu Ying-chun became such a good soldier of Chairman Mao was, first of all, because he armed himself with Chairman Mao's thinking on classes and class struggle.

Chairman Mao has taught us that one should remould oneself by employing the weapon of self-criticism and the method of hard study so as to fit oneself for the needs of the Party and the revolution. Comrade Liu Ying-chun resolutely followed this directive. In studying Chairman Mao's works he firmly grasped the task of remoulding his world outlook. Over and over again he studied the three widely read articles by Chairman Mao ["Serve the People," "In Memory of Norman Bethune" and "The Foolish Old Man Who Removed the Mountains" — Tr.] and "Combat Liberalism," constantly used them as criteria for comparing with and examining himself, and waged the struggle to promote proletarian ideology and eradicate bourgeois ideology in his own mind. His diary is full of self-criticism and is a record of consciously carrying on self-revolution and self-remoulding under the guidance of Mao Tse-tung's thought. He applied whatever he learnt and was bold in practice. He devoted almost all his spare time to doing many good deeds for the company and the masses of the people. In doing these

20569

things he never let his name be known. He neither told the leadership nor his comrades nor wrote them down in his diary. He wrote in his diary: "To die for the people is heavier than Mount Tai, to live for the people is also heavier than Mount Tai." He integrated the lofty ideal of fighting for the cause of communism with the practice of doing whatever useful things for the people in a down-to-earth manner. He continuously enhanced his class consciousness in the concrete practice of serving the people, and gradually built up in himself the proletarian world outlook which was expressed in the ideal of "living for the revolution and dying for the revolution" and in the words "revolution calls for struggle and struggle is happiness," and which called for him to become a revolutionary both at home and on the international plane.

The study of Chairman Mao's works must solve the basic question of one's world outlook. If we want to become genuine Communist Party members and genuine proletarian revolutionary fighters, we must, like Comrade Liu Ying-chun, take Mao Tse-tung's thought as our compass, employ the weapon of self-criticism, and consciously wage the struggle to promote proletarian ideology and eradicate bourgeois ideology. We must take part in revolutionary practice and steel and remould ourselves in the tempest of hard work and class struggle.

Chairman Mao taught us: Politics is the commander and the soul, and political work is the lifeline of the Chinese People's Liberation Army. Comrade Liu Ying-chun resolutely acted according to this instruction. He showed great concern for the development of political and ideological work in his company, made frequent suggestions to the leadership, and did a great deal of political and ideological work on his own initiative. In 1964 when certain people were affected by a purely military viewpoint and showed a tendency to neglect politics, he unswervingly put study of Chairman Mao's works at the head of all work and persisted in the "four firsts"* direction. In promoting cultural activities in his company, he consciously implemented the line mapped out by Chairman Mao—the line of literature and art serving proletarian politics. In his company, he was in the van on the ideological and cultural fronts.

No matter what a comrade's post is, so long as he, like Comrade Liu Ying-chun, can really take Chairman Mao's writings as the supreme guide in all his work and the supreme criteria in distinguishing right from wrong, he will be able to stand on a vantage point and have a far-sighted view, give prominence to proletarian politics under all circumstances and never lose his bearings.

* The "four firsts" are: First place must be given to man in handling the relationship between man and weapons; to political work in handling the relationship between political and other work; to ideological work in relation to other aspects of political work; and, in ideological work, to the ideas currently in a person's mind as distinguished from ideas in books. — Tr.

July 29, 1966

20569
Comrade Liu Ying-chun not only conscientiously studied Mao Tse-tung's thought and acted accordingly, but he also actively propagated it. He propagated Mao Tse-tung's thought in his company and among the masses of the people. The more he came to the understanding, from his own experience, that the revolution could not do without Mao Tse-tung's thought, the more earnestly he hoped that more and more people would master Mao Tse-tung's thought. He took dissemination of Mao Tse-tung's thought as a work to be carried on throughout his whole lifetime.

What our class enemies at home and abroad fear most is Mao Tse-tung's thought, and they seek every means to attack and slander it. The dissemination of Mao Tse-tung's thought will inevitably come up against their stubborn resistance and opposition. Every expansion of the positions held by Mao Tse-tung's thought will inevitably involve a sharp struggle. Comrade Liu Ying-chun maintained the vigilance befitting a proletarian revolutionary fighter against absurd views opposing the Party, socialism and Mao Tse-tung's thought. Once he detected them, he put up an active fight and counter-attacked resolutely. He was a fighter who courageously defended Mao Tse-tung's thought.

Such was Comrade Liu Ying-chun: a man who had unbounded love for and infinite faith in Mao Tse-tung's thought, who resolutely carried out and resolutely defended Mao Tse-tung's thought.

The great proletarian cultural revolution is in full swing in China today. This is an extremely sharp and complex class struggle, a life-and-death struggle between the bourgeoisie working for a come-back and the proletariat fighting to prevent this. It is a fierce and protracted struggle between the proletariat and the bourgeoisie in the ideological field on the question of who will win. Every one of our cadres and fighters must take an active part in this struggle, thoroughly smash the attacks of the bourgeoisie, and resolutely defend the socialist system, the dictatorship of the proletariat and Mao Tse-tung's thought. Like Comrade Liu Ying-chun, we must remain for ever loyal to the Party, loyal to the people, loyal to Chairman Mao and loyal to Mao Tse-tung's thought.

Comrade Lin Piao has called on us to continue to give prominence to politics, study and apply Chairman Mao's works creatively, pay special attention to application, and take Chairman Mao's writings as the supreme guide in all the work of the People's Liberation Army. Learning from Comrade Liu Ying-chun is of great significance in implementing this directive. Giving prominence to politics must find its expression in greatly strengthening education in Mao Tse-tung's thought, energetically grasping the ideas currently in a person's mind, and train tens of thousands of good soldiers of Chairman Mao—soldiers like Lei Feng, Ouyang Hai, Wang Chieh, Mai Hsien-teh and Liu Ying-chun.

("Jiefangjun Bao" [Liberation Army Daily] editorial, July 13, 1966.)

31

Peking Physics Colloquium Opens

PROPOSED by the 1964 Peking Symposium, the 1966 Summer Physics Colloquium formally opened here on July 23. Up to the evening of its opening, delegations of scientists and scientists from 32 countries and a regional academic institute had arrived to attend this international meeting of great significance in the history of scientific development in Asia, Africa, Latin America and Oceania. The participants brought to the colloquium not only many new fruits of scientific research and the precious friendship of the people of the four continents for the Chinese people, but also their determination to oppose imperialism. Seventy papers and reports have already been submitted by the participating scientists.

Chou Pei-yuan, Vice-President of the Chinese Scientific and Technical Association and leader of the Chinese Scientists' Delegation to the colloquium, made a welcome speech at the opening ceremony. The countries of our four continents, he said, have always been regarded by the imperialists, colonialists, neo-colonialists and modern revisionists as "underdeveloped." The fact that today we, the scientific workers of these "underdeveloped" countries, are gathered together and have organized such a large-scale colloquium devoted to a single branch of science is truly a very heartening event. It is a victory for the people of the four continents and a victory for the scientific and technological circles of these continents, Chou Pei-yuan declared.

Pushing Our Science & Culture to a New Period Of Rejuvenation and Flourishing

Vice-Premier Nieh Jung-chen, on behalf of the Chinese Government, people and scientists, extended heartfelt greetings to the colloquium at the opening ceremony (for his speech see p. 33). Premier Chou En-lai sent a special message of greetings to the colloquium. His message says: "The countries of our four continents have infinite potentialities for the development of science and culture. So long as we unite and break down the control and monopoly of science and culture by imperialism, colonialism and neo-colonialism, keep to the course of self-reliance and develop friendly co-operation among us, we will surely be able to push our science and culture to a new period of rejuvenation and flourishing."

A big struggle is going on between the forces of revolution and the forces of counter-revolution throughout the world, Premier Chou noted in his message. The broadest and most genuine international united front against U.S. imperialism and its lackeys and accomplices is taking shape with the revolutionary people of the world as its nucleus. U.S.-led imperialism is heavily besieged by the peoples of the whole

world. Victory belongs to the peoples of Asia, Africa, Latin America, Oceania and the rest of the world, he declared.

Twenty-eight scientists from four continents took the floor amid warm applause at the opening ceremony. Many of them pointed out that, to establish and develop national science and culture of the masses of the people, scientists and people of the four continents must resolutely oppose imperialism, old and new colonialism and carry out unremitting struggles for national independence and its preservation. In their speeches, many expressed their deepest respect and boundless love for Chairman Mao Tse-tung. Some of them shouted in Chinese, which they had just learnt, "Long live Chairman Mao Tse-tung!"

Developing National Science & Culture in the Anti-Imperialist Revolutionary Struggle

On the evening of the same day, Vice-Premier Nieh gave a grand banquet in honour of the physicists and other scientists attending the colloquium. He said at the banquet that opposition to U.S.-led imperialism, colonialism and neo-colonialism was the basis of the unity of the peoples of our four continents while the unity of the scientists of these continents was an important component of the anti-U.S. united front of the peoples there. Following the teachings of Chairman Mao Tse-tung, the Chinese people are consistently and resolutely opposed to U.S.-led imperialism, colonialism and neo-colonialism and firmly support the patriotic anti-U.S. struggles of all the countries and people subject to U.S. imperialist aggression and bullying, the Vice-Premier added.

Nguy Nhu Kontum, leader of the Vietnamese Scientists' Delegation, also spoke at the banquet. He said that U.S. imperialism would certainly be defeated and the firm solidarity and militant friendship between the Vietnamese and Chinese peoples was the most reliable guarantee for the defeat of the U.S. aggressors. He concluded his speech by shouting in Chinese: "Long live the Communist Party of China!" "Long live Chairman Mao!"

Renmin Ribao, on July 23, published an editorial hailing the opening of the colloquium. In the contemporary world, the editorial noted, all science and technology serve the politics of particular classes. It quoted a passage from an article by Chairman Mao Tse-tung written in 1949: "True, the United States has science and technology. But unfortunately they are in the grip of the capitalists, not in the hands of the people, and are used to exploit and oppress the people at home and to perpetrate aggression and to slaughter people abroad." At present, U.S. imperialism is using its science and technology to carry out aggression and

massacre in Vietnam and many other areas of the world. The Soviet revisionist leading clique, which has degenerated into an accomplice of U.S. imperialism, is also using its science and technology as instruments for achieving its fond dream of "U.S.-Soviet collaboration for world domination" so as to oppose the revolutionary cause of the people of all lands.

The *Renmin Ribao* editorial also said: "An important historic task now facing the people and the scientific workers of the countries of these four continents is to uproot the influence of imperialist science and culture in these areas and to establish an anti-imperialist, revolutionary and national science and culture of the masses of the people."

Peking Physics Colloquium

Speech by Vice-Premier Nieh Jung-chen At the Opening Ceremony

Mr. Chairman and Delegates,

Friends and Comrades,

The 1966 Summer Physics Colloquium of the Peking Symposium opens today. We deem it a great honour that the current Colloquium is being held in Peking and that China is the host country. On behalf of the Chinese Government, the Chinese people and scientists, I extend heartfelt greetings to the Colloquium and warm welcome to all the scientists who have come here from various countries of Asia, Africa, Latin America and Oceania.

In today's grand gathering here are over 100 delegates from more than 30 countries of the four continents. Among you, some are physicists of world renown, others are workers in scientific research with outstanding achievements, and still others are heads of scientific departments or organizations. Your countries and your peoples are waging bitter struggles against imperialism, colonialism and neo-colonialism. Now, you have brought to this Colloquium new results of scientific research. They are the fruits of arduous labour of the scientists of various countries and also the fruits of the peoples' struggles against nature and against imperialism, colonialism and neo-colonialism. Such results of scientific research are most precious. I wish to take this opportunity to pay high tribute to the scientists of various countries who have dedicated themselves to the cause of developing a national science of the masses of the people in the anti-imperialist revolutionary struggle.

New break-throughs and new leaps forward in modern physics are in the making. In the past 50 years, especially in the last twenty or thirty years, many new phenomena and facts have been discovered in both the microscopic and macroscopic worlds, and a great quantity of data and figures accumulated through observation and experimentation. It can be predicted that, so long as we master the correct theories of knowledge and method and discard all the decadent

"theories" of the Western bourgeoisie, such as idealism, metaphysics, agnosticism, etc., so long as we dare to carry out revolutions uninterruptedly and break away from all prejudices and old restrictions which bind our minds, we shall be able to make a big stride forward on the road of recognizing the objective material world and to develop new theories with which to explain and foresee more penetrating laws in regard to the movement of matter. Chairman Mao Tse-tung says: "Often, a correct idea can be arrived at only after many repetitions of the process leading from matter to consciousness and then back to matter, that is, leading from practice to knowledge and then back to practice." He also says: "In the fields of the struggle for production and scientific experiment, mankind makes constant progress and nature undergoes constant change; they never remain on the same level. Therefore, man has constantly to sum up experience, make new discoveries and inventions, and go on creating and advancing." Modern physics is entering a new epoch of great revolution. I believe that on this point you scientists present here will surely have an even deeper understanding than I. The Chinese scientists are willing, together with their colleagues of the four continents, to learn from each other, to help each other and to be jointly engaged in creative work. I sincerely hope and wish that the current Colloquium will write a brilliant chapter in the new development of physics.

The current Colloquium is held in accordance with the proposal made by the Peking Symposium of 1964 and is another international scientific conference of great significance. The 1964 Peking Symposium showed that the people and scientists of our four continents had awakened and were determined to smash the control and monopoly of science by imperialism, colonialism and neo-colonialism and grasp science in their own hands: it showed that we would resolutely adhere to the principle of self-reliance and strengthen our unity and co-operation so as to propel our science

and culture to a new age of rejuvenation and prosperity, and that we were determined to develop our science and culture in our countries in order to serve the cause of winning and safeguarding national independence, defending world peace and promoting the progress of mankind. The current Colloquium is meant to keep up this lofty spirit and carry on this historic mission. We are confident that with the joint efforts of the scientists of various countries the current Colloquium will make new contributions to the glorious cause of the 1964 Peking Symposium.

All science and culture in the world belong to definite classes and serve their political lines. Imperialist science and culture serve imperialist politics. And the science and culture of the peoples of our four continents serve the people's anti-imperialist revolutionary cause.

The people and scientists in the Western imperialist countries have indeed made outstanding contributions to science and technology and have made great achievements. But there, scientific work is entirely controlled by the imperialists. The scientists cannot give full play to their talents and the results of their scientific research are entirely used to serve the purpose of exploiting, oppressing, enslaving and slaughtering the people at home and abroad. The U.S. imperialists have recklessly used scientific achievements to manufacture weapons of mass extermination and conduct sanguinary suppression of the revolutionary struggles of the peoples of Asia, Africa, Latin America and the rest of the world. In Vietnam, the U.S. imperialists are frenziedly stepping up their aggressive war. They are dropping thousands of tons of bombs and napalm bombs every day and inhumanly using even poison gas and toxic chemicals to torment and slaughter the Vietnamese people. These criminal acts of the U.S. imperialists have thoroughly exposed the sordid nature of U.S. science and civilization and aroused great indignation and strong opposition of the peoples and scientific workers of the whole world.

Of the more than two thousand million population of our four continents, the overwhelming majority are oppressed nations which have been subjected for long years to the domination and enslavement of imperialism and colonialism. To develop our scientific work, we must take a road of our own and absolutely should not follow the beaten track traversed by the Western imperialist countries. **The only correct road for our countries to develop scientific work is to really grasp science in the hands of our nations and our peoples and to make it really serve the cause of winning and safeguarding national independence, developing national economies, improving the people's livelihood, defending world peace and promoting the progress of mankind. Such scientific work will surely win the hearts and the support of the people and will surely have an immensely broad prospect for development.**

More and more scientists have come to realize that for countries such as ours which have long been sub-

jected to aggression and oppression, the question of developing science is first and foremost a political question. Without overthrowing imperialism and liquidating the remnants of its evils, it is impossible to develop the people's scientific work. Without genuine national independence and liberation, independent development and improvement of national scientific work are impossible. For the development of science and progress of society, all the countries not yet independent first of all need to wage the struggle for national liberation in order to achieve political independence. Those already independent also need to devote their efforts to safeguarding and consolidating their national independence, carry through to the end the national revolution, liquidate thoroughly all the forces and influence of colonialism and neo-colonialism and persevere in opposing imperialist aggression, intervention, control and subversion.

The scientific work of our country has undergone tremendous development since the liberation. In the practical work of developing our science and technology, we have come to realize profoundly that Mao Tse-tung's thought has pointed out the direction and the road along which the people of our country should promote socialist science. Mao Tse-tung's thought is our most effective weapon for understanding and changing society and is also our most effective weapon for understanding and changing nature. Holding high the great red banner of Mao Tse-tung's thought; taking Mao Tse-tung's thought as the guide; giving prominence to proletarian politics; putting politics in command over professional work; upholding the general line of socialist construction and adhering to the principle of working hard and relying on our own efforts; bringing about the integration of the intellectuals with the masses of workers and peasants, and scientific experiment with practice of production; forming and expanding a scientific and technical contingent which is both red and expert; bringing about the integration of the leadership, specialists and the masses and the integration of production, scientific research and education; thoroughly implementing the mass line and unceasingly pushing forward the scientific and technological revolution in the service of socialist revolution and construction and the people of China and the whole world — this is the road for developing our science and technology. From practice our scientific and technical personnel have understood that in order to obtain results in the scientific and technological fields, we must persevere in guiding scientific experimentation with Mao Tse-tung's thought, remould the world outlook of men, emancipate the minds and overcome superstition. Unless the old ideologies, old habits and old traditions of blind faith in the West, in the authorities and in bookish knowledge are all wiped out, the development of science and technology will be greatly hampered. The great socialist cultural revolution which is unfolding vigorously in China today is precisely aimed at thoroughly eradicating the old ideologies, old culture, old customs and old habits which the imperialists and exploiting classes have

fostered to poison the people's minds; it is precisely aimed at creating and establishing the socialist new ideology, new culture, new customs and new habits among the broad masses of the people.

In this unprecedented, great socialist cultural revolution, the broad masses of workers, peasants and revolutionary intellectuals of our country, under the leadership of the Party, are sternly exposing and criticizing a handful of bourgeois "academic authorities" who are really ignorant and who have consistently opposed the Party and socialism politically and ideologically. As for the overwhelming majority of intellectuals and scientists who are patriotic, want to make progress politically and serve the people's cause conscientiously, the Party and the Government have consistently adopted the policy of uniting with, educating and remoulding them. Through the present great cultural revolution, the broad masses of intellectuals and scientists will the better arm their minds with Mao Tse-tung's thought, change their world outlook and raise their socialist consciousness. Thus, they will be able to advance along the road of being red and expert, to dare to make revolution and be good at making revolution in scientific and technological work, to obtain fruitful results in scientific experiment and the better serve the people wholeheartedly.

It is the common wish of the people and scientists of our four continents to establish and develop the science of our respective nations and peoples. We are not only determined but entirely able to do so. The countries of our four continents have long-standing traditions of culture and science, vast lands and abundant resources, and above all, our people are hard-working, courageous and wise. After complete victory is achieved in the national revolution, the wisdom and talents of the broad masses of the people will be liberated and they will display an inexhaustible creative power. Provided that the scientists of the various countries, together with the people, thoroughly liquidate all the reactionary imperialist influences, make full use of all the favourable factors of their respective countries, assimilate as much as possible all the advanced scientific and technological fruits of the world and vigorously promote scientific and technological exchange, co-operation and mutual assistance among the peoples of our four continents, they can certainly bring about a rejuvenation and flourishing of the scientific work of their own nations and people. The people of our four continents are people with lofty aspirations, who are determined to bring about a change in the conditions of poverty and backwardness of their countries. We can do what the West can and certainly can accomplish what the West cannot. It can confidently be expected that in a not too long historical period, we shall come to the fore from our formerly backward position in the scientific and technological fields, catch up with and surpass the West and leave it far behind us.

Friends and comrades! Ours is an era in which imperialism is approaching complete collapse and so-

cialism is advancing to victory all over the world. A great battle is going on between the revolutionary forces and the counter-revolutionary forces throughout the world, particularly between the people of Asia, Africa and Latin America on the one hand, and imperialism headed by the United States and its lackeys and accomplices on the other.

U.S. imperialism is the most cruel and most arrogant aggressor in history. With its most rabid ambitions, it has its talons outstretched to the farthest. It is obstinately pursuing its policies of aggression, and war all over the world. It not only intends to destroy the socialist countries and annex the vast area of Asia, Africa and Latin America, but is also pursuing a "jungle law" policy towards its allies in Western Europe, North America and Oceania. It sets itself against the people of the world. All peoples and nations throughout the world that long for revolution and liberation, all countries and people that want to win independence and safeguard their sovereignty and that desire to defend world peace cannot but direct the main spearhead of their struggle against U.S. imperialism.

The Johnson Administration has been extending its war of aggression in Vietnam with increasing frenzy. Its recent bombing of Hanoi, the capital of the Democratic Republic of Vietnam, and Haiphong, Vietnam's largest seaport, has brought its war of aggression to a new stage. For the Vietnamese people the struggle against U.S. imperialism is a life-and-death struggle. Either to defeat U.S. imperialism or to be subjugated by it, there is no middle road. The current issue in Vietnam is a question of aggression and struggle against aggression, and not at all a question of "peace talks." So long as the aggressor troops of the United States and its satellites are not completely withdrawn from Vietnam, so long as the United States does not stop its sanguinary aggression, there can be no peace in Vietnam. On July 17, Ho Chi Minh, President of the Democratic Republic of Vietnam, issued an Appeal to the People of the Whole Country, expressing the Vietnamese people's strong will to carry through to the end the struggle against U.S. aggression and for national salvation and their unshakable determination to fight and to win victory. On July 22, Liu Shao-chi, Chairman of the People's Republic of China, solemnly declared to the whole world that the Chinese people and Government most resolutely and most warmly support the Appeal to the People of the Whole Country issued by President Ho Chi Minh. The statement said: "The Chinese Government reaffirms that U.S. imperialist aggression against Vietnam is aggression against China. The 700 million Chinese people provide powerful backing for the Vietnamese people. The vast expanse of China's territory is the reliable rear area of the Vietnamese people. The Chinese people have made up their minds and have made every preparation to take such actions at any time and in any place as the Chinese and Vietnamese peoples deem necessary for dealing joint blows at the U.S. aggressor."

U.S. imperialism dares to pursue so blatantly its policies of aggression and war all over the world because it has the encouragement, support and co-ordination from the Soviet revisionist leading clique. The latter is bent on seeking U.S.-Soviet collaboration for world domination, helping U.S. imperialism and its lackeys maintain their reactionary rule and disintegrating the ranks of the world's people who are united against imperialism. It plays the part of a voluntary fire brigade to put out the flames of revolutionary struggle in the regions of Asia, Africa and Latin America on behalf of U.S. imperialism. On the Vietnam question, it actively works in co-ordination with U.S. imperialism to carry out the counter-revolutionary plot in the form of the "peace talks" fraud and "forcing peace talks through bombing." More and more facts show that the Soviet revisionist leading clique is the No. 1 accomplice of U.S. imperialism and the biggest betrayer of the people of Vietnam and the people of Asia, Africa, Latin America and the whole world. **In opposing U.S. imperialism, one must also oppose modern revisionism with the Soviet revisionist leading clique as its centre.**

To oppose imperialism, colonialism and neo-colonialism headed by the United States, and to win and safeguard national independence and defend world peace is the common militant task of the people of our four continents. To fulfil this task, the people of Asia, Africa, Latin America and Oceania must unite. To

isolate and strike at U.S. imperialism to the greatest extent, the revolutionary people of the world must unite; all the forces opposing U.S. imperialism must unite to form the broadest and most genuine international united front against U.S. imperialism. This united front should include all countries and peoples that are subjected to U.S. imperialist aggression, intervention, control or subversion; it must not include the flunkies, accomplices and collaborators of U.S. imperialism, and it must not include the Soviet revisionist leading clique.

Friends and comrades! In coming to Peking to participate in the Physics Colloquium, you are not only giving a great help and impetus to the development of science in our country, but also bringing the deep friendship of the people of your respective countries to us Chinese people, for which I wish to express to you our sincere thanks. The Chinese people have always highly valued the development of friendship with other peoples and firmly supported them in their just cause. They are following the Colloquium with great interest and warmly support your noble work. They will always be with you and with the peoples of the four continents in our forward march towards new victories of our common cause.

I wish the Peking Physics Colloquium success!

I wish friends and comrades from various countries good health and success in your work!

Creatively Study and Apply Mao Tse-tung's Thought

—Excerpts From Comrade Wang Chieh's Diary

Following is the third and concluding instalment of excerpts from the diary of Wang Chieh, the great communist fighter. The first two instalments appeared in our issues No. 29 & 30 respectively. — Ed.

October 18, 1964

I've read Chairman Mao's article "On the Correct Handling of Contradictions Among the People." The section on "The Practice of Economy" has taught me a lot. In order to realize the lofty ideals of our 600 million people, we, the younger generation of the revolution, should inherit and develop our revolutionary predecessors' tradition of hard work and plain living and be red successors.

A revolutionary fighter should have a broad vision; from his company in the army, he should keep the whole country and the whole world in view. He should

see that two-thirds of the world's labouring people are yet to be liberated and are living poor miserable lives. We ourselves are now enjoying a better material life, but we mustn't forget the days when we lived on tree barks and grass roots and wore sack-cloth. We must treat the good days as if they were poor times.

As for me, the question is whether I can carry on and develop the tradition of hard work and plain living set by our revolutionary predecessors, whether I can preserve the proletarian character. All kinds of small things make up my private life, but each one reflects either a proletarian or a bourgeois idea.

Through studying I've raised my understanding and gradually formed thrifty habits. Now I spend only about one yuan of my monthly allowance. I am also more economical in my work. As I've been assigned to do demolition work this year, I handle fuses everyday. Daily I saved up the bits and ends and connected them

up with tape. In all I was able to save more than 30 metres. Of course, this is only a small thing. There are other ways in which I've not been economical enough. I must remember Chairman Mao's teachings to set myself high political standards and low living standards. I'll conscientiously treat the good days as if they were poor ones and always carry on the tradition of hard work and plain living.

February 10, 1963

It was one a.m. when I came off sentry duty. I lay in bed a long time without being able to fall asleep. So I got up and read an article from the fourth volume of *The Selected Works of Mao Tse-tung*, "Carry the Revolution Through to the End." I read it through without stopping. Then I began to understand the meaning of the passage: "The enemy will not perish of himself. Neither the Chinese reactionaries nor the aggressive forces of U.S. imperialism in China will step down from the stage of history of their own accord." Our country has been liberated and its 600 million industrious people are building a beautiful land, but we must see that the world situation is still tense. Kennedy, the headman of the United States, is still preparing for any and every kind of war. The Indian reactionaries are still carrying out provocations against us and continually infringing upon our territorial ground and air. On the southeastern coast, U.S.-Chiang Kai-shek agents never stopped trying to steal into our mainland to carry out sabotage. U.S. warships and planes ceaselessly intruded into our southeastern coastal areas, near the Shantung Peninsula and over our hinterland to spy on us. Recently, U.S.-Chiang agents even killed some of our compatriots with high explosives put in mail-bags from Hongkong. All this shows that our enemies are not sleeping. They're sharpening their swords and preparing for a come-back.

At present, the imperialists, the reactionaries of various countries and the modern revisionists are striking up an anti-China chorus. I'm a revolutionary fighter with gun in hand. I must not be off guard. I'll raise my vigilance a hundredfold. I've made up my mind to serve in the army for a long time. I'll redouble my efforts to be well prepared for battle. I'll always be ready to smash any new enemy plot.

August 15, 1963

Chairman Mao has said: "Make trouble, fail, make trouble again, fail again . . . till their doom; that is the logic of the imperialists and all reactionaries the world over in dealing with the people's cause, and they will never go against this logic. This is a Marxist law. When we say 'imperialism is ferocious,' we mean that its nature will never change, that the imperialists will never lay down their butcher knives, that they will never become Buddhas, till their doom."

Such logic is an absolute truth. The nature of imperialism will never change. It is impossible to per-

July 29, 1966

suade the imperialists and the Chinese reactionaries to show kindness of heart and turn from their evil ways. However, in the world today there are people who are making agreements with imperialism and co-operating with it, violating Marxism-Leninism and betraying the revolution. Imperialists and modern revisionists! No matter what tricks you play, you cannot fool the world's people. You'll only expose your ugly faces before them. Once the people of the world see through your viciousness, they'll become more vigilant to deal with your plots and sabotage.

April 20, 1963

The revisionists distort and tamper with Marxism-Leninism. They say that at present there is no need for revolution, that imperialism should not be opposed, that Eisenhower also had a "desire for peace," and was "worried about ensuring peace, just as we do." They put forward the view about a world "without weapons, without armed forces and without wars." We firmly oppose their view which is fundamentally different from ours.

In the light of each country's development, it is illusory to think that a country can achieve socialism without struggle, without revolution and without opposing imperialism. From China's construction achievements one can see that the Chinese people set out on the road of happiness only after going through the civil war, the War of Resistance Against Japan, the War of Liberation, and by defeating Japan and other reactionaries, driving Chiang Kai-shek to Taiwan and establishing their own state power, the People's Republic of China.

The modern revisionists violently attack the Chinese Communist Party. We will struggle resolutely against them. We must have a clear idea of the present situation, be firm in our stand and stick to the truth. Truth will certainly triumph. Marxism-Leninism will triumph though its struggle against revisionism may be long, tortuous and complex.

May 22, 1964

Reading Chairman Mao's article "Analysis of the Classes in Chinese Society" has raised my revolutionary vigilance and enabled me to distinguish enemies from ourselves, the people. The article begins straight to the point with "Who are our enemies? Who are our friends? This is a question of the first importance for the revolution." In the past the landlord and comprador classes were able to oppress and exploit the people and tyrannize them because political power was not in the hands of the working people and because we did not unite with our real friends to attack our real enemies. Now we've taken over political power; the people have stood up and become the masters. No longer exploited or oppressed, we're living a happy life. But a small number of enemies are always making trouble, vainly attempting to restore their rule. The

awakened people will not relax in their struggle. Some comrades, however, aren't vigilant enough. Although they hold rifles in their hands, they're mentally disarmed. They can't distinguish enemies from ourselves; they aren't firm in their class stand. You can easily polish up a rusted rifle but not so easily a rusted mind. We shouldn't harbour any illusions about the enemy being unable to make trouble—that "bedbugs cannot lift up a blanket" or that "leaches cannot stir up a high wave." They'll make trouble, fail, make trouble again, fail again . . . till their doom. We can fall into their trap, come to grief and bring losses to the country if we fail to distinguish enemies from ourselves or do not maintain a high degree of class consciousness.

August 4, 1964

Recently, U.S. imperialism has kindled the flames of war in many parts of the world, carrying out its plot of faking peace while really preparing for war. It has launched open aggression against the Democratic Republic of Vietnam, sending its planes and warships to bomb and bombard its peaceful villages and hard-working people. Our Government has issued statements pointing out that as the imperialists kindled the flames of war, the D.R.V. has gained the right of action to fight against aggression. We revolutionary fighters are duty-bound to aid the Vietnamese people, who are the victims of aggression. I'll work hard in military training, in close combat fighting within 200 metres. Once the motherland issues the call, I'll immediately respond and march off to Vietnam to help the Vietnamese people deal the hardest blows at the U.S. aggressive troops. Dear motherland! Dear Party! My blood is surging! To aid the Vietnamese people is our unshirkable duty. I'm ready to give my life willingly for the suffering people. I won't waver for a moment if I have to go through fire and water.

Imperialism will perish sooner or later no matter what wars it unleashes. Chairman Mao says that "if the U.S. monopoly capitalist group is bent on carrying out its policy of aggression and war, the day will certainly come when humanity will hang it by the neck."

Imperialism will be defeated! Socialism will win! The U.S. will be defeated! The D.R.V. will win!

September 14, 1964

In "Serve the People" Chairman Mao says, "Our Communist Party and the Eighth Route and New Fourth Armies led by our Party are battalions of the revolution. These battalions of ours are wholly dedicated to the liberation of the people and work entirely in the people's interests." I now understand the real significance of this passage. The words "wholly" and "entirely" mean that we should wholeheartedly serve and work for the people. At present two-thirds of the world's people are not yet liberated. They're still suffering. A revolutionary fighter must have lofty ideals, keeping the motherland in his heart and the world in his view. He must not think only of his personal in-

terests and forget the liberation of the suffering people. A revolutionary fighter should dedicate himself wholly and entirely to the cause of emancipating the people and working in their interests. To him, the words "wholly" and "entirely" mean that there is no limit to the period of his service. He should work as long as the revolution needs him and there is no end to the needs of the revolution. I'm willing to work for the revolution and will not part with my rifle as long as I live.

July 24, 1964

Having heard the relayed report of the Ninth Congress of the Communist Youth League, my heart is as tumultuous as the waves of the ocean and refuses to quiet down. Our Party and Chairman Mao show the utmost concern for us, the younger generation, and place such tremendous hopes in us. I am resolved to be a good successor to the revolution, and take up its weighty load.

Chairman Mao once said: "You young people are full of vitality and at a stage of vigorous growth; you are like the sun at eight or nine in the morning. We put our hopes on you." Our revolutionary predecessors pin their hopes on us, the younger generation. This means we should shoulder the weighty task of safeguarding the motherland and building it up. It also means that we are the ones who should be successors to the revolution. To be good successors to the revolution means to be good soldiers of Chairman Mao. Repeated study of Chairman Mao's works and conscientiously carrying out ideological remoulding is the basic guarantee for becoming revolutionized. We must study Chairman Mao's works the way Liao Chu-chiang, Feng Fu-sheng and Huang Tsu-shih do, that is, read them daily, study them daily and apply them daily, taking Mao Tse-tung's thought as the compass pointing the way to all our actions. Then we will be able to withstand all storms and truly carry the revolution on.

November 7, 1964

Yesterday I took the train to x x x. While waiting at the station I saw how vigorously the coming generation is growing up under the Party's education. The children are developing a communist character under the influence of Lei Feng's outlook. Many red-scarved youngsters voluntarily came to help out at the station, sweeping and mopping the floor, helping the old people and small children. These children of New China have a high political consciousness and love of labour. Absorbing the revolutionary ideas of their predecessors, they are growing up healthily, proving themselves capable of carrying on the revolution. And yet the imperialists are saying that revisionism will appear in China among the third or fourth generation, if not the first or second! What nonsense! Just look at New China's coming generation. They'll take over the weighty tasks all right. They'll build and defend their motherland.

Chinese Preparatory Committee for First Asian GANEFO Inaugurated

THE Preparatory Committee of the People's Republic of China for Participation in the First Asian Games of the New Emerging Forces (GANEFO) was inaugurated in Peking on July 25.

Vice-Premier Ho Lung attended the inaugural meeting and in his speech called on all Chinese sportsmen and physical culture workers to give prominence to politics, creatively study and apply Chairman Mao's works, hold high the great red banner of Mao Tse-tung's thought, train hard and make serious preparations and, in concerted efforts with sportsmen and physical culture workers of other Asian countries, make the significant international Games an outstanding success.

Jung Kao-tang, Vice-Minister of the State Physical Culture and Sports Commission and Chairman of the Chinese National GANEFO Committee, pointed out in his report to the meeting that the First Asian GANEFO which is scheduled to take place between November 25 and December 8 in Phnom Penh, capital of the Kingdom of Cambodia, will be a big event of great interest to the people of all Asia. He said the Games is sure to promote contacts and friendship among the people of the countries in Asia and provide great impetus to the unity of the Asian people against imperialism and to their development of sports.

Jung Kao-tang said that Asian sportsmen are talented and, when they have broken the monopoly of international sports affairs by imperialism and reactionary international sports organizations and independently open up new vistas in international sports activities, they will certainly be able to bring their talents into full play.

The inaugural meeting paid warm tribute to the people and Government of the Kingdom of Cambodia and to

Samdech Norodom Sihanouk, the Cambodian Head of State, for their great contributions to the Games, and to various Asian countries for their enthusiastic support for and positive attitude towards the Games.

It also decided to send a sports delegation to the Games and, according to a preliminary decision, it will participate in the following events: football, basketball, volleyball, table tennis, badminton, track and field, swimming, shooting, archery, gymnastics, weightlifting and cycling.

Netherlands Charge d'Affaires Declared Persona Non Grata

On July 22, Hsieh Li, Director of the West European Department of the Chinese Ministry of Foreign Affairs, summoned G.J. Jongejans, the Netherlands Charge d'Affaires to China, and on behalf of the Chinese Government, declared him *persona non grata*.

Hsieh Li pointed out that the Netherlands Government has for a long time been tailing after U.S. imperialism and pursuing an anti-Chinese policy. Recently, while the Conference of the International Institute of Welding was meeting in the Hague, the Netherlands Government connived at the scheming activities of U.S. agents to illegally incite members of the Chinese delegation to the conference to betray their motherland. Upon the failure of this U.S. imperialist scheme, the Netherlands Government on July 19 went so far as to unwarrantedly declare Chinese Charge d'Affaires to the Netherlands Li En-chiu "*Persona non grata*" and asked him to leave within a set time. Meanwhile, it has unwarrantedly restricted the departure from the Netherlands of the members of the Chinese delegation to the Conference of the International Institute of Welding and served them with a summons

in an attempt to subject them to illegal subpoena. By taking this action the Netherlands Government has grossly violated the elementary principles guiding international relations and seriously damaged relations between China and the Netherlands.

Hsieh Li pointed out that the attitude of the Netherlands Government was peremptory and unreasonable in the extreme, and therefore the Chinese Government cannot but declare G.J. Jongejans, the Netherlands Charge d'Affaires to China, *persona non grata*, who, however, temporarily would not be allowed to leave China until the members of the Chinese delegation to the Conference of the International Institute of Welding have safely left the Netherlands.

At the invitation of the sponsor of the 19th annual assembly of the International Institute of Welding, the Chinese Society of Welding sent a delegation of nine to the Netherlands. However, in the course of the meeting (July 9-16), U.S. agents time and again tried by various underhand means to induce members of the Chinese delegation to desert and betray their motherland.

On July 16, a member of the delegation, Hsu Tzu-tsai, incited by U.S. agents, attempted to run away. He injured himself when he jumped from his lodgings. He was taken to a hospital by personnel of the Office of the Chinese Charge d'Affaires and, after being examined by the doctors, was brought back to the living quarters of the Office. Thus, the U.S. agents' plot to induce Hsu Tzu-tsai to desert and betray his country and then abduct him came to light and the conspirators found themselves in an embarrassing situation. To serve U.S. imperialism, the Netherlands Government hurriedly tried to suppress the truth and had the effrontery to ask the Chinese Charge d'Affaires to leave the country. When Hsu Tsu-tsai died of his injuries, the Dutch authorities falsified the cause of his death and distorted the facts, trying to create pretexts for further persecution of the Chinese Office of the Charge d'Affaires in the Netherlands and of the members of the Chinese delegation.

CHINESE EXPORT COMMODITIES FAIR

Autumn 1966

*Sponsored by the National Foreign Trade Corporations
of China*

Date: October 15 — November 15, 1966

Place: Chinese Export Commodities Exhibition Hall, Canton

This, the 20th Fair, will be on a larger scale than ever before. Businessmen and traders from all parts of the world are cordially welcomed. Visit the Fair and discuss trade, both import and export.

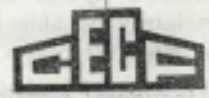
CHINA TRAVEL SERVICE (HONGKONG) LTD.

12 Queen's Road, Central, Hongkong

Acting for

CHINA INTERNATIONAL TRAVEL SERVICE

will be pleased to look after all your travel arrangements



13
Granma

la habana
enero
de
1966

suplemento
resumen
de la
tricontinental



20574

Handwritten signature and initials in blue ink.

20574
Circular stamp with the number 20574 and other illegible markings.

la tricontinental



primera conferencia de solidaridad de los pueblos de asia, africa y américa latina

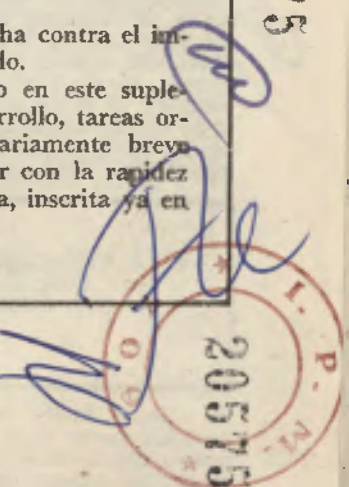
La Historia de la Solidaridad de los Pueblos, se ha visto enriquecida con el encuentro en La Habana de 83 delegaciones provenientes de 82 países de Asia, África y América Latina. Quinientos doce representantes de los 3 continentes, que contaron además con la presencia de 64 observadores de organizaciones internacionales, afro-asiáticas, africanas, asiáticas y de países socialistas y de 77 invitados cubanos y extranjeros, sesionaron durante 15 días en el Hotel Habana Libre, para crear la primera organización de solidaridad tricontinental.

La Primera Conferencia de Solidaridad de los pueblos de Asia, África y América Latina, hizo nacer ese organismo que tendrá provisionalmente su sede en La Habana y cuya secretaría general ha correspondido a Cuba, con todo el honor y la responsabilidad que ello comporta.

Los resultados no podían ser otros que reforzar y coordinar la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo en todo el mundo.

GRANMA se asoma al horizonte de la Conferencia, recogiendo en este suplemento algunos de los principales documentos y discursos, su desarrollo, tareas organizativas y actividades paralelas. He aquí un resumen necesariamente breve de la Conferencia, que no aspira a agotar el tema, sino a facilitar con la rapidez que todos reclaman, los documentos esenciales de esta Conferencia, inscrita ya en la historia de la lucha de los pueblos por su liberación.

20575



discurso de osvaldo dorticós



DISCURSO PRONUNCIADO POR EL DOCTOR OSVALDO DORTICOS TORRADO, PRESIDENTE DE LA REPUBLICA DE CUBA Y MIEMBRO DEL BUREAU POLITICO DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA EN LA APERTURA DE LA PRIMERA CONFERENCIA DE SOLIDARIDAD CON LOS PUEBLOS DE AFRICA, ASIA Y AMERICA LATINA. HOTEL HABANA LIBRE, ENERO 3 DE 1966 "AÑO DE LA SOLIDARIDAD".

Señores Delegados a la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina; Señores miembros del Cuerpo Diplomático; Señores miembros, cumplido el más alto deber de dar a ustedes, en nombre del Gobierno Revolucionario de Cuba, la bienvenida afectuosa y alborozada con que nuestro pueblo recibe, en ocasión tan excepcional de los pueblos de Asia, Africa y América Latina que se han dado cita en La Habana en un encuentro de combatientes por la liberación. Estas palabras iniciales de saludo no responden, señores delegados, a la necesidad de cumplir un trámite de protocolo o un elemental deber de cortesía y de gentileza oficiales. Es, por el contrario, la más sincera interpretación de los sentimientos fraternales del pueblo cubano ante la presencia fraterna de ustedes. Es el testimonio del saludo de un pueblo cuya personalidad y temperamento han sido forjados en la lucha, a los hermanos de otros países, luchadores también por los mismos ideales de progreso, de libertad y de combate antimperialista.

Durante estos breves días en que las tareas preliminares a la Conferencia han demarcado vuestra convivencia entre nosotros, sé que han tenido más de una oportunidad de constatar el cariño de la acogida de nuestro pueblo y de apreciar, además, las hondas motivaciones del júbilo que ha provocado la presencia de ustedes en nuestra patria. Es que el pueblo de Cuba está firmemente convencido de la importancia extraordinaria de este evento como una jornada más de la larga y cruenta lucha contra la miseria, la explotación y el imperialismo. Y la honda satisfacción surge porque el pueblo que hoy os recibe como combatientes de trincheras disidentes pero cercanas en el ideal y en la esperanza, es el mismo pueblo que libró, después de décadas de frustración y de esclavitud, la gesta de liberación cuyo triunfo hace sólo unas horas celebrábamos ustedes y nosotros en la Plaza de la Revolución; el mismo pueblo que ganó, una tras otras, las batallas contra los ingálicos de la contrarrevolución interna por desentender de la Revolución; el mismo pueblo que triunfó en Playa Girón a la invasión de los mercenarios del imperialismo norteamericano; el mismo pueblo de nervios acerados, ánimo imperturbable y decisión de combate que vivió, con genuino sentido de su deber internacional, las horas dramáticas de la Crisis de Octubre; el mismo pueblo trabajador cotidiano y creador de las riquezas materiales y espirituales de la nueva sociedad que construye; el mismo pueblo de la sana alegría de las festividades que ustedes han podido compartir en las últimas horas. Este pueblo heroico, alegre y victorioso de fe en el porvenir de su país y en el de la humanidad es el pueblo en nombre del cual, señores delegados, ofrezco en esta sesión inaugural, la bienvenida y el saludo

● LA ATENCION MUNDIAL ESTA HOY CONCENTRADA EN TORNO A ESTA CONFERENCIA

Es alto el honor para Cuba de haber sido escogida como sede de esta Conferencia. Estamos convencidos de la significación de la misma, de cuánto representa y de cuán útiles

pueden ser las tareas que desde hoy emprende. Las conclusiones y declaraciones que acordare en los días siguientes, el espíritu de combate y de solidaridad que ha de presidir y el estímulo y aliento que ha de implicar para todos los pueblos del mundo. Sólo el hecho de que ésta sea una oportunidad de encuentro entre los más genuinos representantes de los movimientos revolucionarios y progresistas de Asia, de Africa y de América Latina y la sola circunstancia de que esta Conferencia propicia el diálogo y el conocimiento recíproco, constituyen fundamentos bastantes para elevar a rango histórico la trascendencia de este evento. Es por ello que la atención mundial está hoy concentrada en torno a esta Conferencia. Los pueblos luchadores de los tres continentes, aquellos que han iniciado ya la lucha de liberación; los que han logrado la independencia formal y transitar por los caminos de la independencia real y los que se preparan para el combate venidero; los pueblos todos de Asia, de Africa y de América Latina están en estos días vigilantes de la marcha de esta Conferencia y es para ustedes exigente y colma vuestras responsabilidades la esperanza que esos pueblos han puesto en esta reunión, la seguridad con que confían en que ésta ha de ser, y no puede ser de otra manera, una jornada de lucha y una ocasión propicia para hallar un lenguaje común: el lenguaje revolucionario, combatiente y antimperialista que ya han aprendido a hablar los millones de seres humanos que sufren, anhelan y combaten en estos tres continentes. Pero no sólo los pueblos, los movimientos revolucionarios y liberadores están hoy atentos a esta Conferencia. Basta con pasar revista a las informaciones de las agencias noticiosas internacionales para tomar nota de cuanto preocupa a los enemigos de los pueblos, a las oligarquías nacionales serviles al imperialismo y a sus gobernantes traidores, y, especialmente, a los círculos imperialistas, la celebración de esta Conferencia. Constituye, pues, un deber insoslayable de los señores delegados conjugar los esfuerzos para lograr que ésta sea una jornada de triunfo. Ni los pueblos deben ser defraudados en la fe puesta en vuestro trabajo y decisiones; ni al imperialismo ni a los demás enemigos conjurados de los pueblos deberá permitírseles perder el desasosiego, el temor y la indignación cuando conozcan los resultados finales de esta Conferencia, sus acuerdos y el vigor que la misma imprima a la solidaridad internacional.

● LOS QUE AQUI ESTAN REPRESENTADOS TIENEN COMPROMETIDA SU HISTORIA EN LA LUCHA POR LA LIBERACION Y SOBERANIA

¿Qué justifica una reunión de representantes de pueblos de estos tres continentes? ¿Qué une a los millones de hombres y mujeres de Asia, de Africa y de América Latina? ¿Cuáles son los objetivos comunes capaces de propiciar una reunión como ésta? Idiomas distintos, peculiaridades nacionales diversas, razas diferentes, tradiciones múltiples y grados varios de desarrollo económico y cultural no constituyen obstáculos para esta reunión ni para la unidad de propósitos que la convoca. Es sencillamente que, con independencia de los caminos estratégicos o tácticos que incumbe escoger a cada pueblo, todos los que aquí están representados tienen entrañablemente comprometida su historia, su presente y su futuro, en la lucha por la liberación definitiva y la soberanía; por el progreso y desarrollo económico y cultural; por el fin de la miseria y del analfabetismo; por la liquidación de las formas coloniales y neocoloniales de explotación de los pueblos; por la derrota del enemigo imperialista.

Estos objetivos son comunes a los pueblos de los tres continentes, tanto a aquellos que han logrado transformarse en naciones independientes y pugnan hoy por garantizar esa independencia y su progreso en medio del soborno,

de la agresión y del chantaje imperialista; como a los pueblos que obtuvieron una independencia formal y cuyos gobiernos, sometidos servilmente a los intereses imperialistas, sirven en sus países respectivos de guardianes de la explotación y de la miseria; como, también a los pueblos que ni siquiera han ganado la independencia formal y que pelean por la libertad real o se preparan para la batalla. Con evidente eufemismo, y sin éxito en el disimulo, se ha hablado del subdesarrollo en los tres continentes y hasta en el lenguaje diplomático de los imperialistas el vocablo ha ganado carta de legitimidad. Los pueblos que se reúnen en esta Conferencia conocen de manera concreta y dramática qué significa "subdesarrollo": atraso económico, hambre, penuria técnica, analfabetismo, enfermedades, opresión política, explotación de las riquezas nacionales y dominación, directa o indirecta, franca o encubierta, del imperialismo. Los pueblos que se reúnen en esta Conferencia conocen que los problemas del subdesarrollo —aún en los casos de naciones que alcanzan su independencia y hasta de aquéllas cuyos gobiernos son representativos del ansia de liberación y de progreso— no se resuelven mediante los paliativos, las instituciones y los instrumentos técnicos que en los foros mundiales y en las conferencias internacionales especializadas han sido postulados como remedios al mal del subdesarrollo. Muchas veces recurrimos a esas reuniones, en muchas ocasiones sirven de tribuna para que los pueblos proclamen allí sus verdades, pero no somos ingenuos como para creer que los problemas del subdesarrollo económico y cultural de los pueblos puedan ser debatidos y resueltos al margen del gran antagonismo del mundo, de la división entre opresores y oprimidos, y con ignorancia de que la causa última de todas las manifestaciones del subdesarrollo no es otra que la supervivencia del dominio imperialista.

● LA SUPERACION DEFINITIVA DEL SUBDESARROLLO SOLO PUEDE SER OBTENIDA A TRAVES DE LA LUCHA Y DERROTA DEL IMPERIALISMO

En una conferencia de pueblos, como ésta, una verdad básica se impone: la superación definitiva y cabal del subdesarrollo sólo puede ser obtenida a través de la lucha contra el imperialismo y mediante su derrota total. Las vías para esa lucha, los caminos para obtener esa victoria están, desde luego, condicionados por las circunstancias de cada país y las que imperan en el escenario mundial de nuestros días.

Es oportuno, pues, que al inaugurar esta Conferencia recordemos brevemente cuáles son las características fundamentales del momento actual del mundo a las que habrá de atender esta reunión. Dada la nueva correlación de fuerzas en el mundo, en los tres continentes crecen vigorosamente los movimientos de liberación. Se guerrichan ideológicamente las vanguardias socialistas de los pueblos, madura la conciencia revolucionaria de los mismos y las experiencias crecientes de la lucha hacen proliferar y crecer los movimientos de liberación. Los reveses transitorios, en algunas ocasiones, no constituyen otra cosa que dolerosas enseñanzas capaces de ofrecer a los pueblos lecciones para reemprender la lucha. Lo que importa es estar convencidos de que la victoria última pertenece a los pueblos, que cuando la voluntad de los mismos se alza no hay valedad definitivamente insuperable para conquistar esa victoria. Al inaugurar esta Conferencia podemos proclamar que crecen los movimientos de liberación y que en medio de las vicisitudes, de las difíciles batallas contra el enemigo poderoso, unos pueblos han emprendido la lucha; otros pueblos han obtenido la victoria y muchos pueblos se preparan para la lucha.

Es cierto, sin embargo, que el imperialismo, especialmente el imperialismo norteamericano que ha asumido en la historia de nuestros días el triste papel de gendarme internacional, agudiza la violencia e intensifica el aprovechamiento de todos los instrumentos viles de agresión contra los pueblos. Desde el soborno y el chantaje hasta las formas más desemebozadas de la violencia y de la intervención armada, el imperialismo norteamericano, centro de la reacción mundial y enemigo primero de la paz y del progreso, realiza sin escrúpulos, en el marco de una estrategia global perfectamente definida, cuantas acciones, por criminales y únicas que fueren, entienda útiles a sus afanes de dominio y de supervivencia. Es por eso que a la par que los pueblos, energizados y valerosos, con creciente conciencia revolucionaria emprenden el camino de la liberación, el imperialismo responde con todas sus armas, emplea todas sus potencias y todo su poderío. La intervención armada y mercenaria en el Congo, la intervención armada en Santo Domingo, la formación de ejércitos mercenarios en América Latina, la amenaza invariable contra la Cuba revolucionaria y libre, el acuerdo del Congreso norteamericano pretendiendo legitimar la intervención unilateral del imperialismo en cualquier país de América, el establecimiento de un gobierno racista en Rhodesia del Sur, el encarnizamiento de las formas más criminales de la discriminación racial en Sud Africa y, finalmente, la agresión directa de las fuerzas armadas de los Estados Unidos contra el pueblo de Viet Nam del Sur y los bombardeos de la aviación norteamericana contra la República Democrática de Viet Nam, son expresiones muy definidas de cuáles son las características actuales de la estrategia global del imperialismo. En Asia, en Africa y en América Latina la lucha contra el imperialismo y por la liberación de los pueblos es, pues, una lucha a muerte.

De suerte, señores delegados, que esta Conferencia tiene lugar en un momento histórico en que el imperialismo, cuando fracasan todos los demás instrumentos para sojuzgar a los pueblos, impone contra los mismos la violencia y ningún escenario mejor que el de esta Conferencia para proclamar sin vacilaciones el derecho de los pueblos a oponer a la violencia imperialista la violencia revolucionaria.

● ES UN DERECHO Y UN DEBER DE LOS PUEBLOS RESPONDER A LA VIOLENCIA DEL IMPERIALISMO, CON LA VIOLENCIA REVOLUCIONARIA

No es nuestro propósito, ni nuestra misión al inaugurar esta Conferencia, sentar pautas a la misma. La posición de Cuba, respecto a cada uno de los tópicos de la agenda acordada, ha de ser establecida en el curso de la Conferencia por el jefe de nuestra delegación. Además, los acuerdos y decisiones de esta reunión deben ser la expresión espontánea y democrática que emerge de sus deliberaciones y del espíritu combativo que la anima, pero creo interpretar el sentimiento general de los señores delegados al postular en esta sesión inaugural un principio de universal validez para todos los movimientos de liberación de los tres continentes. Cuando el imperialismo y la reacción cierran las puertas de las formas legales de lucha, es un derecho y un deber de los pueblos responder a la violencia armada del imperialismo con la violencia armada revolucionaria. Es responsabilidad de las vanguardias de esos pueblos crear las condiciones subjetivas para ello cuando éstas estén ausentes. En la coyuntura sin alternativas que en esos casos el imperialismo ofrece a los pueblos, éste es el único camino de la lucha por la liberación. En los casos de los países que han alcanzado la independencia y que están realizando esfuerzos por mantenerla frente a las acchanzas y las agresiones imperialistas, el deber de los

dirigentes de esos pueblos no es sólo preservar su propia soberanía y construir una nueva sociedad impulsando el desarrollo económico y cultural independientes. La supervivencia de esos estados soberanos y la garantía para su progreso futuro están también involucrados en la lucha que en los tres continentes, se lleva a cabo contra la dominación imperialista. Pero, además de ello, un deber de solidaridad obliga a los pueblos que han alcanzado su independencia y a sus dirigentes a comprometer el apoyo necesario, en las formas que fuere menester utilizar, a aquellos movimientos de liberación.

En esta oportunidad inaugural Cuba declara que es un derecho y un deber de los pueblos y gobiernos de los países que han ganado la independencia y han emprendido la construcción de una nueva vida el apoyo restringido a los movimientos de liberación de Asia, Africa y América Latina.

● REITERAMOS LA FIRME DECISION DE CUBA DE APOYAR LA GESTA HEROICA DEL PUEBLO DE VIET NAM

Consecuente con ese deber esta Conferencia ha de abordar como obligación fundamental de la misma el expresar su solidaridad y comprometer el apoyo más decidido al pueblo valeroso de Viet Nam que sufre hoy la más vandálica, criminal e ilegítima de las agresiones del imperialismo norteamericano. Por eso, al inaugurar esta Conferencia, y al saludar desde esta tribuna a los combatientes que hoy en parajes diversos de los tres continentes luchan con las armas en las manos por la liberación de sus pueblos, ya sea en los países de América Latina como Venezuela, Perú, Guatemala, Santo Domingo, Colombia; ya sea en las colonias portuguesas de Africa o en el Congo (Leopoldville) y dondequiera que exista un combatiente, o estén dispuestos a empuñar las armas nuevos combatientes, reservamos nuestra palabra de más alto homenaje al pueblo heroico de Viet Nam; ofrecemos nuestro respaldo integral a las posiciones adoptadas por el Frente de Liberación Nacional de Viet Nam del Sur y por el Gobierno de la República Democrática de Viet Nam, como condiciones de paz y reiteramos en esta solemne ocasión la firme decisión de Cuba de apoyar la gesta heroica del pueblo de Viet Nam en la forma en que fuere necesario porque para ese empeño, como proclamara ayer el Primer Secretario de nuestro Partido, compañero Fidel Castro, por Viet Nam estamos dispuestos a dar también nuestro sangre.

Señores delegados: Esta Conferencia se realiza en un país que es aún campo de batalla antimperialista. En esta tierra ha sido derramada en más de una ocasión sangre generosa en la lucha contra el imperialismo norteamericano. El pueblo que la habita, creador y pacífico, el pueblo confiado y alegre que en estos días ustedes han conocido, vive en permanente vigilia de lucha. A corta distancia del país imperialista más feroz, del enemigo más encarnizado y poderoso de los pueblos, en reto a su insolencia y en histórica desmentida a la tesis del fatalismo geográfico, alcanzamos en cruenta batalla nuestra independencia. De ese triunfo revolucionario ha nacido el primer país socialista de América. En medio del bloqueo, de las agresiones armadas y de la conspiración internacional del imperialismo norteamericano, nuestro pueblo marcha a paso de vencedor por los caminos gloriosos que conducen a la construcción de un brillante porvenir. Sabemos cuál es el compromiso que hemos contraído con los demás pueblos, la importancia de nuestro humilde ejemplo; sentimos el orgullo legítimo de haber alcanzado el triunfo revolucionario y de haber derrotado en nuestro propio suelo al imperialismo yanqui. Todo esto, sin embargo, no puede justificar una vanidad. No creemos que somos el centro revolucionario del mundo. Nuestro ánimo es sólo el de aportar a reuniones como ésta, modestamente, nuestras experiencias, y, sobre todo, nuestra irrevocable voluntad de solidaridad internacional. Cuba es un país pequeño, somos solamente un poco más de siete millones de habitantes. Pero al inaugurar esta Conferencia deseamos, con absoluta claridad, reiterar ante ustedes, una vez más, que en la medida de nuestras fuerzas, pero con las inagotables energías de lucha de nuestro pueblo, tal como lo proclamara ayer Fidel Castro: "Con Cuba, cualquier movimiento revolucionario, en cualquier parte del mundo, podrá contar, con su ayuda incondicional y decidida".

● TODOS LOS ESFUERZOS DEL PUEBLO DE CUBA ESTAN HOY DEDICADOS A LA CONSTRUCCION DE UNA NUEVA SOCIEDAD

Hoy, más que nunca, renovamos ese compromiso de honor y comprometemos nuestra palabra de revolucionarios. Todos los esfuerzos del pueblo de Cuba están hoy dedicados a la construcción de una nueva sociedad; cuando hemos hecho en estos siete años de Revolución, cuanto obra podremos hacer y haremos en el futuro, es para nosotros un motivo de pasión creadora y revolucionaria. Amamos profundamente nuestra obra, quisiéramos preservarla contra todos los riesgos. Nuestros éxitos económicos, nuestra agricultura en auge, nuestras escuelas y nuestros hospitales, nuestras universidades y nuestros centros de cultura, la generación nueva que hoy se forja, toda esta hermosa realidad revolucionaria de Cuba, la amamos profundamente. Todo ello constituye un tesoro inapreciable para nuestro pueblo pero es oportuno que, en esta ocasión excepcional, dejemos constancia firme de nuestra voluntad de cumplir el compromiso que hemos contraído con los demás pueblos, aunque arriesguemos esas obras y esas creaciones. Si el deber de la solidaridad y el apoyo a los movimientos de liberación de los pueblos de Asia, Africa y América Latina exige ese sacrificio, ese sacrificio lo hará nuestro pueblo. ¡Cuba no fallará!

Señores delegados: Expreso a ustedes las esperanzas del pueblo de Cuba en el éxito de esta Conferencia, la confianza en que ustedes, cada cual con absoluta independencia de criterio, arribarán a conclusiones unánimes y a decisiones combatientes, la fe en que esta reunión, la primera de representantes de los pueblos de los tres continentes, habrá de ser una expresión del espíritu de solidaridad en el combate antimperialista. De esta Conferencia esperan mucho los pueblos. Es alta, pues, la responsabilidad de ustedes. Importa ahora encontrar las formas del lenguaje común y de la acción común contra el enemigo imperialista. Vibrantes son nuestros deseos de que en esta reunión esté genuinamente representado el anhelo de libertad de los pueblos de Asia, Africa y de América Latina, el espíritu combatiente de esos pueblos, el respaldo alentador de todas las fuerzas progresistas del mundo y el apoyo de los países socialistas a la epopeya que hoy protagonizan estos tres continentes. En nombre del pueblo y del Gobierno Revolucionario expreso nuestra profunda gratitud por la estimulante presencia de ustedes en nuestro país, por el honor excepcional de vuestra compañía, por la distinción de que ha sido objeto Cuba al ser escogida como sede de esta reunión, y con fe renovada en el porvenir de los pueblos, en la invencible capacidad de combate de los mismos y en la seguridad de la derrota final del imperialismo declaro inaugurada la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, Africa y América Latina. ¡Viva la lucha de liberación de los pueblos de Asia, Africa y América Latina! ¡Patria o Muerte! ¡Venceremos!



informe político

● ANTECEDENTES Y OBJETIVOS DEL MOVIMIENTO DE SOLIDARIDAD DE LOS PUEBLOS DE AFRICA, ASIA Y AMÉRICA LATINA

● El crepúsculo del Siglo XIX se caracteriza en Europa y Estados Unidos por el desarrollo de la burguesía industrial y comercial y el progreso de la técnica, la ciencia y la cultura en beneficio de las minorías privilegiadas que detentan y usufructúan el poder, y culmina con la aparición del capital monopolista y el auge del capitalismo financiero. La necesidad imperativa de la ampliación de los mercados existentes y de la búsqueda de otros mercados para la exportación del capital acumulado a expensas del trabajo de los pueblos, determina, paralelamente al pugnaz reparto del mundo entre las grandes potencias, el afianzamiento y la extensión del sistema de dominación colonial instituido en Asia y África y en América Latina, recién emancipada del yugo español, el inicio de una política colonial de dominación monopolista, que genera nuevas formas de sujeción política y económica. Las potencias coloniales constituidas a raíz de los grandes descubrimientos geográficos de los siglos XV y XVI —primera aventura internacional del régimen capitalista en proceso de floración— y el subsecuente advenimiento del imperialismo, plasman así, desde temprana época, una política de agresión, explotación y saqueo de los tres continentes.

Una vez completado el reparto de Asia y de África por las potencias europeas, el período comprendido entre las postrimerías de la pasada centuria y los albores de la presente marca el establecimiento de zonas de influencia, en las que fueron configurándose administraciones coloniales con un aparato represivo y gubernativo concebido y organizado para la ejecución de un sistema de explotación permanente al servicio de las metrópolis. Los vastos recursos naturales y la fuerza humana de trabajo en estos continentes se convertirían, a la par, en una de las bases de sustentación de las potencias coloniales europeas y en los pilares del sistema imperialista mundial.

En América Latina, el proceso de explotación colonial se caracterizó por haber evolucionado hacia formas de dependencias de tipo neocolonial, fenómeno surgido en esta área con mayor anticipación que en Asia y en África, donde ha venido a manifestarse, en su forma más aguda y extendida, hace sólo algunos años con el advenimiento a la independencia política de muchos de sus países.

La lucha de las colonias culmina en el primer tercio del Siglo XIX

La lucha por la independencia de la mayoría de las colonias europeas y principalmente de las españolas en América Latina culmina durante el primer tercio del siglo XIX. Huelga añadir que los principios políticos, las concepciones económicas, los criterios sociales y las normas jurídicas que la inspiran dimanaban de la Revolución Francesa y de la Revolución Norteamericana, personificaciones clásicas ambas del inicio de la dominación universal de la burguesía como clase y del paulatino desplazamiento geográfico de su hegemonía política y económica en las regiones subdesarrolladas del mundo.

A causa del retraso político, económico y social a que los había sometido secularmente la explotación colonial, los países políticamente emancipados de España fueron pronto estructuras propicias a la penetración económica y la dominación monopolista de las potencias europeas, y, sobre todo, de Inglaterra. Pero después de la guerra hispano-cubana-norteamericana —primera guerra imperialista que registra la historia y sombrío prefacio de las depredaciones, despojos y crímenes que escribiría a partir de entonces el imperialismo yanqui— la influencia europea en América Latina fue progresivamente sustituida por el aparato de dominación neocolonial de Estados Unidos, servido

en cada país por la oligarquía criolla que se había adueñado del poder al capitular los ejércitos españoles. La independencia política de los países de América Latina se contrajo, en rigor, a un cambio nominal de soberanía, que entrañó, en el fondo, un fortalecimiento de la estructura económica y social semifeudal creada por la dominación colonial de España, con sus correspondientes relaciones de clase, jerarquías y privilegios. Las masas desposeídas, ultrajadas y oprimidas del pueblo, que habían nutrido las heroicas y abnegadas huestes de Bolívar, San Martín, Sucre, O'Higgins, Páez y Artigas, permanecieron férreamente unidas al régimen de explotación, opresión, discriminación, ignorancia y miseria que gravitó sobre sus espaldas durante cuatro siglos, agravado aún más por los métodos de exacción enmascarada del neocolonialismo y los intoxicantes embelesos de la "democracia representativa". Los gobiernos de esos países, obsecuentes administradores de los intereses de la oligarquía criolla y meros títeres del imperialismo, durante largos años representaron ante el mundo la dramática farsa de una constelación de naciones políticamente independientes, no obstante ser cada vez más en el orden económico nuevos feudos de Estados Unidos.

Importa señalar que en América Latina el proceso de suplantación de las formas de explotación colonial directa se produce en una época en que el grado de desarrollo de la conciencia social de las grandes masas oprimidas todavía no les permite luchar por objetivos precisos, definir al enemigo de clase y deslindar la ficción de la independencia nacional de la realidad de la servidumbre neocolonial.

Los esfuerzos de un mundo que agoniza y el comienzo de uno que nace

Por el contrario, cuando a la terminación de la Segunda Guerra Mundial —en plena eclosión las corrientes más progresistas de la humanidad con la derrota del fascismo y las fuerzas de la reacción internacional— comienza el proceso de la independencia de la mayoría de las antiguas colonias europeas de Asia y África, estamos en una época enteramente distinta, en que se perciben claramente agoniza y los vagidos de un mundo que nace. A los principios, concepciones, criterios y normas que sustentan el sistema colonial del imperialismo, se contraponen ahora principios, concepciones, criterios y normas que lo ponen en cuestión teórica y factualmente. Su desarrollo y extensión, que permean y galvanizan a zonas considerables de las clases explotadas de los países sojuzgados. Los pueblos de África y Asia están, sin duda, mucho más alertados y maduros que lo estuvieron los pueblos de América Latina en similar coyuntura y poseen ya una rica experiencia acumulada en sus luchas por la independencia nacional.

Los siguientes hechos trascendentales han contribuido, decisivamente, a ensanchar, profundizar y activar la lucha de los pueblos por su liberación nacional y el progreso de las ideas revolucionarias: la Revolución de Octubre, que es el acontecimiento que ha señalado el camino histórico de la humanidad señalando el camino a seguir por todos los pueblos del mundo para alcanzar la libertad verdadera y la justicia plena; la Revolución china; las luchas crecientes contra el colonialismo, por la independencia, la emancipación de numerosas naciones de África, Asia y la Revolución Cubana, que sumó el primer estado socialista de América. Estos hechos han cambiado la balanza en favor de las fuerzas progresistas, democráticas del socialismo, amantes de la libertad y de la paz, impulsando el movimiento de liberación de los pueblos haciendo que muchos países de África y Asia alcancen su soberanía nacional. El siste-

ma colonial del imperialismo se ha desintegrado en pedruzcos.

En esas nuevas condiciones y circunstancias, los pueblos de Asia y África enderezan su lucha, con una conciencia cada vez más clara y firme, a la consecución de la liberación nacional completa y a constituirse en naciones independientes, tanto desde el punto de vista político como económico. Al mismo tiempo, los pueblos ya independientes o en proceso de emancipación, de ambos continentes, comienzan a percatarse de la política de expansión imperialista de Estados Unidos con respecto a ellos, después de la Segunda Guerra Mundial cuando inician el desplazamiento de las viejas colonias europeas con tal contumacia y desembozo, que rápidamente se desenmascaran ante la opinión pública internacional como pretense heredero de sus aliados venidos a menos y en principal sustentáculo del sistema colonial del imperialismo en sus nuevas y viejas modalidades. Escribiendo el monopolio de la bomba atómica que durante varios años ejerció como símbolo y expresión de predominio universal y como arma de chantaje y agresión.

En consecuencia con esa política de expansión y hegemonía, encaminada, por una parte a la más efectiva dominación y explotación de los pueblos, y, por otra parte, a tender un cerco amenazador a los países socialistas, el gobierno de Estados Unidos inició una red de alianzas y pactos militares agresivos en todo el mundo. En el Lejano Oriente, especialmente, los imperialistas norteamericanos, que dejaron caer bombas atómicas sobre Hiroshima y Nagasaki, han concertado pactos militares agresivos con sus nuevos aliados y títeres en Japón, Corea del Sur, el territorio chino de Formosa, Filipinas y Tailandia, ocupando los territorios japoneses de Okinawa y Ogarawara, así como estableciendo cientos de bases militares en esa región.

En 1950 los imperialistas comenzaron la invasión de Corea

En 1950, de acuerdo con su política de guerra agresiva, los imperialistas norteamericanos comenzaron la invasión de Corea, realizaron un movimiento agresivo para "contener a China" y lanzaron recientemente agresiones en Viet Nam y Laos. Están tratando de extender la guerra por toda Asia.

Los imperialistas norteamericanos, que continúan ocupando la mitad sur de Corea, la han convertido en una base para cohetes nucleares y están constantemente llevando a cabo provocaciones guerrilleras a lo largo de la línea de demarcación militar violando el Acuerdo de Armisticio. Particularmente en épocas recientes, los imperialistas norteamericanos están urdiendo una complotada entre el gobierno reaccionario japonés y la camarilla títere de Corea del Sur, y forzando la "conclusión" de un "Tratado entre Japón y Corea del Sur" abriendo descaradamente el camino a una nueva invasión y la expansión hacia Corea del Sur al militarismo japonés, que se está haciendo revivir rápidamente. De este modo, con la revitalización del militarismo japonés como palanca, están creando la agresiva Alianza Militar Nor-Oriental y promoviendo abiertamente su política de agresión contra los países asiáticos.

Ahora, aprovechándose de las posibilidades ofrecidas a ellos por la opresión existente en Asia, las fuerzas reaccionarias japonesas se están infiltrando rápidamente en Corea del Sur y realizando maniobras para atacar a la República Popular Democrática de Corea, la República Popular China y otros países asiáticos. Esto no solamente perpetúa la división de Corea y agrava la tensión, sino que crea una situación seria que amenaza la paz y la seguridad en Asia y el mundo. Los imperialistas norteamericanos también despliegan la 7a. Flota, equipada con armas nucleares, a lo largo de la costa de Asia, tratando de llevar esas armas a Japón y otras áreas, recurriendo de este modo al chantaje nuclear y engendrando el peligro de una guerra nuclear.



20577

20577

La política de expansión y hegemonía del imperialismo yanqui se enfila particularmente contra los pueblos de Viet Nam, Laos, Cambodia y Corea, concertando, en los casos de los gobiernos títeres surgidos en el Sur del territorio de Viet Nam y Corea, arbitrariamente divididos, sendos pactos agresivos. Suscribe, asimismo, con los títeres en Taiwan, aupados y sostenidos por la Séptima Flota Norteamericana, otro pacto militar del mismo cariz.

Frente a esta compleja y peligrosa situación, los nuevos estados de Asia y África, sienten, como un imperativo político, la necesidad de unir sus esfuerzos y solidarizarse en la defensa común de su independencia y en el desarrollo cultural y económico de sus pueblos frente a la amenaza de influencias extrañas distorsionadoras; y surge así, en abril de 1955, la histórica Conferencia de Bandung, que agrupó a los Jefes de Estado o de Gobierno de 29 naciones de los dos continentes.

La Conferencia de Bandung señaló un momento capital en el despertar de la conciencia de los pueblos afro-asiáticos y representó la coronación de un movimiento de solidaridad que había germinado y venía despertándose desde la época de sus luchas por la liberación nacional y la independencia, proclamándose los conocidos principios de Bandung de tanta trascendencia para el movimiento anticolonialista. Antecedente relevante de esta reunión fue el Congreso de los pueblos asiáticos, efectuado en Nueva Delhi, en marzo de 1955.

El ministerio de colonias yanqui: la O. E. A.

En ese mismo período, el gobierno de Estados Unidos manióbró para evitar toda posibilidad de unión de los pueblos balcanizados de América Latina, ora apelando descaradamente a la fuerza, bien aprovechándose de la política entreguista y venal de las oligarquías gobernantes, que habían aceptado, desde fines del pasado siglo, la fundación, bajo la inspiración y férula del nuevo imperio naciente, de la Unión Panamericana, que constituyó la base sobre la que se erigió, a su vez, en 1948, la Organización de Estados Americanos, el ya tristemente célebre Ministerio de Colonias yanquis.

Un año antes, en 1947, Estados Unidos, acordó con su política de expansión y hegemonía, concertó en Río de Janeiro con los gobiernos de América Latina el sedicente Tratado de Asistencia Recíproca para la defensa del hemisferio frente a imaginarias agresiones extracontinentales y cuyo verdadero, y único objetivo era, como han probado los hechos, servir de dócil mecanismo para la aplicación de su política exterior en el continente.

Mientras no pudo ser más ostensible. Mientras por una parte, en Bandung, los pueblos afroasiáticos libraban una lucha anticolonialista y anticolonialista y por la otra, la mayoría de los gobiernos de América Latina, traicionando las aspiraciones y los intereses de sus pueblos, se vinculaban al imperialismo en su común política de explotación y dominio. Y, asimismo, en tanto que en Asia y en África se fundía en un solo frente la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, en América Latina, el neocolonialismo norteamericano robustecía y refinaba su sistema de sojuzgamiento político y medro económico con la connivencia de las oligarquías criollas, creándole situaciones difíciles y complejas a la lucha de los pueblos por su liberación nacional.

En el curso de su empeño y heroico enfrentamiento con el imperialismo yanqui, los pueblos latinoamericanos tuvieron que sufrir conjuntamente con el drenaje de sus recursos naturales y la explotación despiadada de su fuerza de trabajo, la intervención militar directa del imperialismo yanqui en la esfera de su vida interna. En 1898, coincidiendo con su aparición en la palestra mundial, intervino en la guerra de Cuba contra el colonialismo español, escamoteó su independencia y ocupó su territorio, se apoderó de Puerto Rico y otras islas de la región del Caribe, así como de Filipinas, arrogándose, finalmente mediante la imposición de un tratado, el derecho a intervenir en los asuntos de Cuba y a ocupar un pedazo de su territorio, en Guantánamo, donde estableció una base naval contra la voluntad del pueblo cubano.

En 1903, interfiriendo y desvirtuando las aspiraciones políticas de los pobladores del istmo de Panamá impusieron, por la fuerza, la adopción de un tratado que le garantizara el control en su beneficio del tránsito marítimo internacional entre los océanos Atlántico y Pacífico, y, asimismo, para establecer una base militar estratégica como punta de lanza de su política de expansión y hegemonía en América Latina y en el mundo.

En diferentes ocasiones, y con diversos pretextos, el imperialismo yanqui ha violado la soberanía y la integridad territorial de numerosos países de América Latina, para preservar sus privilegios económicos, imponer su

política de dominio y amedrentar a sus pueblos: México, Guatemala, Cuba, Colombia, Nicaragua, Haití y República Dominicana —victima ahora de una intervención más brutal y cínica que las anteriores— han sido blanco de esta odiosa y rapaz política.

En una forma u otra y en la medida en que podía, la lucha de los pueblos de América Latina por su liberación nacional siguió su curso con la propia tenacidad con que los países de Asia y África trataban de soldar su solidaridad antes y, sobre todo, después de la Conferencia de Bandung.

La lucha del pueblo de Puerto Rico por su independencia señala en toda su desnudez el carácter del imperialismo yanqui. De un modo premeditado y persistente, el imperialismo norteamericano, desde que se apoderó de la isla antillana, aprovechándose del desplome del colonialismo español en América, ha venido explotando las riquezas y el trabajo del pueblo portorriqueño y ahogando en sangre los brotes de rebeldía. El imperialismo yanqui trata de destruir los bienes culturales de Puerto Rico y adulterar su historia, imponiéndole una educación contraria a sus esencias nacionales. Para aplastar a su pueblo mantiene allí un enorme aparato militar que dispone en algunas de sus bases hasta de armas atómicas. Puerto Rico constituye en nuestro hemisferio una sobrevivencia anacrónica de la más antigua y rapaz forma de colonialismo.

El movimiento de liberación africano se perfiló en la Conferencia de Manchester

El movimiento de liberación africano, el cual comenzó a desarrollarse simultáneamente con los movimientos revolucionarios de la época posterior a la Segunda Guerra Mundial, se perfiló con más precisión en la Conferencia de Manchester de 1945. Esta Conferencia, organizada y dirigida por dirigentes contemporáneos africanos, señaló las estrategias para la acción política de la lucha de liberación en África. Característicamente el ritmo de los movimientos sería determinado por factores históricos. Las divisiones políticas del continente, bajo el dominio opresor de las potencias coloniales tuvieron el efecto de limitar la unidad de propósito y de acción en todo el continente.

El credo revolucionario de la Conferencia de Manchester —acción positiva, exitosamente llevada a cabo en la Costa de Oro (hoy Ghana)—, batió completamente al colonialismo británico en esta zona en 1957. En África Oriental, lo que se caracterizó como el levantamiento de los Mau Mau, no fue ciertamente más que la manifestación del ascenso revolucionario iniciado por la Conferencia de Manchester de 1945. En vista de los arraigados intereses de los amos imperialistas en esta parte de África, la lucha aquí se convirtió en un violento enfrentamiento que no se diferenciaba de una lucha armada. Por otra parte, el movimiento de liberación, en lo que era entonces la zona colonial francesa, bajo la bandera de la A.D.A. (Agrupación Democrática Africana) llegó a ser decisivo para la liquidación del colonialismo francés. Acelerando aún más la descolonización a través del continente, la Primera Conferencia de todos los Pueblos de África, celebrada en Accra, Ghana en 1958, galvanizó en un solo frente los esfuerzos organizativos de los combatientes por la libertad para desencadenar un asalto masivo sobre los regímenes coloniales de Gran Bretaña, Francia, Bélgica y Portugal. Los resultados del movimiento de liberación continúan siendo, desde 1958, jalones brillantes en la lucha africana; el colonialismo belga en el Congo se desmoronó y así también sucedió con la Federación de África Central dominada por blancos, que se compone de los dos Rhodésia y Nyasalandia.

Al igual que la conferencia de los pueblos, la primera reunión de los jefes de Estado y de Gobierno, celebrada también en Accra, era simplemente para reforzar la determinación de los pueblos a nivel gubernamental en la liquidación del imperialismo por otros medios. Pero el colonialismo y el imperialismo no son fáciles de liquidar; la descolonización masiva ocurrida en el año 1960 en África, fue un fenómeno ilusorio. El neocolonialismo vino a sustituir al colonialismo tradicional. Y ¿cuáles son las características de este nuevo colonialismo? El poder colonial que, poseedor de intereses militares y económicos, continúa ejerciendo su dominio en la vida económica y política de la excolonia, después que ésta ha obtenido formalmente su independencia política. Sin embargo, debe comprenderse que este cambio de forma de colonialismo o neocolonialismo no implica un cambio total de táctica política. En la misma forma que la política de "divide y vencerás" fue exitosamente utilizada durante un período de tiempo demasiado largo por el colonialismo y el

imperialismo, ahora el neocolonialismo actúa de igual manera.

Los sorprendentes éxitos del movimiento de liberación en África, están aún por ser coronados con la victoria sobre el colonialismo. Si la Organización de Unidad Africana logra sobrevivir a las maquinaciones de las potencias neocolonialistas estará ganada la victoria final de África. Pero en el curso de su historia, la Organización ha sido víctima de la diabólica política de "divide y vencerás" aplicada por las potencias neocolonialistas. Esto hace presumir la creciente necesidad de intensificar la lucha hasta obtener la victoria final.

Los pueblos africanos se han levantado en armas contra el imperialismo

Analizando la lucha desde la Segunda Guerra Mundial encontramos que el continente africano ha sido rescatado por la resistencia heroica de esos pueblos contra los opresores y explotadores extranjeros. Los pueblos africanos, al fin, se han levantado en armas contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo. Estas luchas representan nobles capítulos en la historia de dichos pueblos. He aquí algunos de estos capítulos:

- 1.—La revolución egipcia de 1952.
- 2.—Acción positiva y el nacimiento de la República de Ghana.
- 3.—El franco desafío de Guinea al colonialismo francés.
- 4.—La epopeya de la guerra patriótica de siete años que libró el pueblo argelino.
- 5.—La resistencia heroica del pueblo de Kenia.
- 6.—El coraje denodado de los pueblos de África bajo las botas del apartheid y de la dominación blanca.
- 7.—La lucha airra de los africanos en las llamadas colonias portuguesas contra el colonialismo portugués.

Como resultado de estas luchas surgen nuevos Estados africanos. El surgimiento de Estados africanos soberanos, sin embargo ha coincidido con la transformación del colonialismo al neocolonialismo. Por lo tanto, la marcha inevitable de la historia ha involucrado a los pueblos africanos en una lucha mortal contra el neocolonialismo. La culminación lógica de esta lucha dio origen a la Organización de la Unidad Africana. La Primera Conferencia de los Estados africanos independientes, que se celebró en 1958, elaboró y proclamó las metas así como la estrategia de la Unidad Africana. La Unidad Africana es la estrategia de la liberación total de África y de su completa independencia en la era en que la crisis del imperialismo se hace más aguda. Ella es la teoría y la práctica de emancipación africana.

En esta época, cuando el problema fundamental de África es liberarse de siglos de subyugación colonial, el concepto de la Unidad Africana es primordialmente una estrategia dirigida contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo. Los intereses vitales de África siguen siendo la terminación del colonialismo, del imperialismo y del neocolonialismo, la construcción de un nuevo orden social, económico y político, así como la conservación de la paz mundial.

Bajo la inspiración y la guía de los principios formulados en Bandung, se consolidó, articula y amplía el movimiento unitario de los pueblos afroasiáticos que tuvo su antecedente relevante en el Congreso de los Pueblos Asiáticos efectuado en Nueva Delhi el año anterior.

En 1956 se produjo el movimiento de liberación en la historia con su programa por la liberación económica y política, la Revolución Egipcia nacionalizó el Canal de Suez, que condujo a la agresión tripartita de Gran Bretaña, Francia e Israel, y que fue derrotada por la lucha del pueblo egipcio con la solidaridad militante de los pueblos del mundo.

La victoria de la Revolución egipcia sobre las potencias coloniales e imperialistas, fue el gran impulso para la lucha por la liberación que mostró impudencia. La primera Conferencia de Solidaridad Afroasiática, que tuvo lugar en El Cairo, República Árabe Unida, en diciembre de 1957 a enero de 1958 demostró que el punto decisivo son las tareas de la consolidación y organización de la solidaridad de los pueblos de Asia y África.

Esta Primera Conferencia estableció la Organización para la Solidaridad de los Pueblos Afroasiáticos y eligió el Secretario Permanente de esta Organización, el cual viene trabajando exitosamente durante los últimos 8 años.

Durante la Segunda Conferencia que tuvo lugar en Conakry, Guinea, la Organización para la Solidaridad de los Pueblos Afroasiáticos se consolidó aún más y amplió sus actividades a través del recién establecido Fondo de Solidaridad Afroasiática.



Pakistán



México



África del Sur



República Dominicana

La Organización ganó nuevas fuerzas y ha solucionado muchos problemas importantes en sus Conferencias posteriores: la tercera en 1963 en Moshi, Tanzania, y en Winneba, Ghana, en 1965.

Juntamente con estos esfuerzos, la incorporación a la vida independiente de nuevos estados, africanos principalmente, hace más efectiva y firme la lucha en su conjunto.

La expresión de esta solidaridad afroasiática se manifiesta igualmente en multitud de acuerdos, resoluciones y medidas prácticas adoptadas en el curso ascendente de todo ese vasto movimiento, así como en innumerables conferencias internacionales de diversos tipos.

Las resoluciones y recomendaciones aprobadas en el Seminario Económico celebrado en Argel a principios de 1965, contribuyeron a reforzar la unidad de lucha en este campo y a definir con limpez las consecuencias de la explotación imperialista.

La Organización de Solidaridad de los Pueblos Afroasiáticos inició conferencias importantes en varios campos de la solidaridad afroasiática como fue la Primera Conferencia de la Juventud Afroasiática, de El Cairo, RAU, en 1959; la Primera Conferencia de Mujeres Afroasiáticas de El Cairo, RAU, en 1961; la Primera Conferencia de Escritores Afroasiáticos de Tashkent, URSS, en 1958; la Segunda Conferencia de Escritores Afroasiáticos de El Cairo, RAU, en 1962, etc. En forma muy señalada es necesario consignar la unión creciente que se ha ido formando entre los países africanos que, ya en 1963, lograron constituir la Organización de la Unidad Africana (OUA).

Los objetivos de la solidaridad se alcanzaron también en las reuniones periódicas, en la cumbre, que comienzan a celebrarse, a lo largo de este período, entre los jefes de Estado de los países árabes.

Por otra parte, las Conferencias de Jefes de Estado o de Gobierno de Países No Alineados y, particularmente, la segunda efectuada en El Cairo, en 1964, en la que participaron la mayor parte de los países emancipados de Asia y África, así como Cuba y algunos observadores de América Latina, constituyeron pasos muy efectivos en el camino de la lucha por la autodeterminación, independencia y soberanía de los pueblos, en la unión de las fuerzas anticolonialistas y en la denuncia y repudio de las agresiones e intervenciones de las potencias imperialistas.

Como contrapartida a este movimiento de solidaridad del imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, han creado su OEA africana en la Organización Común Africana Malgache (OCAM).

En la esfera del intercambio cultural y educativo, descuellan, como exponente del desarrollo del movimiento de solidaridad, la celebración de los juegos deportivos de las nuevas fuerzas emergentes efectuada en Indonesia en 1963 y la creación de la organización denominada GANEFO.

En América Latina, el triunfo en 1959 de la Revolución Cubana entraña un viraje esencial en el desarrollo de la lucha anticolonialista, que se traduce en el fortalecimiento de los movimientos revolucionarios existentes y en la extensión y hondura de la conciencia de la lucha de masas. Puede aseverarse que, a partir de ese magno suceso, la estrategia del imperialismo yanqui en esa parte del mundo está condicionada por el curso ascendente de la Revolución Cubana, que conmovió los cimientos del sistema del imperialismo yanqui en América y destruyendo dogmas de fatalismo geográfico, reveló la nueva correlación de fuerzas en el mundo y demostró las posibilidades de lucha y triunfos revolucionarios de los pueblos en este continente, convirtiéndose en una firme base de apoyo de las luchas de los pueblos africanos, asiáticos y latinoamericanos por su autodeterminación, independencia y soberanía.

La Segunda Declaración de La Habana es la historia de América

El conjunto de estos antecedentes y circunstancias determinan que el amplio y pujante movimiento de solidaridad afroasiática tienda su mano hacia América Latina, y se examinen y constaten las características similares de las luchas y vicisitudes de los tres continentes sometidos a la misma política de explotación, agresión e intervención de las potencias imperialistas y colonialistas, así como las particularidades nacidas de condiciones históricas, económicas, sociales y culturales diversas.

La Segunda Declaración de La Habana, aprobada en Asamblea General del Pueblo de Cuba el 4 de febrero de 1962, había ya consignado al respecto: "¿Qué es la historia de Cuba sino la historia de América Latina?" y "¿Qué es la historia de América Latina sino la historia de Asia, África y Oceanía?", y "¿Qué es la historia de estos pueblos sino la historia de

la explotación más despiadada y cruel del imperialismo en el mundo entero?".

La necesidad de organizar la solidaridad de los pueblos de los tres continentes se planteó, por primera vez, en la Cuarta Sesión del Consejo de Solidaridad de los Pueblos Afroasiáticos, celebrada en Bandung en abril de 1961, el mismo mes y año en que se produce la agresión imperialista de Playa Girón, aplastada por el pueblo cubano en menos de 72 horas. Es indudable que esta victoria fulminante infundió nuevo impulso, aliento y estímulo a la solidaridad de los pueblos de Asia, África y América Latina.

En esa reunión, a la que asistió por primera vez en la historia del movimiento de solidaridad afroasiático un observador latinoamericano en la persona de un representante de la Revolución Cubana, se recomendó el estudio de las posibilidades para la convocatoria de una Conferencia de solidaridad de los tres continentes. Fundándose en ese acuerdo, en la reunión efectuada en Gaza, Palestina, en diciembre de ese propio año, por el Comité Ejecutivo de la Organización de la Solidaridad de los Pueblos Afroasiáticos, se aprobó una resolución tendiente a preparar la convocatoria de una conferencia de los pueblos afroasiáticos y latinoamericanos.

En 1962, una delegación cubana asistió como observadora a la Segunda Conferencia de Juristas Afroasiáticos, celebrada en Conakry, entre el 15 y 20 de octubre.

La celebración en México, en 1961, de la Primera Conferencia Latinoamericana por la Soberanía Nacional, la Emancipación Económica y la Paz, contribuyó, incuestionablemente, a madurar el ambiente para una Conferencia Tricontinental, al pronunciarse en su favor.

En el curso de la tercera Conferencia por la Solidaridad de los Pueblos Afroasiáticos, efectuada en Moshi, en 1963, se dieron ya pasos decisivos y concretos. En esta Conferencia, a la que asistió, también como observador, un delegado de Cuba, se formuló la invitación del Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, Comandante Fidel Castro, ofreciendo La Habana como sede de la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina.

La Conferencia de Moshi acogió cálidamente la invitación, constituyendo el Comité Preparatorio de la Conferencia, y adoptando al efecto una resolución especial.

El Comité Preparatorio debía estar constituido por 18 miembros u organizaciones de los siguientes países: Argelia, Guinea, Marruecos, R.A.U., Tanzania, África del Sur, República Popular China, India, Indonesia, Japón, U.R.S.S. y Viet Nam. Después de la Cuarta Conferencia de Solidaridad Afroasiática, efectuada en Winneba, Ghana, fue elegida Ghana en sustitución de Marruecos, al que se asignó la presidencia del Comité Preparatorio, en la recia personalidad revolucionaria de El Mehdi Ben Barka. La Conferencia de Moshi fue una demostración de la amplitud y el apoyo a la celebración de una Conferencia Tricontinental por parte de todos los movimientos y organizaciones que luchan contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, por la completa independencia nacional y por la paz y el progreso de los pueblos de África, Asia y América Latina.

La histórica decisión de convocar la Tricontinental

En la sexta reunión del Consejo de Solidaridad Afroasiática, celebrada en Argel, se acordó convocar a los doce miembros africanos y asiáticos con el fin de preparar las condiciones para la constitución del Comité Preparatorio, adoptándose las medidas al efecto en la reunión efectuada en abril de 1964 en El Cairo. En esta reunión se aceptaron los siguientes países de América Latina como miembros del Comité Preparatorio: México, Venezuela, Guatemala, Chile, Uruguay y Cuba.

En la Cuarta Conferencia de Solidaridad efectuada en Winneba se adoptó la histórica decisión de convocar a una reunión del Comité Preparatorio en El Cairo y de celebrar en La Habana, a principios de enero de 1966, coincidiendo con el Séptimo Aniversario de la Revolución Cubana, la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina. En la reunión de El Cairo, se decidió que la lista final de asistentes se determinaría mediante consultas con el Presidente y el Secretario General del Comité Preparatorio, con los representantes africanos y asiáticos de la Organización de Solidaridad de los Pueblos de África y Asia y con los seis representantes de América Latina.

La solidaridad de la Revolución Cubana y de las organizaciones más representativas de la lucha anticolonialista en América Latina con los pueblos asiáticos y africanos se ha manifestado en forma constante y activa, en diversas coyunturas y, especialmente, en las más críticas, como en la intervención del imperialismo yanqui en Viet Nam del Sur y la posterior agresión a la República Democrática de Viet Nam, la intervención belga-norteamericana-británica en el Con-



Guinea
llamada Portuguesa



Bechuanalandia



Brasil



Nigeria



Yemen



Perú



Congo (Leopoldville)



Argentina



Venezuela

go (Leopoldville) y anteriormente durante la lucha del pueblo de Argelia por su liberación, con el pueblo chiota en su lucha por su autodeterminación y plena soberanía y, en general, en la de otros pueblos africanos, ocasiones en que numerosos actos de solidaridad y manifestaciones de ayuda de diverso tipo se produjeron en América Latina. Esta solidaridad se mantuvo viva e irradia, a lo largo de todo el desarrollo creciente de las luchas antimperialistas de los pueblos afroasiáticos y, sobre todo, en circunstancias como la agresión imperialista a Corea en 1950, la guerra del colonialismo francés contra el pueblo de Viet Nam, la intervención militar anglo-francesa e israelí en Egipto, la criminal política de discriminación racial seguida en África del Sur y otros Estados africanos por los imperialistas y en apoyo de todas las luchas libradas en los dos continentes contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo. A su vez, el movimiento de solidaridad de los pueblos afroasiáticos con los pueblos de América Latina ha venido expresándose en forma consistente, sobre todo en el caso de Cuba, brindándole apoyo en su lucha contra el imperialismo yanqui, así como su respaldo al pueblo de la República Dominicana contra la intervención armada del imperialismo. El movimiento de solidaridad afroasiático se ha pronunciado, además, por la abolición del colonialismo en territorios de América Latina y en favor de la lucha de los pueblos de Puerto Rico, Guadalupe, Martinica y la Guayana Británica por su liberación nacional. En la misma forma, se ha manifestado concretamente por la supresión de las bases militares norteamericanas enclavadas en América Latina, por el cese de todas las formas de discriminación racial en Estados Unidos y de la política neocolonialista y de opresión de los pueblos latinoamericanos, así como en pro de sus luchas contra la política de explotación, agresión e intervención del imperialismo yanqui.

Espontáneo movimiento de solidaridad entre los pueblos de tres continentes

El originalmente espontáneo movimiento de solidaridad militante entre los pueblos de los tres continentes con una común defensa y unión de sus luchas contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, fue así sentando, al compás de los hechos, las bases para su organización y transformación en contrastable realidad viviente. La celebración de esta Conferencia en La Habana constituye un acontecimiento de proporciones mundiales. Por primera vez se reúnen delegados de las organizaciones de lucha antimperialista y anticolonialista de los tres continentes. Por primera vez se hace efectiva y cobra cuerpo la idea de unificar los esfuerzos encaminados a desarraigar todas las formas de colonialismo que aún se obstinan en prolongar las potencias imperialistas y colonialistas, a frustrar las agresiones del imperialismo y de las fuerzas reaccionarias en los tres continentes, a acelerar la liberación de los pueblos, asegurar su desarrollo económico, social y cultural, a consolidar el movimiento de solidaridad de África, Asia y América Latina y a mantener activa y permanente la vinculación y coordinación de todos los países que luchan por conquistar o mantener su independencia. Todos estos esfuerzos aunados, y las medidas concretas que se adop-

ten para propender a materializar su solidaridad en todos los sentidos, contribuirán a robustecer y ampliar aún más esta lucha, y constituirán un rudo golpe en la columna vertebral del imperialismo. Ningún marco más apropiado para la celebración de la Conferencia Tricontinental que la capital de Cuba, cuyo pueblo, después de haber conquistado la plena autodeterminación, independencia y soberanía por la fuerza de las armas resistió indolegablemente la agresión imperialista en sus formas de brutal bloqueo económico, implacable hostilidad política, constante filtración de espías, sabotadores y agentes subversivos, invasión mercenaria, provocaciones desde la base militar yanqui armamentariamente ubicada en su territorio, acciones piratas y el peligro real y permanente de un ataque armado directo.

La Conferencia Tricontinental: manifestación de apoyo de los pueblos afroasiáticos y latinoamericanos a Cuba

Esta Conferencia, constituyese, por su propio carácter y a virtud de esa circunstancia, una potente manifestación de apoyo y solidaridad de los pueblos afroasiáticos y latinoamericanos a Cuba y su Revolución, que se extiende a los pueblos de los tres continentes que en esta hora batallan por su libertad y muy especialmente a aquellos que con las armas en la mano, y en las condiciones más dramáticas, se enfrentan al imperialismo en Viet Nam, Venezuela, República Dominicana, el Congo, Perú, Angola, Guatemala, Mozambique, la llamada Guinea Portuguesa, Colombia y en tantos otros países. Sus sacrificios y heroísmos han ido iluminando sus deliberaciones y acuerdos, que se traducirán seguramente en manifestaciones efectivas y concretas de ayuda y solidaridad hacia estos pueblos hermanos. La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina se reúne en los momentos en que los imperialistas y las fuerzas de la reacción ya no pueden apagar las llamas del movimiento de liberación nacional ni desviar el camino emprendido por los países que han logrado su independencia. Es evidente, a todas luces, que el sistema imperialista ha entrado en crisis acentuándose sus contradicciones internas con merma de su capacidad de maniobra. El poderoso impulso que ha tomado la opinión pública mundial rechazando las anacrónicas pretensiones de los colonizadores y neocolonizadores aumentados y dirigidos por el gobierno de Estados Unidos, que es el centro proveedor militar e ideológico de las fuerzas que operan actualmente en contra de los intereses de los pueblos. Sabido es que la propia mecánica del imperialismo, su razón misma de ser, se opone a la emancipación nacional en cada uno de los episodios de su trayecto. En el panorama que el imperialismo ha brindado siempre a los pueblos no puede percibirse una sola luz de esperanza. El saldo de su conducta está a ojos vistas: explotación y discriminación, atraso y miseria; infelicidad cultural y desprecio a las tradiciones y a la dignidad nacional. Esa es su única herencia. El distrite sin límites de la propia riqueza, el cultivo pleno de las particulares

formas de expresión de cada nacionalidad, el decoro sin manchas y la autodeterminación son frutos ajenos al árbol venenoso de la explotación imperialista. Y no puede ser de otro modo porque la base del imperialismo, que es el beneficio que obtienen los grandes monopolios capitalistas de los recursos humanos y materiales de los pueblos que sufren su dominio, quedaría sin sustentación al suprimirse su propósito cardinal, que es éste y no hay otro. Por eso, cada concesión aparente que pueda hacer el imperialismo es un repliegue táctico y no una rectificación de conducta.

La historia, la lógica y la razón aseveran que en el copioso catálogo de acciones de los imperialistas no hay, ni puede haber, un lugar para el renunciamiento. Empresas militares para someter a los pueblos o penetración capitalista para uncirlos a su yugo, son dos vertientes del mismo torrente de lodo y sangre que arroja el colonialismo desde hace siglos. Fuerza bruta o dinero corruptor, amenaza y coacción, bloqueo económico y cerco diplomático, difamación o engaño, son las armas que se utilizan indistinta o conjuntamente. En el largo itinerario de crímenes del imperialismo no ha habido un solo paso a favor de los pueblos; nada que signifique restringir los privilegios; manifestación alguna que no haya sido de carácter ofensivo; gestión que no se haya dirigido hacia el sacrificio de sus víctimas y el ensanchamiento del poder de las metrópolis.

La más reciente expresión de esas acciones agresivas la constituye la llamada táctica de la "guerra escalonada" puesta en práctica contra el heroico pueblo de Viet Nam. Las masas explotadas se han resistido y se han rebelado contra el inicio despojo de que han sido objeto. Nunca se han resignado a la miseria y a la humillación, sino que en la búsqueda incesante de su redención han ido acumulando fuerzas, ganando en experiencia, ascendiendo en nivel político, persiguiendo la unidad y fomentando la solidaridad sobre las distancias pa-ra poder avanzar contra sus opresores. Cada ganancia obtenida por la causa de la libertad y la independencia ha sido producto de la rebeldía popular. No cabe aducir ejemplo alguno en el que los logros fueran el resultado de la gracia o el arrebatamiento de los explotadores. Estos abandonaron sus posiciones cuando las condiciones imperantes abrieron el camino y los pueblos supieron aprovecharlas, haciéndose protagonistas de la historia.

La máxima responsabilidad de la Primera Conferencia Tricontinental

Frente a la sed de justicia de los pueblos, la gula de los explotadores se ha trocado en acciones desesperadas, intervenciones criminales, represiones sangrientas y a la larga en derrotas y más tarde o más temprano los movimientos de liberación, que esgrimen las armas destructibles de la justicia y que están asistidos y estimulados por la fuerza moral que emana de la conciencia, avanzan incontenibles a través del tiempo hasta coronar la victoria. Esta, sin embargo, no florece por generación espontánea. Rompiendo los diques que impedian su desarrollo las distintas sociedades que se han sucedido en la historia fueron abriendo los surcos del progreso, pero las desigualdades en los recursos materiales disponibles, la acumulación de capitales y el uso de la técnica

aplicada tanto a la producción pacífica como bélica; las abismales diferencias en el usufructo de los conocimientos que las clases poseedoras han impuesto a las masas desposeídas, arrojaron como saldo este monstruoso desnivel de hoy, que no sólo refleja la injusticia del sistema imperialista con sus variantes colonialistas, sino que explica el retraso de unos pueblos respecto a otros en el proceso de la liberación. De ahí que sea máxima responsabilidad de la Conferencia Tricontinental la determinación correcta de las formas, vías y medios a seguir para salvar esas barreras que obstaculizan la emancipación de las clases explotadas, sean de carácter político, ideológico o cultural o se refieran a todo tipo de lucha, incluyendo la lucha armada.

Una enseñanza objetiva que no debe olvidarse es la historia de las relaciones internacionales. Tomando en algunas ocasiones el rótico de "esferas de influencia" y otras de "equilibrio de poder"; sea la "diplomacia del dólar" o la del "gran garrote"; enviando fuerzas expedicionarias agresivas a otros territorios o tratándose de alianzas o de doctrinas, como la de Monroe, lo cierto es que el propósito original y el resultado final es la dominación del imperialismo sobre países débiles, la distribución de las colonias, el aprovechamiento de las riquezas y el trabajo ajenos. El descubrimiento y la denuncia de los mil rostros del imperialismo, el desenmascaramiento de sus tácticas, es tarea de importancia para alertar a los pueblos y orientar correctamente el combate que empuja a los agresores.

Cada pueblo debe decidir su propio destino y no estar sujeto a una dirección extraña a sus intereses vitales, formando la emancipación parte última del desarrollo histórico de la sociedad. Mientras exista la tutela de una nación sobre otra, estará incompleto el ciclo que cada pueblo deberá recorrer. Verdad es, asimismo, que la organización interna de cada sociedad llegará a su cabal desarrollo solamente cuando tenga por cimiento la libertad económica y política y esa sociedad goce de autonomía de movimiento en la escena mundial. Estos son axiomas históricos que ya están grabados en la mente de las masas y que no hay otro modo de poderlos aplicar que arrebatando al imperialismo sus posiciones. El sistema imperialista es el principal obstáculo que cierra hoy el paso al progreso.

La liberación es un derecho que se obstinan en desconocer los imperialistas. Nace ese derecho, que es irrenunciable, de la injusticia que entraña la opresión. En el afán de encubrir sus crímenes, los imperialistas y sus agentes de la oligarquía inventan falsos argumentos jurídicos para justificar el uso de las leyes y compromisos que ellos mismos se han dado, pero que ya no sirven a sus intereses.

El derecho y el deber de ayudar a los pueblos que luchan por su liberación nacional

Frente a la creciente lucha de los pueblos subyugados por sacudirse la explotación imperialista, los imperialistas, particularmente los norteamericanos, ponen de moda, con cinismo increíble, el argumento de que esa lucha constituye una agresión exterior, cuando justamente sus represiones sangrientas son las que implican una brutal intervención armada contra el dere-

cho de los pueblos al progreso social y a la independencia.

Este argumento ha sido utilizado por el imperialismo yanqui para tratar de justificar su criminal intervención en Viet Nam y Santo Domingo.

La Cámara de Representantes de Estados Unidos, en acuerdo reciente, proclamó el supuesto derecho de los Estados Unidos a intervenir en cualquier país de América Latina con sus fuerzas armadas para aplastar el movimiento revolucionario.

Frente a esa arbitraria norma de conducta internacional declarada y aplicada por el imperialismo, la Conferencia deberá proclamar y aplicar el derecho de cada pueblo subyugado a la solidaridad; el derecho y el deber de todos los pueblos de ayudar, con todos los medios a su alcance, a los pueblos que luchan por su liberación nacional en cualquier parte del mundo. En nuestro tiempo se dan las condiciones apropiadas en África, Asia y América Latina para limpiar la atmósfera de los gases letales del colonialismo que mantienen asfixiados económicamente y heridos en su dignidad, a millones de seres humanos. Esas condiciones brotan de la propia existencia que llevan las masas de asiáticos, africanos y latinoamericanos, de la historia de sus sinsabores y luchas, del impulso extraordinario que en la época moderna han recibido la ciencia, la técnica y la cultura. El contraste dramático entre la situación de las masas y las clases explotadoras, unido a la clarificación política de la conciencia de ellas son también ingredientes poderosos que han creado hoy circunstancias excepcionales para la maduración del proceso de liberación.

A la luz de esas realidades incontrovertibles se perfila un hecho inculcable: hay que seguir a los pueblos en su marcha ascendente. Si la lucha por la liberación es un derecho de los pueblos, esa lucha es un deber insoportable de los revolucionarios. Hay que abrirles a los pueblos los cauces apropiados por los que transitará su heroísmo hasta la culminación de su destino. ¿Sobre quiénes recaerá esa tarea trascendente? ¿A quiénes impone la historia tal superior obligación? Son las vanguardias revolucionarias antimperialistas de los tres continentes las llamadas a crear las condiciones subjetivas donde falten y a entregarse a la insurrección popular donde ya esté en marcha. Es un cometido que no se puede eludir. No solamente el prestigio de los partidos y movimientos patrióticos, revolucionarios y antimperialistas ante las masas, sino su propia razón de ser está comprometido en este combate implacable contra las fuerzas que quieren frenar el avance de la humanidad.

La tarea más urgente de los pueblos de Asia, África y América Latina

La tarea que se plantea a la Conferencia Tricontinental es, por supuesto, ardua y compleja. El encuentro de los peroseros de las fuerzas revolucionarias, del movimiento de liberación nacional y de las organizaciones de masa de los continentes de África, Asia y América Latina, es un acontecimiento de relevante significación y trascendencia. La Conferencia se reúne en momentos, que pueden ser considerados como un punto decisivo, no sólo en la historia de los pueblos de África, Asia y América Latina, sino también en la historia de toda la humanidad; un

momento de impetuoso avance de los movimientos de liberación nacional contra el imperialismo, el viejo y el nuevo colonialismo y de la lucha por una total independencia nacional y por la paz mundial. Estas circunstancias facilitan la labor, pero no restan obstáculos en la ruta.

En ocho años de constante lucha, de militante acción y de estrecha cooperación, los representantes de África y Asia marcharon de victoria en victoria estableciendo vínculos de hermandad forjados en la lucha por los comunes intereses y objetivos que emanan de una herencia común y de condiciones históricas similares. Esos mismos factores hacen imperativo que se estreche la cooperación fraternal entre los tres grandes continentes. La lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo encabezado por el imperialismo norteamericano y la conquista y la consolidación de la independencia nacional en esos tres continentes es la tarea más urgente de sus pueblos. Además, la obra de reconstrucción nacional y el establecimiento de bases para nuevas estructuras económicas, sociales y culturales en los países emergentes de Asia y África está ahora en marcha y esos hechos van sumando responsabilidades. La lucha para lograr una economía independiente, una emancipación del yugo económico de las fuerzas coloniales, lucha contra la penetración del neocolonialismo bajo distintos disfraces en los países recientemente independizados está alcanzando nuevas proporciones. Hoy en día esta batalla en el frente económico aparenta ser difícil y el ruuro camino de la reconstrucción depende de la victoria de esa lucha.

La Conferencia deberá elaborar planes que impulsen aún más las gloriosas batallas que iluminan el horizonte de esta coyuntura promisoria. Para hacer cumplidamente la faena hay que indagar y analizar exhaustivamente las múltiples formas de la conducta sinuosa del imperialismo, extraer lecciones de la experiencia y prever sus tácticas con el fin de realizar una labor idónea que acorte la lucha golpeando en los lugares más sensibles, manteniendo incólumes los principios y trazando una acción firme que no concuerda hasta la liquidación del enemigo común. En realidad, la contienda por la libertad y la independencia está constituida por una sucesión de episodios más adelantados en unos pueblos que en otros, pero ya en marcha triunfal. Esa pugna, abonada por la sangre de millones de héroes y mártires, tiene señalada la ruta.

Ahora los tres continentes deben ser uno solo

El acercamiento de los movimientos revolucionarios de Asia y África ha probado su extraordinario valor rebasando la prueba del tiempo, supe-rando barreras y dificultades para emerger como fuerza que no solamente representaba una realidad histórica contemporánea, sino también para ser capaz de crecer y encontrarse a las fuerzas revolucionarias de América Latina para hacer posible la gestación de lo que puede llegar a ser uno de los más grandes movimientos históricos del mundo.

El enemigo mantiene una política de hostilidad en todas las zonas geográficas y los antimperialistas tienen que desenvolver una acción que sea respuesta condigna a esa agresión en escala mundial. El relieve de la lucha en algunos lugares respecto a otros no podrá significar nunca —ni podrá justificar— el abandono, la debilidad o el enfriamiento del combate en puntos de transi-

20578
He
20578

toria menor urgencia. La batalla es total y a fondo, sin alternativa. Ahora los tres continentes deben ser uno solo.

Dentro del gran cuadro que dibuja el movimiento histórico tricontinental, la consolidación de la independencia y la soberanía nacional de los pueblos que han dejado atrás los lazos coloniales o semicoloniales lleva un sello de premura en nuestras deliberaciones. La nueva forma colonial de explotación que conoce América Latina desde hace más de un siglo y Asia y África en la actualidad, se expresa de maneras distintas. En su afán de lucro y predominio, el imperialismo apela a todas las armas y a ellas hay que oponerse con vigilia y preparación ideológica. Hay que equipar a las masas para luchar contra la agresión brutal y desenmascarar el neocolonialismo. En el neocolonialismo caen contenidos no solamente la exportación del capital, la penetración económica, la intervención en los asuntos interiores, la subversión política, sino también la corrupción cultural y la propagación de las distintas clases de ideologías engañosas, venenosas, que pretenden desvirtuar la conciencia nacional. La independencia y soberanía de los pueblos no sólo se garantizan con sanas medidas de gobierno de orden interno dirigidas a salvaguardar el caudal de sus riquezas sin mediaciones foráneas, sino también con la práctica de la ayuda internacional de los gobiernos revolucionarios y con la creciente vigilancia sobre los intentos del imperialismo para torcer la verdad histórica y apartar a los pueblos del conocimiento de las ideas correctas que conducirían a un claro discernimiento del destino que deben perseguir.

No podemos engañarnos: la lucha es a muerte

Con su política turbia, sus conspiraciones y su carencia de escrúpulos, el imperialismo, encabezado por Estados Unidos en la presente etapa histórica, ha creado un clima de violencia que afecta la paz y la seguridad mundiales. Manteniendo las tensiones internacionales, instalando alrededor del orbe bases militares de agresión, imponiendo su voluntad por la fuerza con befa de todos los principios de derecho, el imperialismo yanqui está cosechando el odio de los pueblos, ganándose la repulsa en todos los continentes por sus crímenes y depredaciones. Esa misma conducta afrentosa está acelerando su descomposición y ahondando la crisis del sistema. La coacción y la amenaza, el soborno y la intervención armada, el bloqueo y el desconocimiento de la soberanía de las naciones que resisten su penetración aplicado gradualmente y de manera diferenciada según la tesis del escantonamiento, son todas tácticas a que el imperialismo recurre para tratar de menoscabar. No se puede admitir el peidano menor como alternativa del siguiente. No podemos permitirnos engañarnos o amedrentarnos. La lucha es a muerte.

Los pueblos de los tres continentes deben responder a la violencia imperialista con la violencia revolucionaria, tanto para salvaguardar la independencia nacional durante la conquista como para lograr la liberación de los pueblos que luchan por sacudir el dogal colonialista. Ya los pueblos subyugados y explotados por el imperialismo van adquiriendo conciencia de que en las actuales circunstancias históricas allí donde están cerradas las vías legales por la presión y el predominio de los monopolios yanquis y donde el imperialismo y sus lacayos realizan represión y persecución, la lucha armada es el canal eficaz para alcanzar la victoria. Por lo tanto, debemos apoyar y desarrollar plenamente las diversas formas eficaces de lucha, incluyendo la lucha armada.

Viet Nam, Argelia, Cuba nos brindan luminosos ejemplos que permanecerán en los anales de la historia como demostraciones de que nada puede interponerse en el camino de los pueblos, por muy pequeños que éstos sean o por muy cerca que estén de los baulares del imperialismo y del colonialismo, si esos pueblos insisten en luchar indoblegablemente por conquistar y defender sus derechos.

El apoyo a la Revolución Cubana y a la lucha patriótica de los pueblos de América Latina es sin duda, uno de los puntos claves en el proceso mundial del movimiento antimperialista por tratarse de la zona que el gobierno de Estados Unidos se ha reservado tradicionalmente para explotarla en beneficio exclusivo, de donde extrae recursos cuantiosos para alimentar su política colonial intervencionista; por tener un significado político decisivo en nuestra época. El respaldo a Cuba y a los movimientos revolucionarios latinoamericanos implica fortalecer las áreas más sensibles de los pueblos que resisten el arsenal del imperialismo mundial justamente a sus puertas.

En su estrategia global el imperialismo yanqui lleva a cabo una acción vandálica que tiene hoy sus más señaladas manifestaciones en la agresión al pueblo de Viet Nam y en la ocupación militar de Santo Domingo. En uno y otro caso

se muestra al desnudo la ferocidad y el cinismo de los perturbadores de la paz mundial y la desesperación originada por la agonía del sistema.

En Viet Nam, el imperialismo yanqui se ha desenmascarado una vez más ante la opinión pública mundial como el gendarme internacional y el enemigo común número uno de la humanidad. Ha demostrado no tener fronteras limitadoras en sus fechorías, intensificando sin cesar su guerra de agresión contra el pueblo vietnamita, pisoteando los derechos nacionales inalienables del pueblo de Viet Nam y cometiendo toda clase de crímenes hasta llegar al genocidio, en violación flagrante de los acuerdos de Ginebra de 1954 sobre Viet Nam y de la ley internacional. El pueblo vietnamita está sufriendo las peores expresiones del imperialismo norteamericano que invade el sur del país con un verdadero cuerpo expedicionario yanqui y que libra contra el norte del país una cruel guerra aérea de destrucción. En Viet Nam el pueblo ve diariamente sus mejores hijos asesinados por las balas y bombas yanquis, sus aldeas pacíficas, sus escuelas, sus hospitales, sus centros industriales y de fuerte concentración de la población, sus presas y obras hidráulicas bombardeados y destruidos por los aviones yanquis. Al mismo tiempo que comete sus fechorías intolerables contra el pueblo de Viet Nam, el imperialismo norteamericano aparece bajo su aspecto más repugnante por su hipocritía y desvergonzada propaganda sobre lo que ellos llaman "las negociaciones incondicionales".

Viet Nam llama a intensificar la lucha contra el imperialismo en los tres continentes

Por otra parte la resistencia heroica y victoriosa de la población del sur de Viet Nam bajo la dirección del Frente Nacional de Liberación contra la agresión yanqui y las brillantes victorias logradas por el pueblo del norte de Viet Nam constituyen una fuente inagotable de inspiración y estímulo para los pueblos de África, Asia y América Latina, incitándolos a intensificar en los tres continentes y por todas las formas posibles la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y neocolonialismo, encabezados por el imperialismo yanqui.

Por estas razones en el momento actual la defensa de la justa causa de Viet Nam se ha convertido en una cuestión esencial y un criterio para la estrategia revolucionaria de los pueblos de Asia, África y América Latina, de los países socialistas y de las clases y los sectores progresistas de las naciones capitalistas. Es por ello, que indudablemente, la presente Conferencia dedicará una especialísima y preferente atención a la cuestión vietnamita. Es indispensable seguir moviendo todas las fuerzas revolucionarias en el mundo y seguirles brindando toda la ayuda moral, política y material que sea necesaria al pueblo de Viet Nam. La presente Conferencia debe adoptar medidas concretas y eficaces sobre el problema vietnamita. Es preciso al mismo tiempo destacar el deber insoslayable de todas las fuerzas revolucionarias del mundo de apoyar sin reservas los puntos que ha planteado el Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur y el gobierno de la República Democrática de Viet Nam para la solución del problema vietnamita, a saber: exigir de parte del gobierno de los Estados Unidos el respeto y la aplicación correcta de los acuerdos de Ginebra de 1954; la cesación inmediata de la guerra de agresión del imperialismo yanqui en el sur de Viet Nam y de los bombardeos contra el norte de Viet Nam; la retirada inmediata de Viet Nam del Sur de todas las tropas y material de guerra de los Estados Unidos, a fin de dejar al pueblo sudvietnamita resolver por sí mismo sus problemas internos.

La presente Conferencia considera al Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur como el único y auténtico representante del pueblo sudvietnamita y expresa su más firme convicción de que bajo la dirección del F.N.L. el pueblo sudvietnamita logrará sin lugar a dudas su victoria final. Desde la Segunda Guerra Mundial, la marea creciente de la revolución africana ha arrebatado el poder político de manos de los colonialistas de una gran parte de África. Sin embargo, con los métodos arteros, neocolonialistas, todavía pueden mantener su poderío económico, político y militar. En la parte meridional de África contemplamos la dominación que ejerce el vicioso triunvirato de Smith, Salazar y Verwoerd. En estas grandes regiones persiste todavía la dominación de una pequeña minoría blanca con la que las fuerzas imperialistas tratan desesperadamente de contener la marea del progreso.

La fuerza más poderosa del mantenimiento del dominio de la minoría blanca es África del Sur, donde se gastan 115 millones de libras esterlinas anuales en armamentos, donde lan-

guidecen en las mazmorras 8,500 prisioneros políticos y donde la opresión, en el aspecto del color, tan sólo, es la política oficial del Estado, apoyada en la más brutal fuerza militar y policíaca.

Verwoerd, sin embargo, para su existencia depende de Gran Bretaña, Estados Unidos, Alemania Occidental, las potencias de la OTAN y del Japón. La experiencia ha demostrado que en la medida en que se permita al régimen fascista de Verwoerd mantener la dominación de los africanos y otros pueblos no blancos, el bien armado régimen de África del Sur constituye una amenaza muy real y peligrosa a la seguridad de la independencia de los Estados Africanos y para la paz del mundo. Esta Conferencia debe considerar el prestar toda la ayuda material y moral a los pueblos de África meridional, Angola, Mozambique, Zimbabwe, África Suroccidental y África del Sur en su dura y militante lucha revolucionaria para derrotar la odiosa minoría de los regímenes racistas y obtener su independencia nacional.

La ayuda a los pueblos de África Meridional

África y las fuerzas antimperialistas no pueden pasar por alto la reciente e ilegal toma del poder efectuada por una minoría racista en Rhodesia del Sur. Este hecho que está siendo universalmente condenado en la actualidad tiene grandes consecuencias en lo que se refiere a la lucha que libra todo el continente africano.

El régimen surgiente de la minoría apoyada por las potencias imperialistas, fortalecen aún más el régimen de "apartheid", basado en el odio y la discriminación racial. El destino de la lucha de liberación en Sudafrica está unido a la lucha de Rhodesia.

La invasión yanqui a Santo Domingo es criminal y repugnante. Ante la reacción mundial por la agresión a la soberanía e integridad territorial de la República Dominicana los imperialistas agresores, con desdoro inaudito, pretendieron darle forma legal a esa grosera intervención. La reacción patriótica del pueblo dominicano, que merece nuestra solidaridad más combativa, ha desenmascarado al imperialismo y ha dado un alto ejemplo de valor y dignidad.

Deber de la Conferencia es denunciar la presencia del imperialismo en Sud Africa y el colonialismo Sionista en Palestina y hacer un llamado por la restauración del derecho legítimo de los habitantes árabes y por su regreso a la Patria usurpada.

Este aspecto está íntimamente ligado a la lucha contra la discriminación y el racismo, pilares ideológicos del colonialismo y de toda forma de explotación del hombre por el hombre. Es por ello que la Conferencia debe condenar enérgicamente la discriminación racial, porque el imperialismo trata de convertir a los pueblos en esclavos de los grandes monopolios. En el Congo, en Angola, en Mozambique, en la llamada Guinea Portuguesa, en el corazón de los mismos Estados Unidos, es donde presenta el racismo sus tintes más violentos, sin embargo, éste se manifiesta en todo lugar donde hay hombres que viven a expensas de otros seres humanos.

Es así como las masas indígenas de Latinoamérica son explotadas y discriminadas por las oligarquías nativas agentes del neocolonialismo; como los latinoamericanos en general son despreciados, sin importar sus distintos matices y características físicas, por los colonizadores del norte; como a los negros de África, de América se les ve como a seres inferiores, pueblos bárbaros y atrasados, así como los asiáticos fueron sometidos a una humillación sistemática en el intento del colonialismo en destruir los lazos de su historia milenaria.

Contra esta política de opresión y desigualdad, de división, seguida por el colonialismo y el neocolonialismo, sólo cabe la unión y la igualdad entre los pueblos de los tres Continentes. Contra la acción violenta del colono sólo queda una alternativa: servidumbre o lucha. Y es en el fuego del combate, en la lucha común contra el explotador, donde todas las barreras basadas en diferencias de color, de costumbres, hábitos, lenguas, desaparecerán a fin de que la humanidad pueda construir su historia colectiva.

Hoy en Zimbabwe (Rhodesia del Sur) la situación ha alcanzado un punto culminante, especialmente después de la declaración unilateral de independencia del gobierno racista de la minoría blanca. El imperialismo Inglés y portugués y los racistas de Rhodesia y África del Sur con el apoyo y la cooperación del imperialismo yanqui organizan un complot para convertir la parte Sur de África en un bastión del neocolonialismo, y apoyado en esto, dominar el resto de África. Este complot representa un serio peligro para la independencia de todo el Continente africano.



Viet Nam



URSS



Zimbabwe



Argelia



URSS



Haití

En este momento es de gran importancia llevar a cabo la batalla por la solidaridad entre África, Asia, América Latina y las fuerzas progresistas del mundo para frustrar los planes imperialistas y, especialmente, en el Congo como una amenaza para todos los pueblos de África, y dar amplio apoyo al pueblo congoleño en su lucha contra los agentes mercenarios de los explotadores, y brindar respaldo material y moral a la lucha que libran los pueblos de las colonias portuguesas.

Las hostilidades en el Continente Africano es uno de los aspectos más sensibles en el panorama general del combate contra el imperialismo. Está ligado íntimamente a la lucha contra la discriminación y el racismo que allí se revela con particular virulencia por parte de los colonialistas.

En el Congo, en Angola, en Mozambique, en la llamada Guinea Portuguesa, en Rhodesia del Sur o en la Unión Sudafricana la lucha contra la servidumbre económica se empareja en importancia con la defensa de uno de los derechos humanos básicos, que es la igualdad de todos los hombres. Fruto típico del imperialismo, la discriminación racial se manifiesta en la política del "apartheid" o en la negación de derechos civiles a los ciudadanos negros de Estados Unidos y por sus raíces inhumanas y por ofender profundamente la dignidad de los hombres honrados está en la más alta prioridad de los temas de la Conferencia.

Condenación al secuestro de Ben Barka

La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina debe expresar su más severa condenación del secuestro en París y casi seguro asesinato del Presidente del Comité Preparatorio, El Mehdi Ben Barka, una de las figuras más descoltantes de la lucha por la liberación nacional en África. Es obvio que ese hecho abominable fue urdido y perpetrado por agentes del imperialismo y de la reacción, interesados por igual en entorpecer esta gran jornada de solidaridad antimperialista y revolucionaria. Es imprescindible que este hecho criminal quede plenamente esclarecido y se señale la responsabilidad de los autores intelectuales y materiales del mismo. Cualquiera que haya sido la suerte corrida por el compañero Ben Barka es justo que la Conferencia conozca su extraordinaria contribución al desarrollo y culminación de esta Conferencia.

La historia reciente corrobora, con aleccionadora nitidez, que el imperialismo yanqui es el máximo enemigo de la paz mundial, el baluarte del colonialismo y del neocolonialismo, el bastión de las fuerzas de la reacción, el enemigo público número uno de los pueblos del mundo. De ahí que luchar por la liberación nacional, la autodeterminación, la independencia y la paz signifique combatir en primer término y sin cuartel, al imperialismo norteamericano, principal responsable, con su política de intervención, agresión y subversión en todas partes, del creciente agravamiento de la situación internacional.

La estrategia de los movimientos revolucionarios en su lucha contra el imperialismo, colonialismo, neocolonialismo y en especial el imperialismo yanqui, enemigo principal de los pueblos, exige una mayor vinculación y estrechamiento de lazos de solidaridad militante entre los pueblos de Asia, África y América Latina, la clase obrera y las fuerzas progresistas de los países capitalistas de Europa y Estados Unidos y el campo socialista. Esta solidaridad debe manifestarse en acciones concretas de apoyo a los pueblos víctimas de las agresiones imperialistas, como el caso actual de Viet Nam, donde el movimiento de Liberación Nacional tiene el apoyo de todos los pueblos del mundo, y la agresión imperialista su repulsa unánime. La estrategia imperialista en África, Asia y América Latina exige asimismo la solidaridad más estrecha y la acción más combativa de los pueblos de los tres continentes con los pueblos del campo socialista en la lucha contra el enemigo común. La ayuda de los pueblos del campo socialista es un factor de gran importancia en el desarrollo de los movimientos de liberación.

Es obvio que la solidaridad militante de los pueblos de los tres continentes es una necesidad inaplazable, dictada por la ideología de problemas y la comunidad de aspiraciones, e impuesta por la dialéctica de los acontecimientos, ya que las acciones agresivas del imperialismo han adquirido un carácter global amenazando parejamente la autodeterminación, independencia, soberanía y seguridad de todos los pueblos del orbe.

discurso de osmany cienfuegos



● Texto íntegro del discurso pronunciado por el delegado de Cuba, capitán Osmany Cienfuegos, en la sesión plenaria del 6 de enero en la Conferencia Tricontinental.

● La Delegación Cubana saluda a todos los combatientes antimperialistas que integran esta Conferencia como representantes genuinos de los pueblos hermanos de África, Asia y América Latina, y compañeros en la lucha por alcanzar un destino mejor para la humanidad. Como afirmara en la sesión inaugural el Presidente Dorticós, para el pueblo cubano ha constituido un señalado honor que haya sido escogida nuestra Patria como sede de tan trascendental acontecimiento.

La presencia de ustedes durante la conmemoración del Séptimo Aniversario de la Revolución Cubana será un recuerdo agradable que conservará nuestro pueblo por haber compartido esa jornada de júbilo a las mismas puertas del enemigo común, el imperialismo yanqui, junto a luchadores de los tres continentes que más duramente han sido golpeados por los crímenes y la codicia de los colonialistas y los neocolonialistas.

Sabemos que es nuestro deber aprovechar esta ocasión histórica para extraer la mayor experiencia y las más efectivas conclusiones en relación con los objetivos que perseguimos: **la lucha por la liberación nacional, el combate sin cuartel contra el imperialismo.**

La tarea realizada por nuestro Partido en la organización de la Conferencia, tenía por meta facilitar las condiciones necesarias para que de esta reunión surgiera con más fuerza, vigor y experiencia, la lucha liberadora de los pueblos de los tres continentes, el combate abierto al imperialismo yanqui y a todo el sistema de explotación imperialista, colonialista y neocolonialista.

● La revolución es posible: los pueblos pueden hacerla

La línea revolucionaria de Cuba está suficientemente expuesta en el desarrollo de su política, desde los inicios mismos de la Revolución. Esa línea revolucionaria se ha expresado en la Primera y Segunda Declaración de La Habana, que constituyen documentos programáticos irrenunciables de nuestro pueblo. En la Segunda Declaración de La Habana se afirma:

"Lo que Cuba puede dar a los pueblos —y ha dado ya— es su ejemplo. ¿Y que enseña la Revolución Cubana? Que la Revolución es posible, que los pueblos pueden hacerla, que en el mundo contemporáneo no hay fuerzas capaces de impedir el movimiento de liberación de los pueblos".

La Revolución es posible porque viene impuesta por las condiciones miserables de vida en que viven nuestros pueblos. La vergonzosa explotación imperialista y colonialista ha creado condiciones suficientes en los tres continentes para el desarrollo del movimiento de liberación y la rebeldía popular.

Bastaría analizar las condiciones de la explotación imperialista, colonial y neocolonial y el nivel de vida de nuestros pueblos, para percibirse de que existen sobradas condiciones para la rebeldía, para la revolución.

Hasta ahora no ha habido un solo pueblo liberado que haya conquistado esa liberación si no es a través de la revolución. Se dice que la experiencia enseña, y así es en efecto. La experiencia que esta Conferencia debe recoger, es la de los pueblos triunfadores, la de los pueblos que han alcanzado la victoria; la de los pueblos, que como el de Viet Nam hoy, demuestran que a la acción heroica y a la decisión inquebrantable de obtener la independencia y la liberación, nada puede oponerse con éxito perdurable.

No puede señalarse un solo ejemplo en contrario.

● Crear la Organización Tricontinental

Tratándose de las condiciones concretas de los países subdesarrollados aplicadas a las realidades sociales y económicas y a las tácticas de lucha, hay que proclamar como un hecho in-

controvertible que nuestros pueblos se encuentran en una situación favorable en el camino de su independencia. La II Declaración de La Habana, permítasenos citarla otra vez, nos ofrece un análisis realista al respecto cuando expresa lo siguiente:

"Los ejércitos, estructurados y equipados para la guerra convencional, que son la fuerza en que se sustenta el poder de las clases explotadoras, cuando tienen que enfrentarse a la lucha irregular de los campesinos en el escenario natural de éstos, resultan absolutamente impotentes; pierden diez hombres por cada combatiente revolucionario que cae, y la desmoralización cunde rápidamente en ellos al tener que enfrentarse a un enemigo invisible e invencible que no le ofrece ocasión de lucir sus tácticas de academia y sus fanfarrias de guerra, de las que tanto alarde hacen para reprimir a los obreros y a los estudiantes en las ciudades".

Muchas son las tareas y los temas que debe abordar nuestra Conferencia.

Uno de los problemas que más interesa a la Conferencia es la idea de crear la organización tricontinental que impulse la solidaridad de los pueblos de Asia, África y América Latina. Acerca de la forma práctica de llegar a ese objetivo se debaten diversos criterios.

Cualquiera que sea la solución debemos llegar a ella después de una amplia y profunda discusión en que todos los criterios sean estudiados detenidamente. Además, la solución deberá responder a los intereses del movimiento de liberación de los pueblos. Sólo a estas razones debe responder y no a otros intereses.

Es necesario plantearnos qué tipo de organización querremos y para qué la queremos. Debemos encontrar el camino que conduzca a una organización que en su forma y contenido sea eficaz para impulsar la lucha revolucionaria de los pueblos.

● A la solidaridad hay que darle un contenido activo, dinámico y militante

Es preciso que sea una organización de pueblos combatientes, que tenga la suficiente agilidad y capacidad de ejecución como para ayudar a los pueblos de los tres continentes en el desarrollo del movimiento de liberación nacional y de la lucha antimperialista. A la solidaridad hay que darle un contenido activo, dinámico y militante.

La organización en su forma y contenido debe responder a ese objetivo.

Hay algunos criterios sobre el mantenimiento de la Organización de Solidaridad Afroasiática; con la creación paralelamente de un organismo tricontinental, cuya sede —según algunas delegaciones— pudiera ser La Habana. La elección de Cuba como sede constituiría para nosotros un incuestionable honor, pero nuestra posición no está condicionada por ninguna aspiración de tipo nacional que pueda constituir un obstáculo.

Si la conferencia decidiera establecer un solo organismo sumando los esfuerzos antimperialistas de Asia, África y América Latina, con sede en El Cairo, Cuba apoyaría esa decisión, condicionando en este caso su voto, y esto sí es una cuestión que nos interesa fundamentalmente, a que la presidencia recaiga en un representante del pueblo vietnamita, por ser este país donde se centra hoy en su forma más feroz, criminal e inhumana la agresión imperialista y alrededor del cual debe por tanto también centrarse la solidaridad y la voluntad de lucha de los pueblos de los 3 continentes y del mundo entero y además como expresión de carácter y de la tónica que anima esta Conferencia.

Es larga ya la lista de los pueblos que luchan con las armas contra una u otra forma de opresión imperialista, colonialista, neocolonialista y racista, encabezada por el heroico pueblo de Viet Nam, que inspira nuestra más decidida solidaridad: Santo Domingo, Laos, Venezuela, las colonias Portuguesas de Guinea y Cabo Verde, Angola y Mozambique, el Congo (Leopoldville), Guatemala, Perú y Colombia.

Reclamamos cada vez con más ardor sus derechos las mayorías oprimidas y virtualmente esclavizadas de Rhodesia y África del Sur. Crece el movimiento de los negros en Estados Unidos por su dignidad de hombres. No desmaya el pequeño, admirable pueblo de Puerto Rico por preservar su nacionalidad latina y poder incorporarse como país libre e independiente a los pueblos verdaderamente hermanos de este Continente.

Advierte Cambodia su decisión de luchar contra los agresores, si el imperialismo extiende la guerra a su territorio.

Demandan los árabes de Palestina la restitución de sus derechos usurpados.

Exige el pueblo panameño su soberanía sobre el territorio que le fuera arrebatado y paga con la sangre generosa de sus hijos tan justa aspiración. La Guayana Británica, Guadalupe, Martinica no se resignan al status colonial que todavía existe vergonzosamente en sus territorios.

Como son tantos los pueblos que aún padecen el yugo colonialista, directa e indirectamente ejercidos, esta lista de los pueblos que luchan, reclaman, exigen, combaten, crece y crecerá hasta el día en que con la ayuda de todos los pueblos revolucionarios del mundo se pueda llamar a este planeta "Territorio libre del imperialismo".

● Se señale la responsabilidad de los gobiernos y potencias que han intervenido en el secuestro de Ben Barka

Para que ese día llegue todos los pueblos debemos luchar y todos debemos tratar de ser los primeros en la solidaridad y el esfuerzo. Esa es la aspiración y el propósito de nuestra Patria y de nuestro pueblo.

En este momento en que se lleva a efecto, con todo éxito y resonancia esta Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina debemos expresar todos nuestra más severa condenación por el secuestro en París y casi seguro asesinato del Presidente del Comité Preparatorio, El Medhi Ben Barka, una de las figuras más descolantes por la lucha de la liberación nacional en África. Es obvio que este hecho abominable fue urdido y perpetrado por agentes del imperialismo y la reacción, interesados por igual en entorpecer esta jornada de solidaridad antimperialista y revolucionaria. Es imprescindible que este hecho criminal quede esclarecido y se señale la responsabilidad de los gobiernos y potencias que han intervenido en el mismo.

Cualquiera que haya sido la suerte corrida por el compañero Ben Barka, es justo que la Conferencia reconozca su extraordinaria contribución al desarrollo y culminación de este evento. Los caminos de la unidad del pueblo son los caminos de la Revolución. No hay unidad popular verdadera sin revolución. ¿Cómo alcanzar esa unidad? Sólo hay una forma: **Haciendo la Revolución.** ¿Cómo hacer la Revolución? Tenemos que plantearnos un objetivo inmediato, elaborar una táctica y una estrategia para alcanzar ese objetivo, incorporar al mayor número de fuerzas para alcanzar ese objetivo. Lo importante es que ese objetivo esté claro y responda a los fines estratégicos de la Revolución. Lo importante es que la táctica desencadene y desarrolle la acción y la unidad del pueblo y sea eficaz en la lucha contra el enemigo.

● Esta humanidad ha dicho ¡basta! y ha echado a andar

Esta es, compañeros delegados, la experiencia de nuestra propia Revolución, aprendida en la lucha y avalada por el triunfo y por la monolítica unidad del pueblo cubano. Ese ejemplo lo ofrecen todas las revoluciones victoriosas.

Hoy todos los pueblos tienen un objetivo muy claro: La defensa del principio de soberanía nacional, de autodeterminación de los Estados, el derecho de los pueblos a hacer la revolución, la ayuda a esos pueblos con todos los medios a nuestro alcance.

La humanidad progresista tiene hoy en sus manos una fuerza descomunal, que unida alrededor de esos objetivos, paso a paso, vencerá al imperialismo y lo derrotará.

Aunque estén creadas las condiciones para el triunfo de la Revolución, ésta no se engendra de manera espontánea. El deber de los revolucionarios es fundamental, y ese deber lo cumplen en la acción, en el combate, en la lucha abierta contra el imperialismo, las oligarquías nacionales, el colonialismo, el neocolonialismo, el feudalismo y el latifundismo.

"El deber de todo revolucionario, es hacer la Revolución".

La Delegación de Cuba participa de los trabajos de la Conferencia con el convencimiento pleno de que no se defraudará a los millones de seres humanos de nuestros tres continentes que después de siglos de sufrir los crímenes más abominables, la más cruda e injusta explotación de su trabajo, soportar las más dolorosas ofensas a su dignidad, están dispuestos irrenunciablemente a conquistar para siempre su completa liberación.

"Esta gran humanidad ha dicho ¡BASTA! y ha echado a andar y su marcha de gigantes no se detendrá, hasta alcanzar su verdadera independencia. Patria o Muerte, VENCEREMOS."



Pakistán



Bolivia



Japón



Jamaica

20581
 P. M.
 20581



cómo se prepara
una reunión
de tres continentes

anatomía de la conferencia.



Muchos delegados a la Conferencia Tricontinental se han mostrado asombrados de que en sólo unos meses, se haya logrado una organización del acontecimiento con el mínimo de fallos. Y es que al margen de los discursos, resoluciones, declaraciones, etc., se mueven alrededor de 2,000 personas que vienen a ser como los músculos de esa gran anatomía que es la reunión de los 3 continentes.

Las delegaciones serían el cerebro y los pueblos todos la sangre, el corazón de la Conferencia, si se permite el símil anatómico.

Los organizadores de la Conferencia, de su funcionamiento, más allá de lo netamente político, han tratado de preverlo todo, aunque siempre surgen imprevistos imponderables. Desde que se dio la orden de arrancada legiones de trabajadores manuales e intelectuales comenzaron a laborar en la Comisión de Embellecimiento, en las exposiciones de la COR, a reparar y preparar transportes, etc.

Después se crearon comisiones para atender cada una de las ramas de asuntos que pueden presentarse. Ellas son las de Credenciales, Personal, Administrativo económica, Programación, Transporte, Servicios Técnicos, Prensa, Atención a Delegados y Servicios generales.

La Comisión de Credenciales tuvo a su cargo la custodia de la acreditación, tarjetas de participantes y entrega de carpéts. Registró e informó diariamente el número de asistentes llegados, acreditados y pendientes de ello, indicando país, continente y organización. En sus departamentos de enlace con Aeropuerto, Registro de Entrada, Control de Estadísticas, Mecanografía, Custodia de Creden-

ciales, Entrega de ellas, Frentes, etc., trabajaron alrededor de 50 personas.

Un sistema de planillas y tarjetas que comienza desde el Aeropuerto, aseguró el control del registro de participantes.

Así se pudo saber que en la reunión tricontinental participaron unas 745 personas entre delegados, observadores, invitados y periodistas extranjeros.

Asegurar el Transporte

A la cuestión del transporte general de los delegados y todo el personal que funcionó en la Conferencia, se le concedió tal importancia, que dos funcionarios del Ministerio de Transportes fueron puestos al frente de la comisión.

Los equipos del ICAP fueron grandemente reforzados con los del Ministerio de Transportes y se habilitaron 176 autos para delegados, 6 ómnibus fijos y 34 autos amarillos para servicio de piqueta a delegados. Además, otra piqueta con 53 carros amarillos se encuentra al servicio del personal cubano de oficinas. Des grúas y 6 talleres de mecánica funcionaban las 24 horas del día, en labores de mantenimiento y reparación.

En la comisión de Transporte trabajó un aproximado de 300 personas.

Maratón de Servicios

Una de las comisiones más trajinadas por el trabajo ha sido durante toda la Conferencia la de Servicios Técnicos. Ella es la que debe producir las traducciones de documentos y las simultáneas, mecanografiar lo que se debe pasar y tomar en taquigrafía los discursos de los delegados, que son además grabados.

Para llenar esas funciones, hubo alrededor de 30 mecanógrafos, unos 40 taquígrafos, cerca de 40 personas en imprenta multilite, 3 en distribución, 4 en control, 11 en grabaciones, 48 en traducciones simultáneas y 30 en traducciones escritas.

La gran cantidad de discursos y documentos emitidos en las sesiones plenarias y comisiones, debieron ser trabajados por estos compañeros en largas y agotadoras jornadas que en ocasiones se extendieron de un día al otro.

Los traductores trabajaron con los 4 idiomas oficiales de la Conferencia: español, inglés, francés y árabe, realizando un extraordinario esfuerzo.

En el renglón de las comunicaciones, telefonistas, telegrafistas, teletipistas, empleados de correos y lineros prepararon los hilos y estuvieron atentos a ellos día y noche, sin regatear horas.



El Servicio de Información

Las tareas informativas estuvieron cubiertas por alrededor de 300 periodistas entre nacionales y extranjeros, contando corresponsales, camarógrafos, fotógrafos, asistentes, etc. Para facilitar la labor, tuvieron unos 10 agregados de prensa que ayudaron en cuanto necesitaban a los periodistas del patio y los enviados especiales, particularmente estos últimos. Máquinas de escribir, papel, y demás accesorios de oficina fueron puestos a disposición de los periodistas.

Atención a Delegados

Para la atención a los delegados, el Instituto Cubano de Amistad con los Pueblos fue reforzada convenientemente. Se formó un cuerpo de guías de 160 personas que tomaron previamente un curso de 2 meses. Los organismos más importantes del Estado contribuyeron a la formación de éste, como lo hicieron también en los de traductores, taquígrafos, mecanógrafos, etc. Aportaron la Administración Pública, Artes y Espectáculos, desde luego el ICAP, Arte y Educación, los organismos estudiantiles, trabajadores industriales, de la construcción y otros. El requisito fundamental para los guías fue conocer idiomas. Y se lograron personas que hablan inglés, francés, chino, checo, árabe, búlgaro, ruso, danés, coreano, portugués, alemán, etc.

La Comisión de Atención a Delegados inauguró también para la Conferencia un novedoso servicio de información y divulgación. Es que en muchas ocasiones, los delegados extranjeros visitantes preguntan datos y hechos que no son del conocimiento de los guías. Desde hacía tiempo se venía trabajando en esta idea de crear un centro de información que recibiera todas las preguntas que no pudiesen ser evacuadas por los guías, en una oficina "ad hoc". Desde esta oficina, se preguntaba por teléfono a los distintos organismos, que también tenían preparado un personal especial para responder consultas a toda hora del día y de la noche.

Otro elemento organizativo fue la división de la atención en 4 regionales: África, Asia, América y observadores e invitados, a cargo de los distintos responsables.

Finalmente, la oficina de control se ocupaba de las estadísticas, administración, archivo, peticiones de transporte, etc.



Servicios Generales del Hotel

Las 800 personas aproximadamente que trabajaron en los servicios generales del hotel, prácticamente, como la mayoría de los trabajadores y dirigentes, vivieron en el "Habano Libre".

Ellos trabajaron turnos ilimitados, sin descanso semanal, por su propia iniciativa. Y es que 1,800 personas recibían atención en un hotel con capacidad normal para 1,000. El personal de los comedores y cocinas trabajaron con un ritmo 200 por ciento superior al habitual. Unas 160 camareras atendieron las habitaciones junto al personal de limpieza sin límite de horario. Y los de mantenimiento, lavandería, porteros, ascensoristas, etc. La faena ha sido tan extraordinaria, que se ha hablado de ofrecerles un homenaje.



Personal, Administración, Programas

La parte económica de la Conferencia estuvo a cargo de unas 60 personas, que arregló también lo referente a hospedaje y regalos, suministro de equipo y materiales, mantenimiento de equipos, etc., en la Comisión Económico-Administrativa.

Todos los problemas de personal fueron centralizados en una comisión a esos efectos, que se ocupó de buscarlos y atender a los trabajadores traídos para la Conferencia Tricontinental.

La Comisión de Programación, atendida entre otros por dirigentes de la UJC, trabajó arduamente para brindar a los delegados y visitantes en general, espectáculos y visitas que fueran de su agrado e interés. La coordinación con el INIT, fue imprescindible para el logro de los programas.

En la Anatomía de una Conferencia, en fin, está a la vista de todos el resultado, sea brillante o no. Pero coetáneamente, la organización, el sudor y la imaginación que cuesta lograrlo, es imperceptible. Con ese resultado general positivo en la mano, REVISTA DEL GRANMA quiere rendir homenaje a esos anónimos hombres y mujeres que día y noche contribuyeron con su esfuerzo a complacer a los combatientes por la liberación llegados desde los tres continentes.

20582

(Handwritten mark)



LAS ACTIVIDADES

Al margen de las numerosas actividades realizadas dentro de la propia Conferencia, los representantes extranjeros de los pueblos de los países de África, Asia y América Latina, desarrollaron algunas otras consideradas como extraoficiales, no obstante figurar dentro del programa general. El orden de las mismas, tanto las primeras como las segundas, es el que sigue:

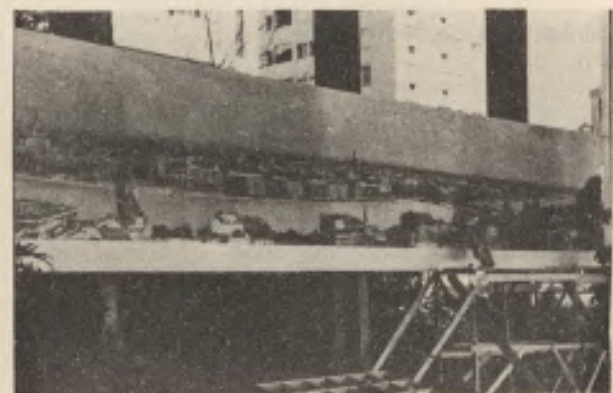
REUNIONES DEL C.I.P.

El 28 de diciembre dieron inicio las reuniones del Comité Internacional Preparatorio (CIP) de la Conferencia Tricontinental. El capitán Osmany Cienfuegos, representante de Cuba, es elegido para presidir las sesiones. Luego de varios días de arduos trabajos, los integrantes del llamado Comité de los 18, —6 representantes por cada Continente—, aprueban el Informe Político que más tarde ha de ser enviado y presentado a la Conferencia, así como las invitaciones extendidas a las organizaciones y movimientos revolucionarios de África, Asia y América Latina... Aparece el primer número de las ediciones diarias especiales de GRANMA en inglés y francés, dedicadas a la Tricontinental.



TERRITORIO LIBRE DE AMERICA

El día 30, contando con la asistencia de numerosos delegados a la Conferencia Tricontinental, el presidente del Instituto Nacional de Recursos Hidráulicos y miembro del CC del PCC, comandante Faustino Pérez, inaugura la exposición "Cuba, Territorio Libre de América". La exposición, abierta en los locales del Pabellón Cuba, ofrece una sintética visión de las distintas etapas revolucionarias porque atravesara la Isla. "Los pueblos encontrarán un lenguaje común, una estrategia común contra un enemigo común: el imperialismo", dice el comandante Faustino Pérez en medio de los aplausos de los visitantes. Los invitados recorren galerías y secciones, una vez abierta la misma.



CENA DE FIN DE AÑO

50,000 personas y el total de las representaciones extranjeras a la Conferencia Tricontinental se congregan en la noche del 31 de diciembre en un espectáculo masivo sin precedentes en la historia de Cuba: la Cena de Fin de Año en la Plaza de la Revolución. Música, bailes, bebidas, comida y las tradicionales golosinas, acompañadas por una excepcional atmósfera organizativa, provocan en los comensales de los tres Continentes frases de elogio y alta ponderación. El Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, comandante Fidel Castro, y el Presidente de la República, doctor Osvaldo Dorticós, extienden personalmente sus saludos a los huéspedes de África, Asia y América Latina.



RECEPCION EN EL "PALACIO DE LA REVOLUCION" CINE EN EL 25

Mil novecientos sesenta y seis comienza con la recepción que el Gobierno Revolucionario ofrece, con motivo del advenimiento del nuevo año, al Cuerpo Diplomático y a las Delegaciones extranjeras a la Conferencia Tricontinental. El agasajo, que tiene lugar en el "Palacio de la Revolución", nueva sede de las oficinas y de la Presidencia y del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, cuenta con la presencia del Primer Ministro y Primer Secretario del Partido, comandante Fidel Castro; el Presidente doctor Osvaldo Dorticós; el comandante Raúl Castro, Ministro de las Fuerzas Armadas; el doctor Raúl Roa, Ministro de Relaciones Exteriores; el Consejo de Ministros, miembros del Comité Central y dirigentes de distintas organizaciones... En el piso 25 del Hotel Habana Libre, bajo los auspicios del Instituto Cubano del Arte y la Industria Cinematográficos (ICAIC), comienza el ciclo de cortos y largometrajes cubanos exhibidos en homenaje a los delegados a la Tricontinental.



TODOS CON FIDEL

El 2 de enero, bajo la consigna de "TODOS CON FIDEL", a las 8:00 a.m., en la Plaza, el pueblo se reúne en la Plaza de la Revolución para presenciar el tradicional desfile militar y concentración por el 7o. Aniversario de la Revolución Cubana. Delegados, observadores, invitados y periodistas extranjeros presencian desde la tribuna el desarrollo del evento. "Con los brazos abiertos y el corazón solidario recibe el pueblo a los delegados a la Tricontinental", —dice en su discurso el comandante Fidel Castro.



SESION INAUGURAL

El Presidente de la República, doctor Osvaldo Dorticós, inaugura en horas de la noche del 3 de enero la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, al hacer uso de la palabra en el Salón de Embajadores del Hotel Habana Libre. El Secretario General de la Conferencia, Youssef Elsebai, da lectura a una síntesis del Informe Político aprobado por el Comité Internacional Preparatorio. Asisten a la sesión inaugural el Primer Ministro, comandante Fidel Castro; el Ministro de las Fuerzas Armadas, comandante Raúl Castro y una amplia representación del CC del PCC... En horas de la mañana, las delegaciones concurrirán al simbólico acto de siembra de árboles en el Bosque de Amistad con los Pueblos. Con gran simpatía, las representaciones de los pueblos de África, Asia y América Latina acogen la tradicional ceremonia cubana.



HABLAN LOS JEFES DE DELEGACIONES

En la mañana del 4 de enero se inauguran las sesiones plenarias de la Conferencia Tricontinental en el "Salón de Embajadores" del Hotel Habana Libre, en las que cada jefe de delegación expone los puntos de vista de su representación. Las plenarias, ocho en total, se prolongan hasta el día 6.



LAS COMISIONES DE TRABAJO

Inician sus labores, a puertas cerradas, las cuatro Comisiones de Trabajo: Política, Socio-Cultural, Económica y de Organización. En horas de la noche del propio día 7, actúan los Conjuntos de Coros y Danzas Folkloricas de México, República Democrática de Viet Nam y Guinea, en función especial en homenaje a los Delegados. El masivo espectáculo tiene por sede el Teatro "Chaplin" de La Habana.



CORPOGRAFIA DE LA SOLIDARIDAD

En los terrenos del Estadio Pedro Marrero es efectuada la monumental Corpografía de la Solidaridad, en la que toman parte más de 8,000 estudiantes becarios cubanos. Todas las delegaciones extranjeras concurren al interesante evento de la noche del día 9 de enero, al cual asiste el Primer Ministro, comandante Fidel Castro y varias figuras del Gobierno Revolucionario. Las Delegaciones extranjeras a la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, han podido asistir también, potestativamente, a las incontables funciones cinematográficas, exposiciones y festividades que en toda la capital han sido abiertas en homenaje a tan importante acontecimiento.



EN LA PLAZA DE LA CATEDRAL

La noche del 12 de enero, la Plaza de la Catedral habanera, fue testigo de una magna cena de confraternidad, ofrecida por el Gobierno Revolucionario a los delegados extranjeros a la Conferencia Tricontinental en el restaurant "El Patio". Asistieron delegados, observadores, invitados y periodistas extranjeros, así como el Primer Ministro, comandante Fidel Castro, en unión de otros dirigentes del Partido y el Gobierno.



PLENARIA FINAL Y CLAUSURA

El 15 de enero, en la mañana, vio culminar exitosamente los trabajos de la Primera Conferencia Tricontinental. Los delegados extranjeros, reunidos en sesión plenaria en el Salón de Embajadores del Hotel Habana Libre, escucharon las palabras finales de la presidencia de la Asamblea, así como las varias resoluciones de las Comisiones de Trabajo y la Declaración General. El doctor Raúl Roa, presidente de la Asamblea, agradeció, a nombre de Cuba, el haber estado al frente de las labores de la Conferencia.

En la noche, señalado el acto de clausura para celebrarse en el Teatro "Chaplin", pronuncia el discurso final el comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario.

"Más tarde o más temprano, los pueblos tendrán que tomar las armas para liberarse", —expresa Fidel ante un auditorio compuesto por las Delegaciones extranjeras y numeroso público cubano.



CONSTITUIDO ORGANISMO LATINOAMERICANO DE SOLIDARIDAD

El día 16 de enero, las 27 delegaciones latinoamericanas que participaron en la Conferencia Tricontinental acordaron la constitución de la Organización Latinoamericana de Solidaridad. La Habana fue escogida como sede, fijándose la celebración en 1967 de la Primera Conferencia de Solidaridad de los pueblos de la América Latina, bajo los auspicios de la organización. La asamblea de delegados latinoamericanos designó un comité organizador, integrado por Brasil, Cuba, Colombia, Guayana Británica, Guatemala, México, Perú, Uruguay y Venezuela, que tendrá como tarea la orientación de los trabajos en la nueva organización en cooperación con los comités nacionales de los distintos países, que representarán a los sectores antimperialistas más activos y de más profundas y extensas raíces populares. El acuerdo fue adoptado por los comités nacionales de los siguientes países: Argentina, Bolivia, Brasil, Colombia, Costa Rica, Cuba, Chile, Ecuador, El Salvador, Guayalupe, Guatemala, Guayana Británica, Guayana Cayena, Haití, Honduras, Jamaica, Martinica, México, Nicaragua, Panamá, Paraguay, Perú, Puerto Rico, República Dominicana, Trinidad Tobago, Uruguay y Venezuela.

20583



declaración ge- neral

DE LA PRIMERA CONFERENCIA DE SOLIDARIDAD DE LOS PUEBLOS DE ASIA, AFRICA Y AMERICA LATINA

La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina se ha efectuado en la ciudad de La Habana, capital de la República de Cuba, desde los días 3 al 14 de enero de 1966. La tarea realizada es de alta significación. Por primera vez en la historia, una amplísima representación de las fuerzas revolucionarias de 82 países de los tres continentes ha intercambiado experiencias e iniciativas, ha estrechado los vínculos de solidaridad revolucionaria y antimperialista y ha adoptado acuerdos fundamentales en la batalla contra el sistema de explotación imperialista, colonialista y neocolonialista, contra el cual ha declarado una lucha a muerte. Las deliberaciones de la Conferencia han puesto de manifiesto el hecho de que el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, bajo la jefatura del imperialismo yanqui, desarrollan una política de intervención sistemática y de agresión militar contra los países de los tres continentes.

La Conferencia se celebra en un momento en que se libra una violenta lucha de los pueblos de Asia, África y América Latina y de otras partes del mundo contra todas las formas de dominación imperialista, colonial y neocolonial acudilladas por el imperialismo yanqui. La situación mundial favorece el desarrollo de la lucha revolucionaria y antimperialista de los pueblos oprimidos. La marcha ascendente del movimiento de liberación nacional en Asia, África y América Latina es un acontecimiento de enorme trascendencia y significación.

El imperialismo jamás renunciará voluntariamente a su política de explotación, opresión, saqueo, agresión e intervención. Los pueblos de Asia, África y América Latina saben, por experiencia propia, que el principal reducto de la opresión colonial y de la reacción internacional es el imperialismo yanqui, enemigo implacable de todos los pueblos del mundo. Derrocar el dominio del imperialismo yanqui es cuestión decisiva para la completa y definitiva victoria de la lucha antimperialista en los tres continentes y hacia ese objetivo deben converger los esfuerzos de sus pueblos.

La realidad del imperialismo, del colonialismo y del neocolonialismo se ha revelado con fuerza dramática en los debates de la Conferencia. Al comparar los beneficios, utilidades y riquezas que los monopolios imperialistas extraen de la miserable condición de vida de los pueblos de los tres continentes, se aprecia el carácter agudo de una de las mayores contradicciones de nuestros días: la contradicción entre el imperialismo y las naciones y los pueblos oprimidos. El imperialismo yanqui es el sostén fundamental de la opresión; dirige, provee y sostiene el sistema mundial de explotación.

• HAMBRE Y MISERIA POR EL SAQUEO DE MONOPOLIOS IMPERIALISTAS

Los monopolios de las potencias imperialistas extraen para su beneficio enormes riquezas de los pueblos de Asia, África y América Latina. Son muy diversas las formas en que desde hace siglos se vienen produciendo estos despojos. Se apoderan de los recursos naturales del suelo, subsuelo y plataforma marítima, controlan por medio de las inversiones los rengones más importantes de la industria y los servicios, dominan el comercio exterior e imponen condiciones lesivas a las relaciones de intercambio internacional y someten bajo su férula la banca y las finanzas nacionales.

Esta situación en su conjunto determina que las potencias imperialistas, colonialistas y neocolonialistas ejerzan el dominio económico de los países sojuzgados y realicen el saqueo sistemático de que son víctimas nuestros pueblos, forzados a ser tributarios de las arcas de los monopolios.

El promedio de ingreso anual per cápita de las naciones explotadas de los tres continentes es increíblemente inferior al de las potencias explotadoras. Las cifras astronómicas contrastan con el altísimo índice de mortalidad infantil, el porcentaje de analfabetismo, la ausencia casi absoluta de escuelas, de servicios médicos y hospitalarios y, en fin, la situación de penuria, desempleo, hambre y miseria en que viven nuestros pueblos.

Esta injusticia adquiere un relieve mayor si se tiene en cuenta el tremendo contraste entre el futuro promisorio que supone para la humanidad el actual desarrollo de la ciencia, la técnica y la cultura y la hiriente realidad de que las masas explotadas de Asia, África y América Latina se ven privadas de toda posibilidad de acceso a la enorme riqueza material y espiritual que la inteligencia y el trabajo humano han venido acumulando durante siglos. Nuestros pueblos no pueden aprovechar los avances de la ciencia y la técnica porque se encuentran cerradas las oportunidades por el sistema de explotación y explotación, y consecuentemente, se hallan en una posición de desventaja que cada día distancia más en sus niveles de vida a víctimas y victimarios. Es harto evidente la imposibilidad de alcanzar este mejor nivel de vida material y espiritual para los pueblos de Asia, África y América Latina bajo las actuales estructuras so-

ciales y económicas a que están sometidos y es palpable también la desesperada situación de miseria, hambre e ignorancia en que viven las masas explotadas de los tres continentes. Estas razones bastan para condenar, de manera inapelable, la opresión y explotación imperialista, colonialista y neocolonialista.

En su afán de apuntalar frente al empuje de los pueblos este sistema que preside, el imperialismo yanqui mantiene y alimenta las tensiones internacionales, amenazando la paz y la seguridad; rodea al orbe de bases militares agresivas; concierda pactos militares en abierta violación de los principios de la soberanía nacional; proclama, con cinismo inaudito, el supuesto derecho a intervenir en los asuntos internos de otros países y ocupar por la fuerza todo o parte de sus territorios, adjudicándose de esta manera el vergonzoso papel de gendarme sin fronteras; sufraga los gastos y facilita las armas para que las naciones colonialistas en declinación puedan conservar sus presas y compartir con ellas sus beneficios; insiste con insolencia y soberbia en imponer su ideología, utilizando para estos fines una red universal de difusión y propaganda; trata de penetrar a todos los pueblos con las manifestaciones decadentes de su cultura; adultera la historia, falsea los hechos y utiliza la calumnia como armas de lucha; implanta el bloqueo económico en el inútil empeño de doblegar a los pueblos cercándolos por hambre y en su impotencia, insiste en extender esa turbia y criminal conducta a la política comercial de sus aliados; conspira en escala mundial para propiciar y sostener regímenes antipopulares y antinacionales que sirven de apoyo al sistema de opresión y explotación; cubre el mapa con sus capitales extrayendo millones de dólares anuales para sus monopolios; comete todo género de crímenes abominables contra los pueblos y prepara activamente el ataque a los países socialistas y la paz mundial.

Por la naturaleza misma de su sistema de explotación y explotación, el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, se oponen con todas sus fuerzas a la independencia, soberanía y liberación nacional y social de los pueblos. En oposición a ellos, los pueblos oprimidos del mundo combaten por los principios de autodeterminación, soberanía e independencia de las naciones. El movimiento de liberación de los pueblos de los tres continentes se ha transformado en una de las fuerzas más importantes de la lucha mundial contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo y, conjuntamente con los pueblos de los países socialistas y el proletariado internacional, juega un papel decisivo en la historia de la humanidad. Los imperialistas se aíslan y se debilitan. La crisis de su sistema se acentúa de día en día.

• LIQUIDAR LA OPRESION, CAUSA COMUN DE TODOS LOS PUEBLOS

El interés de la liberación nacional se encuentra íntimamente relacionado con las necesidades de la revolución social. El movimiento de liberación nacional, la demanda de los campesinos por la tierra, la lucha de la clase obrera por sus grandes conquistas sociales y políticas, la acción decidida de los jóvenes y estudiantes, las exigencias de los trabajadores, intelectuales y otras capas de la población por sus derechos pisoteados y escarnecidos, el combate contra las oligarquías y las dictaduras militares al servicio de las clases dominantes, las batallas contra la discriminación racial y otras desigualdades sociales constituyen un torrente impetuoso e integran un movimiento destinado a desempeñar un papel trascendental en el progreso de la humanidad.

Los pueblos que han logrado abolir la opresión y explotación del hombre por el hombre instaurando el socialismo, constituyen por su ejemplo y por su ayuda, un impulso valioso en la lucha de los pueblos oprimidos por el imperialismo.

En la medida en que avance el movimiento de liberación de los pueblos de Asia, África y América Latina, la clase obrera y los sectores progresistas de las naciones capitalistas podrán ayudar de una manera más efectiva y directa a ese movimiento. Lo prueba, de una manera inequívoca, el ascenso del movimiento de protesta cívica del pueblo norteamericano con motivo de la guerra que el gobierno de Estados Unidos desarrolla contra el pueblo vietnamita. Las eficaces acciones revolucionarias del Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur y la heroica resistencia de la República Democrática de Viet Nam, están contribuyendo a elevar el nivel de lucha y la conciencia política del pueblo de Estados Unidos, que expresa, cada vez con mayor fuerza y vigor, su oposición a la guerra. Esto demuestra que la liberación de Asia, África y América Latina acelerará la lucha de la clase obrera y de otras capas oprimidas de la población en Estados Unidos y los países capitalistas desarrollados de Europa contra el dominio del capital monopolista, contra la opresión y explotación, por el progreso social. A su vez, el desarrollo de esta lucha de clases del proletariado y de to-



dos los trabajadores de los países capitalistas contribuirá al avance de la lucha de liberación nacional de Asia, África y América Latina y, de este modo, los esfuerzos comunes vencerán al enemigo común de todos los pueblos: el imperialismo y, particularmente, el yanqui, que es el más feroz y opresor.

Un grupo de países de los tres continentes ha alcanzado la independencia política; otros muchos combaten por lograrlo. Los que han logrado su independencia y los que se esfuerzan por alcanzarla, estrechan hoy su alianza en la Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina y estudian cómo afrontar los deberes internacionales con la causa común de los pueblos: la liquidación del sistema de explotación y explotación del colonialismo, el neocolonialismo y el imperialismo.

Aún existen territorios sometidos a las más crueles formas del sistema colonial. En la Conferencia están presentes los representantes de muchos de esos pueblos. Para afrontar los graves problemas que suponen el desarrollo económico y social y la liberación completa de los pueblos de Asia, África y América Latina, es indispensable mantener en alto los principios de autodeterminación de los Estados, de soberanía nacional y de independencia política.

• LA LUCHA ARMADA, MEDIO PARA LA CONQUISTA DE LA INDEPENDENCIA

La Conferencia PROCLAMA el derecho inalienable de los pueblos a la total independencia política y a recurrir a todas las formas de lucha que sean necesarias, incluyendo la lucha armada, para conquistar ese derecho. Para los pueblos subyugados de Asia, África y América Latina no hay tarea más importante.

Las naciones de Asia, África y América Latina que han conquistado su independencia política, adquieren conciencia de que no basta el status jurídico de una soberanía formal para asegurar la liberación plena. Para lograr esa plena liberación es preciso eliminar todos los resortes de la opresión y explotación imperialista y llevar a cabo profundas transformaciones en la estructura social y económica y construir las bases materiales y técnicas sobre las cuales edificar una sociedad de hombres libres. A la emancipación política ha de añadirse la liberación económica. Sólo de esta manera podrá asegurarse la igualdad social de los hombres y la verdadera independencia de los Estados. Los pueblos de los países independientes de Asia, África y América Latina deben oponerse

a todo tipo de infiltración, subversión, opresión, explotación y saqueo por parte del imperialismo y desarrollar al máximo sus iniciativas y recursos, fortalecer la ayuda mutua y la cooperación con los países amigos, liquidar las fuerzas imperialistas y colonialistas, oponerse a la agresión e infiltración neocolonialista y construir e impulsar la economía y la cultura nacionales.

La Conferencia PROCLAMA, como principios comunes de la lucha de los pueblos de Asia, África y América Latina para extirpar todo vestigio de dominio económico imperialista y edificar sus economías propias y como programa para los que aún pugnan por obtener su liberación, el derecho al control nacional de los recursos básicos, a la nacionalización de los bancos y las empresas vitales, al control estatal del comercio exterior y del cambio, al crecimiento del sector público, a la reconstrucción y repudio de las deudas espurias y antinacionales que les han sido impuestas a su economía, a la realización de una verdadera reforma agraria, que elimine la propiedad feudal y semifeudal, impulse el desarrollo agropecuario, eleve el nivel de vida de los campesinos y demás trabajadores de la agricultura y contribuya al incremento de la economía nacional y de la exportación.

La aplicación de esos principios les permitirá el pleno desarrollo de sus recursos naturales y su industrialización de acuerdo con las condiciones que prevalezcan en cada país, completando así su emancipación económica.

Los imperialistas se esfuerzan por ahogar a los países que han conquistado su independencia imponiendo trabas en su comercio, utilizando el control monopolístico del transporte, apelando al criminal bloqueo, arruinando sus economías mediante la baja forzada de los precios de los productos primarios y la fluctuación constante de esos precios.

La Conferencia PROCLAMA el derecho de todos los pueblos liberados a comerciar con los demás países del mundo sobre bases equitativas, la necesidad de poner fin a la fluctuación permanente de los precios de los productos básicos y de fijar esos precios en forma equitativa, de manera que estén racionalmente relacionados con los de los productos industriales y la urgencia de que la lucha común de los pueblos de los tres continentes, con la colaboración de las fuerzas progresistas del resto del mundo; quibre el bloqueo imperialista al comercio y al transporte de los países liberados. El dominio imperialista, colonialista y neocolonialista deja a los pueblos de Asia, África y

América Latina un saldo dramático de atraso técnico que impide a los trabajadores del campo y la ciudad, cuyo esfuerzo es la base del progreso nacional, incrementar la productividad de su trabajo mediante el uso de las tecnologías más avanzadas en la agricultura y en la industria.

La Conferencia PROCLAMA el derecho de los pueblos al acceso a la técnica y la necesidad de los países liberados de la preparación masiva de los cuadros técnicos surgidos del pueblo mismo, lo que implica una revolución educacional que parta de la eliminación del analfabetismo y conduzca a la revolución técnica. Los países que se liberan del imperialismo se encuentran ante la más aterradora carencia de un sistema de salubridad, sin hospitales ni centros auxiliares de servicios médicos y sin profesionales para incrementarlos.

• DERECHO DE LOS PUEBLOS A SU LIBERTAD POLITICA Y ECONOMICA

La Conferencia PROCLAMA el derecho de los pueblos de los tres continentes a disfrutar de una vida sana y de una atención médica asistencial y preventiva adecuada y la necesidad de que los países liberados reciban toda la ayuda posible de los países más desarrollados de Asia, África y América Latina para organizar un sistema de servicios médicos y hospitalarios y de que pongan acento especial en la preparación de los cuadros profesionales y auxiliares que deben realizar esta tarea masiva, bajo la dirección planificada del Estado y con la más amplia participación popular.

La discriminación racial se mantiene por los imperialistas, colonialistas y neocolonialistas en importantes regiones del mundo y adquiere sus formas más repugnantes, brutales y diabólicas en la política del apartheid, que oprime y afrenta al pueblo de África del Sur y amenaza al pueblo de Zimbabwe, reduciéndolos a un sistema permanente de servidumbre. Es un instrumento para la explotación y una de las más injustas y bárbaras formas de desigualdad.

La Conferencia PROCLAMA la igualdad plena de todos los hombres y el deber de los pueblos de luchar contra todas las manifestaciones del racismo y la discriminación, por tanto, su absoluto apoyo a la lucha del pueblo de Zimbabwe contra el gobierno racista de Ian Smith y al movimiento de solidaridad internacional contra el régimen sudafricano y llama a todos los países comprometidos en esta Conferencia para que impongan un bloqueo político y comercial a África del

Sur, así como un boicot al envío de petróleo y armas.

Los pactos militares, la existencia de bases militares y la presencia de tropas imperialistas o mercenarias en territorios extranjeros constituyen una violación de la soberanía nacional y un peligro para la convivencia pacífica entre los estados. El imperialismo mantiene esta situación para sofocar los movimientos de liberación nacional, intimidando a los países vecinos y cometiendo agresiones contra los países recién liberados.

La Conferencia PROCLAMA el derecho de los pueblos a liberarse de las bases militares extranjeras y exhorta a redoblar la lucha por el logro de ese objetivo y contra los pactos militares y la presencia de tropas imperialistas o mercenarias.

Los pueblos de Asia, África y América Latina luchan por vencer a las clases reaccionarias nativas que, sometidas a los intereses extranjeros, la ayudan a sostener el sistema de opresión y explotación neocolonial. En esta lucha las clases reaccionarias oponen feraz resistencia y no se dejarán fácilmente arrebatar el poder con el que explotan y oprimen a los pueblos. La lucha revolucionaria y patriótica de cada pueblo es un aporte a la liberación de los otros países.

La Conferencia PROCLAMA el derecho de los pueblos a obtener su liberación política, económica y social por las vías que estimen necesarias, incluyendo la lucha armada, para conseguir tal objetivo.

El imperialismo y las clases reaccionarias de todos los países se enfrentan al movimiento de liberación de los pueblos empleando todos los recursos militares, políticos y seudo-jurídicos que tienen a su alcance. Se sitúan al margen de los compromisos internacionales. Pretenden disfrazar sus crímenes inventando todo tipo de argumentos falaces para violentar el principio de autodeterminación y soberanía nacional y el derecho de los pueblos a hacer los cambios revolucionarios en sus estructuras económicas y sociales. Emplean pa-

ra sus fechorías todo género de crímenes y atropellos: la subversión, la infiltración de espías y agentes saboteadores; la introducción de elementos criminales y la agresión directa para ahogar las justas aspiraciones de los pueblos; utilizan la violencia; emplean sus fuerzas armadas para los objetivos que se proponen. La Conferencia PROCLAMA el derecho de los pueblos a oponer a la violencia imperialista la violencia revolucionaria para proteger, en tales circunstancias, la soberanía y la independencia nacional.

La lucha que los pueblos de Asia, África y América Latina sostienen en este sentido es un aporte decisivo al combate antimperialista en los tres continentes y una contribución efectiva a la liberación de sus pueblos y al aseguramiento de la paz mundial. Cada victoria popular estimula nuevas victorias.

● SOLIDARIDAD REVOLUCIONARIA CON LOS PUEBLOS QUE LUCHAN POR LA CONQUISTA DE SUS LIBERTADES

La Conferencia PROCLAMA el derecho y el deber de los pueblos de Asia, África y América Latina y de los estados y gobiernos progresistas del mundo a facilitar apoyo material y moral a los pueblos que luchan por su liberación o son agredidos directa o indirectamente por potencias imperialistas.

Fuerzas armadas norteamericanas ocupan actualmente el territorio de la República Dominicana. El imperialismo, violentando la voluntad del pueblo dominicano, intervino en su revolución popular para sostener a sus títeres, violó la soberanía nacional, pisoteó el principio de no intervención y asesinó no sólo a sus combatientes, sino a sus mujeres y niños.

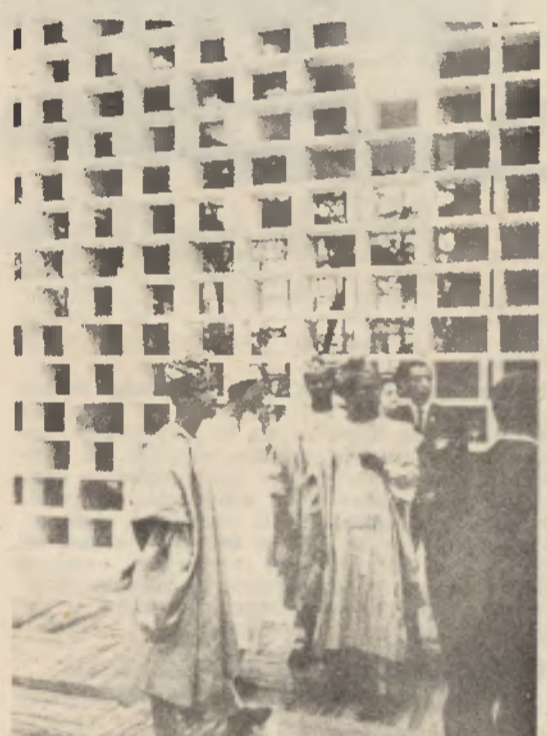
La Conferencia PROCLAMA, por consiguiente, el derecho del pueblo dominicano a combatir a las fuerzas de ocupación norteamericanas

con todos los medios a su alcance, principalmente la guerra popular y revolucionaria, y a reclamar el apoyo de todos los pueblos y gobiernos del mundo.

La heroica resistencia del pueblo vietnamita contra los agresores imperialistas no solamente responde a la justa defensa de la independencia de dicho país, sino, además, salvaguarda el derecho de autodeterminación y de soberanía de todos los pueblos del mundo.

La Conferencia CONDENA enérgicamente la guerra de agresión de los imperialistas yanquis en Viet Nam del Sur y sus bombardeos a la República Democrática de Viet Nam y los condena como criminales de guerra por sus bárbaras acciones contra el pueblo vietnamita. La Conferencia denuncia las engañosas declaraciones de paz del gobierno de Johnson y APOYA sin reservas los puntos planteados por el gobierno de la República Democrática de Viet Nam y por el Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur para la solución del problema vietnamita. La Conferencia PROCLAMA que el Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur es el único y auténtico representante del pueblo de Viet Nam del Sur y expresa su firme convicción de que bajo su dirección el pueblo sudvietnamita alcanzará sin lugar a dudas, la victoria final.

La Conferencia PROCLAMA su solidaridad con la lucha armada de los pueblos de Venezuela, Guatemala, Perú, Colombia, la llamada Guinea Portuguesa, Mozambique, Angola, Congo (Leopoldville) y con la decisión de los pueblos de las Islas de Cabo Verde, Santo Tomás y Príncipe de liquidar la dominación colonial. RESPALDA a los pueblos de Somalia francesa, las posesiones españolas de África y al pueblo de Zimbabwe, Basutolandia, Bechuanalandia y Swazilandia, en su derecho a la autodeterminación y la independencia, a los pueblos coloniales de América Latina, Puerto Rico, las Guayanas, Martinica, Guadalupe y otros, en su lucha por la independencia nacional y la autodeterminación; el derecho del pueblo de Chipre a la independencia sin restricciones y a la



Nigeria



Ghana



Angola



Irak



Guayana Inglesa



Venezuela



Corea



Uruguay



Martinica



China



Tanzania



Mozambique



Indonesia



Kalimantan del Norte



Colombia

plena autodeterminación; apoya a los pueblos de Malasia (incluyendo Singapur) y Kalimantan del Norte en su lucha por la liberación nacional y por el desmantelamiento de las bases militares extranjeras; y, asimismo, la demanda de la independencia inmediata de Yemén del Sur (ocupado), así como el desmantelamiento de la base militar británica de Aden y de las bases norteamericanas establecidas en el territorio de Arabia Saudita. LLAMA a la solidaridad de todos los pueblos con el pueblo árabe de Palestina en su justa lucha por la liberación de su patria del imperialismo y de la agresión sionista. CONDENA la política de agresión del gobierno de Estados Unidos y sus agentes asiáticos contra Cambodia pacífica y neutral y propugna el repudio a toda cooperación política, económica, diplomática y cultural con los imperialistas yanquis y con todos los gobiernos títeres que ayudan al gobierno norteamericano en su política de agresión a los pueblos indochinos. APOYA la lucha heroica del pueblo de Laos contra los imperialistas norteamericanos y sus títeres. DENUNCIA la maniobra agresiva de los imperialistas yanquis que, aliados a los militaristas japoneses y en connivencia con sus títeres de Corea del Sur, tratan de crear la alianza militar del Noroeste de Asia, como brigada de choque contra el pueblo coreano y los pueblos asiáticos, a fin de provocar una grave situación en esa parte del mundo. Y, asimismo, APOYA la lucha del pueblo coreano por la unificación de su patria y por la expulsión de las tropas yanquis de Corea del Sur y se solidariza con el combate de los pueblos coreano y japonés por la liquidación del Tratado Sudecoreano-Japonés. Y CONDENA el bloque de los imperialistas norteamericanos a Cuba, que han prohibido incluso las ventas de alimentos y medicinas, como un acto de agresión contra el pueblo cubano,

exhortando a los pueblos de los tres continentes: a ampliar su comercio con el hermano país agredido, para quebrar definitivamente el cerco que los imperialistas han pretendido imponerle. Frente a la embestida de las fuerzas reaccionarias dirigidas por el imperialismo yanqui, la Conferencia LLAMA a la solidaridad militante, activa y dinámica de los pueblos de Asia, África y América Latina, y los exhorta bajo las banderas antimperialistas a intensificar el movimiento de liberación nacional, a desarrollarlo con mayor fuerza aún y a aglutinar alrededor de esa lucha a toda la humanidad progresista. El imperialismo trata de embotar la conciencia nacional de los pueblos mediante la introducción de su cultura decadente y emplea los medios de comunicación masivos para tales propósitos, destruyendo el acervo científico-técnico y cultural de los países que explota. La Conferencia PROCLAMA el derecho de los pueblos a mantener y desarrollar su patrimonio cultural, nutriendolo con los aportes que surjan del intercambio con las genuinas culturas de los demás pueblos, y la necesidad de una activa lucha por los tres continentes librenatural de sus países para expulsar de la vida cultural del imperialismo, enriqueciendo, con el apoyo al arte y la cultura verdadero, la vida de sus pueblos. La Conferencia extiende un cálido saludo a la clase obrera y a los movimientos progresistas de los países capitalistas de la Europa Occidental y de Estados Unidos y los invita a estrechar más aún los lazos fraternales de solidaridad con los pueblos de los tres continentes para combatir juntos contra los monopolios imperialistas y la política de intervención y agresión, ya que ellos son víctimas también del sistema de explotación y opresión. La Primera Conferencia de Solidaridad de los

Pueblos de Asia, África y América Latina y la Organización surgida de la misma se proclaman representantes genuinos de la voluntad y decisión de lucha antimperialista, anticolonialista y antineocolonialista, patriótica y nacionalista de los pueblos de los tres continentes. La Conferencia PROCLAMA que la tarea primordial de los pueblos de Asia, África y América Latina es intensificar la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo para conquistar y consolidar la independencia nacional, la democracia, el progreso social y la paz. Los pueblos de los tres continentes, decididos a barrer todos los obstáculos de su camino y a luchar indoblegablemente por una nueva Asia, una nueva África y una nueva América Latina, emancipadas definitivamente del imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, se juntarán en apretado haz hasta obtener la victoria total y definitiva. Alentando plena confianza en su futuro. La vertebración de esfuerzos de los pueblos de Asia, África y América Latina lograda en esta Conferencia y las tareas futuras y las proyecciones fundamentales que han quedado establecidas convertirán la solidaridad activa de nuestros continentes en una fuerza histórica de colosal empuje que demolerá los bastiones del imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, ya golpeados por los movimientos de liberación triunfantes en los últimos años, y con los cimientos quebrados por el curso inexorable de la historia.

**ESTA GRAN HUMANIDAD HA DICHO
¡BASTA! Y HA ECHADO A ANDAR
Y SU MARCHA DE GIGANTE NO
SE DETENDRA JAMAS HASTA
CONQUISTAR SU DEFINITIVA
LIBERACION**

resolución general sobre ben barka

- Considerando el secuestro de Mehdi Ben Barka, líder de la UNFB de Marruecos y presidente del Comité Preparatorio de la Conferencia Tricontinental, perpetrado en París el 29 de octubre de 1965;
- Considerando que han transcurrido cerca de tres meses después de la desaparición de Ben Barka sin que se conozca su paradero y sin que se hayan desmentido las noticias más alarmantes;
- Considerando que los resultados de las investigaciones, dados al público hasta hoy establecen de manera indudable la responsabilidad directa del general Oufkir, Ministro del Interior del gobierno marroquí así como la complicidad de ciertos servicios oficiales franceses;
- Considerando que el jefe de Estado francés, personalmente, dio garantía formal para que las investigaciones se llevaran hasta el fin con diligencia y firmeza; La Primera Conferencia de Solidaridad de los pueblos de África, Asia y América Latina;
- Denuncia el crimen odioso del que fue víctima nuestro camarada Ben Barka, que sólo puede servir a los intereses del imperialismo y la reacción;
- Rinde homenaje vibrante y fraternal a Mehdi Ben Barka, que tanto trabajó por el progreso de su pueblo y por la causa del movimiento revolucionario en nuestros tres continentes;
- Exige que se esclarezca este trágico hecho y que todos los culpables, ya sea en Marruecos, en Francia o en cualquier otra parte del mundo, sean severamente castigados;
- Toma nota del solemne compromiso hecho por el presidente De Gaulle para que se prosiguieran las investigaciones cualesquiera que fuesen las implicaciones y consecuencias;
- Declara que todas las organizaciones que participan en la Conferencia, junto con los "Comités de Solidaridad con Ben Barka", trabajan incansablemente para que se esclarezcan los hechos sobre el caso Ben Barka.



ben barka: portador del mensaje

La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina ha denunciado con indignada palabra el secuestro y asesinato del que fuera presidente de su Comité Internacional Preparatorio, El Mehdi Ben Barka, a la vez que le ha rendido homenaje llevando a vías de hecho la idea de unir los movimientos antimperialistas de los 3 Continentes, a la que se entregó con el mismo ardor revolucionario que caracterizó su vida. Ambas actitudes no estuvieron dictadas por un sentimentalismo mortis causa, ni por un revanchismo infecundo. Ben Barka dejó su sangre virtualmente diciendo Basta. Basta de opresión colonialista, neocolonialista e imperialista. Su última reunión estaba dirigida a filmar una película que expresara gráficamente ese expresivo lema de la Conferencia.

El impacto que en los 512 delegados a la Tricontinental y en los revolucionarios de todo el mundo produjo la triste noticia de su desaparición física, tenía una motivación doble. En Ben Barka se admiraba al revolucionario y al hombre.

Mehdi tenía un encanto especial para ganar la simpatía personal, su forma de proyectarse, amplia y franca, entusiasta y profunda, le hacían ganar enseguida el aprecio, en cualquier latitud geográfica.

Pequeño y dinámico, poseedor de una profusa información política general que unida a su talento le permitían hacer profundos análisis, era un catalizador de cuanta empresa acometiera.

Desde su primer contacto con la Revolución Cubana, vio en ella el eslabón para unir el movimiento revolucionario afroasiático al de América Latina, por lazos más firmes y precisos. Fue un campeón de la unidad que defendió contra toda acometida, viniese de donde viniese.

Aún lo recordamos en la Argel de 1964, haciendo un alto entre las tareas de la Conferencia de Solidaridad Afroasiática y la Conferencia de los 3 Continentes en gestación, para amanecer limpiando el vapor "Camilo Cienfuegos" junto a los marinos y funcionarios cubanos.

Allí hablaba todavía de la altura de miras, la solidaridad incondicional y efectiva que debía reinar en el espíritu de la reunión de los 3 Continentes.

En La Habana no se vieron defraudadas sus ilusiones. Encontró la coincidencia de ideas que movilizaban su ánimo y el de otras capitales del mundo.

Ben Barka estaba consciente de que era acechado por sus enemigos. Que son también los enemigos del pueblo. Sintió tanta confianza a primera vista en el Fidel Castro estadista, que valoró justamente, como en el Fidel Castro ser humano, al que se compeñó profundamente.

En mis entradas y salidas por tantas ciudades distintas, nos dijo la noche antes de partir de La Habana, pueden tenderme una celada. Quisiera no se le diese mucha publicidad a mi salida de Cuba.

El Mehdi estaba sobre aviso. Pero no por ello detendría su infatigable y tan arriesgada actividad. Un grupo de gangsters internacionales fueron instrumento de otros que se les asemejan.

Segaron su vida. Pero no extinguieron su mensaje que llegó al corazón de los 3 Continentes. El Mehdi, no sólo en árabe, es "el portador del mensaje".

● Gabriel Molina

resolución de apoyo a la revolución cubana



● La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina.

CONSIDERANDO: La significación histórica de la Revolución Cubana para el desarrollo de los movimientos de liberación nacional en estos tres continentes.

TENIENDO en cuenta: Que a partir del triunfo revolucionario del pueblo cubano se ha producido un viraje esencial en el proceso de la lucha antimperialista en América Latina, pasando la liberación nacional de este continente a una etapa superior.

CONSTATANDO: Que el gobierno imperialista de los Estados Unidos no ha cesado en sus propósitos de aplastar la Revolución Cubana acudiendo para ello a todos los medios como son el brutal bloqueo económico, implacable hostilidad política, constante infiltración de espías, saboteadores y agentes subversivos, invasión mercenaria, provocaciones desde la base militar yanqui arbitrariamente ubicada en su territorio, acciones piratescas y manteniendo la amenaza real y permanente de un ataque armado directo.

COMPROBANDO: Que el heroico pueblo cubano ha respondido con firmeza a esas agresiones imperialistas y que se mantiene alerta para enfrentar y vencer cada ataque, (como lo hizo en Playa Girón, cuando en sólo 72 horas le infligió al imperialismo norteamericano su primera derrota militar en

América) al mismo tiempo que se esfuerza y triunfa en todos los frentes de lucha habiendo alcanzado grandes logros en los campos de la educación (con su extraordinaria campaña de alfabetización), en la cultura popular, en la salud pública y en la economía, que alcanzó su logro más alto en la zafra azucarera de 1965.

RESUELVE:

EXPRESAR su pleno apoyo a la Revolución Cubana, como acontecimiento de significación trascendental para el movimiento de liberación nacional de los pueblos de América Latina y de todos los pueblos oprimidos del mundo.

CONDENAR enérgicamente las incesantes agresiones que el gobierno de los Estados Unidos viene llevando a cabo en sus propósitos vanos por destruir las conquistas que el pueblo cubano ha obtenido e impulsado con las armas en la mano y con su trabajo y esfuerzo.

HACER SUYAS las demandas contenidas en distintos puntos planteados por el Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, comandante Fidel Castro Ruz.

1.—Cese del bloqueo económico y de todas las medidas de presión comercial y económica que ejercen los Estados Unidos en todas las partes del mundo contra nuestro país.

2.—Cese de todas las actividades subversivas, lanzamientos y desembarco de armas y explosivos por aire y mar, organización de invasiones mercenarias, filtración de espías y saboteadores, acciones todas que se llevan a cabo desde el territorio de los Estados Unidos y de algunos países cómplices.

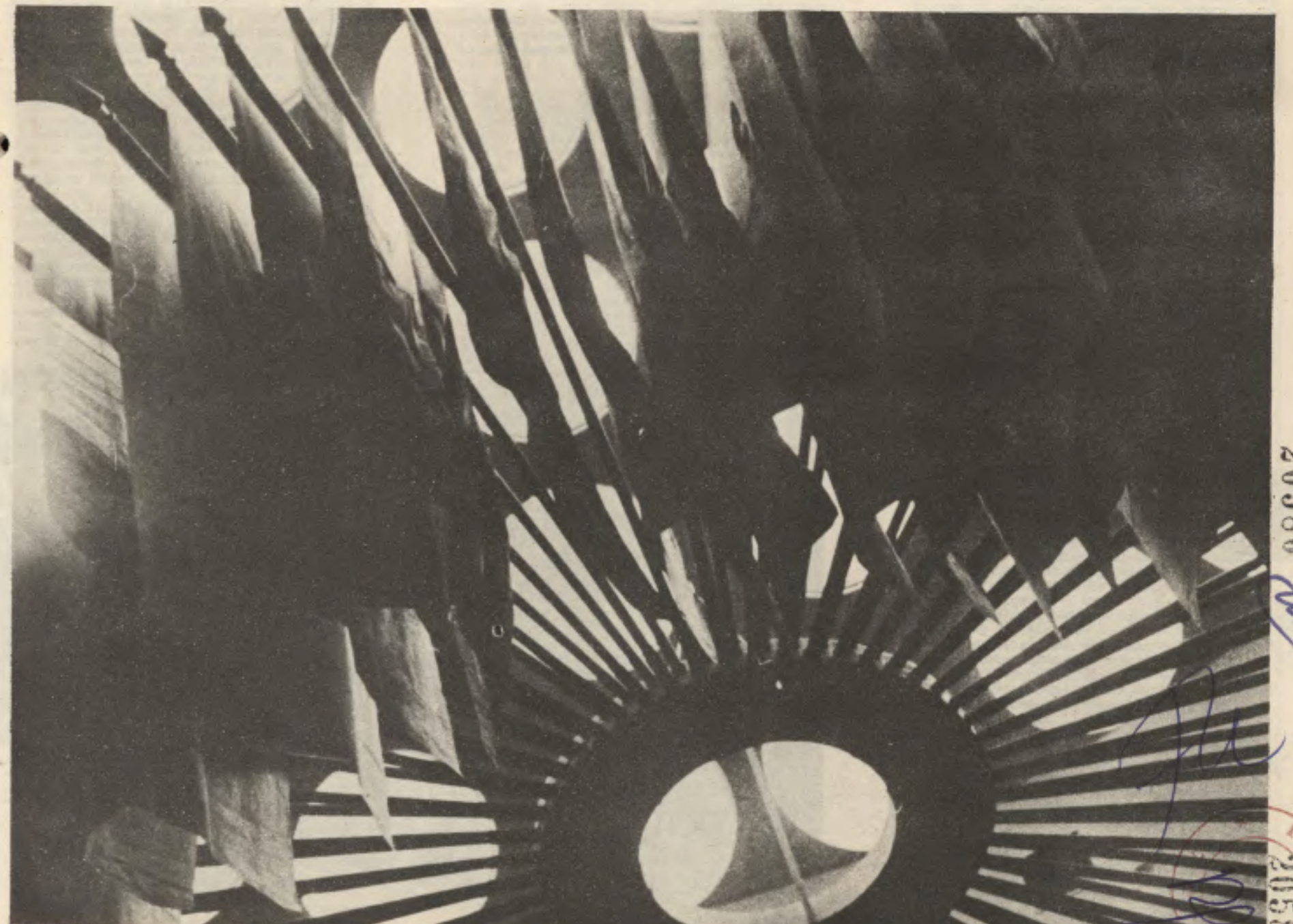
3.—Cese de los ataques piratas que se llevan a cabo desde bases existentes en los Estados Unidos y Puerto Rico.

4.—Cese de todas las violaciones de nuestro espacio aéreo y naval por aviones y navíos de guerra norteamericanos.

5.—Retirada de la base naval de Guantánamo y devolución del territorio cubano ocupado por los Estados Unidos.

DESARROLLAR aún más entre los pueblos de África, Asia y América Latina las demostraciones de solidaridad y la ayuda a la heroica lucha del pueblo cubano, que en las mismas fauces del imperio norteamericano lleva adelante la primera revolución socialista de América, habiendo destruido los dogmas del fatalismo geográfico y mostrando a los pueblos de ese continente las posibilidades de lucha y triunfo revolucionario.

DECLARAR: Que cualquier agresión de los imperialistas norteamericanos contra el pueblo revolucionario de Cuba encontrará la respuesta de los pueblos hermanos de los tres continentes.



resolución sobre viet-nam



● La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina, reunida del 3 al 12 de enero de 1966 en La Habana, capital de la República de Cuba, con la participación de 512 representantes de 82 países, de los movimientos de liberación nacional de los tres Continentes, así como de numerosos observadores de organizaciones internacionales y regionales, e invitados procedentes de todas partes del mundo, ha prestado particular atención al problema de Viet Nam, problema central de la Conferencia.

Ha escuchado los informes de las delegaciones del FLNVS y de la RDV y los aprueba enteramente. Todos los delegados que han tomado la palabra en el curso de la Conferencia han expresado unánimemente en nombre de sus pueblos, sus sentimientos de profunda simpatía y admiración por el pueblo de Viet Nam que prosigue, con inmenso heroísmo, determinación inquebrantable y éxitos que crecen sin cesar, su justa guerra popular en defensa de la Patria sagrada y contra la criminal guerra de agresión del imperialismo norteamericano, que se encuentra a la cabeza del imperialismo. Al dar a la causa sagrada del pueblo vietnamita su apoyo valioso y eficaz, la Conferencia ha encontrado en su lucha un ejemplo eximio en su noble tarea de impulsar y desarrollar la lucha común de los pueblos de los tres continentes contra el imperialismo, el colonialismo y el neo-colonialismo, a cuya cabeza se encuentra el imperialismo norteamericano, por la liberación de los pueblos, el progreso social y la paz mundial. La Conferencia constata que desde hace más de 11 años el imperialismo norteamericano, pisoteando los derechos nacionales sagrados del pueblo vietnamita: la independencia, la soberanía, la unidad y la integridad territorial solamente reconocidos por los Acuerdos de Ginebra de 1954, que los EE.UU. se han comprometido a respetar, lleva a cabo en forma desvergonzada contra el heroico pueblo de Viet Nam la política neocolonialista de intervención sistemática y de agresión militar. Estos últimos años, ante las victorias reiteradas obtenidas por el pueblo de Viet Nam del Sur en la lucha de legítima defensa por salvaguardar la independencia nacional y la paz, los EE.UU. para salvarse de la derrota intensifican diariamente la guerra de agresión contra Viet Nam del Sur, con la participación directa, masiva y creciente de las fuerzas armadas norteamericanas y de sus países satélites, de la aviación estratégica y de la 7ma. Flota norteamericana, y emprenden el escalonamiento con bombardeos y ataques siempre crecientes contra la RDV, país soberano e independiente. Ante sus derrotas reiteradas, los imperialistas norteamericanos están llevando a cabo febrilmente una obra de nuevos planes de agresión, con vistas a aumentar las fuerzas norteamericanas, hasta 250,000 hombres a mediados de este año y después hasta 300,000 o más todavía, a aumentar sus armas y sus materiales de guerra, multiplicando las operaciones militares y los bombardeos con los aviones B-52 a un ritmo creciente en Viet Nam del Sur, y extendiéndolas actualmente a Laos y Camboya.

Al servicio de sus designios criminales los agresores norteamericanos, utilizan deliberadamente los descubrimientos científicos y las realizaciones técnicas, las bombas de napalm y de fósforo blanco, los productos químicos, los gases tóxicos y la aviación estratégica con fines de destrucción y de exterminación sistemática y total contra la población de Viet Nam.

Masacres de la población civil indefensa, destrucción de aldeas enteras, bombardeos de hospitales, de escuelas, edificios culturales, mercados, represas hidroeléctricas, centros industriales y económicos donde existe una gran concentración de población. Los ataques reiterados por parte de las fuerzas aéreas y navales norteamericanas se intensifican día y noche, tratando de impedir todas las actividades, todo el trabajo pacífico, de destruir y de arrasarse sistemáticamente el territorio de Viet Nam.

Expresando el sentimiento común de millones de personas en los tres continentes, la Conferencia denuncia con toda energía a los imperialistas norteamericanos por su guerra rapaz descarada contra Viet Nam, como criminales de guerra condenados por todos los pueblos del mundo, por toda la humanidad.

Denuncia particularmente las maniobras actuales tendientes a intensificar y extender con mayor peligro que nunca la guerra en Viet Nam, Laos y Camboya. Condena sus crímenes de agresión contra Viet Nam, que pisotean desvergonzadamente el derecho de los pueblos a disponer de sí mismos, los Acuerdos de Ginebra de 1954 sobre Viet Nam, la ley internacional. La conciencia humana se encuentra profundamente asqueada y violentamente indignada ante los crímenes bárbaros de genocidio de los agresores norteamericanos, con desdén absoluto de las más elementales nociones del derecho de la persona humana.

Condena firmemente la agresión brutal y liberada contra la RDV, país soberano e independiente, como un acto puro y simple de gangsterismo internacional, que constituye un antecedente peligrosísimo y una amenaza a la soberanía y a la independencia de los estados independientes de los tres continentes. Considera que no existe ninguna razón válida, que pueda justificar esos crímenes incalificables cometidos contra el pueblo vietnamita, separados de los Estados Unidos por todo un océano y profundamente enamorado de la independencia y de la paz. Denuncia y condena energicamente la política de piratería de los EE.UU. tendiente a reducir al pueblo de Viet Nam del Sur a la esclavitud, transformar a Viet Nam del Sur en una colonia de nuevo tipo y base norteamericana de experimentación de su estratégica, tácticas, armas y material de guerra con vistas a reprimir los movimientos de liberación nacional, a reducir a la esclavitud a los otros pueblos de los tres continentes, a preparar la guerra contra los países socialistas y a sabotear la paz en el Sudeste de Asia y en el resto del mundo.

La Conferencia constata que cada vez que el Presidente Johnson, intensifica y extiende la guerra de agresión, plantea maniobras falaces, sobre la llamada "voluntad de paz" y "negociaciones sin condiciones". Recientemente al mismo tiempo que la intensificación a un grado jamás visto de las operaciones militares en el Viet Nam del Sur, su extensión en Laos y Camboya, y la preparación acelerada de nuevos planes de agresión con la introducción masiva de nuevas tropas, armas y equipos de guerra al Viet Nam del Sur; la administración Johnson, ha llevado a cabo una nueva ofensiva de Paz, planteando los 14 puntos, donde se trata de la cesación provisional de bombardeos contra Viet Nam del Norte, de presentar los acuerdos de Ginebra de 1954 como "base de paz", "de negociación sin condiciones". La Conferencia denuncia y condena energicamente las nuevas maniobras de intensificación y extensión de la guerra de los agresores norteamericanos, condena y rechaza energética-



mente las nuevas proposiciones engañosas de "negociaciones sin condiciones" de la administración Johnson, como también, las pérfidas maniobras con vistas a encubrir las recientes medidas de intensificación y extensión de la guerra de agresión a un grado extremo, apaciguar y engañar la opinión pública norteamericana y mundial, obligando al pueblo vietnamita a aceptar las condiciones de los agresores norteamericanos, que tienden a subyugar impunemente Viet Nam del Sur, a dividir definitivamente Viet Nam y sabotear los acuerdos de Ginebra de 1954. Denuncia y condena energicamente las nuevas ofensivas de paz del Presidente Johnson, al igual que las maniobras encaminadas a dar nuevos pasos extremadamente peligrosos de aventurerismo militar en Viet Nam, Indochina y Sudeste de Asia. Apoya totalmente la declaración del 5 de enero de 1966 del portavoz del Ministro de Relaciones Exteriores del gobierno de la R.D.V. y también a la declaración del 6 de enero de 1966 del C. C. del Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur, sobre esta cuestión.

La Conferencia condena energicamente la extensión de la guerra de agresión contra Laos y Camboya y apoya la justa lucha del pueblo de Laos por la independencia, la neutralidad y la paz. Ella apoya también al pueblo y gobierno del reino de Camboya en su lucha contra los agresores norteamericanos, por la defensa de la integridad territorial, la independencia y la neutralidad de Camboya. La Conferencia aclama calurosamente la solidaridad combativa que une estrechamente los pueblos de Indochina, en su lucha común contra los imperialistas norteamericanos.

La guerra de agresión contra Viet Nam junto con las llevadas a cabo contra el pueblo de la República Dominicana, y otros pueblos de Asia, de África y de América Latina, los crímenes cometidos por los agresores norteamericanos los denuncia manifiestamente como el enemigo público número uno de los pueblos de los tres continentes y de toda la humanidad.

La Conferencia afirma el derecho inalienable e imprescriptible del pueblo vietnamita así como el de todos los pueblos de los tres continentes, a utilizar todos los medios a su disposición, sobre todo la guerra justa para liberar y defender la Patria contra la agresión extranjera. La Conferencia saluda calurosamente las victorias aplastantes logradas por el pueblo vietnamita en su firme lucha contra la feroz guerra de agresión de los imperialistas americanos. Expresa el reconocimiento profundo de los pueblos de los tres continentes ante los inmensos sacrificios aceptados por el pueblo vietnamita, cuyo heroísmo es universalmente respetado.

En este momento cuando los pueblos de Asia,



de África y de América Latina se levantan en un impulso irresistible contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, la lucha del pueblo vietnamita contra el imperialismo norteamericano, es parte integrante de la lucha de los pueblos del mundo por la consecución de sus objetivos fundamentales en la etapa actual de la historia de la humanidad, es decir, la liberación nacional, el socialismo y la salvaguarda de la paz mundial. La Conferencia considera que la lucha del pueblo vietnamita crea por sí misma un apoyo directo y contribuye poderosamente, sobre todo con las grandes experiencias acumuladas, al movimiento de liberación nacional de los pueblos de los tres Continentes, especialmente los pueblos actualmente en lucha como la República Dominicana, el Congo Leopoldville y Laos, y al mismo tiempo constituye un ejemplo brillante que alienta intensamente y levanta de entusiasmo a toda la humanidad progresista. Los pueblos de los tres Continentes y del mundo entero tienen el deber de apoyar y ayudar la justa lucha del pueblo vietnamita y darle la solidaridad combativa profunda y fraternal contra el enemigo común, el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, con el imperialismo norteamericano a la cabeza.

Esto es por lo cual la lucha del pueblo vietnamita es justamente considerada como el problema central de la lucha de los pueblos actualmente en el mundo, y está asegurada del apoyo unánime de todos los pueblos del mundo.

Sostenido y ayudado activamente por los países del campo socialista, por los pueblos de Asia, África y de América Latina, por la clase trabajadora internacional y las fuerzas del progreso y de la paz en el mundo, el pueblo vietnamita logra victorias cada día mayores. Los agresores norteamericanos están más debilitados y aislados que nunca. Nada puede salvarlos de su inevitable derrota.

El pueblo vietnamita vencerá. El pueblo vietnamita ama la paz, pero no existe paz verdadera sin independencia. La Conferencia declara dar su apoyo entero y total a la declaración de 5 puntos de Marzo 22 de 1965 del Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur y a la posición de los 4 puntos del 8 de abril de 1965 del Gobierno de la República Democrática de Viet Nam.

La Conferencia considera que éstas son la sola y única plataforma justa para la solución del problema de Viet Nam, basada en el respeto de los derechos fundamentales y sagrados del pueblo vietnamita a la independencia, la soberanía, la unidad, la integridad territorial solemnemente reconocidos por los Acuerdos de Ginebra. Sólo así la paz

podrá ser restablecida de manera estable y durable en Viet Nam y contribuyendo a salvaguardar la paz en el Sureste de Asia y en el mundo.

La Conferencia Tricontinental, uniendo su voz a la del pueblo vietnamita y de todos los pueblos del mundo exige:

—El cese inmediato de la agresión norteamericana contra Viet Nam del Sur, la retirada inmediata de todas las tropas norteamericanas y de los países satélites de Viet Nam del Sur, la liquidación de las bases norteamericanas de Viet Nam del Sur;

—El cese inmediato, definitivo e incondicional de los bombardeos y de los otros actos de agresión contra el territorio de la RDV;

—El respeto y la aplicación de los Acuerdos de Ginebra de 1954, por el gobierno de los Estados Unidos;

—El reconocimiento del F.N.L. de Viet Nam del Sur, como el único representante auténtico y legal del pueblo de Viet Nam del Sur, al cual hay que dar libertad para registrar sus propios asuntos, sobre la base del programa político del F.N.L. de Viet Nam del Sur, sin intervención extranjera;

—La reunificación política de Viet Nam es un asunto de los pueblos de las dos zonas, sin interferencia extranjera. El gobierno de los Estados Unidos debe declarar solemnemente el reconocimiento de los 4 puntos del 8 de Abril de 1965 del Gobierno de la República Democrática de Viet Nam y aplicarlos con actos concretos. Solamente así se podrá encontrar una solución política para el problema de Viet Nam.

La Conferencia denuncia y desecha toda maniobra tendiente a hacer intervenir las Naciones Unidas, toda tentativa de hacer intervenir las fuerzas armadas extranjeras en el asunto de Viet Nam, así como toda solución contraria a la declaración del 8/4/1965 del Gobierno de la RDV.

Ella expresa su admiración a la determinación inquebrantable del pueblo vietnamita, profundamente agradecido por el apoyo y la ayuda de los pueblos de los tres Continentes y del mundo, de continuar la lucha hasta la expulsión del país de todos los agresores norteamericanos, y lograr la total y completa realización de sus objetivos fundamentales: la independencia nacional, la unidad y la paz. La Conferencia saluda calurosamente el apoyo de los pueblos de los tres Continentes y del mundo hacia el pueblo de Viet Nam y lanza un llamamiento apelando a los pueblos de los tres Continentes, a las fuerzas progresistas, a todas las organizaciones democráticas, a las personalidades del mundo entero a intensificar los movimientos de masa, que surgen en todas las capas sociales.

A concentrar todos los esfuerzos para derrotar los nuevos pasos de aventura militar, los nuevos planes de intensificar y extender

la guerra y los bombardeos a Hanoi y Haiphong en Viet Nam del Norte para denunciar las presentes maniobras de paz de las autoridades americanas; para exigir el cese inmediato de la guerra de agresión en Viet Nam del Sur y el cese inmediato definitivo e incondicional de los bombardeos contra Viet Nam del Norte; exigir la retirada de todas las tropas y armas norteamericanas y de los países satélites en Viet Nam del Sur, la liquidación de las bases militares americanas en Viet Nam del Sur, el respeto a los Acuerdos de Ginebra de 1954, permitiendo al pueblo vietnamita regir sus propios asuntos;

Desarrollar en todos los aspectos y todas las formas la solidaridad activa con el pueblo de Viet Nam a través de manifestaciones, reuniones de protesta, boicot de la carga y transporte de armas y material de guerra y de tropas norteamericanas, colectas de fondos, de medicinas, de víveres, el envío de armas y equipos de guerra, jornadas y semanas de solidaridad, así como los reclutamientos de voluntarios para combatir junto al pueblo vietnamita, cuando éste haga un llamamiento al respecto, de acuerdo con las condiciones concretas de cada país; para intensificar la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo en los países de los tres Continentes y en el mundo, todo esto constituye un apoyo directo para combinarlo estrechamente con la lucha del pueblo vietnamita.

La Conferencia llama a los Gobiernos de los pueblos amantes de la paz a reconocer de hecho y legalmente el Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur como el único representante auténtico y legal del pueblo de Viet Nam del Sur.

La Conferencia hace un llamamiento a los pueblos de los tres Continentes y a los pueblos de todo el mundo a organizar el 12 al 19 de Marzo de 1966 una semana de solidaridad con el pueblo vietnamita.

Con vistas a coordinar e intensificar incesantemente el movimiento de solidaridad con el pueblo de Viet Nam, para multiplicar sus formas y aumentar su eficacia, la Conferencia decide crear un comité tricontinental de solidaridad con la justa lucha del pueblo vietnamita contra la agresión de los imperialistas norteamericanos.

La Conferencia saluda calurosamente el movimiento de lucha cada día más intenso en el pueblo de los Estados Unidos englobando vastas capas de la población amante de la justicia, de decenas de millones de jóvenes, de estudiantes, de mujeres, de profesores, de hombres de ciencia, de escritores, de artistas y de personalidades religiosas que protestan bajo formas múltiples y energías contra la guerra de agresión y apoyar la justa lucha del pueblo vietnamita. La Conferencia hace un llamamiento urgente al pueblo de los Estados Unidos para desarrollar más amplia y profundamente el movimiento de masas para denunciar las maniobras, especialmente para responder al llamamiento del 16/12/1965 del VIET NAM DAY COMMITTEE de los Estados Unidos, para exigir el cese inmediato de la guerra de agresión contra Viet Nam, para exigir el cese inmediato definitivo e incondicional de los bombardeos contra Viet Nam del Sur; esta guerra de agresión es contraria a los principios esenciales enunciados por la Constitución de los Estados Unidos, dañinos a los intereses nacionales del pueblo norteamericano mismo y para apoyar la justa causa del pueblo vietnamita.

Consciente de la seria amenaza que la guerra de los imperialistas norteamericanos contra el pueblo vietnamita hace pesar sobre los destinos comunes de los pueblos de Asia, África y América Latina, la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina, expresa su convicción profunda que la lucha del pueblo vietnamita, apoyada por los países del campo socialista, por los pueblos de los tres Continentes, por la clase obrera y los trabajadores de los países capitalistas, incluyendo al pueblo de los Estados Unidos, por todas las fuerzas progresistas del mundo, triunfará finalmente. el Viet Nam del Sur será libre, el Viet Nam será unido pacíficamente y el pueblo vietnamita podrá, en la independencia y en la paz, en cooperación estrecha con la gran familia de pueblos hermanos de los tres Continentes y de los pueblos del mundo, trabajar activamente en pro de la felicidad y contribuir al progreso de la humanidad.

resolucion general sobre el colonialismo y neocolonialismo



RESOLUCION GENERAL DE LA COMISION POLITICA SOBRE COLONIALISMO Y NEOCOLONIALISMO

La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Africa, Asia y América Latina, reunida en la capital de Cuba, constata que no obstante la lucha incontestable de los pueblos oprimidos por su liberación, quedan todavía millones de personas víctimas del colonialismo y del neocolonialismo. Nuestra época está caracterizada por enormes progresos revolucionarios. Frente a nosotros se desarrolla el proceso de la creación de un mundo nuevo, más perfecto, más armonioso y más justo. Vivimos en la época del derrumbe del sistema colonial del imperialismo, en la época del despertar y del renacimiento de los países de Asia, Africa y América Latina. Ante el derrumbe de su sistema colonial, el imperialismo recurre a nuevos métodos para mantener bajo su dependencia a países próximos a ganar su independencia, y para reducir a una mera independencia política formal a de aquellas naciones que la han conquistado rompiendo las cadenas coloniales. Así a la vieja política colonialista, ya agonizante, ha venido a sumarse el neocolonialismo.

El imperialismo es el resultado del dominio en los países capitalistas desarrollados de los carteles, trusts y consorcios financieros, que tienen como fin principal y último la obtención de la máxima ganancia, una de cuyas fuentes más importantes es el saqueo y la explotación de las colonias y de los países neocolonialistas, utilizando principalmente la exportación de capitales que les permiten saquear sus economías. En las colonias, el imperialismo adapta las sociedades tradicionales a los fines de su explotación, convirtiéndolas en simples apéndice de la metrópoli, proveedoras de materias primas baratas y compradoras de los productos industriales de las potencias que las poseen. En el caso de los países que han ganado la independencia política, se esfuerzan por mantenerlos en similar dependencia económica mediante la posesión de sus principales fuentes de riqueza, y el control monopolista de su comercio exterior y de los recursos financieros, que conjuntamente con las inversiones de capitales por parte de los monopolios imperialistas, constituyen los puntos de apoyo principales del neocolonialismo. Víctimas primeras de esta política neocolonialista fueron los países latinoamericanos, que habiendo conquistado su independencia política en el siglo pasado en su mayor parte, se vieron sometidos a la penetración económica primero del naciente imperialismo británico y en menor escala del francés, y después, en forma predominante, del norteamericano.

En Africa y Asia, utilizando métodos similares, los imperialistas británicos y franceses cuando el reconocimiento de la independencia nacional se les hizo inevitable en numerosos países de esos dos continentes, por el crecimiento de la conciencia nacional y la lucha revolucionaria de sus pueblos, se esforzaron por privar a esa independencia de su verdadero contenido, para reducir a una independencia en una gran medida formal, lo que ha obli-

gado a los pueblos de los países ya independientes de Africa y Asia a luchar por el rescate de sus fuentes de riquezas, para así consolidar su independencia política.

Para asegurar su dominación, el imperialismo trata de destruir las esencias nacionales, culturales y espirituales de cada país, y crea todo un aparato de dominación que incluye fuerzas armadas nacionales dóciles a su política, el establecimiento de bases militares, la creación de organizaciones represivas asesoradas por técnicos de los países imperialistas, firma de pactos secretos militares, constitución de alianzas belicistas regionales e internacionales, fomenta y ejecuta golpes de Estado y asesinatos políticos para asegurar gobiernos títeres, al mismo tiempo que en lo económico recurre a fórmulas engañosas como la titulada Alianza para el Progreso, y los "Alimentos para la Paz" y otros similares, en tanto utiliza instituciones internacionales como el Fondo Monetario Internacional y el Banco Internacional de Reconstrucción y Fomento para reforzar su dominio económico.

El imperialismo utiliza para su dominación a las viejas clases dominantes, a las burguesías llamadas compradoras, a ciertos sectores de las burguesías nacionales, a los cuales domina a través de instrumentos financieros e incluso engaña y somete a sectores de las clases explotadas y recurre a diversas formas de corrupción a través de líderes venales de los llamados sindicatos "libres" y organizaciones que son instrumentos del imperialismo. Otros medios empleados por el imperialismo son la política, cuidadosamente estimulada, para dividir y gobernar, usando para ello las diferencias de religión, cultura, raza, ideología política de las masas oprimidas, así como la supresión y prohibición de literatura informativa de los países socialistas y de las organizaciones antimperialistas en otros países, y una política calculada para controlar y distorsionar cualquier noticia sobre la lucha de liberación nacional, con el objeto de mantener en la ignorancia de estos hechos a los pueblos oprimidos. En sus esfuerzos inútiles por conservar las colonias y perpetuar la dominación colonial, los países imperialistas utilizan los métodos de represión más brutales y la agresión armada en sus formas más salvajes, como Portugal en sus colonias de Africa. El imperialismo norteamericano, escudándose en la bandera de la ONU, después de la proclamación de la independencia del Congo, intervino brutalmente y derrocó al legítimo gobierno de Lumumba. Además, los Estados Unidos y Bélgica, con la ayuda del Reino Unido han llevado a cabo una represión abierta en el Congo usando para ello mercenarios. El imperialismo utiliza también otras formas más sutiles, como lo hace el colonialismo francés en las Antillas.

Para los países que recientemente han obtenido la independencia, la mayor amenaza la constituyen los métodos sutiles del neocolonialismo, que inclusive bajo el pretexto de dar "ayudas" económicas a dichos países asegura nuevas vías de penetración de los monopolios en sus economías. Es muy importante denunciar vigorosamente la política neocolonialista del imperialismo, tanto en sus aspectos

políticos como los económicos, militares y culturales.

Una primera característica importante es el colonialismo colectivo. Antes, cada potencia imperialista resolvía por sí misma los problemas con sus colonias, oponiéndose a la interferencia de otras potencias en lo que consideraban su "esfera de influencia". Ese era el caso en Africa y Asia de las potencias colonialistas europeas. Y en América, expresión de esa política fue la "doctrina Monroe". Para la división de las colonias y esferas de influencia, la única base era la correlación de fuerzas entre las potencias imperialistas.

Hoy esa situación ha cambiado. El surgimiento del mundo socialista, el empuje creciente del movimiento de liberación nacional, el desmoronamiento incontenible del mundo de la esclavitud colonial han determinado la impotencia de las potencias colonialistas actuando separadamente para suprimir los movimientos de liberación nacional. Si en 1888, Gran Bretaña, Francia, Alemania e Italia, podían suprimir por la fuerza y el terror más bestial las luchas de los pueblos en el Africa Oriental para someterlos, actualmente esos tiempos han pasado, como lo prueban los casos de Suez y Argelia. Cuando la nacionalización del Canal de Suez los imperialistas ingleses y franceses con el apoyo de Israel, recurrieron inclusive a la agresión armada y sufrieron una derrota. En Argelia, los imperialistas franceses enviaron todos sus recursos militares y el Movimiento de Liberación Nacional triunfó. Esta impotencia determinó que los imperialistas recurrieran al colonialismo colectivo, es decir, a la participación conjunta contra los movimientos de liberación de los pueblos oprimidos como en el Congo y antes en Argelia; explotación conjunta de las riquezas naturales de los países asiáticos y africanos por los monopolios norteamericanos, británicos, franceses, germanooccidentales y japoneses; utilización de las avanzas militares en la lucha contra los movimientos de liberación nacional, como la OTAN en el caso de Argelia y ahora en las colonias portuguesas, la OTASO en Laos y contra Viet Nam, y el propósito OTANE, por medio de la conclusión del tratado Japón-Corea del Sur.

Los imperialistas yanquis han logrado utilizar la ONU para encubrir fines neocolonialistas como en los casos conocidos del Congo y Corea y tratan de utilizarla para los mismos fines en otros países.

Nunca antes los imperialistas han prestado como ahora atención principal a la defensa de sus intereses comunes de clase. El derrumbamiento del colonialismo amenaza liquidar sus fuentes de materias primas estratégicas, sus puntos de apoyo en todos los continentes para su dominación, darles un golpe de muerte a los "hinterlands" de los que necesita el imperialismo imperiosamente para subsistir. Por eso los países colonialistas tradicionales se ven forzados a ceder posiciones a Estados Unidos, y a la República Federal Alemana, las potencias imperialistas actualmente más fuertes. Hace 6 años, un diario belga, "La Nation Belge", planteó el problema en términos claros:

"Sólo 4 potencias coloniales quedan en la Europa Continental: Bélgica, Francia, España y Portugal, que tienen una población total de menos de 80 millones de habitantes. Imaginar que puedan oponer resistencia sojas o incluso conjuntamente... es un sueño irrealizable. En estas circunstancias y con el desarrollo presente de los acontecimientos, todos los europeos corren el riesgo de ser expulsados de Africa... Es evidente la acción que se requiere: los derechos supremos de unos pocos y débiles Estados deben ser reemplazados por la soberanía poderosa de toda Europa..." A lo que podría añadirse "y de Estados Unidos".

El colonialismo colectivo no es expresión de la fortaleza de las potencias colonialistas sino de todo lo contrario: de su creciente debilidad. Y no elimina las contradicciones inter-imperialistas ni la lucha feroz de los monopolios de cada país imperialista por desplazar a sus rivales de otros países; porque esas contradicciones son inseparables del imperialismo.

Un ejemplo actual destacado del colonialismo colectivo es el del Mercado Común Europeo en sus relaciones con los países africanos, del que resulta principal beneficiario el imperialismo francés. Mediante la concesión de preferenciales y aún la entrada libre de derechos de sus productos a los países africanos asociados al MCE, los países imperialistas que lo integran se aseguran ventajas arancelarias para los productos industriales que exportan a dichos países africanos, así como ventajas para la inversión de sus capitales. Las viejas potencias colonialistas europeas aplican así con sus antiguas colonias de Africa y Asia la misma política que aplicara Estados Unidos con los países independientes de América Latina, quienes bajo el disfraz de una política de reciprocidad comercial aseguraron una posición privilegiada en su comercio exterior y a veces hasta monopolista, al tiempo que lograban ventajas excepcionales para sus inversiones, con las cuales han controlado las principales fuentes de riqueza de la mayoría de los países de América Latina. De esa política típicamente neocolonialista del MCE son principales beneficiarios los imperialismos francés y germanooccidental.

Otro rasgo importante del neocolonialismo es la creciente participación de los Estados imperialistas, como tales Estados, en las inversiones en las regiones subdesarrolladas, principalmente bajo la forma de la titulada "ayuda".

La "ayuda" imperialista es, ante todo, un instrumento de opresión de los países subdesarrollados. Es una nueva forma de exportación de capitales, destinada a crear las condiciones precisas para el desarrollo de los planes belicistas imperialistas, particularmente los norteamericanos, y también para la explotación de los recursos naturales de dichos

países por los monopolios imperialistas. Esta llamada "ayuda" se da generalmente bajo la forma de préstamos, lo que endeuda cada día más a los países subdesarrollados, al punto de que actualmente consume en muchos de ellos más de la cuarta parte de las entradas totales en divisas del pagar las amortizaciones e intereses de sus deudas, como ocurre con todos los países subdesarrollados. Estos préstamos de países capitalistas tienen siempre condiciones, por ejemplo, el país que recibe el préstamo se obliga a emplear dicho préstamo para la compra de materiales del país que ha hecho el préstamo a precios exorbitantes; en esta forma, los imperialistas reciben no sólo altas tasas de interés por el préstamo mismo sino que obtienen pingües ganancias por sus materiales.

Otro rasgo característico del neocolonialismo es la utilización de organismos crediticios internacionales, como el Fondo Monetario Internacional, el Banco Internacional de Reconstrucción y Fomento, el Banco Interamericano de Desarrollo, y otros al servicio de la política expansionista de los imperialistas, y particularmente del imperialismo norteamericano, ya que Estados Unidos tiene el control principal de esas instituciones. En efecto, Estados Unidos tiene por sí sólo el 25% de los votos del FMI, el 34% de los votos en el BIRF y el 41% de los votos del BID. Con este control, Estados Unidos utiliza estas instituciones para sus fines imperialistas, con esta doble ventaja: puede disponer, además de los fondos propios, de los fondos de los propios países subdesarrollados miembros de esas instituciones y no aparece directamente imponiendo condiciones políticas y económicas onerosas a dichas naciones. Un ejemplo de esta utilización lo constituyen los préstamos realizados por el Banco Mundial desde su fundación en 1946 hasta 1959 a 11 países africanos por un total de 627.500.000 dólares. ¿Cómo se distribuyó este total, a primera vista impresionante?

Una tercera parte de los préstamos fue a la Unión Sudafricana para la construcción y modernización de las comunicaciones de modo de facilitar la exportación de uranio y otros materiales estratégicos a Estados Unidos; en pago de instalaciones de energía eléctrica, turbogeneradores y otros equipos para las minas de uranio y de otro tipo en dicho país. Y resulta que los monopolios norteamericanos tienen un "interés" especial en las minas sudafricanas. Eso sin olvidar que los citados préstamos eran una forma de fortalecer el gobierno fascista y bestialmente racista que ha sido impuesto a la población negra, abrumadoramente mayoritaria en dicho país. También el Congo, cuando todavía era colonia de Bélgica, recibió préstamos del BIRF para la construcción de comunicaciones y el desarrollo del transporte necesario para facilitar la explotación del uranio y otros depósitos minerales, en particular las minas de uranio de la Unión Minière du Haut-Katanga, que participa en el grupo financiero internacional encabezado por Nelson Rockefeller.

Esos ejemplos se repiten a lo largo y ancho de Africa. En cambio, para un proyecto que significó una construcción básica para los países africanos o un préstamo como del tipo del de la represa de Aswan, por el contrario, sus préstamos son siempre onerosos para el que los recibe.

cuanto al Fondo Monetario Internacional son conocidos los ejemplos de la América Latina. Los países de Argentina, Bolivia; Perú y otros saben bien qué significan los "planes de estabilización" impuestos por el FMI como condición para la "ayuda": hambre y miseria para el pueblo, un paraíso para los monopolios imperialistas.

Esta explotación colonial y neocolonial a que se ven sometidos los países subdesarrollados tiene consecuencias terribles para sus pueblos. Una muestra dramática de estas consecuencias es que el promedio del ingreso per-cápita anual de Asia, Africa y América Latina, exceptuando los países socialistas de Asia, es inferior a 140 dólares anuales. En cambio, los de las potencias imperialistas que se nutren del saqueo y explotación de sus recursos naturales, es muchas veces superior llegando, en el caso de la principal potencia imperialista y usufructuaria de dicha explotación, los Estados Unidos, a 2.506 dólares anuales.

Los imperialistas norteamericanos a través de la Agencia Central de Inteligencia tratan de dividir al Movimiento Nacional de Liberación con líneas racistas, sectarias y religiosas y utilizan elementos vacilantes y oportunistas dentro de los movimientos de liberación nacional tratando de desviar a los pueblos revolucionarios para lo cual emplean el soborno, el chantaje y la corrupción. Esto ha sido comprobado entre otros casos en los de Guatemala, Irán, y la llamada Guayana Británica. Los recientes eventos en Indonesia que condujeron a los disturbios antidemocráticos y antiprogresistas fueron también instigados por la CIA.

Después de analizar las distintas manifestaciones del neocolonialismo, la Conferencia señala que ésta es una nueva forma de dominación y explotación colonial, empleada por los imperialistas, en especial por el norteamericano, principal explotador y opresor del mundo contemporáneo.

El colonialismo y el neocolonialismo constituyen el cáncer más grande de la humanidad contemporánea. El deber de todos los países y pueblos es barrerlos de la faz de la tierra.

Con este fin, la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Africa, Asia y América Latina resuelve:

1.—Llamar al apoyo militante a la justa lucha de los pueblos que combaten por lograr su liberación de la opresión colonial y saludar a los pueblos de Angola, Mozambique y la llamada Guinea Portuguesa, de San Tomé, Prin-

cipe y las colonias españolas, de Aden y Omán incluidos en la Federación artificialmente creada de Arabia del Sur, de Kalimantan y la Malaya (incluyendo Singapur), de Puerto Rico y la Guayana Británica, de Guadalupe y de otros países coloniales y territorios que luchan por su independencia nacional. Condenar la política de expatriación masiva practicada por el imperialismo francés hacia la población de Guadalupe, de la Martinica y de la Reunión.

2.—La solidaridad activa y dinámica con los países que sufren la agresión de los imperialistas y particularmente del imperialismo norteamericano. En primer término, esta solidaridad debe expresarse en relación a Viet Nam, que es el centro de la lucha actual contra el imperialismo norteamericano y cuyo pueblo lo enfrenta heroicamente e inflige derrotas continuas a las tropas invasoras yanquis y a sus títeres y abate los aviones norteamericanos que devastan su territorio. Esta solidaridad debe extenderse a Laos y Camboya, víctimas de constantes agresiones norteamericanas. También debe manifestarse en forma activa con Cuba, que sufre el bloqueo económico de Estados Unidos y otras múltiples formas de agresión; y con la República Democrática de Corea y cuantos Estados sufran la hostilidad del imperialismo, como ha ocurrido en Africa con el Congo (Brazzaville), Ghana, Guinea, Mali y Tanzania.

Condenamos a los gobiernos reaccionarios en su conspiración contra el pueblo como en el caso de Nigeria. Esto es igualmente válido en algunos Estados africanos como Senegal, Alto Volta, Camerún, Niger, Costa de Marfil, Madagascar, Marruecos, Libia, Túnez, cuyos gobiernos son instrumentos del neocolonialismo.

3.—Apoyar por todos los medios las luchas de liberación nacional en países que aunque formalmente independientes, durante largo tiempo han sufrido la explotación y la opresión del imperialismo en múltiples formas, en Asia, Africa y América Latina. La lucha armada de liberación se transforma en una forma fundamental de lucha en Venezuela, Colombia, Guatemala, Perú, Omán y Congo (Leopoldville), cuyos combatientes y pueblos deben ser apoyados activamente.

Apoyar y estimular a los pueblos de las ex colonias británicas del Caribe como Jamaica y Trinidad y a las ex colonias de Africa como Niger, Senegal, Ruanda, Uganda, Nigeria, Camerún, Dahomey y otras que están ahora sujetas a la dominación neocolonial, en su lucha por la verdadera liberación nacional.

4.—Proclamar que ante la violencia armada que el imperialismo, encabezado por el norteamericano, emplea para ahogar la creciente lucha liberadora, es un derecho y un deber de los pueblos agredidos emplear la violencia revolucionaria. Sostenere solidariamente esa lucha en el caso de cada pueblo e instar a todos los países de los tres continentes a dar todo su apoyo moral, así como la ayuda material, política y diplomática, a los movimientos revolucionarios en lucha armada o política, que es necesaria para asegurar la victoria sobre el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo en los tres continentes, es, igualmente, un derecho y un deber de todos los pueblos.

5.—La reafirmación solemne de los 10 principios aprobados en 1955 en Bandung para regir las relaciones entre los Estados. En consecuencia, condenar la agresión, la intervención, la subversión y el control de los imperialistas de los Estados de Asia, Africa y América Latina, así como la fuerza de las armas o cualquier otro medio usado por los imperialistas.

6.—Denunciar la ocupación norteamericana de Okinawa y Ogasawara que fueron sustraídas al Japón y convertidas en peligrosas bases militares norteamericanas para la agresión a otros países de Asia en particular Viet Nam.

7.—Exigir la retirada de todas las fuerzas agresivas extranjeras que se encuentran en el territorio del Congo (L), y el cese de las agresiones de los imperialistas yanquis y belgas, así como de mercenarios a su servicio.

8.—Condenar la invasión de Santo Domingo por los mares yanquis y las tropas intervencionistas de la Organización de Estados Americanos y demandar su retirada inmediata.

9.—Denunciar el reforzamiento de la política del imperialismo norteamericano y europeo que favorece los golpes de Estado reaccionarios en América Latina, Africa y Asia, para imponer gobiernos sometidos a Washington, como en los casos de Brasil, Bolivia, el Congo (L), Ecuador, Honduras y Guatemala, o a otras potencias imperialistas, como en el caso de ciertos países de Africa y proclamar la solidaridad con los pueblos víctimas de esta política agresiva.

En todos estos golpes de Estado que son la expresión de la política neocolonialista de los Estados Unidos y de las potencias europeas en América Latina, ha actuado como cómplice la OEA o el OCAM, bloque político militar al servicio del imperialismo norteamericano y europeo, cuya política la Conferencia condena enérgicamente. Condena en particular el reciente golpe reaccionario ocurrido en la República de Indonesia, así como el de Santo Domingo.

10.—Demandar las más rígidas sanciones internacionales, incluidas las medidas de fuerza a las

potencias colonialistas que se nieguen a la concesión de la independencia a los países y pueblos coloniales.

11.—Llamar a todos los pueblos al apoyo a la lucha por la independencia de Puerto Rico, bastión militar del imperialismo yanqui en la América Latina utilizado para la agresión contra Cuba y los movimientos de liberación. Esta solidaridad reviste particular importancia ya que en el Caribe, área donde es particularmente aguda la agresión imperialista y la lucha antimperialista, la existencia de una colonia yanqui fortalecida con armas nucleares amenaza no sólo la liberación de América Latina sino además la paz mundial.

12.—Condenar a todos los Estados aliados de Portugal en la OTAN, que continúan prestando apoyo económico y militar al gobierno portugués y exigir la inmediata suspensión de esas actividades.

13.—Hacer un llamamiento a todos los gobiernos revolucionarios y a todos los pueblos a prestar el apoyo más activo a la lucha que se libra en Africa del Sur contra la inhumana política del apartheid, que practica el gobierno fascista de Verwoerd, así como a la solidaridad militante con el pueblo de Zimbabwe, que lucha contra el terror impuesto por el gobierno racista de Ian Smith. Esta solidaridad es importante, porque los imperialistas tratan de constituir con Africa del Sur, Rhodesia del Sur y las colonias portuguesas de Mozambique y Angola, un complejo colonial para contraponer a los países independientes del Movimiento de Liberación Nacional de Africa. Exhortar a todas las fuerzas antimperialistas de los tres continentes a dar su apoyo decidido a la campaña de solidaridad internacional, por las sanciones políticas y económicas y por la imposición de un embargo de petróleo y de armas contra el gobierno fascista de supremacistas blancos de Africa del Sur.

Condenar al imperialismo británico por la responsabilidad directa de crear una situación conflictiva en Zimbabwe, sometiendo a los africanos al robo sistemático de su tierra y compartiendo el producto de la explotación de ese pueblo con la minoría racista. Los imperialistas británicos y norteamericanos dicen estar opuestos al gobierno racista, en un intento de engañar a la opinión pública como lo revela la declaración del gobierno británico de "reemplazar" el régimen de Smith por otro igualmente racista, que le permitiría continuar la explotación y el saqueo de Rhodesia del Sur. De hecho el gobierno británico ha vendido tres submarinos a Africa del Sur a principios de 1965 y continúa entrenando paracaidistas de Africa del Sur en Inglaterra; los Estados Unidos mantienen tratos con Africa del Sur para proveerle de proyectiles "tierra aire", a pesar de su supuesta prohibición.

Hacer un llamamiento a los gobiernos y a los pueblos progresistas de todo el mundo para apoyar firmemente a los pueblos de Basutolandia, Bechuanalandia y Sudafrica, en su lucha contra los planes traicioneros de los imperialistas británicos y del régimen fascista de Africa del Sur de crear y mantener gobiernos títeres en estos países. Este apoyo es esencial, porque los imperialistas están en proceso de construir nuevos regimenes neocoloniales en estos países, creando por lo tanto "estados-válida" para proteger sus intereses financieros en Africa del Sur y Africa Sud-Occidental.

14.—Desarrollar la más firme solidaridad con la población negra norteamericana que lucha contra las inhumanas prácticas discriminatorias, impuestas por los imperialistas en Estados Unidos.

Asimismo, la Conferencia resuelve saludar y apoyar la lucha creciente que libra el pueblo norteamericano contra la guerra colonialista que el gobierno de Estados Unidos libra contra Viet Nam.

Al reafirmar solemnemente el inalienable derecho de todos los pueblos a alcanzar plenamente su soberanía y poder efectuar una política interna y externa independientes, la Conferencia condena decididamente cualquier violación por parte de los Estados imperialistas de las fronteras y la criminal práctica de los bloqueos económicos y militares dirigidos contra el movimiento nacional liberador. La Conferencia se manifiesta en apoyo de todas las medidas dirigidas contra la política neocolonialista, y en particular se declara:

—Por la revisión y modificación de todos los acuerdos bilaterales y multilaterales impuestos por las potencias imperialistas, que directa o indirectamente contradigan la soberanía o los intereses económicos nacionales de los países económicamente liberados;

—Por la liquidación de las bases militares en los países liberados, así como el retiro de los mismos de todas las tropas y personal militar extranjero;

—Por el cese de la actividad de zangos, que efectúan las potencias imperialistas organizando complotos antigubernamentales y actos terroristas en los países liberados.

La Conferencia llama a todas las fuerzas antimperialistas y anticolonialistas a estrechar filas en la lucha contra el imperialismo y especialmente contra el norteamericano, principal enemigo de los pueblos, y por el completo triunfo de la libertad nacional e independencia de Asia, Africa y América Latina.

suplemento del granma • enero 1966—29

resolución general de la comisión económica

RESOLUCION GENERAL
APROBADA POR LA COMISION ECONOMICA
EL 11 DE ENERO DE 1966

La Comisión Económica de la Conferencia Tricontinental, reunida en la Habana del 3 al 14 de Enero de 1966.

Después de haber tenido conocimiento del Proyecto de Resoluciones presentadas por la Delegación Cubana, así como de los trabajos del Seminario Económico celebrado en Argel en Febrero de 1965.

Considerando que una de las tareas impuestas al movimiento de liberación nacional es la liquidación del imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, encabezados por el imperialismo norteamericano, y de sus consecuencias en el campo económico; Considerando que para la realización de este objetivo es necesaria la adopción de principios de lucha común contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, encabezados por el imperialismo norteamericano, para la obtención y consolidación de la emancipación económica de los países de los tres continentes;

Considerando que las relaciones económicas entre los movimientos dirigentes de zonas liberadas y los Estados revolucionarios, deben basarse en la solidaridad y en la ayuda fraternal;

Considerando que una de las más funestas consecuencias de la explotación imperialista, colonialista y neocolonialista es que el progreso técnico no haya penetrado en gran número de países, permaneciendo muchos de éstos en notable estado de retraso educacional;

Considerando que los bloqueos económicos que son impuestos por los estados imperialistas, colonialistas y neocolonialistas contra los pueblos de Africa, Asia y América Latina constituyen un grave ataque a su independencia nacional y al desarrollo económico de esos pueblos, y un peligro permanente contra nuestros tres continentes;

Considerando que una gran parte de la población de los países que luchan por la emancipación económica se encuentra aún, en la agricultura y en otras ramas de la producción primaria, trabajando con escasa productividad, debido a su atraso técnico resultante de largos años de la dominación imperialista, obteniéndose en muchos de estos países ingresos extremadamente reducidos;

Considerando que para lograr un considerable desarrollo económico en estos países se requiere un aporte superior de fuerzas de trabajo calificadas;

Considerando que es necesario desarrollar una justa política económica entre los países de los tres continentes y el resto del mundo;

Considerando que el desenvolvimiento de las relaciones económicas, comerciales y financieras de esos países de los tres continentes con los países desarrollados capitalistas, debe realizarse sobre bases que garanticen su desarrollo económico e independencia nacional;

Considerando que la explotación por el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo ha impuesto a los países más atrasados una economía de monoproducción de artículos no manufacturados;

Considerando que para intensificar su dominio internacional los países imperialistas, colonialistas y neocolonialistas han utilizado los préstamos como instrumentos de penetración económica y de subordinación política de los países más atrasados;

Considerando que ese tipo de endeudamiento externo contribuye a perpetuar el subdesarrollo porque sustrae a través de las amortizaciones e intereses usurarios recursos que les son indispensables a los países en desarrollo, siendo evidente que numerosos países coloniales al obtener su independencia nacional encuentran gravitando sobre su economía deudas exteriores contraídas por gobiernos colonialistas o gobernantes títeres de las potencias imperialistas; Considerando que es indispensable evitar la constante fluctuación de los precios de los productos básicos en el comercio internacional, que actúa en detrimento de los países en vías de desarrollo.

Considerando que ciertas medidas adoptadas por los países imperialistas provocan la depresión de los precios de estos productos y la fluctuación del comercio internacional de productos básicos y en consecuencia una reducción constante de la participación de los países menos desarrollados en el comercio mundial y frenan la expansión de la producción agrícola en esos países;

Considerando que la destrucción de las viejas estructuras feudales y semif feudales que frenan el desa-

rollo de la agricultura no es sólo una necesidad histórica, sino además un acto de justicia para quienes trabajan la tierra y un paso decisivo en favor de la liberación nacional;

Considerando que la aplicación de la verdadera reforma agraria trae aparejados el fomento del desarrollo agropecuario, la ampliación del mercado interno, la elevación de los niveles de vida y alimenticios de los pueblos, y el aumento de su capacidad de exportar;

Considerando que los imperialistas levantan ahora demagógicamente entre los países más atrasados la bandera de la reforma agraria para aplacar el reclamo que de ella hacen los pueblos;

Considerando que la reforma agraria verdadera golpea y liquida a los latifundistas que son los aliados del imperialismo y los sostenedores de las oligarquías más reaccionarias;

Considerando que el desarrollo económico de los países liberados del imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo implica el total desarrollo de sus recursos naturales y su industrialización;

Considerando que la lucha de los pueblos de Africa, Asia y América Latina contra la dominación del imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo está estrechamente ligada a la lucha de los trabajadores de los países capitalistas contra los monopolios y que la cooperación estrecha entre esas fuerzas es de gran importancia para la derrota total del imperialismo.

PROCLAMA

1) Su adhesión a los principios de la eliminación de la explotación del hombre por el hombre, a través del desarrollo del capitalismo y su culminación en el socialismo, de acuerdo con las condiciones concretas de cada país.

2) Que la lucha común de los pueblos de Africa, Asia y América Latina para liquidar el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo y para obtener y consolidar la emancipación económica constituye una necesidad absoluta.

3) Que las relaciones económicas entre los estados revolucionarios y los movimientos que tienen zonas liberadas deben ser basadas en la solidaridad activa, la ayuda fraternal y el interés mutuo de los pueblos de nuestros tres continentes.

4) Que,

- a) el control nacional de los recursos naturales básicos,
- b) la nacionalización de la banca y de las empresas vitales para la economía nacional,
- c) el control estatal sobre el comercio exterior y los cambios, y
- d) el crecimiento del sector público,

son instrumentos vitales de la lucha antimperialista y factores importantes para acelerar el desarrollo económico con el objetivo de crear una economía nacional independiente.

5) El objetivo de los países más atrasados de lograr, mediante el pleno desarrollo de sus recursos naturales y la industrialización, de acuerdo con las condiciones que prevalezcan en cada país, su emancipación económica.

6) Los países liberados del imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo deben desarrollar sus economías nacionales basándose en sus propias fuerzas, esto es: mediante la máxima y racional utilización de sus propios recursos económicos, físicos y humanos, complementada con la utilización eficiente y racional de la ayuda del campo socialista y de los países antimperialistas más desarrollados.

7) Que sólo la planificación puede ofrecer un cuadro coherente para promover y desarrollar eficazmente las relaciones económicas, que permita facilitar la movilización y la canalización de las energías populares, dependiendo en primer lugar de sus propios recursos y utilizando racionalmente su potencial material y humano, así como la cooperación exterior, particularmente la ayuda de los países socialistas, para acelerar el desarrollo y consolidar la liberación económica, el control efectivo de cada país sobre sus recursos naturales, a fin de salir de las tristes consecuencias de la explotación imperialista y promover la elevación económica y técnica de nuestras masas populares y, en fin, obtener un crecimiento

económico considerable.

8) La necesidad de poner fin a la fluctuación constante de los precios de los productos básicos y de fijar de forma equitativa esos precios, de manera que estén racionalmente relacionados con los precios de los productos industriales.

9) Su determinación de vencer el bloqueo económico impuesto por el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, de luchar por todos los medios, uniendo sus fuerzas y coordinando una acción económica verdadera, para salvaguardar y consolidar su independencia económica y liberar a sus masas populares de toda opresión.

FAVORECE

El establecimiento de toda forma de cooperación económica entre los países liberados con gobiernos revolucionarios y entre estos países y los países socialistas que permita a los primeros un desarrollo máximo de sus recursos naturales por medio del comercio basado en precios justos y acuerdos a largo plazo.

CONSTATA QUE

Los países imperialistas han utilizado los préstamos como instrumento de penetración económica y de subordinación política en los países más atrasados y que ese tipo de endeudamiento externo contribuye a perpetuar el subdesarrollo porque sustrae, a través de las amortizaciones y los intereses usurarios, recursos que les son indispensables a los países en vías de desarrollo, lo habiendo obtenido su independencia nacional, se encuentran como herencia deudas exteriores contraídas con las potencias dominadoras y por gobiernos al servicio del imperialismo.

Las medidas adoptadas por los países imperialistas violando las recomendaciones y principios acordados en conferencias internacionales y que tienden a consolidar el proteccionismo agrícola, mantener precios agrícolas artificiales y suvenecionar directa o indirectamente la producción agrícola, provocan la baja de precios y las fluctuaciones en el comercio internacional de productos básicos, y en consecuencia, producen una reducción constante de la participación de los países más atrasados en el comercio internacional.

En consecuencia

DECLARA

Que las relaciones económicas, comerciales y financieras entre los países de nuestros tres continentes y los países capitalistas desarrollados deben ser realizadas sobre bases que garanticen su desarrollo y su independencia nacional, sobre el principio de la autodeterminación, de la no ingerencia y el establecimiento de medidas preferenciales generalizadas y no recíprocas en favor de los países subdesarrollados, sin exclusión. El derecho de los países más atrasados a reconsiderar y repudiar las deudas espurias y antinacionales que les hubieren sido impuestas a su economía con la complicidad de gobiernos coloniales y neocoloniales.

CONDENA

La pretensa "ayuda" y "asistencia técnica" "Alianza para el Progreso", "Alimentos para la Paz", etc., que los imperialistas subordinan a consideraciones políticas o militares.

DENUNCIA

- 1) La acción de los organismos internacionales de moneda y de crédito como instrumentos para el control de la economía de los países de Africa, Asia y América Latina.
- 2) Las actividades de los monopolios extranjeros en los países coloniales que absorben sus recursos naturales y que colaboran activamente con las fuerzas opresoras colonialistas para impedir la liberación de esos territorios.
- 3) Las inversiones del capital monopolista internacional, que comprometen la independencia de los países en los cuales tienen lugar, que



Guinea



Rhodesia del Sur



Irán



Tailandia

Palestina



Laos



Paraguay



absorben las riquezas naturales y las divisas, provocando la inflación.

4) El control monopolista por parte del imperialismo de los medios internacionales de transporte, que le permite obtener ganancias exorbitantes en detrimento de los países más atrasados.

5) La violación de los derechos humanos por el gobierno minoritario racista de Africa del Sur, de Rhodesia del Sur contra los pueblos africanos de esos territorios y de Portugal contra los pueblos de sus colonias africanas, y por Israel contra los árabes de Palestina, e invita a los países de los tres continentes a imponer embargos económicos contra esos gobiernos racistas que son instrumentos del imperialismo internacional.

6) La reducción por las Naciones Unidas del volumen del fondo de auxilio a los refugiados árabes de Palestina, y apoya su demanda en favor de que se aumente ese fondo de auxilio a los refugiados árabes de Palestina, para que puedan vivir en condiciones menos inhumanas.

DEMANDA:

De todas las fuerzas revolucionarias representadas en la Conferencia Tricontinental que intensifiquen sus esfuerzos para hacer llegar a los representantes auténticos de los países que luchan con las armas en la mano ayuda económica, financiera y material, de todo tipo, inclusive armas y municiones, para liberar a su país y consolidar la paz del mundo.

A FIRMA:

Primero: Que la destrucción de las viejas estructuras feudales y semif feudales que frenan el desarrollo de la agricultura no es solamente una necesidad histórica, sino además un acto de justicia para quienes trabajan la tierra y un paso decisivo en favor de la liberación efectiva de los países de los tres continentes.

Segundo: Que la realización de una verdadera reforma agraria que entregue la tierra a aquellos que la trabajan, ya sea bajo la forma de cooperativas o de propiedad individual para los pequeños campesinos, de propiedad estatal o de autogestión, constituye un impulso para el desarrollo agropecuario, la ampliación del mercado interno, la elevación del nivel de vida y el aumento de la exportación.

Tercero: Que la reforma agraria verdadera es aquella que golpea y liquida la propiedad feudal y semif feudal, cuyos propietarios son los aliados naturales del imperialismo y el sostén de las oligarquías más reaccionarias.

LLAMA:

A los pueblos de los tres continentes para que continúen y aceleren por todos los medios posibles el proceso de la reforma agraria y la edificación de una economía nacional independiente en sus países, como instrumento de desarrollo de la revolución en el mundo y de la restitución de la dignidad del hombre en Africa, Asia y América Latina.

SALUDA:

A los trabajadores revolucionarios de los diferentes países, que han emprendido acciones militantes en apoyo de los pueblos de Africa, Asia y América Latina, incluidas las actividades directas de boicoteo de las operaciones de carga y descarga de los barcos que transportan armas, como signo de protesta ante las represiones desarrolladas contra los movimientos de liberación, y los invita a redoblar sus esfuerzos y su vigilancia a fin de vencer unidos al imperialismo y sus acólitos.



20589

20589



resolución de la comisión

social-cultural

INTRODUCCION

Una de las graves consecuencias de la colonización en Asia, África y América Latina, ha sido la destrucción sistemática de las culturas y escalas de valores históricos de cada pueblo.

El sistema colonial no se contentó con dislocar las estructuras sociales, trasplantar poblaciones enteras, imponer fronteras artificiales en cuanto a territorios y lenguas, diezmar nuestros pueblos mediante el trabajo forzado en las minas y las plantaciones, y agredir con igual violencia el patrimonio cultural de nuestros países.

Antes de la colonización se desarrollaron en nuestros tres continentes admirables civilizaciones. Las condiciones naturales de nuestras regiones tropicales y subtropicales, no constituyeron obstáculo alguno a la eclosión de brillantes culturas.

La América pre-colombina pudo conocer las florecientes civilizaciones de los Aztecas, los Mayas y los Incas; el África negra las de Zimbabwé, Benín y el Congo, así como el alto nivel intelectual, logrado por los imperios de Mali y Ghana; en África del Norte, en el marco histórico del Islam, el mundo árabe, no solamente recibió la herencia cultural del antiguo Egipto, de la India, de la China antigua, de Grecia, sino que hizo avanzar enormemente las ciencias y las artes de la época. En Asia, en China, en Japón, en Viet Nam, en Camboya, en Indonesia, los pueblos supieron forjar sociedades extraordinariamente cultivadas. La acción colonial, en su brutalidad mercantilista, privó a estas diferentes culturas de toda posibilidad de desarrollo y renacimiento. El imperialismo, utilizando sus poderosos medios técnicos, introdujo en los diferentes países de los tres continentes toda una literatura basada en una visión etnocéntrica del mundo, de contenido pleno de odio y de prejuicios sobre nuestros pueblos. En los mejores casos de las culturas que escaparon a la destrucción pura y simple, fueron condenadas a la vegetación en la clandestinidad histórica.

El dinamismo cultural propio de cada pueblo degeneró rápidamente en un conjunto de tradiciones folklóricas desarticuladas, de hábitos vestuariales y culinarios, de artesanado histórico, que no pudo reemplazar la continuidad histórica de la creación y la verdadera efervescencia literaria y científica. La explotación feroz, la miseria, el hambre, la discriminación racial, la pérdida de la propia estimación, el complejo de inferioridad, son otros tantos factores coloniales que provocaron en todas partes una profunda inhibición de la cultura y del conocimiento, condenando a centenares de pueblos a repetir durante decenas de años las mismas leyendas, cuentos, cantos populares y literatura oral, para no morir espiritualmente.

Es la lucha de liberación nacional, la única que puede poner fin al estancamiento cultural, a esa alienación generalizada, la única que puede restituir a nuestras culturas en Asia, África y América Latina su tónica histórica, su dinamismo, su fuerza rejuvenecedora y de creación perpetua. Es por esto que en nuestros tres continentes, en la hora actual, la cultura resulta la operación en virtud de la cual nuestros diferentes pueblos, en el interior mismo del proceso de liberación nacional, toman conciencia de su propio valor, de su capacidad para transformar su vida social, realizar su propia historia y recibir lo que hay de mejor en la herencia de su pasado cultural; conciencia de su capacidad para unificar sobre una base democrática y popular todos los factores que intervienen en la formación histórica de la nación.

La lucha de liberación nacional no solamente libera la cultura arrancándola de su estancamiento secular, sino que le ofrece nuevos marcos de expresión y de creación. Ella le ofrece los nuevos elementos de su autenticidad, de su vigor, de su ritmo interno, de su expansión.

Lazos estrechos, inseparables, existen, por tanto, entre la lucha de liberación y la elaboración de la cultura nacional. La misma lucha armada es un hecho cultural que moviliza, a través de una praxis heroica, los recursos psicológicos, las fuerzas emocionales, las impaciencias y las aspiraciones de cada pueblo asiático, africano y latinoamericano, dándole pleno acceso a la fecundidad cultural perdida.

La lucha de liberación, actualmente la forma más alta de la conciencia de sí mismo, unifica los factores constitutivos de la nación y eleva a dimensión universal los propósitos singulares de nuestros pueblos. La cultura nacional en esta etapa sólo puede reencontrar su legitimidad en el combate anticolonialista y antiimperialista.

En nuestra época, este combate exige que las fuerzas revolucionarias de los tres continentes, se opongan a la política agresiva del imperialismo, dirigida por los Estados Unidos, que se manifiesta igualmente en el marco de la actividad cultural de los pueblos de Asia, África y América Latina.

LABOR DE LA COMISION

La Comisión Social y Cultural abordó, en el curso de su trabajo, diversos temas de interés para la Revolución en el campo de la cultura. La Comisión aprobó resoluciones detalladas de las cuales ofrecemos los siguientes resúmenes de sus contenidos:

1) Sobre la penetración cultural e ideológica del imperialismo.

La penetración cultural e ideológica del imperialismo se realiza tanto en las naciones aún sometidas al dominio colonial e imperialista como en aquellos países que han alcanzado la soberanía estatal, constituyendo una amenaza permanente para los países que realizan sus revoluciones sociales.

El imperialismo trata de paralizar la conciencia nacional de los pueblos mediante la introducción de su cultura decadente y utiliza los medios de comunicación masivos tales como el cine, las revistas y los periódicos, y establece llamados "centros culturales" para tales propósitos. Bajo el pretexto de "intercambio cultural y cooperación" el imperialismo de Estados Unidos trata de sobornar a numerosos intelectuales a través de las llamadas fundaciones Ford, Kellogg, Rockefeller y Kennedy; así como trata de someter las universidades que existen en Asia, África y América Latina al control de las universidades norteamericanas; asimismo, realizan una amplia labor de zapa a través de los llamados "cuerpos de paz".

La Comisión recomienda a esta Conferencia: Librar inmediatamente una activa lucha para frenar y expulsar, en definitiva, de la vida cultural de los pueblos las manifestaciones del espíritu del colonialismo, el imperialismo y el neo-colonialismo que encabezan los Estados Unidos.

2) Sobre la Revolución Cultural en los países liberados del yugo imperialista.

La Revolución Cultural es parte inseparable de la Revolución Social de los pueblos. Los países de Asia, África y América Latina, liberados de la dominación colonial e imperialista, presentan una situación de agudo retraso educacional y cultural. Sin una profunda revolución cultural, es imposible vencer el subdesarrollo y eliminar la herencia colonialista e imperialista. La Comisión recomienda a esta Conferencia que: Se estudien los aspectos esenciales de la revolución cultural, basados en los siguientes puntos: a) Eliminación del analfabetismo y elevación del nivel de instrucción general de la población. b) Impulso a la enseñanza científico-técnica de carácter secundario y superior. c) Fomento de las artes y la literatura. d) Estimul a las actividades deportivas y no escolares de educación física y esportales. e) Organización de la instrucción política revolucionaria de la población de la nueva sociedad liberada y, especialmente, de la clase obrera y de los campesinos.

3) Sobre la Revolución Científico-Técnica. Los países que se liberan del colonialismo y del imperialismo se encuentran en una situación de deformación y subdesarrollo económico, así como de evidente atraso científico-técnico. Cada país liberado tiene que hacer una revolución científico-técnica que es parte importantísima de la Revolución Cultural.

No puede consolidarse la Revolución Social si no se realiza la Revolución Científica y, si no se pasa a un estado superior del desarrollo económico. Es aspecto educacional de esa revolución, es decir, la formación de los cuadros técnicos, debe hacerse de acuerdo con la política de planificación económica del Estado.

La Comisión recomienda a esta Conferencia: El estudio acucioso de los principios de la Revolución Científico-Técnica y el mayor intercambio de experiencias entre los países a este respecto, así como que éstos se faciliten mutuamente la más amplia ayuda fraternal.

4) Sobre el patrimonio cultural y científico.

El rico acervo científico-técnico de los países, cuyos monopolios han esquilinado las riquezas naturales y explotado a las poblaciones de nuestros tres continentes, se ha nutrido, a través de los tiempos, de la miseria, el sudor y la sangre de millones de seres.

Los pueblos de Asia, África y América Latina han pagado con creces su cuota de contribución a los logros científico-técnicos de las metrópolis imperialistas, y, como una necesidad del desarrollo, reclaman su derecho al libre uso de esas conquistas del pensamiento y de la ciencia.

La Comisión recomienda a la Conferencia: La abolición de todos los derechos de autor que beneficien a los organismos mercantiles monopolistas, y los de aquellos autores que se niegan a que sus obras sean reproducidas, por motivo de índole política, en los países en vías de desarrollo. Este pronunciamiento no supone el desconocimiento de los legítimos derechos de los autores dispuestos a que sus aportes científicos se extiendan a todo el género humano.

5) Sobre la formación de cuadros nacionales. La formación de cuadros nacionales es tarea urgentísima, que deben acometer con prioridad los países recientemente liberados.

El campo de esta formación comprende el de los cuadros de índole económico-administrativa; técnico-científico de la agricultura y de la industria; científico superiores; investigadores; docentes; culturales; políticos.

La formación de cuadros nacionales debe hacerse a partir de lo mejor de la juventud revolucionaria de cada país, y su formación deberá realizarse en el espíritu nacional y en las mejores tradiciones internacionalistas.

La Comisión recomienda a esta Conferencia que: En los países de los tres continentes, se preste una gran atención a esta magna tarea, y a que se exhorte a todos los países revolucionarios, a proveer profesores y técnicos del mejor nivel a las naciones en vías de desarrollo, para lograr la formación de sus técnicos y científicos.

6) Sobre la Seguridad Social.

Cientos de millones de hombres en todo el mundo, se hallan en condiciones de vida infrahumanas por causa de la explotación colonialista y neo-colonialista impuesta por el imperialismo, especialmente por el imperialismo de los Estados Unidos. Los pueblos deben conquistar mediante la Revolución el derecho a una vida mejor.

La Comisión recomienda a esta Conferencia que: Sean adoptados como principios básicos de un programa de seguridad y asistencia social:

- Protección a todos los trabajadores urbanos y rurales y a sus familiares.
- No discriminación en la edad, religión o raza, de raza, nacionalidad, sexo, edad, religión o ideología.
- Organización del régimen de seguridad social sobre la base del grado de desarrollo económico, social, cultural y administrativo del país dado.

7) Sobre Salud Pública.

Los mayores logros de la salud pública sólo pueden alcanzarse en los países que hacen su Revolución Social. La desnutrición, la tuberculosis, las enfermedades endémicas y todos los males, consecuencia de la rapaz explotación imperialista, persisten en muchos países.

La Comisión recomienda a la Conferencia: Fijar como principios de una seria estructura de salud pública:

- La salud pública debe ser responsabilidad del Estado.
- La salud pública debe responder a los intereses del pueblo y no sólo hacer énfasis en el aspecto asistencial, sino también, en su aspecto preventivo.
- La salud pública debe ser planeada y dirigida por un solo organismo.
- La salud pública debe fijar su interés preferente en los problemas que afectan a las grandes masas, tales como la vacunación, y atención sanitaria general; la prevención de las epidemias; la atención hospitalaria y otros.
- La salud pública debe descansar en una masiva participación del pueblo en todas las tareas de salud.

8) Sobre la Educación Física, los Deportes y la Recreación.

La educación física, el deporte y la recreación, tienen una gran importancia en la formación integral del hombre; en la medicina preventiva; en el mejoramiento de las fuerzas productivas del país; en las luchas por la liberación nacional y para la defensa de la patria; en la mejor comprensión de los pueblos.

Para la realización de estos objetivos se precisa la utilización de los recursos de los pueblos que hacen su revolución; la orientación única y centralizada; la eliminación del comercialismo en los deportes; la formación de cuadros técnicos en este campo; la participación masiva del pueblo.

La Comisión recomienda a la Conferencia: a) Que en cada país liberado se establezcan organismos de dirección y ejecución de planes a este respecto, que unifiquen las orientaciones y los recursos del Estado.

b) El establecimiento de la coordinación que facilite el intercambio bilateral y multilateral entre los países de Asia, África y América Latina.

Sobre la Cooperación Cultural Tricontinental, la Comisión recomienda:

- Promover y organizar la traducción, impresión y difusión de las obras clásicas y modernas literarias y científicas que, por su calidad y contenido, sirvan para romper el monopolio cultural de la llamada "civilización occidental y cristiana".
- Promover y organizar el intercambio de exposiciones pictóricas, fotográficas, folklóricas y científicas que permitan el mejor conocimiento de la cultura tradicional y contemporánea de nuestros pueblos.
- Promover y organizar el intercambio de espectáculos teatrales, de ballet, de circos, marionetas, etcétera.
- Intensificar el intercambio de profesores y estudiantes en los niveles secundarios y universitarios.
- Promover una campaña de repulsa contra la prensa, la radio, la televisión y los escritores y artistas que han sido sobornados por el imperialismo y pretenden contradecir el curso de la historia y el pleno desarrollo intelectual de cada pueblo.

6) Crear a escala Tricontinental una escuela de cuadros para la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo, en lo político, económico y cultural.

7) Para la realización parcial o total de este programa, en cada uno de los países participantes en la Primera Conferencia Tricontinental, se procederá a realizar una campaña para crear un fondo común destinado a la defensa y expansión de las culturas nacionales de los pueblos de Asia, África y América Latina. Para ese fondo, los escritores podrán contribuir con sus libros; los pintores con sus cuadros; los escultores, ceramistas, decoradores, etc. con sus obras. En los centros de trabajo obreros, en las organizaciones femeninas, en los colegios y universidades pueden realizarse campañas simultáneas para recolección de fondos.

8) Que se organice una Comisión de Asuntos Culturales dentro del organismo creado para mantener la solidaridad tricontinental y la lucha común contra el imperialismo.

9) Para que la comisión de asuntos culturales del organismo Tricontinental tenga un órgano permanente de información, contacto o intercambio, se promoverá la publicación de una revista mensual o bimensual, con ediciones especiales para los pueblos de Asia, África y América Latina.

10) Que se organice un Buró de Investigaciones Sociales. Este Buró debe tratar de coordinar dichas actividades en estrecha colaboración con los trabajos de investigación llevados a cabo en los países socialistas; debe recoger, analizar y suministrar información social y económica a los movimientos de liberación y, cuando sea necesario, hacer estudios específicos a petición de los movimientos de liberación.

11) Que se establezca una sección cinematográfica que se ocupe fundamentalmente de recoger documentación sobre las luchas liberadoras. Esta sección cinematográfica debe tener archivos de películas documentales y grupos de expertos cinematográficos y de operadores al servicio de este organismo, con laboratorios y equipos fílmicos móviles. Debe utilizar todos los canales establecidos por la solidaridad de los pueblos de los tres continentes para la efectiva distribución de las películas de largo metraje y de los documentales que se produzcan de acuerdo con el espíritu de esta resolución.

En cuanto a los movimientos de liberación nacional y a la cooperación cultural recomienda:

- Que la lucha contra la discriminación social y racial, no debe aislarse del combate antiimperialista y que se brinde apoyo a la población negra norteamericana y a los pueblos de África del Sur y Zimbabwé, particularmente, en la preservación y desarrollo de sus culturas.
- Que se lleve a cabo un total boicot cultural de África del Sur y que se trabaje incesantemente por el total aislamiento del régimen fascista de África del Sur, prohibiendo toda cooperación en las actividades académicas, culturales y deportivas.
- Considerando que: La población indígena de los diferentes países latinoamericanos, se encuentran en una situación de discriminación semejante a la que sufre la población negra de los Estados Unidos y que la situación de explotación y opresión extremas en que viven millones de indígenas latinoamericanos, es el resultado de la herencia colonial y de los rezagos feudales que mantiene el imperialismo en países como Guatemala, Perú,

Ecuador, Bolivia, Paraguay, etc., la Conferencia Tricontinental denuncia el trato discriminatorio que se le da a la población indígena y reafirma que sólo las luchas de liberación popular pueden curar estos males.

15) Reconociendo: La situación especial de Panamá donde el imperialismo desarrolla una profunda penetración cultural que afecta los valores y tradiciones culturales del expresado país.

Resuelve: Unir los esfuerzos de todas las organizaciones participantes en esta Conferencia en apoyo de la lucha panameña.

16) Considerando: Que los países que están llevando a cabo una lucha armada de liberación nacional realizan al propio tiempo tareas de reconstrucción en el terreno social y cultural;

y Confirmando que en las vastas regiones de Angola, Guinea y Mozambique que han sido liberadas del dominio colonial, los movimientos políticos de masa de las colonias portuguesas desempeñan tareas culturales y sociales en beneficio de la población y teniendo en cuenta la necesidad de que los países independientes de Asia, África y América Latina expresen su activa solidaridad con esta lucha, alentando todas las medidas tomadas en las zonas liberadas por el FRELIMO, el PMLA y el PAIGC en los campos de la alfabetización y la salud pública.

Recomienda: Que los cuadros revolucionarios de los tres continentes presten su ayuda al desarrollo social y cultural de los países que luchan por su liberación nacional.

Recomendaciones sobre la coordinación de las actividades de los organismos sociales de los tres continentes.

Las fuerzas de los pueblos de Asia, África y América Latina son grandes y su entusiasmo en la lucha por encontrar los métodos y las vías apropiadas para resolver los problemas comunes es extraordinaria. Si los imperialistas no han podido perpetuar la dominación de nuestros pueblos, mantenidos divididos y separados, es deber de los revolucionarios practicar la estrategia revolucionaria correcta: unir todas las fuerzas que se oponen al imperialismo, al colonialismo y al neocolonialismo dirigidos por Estados Unidos. Es por esto que se impone la necesidad de estrechar los lazos de cooperación entre las diversas organizaciones de masa de los tres continentes.

1) Promover los derechos y libertades sindicales a través de una legislación progresista y desarrollar luchas adecuadas para llevar éstas a vías de hecho.

2) Organizar a niveles oficiales y no oficiales, programas educacionales para los obreros de acuerdo con las necesidades económicas y culturales de las naciones.

3) Enlazar las luchas sindicales con todas las luchas de liberación y antiimperialistas que tienen lugar en los tres continentes.

4) Frente a los redobladamente esfuerzos del imperialismo mundial a través de la Conferencia Internacional de Sindicatos Libres para dividir, desmoralizar y destruir los sindicatos, es una necesidad imperiosa la intensificación de los esfuerzos para lograr la unidad sindical y establecer y aumentar los contactos con la Federación Sindical Mundial que constantemente presta apoyo y solidaridad a las luchas de liberación nacional y a los movimientos sindicales en los países en desarrollo.

5) Para combatir la estrategia global y las tácticas del imperialismo y de la Confederación Internacional de Sindicatos Libres, es necesario educar a los trabajadores en el espíritu del internacionalismo y de la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo.

6) Las fuerzas neocolonialistas y feudales continúan propagando ideas reaccionarias contra los trabajadores a través de sus organizaciones y a través de medidas de discriminación en los empleos, para fomentar prejuicios y diferencias raciales, comunales y de casta y promover desacuerdos. Los sindicatos deben luchar incesantemente contra tales tácticas y cimentar la unidad nacional y de clase sobre la base de ideas y luchas revolucionarias.

7) El Movimiento de Solidaridad Tricontinental debe fomentar visitas de intercambio entre los cuadros y líderes de organizaciones sindicales de los países de Asia, África y América Latina, para desarrollar la solidaridad y comprensión del papel de los sindicatos en las luchas contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo dirigidos por los Estados Unidos.

8) Proclamar el 7 de febrero como día de solidaridad con los trabajadores oprimidos de África del Sur, quienes están bajo la dominación fascista.

9) La Conferencia exhorta a todas las organizaciones representadas en esta Primera Conferencia Tricontinental:

a) Condenar las agresiones criminales cometidas por el gobierno ilegal de Varsovia, exigiendo la liberación inmediata de los detenidos políticos, que se cuentan por millares: estudiantes, jóvenes revolucionarios.

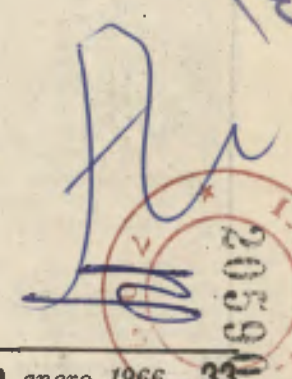
b) Organizar anualmente manifestaciones en ocasión del 26 de Junio, en solidaridad con los patriotas presos en los campos de concentración.

c) Exigir la supresión de todos los campos de concentración.

Considerando la gran contribución de la mujer de los tres continentes en la lucha de liberación nacional de sus respectivos países.

Considerando que las mujeres deben liberarse de las cadenas sociales que les fueron impuestas por las tradiciones feudales y burguesas. El mejoramiento del status social de la mujer, su papel creciente en la sociedad, y su educación política, tendrán una grande influencia en la estabilidad de la familia y en el nivel ideológico y moral de toda la sociedad y contribuirán, en consecuencia, al desarrollo revolucionario de la edificación de las naciones en vías de desarrollo. Recomendamos a los países de Asia, África y América Latina:

20590



declaración política general



La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, reunida en la capital de Cuba, es la primera ocasión en que los representantes de los tres Continentes coinciden en una asamblea internacional para conocer los problemas y las aspiraciones mutuas e intercambiar experiencias que viabilicen la solidaridad necesaria para liquidar al colonialismo y el neocolonialismo, y afirmar el derecho de libre determinación de los pueblos.

Esta solidaridad tricontinental es necesaria para enfrentar la creciente política agresiva del imperialismo, especialmente el norteamericano. Ello confiere gran trascendencia a la Conferencia, cuya celebración ha hecho posible los éxitos alcanzados por la lucha de liberación nacional en los tres continentes.

La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina se reúne precisamente en los momentos en que los imperialistas no pueden ya contener el torrente emancipador de los pueblos. Producto de su lucha liberada a ha surgido un poderoso y extenso sector de países que se resisten a la explotación imperialista, enfrentan su política agresiva, se esfuerzan por consolidar su independencia y defienden su soberanía. Los exitosos combates librados por los pueblos contra la dominación imperialista han ido debilitando su base; hoy en Viet Nam del Sur las tropas imperialistas son derrotadas día a día, en Argelia un poderoso ejército colonial respaldado por la OTAN fue incapaz de resistir el empuje del pueblo argelino, los esfuerzos de los imperialistas en aplastar la revolución en África han sido inútiles, la Revolución Cubana es cada día más fuerte y avanza en la construcción del socialismo, derrotando la política agresiva de los Estados Unidos. La Conferencia Afro-Asiática del Cairo, celebrada en 1958, fue el resultado natural de la histórica Conferencia de Bandung de 1955 y sus principios. Los principios de Bandung han adquirido un concepto popular y ampliamente revolucionario en esa Conferencia de El Cairo, cuando los pueblos de los continentes Afro-Asiáticos se reunieron por vez primera bajo la bandera de la solidaridad en su lucha común contra el imperialismo y el colonialismo.

Antes de la Conferencia de El Cairo de 1958, la solidaridad de los pueblos Afro-Asiáticos ya había adquirido una forma concreta y positiva que contribuyó efectivamente a derrotar la agresión tripartita de Israel, Gran Bretaña y Francia a Egipto en 1956. Durante los ocho años que han seguido a la primera reunión de las fuerzas populares de Asia y África, la lucha militante y la estrecha cooperación y solidaridad han favorecido la obtención de numerosas victorias contra el imperialismo y el colonialismo.

La gran Revolución Socialista de Octubre, el triunfo de la Revolución China, la formación del Sistema Socialista Mundial, las grandiosas victorias de los pueblos contra la dominación colonial en África y Asia, y el triunfo de la Revolución Cubana en el Continente Americano, son hechos que han creado nuevas condiciones y circunstancias propicias para la lucha libertadora de los pueblos. El fortalecimiento del Sistema Socialista Mundial y el desarrollo impetuoso del Movimiento de Liberación Nacional de Asia, África y América Latina precipitaron la desintegración del sistema colonialista.

Este ha sido el gran triunfo de los pueblos en su lucha por la liberación nacional. Ha llegado una nueva etapa de la lucha, cuando los pueblos que han obtenido su independencia política se enfrentan a nuevas tareas como son la obtención de la autonomía económica sobre la base del desarrollo de los recursos nacionales, incrementar el nivel de vida y desarrollar multilateralmente la cultura y la educación. La solución de estas tareas está inseparablemente unida a la lucha contra el imperialismo que impide el progreso social y económico.

Si los pueblos de los tres continentes luchan firmemente contra el imperialismo, el colonialismo, encabezado por el imperialismo norteamericano, pueden vencer cualquier enemigo por poderoso que sea. La Conferencia ha puesto de relieve que los imperialistas han incrementado su actividad agresiva, desatando guerras contra los pueblos y tratando desesperadamente de salvarse. Es que el imperialismo, por su propia naturaleza, se opone a la emancipación nacional de los pueblos; su sistema se ha ba-

sado y se basa en el pillaje y en la explotación sin límites de las riquezas de los países que ha sometido.

Las intervenciones de los delegados en la Conferencia han confirmado que al frente de la política agresiva de los imperialistas se encuentra el imperialismo norteamericano. Las acciones más desesperadas contra los pueblos, como Viet Nam y Santo Domingo, corresponden a los imperialistas yanquis. Las bases norteamericanas rodean al mundo. Los pactos agresivos en que Estados Unidos es la potencia dirigente, cubren todos los continentes y océanos. Típicamente agresiva de los otros imperialistas, como la realizada contra el Congo por los imperialistas belgas, contra el pueblo de Zimbabue por la minoría racista dirigida por Ian Smith con la complicidad manifiesta de los imperialistas británicos, franceses, portugueses y el gobierno nazi Sud-Africano, por el gobierno fascista de Portugal contra los patriotas que luchan en Angola y Mozambique y en la Guinea llamada Portuguesa, se descubre a Estados Unidos. Y de igual modo interviene en el territorio chino de Taiwan, mantiene a la camarilla corrupta de Chiang-Kai-Shek, impide la unificación de Corea del Sur y en América Latina agrede a Cuba y propicia con los jefes militares reaccionarios "gorriazos" en Brasil y otros países.

Por otra parte conocemos que la República Federal Alemana constituye una de las bases principales de la política colonialista del gobierno portugués y de la guerra que éste lleva a cabo contra el pueblo de Angola, Guinea y Mozambique. La complicidad criminal de la República Federal Alemana se manifiesta particularmente por ayudas financieras, suministro de armas al Gobierno de Portugal, así como por el trato que se les da en los hospitales alemanes a los militares portugueses heridos en África. El desarrollo de los sucesos internacionales en los años recientes demuestra que el imperialismo yanqui es el principal bastión de las fuerzas reaccionarias que el imperialismo es el gendarme internacional y el enemigo número uno de los pueblos de Asia, África y América Latina, como de todos los pueblos del mundo.

Después de haber fortalecido a la Alemania Occidental para que fuera un bastión del imperialismo, con muchos viejos criminales de guerra nazi en altas posiciones del gobierno, el imperialismo de Alemania Occidental no sólo es una seria amenaza a la paz mundial, sino que activamente apoya al imperialismo yanqui en su función de gendarme de la reacción mundial.

El imperialismo germano-occidental le está enviando dinero, armas y mercenarios a Asia, África y América Latina, para reprimir los movimientos de liberación nacional como, por ejemplo, Viet Nam, Rhodesia del Sur, África del Sur, Israel, Venezuela y otros países.

Esta Conferencia denuncia y condena al imperialismo de la Alemania Occidental como el aliado más importante del imperialismo yanqui.

Contra la opresión del imperialismo crece cada día más la rebeldía de los pueblos que la sufren; su lucha debilita al imperialismo, arrebatándole posición tras posición de las que ha usurpado. Pero la derrota del imperialismo no se producirá por generación espontánea. Esto lo confirma la experiencia histórica.

Cada victoria lograda por el camino de poner fin a la opresión y a la explotación, ha exigido la lucha revolucionaria de los pueblos. Cuando una potencia imperialista se ha retirado aparentando ser magnánima en la concesión de la independencia política a las colonias que poseían por la fuerza de las armas, ha sido siempre porque esa posesión, abierta y cruda, se hacía incompatible con el nivel de lucha y madurez de la conciencia nacional del pueblo sometido. Y en muchos casos la retirada ha sido más formal que real por cuanto ha conservado la posesión de las principales fuentes de riqueza de la antigua colonia, el control monopolista de su comercio exterior y de los recursos financieros, con los que confían en sustituir la vieja dependencia colonial, con la neo-colonial, lo que exige de los pueblos recién independizados la continuación de la lucha contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo para alcanzar la total independencia política, económica, completando su independencia cultural nacional, completando su independencia política con la económica, sin la cual aquélla es en gran medida ficticia. Esto lo conocen bien los pueblos de África y Asia, que rotas las cadenas coloniales han tenido

que enfrentarse con la tarea vital de rescatar sus fuentes de riqueza como base indispensable para el desarrollo de sus economías y la consolidación de su independencia. Hoy existen en los tres continentes las condiciones objetivas para el desarrollo de la lucha revolucionaria por la plena liberación nacional. Nunca antes se había hecho más evidente el dramático desnivel que existe entre las enriquecidas potencias imperialistas y la penuria de los países de los tres continentes objeto de la rapaz explotación colonial y neo-colonial. Ni en ningún momento habían tenido los pueblos de África, Asia y América Latina mayor conciencia que ahora de que la causa fundamental de ese desnivel, que crece en lugar de disminuir, es el saqueo y la explotación sistemática a que están sometidos por los monopolios imperialistas con la complicidad de las oligarquías y traidores nativos.

No todos los pueblos se encuentran al mismo nivel en su lucha por la plena liberación. Pero en mayor o menor grado, las condiciones objetivas están presentes para la lucha revolucionaria anti-imperialista en los tres continentes, como lo prueba el avance que tiene en todos ellos. Esas condiciones brotan de la propia existencia que llevan las masas, de asiáticos, africanos y latinoamericanos, del contraste dramático de su nivel de vida con la opulencia de las clases explotadoras, y el espíritu de lucha crece con el ejemplo que ofrecen los pueblos como el de Viet Nam, que con insuperable heroísmo bate a los soldados de la potencia imperialista más poderosa y a su ejército titere.

La existencia de estas condiciones objetivas determina la maduración del proceso de liberación. Esta Conferencia está persuadida que frente a la violencia de los imperialistas, los pueblos de los tres continentes deben responder con la violencia revolucionaria, tanto para salvaguardar la independencia nacional una vez conquistada, como para lograr la liberación de los pueblos que luchan por sacudirse el yugo de la explotación imperialista. La experiencia histórica prueba que cuando los imperialistas y sus aliados se empeñan en impedir por la represión los cambios que exigen los pueblos explotados, éstos deben recurrir a todas las formas de lucha más energéticas, entre las cuales la lucha armada es una de las formas superiores para obtener la victoria final.

Para llegar a esto es preciso abrir a los pueblos los cauces apropiados por donde transite su heroísmo. Las vanguardias revolucionarias anti-imperialistas tienen sobre sus hombros la responsabilidad histórica de encabezarse la revolución donde ya el pueblo esté en marcha. No sólo el prestigio, sino la propia razón de existir de estas vanguardias está comprometida en este combate implacable contra las fuerzas que quieren frenar el avance de la humanidad.

La Conferencia fija claramente que frente a la táctica imperialista de guerras limitadas, la respuesta efectiva es el desarrollo de las guerras de liberación en todas las regiones donde están maduras las condiciones, de lo que es ejemplo supremo Viet Nam, donde Estados Unidos, al incrementar su intervención, crea las condiciones de una derrota ulterior más completa. Pero la lucha no debe limitarse a Viet Nam, hay que gopear al imperialismo en todas partes en que interviene y lo mismo a cualquier otro que lo imite en sus agresiones contra los pueblos. La batalla contra el imperialismo opresor tiene que ser total. Los imperialistas se obstinan en desconocer el derecho de los pueblos a la autodeterminación. Con cinismo increíble los imperialistas pretenden achacar a factores exteriores la creciente lucha de los pueblos por su liberación nacional. Este argumento lo ha utilizado para tratar de justificar su criminal intervención en Viet Nam, Santo Domingo, Congo, Chipre y otros lugares, y recientemente la Cámara de Representantes Norteamericana proclamó el supuesto derecho de Estados Unidos a intervenir en cualquier país de América Latina, con sus fuerzas armadas, para aplastar la rebeldía de los pueblos. La Conferencia proclama solemnemente que todos los países progresistas, así como todos los movimientos revolucionarios, darán ayuda consecuente e incondicional a todo pueblo enfrascado en una lucha de liberación nacional o que sufra agresión imperialista en cualquier parte del mundo. Con su política turbia y sus conspiraciones, el im-



India

que enfrentarse con la tarea vital de rescatar sus fuentes de riqueza como base indispensable para el desarrollo de sus economías y la consolidación de su independencia. Hoy existen en los tres continentes las condiciones objetivas para el desarrollo de la lucha revolucionaria por la plena liberación nacional. Nunca antes se había hecho más evidente el dramático desnivel que existe entre las enriquecidas potencias imperialistas y la penuria de los países de los tres continentes objeto de la rapaz explotación colonial y neo-colonial. Ni en ningún momento habían tenido los pueblos de África, Asia y América Latina mayor conciencia que ahora de que la causa fundamental de ese desnivel, que crece en lugar de disminuir, es el saqueo y la explotación sistemática a que están sometidos por los monopolios imperialistas con la complicidad de las oligarquías y traidores nativos.

No todos los pueblos se encuentran al mismo nivel en su lucha por la plena liberación. Pero en mayor o menor grado, las condiciones objetivas están presentes para la lucha revolucionaria anti-imperialista en los tres continentes, como lo prueba el avance que tiene en todos ellos. Esas condiciones brotan de la propia existencia que llevan las masas, de asiáticos, africanos y latinoamericanos, del contraste dramático de su nivel de vida con la opulencia de las clases explotadoras, y el espíritu de lucha crece con el ejemplo que ofrecen los pueblos como el de Viet Nam, que con insuperable heroísmo bate a los soldados de la potencia imperialista más poderosa y a su ejército titere.

La existencia de estas condiciones objetivas determina la maduración del proceso de liberación. Esta Conferencia está persuadida que frente a la violencia de los imperialistas, los pueblos de los tres continentes deben responder con la violencia revolucionaria, tanto para salvaguardar la independencia nacional una vez conquistada, como para lograr la liberación de los pueblos que luchan por sacudirse el yugo de la explotación imperialista. La experiencia histórica prueba que cuando los imperialistas y sus aliados se empeñan en impedir por la represión los cambios que exigen los pueblos explotados, éstos deben recurrir a todas las formas de lucha más energéticas, entre las cuales la lucha armada es una de las formas superiores para obtener la victoria final.

Para llegar a esto es preciso abrir a los pueblos los cauces apropiados por donde transite su heroísmo. Las vanguardias revolucionarias anti-imperialistas tienen sobre sus hombros la responsabilidad histórica de encabezarse la revolución donde ya el pueblo esté en marcha. No sólo el prestigio, sino la propia razón de existir de estas vanguardias está comprometida en este combate implacable contra las fuerzas que quieren frenar el avance de la humanidad.

La Conferencia fija claramente que frente a la táctica imperialista de guerras limitadas, la respuesta efectiva es el desarrollo de las guerras de liberación en todas las regiones donde están maduras las condiciones, de lo que es ejemplo supremo Viet Nam, donde Estados Unidos, al incrementar su intervención, crea las condiciones de una derrota ulterior más completa. Pero la lucha no debe limitarse a Viet Nam, hay que gopear al imperialismo en todas partes en que interviene y lo mismo a cualquier otro que lo imite en sus agresiones contra los pueblos. La batalla contra el imperialismo opresor tiene que ser total. Los imperialistas se obstinan en desconocer el derecho de los pueblos a la autodeterminación. Con cinismo increíble los imperialistas pretenden achacar a factores exteriores la creciente lucha de los pueblos por su liberación nacional. Este argumento lo ha utilizado para tratar de justificar su criminal intervención en Viet Nam, Santo Domingo, Congo, Chipre y otros lugares, y recientemente la Cámara de Representantes Norteamericana proclamó el supuesto derecho de Estados Unidos a intervenir en cualquier país de América Latina, con sus fuerzas armadas, para aplastar la rebeldía de los pueblos. La Conferencia proclama solemnemente que todos los países progresistas, así como todos los movimientos revolucionarios, darán ayuda consecuente e incondicional a todo pueblo enfrascado en una lucha de liberación nacional o que sufra agresión imperialista en cualquier parte del mundo. Con su política turbia y sus conspiraciones, el im-

perialismo encabezado por Estados Unidos, ha creado un clima de violencia que afecta la paz y la seguridad mundiales. Miles de bases militares, establecidas en todos los casos contra la voluntad de los pueblos, son utilizadas para reprimir la lucha por la liberación y la autodeterminación de los países en las regiones donde están enclavadas. Denunciamos las fuerzas interamericanas de intervención así como las unidades móviles de intervención estacionadas en Francia y las bases militares que esta potencia y otros estados imperialistas mantienen en ciertos estados de África. Contra ellas luchan los pueblos, como Tailandia, Adén, Puerto Rico y la Guayana Francesa, destacándose las movilizaciones combativas realizadas en Japón. La Organización de Unidad Africana (OUA), reitera en sus resoluciones la liquidación de las bases militares de la OTAN.

Las presiones y amenazas, las agresiones de tipo político y económico, las incursiones piratas y el bloqueo, llegando a la agresión armada, forman parte del arsenal agresivo que los imperialistas usan gradualmente de manera diferenciada según la tesis del escalonamiento.

Combatiendo por su liberación nacional, defendiendo su soberanía, los pueblos de Asia, África y América Latina ofrecen su histórica contribución al fortalecimiento de la paz mundial, amenazada por la política guerrillera del imperialismo. La más destacada manifestación de la agresiva estrategia mundial del imperialismo yanqui la constituye su actuación vandálica contra el pueblo de Viet Nam. Los invasores norteamericanos y sus tropas títeres han empujado, cuando no superado los actos de barbarie de las hordas hitlerianas. Multiacciones, torturas salvajes, asesinatos en masa, aldeas indefensas destruidas por el fuego, cultivos arrasados por el napalm, uso de productos químicos, tóxicos contra la vegetación y los hombres, bombardeos continuos con todo tipo de aviones, todas las atrocidades imaginables se han ensayado por los agresores norteamericanos y las víctimas han sido hombres y mujeres, viejos y niños.

La Conferencia condena que las Naciones Unidas sean utilizadas en muchas ocasiones por el imperialismo yanqui como instrumento de su política agresiva contra los movimientos de liberación nacional y de la agresión a otros países, como el Congo, Corea y Santo Domingo.

Igualmente denuncia a la ONU, que manipulada por los Estados Unidos, ha privado a la República Popular China de su asiento legítimo en el seno de esta organización. Frente a ese reto de principios morales, universales aceptados, ante esa violación brutal del Derecho Internacional, la respuesta heroica de los vietnamitas está haciendo pagar caro a sus agresores los actos de barbarie. Pero es preciso que en todo el mundo se multiplique la solidaridad con el pueblo vietnamita, que en todas las formas se apoye su heroica lucha, incluyendo la de voluntarios armados, si fuere necesario.

En su afán de salvarse de la derrota que los espera, los imperialistas extienden su guerra en el sudeste de Asia. Los imperialistas de los Estados Unidos utilizan a Tailandia como base militar para bombardear las regiones de Laos, liberadas por las fuerzas patrióticas, y las amenazas, presiones, complotos y agresiones contra el Reino de Cambodia, son expresiones de esta ampliación de su guerra colonial. En las últimas semanas los imperialistas norteamericanos, hablan hipócritamente de negociaciones de paz sin condiciones previas, y han hablado demasiado sobre los catorce puntos. Es una cortina de humo para disfrazar sus nuevos planes de agresión y de prolongación de la guerra de Viet Nam.

Esta desvergonzada maniobra se produce en los instantes en que los imperialistas continúan sus acciones criminales contra el pueblo vietnamita. La Conferencia respalda los cuatro puntos fijados por el gobierno de la República Democrática de Viet Nam y los cinco puntos del Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur y llama a todos los pueblos a luchar por que sea aplicada como única solución al caso de Viet Nam. La defensa de la justa causa del pueblo vietnamita se ha convertido en una tarea central para la estrategia revolucionaria de los pueblos de África, Asia y América La-



Malaya

La Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, reunida en la capital de Cuba, es la primera ocasión en que los representantes de los tres Continentes coinciden en una asamblea internacional para conocer los problemas y las aspiraciones mutuas e intercambiar experiencias que viabilicen la solidaridad necesaria para liquidar al colonialismo y el neocolonialismo, y afirmar el derecho de libre determinación de los pueblos.

Esta solidaridad tricontinental es necesaria para enfrentar la creciente política agresiva del imperialismo, especialmente el norteamericano. Ello confiere gran trascendencia a la Conferencia, cuya celebración ha hecho posible los éxitos alcanzados por la lucha de liberación nacional en los tres continentes.

La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina se reúne precisamente en los momentos en que los imperialistas no pueden ya contener el torrente emancipador de los pueblos. Producto de su lucha liberada a ha surgido un poderoso y extenso sector de países que se resisten a la explotación imperialista, enfrentan su política agresiva, se esfuerzan por consolidar su independencia y defienden su soberanía. Los exitosos combates librados por los pueblos contra la dominación imperialista han ido debilitando su base; hoy en Viet Nam del Sur las tropas imperialistas son derrotadas día a día, en Argelia un poderoso ejército colonial respaldado por la OTAN fue incapaz de resistir el empuje del pueblo argelino, los esfuerzos de los imperialistas en aplastar la revolución en África han sido inútiles, la Revolución Cubana es cada día más fuerte y avanza en la construcción del socialismo, derrotando la política agresiva de los Estados Unidos. La Conferencia Afro-Asiática del Cairo, celebrada en 1958, fue el resultado natural de la histórica Conferencia de Bandung de 1955 y sus principios. Los principios de Bandung han adquirido un concepto popular y ampliamente revolucionario en esa Conferencia de El Cairo, cuando los pueblos de los continentes Afro-Asiáticos se reunieron por vez primera bajo la bandera de la solidaridad en su lucha común contra el imperialismo y el colonialismo.

Antes de la Conferencia de El Cairo de 1958, la solidaridad de los pueblos Afro-Asiáticos ya había adquirido una forma concreta y positiva que contribuyó efectivamente a derrotar la agresión tripartita de Israel, Gran Bretaña y Francia a Egipto en 1956. Durante los ocho años que han seguido a la primera reunión de las fuerzas populares de Asia y África, la lucha militante y la estrecha cooperación y solidaridad han favorecido la obtención de numerosas victorias contra el imperialismo y el colonialismo.

La gran Revolución Socialista de Octubre, el triunfo de la Revolución China, la formación del Sistema Socialista Mundial, las grandiosas victorias de los pueblos contra la dominación colonial en África y Asia, y el triunfo de la Revolución Cubana en el Continente Americano, son hechos que han creado nuevas condiciones y circunstancias propicias para la lucha libertadora de los pueblos. El fortalecimiento del Sistema Socialista Mundial y el desarrollo impetuoso del Movimiento de Liberación Nacional de Asia, África y América Latina precipitaron la desintegración del sistema colonialista.

Este ha sido el gran triunfo de los pueblos en su lucha por la liberación nacional. Ha llegado una nueva etapa de la lucha, cuando los pueblos que han obtenido su independencia política se enfrentan a nuevas tareas como son la obtención de la autonomía económica sobre la base del desarrollo de los recursos nacionales, incrementar el nivel de vida y desarrollar multilateralmente la cultura y la educación. La solución de estas tareas está inseparablemente unida a la lucha contra el imperialismo que impide el progreso social y económico.

Si los pueblos de los tres continentes luchan firmemente contra el imperialismo, el colonialismo, encabezado por el imperialismo norteamericano, pueden vencer cualquier enemigo por poderoso que sea. La Conferencia ha puesto de relieve que los imperialistas han incrementado su actividad agresiva, desatando guerras contra los pueblos y tratando desesperadamente de salvarse. Es que el imperialismo, por su propia naturaleza, se opone a la emancipación nacional de los pueblos; su sistema se ha ba-



Basutolandia

pueblo contra la opresión racista, y al de África Sudoccidental, víctima de la opresión del Gobierno de Verwoerd.

Proclamamos nuestro incondicional apoyo militante a los heroicos patriotas que combaten en la Guinea llamada portuguesa, Angola y Mozambique, en las Islas de Cabo Verde, Santo Tomás y Príncipe, en la Somalia llamada francesa y la Isla de la Reunión bajo dominio francés, y demás territorios sometidos aún a la opresión colonial en el continente africano. Expresamos nuestra solidaridad activa y concreta a la Revolución armada del pueblo congolés y denunciamos la agresión militar de la coacción anglo-americana y-béga, el apoyo logístico de los Estados Unidos, Israel, Bélgica y la República Federal Alemana al poder de Leopoldville.

Denunciamos el apoyo de la República Federal Alemana, Francia y Japón, a los colonialistas y a los gobiernos racistas, así como la negativa del gobierno francés a denunciar esos regímenes en las Organizaciones Internacionales, porque ese gobierno se reserva así la posibilidad de quitar a esas Organizaciones el derecho de condenar su política colonialista que todavía practica en las Antillas, la Guayana y la Reunión.

La Conferencia denuncia a la Organización Común Afro-Malgache (OCAM), versión africana de la Organización de Estados Americanos —puesta en pie por el imperialismo francés en competente acuerdo con el imperialismo estadounidense. Los acontecimientos tumultuosos ocurridos recientemente en algunos países miembros de esta organización, exponen a sus pueblos y a todos los países de África a los peligros cada vez más evidentes de instauración de regímenes dictatoriales similares a los que el imperialismo norteamericano impone en América Latina.

Los imperialistas y colonialistas se aferran a sus posiciones en el Oriente Medio y es preciso ayudar a los pueblos de esta región en su lucha por eliminar la explotación extranjera y consolidar su independencia. En este sentido, demandamos la inmediata independencia del Yemen del Sur Ocupado, y denunciamos la falsa Federación así como el desmantelamiento de las bases militares británicas enclavadas en Adén y Chipre, y las bases norteamericanas ubicadas en Saudi Arabia, que constituyen una seria amenaza contra los pueblos de la región. Llamamos también a ofrecer la solidaridad de todos los pueblos a la población árabe de Palestina en su justa causa contra el colonialismo y el racismo sionista. Y declaramos que es legítimo el derecho del pueblo de Palestina a recobrar sus tierras.

Expresamos nuestra firme solidaridad con el derecho del pueblo de Chipre a alcanzar la independencia completa y sin restricción, así como a obtener la autodeterminación sin la interferencia ni prestaciones del imperialismo ni de ninguna otra potencia extranjera.

Importancia particular tiene el desarrollo de la solidaridad efectiva con los pueblos latinoamericanos que luchan con las armas en la mano contra las oligarquías nativas servidas por Estados Unidos, como los de Venezuela, Colombia, Perú y Guatemala, o que sufren la represión bestial de las tiranías militares como Brasil, Ecuador, Bolivia y otros países. América Latina constituye la retaguardia del imperialismo más poderoso y brutal, sostén principal del colonialismo y neocolonialismo en el mundo. Cada golpe dado por los pueblos latinoamericanos a sus opresores yanquis y nativos, influye decisivamente en el debilitamiento del imperialismo norteamericano. La Conferencia exhorta a desarrollar la máxima solidaridad militante con los pueblos latinoamericanos. Y de modo especial reclama el más firme apoyo a la República Dominicana, cuyo territorio fue violado y ensangrentado por los "marines" yanquis, que continúan ocupando el país tras el entodado marbete de la OEA, Ministerio de Colonias de Estados Unidos. Raro es el día que en Santo Domingo no cae asesinado un patriota. Su pueblo, que tan heroico ejemplo dio al resistir durante semanas y semanas con pocas armas a los miles de "marines" y tropas aerotransportadas yanquis, necesita del apoyo solidario más enérgico de parte de todas las fuerzas antimperialistas y progresistas.

Puerto Rico permanece bajo la ocupación del imperialismo norteamericano, quien no sólo le niega el derecho a la independencia, sino también lo ha convertido en enorme base militar que incluye armas atómicas y desde donde el gobierno de Estados Unidos organiza acciones intervencionistas en los



Jordania

RAU



Mongolia



Niger

países latinoamericanos. Nos solidarizamos con la lucha del pueblo puertorriqueño y demandamos la abolición del colonialismo de ese y de otros territorios americanos, como las Guayanas, Martinica y Guadalupe. Consideramos el traspaso de todos los poderes al gobierno títere de la Guayana Británica como una independencia meramente nominal que se utiliza de pantalla para el establecimiento de un estado anglo-americano y neo-colonialista.

Mención especial merece la solidaridad con Cuba, cuyo pueblo defiende y lleva adelante su revolución a sólo 90 millas de los Estados Unidos. Su elección como Sede de la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, es el reconocimiento más alto de la importancia de su revolución y la significación que tiene para los pueblos de los tres continentes. Cuba, por su relativa pequeñez, su ubicación geográfica próxima a Estados Unidos y en una zona rodeada de gobiernos títeres de los imperios — los yanquis y, por tanto, hostiles, a miles de millas del campo socialista del que recibe el más firme apoyo, prueba con su revolución triunfante, frente a todas las agresiones realizadas o fomentadas por Estados Unidos, que cuando hay un pueblo decidido a defender hasta con la vida su libertad e independencia, con una dirección firme e indoblegable, la revolución es posible e invencible. Y por eso es aliento y estímulo para todos los pueblos que en los tres continentes luchan por su plena liberación nacional. De aquí que el apoyo combatiente a la Revolución Cubana, ha tratado de frenarse por los imperialistas mediante el retorno a las formas más brutales de intervención.

Pero nada puede detener el crecimiento de la lucha revolucionaria en América Latina. Venezuela es ejemplo de ello. El apoyo de los imperialistas norteamericanos a la oligarquía venezolana no le ha servido a éste para ahogar la lucha libertadora, como tampoco le han servido los elevados presupuestos nutridos del auge petrolero, que es fuente de riquezas fabulosas para los monopolios yanquis, ni el terror desencadenado contra el heroico pueblo hermano. La lucha guerrillera se consolida y crece, y al grito de: "Hacer la Patria Libre o Morir por Venezuela", sus fuerzas de liberación forjan, a golpes de heroísmo, la victoria futura.

La Zona del Canal de Panamá está siendo utilizada como base de asalto a los pueblos que luchan por su liberación, formando el triángulo del Caribe junto con las bases militares de Guantánamo y las de Puerto Rico. Esto se realiza en contra del querer del pueblo panameño, que ha recibido agresiones por parte de las tropas norteamericanas por reclamar la devolución de la Zona y del Canal y el respeto a sus derechos soberanos en todo su territorio.

En toda América Latina crece la lucha liberadora, justamente llamada segunda guerra de independencia. Junto a los pueblos lanzados ya a la acción armada, combaten los otros pueblos latinoamericanos a diversos niveles y con los más distintos métodos de lucha. El poderoso movimiento huelguístico de la clase trabajadora, las acciones de solidaridad con Cuba y República Dominicana, las demostraciones populares en defensa de la libertad, la sacrificada lucha clandestina contra las tiranías y la acción revolucionaria de las masas anuncian que está sonando en toda América Latina la hora de la liberación.

En los Estados Unidos, bastión principal del imperialismo y la reacción, se desarrolla con fuerza creciente la lucha de la población negra contra la odiosa discriminación de que es objeto; es cada día más intensa también la oposición del pueblo norteamericano a la sucia guerra que el Gobierno de Johnson libra contra Viet Nam. La Conferencia saluda estas justas luchas y llama a las fuerzas progresistas y democráticas de los tres continentes y del mundo a darles su más cálido apoyo.

Asimismo, la Conferencia proclama la necesidad de estrechar las relaciones de cooperación con los países del sistema socialista, la clase obrera y demás organizaciones revolucionarias y progresistas de los pueblos de Europa y América del Norte. Ante la alianza criminal de las fuerzas reaccionarias, los pueblos de los tres continentes responden con la solidaridad activa, dinámica y militante y con su disposición de contestar a cada agresión del imperialismo con la acción revolucionaria, comprometiendo en este combate hasta la liquidación total de todas las formas de opresión del imperialismo, colonialismo y neo-colonialismo.



El Primer Ministro Fidel Castro con el Embajador de Cambodia



Delegados de Rhodesia del Sur y Angola charlan con el Presidente Dorticós



Delegados de Corea con el Comandante Raúl Castro

Islas Mauricio



Siria



Sudán



informe de la comisión de organización



INFORME DE LA PRESIDENCIA DE LA COMISION DE ORGANIZACION A LA PRESIDENCIA DE LA CONFERENCIA

Conforme al acuerdo logrado en la Subcomisión de Trabajo creada por la Comisión de Organización de la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, tengo el honor de someter a la consideración de ustedes el siguiente Informe:

La Comisión de Organización constituida el Viernes 6 de Enero a las 3 de la tarde bajo la presidencia de un Buró nombrado por la Conferencia y compuesto por un Presidente: el jefe de la Delegación de Guinea; un Vicepresidente y un Secretario: los representantes del Comité Coreano de Solidaridad Afro-Asiática y del Partido Comunista de Cuba respectivamente. De esta Comisión participaban los representantes de 67 países de los tres Continentes.

Las primeras discusiones fueron sobre la elaboración de una Orden del Día. Tras la proposición concreta presentada por el representante de Cuba, proposición que fue seguida por las intervenciones de varios Delegados, se decidió que el Orden del Día se reduciría a un solo punto, a saber: —La creación o no de la Organización de Solidaridad Tricontinental, tomando como base los objetivos y principios que presiden esta Conferencia.

Una vez logrado este acuerdo, la sesión fue suspendida a fin de dar a las Delegaciones la oportunidad de preparar proposiciones concretas.

En el transcurso de las sesiones de la Comisión, que tuvieron lugar durante el día 8 de enero, todos los Delegados intervinieron en la discusión del Orden del Día.

Cuando se abrió la reunión del domingo 9 de enero, el Presidente resumió los debates del día anterior y llegó a las siguientes conclusiones:

1) Según el consenso general, la Comisión es unánime en lo tocante a la creación de una Organización de Solidaridad Tricontinental.

2) No obstante, surgieron matices al definir los criterios sobre la creación y la estructura que se debe dar a esta Organización. Los puntos de divergencia son tres:

- a) La Organización de Solidaridad Tricontinental debe ser una extensión de la Organización de la Solidaridad Afro-Asiática;
- b) La Organización de la Solidaridad Afro-Asiática debe ser disuelta al crearse la Organización de la Solidaridad Tricontinental;
- c) La Organización de la Solidaridad Tricontinental debe ser independiente de la Afro-Asiática.

Al analizar las conclusiones, el Presidente de la Comisión estima que la creación de la Organización de la Solidaridad Tricontinental no debe estar vinculada a la existencia o no de la Afro-Asiática, y que la discusión debe realizarse exclusivamente en torno a la Tricontinental, no pudiendo la suerte de la Afro-Asiática ser decidida más que por los miembros de esta Organización.

Se propuso entonces la creación de una Subcomisión compuesta por dos o tres delegados por Continente. Esta tendría por misión hacer la síntesis de las discusiones y las proposiciones concretas, que las Delegaciones fueran invitadas a presentar y que se referirían a los objetivos y la estructura de la Organización.

El Presidente expresó finalmente el deseo de que las distintas tendencias aparecidas durante la discusión general estuvieran representadas en la Subcomisión.

Después de las enmiendas y las sugerencias hechas al informe presentado por el Presidente, la sesión fue levantada.

Inmediatamente después, las Delegaciones por Continente se reunieron para designar a sus representantes: América Latina: Venezuela, Santo Domingo y Chile. África: Mozambique, Argelia y Tanzania. Asia: Viet Nam del Sur, Laos y Líbano.

La Subcomisión, compuesta por los miembros arriba designados y el Buró de la Comisión, se reunió el 10 de enero a las 12 del día.

El Presidente debía informarle inmediatamente sobre la remisión de tres proyectos: Los de Cuba, Japón e India.

La Subcomisión, tras haber conocido cada uno de estos Proyectos, estimó que el de la Delegación cubana era el más completo, y decidió adoptarlo como documento de trabajo.

Después de una suspensión, la sesión se reinició aquel mismo día a las 4 de la tarde. En el transcurso de las discusiones, se convino en que el Proyecto final debía ser redactado en forma de Resolución y que era por tanto, necesario dar prioridad a las decisiones de los considerandos, explicando el por qué de esta Organización.

Se llegó a un acuerdo sobre los siguientes puntos:

- 1) Creación de una Organización de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina.
- 2) Objetivos de esta Organización.
- 3) Tareas del Secretariado y convocatoria de una Segunda Conferencia en 1968.
- 4) Creación de un Comité de Ayuda y de Asistencia a los Movimientos de Liberación Nacional y de Lucha contra el Colonialismo y el Neocolonialismo, y la fijación de los objetivos de este Comité.

No habiendo podido llegarse a un acuerdo sobre la composición y estructura del Secretariado, ni sobre la sede de la Organización, la Subcomisión decidió llevar estas cuestiones a la Comisión en Pleno.

Tras nuevos debates en la Comisión Plenaria, la sesión fue suspendida para permitir consultas a fondo. A este fin, una Delegación compuesta por Viet Nam del Sur, República Democrática de Viet Nam y Santo Domingo, debía ponerse en contacto con las Delegaciones de la R.A.U. y de Cuba para tratar de encontrar una solución a los puntos de desacuerdo.

ANEXO I

Habiéndose acordado por la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina la creación de la Organización Tricontinental, fijándose los objetivos y estructuras que le den efectiva vigencia, la Delegación de Cuba, teniendo en cuenta el sentir general de la Comisión, propone que, como paso inmediato, se establezcan los siguientes objetivos y estructura:

Artículo I.—Del nombre

Organización de la Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina.

Artículo II.—De los objetivos

- 1) Unir, coordinar e impulsar la lucha de los pueblos de Asia, África y América Latina contra el imperialismo, el colonialismo y el neocolonialismo.

2) Prestar apoyo militante al movimiento de liberación nacional en los tres continentes, utilizando todos los medios a su alcance.

3) Defender la lucha revolucionaria como un derecho inalienable e imprescriptible de los pueblos frente al imperialismo, colonialismo y neocolonialismo.

4) Prestar firme y solidario apoyo a los países liberados de los tres Continentes que, como consecuencia del proceso revolucionario desarrollado por sus pueblos, son objeto de todas las formas de agresión imperialista.

5) Defender el derecho de los pueblos a darse el gobierno y la ley que les convenga, así como el régimen económico-social que determine su voluntad soberana, sin interferencias extrañas.

6) Cooperar con los pueblos liberados para asegurar su desarrollo independiente y frustrar los intentos de las potencias imperialistas encaminados a destruir su libertad política o a dominar los sectores vitales de su economía y cultura.

7) Organizar la solidaridad de los pueblos de los tres Continentes y actuar como enlace permanente entre los diferentes Movimientos dentro de la estructura de la Organización.

8) Encargarse del cumplimiento de las medidas adoptadas en la Primera Conferencia Tricontinental y en las sucesivas Conferencias de la Organización.

Artículo III.—Del Secretariado

1) Estará integrado por un Secretario General y nueve Secretarios, tres por cada Continente. Todos serán elegidos entre los miembros de esta Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina.

2) Tendrá su sede en el país que escoja esta Conferencia.

3) Las funciones son las siguientes:
a) Ejecutar las decisiones de la Conferencia.

b) Preparar la Segunda Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, que se celebrará en enero de 1968.

c) Crear una Comisión de Organización para presentar a la Segunda Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina el proyecto de la estructura definitiva de la Organización Tricontinental.

d) Controlar el funcionamiento del Comité de Asistencia y Ayuda a los Movimientos de Liberación Nacional, del Comité de Asistencia y Ayuda a los Países Liberados y del Comité Tricontinental de Ayuda a Viet Nam.

4) Es responsable ante la Conferencia y le rendirá cuenta de las tareas que haya realizado.

Artículo IV.—Del Comité de Asistencia y Ayuda a los Movimientos de Liberación Nacional

- 1) Está integrado por 9 miembros, de entre los asistentes a esta Conferencia.
2) Elige de su seno un Presidente, un Vicepresidente y un Secretario.
3) Sus objetivos son:
a) Promover, incrementar y coordinar la ayuda solidaria y efectiva a los movimientos de liberación nacional.
b) Aplicar las tácticas y los métodos que acuerde para dar efectiva vigencia y eficacia práctica a los objetivos fundamentales de la Organización, especialmente el que propugna la lucha revolucionaria como legítima defensa contra la violencia imperialista.
c) Recabar toda la ayuda necesaria de carácter material, político, moral y en efectivos humanos, en apoyo de los movimientos de liberación nacional, muy especialmente los empeñados en la guerra popular contra el imperialismo.
d) Mantener una campaña constante, con todos los medios a su alcance, contra la creciente política de agresión imperialista en todas partes del mundo y su propaganda encaminada a encubrir con mitos y falsedades sus acciones vandálicas en los tres Continentes.
e) Realizar campañas en contra de la persecución y la represión que desatan los seguidores del imperialismo.



Artículo V.—Del Comité de Asistencia y Ayuda a los Países Liberados

- 1) Estará integrado por 9 miembros de los asistentes a esta Primera Conferencia.
2) Elegirá de su seno un Presidente, un Vicepresidente y un Secretario.

ANEXO II

PROPOSICION DEL JAPON

La Delegación japonesa hizo la siguiente proposición:

En primer lugar, nombre: "EL COMITE DE ENLACE PARA LA SOLIDARIDAD DE LOS PUEBLOS DE ASIA, AFRICA Y AMERICA LATINA".

En segundo lugar, el carácter, de acuerdo con las decisiones adoptadas por la Primera Conferencia:

- a) Para popularizar las resoluciones y los otros documentos adoptados por la Conferencia.
b) Para mantener el enlace e intercambiar informaciones entre el Comité y los Comités Nacionales.
c) Para preparar la Segunda Conferencia.

Tercer punto, la composición, después de la representación igual de cada Continente.

El Comité se compone de veintidós miembros. El Presidente será elegido entre los miembros del Comité.

La Delegación japonesa propone que el Comité elija al representante de Cuba para la Presidencia.

Cuarto: La sede: La Habana, Cuba.

ANEXO III

PROPOSICION DE LA INDIA

La actual Organización de Solidaridad Afro-Asiática debe ser ampliada y convertirse en una Organización Afro-Asiática-Latinoamericana. El representante de la América Latina debe ser incluido a todos los niveles y para ello deben hacerse todas las enmiendas necesarias.

La sede de la nueva Organización debe estar radicada en El Cairo. La invitación de El Cairo para la próxima Conferencia Tricontinental debe ser aceptada.

resolución sobre los países bajo dominación colonial portuguesa

La Primera Conferencia Tricontinental, reunida en La Habana del 3 al 14 de enero de 1966, después de haber analizado la situación de las colonias portuguesas:

- Denuncia y condena la política retrógrada y criminal del gobierno colonial-fascista de Portugal;
— Denuncia y condena la alianza del gobierno portugués, y, en particular, a los países miembros de la OTAN, que le dan ayuda y asistencia a su política criminal en Angola, la llamada Guinea Portuguesa, islas de Cabo Verde, Mozambique, Santo Tomás y Príncipe;
— Saluda la heroica lucha de los pueblos de las colonias portuguesas por su independencia nacional;
— Reconoce que la lucha armada es la vía eficaz para la liquidación del colonialismo portugués y la realización de las justas aspiraciones de los pueblos de las colonias portuguesas, a la libertad y a la independencia nacional;
— Hace un llamamiento a todos los pueblos de los países de África, Asia y América Latina y a todas las organizaciones de solidaridad de los tres continentes para que otorguen a las organizaciones combatientes de las colonias portuguesas la ayuda necesaria en el desarrollo de su lucha de liberación, y, en particular:
a) ayuda en armas y equipos militares, necesarios para el desarrollo de la lucha armada;
b) facilidades para el tránsito de material militar;
c) ayuda financiera;
d) ayuda en material sanitario, escolar, educativo y en bienes de consumo para el reequipamiento de los combatientes y las poblaciones de las zonas liberadas;
e) facilidades de documentación, entrada, seguro y circulación en los países de África, Asia y América Latina para los combatientes de la libertad de las colonias portuguesas.

resolución sobre pactos y bases extranjeras

Esta Conferencia toma nota de la lucha de los pueblos de todo el mundo contra los pactos militares agresivos, bases militares sobre tierras extranjeras, el estacionamiento de tropas extranjeras sobre los territorios de otras naciones como agravantes de las tensiones de la guerra fría y la socavación de la independencia y soberanía de las naciones. El gobierno de Estados Unidos está tomando ayuda militar de las potencias de la OTAN para impulsar la guerra en Vietnam. La Séptima Flota se está empleando, en un intento vano, para aplastar la lucha de liberación del pueblo heroico de Vietnam del Sur. Está usando las bases y las tropas de los miembros de pactos militares contra el pueblo de Vietnam. Los cientos de bases militares establecidas por los Estados Unidos y otras potencias imperialistas en Asia, África y América Latina están siendo usadas para espionaje, sabotaje y provocaciones y para chantajear a los países libres contra aquellos pueblos que luchan por la liberación nacional. Esta Conferencia, en los intereses de independencia y soberanía de las naciones y en los intereses de la paz mundial, exige:

- 1) Que todo pacto militar y alianza agresiva sea abolida;
2) Que toda base militar extranjera sea desmantelada;
3) Que toda tropa extranjera sea expulsada.

resolución sobre la república dominicana

Considerando: Que la intervención militar norteamericana en la República Dominicana el día 28 de abril de 1965 se produjo precisamente en el momento que el pueblo dominicano desarrollaba una insurrección victoriosa sobre las fuerzas militares adictas al imperialismo, que manejadas desde la embajada norteamericana por Tapley Bennet y los agregados militares, hacían resistencia a la voluntad popular de imponer la Constitución de 1963 y restablecer en la presidencia a Juan Bosch, quien había sido elegido mayoritariamente, mostrando con claridad la agresividad reaccionaria del imperialismo, siendo ya enemigo inclusive de las formas de gobierno llamadas democracias representativas.

Considerando: Que la intervención militar en República Dominicana inicia un nuevo ciclo de intervenciones contrarrevolucionarias para América Latina y se proyecta contra una amenaza para el único país latinoamericano liberado de la dominación y explotación imperialista: CUBA. Considerando: Que la intervención militar norteamericana ha arrastrado en complicidad a las oligarquías gobernantes de los países de Brasil, Paraguay, Nicaragua, Costa Rica, las cuales han enviado tropas a reprimir el heroico pueblo dominicano que lucha por su libertad e independencia. Considerando: Que cada día que permanecen las tropas invasoras del imperialismo en suelo dominicano, aumenta el número de patriotas caídos que ya sobrepasan a los 3,000, aumenta la miseria, el dolor, del pueblo dominicano. Considerando: Que la ocupación militar en la República Dominicana, conlleva a la dirección inmediata y directa del aparato estatal dominicano por el imperialismo, lo cual modifica —gravemente— el estatus político de la República Dominicana, que queda degradado de país dependiente, semi-colonial, a país administrado fiduciariamente, violando todos los principios y normas establecidos en las cartas constitutivas de todos los organismos internacionales. Considerando: Que para perpetrar esta violación a la soberanía nacional del Estado dominicano, el imperialismo, ha creado el ejército regional contrarrevolucionario para América Latina, llamado oficialmente Fuerza Interamericana de Paz (FIP). Considerando: Que en este crimen contra el pueblo

dominicano y sus anhelos de libertad e independencia, la Organización de Estados Americanos, ha obrado de idéntica manera que en la sucia condena al pueblo revolucionario de Cuba, sirviendo de ayudante del verdugo de los pueblos del mundo: EL IMPERIALISMO NORTEAMERICANO. Considerando: Que la Organización de las Naciones Unidas (ONU) fue testigo de los crímenes cometidos por las tropas yanquis contra la población civil, tanto al iniciar el desembarco, como los días 15 y 16 de junio de 1965, los genocidios cometidos por el gobierno títere de Antonio Imbert Barreras; del fideicomiso establecido por el imperialismo a través de la Organización de Estados Americanos (OEA), hechos todos, contrarios a su declaración de principios, la carta general de la ONU. Y que la misma se limitó al simple y triste papel de informar de lo ocurrido y mediar. No condenando esta brutal agresión y mucho menos a su principal responsable EL GOBIERNO IMPERIALISTA DE LOS ESTADOS UNIDOS.

Considerando: Que en la actualidad los jefes militares genocidas son el principal apoyo con que cuenta el imperialismo para sus planes de ocupación indefinida y de perpetuación de su dominio neo-colonial en la República Dominicana. Considerando: Que el pueblo dominicano ha resistido con heroísmo la agresión, combatiendo con las armas a los soldados invasores, que no se ha amedrentado con lo desigual de la batalla, sino por el contrario aumenta cada día su lucha, aprovechando todos los medios, todas las posibilidades para llevar a feliz término su guerra nacional por la desocupación del país y por el pleno rescate de su soberanía e independencia nacionales. Considerando: Que en la lucha del pueblo dominicano contra las tropas invasoras imperialistas, cayeron hombres de diferentes nacionalidades: Jack Vieu (haitiano), Andre Rivier (francés), Ilio Capossi (italiano), luchando hombro con hombro con los patriotas dominicanos. Considerando: Que la solidaridad internacional contribuye con la lucha del pueblo dominicano contra la dominación imperialista. Resuelve: Reconocer en la feroz ocupación militar a la República Dominicana, violatoria de todos los

principios sobre la autodeterminación y la no intervención, los signos del fascismo y de la guerra como forma de dominación, propia del sistema imperialista en su etapa decadente. Condenar al gobierno imperialista de los Estados Unidos de América como agresores y violadores de la soberanía del pueblo dominicano. Alertar a Cuba sobre posibles agresiones imperialistas para impedir su desarrollo independiente. Condenar a los gobiernos oligárquicos de Brasil, Paraguay, Nicaragua, Honduras, Costa Rica como cómplices de la brutal agresión que anega en sangre patriota el suelo dominicano. Condenar a la Organización de Estados Americanos como el instrumento político por excelencia del imperialismo norteamericano para la dominación neocolonial de América Latina. Condenar a las Naciones Unidas por su incapacidad y vacilaciones en defender los derechos a la autodeterminación y la soberanía de los pueblos, especialmente en África, Asia y América Latina y particularmente en Santo Domingo, frente a la agresión militar de los Estados Unidos contra dicho país. Condenar la formación de la Fuerza Interamericana de Paz por ser atentatoria a la soberanía de los pueblos y ser para América Latina, la encarnación de la contrarrevolución internacional. Exigir la inmediata desocupación del suelo dominicano de todas las tropas extranjeras, norteamericanas, brasileñas, paraguayas, nicaragüenses, hondureñas y costarricenses. Condenar a los militares dominicanos que aliados a los que pisotean el suelo patrio dominicano, contribuyen con la perpetración de la dominación extranjera y con la amenaza a todos los pueblos latinoamericanos. Llamar a la solidaridad militante con el pueblo dominicano, reconociendo que, además de la solidaridad y ayuda material, la más grande contribución a la causa dominicana y a todos los pueblos que luchan contra el colonialismo y el neocolonialismo es ampliar y profundizar la lucha en cada país contra el imperialismo. "Que se proclame la semana del 24 al 30 de abril del presente año como la Semana de Solidaridad con el pueblo dominicano".

mensaje de saludo y aliento al pueblo de los estados unidos

La Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina, hace llegar al pueblo de los Estados Unidos el siguiente mensaje: Nosotros, representantes de los pueblos de tres continentes que constituyen la inmensa mayoría de la humanidad, reunidos en La Habana, a pocas millas de las costas de los Estados Unidos, queremos hacer llegar nuestro mensaje de saludo solidario y aliento al pueblo norteamericano por las luchas que viene sosteniendo contra la política de guerra y de agresión que sigue el gobierno del Presidente Johnson en diversas partes del mundo. Saludamos con emoción el intenso movimiento de energía protesta y condenación que va extendiéndose por todo el territorio nacional contra la guerra de agresión desplegada contra el pueblo de Viet Nam por la administración Johnson. Saludamos fraternalmente la posición asumida por el pueblo trabajador, por los más prestigiosos profesores e intelectuales de esa nación, cuya cívica y valiente protesta está contribuyendo a esclarecer ante la opinión pública el carácter repudiable de la conducta de su gobierno. Felicitamos a los jóvenes de nuestro país que, exponiéndose al procedimiento y la condena injusta, se niegan a ser cómplices del crimen de genocidio que está perpetrando el gobierno de Johnson contra el pueblo vietnamita, y destruyen sus credenciales de movilización para no participar en la matanza. Muy especialmente queremos que el espíritu de victoria y unidad en el combate contra las fuerzas de la reacción llegue como aliento a los esforzados luchadores por los derechos civiles de la población negra de los Estados Unidos, que por siglos ha sido

sometida a una doble discriminación y explotación por su condición social y por el color de su piel. Los participantes en esta Conferencia, al expresar su solidaridad, unen sus voces a las de todos los ciudadanos honrados de ese pueblo para protestar contra los bárbaros crímenes de ciudadanos negros y blancos, cometidos por los fanáticos y rabiosos agrupados en el Ku Klux Klan y otras organizaciones racistas, y para exigir un irrestricto respeto a la vida de la población negra de los Estados Unidos. Es indudable que la guerra de Viet Nam está contribuyendo a despertar las conciencias; ha puesto de manifiesto la codicia de los monopolios norteamericanos, que no se detienen ante los mayores crímenes con tal de asegurar la máxima ganancia que les proporciona la guerra. Unas veces con el pretexto de defender la democracia o la libertad, otras con el de proteger la vida y las propiedades de los norteamericanos de América Latina, el gobierno de Johnson atentó y atenta contra la soberanía, contra la democracia que dice representar y defender, contra los movimientos liberadores, contra el derecho internacional y contra la propia vida de los pueblos. Pero, en verdad, no es sólo contra Johnson o Goldwater contra quienes golpean los ciudadanos de los Estados Unidos, es contra la política monolítica e inflexible del imperialismo del dólar, cuyos voceros hablan de libertad y democracia, mientras emplean contra el pueblo de Viet Nam el horrible napalm y el fósforo blanco, usan gases tóxicos a los que llaman cíclicamente "paralizador benévolo" y cometen toda clase de crímenes en el intento inútil de doblegar a un pueblo indomable que no se detendrá

en su heroica lucha hasta obtener la victoria. Los participantes a la Conferencia ven con satisfacción como las distintas acciones del pueblo norteamericano contra la guerra, por el fortalecimiento de la paz, por los derechos civiles y contra la política de agresión de agentes de los monopolios, convergen en una corriente cada día más poderosa. Nos regocijamos de la activa presencia del pueblo trabajador, los intelectuales y profesores progresistas, de los estudiantes y de la juventud de Estados Unidos que, significativamente, marchan en la primera fila de las valientes acciones contra la política criminal del gobierno de Johnson. En cada acción que desarrolla el pueblo de Estados Unidos en estas difíciles y adversas condiciones, cuenta con el apoyo de nuestros pueblos que, también en los tres continentes, se enfrentan al mismo cruel enemigo. Ha llegado el momento de superar la etapa de las simples declaraciones y entrar de lleno en el camino de la acción. Que Johnson y su camarilla guerrillista comprendan que sus acciones vandálicas no pueden quedar impunes. Que las madres norteamericanas no permitan que sus hijos sean enviados como carne de cañón a nuestros países para defender los intereses egoístas de un centenar de privilegiados. Que la juventud de nuestro país se niegue a morir para que vivan los que se aprovechan y especulan con el dolor y la sangre de las inmensas masoñas explotadas. Que el pueblo norteamericano con sus luchas coopere con nuestros pueblos para luchar infatigablemente por denunciar al enemigo común de los pueblos del mundo, el imperialismo norteamericano.





para los revolucionarios cubanos, el campo de batalla contra el imperialismo abarca todo el mundo

Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario del Partido Comunista de Cuba, en el acto clausura de la Primera Conferencia de solidaridad de los pueblos de Asia, Africa y América Latina (Tricontinental), en el teatro Chaplin, el día 15 de enero de 1966.

(Dpto. de Versiones taquigráficas del Gobierno Revolucionario)

Señores delegados,
Compañeras y compañeros cubanos:

No se nos escapa la trascendencia de este acto que culmina en la noche de hoy. Frente a todos los augurios del imperialismo, frente a todos sus pronósticos, que revelaban la gran esperanza de que esta Conferencia concuyera en nada, de que esta Conferencia, girando alrededor de los problemas del movimiento comunista internacional, estaba llamada a dividirse y estaba llamada a un rotundo fracaso, ha ocurrido lo que tal vez menos o quizás nunca esperaron: que la Conferencia haya sido un éxito, que en esta Conferencia se haya creado un organismo de carácter tricontinental, que haya arribado a acuerdos que recogen las aspiraciones más sentidas de los pueblos que luchan por su liberación, que se haya creado un Comité de Ayuda a los Movimientos de Liberación. Y no sólo eso: algo que incuestionablemente duele mucho a los imperialistas, y es que Cuba haya sido escogida como sede del Secretariado Ejecutivo de la Organización hasta tanto se celebre la próxima Conferencia Tricontinental (APLAUSOS).

No es que nosotros aquí estemos expresando un sentimiento de orgullo nacional. Por las peculiares circunstancias que rodean a nuestro país: su posición geográfica, el esfuerzo que realizan los imperialistas por aislarla del mundo, las medidas adoptadas para que prácticamente na-



20594

20594



die pueda visitarnos, hace que el hecho de que esta Conferencia se haya efectuado con tanto éxito en nuestra Patria, y que además, desafiando todos los obstáculos, desafiando todas las dificultades, se haya considerado sitio adecuado para que funcione temporalmente aquí la sede, es algo que sin duda duele extraordinariamente a los imperialistas yanquis.

Ha sido ésta, pues, una gran victoria del movimiento revolucionario. Nunca había tenido lugar una reunión de tal amplitud y de tal magnitud, en que las representaciones revolucionarias de 82 pueblos se reunieran para discutir problemas de interés común. Nunca una reunión tan amplia, porque aquí han estado representados los pueblos de tres continentes, los movimientos revolucionarios de los pueblos de tres continentes, que tienen una común posición antimperialista, que representan la lucha de sus pueblos, desde distintas ideas o posiciones filosóficas, o desde distintas creencias religiosas, representativas en muchas ocasiones de distintas ideologías, pero que tienen algo de común: lo más común que une hoy a los pueblos de estos tres continentes y de todo el mundo, que es la lucha contra el imperialismo (APLAUSOS), la lucha contra el colonialismo y el neocolonialismo, la lucha contra el racismo y, en fin, todos esos fenómenos que son la expresión contemporánea de lo que debemos llamar imperialismo, cuyo centro, cuyo eje, cuyo soporte principal es el imperialismo yanqui.

Y eso que tienen de común los pueblos en esta época, fue lo que hizo posible la reunión, los acuerdos y las conclusiones de esta Conferencia. No fue, desde luego, una tarea fácil, puede parecer fácil, pero no fue ni podía ser una tarea fácil, porque es natural que donde se reúnen representantes de pueblos tan diversos, de movimientos tan diversos, con problemas peculiares que prácticamente expresan todos los problemas actuales del mundo, no era fácil, no podía lograrse sin un arduo trabajo la elaboración de criterios y de acuerdos aceptables por todos.

Recordábamos nosotros en estos días cuando se discutían distintos problemas, cuando se discutía la Declaración Final, cómo Carlos Marx y Federico Engels (APLAUSOS) habían estado muchos meses elaborando y redactando el Manifiesto Comunista, y cómo después de revisarlo muchas veces, de retocarlo y de perfeccionarlo, lo habían dado a la luz y, naturalmente, en nuestra Conferencia, disponiendo sólo de dos semanas, menos de dos semanas, de unos pocos días, se veía en la necesidad de elaborar un Documento que recogiera los criterios diversos y quedara redactado de manera que satisficiera lo más ampliamente posible a todas las Delegaciones. Y se logró, a pesar de esas circunstancias, un Documento que sin duda es el más profundo, el más amplio y el más radical de cuantos se han elaborado y acordado en una Conferencia de esta índole.

Por primera vez participaron junto con los pueblos de África y de Asia las representaciones de los pueblos de América Latina. Naturalmente que en el caso de América Latina la mayor parte, la casi totalidad de los representantes, lo eran de los movimientos y de los pueblos que luchan o lucharán por liberarse. Y tan sólo nuestro pueblo representaba en este caso el único pueblo liberado totalmente del dominio del imperialismo yanqui, y constituido en poder revolucionario.

● Papel incuestionable en el apoyo, en la solidaridad y en el incremento de la lucha revolucionaria

Entendemos que esta Conferencia ocupará incuestionablemente un lugar en la historia de la lucha de los pueblos por su liberación, en la historia del movimiento revolucionario. Entendemos, igualmente, que las vinculaciones establecidas, los nexos que se han creado entre todos los movimientos que en el mundo luchan contra el imperialismo y los organismos que se han creado, jugarán un papel incuestionable en el apoyo, en la solidaridad y en el incremento de la lucha revolucionaria. Hemos tenido oportunidad de conocer más profundamente, más detalladamente el pensamiento y la situación concreta de cada uno de los movimientos que luchan por su liberación en estos momentos. Hemos tenido oportunidad de conocer la situación concreta de cada uno de los pueblos que luchan y, sobre todo, hemos tenido la oportunidad de ver cómo se acrecienta la solidaridad de los pueblos entre sí (APLAUSOS), cómo crece la fuerza del movimiento revolucionario en escala mundial, y cómo crece y podrá crecer en los tiempos venideros la ayuda de unos pueblos a otros, la ayuda de todos los pueblos a cada uno de los pueblos que luchan, la ayuda en una escala y en un nivel que no conoció nunca antes la humanidad de los pueblos unos a otros. Y cómo a pesar del poderío militar y técnico de



los imperialistas, será incuestionablemente mucho más poderosa la fuerza unida de los pueblos revolucionarios. (APLAUSOS).

El imperialismo será inevitablemente derrotado. ¿Quiénes nos han enseñado esa lección? Nos la han enseñado los pueblos. ¿Quién entre los pueblos nos ha dado en estos tiempos la más extraordinaria lección? El pueblo de Viet Nam (APLAUSOS). Viet Nam es un país pequeño; los imperialistas lo han dividido en dos partes: Viet Nam del Norte y Viet Nam del Sur. Para los revolucionarios es un solo Viet Nam, para nosotros. (APLAUSOS).

Contra el pueblo de Viet Nam del Sur han volcado los imperialistas yanquis gran parte de su poderío: cientos de miles de soldados regulares de las Fuerzas Armadas imperialistas, cientos de miles, además, de soldados reclutados por el gobierno títere, cientos de aviones, miles de helicópteros y, sin embargo, los imperialistas yanquis no han podido aplastar a esa parte del pueblo de Viet Nam.

Tratando de intimidar a sus hermanos de la otra parte de Viet Nam, iniciaron los bombardeos con cientos de aviones diariamente, para exigir la rendición, para tratar de poner de rodillas a los vietnamitas y, sin embargo según los propios imperialistas confiesan, en vez de ganar terreno, han perdido terreno. Y ante la resistencia cada vez más tenaz y heroica, más y más aviones, más y más bombas; y ante el asombro del mundo el pueblo de Viet Nam, dando el más extraordinario ejemplo de heroísmo que haya conocido la historia de ningún movimiento de liberación, porque nunca un movimiento de liberación tuvo que enfrentarse contra fuerzas más poderosas, está anulando y venciendo el poderío de los imperialistas yanquis.

Mas no sólo bombardean a Viet Nam. Bombardean también incesantemente a los patriotas de Laos (APLAUSOS) y amenazan con bombardear y agredir al pueblo de Cambodia (APLAUSOS). Esas actitudes, esas amenazas de los imperialistas yanquis revelan su impotencia, revelan su desesperación. Es la consecuencia de una situación que se les hace cada vez más crítica en esa parte del mundo, la consecuencia de las derrotas que vienen sufriendo en aquella zona de Asia donde se libra, sin duda, una batalla decisiva entre los pueblos y el imperialismo, no sólo el imperialismo yanqui, sino el imperialismo yanqui y sus aliados, el imperialismo yanqui y sus socios de aventura en Asia, expresado a través de las movilizaciones de soldados sudcoreanos, de soldados australianos, de soldados tailandeses y de los intentos de recabar la complicidad, bien en fuerzas militares o bien en fuerzas auxiliares, del mayor número posible de gobiernos del mundo.

Esa batalla contra el pueblo de Viet Nam y contra el pueblo de Laos demuestra, unido a las amenazas contra Cambodia, la necesidad de llevar al máximo la ayuda y la solidaridad a esos pueblos.

Los imperialistas yanquis cuentan allí con el apoyo de un Estado, que es Tailandia, donde poseen numerosas bases, numerosas tropas, desde las cuales amenazan a Laos, a Viet Nam, a Cambodia. No quiere decir esto que tal situación haya de prolongarse indefinidamente; estamos seguros que al igual que los pueblos de Viet Nam, de Laos y de Cambodia, llegará también la hora para que el pueblo tailandés exija cuenta a los imperialistas yanquis (APLAUSOS); llegará la hora en que ese pueblo, también oprimido y explotado, inspirado en el ejemplo de los pueblos hermanos vecinos, se sume también a la lucha contra los imperialistas.

Pero mientras tanto los imperialistas no sólo han llevado la guerra a Viet Nam, a todo Viet Nam, y a Laos, sino que amenazan a Cambodia. Y Cambodia es un país pequeño, todavía no atacado, pero sí seriamente amenazado por los imperialistas yanquis. Y por tanto se plantea incuestionablemente la necesidad de que los Estados revolucionarios ayudemos al fortalecimiento de las defensas del pequeño pueblo de Cambodia (APLAUSOS).

● Dispuestos los cubanos a contribuir al fortalecimiento de las defensas de Cambodia

Conversando con el representante de ese país, en ocasión de su participación en la Conferencia Tricontinental, al escuchar de sus labios la situación de su país, los peligros que lo acechan, les expresábamos este criterio. Y les decíamos, además, que nosotros los cubanos aunque constituimos un pequeño Estado y estamos a una enorme distancia de Cambodia, estábamos dispuestos a contribuir en la medida de nuestras fuerzas al fortalecimiento de sus defensas (APLAUSOS), y que sólo necesitábamos que nos lo expresaran así, sólo necesitábamos que en cualquier circunstancia que lo estimasen pertinente nos lo pidieran, que

nosotros estábamos dispuestos a dar nuestro aporte.

Y esa es también nuestra disposición con respecto a Laos y con respecto a Viet Nam del Norte y a Viet Nam del Sur! (APLAUSOS). Nosotros somos un Estado pequeño, bastante próximo a las costas de la metrópoli imperialista, nuestras armas son eminentemente armas defensivas, pero nuestros hombres, de todo corazón, nuestros militantes revolucionarios, nuestros combatientes (APLAUSOS), están dispuestos a luchar contra los imperialistas en cualquier parte del mundo! (APLAUSOS). Nuestro país es un país pequeño, nuestro territorio puede ser, incluso, parcialmente ocupado por el enemigo, que eso no querría decir jamás cese de nuestra resistencia, pero el mundo es grande y los imperialistas están en todas partes, y para los revolucionarios cubanos el campo de batalla contra el imperialismo abarca a todo el mundo! (APLAUSOS PROLONGADOS).

Sin alardes, sin alardes, sin inmodestas de ningún tipo, así entendemos los revolucionarios cubanos nuestro deber internacionalista; así entiende nuestro pueblo sus deberes, porque entiende que el enemigo es uno, el mismo que nos ataca a nosotros en nuestras costas y en nuestras tierras, el mismo que ataca a los demás. Y por eso decimos y proclamamos que con combatientes cubanos podrá contar el movimiento revolucionario en cualquier rincón de la tierra! (APLAUSOS PROLONGADOS) Miles y miles de cubanos han expresado su deseo y su voluntad de marchar a cualquier parte del mundo, donde los necesiten, para ayudar al movimiento revolucionario (APLAUSOS). Y esto es lógico.

Si los imperialistas yanquis se toman la libertad de bombardear donde les da la gana, y de enviar a sus tropas mercenarias a reprimir el movimiento revolucionario en cualquier parte del mundo, los pueblos revolucionarios sienten el derecho de ayudar, incluso con su presencia física (APLAUSOS) a los pueblos que luchan contra los imperialistas yanquis. Y así, si cada cual ayuda en la medida de sus fuerzas, si cada cual ayuda en la medida de sus posibilidades, los imperialistas yanquis serán derrotados. Y si en algún lugar están llamados a sufrir una derrota aplastante, ese lugar es el Sudeste de Asia (APLAUSOS). Porque allí, porque allí es posible establecer una

correlación de fuerzas, es posible establecer una correlación de fuerzas incomparablemente superior a la de los imperialistas yanquis. Por eso, nosotros no tenemos la menor duda de que serán derrotados, de que serán aplastados por los propios pueblos de aquella región; y si incrementan sus fuerzas y la de sus aliados reaccionarios, por las fuerzas no sólo de aquellos pueblos, sino por las fuerzas del campo socialista y de los demás pueblos (APLAUSOS).

● La verdadera paz se logrará cuando los imperialistas yanquis cesen de atacar

Por eso los imperialistas yanquis lanzan sus hipócritas ofensivas de paz para tratar de confundir, para tratar de engañar. Y por eso han dicho, y han dicho muy bien los pueblos de Viet Nam, que la única paz, que la verdadera paz sólo se logrará cuando los imperialistas yanquis cesen de atacar, y cuando los imperialistas yanquis cesen de ocupar el territorio o parte del territorio de Viet Nam, y cuando los imperialistas yanquis saquen sus tropas mercenarias y sus bases militares del territorio de Viet Nam.

Es decir, que se les ha dicho a los imperialistas lo único que en esas circunstancias cabe decirles: que la verdadera paz —puesto que ellos son los únicos perturbadores de la paz— se logrará cuando se retiren de Viet Nam (APLAUSOS).

Y es evidente que los imperialistas están allí librando una batalla sin esperanzas, que los imperialistas están librando allí una lucha en que están llamados a afrontar la derrota inevitablemente. Y en consecuencia, quieren trocar la derrota por una paz falsa.

Y es lógico que el pueblo de Viet Nam se niegue, es lógico que el pueblo de Viet Nam no esté dispuesto a cambiar su victoria por esa clase de falsa paz.

Y si nosotros estuviésemos en una situación similar, estoy completamente seguro que diríamos exactamente lo mismo (APLAUSOS), y que nos negaríamos a negociar bajo las bombas, y que nos negaríamos a negociar bajo la



20595

20595
43

agresión, y que nos negáramos a negociar bajo la ocupación.

Y por eso, nuestro pueblo y la Conferencia, unánimemente, apoyaron las posiciones y los puntos del Gobierno de la República Democrática de Viet Nam y del Movimiento de Liberación de Viet Nam del Sur (APLAUSOS).

Sobre esta cuestión, sobre este tema, el más candente en la actualidad, hubo criterios prácticamente unánimes. Y es muy bueno que los imperialistas yanquis conozcan el grado de solidaridad que hay en todos los pueblos del mundo con Viet Nam; es bueno que los imperialistas yanquis comprendan el grado de apoyo que el pueblo de Viet Nam tiene en todo el mundo.

Y por eso, consideramos que esta Conferencia de la solidaridad de los pueblos de los tres continentes ha expresado y ha actuado de manera que el apoyo y el sentimiento de solidaridad hacia el Viet Nam se ha hecho evidente, y además crecerá. Y lo mismo que hacia Viet Nam, hacia Laos y hacia Camboya, que son los pueblos allí agredidos o que corren riesgos de agresión.

En todos los problemas de Asia, de África y de América Latina fue similar la posición de la Conferencia.

Los pueblos y los movimientos de liberación de África —y para no cometer un olvido, quiero decir que también un país pequeño, que allí en esa zona de Asia lucha por su liberación, que es, aunque no muy conocido, un pueblo que lucha bravamente: el pueblo de Kalimantán del Norte (APLAUSOS)— recibieron la cálida adhesión de la Conferencia, al igual que el pueblo de Yemen y el pueblo de Palestina (APLAUSOS).

Los de África —como les decía—, los movimientos de liberación que tan dignamente representados estuvieron en esta Conferencia; el pueblo de la Guinea, ocupada por Portugal, y las Islas de Cabo Verde, representados aquí por uno de los movimientos revolucionarios más serios de África (APLAUSOS), y por uno de los dirigentes más claros y más brillantes de África, el compañero Amílcar Cabral (APLAUSOS); que nos ha hecho sentir una enorme confianza en el futuro y el éxito de su lucha por la liberación; el movimiento de liberación de Angola y de Mozambique, otras dos colonias portuguesas (APLAUSOS), que luchan con las armas por su liberación; el pueblo de Zimbabue, oprimido por la minoría racista en Rhodesia del Sur (APLAUSOS); el pueblo del Congo (Leopoldville) (APLAUSOS); el pueblo oprimido de África del Sur (APLAUSOS); los Protectorados de Swazilandia, Bechuanalandia y Basutolandia (APLAUSOS), cuyas raíces gramaticales nos están revelando el perfil imperial del país que los colonizó.

Y, en fin, todos los movimientos de liberación de África estuvieron en esta Conferencia dignamente representados, y contaron con el cálido apoyo y la solidaridad de todos los Delegados.

En África se manifiesta cada vez más el intento imperialista de penetrar, de dividir, de sojuzgar. Y han puesto de moda, en las últimas semanas, el golpe de Estado. Golpe de Estado en el Congo; golpes de Estado en África, en la República Central; golpe de Estado en Nigeria, según informan los cables, demuestra los esfuerzos desesperados del imperialismo por fortalecer el dominio en esa parte del mundo.

● Decisivo será el sentido de responsabilidad, la seriedad y la unión de los dirigentes revolucionarios

En África se libra también una lucha decisiva, y el papel de los movimientos revolucionarios, y el papel de los nuevos Estados, que no han sido infectados por el mal del neo-colonialismo, será de extraordinaria importancia para resistir este empuje y esta penetración de los imperialistas. Porque allí la ayuda al movimiento revolucionario, la ayuda decidida a los movimientos de liberación, la ayuda decidida a las mayorías oprimidas por los racistas, será un factor decisivo. Igualmente decisivo será el sentido de la responsabilidad, la seriedad y la unión de los dirigentes revolucionarios africanos.

Algunos movimientos han sufrido algunos golpes, han sufrido algunos reveses. Pero esos reveses no deben servir para desalentarlos; esos reveses deben servir de lección, a fin de adoptar las medidas y dar los pasos pertinentes para superar las actuales dificultades, para así superar las fallas y las debilidades del movimiento revolucionario.

El movimiento de solidaridad, que comenzó en África y en Asia, y se ha extendido ya al tercer Continente del mundo oprimido y explotado por el imperialismo, tendrá su próximo evento —por

acuerdo de la Conferencia— en la Ciudad de El Cairo, satisfaciendo así la invitación del Presidente Nasser (APLAUSOS), que ofreció la capital de la República Árabe Unida como sede de la próxima Conferencia Tricontinental en el año 1968, y estamos seguros —y debemos hacer por ello los mayores esfuerzos— de que para esa fecha entre los pueblos que se hayan liberado del imperialismo, del colonialismo, podremos saludar a varios pueblos más hermanos de África (APLAUSOS).

Los problemas de América Latina, comenzando por el problema más candente y más crítico, que es el problema de la ocupación militar de Santo Domingo por los soldados regulares del imperialismo yanqui, mereció la atención de esta Conferencia y el pleno apoyo de los Delegados en representación de sus pueblos. La América Latina confronta en los años venideros, en el escenario dominicano, una de las luchas más serias en los próximos años. Santo Domingo, un país pequeño ocupado por decenas de miles de soldados yanquis, se enfrenta a una lucha larga y dura. Santo Domingo, el pueblo dominicano, no deberá enfrentarse solo a los imperialistas yanquis (APLAUSOS).

En muchas otras naciones de América se dan las condiciones plenas para la lucha armada revolucionaria. Esta lucha se desenvuelve ya también desde hace rato en Venezuela (APLAUSOS), en Perú (APLAUSOS), en Colombia (APLAUSOS), en Guatemala (APLAUSOS). En la América Latina no debe quedar ni uno, ni dos, ni tres pueblos luchando solos contra el imperialismo. La correlación de fuerzas de los imperialistas en este Continente, la proximidad de su territorio metropolitano, el celo con que tratará de defender sus dominios en esta parte del mundo, exige en este Continente, más que en ninguna otra parte, una estrategia común, una lucha común y simultánea (APLAUSOS).

Si los imperialistas no tienen que enfrentarse sólo al pueblo dominicano, o sólo al pueblo de Guatemala, o sólo al pueblo de Venezuela, o sólo al pueblo de Colombia, o sólo al pueblo de Perú, si también tienen que luchar —a la vez que en cada uno de estos pueblos— contra los demás pueblos oprimidos, como Brasil, como Bolivia, como Paraguay, como Ecuador, como Argentina (APLAUSOS), y otros pueblos de Centroamérica, si la lucha se libra en amplia escala, si cada uno de éstos, de los revolucionarios de este Continente, cumple con su deber y el deber de todo revolucionario, como dice la Declaración de La Habana, es hacer la revolución (APLAUSOS Y GRITOS), y hacer la revolución de hecho y no de palabra (APLAUSOS). No ser revolucionario solamente en teoría, sino revolucionario en la práctica (APLAUSOS Y GRITOS). Si los revolucionarios invierten menos energía y menos tiempo en teorizaciones, y dedican más energía y más tiempo al trabajo práctico, y si no se toman tantos acuerdos y tantas alternativas y tantas disyuntivas y se acaba de comprender que más tarde o más temprano los pueblos todos, o casi todos, tendrán que tomar las armas para liberarse (APLAUSOS Y GRITOS), entonces avanzará la hora de la liberación de este continente. Y entre los que teorizan, y los que critican a los que teorizan y a la vez se ponen a teorizar (RISAS), desgraciadamente se pierden muchas energías y mucho tiempo.

● En este Continente, en todos o en casi todos los pueblos, la lucha asumirá las formas más violentas

Nosotros creemos que en este continente, en todos o en casi todos los pueblos, la lucha asumirá las formas más violentas. Y cuando se sabe eso, lo único correcto es prepararse para cuando esa lucha llegue, prepararse! (APLAUSOS).

Naturalmente que esa lucha estallará primero allí donde, —como dice la Declaración de La Habana—, las condiciones de opresión imperialista son más descarnadas, allí donde todas las vidas están absolutamente cerradas, tal como sucede en la mayor parte de los países de este continente. Y aún allí donde todavía la burguesía y el imperialismo ejercen su dominio de clase por medios constitucionales, como es el caso de Uruguay, allí se manifiesta de manera cada vez más palmaria la fuerza del movimiento de masas y el espíritu revolucionario del pueblo (APLAUSOS).

Y nosotros debemos decir las grandes simpatías de nuestro país hacia Uruguay, porque aquel es un país pequeño, pequeño, que no tiene montañas, rodeado de dos colosos reaccionarios, y donde siempre invariabilmente, sin ninguna excepción, en cada una de las circunstancias, ha sido pareja con el pueblo de Venezuela en la solidaridad y el apoyo a la Revolución cubana (APLAUSOS).

Y aún recordamos cómo a raíz de la ruptura de relaciones diplomáticas con Cuba, por acuerdo de la OEA, impuesto por los Estados Unidos como sanción contra Cuba, el pueblo de Uruguay, dirigido por sus organizaciones revolucionarias, se lanzó a la calle y protestó con incomparable energía contra aquel hecho servil y traidor a un pueblo de ese continente. Pues bien: en este problema de América Latina, ustedes —señores delegados— me permitirán que me extienda en algunas consideraciones, por estar nosotros ubicados en este continente.

Y los imperialistas yanquis contra nosotros no sólo han usado el bloqueo económico, no sólo han usado de las agresiones armadas, no sólo nos han amenazado mortalmente en determinadas circunstancias, no sólo han perpetrado contra este país todo tipo de sabotajes, filtraciones de espías, ataques piratas, sino que el imperialismo yanqui ha acudido contra nuestro país a armas más sutiles, como son las armas de la propaganda y de la calumnia. Y no sólo eso, sino que el imperialismo yanqui y sus agentes han tratado de destruir el prestigio de la Revolución cubana, han tratado de presentar a la Revolución cubana al margen de las luchas revolucionarias de este continente, y han tratado —de la manera más vil y más calumniosa— de desacreditar a la Revolución. Y se han valido de todos los medios, se han valido de todos los hechos, se han valido de todas las armas.

Desde luego que a los imperialistas les interesaría una discusión en concreto de estos problemas; a un irresponsable cualquiera, a un charlatán cualquiera, a un fanteoche cualquiera, no le importa afirmar cualquiera irresponsabilidad, cualquier calumnia. Bien es sabido que sólo al enemigo le interesaría de qué forma se lleva a cabo en la práctica esa palabra que se llama solidaridad, no sólo con los pueblos revolucionarios de este continente, sino de todo el mundo (APLAUSOS).

¿Pero qué ha ocurrido? Hay un hecho que voy a tomar como ejemplo para demostrar cómo trabaja el imperialismo y sus agentes, y que es un hecho extraordinariamente interesante. Me refiero a la campaña realizada por el imperialismo yanqui y sus agentes en relación con la partida de nuestro compañero Ernesto Guevara (APLAUSOS)

Creo que esto es un asunto que hay que tomar por los "cuernos" (RISAS) para esclarecer algunas cosas. El compañero Ernesto Guevara, unos cuantos revolucionarios de este país y unos cuantos revolucionarios fuera de este país saben cuándo salió, qué ha estado haciendo en este tiempo y, desde luego, los imperialistas estarían muy interesados en saber, con todos los detalles, dónde está, qué ha hecho, cómo lo hace y, desde luego, al parecer no lo saben y si lo saben lo disimulan mucho (RISAS).

Pero, desde luego, estas son cosas que el tiempo, cuando las circunstancias lo permitan, permitirá su esclarecimiento. Pero los revolucionarios no necesitamos esos esclarecimientos; es el enemigo quien se vale de estas circunstancias para tratar de intrigar y para tratar de confundir y para tratar de calumniar.

● Cumplida cabal y fielmente la promesa hecha al compañero Ernesto Guevara

El compañero Guevara se unió a nosotros cuando estábamos exilados en México, y siempre desde el primer día tuvo la idea, claramente expresada, de que cuando la lucha terminara en Cuba, él tenía otros deberes que cumplir en otra parte, y nosotros siempre le dimos nuestra palabra de que ningún interés de Estado, ningún interés nacional, ninguna circunstancia, nos haría pedirle que se quedara en nuestro país, obstaculizar el cumplimiento de ese deseo, o de esa vocación. Y nosotros cumplimos cabal y fielmente esa promesa que le hicimos al compañero Guevara (APLAUSOS). Naturalmente que si el compañero Guevara iba a salir del país, era lógico que lo hiciera clandestinamente, era lógico que se moviera clandestinamente, es lógico que no haya estado llamando a periodistas, es lógico que no haya estado dando conferencias de prensa, es lógico que dadas las tareas que se propuso debiera hacerlo en la forma en que lo hizo. Y, sin embargo, cuánto provecho han tratado de sacar los imperialistas de esta circunstancia y cómo lo han hecho.

Es por eso que yo traje algunos papeles. No se vayan a asustar ustedes pensando que les voy a leer todos los papeles que aquí hay, sólo les voy a leer algunas cosas, porque aquí está lo que han escrito todos los periódicos imperialistas y burgueses con relación al caso del

Comandante Guevara, lo que han escrito los periódicos de Estados Unidos, sus revistas, sus agencias cablegráficas, los periódicos burgueses de América Latina y de todo el mundo. Y vamos a ver quiénes han sido precisamente los principales voceros de la campaña imperialista de intriga y de calumnia contra Cuba con relación al caso del compañero Guevara. En primer término, ciertos elementos que han sido utilizados en las últimas décadas de manera constante contra el movimiento revolucionario. Y así, si ustedes me dan un poquito de tiempo, entre tantos datos voy a buscar uno muy interesante.

¡Ah!, lo encontré (RISAS Y APLAUSOS). Es un cable de la UPI de diciembre 6 de 1965 que dice: "Ernesto Guevara fue asesinado por el Primer Ministro cubano Fidel Castro (GRITOS) por orden de la URSS (GRITOS) —declaró Felipe Albargueta, jefe de los trotskistas mexicanos en declaraciones a 'El Universal'—. Agrega que el Che fue liquidado por insistir en poner a Cuba en la línea china" (GRITOS). Esto, naturalmente, venía a tono con una campaña que comenzaron a desatar los elementos trotskistas en todas partes simultáneamente. Y así, con fecha octubre 22, en el semanario "Marcha", se publica un artículo en que un conocido teórico del trotskismo, Adolfo Guill, afirma que el Che salió de Cuba debido a discrepancias con Fidel por el conflicto chino-soviético y que el Che no pudo imponer su opinión en la dirección. Dice que el Che, en forma confusa, propugnaba la extensión de la Revolución al resto de América Latina, en oposición a la línea soviética. Dice que la dirección cubana está dividida entre un ala conservadora, que incluye a viejos dirigentes del PSP, los partidarios del Che y Fidel, y su equipo en una posición de oscilación centrista conciliadora. Dice que el Che salió de Cuba por carecer de medios para expresarse y que Fidel temió enfrentar a las masas para explicar el caso Che. Este mismo teórico del trotskismo el 31 de octubre de 1965, como reportero de "Nuevo Mundo", un periódico italiano, escribe un artículo calificando a la dirección cubana de filosoviética y acusando a Fidel de no haber explicado políticamente al pueblo lo ocurrido con el Che. Dice que el Comandante Guevara fue derrotado por el PSP y el equipo castrista; critica al Che por no haber llevado a las masas la lucha por imponer su tesis y concluye que el Estado cubano, paralizado por su propia política, no apoyó abiertamente a la revolución dominicana. Y sobre esto me voy a referir más extensamente un poco más adelante.

En el número de octubre de 1965, el periódico "Batalla", de los trotskistas españoles, declara que el misterio que rodea el caso del Che Guevara debe ser aclarado. Dice que amigos del Che suponen que la carta leída por Castro es falsa y se preguntan si la dirección cubana se inclina hacia una sumisión a la burocracia del Kremlin.

● Sucio, grosero e indecente artículo en "Lucha Operaria"

Por la misma fecha aproximadamente, el órgano oficial trotskista de Argentina publica un artículo en el que asegura que el Che está muerto, o preso en Cuba. Dice que "entró en conflicto con Fidel Castro por el funcionamiento de los Sindicatos y la organización de las milicias". Agrega que "el Che se oponía a la integración del CC con los favoritos de Castro, especialmente oficiales del Ejército, seguidores del ala derecha de Moscú".

Pero uno de los escritos más sucios, más groseros y más indecentes es el que escribió el dirigente del Buró Político Latinoamericano de la Cuarta Internacional en el periódico "Lucha Operaria", de Italia. Sobre este artículo, largo por cierto, sólo voy a leer tres párrafos. Empieza diciendo:

"Un aspecto de la agudización de la crisis mundial de la burocracia es la expulsión de Guevara. Guevara ha sido expulsado ahora, no desde hace ocho meses. Ocho meses ha durado la discusión con Guevara y no han sido ocho meses que pasaron bebiendo café, han luchado duramente y quizás ha habido muertos, quizás se ha discutido a golpes de pistola. No podemos decir si han matado o no a Guevara, pero existe el derecho a suponer que lo hayan matado.

¿Por qué Guevara no aparece? No lo han presentado en La Habana por temor a las consecuencias, a la reacción de la población, pero en definitiva al esconderlo producen el mismo efecto: la población dice por qué Guevara no sale, no aparece. No hay ninguna acusación política, existen elogios políticos en relación con él. ¿Por qué no han presentado a Guevara? ¿Por qué no ha hablado? ¿Cómo es posible que uno de los fundadores del Estado obrero cubano, que hasta hace poco tiempo recorría el mundo en nombre del Estado obrero, imprevistamente

diga: me he aburrido de la Revolución cubana, voy a hacer la revolución en otra parte? Por otra parte, no dicen dónde ha ido y no se presenta. Si no hay ninguna divergencia por qué no se presenta. Todo el pueblo cubano comprende que hay una lucha enorme y que esta lucha no se ha terminado.

"Guevara no estaba solo ni está solo. Si toman estas medidas contra Guevara es porque hay una gran tendencia, muy grande, que está de su parte. Y además de una tendencia muy grande, hay una enorme preocupación del pueblo.

"Hace poco tiempo el gobierno cubano publicó un decreto bastante severo: es necesario restituir todas las armas al Estado. En aquel momento la cuestión era un poco confusa, ahora está claro que fin tenía esta resolución, era contra la tendencia Guevara. Tienen miedo de un levantamiento".

Otro párrafo: "¿Por qué han hecho callar a Guevara? La Cuarta Internacional debe llevar adelante una campaña pública en ese sentido, exigiendo la aparición de Guevara, el derecho de Guevara a defenderse y discutir, a hacer apelación a las masas, a no fiarse de las medidas tomadas por el gobierno cubano, porque son medidas burocráticas y quizás de asesinos. Han eliminado a Guevara por callar su lucha, han hecho callar a Guevara. No obstante que su posición no fuese consecuente desde el punto de vista revolucionario, porque tendría la armonización de sus posiciones en la tendencia revolucionaria".

Y más adelante dice: "Esto demuestra, no la potencia de Guevara o de un grupo guevarista en Cuba, sino la madurez de las condiciones en el resto de los Estados obreros para que en breve tiempo estas posiciones fructifiquen. No se engaña a la burocracia con maniobras y medidas de este género. La eliminación de Guevara significa para la burocracia la tentativa de liquidar una base de posible reagrupamiento de tendencias revolucionarias que continúan el desarrollo de la Revolución mundial. Esta es la base del peligro que representa a Cuba, sino por el peligro que representa a Cuba, sino porque incluye el resto de la Revolución latinoamericana.

"Al lado de Cuba está Guatemala, al lado de Cuba está Guatemala con el programa de la Revolución Socialista y, no obstante su fuerza y los discursos de su líder máximo Fidel Castro, no ha podido impedir que el Movimiento '13 de Noviembre' se transforme en un movimiento socialista-revolucionario y que luche directamente por el socialismo".

● Infiltración de los agentes de la Cuarta Internacional en el movimiento revolucionario de Guatemala

No es absolutamente casual, ni mucho menos, que este señor, dirigente de la Cuarta Internacional, mencione aquí muy ufano el caso de Guatemala y del Movimiento "13 de Noviembre", porque precisamente con relación a este Movimiento el imperialismo yanqui ha usado una de las tácticas más sutiles para liquidar un movimiento revolucionario, que fue filtrarle los agentes de la Cuarta Internacional, que —por ignorancia, por ignorancia política del dirigente principal de ese Movimiento—, lo hicieron adoptar nada menos que esa cosa desacreditada, esa cosa antihistórica, esa cosa fraudulenta que emana de elementos tan comprobadamente al servicio del imperialismo yanqui, como es el programa de la Cuarta Internacional.

¿Cómo ocurrió esto? John Sosa era, sin duda, un oficial patriótico, John Sosa encabeza el movimiento de un grupo de oficiales del Ejército —en cuyo aplastamiento por cierto participaron los mercenarios que después invadieron Girón—, y a través de un señor que era comerciante, que se encargó de la parte política del movimiento, la Cuarta Internacional se las arregló para que ese dirigente, ignorante de los problemas profundos de la política y de la historia del pensamiento revolucionario, le permitiera a ese agente del trotskismo —acerca del cual nosotros no tenemos la menor duda que es un agente del imperialismo— que se encargara de redactar un periódico en el cual se copiaba "de cabo a rabo" el programa de la Cuarta Internacional.

Lo que la Cuarta Internacional cometió con eso fue un verdadero crimen contra el movimiento revolucionario, para aislarlo del resto del pueblo, para aislarlo de las masas, al contagiarlo con las insensateces, el descrédito y la cosa repugnante y nauseabunda que hoy es; en el campo de la política del trotskismo. (APLAUSOS). Porque si en un tiempo el trotskismo representó una posición errónea, pero una posición dentro del campo de las ideas políticas, el trotskismo pasó a convertirse en los años sucesivos en un vulgar instrumento del imperialismo y de la reacción.



20596
JP
20596



De tal manera piensan estos señores que, por ejemplo, con relación a Viet Nam del Sur, donde un amplio frente revolucionario ha unido a la inmensa mayoría de la población, a distintos sectores de la población, los ha unido estrechamente alrededor del movimiento de liberación en la lucha contra el imperialismo, para los trotskistas eso es absurdo, eso es contrarrevolucionario. Y esos señores llegan a la osadía, a la cosa insólita frente a los hechos y a las realidades de la historia y del movimiento revolucionario, a expresarse de esa forma.

Afortunadamente, en Guatemala el movimiento revolucionario se salva. Y se salva gracias a la clara visión de uno de los oficiales que junto con Sosa había iniciado el movimiento revolucionario y que comprendiendo aquella insensatez, aquella estupidez, se separa del Movimiento "13 de Noviembre" y con otros sectores progresistas y revolucionarios organiza las Fuerzas Armadas Rebeldes de Guatemala (APLAUSOS). Y ese oficial joven que tuvo tan clara visión de la situación es quien ha representado al movimiento revolucionario de Guatemala en esta Conferencia, el Comandante Turcios (APLAUSOS PROLONGADOS).

El Comandante Turcios tiene en su haber el mérito no sólo de haber sido uno de los abanderados de la lucha armada por la liberación de su pueblo oprimido, sino el mérito de haber salvado al movimiento revolucionario guatemalteco de una de las estratagemas más sutiles y más pífidas del imperialismo yanqui y levantar las banderas revolucionarias de Guatemala y de su movimiento antimperialista, rescatándola de las manos sucias de estos mercenarios al servicio del imperialismo yanqui.

Y tenemos la esperanza de que John Sosa, cuyas intenciones patrióticas al iniciar la lucha nadie duda, y cuya condición de hombre honrado nadie duda, —a la vez que sí tenemos muy serias razones para dudar de su actitud como dirigente revolucionario— no tarde mucho en desentenderse de esos elementos y vuelva a unirse al movimiento revolucionario de Guatemala, pero ya esta vez bajo otra dirección, bajo otra guía que sí demostró, en momentos como esos, claridad de visión y actitud de dirigente revolucionario (APLAUSOS).

● Coincidencia de la posición de los trotskistas con las campañas del imperialismo

Esta posición de los trotskistas es la misma que adoptaron todos los periódicos y agencias publicitarias del imperialismo yanqui, la misma con relación al caso del compañero Ernesto Guevara; toda la prensa imperialista de Estados Unidos, sus agencias cablegráficas, la prensa de los contrarrevolucionarios cubanos, la prensa burguesa en todo el Continente y en el resto del mundo. Es decir, que esta campaña de calumnia y de intriga contra la Cuba Revolucionaria en relación al caso del compañero Guevara hizo coincidir de una manera exacta a todos los sectores reaccionarios imperialistas, burgueses, a todos los calumniadores y a todos los intrigantes contra la Revolución Cubana.

Porque es in cuestionable que sólo a la reacción y sólo al imperialismo les puede interesar desacreditar a la Revolución cubana, destruir la confianza de los movimientos revolucionarios en la Revolución cubana, destruir la confianza de los pueblos de América Latina en la Revolución cubana, destruir su fe.

Y por eso, no han vacilado en el empleo de las armas más sucias y más indecentes.

Este mismo señor Gilly, que de vez en cuando posa entre otros intelectuales norteamericanos en la revista "Monthly Review", de Estados Unidos, tuvo la villanía de escribir el siguiente párrafo, que vale la pena analizar, con relación a la crisis de Santo Domingo. Dijo así: "Un punto culminante de esta crisis tiene que haber sido la Revolución dominicana, donde el Estado obrero cubano quedó paralizado por su propia política, sin apoyar abiertamente a la Revolución, mientras en Cuba había una tremenda presión interior para una política de apoyo activo. Si la crisis era muy anterior a Santo Domingo, indudablemente Santo Domingo precipitó la Revolución".

Este señor tiene la villanía de acusar a la Revolución cubana de no haber dado un apoyo activo a la Revolución dominicana. Y mientras los imperialistas acusaban a Cuba; mientras los imperialistas trataban de pretextar su intervención diciendo que elementos izquierdistas y comunistas, entrenados en Cuba, estaban allí al frente del levantamiento; mientras el imperialismo acusaba a Cuba y presentaba a la Revolución dominicana, no como un problema interno, sino como un problema externo, este señor acusa a la Revolución de no haber dado un apoyo activo.

¿Y qué se entiende por apoyo activo? ¿Acaso se pretendía que Cuba, cuyas armas, cuyos recursos se sabe cuáles son sus características, podía impedir y debía impedir el desembarco de las tropas norteamericanas en Santo Domingo? ¿tiene Cuba armas para defenderse a sí misma y en una correlación infinitamente inferior a los imperialistas, armas defensivas. Y son tan miserables estos señores, tan desvergonzados, que intentan responsabilizar a Cuba de no haber impedido. Porque ¿qué otra cosa quiere decir apoyo activo? Porque todo cuanto Cuba podía hacer dentro de aquellas circunstancias, todo cuanto Cuba podía hacer y debía hacer, lo hizo. Y pedirle a Cuba que impidiera el desembarco es como pedirle a Cambodia, en el Sudeste de Asia, que impida los bombardeos a Viet Nam del Norte y que impida la ocupación, por la Infantería de Marina yanqui, de Viet Nam del Sur (APLAUSOS).

Desgraciadamente, las fuerzas de Cuba son limitadas. Pero en la medida de esas fuerzas, y de la manera más óptima posible, y de la manera más decidida, a la vez que más adecuada a las circunstancias, presta y prestará a la Revolución su máximo apoyo.

A aquellos que crean que este país teme a los imperialistas, a aquellos que crean —con espíritu de superioridad o con insolente delirio de superioridad sobre nadie— que este país teme a los imperialistas, bien les valdría haber vivido unas horas aquí en este país, cuando la Crisis de Octubre, y cuando por primera vez un pueblo pequeño como este se vio amenazado con una andanada masiva de cohetes nucleares sobre su territorio, la actitud que tuvo este pueblo y la actitud que tuvo el Gobierno Revolucionario (APLAUSOS).

Muchas tonterías, muchas tonterías y muchas bobberías, se escriben, y sobre todo se escriben por los responsables, cuando ciertos documentos no pueden ser dados a la luz.

● Algún día la Humanidad sabrá y conocerá todos los hechos

Pero algún día la Humanidad sabrá y algún día la Humanidad conocerá todos los hechos. Será ese día, cuando los miserables vean que no hubo ningún compañero Guevara asesinado, cuando se conozca con lujo de detalles cada uno de sus pasos, cuando se conozca igualmente cuál fue la posición de Cuba en aquellos días difíciles y cuál fue la serenidad de este pueblo, cuando se comprenda, no habrá nadie,

por insolente que sea, por provocador que sea, que se atreva a poner en duda el sentimiento de solidaridad de este pueblo y el valor de este pueblo.

Valor que lo demuestra el hecho de su conducta. No obstante ser este un país que está a noventa millas de la metrópoli imperialista, sobre cuyas cabezas en los años venideros pesarán enormes peligros en la misma medida en que el movimiento revolucionario crezca —movimiento revolucionario que crece sobre todo a partir del ejemplo de la Revolución cubana; movimiento revolucionario que crece, que se agiganta, por el ejemplo de Cuba, por las victorias de Cuba, por la posición de Cuba frente al enemigo.

Y hay que tener en cuenta que cuando este país desafia ese peligro, este no es un país que posea millones de hombres sobre las armas, este no es un país que posea armas termonucleares, porque aquí nuestros cohetes son morales (APLAUSOS); y el número de millones no es lo infinito, el número de hombres no es lo infinito, sino la dignidad y el decoro de este pueblo.

Y serán los años venideros los que hablen por nosotros y serán los años venideros quienes se encarguen de aplastar a los calumniadores; no a éstos, que son agentes conocidos de los imperialistas, sino a los confusos, a los intrigantes, a quienes se dejan intrigar y sirven de instrumento a las mentiras contra nuestra Revolución.

Altamente compensador es el hecho de lo que en esta Conferencia se demostró, porque esta Conferencia se demostraron muchas cosas. Se demostró, en primer lugar, cómo las discusiones pueden girar, por encima de todo, alrededor de lo que realmente interesa, sobre todo alrededor de lo que interesa a los pueblos que luchan; cómo los pueblos —independientemente de sus fuerzas, independientemente de sus recursos, independientemente de su tamaño— tienen voz y tienen opinión, y cómo los pueblos son capaces de tener criterios propios y voces independientes.

Eso se demostró en esta Conferencia. Pero, además, nos cabe a los cubanos la satisfacción de que juntos, en las mismas posiciones, estuvieron siempre los cubanos y los movimientos revolucionarios, sin distinción de Continente; y cómo la fuerza unida, cómo los criterios revolucionarios, cómo las posiciones más honradas, fueron imponiéndose; y cómo en esta Conferencia —como una compensación frente a los intrigantes y a los calumniadores— los pueblos, los movimientos revolucionarios de liberación siempre, en todo instante, demostraron una grande, una inmensa confianza en Cuba y en su Partido revolucionario, y cómo por eso se hizo a este país el honor de concederle la Secretaría General y la Secretaría temporal de la Organización.

Y considerando la tarea desempeñada por la Delegación cubana, por el Comité de Solidaridad de Cuba, trabajando en favor de la Conferencia, luchando incansablemente para vencer todos los obstáculos, manteniendo en todo momento una posición de principio, objetiva, justa, que ha arriesgado incluso las relaciones de Cuba con algunos países, como es el caso de Indonesia, debido a que habiendo quedado en manos de la Delegación cubana decidir, la Delegación cubana rechazó la Delegación oficial de Indonesia, arriesgando sus relaciones con un Estado de importancia en aquella parte del mundo.

Y aunque para nosotros todos los Estados tienen igual importancia, y todos los pueblos tienen igual derecho, de todas formas sirva este hecho para demostrar hasta qué punto fue, o trató de ser justa, y trató de ser objetiva, y trató de mantener una posición de principios la Delegación cubana.

● Una de las Conferencias donde más seria e infatigablemente se ha trabajado

Sabemos lo que trabajaron todas las Delegaciones, porque según dicen los que han estado en varias Conferencias internacionales, ésta es una de las Conferencias donde más seriamente y más infatigablemente se trabajó. Por eso al haber sido asignada la sede a Cuba, y con la sede la Secretaría General del Organismo, el Buró Político de nuestro Partido acordó nombrar al compañero Osmany Cienfuegos como Secretario General del Organismo (APLAUSOS).

Todas las Delegaciones han tenido la oportunidad de conocer el esfuerzo, y la honradez con

que ese esfuerzo se realizó por el compañero Osmany, en los trabajos preparatorios y en el desarrollo de la Conferencia. Hay que decir que todos cooperaron, que todos contribuyeron, de una manera o de otra, aunar criterios, y al éxito de esta Conferencia. Porque, como decía anteriormente, no siempre coinciden todos esos criterios, pero todos, al fin y al cabo, con un esfuerzo verdaderamente desinteresado contribuyeron a su éxito.

No quiero terminar sin referirme a dos cuestiones: una, la honda preocupación que nos embarga a todos ante los sucesos de Indonesia, ante las noticias que llegan de Indonesia, de que más de 100 mil militantes revolucionarios han sido salvajemente asesinados; ante la noticia de que Aidit y algunos otros dirigentes del Partido Comunista de Indonesia han sido asesinados. Consignar nuestra repulsa, nuestra protesta y nuestra solidaridad con los revolucionarios indonesios, perseguidos hoy por la reacción militarista azuzada por el imperialismo yanqui. Y a la vez, como un homenaje a quien tuvo que ver mucho con el éxito de esta Conferencia, reconocer que Ben Barka (APLAUSOS) fue un factor decisivo con su constancia, con su trabajo personal, en la organización de esta Primera Conferencia Tricontinental, y su esfuerzo, y su trabajo, fue la causa del problema que sucedió. Ben Barka, es opinión generalizada que ha sido asesinado de manera cruel y cobarde. Y si esta Conferencia de Solidaridad está en el deber de dar un paso precisamente como lealtad y como obligación elemental hacia aquel que tan devotamente trabajó por su éxito, debe exigir que el asesinato de Ben Barka sea esclarecido y que los asesinos de Ben Barka sean castigados. Todos los indicios hacen recaer la responsabilidad directa sobre el Ministro del Interior de Marruecos, el general Oufkir, sobre quien recaen todas las sospechas y todos los indicios.

● No podrá el imperialismo detener la marcha victoriosa de los pueblos

Esta Conferencia no debe descansar hasta que no se conozcan con toda claridad los hechos, cuáles fueron los autores materiales, y cuáles fueron los autores intelectuales del asesinato

de Ben Barka, del asesinato de quien era Presidente del Comité Preparatorio de esta Tricontinental. Y este hecho repugnante, monstruoso, demostró ya desde el principio el interés del imperialismo en dificultar la Conferencia, en hacer sacrificar, fracasar la Conferencia. Mas sin embargo, los resultados de esta Conferencia demuestran que la sangre de Ben Barka no se derramó inútilmente y que el crimen de Ben Barka, su asesinato, como el asesinato de Lumumba, como el asesinato de Aidit, como el asesinato de Sandino, que con ninguno de sus crímenes horribles, con ninguno de sus bárbaros actos, el imperialismo podrá detener la marcha victoriosa, la liberación final de los pueblos.

Justo es que dediquemos nuestro recuerdo a los que se han sacrificado por la victoria de sus pueblos, a los que han caído víctimas del imperialismo en todos los continentes; y que nos proponamos ser siempre fieles a esa causa, ser siempre fieles, en Asia, en Africa y en América Latina, a la causa de los que han dado su vida y su sangre por la liberación de los pueblos.

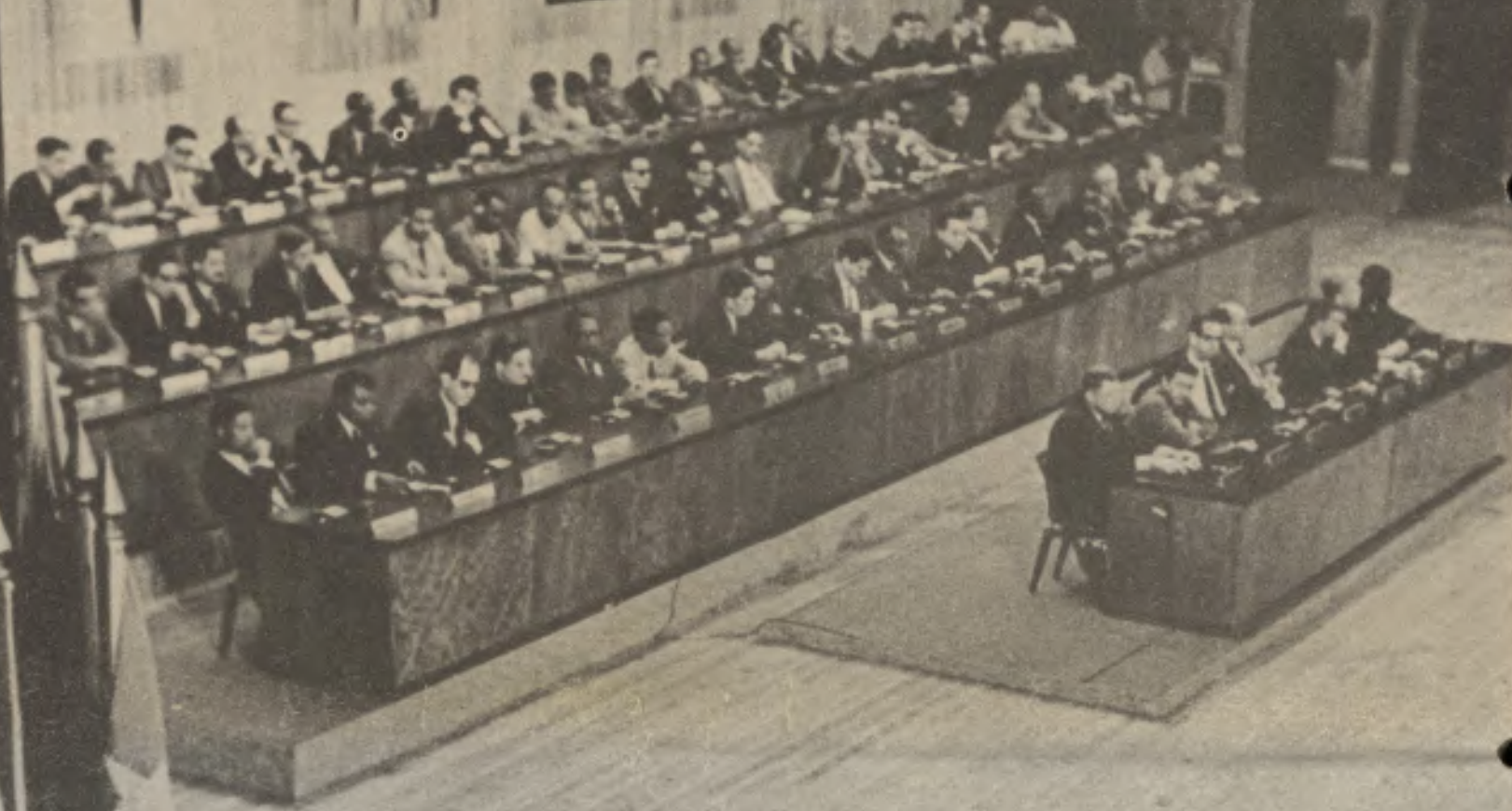
Nuestro país, pueblo que como ustedes han podido ver es un pueblo de integración étnica diversa, resultado de la mezcla de pueblos de distintos continentes, hondamente hermanados por eso con la América Latina, hondamente hermanados con el Africa, hondamente hermanados con todos los pueblos de todos los continentes, ha hecho el máximo por hacer agradable la estancia de las Delegaciones aquí, ha desbordado todo el entusiasmo, y toda la hospitalidad, y todo el calor de que es capaz. Miles de cubanos, incesantemente, sin atender a descanso, sin atender a vacaciones, han trabajado por el éxito de esta Conferencia, han trabajado por atender a las representaciones de los pueblos hermanos. Nuestro pueblo todo ha vivido en estos días la gran fiesta de la solidaridad internacional.

Nuestro pueblo ha sentido como suyo todos y cada uno de los problemas de los demás pueblos. Nuestro pueblo, como les dije el dos de enero, los recibí con los brazos abiertos, y los despide con los brazos cerrados, como símbolo de un lazo que no se romperá más y como símbolo de sus sentimientos fraternales y solidarios hacia los demás pueblos que luchan, por los cuales está dispuesto a dar también su sangre.

¡Patria o Muerte!
¡Venceremos! (OVACION)



CONFERENCIA DE SOLIDARIDAD DE LOS PUEBOS DE
ASIA AFRICA Y AMERICA LATINA



SERA LA HABANA SEDE DE LA GRANDIOSA CONCENTRACION DEL 26 DE JULIO

Vendrán caravanas de las provincias de Pinar del Río, Habana y Matanzas



La ciudad de La Habana será este año la sede de la tradicional y gigantesca concentración con la que nuestro pueblo conmemora el aniversario de la epopeya gloriosa del 26 de Julio de 1953, fecha del asalto al cuartel "Moncada", en la ciudad oriental de Santiago de Cuba, por las fuerzas revolucionarias comandadas por Fidel Castro. El "Moncada", que en aquella época era un cuartel del ejército del tirano Batista, es actualmente un hermoso centro escolar donde cientos de niños y jóvenes cursan enseñanza primaria y secundaria. La noticia de que la capital habanera será la sede del acto central conmemorativo del XIII aniversario de la gesta del Moncada (que marcó el inicio de la guerra de liberación nacional), fue dada a conocer en una reunión celebrada en la Comisión de Orientación Revolucionaria (COR) del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, que estuvo presidida por Raúl García Peláez, responsable de la COR nacional. A la misma asistieron dirigentes del Gobierno Revolucionario, el Partido y las organizaciones de masas. En la reunión se informó que, como en ocasiones

anteriores, el acto se efectuará en la Plaza de la Revolución, y que al mismo asistirán grandes contingentes de personas de las provincias de Pinar del Río, la Habana y Matanzas, los que se concentrarán en ese lugar para participar del acto junto al Primer Ministro y Comandante en Jefe, Fidel Castro.

El compañero Peláez explicó el trabajo de confección de carteles y murales que se está realizando, y señaló que ya se ha iniciado, por medio de la prensa, los organismos de difusión y las organizaciones de masas, el trabajo de propaganda para destacar el programa que enarbolarán los heroicos combatientes del Moncada y las realizaciones de ese programa, contenido en el alegato "La Historia me absolverá", de Fidel Castro.

Entre otros puntos, en la reunión se señaló la labor de movilización que vienen realizando los jóvenes en la organización del IV Congreso Latinoamericano de Estudiantes y la de los trabajadores voluntarios para la agricultura, en saludo al XIII Aniversario del asalto al cuartel "Moncada".

DECLARACIONES DEL GOBIERNO REVOLUCIONARIO

Reitera decisión de materializar nuestra solidaridad con la RDV en la forma que fuere necesario

Condena los bombardeos aéreos yanquis a las instalaciones industriales y zonas densamente pobladas de Hanoi y Haiphong

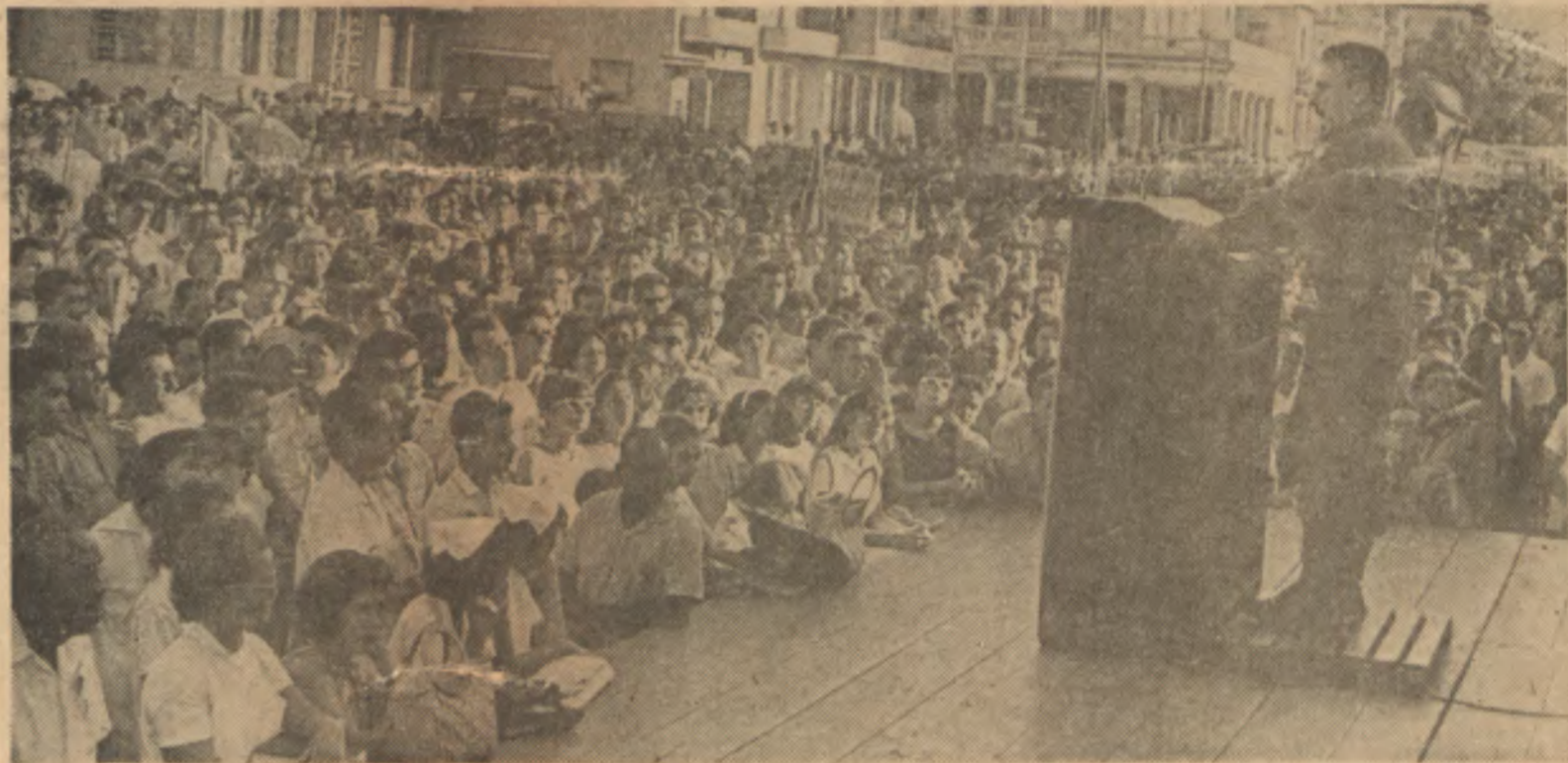
Desde el día 29 de junio la fuerza aérea del gobierno de los Estados Unidos, por orden expreso del presidente Johnson, ha comenzado a bombardear las instalaciones industriales y depósitos de combustibles ubicados en las inmediaciones de Hanoi, capital de la República Democrática de Viet Nam, y en el puerto de Haiphong, lugares en que vive una vasta población civil. Este nuevo paso dado por el gobierno de los Estados Unidos en la sucia guerra que libra contra el heroico y abnegado pueblo vietnamita, constituye un nuevo e intolerable crimen del imperialismo yanqui, que colma de indignación a todos los pueblos del mundo y demanda la más enérgica y decidida respuesta de solidaridad por parte de todos los gobiernos revolucionarios y progresistas.

El Gobierno Revolucionario de Cuba formula la más enérgica condena de este salvaje ataque al pueblo vietnamita y denuncia la amenaza que entraña para todos los pueblos el continuado escalamiento de la acción agresiva del gobierno norteamericano en el sudeste de Asia. Los crueles bombardeos perpetrados por la fuerza aérea norteamericana, ocasionando numerosas pérdidas de vi-

das en la población civil, ponen de manifiesto el verdadero contenido y alcance de la titulada "oferta de paz" del presidente Johnson, burda patraña destinada a encubrir sus vanos propósitos de rendir y avasallar por la violencia y el terror al indolegable e invencible pueblo vietnamita. Nunca, como en esta ocasión, ha quedado exhibida a plena luz la entraña podrida y la conducta farisaica del imperialismo yanqui, responsable de haber desatado en Viet Nam una guerra inmisericorde y cobarde que terminará, inexorablemente, con su derrota aplastante.

Ante la nueva situación creada por los asesinatos de la población civil de Hanoi y Haiphong, el Gobierno Revolucionario y el pueblo de Cuba renuevan su solidaridad militante con el gobierno y el pueblo de la República Democrática de Viet Nam y con los valerosos huestes del Frente de Liberación Nacional de Viet Nam del Sur y, a la par, reiteran su decisión inquebrantable de materializar esa solidaridad en la forma que fuere necesario.

Gobierno Revolucionario
de Cuba.



COMBATIVA SOLIDARIDAD DE CUBA CON VIET NAM

La combativa solidaridad del pueblo cubano con el heroico pueblo vietnamita, y la disposición de materializar esa solidaridad se hicieron evidentes una vez más en los actos organizados en doce de los regionales habaneros por el PCC y el Comité Cubano de Solidaridad. La foto corresponde a la concentración que tuvo lugar frente a la Embajada de la RDV, en la que usaron de la palabra el comandante Faure Chomón, el embajador Ngo Mao y la doctora Melba Hernández. (Amplia información en la página 7).

CONDENA LA OSPAAAL CRIMENES DE LOS YANQUIS Y TIERRES EN SUDVIETNAM

- A pesar del terror y la represión sangrienta los yanquis no logran apagar las llamas de la lucha popular, que se extienden cada vez más
- Los crímenes cometidos por los yanquis y lacayos contra la población urbana y buédistas sudvietnamitas no pueden quedar impunes.

(Página 3)

Presenció Fidel comparecencia sobre los X Juegos

RELATO LLANUSA DETALLES DE LAS PROVOCACIONES Y AGRESIONES A LA DELEGACION CUBANA

Películas, fotos, cartas, ejemplares de periódicos y otros documentos evidenciaron ante nuestro pueblo la campaña de la CIA



Tunas, ciudad libre

Por NICOLAS GUILLEN

ASI como existe hoy un territorio libre en América, que es el de Cuba, existió también una ciudad libre en Cuba, que fue la de Victoria de las Tunas a fines del siglo pasado en las postrimerías de la guerra de independencia. No es que olvidemos a la heroica Bayamo, pero en esta última recibió tal título, o al menos se la llama así en un documento oficial. Y pues está en un plano eminentemente nacional la que fue cuna del dulce, del bucólico Cuaculambé, honor que el pueblo le dispensa por esa feliz circunstancia, no nos rostrará el lector que hablemos un poco en nuestra crónica de hoy de aquella villa oriental, en homenaje a su grandeza.

En nuestra tarea va a ayudarnos un escritor que dejó libros muy interesantes sobre la historia de Cuba, los cuales si no son a veces un modelo de exquisitez literaria (cosa que nunca quiso ni se propuso su autor) dan siempre en el blanco en cuanto a interés y buena información. Hemos mencionado a Gerardo Castellanos, a quien conocimos hace ya no pocos años, en los de nuestra juventud habanera, en casa de aquel prócer de la criolledad que se

llamó Lino Dou, ayudante de José Maceo y hombre fino y de bien hecha cultura. En su libro "Tierras y glorias de Oriente" dedica Castellanos un rico capítulo a Victoria de las Tunas, o Tunas, como él simplemente dice. No vamos a referirnos a todo lo que ese trabajo contiene, pues ello sería empresa para mayor aire que el de esta crónica, sino que tomaremos lo que conviene a nuestro objeto, es decir, la libertad de Tunas, lograda bajo el fuego de los patriotas en una batalla que duró tres días, del 27 al 30 de agosto de 1897, dirigida y planeada por el general Calixto García. Según Castellanos, muy de mañana, el 27, se situaron los insurrectos en las posiciones de combate en la Loma del Cura que habían sido acordadas en consejo de oficiales el día anterior. El entonces brigadier Menocal —tan justamente detestado luego por el jefe cubano en la república cuando ejerció la jefatura de ella como presidente—, el teniente coronel Carlos García (hijo de Calixto) y los oficiales de este último grado Calixto Enamorado y Ángel de la Guardia (muerto poco después) ocuparon con una división y dos regimientos dicho lugar. Calixto García, con su estado mayor, quedó en el Peralejo. En la Loma de Piedra estaban los generales Rabi y Capote con fuerzas de Baracoa y Guantánamo. A pesar de que Tunas era una plaza fuerte, con más de medio millar de soldados en su

recinto, la batalla fue decidiéndose a favor de los cubanos a partir de las once de la mañana del 28, luego de seis horas de dura pelea. En la noche cesaron los fuegos, pero nadie durmió. Empleóse el tiempo en dar y recibir órdenes y fijar posiciones. Todo el mundo en el ejército cubano estaba seguro de que el día siguiente iba a serle asestado el golpe de gracia a aquella fiera herida. Al reanudar el combate, todavía oscuro, los fuertes españoles fueron cayendo uno a uno. El número 11, el de Aragón, los cuarteles de artillería e infantería, el fortín la iglesia. Antes que finalizase la mañana era evidente la victoria mambi. Los hospitales estaban llenos de heridos y enfermos, más de cien prisioneros habían sido tomados al enemigo, con gran copia de pertrechos. Por cierto que cuando el valeroso Ángel de la Guardia ocupa la farmacia del pueblo, pide por carta al general García que "mande gente que sepa para que recoja medicinas que hay mucha y nos hace falta..." Luego, en el mismo mensaje: "Mando un poco de ácido fénico, y un poco de mistela para uted..."

Redirido el jefe de la plaza, Civera, con cuatro oficiales (entre éstos un comandante) y ciento veinte soldados, hizo entrega de las armas de fuego que tenía en su poder, que eran sesenta y una, entre máuseres y remingtons, con el parque correspondiente. Al poseerarse de la ciudad el general García, se instaló en la calle de Campoamor número 3, a donde fue a visitarlo el presidente de la república en armas, Salvador Cisneros Betancourt, marqués de Santa Lucía.

Según Castellanos, el aspecto que ofrecía el pueblo infundía pavor por los destrozos y las muertes. Los cadáveres fueron lanzados a una gran pira, en la imposibilidad de enterrarlos antes de que se corrompieran. Devoivieron a su lugar de origen los numerosos prisioneros hechos a los españoles: 75 a Holguín; 114 a Puerto a Principe (hoy Camagüey); 14 a Bayamo; 151 a Fuerte Bramosa... La ciudad fue llamada Victoria Cubana de las Tunas, y ocupó el cargo de primer gobernador militar el entonces teniente coronel Armando de la Riva, muerto bajo la república en un sonadísimo incidente que costó la carrera política al general Asbát. Es interesante por cierto el texto de la Orden general dictada el 30 de agosto, en la que dice así: "En la ciudad libre de Tunas de Bayamo. Jefe de día: teniente coronel Felipe Heredia. Oficiales de servicio: teniente Francisco Martínez, subteniente Anibal Escalante. Avanzada: la peñita el jefe de día oportunamente. Observaciones: está terminantemente prohibido el saqueo bajo pena de vida. P.O. El Jefe de Estado Mayor, Tomás Collazo."

El 31 de agosto, es decir, al siguiente día de aquella gran victoria, Calixto García escribió a Estrada Palma para darle cuenta de ella. "Gran parte del triunfo —dice el jefe oriental— se debe al cañón de dinamita, que hizo prodigios. Los soldados y oficiales españoles están aterrados con los destrozos que hace, y pidiéron ver al artillero, que creían 'yanqui'. No sabe usted el orgullo con que les presenté al niño hoy comandante Juan Miguel Portuendo, diciéndoles: 'es cubano...'"

PAGINA DE LA HISTORIA

Dos intervenciones norteamericanas en Cuba

Por ARNALDO HERNANDEZ

UNA vez liquidada la guerra hispano-americana con la capitulación de las tropas españolas frente al ejército norteamericano —que había intervenido en la guerra para evitar que Cuba fuera libre por su propia fuerza—, la soberanía cubana —la isla quedó en un estado, prácticamente, desastroso. El país había sido arrasado.

La riqueza pública había sido totalmente destruida. Los sitios de labranza y las plantaciones de caña, fuentes principales de producción, habían desaparecido por completo. Por todas partes se veía hambre y pobreza. El pueblo había agotado sus recursos. La intervención norteamericana, representación del imperialismo naciente, se frotaba las manos, gozosa. Todas las ricas posibilidades de desarrollo capitalista de Cuba quedaban a su voluntad. La intervención, fiel a las ambiciones imperialistas de expansión, quedaba encargada de fijar las bases para la explotación futura.

Así se iniciaron las reformas que aseguraban a Estados Unidos la posesión económica de Cuba. El capital imperialista se propina, claramente, establecer la dependencia económica y política del territorio cubano. Las alusiones a este asunto eran claras y contundentes, Estados Unidos no dejaría a Cuba sino cuando liquidada su ocupación de la isla, dejara fijados los lazos de dependencia y explotación del país. El General Brooke, al frente del gobierno interviniente, se encargaría de esta misión.

A mediados de enero de 1899 se iniciaban las reformas norteamericanas. Brooke ordenaba la formación del gobierno civil de Cuba. Inmediatamente lo dividía en 5 departamentos: Hacienda, Estado y Gobernación; Justicia e Instrucción Pública; Agricultura, Comercio, Industria y Obras Públicas. Al frente de estos aparatos de gobierno la intervención situaba hombres de su confianza y, en ciertos casos, concedía algún cargo a hombres que no resultaban de ninguna manera condicionales a los intereses norteamericanos. ¡Una de cal y otra de arena! Sin embargo, en todo ponían sus manos los intervencionistas. Se preocupaban de fijar sólidamente sus bases futuras de explotación.

Nombraron los gobernadores civiles para las provincias. Crearon el Tribunal Supremo. Iniciaron la organización de la guardia rural y discutieron el pago del licenciamiento del Ejército Libertador Cubano —el cual intentaron llevar a cabo de manera humillante—. Gómez intervino entonces, resolviendo la grave situación que había creado la intencional yanqui.

Los cubanos comenzaron así a conocer el desdoro de las tropas norteamericanas de ocupación.

CUBA reconoció, al proclamarse independiente, "el principio fundamental de la independencia nacional, el derecho de los cubanos a gobernarse por sí mismos, votar sus propias leyes y determinar su destino según el concepto de que todos los poderes públicos dimanan del pueblo" ("Los fundamentos del socialismo en Cuba", de Blas Roca). Sin embargo estos principios nacieron limitados en sus aspectos fundamentales:

"La independencia nacional, bajo el tutelaje establecido en la Enmienda Platt y completado prácticamente a través del dominio económico de los capitalistas extranjeros, no era una independencia completa sino una especie de autonomía concedida hasta cierto límite" ("Los fundamentos del socialismo en Cuba", de Blas Roca).

¿Qué eran, realmente, esas limitaciones? En la primera intervención norteamericana (imposición de la Enmienda Platt, creación de aparatos judiciales, económicos, políticos y represivos: concesiones y compras de tierras a precios irrisorios, inversión desmedida de capital extranjero, etc.) las limitaciones apuntadas arriba sentaron las bases de las intervenciones futuras.

La segunda intervención, pues, fue una consecuencia desgraciada de la primera intromisión yanqui en nuestros asuntos.

Estrada Palma —imposición de la primera intervención— una vez liquidado el período para el que fuera electo en 1902, había aceptado su postulación por el Partido Moderado para un segundo período presidencial. En las elecciones contra el Partido Liberal (la oposición) resultó electo, nuevamente. Los atropellos cometidos durante el proceso electoral, y aún antes, provocaron un fuerte movimiento de protesta en varios lugares de Cuba, culminando con la llamada "guerrita de agosto". La oposición exigía tres soluciones fundamentales: 1) La renuncia de Estrada Palma y sus consejeros, 2) El restablecimiento de la Constitución violada y 3) La celebración de nuevas elecciones generales.

La rebelión "logró manifestarse con fuerza en las provincias de Pinar del Río, la Habana y Las Villas. Carente de verdadero ejército, Estrada Palma no pudo sofocarla, y los liberales alzados fueron haciéndose dueños absolutos de la situación". ("El cincuentenario de un gran crimen", Cuba Socialista, diciembre del 62, Sergio Aguirre).

Sin embargo, opositores y gobierno, considerándose cada uno de ellos débil para triunfar en la contienda, acudieron al gobierno norteamericano, capaz de "arreglar una solución definitiva"... a su modo.

Al Partido Liberal "cabe la triste historia de ser el primero que pidió la intervención norteamericana" el 24 de agosto de 1906 ("Historia de la Enmienda Platt" de Emilio Roig). Lo comprueba una carta mensaje publicada en el New York Tribune en esa fe-

cha, dirigida por los cubanos residentes en New York afiliados al Partido Liberal, "en la que pedían al presidente Theodore Roosevelt que de acuerdo con los preceptos de la Enmienda Platt nombrase una comisión de norteamericanos para investigar las elecciones pasadas y presidir una nueva elección presidencial" ("Historia de la Enmienda Platt" de Emilio Roig).

Por su parte, Estrada Palma no desechó el procedimiento. En un informe redactado el 11 de diciembre de 1906 por los comisionados yanquis William H. Taft, secretario de la Guerra, y Robert Bacon, subsecretario de Estado, dando cuenta al presidente Roosevelt de su actuación en Cuba durante la guerra iniciada en agosto de ese mismo año, "figuran los cables de septiembre 8 y días posteriores, por los que parece que el presidente Estrada Palma pidió al presidente Roosevelt el envío de barcos de guerra y tropas para dominar la revolución, así como la resolución irrevocable que aquél tomó de emitir y entregar el gobierno de Cuba al representante que el presidente de los Estados Unidos designe" ("Historia de la Enmienda Platt" de Emilio Roig).

"Por unos breves días, a fines de septiembre y principios de octubre, el secretario de la Guerra de Estados Unidos, Mr. William Taft, luego el cargo de gobernador provisional. Luego le sucedió el abogado Charles Magoon, cuyo mandato se extendió hasta enero de 1905. El día 28 asumió la presidencia el general José Miguel Gómez. Ahora restaurada la República, tocó al Partido Liberal gobernar al país". ("El cincuentenario de un gran crimen", Cuba Socialista, diciembre del 62, de Sergio Aguirre).

Estrada Palma había renunciado (después del vicepresidente Domingo Méndez Capote) aceptando, a su vez, la renuncia de todos los secretarios del despacho, "sin nombrar otros que los sucedieran, como estaba obligado a hacer por la ley, realizando todo ello con el calculado propósito de que el gobierno de la República quedara acéfalo y los Estados Unidos se vieran obligados a intervenir" ("Historia de la Enmienda Platt" de Emilio Roig). ¡Los cubanos, por supuesto, intervinieron!

Se encargó provisionalmente del gobierno de la República, durante unos días, Mr. Taft, y luego Charles Magoon. Ese fue el triste saldo de la segunda intervención norteamericana en Cuba. Veamos, para su comprobación final, el análisis que de la política yanqui en Cuba, hiciera un economista norteamericano:

"A medida que las empresas norteamericanas en Cuba se multiplicaron en número e importancia, se alteró el carácter de la política económica. Fuimos interesándonos cada vez menos por la República de Cuba, preocupándonos más por los intereses de los Estados Unidos en la isla. Siempre que fue posible hicimos uso de la Enmienda Platt para justificar nuestra conducta, forzando groseramente su significado y designio" ("Nuestra Colonia de Cuba", Leland P. Jenks).

¡Los hechos son harto elocuentes...!

El problema clave del plan "LA ESCUELA AL CAMPO"

Por GASPAR JORGE GARCIA GALLO

EL revolucionario plan de producción económica y de promoción escolar que ya toda Cuba conoce con el nombre "La Escuela al Campo" tiene, entre sus implicaciones, una que está empezando a producir un violento impacto en la ciencia pedagógica y en el arte de enseñar. Se trata de la medida del plan en su vertiente educativa.

¿Qué es lo que se enseña mientras se produce y cómo se ha de enseñar? Las respuestas a estas preguntas no pueden encontrarse en ninguna monografía, porque en ningún país del mundo se ha establecido, hasta ahora, este sistema de siete semanas de trabajo productivo continuado durante el desarrollo regular de un curso escolar, en forma masiva, para todo un nivel de la enseñanza.

Las seis semanas en que funcionó el plan piloto de Camagüey con los alumnos externos de Secundarias Básicas y de Preuniversitarios que en más de 7,000 participaron voluntariamente en el Plan, y los miles de alumnos del Plan de Becas que todavía están experimentando esta revolucionaria medida, nos han permitido elaborar algunas conclusiones provisionales como hipótesis de trabajo.

De entrada podemos dejar establecida la tesis de que, tanto el contenido, como la técnica aplicables, rompiendo todos los esquemas de la pedagogía tradicional, exigirán una disposición nueva de los trabajadores docentes. Veamos ahora las cuestiones problemáticas que brotan del nuevo contenido; de aquello que debe enseñarse.

No hay dudas de que este contenido debe encuadrarse —por ahora— en el marco del programa de las materias que se cursan regularmente para evitar romper la continuidad de los estudios, pero, a la vez, lo que se enseña debe adecuarse a los planes prospectivos de nuestra economía agropecuaria, a las condiciones materiales del lugar donde están ubicados los campamentos, al tipo de producción de la zona, y a las posibilidades de utilización del personal docente.

Sobre el modo enseñar y el espíritu de la enseñanza —también han surgido y habrán de surgir otras contradicciones muy serias, pues la enseñanza tiene que orientarse al conocimiento del medio y de sus dificultades con la meta de contribuir a su transformación.

En cuanto a la didáctica —sin menospreciar lo que tienen de válidos los métodos y procedimientos tradicionales— tendrá que afinarse en lo incidental y lo problemático, pero no dejado a la espontaneidad sino previsto y planeado en sus líneas generales.

El método de mayor eficacia está probando ser el de la discusión de los problemas relacionados con la producción y con las necesidades del medio físico y social donde viven, trabajan y estudian los alumnos. El procedimiento de mayor utilidad —entre los varios que pueden emplearse— es el de la observación y fijación por escrito de lo observado, tomándose de base para la discusión colectiva en las horas regulares de estudio.

Esta nueva didáctica impuesta por la realidad exige que el personal docente —como lo ha venido haciendo— acompañe, la mayor parte de tiempo, a los alumnos, trabaje y conviva con ellos, de modo que pueda aprovechar toda oportunidad para hacer o provocar observaciones y fijar conceptos, contribuyendo así, en vivo, a la instrucción y la formación del educando. Los profesores, los monitores que han de ayudarlos, los inspectores y el resto del personal docente dirigente están obligados a estudiar con suficiente antelación las condiciones del medio donde van a trabajar las siete semanas que dura el plan para aprovecharlas adecuadamente en el aprendizaje.

El paisaje geográfico (medio físico) y el paisaje humano (condiciones económico-sociales) ofrecen innumerables oportunidades para el conocimiento de las ciencias básicas (matemática, física, química y biología) las ciencias sociales, la estética, la educación física y la moral.

Los funcionarios responsabilizados con el plan han llegado a la conclusión de que deben utilizarse las siguientes posibilidades, en las zonas donde están ubicados los campamentos:

El medio físico, es decir, el relieve de la región, la naturaleza de las rocas y del suelo, la erosión, el micro-clima, los tipos de cultivo, el ganado, los bosques, etc., etc.

La economía de la región: si es azucarera, ganadera, minera, forestal, frutera, de cultivos menores, etc.; los medios de trabajo, las técnicas que se emplean, las antiguas y las nuevas relaciones de producción, etc. Las comunicaciones y sus variados tipos. La historia de la comunidad. Las biografías de los mártires que dan nombre a las granjas del pueblo, a los centrales, departamentos, etc. El poblamiento de la región y las condiciones materiales de vida, antes y después de la Revolución. El habla de la región, las tradiciones, el folklore, y las formas sociales de convivencia.

Las manifestaciones de belleza en el paisaje geográfico y en la vida humana. Los deportes y la recreación que se practican en la zona. Las expresiones de la nueva moral socialista y las supervivencias de la moral precedente, en particular, las supersticiones religiosas y de otro tipo. Esta enumeración prueba la revolución que se producirá en la pedagogía, si se utiliza bien el libro de la vida; si el maestro cumple su papel de intermediario entre el objeto del conocimiento que es el mundo circundante y el sujeto del conocimiento que es el alumno; si el profesor deja de ser, lo que es hoy, en la enseñanza verbalista, un objeto de conocimiento distorsionado que aísla al estudiante de la naturaleza y de la sociedad.

Por último, uno de los problemas que se derivan de la cuestión clave es el del programa. El problema, como se plantea actualmente, es: ¿se sigue el curso regular de los programas de las materias del currículum, mientras se está en la producción o se confecciona un programa especial durante ese tiempo? Hasta ahora, los criterios prevalentes buscan producir la unidad de los dos. Pero no absolutizar ninguno de los dos términos del dilema. Pero en realidad no existe tal dilema. Lo que ocurre, como expresa Lenin, es que se identifican las dificultades de hecho con las dificultades de principio.

Plantearse ese dilema es una reminiscencia casi escolástica, porque en la esencia de esa actitud mental está la estimación de que fuera del aula no se puede lograr la unidad de lo formativo y de lo docente; cuando en realidad, al vincular la teoría con la práctica, la enseñanza con el trabajo y la escuela con la vida, es como se logra plasmar ambas cosas. Lo docente, porque la práctica es la fuente y el criterio de la verdad, y la posibilidad máxima de captar la esencia de los objetos y fenómenos de la naturaleza a través de la experimentación, permitiendo la concreción del programa con la eliminación de todo lo fenomenológico, no necesario al objeto del conocimiento concreto. Formativo, porque el trabajo crea al hombre y lo diferencia de la naturaleza; y el trabajo, tanto en la producción como en la escuela, si ésta se vincula a la práctica social, es el medio más eficaz de formar el hombre científico, moralmente comunista. No es justo presentar el dilema de si los programas han de tener más peso formativo o más peso docente, porque la instrucción y la educación tienen contradicciones en la sociedad burguesa, y aparecen en ella desiguales; pero no ocurre así en el socialismo donde se identifican la ideología y la ciencia por cuanto ésta no es ya ciencia descriptiva, sino ciencia experimental, de dominio de la ley.

Y erran totalmente los pedagogos que aún puedan pensar que las siete semanas de trabajo productivo significarán un sacrificio en la docencia. Si algún sacrificio hubiera, éste será el sacrificio del formalismo, del verbalismo, del intelectualismo, de la ciencia descriptiva, de lo fenomenológico.

Venceremos las dificultades de hecho, tanto las que nos presenta la naturaleza como aquellas que radican en el cerebro del hombre, y aprenderemos a elaborar nuestra pedagogía científica, en la vida y revolucionariamente, como ya se está haciendo en diversos sectores, aún dispersos, de la docencia cubana.



Resumen Semanal del

Granma

Organo Oficial del Comité Central del Partido Comunista de Cuba

DIRECTOR: Isidoro Malmierca

Redacción y Administración: Aranguren 604 esq. a Masó La Habana, Cuba

Teléfonos: 70-0443 y 70-0093

Este resumen recoge las ediciones elaboradas publicadas desde el sábado de la semana anterior hasta el viernes de la semana actual.



QUIEREN LOS YANQUIS CON ACTOS CRIMINALES CUBRIR SU DERROTA EN VIET NAM

El Comité Tricontinental de Apoyo a Viet Nam hizo hoy un llamamiento a todos los Comités Nacionales de Solidaridad con Viet Nam, para emprender todo género de acciones en solidaridad con la lucha que libra el pueblo vietnamita contra el imperialismo norteamericano.

A continuación, el texto completo del llamamiento: "Aviones norteamericanos han bombardeado en los últimos días la periferia de la ciudad de Hanoi y la ciudad de Haiphong. El imperialismo norteamericano, violando una vez más los acuerdos de Ginebra de 1954 sobre Viet Nam y todas las normas del derecho internacional, extiende su criminal agresión a la República Democrática de Viet Nam y convierte las instalaciones petroleras e industrias de esas ciudades en blancos de sus bombas, poniendo de nuevo en evidencia el sucio carácter de esta guerra, pues estos bombardeos acarrean no sólo daños materiales para el valiente pueblo de Viet Nam, sino también grandes pérdidas humanas.

• Pretenden ocultar la derrota "Los agresores yanquis pretenden de esta manera salirse del atoladero en que se encuentran como consecuencia de las graves derrotas que el heroico pueblo de Viet Nam del Sur ha infligido a los cuerpos expedicionarios que los E.U., en número cada vez más creciente, mantienen en ese país. Con la extensión del conflicto mediante estos criminales bombardeos, en una maniobra que afecta en sumo grado las posibilidades de paz en esa región del mundo, los norteamericanos quieren cubrir sus propias derrotas que sufren tanto sus tropas como las de sus lacayos no sólo en los frentes guerrilleros, sino también en las ciudades de Viet Nam del Sur, donde la resistencia al agresor es a todas luces incontestable.

• Insolente provocación "Los bombardeos a Hanoi y Haiphong constituyen una insolente provocación al campo socialista, un reto a las fuerzas de liberación nacional y a todos los países amantes de la paz y la justicia del mundo.

Los agresores yanquis, ejecutando la política trazada por los círculos reaccionarios de los E.U., muestran hoy al mundo los verdaderos designios del imperialismo: la falacia de las palabras de las autoridades norteamericanas sobre la "paz" y las "conversaciones incondicionales" quedan perfectamente al descubierto, con la realización de sus bombardeos en Viet Nam del Norte. La resistencia heroica del pueblo de Viet Nam del Sur, la contundente respuesta que el pueblo de Viet Nam del Norte está dando a las agresiones yanquis, indican ejemplarmente a los pueblos del mundo que sólo con la firmeza, con el empleo de todos los recursos de los pueblos en la lucha, se puede derrotar esta política. Los grandes sacrificios del pueblo de Viet Nam conducirán a la aplastante derrota del imperialismo norteamericano e impondrán la paz en el Viet Nam sobre la única

base posible: el reconocimiento de los cuatro puntos del Gobierno de la República Democrática de Viet Nam y los cinco puntos del Frente Nacional de Liberación de Viet Nam del Sur.

• Denuncia ante el mundo "El Comité Tricontinental de Apoyo a Viet Nam condena categóricamente los criminales bombardeos de Hanoi y Haiphong, denuncia ante el mundo la gravedad de este nuevo pasado de los agresores yanquis en su guerra de escalada y da su pleno apoyo a la heroica respuesta que está dando el pueblo vietnamita, que, lejos de intimidarse por los nuevos actos criminales, redobla sus esfuerzos en todos los terrenos de batalla.

"El Comité Tricontinental de Apoyo a Viet Nam llama a todos los Comités Nacionales de Solidaridad con Viet Nam constituidos en nuestros continentes, a emprender todo género de acciones en solidaridad con la lucha que el pueblo de Viet Nam libra contra nuestro enemigo común: el imperialismo norteamericano. Llamamos a los estudiantes, a los obreros, campesinos, así como a los intelectuales progresistas de nuestros países a responder con ferviente apoyo al llamado de los comités de ayuda a Viet Nam en las ciudades y en los campos, en las fábricas y universidades.

• Llamado del Comité "Llamamos a los pueblos de nuestros tres continentes a seguir el ejemplo que señala la heroica lucha de Viet Nam; que, en los momentos en que los viles agresores yanquis dañan las vidas y propiedades del glorioso pueblo de Viet Nam, respaldan nuestros pueblos combatiendo, con todo género de acciones, contra el imperialismo norteamericano allí donde esté presente.

"El Comité Tricontinental de Apoyo a Viet Nam llama igualmente a los países del campo socialista a seguir el ejemplo que nos señala el heroico pueblo de Viet Nam, empleando todos sus recursos para cortar las manos al imperialismo norteamericano y detener la campaña de agresiones contra la paz mundial.

"Llamamos a todos los pueblos y gobiernos que aprecian la paz y la justicia a extender continuamente el apoyo y la ayuda a la lucha patriótica del pueblo vietnamita a que condene severamente a los imperialistas norteamericanos y tomen medidas resueltas para detener la guerra agresiva. "Llamamos a todos los pueblos del mundo, especialmente al pueblo norteamericano, por amor a la paz y a la justicia y en defensa de sus derechos nacionales, a fortalecer su solidaridad combativa con el pueblo vietnamita y exigir resueltamente que se ponga fin a la guerra criminal de agresión a Viet Nam, que se retiren todas las tropas norteamericanas y que el gobierno norteamericano respete los derechos nacionales del pueblo vietnamita".

DECLARACIONES DE LA OSPAAAL

LLAMA A NO ESCATIMAR ACCION PARA DETENER LOS CRIMENES IMPERIALISTAS

Declaración del Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL sobre el movimiento de lucha de la población urbana y los budistas de Viet Nam del Sur.

Desde el mes de marzo del año en curso hasta ahora, en tres grandes ciudades (Saigón, Hue y Da Nang) y 23 capitales provinciales de Viet Nam del Sur, amplios sectores de la población urbana, jóvenes, estudiantes, trabajadores, campesinos, comerciantes, intelectuales, budistas, se han erguido en una lucha decidida contra el régimen títere de Nguyen Van Thieu y Nguyen Cao Ky, fieles lacayos del imperialismo norteamericano, y contra los agresores yanquis. En muchos casos las fuerzas de oposición tomaron ciudades bajo su control, y un número importante de funcionarios del régimen títere y militares del ejército mercenario se pusieron del lado del pueblo en oposición al gobierno vendepatriota de Saigón. Se trata de una lucha justa cuya fundamental causa no es otra que la política agresiva del imperialismo norteamericano así como los innumerables crímenes perpetrados por los yanquis y la camarilla títere Thieu-Ky, que han traído tanta desgracia, tanto dolor y tanto sufrimiento a la parte de la población sudvietnamita que aún se encuentra bajo su control.

Esta lucha política constituye un fulminante golpe asestado a la cabeza de los agresores yanquis y sus títeres, que están todavía aturdidos ante los ignominiosos fracasos militares que sufrieron en su "plan de contraofensiva de la estación seca". La actual lucha heroica de la población urbana sudvietnamita, que cuenta con la participación de millones

de personas, a la vez que desenmascara totalmente a los lacayos vendepatrias de Saigón, también echa abajo toda la propaganda del imperialismo yanqui que se presenta como "defensor de la libertad del pueblo sudvietnamita".

Enloquecidos ante los continuos fracasos políticos y militares e impotentes ante el auge de la lucha popular, el imperialismo yanqui y la camarilla títere Thieu-Ky han enviado sus tropas a reprimir salvajemente a la población de Da Nang, Hue y Saigón. Solamente en la ciudad de Da Nang, del 14 al 24 de mayo de 1966, asesinaron e hirieron a miles de personas y encarcelaron a otras miles. Llegaron hasta a utilizar aviones y tanques para arrasar pagodas y santuarios budistas y matar a centenares de sacerdotes.

En muchas ciudades como en Hoi An, Vinh Dien y otras, las tropas mercenarias penetraron en las pagodas, arrestaron y torturaron salvajemente, hasta dejarlas muertas, a centenares de personas y después arrojaron sus cadáveres en los ríos y en el mar. En Saigón mismo, los imperialistas yanquis y sus lacayos movilizaron a la policía y al ejército títere para reprimir la manifestaciones populares, utilizando granadas de gases tóxicos y otros métodos salvajes, causando centenares de víctimas.

Miles de estudiantes y creyentes budistas han sido detenidos. A pesar del terror y de la represión más sangrienta los yanquis y sus lacayos no logran apagar las llamas de la lucha popular que no hacen sino extenderse cada vez más. Muchos sacerdotes budistas se

han sacrificado valientemente quemándose vivos para expresar su profundo repudio a los crímenes del imperialismo y de sus títeres.

Estos hechos han conmovido toda la opinión pública mundial y recuerdan a los pueblos del mundo la barbarie de las hordas fascistas hitlerianas. Los crímenes cometidos por los yanquis y sus lacayos contra la población urbana y budista sudvietnamita no pueden quedar impunes. Los agresores imperialistas y los asesinos deben recibir el castigo merecido.

El Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL, fiel al espíritu de las resoluciones de la Primera Conferencia de Solidaridad de los Pueblos de Asia, África y América Latina e interpretando la voluntad y los sentimientos de miles de millones de hombres de estos tres continentes, condena energicamente los actos criminales perpetrados por el imperialismo norteamericano y la camarilla de Thieu-Ky contra el pueblo de las ciudades de Viet Nam del Sur y reitera su profunda simpatía y su firme respaldo sin reservas a la justa lucha del pueblo sudvietnamita en general y de la población urbana sudvietnamita en particular. El Secretariado Ejecutivo de la OSPAAAL llama a todos los pueblos, gobiernos progresistas, organizaciones políticas y religiosas y personalidades progresistas de Asia, África y América Latina, así como del resto del mundo, a no escatimar ninguna acción energética para detener las manos asesinas del imperialismo norteamericano y de la camarilla títere de Saigón, Thieu-Ky, y para expresar su apoyo a la justa lucha de la población de las ciudades de Viet Nam del Sur.

Celebrarán desde el 17 de este mes asambleas de rendición de cuentas del poder local al pueblo

Se efectuarán simultáneamente en todos los municipios del país en saludo al 26 de Julio

Las asambleas municipales de rendición de cuentas al pueblo se celebrarán en todo el país —simultáneamente— el día 17 de este mes en saludo al 26 de Julio, XIII aniversario de la gloriosa gesta del asalto al cuartel "Moncada", fecha que marcó el inicio de la guerra de liberación nacional.

En estas asambleas de rendición de cuentas se analizará la labor realizada durante el primer semestre del presente año por las administraciones municipales, también llamadas del poder local, que fueron constituidas en enero de 1966.

La información de la celebración de dichas asambleas fue ofrecida en una reunión de los presidentes de las administraciones provinciales con el coordinador nacional de las administraciones locales, compañero José A. Naranjo, primer secretario del Comité Provincial de la Habana del Partido Comunista de Cuba y miembro del CC del PCC. Siguiendo las orientaciones del primer ministro, comandante Fidel Castro, dichas asambleas habrán de efectuarse cada seis meses en todo el país.

El pasado mes de enero quedaron constituidas las administraciones provinciales, regionales y municipales en toda la nación, a excepción del área de La Habana Metropolitana, para la que se ha creado una comisión de estudio respecto a la estructura que habrá de adoptar la administración de esta extensa localidad.

• Desarrollo de las asambleas Según el método adoptado para el desarrollo de las asambleas, éstas contemplan cinco fases: chequeo administrativo, en el que participará el comité ejecutivo de la administración municipal, el secretario general del Comité Municipal del PCC y algún otro miembro del mismo, quienes analizarán permanentemente el cumplimiento del plan de trabajo para el semestre; chequeo físico, durante el cual se girará una visita a todos los centros comerciales, obras en construcción o terminadas, se formularán preguntas a los vecinos de la localidad y a los clientes de las unidades comerciales de que se encuentra encargada la administración y se efectuará encuesta sobre la opinión que el pueblo de cada municipalidad tiene de su administración. La tercera fase se refiere a los debates en los que se exaltarán los éxitos y se plantearán las deficiencias del trabajo. Las dos fases restantes serán de aprobación y votación de los informes, y de realización de las conclusiones pertinentes, que estarán a cargo de un dirigente del Comité Regional o Provincial o del Comité Central del Partido.

• Más de 10 mil delegados En las asambleas de información al pueblo, esto es, de rendición de cuentas, participarán 10,857 delegados que representan los 294 municipios y 44 regionales existentes en el país. El número de regionales por provincia es el siguiente: Pinar del Río, 6; Habana (interior), 4; Matanzas, 6; Las Villas, 6; Camagüey, 11 y Oriente, 11.

• ¿Cómo se eligieron los delegados? Los delegados de las diversas administraciones municipales fueron elegidos durante el mes de diciembre de 1965 en asambleas en los centros de trabajo. Los delegados representan en el poder local a todos los trabajadores, no al centro de trabajo propiamente dicho. Su elección se hizo en proporción del uno por ciento; el cargo se considera honorífico, por lo que no perciben salario alguno por sus funciones.

Las comisiones de trabajo de las administraciones regularmente son cuatro: de Servicios Comunes; de Empresas; de Actividades Recreativas; y de Ornato y Construcción. No obstante, éstas pueden llegar a ser más en algunos municipios, si las necesidades y características de la localidad así lo exigen, ya que no se ha esquematisado la estructura administrativa en ese aspecto.

Se calcula que las 16,525 unidades que estarán atendidas por las administraciones locales a fines de este año, cuando se adicionen unidades que actualmente administran el Instituto Nacional de la Reforma Agraria y los ministerios de la Alimentación e Industrias, tendrán un volumen de operaciones de más de mil millones de pesos anuales. El 70 por ciento de las utilidades obtenidas por las administraciones locales se ingresa en el presupuesto del Estado como aporte de dichos organismos, y el restante 30 por ciento se dedica por las administraciones a inversiones, mantenimiento, etc., de las unidades, así como a otras atenciones al pueblo.

EXAMENES DE 15,000 ALUMNOS DE SECUNDARIA BASICA EN EDUCACION OBRERA Y CAMPESINA

Alrededor de 15,000 alumnos de secundaria básica de adultos de unos 980 centros se encuentran realizando en todo el país los exámenes finales de curso, de acuerdo al calendario normal, en las materias de química, física, biología, español y matemática.

Los cursos secundarios vienen funcionando desde hace tres años, creados por el Ministerio de Educación con el fin de que los alumnos adultos que terminen el sexto grado continúen su preparación y puedan ingresar en las facultades preparatorias obreras de las universidades o en escuelas de enseñanza técnica.

El entusiasmo entre el alumnado de Educación Obrera Campesina es grande y la promoción nacional de los mismos será un homenaje al 26 de Julio y al XII Congreso de la CTC. Los exámenes que comenzaron el pasado día 4 se extenderán hasta el día 14 del presente mes de julio.

Ofreció Fidel comida de despedida a Jon Don Chel

El excelentísimo señor Jon Don Chel, embajador de Corea en Cuba, regresó hace unos días a su país después de varios años de trabajo en nuestra patria. Con este motivo, el primer secretario de nuestro Partido, comandante Fidel Castro, le ofreció una fraternal comida de despedida en el Palacio de la Revolución. En la misma estuvieron presentes, ade-

Condena Comité Cubano de Solidaridad con Viet Nam ataques a Hanoi y Haiphong

Para condenar los recientes bombardeos aéreos yanquis a instalaciones industriales de zonas densamente pobladas en Hanoi y Haiphong, en la República Democrática de Viet Nam, el Comité Cubano de Solidaridad con Viet Nam del Sur emitió hoy unas declaraciones en las que brinda el apoyo más decidido del pueblo de Cuba al vietnamita, en lo que fuere necesario, cuando y como se requiera, el mismo modo que lo han planteado nuestro Partido y Gobierno Revolucionario a través del Primer Secretario, Comandante en Jefe, Fidel Castro, y del Presidente Dorticos.

Denuncia el documento que horas antes de que Johnson ordenara abrir fuego sobre los objetivos industriales, situados a sólo 4 kilómetros del centro de la ciudad de Hanoi, los propios cables procedentes de Washington transmitían una declaración del Subsecretario de Estado, G. Ball, en los que éste "despectaba" la versión que Estados Unidos habían tomado de la decisión de bombardear las instalaciones industriales y portuarias de Viet Nam del Norte. Todo lo cual —dice la declaración— prueba que la máquina de gobierno norteamericana es capaz de recurrir al engaño de su propio pueblo para defender sus intereses guerrilleros que producen enormes dividendos.

"A los cubanos no nos engañan, como tampoco a los vietnamitas, porque sabemos que sólo puede haber paz con la retirada yanqui del territorio del sur de Viet Nam, que conlleva el cese definitivo de los infernales bombardeos a la población del norte y del sur, instalaciones industriales y fuentes de energía vitales para el desarrollo de la vida en la RDV...", y agrega el documento que "más tarde o más temprano los imperialistas yanquis extenderán a las instalaciones hidráulicas del norte de Viet Nam" esos ataques, y precisamente el hecho de que los voceros yanquis nieguen una y otra vez esa revelada cruel de destruir los diques, evidencia certeza de la amenaza de que ese paso criminal será dado por el imperialismo de Estados Unidos, si antes no le cortamos las manos en Viet Nam, como advirtiera Fidel.

En otra parte de la declaración se expresa que el pueblo de Cuba, que no le ha temido, no le teme ni le temerá nunca a Estados Unidos, a su poderío real y subjetivo, que no le importa la corta distancia que la separa de sus costas, ni la condición que tenemos de país pequeño, sigue apoyando irremisiblemente a Viet Nam en su cruzada heroica contra la guerra de agresión del imperialismo yanqui en su suelo.

Arriban delegaciones extranjeras invitadas a los actos del día 26



La delegación de Siria El delegado de Gran Bretaña

Delegaciones de la República Popular Democrática de Corea, Siria, Gran Bretaña y Suecia arribaron a La Habana para participar en los festejos conmemorativos del XIII aniversario del ataque al cuartel Moncada. La representación coreana se encuentra integrada por Ce Chel, presidente del Comité de Relaciones Culturales con el Extranjero; Pac Yong Din, jefe de una sección del Comité Central del Partido del Trabajo, y Mun Sen Gue, secretario de la delegación. El coronel Ahmed Almír, miembro del Comité Central del Partido Baath, el comandante Salin Jahdoun, dirigente de dicho partido, y El Nibin Rühcheidat, del Partido Comunista, integran la delegación de Siria. Hugh Wyper, funcionario de la Unión Sindical, miembro del Comité Central del Partido Comunista y director de una sociedad de Cooperativas, de Gran Bretaña, es otro delegado que llegaron en la mañana del jueves.

La delegación de Suecia se encuentra compuesta por Karl Axel Xansson, miembro del Buró Político del Partido Comunista y secretario general de la organización comunista de Estocolmo, y Svanite Foerster, miembro de la Unión de Trabajadores de la Cultura.



Los invitados de Suecia La representación de Corea

cuba día por día

Julio

Sábado 2

● Convoca la Central de Trabajadores de Cuba a conferencias sindicales de carácter seccional y municipal, las que se celebrarán durante el presente mes con la participación de los secretarios generales de las secciones sindicales recién electos.

● El primer ministro y primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, comandante Fidel Castro, ofreció una comida de despedida el pasado día 1ro de julio al excelentísimo señor Jon Don Choi, embajador de la República Popular de Corea en Cuba, el que partió de regreso a su país ese mismo día, luego de una estancia en nuestra patria, de 5 años y 3 meses.

● El comandante Jesús Montané, miembro del CC del PCC y ministro de Comunicaciones, intercambia un mensaje telefónico desde La Habana con su colega de la República Democrática Alemana, Rudolph Scheuer, para así dejar inaugurado el tercer circuito radiotelefónico Habana-Berlín.

● En un documento dado a la publicidad, el Comité Cubano de Solidaridad con Viet Nam ratifica su apoyo irrestricto a la República Democrática de Viet Nam y condena los criminales ataques yanquis a las instalaciones petroleras de Hanoi y Hai-phong.

● Se da a conocer que un total de 15,952 viviendas de la ciudad de La Habana, dañadas por el huracán "Alma", han sido reparadas hasta la fecha.

● En el Salón de Embajadores del Hotel Habana Libre se efectúa una exhibición de modas femeninas y masculinas de verano, bajo los auspicios del Buró de Orientación de la Moda del Ministerio de Comercio Interior.

Domingo 3

● El Gobierno Revolucionario de Cuba da a conocer unas declaraciones en las que reitera la decisión de materializar la solidaridad con la República Democrática de Viet Nam en la forma que fuere necesario, y condena los bombardeos aéreos yanquis a las instalaciones industriales y zonas densamente pobladas de Hanoi y Hai-phong.

● Emitió el Secretario Ejecutivo de la OSPAAL, una declaración en la que condena los crímenes de los yanquis y sus lacayos de la camarilla Thieu-ky en Sudvietnam.

● En La Habana se prorroga la celebración de la Feria Nacional del Libro, dado el éxito alcanzado y el creciente interés de la población por adquirir más libros a precios módicos.

● Manuel Lúzaró, miembro del CC del PCC y ministro de Comercio Interior, clausura el II Consejo Nacional Técnico Administrativo de ese ministerio, efectuado en La Habana.

● Se anuncia que en los próximos días se intensificarán las actividades con vistas a la elección de los comités ejecutivos de las secciones sindicales en los centros de trabajo de todo el país, las que habrán de terminar alrededor del día 15 del presente mes.

● Debido a los torrenciales aguaceros que han estado cayendo en la ciudad de Holguín, en la provincia de Oriente, que han producido algunas inundaciones en las zonas suburbanas, el Ministerio de Salud Pública decreta la vacunación general de la población en evitación de posibles brotes de tifoides, procediendo a suministrar, gratuitamente, en las farmacias pastillas de cloro para desinfectar las aguas potables.

Lunes 4

● Se informa en una conferencia de prensa ofrecida por la Comisión de Orientación Revolucionaria del Comité Central del Partido que los actos centrales en conmemoración del 26 de Julio, XIII Aniversario del asalto al cuartel "Moncada" y del inicio de la guerra de liberación patria, tendrán lugar en la Plaza de la Revolución, en La Habana. A la concentración asistirán caravanas de las provincias de Pinar del Río, La Habana y Matanzas.

● En doce regiones habaneras se efectúan mítines de solidaridad con el pueblo vietnamita y de condenación a los indisciplinados y cobardes bombardeos yanquis a Hanoi y Hai-phong, en la República Democrática de Viet Nam. Entre los oradores de dichos actos se contaron los miembros del CC del PCC, comandante Faure Chomán, ministro de Transportes; Jesús Montané, ministro de Comunicaciones; Faustino Pérez, presidente del Instituto Nacional de Recursos Hidráulicos y Basilio Rodríguez, ministro del Trabajo.

● El embajador de Indonesia en Cuba, señor A. Marhaen Hanafi, formula unas declaraciones denunciando al régimen de Jakarta, y a la CIA, como principal culpable por los sucesos de Indonesia.

● 1,400 maestros, profesores e instructores de enseñanza diferenciada y otros educadores inician un curso extra del plan INRAMINED (Instituto Nacional de la Reforma Agraria-Ministerio de Educación), a base de clases teóricas, visitas a granjas agropecuarias y círculos de lectura y de estudios agropecuarios.

● Eulogio Rodríguez, representante de la Unión de Jóvenes Comunistas de Cuba, informa en el XVII Congreso de la Federación Juvenil Comunista Italiana, que se celebra en Bolonia, Italia, sobre las actividades de la juventud cubana.

Martes 5

● En una reunión del Comité Provincial de La Habana del Partido Comunista de Cuba se da a conocer el plan de trabajo a desarrollar en la provincia para saludar el 26 de Julio del XIII aniversario del asalto al cuartel "Moncada", de Santiago de Cuba, Oriente.

● José Llanusa, miembro del CC del PCC y ministro de Educación, que viajó con la delegación deportiva cubana a los X Juegos Centroamericanos, realiza una comparecencia al pueblo ampliamente sobre las pro-

vocaciones y agresiones de los agentes contrarrevolucionarios y de la CIA a la delegación cubana.

● Se anuncia que la inauguración del IV Congreso Latinoamericano de Estudiantes se efectuará el día 29 de julio en el teatro "Chaplin", de la capital cubana.

● Con motivo de conmemorarse el 155 aniversario de la independencia de Venezuela, se efectúa un acto en la sede del Frente de Liberación Nacional de Venezuela en Cuba, ubicada en la ciudad de La Habana.

● Zdenek Spurkik, asesor de la Organización Internacional de Energía Atómica de las Naciones Unidas, arriba a La Habana para colaborar con la Comisión de Radiología del Consejo Científico del Ministerio de Salud Pública.

● Abdelhamid Bencherchi, encargado de negocios de Argelia en Cuba, ofrece una recepción a la que asisten personalidades del Gobierno Revolucionario y del cuerpo diplomático acreditado en nuestro país, con motivo de celebrarse el IV aniversario de la independencia de Argelia.

● Llega a La Habana la famosa pianista polaca Halina Czerny Stefańska, para participar como jurado en el Concurso Nacional de Piano.

Miércoles 6

● Vilma Espín, miembro del CC del PCC y presidenta de la Federación de Mujeres Cubanas, informa sobre un amplio plan educativo que emprenderá la FMC y el Ministerio de Salud Pública respecto a los hábitos nutricionales y de consumo de nuestro pueblo.

● Alexandr I. Alexeev, embajador de la URSS en Cuba, hace entrega a los trabajadores cubanos de numerosos regalos de los sindicatos soviéticos en un simbólico acto efectuado en el Salón Internacional de la Central de Trabajadores de Cuba.

● Una delegación de artistas populares cubanos que visita la República Democrática de Viet Nam recibe en Hanoi, de manos del vicepresidente de la Comisión para las Relaciones Culturales con el Extranjero, Vu Quec Uy, la "Medalla de la Amistad", otorgada por el pueblo vietnamita.

● Se informa que hasta el presente han sido construidas 39 de las 55 casas de vivienda que sustituirán a las arrasadas por el huracán "Alma" en el pueblo de pescadores "El Cajío", de la provincia habanera.

● Al hacer entrega a los periodistas y fotógrafos de los premios obtenidos en el concurso periodístico del Carnaval de 1966, se anuncia que, a partir del próximo año, los carnavales de La Habana se efectuarán durante los meses de junio o julio para que de los mismos puedan disfrutar los trabajadores que participen de la zafra como voluntarios.

Jueves 7

● Delegados de Corea, Siria, Gran Bretaña y Suecia invitados a los festejos por el XIII aniversario del asalto al cuartel "Moncada" arriban a la capital cubana. Al cierre de esta edición se esperaba el arribo de nuevos delegados extranjeros.

● Un grupo de 40 turistas franceses, algunos de ellos estudiantes de la Escuela Superior de Estudios Comerciales de París, arriba a La Habana para unas vacaciones de 25 días.

● La Central de Trabajadores de Cuba y la Unión de Jóvenes Comunistas hacen un llamamiento a la clase obrera para incrementar la asistencia a clases en las escuelas rurales y nocturnas, y aumentar la promoción con más estudio como saludó el XII Congreso Nacional de la CTC.

● En la capital habanera se efectúa la primera sesión de la Comisión Cubano-Soviética para la colaboración técnico-científica entre ambos países.

● Miles de personas participan de un acto efectuado en la Plaza de los Trabajadores de la ciudad de Camagüey, condenando los criminales ataques aéreos yanquis a las zonas de Hanoi y Hai-phong, en Viet Nam.

● Celestina Siles Viscaino, trabajadora agrícola de 48 años de edad y madre de 10 hijos, recibe una hermosa casa, completamente amueblada, en la granja "Gilberto Aguilar", del regional Vertientes, provincia de Camagüey, como premio a sus abnegados esfuerzos en el desarrollo de la producción agrícola.

● Se informa que 500 afiliadas a la Federación de Mujeres Cubanas del regional Guantánamo, en la provincia de Oriente, se encuentran realizando distintos trabajos en talleres, industrias, ómnibus, etc. en sustitución de los obreros habituales que se encuentran realizando labores en la agricultura.

Viernes 8

● Nota de algunas actividades culturales de que disfrutaron los habaneros por estos días: TEATRO: "El Pato Macho", comedia musical de Ignacio Gutiérrez, con el elenco del Teatro Musical de La Habana, dirigido por Adolfo de Luis; "Un gallo para la H", comedia de costumbres de José R. Brene, por el grupo "Rita Montaner", bajo la dirección de Pepe Vázquez-Vega, en el teatro "Las Máscaras"; "Volpone", versión sobre la comedia de Ben Jonson, por el grupo "La Rueda", dirigida por Néstor Ramondi, en el teatro de la Central de Trabajadores de Cuba (en saludo al XII Congreso de la CTC). EXPOSICIONES: "Fotomemoria", fotografías de Raúl Martínez; Jorge García Joya (Mayito); y Luc Chacastel, en la Galería de La Habana; "Grabados Soviéticos", obras de 29 artistas soviéticos, 120 grabados, en el Palacio de Bellas Artes; "Caleidoscopio fotográfico", fotografías del artista mexicano Nacho López, en la Rampa; "Grabados Suecos", en el Museo de Artes Decorativas. CINE: "La Salación", nuevo film cubano dirigido por Manuel Octavio Gómez, con la actriz novel Blanca Contreras.

● Hacia la República Popular de Mongolia parte una delegación del PCC, integrada por Modesto González, tercer secretario del Comité Provincial de Camagüey y Antonio Roig, primer secretario del Comité Regional de Pinar del Río, los que participarán de los festejos por el 45 aniversario del triunfo de la revolución popular en ese país amigo.

● Raúl Palazuelos

Dedicarán el 26 de Julio a divulgar los planteamientos de "La Historia me Absolverá"

Al hacer las conclusiones de la reunión celebrada en el local del Comité Provincial de La Habana del Partido Comunista de Cuba, el compañero José Alberto Naranjo, secretario general del Comité Provincial habanero del PCC, expresó que La Habana se había hecho acreedor al gran honor de ser escogida como sede de la celebración del próximo 26 de Julio.

La reunión fue citada para discutir diversos aspectos del programa a desarrollar con motivo de la conmemoración del XIII aniversario del asalto al cuartel Moncada, que habrá de celebrarse en la Plaza de la Revolución, en la ciudad de La Habana, con una extraordinaria concentración de ciudadanos venidos de tres provincias.

En la asamblea se dio lectura al plan de trabajo aprobado por el Comité Provincial de La Habana del PCC después de su discusión con los responsables regionales. Este plan de trabajo incluye, entre sus bases centrales: la divulgación de los aspectos fundamentales del histórico documento "La historia me absolverá" (alegato que en su propia defensa esgrimiera el líder Fidel Castro al ser juzgado por la tiranía de Batista luego de los sucesos del 26 de Julio de 1953); el logro de nuevos éxitos en la producción, tanto agropecuaria como industrial, alcanzando y sobrepasando las metas; fortalecimiento de la conciencia internacionalista de nuestro pueblo, impulsando los eventos de solidaridad con los pueblos que luchan contra el imperialismo; divulgación acerca del IV Congreso Latinoamericano de Estudiantes y el XII Congreso Nacional de la Central de Trabajadores de Cuba (CTC), asociándose con la celebración del nuevo aniversario del asalto al cuartel "Moncada".

● "La historia me absolverá"

Una de las orientaciones del plan de trabajo en que se pone más énfasis es la de basar todo el material de estudio de los organismos del Partido en "La historia me absolverá", cuyos aspectos más importantes serán publicados en el Boletín Provincial. Los Comités Regionales procurarán que los militantes se dediquen en forma simultánea al estudio de ese material histórico. Se organizarán conferencias en los centros más importantes de producción con la participación de 1953, exponiéndose en los 26 de Julio y publicaciones de los centros de producción, así como en los centros educativos, la significación histórica de aquellos acontecimientos. También se organizarán concursos de dibujo y composición, a través de la Unión de Pioneros de Cuba.

● Exaltación de Abel Santamaría

La vida y obra de Abel Santamaría, el segundo hombre al mando en la valerosa operación del asalto al "Moncada", asesinado por el ejército de Batista poco después de la acción, será destacada relevantemente en todas las actividades de divulgación relacionadas con la efeméride. También se efectuarán concentraciones y desfiles preparatorios en las provincias. Se celebra-



Una reunión para divulgar el plan de trabajo sobre las actividades en la provincia de La Habana en torno a la celebración del 26 de Julio en la capital de la República se efectuó en la sede del Comité Provincial de La Habana del Partido Comunista de Cuba, contando con la asistencia de José A. Naranjo, primer secretario del Comité Provincial de La Habana del PCC; Raúl García Peltzer, responsable de la Comisión de Orientación Revolucionaria del Comité Central del PCC; Andrés Silva, responsable de la COR en la provincia, y otros compañeros.

rán asambleas para discutir el cumplimiento de las metas para la histórica fecha, así como asambleas de culminación de las actividades efectuadas bajo la consigna "A recuperar lo perdido y avanzar mucho más", con motivo de los estragos del huracán Azotista y la isla recientemente. La Huracán Azotista y el Plan de Eficiencia Industrial tendrán especial atención en dichas reuniones, donde igualmente se reflejarán las actividades de solidaridad con los movimientos de liberación de África, Asia y América Latina, especialmente contra la intervención yanqui en Viet Nam y Santo Domingo.

● La bandera del 26 de Julio

Se informó también en la reunión del Comité Provincial que se constituirá una comisión de atención a los numerosos delegados extranjeros que nos visitarán, invitados a asistir a la conmemoración del 26 de Julio.

La bandera roja y negra, que simboliza el Movimiento 26 de Julio, se destacará junto a la enseña nacional en todo despliegue de adornos que se haga con motivo de la efeméride, informándose también de la creación de una comisión de ornato, que orientará la confección de los adornos fundamentales en toda la provincia habanera.

● Cumplimiento del programa revolucionario

La divulgación alrededor del 26 de Julio se basará en los aspectos fundamentales del alegato de Fidel Castro "La Historia me absolverá" en cuanto al problema de la tenencia de la tierra, la industrialización, la vivienda, el desempleo, la educación y la salud pública. Además, en la reunión se habló de los grandes murales que adornarán la Plaza de la Revolución, y se dio a conocer que el día 24 de julio se inaugurará una exposición en el local de exposiciones de la Comisión de Orientación Revolucionaria, con fotografías, documentos, etc., referentes a la gesta del 26 de Julio, a los logros de la Revolución. También se prepararán miles de juegos, de 50 láminas cada uno, para ser exhibidos en centros de trabajo y de enseñanza en toda la isla.

● Movilización del Partido

Durante la reunión se destacó que la misma tenía el propósito de hacer un llamamiento a los compañeros del Partido para una mayor intensificación de los trabajos de propaganda sobre el 26 de Julio, que habrá de ser el de mayor envergadura celebrado desde el triunfo de la Revolución.

LA INAUGURACION DE LA "RENTE"

Nunca antes un técnico tuvo tantas oportunidades como ahora.- Domenech

● SANTIAGO DE CUBA.—El miembro del Comité Central del Partido y ministro de Industrias, Joel Domenech, cortó la cinta simbólica que dejó inaugurada la central termoeléctrica "Antonio Maceo", en la península Rente, en la bahía de esta ciudad, que en los primeros 65 días de trabajo efectivo ha producido 28 millones 322 mil kilovatios-hora, suministrados al circuito sur de esta provincia.

La inauguración se efectuó con la presencia del embajador de la URSS en Cuba, Alexander Alexeev; comandante Armando Acosta, miembro del Comité Central y primer secretario del Comité Provincial del Partido en Oriente; funcionarios, dirigentes, especialistas soviéticos que han colaborado en el montaje de la central y centenares de obreros.

Posteriormente al corte de la cinta, que se efectuó con una de las mochas empleadas por los obreros en los trabajos de la recién terminada zafra azucarera, se efectuó un recorrido por la planta.

En una tribuna situada frente al edificio central de la termoeléctrica, se dio inicio al acto que dejaría inaugurada oficialmente la planta.



El resumen

Joel Domenech, ministro de Industrias y miembro del Comité Central del Partido, tuvo a su cargo el resumen del acto. Comenzó refiriéndose a lo que significaba para la provincia, y para Santiago de Cuba en particular, el que esta planta se pudiese en producción normal. Domenech explicó que el sistema energético de Oriente Sur contaba hasta ahora sólo con 50 mil kilovatios, y una deficiente red de distribución que hacía más grave aún las limitaciones que existían. "A partir de la puesta en marcha de esta primera unidad se inicia en esta situación un cambio radical. Al añadir estos 50 mil kilovatios, estamos duplicando nuestra actual capacidad de generación de electricidad y aunque esto no significó todavía la solución definitiva de todas las dificultades, solución que encontraremos en lo fundamental al poner en marcha la segunda unidad, podemos informar al pueblo de Santiago de Cuba y a los pueblos a los que este sistema brinda el servicio, que es lo que a la población se refiere, prácticamente han quedado superadas las principales dificultades".

pló, el que comenzasen los trabajos seis meses después que en el Marañón y que, además, fueran afectados por el huracán "Flora", pero que a pesar de ello hubo una enconada y entusiasta emulación que exhortó a continuar.

"Junto a nuestros trabajadores -dijo Domenech-, junto a nuestro Partido han estado presentes también en el esfuerzo por vencer todas las dificultades nuestros hermanos soviéticos, que día y noche se han visto batidos desde hecho con codo con nuestros trabajadores, han hecho posible esta puesta en marcha".

Domenech refirió que en 1958 la capacidad total de generación era de 450 mil kilovatios; que en 1965 esta alcanzaba la cifra de 626 mil y que esa misma capacidad había aumentado en este año a 726 mil kilovatios; anunciando seguidamente que la capacidad generativa para 1970 sería de un millón 180 mil 800 kilovatios. Enfatizó que, al observarse ese desarrollo en la electrificación del país, necesariamente había que recordar a uno de los impulsores más tenaces que tenían esos planes: el comandante Ernesto Che Guevara.

Dijo también que en las empresas y fábricas no se tenía que ver solamente la cantidad de artículos producidos y que la cuestión de la calidad era asunto a tener en cuenta tan primordialmente como la primera, señalando además, que también había que mejorar la calidad del trabajo administrativo.

"La tarea de capacitación debe ser preocupación de todos y especialmente de los organismos de base del Partido".

Luego dijo que "la Revolución ha abierto sus puertas a todos aquellos técnicos que han y realmente desean trabajar. Aquí ningún técnico tuvo nunca antes tantas posibilidades de ampliar su campo de conocimientos como ahora. No nos tenemos que hacer una autocrítica en relación al tratamiento que la Revolución ha dado a los técnicos".

Por último dijo que el que se pudiese inaugurar aquella unidad era producto del sacrificio y el heroísmo de los hombres que entregaron generosamente su sangre por la causa revolucionaria: "en cada una de estas maquinarias está presente el sacrificio y la sangre de sus hijos (de Santiago), está presente el Marañón, el Granma, la Sierra, Frank País y Pepito".

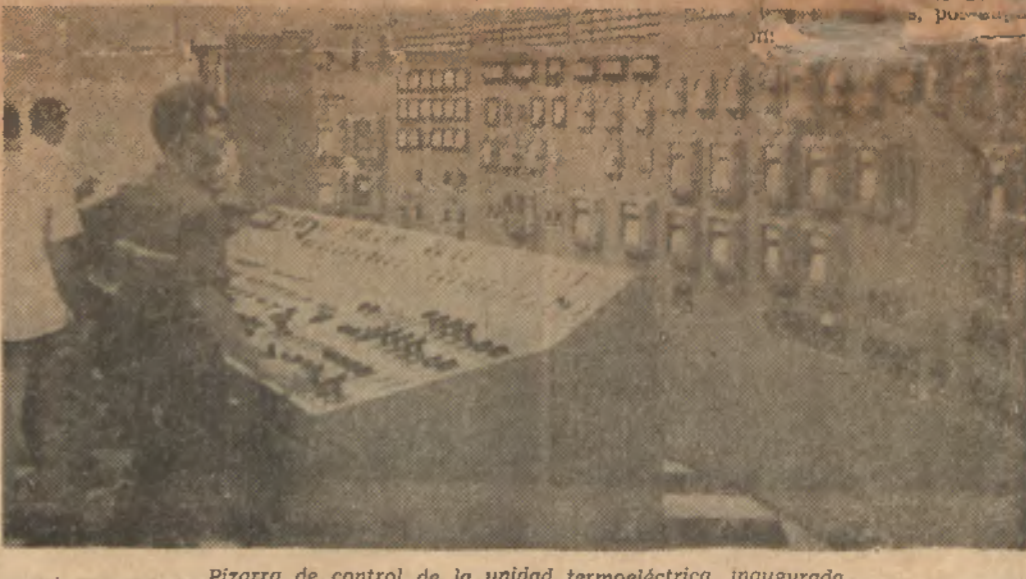
● Palabras de Alexeev

Primero hizo uso de la palabra el excelentísimo embajador de la URSS en Cuba, Alexander Alexeev, quien dijo en su discurso a los trabajadores que "los especialistas soviéticos que trabajan aquí junto con ustedes, hombre con hombre, todos nosotros los soviéticos, compartimos la alegría y la satisfacción de los constructores de la termoeléctrica y de todo el pueblo de Cuba con motivo de este triunfo". Alexeev comparó el triunfo obtenido en la termoeléctrica con el logroado por el pueblo cubano en los Décimos Juegos Centroamericanos y del Caribe.

Luego el embajador de la URSS en Cuba advirtió:

"Que sepan los imperialistas que en la Unión Soviética la Cuba Revolucionaria tiene un amigo fiel y seguro, que está cumpliendo y, cualquiera que sean las condiciones, está dispuesto a cumplir con su deber internacionalista, defendiendo junto con el cubano, sus conquistas revolucionarias".

Por último expresó: "La inauguración de la termoeléctrica Rente es una aportación importante al desarrollo de estas regiones".



Pizarra de control de la unidad termoeléctrica inaugurada.

EXPONE LLANUSA LAS PROVOCACIONES Y AGRESIONES A LA DELEGACION CUBANA

Quedaron sorprendidos del alto espíritu de los atletas cubanos

En una interesante comparecencia televisada que tuvo efecto la noche del 5 de julio a través del Canal 6, el ministro de Educación, compañero José Llanusa, hizo una amplia y pausada explicación de todo lo relacionado con la participación de Cuba en los X Juegos Centroamericanos y del Caribe.

Al comenzar el programa, Llanusa se refirió a las distintas maniobras llevadas a cabo por Estados Unidos para impedir la participación de Cuba en los Juegos. Seguidamente se proyectó una película en la que aparece el "Cerro Pelado" al iniciar la travesía rumbo a San Juan, y que deja constancia de las provocaciones de los aviones yanquis, mientras nuestros atletas mantenían a bordo del barco sus actividades normales. En dicha película, sobre la cual Llanusa iba explicando los detalles sobresalientes de cada vista, pudo observarse también el instante en que se aprobó a bordo de la nave la Declaración del "Cerro Pelado".

El traslado a San Juan

Más adelante apareció en la película el traslado de los atletas cubanos desde el "Cerro Pelado" al muelle de San Juan, operación que se desarrolló en muy difíciles condiciones debido a la mar picada. Aquí enfatizó Llanusa que los periodistas puertorriqueños que presenciaron el desembarco quedaron sorprendidos del alto espíritu de los atletas cubanos. Lo peligroso de la operación de desembarco quedó evidenciado cuando un marinero boricua cayó al agua durante la misma, estando a punto de perder la vida.

En otra parte de su comparecencia destacó Llanusa la solidaridad de la delegación dominicana para con la cubana, señalada particularmente en el hecho de que cuando todavía no se tenía la seguridad de si Cuba competiría o no, los dominicanos acordaron no participar en los Juegos si a Cuba se lo impedían. Igual actitud adoptó parte de la delegación de Venezuela.

En suelo boricua

Otra película fue pasada, en la cual pudo captarse el entusiasmo de nuestros atletas al pisar suelo boricua, así como la movilización de periodistas en torno a los cubanos. Las cámaras tomaron también el momento en que Llanusa era entrevistado para la radio de Puerto Rico. En esa entrevista Llanusa acusó al gobierno de Estados Unidos de ser el único culpable del cariz que habían tomado los acontecimientos por sus maniobras entorpecedoras que constituyeron una descarada ingerencia política en el deporte.

En el curso de la proyección filmica vióse a los atletas cubanos cuando se trasladaban al estadio "Hiram Bithorn", así como el numeroso público que fue atraído por el espectacular arribo de los cubanos a San Juan.

Más tarde se pasaron grabaciones de los distintos noticieros de Puerto Rico, señalando Llanusa al efecto que la propaganda que nos habían hecho los propios enemigos era tal que una empresa de fósforos o cigarrillos estaba haciendo gestiones para patentar la marca comercial "Cerro Pelado".

Luego se expusieron otras películas, en las que se vio a los curas enviados para tratar de "convencer" a los atletas cubanos de las bondades del "mundo libre". Se observaron los volantes que dejaban caer sobre la Villa Olímpica.

La moral gusana

Destacó Llanusa el grado de inmoralidad de los gusanos, quienes llevaron a San Juan a sus propias esposas que alguna vez sostuvieron



El Ministro de Educación y miembro del CC del PCC, compañero José Llanusa, durante su comparecencia de anoche.

relaciones amorosas con algunos miembros de la delegación cubana para "tallarlos" a través de ellas.

Ofenden la memoria de Camilo

Llanusa señaló cómo Lucas Morán, Rodríguez Bravo, Juan Meléndez y otros gusanos hacían sus campañas difamatorias contra la Revolución Cubana, poniendo de héroes a los traidores Carreras, Morgan, Sorl Marín, que fueron ajusticiados por sus fechorías y en el colmo de la ofensa los sitúan junto al heroico Comandante Camilo Cienfuegos.

También el Ministro de Educación narró cómo viven Urrutia, Ray, López Fresquet, el incapaz Raúl Chibás, el borracho Jorge Paí —que se asiló cuando hubo un problema con el ron— y otros políticos contrarrevolucionarios que si los dejan seguir aquí en Cuba hubieran acabado con la economía.

Nuevamente volvió a tocar el tema de los periódicos reaccionarios puertorriqueños, que insertaban en sus páginas principales titulares como: "Da el paso hacia la libertad", etc.

Mostró algunos recortes de periódicos en los que se publicaban notas sobre supuestos mártires de la contrarrevolución, intituladas "In Memoriam a los caídos por la libertad de Cuba". Entre esos "mártires" figuraban "atletas" nada menos que de la calaña del asesino Jiqui Suárez, autor de innumerables crímenes en Matanzas y Oriente.

Enseñó fotografías de los distintos agentes de la CIA que trataron de sobornar y chantajear a nuestros atletas para que desertaran. En las fotos se podían apreciar un "fotógrafo" armado, otro tratando de convencer al "coach" de béisbol Roberto Ledo; un gusano agente de la CIA que fue descubierto en la Villa Olímpica; los curas que daban regalos y "asistencia espiritual" a nuestros atletas.

La reyerta que se produjo en el judo fue captada por los fotógrafos cubanos. La provocó

la arbitraria decisión de los tres jueces, dos de los cuales eran gusanos —uno de ellos ex dueño de una tienda habanera nacionalizada—. Estos recibieron su merecido por robarnos la plata.

Llanusa exhibió las fotos de las mujeres o emplear los enemigos de la Revolución para tratar de convencer a los atletas cubanos; también las de la "Bambina" Hilda Ramírez, ganadora de dos medallas de oro, firmando autógrafos a puertorriqueños; la salida del primer grupo de la delegación cubana hacia la embarcación que lo llevaría más tarde al "Cerro Pelado". Significó la gran actitud de los deportistas cubanos —mostrando la foto— cuando pasaron por entre los dos barcos de guerra yanquis, en una lancha, cantando "Ay malembé, los cubanos ni se rinden ni se venden".

Hicieron el ridículo ante el mundo

El Ministro de Educación explicó los métodos que utilizaron a través de la radio, la televisión, la prensa escrita y unidades móviles que tenían comunicación directa con los cuartos donde se alojaban los atletas cubanos en la Villa Olímpica. Constantemente se exhortaba a los deportistas criollos a que "saltaran la verja". Detalló cómo comenzó esta campaña difamatoria contra los dirigentes deportivos y el Gobierno Revolucionario, en la que recibieron una derrota aplastante, haciendo el ridículo ante el mundo los enemigos de la Revolución. Daban números de teléfonos y constantemente exhortaban a la traición, a la desertación de los atletas cubanos; uno uno de ellos, un tal Carlos Calero, brindaba ropa, carne, comida, etc., a todos los que se asilaran.

Trataron de virar al pueblo puertorriqueño contra los atletas cubanos, acudieron a todos los medios, pero fracasaron, como fracasaron en sus intentos de lograr desertaciones.

Después de oírse la grabación de un tipejo que emplazaba a Llanusa con falsas declaraciones, el Ministro de Educación dijo que en muchas ocasiones propalaban burdos y estúpidos llamamientos como éste que fue grabado por los técnicos del ICR: "La alteración todavía puede ocurrir. Los atletas cubanos se burlan de Llanusa y sus gorilas. Atletas cubanos: Están preparándose para llevarlos al "Cerro Pelado". Todavía tienen tiempo para quedarse en la tierra de la libertad. Adelante, atletas cubanos; adelante, jóvenes rebeldes; la alteración puede producirse en cualquier momento. Pueden esconderse en la Villa Olímpica, pueden recurrir a las autoridades; pueden pedirle auxilio al público; pueden quedarse en los muelles; pueden tirarse a las aguas, huyan del muelle comunista".

Llanusa explicó cómo tenían radios móviles dentro de la Villa los agentes del imperialismo yanqui, utilizándolos para sus fracasados planes. Nuevamente volvió a referirse de los cintillos de los periódicos, afirmando que los Juegos pasaron a un segundo plano con la llegada de los atletas cubanos que fueron aclamados por el pueblo boricua.

Además leyó algunas crónicas de Santín, subdirector del reaccionario periódico "El Mundo", quien mantuvo invariablemente en su columna "Trasfondo" todo el tiempo que duraron los Juegos el nombre de Fidel, de Raúl, de Llanusa, de la Delegación Cubana, aunque tuvo que admitir que Cuba le había ganado una batalla más al imperialismo yanqui, recibiendo una propaganda completamente gratis.

Llegó Fidel

A las 11 y 35 de la noche, llegó Fidel, acompañado de Vallejo, siendo ovacionado por los integrantes de la Heroica Delegación Deportiva, Campeona de los Décimos Juegos Centroamericanos, que colmaron la gradería del estudio de televisión.

"A nosotros nos sorprendió la visita de Fidel en alta mar, y ahora nos sorprende la agradable visita de Fidel en esta noche de comparecencia", comentó Llanusa.

Apelaron a los medios más bajos para tratar de sobornar

Más adelante se refirió a cómo los agentes de la CIA, con una falta de escrúpulos extraordinaria, apelaron a todos los medios, los más bajos inclusive, para tratar de sobornar a los miembros de nuestra delegación, dando lectura a cartas enviadas por los gusanos Saturno Fernández y el "Negro" Sarría a los compañeros Casimiro García, entrenador del equipo de baloncesto femenino, a Carlos del Pozo y otros jugadores, en las que se les hacían todo tipo de ofrecimientos para que traicionaran a la patria y pidieran asilo político en Puerto Rico.

Apelaron a todo tipo de soborno —agregó—, llevando familiares de nuestros miembros de la delegación que se encuentran en los Estados Unidos, incluyendo a nuestros propios padres, tratando de influir en los sentimientos personales de cada uno de nosotros. Esto causó, lógicamente, un gran efecto en nosotros, pero lo que no comprenden estos canallas es que nuestra familia es hoy mucho más grande; que nuestra familia la forman hoy los veinte mil muertos asesinados por la tiranía de Batista; los héroes de Girón, de la Sierra; los miembros del Batallón Fronterizo, en fin todos los miembros de las FAR, todo nuestro pueblo.

Nosotros hubiéramos dado cualquier cosa por que nuestros padres hubieran regresado con nosotros en el "Cerro Pelado". ¿Qué más? ¿Un testimonio del glorioso recibimiento tributado por nuestro pueblo a la delegación en su recorrido por toda la República, las grandes demostraciones de cariño de que fueron objeto Figueroa, Miguelina, Chocolate, en fin todos los componentes de esta delegación heroica.

Guerra psicológica

Unido a esto, simultáneamente, iniciaron una gran campaña, una verdadera guerra psicológica en que se invitaba a nuestros atletas a asilarse, conjuntamente con una serie de conjeturas sobre el paradero del compañero Fidel. Seguidamente mostró una serie de periódicos cuyos cintillos afirmaban: ¡Castro está enfermo en la URSS. Padece crisis nerviosa! ¡Castro vendió sangre de fusilados a Hanoi!, etc. Más adelante se refirió a los intentos de atentados contra su persona en la Villa Olímpica y en el hotel San Gerónimo, señalando cómo habían mandado a llamar a un experto tirador de FAL, "pero se quedaron con las ganas".



Sorpresivamente el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Partido, hizo acto de presencia en el estudio, siendo largamente ovacionado por los presentes. En la gráfica, momentos en que saludaba a uno de los atletas de la delegación boricua.

Otra vez se volvieron a escuchar grabaciones de las radioemisoras serviles de los Estados Unidos, en las que se captaban claramente las carminosas mentiras que constantemente asejaron a nuestra delegación.

Llanusa detalló cómo los agentes de la CIA, los policías, apátridas y demás elementos del imperialismo yanqui, fueron elaborando el supuesto plan de fuga de los doce atletas del equipo de vólibol de Cuba. No dejaron entrar en el partido de Venezuela-Cuba a los dirigentes deportivos cubanos y el estadio estaba lleno de gusanos, y al terminar el partido, la radio reaccionaria afirmaba con gran desfachatez que las doce atletas cubanas de vólibol se habían asilado. Ellos llenaron el teatro, pero no tenían a quien presentar.

Recibieron atletas palizas

Agregó refiriéndose a las agresiones físicas que los enemigos de la Revolución también sufrieron en estas acciones contundentes derrotas. El primer round lo ganaron ellos, pero de ahí en adelante los cubanos tomamos la ofensiva: fueron al vólibol y recibieron tremenda paliza; fueron 8 ó 10 gusanos a una práctica de basket y cada uno seleccionó entre nuestros atletas a su presunta víctima: al que se enfrentó a Montalvo hubo que darle varios puntos; Pablo García derrotó asimismo a su oponente; Abreu y el equipo de basket en general vencieron a sus contrarios.

También dos boxeadores cubanos y Waldo Santiago les dieron su merecido a unos contrarrevolucionarios que, en su retirada, se metieron en el terreno de campo y pista donde estaban practicando algunos cubanos, y ahí mismo tuvieron que emprender la fuga. Lo del juego de baloncesto frente a Puerto Rico ya todo el pueblo lo conoce. Santiago Alvarez, el director del Noticiero del Instituto Cubano del Arte y la Industria Cinematográficas, también tuvo su "bronquita" en San Juan. La huida del adversario de Alvarez parecía una escena de una película de Charles Chaplin. Además, a los que cogimos en la Villa Olímpica con falsos carnés de atletas venezolanos les hicimos dar vivas a Fidel, a Cuba, repetir, en fin, cuanto les dábamos.

El "Gordo de Caguas"

Uno que todos recordamos con gran cariño es al "Gordo de Caguas", que salía corriendo detrás de la guagua de los atletas y gritaba vivas a Cuba y a cualquiera que profería insultos a la Heroica Delegación, ahí mismo lo cruzaba con izquierda y derecha, diciéndole "estos si son los bravos, ustedes son unos cobardes".

Carta de una niña cubana

16 de junio de 1966 Bayamón, P. R.

Delegación Cubana Juegos Centroamericanos y del Caribe Villa Olímpica

Muy queridos amigos:

Es el mayor deseo de mi corazón, que cuando esta humilde carta llegue a sus manos, se encuentren llenos de gozo, de alegría y sobre todo de triunfos.

Antes de proseguir, les daré una descripción pequeña de mí persona:

Me llamo Carmen Lydia Nieves Torres; tengo la edad de 14 años. Nací en la ciudad de Nueva York, pero sólo contaba con 2 meses de edad cuando mis padres y yo nos trasladamos a la ciudad de Pinar del Río, Cuba, donde viví 11 años de mi vida. Ya mis padres habían vivido en Cuba por espacio de 8 años antes de yo nacer. Así pues, considero y amo a Cuba como mi patria que es; me considero toda una cubana.

Ya que tienen una idea de cómo soy (en general), proseguiré con mi carta.

He de decirles que cuando vi entrar a la Delegación Cubana en las ceremonias de inauguración de los Juegos Olímpicos, sentí una emoción y una alegría tan grande, tan grande que estuve llorando en mi hogar, por largo rato. Lo mismo me sucedió cuando fui a la cancha "Pepín Cestero" de Bayamón, a ver el juego de Volley ball entre Cuba y Venezuela (equipos femeninos) que como ustedes saben lo ganaron ustedes, de lo cual me siento muy feliz. Tenía muchos deseos de abrazar y felicitar a todas las muchachas; pero eso era imposible. Sólo me limité a aplaudirlas y hasta a saludar a una que ya se encontraba en la guagua de regreso a la Villa Olímpica.

Me sentiría la muchacha más feliz si pudiera verles en persona para hablar, tomar fotografías, etc. Yo comprendo que es casi imposible, pero no pierdo la esperanza de poder tan sólo intercambiar unas pocas palabras con cualquiera de ustedes y tomar algunas fotografías.

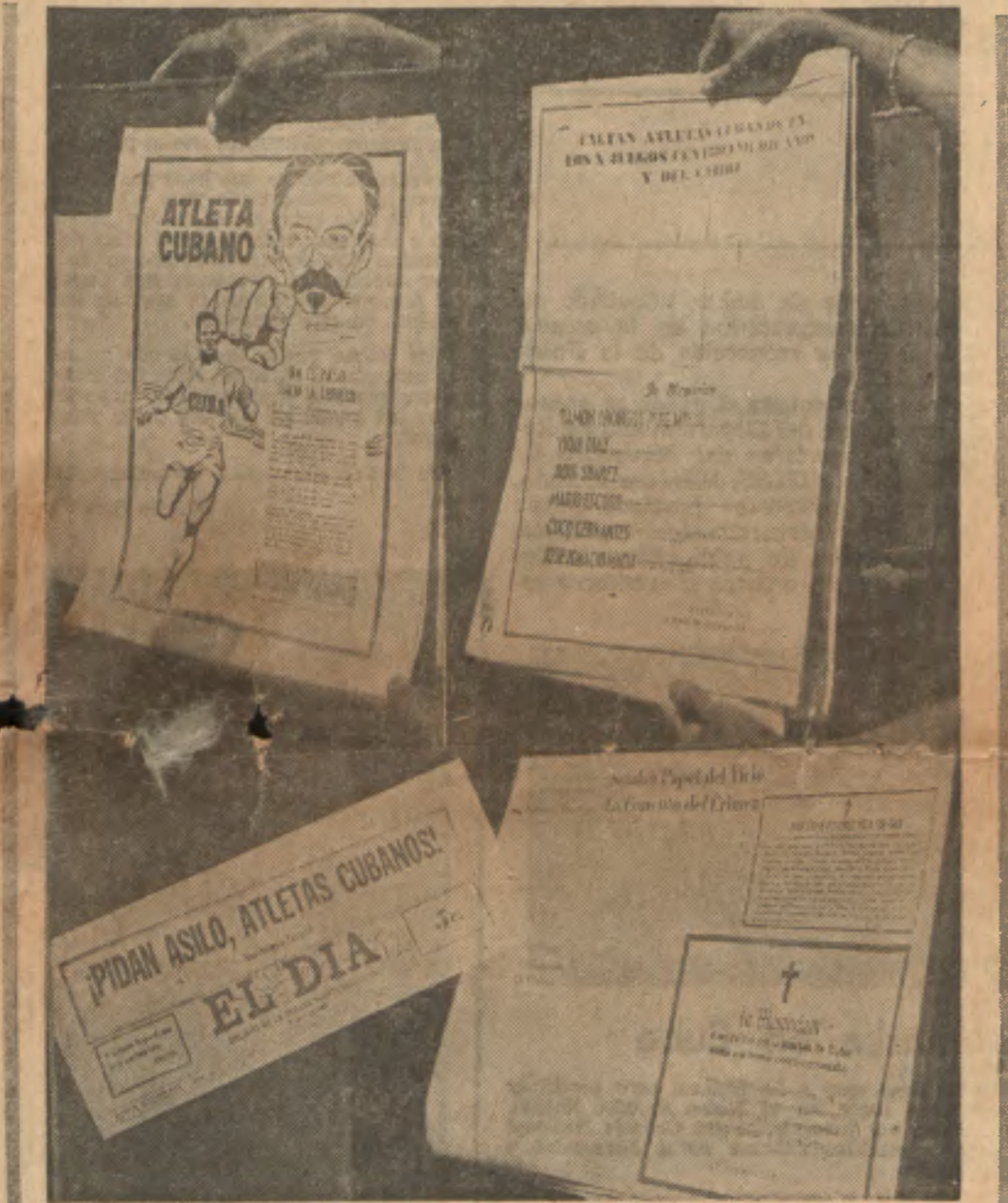
Es mi mayor deseo (como ya les dije) que se encuentren felices aquí en Puerto Rico y que no les hagan caso a esos grupos de abortadores que (a mi opinión) sólo desean que ustedes se vayan con una mala impresión de sus hermanos los puertorriqueños.

No saben lo que mi familia y yo daríamos por poder regresar a nuestra querida Cuba. A pesar de ser esto imposible, le rogamos al cielo que nos conceda tan ansiado deseo. Creo que me he extendido mucho y que debo despedirme.

¡Atletas cubanos! ¡Sigán luchando y compitiendo por nuestra patria, Cuba; que al fin ella sabrá recompensarles como se merecen! Recuerden siempre la consigna (la cual no he olvidado a pesar de haber pasado tres años en Puerto Rico).

¡VENCEREMOS!

Les ama mucho... Carmen Lydia Nieves.



En la combinación gráfica varias de las numerosas pruebas documentales ofrecidas por el compañero Llanusa durante su intervención televisada del día 5.

DIRECTORES CUBANOS DE TEATRO

NELSON DORR

por ALEJO BELTRAN

PROXIMAMENTE el grupo teatral "La rueda" pondrá en escena *The taming of the shrew* ("La fierecilla domada"), de Shakespeare. Nelson Dorr, que la dirige, contestó a nuestras preguntas como sigue:

1) ¿En qué se basa la puesta en escena de "La fierecilla"?
 En la obra de Saint Victor, "La obra de Shakespeare es una obra de la vida". En esta obra nos basamos en el concepto de la obra.

2) ¿Crees que significa algo para el hombre de hoy?
 En cada obra de Shakespeare el hombre de hoy puede encontrar un mensaje para su vida cotidiana. Por esto, y no porque se haya escrito ("La fierecilla") en una época distinta a la nuestra, su autor es un clásico. Shakespeare sabe que la causa de las penas del hombre está en el propio hombre.

3) ¿Y no, como se ha creído hasta ahora, en la mujer?
 También hemos tenido en cuenta una afirmación de Vilma Espín: "Hay que hacer una mujer nueva". Shakespeare decía lo mismo en "La fierecilla".

4) ¿Siguen ustedes el texto al pie de la letra?
 No. Lo hemos adaptado con gran libertad, pero sin desvirtuarlo ni faltarle al respeto. Cotejamos la traducción de Pastrana Marín con el original. Limamos asperezas. Catalina (la heroína) no es ya una niña mimada.

5) ¿En qué consiste la adaptación?
 Principalmente en darle una interpretación actual a la obra. Le dimos al texto una fluidez mayor.

6) ¿Cuál es la posición de la mujer?
 Nosotros planteamos en la obra, ante todo, una mujer revolucionaria. Una mujer que se rebela frente a la moral del sometimiento, que toma una posición activa, que no se deja arrastrar por la moral caduca. Catalina es una mujer que la mujer de hoy puede reconocer, puede identificarse con ella. La acepta y la comprende. Y la secunda.

7) ¿Y qué hace Aseneh?
 Aseneh se dirige al público en un prólogo añadido. Un prólogo actual. Allí plantea ciertos conceptos de Erasmo y su época. Petrarca, etcétera. Analiza lo dicho por Vilma. Conversa con las mujeres de una manera simpática.

8) ¿Y el hombre?
 El hombre es o debe ser un compañero de la mujer. Así el espectador va entendiendo el planteamiento de la obra. No le sorprende que las mujeres no acepten el

sistema del garrote. Algo así como lo hecho por Aristófanes en *Lisistrata*, en la que las mujeres se rebelan.

9) ¿No sería oportuno que nos dieras informaciones adicionales sobre la adaptación?
 Bueno, en cuanto al vestuario, conservamos el de la época, pero la concepción es moderna. Catalina no es una niña estúpida, malcriada, sino un carácter que no quiere dejarse dominar. El hombre es un auténtico representante de la moral de su época. Ella tiene que desarrollar la astucia para luego hacer su revolución. Al principio se hace pasar por sometida.

10) ¿Y luego?
 Luego hay de todo, hasta un poco de capa y espada. Catalina toma las armas en contra del marido. Sólo en la revolución socialista se equiparan el hombre y la mujer.

11) ¿Qué piensan los actores?
 Los actores están plenamente identificados, con mucho entusiasmo. Tenemos una actriz muy consumada, Aseneh Rodríguez. Entendió perfectamente el planteamiento de la obra, lo que se quería hacer.

12) ¿Y la escenografía?
 Como la del teatro isabelino. Nos basamos en "El globo" (teatro donde se representaba a Shakespeare en su tiempo) y lo reconstruimos en parte. Tomamos como base el edificio para una solución realista.

13) ¿Marchan bien los dispositivos técnicos?
 Estamos luchando con ellos. Esperamos que funcionen.

13) ¿Música?
 De la época. Hay canto, a capella. Los personajes tararean. No son canciones como canciones, sino elementos activos dentro de la acción. Tampoco se dirigen al público. Todo se hace con naturalidad.

14) ¿Vestuario?
 Muy bueno, de Eduardo Arrocha. Por cierto que la escenografía es de Rolando Moreno, el mismo que hizo "Tosca". Para la ropa se ha tomado la época exactamente, pero limpiando la línea, aligerándola. El teatro ("Mella") es muy grande. Hay que suprimir los detalles y preciosismos.

15) ¿Algún más sobre los fundamentos de la obra?
 Nuestro problema principal es el de cuestionar al espectador de hoy con el fin de que ante la obra maestra adquiera la consciencia de hoy. Partiendo de ese principio hicimos una fierecilla revolucionaria y activa. Para lograr ese objetivo creemos que todos los medios son lícitos. Nos basamos en la siguiente afirmación de Gastón Batty: "Una obra clásica no es un texto sobre el cual uno se inclina para diseccionarlo como un cadáver, sino que es un ser siempre viviente en quien queremos intensificar la palpación de la vida".

16) ¿Han acudido a otras fuentes?
 Antes de empezar los ensayos vimos todas las películas basadas en la obra. *Kiss me Kate* ("Bésame, Cata"), comedia musical norteamericana; una película española y el último cuento de "Canasta de cuentos mexicanos", con María Félix.

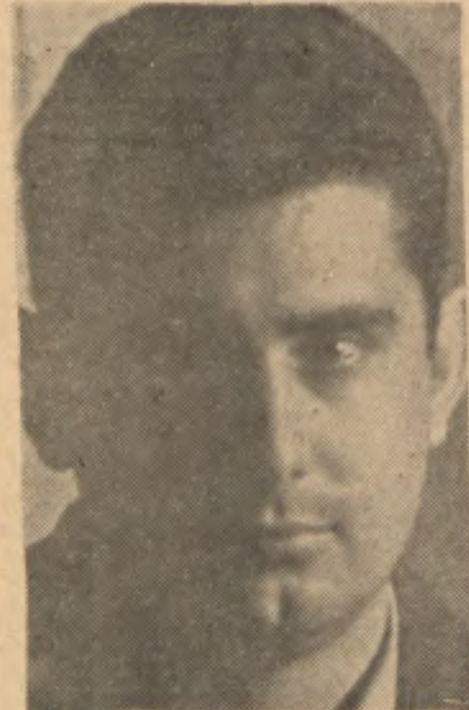
17) ¿Sirvieron para algo?
 Todas son muy reaccionarias, es increíble. La mujer aparece como una histórica, no se plantean sus problemas. ¿Sabes lo que decía Erasmo sobre la mujer?

18) Yo soy el que hace las preguntas. ¿Qué decía?
 "La educación de la mujer concluye cuando sabe sentarse decorosamente, reírse y mostrar mucho los dientes, hacer correctamente las reverencias y no confundir la mano derecha con la mano izquierda". Un panorama impresionante. Y Erasmo era humanista.

19) ¿Caramba! ¿cómo sería con los demás?
 Para Petrarca "la mujer es un diablo encarnado, una llama disipadora de la juventud, una comedora de patrimonios, un instrumento infernal".

20) ¿Conclusión?
 Ponemos a "La fierecilla" en una situación que la mujer de hoy pueda entender. Como dijo Fidel: "Aquí, como los hombres, luchan las mujeres". Se trata de una nueva política, de una nueva moral.

21) ¿Y se estrena?
 ¡Pronto!



ENTREVISTA

Por LIVIA SEDEÑO

LXHIBIDOS en el Festival Internacional de Artes Plásticas de Sopot (Polonia) en 1963, los cuadros de Raúl Portocarrero recorrieron gran parte de los hermanos países socialistas, obteniendo de la crítica una entusiasta acogida. El encuentro con los valores plásticos de ambos creadores, tan diametralmente opuestos, llevó a Eva Garzeca a expresar en el "Trybuna Ludu": "La pintura de Millán es la poesía de la noche, mientras que en los cuadros de Portocarrero luce el día eterno".

El Consejo Nacional de Artes Plásticas, por medio del Departamento de Artes Plásticas, ofreció en la Galería de La Habana una exposición que permitió admirar parte de la obra pasada y presente de los dos artistas, unidos por la circunstancia de constituir dos de las más altas expresiones de nuestra plástica.

La Exposición cerró prematuramente al marchar ambos pintores a Venecia, y ser reacl-



Cuadro de Millán

mados los cuadros de Portocarrero para la Bienal con planes de organizar algunas exposiciones en el extranjero. Portocarrero pinta desde que era un niño. Conoció para su desarrollo de un ambiente propicio, juegos que fueron una preparación para sus actuales ejercicios, entrevistar al "hombre famoso" era el entretenimiento favorito, y entre esas largas entrevistas de delgada voz y cuadros y pinceles para sus pequeñas manos, creció el pintor que recogió el vuelo de nuestro pueblo a través de las abigarradas calles coloniales y su pregón mestizo, o la otra cara, los edificios modernos de numerosas luces con su paisaje humano de tiempos que se mezclan.

• Habla Portocarrero

—¿Cuál es su método de trabajo, tiempo que pinta cada día, colores que utiliza más, etc? —Pinto regularmente todos los días. No tengo especial predilección por ningún color determinado. Todos me resultan importantes para mi expresión.

—¿Encuentra en lo cotidiano la necesaria inspiración, o necesita algún tipo especial de estímulo interior o exterior?

—Estimo que la labor de cada día constituye en sí misma fuente necesaria de inspiración para el pintor. Teniendo en cuenta también que lo cotidiano abarca todo aquello que un artista es capaz de sentir. Creo que en todo momento de su existencia el artista tiene que tener en cuenta las relaciones externas porque ellas constituyen el enriquecimiento de su interioridad.

—¿Cuál estima que es la influencia del barroco dentro de nuestra pintura, y si cree que es fuerte esa influencia?

—En otras ocasiones he dicho que en Cuba son sobresalientes las corrientes ambientales barrocas, muy claramente reconocibles. La pintura cubana no es ajena, desde luego, a esta efervescencia barroca de nuestra isla.

—¿Cómo explica esa mezcla que encontramos en su pintura, la influencia del pasado junto al presente?

—Por un profundo respeto que siento por todas las verdaderas expresiones artísticas lo mismo del pasado que del presente, o sea: no podría ordenar mi futuro si no ordenara también mi nacimiento.

• Millán es el pintor de la noche, la visión de sus flores de niño solitario, o abstracciones que ciertamente recogen la tristeza con una fuerza que la sobrepasa; pero no sólo eso: la poesía de sus estilizaciones descubre lo que hay detrás de cada silencio o soledad, multitudes que se esconden tras el sueño, como el origen y la suma cotidiana en lo onírico. Sus cuadros, muy elaborados, están trabajados



Oleo de René Portocarrero

con colores delicados y hermosos, cada una de sus creaciones.

• Habla Millán

—¿Qué puede decirnos de la pintura cubana? —Creo que la pintura cubana es un magnífico exponente de nuestro espíritu de libertad y de creatividad. La pintura cubana está llevando al mundo un gran mensaje de nuestra patria. ¿Qué busca como creador?

—Si en la obra de un artista no se percibe una respuesta a esta pregunta —cifra de su inquietud— pedirle palabras será siempre inútil.

HABLA LUBOS PISTORIUS

"HAY EN CUBA GRAN NUMERO DE ACTORES DE TALENTO"

PROCEDENTE del Teatro Vinohrady, de Praga, llegó a La Habana apenas hace tres meses el director checo Lubos Pistorius para dirigir una pieza dramática checa con actores cubanos, según lo estipulado en los convenios culturales que cada año se establecen entre Cuba y Checoslovaquia. El estreno de "La Madre", de Karel Capek (Chapek), la pieza checa escogida para su presentación en nuestra tierra, Pistorius explica a la prensa su intención al representar esa obra y las peripecias del trabajo

artístico. El dramaturgo cubano Carlos Felipe también de la sección de propaganda del Departamento de Teatro y Danza del CNC, presencia la entrevista, que el traductor Otakar Kriz, hace posible.

"El estreno debe ser dentro de unos días. Al principio entre los actores cubanos y yo hubo un preámbulo de incompreensión que ya hemos superado. Creo que hay en Cuba un gran número de actores de talento que tienen perspectivas de desarrollo, si se logran todas las condiciones necesarias para ello, como son una organización más ventajosa y una dramaturgia que no evada los verdaderos problemas del teatro

cubano y, sobre todo, si se va a un desarrollo concienzudo de los valores.

Tuvimos un gran problema con los artistas en cuanto al método de trabajo; siempre sucede lo mismo cuando artistas de distinto estilo se encuentran, pero al fin llegamos a entendernos. Ahora los actores del Taller Dramático con quienes me tocó trabajar y otros invitados trabajamos en un plano de mayor comprensión. Los diseños son del escenógrafo checo Zoynek Kolar.

"Yo creo que "La Madre", aunque escrita en 1937, es una obra vigente, desgraciadamente. Precisamente me decidí por esta pieza y no por "La vida de los insectos", la otra adaptable a las posibilidades técnicas del teatro cubano, porque "La Madre" afronta los conflictos del mundo moderno en aquellos que lo pagan más caro.

Su gran mérito es que hace pensar en los valores importantes de la vida y la responsabilidad de cada individuo en su consumación. Obliga a distinguir el humanismo falso del real. Y decimos que desgraciadamente es actual, porque todavía las respuestas que Capek le dio al fascismo alemán de la segunda guerra son válidas en este momento".

"Por último puedo decirles que no me siento ni contento ni optimista antes del estreno, sólo, como siempre, expectante. Lo importante será que me sienta así después de la primera función".

Eso le deseamos todos, compañero Pistorius.

• Naty González Freire

CULTURALES

• Artista cubanos en Hanoi

El pasado domingo debutaron en la capital de la República Democrática de Viet Nam los artistas cubanos Ramón Veloz, Coralia Fernández, Ramoncito Veloz, y Ojeda y sus guitarras.

El Gran Teatro de Hanoi se vio colmado de numeroso público que acudió a presenciar el debut de nuestros artistas. Altas figuras del gobierno presenciaron el espectáculo, entre ellas, el Primer Ministro Phan Van Dong, estando también presentes el Presidente de la Asamblea Nacional, el Presidente de la Sociedad de Amistad Vietnamita-Cubana, el Embajador de Cuba en Hanoi, Mauro García Triana, así como representantes del cuerpo diplomático acreditado en el país y funcionarios del gobierno de la RDV.

Después de la actuación el Primer Ministro se acercó a los artistas para felicitarlos. Refiriéndose a los números musicales en los cuales los artistas bajaban del escenario y cantaban entre el público, Phan Van Dong dijo: "Es muy bueno eso de confundirse con el pueblo".

La música cubana inundó el Gran Teatro y contagiado a los espectadores que tararearon la melodía en más de una ocasión. El fin de la presentación fue premiado con una ovación cerrada del público puesto de pie y exclamando a

coro: "HO CHI MINH FIDEL MUON NAM" (¡VIVAN HO CHI MINH Y FIDEL!)

Ramón Veloz y sus acompañantes llegaron a Hanoi el pasado día 24 procedentes de Corea.

Después de varias presentaciones que tendrán lugar en unidades militares y locales populares de la RDV, los artistas cubanos seguirán viaje a Moscú.

• MUSICA (Evelio y Cecilio Tiele)

En la Embajada de Cuba en Moscú fueron agasajados el violinista Evelio Tiele y el pianista Cecilio Tiele, por su brillante participación en el tercer concurso internacional "Chaikovski", celebrado recientemente.

En dicho certamen Evelio Tiele obtuvo diploma y su hermano Cecilio mención.

En el acto también fueron congratulados los pianistas Silvio Rodríguez Cárdenas y Karelia Escalante, quienes junto con los Tiele, acaban de terminar exitosamente sus estudios musicales en la URSS.

El embajador de Cuba, Carlos Olivares Sánchez, en compañía de otros miembros del colectivo de esa sede diplomática, cumplieron a los invitados. El consejero cultural de la Embajada cubana, Oscar Mas, dijo que los jóve-

nes músicos "van ahora a la patria a realizar nuevos esfuerzos y a cosechar nuevos triunfos, a sembrar la semilla que a su vez sembró en ellos la Unión Soviética, porque allí van a formar nuevos valores como ellos se formaron aquí".

Después de agradecer el trabajo realizado por los profesores soviéticos en la formación de los 4 jóvenes cubanos, Mas agregó: "sus éxitos, que son orgullo para Cuba, están asegurados, ya que han dado pruebas de talento y dedica-

ción, además de haber adquirido su maestría interpretativa en la escuela mundialmente reconocida de la Unión Soviética".

Entre los asistentes al ágape se encontraban el jefe del Departamento de Relaciones Exteriores del Ministerio de Cultura de la URSS, Nikolav Kalinin, así como numerosos funcionarios de sociedades internacionales soviéticas, representantes de publicaciones culturales del país, artistas y escritores soviéticos.



Halina Czerny Stefanska en Cuba

La destacada pianista polaca Halina Czerny Stefanska llegó ayer a La Habana para participar como jurado en el Concurso Nacional de Piano que tiene lugar en el teatro Amadeo Roldán. Halina, que viaja acompañada de su esposo, fue recibida por funcionarios del Consejo Nacional de Cultura, de la Empresa Cubana de Artistas y por las pianistas cubanas Ivette Hernández y Zenaida Manfugás.



Repulsa a los bombardeos yanquis a RDV

La Patria de Martí y Fidel se alza junto al pueblo vietnamita

Faure Chomón

Faustino Pérez en el Regional Centro-Habana

● "Nuestro pueblo, nuestro Partido y nuestro gobierno, rifle en ristre, arden en deseos de ocupar un puesto en las trincheras de Viet Nam", expresó el miembro del Secretariado del Partido Comunista de Cuba, comandante Faure Chomón, definiendo la manifiesta actitud de miles de trabajadores y estudiantes

de nuestro país que se concentraron ayer en distintos regionales de la provincia habanera para patentar la indignación, el rechazo y la más enérgica condenación a los brutales bombardeos ordenados por el gobierno norteamericano contra zonas densamente pobladas de la República Democrática de Viet Nam.

Dirigiéndose al Embajador de la RDV, Ngo Mau, el comandante Faure Chomón dijo que los que allí se reunían expresaban la actitud militante de nuestro pueblo "por la defensa y por correr la misma suerte que el pueblo de Viet Nam". Faure agregó que "el imperialismo no quiere aceptar su derrota sin an-

tes hacer mayor su crimen" y que los cubanos "solamente esperamos la oportunidad para materializar la solidaridad que hoy manifestamos". Analizando las únicas consecuencias posibles de la guerra contra Viet Nam y de los bombardeos imperialistas a Hanoi y Haiphong, el Ministro de Transportes señaló que ellos "sólo conseguirán hacer más grande la derrota del imperialismo en Viet Nam, unir más a los pueblos, ahondar la conciencia de las masas, enlazar a los movimientos revolucionarios y acercar más el día de la derrota final del imperialismo". "Nuestros hermanos vietnamitas —dijo Faure— son ejemplo de la fuerza revolucionaria con que los pueblos se alzan contra el imperialismo y sabemos que la victoria será para Viet Nam, de Cuba, de los pueblos que luchan con las armas en la mano". La patria de Martí y de Fidel —añadió— está junto a Viet Nam y repleta, como Raúl ha dicho: Comandante en Jefe, ordene. Esta actitud es la misma de nuestro ejército rebelde en su lucha, la misma que nos dio la victoria en Girón. Sabemos —afirmó— que la victoria es nuestra, que la libertad, la independencia, la justicia, representadas en la causa del socialismo, vencerán y vencerán. ¡Mueran los traidores, los lacayos! ¡Al combate en defensa de Viet Nam!, concluyó el comandante Chomón.



El pueblo, en magna concentración frente a la Embajada de Viet Nam en nuestro país, expresó su más enérgica condenación a los bárbaros y criminales bombardeos yanquis contra la RDV.

"EL CINISMO DE JOHNSON NO TIENE PARALELO EN EL MUNDO".-MONTANÉ

● Para condenar las agresiones del imperialismo yanqui en Viet Nam, incrementadas con los bárbaros bombardeos a las ciudades de Hanoi y Haiphong, se reunieron en el barrio habanero de la Vibora centenares de trabajadores, estudiantes, miembros del Partido, la Unión de Jóvenes Comunistas, la Federación de Mujeres Cubanas, los Comités de Defensa de la Revolución, la Central de Trabajadores de Cuba y demás organizaciones de masas del regional 10 de Octubre. Usaron de la palabra en el acto Isidoro Figueroa, del Comité de Solidaridad con Viet Nam; el jefe de la Misión Permanente del FNL de Viet Nam del Sur, Hoang Bich Son y el Ministro de Comunicaciones y miembro del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, comandante Jesús Montané.

El compañero Figueroa condenó la política agresiva del imperialismo norteamericano, a través del escalonamiento, señalando cómo la Conferencia Tricontinental hizo un llamamiento para cortarles las manos a los imperialistas. Dijo que tenía la seguridad de que miles de trabajadores cubanos estaban reunidos en otros lugares de La Habana y de Cuba con el mismo ardor revolucionario para evidenciar la repulsa popular a los asesinatos en masa perpetrados por los yanquis en Viet Nam del Norte y Viet Nam del Sur y que por Viet Nam los cubanos —como afirmó Fidel— estamos dispuestos a dar hasta la última gota de nuestra sangre.

● Palabras de Montané
El comandante Jesús Montané hizo el resumen del acto, afirmando que "nos congregamos para condenar puño en alto, con indignación, el bárbaro atropello yanqui a Hanoi y Haiphong".

Dijo que el pasado 29 de junio los imperialistas arrojaron los bombardeos al pueblo de Viet Nam, por orden expresa del presidente Johnson, quien pasará a la historia como el más grande entre todos los criminales. Es un crimen sin conciencia y sus crímenes serán recordados por varias generaciones. Nadie, excepto Hitler, se atrevió a tanto; pero el glorioso ejército de Viet Nam seguirá echando a tierra más aviones agresores, para hacer —como expresara Fidel— en Viet Nam un cementerio de aviones yanquis. El cinismo de Johnson no tiene paralelo en el mundo, cuando afirma con el mayor desdoro y sin el menor respeto para la humanidad que los bombardeos criminales a Viet Nam son para la paz. Jamás gobernante alguno fue tan cínico como Mr. Johnson.

En otra parte de su discurso el comandante Montané recordó las palabras de Raúl Castro de que a los imperialistas hay que golpearlos en lo que más les duele, en su talón de Aquiles, que es la ayuda a los movimientos de liberación que luchan contra el imperialismo en cualquier parte del mundo, expresando seguidamente Montané que algún día en la patria gloriosa de Ho Chi Minh los vietnamitas construirán pacíficamente el socialismo como ese pueblo se merece. "Y nosotros —agregó— estaremos siempre dispuestos a materializar la ayuda que sea necesaria para los vietnamitas. De todos los continentes saldrá la fuerza necesaria para derrotar al enemigo común: el imperialismo."

● Hablan Melba y Ngo Mau

En el acto central de solidaridad con el heroico pueblo hermano que tuvo lugar frente a la sede diplomática de la RDV usó también de la palabra la Dra. Melba Hernández, quien señaló cómo Cuba jamás podría permanecer indiferente ante cada agresión del imperialismo contra Viet Nam, que lucha y luchará y que cuenta con la activa solidaridad de todos los cubanos.

Consignas tales como: "Cuba, Viet Nam, unidos vencerán" y los lemas que aparecían inscriptos en numerosas pancartas y telas evidenciaban el fervor revolucionario con que nuestro pueblo condena el brutal genocidio y solicita ocupar un lugar, hombro con hombro, junto a los combatientes vietnamitas.

El embajador de la República Democrática de Viet Nam, Ngo Mau, agradeció las manifestaciones solidarias de nuestro país y enfatizó que "este nuevo paso dado por los agresores imperialistas norteamericanos en el escalonamiento de su guerra contra la RDV constituye una insolente provocación contra el campo socialista y todos los pueblos progresistas y amantes de la libertad y la paz. Con tales bombardeos criminales al norte de Viet Nam —agregó Ngo— el gobierno de Johnson espera debilitar la moral combativa de nuestro pueblo y salir de sus cada vez más vergonzosas derrotas en Viet Nam del Sur. Pero Johnson se ha equivocado y continuará equivocándose" recalcó.

"Los belicosos agresores norteamericanos son el enemigo jurado de toda la humanidad progresista", sentenció el Embajador en otra parte de su discurso. Al expresar la sincera simpatía de los vietnamitas hacia la causa del pueblo cubano, Ngo Mau reiteró la gratitud de su país hacia Cuba recordando las declaraciones de Fidel: "Por Viet Nam estamos dispuestos a dar nuestra propia sangre", e insistiendo en la disposición combativa de su pueblo afirmó: Viet Nam del Sur pertenece al pueblo vietnamita como Guantánamo pertenece a los cubanos.

● Apoyo de norteamericanos

A nombre de los norteamericanos amigos de Cuba, John C. Lewis hizo pública una Declaración en la que reclaman el retiro de las tropas yanquis de Viet Nam y expresan que "las bombas norteamericanas que caen sobre Viet Nam consumen en llamas el contenido de la Declaración de Independencia de Estados Unidos", de cuya proclamación se cumplieron ayer 190 años.

● Presidencia

En la presidencia de la concentración popular frente a la Embajada de la RDV se encontraban, además de los oradores, los comandantes Jesús Montané y Faustino Pérez; el jefe de la Misión del FNL Hoang Bich Son, la compañera Vilma Espín, las esposas de Li Van Suu y de Ngo Mau, y los compañeros Carmen Santos, Andrés Silva, Miguel Bruguera, Santiago Frayle y otros.

● Oscar F. Rego

● Mirta Rodríguez Calderón

● "El movimiento tricontinental llama a la lucha en este momento especial y a que todos los pueblos, unidos en un solo haz viendo claramente cuál es el objetivo, cuál es la causa y cuál es el enemigo fundamental y único, den con más vigor cada vez la respuesta que se merecen los agresores yanquis", expresó el comandante Faustino Pérez, miembro del Comité Central del Partido y Presidente del Instituto Nacional de Recursos Hidráulicos, al hacer el resumen del acto de solidaridad con Viet Nam y protesta contra los criminales bombardeos a Hanoi y Haiphong, celebrado en el Parque Central de la Habana ante un enorme público, bajo los auspicios del regional Centro Habana del Partido Comunista de Cuba (PCC) y organismos de masas.



Mencionó el dirigente dos de las más recientes demostraciones de repulsa contra el agresor norteamericano: el apedreamiento de que había sido objeto el Secretario de Estado Dean Rusk en Japón y la negativa de un padre puertorriqueño a permitir que el cadáver de su hijo muerto en Viet Nam fuese sepultado vistiendo el uniforme estadounidense y envuelto en la bandera de ese país, disponiendo que fuese enterrado bajo el pabellón de Puerto Rico y dirigiendo un mensaje al Presidente Johnson en que demandaba la libertad para Borinquen a cambio de la sangre derramada por su hijo.

Abrió el acto la compañera Aida Hernández del Comité Cubano de Solidaridad con Viet Nam y habló después el camarada Le Quang Hiep, Consejero de la Embajada de la RDV, quien manifestó su gratitud por las pruebas de fraternal apoyo del pueblo cubano al pueblo vietnamita, señalando que el escalonamiento bélico yanqui en su patria, que le ha conducido a los indiscriminados bombardeos a ciudades abiertas, está condenado al fracaso y que se llama la atención a la opinión pública mundial sobre estos hechos para que llegue el momento en que los criminales de guerra sean juzgados por sus desmanes.

● Vicente Cubillas

Masivos actos por pulares en apoyo a la lucha del heroico pueblo vietnamita

● Acto de becarios

En el centro de becarios "Cristino Naranjo" se celebró un masivo acto de protesta contra los brutales bombardeos yanquis a las poblaciones de Hanoi y Haiphong, pronunciando las palabras de resumen el compañero Lázaro Mora, presidente de la Comisión de Relaciones Exteriores de la Dirección Nacional de la Unión de Jóvenes Comunistas (UJC). Los becarios expresaron también su enérgico repudio al crimen yanqui en Viet Nam en otro acto efectuado en Tarará.

● En Gúines

En Gúines tuvo efecto el acto del regional Mayabeque, con la asistencia de numerosos contingentes de los sindicatos, la Federación de Mujeres Cubanas (FMC), Comités de Defensa de la Revolución (CDR), Asociación Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP), así como del Partido y la UJC. Las palabras de resumen las pronunció el compañero Raúl Valdés Alivó, quien se refirió al significado de la guerra revolucionaria que se libra en Hanoi y Haiphong dispuestos por el gobierno imperialista de los Estados Unidos.

También habló el tercer secretario de la Embajada de la RDV en nuestro país, Lee Doan Hoan.

● En Pinar del Río

PINAR DEL RÍO.—Miles de personas participaron en el gran desfile en solidaridad con el heroico pueblo vietnamita organizado por el Comité Municipal del Partido y la Central de Trabajadores de Cuba (CTC) como condenación de la criminal acción del imperialismo yanqui al bombardear las ciudades de Hanoi y Haiphong.

Después de recorrer las principales calles de la ciudad los manifestantes se concentraron en Máximo Gómez y Avenida Ferro para escuchar las palabras del compañero Antonio

Roig, secretario general del Comité Regional del Partido. Roig expresó que este acto ponía de manifiesto la enérgica repulsa del pueblo pinareño a los bárbaros bombardeos yanquis y su firme apoyo a la lucha heroica del pueblo de Viet Nam.

● Raúl Lluís

● Trabajadores voluntarios

Los 160 compañeros que se encuentran como trabajadores voluntarios en la granja Frank País, del Combinado Avícola, en Güira de Melena, recuperando lo perdido y avanzando aún más, apoyan resueltamente los planteamientos de nuestro Gobierno Revolucionario ante los criminales ataques del imperialismo norteamericano contra Hanoi y Haiphong.

● Repulsa de los CDR a los bombardeos contra Hanoi

En la Dirección Nacional de los CDR se están recibiendo cientos de telegramas de repulsa a los bombardeos yanquis de la ciudad vietnamita de Hanoi. Los telegramas están firmados por Comités de Defensa de la Revolución, seccionales y comités de todo el país.

● Otros actos

Según se anunció, también en otros regionales de la provincia de la Habana se realizaron actos de solidaridad con el pueblo vietnamita. En el regional Guanabacoa-San Miguel-Cotorro, se celebraron actos en todos los seccionales. En Guanabacoa hizo uso de la palabra la compañera Marta Rojas, y los alumnos de los centros secundarios quemaron un muñeco que simbolizaba al imperialismo norteamericano.

En los seccionales San Miguel y Cotorro-Santa María hablaron los compañeros Santiago Delgado e Ismael Hernández, respectivamente. Todos los actos se caracterizaron por la gran cantidad de trabajadores, estudiantes y pueblo en general que participó.

● Puertorriqueños

La Unión de Puertorriqueños Residentes en Cuba condenó los "criminales bombardeos norteamericanos contra las ciudades de Hanoi y Haiphong, en la República Democrática de Viet Nam".

En un comunicado expedido en La Habana señala que esta "nueva fase de la guerra de escalonamiento, que ha tenido por objetivo zonas densamente pobladas, es causa de indignación en todos los pueblos del mundo". Asimismo, el documento expresa que "como puertorriqueños, que hemos conocido a través de 68 largos años de ocupación militar yanqui las crueldades de que son capaces los imperialistas, manifestamos nuestra más enérgica protesta contra la política de agresión e ingerencia imperialista".

La Unión exhorta a todos los puertorriqueños, tanto a los residentes en la isla boricua como a aquellos que se encuentran en Estados Unidos, "a manifestar su repudio a la agresión imperialista".

● Declaración de la FMC

La criminal agresión imperialista, se recuerda en el máximo en el sudeste asiático. La extensión de la guerra a la República Democrática de Viet Nam, expresa en una declaración de la Federación de Mujeres Cubanas. Los cobardes bombardeos a las ciudades de Hanoi y Haiphong —agregó— evidencian la política sin escrúpulos de los imperialistas yanquis, que apelan a estas acciones criminales para cubrir las aplastantes derrotas que les aseta diariamente el heroico pueblo de Viet Nam del Sur.

Las mujeres cubanas denunciamos ante el mundo esta nueva violación de los acuerdos de Ginebra y reiteramos al heroico pueblo de Viet Nam; que mantenemos con igual firmeza nuestra decisión de combatir junto a ellos si fuera necesario hasta que salga el último yanqui de Viet Nam del Sur, concluye el documento.

Basilio Rodríguez en acto del Regional Marianao

● Resumió el miembro del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Ministro del Trabajo, Basilio Rodríguez Rodríguez, el gran acto popular en protesta contra los bombardeos de la aviación del imperialismo norteamericano a las ciudades de la República Democrática de Viet Nam, efectuado en el anfiteatro del regional Marianao, en el que también hicieron uso de la palabra el Agregado Militar de la Embajada de Viet Nam en Cuba, Le Thuc Lich, y el miembro del Comité Cubano de Solidaridad con Viet Nam, Aurelio Ramos Quadrens. Destacó el compañero Basilio Rodríguez que nuestro pueblo no sólo condena los actos vandálicos de los imperialistas norteamericanos contra el hermano pueblo vietnamita, sino que —como ha dicho claramente nuestro Comandante en Jefe, Fidel Castro— está dispuesto a dar su sangre y cuanto sea necesario por Viet Nam.

Agregó que los imperialistas y el Pentágono y el gobierno de Estados Unidos, bombardeando a Hanoi y Haiphong, pretenden dar un nuevo paso en el escalonamiento de la guerra, amedrentar al pueblo vietnamita y buscar una salida conveniente a los intereses yanquis a la situación de Viet Nam, pero la única respuesta que cabe, y el único lenguaje que entienden esos agresores es no darles tregua, sino combatirlos en todos los frentes y todos los continentes, levantar focos guerrilleros contra ellos en todas partes.

En otra parte de su discurso dijo que en nosotros tendrán los vietnamitas verdaderos hermanos, a un pueblo firme y decidido a enfrentarse contra el imperialismo norteamer-

icano, enemigo de todos los pueblos, a un pueblo de Patria o Muerte, dispuesto a hacer triunfar la causa del socialismo, que es la causa de los explotados. Por su parte, el compañero Le Thuc Lich leyó en español unas cuartillas, en las que consignaba un saludo de la RDV a Cuba y un mensaje de agradecimiento por las constantes pruebas de solidaridad que el pueblo cubano brinda al vietnamita.

Manifestó que ese nuevo paso dado por los yanquis, en su escalonamiento, también será derrotado, pues el pueblo vietnamita, como el cubano, ha destruido el mito de la invencibilidad de los imperialistas, y agregó que los asuntos de Viet Nam deben resolverse como se estipuló en la Conferencia de Ginebra, en 1954, y sobre los puntos expuestos por la RDV y el Frente de Liberación Nacional de Viet Nam del Sur.

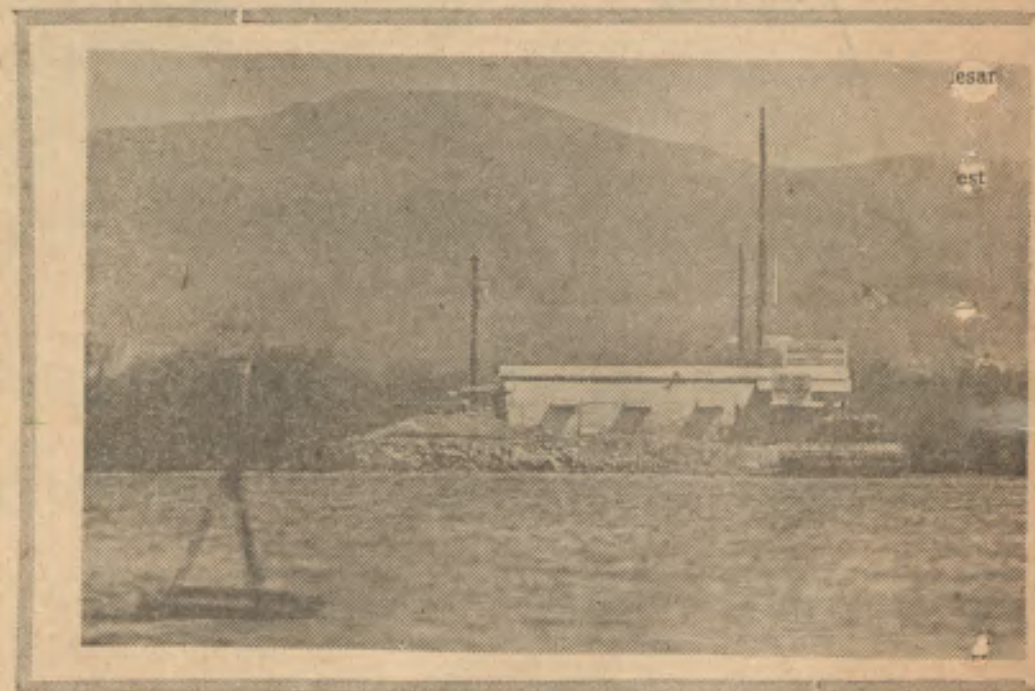
Y el compañero Ramos Quadrens, que abrió el gran acto, expresó su repudio al llamamiento del Partido y del Comité Cubano de Solidaridad con Viet Nam se ofrecía ese acto, simultáneamente con otros semejantes en la provincia habanera, y el sentir allí expresado, era general en todo el pueblo de Cuba.

Pesieron la concentración, que se vio nutrida por obreros, estudiantes, federadas, amas de casa y otros sectores populares, los oradores citados, los miembros del regional del PCC y de organizaciones de masas de Marianao, y Nguyen Ngoc B4, Nguyen Ngoc Canh, Vó Van The y Doan Dinh Ca, miembros de la delegación agropecuaria vietnamita de visita en Cuba.

● Evelto Tellería

EN BOQUERON LOS NIÑOS DE LA PRIMERA TRINCHERA

Por Santiago Cardosa Arias Fotos de Omar Mendoza



• ¿En qué medida puede un cierto ambiente despertar entre los niños sentimientos que van más allá del lloriqueo por el papalote que se "va a volina" o la "airada" protesta que el más fuerte que se lleva el bate cuando el partido de pelota no ha concluido?

Los niños de Boquerón —el diminuto poblado dentro de la bahía de Guantánamo— tienen la misma ingenuidad de los niños vietnamitas; de los del Congo, Camboya, Santo Domingo, Laos... Les gusta jugar a los niños de Boquerón. E ir a las escuelas. Ir al cine; bañarse en la playa. Tomar refrescos.

Pero...
Estos niños han oído los disparos de los "marines". Estos niños han recogido, en las calles donde juegan, plomos de M-14 y de rifles Garand. Ellos saben que pudieron haber sido heridos. O sus padres, o sus amiguitos de juego, o su amigo, su ejemplo: un soldado de la patria.

• Boquerón 1



A humildad de Boquerón está retratada en sus casas de madera. Boquerón tiene unos 700 habitantes. Dos escuelas. Una delegación de la Cruz Roja. Ah, ahora se construye un parquecito. Tiene otros edificios y otros organismos, claro. Hay pueblos con diversos modos de vida. Boquerón vivía de la pesca y del azúcar. De esto último vivía, preferentemente. Pero los pescadores de Boquerón ya no pescan en las aguas de la bahía. Los embarques de azúcar, por Boquerón, los hacen hombres que no temen. Debían temer. Pero no temen. Un hilo de agua y alambradas de púas —eso sólo—, dividen a Boquerón con la base naval yanqui. Es cierto: también están divididos por el odio.

• Boquerón 2

Aquellos dos "marines" empuñan sendos M-14. La garita tiene una plancha de hierro. Ahora uno se mueve hacia la izquierda. El otro está parado en el centro. Desde esa distancia han hecho blanco más de una vez en ventanas y puertas. El M-14, me dicen, tiene un notable alcance. Los plomos que cayeron sobre la cama de José Insula y en casa de "la señora de Vicente Street", dan una idea. El otro ejemplo "por poco no lo cuenta el compañero del DOP": la metralleta le picó cerca. El estaba de guardia, en la pequeña estación de policía. Sí, un M-14 tiene alcance. Desde la "Loma del Comandante", desde la garita yanqui, se puede llenar de agujeros la larga calle de tierra de Boquerón.

Ninguna calle es normal si por ella se van niños a las escuelas. O empuñan papalotes. O juegan a las bolas. La calle de Boquerón es normal. Allí han encontrado plomos de M-14 y de Garand. Algunos los han encontrado los niños.

• Boquerón 3

Me siento en la acera del círculo social "Ramón López Peña". Hace calor. ¿Cuánto habrá que esperar por el invierno? ¿Habrá refrescos, bien fríos, en el círculo?
—Sí, señor.
—Y tú, ¿quién eres?
—Y usted?
—Soy periodista...
—Ah, me llamo Milán Martínez. Este es Fernando Planells... no, ponlo con dos l y s al final. Este es... ¿cómo te llamas?... Pon Antonio Planells. Son hermanos. Yo tengo 9 años y estoy en segundo grado.
—Tú, ¿eres Antonio? ¿eres diputado?
—Sí.
—Milán, ¿y tú vas a ser pionero?
—Uuuuy, ¡ya yo lo soy! El viernes me dieron la pañoleta...
—Yo cumplí siete años ayer. Si me aprendo esta noche el Manual, puedo iniciarme mañana, allá abajo, en el bar, en el INIT...
—¡No seas bruto, muchacho! Es en la Delegación. ¡Este es más bruto! Fíjate, yo estoy en segundo grado y él está en el preprimario...
—¿Sí? ¡A ti tu abuela te enseñó en la casa!...
—¡Mentira! Mira, tú, fue que mi abuela llevó un pizarrón, y como yo sé más que Juanito, yo le enseñé en el pizarrón. Pero Juanito es más bruto!
—¿Para qué tú estás escribiendo ahí?
—No sé. A lo mejor lo publico.

—¡Qué bueno!
—¿Dónde trabaja tu papá?
—En los barcos. Ahora está atrincherado.
—Mi papá también.
—Dice mi papá que les va a meter con todos los hierros a los que vengan a matarnos. Si me dan una metralleta les hago así: ta-ta-tá, y los tiro al suelo.
—Yo cojo un palo y hago así, lo levanto y le meto aquí, en el "coco", y lo hiero y le digo: "¡está preso!"
—¡No seas bruto! Si coges un palo ellos te tiran con la ametralladora y entonces no puedes hacerte ni pionero. ¡Yo cojo una metralleta!
—Yo cojo un palo. Con un palo le hago así y ya está...
—Muchacho, una metralleta es mejor.
—Bueno, pues entonces cojo un palo y una metralleta...
—¿Qué tú quieres ser cuando seas mayor?
—¿Yo?... Deja ver... mecánico... para arreglar las máquinas y el tren cuando venga.
—¿Y tú?
—Yo voy a ser "guardia" (soldado de la Revolución).
Yo voy a tener esas balas que tú tienes, y cuando ellos tiren para acá, entonces yo les tiro a ellos...
—¿Y tú?
—Dile que aviador, muchacho, que es mejor. (Lo piensa un rato).
—Sí, voy a ser aviador.
—¿Cómo se llama tu escuela?
—Manuel Tames...
—¿No les tienes miedo a los yanquis?
—¿Qué va! Ellos mataron a Luis el otro día. Pero si vienen cojo un palo y les meto así, en el cerebro y los tumbó.
—Pues yo cojo una metralleta, que los tumba más rápidamente.

• Boquerón 4

Está frío el refresco. Antonia Deseo tiene una sonrisa no muy amplia. Y un moño suelto. Acaba de abrir el círculo social. Está desierto el lugar.
—Yo había mandado al muchachito a Caímanera. Cuando vi que venía lo fui a alcanzar y entonces sentí que una abeja me pasó rozando la oreja. Me di una palmada y entonces... ¡la explosión.
"Es un tiro me dije. Ese día volví a ser niña: siguieron disparando para acá y tuve que empezar a "gatear". Corrí en "cuatro patas" y me metí en una casa.
"Al principio me ponía de lo más negro. Pero después una se ha ido acostar a buscar los tiros de "niga". Desde... gáñanah... cho ¡sabes Dios cuántos disparos!
"No; en estos días no vendemos más que refrescos. Desde que está la cosa andando sólo vendemos refrescos. ¡Así la puntería será mejor, si ellos deciden atacarnos de frente!"
Esta fría el refresco. En Boquerón un refresco cuesta cinco centavos. Ese es el precio normal en toda Cuba.
A los niños de la primera trincherita les gusta el refresco. Y estudiar. Y jugar —a veces entre las balas— Por eso no es de extrañarse el que un niño inocente, lleno de alegría y candor, haya convertido el tradicional juego de "policías y ladrones" en el de cubanos y marines.
Su sentido de la justicia puro y noble les hace rebelarse, con indignación profunda porque el marine ha asesinado a su amigo, a su ejemplo: un soldado de la patria.

reportaje
20602

LA GRAN MENTIRA



Por JUAN MARRERO / fotos: Rocamora, Oller y Lorenzo

Llanusa desmiente en conferencia de prensa la alegada fuga. Pero, al día siguiente, los periódicos insisten en su "veracidad".

Cómo se propaló la "fuga en masa" de atletas cubanas.-Medalla de oro para la CIA y la prensa puertorriqueña.



El compañero José Llanusa, en el tren especial que condujo a la delegación cubana al campamento de la CIA en el siniestro plan de sanjuanero.



Reinaldo Feliciano, el chofer que hizo las declaraciones fabricadas por la CIA.

creo era Llanusa, evitó que la muchacha saliese, hundiéndola por el pelo y echándola hacia el asiento. La chica se quedó llorando. Y de la parte de atrás de la guagua, otras mujeres empezaron a gritar: "Abre la puerta... abre la puerta".

Luego Feliciano, que debe ser redactor de novelas baratas, de esas de Corir Tellado, que se venden como pan caliente en Puerto Rico, agregaba:

—En el momento de confusión causado por este incidente, un grupo de atletas logró salir, no sé cómo, de la guagua. La primera que bajó era alta, blanca, con gafas anaranjadas. Siguió otra más bajita, también blanca, y detrás iba una triguera, también bajita, que llevaba puestas unas gafas que me había pedido a mí como recuerdo. Cuando las muchachas bajaron, y era un grupo numeroso, pude ver que los tres primeras y la cuarta subieron a un automóvil que iba cerca y las demás siguieron corriendo calle arriba.

—El hombre alto, a quien decían Llanusa —siguió diciendo Feliciano, tratando de hacer ver que no conocía al ministro de Educación de Cuba—, trató de apaciguar, al producirse la fuga, al resto de los pasajeros. Les dijo que no había pasado nada y que permanecerían en sus asientos. La joven a la cual había huido por los cabellos seguía llorando. Las cosas se tranquilizaron y el viaje prosiguió hasta el muelle, donde bajaron 21 muchachas. En la "Villa" habían montado 37 mujeres.

Llanusa y otros dirigentes de nuestra delegación, que acompañaron hasta el muelle al primer grupo de atletas que regresó al "Cerro Pelado", volvieron a la "Villa" y allí supieron de las falsas y escandalosas informaciones que se propalaban por la radio.

—¿Qué estarán tramando ahora estos canallas? —preguntó sorprendido Llanusa a un grupo que escuchaba la radio.

Esa misma tarde el periódico "El Imparcial" sacaba un cintillo de 144 puntos, que abarcaba casi toda la primera página, diciendo: Desertan 17 Atletas Cubanas.

La radio seguía diciendo que, dentro de breves momentos, se presentarían en las oficinas de Inmigración las atletas que se habían fugado. Pero pasaban las horas y, por supuesto, nada ocurría.

Llanusa convocó a una conferencia de prensa en la "Villa". Desmintió que hubiesen ocurrido incidentes en la guagua y la alegada fuga de atletas cubanas y denunció que con esas falsas noticias se trataba de crear las condiciones para realizar el secuestro de atletas cubanas.

No obstante las declaraciones de Llanusa, al día siguiente el periódico "El Día", bajo el título de "Grupo de atletas huye del comunismo", escribía:

—Podemos corroborar que las atletas salieron desparpadas de la guagua al detenerse en la parada 18 y montaron en los automóviles que pasaban por allí corriendo en dirección contraria. Una de las atletas que huyeron del infierno comunista hacia la libertad se montó en un automóvil de una dama que vive en Santurce. La dama siguió con la atleta hasta su hogar, donde se quedó hasta que tenga la oportunidad de llevarla ante las autoridades de Inmigración para el trámite oficial sobre el asilo político. Y agregaba:

—"El Día" pudo averiguar además que las otras atletas cubanas lograron montarse en distintos automóviles de ciudadanos puertorriqueños y también están en espera de poder ir ante Inmigración para la tramitación de la documentación que las librerá de los comunistas. Y primera "El Mundo", dos días después, en su primera página, insertaba un despacho de Washington que aseguraba que las atletas cubanas que habían escapado "están ocultas en algún sitio de San Juan, por órdenes recibidas desde Estados Unidos". La gran mentira continuó creciendo.

Ni siquiera la policía de Puerto Rico la desmentía categóricamente. Se limitaba a decir que "algo anormal ha ocurrido y hemos iniciado una amplia investigación para esclarecer el misterio que rodea esta situación".

Un día antes de salir de San Juan se amplió la mentira con la siguiente información:

—Los agentes del Servicio de Inteligencia empezaron a tratar de corroborar el jueves por la madrugada un informe sobre tres muchachas cubanas que se alega ocuparon por varias horas una habitación de un pequeño hotel de Isla Verde y luego se marcharon dejando allí algunas de sus pertenencias.

—Los empleados de la referida hospedería declararon que tenían sospechas de que se trataba de tres de las atletas cubanas que desertaron el martes por la mañana. Este ángulo le añade más misterio al revuelo surgido con motivo de la alegada fuga de las atletas".

Y cuando el "Cerro Pelado" ponía proa nuevamente hacia Santiago de Cuba, la radio de San Juan seguía insistiendo en que "todavía se desconoce el paradero de las atletas fugadas".

Leía esa noche un ejemplar del periódico "El Mundo", que llevó a bordo del "Cerro Pelado" en mi cartera, y Miguel A. Santin, en "Trasfondo", quedaba una vez más en ridículo, al escribir:

—Sabemos de un caballero que recogió a dos de las muchachas poco después de haber el grupo bajado de la guagua y las llevó en su carro hasta su hogar en Guaynabo. Luego de hacer una llamada telefónica, las condujo hasta las oficinas de Inmigración".

En tanto esto ocurría en Puerto Rico, las agencias de noticias imperialistas, AP y UPI, difundían al mundo la "noticia" de la "fuga en masa de las atletas cubanas"; no recogerían después, sin embargo, la conferencia de prensa de Llanusa, ni el regreso a la patria de las atletas cubanas, cargadas de medallas.

Creo que con lo expuesto es suficiente. La CIA, las AP y UPI, los periódicos, las emisoras de radio, las televisiones puertorriqueñas lograron —al menos— una medalla de oro: la de la gran mentira.

Esta gente ha empujado a Goebbels.

RESUMEN SEMANAL DE GRANMA ha informado en ediciones anteriores sobre las 12 atletas cubanas del equipo de volibol que intentaron secuestrar en San Juan mientras se celebraban los X Juegos Centroamericanos y del Caribe. El plan del secuestro fue antecedido por una de las más fabulosas mentiras del periodismo internacional: la de la fuga masiva de atletas cubanas. Este reportaje del compañero Juan Marrero, enviado especial de GRANMA a ese evento deportivo, relata cómo la CIA, las agencias de noticias yanquis y la prensa puertorriqueña, en estrecha alianza, desarrollaron durante varios días esa gran mentira con el propósito de crear condiciones para el secuestro.

Crown Cola", el refresco de toda la familia, en saludo a las atletas cubanas que han desertado de la dictadura comunista".

Otra emisora de radio, de la que es comentarista Torres Velázquez, un típico mercenario de la prensa capitalista, añadía:

"Nuestra unidad móvil se ha dirigido a Inmigración. Y dentro de pocos momentos ofreceremos una declaración exclusiva con el chofer de la guagua, Reinaldo Feliciano".

Y, efectivamente, así ocurrió.

Feliciano decía:

—El viaje transcurrió sin novedad hasta la parada 18, en plena intersección entre las avenidas Fernández Juncos y Roberto H. Todd. Al entrar a cruzar la avenida Todd, desvíe un poco el vehículo hacia el carril de la izquierda. En esos momentos una muchacha bajita, blanca, como de 14 ó 15 años, que estaba sentada detrás de mí, intentó cruzar por debajo del tubo que separa a los pasajeros del chofer, aparentemente para salir por el frente. Un hombre alto, que

ESTA gente ha empujado a Goebbels. Aquella mañana en radio lanzaba al aire el siguiente flash:

—Un grupo de atletas cubanas escapó hace unos momentos de una de las guaguas que las conducían al buque "Cerro Pelado". Seguiremos informando.

Pocos momentos después el locutor decía:

—La fuga de las atletas cubanas se ha producido en la parada 18 de Santurce. E instantes después, un nuevo flash:

—Se cree que son de 12 a 17 las atletas cubanas que se han fugado. Nuestra unidad móvil se ha dirigido hacia la parada 18 para mantener informado al pueblo puertorriqueño sobre esta masiva fuga.

Y así siguieron los flashes de todas las estaciones de radio y la televisión. Aquello era un escándalo. Incluso en un programa musical de TV, que se ofrece por el medio día, patrocinado por la Royal Crown Cola, el animador abrió una botella y expresó: "Brindemos con "Royal



Pero nada amedrentó a estas atletas cubanas que ganaron invictas el cetro centroamericano y del Caribe.

Llanusa Acusa CIA
Niega Desertiones:
Denuncia "Conjuración"

Chofer de AMA
Sostiene Hubo
Fuga de Atletas

EL DIA — Jueves 23 de Junio de 1966

Grupo de Atletas Huye Comunismo

FOTOS EN PORTADA

SAN JUAN — Aun cuando las autoridades de Inmigración, la Policía, y los directores de los Décimos Centroamericanos y del Caribe no lo han confirmado, EL DIA pudo enterarse ayer que los rumores sobre la fuga de varias atletas cubanas, tenían cariz de veracidad. Por lo menos, una de las atletas se encuentra en el hogar de una familia puertorriqueña, y se cree que el resto de las atletas que huyeron del comunismo hacia la libertad, también están en hogares puertorriqueños.

Versión de 'Fuga' en Washington

Crean Atletas Ocultas Aquí por Orden EU

Algunos de los cintillos aparecidos en la prensa de San Juan sobre la gran mentira de la "masiva fuga" de atletas cubanas.

"La tensión fue mucha pero al final los esgrimistas cubanos supimos imponernos"

Entrevista con el campeón centroamericano Miguel Ibarzábal

● Un esgrimista cubano sube el pedestal de los campeones en San Juan de Puerto Rico. Vibran las notas del himno nacional cubano en todos los ámbitos de la sala. El momento es histórico — Miguel Ibarzábal — campeón.

—Esos segundos son de una emoción inabarcable —nos dice Ibarzábal—. Se entremezcla la alegría inmensa y esa sensación de inquietud que dan los nervios. Los recuerdos se agitan y pasan fugaces. Acuden a la mente familiares, amigos, la Patria lejana, todo lo que llevamos en el corazón y nos es hondamente grato. Eso fue lo que yo sentí al verme proclamado campeón centroamericano de sable.

—¿Desde cuándo practicas la esgrima?

—Empecé en 1957. Mi primera experiencia en Centroamericanos la tuve en Jamaica, donde quedamos los cubanos en segundo lugar por equipos, en sable y florete.

Después de ese primer viaje a Jamaica... Bueno, hay para contar largamente, pero Ibarzábal sintetiza así:

—En 1963 hicimos una gira por la República Democrática Alemana y la Unión Soviética. Nos enfrentamos con los equipos húngaro, alemán y búlgaro. Yo quedé en quinto lugar en las competencias individuales. Fui posteriormente a los Panamericanos de Sao Paulo, Brasil, y nuestro equipo ocupó el cuarto lugar. No llegué a participar en los eventos individuales. Más recientemente, en este mismo año, estuvimos en Budapest para tomar parte en la Copa Hungría, uno de los torneos más relevantes de Europa.

—¿Cómo fue tu actuación en los Centroamericanos?

—Celebré cinco combates eliminatorios individuales por la mañana, ganándolos todos. En la segunda vuelta eliminatoria de ese mismo día efectué 6 combates, gané cuatro y perdí dos. Por la noche se llevaron a cabo los finales en un ambiente de tensión cuyos detalles ya han sido relatados ampliamente, afrontando los riesgos de una agresión contra los esgrimistas cubanos. En total gané seis combates y perdí uno. Vencí a mis competidores extranjeros, entre ellos, tres de Antillas Holandesas y un mexicano, pero perdí el primer asalto con mi compatriota y compañero Enrique Penabella.

Al ser éste vencido a su vez por Bowmi, de Antillas Holandesas, campeón centroamericano en 1958 y 1962, quedamos ír al desempate.

—¿Qué impresión te causó tener que discutir el primer lugar con un compatriota?

—Ya puedes imaginarte. Penabella, además de compatriota, es un gran amigo mío, de modo que la situación resultaba bastante molesta. Sin embargo, experimentaba el goce de saber que las dos medallas, la de oro y la de plata, irían ya de todos modos para Cuba. El combate se resolvió 5-4 a mi favor, pero del mismo modo podría haber ganado él. Entonces vinieron aquellos segundos inolvidables de la entrega de premios. ¡Qué momentos más altamente emotivos!

—¿Cuál fue tu contrario más difícil en todo el torneo?

—Sin duda alguna, el más difícil fue Penabella, ya que el mismo excampeón Bowmi, al que creí el rival más poderoso, fue relativamente fácil. Me enfrenté con él tres veces y le gané 5-2, 5-0 y 5-3.

—¿A qué atribuyes el ascenso de la esgrima cubana?

—Ese ascenso se debe tanto a las facilidades que otorga el Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreación como a las enseñanzas de los profesores húngaros, especialmente Palocz, que lleva dos años con nosotros y logró adaptarnos a las características de la técnica de su país.

—¿Algo más?

—Sí, quiero decir que nos sentimos muy contentos por el cariño y la simpatía que nos ha exteriorizado nuestro pueblo después de los triunfos en Puerto Rico. donde la esgrima cubana conquistó 21 medallas, 18 de oro y tres de plata, incluyendo las que ganó nuestra representación femenina.

● J. González Barros

Construirán un velódromo próximamente en La Habana

● Cada medalla de oro conquistada en los Centroamericanos de Puerto Rico tiene su historia. También tienen historia las medallas de oro que fueron conquistadas pero no otorgadas. Como la que se escamotearon a Roberto "Chocolatillo" Pérez Caminero, gran peleador cubano. Más que escamoteo fue un robo descarado, un despojo inconfundible, un escándalo más entre otros escándalos. "Chocolatillo" ha sido dos veces víctima en Juegos Deportivos Centroamericanos. Primero en los de Jamaica, cuando ante el asombro de todos los que presenciaron su pelea decisiva desafiando la medalla de oro de su división, levantaba el árbitro la diestra del contrario, proclamándolo vencedor. Se le robó allí una medalla de oro, y regresó a la patria con una de plata.

En su segunda medalla de oro se la robaron en Puerto Rico. Sólo un juez, verdaderamente honesto y neutral, mexicano él por más señas, lo reconoció vencedor en su combate decisivo con el venezolano Arraiz. El público, juez supremo (y neutral, porque era puertorriqueño) estuvo protestando más de quince minutos la granujada que se había hecho con "Chocolatillo", gritándole "¡Pillos!" a los culpables.

El gran boxeador lloró de indignación. Todos lo habían reconocido ganador y lo aclamaban como tal. Pero su mejor premio lo recibió al regresar a Cuba, en los constantes homenajes públicos que se le ofrecieron. A bordo del "Cerro Pelado" Fidel le dijo que tendría su medalla de oro. En el grandioso acto del estadio Latinoamericano la UJC lo obsequió con una medalla de oro a nombre del pueblo. "Chocolatillo" se sentía feliz. Y prometió que haría cuanto le fuese posible por traerle al pueblo de Cuba una medalla de oro en los Centroamericanos de 1970. Tiene tiempo todavía, porque aún es muy joven: 21 años solamente. Y traerá esa medalla como trajo la de campeón panamericano, ganada en Sao Paulo, Brasil.

● Sobre pedales Así va marchando nuestro ciclismo. La presencia de nuestros pedalistas en los Centroamericanos fue calificada justamente de muy prometedora. Medalla de bronce en los 4,000 metros de persecución por equipos. Discreta labor en otras pruebas donde todavía los

nuestros no han tenido tiempo de desarrollarse. La recompensa al esfuerzo hecho por los ciclistas en San Juan les llegó en la promesa formulada por el primer ministro, comandante Fidel Castro. Al subir el Comandante Jefe al "Cerro Pelado", cuando esta ya histórica nave se hallaba a unas cuantas millas de Santiago de Cuba en viaje de regreso a la patria, empezó a conversar con los atletas y dirigentes de todos los deportes.

Se interesó por la actuación de los ciclistas y se refirió después a la construcción de un velódromo. Preguntó cuál era el mejor que podía hacerse y el comisionado Paseiro brindó todos los detalles oportunos. La alegría de los pedalistas cubanos no tuvo límites cuando Fidel les dijo que se construiría el mejor. Un velódromo es muy necesario para que nuestros ciclistas se adiestren en una serie de eventos para los que pueden estar preparados a su debido tiempo, a fin de poder competir con grandes posibilidades de éxito en torneos internacionales. El velódromo es el sueño y la ilusión de los ciclistas cubanos, que ya han ido adquiriendo alguna experiencia en las competencias de carretera con la celebración de la Vuelta a Cuba y por haber participado dos veces en la famosa Carrera de la Paz.

Al contar con un velódromo estarán aun más capacitados para toda clase de pruebas ciclistas, y ese velódromo van a tenerlo muy pronto. Por eso decimos que nuestro ciclismo marcha sobre pedales o, si ustedes quieren, sobre ruedas, que para el caso es lo mismo.

● Polo Acuático: eran leones

Hemos hablado de medallas y justo es decir que la primera de oro que colectivamente se ganó en Puerto Rico fue proporcionada por el equipo de polo acuático. Parece increíble. Quien recuerde el episodio del estreno cubano en polo acuático con ocasión de los Centroamericanos de Jamaica tiene que sentirse maravillado por lo sucedido en San Juan. En Jamaica los cubanos quedaron en noveno lugar! ¿Quién iba a decir que aquella amarga experiencia iba a traducirse en un triunfo clamoroso, inigualable, cuatro años después?

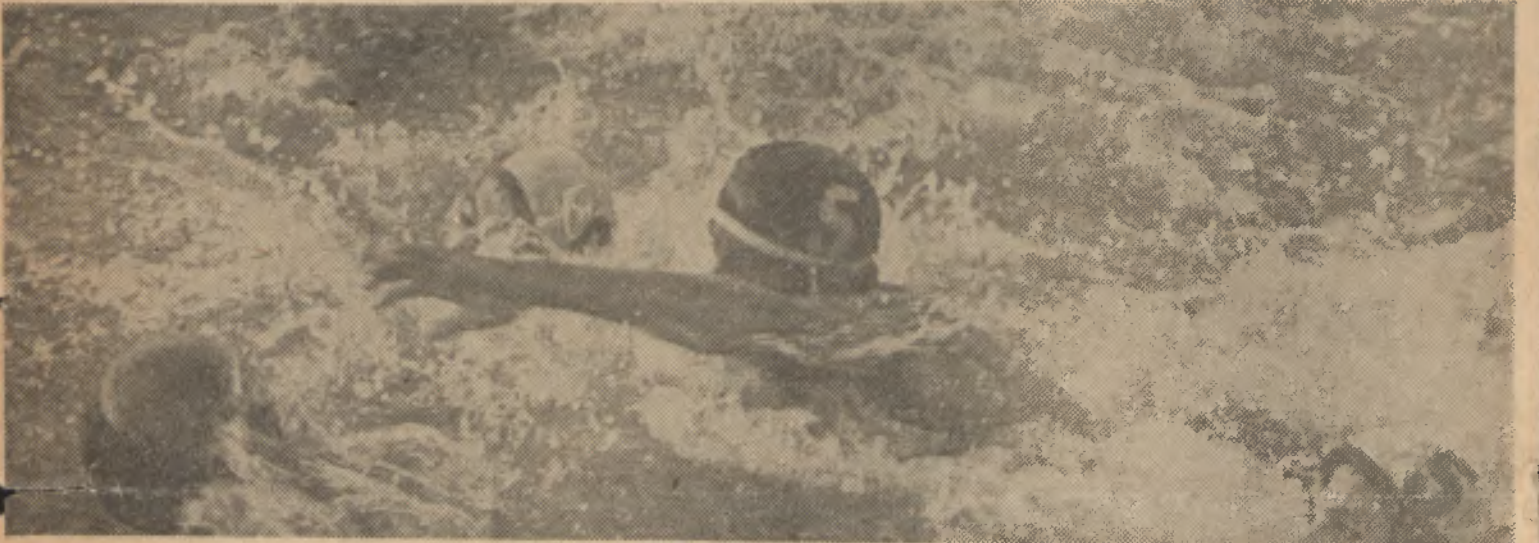


Reinaldo Paseiro, comisionado nacional de ciclismo, ofreció la noticia de que se construirá un modernísimo velódromo en La Habana.

Partido que jugaban nuestros muchachos de polo acuático, partido que ganaban. Fue una sucesión ininterrumpida de victorias, que iban dejando una estela de admiración en el público puertorriqueño. Los entrenadores y jugadores de los demás equipos preguntaban estupefactos: ¿Cómo han podido avanzar tanto ustedes en este deporte después de los Centroamericanos de Jamaica? ¿Qué técnica emplean? ¿Por qué son invencibles en estos Juegos de Puerto Rico?

Los que observaban a nuestro equipo iban de sorpresa en sorpresa. No sólo era técnica, sino el mejor equipo. No sólo empleaba sistemas de juego superiores a los demás. Por sobre todo, les llamaba poderosamente la atención la fortaleza física de los cubanos, mientras que sus competidores daban señales evidentes de cansancio después del segundo tiempo y se mostraban agotados en los partidos finales del torneo, según nos reveló el comisionado nacional de polo acuático Alberto Amaya.

Eran unos leones, verdaderos leones peleando en cada partido por la victoria y conquistando medalla de oro. Dentro de unos cuatro años, a lo sumo, consideramos que el ritmo ascendente del polo acuático, Cuba será potencia mundial en este deporte, de acuerdo con el criterio del propio Amaya. Para esos leones del polo acuático nunca serán bastantes las felicitaciones que se les hagan. Pusieron muy alto en Puerto Rico el pabellón patrio.



El polo acuático le proporcionó a Cuba una medalla de oro en San Juan de Puerto Rico, asombrando nuestro equipo por su técnica y precisión.

REMEROS CUBANOS EN EUROPA

OTRA MEDALLA DE ORO

● Es probable que aquel día, 31 de mayo próximo pasado, mientras el avión volaba hacia Praga, alguno de los remeros fuese meditando acerca de las bruscas mutaciones que se producen en la cotidiana actividad. Ellos, habituados a las largas sesiones de entrenamiento sobre las aguas, haciendo avanzar al impulso de los remos la embarcación, iban ahora volando sobre el mar en ese estado de quietud a que obliga un largo viaje. Se dirigían a la capital checoslovaca para tomar parte en una serie de pruebas internacionales que constituirían para ellos el más difícil de los exámenes. En Europa están los mejores remeros del mundo y compitiendo con los mejores iban a actuar. El plan, un plan sugerido por el doctor Anibal Graupera, que los acompañaba, consistía en hacer un descanso razonable de tres días en Praga antes de iniciar las prácticas de rigor. No se caería en el mismo error cometido cuando, en otra ocasión, hace dos años, estuvieron en Checoslovaquia los remeros de la selección nacional y, apenas llegados a Praga, se cambiaron la ropa de vestir por la deportiva.

Llegados al punto de destino — según nos relata el instructor Néstor Carbonell — se limitaron a realizar ligeros ejercicios físicos y adaptarse al clima. Después, transcurridos los primeros tres días de permanencia en Praga, comenzaron los entrenamientos en el agua. Fue un sábado por la tarde. Los formidos remeros empezaron a estirar los músculos y se metieron en la canoa para hacer un tipo de entrenamiento que iba desarrollándose en ritmo ascendente hasta un cincuenta por ciento. Así lo hicieron desde el sábado hasta el miércoles. Luego los días jueves y viernes de la misma semana se dedicaron a ensayar la arcaica canoa de fabricación alemana, distintas a las que utilizan en Cuba, que son italia-

nas. Tenían señalada su primera regata para el sábado a las 8 y 40 minutos de la mañana. Los contrarios eran todos muy poderosos: búlgaros, alemanes y húngaros. Los cubanos hacían su primera presentación participando en unas regatas de canoas de cuatro remos con timonel. En la cartilera número 1 estaba la representación de Bulgaria; en la 2, el CSC Berlín, de la República Democrática Alemana; en la 3, la selección cubana, y en la 4, la canoa húngara. Frente a esos formidables contrarios, todos ellos de sólida reputación internacional, los cubanos quedaron en cuarto lugar con un tiempo de 6:48, pero este tiempo resultaba nada menos que un record nacional cubano. Aun perdiendo, los nuestros quedaban a sólo una décima de segundo del tercer lugar, que correspondió a los húngaros. Conquistaban el primer lugar los alemanes con cronómetro de 6:33, algo fantástico en verdad.

Pero ha de decirse — y no por buscar paliativos a la actuación de los nuestros, sino en honor a la verdad — que uno de los integrantes de la tripulación — que el remero Jorge Marrero, compitió a pesar de no estar todavía repuesto de la enfermedad que por más de un mes y medio lo había mantenido alejado del deporte aquí en Cuba, sin haber podido practicar lo indispensable.

Ese mismo día, a las 12 m., tenían que afrontar nuestros compatriotas otra durísima prueba, con canoas de ocho remos. Le estaba reservada a nuestra representación en estas regatas internacionales la actuación más gloriosa y consagratoria de todos los tiempos. En el primer "heat" eliminatorio y remando por la cartilera número 4 en el río Voltava, los nuestros tuvieron que vérselas con el Dinamo Berlín, Dukla Praga, Dukla Teresín y la representación de Austria. Eran contrarios de fuerza

imponente, pero la selección cubana, valiente y heroica, como los compatriotas que por esos días estaban ya en San Juan de Puerto Rico, se dispusieron a realizar un "tour de force" para que la bandera de la estrella solitaria tuviera otro motivo más de orgullo. Cuba quedaba en primer lugar en el "heat" eliminatorio con registro de 6:02 para los dos mil metros del recorrido. Detrás de los cubanos, para conquistar el segundo lugar, entraban los checoslovacos del Dukla de Praga.

Había que discutir la final a las cuatro y media del mismo día, en las propias aguas del Voltava. Cinco canoas se alinearon para la arrancada: Holanda, Austria, República Democrática Alemana, Dukla de Praga y Cuba, que remó por la cartilera 3. Refiere Carbonell que fue una regata memorable por sus incontables emociones y por las variantes que se produjeron durante el recorrido. Cuba iba unas veces en primer lugar y otras en segundo, combatiendo denodadamente con el Dukla de Praga. En los últimos 500 metros el 8 del Dukla se adelantó a los nuestros con ventaja de medio bote.

Estimulados por el recuerdo de la patria lejana y por los triunfos de la Delegación Cubana en Puerto Rico, más que remeros se convirtieron en unos leones. Les ganaban terreno rápidamente a los pragueños y llegó el momento en que la ventaja fue de los cubanos, por medio bote, al arribar a la meta. Dukla volvía a ocupar el segundo lugar; República Democrática Alemana en tercero, a tres cuartos de canoa de los cubanos; Austria en cuarto y Holanda en quinto.

Fueron inolvidables los instantes en que el presidente de la Federación de Remos Checoslovaca entregó la correspondiente medalla de oro a los cubanos, entre las felicitaciones y aplausos tributados a Cuba

● G. B.



Tripulación de la canoa cubana de 8 remos con timonel que tuvo una actuación consagradora en Praga, al triunfar en las regatas internacionales que se efectuaron en aguas del río Voltava.

También en cuatro remos con timonel los cubanos realizaron una plausible labor en sus presentaciones en Checoslovaquia y República Democrática Alemana.



Miguel Ibarzábal, esgrimista.



Enrique Penabella, esgrimista.



Luis Morales, esgrimista.



Máximo Tuck Fang, esgrimista.



Al sur del Río Grande

(Sección a cargo de PRENSA LATINA)

Denuncian planes yanquis para invadir a Cuba

El secretario general del Partido Vanguardia Popular de Costa Rica, Manuel Mora Valverde, reiteró su denuncia de los planes yanquis para atacar a Cuba desde el territorio de Nicaragua.

Mora Valverde, en conferencia de prensa, dijo que el 25 de junio desembarcaron en Nicaragua 800 contrarrevolucionarios cubanos con armas pesadas y helicópteros, solo algunas semanas después de que el cabecilla Manuel... me visitó en Managua al presidente René Schick. Tenemos la confirmación —dijo el dirigente revolucionario costarricense— de que Schick propuso a Washington la creación de una base de cohetes en Nicaragua

para atacar a Cuba. La proposición está bajo estudio en el Pentágono.

"Probablemente el objetivo de los Somoza —agregó— es tener un pretexto para continuar en el poder y burlar las elecciones. Pero la invasión podría convertir a Centroamérica en otro Viet Nam".

"Llama la atención el apresuramiento para organizar el ejército conjunto de Centroamérica y Panamá en la reunión del Consejo de Defensa Centroamericano que se efectuó en San Salvador.

"Reafirmamos nuestra solidaridad con el pueblo y la Revolución Cubana, que no podrán ser derrotados", concluyó el dirigente de Vanguardia Popular.

ARGENTINA: REPRESION

Los primeros pasos en los ocho días de existencia del gobierno militar argentino permiten ya definirlo como un régimen destinado a aplastar el movimiento popular de acuerdo con la "Doctrina Johnson" y los intereses de la oligarquía criolla. Al decreto que disponía la legalización de todos los partidos políticos y el bloqueo de sus fondos, han seguido una serie de acciones de fuerza que confirman las intenciones castrenses:

Treinta y cinco locales del Partido Comunista fueron clausurados en Buenos Aires, tres en Rosario, así como los de la Federación Juvenil Comunista, del Comité por la Paz y del Movimiento Argentino de Solidaridad con los Pueblos Latinoamericanos (MASPLA), en esa misma ciudad.

Decenas de militantes comunistas han sido encarcelados, extendiéndose los arrestos a otros ciudadanos pertenecientes a distintas organizaciones que han condenado el golpe militar. Tal es el caso de Bernardo Jorawslasky, Secretario de Obras Públicas de la Municipalidad de Buenos Aires; del exintendente de la capital, Francisco Rabanal, y su hijo Rubén; y del hermano del depuesto presidente, Ricardo Illia.

Fueron detenidos igualmente 15 miembros del Consejo de Administración del "Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos" bajo la acusación de exigir dinero a los comerciantes para ingresar los fondos del Partido Comunista...

La policía disolvió algunas manifestaciones antidictatoriales, entre ellas una que tuvo lugar frente a la residencia del derrocado primer mandatario.

Estos y otros hechos —disolución del Parlamento, destitución de gobernadores, ruptura de la Constitución— demuestran que los militares argentinos se proponen liquidar los restos de libertades democráticas que existían en el país.

Si bien es cierto que hasta ahora los mayores golpes los han recibido los comunistas, no hay duda —y la experiencia internacional así lo indica— que la represión se extenderá a todos los sectores y partidos políticos que luchan por la libertad y la independencia nacional.



Juan Carlos Onganía: un régimen destinado a aplastar el movimiento popular.



BOLIVIA

Mediante el fraude, combinado con el terror, el Pentágono ha convertido a otro gorila en presidente con la "elección" en Bolivia del general René Barrientos.

El nuevo mandatario "democrático representativo", mientras ocupaba la vicepresidencia del país encabezó el golpe de estado militar que derrocó al presidente Víctor Paz Estenssoro.

A partir de ese momento, desató una feroz persecución contra los sectores populares, particularmente contra los obreros mineros del estaño. El envío de tropas a las minas y el valiente enfrentamiento de los trabajadores, que resistían al plan de cancelar miles de plazas y rebajar los salarios, para "hacer costear" la empresa estatal, culminó en un saldo sangriento.

Ahora, después de haber prestado "tan altos servicios a la patria" y con la ayuda generosa de los dineros del Pentágono, el imperialismo yanqui cuenta con otro gobernante "seguro" para la aplicación de su estrategia global en América Latina.

REPUBLICA DOMINICANA

El Movimiento Revolucionario 14 de Junio denunció que "los funcionarios norteamericanos han ordenado a sus lacayos en este país desatar una criminal ola de represión".

La denuncia, publicada en el órgano de esa organización "14", expresa que esa orden va dirigida a "ablandar a los del Partido Revolucionario Dominicano y a los Socialistas Cristianos para que acepten formar parte de un gobierno de coalición que fortalezca en el poder al ífere yanqui Joaquín Balaguer y a su gobierno impopular".

"También trata de infundir temor entre las masas humildes —agrega—, obreros y campesinos, para que acepten sumisamente la instalación de ese gobierno fraudulento".

CHILE

El Movimiento Chileno de Solidaridad y Defensa de la Revolución Cubana dedicará la última semana de julio a rendir homenaje a Cuba.

Con ese motivo se están organizando una serie de actos en las más importantes ciudades del país, que coincidirán con el decimoctavo aniversario del asalto al Cuartel Moncada en la ciudad de Santiago de Cuba.

Los actos culminarán con una concentración que se efectuará el 31 de julio en el teatro Caupolicán de Santiago de Chile.

El diputado Patricio Hurtado afirmó que el presidente Eduardo Frei "es el típico chileno de clase media y se somete fácilmente a las presiones; en el fondo es un político conservador".

Hurtado, quien perteneciera durante 23 años al Movimiento Demócrata Cristiano y encabezara hasta hace poco el ala izquierda del partido de gobierno, afirmó que las masas que votaron por Frei se sienten frustradas y que el programa electoral no ha sido cumplido.

Tras afirmar que "se está gobernando de espaldas al pueblo", Hurtado predijo que "a muy corto plazo vamos a ser testigos de muy importantes acontecimientos en el mundo, especialmente en América Latina".

GUATEMALA

A la petición del presidente Julio César Méndez Montenegro a las Fuerzas Armadas Rebeldes (FAR) de que depusieran las armas, el comandante de ese movimiento guerrillero, Luis Turcios Lima, dijo que las FAR no dejarán de luchar.

La declaración de Turcios Lima, conocida a través de una nota enviada a un periodista, denuncia que el gobierno mantiene estrechas vinculaciones con el ejército reaccionario encabezado por el coronel Enrique Perálta Azurdia, que mantuvo la dictadura militar durante tres años, por cuya razón las FAR mantendrán su lucha sin interrupción.

VENEZUELA

Las fuerzas armadas al servicio del gobierno reaccionario de Raúl Leoni y del imperialismo yanqui están preparando la "Operación Embudo", vasto plan represivo que incluirá desde acciones militares contra las guerrillas hasta redadas masivas y asesinatos de elementos democráticos en las ciudades.

El ministro de Defensa, general Ramón Florencio Gómez, anunció la llegada al país del moderno equipo militar que será empleado en la "contrainsurgencia". El equipo incluye helicópteros provistos de ametralladoras de grueso calibre y lanzacohetes, similares a los empleados por los yanquis en su guerra sucia contra el pueblo vietnamita.

Gómez informó que en la "Operación Embudo" intervendrán numerosas fuerzas militares, con importante apoyo de la fuerza aérea.

En la elaboración del plan represivo participan "expertos" yanquis en lucha anti-guerrillera y se menciona la posibilidad de que oficiales norteamericanos participen directamente en el mismo.

PERU

El periódico "Unidad", órgano del Partido Comunista Peruano, denunció que el titulado "Reformatorio de Rehabilitación", de Lima, constituye una verdadera "escuela de crimen".

Señala el periódico las condiciones infra-humanas en que se mantiene a los jóvenes en ese reclusorio, lo que en su mayoría "padecen anemia, tuberculosis y toda la secuela de enfermedades crónicas de la desnutrición".

Asegura, asimismo, que los internados "están inhumana y cruelmente castigados, por lo que las perversiones sexuales llegan a grados inimaginables de envilecimiento".

PUERTO RICO

Cientos de personas, entre ellas los más destacados intelectuales del país, publicaron una declaración en San Juan, Puerto Rico, en que condenan el servicio militar obligatorio impuesto por el gobierno de los Estados Unidos a la juventud puertorriqueña.

La declaración también respalda "a aquellos valerosos jóvenes puertorriqueños quienes en el vasto territorio se han negado a jurar lealtad a los Estados Unidos y a defender sus intereses".

COLOMBIA

El jefe del estado mayor de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia, comandante Manuel Marulanda, dijo que "hoy somos un movimiento armado revolucionario en todos sus aspectos, que levanta la bandera de lucha, el programa de revolución agraria, anti-feudal y anti-imperialista de liberación nacional".

Las declaraciones de Marulanda fueron publicadas por el diario "El Popular", de Montevideo, que dijo haberlas tomado de una entrevista grabada.

Marulanda expresó que "hoy somos más fuertes que cuando se inició la agresión".

CABLEGRAMAS

Las Fuerzas Armadas Rebeldes de Guatemala rechazan los infundios ultrarreaccionarios que tratan de atribuirles las amenazas de muerte contra diputados del Partido Revolucionario (de gobierno)... El vice Primer Ministro Judicial da por terminado el expediente del misterioso suicidio del dirigente del partido de gobierno Unión Republicana Democrática, Allrio Ugarte Delgado... La Asociación Mexicana de Periodistas protesta por el asesinato del dirigente revolucionario venezolano Fabricio Ojeda... El vice Primer Ministro de Guyana, Ptolemy Reud anuncia que pronto visitará los Estados Unidos para estudiar la organización policial de ese país... El gobierno de Guyana anuncia también que desea establecer cooperación económica con el régimen de Formosa... Una explosión destruye los servicios de Información de Estados Unidos en Brasilia... Se revela en Caracas que los cuarteles represivos venezolanos...

En su poder, si no se satisficieron sus demandas... La policía de Quito dispersa con gases lacrimógenos una manifestación estudiantil contra la llegada a la capital del expresidente José María Velasco... El vicepresidente de Estados Unidos, Hubert Humphrey, declara en Santo Domingo que la invasión armada norteamericana a la República Dominicana "fortaleció la democracia en el continente"... El nuevo presidente de Guatemala, Julio César Méndez Montenegro, suspende el estado de sitio en el país... Un incendio destruye en Buenos Aires la Superintendencia del Ejército... El gobierno militar argentino anuncia que el depuesto presidente Illia podrá residir en el país siempre que no realice actividades políticas... Los consejos universitarios de todas las universidades argentinas se pronuncian en defensa de Illia y contra la universidad...

Intenciones agresivas... pérdidas por más de 400 mil dólares en los barrios pobres de Bogotá... La Unión de Mujeres Argentinas expresa su preocupación ante la implantación de la dictadura en el país... La Confederación General del Trabajo de Argentina propone a los jefes militares golpistas su colaboración "en un verdadero proceso de progreso nacional"... El Partido Comunista del Uruguay denuncia el golpe militar argentino como una amenaza para el Uruguay... El exgobernador de Sao Paulo, en Brasil, Ademair de Barros, figura como principal acusado por el delito de peculado en la compañía municipal de transportes colectivos de ese estado... El Partido Comunista Argentino hace un llamamiento a la unidad popular contra la dictadura militar implantada en el país... El Partido Comunista Mexicano denuncia el propósito de trasladar a presos políticos a las Islas Marias... El gobierno interino del Ecuador denuncia la existencia de "un plan de perturbación y sedición" en el país... El poeta chileno Pablo Neruda anuncia en México que iniciará un juicio contra la publicación clandestina de sus obras en ese país... La policía política de Guanabara allana los locales de la Escuela de Química de la Universidad... Se anuncia en Río de Janeiro que los dirigentes Luis Carlos Prestes y Leonel Brizola, junto con otras 55 personas, serán juzgados en agosto bajo la acusación de realizar "actividades subversivas"... Los estudiantes del Instituto Tecnológico de Durango, en México, amenazaron con volar la mina de hierro de Cerro del...

El Partido Radical del Uruguay... Presidente Illia, publica un balance póstumo de la obra del gobierno... Un referéndum en Buenos Aires los nuevos ministros del Interior y de Energía y Combustibles... Se revela en Brasil que el gobierno militar está dispuesto a ejercer todo tipo de presiones para evitar una derrota en las elecciones indirectas para gobernador del estado de Río Grande do Sul... Tiene lugar en San Juan de Puerto Rico el entierro del joven Aramis González Pérez, muerto en la guerra contra Viet Nam... Ocho miembros del partido independentista puertorriqueño se declaran en huelga de hambre frente al Capitolio en protesta contra el reclutamiento de jóvenes para la guerra de Estados Unidos en Viet Nam... La policía peruana denuncia la existencia de un supuesto complot que debía estallar en varias ciudades del país... El Movimiento de Unidad y Coordinación Sindical de Argentina responsabiliza al depuesto presidente Illia por el golpe militar de la semana pasada... Son incorporados a las fuerzas armadas dominicanas los soldados y oficiales constitucionalistas... El régimen militar brasileño suspende los derechos políticos y anula los mandatos de 46 dirigentes políticos de la oposición... El expresidente José María Velasco Ibarra declara su "franca y total oposición" al gobierno interino del Ecuador... Se anuncia en La Paz que el presidente electo René Barrientos visitará los Estados Unidos... Unos cien mil estudiantes se suman a la huelga general estudiantil en el Estado de Durango, en México...



Declaraciones del Premier del Congo (B)

Continuarán cubanos instruyendo al pueblo para la defensa armada de la Revolución

BRAZZAVILLE, julio 1ro. (PL).—El Primer Ministro y Primer Secretario del Partido Revolucionario Nacional de la Revolución, Ambroise Noumazalay, declaró hoy ante la emisora de radio y televisión "Voz de la Revolución" que la campaña anticubana desatada desde hace seis días por la reacción está siendo pagada con dinero imperialista.

Noumazalay señaló que esta campaña "pretende confundir a las masas y preparar el terreno para la contrarrevolución".

Los reaccionarios —agregó— quieren un espíritu anticubano para obligar al gobierno a retirar a los instructores cubanos. Explicó Noumazalay que los cubanos instruyen a las unidades de la Defensa Civil, es decir, al pueblo, contribuyendo a armar la Revolución contra sus enemigos, contra los oportunistas y contrarrevolucionarios confesos o no.

La plataforma de la contrarrevolución, expresó, se basaba en los siguientes puntos: 1) —Los cubanos deben partir; 2) —Disolución de la Defensa Civil; 3) —Disolución del Partido MNR, de la organización sindical y de la organización femenina.

Esta plataforma procura destruir la Revolución y cambiar el rumbo hacia el socialismo que ha escogido el pueblo congoleño.

Denunció el primer Ministro que utilizaba el problema del capitán Nguabi, "los ambiciosos y contrarrevolucionarios han agitado el tribalismo, tratando de dividir al pueblo congoleño, y sumirlo en una lucha tribal fratricida".

La decisión del Partido ha sido — subrayó— organizar la resistencia popular y resolver la crisis por medios apropiados; cualquier otra actitud sólo sería oportunismo. Señaló tres puntos que caracterizan la posición

del partido de gobierno: 1) —Los cubanos continuarán entrenando al pueblo, pues pueblo desarmado no es más que pueblo de esclavos y nuestro pueblo congoleño jamás será un pueblo esclavo. 2) —La Defensa Civil será mantenida. 3) —El Ejército será democratizado, de acuerdo con la ley aprobada recientemente.

Concede Cuba 220 becas para estudiantes del Congo (B)

BRAZZAVILLE, julio 4. (PL).—En enero de 1966 Cuba concedió a la República del Congo (Brazzaville) 150 becas para la formación de especialistas agrícolas y otras 70 para de médicos, comunicó hoy la radio "Voz de la Revolución del Congo".

Gracias a la ayuda y colaboración de Cuba, el Congo (Brazzaville) tendrá dentro de varios años sus propios cuadros nacionales, en la agricultura y la sanidad pública, agregó la radio.

"Así son, señaló, las verdaderas relaciones entre Cuba y el Congo, las relaciones entre dos pueblos que crean su luminoso futuro pese a las maniobras de los países imperialistas".

N. de R: El gobierno del Congo (Brazzaville) denunció el viernes una campaña de la reacción, financiada por el imperialismo, sobre la ayuda técnica militar de Cuba a esa nación africana y amplió datos sobre otros aspectos de la ayuda cubana. La ayuda en el campo de la salud pública que se refiere "La Voz de la Revolución" se refiere a la formación de los estudiantes de medicina, enfermeras y enfermeras, de técnicos de laboratorio y de ferrieras, de las que ya disfrutaban en Cuba estudiantes congoleños. Por otra parte, Cuba envió una delegación de 6 médicos, un dentista y una enfermera, quienes se encuentran trabajando ya en territorio congoleño. Finalmente, el gobierno cubano adquirió en la Unión Soviética un cargamento de la vacuna Sabin contra la poliomielitis y prestó asesoramiento para crear las condiciones a fin de ser administrada a los niños congoleños. Esta labor se efectuó exitosamente en el mes de junio de este año, recibiendo la primera dosis de la vacuna oral alrededor de 70 mil niños en los grandes núcleos de población y las áreas rurales vecinas.

A CORTARLE LAS MANOS



EL COMUNICADO CONJUNTO FRANCO-SOVIETICO

Un diálogo fructífero

En el curso de las conversaciones, el resultado final se mantiene el acercamiento de puntos de vista del gobierno francés a los más realistas sobre distintos problemas internacionales de interés fundamental.

Ambos gobiernos coinciden en que la situación en el sudeste asiático es cada vez más grave y que la guerra en Viet Nam constituye una amenaza para la paz mundial o hicieron un llamamiento para que se ponga fin a la interferencia extranjera en esa región. Señalaron que la única solución posible es la aplicación estricta de los acuerdos de Ginebra de 1954.

A fin de facilitar los futuros contactos oficiales sobre el problema vietnamita se acordó establecer una línea telefónica directa entre el Kremlin y el Palacio del Eliseo.

Ambos gobiernos han coincidido también en señalar que los problemas de Europa deben ser examinados, ante todo, dentro de un marco europeo y expusieron sus puntos de vista sobre la seguridad europea y el problema alemán, expresando la necesidad de normalizar las relaciones en Europa sobre las bases del respeto a la independencia de cada uno y la no intervención de un país en los asuntos internos de otro.

El propio presidente De Gaulle, al regresar a París, subrayó la importancia del acercamiento de Francia y de la Unión Soviética y de su creciente colaboración. Por su parte, el canciller galo, Couve de Murville, declaró que "el comunicado soviético-francés es un importante documento que es posible que marque un nuevo período en Europa en el sentido de la

de los resultados de las conversaciones entre ambos países indudablemente que serán acogidos con gran satisfacción por todos los pueblos interesados en la solución de los problemas de la seguridad europea y del fortalecimiento de la paz internacional.

Las relaciones ulteriores entre los gobiernos de París y Moscú se han de estrechar en vista del acuerdo ya citado de continuar las consultas regulares y también por el hecho de que el convenio sobre cuestiones científicas estipula que la URSS lanzará satélites franceses. En el campo de las relaciones científicas, no sólo tendrá la virtud de acercar cada vez más a ambos países sino que será un ejemplo de que es posible la colaboración en esta importante rama del saber humano entre dos países cuyos sistemas social, político y económico son disímiles.

Es un logro que hayan coincidido en muchas cuestiones de la problemática internacional actual, mucho más si se tiene en cuenta que el gobierno del presidente De Gaulle tiene lazos —mediante un tratado oficial— con el gobierno de Alemania occidental y aún se mantiene dentro de la estructura política de la OTAN.

Como puede apreciarse, el diálogo entre París y Moscú ha sido fructífero y sus proyecciones futuras son alentadoras. La opinión pública mundial ha saludado la visita del estadista galo, y espera, con toda razón, que la continuación de los contactos aporte buenos frutos para todos los pueblos.

• MARIO BLANCO

Y EL GENERAL DIJO A LOS SOVIETICOS: CREEMOS QUE EL PERICULO DE LA GUERRA FRIA DEBE TERMINAR, PUES EL EQUILIBRIO QUE SE MANTIENE EN EL MUNDO ES ILUSORIO, INESTABLE, ESTERIL

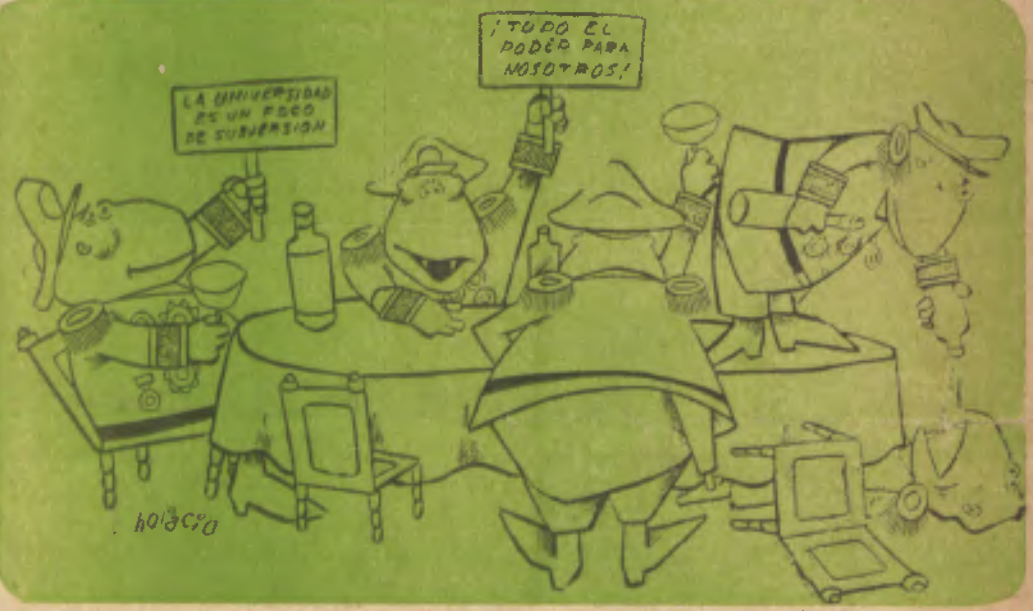


LA VISITA

que el jefe del Estado francés, Charles de Gaulle, ha regresado a la Unión Soviética ha sido el eje de los comentarios periodísticos de los últimos días. Es lógico que así haya sido, pues la misma tiene una trascendencia que a nadie escapa.

Tras terminar la histórica visita se ha publicado el comunicado conjunto que recoge los acuerdos alcanzados en las conversaciones y que son va de conocimiento público.

Para todo el mundo es evidente el éxito de las negociaciones franco-soviéticas a alto nivel. La URSS y Francia, siendo distintos sistemas políticos; entre ellas, es natural, existen divergencias en las opiniones sobre varios problemas internacionales, sobre el modo de enfocarlos y su solución. Pero lo importante es que se ha iniciado el diálogo fructífero, y éste, por mutuo acuerdo, continuará con consultas regulares, lo que de por sí es un importante factor en la búsqueda de vías para el debilitamiento de la tirantez en las relaciones internacionales.



ARGENTINA

De fiesta los gorilas

EL ESPERADO

golpe militar se produjo en la Argentina. Sin disparar un tiro, los gorilas se apoderaron de la Casa Rosada, la única resistencia que encontraron fue una pequeña discusión con el presidente Arturo Illia.

—Son ustedes unos saltadores —dijo el presidente—. El Comandante en Jefe de las Fuerzas Armadas ahora soy yo. General Alsogaray, le exijo que se retire inmediatamente.

—De ninguna manera —contestó Alsogaray, y otro gorila que se encontraba junto a él, el general Perlinger, se dirigió a Illia:

—En nombre de las Fuerzas Armadas le pido que renuncie.

—Usted no representa a las Fuerzas Armadas —dijo Illia.

—Rectifico —dijo Perlinger—. En nombre de las fuerzas que poseo, le exijo que renuncie.

—Pues traiga sus fuerzas —contestó lacónicamente el presidente.

Illia rehusó renunciar, y cuando tres tanques "Sherman" apuntaban sus ametralladoras calibre 50 hacia el primer piso de la Casa Rosada, donde estaba situado el despacho presidencial, Illia se sentó tercamente en su silla predilecta, hasta que, según se dijo, los soldados que se encontraban allí dirigieron los cañones de sus fusiles hacia él y amenazaron con hacer estallar bombas lacrimógenas en el despacho.

Illia, entonces, después de arrojarse a la tierra que le ofrecían, se levantó con un gesto de resignación y se dirigió a casa de su hermano Ricardo, en los arrabales de Buenos Aires.

Los militares son dueños de, poder al derrocar a Illia, cuarto presidente destituido de los cinco que ha tenido Argentina en los últimos veinte años.

Y cuatro horas después que el destituido presidente abandonara la Casa Rosada, la llamada "Junta Revolucionaria", integrada por tres gorilas, que se hizo cargo del poder, nombra presidente de la República al general Juan Carlos Onganía, individuo harto conocido en los conciliábulo golpistas argentinos por la efectiva participación que tuvo en 1962 cuando fue derrocado el presidente Arturo Frondizi.

Una nueva etapa en la vida argentina se inicia. La "doctrina Mann-Johnson" volvía a ser aplicada a América Latina. Washington, una vez más, manifestaba su predilección por los gobiernos surgidos de putschs militares, aunque oficialmente el Departamento de Estado hiciera

declaraciones técnicas, repudiando la asonada gorila.

La gorilada, en tanto, se banqueteaba en el festín programado por el imperialismo, y engulló las pocas libertades democráticas de que gozaba el pueblo argentino. Los partidos políticos eran proscritos, el congreso y la corte suprema de justicia disueltos, los gobernadores de las provincias sustituidos por militares, puesta en vigor la reaccionaria constitución de 1853, los locales del Partido Comunista asaltados, y oficialmente anunciado que serían severamente reprimidas las manifestaciones populares.

Las fuerzas armadas constituían un poder aparte en Argentina, y, desde hacía tiempo, se inmiscuían descaradamente en los asuntos políticos de la nación, y criticaban la incapacidad del gobierno del doctor Arturo Illia para resolver los graves problemas económico-financieros que aquejaban al país.

Pero la verdadera preocupación de los militares no era, en realidad, la crisis económica del país, sino el auge de la lucha de clases y las simpatías de que gozaban los sectores peronistas entre las masas populares.

Para principios del año entrante estaban señaladas elecciones provinciales y todo hacía indicar que muchos de los candidatos peronistas triunfarían, hecho, sin duda, que precipitó el golpe.

El pueblo argentino conoció el golpe por el anuncio de un periódico. El día siguiente, un grupo de las masas, manteniendo una política en defensa de los monopolios extranjeros y de la oligarquía nacional explotadora; pero, pese a ello, en Washington los gorilas gozaban de más simpatías por sus reconocidas posiciones fascistas. El pronunciamiento militar en Argentina constituye también un peligro para gobiernos como el de Uruguay y Chile. No hace mucho, el actual presidente argentino, general Onganía, firmó un pacto militar con los gorilas brasileños, dirigido entre otras cosas contra el supuesto triunfo del FRAP en Chile y para seguir con atención la situación uruguaya.

La experiencia argentina debe servir para alertar a todos los pueblos de nuestro continente, para poner un fin más de manifiesto a la urgencia de erradicar en cada país para conseguir el incremento de la lucha revolucionaria de los pueblos.

• NICOLAS PEREZ DELGADO

SCHICK, DE NICARAGUA

No desear bienes ajenos

EL UNA VEZ

secretario privado de los Somoza devenido "presidente" de Nicaragua, no abandona el carácter público que ha dado a los planes de agresión contra Cuba, y se centra en la tierra de Sandino.

El 30 de junio Schick confirmó la denuncia de GRANMA sobre la proyectada reunión de presidentes de América Latina a celebrar en Buenos Aires, que sería utilizada para tratar de obtener un acuerdo de acción colectiva contra Cuba.

La posibilidad de estabilizar los precios de las materias primas de América Latina en el mercado yanqui, sería el instrumento para intentar separar conciencias y soberanía en el hemisferio. Schick reunía ahora que pretendía solicitar en la reunión de presidentes "una acción hemisférica contra Cuba", después que en la OEA, Washington, Miami y Managua ofreció a Nicaragua como base de operaciones.

El asunto tomaba características más graves cuando el ministro de Defensa nicaragüense, José García, anunciaba que los ejércitos centroamericanos y las fuerzas navales norteamericanas preparan "las más grandes maniobras militares efectuadas hasta ahora en Centroamérica".

La zona señalada por García para las maniobras era la comprendida entre Puerto Cabezas y Waspan. El primero fue el puerto desde donde

partió la agresión mercenaria de Playa Girón en abril de 1961. Waspan es la región donde el Frente Sandinista de Liberación Nacional de Nicaragua informó que se han instalado bases militares secretas que produjeron la muerte a 5 campesinos, cuando encontraron un proyectil de tanque y por desconocimiento lo utilizaron como piedra de fogón. También en Monkey Point, Santa María, Cabo Viejo y Tierra Dorada, en todo el litoral atlántico nicaragüense, de acuerdo con la misma fuente, existen campamentos de gusanos cubanos.

Recientemente el cabecilla contrarrevolucionario Manuel Artime hizo una rápida visita a Nicaragua para entrevistarse con Schick a esos fines. Todo parece indicar que Artime dejó al hatero Luis Manuel Martínez como su representante personal allí.

La reunión de presidentes de América Latina había sido convocada por el presidente argentino, Arturo Illia, aparentemente con el fin de tratar de encauzar por un mejor sendero las relaciones económicas de Estados Unidos y América Latina. En principio, el presidente Johnson la desdénó. Pero súbitamente comenzó a concederle importancia. El derrocamiento de Illia esta semana, cuando se ha aceptado Buenos Aires como sede de la reunión, para instalar en su lugar al gorila Onganía, hombre del Pentágono apto para operaciones como la que se prestó a ejecutar contra Cuba durante la Crisis del Caribe, hace pensar en la

posibilidad de que estén íntimamente ligados el golpe de Estado y la reunión de Buenos Aires, ya que Illia, sin ningún punto de apoyo en la presidencia, podría haber sido derribado igual hace dos años que dentro de un año. Onganía sería menos exigente al pasar la cuenta por los servicios prestados a Estados Unidos en una eventual agresión.

Las reiteradas denuncias de Manuel Mora Valverde, secretario general del Partido Vanguardia Popular de Costa Rica, sobre la base de aviones jets que construyen los Somoza por órdenes de Washington cerca del Gran Lago, la propuesta base de cohetes para bombardear a Cuba y los 800 hombres que llegaron en los últimos días a Nicaragua para entrenarse, son nuevas pruebas que abundan en la seriedad de la denuncia formulada por el ministro de Relaciones Exteriores cubano, Raúl Roa, por los preparativos de agresión a la Isla que convuelven las palabras y acciones del gobierno de Nicaragua.

No cabe duda de que el gobierno de Estados Unidos, a través esta vez de su titero nicaragüense, elabora planes para perturbar una vez más la paz en el Caribe e intentar consumir su sueño de aplastar la única Revolución Socialista de América.

Lyndon Schick sigue deseando los bienes ajenos. Y se le van a quemar los bienes propios.

• GABRIEL MOLINA

Un deber internacional

CUBA Y EL CONGO (B)

EN PENAS SE

había disipado el eco de los seis cuartelazos escenificados de noviembre a febrero pasados en África Ecuatorial, cuando la amenaza de asonada militar llamó a las puertas de Brazzaville, capital del exCongo francés.

El intento de golpe contra el gobierno que en el Congo Alphonse Massamba Debat no asomó, bien era esperado: Congo (B), que desde agosto de 1963 ha emprendido la verdadera independencia económica y política y del progreso social por el "socialismo" se encuentra en la primera línea de la "revolución progresista".

El rumbo que se ha trazado el Movimiento Nacional de la Revolución, partido que aglutina a obreros, campesinos, estudiantes e intelectuales y que ha optado por el modo socialista de desarrollo sobre la base del socialismo científico, choca abiertamente con la política de los enemigos de África y de la humanidad, los imperialistas, que en los últimos años han intensificado su ofensiva intervencionista y reaccionaria en todas partes del mundo, caracterizada por la estrategia global de imponer regímenes gorilas de corte Castelo Branco, Cao Ky o Mobutu.

Las medidas paulatinas tomadas por el gobierno congolés para ampliar el sector estatal de la economía, resaltar la importancia de la agricultura, nacionalizar la enseñanza, establecer la defensa armada civil y radicalizar la conciencia de las masas han sido enfrentadas por Estados Unidos y otras potencias coloniales, así como por la iglesia católica, mediante una variada gama de ataques y provocaciones que van

desde la tuga de capitales y expertos extranjeros hasta el fallido golpe de Estado, pasando por las agresiones originadas desde las bases instaladas en el vecino Congo (Leopoldville).

Los imperialistas yanquis, que desde hace mucho buscan colocar uno de sus peones en Braz-



Manifestación antiyanqui en Brazzaville.

en cuenta y caudal medio—, han desatado una furiosa histeria anticubana para, enmascarados en ella, llevar a cabo sus macabros designios de destruir la revolución congoleña y hacer variar la orientación socialista. Alegaron, a través de la mentirosa UPI, que el complot no fue más que un movimiento de protesta ante la presencia de instructores militares cubanos y por la ideas izquierdistas de algunos de los jefes del ejército.

Como es sabido, el gobierno revolucionario de Cuba, fiel a sus deberes de internacionalismo proletario, accedió a una solicitud congoleña y envió armas y asesores a Brazzaville, que ayudan a la formación de un ejército auténticamente revolucionario.

que la revolución cubana es una fuerza que debilita y divide. Pero sus sonoros propósitos no dieron resultado: fracasó el complot y su vil histeria ha sido destruida por el propio primer ministro Noumazalay, quien ha denunciado que las calumnias contra Cuba estaban siendo pagadas por el imperialismo.

De este nueva intenciones de contrarrevolución del pueblo congolés y su revolución han sido más fortalecidos, han confirmado cuáles son sus enemigos y quiénes sus amigos, y están ahora en mejores condiciones para derrotar los nuevos esfuerzos que realizan los imperialistas pretendiendo desviar al gobierno congolés de la trayectoria que se ha trazado.

"Los cubanos —ha subrayado Noumazalay— seguirán entrenando al pueblo, pues pueblo desarmado no es más que pueblo esclavo, y el pueblo congolés, jamás será un pueblo de esclavos".

• R. CASALS

J. P. P.
20604
709

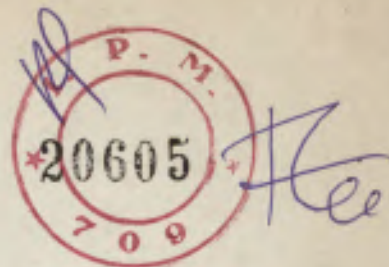
C O N C L U S Ì O 20604

uu

Aos 30 (trinta) dias, do mês de agosto de mil novecentos e sessenta e seis, nesta Cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, faço concluso os presentes autos ao Sr. Tenente Coronel FERDINANDO DE CARVALHO, En- carregado dêste Inquérito; do que, para constar, lavrei o presente termo. Eu, Capitão RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO, servindo de escrivão, o escreví e assino.

Raymundo Theotônio de Moraes Quadros Filho

RAYMUNDO THEOTÔNIO DE MORAES QUADROS FILHO
Capitão, servindo de escrivão.



DESPACHO

20605

1. Relatório em separado.
2. Ratifico, de acôrdo com a Delegação de Poderes que me foi conferida, todos os atos de rotina praticados, no impedimento dêste Encarregado, pelos Oficiais da equipe do IPM, constantes dos autos.
3. Numere-se, separadamente, cada ANEXO, para formarem volumes com numeração imediatamente posterior ao do Relatório, bem como o Índice que passará a formar o último volume.
4. Após, remeta-se os autos ao Exmo Sr. General Comandante do I Exército, para os devidos fins.

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1966.

Ferdinando de Carvalho
FERDINANDO DE CARVALHO, Coronel,
Encarregado do IPM/709

